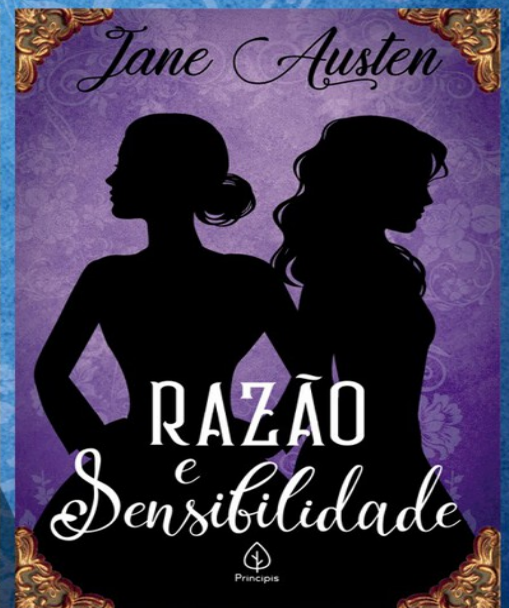
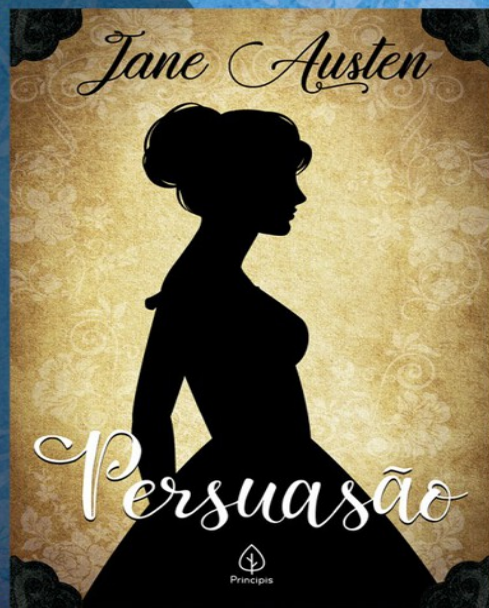
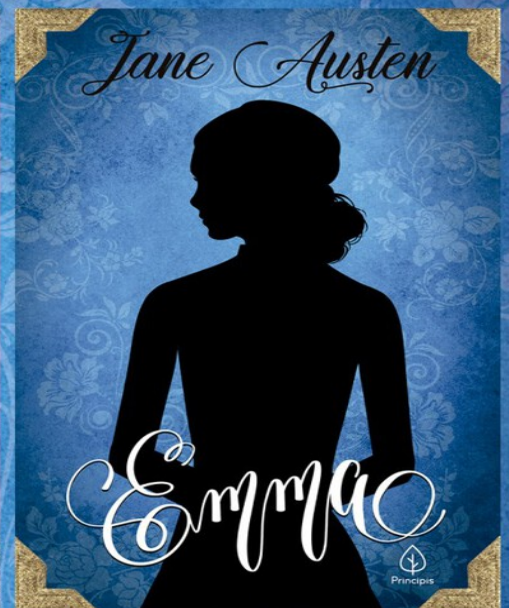


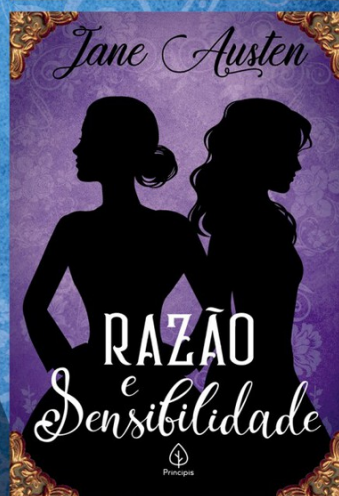
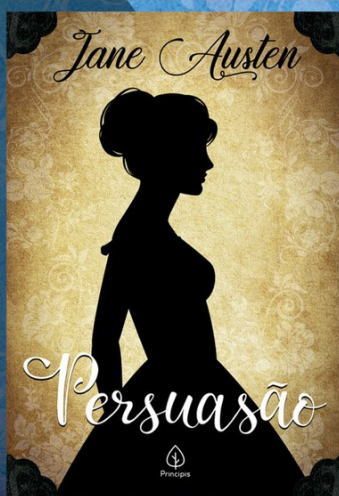
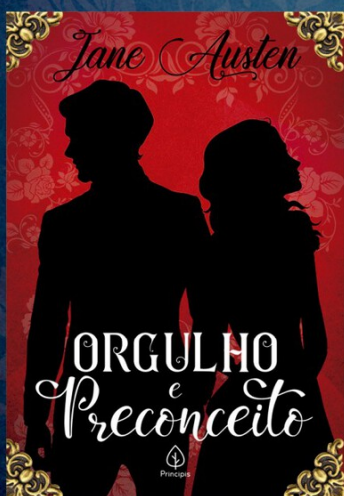
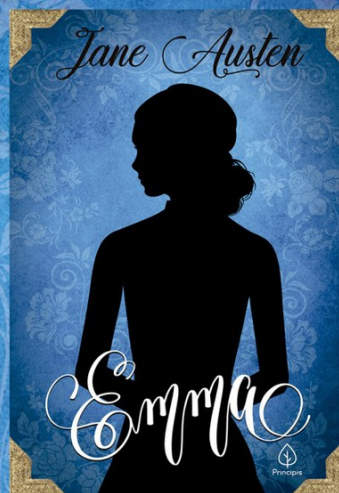
Jane Austen





E - BOOK

Jane Austen



Jane Austen



A Abadia de
Northanger

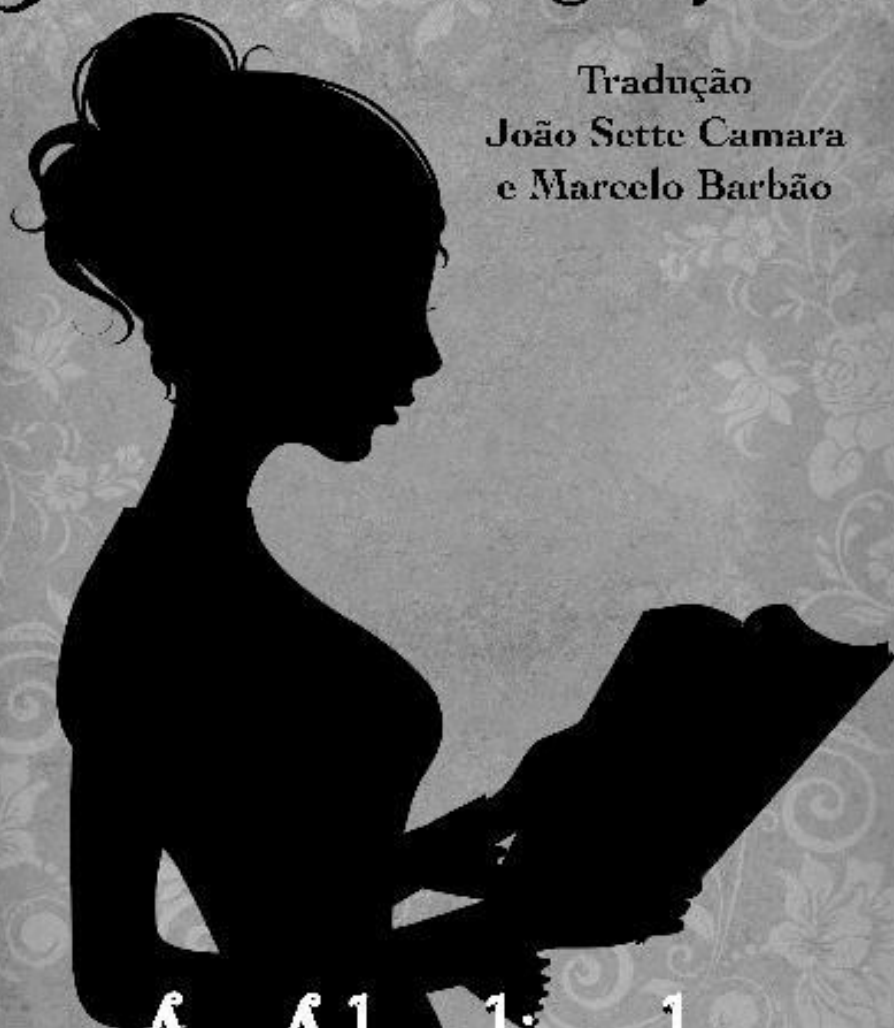


Principis



Jane Austen

Tradução
João Sette Camara
e Marcelo Barbão



A Abadia de Northanger



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês

Northanger Abbey

Texto

Jane Austen

Tradução

João Sette Camara e Marcelo Barbão

Revisão

Casa de ideias

Produção editorial e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ebook

Jarbas C. Cerino

Imagens

Attitude/Shutterstock.com; Flower design sketch gallery/Shutterstock.com; Yurchenko Yulia/Shutterstock.com; Ola-ola/Shutterstock.com; jocic/Shutterstock.com;

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A933a Austen, Jane

A Abadia de Northanger [recurso eletrônico] / Jane Austen ;
traduzido por João Sette Camara, Marcelo Barbão. - 2. ed. - Jandira,
SP : Principis, 2020.

Tradução de: Northanger Abbey

240 p. ; ePUB ; 6,4 MB. - (Literatura Clássica Mundial)

Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-023-1 (Ebook)

1. Literatura inglesa. 2. Romance. I. Camara, João Sette. II.
Barbão, Marcelo. III. Título. IV. Série.

CDD 823

2020-1077

CDU 821.111-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Romance 823
2. Literatura inglesa : Romance 821.111-31

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia

autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



Aviso da autora sobre a Abadia de Northanger

Este pequeno trabalho foi concluído em 1803 e seu destino era a publicação imediata. Foi enviado a um editor, até mesmo anunciado, e por que a edição não aconteceu é algo que a autora nunca soube. Parece extraordinário que algum editor ache que valeria a pena comprar o que achava que não valeria a pena publicar. Mas, com isso, deve ser observado que algumas partes do trabalho ficaram comparativamente obsoletas depois de treze anos. O público deve ter em mente que treze anos se passaram desde que foi concluído, muito mais desde que foi iniciado, e que durante esse período, lugares, costumes, livros e opiniões passaram por mudanças consideráveis.



Capítulo 1

Ninguém que tivesse visto Catherine Morland na infância teria imaginado que ela havia nascido para ser uma heroína. Sua situação na vida, o caráter de seus pais, sua própria personalidade e disposição, tudo estava contra ela. O pai era um clérigo, sem ser desafortunado ou pobre, e um homem muito respeitável. Seu nome era Richard, e ele jamais fora bonito. Tinha uma independência considerável, além de dois bons salários, e não costumava trancafiar as filhas. A mãe de Catherine era uma mulher de bom senso, com ótimo temperamento e, o que é mais notável, com uma boa saúde. Ela teve três filhos antes de Catherine nascer e, em vez de morrer ao trazer o último ao mundo, como qualquer um poderia esperar, ainda viveu para ter mais seis filhos e vê-los crescendo ao seu redor e com excelente saúde.

Uma família de dez crianças será sempre chamada de impressionante. Mas eles eram, em geral, muito sem graça, e Catherine, por muitos anos de sua vida, foi tão sem atrativos quanto todos os outros. Sua figura era magra e desajeitada, tinha a pele pálida sem cor, cabelos escuros escorrido e feições fortes, até demais. E sua mente parecia totalmente imprópria para o heroísmo. Ela gostava de todas as brincadeiras de menino e preferia o críquete não apenas às bonecas, mas às diversões mais heroicas da infância, como cuidar de um arganaz, alimentar um canário ou regar uma roseira. De fato, ela não gostava do jardim e, se colhia flores, era principalmente pelo prazer da travessura, pelo menos era o que pensavam dela, que sempre preferia aquelas que não podia colher.

Tais eram as propensões de Catherine, e suas habilidades não eram menos

estranhas. Ela nunca conseguia aprender ou entender nada antes de ser ensinada. E às vezes nem assim, pois muitas vezes estava desatenta e era, ocasionalmente, estúpida. Sua mãe passou três meses ensinando-a apenas a repetir o poema “Beggar’s Petition”. E no final, a irmã mais nova, Sally, conseguia recitá-lo melhor do que ela. Não que Catherine fosse sempre estúpida – de jeito nenhum. Ela aprendeu a fábula de “The Hare and Many Friends” tão rapidamente quanto qualquer garota na Inglaterra. A mãe queria que ela aprendesse música e Catherine tinha certeza de que iria gostar porque adorava brincar com as teclas da velha e esquecida espineta. Então, aos oito anos, ela começou. Estudou durante um ano e não aguentou.

A senhora Morland não insistia que as filhas fossem prendadas e levava em conta a incapacidade ou a falta de vontade delas, por isso permitiu que deixasse os estudos. O dia que dispensou o professor de música foi um dos mais felizes da vida de Catherine. Seu gosto pelo desenho não era muito maior, embora, sempre que conseguia as sobras de uma carta de sua mãe ou qualquer outro pedaço de papel, fizesse o que podia com ele, desenhando casas e árvores, galos e galinhas, todos muito parecidos uns com os outros. Aprendeu a escrever e a contar com o pai, e francês com a mãe: sua proficiência em qualquer uma dessas disciplinas não era notável e ela evitava essas lições sempre que podia.

Que personagem estranho e inexplicável! Pois, com todos esses sintomas de desregramento aos 10 anos, Catherine não tinha um coração ruim nem um mau temperamento, raramente era teimosa, quase nunca briguenta e sempre muito gentil com os pequenos, com poucas demonstrações de tirania. Além disso, era barulhenta e selvagem, detestava o confinamento e a limpeza, e o que mais amava era rolar pela encosta verde nos fundos da casa.

Assim era Catherine Morland aos 10 anos. Aos 15, as aparências começaram a se modificar. Começou a encaracolar o cabelo e querer ir a bailes. Sua pele melhorou, as feições ficaram mais suaves pelo volume e pela cor, os olhos ganharam mais vivacidade e sua figura, mais importância. O amor pela sujeira deu lugar a uma inclinação pela

elegância, e ela foi ficando mais asseada à medida que crescia. Sentia agora prazer ao ouvir como o pai e a mãe às vezes comentavam sobre sua melhora pessoal. “Catherine está ficando uma garota bonita, ela está quase encantadora hoje”, eram as palavras que chegavam aos seus ouvidos de vez em quando. E como era sons bem-vindos! Parecer quase encantadora é uma conquista de mais importância para uma garota com uma aparência simples nos primeiros 15 anos de sua vida do que para alguém que já é bela desde o berço.

A senhora Morland era uma mulher muito boa e queria que os filhos fossem tudo o que deveriam ser, mas estava sempre tão ocupada em cuidar e ensinar os pequenos que as filhas mais velhas deviam cuidar de si mesmas. E não foi muito estranho que Catherine, que por natureza não tinha nada de heroica, preferisse o críquete, o beisebol, andar a cavalo e correr ao ar livre aos 14 anos, em vez de livros, pelo menos livros de estudo. No entanto, se nenhum conhecimento útil pudesse ser tirado deles, se fossem só história e nenhuma reflexão, ela não tinha nenhuma objeção aos livros. Mas, dos 15 aos 17 anos, ela estava treinando para ser heroína. Tinha lido todas as obras que as heroínas devem ler para suprir suas memórias com aquelas citações que são tão úteis e tão reconfortantes nas vicissitudes de suas vidas agitadas.

De Pope, ela aprendeu a censurar aqueles que
“usam sempre a máscara da desgraça.”

De Gray, que

“Flores que nascem para um rubor invisível,
Gastando sua fragrância no ar deserto.”

De Thompson, que:

“É uma tarefa deliciosa

Ensinar a jovem ideia a florescer.”

E de Shakespeare ela conseguiu muitas informações – entre elas, que:

“As ninharias leves como o ar,

Para quem tem ciúmes, são verdades tão firmes,

Como trechos da Sagrada Escritura.”

Que

“O pobre inseto que, ao passar, esmagamos
Sofre tanto no corpo como o mais alto gigante
No transe da agonia.”
E que uma jovem apaixonada sempre parece
“como estátua de Paciência
Sorridente diante da Desgraça”.

Até aquele momento, sua melhora era satisfatória e em muitos outros pontos ela se saía muito bem. Pois, embora não pudesse escrever sonetos, conseguia lê-los. E embora não tivesse nenhuma chance de maravilhar toda uma festa com um prelúdio no piano que ela mesma tivesse composto, podia facilmente avaliar o desempenho de outras pessoas. Sua maior deficiência estava no lápis. Ela não tinha noção de desenho, nem o suficiente para tentar esboçar o perfil de seu amado e ser surpreendida ao fazê-lo. Nesse ponto, ela passava muito longe do verdadeiro ideal heroico.

Por enquanto, ela não fazia ideia do próprio infortúnio, pois não tinha nenhum amado para retratar. Tinha feito 17 anos sem ter visto um jovem adorável que pudesse despertar sua sensibilidade, sem ter inspirado uma verdadeira paixão, e sem ter provocado nem mesmo uma admiração, mesmo que fosse muito moderada e transitória. Isso era realmente estranho!

Entretanto, coisas estranhas podem ser geralmente explicadas se a causa delas for investigada. Não havia nenhum lorde naquela região. Não, nem mesmo um barão. Não havia uma única família entre seus conhecidos que tivesse abrigado e criado um menino acidentalmente encontrado à sua porta, nem um jovem cuja origem fosse desconhecida. O pai dela não tinha nenhum protegido e o senhor mais abastado da paróquia não tinha filhos.

Quando uma jovem deve ser heroína, isso não pode ser impedido pela perversidade de 40 famílias vizinhas. Algo deve e vai acontecer para colocar um herói em seu caminho.

O senhor Allen, dono da maior parte das terras de Fullerton, a aldeia em Wiltshire onde os Morland viviam, foi mandado a Bath para se recuperar da gota e sua esposa, uma mulher bem-humorada, que gostava da senhorita Morland, e provavelmente estava consciente de que, se não havia

aventuras para uma jovem em sua própria aldeia, ela deveria procurá-las no exterior, convidou-a para ir com eles. O senhor e a senhora Morland concordaram e Catherine ficou radiante.



Capítulo 2

Além do que já foi dito sobre os dotes físicos e mentais de Catherine Morland, quando estava prestes a ser lançada em todas as dificuldades e perigos de uma temporada de seis semanas em Bath, pode-se afirmar, para a informação mais precisa do leitor, pois as páginas seguintes, caso contrário, não dariam uma ideia do caráter dela, que seu coração era afetuoso, seu temperamento, alegre e aberto, sem presunção ou afetação de qualquer espécie, suas maneiras haviam acabado de perder a deselegância e a timidez de menina. Sua aparência era agradável e, quando estava arrumada, ficava bonita e sua mente era tão ignorante e desinformada quanto qualquer mente feminina aos 17 anos.

Quando a hora da partida se aproximava, a ansiedade materna da senhora Morland naturalmente ia piorando. Mil pressentimentos alarmantes de perigos para sua adorada Catherine, por causa dessa terrível separação, oprimiam seu coração com tristeza e a afogavam em lágrimas nos últimos dias juntas. Algum conselho de natureza mais importante e aplicável devem, naturalmente, ter fluído de seus lábios sábios na conversa de despedida em seu quarto. As precauções contra a violência de tais nobres e barões, que adoram obrigar as moças a irem para alguma remota casa de fazenda, deveriam, naquele momento, aliviar seu coração. Quem não pensaria nisso? Mas a senhora Morland conhecia tão pouco os lordes e os barões que não tinha nenhuma noção da malícia geral deles, e não sabia o perigo para a filha que essas maquinações poderiam causar. Seus cuidados se resumiram aos seguintes pontos: “Eu imploro, Catherine, que sempre cubra bem a garganta, quando sair dos salões à noite, e gostaria que

tentasse manter algum controle do dinheiro que gasta. Vou dar a você este caderninho para tal propósito”.

Sally, ou melhor, Sarah (pois que jovem com um nome comum atingirá a idade de 16 anos sem alterá-lo o máximo que puder?) deveria, pela situação naquele momento, ser a amiga íntima e confidente da irmã. É notável, no entanto, que ela nem insistisse que Catherine escrevesse em todas as paradas, nem exigisse sua promessa de informar o caráter de cada novo conhecido, nem um detalhe de toda conversa interessante que pudesse ocorrer em Bath. Tudo relacionado a esta importante viagem na verdade foi feito, por parte dos Morland, com moderação e compostura, mais consistente com os sentimentos comuns da vida cotidiana do que com as suscetibilidades refinadas e as emoções ternas que deveriam criar a primeira separação de uma heroína de sua família. O pai de Catherine, em vez de dar uma ordem ilimitada para seu banqueiro, ou até mesmo colocar uma nota de cem libras em suas mãos, deu apenas dez guinéus à filha, e prometeu mais quando ela quisesse.

Sob esses auspícios pouco promissores, a despedida aconteceu e a jornada começou. Foi realizada com a tranquilidade adequada e a segurança rotineira. Não houve ladrões nem tempestades, nem uma reviravolta de sorte para a heroína. Nada mais alarmante ocorreu além de um medo, que atacou a senhora Allen, de ter deixado seus tamancos esquecidos numa estalagem, algo que felizmente não foi verdade.

Eles chegaram em Bath. Catherine estava ansiosa, seus olhos iam de um lado para o outro quando se aproximavam das belas e impressionantes imediações do local e depois passearam pelas ruas que conduziam ao hotel. Ela veio para ser feliz e já se sentia assim.

Em pouco tempo, já estavam instalados em quartos confortáveis na rua Pulteney.

Agora é conveniente apresentar alguma descrição da senhora Allen, para que o leitor possa julgar de que maneira suas ações promoverão a atmosfera de angústia desta obra, e como ela provavelmente contribuirá para reduzir a pobre Catherine a toda a desesperada miséria de que um último capítulo é capaz, seja por sua imprudência, por sua vulgaridade ou

por seu ciúme, seja interceptando suas cartas, arruinando seu caráter ou expulsando-a de casa.

A senhora Allen era aquele tipo de mulher que não pode suscitar nenhuma outra emoção na sociedade a não ser a surpresa de existirem homens no mundo que possam apreciá-las o suficiente para se casarem com elas. Ela não tinha beleza, gênio, prendas ou modos. O ar de uma dama bem-nascida, uma boa dose de temperamento tranquilo e um pouco de frivolidade espirituosa eram tudo o que poderia explicar que ela tivesse sido a escolha de um homem sensato e inteligente como o senhor Allen. Em um aspecto ela era admiravelmente talentosa para apresentar uma jovem à sociedade: era tão apaixonada por ir a todos os lugares e ver tudo sozinha como qualquer jovem poderia ser. Os vestidos eram sua paixão. Ela sentia um prazer inofensivo em estar elegante, e a entrada de nossa heroína na vida não poderia acontecer antes de passar três ou quatro dias aprendendo o que era mais usado, e de ganhar um vestido da última moda. Catherine também fez algumas compras e, quando todos esses assuntos foram resolvidos, aconteceu a importante noite em que seria levada aos Salões Superiores. Seu cabelo foi cortado e ela foi vestida com as melhores roupas, tudo escolhido com cuidado, e tanto a senhora Allen quanto a empregada declararam que sua aparência era a correta. Com tal encorajamento, Catherine esperava pelo menos não receber nenhuma censura da multidão. Quanto à admiração, sempre era muito bem-vinda quando viesse, mas ela não precisava disso.

A senhora Allen demorou tanto para se vestir que elas entraram bem tarde no salão. A temporada estava cheia, o salão, lotado, e as duas damas terminaram bem espremidas. Quanto ao senhor Allen, ele foi diretamente para o salão de jogos e deixou-as sozinhas para desfrutar da multidão. Mais preocupada com a segurança de seu vestido novo do que com o conforto de sua protegida, a senhora Allen abriu caminho pela multidão de homens ao lado da porta, tão rapidamente quanto a cautela necessária poderia permitir. Catherine, no entanto, manteve-se ao seu lado e segurou firme no braço da amiga, para não se perder dela de forma alguma.

Para a surpresa de Catherine, avançar pelo salão não era o meio de se

desvencilhar da multidão. Esta parecia, ao contrário, aumentar à medida que avançavam, ao passo que havia imaginado que, depois de entrarem, seria fácil encontrar cadeiras e assistir às danças com perfeita conveniência. Porém isso estava longe de ser o caso, e embora, por incansável esforço, elas tivessem conseguido chegar ao topo do salão, a situação delas era a mesma. Não viram nada dos dançarinos, apenas as altas penas de algumas das damas. Ainda assim, elas seguiram em frente, algo melhor ainda estava à vista e, por um esforço contínuo e engenhosidade, chegaram finalmente na passagem atrás do banco mais alto. Ali havia uma multidão um pouco menor do que embaixo e, portanto, Catherine tinha uma visão de toda a festa e de todos os perigos de sua recente passagem por ela.

Era uma visão esplêndida, e Catherine começou, pela primeira vez naquela noite, a se sentir em um baile: queria dançar, mas não tinha nenhum conhecido no salão. A senhora Allen fez tudo o que podia nesse caso, dizendo muito placidamente, de vez em quando: “Queria que você pudesse dançar, minha querida e queria que conseguisse um parceiro”. Por algum tempo, sua jovem amiga sentiu-se agradecida por esses desejos, mas eles eram repetidos com tanta frequência, e provaram ser tão ineficazes, que Catherine se cansou por fim e parou de agradecer.

Não conseguiram, no entanto, desfrutar do repouso da eminência que tinham conquistado com tanto esforço. Logo todo mundo estava indo para o chá e elas tiveram de se espremer como os demais. Catherine começou a sentir um certo desapontamento, estava cansada de ser continuamente imprensada contra pessoas cuja aparência não lhe despertava o interesse. Além disso, não conhecia ninguém, assim não podia aliviar o cansaço da prisão trocando uma palavra com qualquer de seus companheiros cativos. Quando finalmente chegou ao salão de chá, sentiu ainda mais o constrangimento de não ter nenhum grupo ao qual se juntar, nenhum conhecido a chamar, nenhum cavalheiro para ajudá-la. Elas não viram o senhor Allen e, depois de procurar em vão por uma situação melhor, foram obrigadas a se sentar na ponta de uma mesa na qual já havia um grande grupo, sem ter nada para fazer, ou com quem conversar, exceto uma com a

outra.

A senhora Allen congratulou-se, assim que se sentaram, por ter evitado algo de ruim com seu vestido.

– Teria sido muito chocante se ele tivesse se rasgado, não é mesmo? – disse ela. – É uma musselina tão delicada. De minha parte, não vi nada de que goste tanto em todo o salão, posso assegurar.

– Como é desconfortável não ter nenhum conhecido aqui! – sussurrou Catherine.

– Sim, minha querida, é muito desconfortável mesmo – respondeu a senhora Allen, com perfeita serenidade.

– O que devemos fazer? Os cavalheiros e as damas desta mesa parecem estar se perguntando por que viemos para cá. Parece que estamos forçando a entrada no grupo deles.

– Sim, é o que estamos fazendo. Isso é muito desagradável. Gostaria que tivéssemos muitos conhecidos aqui.

– Gostaria que tivéssemos algum, seria alguém com quem conversar.

– Muito certo, minha querida, e se conhecêssemos alguém, nos juntaríamos a eles imediatamente. Os Skinner estiveram aqui no ano passado, queria que estivessem aqui agora.

– Não é melhor irmos embora? Aqui não há xícaras de chá para nós, a senhora está vendo.

– Não há mais, de fato. Que aborrecido! Mas acho que é melhor ficarmos sentadas, pois ficamos tão abaladas nessa multidão! Como está minha cabeça, minha querida? Alguém me deu um empurrão que deve ter desarrumado meu penteado.

– Não, de fato, ele está muito bem. Mas, querida senhora Allen, tem certeza de que não há ninguém que conheça em toda essa multidão de pessoas? Acho que a senhora deve conhecer alguém.

– Não conheço, dou minha palavra, gostaria de conhecer. Gostaria de ter muitos conhecidos aqui, de todo o meu coração, então poderia apresentá-la a alguém. Ficaria tão feliz em vê-la dançando. Lá vai uma mulher de aparência estranha! Que vestido estranho ela está usando! Como é antiquado! Olha para as costas.

Depois de algum tempo, um de seus vizinhos ofereceu-lhes chá. Foi aceito e isso introduziu uma leve conversa com o cavalheiro que havia oferecido, que foi a única vez que alguém falou com elas durante a noite, até que o senhor Allen as encontrou quando o baile acabou.

– Bem, senhorita Morland, espero que tenha se divertido no baile – disse ele.

– Muito agradável, realmente – ela respondeu, tentando em vão esconder um grande bocejo.

– Gostaria que ela tivesse dançado – disse sua esposa. – Queria conseguir um parceiro para ela. Disse várias vezes como estaria feliz se os Skinner estivessem aqui neste inverno como no último. Ou se os Parry tivessem vindo como falaram uma vez, ela poderia ter dançado com George Parry. Fiquei tão triste por ela não ter um parceiro!

– Vai ser melhor outra noite, espero – foi o consolo do senhor Allen.

A multidão começou a se dispersar quando o baile acabou, o suficiente para deixar espaço para que o restante pudesse andar melhor. E agora era a vez da heroína, que ainda não tinha desempenhado um papel muito distinto nos eventos da noite, ser notada e admirada. A cada cinco minutos, com a multidão cada vez menor, eram mais visíveis seus encantos. Ela agora era observada por muitos jovens que não estavam perto dela antes. Nenhum deles, no entanto, começou a contemplá-la com arrebatamento, nenhum sussurro de ansiosa investigação percorreu a sala, nem ela foi chamada de divindade por ninguém. Contudo, Catherine tinha uma aparência ótima, e se os participantes do baile a tivessem visto apenas três anos antes, agora a teriam considerado incrivelmente bonita.

Catherine era observada, no entanto, e com alguma admiração. Ela mesma ouviu dois cavalheiros afirmarem que era uma moça bonita. Tais palavras tiveram seu efeito. Imediatamente pensou que a noite estava sendo mais agradável do que antes, pois sua humilde vaidade estava satisfeita, sentia-se mais grata aos dois jovens por esse elogio simples do que uma heroína de verdade teria sentido por 15 sonetos celebrando seus encantos e foi para sua cadeira de bom humor com todos e perfeitamente satisfeita com sua parcela de atenção.



Capítulo 3

Todas as manhãs agora tinham suas obrigações regulares, lojas que deviam ser visitadas, alguma nova parte da cidade a ser conhecida; e Catherine e a senhora Allen deviam passear pelo Salão das Águas¹, onde desfilavam por uma hora, olhando para todo mundo e sem falar com ninguém. O desejo de ter muitos conhecidos em Bath era ainda maior na senhora Allen, e ela repetia isso depois de todas as manhãs, quando ficava provado que não conhecia ninguém.

Elas apareceram nos Salões Inferiores e aqui a fortuna foi mais favorável à nossa heroína. O mestre das cerimônias apresentou-a a um jovem muito cavalheiro para ser seu parceiro de dança. Seu nome era Tilney. Parecia ter uns 24 ou 25 anos, era bastante alto, tinha uma fisionomia agradável, um olhar muito inteligente e vivaz e, se não era muito bonito, estava perto disso. Ele era gentil e Catherine sentiu-se com sorte. Não falaram muito enquanto dançavam, mas quando estavam sentados para o chá, ela o achou tão agradável quanto tinha imaginado que seria.

Tilney falava com desembaraço e humor, além de uma desenvoltura e uma gentileza em suas maneiras que eram interessantes, embora ela entendesse pouco disso. Depois de conversarem algum tempo sobre assuntos inspirados naturalmente por tudo que os rodeava, ele de súbito falou:

– Até agora tenho sido muito negligente, senhorita, nas atenções apropriadas de um parceiro. Ainda não lhe perguntei há quanto tempo está em Bath, se já esteve aqui antes, se esteve nos Salões Superiores, no teatro e no concerto. E o que acha do lugar. Fui muito negligente, mas a senhorita

poderia satisfazer a minha curiosidade? Se puder, vou começar as perguntas.

– Não precisa se dar a esse trabalho, senhor.

– Não é nenhum trabalho, garanto, senhorita.

Em seguida, com um sorriso e suavemente afetando a voz, acrescentou, com um ar simpático:

– Está há muito tempo em Bath, senhorita?

– Cerca de uma semana, senhor – respondeu Catherine, tentando não rir.

– Realmente! – Respondeu com espanto afetado.

– Por que ficaria surpreso, senhor?

– Por quê, de fato! – disse ele, em seu tom natural. – Mas alguma emoção parece ter surgido pela sua resposta, a surpresa é mais facilmente assumida e não menos razoável do que qualquer outra. Agora vamos continuar. Nunca esteve aqui antes, senhorita?

– Nunca, senhor.

– De fato! Já deu a honra de sua presença aos Salões Superiores?

– Sim, senhor, estive lá na segunda-feira passada.

– Já foi ao teatro?

– Sim, senhor, fui à peça na terça-feira.

– Ao concerto?

– Sim, senhor, na quarta-feira.

– E está satisfeita com Bath?

– Sim, gosto muito daqui.

– Agora devo dar um sorriso e então podemos ser racionais novamente. – Catherine virou a cabeça, sem saber se poderia se arriscar a rir.

– Vejo o que pensa de mim – disse ele sério. – Serei um personagem pobre em seu diário amanhã.

– Meu diário!

– Sim, eu sei exatamente o que vai dizer: “Sexta-feira, fui para os Salões Inferiores, estava usando meu vestido de musselina com toques azuis, sapatos pretos lisos, tudo caía muito bem em mim, mas fui estranhamente assediada por um homem esquisito e meio idiota, que me obrigava a dançar com ele e me angustiava com suas tolices”.

- Na verdade, eu não direi tal coisa.
- Devo lhe dizer o que deve dizer?
- Adoraria.
- “Dancei com um jovem muito agradável, apresentado pelo senhor King. Conversei muito com ele, parece um gênio extraordinário, espero conhecê-lo mais”. Isso, madame, é o que desejo que escreva.
- Mas talvez eu não tenha nenhum diário.
- Talvez a senhorita não esteja sentada nesta sala e eu não esteja sentado ao seu lado. São pontos nos quais uma dúvida é igualmente possível. Não escrever um diário! Como suas primas ausentes poderão entender o curso de sua vida em Bath sem um? Como as civilidades e os elogios de todos os dias são relatados do modo como deveriam, a menos que sejam anotados todas as noites em um diário? Como seus vários vestidos serão lembrados, e o estado particular de sua aparência, e os cachos de seu cabelo serão descritos em todas as suas diversidades, sem o recurso constante de um diário? Minha querida senhorita, não sou tão ignorante quanto às maneiras das moças como quer acreditar. É esse delicioso hábito de fazer o registro em diário que contribui em grande parte para a criação do estilo fácil de escrever pelo qual as damas geralmente são celebradas. Todo mundo concorda que o talento de escrever cartas agradáveis é algo peculiarmente feminino. A natureza pode ter feito alguma coisa, mas tenho certeza de que deve ser essencialmente ajudada pela prática de manter um diário.
- Às vezes penso – disse Catherine, duvidando – se as senhoras escrevem cartas muito melhores que os cavalheiros! Isto é, não penso que a superioridade esteja sempre do nosso lado.
- Até onde tive oportunidade de julgar, parece que o estilo usual de escrever cartas entre as mulheres é impecável, exceto em três particularidades.
- E quais são elas?
- Uma deficiência geral de assunto, uma total falta de atenção aos pontos e uma ignorância muito frequente da gramática.
- É mesmo?! Neste caso, não preciso ter medo de recusar o elogio. O senhor não pensa muito bem de nós nesse sentido.

– Não deveria estabelecer como regra geral que as mulheres escrevem cartas melhores que os homens, que cantem duetos melhores ou desenhem paisagens melhores. Em todas as habilidades nas quais o bom gosto é a base, a excelência está bastante dividida entre os sexos.

Eles foram interrompidos pela senhora Allen:

– Minha querida Catherine, tire esse alfinete da minha manga – disse ela.
– Receio que já tenha feito um furo. Ficarei muito triste se tiver rasgado, pois este é meu vestido favorito, apesar de custar apenas nove xelins por metro.

– É exatamente o que pensei, senhora – disse o senhor Tilney, olhando para a musselina.

– Entende de musselina, senhor?

– Muito bem. Sempre compro minhas próprias gravatas e posso ser um excelente juiz. E minha irmã muitas vezes confiou em mim na escolha de um vestido. Comprei um para ela outro dia e foi visto como uma excelente compra por toda mulher que o viu. Paguei apenas cinco xelins por metro de uma verdadeira musselina indiana.

A senhora Allen ficou bastante impressionada com seu gênio.

– Os homens geralmente notam tão pouco essas coisas. Nunca consigo fazer o senhor Allen reparar em nenhum dos meus vestidos. O senhor deve ser um grande conforto para sua irmã, senhor – disse ela.

– Espero que sim, madame.

– E diga, senhor, o que acha do vestido da senhorita Morland?

– É muito bonito, senhora – disse ele, examinando seriamente. – Mas não acho que vá ficar bem depois de lavar. Receio que vá se desgastar.

– Como o senhor pode – disse Catherine, rindo – ser tão... – Ela quase falou “estranho”.

– Concordo muito com sua opinião, senhor – respondeu a senhora Allen.

– E assim disse à senhorita Morland quando ela o comprou.

– Mas então a senhora sabe, a musselina sempre pode ser usada em alguma coisa ou outra. A senhorita Morland terá o suficiente para um lenço, um chapéu ou um manto. A musselina nunca é desperdiçada. Ouvi a minha irmã dizer isso 40 vezes, quando foi extravagante e comprou mais

do que queria, ou descuidada ao cortá-la em pedaços.

– Bath é um lugar encantador, senhor. Há muitas boas lojas aqui. É muito triste no campo. Não que não tenhamos lojas muito boas em Salisbury, mas é muito longe. Treze quilômetros é um longo caminho. O senhor Allen diz que são 15, mas tenho certeza de que não pode ser mais do que 13. E é muito trabalho, volto cansada demais. Agora, aqui, pode-se sair de casa e conseguir algo em cinco minutos.

O senhor Tilney era educado o bastante para parecer interessado no que ela estava dizendo, e o assunto da musselina continuou até a dança recomeçar. Catherine teve medo, enquanto ouvia o discurso deles, que o rapaz se divertia um pouco com as frivolidades dos outros.

– O que a senhorita está pensando tão seriamente? – perguntou ele, enquanto voltavam para o salão de baile. – Não em seu parceiro, espero, pois, com aquele balançar de cabeça, suas meditações não são satisfatórias.

Catherine ficou vermelha e disse:

– Eu não estava pensando em nada.

– Isso é engenhoso e profundo, mas prefiro que me diga que não vai me contar.

– Bem, então não vou contar.

– Obrigado. Pois agora seremos logo amigos, já que estou autorizado a provocá-la sobre esse assunto sempre que nos encontrarmos, e nada no mundo promove tanto a intimidade.

Eles dançaram novamente e, quando a festa terminou, separaram-se com, pelo menos do lado da dama, uma forte inclinação para continuar a amizade. Se ela pensou muito nele, enquanto bebia o seu vinho com água e se preparava para dormir, ou se sonhou com ele quando já estava deitada, não pode ser averiguado. Mas espero que não tenha sido mais do que um leve sono ou no máximo um cochilo matinal, pois, se é verdade, como um célebre escritor sustentou, que nenhuma jovem pode ser justificada ao se apaixonar antes que o amor do cavalheiro seja declarado, deve ser muito impróprio que uma jovem sonhe com um cavalheiro antes de saber que este sonhou primeiro com ela.

Que tipo de sonhador ou enamorado o senhor Tilney poderia ser o senhor Allen ainda não havia decidido, mas ele não era censurável como amigo da jovem sob a sua proteção. Tinha ficado satisfeito com a investigação feita. Pois, no começo da noite, ele se esforçou para saber quem era o parceiro dela, e lhe foi assegurado que o senhor Tilney era um clérigo e de uma família muito respeitável em Gloucestershire.

. *Pump Room* , no original. Local onde a elite de Bath ia beber as famosas águas termais da cidade. (N.T.)



Capítulo 4

Com mais ansiedade do que a habitual, Catherine se apressou para ir ao Salão das Águas no dia seguinte, certa de que veria o senhor Tilney ali antes que a manhã terminasse, e estava pronta para encontrá-lo com um sorriso, mas isso não foi necessário, pois o senhor Tilney não apareceu. Todos em Bath, exceto ele, poderiam ser vistos no salão em diferentes períodos do dia. Multidões estavam a todo momento entrando e saindo, subindo e descendo as escadarias. Pessoas que não importavam e ninguém queria ver. Só ele estava ausente.

– Que lugar maravilhoso é Bath – disse a senhora Allen sentando-se perto do grande relógio, depois de desfilar pelo salão até se cansarem. – E como seria agradável se tivéssemos algum conhecido aqui.

Esse desejo fora pronunciado tantas vezes em vão que a senhora Allen não tinha nenhuma razão especial para esperar que tivesse algum resultado agora. Mas já disseram que “não devíamos nos desesperar, pois poderíamos obter”, e que o “zelo incansável nos leva a ganhar”, e o zelo incansável com o qual ela desejava todos os dias a mesma coisa por fim teria sua justa recompensa, pois mal tinha se sentado por dez minutos quando uma senhora mais ou menos da sua idade, sentada ao seu lado, olhou-a atentamente por vários minutos e acabou se dirigindo a ela com grande gentileza com estas palavras:

– Acho, senhora, que não posso estar enganada. Já faz muito tempo desde que tive o prazer de vê-la, mas seu nome não é Allen?

Depois de respondida a pergunta, como devia ser, a estranha declarou que o dela era Thorpe. E a senhora Allen imediatamente reconheceu uma ex-

colega de escola e amiga íntima, que só tinha encontrado uma vez desde seus respectivos casamentos, há muitos anos. A alegria delas nesse encontro foi muito grande, como se poderia imaginar, já que não sabiam nada uma da outra nos últimos quinze anos. Cumprimentos sobre a boa aparência foram feitos e, depois de observar como o tempo passou desde a última vez que estiveram juntas, como nunca tinham pensado em se encontrar em Bath, e que prazer era rever uma velha amiga, começaram a fazer perguntas e contar sobre famílias, irmãs e primos, falando as duas ao mesmo tempo, muito mais dispostas a dar do que receber informações, e cada uma ouvindo muito pouco do que a outra dizia. A senhora Thorpe, no entanto, tinha uma grande vantagem como faladora sobre a senhora Allen, por ter filhos. E quando discorria sobre os talentos dos filhos e a beleza das filhas, quando relatava suas diferentes situações e pontos de vista, que John estava em Oxford, Edward na escola Merchant Taylors e William na Marinha e todos eles eram muito mais queridos e respeitados em suas diferentes posições do que qualquer outro ser que já existiu, a senhora Allen não tinha informações parecidas para dar, nenhum triunfo similar para pressionar o ouvido indisposto e incrédulo da amiga, e foi forçada a se sentar e fingir ouvir todas essas efusões maternas, consolando-se, no entanto, com a descoberta, que seu olho aguçado logo fez, de que a renda do casaco da senhora Thorpe não era tão bonita quanto a sua.

– Aqui vêm minhas queridas meninas – exclamou a senhora Thorpe, apontando para três garotas elegantes que, de braços dados, se aproximavam dela. – Minha querida senhora Allen, quero muito apresentá-las. Elas ficarão tão felizes em conhecê-la. A mais alta é Isabella, minha mais velha, não é uma linda moça? As outras são muito admiradas também, mas acredito que Isabella é a mais bonita.

As senhoritas Thorpe foram apresentadas, assim como a senhorita Morland, que havia sido esquecida por um curto período. O sobrenome pareceu deixar todas espantadas e, depois de falar com ela com grande educação, a filha mais velha observou em voz alta para o resto:

– Como a senhorita Morland é incrivelmente parecida com o irmão!

– A própria imagem dele, de fato! – exclamou a mãe. E “eu a

reconheceria em qualquer lugar como irmã dele!”, foi repetido por todos, duas ou três vezes. Por um momento, Catherine ficou surpresa, mas a senhora Thorpe e suas filhas mal haviam começado a contar a história da amizade com o senhor James Morland quando ela se lembrou de que o irmão mais velho tinha ficado amigo na faculdade de um jovem chamado Thorpe, e que tinha passado a última semana das férias de Natal com a família do amigo, perto de Londres.

Tudo sendo explicado, muitas gentilezas foram ditas pelas senhoritas Thorpe, que afirmaram o desejo de conhecer melhor Catherine e que já podiam se considerar amigas, devido à amizade de seus irmãos. Catherine ouviu com prazer e respondeu com todas as expressões gentis que conhecia. Como primeira prova de amizade, logo foi convidada a aceitar um braço da senhorita Thorpe mais velha e dar uma volta com ela pelo salão. Catherine ficou encantada com esse crescimento das amizades em Bath e quase esqueceu o senhor Tilney enquanto conversava com a senhorita Thorpe. A amizade é certamente o melhor bálsamo para as dores do amor frustrado.

A conversa passou a girar em torno de assuntos cuja discussão geralmente leva ao aumento da intimidade entre duas jovens damas: roupas, bailes, flertes e outras perguntas. No entanto, a senhorita Thorpe, sendo quatro anos mais velha do que a senhorita Morland, e pelo menos quatro anos mais informada, tinha uma vantagem muito decisiva na discussão de tais pontos. Ela podia comparar os bailes de Bath com os de Tunbridge, as modas com a de Londres, retificar as opiniões de sua nova amiga em relação a artigos de bom gosto, descobrir um flerte entre qualquer cavalheiro e dama que apenas sorriam um para o outro, e apontar alguém estranho no meio de uma multidão.

Esses poderes receberam a devida admiração de Catherine, a quem eram inteiramente novos, e o respeito que naturalmente inspiravam poderia ter sido grande demais para criar uma amizade, se a alegria fácil das maneiras da senhorita Thorpe, e suas frequentes expressões de prazer com essa amizade, não suavizassem cada sentimento de reverência e não deixassem nada além de terno carinho. O crescente apego delas não poderia ser

satisfeito com meia dúzia de giros no Salão das Águas, mas exigia, quando todos se separassem, que a senhorita Thorpe acompanhasse a senhorita Morland até a porta da casa do senhor Allen, e que elas se separassem com um aperto de mão muito afetuoso e prolongado, depois de descobrirem, para mútuo alívio, que iriam se encontrar no teatro à noite, e fariam suas orações na mesma capela na manhã seguinte. Catherine correu para o andar de cima e observou da janela da sala de visitas como a senhorita Thorpe se afastava pela rua. Admirou o espírito gracioso de sua caminhada, o ar elegante de sua figura e de seu vestido, e sentiu-se grata, também, pela oportunidade de conseguir tal amiga.

A senhora Thorpe era viúva e não muito rica. Era uma mulher bem-humorada e bem-intencionada, e uma mãe muito indulgente. Sua filha mais velha era muito bela, e as mais jovens, fingindo ser tão bonitas quanto a irmã, imitando seu ar e vestindo-se no mesmo estilo, se saíam muito bem.

Este breve relato da família tem o objetivo de substituir a necessidade de um longo e minucioso relatório detalhado da própria senhora Thorpe, de suas aventuras e sofrimentos passados, que de outro modo poderiam ocupar os próximos três ou quatro capítulos. Nos quais a inutilidade de lordes e advogados poderia ser analisada e as conversas que tinham acontecido 20 anos antes seriam minuciosamente repetidas.



Capítulo 5

Catherine não estava tão envolvida no teatro naquela noite, ao retribuir os acenos e sorrisos da senhorita Thorpe, a ponto de esquecer de procurar, com um olhar indagador, o senhor Tilney em todos os cantos que seus olhos poderiam chegar, mas procurou em vão. O senhor Tilney parecia não gostar da peça tanto quanto não gostava do Salão das Águas. Ela esperava ter mais sorte no dia seguinte, e quando seus desejos por um bom tempo foram atendidos ao ver uma linda manhã, ela não teve dúvida disso. Um belo domingo em Bath esvazia todas as casas de seus habitantes, e todo mundo aparece em tal ocasião para caminhar e afirmar a seus conhecidos que é um dia encantador.

Assim que o serviço religioso terminou, os Thorpe e os Allen se reuniram com entusiasmo, e depois de ficar tempo suficiente no Salão das Águas para descobrir que a multidão era insuportável e que não havia um rosto amigo a ser visto, o que todo mundo descobre todos os domingos durante toda a temporada, eles se apressaram para o Crescent, para respirar o ar fresco de uma melhor companhia. Aqui Catherine e Isabella, de braços dados, experimentaram novamente a doçura da amizade em uma conversa sem reservas. Elas conversaram muito e com muito prazer, mas novamente Catherine terminou desapontada em sua esperança de reencontrar seu parceiro. Ele não foi encontrado em nenhum lugar. Toda busca foi igualmente malsucedida, nos salões da manhã ou nos encontros noturnos. Nem nos Salões Superior ou Inferior, em bailes de gala ou informais, ele foi visto. Nem entre os caminhantes, os cavaleiros ou condutores das carruagens matinais. O nome dele não estava no livro do

Salão das Águas e a curiosidade não poderia ser maior. Ele deveria ter ido embora de Bath. No entanto, não havia mencionado que sua permanência seria tão curta! Esse tipo de mistério, que está sempre presente na história de uma heroína, lançou uma nova graça na imaginação de Catherine em torno da pessoa e das suas maneiras, aumentando sua ansiedade para saber mais sobre o rapaz.

As Thorpe não poderiam ajudar, pois estavam há apenas dois dias em Bath antes de se encontrarem com a senhora Allen. Era um assunto, no entanto, que ela muitas vezes comentou com sua nova amiga, de quem recebia todo encorajamento possível para continuar a pensar nele. E a impressão do rapaz na imaginação dela, portanto, não se apagou. Isabella tinha certeza de que ele devia ser um jovem charmoso, e estava igualmente certa de que devia estar impressionado com sua querida Catherine, e, portanto, logo estaria de volta. Ela gostava ainda mais que ele fosse clérigo, “porque ela deve confessar que gosta muito dessa *profissão*”, e algo como um suspiro escapou quando disse isso. Talvez Catherine estivesse errada em não perguntar a causa daquela gentil emoção, mas ela não era experiente o suficiente na delicadeza do amor, ou nos deveres da amizade, para saber quando uma delicada zombaria era apropriada ou quando uma confiança deveria ser forçada.

A senhora Allen estava bastante feliz e satisfeita com Bath. Ela havia encontrado alguém conhecido, tinha tido a sorte de encontrar neles a família de uma velha e digna amiga e, para completar sua sorte, havia encontrado uma amiga que não se vestia tão bem quanto ela. Suas expressões diárias não eram mais: “Eu gostaria que tivéssemos algum conhecido em Bath!” Mudaram para: “Que bom que encontrei a senhora Thorpe!” E ela estava tão ansiosa em promover o intercâmbio das duas famílias quanto a jovem a seu cargo e Isabella poderiam estar. Ela nunca estava satisfeita com o dia, a menos que passasse a maior parte dele ao lado da senhora Thorpe, naquilo que chamavam de conversa, mas na qual raramente havia qualquer troca de opiniões, e não muitas vezes qualquer coisa que se assemelhasse a um assunto, pois a senhora Thorpe falava principalmente de seus filhos, e a senhora Allen, de seus vestidos.

O progresso da amizade entre Catherine e Isabella foi rápido, pois seu início foi caloroso, e elas passaram tão rapidamente através de cada grau de crescente ternura que não havia, resumindo, nenhuma nova prova a ser dada da amizade que sentiam. Elas se chamavam pelo primeiro nome, estavam sempre de braços dados quando caminhavam, prendiam a cauda do vestido uma da outra na hora do baile e não se afastavam enquanto dançavam. E se uma manhã chuvosa as privasse de outros prazeres, elas ainda estavam decididas a se reunir desafiando a umidade e a lama, e se trancavam para ler romances juntas.

Sim, romances, pois não adotarei aquele costume pouco generoso e pouco educado, tão comum entre os romancistas, de diminuir, pela censura desdenhosa, seu próprio trabalho, a cujo número eles mesmos estão se somando, juntando-se a seus maiores inimigos na concessão dos mais duros epítetos sobre tais obras. E quase nunca permitindo que sejam lidas por sua própria heroína, que, se acidentalmente pega um romance, certamente folheará suas páginas insípidas com nojo. Ai de mim! Se a heroína de um romance não é condescendente com a heroína de outro, de quem ela pode esperar proteção e consideração? Não posso aprovar isso. Deixemos que os críticos abusem de tais efusões de fantasia a seu bel-prazer, e que falem sobre cada novo romance com as melodias surradas do lixo que a imprensa agora usa. Não nos abandonemos, somos um corpo ferido. Embora nossas produções tenham proporcionado prazeres mais extensos e verdadeiros do que as de qualquer outra corporação literária do mundo, nenhuma espécie de composição foi tão condenada. Movidos por orgulho, ignorância ou moda, nossos inimigos são quase tão numerosos quanto nossos leitores. E, enquanto as habilidades do nongentésimo condensador da História da Inglaterra, ou do homem que coleciona e publica em um volume algumas dúzias de linhas de Milton, Pope e Prior, com um artigo do *Spectator* e um capítulo de Sterne, são elogiados por mil canetas, parece haver quase um desejo geral de condenar a capacidade e desvalorizar o trabalho do romancista, além de desprezar os desempenhos que têm apenas genialidade, inteligência e bom gosto para recomendá-los. “Não sou leitor de romances. Raramente presto atenção em romances. Não

pense que leio romances com frequências. É realmente muito bom para um romance.” Tal é o canto comum. “E o que está lendo, senhorita...? Oh! É apenas um romance!”, responde a jovem, enquanto larga o livro com indiferença afetada ou vergonha momentânea. “É apenas *Cecilia*, ou *Camilla* ou *Belinda*”, ou, resumindo, apenas algum trabalho no qual os maiores poderes da mente são exibidos, nos quais o mais completo conhecimento da natureza humana, o mais feliz delineamento de suas variedades, as mais vivas efusões de gênio e humor são transmitidas ao mundo na melhor linguagem escolhida. Agora, se a mesma moça estivesse com um volume do *Spectator*, em vez de um trabalho como esse, com que orgulho teria mostrado o livro e dito seu nome. Embora sejam poucas as chances de que ela esteja ocupada com qualquer parte daquela volumosa publicação, da qual tanto o assunto quanto o estilo não desgostariam uma jovem de bom gosto: a substância de suas páginas tão frequentemente consistindo na declaração de circunstâncias improváveis, personagens irreais e tópicos de conversação que já não interessam a ninguém vivo. E sua linguagem também, frequentemente tão grosseira a ponto de surpreender que fosse tolerada.



Capítulo 6

A seguinte conversa, que aconteceu entre as duas amigas no Salão das Águas uma manhã, após oito ou nove dias de amizade, é apresentada como um exemplo do apego caloroso das duas, e da delicadeza, da discricção, da originalidade de pensamento e do gosto literário que marcou a sensatez desse apego.

Elas marcaram um encontro e, como Isabella chegou quase cinco minutos antes da amiga, a primeira coisa que disse a ela foi:

– Minha querida criatura, por que chegou tão tarde? Estou esperando por você há uma eternidade!

– É mesmo! Sinto muito por isso, mas realmente achei que estava na hora certa. Ainda é uma. Você está aqui há muito tempo?

– Oh! Há dez eras, pelo menos. Tenho certeza de que estou aqui há meia hora. Mas, agora, vamos nos sentar do outro lado do salão e nos divertir. Tenho uma centena de coisas para falar com você. Em primeiro lugar, estava com tanto medo de que chovesse esta manhã, bem quando eu ia sair. Parecia muito chuvoso, e isso teria me dado muita agonia! Sabe, vi o chapéu mais bonito que se pode imaginar, em uma vitrine na rua Milsom agora há pouco – muito parecido com o seu, apenas com fitas vermelho-papoula em vez de verde. Quero muito comprá-lo. Mas, minha querida Catherine, o que fez esta manhã toda? Continuou com o *Udolpho* ?

– Sim, estou lendo desde que acordei e cheguei ao véu negro.

– É mesmo? Que maravilhoso! Oh! Eu não diria o que está por trás do véu negro por nada desse mundo! Não está louca por saber?

– Oh! Sim, bastante. O que pode ser? Mas não me diga, não quero que me

diga. Sei que deve ser um esqueleto, tenho certeza de que é o esqueleto da Laurentina. Oh! Estou adorando o livro! Gostaria de passar toda a minha vida com ele nas mãos. Asseguro que, se não fosse para nos encontrarmos, não teria me afastado dele por nada do mundo.

– Querida criança! Quanto sou grata a você e, quando terminar *Udolpho* , vamos ler *O italiano* juntas. Fiz uma lista de 10 ou 12 outros livros do mesmo tipo.

– É mesmo? Como estou feliz! Quais são eles?

– Vou ler seus nomes, aqui estão eles, no meu bolso. *Castle of Wolfenbach, Clermont, Mysterious Warnings, Necromancer of the Black Forest, Midnight Bell, Orphan of the Rhine e Horrid Mysteries* ² . Eles vão nos tomar algum tempo.

– Sim, muito bem, mas são todos aterrorizantes, tem certeza de que são todos aterrorizantes?

– Sim, tenho certeza. Pois uma amiga próxima, a senhorita Andrews, uma doce menina, uma das criaturas mais doces do mundo, leu todos eles. Gostaria que você conhecesse a senhorita Andrews, ficaria encantada com ela. Ela está fazendo o manto mais doce que se pode imaginar. Eu acho que ela é linda como um anjo e estou tão irritada com os homens por não a admirarem! Eu repreendo todos eles por isso.

– Repreendê-los! Você os repreende por não a admirarem?

– Sim, eu faço isso. Não há nada que eu não faria por aqueles que são realmente meus amigos. Não tenho como amar as pessoas pela metade. Não é minha natureza. Minhas amizades são sempre excessivamente fortes. Disse ao capitão Hunt, em um de nossos encontros neste inverno, que se ele me provocasse a noite toda, eu não dançaria com ele, a menos que concordasse que a senhorita Andrews era tão bonita quanto um anjo. Os homens nos acham incapazes de uma verdadeira amizade, sabe, e estou determinada a mostrar que não é assim. Se eu ouvisse alguém comentar a seu respeito com desprezo, explodiria no ato, mas isso não é nada provável, pois você é o tipo de garota que tem tudo para ser uma grande favorita dos homens.

– Oh, querida! Como é que você pode dizer uma coisa dessas? –

exclamou Catherine, enrubescendo.

– Eu a conheço muito bem. É muito animada, que é exatamente o que falta na senhorita Andrews, pois devo confessar que há algo incrivelmente insípido nela. Oh! Devo dizer que, logo depois que nos separamos ontem, vi um jovem olhando-a com tanta intensidade, tenho certeza de que ele está apaixonado por você.

Catherine ficou vermelha e negou novamente. Isabella riu.

– É verdade, juro pela minha honra, mas estou vendo, você é indiferente à admiração de todos, exceto à daquele cavalheiro, que não devemos nomear. Não, não posso culpá-la.

Falando mais seriamente:

– Seus sentimentos são facilmente compreensíveis. Onde o coração está realmente apegado, sei muito bem que não é possível satisfazê-lo com a atenção de qualquer outra pessoa. Tudo é tão insípido, tão desinteressante, se não se relacionar com o objeto amado! Posso compreender perfeitamente seus sentimentos.

– Mas não deve me convencer a pensar muito no senhor Tilney, porque talvez eu nunca mais o veja.

– Não vai vê-lo de novo! Minha querida criança, não fale isso. Tenho certeza de que ficaria muito infeliz se pensasse assim!

– Não, de fato, eu não deveria. Não vou fingir que não fiquei muito satisfeita com ele, mas enquanto tiver *Udolpho* para ler, sinto como se ninguém pudesse me deixar infeliz. Oh! O terrível véu negro! Minha querida Isabella, tenho certeza de que o esqueleto da Laurentina deve estar por trás dele.

– É tão estranho para mim que você nunca tenha lido *Udolpho* antes, mas suponho que a senhora Morland se opõe aos romances.

– Não, ela não se opõe. Frequentemente lê *sir* Charles Grandison, mas não chegam muitos livros novos.

– *Sir* Charles Grandison! Esse é um livro aterrorizante, não é? Lembro que a senhorita Andrews não conseguiu passar do primeiro volume.

– Não é como *Udolpho*, de jeito nenhum. Mas ainda assim acho muito divertido.

– É mesmo! Você me surpreende. Pensei que fosse impossível de ler. Mas, minha querida Catherine, já resolveu que chapéu vai usar hoje à noite? Estou determinada em todos os eventos a estar vestida exatamente como você. Os homens percebem isso às vezes, sabe?

– Mas isso não significa nada – disse Catherine, muito inocentemente.

– Significar! Céus! Minha regra é nunca me importar com o que eles dizem. Eles são muitas vezes impertinentes em excesso se você não os trata com espírito e exige que se mantenham a distância.

– São? Bom, eu nunca percebi isso. Sempre se comportam muito bem comigo.

– Oh! Eles se dão tais ares. São as criaturas mais vaidosas do mundo e se acham muito importantes! A propósito, embora eu tenha pensado nisso centenas de vezes, sempre esqueci de perguntar qual é a sua tez favorita em um homem. Você gosta deles mais morenos ou claros?

– Não tenho ideia. Nunca pensei nisso. Algo no meio dos dois, acho. Moreno – não claro e... E não muito escuro.

– Muito bem, Catherine. Isso é exatamente ele. Não esqueci sua descrição do senhor Tilney: “uma pele morena, com olhos escuros e cabelos negros”. Bem, meu gosto é diferente. Prefiro olhos claros, e em relação à cor da pele, gosto de um pálido mais do que qualquer outra. Você não deve me trair, se algum dia se encontrar com alguém que conheça e que combine com essa descrição.

– Traí-la! Como assim?

– Não, não se aflija. Acho que falei demais. Vamos mudar de assunto.

Catherine, com alguma surpresa, obedeceu, e depois de permanecer alguns momentos em silêncio, estava prestes a voltar ao que mais a interessava naquele momento do que qualquer outra coisa no mundo, o esqueleto de Laurentina, quando a amiga a impediu, dizendo:

– Pelo amor de Deus! Vamos nos afastar deste canto do salão. Sabe, há dois jovens odiosos me encarando há meia hora. Eles realmente estão me deixando desconcertada. Vamos ver as pessoas que estão chegando. Eles não nos seguirão até lá.

Elas foram caminhando para o livro de entrada e, enquanto Isabella

examinava os nomes, Catherine tinha o dever de observar o que faziam aqueles jovens alarmantes.

– Eles não estão vindo para cá, estão? Espero que não sejam tão impertinentes e nos sigam. Me avise se estiverem vindo. Estou determinada a não olhar para cima.

Em alguns instantes, Catherine, com um prazer indiferente, assegurou que não precisava mais se sentir desconfortável, pois os cavalheiros tinham acabado de sair do Salão das Águas.

– E para onde eles foram? – perguntou Isabella, virando-se rapidamente.
– Um era um jovem muito bonito.

– Eles foram em direção ao pátio da igreja.

– Bem, estou incrivelmente feliz por ter me livrado deles! E agora, o que diz de ir até o Edgar's Buildings comigo e ver meu novo chapéu? Você disse que queria vê-lo.

Catherine concordou prontamente.

– Só que talvez passemos pelos dois jovens – acrescentou ela.

– Oh! Esqueça isso. Se nos apressarmos, passaremos rápido por eles, e estou morrendo de vontade de lhe mostrar meu chapéu.

– Mas, se esperarmos apenas alguns minutos, não haverá perigo de vê-los.

– Sequer os cumprimentarei, lhe asseguro. Não tenho nenhum desejo de tratar os homens com tanto respeito. Essa é a maneira de estragá-los.

Catherine não tinha nada contra esse raciocínio e, portanto, para mostrar a independência da senhorita Thorpe e sua resolução de humilhar o sexo oposto, partiram imediatamente o mais depressa que puderam, em busca dos dois jovens.

Castelo de Wolfenbach, Avisos misteriosos, Necromante da Floresta Negra, Sino da Meia-noite, Órfão do Reno e Mistérios Horripilantes. (N.E.)



Capítulo 7

Caminharam meio minuto pelo pátio do Salão das Águas até o arco, em frente à Union Passage, mas ali precisaram parar. Todo mundo que conhece Bath sabe as dificuldades de atravessar a rua Cheap nesse ponto. É realmente uma rua de natureza muito inoportuna, desafortunadamente conectada com as grandes estradas de Londres e Oxford, e onde fica a principal estalagem da cidade. Nunca passa um dia sem que grupos de senhoras, por mais importantes que sejam suas atividades, estejam em busca de doces, chapéus ou mesmo, como no caso em questão, de jovens rapazes, não fiquem detidas de um lado ou outro por carruagens, cavaleiros ou carroças. Esse mal havia sido constatado e lamentado por Isabella pelo menos três vezes por dia, desde sua chegada em Bath. E agora ela estava fadada a constatar e lamentar mais uma vez, pois no exato momento em que se aproximavam da Union Passage, tendo sob sua vista os dois cavalheiros que estavam caminhando pela multidão e se equilibrando pelas sarjetas desta interessante rua, foram impedidas de atravessá-la pela aproximação de uma carruagem conduzida com toda a impetuosidade no pavimento esburacado por um cocheiro habilidoso que ameaçava, assim, colocar em perigo a própria vida, a de seu companheiro e a de seu cavalo.

– Oh, essas carruagens horríveis! Como eu as detesto – disse Isabella, olhando para cima.

Mas esse ódio, embora justo, foi de curta duração, pois ela olhou novamente e exclamou:

– Que maravilha! O senhor Morland e meu irmão!

– Meu Deus! É o James! – foi dito no mesmo momento por Catherine.

E, quando seus olhos se encontraram com os dele, o cavalo foi imediatamente freado com uma violência que quase o jogou sobre os quadris do animal. O criado desceu e segurou o cavalo enquanto os cavalheiros desceram.

Catherine, para quem esta reunião era totalmente inesperada, recebeu o irmão com o maior prazer, e ele, sendo muito amável e muito ligado a ela, dava todas as provas de sentir igual satisfação. Mas logo os olhos brilhantes da senhorita Thorpe distraíram sua atenção. E voltou-se totalmente a ela com uma mistura de alegria e vergonha que poderia ter indicado a Catherine, se ela fosse mais experiente nos sentimentos das outras pessoas, e menos absorta em si mesma, que o irmão gostava bastante de sua amiga, e a considerava tão bonita quanto ela mesma pensava.

John Thorpe, que enquanto isso estava dando ordens ao empregado sobre os cavalos, logo se juntou a eles, recebendo os cumprimentos devidos. Apesar de ter tocado ligeira e descuidadamente a mão de Isabella, cumprimentou Catherine com reverência. Era um jovem corpulento, de estatura mediana, rosto simples e formas pouco graciosas. Parecia ter medo de ser bonito demais se não se vestisse como um cavaliço e cavalheiro demais se não fosse informal onde deveria ser cortês, e despudorado onde deveria ser informal. Ele tirou o relógio do bolso:

– A quanto acha que estamos de Tetbury, senhorita Morland?

– Não sei qual é a distância, seu irmão disse que eram 35 quilômetros.

– Trinta e cinco! – exclamou Thorpe. – Devem ser no mínimo 40 – Morland protestou, convocou a autoridade de mapas, estalajadeiros e marcos na estrada, mas seu amigo desconsiderou tudo isso, pois tinha um sentido mais apurado de distância.

– Sei que devem ser 40 – disse ele – pelo tempo em que estivemos viajando. Agora é uma e meia. Saímos da estalagem em Tetbury quando o relógio da cidade bateu onze horas e desafio qualquer homem na Inglaterra a fazer meu cavalo andar a menos de dezesseis quilômetros por hora estando atrelado. Isso faz com que tenham sido exatamente quarenta.

– Errou por uma hora. Eram apenas dez horas quando saímos de Tetbury – disse Morland.

– Dez horas! Eram onze, juro pela minha alma! Conteí todas as batidas. Este seu irmão quer me convencer de que perdi meus sentidos, senhorita Morland. Mas olhe para o meu cavalo: já viu um animal tão pronto para a velocidade em sua vida?

O criado acabara de subir na carruagem e estava indo embora.

– Verdadeiro puro sangue! Três horas e meia e apenas 35 quilômetros! Olhe para aquela criatura e diga se é possível.

– Ele parece muito cansado, com certeza.

– Cansado! Ele não mexeu um fio de cabelo até chegarmos à Igreja de Walcot, mas olhe para sua testa. Olhe para seus quartos dianteiros, veja só como se move. Esse cavalo não faz menos de dezesseis quilômetros por hora: amarre suas pernas e mesmo assim ele prosseguirá. O que acha da minha carruagem, senhorita Morland? Confortável, não é? Bonita, construída para a cidade. Não faz nem um mês que a tenho. Foi construída para um pastor, um amigo meu, um companheiro muito bom. Ele andou com ela por algumas semanas, até que, creio eu, preferiu vendê-la. Acontece que eu estava procurando por algo leve assim, embora também estivesse determinado a comprar de outro tipo, mas por acaso encontrei-o na ponte Magdalen, quando estava indo para Oxford, no último semestre: “Ah! Thorpe”, disse ele, “você quer comprar uma carruagem como esta? É uma das melhores do tipo, mas estou cansado dela.” “Oh! Demônios”, disse eu, “falou com o homem certo. Quanto quer por ela?” E quanto acha que ele queria, senhorita Morland?

– Não tenho como adivinhar.

– Boa suspensão, pode ver. Bancos, porta-malas, estojos para espadas, proteção contra a lama, lanternas, molduras prateadas, tudo completo. A fundição é tão boa como se fosse nova, ou melhor. Ele pediu cinquenta guinéus. Fechei diretamente com ele, dei o dinheiro e a carruagem era minha.

– Conheço tão pouco sobre tais coisas que não posso julgar se estava barato ou caro – disse Catherine.

– Nem uma coisa nem outra. Eu poderia ter conseguido por menos, ousou dizer. Mas odeio pechinchar e o pobre Freeman precisava do dinheiro.

– Isso foi muito nobre de sua parte – disse Catherine, muito satisfeita.

– Oh! Com mil demônios, detesto ser miserável se posso ser gentil com um amigo.

Depois perguntou para onde iam as moças e, ao descobrir o destino delas, os cavalheiros decidiram que iam acompanhá-las a Edgar's Buildings e cumprimentar a senhora Thorpe. James e Isabella iam na frente e esta última estava satisfeita com seu destino, muito contente em se esforçar para garantir um agradável passeio àquele que tinha a dupla recomendação de ser amigo de seu irmão e irmão da sua amiga. Tão puros e desinteressados eram seus sentimentos que, embora tenha passado pelos dois jovens grosseiros na rua Milsom, ela estava tão pouco interessada em atrair a atenção que olhou para eles apenas três vezes.

John Thorpe seguiu com Catherine e, após alguns minutos de silêncio, voltou a falar sobre sua carruagem.

– Vai descobrir, no entanto, senhorita Morland, que seria considerado barato por algumas pessoas, pois eu poderia tê-la vendido por dez guinéus a mais no dia seguinte. Jackson, de Oriel, me pediu sessenta de uma só vez. Morland estava comigo.

– Sim – disse Morland, que tinha ouvido. – Mas você esquece que seu cavalo estava incluído.

– Meu cavalo! Oh, diabos! Eu não venderia meu cavalo por cem. Gosta de uma carruagem aberta, senhorita Morland?

– Sim, muito. Quase nunca tive a oportunidade de estar em uma, mas eu particularmente gosto delas.

– Estou feliz por isso. Vou levá-la na minha todos os dias.

– Obrigada – disse Catherine, um pouco angustiada, duvidando se era correto aceitar tal oferta.

– Vou levá-la até Lansdown Hill amanhã.

– Obrigada, mas seu cavalo não precisa descansar?

– Descansar! Ele só cavalgou 35 quilômetros hoje. Tudo besteira, nada arruína os cavalos tanto quanto o descanso, nada os derruba tão cedo. Não,

não. Vou exercitar o meu uma média de quatro horas todos os dias enquanto estiver aqui.

– É mesmo? – disse Catherine muito a sério. – Isso significa uns 65 quilômetros por dia.

– Sessenta e cinco! Poderiam ser 80, não me importo. Bem, vou levá-la até Lansdown amanhã. Está combinado.

– Como vai ser bom! – exclamou Isabella, virando-se. – Minha querida Catherine, eu a invejo muito, mas tenho medo, meu irmão, de que só haja espaço para duas pessoas.

– Apenas duas, ora essa! Não, não. Não vim a Bath para levar minhas irmãs de um lado para o outro na carruagem. Isso seria uma boa piada, com certeza! Morland poderá levá-la.

Isso levou a um diálogo de amenidades entre Isabella e James, mas Catherine não ouviu os detalhes nem o resultado. O discurso de Thorpe deixou o tom animado e se transformou em nada mais do que frases curtas de louvor ou condenação sobre toda mulher que encontraram. E Catherine, depois de ouvir e concordar o mais que pôde, com toda a educação e deferência da jovem mente feminina temerosa de arriscar uma opinião própria em oposição àquela de um homem tão seguro de si, especialmente sobre a beleza de seu próprio sexo, aventurou-se a variar o assunto com uma questão que há muito era a mais importante em seus pensamentos:

– Já leu *Os mistérios de Udolpho*, senhor Thorpe?

– *Os mistérios de Udolpho* ! Oh, Senhor! Eu não. Nunca leio romances, tenho outras coisas a fazer.

Catherine, humilhada e envergonhada, ia se desculpar por sua pergunta, mas ele a impediu, dizendo:

– Os romances são muito cheios de tolices e coisas no gênero. Não houve nenhum decentemente aceitável desde *Tom Jones*, exceto *O monge*. Eu o li outro dia, mas, como todos os outros, são as coisas mais idiotas já criadas.

– Acho que iria gostar de *Udolpho*, se o lesse. É muito interessante.

– Eu não, com certeza! Não, se fosse ler algum, seria da senhora Radcliffe. Seus romances são bem divertidos. Vale a pena lê-los. Há

alguma diversão e naturalidade neles.

– *Udolpho* foi escrito pela senhora Radcliffe – disse Catherine, com alguma hesitação, pelo medo de envergonhá-lo.

– Não estou seguro, foi? Sim, lembro-me, é mesmo. Eu estava pensando naquele outro livro estúpido, escrito por aquela mulher, que foi tão comentado, ela que se casou com o emigrante francês.

– Suponho que está falando de *Camilla* ?

– Sim, esse é o livro. Que coisa tão artificial! Um velho brincando na gangorra! Peguei o primeiro volume uma vez e dei uma olhada, mas logo descobri que não iria gostar. Na verdade, imaginei que tipo de coisa deveria ser antes de ver. Assim que fiquei sabendo que ela havia se casado com um emigrante, tive certeza de que nunca conseguiria terminá-lo.

– Eu nunca li.

– Não perdeu nada, posso lhe assegurar. É a mais horrível besteira que a senhorita pode imaginar. Não há nada mais que um velho brincando em uma gangorra e aprendendo latim. Juro pela minha alma que não há nada mais.

Essa crítica literária, que a pobre Catherine não podia julgar se era ou não correta, levou-os à porta do alojamento da senhora Thorpe, e os sentimentos do leitor perspicaz e imparcial de *Camilla* deram lugar aos sentimentos do filho obediente e afetuoso, quando encontraram a senhora Thorpe, que os tinha visto do andar de cima.

– Ah, mãe! Como a senhora está? – perguntou ele, dando-lhe um cordial aperto de mão. – De onde tirou esse chapéu? Faz a senhora parecer uma bruxa velha. Aqui está o Morland e vou ficar alguns dias com a senhora, então deve procurar algumas boas camas em algum lugar próximo.

E essas palavras pareceram satisfazer todos os desejos mais afetuosos do coração da mãe, pois ela o recebeu com o mais delicado e exultante afeto. Para suas duas irmãs mais novas, ele concedeu uma porção igual de sua ternura fraterna, perguntou a cada uma delas como estavam e observou que as duas estavam muito feias.

Esses modos não agradaram Catherine, mas ele era amigo de James e irmão de Isabella, e seu julgamento foi ainda mais influenciado por

Isabella, que assegurou, quando foram ver o novo chapéu, que John a considerava a garota mais encantadora do mundo, e porque ele a convidara, antes de se separarem, para dançar naquela noite.

Se Catherine tivesse mais idade ou fosse mais vaidosa, tais ataques poderiam ter menos efeito, mas quando a juventude e a timidez andam unidas, é preciso uma incomum firmeza de caráter para resistir à atração de ser chamada a garota mais encantadora do mundo e ser convidada para ser companheira no baile. E o resultado foi que os dois Morland, depois de ficarem sentados uma hora com os Thorpe, saíram para caminhar juntos até a casa do senhor Allen, e James, quando a porta se fechou atrás deles, perguntou: “Bem, Catherine, o que acha do meu amigo Thorpe?”, em vez de responder, como provavelmente teria feito, se não houvesse amizade nem lisonja envolvida, “não gosto nada dele”, ela respondeu imediatamente: “Gosto muito dele, parece muito agradável.”

– Ele é o rapaz de melhor índole que já viveu. Um pouco falador demais, mas as mulheres gostam disso, acredito. E o que acha do resto da família?

– Gosto muito, muito mesmo; principalmente da Isabella.

– Estou muito feliz em ouvi-la dizer isso. Ela é exatamente o tipo de jovem com a qual eu gostaria de vê-la unida. Ela tem muito bom senso e é tão sincera e amável. Eu sempre quis que a conhecesse e ela parece gostar muito de você. Ela a elogiou muito. E um elogio de uma garota como a senhorita Thorpe deve deixar orgulhosa até você, Catherine – disse o irmão tomando a mão dela com afeto.

– De fato, eu fico. Gosto muito dela e estou muito feliz em descobrir que você também gosta. Você mal mencionou nada dela quando me escreveu depois da sua visita aos Thorpe – ela respondeu.

– Porque achei que a veria logo. Espero que fiquem um bom tempo juntas enquanto estiverem em Bath. Ela é uma garota muito amável e muito inteligente! Toda a família gosta dela, ela é evidentemente a favorita de todos, e como deve ser admirada em um lugar como este, não é?

– Sim, muito mesmo, imagino. O senhor Allen acha que ela é a garota mais bonita de Bath.

– Ouso dizer que sim, e não conheço nenhum homem que seja melhor

juiz de beleza do que o senhor Allen. Não preciso perguntar se está feliz aqui, minha querida Catherine. Com uma companheira e amiga como Isabella Thorpe, seria impossível ser diferente. E os Allen, tenho certeza, são gentis com você?

– Sim, muito gentis. Nunca fui tão feliz antes e, agora, com a sua chegada, será ainda melhor. Como é bom que tenha vindo de tão longe para me ver.

James aceitou este tributo de gratidão e preparou sua consciência para aceitá-lo também, dizendo com perfeita sinceridade:

– De fato, Catherine, eu a amo muito.

Perguntas e respostas foram trocadas, a respeito de irmãos e irmãs, a situação de alguns, o crescimento de outros, e sobre outros assuntos familiares. Eles continuaram, com apenas uma pequena digressão da parte de James para elogiar a senhorita Thorpe, até chegarem à rua Pulteney, onde James foi recebido com grande gentileza pelo senhor e pela senhora Allen. Ele foi convidado pelo primeiro a jantar com eles, e intimado pela segunda a adivinhar o preço e admirar um novo regalo e um cachecol. Um compromisso anterior, marcado no Edgar's Buildings, impediu-o de aceitar o convite do jantar e obrigou-o a partir correndo assim que satisfizesse as exigências da senhora Allen. Com a hora marcada para que os dois grupos se encontrassem no Salão Octogonal, Catherine pôde se dedicar à sua imaginação, inquieta e assustada sobre as páginas do *Udolpho*, esquecida de todas as preocupações mundanas de roupas e jantar, incapaz de acalmar o medo da senhora Allen devido ao atraso de uma costureira, e tendo apenas um minuto em sessenta para dedicar à reflexão de sua própria felicidade por já estar comprometida para aquela noite.



Capítulo 8

Apesar do *Udolpho* e da costureira, o grupo da rua Pulteney chegou aos Salões Superiores na hora certa. Os Thorpe e James Morland haviam chegado apenas dois minutos antes deles, e Isabella, tendo passado pela habitual cerimônia de encontrar Catherine com a pressa mais sorridente e afetuosa, de admirar o caimento de seu vestido e invejar os cachos de seus cabelos, seguiu seus acompanhantes até o salão de baile, de braços dados com a amiga, sussurrando uma para a outra sempre que um pensamento ocorria e abastecendo o lugar de muitas ideias, apertos de mão e sorrisos de afeto.

O baile começou poucos minutos depois que elas se sentaram, e James, que conseguira uma companheira tão rapidamente quanto sua irmã, foi muito importuno com Isabella, insistindo para que fossem dançar. Mas John tinha ido à sala de jogos falar com um amigo, e nada, ela afirmou, iria levá-la a começar a dançar antes que sua querida Catherine pudesse se juntar a ela.

– Garanto – disse ela –, não vou me levantar sem sua querida irmã por nada desse mundo, porque, se fizesse isso, certamente ficaríamos separadas a noite toda.

Catherine aceitou essa gentileza com gratidão, e eles continuaram assim por mais três minutos, quando Isabella, que estivera conversando com James do outro lado, virou-se novamente para ela e sussurrou:

– Minha querida, infelizmente devo deixá-la, seu irmão está muito impaciente para começar. Sei que não se importará que eu vá e ouse dizer que John estará de volta em um momento, então você poderá me encontrar

facilmente.

Catherine, embora um pouco desapontada, era boa demais para fazer qualquer oposição, e enquanto se levantavam, Isabella só teve tempo de apertar a mão da amiga e dizer: “Adeus, minha querida”, antes de sair correndo.

Com as irmãs mais novas de Isabella também dançando, Catherine ficou à mercê da senhora Thorpe e da senhora Allen, sentada entre as duas. Ela não podia deixar de ficar irritada com a desapareição do senhor Thorpe, pois não só desejava dançar, mas também estava ciente de que, como a verdadeira dignidade de sua situação não podia ser conhecida, ela estava compartilhando com as outras jovens ainda sentadas todo o descrédito da falta de um parceiro. Desgraçar-se aos olhos do mundo, usar a aparência de infâmia enquanto seu coração é todo puro, suas ações, inocentes, e a má conduta de outro, a verdadeira fonte de sua degradação, tudo isso é uma daquelas circunstâncias que peculiarmente pertencem à vida da heroína, e a coragem que ela demonstra nesse ponto é justamente o que dignifica seu caráter. Catherine também era corajosa. Ela sofria, mas nenhum murmúrio cruzou seus lábios.

Ao final de dez minutos, ela foi despertada desse estado de humilhação por um sentimento mais agradável, quando viu, não o senhor Thorpe, mas o senhor Tilney a menos de três metros do lugar onde estavam sentadas. Parecia estar se aproximando, mas não a vira, e, portanto, o sorriso e o rubor que seu súbito reaparecimento causaram em Catherine desapareceram sem macular sua dignidade de heroína.

O senhor Tiney parecia tão bonito e animado como sempre, e falava com interesse com uma moça elegante e de aparência agradável apoiada no braço dele, e que Catherine imediatamente supôs ser sua irmã, descartando, sem pensar, uma boa oportunidade de considerá-lo perdido para sempre, por já ser casado. Ela foi guiada apenas pelo que era simples e provável, pois nunca lhe ocorrera que o senhor Tilney pudesse ser casado. Ele não tinha se comportado ou falado como os homens casados que ela havia conhecido. Nunca havia mencionado uma esposa, mas sim uma irmã. Dessas circunstâncias surgiu a conclusão instantânea de que era

sua irmã que agora estava ao seu lado e, portanto, em vez de ser tomada por uma palidez mortal e começado a chorar nos braços da senhora Allen, Catherine sentou-se ereta, no uso perfeito de seus sentidos e com as bochechas apenas um pouco mais vermelhas do que o normal.

O senhor Tilney e sua companheira, que continuaram, embora lentamente, a se aproximar, foram imediatamente interrompidos por uma dama, conhecida da senhora Thorpe. Esta senhora parou para falar com eles e Catherine, ao cruzar os olhos com o senhor Tilney, instantaneamente recebeu dele o sorridente tributo de reconhecimento. Ela devolveu com prazer e, em seguida, avançando ainda mais, ele falou tanto para ela quanto para a senhora Allen, por quem tinha sido cumprimentado com educação.

– Estou muito feliz por vê-lo novamente, senhor. Temia que tivesse ido embora de Bath.

Ele agradeceu pela preocupação dela e disse que havia partido por uma semana, na mesma manhã depois de ter tido o prazer de vê-la.

– Bem, senhor, ousou dizer que não está triste por estar de volta, pois é o lugar perfeito para os jovens... E também para todos os outros. Eu digo ao senhor Allen, quando ele fala de estar cansado desse lugar, que tenho certeza de que não deveria reclamar, pois é um lugar tão agradável, e é muito melhor estar aqui do que em casa nesta época sem graça do ano. Digo a ele que tem muita sorte em vir para cá por causa de sua saúde.

– E espero, madame, que o senhor Allen passe a gostar do lugar, se isso for bom para ele.

– Obrigada, senhor. Não tenho dúvidas de que será. Um vizinho nosso, o doutor Skinner, esteve aqui para tratar da saúde no inverno passado e foi embora muito melhor.

– Essa circunstância deve significar um grande incentivo.

– Sim, senhor, e o doutor Skinner e a família ficaram aqui por três meses. Então eu digo ao senhor Allen que ele não deve ter pressa para ir embora.

Nesse momento foram interrompidos por um pedido da senhora Thorpe à senhora Allen, para que ela se movesse um pouco para acomodar a senhora Hughes e a senhorita Tilney, já que haviam concordado em se juntar ao

grupo. Isso foi feito e o senhor Tilney continuou de pé diante delas. Depois de alguns minutos, ele convidou Catherine para dançar com ele.

A cortesia, por mais prazerosa que fosse, produziu grande embaraço para a dama. Ao negar, ela expressou sua tristeza com grande ênfase, e Thorpe, que se juntou a ela logo depois, se tivesse chegado meio minuto antes, poderia ter pensado que o sofrimento dela era bastante exagerado.

O desembaraço com que ele contou o motivo pelo qual a manteve esperando não a apaziguou. Tampouco os detalhes que expôs enquanto estavam dançando, sobre os cavalos e os cães do amigo que tinha acabado de deixar, e sobre uma proposta de troca de terriers entre eles, a interessavam a ponto de impedi-la de olhar com frequência para a parte do salão onde havia deixado o senhor Tilney. Não conseguiu encontrar sua querida Isabella, a quem queria muito mostrar aquele cavalheiro. Estavam em pontos diferentes. Ela foi separada do seu grupo e levada para longe de seus conhecidos. Um embaraço sucedeu o outro e de tudo ela deduziu essa lição útil: que ir previamente comprometida a um baile não aumenta necessariamente a dignidade ou o prazer de uma jovem.

Dessa reflexão moral ela foi repentinamente despertada por um toque no ombro, e, virando-se, percebeu a senhora Hughes atrás dela, junto com a senhorita Tilney e um cavalheiro.

– Peço perdão, senhorita Morland – disse ela – por essa liberdade, mas não consigo encontrar de jeito nenhum a senhorita Thorpe, e a senhora Thorpe disse que tinha certeza de que a senhorita não teria a menor objeção em acompanhar esta jovem.

A senhora Hughes não poderia ter deixado ninguém no salão mais feliz do que Catherine em ser obrigada a cuidar da jovem. As moças foram apresentadas e a senhorita Tilney expressou a gratidão apropriada pelo ato de bondade, ao passo que a senhorita Morland, com a verdadeira delicadeza de uma mente generosa, minimizou a obrigação. A senhora Hughes, satisfeita por ter resolvido de maneira tão respeitável a companhia de sua jovem protegida, retornou ao seu grupo.

A senhorita Tilney tinha uma boa aparência, um rosto bonito e um semblante muito agradável. E, embora não tivesse toda a decidida

pretensão, a elegância resoluta da senhorita Thorpe, tinha mais elegância real. Seus modos demonstravam bom senso e boa educação, não eram tímidos nem afetuosamente abertos, e ela parecia capaz de ser jovem, bela e equilibrada em um baile sem precisar chamar a atenção de todos os homens ao redor, e sem exagerar os sentimentos de grande prazer ou terrível irritação em cada pequena e insignificante ocorrência.

Catherine, imediatamente interessada por sua beleza e sua relação com o senhor Tilney, queria conhecê-la melhor, e falava, portanto, sempre que conseguia pensar em algo para dizer e tinha alguma oportunidade. Mas a falta dessas circunstâncias fez com que tivesse que se contentar com uma conversa banal, limitando-se a conversas sobre quanto cada uma delas gostava de Bath, como admirava muito os prédios da cidade e o campo ao redor, se desenhava, tocava ou cantava, e se gostava de andar a cavalo.

As duas danças mal tinham concluído antes que Catherine sentisse o braço gentilmente tomado por sua fiel Isabella, que, com grande emoção, exclamou:

– Finalmente eu a encontrei. Minha querida criatura, estive procurando-a por uma hora. O que a levou a entrar nesse grupo, quando sabia que eu estava no outro? Fiquei muito infeliz sem a sua companhia.

– Minha querida Isabella, como poderia encontrá-la? Não conseguia nem ver onde você estava.

– Foi o que disse ao seu irmão o tempo todo, mas ele não acreditou em mim. “Vá procurá-la, senhor Morland”, disse eu, mas tudo em vão, ele não quis se mexer nem um centímetro. Não foi assim, senhor Morland? Vocês homens são todos tão imoderadamente preguiçosos! Eu o repreendi a tal ponto, minha querida Catherine, que você ficaria bastante espantada. Sabe que nunca mantenho a cerimônia com essas pessoas.

– Olhe para aquela jovem com as contas brancas em volta da cabeça – sussurrou Catherine, separando sua amiga de James. – É a irmã do senhor Tilney.

– Oh! Céus! Não me diga! Deixe-me olhar para ela agora mesmo. Que menina deliciosa! Nunca vi nada tão encantador! Mas onde está seu irmão conquistador? Ele está no salão? Aponte-o para mim neste instante, se

estiver. Morro de vontade de vê-lo. Senhor Morland, não deve ouvir. Não estamos falando do senhor.

– Mas o que são todos esses sussurros? O que está acontecendo?

– Eu sabia como seria. Vocês homens têm uma curiosidade tão inquieta! E falam da curiosidade das mulheres, realmente! Não é nada. Mas fique satisfeito, porque você não deve saber nada do assunto.

– E a senhorita acha provável que isso me satisfaça?

– Bem, declaro que nunca conheci ninguém como o senhor. O que poderia interessar-lhe o que estamos falando? Talvez estejamos falando do senhor, portanto, aconselho-o a não ouvir ou poderá ouvir algo não muito agradável.

Nessa conversa simples, que durou algum tempo, o assunto original parecia totalmente esquecido, e embora Catherine estivesse muito satisfeita por tê-lo abandonado por um tempo, não podia evitar um pouco de suspeita com o total desaparecimento do desejo impaciente de Isabella de ver o senhor Tilney. Quando a orquestra iniciou uma dança leve, James quis levar sua parceira, mas ela resistiu.

– Eu falei, senhor Morland – exclamou ela –, que não faria tal coisa por nada neste mundo. Como o senhor pode ser tão inoportuno? Imagine, minha querida Catherine, o que seu irmão quer que eu faça. Quer que dance com ele novamente, embora eu tenha dito que é uma coisa muito imprópria e totalmente contra as regras. Todo o lugar falaria de nós, se não trocássemos de parceiros.

– Pela minha honra – disse James – nesses bailes públicos, isso é muito frequente.

– Besteira, como pode falar isso? Mas quando vocês, homens, querem provar algo, nunca desistem. Minha doce Catherine, apoie-me. Convença seu irmão de que isso é impossível. Diga a ele que seria muito chocante me ver fazer algo assim, não seria?

– Não, de jeito nenhum, mas se acha errado, deve fazer o melhor para você.

– Então, ouviu o que sua irmã disse, e ainda assim não lhe dá ouvidos. Bem, lembre-se de que não é minha culpa se deixarmos todas as senhoras

em Bath alvoroçadas. Venha comigo, minha querida Catherine, pelo amor de Deus, e fique ao meu lado – exclamou Isabella.

E lá foram elas para recuperar seu antigo lugar. John Thorpe, nesse meio tempo, tinha se afastado, e Catherine, sempre disposta a dar ao senhor Tilney uma oportunidade de repetir o agradável convite que já a lisonjeara uma vez, dirigiu-se à senhora Allen e à senhora Thorpe o mais rápido que pôde, na esperança de encontrá-lo ainda com elas – uma esperança que, quando se revelou infrutífera, deixou-a muito triste.

– Bem, minha querida, espero que tenha tido um parceiro agradável – disse a senhora Thorpe, impaciente por ouvir elogios ao filho.

– Muito agradável, senhora.

– Fico feliz por isso. John é encantador, não é?

– Você encontrou o senhor Tilney, minha querida? – perguntou a senhora Allen.

– Não, onde ele está?

– Ele estava conosco agora e disse que estava tão cansado de ficar parado que resolveu dançar. Então pensei que talvez tivesse sido com você, se o tivesse encontrado.

– Onde ele está? – perguntou Catherine, olhando em volta, mas não demorou muito para vê-lo levando uma jovem para o salão de baile.

– Ah! Ele tem uma parceira. Gostaria que tivesse ido dançar com você – falou a senhora Allen, e depois de um curto silêncio, acrescentou: – Ele é um jovem muito agradável.

– Ele de fato é, senhora Allen. Devo dizer, embora eu seja a mãe, que não há um jovem mais agradável no mundo – disse a senhora Thorpe, sorrindo complacentemente.

Essa resposta inapropriada pode ter sido demais para a compreensão de muitos, mas não confundiu a senhora Allen, pois depois de pensar por um momento, ela disse, num sussurro para Catherine:

– Atrevo-me a dizer que ela achou que eu estava falando do filho dela.

Catherine ficou desapontada e irritada. Ela parecia ter perdido por pouco o objeto que tinha em vista, e a percepção disso não a levou a uma resposta muito graciosa, quando John Thorpe se aproximou dela logo

depois e disse:

– Bem, senhorita Morland, suponho que devemos levantar e dançar um pouco.

– Ah não. Estou muito grata, mas nossas duas danças acabaram e, além disso, estou cansada e não quero mais dançar.

– Não quer? Então vamos dar uma volta e fazer piadas sobre as pessoas. Venha comigo e mostrarei os quatro maiores zombeteiros do salão, minhas duas irmãs mais novas e seus parceiros. Faz meia hora que estou rindo com eles.

Novamente Catherine se desculpou e, finalmente, ele saiu para rir sozinho das irmãs. O resto da noite foi muito sem graça para ela. Na hora do chá, o senhor Tilney afastou-se do grupo para se juntar ao de sua parceira. A senhorita Tilney não se sentou perto dela, e James e Isabella estavam tão empenhados em conversar que esta não pôde dedicar à amiga mais do que um sorriso, um abraço e um “querida Catherine”.



Capítulo 9

O progresso da infelicidade de Catherine, depois dos acontecimentos da noite, foi o seguinte. Apareceu primeiro uma insatisfação geral com todos, enquanto ela permaneceu nos salões, o que rapidamente levou a um cansaço considerável e a um desejo violento de ir para casa. Isso, ao chegar à rua Pulteney, transformou-se em uma fome extraordinária e, quando ela foi aplacada, em uma forte vontade de ir para a cama. Ela chegou a tal ponto extremo de angústia que, ao deitar-se, caiu em um sono profundo que durou nove horas, e do qual acordou perfeitamente revivida, de excelente humor, com novas esperanças e novos planos.

O maior desejo de seu coração era melhorar seu relacionamento com a senhorita Tilney, e procurá-la com esse propósito, ao meio-dia no Salão das Águas, foi sua primeira resolução. É no Salão das Águas que alguém recém-chegado a Bath pode ser encontrado. Naquele prédio, que já lhe fora tão favorável para a descoberta da excelência e o nascimento da intimidade feminina, tão admiravelmente adaptado para conversas secretas e confiança ilimitada, ela se sentia razoavelmente encorajada a conseguir outra amiga.

Com o plano para a manhã assim resolvido, ela se sentou calmamente com seu livro depois do café, resolvendo permanecer no mesmo lugar fazendo a mesma coisa até o relógio bater uma hora. Ela pouco se incomodava com as observações e os comentários da senhora Allen, cuja mente vazia e incapacidade para pensar eram tais que, embora não falasse muito, tampouco conseguia ficar completamente calada. Portanto, enquanto ela estava sentada costurando, se perdesse a agulha ou

arrebentasse a linha, se ouvisse uma carruagem na rua ou visse uma mancha em seu vestido, precisava fazer uma observação em voz alta, não importando se havia alguém para responder.

Por volta do meio-dia e meia, uma batida muito forte levou a senhora Allen a correr para a janela. Ela mal teve tempo de informar Catherine que havia duas carruagens abertas na porta, na primeira apenas um criado, na segunda seu irmão levando a senhorita Thorpe, antes que John Thorpe subisse correndo, gritando:

– Bem, senhorita Morland, aqui estou eu. Está esperando há muito tempo? Não pudemos vir antes, o velho diabo do cocheiro demorou uma eternidade para descobrir o problema na carruagem, e agora aposto dez mil contra um que ela vai quebrar antes de sairmos da rua. Como vai, senhora Allen? Um baile ótimo na noite passada, não foi? Venha, senhorita Morland, seja rápida, pois os outros estão com uma pressa tremenda para partir. Eles querem ir logo.

– Como assim? Para onde estão indo? – perguntou Catherine.

– Indo? Ora, a senhorita não esqueceu nosso compromisso! Não concordamos em dar um passeio esta manhã? Que cabeça a sua! Vamos para Claverton Down.

– Alguma coisa foi dita sobre isso, lembro. Mas realmente eu não estava esperando – disse Catherine, olhando para a senhora Allen em busca de sua opinião.

– Não me esperava! Essa é boa! E que escândalo teria feito, se eu não tivesse vindo.

O apelo silencioso de Catherine à da senhora Allen, enquanto isso, foi completamente ignorado, pois esta, não tendo o hábito de transmitir qualquer expressão pelo olhar, não entendia quando outra pessoa tentava se comunicar assim. E Catherine, cujo desejo de ver a senhorita Tilney novamente poderia naquele momento sofrer um pequeno atraso em favor de um passeio, e achava que não havia qualquer problema em ir com o senhor Thorpe, pois Isabella também ia com James, foi, portanto, obrigada a falar mais claramente.

– Bem, o que a senhora acha? Pode me dispensar por uma ou duas horas?

Devo ir?

– Faça o que quiser, minha querida – respondeu a senhora Allen, com a mais plácida indiferença.

Catherine aceitou o conselho e saiu correndo para se arrumar. Em poucos minutos ela reapareceu, mal permitido que os dois tivessem tempo suficiente para trocar algumas frases curtas elogiando-a, depois que Thorpe pediu a opinião da senhora Allen sobre sua carruagem. E após receber os votos de bom passeio da senhora Allen, os dois desceram as escadas correndo.

– Minha querida criatura – exclamou Isabella, a quem Catherine foi cumprimentar antes de entrar na carruagem –, você esteve se preparando há umas três horas pelo menos. Estava com medo que estivesse doente. Que baile delicioso tivemos ontem à noite. Tenho mil coisas para lhe dizer, mas vamos rápido e entre, porque quero muito partir.

Catherine obedeceu às suas ordens e se virou na direção do veículo de Thorpe, mas não sem antes ouvir a amiga exclamar em voz alta para James:

– Que menina doce ela é! Eu gosto muito dela.

– Não se assuste, senhorita Morland – disse Thorpe ao ajudá-la a subir na carruagem – se meu cavalo pular um pouco no começo. Ele provavelmente dará um ou dois saltos, e talvez descansará por um minuto, mas logo reconhecerá seu dono. Ele é muito espirituoso e brincalhão, mas não é maldoso.

Catherine não achava a descrição muito convidativa, mas era tarde demais para recuar e ela era jovem demais para se assustar. Assim, resignando-se a seu destino, e confiando no conhecimento do animal mostrado por seu dono, sentou-se em silêncio e viu Thorpe se sentar ao seu lado. Depois de tudo arranjado, o criado que estava à frente do cavalo recebeu a ordem com uma voz imponente de “pode soltar”, e lá foram eles, da maneira mais silenciosa que se possa imaginar, sem um mergulho, um salto ou algo parecido.

Encantada com uma saída tão feliz, Catherine demonstrou em voz alta seu prazer com tão grata surpresa. E seu companheiro logo explicou o

motivo, assegurando que era inteiramente por causa da maneira peculiarmente judiciosa com que ele tinha segurado as rédeas, e o singular discernimento e a destreza com que havia dirigido seu chicote. Catherine, embora não pudesse deixar de imaginar por que, com um comando tão perfeito de seu cavalo, ele achasse necessário alertá-la sobre seus truques, alegrou-se sinceramente por estar sob os cuidados de um cocheiro tão bom. E percebendo que o animal continuava da mesma maneira tranquila, sem mostrar a menor propensão para qualquer movimento desagradável, e considerando que seu ritmo era de dezoito quilômetros por hora, algo de modo algum rápido, entregou-se com prazer ao ar e ao exercício revigorante, naquele agradável dia de fevereiro, com a consciência de que estava segura. Um silêncio de vários minutos sucedeu seu primeiro diálogo curto. Ele foi quebrado por Thorpe dizendo, muito abruptamente:

– O velho Allen é tão rico quanto um judeu, não é? – Catherine não entendeu e ele repetiu a pergunta, acrescentando como explicação. – O velho Allen, o homem com quem a senhorita está hospedada.

– Oh! O senhor Allen, o senhor quer dizer. Sim, acredito que ele é muito rico.

– E não tem filhos?

– Não, nenhum.

– Uma coisa boa para seus próximos herdeiros. Ele é seu padrinho, não é?

– Meu padrinho! Não.

– Mas a senhorita está sempre com eles.

– Sim, estou.

– Sim, é isso que eu quis dizer. Ele parece ser um bom velho e viveu muito bem sua vida, ousou dizer. Ele não sofre de gota por acaso. Ele bebe uma garrafa por dia agora?

– Uma garrafa por dia! Não. Por que acha que faria uma coisa dessas? Ele é um homem muito moderado e o senhor não pode ter imaginado que ele bebeu ontem à noite.

– Que Deus a ajude. Vocês, mulheres, estão sempre pensando que os homens estão bêbados. Ora, a senhorita não acha que um homem é derrubado por uma garrafa, acha? Tenho certeza disso: se todos bebessem

uma garrafa por dia, não haveria metade dos distúrbios do mundo que existem hoje. Seria uma coisa boa para todos.

– Não acredito nisso.

– Oh! Senhor, seria a salvação de milhares. Não é consumido nem a centésima parte do vinho neste reino como deveria. Nosso clima nebuloso precisa de ajuda.

– E, no entanto, ouvi dizer que bebe-se muito vinho em Oxford.

– Oxford! Não há bebida em Oxford agora, eu asseguro. Ninguém bebe lá. A senhorita dificilmente encontrará um homem que beba mais de dois litros. Agora, por exemplo, foi considerado uma coisa notável, na última festa em meu dormitório, que tivéssemos bebido cerca de dois litros e meio por cabeça. Foi encarado como algo fora do comum. Foi algo famoso, com certeza. Não se encontra com frequência nada parecido em Oxford, e isso diz muito. Mas pode dar uma noção geral do consumo por lá.

– Sim, dá uma noção – disse Catherine calorosamente – e é que todos bebem muito mais vinho do que eu pensava. No entanto, tenho certeza de que James não bebe tanto.

Esta declaração trouxe uma resposta ruidosa e confusa, da qual nenhuma parte era muito distinta, exceto as frequentes exclamações, quase juras, que a adornavam, e Catherine ficou, quando acabou, com uma forte crença de que muito vinho era bebido em Oxford, e a mesma feliz convicção da relativa sobriedade de seu irmão.

A atenção de Thorpe, então, passou para os méritos de sua própria carruagem, e Catherine foi convidada a admirar o espírito e a liberdade com que o cavalo se movia, e a facilidade com que seus passos, assim como a excelência das molas, refletiam no movimento da carruagem. Ela acompanhou a admiração dele o melhor que pôde. Era impossível fazer mais do que isso. O conhecimento dele e a ignorância dela sobre o assunto, a rapidez de expressão dele e a falta de confiança dela a impediam. Catherine não conseguia descobrir nenhum novo elogio, mas prontamente repetia o que ele afirmava, e foi finalmente resolvido entre eles sem qualquer dificuldade que a carruagem de Thorpe era a mais completa do

tipo na Inglaterra, o interior era o mais limpo, seu cavalo, o mais forte, e ele próprio, o melhor cocheiro.

– Não acha realmente, senhor Thorpe – disse Catherine então, aventurando-se depois de algum tempo a considerar o assunto inteiramente decidido, e oferecer alguma pequena variação sobre o assunto –, que a carruagem de James vai quebrar?

– Quebrar! Oh, céus! Já viu uma coisa balançando tanto em sua vida? Não há um pedaço de ferro bom nela. As rodas estão desgastadas há pelo menos dez anos. E quanto à carroceria! Sobre a minha alma, dá para desmontá-la com um toque. É o pior negócio diabólico que já vi! Graças a Deus, temos uma melhor. Eu não andaria três quilômetros nela nem por 50 mil libras.

– Bom Deus! – exclamou Catherine, bastante assustada. – Então, é melhor voltar. Eles certamente sofrerão um acidente se continuarmos. Vamos voltar, senhor Thorpe. Pare e fale com meu irmão, e diga a ele que é muito inseguro.

– Inseguro! Oh, Senhor! O que é isso? Eles só vão rolar um pouco se quebrarem e há muita lama. Será uma excelente queda. Ah, maldição! A carruagem é bastante segura, se um homem souber conduzi-la. Uma coisa desse tipo em boas mãos durará mais de vinte anos, mesmo bastante desgastada. Deus a abençoe! Por cinco libras eu iria com ela até York e voltaria, sem perder um prego.

Catherine ouviu com espanto. Ela não sabia como conciliar dois relatos tão diferentes sobre a mesma coisa, pois não tinha sido criada para entender essas idas e vindas, nem para saber a quantas afirmações vazias e falsidades impudicas o excesso de vaidade poderia levar. Sua própria família era formada por pessoas simples e práticas que raramente tinham como objetivo qualquer tipo de esperteza. Seu pai, no máximo, se contentava com um trocadilho, e sua mãe, com um provérbio. Não tinham, portanto, o hábito de contar mentiras para aumentar a própria importância, ou de afirmar em um momento o que iriam contradizer no seguinte.

Ela refletiu sobre o caso por algum tempo com muita perplexidade, e mais de uma vez esteve a ponto de pedir ao senhor Thorpe sua opinião real

sobre o assunto, mas se conteve, porque achou que ele não tinha intenção de prestar mais esclarecimentos, de simplificar as coisas que antes tinha deixado ambíguas. E, juntando-se a isso a consideração de que não ele deixaria realmente que a irmã e o amigo fossem expostos a um perigo do qual pudessem ser facilmente preservados, ela concluiu finalmente que ele deveria saber que a carruagem era de fato perfeitamente segura e, portanto, não iria mais ficar alarmada. Todo o assunto parecia inteiramente esquecido pelo senhor Thorpe, e todo o resto de sua conversa, ou melhor, de sua verborragia, começava e terminava com ele e suas próprias preocupações. Falou sobre cavalos que tinha comprado por muito pouco e vendido por quantias incríveis. Sobre a corrida em que seu julgamento tinha infalivelmente previsto o vencedor, caçadas nas quais tinha matado mais pássaros (embora sem atirar bem) do que todos os seus companheiros juntos. E descreveu para Catherine um pouco de um dia lendário com os cães de caça, quando sua capacidade de previsão e sua habilidade em dirigir os cães consertaram os erros dos caçadores mais experientes, no qual sua ousadia ao cavalgar, embora nunca tivesse posto em perigo a própria vida nem por um momento, havia evitado as dificuldades dos outros, e ele calmamente concluiu que muitos teriam quebrado o pescoço se não fosse por ele.

Por mais que Catherine não tivesse o hábito de julgar por si mesma, e sem se importar com suas noções gerais de como deviam ser os homens, ela não podia reprimir completamente uma dúvida, enquanto suportava as efusões da falação infundável dele, se o rapaz era uma pessoa agradável. Era uma suposição ousada, pois ele era irmão de Isabella e tinha sido garantido por James que os modos do amigo o recomendariam ao sexo oposto, mas, apesar disso, o extremo cansaço causado por sua companhia, sensação que havia se apoderado dela antes de passada uma hora, e que continuou a aumentar até que pararam de novo na rua Pulteney, induziu-a, em pequeno grau, a resistir a tal alta autoridade, e desconfiar da capacidade dele de proporcionar grande prazer.

Quando chegaram à porta da senhora Allen, o espanto de Isabella dificilmente poderia ser expresso, ao descobrir que era tarde demais para

eles irem à casa de sua amiga:

– Já passou das três horas!

Era inconcebível, incrível, impossível! E ela não acreditava em seu próprio relógio, nem no de seu irmão, nem no de seu servo. Ela não acreditava em nenhuma garantia fundada na razão ou na realidade, até que Morland mostrou seu relógio e confirmou o fato. Ter duvidado mais um momento teria sido igualmente inconcebível, incrível e impossível. E ela só podia protestar, repetidas vezes, que essas duas horas e meia nunca tinham passado tão depressa, e Catherine foi chamada para confirmar. Ela não sabia mentir nem mesmo para agradar Isabella, mas esta foi poupada da tristeza da voz dissonante de sua amiga, pois não esperou por sua resposta. Estava totalmente absorvida por seus próprios sentimentos. Sua infelicidade era mais aguda ao se ver obrigada a ir diretamente para casa. Tinham se passado séculos desde que teve um momento para conversar com sua querida Catherine e, embora tivesse milhares de coisas para dizer a ela, parecia que nunca mais voltariam a ficar juntas. Assim, com sorrisos de desalento e um olhar risonho que sinalizava desânimo absoluto, deu adeus à amiga e prosseguiu.

Catherine descobriu que a senhora Allen tinha acabado de voltar de toda a ociosidade da manhã, e foi imediatamente recebida com um cumprimento:

– Bem, minha querida, aqui está você – uma verdade que ela não tinha nem vontade nem forças para responder. – E espero que tenha se divertido.

– Sim, senhora, obrigada. Não poderíamos ter tido um dia melhor.

– Foi o que a senhora Thorpe disse. Você a deixou muito satisfeita.

– A senhora encontrou-se com ela, então?

– Sim, fui até o Salão das Águas assim que você saiu, e lá eu a encontrei e conversamos bastante. Ela diz que quase não havia carne de vitelo no mercado hoje de manhã, é tão raro.

– A senhora viu alguém mais dos nossos conhecidos?

– Sim. Concordamos em dar uma volta no Crescent, e lá encontramos a senhora Hughes e o senhor e a senhorita Tilney caminhando com ela.

– É mesmo? E eles falaram com a senhora?

– Sim, caminhamos pelo Crescent juntos por meia hora. Eles parecem pessoas muito agradáveis. A senhorita Tilney estava com uma musselina muito bonita e imagino, pelo que vi, que sempre se veste muito bem. A senhora Hughes falou muito sobre a família.

– E o que disse sobre eles?

– Oh! Muitas coisas, de fato, ela quase não falou de mais nada.

– Ela contou de que parte de Gloucestershire eles são?

– Contou, sim, mas não me lembro agora. Mas são pessoas muito boas e muito ricas. O nome de solteira da senhora Tilney era Drummond, e ela e a senhora Hughes eram colegas de escola. Tinha uma fortuna muito grande, assim, quando se casou, o pai lhe deu vinte mil libras, mais quinhentas para comprar roupas de casamento. A senhora Hughes viu todas as roupas quando chegaram da loja.

– E o senhor e a senhora Tilney estão em Bath?

– Sim, imagino que estejam, mas não tenho certeza. Pensando melhor, no entanto, acho que ambos estão mortos. Pelo menos a mãe está. Sim, tenho certeza de que a senhora Tilney está morta, porque a senhora Hughes me disse que havia um belo colar de pérolas que o senhor Drummond tinha dado à filha no dia do casamento, e que agora é da senhorita Tilney, pois foi herdado por ela quando a mãe morreu.

– E o senhor Tilney, meu parceiro, é filho único?

– Não sei isso, minha querida. Acho que é, no entanto é um jovem muito bom, diz a senhora Hughes, e provavelmente vai se sair muito bem.

Catherine não perguntou mais nada. Tinha ouvido o suficiente para sentir que a senhora Allen não tinha mais informações para dar, e que tinha sido muito infeliz perder esse encontro com o irmão e a irmã. Se tivesse previsto tal circunstância, nada iria persuadi-la a sair com os outros. Mas agora ela só podia lamentar sua má sorte, e pensar no que havia perdido, até que ficou claro que o passeio não tinha sido muito agradável, e que o próprio John Thorpe era bastante desagradável.



Capítulo 10

Os Allen, os Thorpe e os Morland se encontraram à noite no teatro e, como Catherine e Isabella se sentaram juntas, houve então uma oportunidade para que esta última contasse algumas das muitas milhares de coisas que esteve guardando para dizer durante o tempo imensurável em que tinham ficado separadas.

– Céus! Minha amada Catherine, finalmente nos encontramos – foi o que falou quando Catherine entrou no camarote e se sentou ao lado dela. – Agora, senhor Morland – pois ele estava perto dela do outro lado –, não vou falar outra palavra com o senhor o resto da noite. Então ordeno que não espere por isso. Minha querida Catherine, como esteve durante todo esse tempo? Mas não preciso perguntar, pois você tem uma aparência maravilhosa. Realmente penteou seu cabelo em um estilo mais celestial do que nunca. Sua criatura travessa, quer atrair todo mundo? Garanto que meu irmão já está apaixonado por você. E quanto ao senhor Tilney, é uma coisa resolvida. Até mesmo sua modéstia não pode duvidar da atração dele agora. A volta dele para Bath torna isso muito claro. Oh! O que eu não daria para vê-lo! Realmente estou ardendo de impaciência. Minha mãe diz que é o jovem mais encantador do mundo. Ela o viu esta manhã, você sabe. Tem que me apresentar a ele. Está no teatro agora? Procure por ele, pelo amor de Deus! Garanto que preciso vê-lo para continuar respirando.

– Não – disse Catherine –, ele não está aqui. Não consigo vê-lo em lugar algum.

– Que horror! Nunca vou conhecê-lo? Você gosta do meu vestido? Acho que não está mal. Eu mesma criei as mangas. Sabe, eu fico tão

excessivamente cansada de Bath. Eu e seu irmão estávamos concordando esta manhã que, embora seja muito bom ficar aqui por algumas semanas, não viveríamos aqui nem que nos dessem milhões. Logo descobrimos que nossos gostos eram exatamente iguais, pois preferimos o campo a qualquer outro lugar. Realmente, nossas opiniões eram exatamente as mesmas, era ridículo! Não discordávamos em nenhum ponto. Se você estivesse conosco. Você é uma menina tão astuta, tenho certeza de que teria feito alguma observação engraçada sobre isso.

– Não, na verdade, eu não teria.

– Oh, teria sim. Eu a conheço melhor do que você mesma. Você teria nos dito que parecíamos nascidos um para o outro, ou algum absurdo desse tipo, o que teria me angustiado muito. Minhas bochechas teriam ficado tão vermelhas quanto suas rosas. Ainda bem que não estava conosco.

– De fato você me trata com injustiça. Eu não teria feito uma observação tão imprópria sobre isso e, ademais, tenho certeza de que algo assim nunca teria passado pela minha cabeça.

Isabella sorriu incrédula e conversou o resto da noite com James.

A resolução de Catherine de tentar encontrar a senhorita Tilney continuou em pleno vigor na manhã seguinte, e até a hora habitual de ir ao Salão das Águas, ela sentiu um pouco de medo de que algo novamente a atrapalhasse. Mas nada disso ocorreu, não apareceu nenhum visitante para atrasá-los, e ela e os Allen partiram a tempo para o Salão das Águas, onde os acontecimentos e a conversa ocorriam como sempre.

O senhor Allen, depois de beber seu copo de água medicinal, juntou-se a alguns cavalheiros para conversar sobre a política do dia e comparar os relatos de seus jornais, e as senhoras caminharam juntas, observando cada novo rosto e quase todos os novos chapéus na sala. As mulheres da família Thorpe, acompanhada por James Morland, apareceram entre a multidão em menos de quinze minutos, e Catherine imediatamente tomou seu lugar de sempre ao lado da amiga. James, que agora era uma presença constante, fez o mesmo, e separando-se do resto do grupo, eles andaram dessa maneira por algum tempo, até que Catherine começou a se cansar de uma situação na qual, mesmo muito perto de sua amiga e de seu irmão, recebia

uma pequena parcela da atenção deles.

Os dois estavam sempre envolvidos em alguma discussão sentimental ou em disputas acaloradas, mas seus sentimentos eram transmitidos em vozes tão sussurrantes, e sua vivacidade acompanhava tanta risada que, embora a opinião de Catherine fosse sempre solicitada por um ou por outro, ela nunca era capaz de dar alguma, por não ter ouvido uma palavra do assunto.

Por fim conseguiu se desvincular de sua amiga, pela necessidade já confessada de falar com a senhorita Tilney, a quem viu entrando na sala com a senhora Hughes, e com quem se juntou imediatamente, com a firme determinação em conhecê-la melhor principalmente pela lembrança da decepção do dia anterior. A senhorita Tilney a recebeu com muito carinho, respondeu a suas perguntas com igual boa vontade, e continuaram conversando enquanto os dois grupos permaneciam no salão. E embora, com toda a probabilidade, todas as observações e expressões usadas pelas duas já tivessem sido empregada milhares de vezes antes, sob aquele mesmo teto, em todas as temporadas de Bath, o mérito de serem ditas com simplicidade e verdade e sem vaidade pode ter sido algo incomum.

– Como o seu irmão dança bem! – foi uma exclamação ingênua de Catherine no final da conversa, que de imediato surpreendeu e divertiu sua companheira.

– Henry! Sim, ele dança muito bem – ela respondeu com um sorriso.

– Ele deve ter achado muito estranho me ouvir dizendo que já tinha parceiro na outra noite, quando me viu sentada. Mas eu realmente já tinha me comprometido com o senhor Thorpe.

A senhorita Tilney só pôde concordar.

– Você não imagina como fiquei surpresa ao vê-lo novamente. Eu tinha certeza de que ele tinha ido embora – acrescentou Catherine após um momento de silêncio.

– Quando Henry teve o prazer de vê-la antes, estava em Bath apenas por alguns dias. Ele veio apenas para conseguir alojamento para nós.

– Isso nunca me ocorreu e, claro, ao não vê-lo em nenhum lugar, achei que tinha partido. A jovem com quem ele dançou na segunda--feira não se chama senhorita Smith?

– Sim, uma conhecida da senhora Hughes.
– Ouso dizer que ela estava muito feliz em dançar. Você acha que ela é bonita?

– Não muito.

– Ele nunca vem para o Salão das Águas, suponho?

– Sim, às vezes. Mas foi cavalgar com meu pai esta manhã.

A senhora Hughes juntou-se a elas e perguntou à senhorita Tilney se estava pronta para ir.

– Espero ter o prazer de vê-la novamente em breve – disse Catherine. – Vai estar no baile amanhã?

– Talvez nós... Sim, acho que certamente iremos.

– Fico feliz por isso, pois todos estaremos lá.

Essa gentileza foi devidamente retribuída e elas se separaram, do lado da senhorita Tilney, com algum conhecimento dos sentimentos de sua nova conhecida, e de Catherine, sem a menor consciência de tê-los mostrado.

Ela foi para casa muito feliz. A manhã correspondera a todas as suas esperanças e a noite do dia seguinte era agora objeto de expectativa, a alegria futura. Que vestido e que chapéu deveria usar na ocasião tornou-se sua principal preocupação. Ela não pode ser absolvida neste ponto. A toalete é, em todos os momentos, uma ocupação frívola, e uma excessiva preocupação com ela muitas vezes destrói o objetivo desejado. Catherine sabia muito bem disso. Sua tia-avó tinha dado um sermão sobre o assunto justo no Natal anterior e, no entanto, ela ficou deitada acordada durante dez minutos na quarta-feira à noite, debatendo-se entre a musselina de bolinhas ou o bordado, e nada além do pouco tempo a impediu de comprar um novo vestido para a noite. Isso teria sido um erro de julgamento, grande, embora não incomum, do qual alguém do outro sexo, em vez do dela, um irmão, em vez de uma tia mais velha, poderia tê-la alertado, pois só um homem pode estar ciente da insensibilidade de outro homem para um vestido novo. Seria terrível para os sentimentos de muitas mulheres, se elas pudessem entender como o coração do homem é pouco afetado pelo que é caro ou novo nas roupas delas. Como influencia pouco a textura de sua musselina, e como dedicam pouca ternura pelo estampado, o enfeitado

com ramos, a musselina ou o algodão. A mulher deve ela mesma ficar satisfeita. Nenhum homem a admirará mais, nenhuma mulher vai gostar dela por isso. O asseio e a moda são suficientes para o primeiro, e um pouco de desmazelo ou impropriedade será mais cativante para o segundo. Mas nenhuma dessas graves reflexões incomodou a tranquilidade de Catherine.

Ela entrou nos salões na noite de quinta-feira com sentimentos muito diferentes do que havia sentido ali na segunda-feira anterior. Naquele momento, estava exultante com seu compromisso com Thorpe, e agora estava principalmente ansiosa para evitar se encontrar com ele, para que não voltasse a convidá-la. Pois, embora não devesse e não ousasse, esperava que o senhor Tilney a convidasse uma terceira vez para dançar. Seus desejos, esperanças e planos, tudo estava centrado nisso. Toda jovem sabe o que sentia minha heroína neste momento crítico, pois toda jovem, em algum momento, já conheceu a mesma agitação. Todas estiveram, ou pelo menos acreditaram estar, expostas ao perigo de ser encontradas por alguém que desejavam evitar. E todas ficaram ansiosas pelas atenções de alguém a quem desejavam agradecer.

Assim que se juntaram aos Thorpe, a agonia de Catherine começou. Ela se inquietava se John Thorpe se aproximava dela, se escondia o máximo possível da visão dele, e quando o jovem falou com ela, fingiu não ouvi-lo. Os cotilhões tinham acabado, começara a contradança, e ela não encontrava os Tilney.

– Não se assuste, minha querida Catherine – sussurrou Isabella –, mas eu realmente vou dançar com seu irmão novamente. Declaro positivamente que é bastante chocante. Digo que ele deveria ter vergonha de si mesmo, mas você e John devem nos acompanhar. Apresse-se, minha querida, e venha até nós. John acabou de sair, mas ele estará de volta em breve.

Catherine não teve nem tempo nem vontade para responder. Os outros se afastaram, John Thorpe ainda estava à vista, e ela perdeu as esperanças. Para que não parecesse, no entanto, que o observava ou esperava, ela manteve os olhos fixos em seu leque. Uma autocondenação por sua loucura, por supor que, entre tal multidão, iriam se encontrar com os

Tilney a qualquer momento, tinha acabado de passar por sua mente, quando de repente se viu abordada e novamente convidada a dançar pelo próprio senhor Tilney.

Com que olhos cintilantes e pronto movimento ela concedeu o pedido dele, e com que agradável coração palpitante foi com ele para o salão, pode ser facilmente imaginado. Ter escapado, como ela acreditava, por tão pouco de John Thorpe, e ser convidada, assim que ele chegou, pelo senhor Tilney, como se a estivesse procurando para isso! Não parecia que a vida pudesse fornecer maior felicidade.

No entanto, mal conseguiram alcançar um lugar quando sua atenção foi reclamada por John Thorpe, que estava de pé atrás dela.

– Olá, senhorita Morland! Qual é o significado disso? Pensei que íamos dançar – disse ele.

– Estranho que pensasse isso, porque nunca me convidou.

– Essa é boa, por Deus! Eu a convidei assim que cheguei no salão e ia convidar de novo, mas quando me virei, a senhorita havia desaparecido! Que truque maldito! Eu só vim para dançar com a senhorita, e acredito firmemente que estava comprometida comigo desde a segunda-feira. Sim. Eu me lembro, convidei-a enquanto estava esperando no lobby pelo seu casaco. E aqui estava dizendo a todos os meus conhecidos que iria dançar com a garota mais bonita do salão e quando a virem com outra pessoa, eles certamente me perguntarão.

– Ah não. Eles nunca vão pensar em mim, depois de uma descrição como essa.

– Pelos céus, se não fizerem isso, vou expulsá-los do salão por serem estúpidos. Quem é esse que está com a senhorita?

Catherine satisfez a curiosidade dele.

– Tilney – ele repetiu. – Hum, eu não o conheço. Uma boa figura de homem, bem composto. Ele quer um cavalo? Aqui está um amigo meu, Sam Fletcher, que tem um para vender que serviria para qualquer um. Um animal muito inteligente para a estrada – apenas 40 guinéus. Eu tinha pensado em comprá-lo para mim, pois é uma das minhas máximas sempre comprar um bom cavalo quando me encontro com um, mas não serviria ao

meu propósito, não serviria para o campo. Eu daria qualquer quantia por um bom cavalo de caça. Tenho três agora, os melhores que já nasceram. Eu não aceitaria nem 800 guinéus por eles. Fletcher e eu pretendemos conseguir uma casa em Leicestershire, na próxima temporada. É tão desagradável viver em uma pousada.

Esta foi a última frase com a qual ele conseguiu cansar a atenção de Catherine, pois foi levado pela pressão irresistível de uma longa fila de mulheres que passavam. Tilney então se aproximou e disse:

– Aquele cavalheiro teria me deixado sem paciência, se tivesse ficado com a senhorita meio minuto a mais. Ele não tem motivos para distrair a atenção de minha parceira de mim. Entramos em um contrato de amenidade mútua pelo espaço de uma noite, e toda a nossa amenidade pertence unicamente um ao outro naquele tempo. Ninguém pode querer roubar a atenção de um sem ferir os direitos do outro. Eu considero a dança como um emblema do casamento. Fidelidade e complacência são os principais deveres de ambos e aqueles homens que preferem não dançar ou não se casar, não devem se meter com as parceiras ou esposas de seus vizinhos.

– Mas são coisas muito diferentes!

– A senhorita acha que não podem ser comparadas.

– Claro que não. As pessoas que casam nunca podem se separar, devem viver juntas. As pessoas que dançam só ficam em frente uma da outra em um longo salão por meia hora.

– E essa é a sua definição de matrimônio e dança. Superficialmente, claro, a semelhança deles não é impressionante, mas acho que poderia colocá-los dessa maneira. A senhorita deve concordar que, em ambos, o homem tem a vantagem da escolha; a mulher, apenas o poder da recusa. Que, em ambos, é um compromisso entre homem e mulher, formado para o benefício dos dois e que, quando concordam, pertencem exclusivamente um ao outro até o momento de sua dissolução. Que cada um tem o dever de se esforçar para não dar ao outro nenhum motivo para desejar que ele ou ela estivesse em outro lugar. E está entre os interesses deles evitar que a própria imaginação dos dois comece a vagar nas perfeições de seus

vizinhos ou imaginar que poderiam estar melhor com outra pessoa. A senhorita concorda com tudo isso?

– Sim, com certeza, como o senhor afirma, tudo isso soa muito bem, mas ainda assim são muito diferentes. Não posso olhar para eles com a mesma importância, nem pensar que devem gerar os mesmos deveres.

– Em um aspecto, certamente há uma diferença. No casamento, o homem deve sustentar a mulher, esta deve tornar a casa agradável ao homem. Ele deve prover e ela, sorrir. Mas na dança, seus deveres são exatamente os opostos. A afabilidade e a conformidade é esperada dele, enquanto ela fornece o leque e a água de lavanda. Isso, eu suponho, foi a diferença que a confundiu, tornando impossível comparar as condições.

– Não, na verdade, nunca pensei nisso.

– Então estou completamente perdido. Uma coisa, no entanto, devo observar. Essa disposição do seu lado é bastante alarmante. A senhorita desaprova totalmente qualquer semelhança nas obrigações e não posso inferir daí que suas noções sobre os deveres da dança não são tão rígidas quanto seu parceiro poderia desejar? Tenho razões para temer que, se o cavalheiro que falou com a senhorita agora voltasse, ou se algum outro cavalheiro se dirigisse à senhorita, não haveria nada que a impedisse de conversar com ele durante o tempo que quisesse?

– O senhor Thorpe é um amigo muito íntimo do meu irmão e, se falar comigo, devo responder, mas não conheço mais do que três cavalheiros no salão.

– E essa é minha única segurança? Ai de mim!

– Tenho certeza de que o senhor não pode ter outra melhor, porque, se não conheço ninguém, é impossível falar com eles, e, além disso, não quero falar com ninguém.

– Agora a senhorita me deu uma segurança que vale a pena ter, e continuarei com coragem. Acha Bath tão agradável quanto quando tive a honra de fazer a pergunta antes?

– Sim, bastante, mais ainda.

– Mais ainda! Tome cuidado, ou vai esquecer de estar cansada dela no momento adequado. Deveria estar cansada ao final de seis semanas.

– Não acho que ficaria cansada nem se ficasse aqui por seis meses.

– Bath, comparada com Londres, tem pouca variedade, e todo mundo descobre isso todo ano. “Por seis semanas, concordo que Bath é bastante agradável, mas além disso, é o lugar mais cansativo do mundo.” A senhorita ouvirá isso das pessoas mais diferentes, que vêm regularmente todos os invernos, prolongam suas seis semanas para 10 ou 12 e vão embora porque não podem arcar com os custos de ficar mais.

– Bem, outras pessoas devem julgar por si mesmas, e aqueles que vão a Londres podem não pensar em Bath. Mas eu, que moro num pequeno vilarejo afastado no campo, não acho esse lugar mais cansativo do que meu próprio lar. Pois aqui há uma variedade de diversões, uma variedade de coisas para serem vistas e feitas o dia todo que não existem lá.

– A senhorita não gosta do campo.

– Gosto, sim. Sempre vivi lá e sempre fui muito feliz. Mas certamente a vida no campo é muito mais monótona do que a vida em Bath. Um dia no campo é exatamente igual ao outro.

– Mas então a senhorita gasta seu tempo muito mais racionalmente no campo.

– É mesmo?

– Acha que não?

– Não acredito que haja muita diferença.

– Aqui a senhorita está em busca apenas de diversão o dia todo.

– E também em casa, só que não encontro muita. Eu ando por aqui e faço o mesmo lá, mas aqui vejo uma variedade de pessoas em todas as ruas, e lá só posso falar com a senhora Allen.

O senhor Tilney ficou muito espantado.

– Só falar com a senhora Allen! – repetiu ele. – Que quadro de pobreza intelectual! No entanto, quando a senhorita afundar neste abismo novamente, terá mais a dizer. Poderá conversar sobre Bath e de tudo o que fez aqui.

– Oh! Sim. Nunca mais faltará algo para falar novamente com a senhora Allen, ou qualquer outra pessoa. Realmente acredito que falarei sempre de Bath, quando voltar para casa – gosto muito disso. Se pudesse ter papai e

mamãe e o resto da família aqui, acho que ficaria muito feliz! A chegada do James, meu irmão mais velho, foi bastante agradável, especialmente porque a própria família com quem estamos tão íntimos já eram amigos dele. Oh! Quem pode se cansar de Bath?

– Não aqueles com sentimentos tão frescos de todos os tipos como os seus. Mas a maioria dos frequentadores de Bath já perdeu o interesse em pais, mães, irmãos e amigos íntimos e o prazer sincero com bailes, peças teatrais e encontros diários já terminou para eles.

Neste momento a conversa se encerrou, as exigências da dança tinham se tornado muito inoportunas para uma atenção dividida.

Logo depois de chegarem ao fim da dança, Catherine percebeu que era muito admirada por um cavalheiro que estava entre os espectadores, imediatamente atrás de seu parceiro. Era um homem muito bonito, de aspecto imponente, mais velho, mas não distante do vigor da vida. E com os olhos ainda voltados para ela, viu como se dirigia ao senhor Tilney num sussurro familiar. Confusa pela atenção, e corando pelo medo de ter sido provocada por algo errado em sua aparência, ela olhou para o outro lado. Mas quando fez isso, o cavalheiro recuou e seu parceiro, aproximando-se, disse:

– Vejo que adivinhou o que acabam de me perguntar. Aquele cavalheiro sabe o seu nome e a senhorita tem o direito de conhecer o dele. É o general Tilney, meu pai.

A resposta de Catarina foi apenas um “Oh!” – mas era um “Oh!” que expressava o necessário: atenção às palavras dele e confiança perfeita em sua verdade. Com interesse genuíno e forte admiração, seus olhos agora seguiram o general, enquanto ele se movia no meio da multidão. E ela pensou em segredo: “Que bela família eles formam!”.

Conversar com a senhorita Tilney antes do final da noite foi uma nova fonte de felicidade para ela. Ela nunca havia feito uma caminhada pelo campo desde a sua chegada a Bath. A senhorita Tilney, que conhecia todos os arredores comumente frequentados, falava deles em termos que davam muita vontade de conhecê-los também. E quando disse que temia não encontrar ninguém para acompanhá-la, foi proposto pelo irmão e pela irmã

que fossem caminhar juntos, uma manhã ou outra.

– Eu gostaria mais de qualquer coisa no mundo. E não adiemos, vamos amanhã! – ela exclamou.

Isso foi prontamente aceito, com apenas uma ressalva da senhorita Tilney, caso estivesse chovendo, mas Catherine tinha certeza de que não estaria. Ao meio-dia, eles a pegariam na rua Pulteney, e ela se despediu de sua nova amiga dizendo: “Lembre-se, meio-dia”.

Sua outra amiga, a mais antiga e mais estabelecida, Isabella, de cuja fidelidade e valor ela tinha desfrutado por quinze dias, quase não foi vista durante a noite. No entanto, embora ansiosa por contar sua felicidade, ela alegremente se submeteu ao desejo do senhor Allen, que queria ir embora bastante cedo, e seu espírito dançou dentro dela, enquanto balançava em seu assento todo o caminho para casa.



Capítulo 11

O dia seguinte trouxe uma manhã de aparência muito sóbria, com o sol fazendo apenas alguns esforços para aparecer, e Catherine teve o pressentimento de que isso era favorável a seus desejos. Uma manhã clara tão cedo no ano, ela pensou, geralmente se transformaria em chuva, mas uma nebulosa anunciava uma melhora à medida que o dia avançava. Ela pediu que o senhor Allen confirmasse suas esperanças, mas este, sem ter seu próprio céu e nem barômetro, recusou-se a dar qualquer promessa absoluta de sol. Ela recorreu à senhora Allen e a opinião desta foi mais positiva. Ela não tinha nenhuma dúvida no mundo de que seria um dia muito bom, se as nuvens fossem embora e o sol pudesse sair.

Por volta das onze horas, no entanto, algumas pequenas gotas de chuva nas janelas chamaram a atenção de Catherine.

– Oh! Acredito que vai chover – disse ela desanimada.

– Eu acho que vai – disse a senhora Allen.

– Nada de caminhada para mim hoje. Mas talvez não dê em nada ou pare antes do meio-dia – suspirou Catherine.

– Talvez, mas então, minha querida, vai ficar muito enlameado.

– Oh! Isso não será um problema. Eu nunca me importo com a lama.

– Não – respondeu a senhora Allen muito placidamente. – Eu sei que você nunca se importa com a lama.

Depois de uma curta pausa:

– Está caindo cada vez mais forte! – disse Catherine, olhando pela janela.

– Está mesmo. Se continuar chovendo, as ruas ficarão muito molhadas.

– Há quatro guarda-chuvas já. Como eu odeio a visão de um guarda-

chuva!

– São coisas desagradáveis para carregar. Preferiria andar de liteira.

– Estava uma manhã tão bonita! Eu estava tão convencida de que ficaria seco!

– Qualquer um teria pensado assim. Haverá poucas pessoas no Salão das Águas, se chover toda a manhã. Espero que o senhor Allen vista o sobretudo quando for, mas ousou dizer que não vai, pois prefere fazer qualquer outra coisa no mundo a sair com um sobretudo. Eu me pergunto por que não gosta, deve ser tão confortável.

A chuva continuou, rápida, embora não muito forte. Catherine ia a cada cinco minutos até o relógio, ameaçando a cada retorno que, se ainda continuasse chovendo mais cinco minutos, perderia as esperanças no assunto. O relógio bateu meio-dia e ainda chovia.

– Você não poderá ir, minha querida.

– Ainda não estou desesperada. Não vou desistir até meio-dia e quinze. Esta é justamente a hora do dia em que começa a ficar mais claro e acho que o tempo parece um pouco melhor. Pronto, é meio-dia e vinte, agora vou desistir inteiramente. Oh! Se tivéssemos o tempo aqui como em *Udolpho*, ou pelo menos na Toscana e no sul da França! A noite em que a pobre St. Aubin morreu! Aquele clima maravilhoso!

Ao meio-dia e meia, quando a ansiosa atenção de Catherine pelo tempo desapareceu e ela não podia mais afirmar que iria melhorar, o céu começou a clarear voluntariamente. Um brilho de sol a pegou de surpresa. Ela olhou em volta, as nuvens se separaram e ela imediatamente voltou para a janela para vigiar e encorajar a feliz aparição. Dez minutos mais garantiram que seria uma tarde brilhante e justificavam a opinião da senhora Allen, que “sempre achou que o tempo iria limpar”, mas se Catherine ainda poderia esperar seus amigos, se não tinha chovido muito para a senhorita Tilney se aventurar a sair, ainda era um mistério.

Estava muito enlameado para a senhora Allen acompanhar o marido ao Salão das Águas. Assim, ele partiu sozinho, e Catherine ainda o observava pela rua quando notou a aproximação das mesmas duas carruagens abertas, contendo as mesmas três pessoas que a surpreenderam tanto algumas

manhãs antes.

– Isabella, meu irmão e o senhor Thorpe! Talvez estejam vindo me buscar, mas eu não vou, não posso ir, pois sabe, a senhorita Tilney ainda pode vir.

A senhora Allen concordou. John Thorpe logo estava com elas e sua voz chegou antes, pois nas escadas ele dizia para a senhorita Morland descer rápido.

– Apresse-se! Apresse-se! – gritou ao abrir a porta. – Coloque seu chapéu neste momento. Não há tempo a perder. Estamos indo para Bristol. Como vai, senhora Allen?

– Para Bristol! Não é muito longe? Mas, de qualquer modo, não posso ir com vocês hoje, porque tenho um compromisso. Espero alguns amigos a qualquer momento.

Isso foi, evidentemente, veementemente recusado como motivo para a recusa. A senhora Allen foi chamada para apoiá-lo e os outros dois entraram para ajudar.

– Minha querida Catherine, não é ótimo? Vamos dar um passeio celestial. Você deve agradecer a seu irmão e a mim pela decisão, pensamos nisso na hora do café da manhã, eu realmente aceitei no mesmo instante e deveríamos ter saído há duas horas, se não fosse por essa chuva detestável. Mas isso não atrapalha, pois temos a luz da lua à noite e será muito lindo. Oh! Estou em êxtase pensando em um pouco de ar do campo e na quietude! Muito melhor do que ir para os Salões Inferiores. Vamos diretamente para Clifton e jantar lá, e assim que acabarmos, se houver tempo, continuamos para Kingsweston.

– Duvido que possamos fazer tanto – disse James.

– Vire a boca para outro lado! – exclamou Thorpe. – Poderemos fazer dez vezes mais. Kingsweston! Sim, e o Castelo de Blaize também, e qualquer outra coisa que quisermos conhecer, mas aqui está sua irmã dizendo que não irá.

– O Castelo de Blaize! – exclamou Catherine. – O que é isso?

– O melhor lugar da Inglaterra. Sempre vale a pena viajar 80 quilômetros para vê-lo.

- Como, realmente é um castelo, um castelo antigo?
 - O mais antigo do reino.
 - Mas é como aqueles das lendas?
 - Exatamente, assim mesmo.
 - Mas então, realmente tem torres e longas galerias?
 - Às dezenas.
 - Então eu gostaria de conhecê-lo, mas não posso, não posso ir.
 - Não pode ir! Minha querida, como assim?
 - Não posso ir, porque – abaixando a cabeça enquanto falava, com medo do sorriso de Isabella – espero a senhorita Tilney e o irmão para fazer uma caminhada pelo campo. Eles prometeram vir ao meio-dia, só que estava chovendo, mas agora, como está tudo bem, ousa dizer que chegarão em breve.
 - Não virão, na verdade – exclamou Thorpe. – Pois, quando entramos na rua Broad, eu os vi. Ele não dirige uma carruagem castanho brilhante?
 - Eu não sei.
 - Sim, eu sei que era ele. Eu o vi. Está falando do homem com quem a senhorita dançou ontem à noite, não é?
 - Sim.
 - Bem, eu o vi naquele momento virar na Lansdown Road, levando uma garota muito bonita.
 - É mesmo?
 - Pela minha alma. Eu o reconheci imediatamente, e também parecia ter cavalos muito bons.
 - É muito estranho! Mas suponho que pensaram que estaria muito enlameado para uma caminhada.
 - E é bem verdade, porque nunca vi tanta lama em minha vida. Caminhada! Seria mais fácil voar do que caminhar! Não estive tão enlameado este inverno. Afundamos até o tornozelo em todos os lugares.
- Isabella corroborou:
- Minha querida Catherine, não pode ter ideia da lama. Venha, você precisa vir. Não pode recusar agora.
 - Eu gostaria de ver o castelo, mas podemos passear por ele? Podemos

subir todas as escadas e entrar em todos os quartos?

– Sim, sim, todos os buracos e cantos.

– Mas então, se eles só ficarem fora por uma hora até que esteja mais seco, e vierem me buscar?

– Fique tranquila, não há perigo, pois ouvi Tilney cumprimentar um homem que estava passando a cavalo, dizendo que estavam indo até Wick Rocks.

– Então eu vou. Devo ir, senhora Allen?

– Como quiser, minha querida.

– Senhora Allen, deve persuadi-la a ir – foi a exclamação geral.

A senhora Allen não estava desatenta a isso:

– Bem, minha querida. Acho que deve ir – disse ela.

E em dois minutos eles estavam saindo.

Catherine, quando entrou na carruagem, estava muito inquieta, dividida entre o arrependimento pela perda de um grande prazer e a esperança de logo desfrutar de outro, quase tão grande, por mais que fosse de um tipo diferente. Não podia pensar que os Tilneys tivessem agido muito bem com ela, desistindo logo do compromisso, sem enviar qualquer mensagem de desculpa. Havia passado apenas uma hora do horário combinado para o início da caminhada e, apesar de ter ouvido sobre o grande acúmulo de lama no curso daquela hora, não pôde, por sua própria observação, deixar de pensar que poderiam ter caminhado com poucos inconvenientes. Sentir-se desprezada por eles foi muito doloroso. Por outro lado, a delícia de explorar uma construção como descrito em *Udolpho*, como sua fantasia representava o Castelo Blaize, era uma compensação que poderia consolá-la de quase tudo.

Passaram rapidamente pela rua Pulteney e por Laura Place, sem trocar muitas palavras. Thorpe falava com seu cavalo, e ela meditava, às vezes, sobre promessas quebradas e arcos, carruagens e faltas cometidas, os Tilney e alçapões. Quando entraram em Argyle Buildings, no entanto, ela foi despertada por este comentário de seu companheiro:

– Quem é aquela garota que olhou para a senhorita com tanta atenção quando passou?

– Quem? Onde?

– Na calçada da direita, ela deve estar quase fora de vista agora.

Catherine olhou para trás e viu a senhorita Tilney de braço dado com seu irmão, andando devagar pela rua. Ela viu os dois olhando para ela.

– Pare, pare, senhor Thorpe – ela exclamou impaciente. – É a senhorita Tilney. Claro que é. Como me disse que tinham ido embora? Pare, pare, vou sair agora mesmo para ir até eles.

Mas para que ela disse isso? Thorpe apenas chicoteou o cavalo para que trocasse mais rápido. Os Tilney, que tinham parado para olhar para ela, logo desapareceram depois da esquina de Laura Place e, pouco depois, ela já estava no mercado. Ainda assim, durante toda a extensão da rua, ela pediu que ele parasse.

– Pare, pare, senhor Thorpe. Não posso ir. Eu não vou continuar. Preciso voltar para a senhorita Tilney.

Mas o senhor Thorpe apenas ria, chicoteava encorajando o cavalo, fazia ruídos estranhos e seguia em frente. E Catherine, zangada e irritada como estava, não tendo como fugir, foi obrigada a desistir da discussão e se submeter. Não poupou, no entanto, suas repreensões.

– Como pôde me enganar, senhor Thorpe? Como pôde me dizer que os viu em Lansdown Road? Eu não teria deixado isso acontecer. Eles devem pensar que é tão estranho, tão rude de minha parte! Passar por eles também, sem dizer uma palavra! O senhor não sabe como estou irritada. Não terei prazer em Clifton nem em mais nada. Eu preferia, dez mil vezes, descer agora e voltar para eles. Como pôde me dizer que os viu em uma carruagem?

Thorpe se defendeu com muita firmeza, declarou que nunca tinha visto dois homens tão parecidos em sua vida, e não desistiu de dizer que era mesmo Tilney.

O passeio, mesmo quando este assunto acabou, não foi muito agradável. A afabilidade de Catherine não era mais a mesma que tinha sido antes. Ela ouvia com relutância e suas respostas eram curtas. O Castelo Blaize foi seu único conforto. Enquanto ia para lá, ela ainda sentia intervalos de prazer, embora, para não ter que ficar desapontada com a caminhada

prometida, e especialmente para não ser mal vista pelos Tilney, ela teria de bom grado desistido de toda a felicidade que suas muralhas poderiam fornecer. A felicidade de andar por inúmeros aposentos luxuosos, exibindo os restos de móveis magníficos, apesar de estarem abandonados há muitos anos. A felicidade de passar em seu caminho por estreitas e sinuosas abóbadas, por uma porta baixa gradeada. Ou até mesmo de ter sua vela, sua única vela, apagada por uma súbita rajada de vento, e terminar na total escuridão.

Eles prosseguiram em sua jornada sem nenhum contratempo, e já podiam ver a cidade de Keynsham quando um grito de James, que estava atrás deles, fez o amigo parar, para saber qual era o problema. Os outros chegaram perto o suficiente para conversar e James disse:

– É melhor voltarmos, Thorpe. É tarde demais para continuar hoje. Sua irmã concorda comigo. Estamos a exatamente uma hora da rua Pulteney, pouco mais de 11 quilômetros, e, suponho, temos pelo menos mais 13 para ir. Não conseguiremos. Saímos muito tarde. É melhor adiar até outro dia e dar meia-volta.

– Dá no mesmo para mim – respondeu Thorpe com raiva, e, imediatamente virando o cavalo, começaram a voltar para Bath.

– Se o seu irmão não tivesse essa droga de animal – disse ele logo depois –, poderíamos ter conseguido. Meu cavalo teria trotado até Clifton em uma hora, se estivesse sozinho, e eu quase quebrei meu braço diminuindo o ritmo para acompanhar o passo daquele maldito cavalo doente com problemas de respiração. James é um tolo por não ter um cavalo próprio.

– Não, ele não é – disse Catherine brava –, pois tenho certeza de que ele não pode pagar.

– E por que ele não pode pagar?

– Porque ele não tem dinheiro suficiente.

– E de quem é a culpa?

– De ninguém, que eu saiba.

Thorpe então disse algo na maneira alta e incoerente a que frequentemente recorria, sobre ser difícil ser miserável. E que se as pessoas que tinham dinheiro não pudessem pagar as coisas, ele não sabia

quem poderia, o que Catherine nem mesmo se esforçou para entender. Desapontada com o que deveria ter sido o consolo de seu primeiro desapontamento, ela estava cada vez menos disposta a ser agradável ou gostar de sua companhia, e voltaram para a rua Pulteney sem que ela falasse vinte palavras.

Quando Catherine entrou na casa, o criado disse que um cavalheiro e uma dama tinham vindo e perguntado por ela alguns minutos depois que havia partido. E, quando ele disse que tinha saído com o senhor Thorpe, a senhora perguntou se alguma mensagem havia sido deixada para ela. Ao ouvir que não, quis deixar um cartão, mas falou que não tinha nenhum com ela e foi embora. Ponderando sobre essas notícias comoventes, Catherine subiu as escadas lentamente. No alto, foi recebida pelo senhor Allen, que, ao ouvir a razão de seu rápido retorno, disse:

– Estou contente que seu irmão tenha tido tanto bom senso. Estou feliz que esteja de volta. Foi um passeio estranho e difícil.

Todos passaram a noite juntos com os Thorpe. Catherine estava perturbada e sem ânimo, mas Isabella parecia considerar uma rodada de jogo de cartas, em parceria com James. Isso compensava não ter aproveitado o ar calmo e rural de uma estalagem em Clifton. Sua satisfação, também, em não estar nos Salões Inferiores, foi dita mais de uma vez.

– Como tenho pena das pobres criaturas que estão indo para lá! Que bom que não estou entre elas! Eu me pergunto se o baile estará cheio ou não! Eles ainda nem começaram a dançar. Não gostaria de estar lá por nada desse mundo, é tão delicioso ter uma noite de vez em quando para nós mesmas. Ouso dizer que não será um bom baile. Sei que os Mitchell não estarão lá. Tenho certeza de que lamento por todos que estão. Mas, ousa dizer, senhor Morland, que gostaria de ter ido, não é? Tenho certeza de que sim. Bem, não deixe que ninguém aqui o impeça de ir. Ouso dizer que poderíamos ficar muito bem sem o senhor, mas vocês, homens, se julgam muito importantes.

Catherine pensou em acusar Isabella de não demonstrar nenhuma ternura por ela e suas tristezas, pois pareciam cruzar muito pouco a mente da

amiga.

– Não fique tão quieta, minha querida – ela sussurrou. – Vai me deixar triste. Foi muito chocante, com certeza, mas os Tilney foram os culpados. Por que não foram mais pontuais? Estava enlameado, de fato, mas o que isso importava? Tenho certeza de que John e eu não nos importáramos. Nunca me importo de passar por qualquer coisa, quando se trata de um amigo. Essa é a minha disposição, e John é igual. Ele tem sentimentos fortes incríveis. Deus do céu! Que cartas maravilhosas você tem! Reis! Nunca tive essa sorte em minha vida! Eu preferiria cinquenta vezes que você a tivesse do que eu.

E agora posso deixar minha heroína na cama sem dormir, que é a verdadeira sina de uma heroína, um travesseiro cheio de espinhos e molhado de lágrimas. E ela poderá achar que terá sorte, se conseguir outra boa noite de descanso no curso dos próximos três meses.



Capítulo 12

– Senhora Allen – disse Catherine na manhã seguinte –, haverá algum mal em visitar a senhorita Tilney hoje? Não ficarei tranquila até ter explicado tudo.

– Vá, com certeza, minha querida, apenas coloque um vestido branco. A senhorita Tilney sempre veste branco.

Catherine concordou alegremente, e estando devidamente vestida, estava mais impaciente do que nunca para chegar ao Salão das Águas e informar-se onde o general Tilney estava hospedado, pois, embora acreditasse que estavam na rua Milsom, não tinha certeza de qual casa. E as convicções oscilantes da senhora Allen só tornavam tudo mais confuso. Foi até a rua Milsom e, já sabendo o número, apressou-se com passos ansiosos e um coração palpitante para sua visita, onde poderia explicar sua conduta e ser perdoada. Ao passar pelo pátio da igreja o mais silenciosamente possível, resolutamente desviou os olhos, para não ser obrigada a ver sua amada Isabella e sua querida família que, ela tinha motivos para acreditar, estavam em uma loja por perto.

Chegou à casa sem qualquer impedimento, procurou o número, bateu na porta e perguntou pela senhorita Tilney. O criado acreditava que a senhorita Tilney estava em casa, mas não tinha certeza. Poderia anunciar seu nome? Ela deu seu cartão. Em poucos minutos, o criado retornou e, com um olhar que não confirmava as palavras, disse estar enganado, pois a senhorita Tilney tinha saído. Catherine, com um rubor de mortificação, partiu. Sentia-se quase convencida de que a senhorita Tilney estava em casa e ofendida demais para recebê-la. Quando seguiu pela rua, não pôde

deixar de olhar para as janelas da sala de visitas, na expectativa de vê-la ali, mas ninguém apareceu nelas. No fim da rua, no entanto, olhou para trás novamente, e então, não em uma janela, mas saindo pela porta, viu a própria senhorita Tilney. Era seguida por um cavalheiro, que Catherine acreditou ser o pai, e eles viraram em direção ao Edgar's Buildings. Catherine, profundamente mortificada, prosseguiu em seu caminho.

Catherine quase podia ficar com raiva de uma falta de educação tão profunda, mas reprimiu o ressentimento. Lembrava-se de sua própria ignorância. Ela não sabia como uma ofensa como a dela poderia ser classificada pelas leis da polidez cotidiana, até que ponto isso era imperdoável, nem a que rigores de indelicadeza em retorno poderia ser amenizada em forma justa.

Abatida e humilhada, pensou até em não ir com os outros ao teatro naquela noite, mas é preciso confessar que isso não durou muito tempo, pois ela logo se lembrou, em primeiro lugar, de que não tinha desculpa para ficar em casa, e, em segundo, que era uma peça que queria muito ver.

Então, todos foram para o teatro. Nenhum Tilney apareceu para atormentá-la ou agradá-la. Ela temia que, entre as muitas qualidades da família, o gosto por peças não estivesse incluído, mas talvez fosse porque estavam habituados às melhores atuações dos palcos de Londres, que, ela sabia por Isabella, transformavam todo o resto em algo “bastante horrível”.

Ela não foi enganada em sua própria expectativa de prazer. A comédia a entreteve tão bem que ninguém, observando-a durante os primeiros quatro atos, imaginaria que estava sofrendo por alguma coisa. No início do quinto, no entanto, a súbita visão do senhor Henry Tilney e seu pai, juntando-se a um grupo no camarote oposto, lembrou-a de sua ansiedade e angústia. O palco não podia mais proporcionar a genuína alegria e não conseguia manter mais toda a atenção dela. Estava sempre olhando para o camarote oposto e, pelo espaço de duas cenas inteiras, olhou direto para Henry Tilney, sem conseguir chamar sua atenção. Ele não podia ser acusado de mostrar indiferença pela peça. Sua atenção não deixou o palco durante duas cenas inteiras.

Por fim, no entanto, ele olhou para ela e fez uma reverência, mas que reverência! Nenhum sorriso, nenhum olhar demorado o acompanhou. Seus olhos se voltaram imediatamente para o palco. Catherine ficou inquieta e infeliz, quase podia ter corrido para o camarote em que ele estava sentado para forçá-lo a ouvir sua explicação. Sentimentos mais naturais a uma moça comum do que a uma heroína tomavam conta dela. Em vez de considerar sua própria dignidade ferida por essa pronta condenação e orgulhosamente resolver, com uma inocência consciente, mostrar seu ressentimento para ele, o que poderia levá-lo a sentir uma dúvida e deixar para ele todo o trabalho de buscar uma explicação e iluminar o passado, apenas evitando olhar para ele, ou flertando com outra pessoa, ela assumiu para si toda a vergonha da má conduta, ou a aparência desta, e estava ansiosa apenas por uma oportunidade de se explicar.

A peça terminou e a cortina caiu. Henry Tilney não foi mais visto onde até então estivera sentado, mas seu pai permaneceu, e talvez ele agora estivesse vindo para o camarote delas. Ela estava certa. Em poucos minutos, ele apareceu e, abrindo caminho entre as fileiras que se esvaziavam, dirigiu-se com delicadeza tranquila à senhora Allen e sua amiga. Esta respondeu não com tanta calma:

– Oh! Senhor Tilney, quero muito falar com o senhor e pedir desculpas. Deve ter me achado muito rude, mas na verdade não foi culpa minha, foi, senhora Allen? Não me disseram que o senhor Tilney e sua irmã tinham partido em uma carruagem? E então o que eu poderia fazer? Mas tinha dez mil vezes mais vontade de estar com vocês. Não é mesmo, senhora Allen?

– Minha querida, está puxando meu vestido – foi a resposta da senhora Allen.

Ela, no entanto, concordou com Catherine, e isso teve certo efeito. Trouxe um sorriso mais cordial e natural ao semblante dele, que respondeu num tom que conservava apenas uma pequena reserva afetada:

– De qualquer forma, ficamos muito gratos à senhorita por nos desejar um agradável passeio depois que nos cruzamos na rua Argyle. Foi tão amável ao olhar para trás de propósito.

– Mas, na verdade, não estava desejando uma agradável caminhada.

Nunca pensei em tal coisa, implorei para que o senhor Thorpe parasse. Pedi assim que os vi. Agora, senhora Allen, não... Oh! A senhora não estava lá, mas de fato eu fiz isso e se o senhor Thorpe tivesse parado, eu teria saltado e corrido atrás de vocês.

Existe algum Henry no mundo que poderia ser insensível a tal declaração? Henry Tilney, pelo menos, não poderia. Com um sorriso ainda mais doce, ele disse tudo que precisava ser dito sobre a preocupação que aquela situação havia causado em sua irmã, e a confiança dela na honra de Catherine.

– Oh! Não diga que a senhorita Tilney não estava com raiva – exclamou Catherine –, porque sei que estava. Ela não me recebeu esta manhã quando fui visitá-la. Eu a vi saindo da casa no minuto seguinte depois de minha partida. Fiquei triste, mas não me ofendi. Talvez não saiba que eu estive lá.

– Eu não estava no momento, mas Eleanor me contou, e ela quer, desde então, vê-la para explicar a razão de tal falta de polidez, mas talvez eu também possa fazer isso. Foi meu pai. Eles estavam se preparando para sair e, como ele estava com pressa e não se importando com suas atitudes, mandou que não a recebesse. Isso foi tudo, eu garanto. Ela ficou muito aborrecida e pretendia pedir desculpas o mais breve possível.

Catherine ficou muito mais tranquila com essa informação, mas permaneceu ainda uma certa preocupação, da qual surgiu a seguinte pergunta, completamente ingênua, embora um pouco incômoda para o cavalheiro:

– Mas, senhor Tilney, por que foi menos generoso que sua irmã? Se ela sentia tanta confiança em minhas boas intenções e imaginou que foi apenas um erro, por que o senhor estava tão pronto para se ofender?

– Eu! Ofender-me!

– Não, tenho certeza pelo seu olhar, quando sentou-se no camarote, que estava com raiva.

– Eu, com raiva! Não teria motivo.

– Bem, ninguém teria pensado que não tinha motivo ao ver seu rosto.

Henry Tilney respondeu pedindo que Catherine abrisse espaço para ele sentar ao lado dela e começou a falar sobre a peça.

Ele ficou com elas algum tempo e foi bastante atencioso com Catherine, que já estava contente quando ele foi embora. Antes de se separarem, no entanto, foi combinado que a caminhada projetada deveria ser realizada o quanto antes, e, apesar da infelicidade por ele ir embora, ela era, no geral, uma das criaturas mais felizes do mundo.

Enquanto conversavam, ela havia observado com alguma surpresa que John Thorpe, que nunca permanecia no mesmo lugar por dez minutos, estava conversando com o general Tilney. E ela sentiu algo mais do que surpresa quando pensou que podia ser o objeto da atenção e da conversa deles. O que eles poderiam falar sobre ela? Ela temia que o general Tilney não gostasse de sua aparência. Achou que isso estava implícito quando impediu que falasse com a filha, em vez de adiar sua caminhada por alguns minutos.

– Como o senhor Thorpe conhece seu pai? – foi a pergunta ansiosa de Catherine, quando ela os apontou para seu companheiro.

Henry não sabia, mas explicou que o pai, como todo militar, conhecia muita gente.

Quando o espetáculo acabou, Thorpe veio para ajudá-las a sair. Catherine foi o objeto imediato de sua galanteria e, enquanto esperavam no saguão por uma liteira, ele se adiantou à pergunta que estava quase na ponta da língua dela, perguntando, de maneira pomposa, se ela o vira conversando com o general Tilney:

– Ele é um bom e velho sujeito, juro pela minha alma! Robusto, ativo, parece tão jovem quanto o filho. Tenho um grande respeito por ele, asseguro-lhe. Um tipo de cavalheiro, um dos melhores sujeitos que já viveram.

– Mas como o senhor o conhece?

– Conhecê-lo? Há poucas pessoas nessa cidade que eu não conheço. Eu sempre o encontro em Bedford e o reconheci no momento em que entrou na sala de bilhar. Um dos melhores jogadores que temos, a propósito. E tivemos um pequeno contato, embora eu quase tivesse medo dele no começo: as chances eram de cinco para quatro contra mim e, se não tivesse dado uma das tacadas mais brilhantes que talvez já tenha sido feita

neste mundo: acertei exatamente a bola dele. Mas eu não poderia explicar sem uma mesa. No entanto, eu o venci. Um sujeito muito bom. Tão rico quanto um judeu. Gostaria de jantar com ele, ousou dizer que dá jantares famosos. Mas sobre o que acha que estivemos falando? Sobre a senhorita. Sim, pelos céus! E o general acha que é a moça mais bonita de Bath.

– Oh! Bobagem! Como pode dizer isso?

– E o que a senhorita acha que eu disse? – baixando a voz – Exatamente, general – disse eu. – Sou da mesma opinião.

Aqui Catherine, que estava muito menos satisfeita com a admiração dele do que com a do general Tilney, não ficou triste ao ser chamada pelo senhor Allen. Thorpe, no entanto, acompanhou-a até sua liteira e, até que ela entrasse, continuaria com o mesmo tipo de lisonja delicada, apesar das súplicas dela para que parasse.

Que o general Tilney, em vez de não gostar, a admirava, era encantador. Ela pensou com alegria que não havia ninguém da família que ela agora temesse conhecer. A noite tinha sido muito boa para ela, mais do que podia esperar.



Capítulo 13

Segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado já foram repassados para o leitor. Os acontecimentos de cada dia, esperanças e medos, constrangimentos e prazeres, foram tratados separadamente, e agora só falta as dores do domingo para serem descritas e assim fechar a semana. O plano de Clifton fora adiado, não abandonado, e no Crescent, na tarde deste dia, foi novamente mencionado. Em uma conversa privada entre Isabella e James, sendo que a primeira desejava ir, e o segundo também, pois queria muito agradá-la, foi decidido que se o tempo estivesse bom, o passeio deveria acontecer na manhã seguinte e eles partiriam muito cedo, para voltarem para casa a tempo.

O assunto foi assim decidido, e com a aprovação de Thorpe assegurada, só faltava informar Catherine sobre isso. Ela os havia deixado por alguns minutos para falar com a senhorita Tilney. Nesse intervalo, o plano foi concluído e, assim que ela voltou, exigiram que concordasse, mas em vez do consentimento alegre esperado por Isabella, Catherine ficou séria, lamentou muito, mas não podia ir. O compromisso que deveria impedi-la de se juntar à primeira tentativa de passeio tornava impossível que ela os acompanhasse agora. Ela havia, naquele momento, combinado com a senhorita Tilney fazer no dia seguinte a caminhada proposta. Estava bastante determinada e não retrocederia de nenhuma maneira.

Porém ela deveria e iria voltar atrás imediatamente, foi a exclamação ansiosa dos dois Thorpes. Eles tinham que ir a Clifton amanhã, e não iriam sem ela. Não seria nenhum problema adiar uma simples caminhada por mais um dia, e eles não aceitariam uma recusa. Catherine ficou aborrecida,

mas não cedeu.

– Não insista, Isabella. Estou comprometida com a senhorita Tilney. Não posso ir.

Seus pedidos não adiantaram. Foi assediada pelos mesmos argumentos: ela deveria ir, teria de ir, e eles não aceitariam uma recusa.

– Seria tão fácil dizer à senhorita Tilney que você acabou de se lembrar de um compromisso anterior, e só precisaria implorar para adiar a caminhada até a terça-feira.

– Não, não seria fácil. Não poderia fazer isso. Não havia nenhum compromisso anterior.

Mas Isabella tornou-se cada vez mais insistente, falando com ela da maneira mais afetuosa, dirigindo-lhe as palavras doces. Tinha certeza que sua querida e doce Catherine não recusaria seriamente um pedido tão insignificante a uma amiga que a amava tão carinhosamente. Ela sabia que sua amada Catherine tinha um coração carinhoso, um temperamento tão doce, que seria facilmente persuadida por aqueles que amava. Mas tudo em vão. Catherine sentia que estava certa e, embora aflita por súplicas tão carinhosas e lisonjeiras, não podia permitir que isso a influenciasse.

Isabella então tentou outro método. Ela a censurou por ter mais afeição pela senhorita Tilney, embora a conhecesse há pouco tempo, do que por seus melhores e mais antigos amigos, por ter ficado fria e indiferente, principalmente com ela.

– Não posso deixar de sentir ciúmes, Catherine, quando me vejo desprezada por estranhos, eu, que a amo tanto! Quando entrego minha afeição nada pode alterá-la. Mas acredito que meus sentimentos são mais fortes que os de qualquer outra pessoa. Tenho certeza de que são fortes demais para minha própria paz. E ver-me suplantada em sua amizade por estranhos coloca em perigo minha paz de espírito. Esses Tilney parecem engolir tudo à sua volta.

Catherine achou essa reprovação igualmente estranha e indelicada. Seria parte de uma amizade, então, expor seus sentimentos à atenção dos outros? Isabella pareceu, para ela, egoísta e pouco generosa, indiferente a tudo que não fosse sua própria satisfação. Essas ideias dolorosas cruzaram sua

mente, embora não tenha dito nada. Isabella, nesse meio tempo, tinha levado o lenço aos olhos e Morland, infeliz com tal visão, não pôde deixar de dizer:

– Não, Catherine. Acho que não pode mais se recusar agora. O sacrifício não é muito para agradar uma amiga assim. Vou pensar que você é muito indelicada, se ainda assim se recusar.

Essa foi a primeira vez que o irmão ficou abertamente contra ela e, ansiosa para evitar seu descontentamento, propôs um compromisso. Se eles adiassem o passeio até a terça-feira, o que poderiam facilmente fazer, já que dependia apenas de si mesmos, ela iria com eles, e todos ficariam satisfeitos. Mas “Não, não, não!” foi a resposta imediata. “Isso não poderia ser, pois Thorpe sabia que deveria ir à cidade na terça--feira.” Catherine lamentou, mas não podia fazer mais nada, e um curto silêncio se seguiu, quebrado por Isabella, que, com uma voz de frio ressentimento, disse:

– Muito bem, então não haverá passeio. Se Catherine não for, eu não posso ir. Não posso ser a única mulher. Não faria, de nenhuma maneira, algo tão impróprio.

– Catherine, você precisa ir – disse James.

– Mas por que o senhor Thorpe não pode levar uma de suas outras irmãs? Ouso dizer que qualquer uma gostaria de ir.

– Obrigado – exclamou Thorpe –, mas não vim para Bath para levar minhas irmãs de um lado para o outro e ficar parecendo um tolo. Não, se a senhorita não for, para o diabo que eu vou. Só quero ir para levá-la.

– Esse é um elogio que não me dá nenhum prazer.

Mas Thorpe não ouviu suas palavras, pois tinha se afastado abruptamente.

Os outros três ainda continuaram juntos, pressionando de maneira muito desconfortável a pobre Catherine. Às vezes nem uma palavra era dita, às vezes ela era novamente atacada por súplicas ou censuras, e seu braço ainda estava ligado ao de Isabella, embora seus corações estivessem em guerra. Em um momento ela estava mais tranquila, em outro, irritada. Muito angustiada, mas sempre firme.

– Não achei que você fosse tão obstinada, Catherine. Você não era tão difícil de ser convencida. Já foi a mais gentil e carinhosa das minhas irmãs – disse James.

– Espero não ser menos agora, mas realmente não posso ir. Se estiver errada, estou fazendo o que acredito estar certo – ela respondeu sentida.

– Suspeito que não esteja muito empenhada nisso – disse Isabella, em voz baixa.

O coração de Catherine pesou. Ela retirou o braço e Isabella não se opôs. Assim, passaram-se dez longos minutos, até que se uniram novamente a Thorpe, que, chegando com um olhar mais alegre, disse:

– Bem, resolvi o assunto e agora todos podemos ir amanhã com a consciência tranquila. Eu fui à senhorita Tilney e dei desculpas de sua parte.

– O senhor não fez isso! – exclamou Catherine.

– Juro pela minha alma. Eu a deixei neste momento. Disse que a senhorita me enviara para dizer que, tendo acabado de se lembrar do compromisso anterior de ir para Clifton conosco amanhã, não poderia ter o prazer de caminhar com ela antes de terça-feira. Ela disse muito bem, terça-feira era conveniente para ela. Então terminaram todas as nossas dificuldades. Boa ideia a minha, não?

O semblante de Isabella estava novamente sorrindo com bom humor, e James também parecia feliz de novo.

– Uma ideia celestial, de fato! Agora, minha doce Catherine, todas as nossas aflições acabaram. A senhorita está honrosamente liberada e faremos um passeio muito agradável.

– Isso não é correto. Não posso me submeter a isso. Vou correr atrás da senhorita Tilney imediatamente e resolver o assunto – disse Catherine.

Isabella, no entanto, segurou uma de suas mãos, Thorpe segurou a outra, e os três protestaram. Até James estava muito bravo. Se tudo estava resolvido, se a própria senhorita Tilney tinha dito que terça-feira estava bem para ela, era ridículo, um absurdo completo, fazer qualquer outra objeção.

– Eu não me importo. O senhor Thorpe não tinha por que inventar tal

mensagem. Se eu achasse certo adiar, poderia ter falado eu mesma com a senhorita Tilney. Isso foi muito rude, e como posso saber se o senhor Thorpe falou... Talvez ele tenha se equivocado novamente. Ele me levou a um ato de grosseria por seu erro na sexta-feira. Solte-me, senhor Thorpe. Isabella, não me segure.

Thorpe disse a ela que seria em vão ir atrás dos Tilney. Eles estavam virando a esquina na rua Brock quando ele os alcançou, e já estariam em casa a essa hora.

– Então irei atrás deles – disse Catherine. – Onde quer que estejam, vou atrás deles. Não adianta. Não serei persuadida a fazer o que acho errado, nem enganada para isso.

E com essas palavras, ela se afastou correndo. Thorpe teria corrido atrás dela, mas Morland o reteve.

– Deixe-a ir, deixe-a ir, se ela quiser.

– Ela é tão obstinada quanto...

Thorpe não terminou a comparação, pois dificilmente poderia ter sido adequada.

Catherine correu muito agitada, tão rápido quanto a multidão permitia, temerosa de ser perseguida, mas determinada a não desistir. Enquanto caminhava, refletiu sobre o que havia passado. Era doloroso para ela desapontá-los e desagradá-los, particularmente desagradar seu irmão, mas ela não iria se arrepender de sua resistência. Deixando sua própria vontade de lado, ter falhado uma segunda vez em seu compromisso com a senhorita Tilney, ter recuado de uma promessa feita voluntariamente apenas cinco minutos antes, ainda mais com um falso pretexto, teria sido algo muito errado. Ela não tinha resistido apenas por princípios egoístas, não buscava apenas a própria gratificação. Isso poderia ser assegurado em algum grau pela própria excursão ao Castelo Blaize. Não, ela havia prestado atenção ao que era devido aos outros e ao seu próprio caráter, na opinião deles.

A convicção de estar certa, no entanto, não foi suficiente para restaurar a tranquilidade de Catherine. Até falar com a senhorita Tilney, não ficaria sossegada, e, acelerando o ritmo quando se afastou do Crescent, quase

correu toda a distância que faltava até chegar ao alto da rua Milsom. Ela foi tão rápida que, apesar da vantagem dos Tilney no início, eles estavam apenas entrando em seus aposentos quando ela os viu. E com o criado ainda com a porta aberta, apenas disse que precisava falar com a senhorita Tilney naquele momento e subiu as escadas. Então, abrindo a primeira porta à sua frente, viu-se na sala de visitas com o general Tilney e seus dois filhos. Sua explicação, falha por sua irritação e falta de ar, foi dada imediatamente.

– Vim muito depressa... Foi tudo um engano... Nunca prometi ir... Disse a eles desde o início que não podia ir. Saí correndo com muita pressa para explicar. Não me importa o que estiverem pensando de mim. Não queria esperar o criado.

A questão, entretanto, embora não perfeitamente elucidada por esse discurso, logo deixou de ser um enigma. Catherine descobriu que John Thorpe dera a mensagem, e a senhorita Tilney não teve escrúpulos em confessar que se sentira muito surpresa com ela. Mas se o irmão havia ficado também ressentido, Catherine, embora instintivamente se dirigisse tanto a um quanto a outro em sua defesa, não tinha como saber. O que quer que tenha sido sentido antes de sua chegada, suas ansiosas declarações imediatamente tornaram cada olhar e frase tão amigáveis quanto ela poderia desejar.

Com o caso então felizmente resolvido, ela foi apresentada pela senhorita Tilney a seu pai e recebida por ele com tanta polidez que lembrou-se do que Thorpe havia falado, e isso a fez pensar com prazer que às vezes ele era digno de confiança. Tanta era atenção educada do general que, sem estar ciente da extraordinária rapidez dela ao entrar na casa, ficou bastante zangado com o criado cuja negligência a obrigara a abrir ela mesma a porta do aposento.

– O que William quis com isso? – perguntou ele, afirmando que deveria investigar o assunto.

E, se Catherine não tivesse confirmado a inocência do criado, parecia provável que William perdesse a estima de seu mestre para sempre, ou até mesmo o emprego, devido à pressa dela.

Depois de ficar com eles por quinze minutos, Catherine se levantou para se despedir, e depois ficou agradavelmente surpresa quando o general Tilney perguntou se ela daria a honra de jantar e passar o resto do dia com sua filha. A senhorita Tilney reiterou o desejo. Catherine estava muito grata, mas não poderia aceitar. O senhor e a senhora Allen a esperavam de volta a qualquer momento.

O general declarou que não insistiria, pois as ordens do senhor e da senhora Allen não deveriam ser desobedecidas. Mas, em outro dia, ele esperava, quando o convite pudesse ser feito com mais antecedência, eles não se recusariam a deixar que passasse tempo com sua amiga.

Catherine tinha certeza de que não fariam a menor objeção, e ela teria muito prazer em vir. O general acompanhou-a até a porta da rua, dizendo coisas galantes enquanto desciam as escadas, admirando a elasticidade de seu andar, que correspondia exatamente à vivacidade de sua dança, e fazendo uma das mais graciosas reverências que ela já tinha visto, quando se separaram.

Catherine, encantada com tudo o que havia acontecido, seguiu alegremente para a rua Pulteney caminhando, como concluiu, com grande elasticidade, embora nunca tivesse pensado nisso antes. Ela chegou em casa sem ver ninguém da parte ofendida. Agora que tinha triunfado, mantido sua postura, e estava segura de que iria fazer a caminhada, começou, enquanto ia se tranquilizando, a duvidar se estava totalmente certa.

Um sacrifício sempre era nobre. E se ela tivesse cedido às súplicas deles, teria sido poupada da ideia angustiante de ter deixado uma amiga descontente, um irmão zangado e um passeio feliz para ambos destruído, talvez por sua culpa. Para se tranquilizar e certificar-se, pela opinião de uma pessoa imparcial, como tinha sido sua conduta, ela mencionou diante do senhor Allen o passeio meio estabelecido entre seu irmão e os Thorpe para o dia seguinte. O senhor Allen perguntou imediatamente:

– Bem, e você pensa em ir?

– Não. Eu tinha acabado de combinar uma caminhada com a senhorita Tilney antes que me contassem. Portanto, não poderia ir com eles,

poderia?

– Não, certamente não. E fico feliz que não pense nisso. Esses passeios não são bons. Rapazes e garotas jovens andando pelo campo em carruagens abertas! De vez em quando está tudo bem, mas ir a pousadas e locais públicos juntos! Não é certo e me pergunto se a senhora Thorpe deveria permitir isso. Fico feliz que não pense em ir. Tenho certeza de que a senhora Morland não ficaria satisfeita. Senhora Allen, não concorda comigo? Não acha que esse tipo de passeio é questionável?

– Sim, muito mesmo. Carruagens abertas são coisas desagradáveis. Um vestido não fica limpo nem por cinco minutos nelas. Espirra lama quando entra e quando sai. E o vento joga seu cabelo e seu chapéu para todas as direções. Eu odeio carruagens abertas.

– Sei que odeia, mas essa não é a questão. Não acha que é estranho que as jovens sejam levadas com frequência por rapazes que nem são parentes?

– Sim, meu querido, algo muito estranho, de fato. Não suporto ver isso.

– Querida senhora – exclamou Catherine –, então por que não me disse isso antes? Tenho certeza que, se soubesse que era impróprio, não teria ido com o senhor Thorpe. Mas sempre esperei que a senhora me dissesse, se achasse que eu estava errada.

– E é o que faria, minha querida, pode contar com isso. Como disse à senhora Morland na despedida, sempre faria o melhor por você, que está sob meus cuidados. Mas não é possível se deter nos detalhes. Os jovens sempre serão jovens, como sua boa mãe diz. Você sabe que eu não queria que você, quando chegamos, comprasse aquela musselina de raminhos, mas você comprou. Os jovens não gostam de ser sempre contrariados.

– Mas isso era algo muito importante e não acho que teria sido difícil me persuadir.

– Até o ponto em que chegou no momento, não houve mal nenhum. E eu só a aconselho, minha querida, a não sair mais com o senhor Thorpe – disse o senhor Allen.

– Isso é exatamente o que eu ia dizer – acrescentou sua esposa.

Catherine, aliviada, sentiu-se triste por Isabella, e depois de pensar um pouco, perguntou ao senhor Allen se não seria adequado e gentil escrever

para a senhorita Thorpe, e explicar a falta de decoro que ela mesma podia não estar percebendo. Pois achava que talvez Isabella fosse para Clifton no dia seguinte, apesar do que havia acontecido. O senhor Allen, no entanto, desencorajou-a de fazer algo assim.

– É melhor deixá-la em paz, minha querida. Ela tem idade suficiente para saber o que deve ou não fazer e, se não souber, tem uma mãe para aconselhá-la. A senhora Thorpe é indulgente demais, portanto, é melhor não interferir. Ela e seu irmão escolheram ir, e você só estará conquistando inimizades.

Catherine aceitou e, embora lamentasse pensar que Isabella iria fazer algo errado, sentiu-se muito aliviada com a aprovação da sua própria conduta pelo senhor Allen, e realmente ficou alegre em ser aconselhada sobre o perigo de cair em tal erro. Seu afastamento do passeio a Clifton era agora uma fuga de fato. Pois o que os Tilney teriam pensado dela, se tivesse quebrado sua promessa com eles para fazer o que era errado, ou se ela tivesse sido culpada de uma quebra de decoro, só para ser culpada de outra?



Capítulo 14

O tempo estava bom na manhã seguinte e Catherine quase esperava outro ataque do grupo formado por James e os Thorpe. Com o senhor Allen para apoiá-la, não sentiu medo do evento, mas ficaria feliz de ser poupada de uma disputa onde a própria vitória seria dolorosa, e estava muito alegre por não ver nem ouvir nada deles.

Os Tilney chegaram na hora marcada. Sem nenhuma nova dificuldade, lembrança repentina, convocação inesperada ou intrusão impertinente para desconcertar suas ações, minha heroína foi estranhamente capaz de cumprir seu compromisso, embora tivesse sido marcado com o próprio herói. Eles decidiram caminhar ao redor de Beechen Cliff, aquela colina nobre cujo belo bosque verde o torna tão admirado de quase todos os pontos de Bath.

– Eu nunca olho para ele sem pensar no sul da França – disse Catherine, enquanto caminhavam ao longo da margem do rio.

– A senhorita já viajou para o exterior então? – perguntou Henry, um pouco surpreso.

– Oh! Não, só quis dizer que li sobre esse lugar. Sempre me lembra o país pelo qual Emily e seu pai viajaram, em *Os mistérios de Udolpho*. Mas o senhor nunca lê romances, eu me atrevo a dizer?

– Por que não?

– Porque não são inteligentes o suficiente para o senhor. Cavalheiros leem livros melhores.

– A pessoa, seja cavalheiro ou dama, que não sente prazer em um bom romance, deve ser intoleravelmente estúpida. Li todas as obras da senhora

Radcliffe e a maioria delas com grande prazer. *Os Mistérios de Udolpho*, quando comecei, não consegui deixar. Lembro de terminar em dois dias. Estava com o cabelo arrepiado o tempo todo.

– Sim, e lembro que estava lendo em voz alta para mim. Mas quando fui chamada por apenas cinco minutos para responder a uma mensagem, em vez de esperar por mim, você levou o volume para o Hermitage Walk, e fui obrigada a esperar até você terminar – acrescentou a senhorita Tilney.

– Obrigado, Eleanor. Um testemunho muito honroso. Viu, senhorita Morland, a injustiça de suas suspeitas? Aqui estava eu, na minha ansiedade de continuar, recusando-me a esperar cinco minutos por minha irmã, quebrando a promessa que fiz de ler em voz alta para ela e mantendo-a em suspense na parte mais interessante, ao fugir com o volume que, a senhorita deve observar, era dela. Sinto orgulho quando penso nisso e acho que deve melhorar sua opinião sobre mim.

– Estou muito feliz em ouvi-lo, e agora nunca mais vou sentir vergonha de gostar de *Udolpho*. Mas eu realmente pensava antes que era surpreendente que jovens cavalheiros desprezassem romances.

– É surpreendente. E é ainda mais surpreendente porque leem quase tanto quanto as mulheres. Eu mesmo já li centenas e centenas. Não imagine que a senhorita possa ganhar de mim em um conhecimento de Júlias e Louisas. Se passarmos aos detalhes e começarmos a perguntar se “Leu este?” e “Leu aquele?”, logo a deixarei para trás quanto... Como devo dizer? Preciso de um exemplo apropriado: tão para trás quanto sua amiga Emily deixou o pobre Valancourt quando foi com a tia para a Itália. Considere quantos anos eu tenho mais que a senhorita. Tinha entrado em meus estudos em Oxford enquanto a senhorita era uma boa menina costurando em casa!

– Não muito boa, infelizmente. Mas o senhor não acha que *Udolpho* é o livro mais belo do mundo?

– O mais belo? Suponho que a senhorita se refere ao mais bem encadernado. Isso deve depender da edição.

– Henry – disse a senhorita Tilney –, você é muito impertinente. Senhorita Morland, ele a está tratando exatamente como faz com a irmã.

Está sempre encontrando defeitos em mim, por alguma incorreção da linguagem, e agora está tomando a mesma liberdade com você. A palavra “belo”, como você usou, não combinava para ele, e é melhor mudá-la assim que puder, ou teremos que ouvir muito Johnson e Blair o resto do caminho.

– Tenho certeza – exclamou Catherine – que não pretendia dizer nada errado, pois é um belo livro e por que não devo chamá-lo assim?

– É verdade – disse Henry – e este é um dia muito belo, e estamos dando um passeio muito belo e vocês são duas moças muito belas. Oh! É uma palavra muito bela mesmo! Serve para tudo. Originalmente, talvez fosse aplicada apenas para expressar cuidado, propriedade, delicadeza ou refinamento – as pessoas eram belas em suas roupas, em seus sentimentos ou em suas escolhas. Mas agora todo elogio sobre cada assunto está contido nessa palavra.

– Embora, de fato – exclamou a irmã – só deva ser aplicado a você, sem nenhum elogio. Você é mais belo do que sábio. Venha, senhorita Morland, vamos deixá-lo meditar sobre nossas falhas de léxico, enquanto louvamos *Udolpho* nos termos que preferirmos. É um trabalho muito interessante. Gosta desse tipo de leitura?

– Para dizer a verdade, não gosto muito de nenhuma outra.

– É mesmo!

– Quer dizer, posso ler poesia e peças de teatro e coisas desse tipo e não desgosto de relatos de viagens. Mas história, história verdadeira e solene, não consigo me interessar. Você consegue?

– Sim, gosto de história.

– Eu também gostaria de gostar. Li um pouco como dever, mas não me diz nada que não me deixe irritada ou cansada. As brigas de papas e reis, com guerras ou pestes, em todas as páginas. Os homens terríveis, e quase nenhuma mulher é mencionada, tudo isso é muito cansativo. No entanto, penso que é estranho que seja tão monótona, pois muita coisa deve ser invenção. Os discursos que são colocados nas bocas dos heróis, seus pensamentos e desígnios... A maior parte de tudo isso deve ser invenção, e é a invenção que me encanta em outros livros.

– Os historiadores – disse a senhorita Tilney – não são felizes em suas descrições. Eles exibem imaginação sem aumentar o interesse. Eu gosto muito de história e estou muito contente em aceitar o falso como verdadeiro. Nos principais fatos, suas fontes de informação são antigas histórias e registros, que podem ser tão confiáveis, concludo, quanto qualquer coisa que não tenha acontecido longe da nossa própria observação. E quanto aos pequenos enfeites dos quais você fala, são ornamentos e gosto deles como tal. Se um discurso for bem elaborado, eu o leio com prazer, seja de quem for. E provavelmente com mais prazer ainda se forem escritos do senhor Hume ou do senhor Robertson do que se forem as palavras genuínas de Caractacus, Júlio Agrícola ou Alfredo, o Grande.

– A senhorita gosta de história! Assim como o senhor Allen e meu pai. E tenho dois irmãos que também gostam. Tantos exemplos dentro do meu pequeno círculo de amigos é notável! Dessa forma, não sentirei mais pena dos escritores de história. Se as pessoas gostam de ler os livros deles, tudo está muito bem, mas ter tanto trabalho para preencher grandes volumes que, eu costumava pensar, ninguém jamais teria vontade de ler, trabalhando apenas para o tormento das crianças, sempre me pareceu um destino cruel. E embora eu saiba que é tudo muito certo e necessário, muitas vezes questioneei a coragem da pessoa que poderia se sentar com o propósito de escrever esses livros.

– Ninguém que conhece a natureza humana em um estado civilizado pode negar que crianças são atormentados por esses livros – disse Henry. – Mas, em favor de nossos historiadores mais ilustres, devo observar que eles podem muito bem se sentir ofendidos por não terem objetivos mais elevados, e que, pelo método e estilo deles, estão perfeitamente qualificados para atormentar leitores com mente mais avançada e tempo de vida mais amadurecido. Eu uso o verbo “atormentar”, como observei ser seu método, no lugar de “instruir”, supondo que sejam agora admitidos como sinônimos.

– O senhor me acha tola de chamar a instrução de tormento, mas se estivesse tão acostumado quanto eu a ouvir crianças pequenas aprendendo

as letras e depois aprendendo a soletrar, se já tivesse visto como elas podem ser estúpidas por uma manhã inteira, juntos, e como minha pobre mãe está cansada no final, como tenho o hábito de ver quase todos os dias da minha vida em casa, permitiria que “atormentar” e “instruir” às vezes possam ser usadas como palavras sinônimas.

– Muito provavelmente. Mas os historiadores não são responsáveis pela dificuldade de aprender a ler. E até mesmo a senhorita, que não parece particularmente amigável a uma aplicação muito severa e muito intensa, pode talvez reconhecer que vale muito a pena ser atormentado por dois ou três anos de vida, pelo bem de ser capaz de ler pelo resto dela. Considere, se a leitura não tivesse sido ensinada, a senhora Radcliffe teria escrito em vão ou talvez não tivesse escrito nada.

Catherine concordou e um elogio muito caloroso dela sobre os méritos daquela senhora fechou o assunto. Os Tilney logo se envolveram em outro tema sobre o qual ela não tinha nada a dizer. Eles estavam vendo o campo com os olhos de pessoas acostumadas a desenhar, e decidindo sobre a capacidade de serem transformados em quadros, com toda a sinceridade do bom gosto. Aqui Catherine estava completamente perdida. Ela não sabia nada de desenho. Não tinha gosto pelo assunto e escutava com atenção, mas isso não ajudava muito, pois eles falavam frases que quase não faziam sentido para ela. O pouco que podia entender, no entanto, parecia contradizer as poucas noções que tinha sobre o assunto. Parecia que uma boa vista não era mais observada do topo de uma colina alta, e que um céu azul-claro não era mais uma prova de um belo dia.

Ela estava sinceramente envergonhada de sua ignorância. Uma vergonha equivocada. Quando as pessoas desejam se unir, elas sempre devem ser ignorantes. Chegar com uma mente bem informada é vir com uma incapacidade de administrar a vaidade dos outros, algo que uma pessoa sensata sempre deveria evitar. Uma mulher, especialmente, se tiver a infelicidade de possuir conhecimentos, deve esconder o melhor que puder.

As vantagens da tolice natural em uma linda menina já foram estabelecidas pela excelente pena de uma autora irmã³. E à forma como ela tratou o assunto, acrescentarei, por justiça aos homens, que, embora

para a maior e mais insignificante parte deste gênero a imbecilidade nas mulheres seja um grande aprimoramento de seus encantos pessoais, há uma porção deles muito razoável e muito bem informada para desejar algo mais na mulher do que a ignorância.

Mas Catherine não conhecia suas próprias vantagens. Não sabia que uma garota de boa aparência, com um coração afetuoso e uma mente muito ignorante, não pode deixar de atrair um jovem inteligente, a menos que as circunstâncias sejam particularmente adversas. No presente caso, ela confessou e lamentou sua falta de conhecimento. Declarou que daria qualquer coisa no mundo para poder desenhar e uma aula sobre pintura imediatamente começou, na qual as instruções dele eram tão claras que ela logo começou a ver a beleza em tudo que admirava, e sua atenção foi tão séria que ele ficou muito satisfeito com o bom gosto natural nela. Ele falou de primeiros planos, distâncias e segundas distâncias, telas laterais e perspectivas, luzes e sombras. E Catherine era uma aluna tão promissora que, quando chegaram ao topo de Beechen Cliff, ela voluntariamente rejeitou toda a cidade de Bath como indigna de fazer parte de uma paisagem.

Encantado com o progresso dela e com medo de cansá-la com muitas lições de uma só vez, Henry mudou de assunto, e através de uma transição fácil usando um pedaço de fragmento rochoso e o carvalho murcho que havia colocado perto do topo, passou para carvalhos em geral, florestas, como a que estava ao redor deles, terrenos devastados, terras da coroa e governo, logo chegando à política. E da política, foi um passo fácil para o silêncio. A pausa geral que sucedeu seu breve discurso sobre o estado da nação foi quebrada por Catherine que, em um tom de voz bastante solene, disse:

– Ouvi dizer que algo muito chocante, de fato, em breve acontecerá em Londres.

A senhorita Tilney, a quem isso foi principalmente endereçado, foi surpreendida, e rapidamente respondeu:

– É mesmo! E de que natureza?

– Isso eu não sei, nem quem é o autor. Só ouvi dizer que será mais

horrível do que qualquer coisa que já vimos.

– Meu Deus! Onde você poderia ter ouvido tal coisa?

– Um amigo meu recebeu essa notícia em uma carta de Londres ontem. Será extraordinariamente terrível. Esperaria assassinatos e algo do tipo.

– Você fala com uma calma assombrosa! Mas espero que as notícias do seu amigo tenham sido exageradas, e, se tal assunto é conhecido de antemão, que as medidas apropriadas sejam sem dúvida tomadas pelo governo para evitar que ele venha a ocorrer.

– O governo – disse Henry, esforçando-se para não sorrir – nem deseja nem se atreve a interferir nesses assuntos. Os assassinatos vão acontecer e o governo não se importa com isso.

As jovens olharam para ele. Henry riu e acrescentou:

– Vamos, devo fazer vocês se entenderem ou deixar que descubram a explicação que puderem? Não, serei nobre. Vou provar que sou um homem, não menos pela generosidade da minha alma do que pela clareza da minha mente. Não tenho paciência com pessoas do meu sexo que não se permitem às vezes descer ao nível da compreensão feminina. Talvez as habilidades das mulheres não sejam nem boas nem precisas. Nem vigorosas ou aguçadas. Talvez falte observação, discernimento, julgamento, fogo, genialidade e inteligência nelas.

– Senhorita Morland, não se importe com o que ele diz, mas tenha a bondade de me informar sobre esse levante terrível.

– Tumulto! Que tumulto?

– Minha querida Eleanor, o tumulto está na sua cabeça. O tumulto lá é escandaloso. A senhorita Morland não falou de nada mais terrível do que uma nova publicação que em breve sairá, em três volumes, 276 páginas cada um, sendo que a capa do primeiro é a representação de duas lápides e uma lanterna, entende? Senhorita Morland, minha irmã tola confundiu todas as suas claras expressões. A senhorita falou de horrores esperados em Londres e em vez de pensar instantaneamente, como qualquer criatura racional teria feito, que tais palavras só podiam se relacionar com uma livraria, ela imediatamente imaginou uma multidão de três mil homens reunidos em St. George's Fields, o Banco atacado, a Torre ameaçada, as

ruas de Londres tomadas pelo sangue, um destacamento dos Lanceiros (a esperança da nação) convocados de Northampton para reprimir os insurgentes e o galante capitão Frederick Tilney, no momento de atacar à frente de sua tropa, derrubado de seu cavalo por um tijolo jogado de uma janela. Perdoe sua estupidez. Os medos da irmã aumentaram a fraqueza da mulher, mas ela não é de modo algum uma simplória no geral.

Catherine ficou séria.

– E agora, Henry – disse a senhorita Tilney –, que você nos explicou, pode muito bem mostrar para a senhorita Morland, a menos que queira que ela pense que é intoleravelmente grosseiro com sua irmã e um grande bruto em sua opinião sobre as mulheres em geral. A senhorita Morland não está acostumada com seus modos estranhos.

– Eu ficarei muito feliz em fazer com que ela os conheça melhor.

– Sem dúvida, mas isso não é explicação do que acabou de acontecer.

– O que devo fazer?

– Você sabe o que deveria fazer. Limpe sua reputação generosamente para ela. Diga que acredita muito na inteligência das mulheres.

– Senhorita Morland, acredito muito na inteligência de todas as mulheres do mundo, especialmente daquelas, sejam quem forem, que estejam em minha companhia.

– Isso não é suficiente. Seja mais sério.

– Senhorita Morland, ninguém pode acreditar mais na inteligência das mulheres do que eu. Na minha opinião, a natureza deu-lhes tanto que nunca acham necessário usar mais do que a metade.

– Não vamos tirar nada mais sério dele agora, senhorita Morland. Ele não está sóbrio. Mas garanto que ele está sendo mal compreendido se parecer que fala algo injusto de qualquer mulher, ou algo indelicado de mim.

Não foi um esforço para Catherine acreditar que Henry Tilney nunca poderia estar errado. Suas maneiras podiam às vezes surpreender, mas seu significado deveria ser sempre justo. E o que ela não entendia, estava quase tão pronta para admirar quanto o que entendia. A caminhada inteira foi deliciosa e, embora terminasse cedo demais, a conclusão também foi ótima. Os amigos a acompanharam até sua casa e a senhorita Tilney, antes

de se separarem, dirigindo-se com respeito, tanto para a senhora Allen quanto para Catherine, pediu que ela pudesse jantar em sua casa dali a dois dias. Nenhuma dificuldade foi levantada pela senhora Allen, e a única dificuldade em Catherine era esconder o excesso de alegria.

A manhã havia passado tão encantadoramente que Catherine não pensou nenhuma vez em Isabella ou James durante a caminhada. Quando os Tilney foram embora, tornou a se lembrar deles, mas foi por pouco tempo e sem efeito. A senhora Allen não tinha informações para dar que pudesse aliviar sua ansiedade. Não tinha ouvido nada de nenhum deles. No final da manhã, no entanto, Catherine, tendo necessidade de comprar sem demora um indispensável pedaço de fita, caminhou até a cidade e, na rua Bond, encontrou a senhorita Anne Thorpe, enquanto se dirigia para Edgar's Buildings, com duas das meninas mais doces do mundo, que a acompanharam a manhã toda. Dela, logo ficou sabendo que o passeio até Clifton havia acontecido.

– Eles partiram às oito da manhã – disse a senhorita Anne – e tenho certeza de que não invejo o passeio deles. Eu acho que você e eu estamos muito bem longe dessa confusão. Deve ser a coisa mais maçante do mundo, pois não há uma alma em Clifton nesta época do ano. Belle foi com seu irmão e John levou Maria.

Catherine falou do prazer que sentia ao ouvir essa parte do arranjo.

– Oh! Sim – concordou a outra. – Maria também foi. Ela queria muito ir. Pensou que seria algo muito bom. Não posso dizer que admiro o gosto dela e, de minha parte, estava determinada desde o começo a não ir, mesmo se me pressionassem muito.

Catherine, duvidando um pouco disso, não pôde deixar de responder:

– Eu gostaria que você também tivesse ido. É uma pena que não puderam ir todos.

– Obrigada, mas é indiferente para mim. Na verdade, eu não teria ido de qualquer maneira. Estava dizendo isso para Emily e Sophia quando você nos alcançou.

Catherine ainda não estava convencida, mas sentiu-se feliz que Anne tinha a amizade de Emily e Sophia para consolá-la. Despediu-se tranquila

e voltou para casa, satisfeita de que o passeio não tivesse fracassado por sua recusa em participar, e desejando que fosse muito agradável para permitir que James ou Isabella não se ressentissem mais pela sua resistência.

. Jane Austen faz referência ao romance *Camilla* , de Fanny Burney. (N. T.)



Capítulo 15

No dia seguinte bem cedo, um bilhete de Isabella, falando com paz e ternura em todas as linhas, e suplicando a presença imediata de sua amiga em uma questão da maior importância, fez com que Catherine fosse depressa, cheia de confiança e curiosidade, para Edgar's Buildings. As duas senhoritas Thorpe mais jovens estavam sozinhas na sala de visitas, e, quando Anne saiu para chamar a irmã, Catherine aproveitou a oportunidade para perguntar à outra algumas informações sobre o passeio do dia anterior. Maria queria muito falar e Catherine imediatamente soube que tinha sido o passeio mais delicioso do mundo, que ninguém podia imaginar como tinha sido encantador e que fora mais agradável do que qualquer um poderia conceber. Tal foi a informação dos primeiros cinco minutos, depois ela deu mais detalhes, que eles tinham ido diretamente para o Hotel York, tomado um pouco de sopa, e fizeram um jantar antecipado, andaram até o Salão das Águas, provaram a água e gastaram alguns xelins em lembranças. Dali, seguiram para tomar sorvete em uma confeitaria, e, voltando apressadamente para o hotel, engoliram o jantar rápido, para evitar voltar depois de escurecer. Então fizeram uma viagem agradável de volta, só que a lua não apareceu e choveu um pouco. E o cavalo do senhor Morland estava tão cansado que mal conseguia caminhar.

Catherine escutou com satisfação sincera. Parecia que nem tinham pensado em ir ao castelo Blaize e, quanto a todo o resto, não havia nada a lamentar nem por um instante. As informações de Maria concluíram com uma terna demonstração de pena por sua irmã Anne, que ela imaginava estar muito chateada, por ter sido excluída do passeio.

– Ela nunca me perdoará, tenho certeza, mas, você sabe, como eu poderia evitar? John queria que eu fosse, pois jurou que não a levaria, porque ela tem tornozelos grossos. Ouso dizer que ela não estará de bom humor durante todo este mês, mas estou determinada a ficar tranquila. Não será uma questão menor que vai me tirar do sério.

Isabella entrou na sala com um passo tão ansioso e um olhar cheio de significados, chamando a atenção de sua amiga. Maria foi dispensada sem cerimônia e Isabella, abraçando Catherine, começou assim:

– Sim, minha querida Catherine, é realmente assim. Sua perspicácia não a enganou. Oh! Esses seus olhos! Eles veem tudo.

Catherine respondeu apenas com um olhar que transparecia desconcertante ignorância.

– Não, minha amada, minha mais doce amiga – continuou a outra. – Componha-se. Estou incrivelmente agitada, como pode perceber. Vamos nos sentar e conversar confortavelmente. Bem, e então, você adivinhou no momento em que recebeu meu bilhete? Criatura manhosa! Oh! Minha querida Catherine, só você, que conhece meu coração, pode julgar minha felicidade atual. Seu irmão é o mais encantador dos homens. Só queria ser mais digna dele. Mas o que seu excelente pai e mãe dirão? Oh! Céus! Quando penso neles fico tão agitada!

Catherine começou a entender. Uma ideia da verdade de repente cruzou sua mente e, com o rubor natural de uma emoção tão nova, ela exclamou:

– Meu Deus! Minha querida Isabella, como assim? Você está... Realmente está apaixonada pelo James?

Essa ousada suposição, no entanto, ela logo descobriu, era apenas metade da história. O afeto ansioso, que ela era acusada de ter percebido continuamente em cada olhar e ação de Isabella, tinha, no curso do passeio do dia anterior, recebido a deliciosa confissão de um amor igual. O coração e a confiança dela estavam igualmente comprometidos com James. Catherine nunca tinha ouvido algo com tanto interesse, surpresa e alegria. Seu irmão e sua amiga comprometidos! Sem experiência em tais circunstâncias, sua importância parecia indescritivelmente grande, e ela pensava que era um daqueles grandes eventos, dos quais o curso normal da

vida dificilmente pode permitir um retorno. Ela não conseguia expressar a força de seus sentimentos. A natureza deles, no entanto, deixava a amiga contente. A felicidade de tê-la como irmã foi a primeira manifestação, e as belas jovens se juntaram em abraços e lágrimas de alegria.

Por mais encantada que Catherine sinceramente estivesse com a perspectiva da conexão, deve-se reconhecer que Isabella estava ainda mais.

– Você será infinitamente mais querida para mim, minha Catherine, do que Anne ou Maria: sinto que ficarei muito mais ligada à família do meu querido Morland do que à minha própria.

Era um passo de amizade que Catherine não poderia igualar.

– Você é tão parecida com seu querido irmão – continuou Isabella – que eu a adorei desde o primeiro momento em que a vi. Mas é assim sempre comigo. O primeiro momento é o que determina tudo. No primeiro dia em que Morland nos visitou no último Natal – no primeiro momento que o vi, meu coração foi irremediavelmente conquistado. Lembro que estava usando meu vestido amarelo, com o cabelo preso em tranças, e quando entrei na sala de visitas, e John o apresentou, achei que nunca havia visto ninguém tão bonito antes.

Aqui Catherine secretamente reconheceu o poder do amor, pois, apesar de gostar muito do irmão e admirar suas qualidades, nunca o poderia considerar bonito.

– Lembro também que a senhorita Andrews tomou chá conosco naquela noite e estava usando seu vestido de seda castanho-escuro, e estava tão divina que achei que seu irmão certamente iria se apaixonar por ela. Não consegui dormir pensando nisso. Oh! Catherine, quantas noites sem dormir por causa do seu irmão! Espero que não sofra metade do que eu sofri! Fui ficando cada vez mais magra, eu sei, mas não vou atormentá-la descrevendo minha ansiedade. Você já viu o suficiente. Sinto que estive me traindo, tão descuidada ao falar da minha inclinação pelos clérigos! Mas sempre tive certeza de que meu segredo estaria seguro com você.

Catherine reconheceu que realmente teria sido impossível divulgar aquele segredo. Não quis mais discutir ou contradizer a amiga,

principalmente porque sentia vergonha de sua própria ignorância. Afinal, era melhor passar por alguém perspicaz e confiável, como pensava Isabella. James, ela soube, estava se preparando para partir a toda velocidade para Fullerton, para dar a conhecer sua situação e pedir o consentimento dos pais. E isso era fonte de muita agitação na mente de Isabella. Catherine esforçou-se por persuadi-la, como ela mesma acreditava, de que seu pai e sua mãe nunca se oporiam aos desejos do filho.

– É impossível que haja pais mais gentis ou mais desejosos da felicidade de seus filhos. Não tenho dúvida de que eles consentirão imediatamente – disse ela.

– Morland diz exatamente o mesmo. E, no entanto, não me atrevo a esperar. Minha fortuna é tão pequena, eles nunca vão consentir. Seu irmão, que poderia se casar com qualquer pessoa! – respondeu Isabella.

Aqui Catherine novamente discerniu a força do amor.

– Na verdade, Isabella, você é muito humilde. A diferença de fortuna não significa nada.

– Oh! Minha doce Catherine, em seu generoso coração sei que isso não significaria nada, mas não devemos esperar tal desinteresse nos outros. Quanto a mim, tenho certeza de que desejaria que nossas situações estivessem invertidas. Mesmo se eu tivesse milhões, fosse a dona do mundo inteiro, seu irmão seria minha única escolha.

Esse sentimento encantador, recomendado tanto pelo bom senso quanto pela novidade, dava a Catherine uma lembrança muito agradável de todas as heroínas que conhecia. E ela achou que a amiga nunca tinha parecido mais adorável do que ao proferir essa nobre ideia.

– Tenho certeza de que consentirão – foi o que repetiu. – Tenho certeza de que ficarão encantados com você.

– De minha parte, meus desejos são tão moderados que a menor renda seria suficiente para mim. Quando as pessoas realmente se amam, a pobreza em si é riqueza. Detesto a grandeza: não quero me estabelecer em Londres de jeito nenhum. Uma casinha em algum vilarejo distante seria maravilhoso. Há algumas pequenas casas charmosas em Richmond – disse

Isabella.

– Richmond! Vocês devem se estabelecer perto de Fullerton. Ficarão perto de nós – exclamou Catherine.

– Tenho certeza de que serei muito infeliz se não fizermos isso. Se eu puder estar perto de você, ficarei satisfeita. Mas não devemos falar dessas coisas! Não me permitirei pensar em tais coisas até que tenhamos a resposta de seu pai. Morland diz que, enviando uma carta esta noite a Salisbury, poderemos ter a resposta amanhã. Amanhã? Sei que nunca terei coragem de abrir a carta. Sei que será a minha morte.

A afirmação foi seguida por um devaneio. E quando Isabella falou de novo, foi para falar de seu vestido de noiva.

A conversa foi encerrada pelo ansioso jovem noivo, que veio dar um suspiro de despedida antes de partir para Wiltshire. Catherine queria parabenizá-lo, mas não sabia o que dizer, e sua eloquência estava apenas em seus olhos. Neles, no entanto, um discurso completo brilhava da forma mais expressiva e James podia entendê-las com facilidade. Impaciente para a realização de tudo o que esperava em casa, sua despedida não foi longa e teria sido ainda mais curta, se ele não tivesse sido frequentemente detido pelas recomendações urgentes de sua amada para que fosse rápido. Duas vezes ele foi chamado quase da porta para aconselhá-lo a ir depressa.

– Na verdade, Morland, imploro que vá logo. Considere o quanto terá que cavalgar. Não suporto ver a sua demora. Pelo amor de Deus, não perca mais tempo. Vá, vá, eu insisto.

As duas amigas, com os corações agora mais unidos do que nunca, não se separaram durante o dia. E, em atividades que davam muita felicidade fraterna, as horas voavam. A senhora Thorpe e o filho, que sabiam de tudo, e que pareciam apenas esperar o consentimento do senhor Morland para considerar o noivado de Isabella como a circunstância mais afortunada possível para sua família, foram autorizados a contribuir com seus conselhos e adicionar sua cota de olhares significativos e expressões misteriosas para aumentar a curiosidade das irmãs mais jovens, que não sabiam de nada. Uma reserva tão estranha, cuja finalidade Catherine não conseguia compreender, teria ferido os sentimentos dela e a teriam levado

a dar uma explicação às duas. Mas Anne e Maria logo a tranquilizaram levando o assunto na brincadeira e fazendo alarde de que sabiam tudo “o que estava acontecendo”. E a noite foi passada numa espécie de guerra de esperteza, numa demonstração de engenhosidade familiar, um lado procurando manter o mistério de um segredo, o outro querendo aparentar que se sabia mais do que imaginava.

Catherine encontrou a amiga novamente no dia seguinte, esforçando-se para apoiá-la e esperar as muitas horas tediosas antes da entrega da carta. Um esforço necessário, pois, à medida que o tempo de expectativa razoável se aproximava, Isabella ia ficando cada vez mais desanimada, e, antes da chegada da carta, havia sido tomada por um estado de verdadeira angústia. Mas, quando chegou, onde estava a aflição? “Não tive dificuldade em obter o consentimento de meus amáveis pais que me prometeram que farão tudo ao seu alcance para promover minha felicidade”, foram as três primeiras linhas, e em um momento tudo foi alegria e segurança. O rosto de Isabella se iluminou instantaneamente, todo o cuidado e a ansiedade pareciam removidos, seu ânimo quase se descontrolou, e ela disse sem escrúpulos que era a mais feliz das mortais.

A senhora Thorpe, com lágrimas de alegria, abraçou a filha, o filho, a visitante, e poderia ter abraçado metade dos habitantes de Bath com satisfação. Seu coração estava transbordando de ternura. Era “querido John” e “querida Catherine” em cada palavra. “Querida Ana e querida Maria” imediatamente compartilharam a felicidade dela. E duas “queridas” de uma só vez antes do nome de Isabella era o que aquela filha amada agora merecia. O próprio John não poupava alegria. Ele não só concedia ao senhor Morland a alta recomendação de ser um dos melhores rapazes do mundo, mas falava em sua homenagem.

A carta de onde saía toda essa felicidade era curta, contendo pouco mais que essa garantia de sucesso. Todos os detalhes foram adiados até que James pudesse escrever novamente. Mas Isabella podia se dar ao luxo de esperar os detalhes. O necessário estava incluído na promessa do senhor Morland que jurava que iria facilitar tudo. E de que maneira a renda deles seria formada, se alguma propriedade seria herdada ou se algum dinheiro

seria oferecido eram questões que não preocupavam seu espírito desinteressado. Ela sabia o suficiente para se sentir segura de um estabelecimento honrado e rápido, e sua imaginação deu um ligeiro voo sobre essas felicidades. Ela se viu, dentro de algumas semanas, olhada e admirada por cada novo conhecido em Fullerton, a inveja de todos os velhos amigos importantes em Putney, em uma carruagem, um novo nome em seu cartão e uma aliança brilhante exibida no dedo.

Quando o conteúdo da carta foi revelado, John Thorpe, que aguardava apenas a chegada dela para iniciar sua jornada a Londres, preparou-se para partir.

– Bem, senhorita Morland, vim me despedir – disse ele, ao encontrá-la sozinha na sala de visitas.

Catherine desejou-lhe uma boa viagem. Sem parecer ouvi-la, ele foi até a janela, mexeu nela, cantarolou uma melodia e parecia totalmente absorto.

– O senhor não vai se atrasar, já que vai a Devizes? – perguntou Catherine. Ele não respondeu, mas depois de um minuto de silêncio falou:

– Uma coisa boa é esse plano de casamento, juro pela minha alma! Uma jogada inteligente de Morland e Belle. O que acha, senhorita Morland? Digo que não é uma ideia ruim.

– Tenho certeza de que acho muito bom.

– Acha? Que honestidade, pelos céus! Fico feliz que não seja inimiga do matrimônio. A senhorita já ouviu a velha música “Ir a um casamento traz outro”? Digo, a senhorita virá ao casamento da Belle, espero.

– Sim. Prometi a sua irmã que estaria com ela, se possível.

– E então a senhorita sabe – virando-se e forçando uma risada tola. – Digo, então a senhorita sabe, podemos testar a verdade dessa velha canção.

– Podemos? Mas eu nunca canto. Bom, desejo-lhe uma boa viagem. Janto com a senhorita Tilney hoje e agora devo ir para casa.

– Não, mas qual é esse diabo de pressa? Quem sabe quando podemos estar juntos novamente? Só voltarei daqui a quinze dias e será uma terrível e longa quinzena para mim.

– Então por que o senhor ficará longe por tanto tempo? – perguntou Catherine, sabendo que ele esperava por uma resposta.

– Isso é gentil da sua parte. Gentil e de boa índole. Não vou esquecer isso tão rápido. Mas a senhorita é mais bondosa do que qualquer outra pessoa viva, eu acredito. Realmente muito bondosa, e não é apenas bondade, a senhorita tem muito, muito de tudo. E então a senhorita tem tanta... Pela minha alma, não conheço ninguém como a senhorita.

– Oh, há muita gente como eu, ousou dizer, apenas muito melhor. Bom dia para o senhor.

– Mas estou dizendo, senhorita Morland, devo ir e prestar meus respeitos em Fullerton sem demora, se não for desagradável.

– Claro, vá. Meu pai e minha mãe ficarão muito felizes em vê-lo.

– E espero, espero, senhorita Morland, que não se arrependa de me ver.

– Oh, de jeito nenhum. Há poucas pessoas que lamento ver. Ter companhia é sempre alegre.

– Essa é a minha maneira de pensar. Dê-me apenas uma companhia um pouco alegre, deixe-me ter apenas a companhia das pessoas que amo, deixe-me apenas onde gosto de estar e com quem gosto, e o diabo pode levar o resto, digo eu. E estou sinceramente feliz em ouvir a senhorita falar o mesmo. Mas tenho uma ideia, senhorita Morland, nós pensamos de forma parecida na maioria dos assuntos.

– Talvez seja verdade, mas jamais havia pensado nisso. E quanto à maioria dos assuntos, para dizer a verdade, não há muitos que eu conheça.

– Por Deus, nem eu. Não gosto de incomodar meu cérebro com o que não me diz respeito. Minha visão das coisas é bem simples. Deixe-me ter apenas a garota que gosto, digamos, com uma casa confortável por cima da minha cabeça, e que me importa todo o resto? A fortuna não é nada. Tenho assegurada uma boa renda própria e, se ela não tivesse um centavo, tanto melhor.

– É verdade. Penso como o senhor. Se há uma boa fortuna de um lado, não é preciso nada do outro. Não importa quem tiver, desde que seja o suficiente. Odeio a ideia de uma grande fortuna procurando outra. E acho a coisa mais cruel que existe casar-se por dinheiro. Bom dia. Ficaremos muito felizes em vê-lo em Fullerton, quando for conveniente.

E foi embora. Toda a galanteria dele não poderia detê-la por mais tempo.

Com tantas notícias para comunicar, e visitas para preparar, sua partida não deveria ser atrasada por nada que ele pudesse dizer. E ela se apressou, deixando-o com a certeza de sua feliz abordagem e seu encorajamento explícito.

A agitação que ela mesma experimentou ao ficar sabendo do envolvimento do irmão fez com que esperasse grande emoção no senhor e na senhora Allen quando contou sobre o maravilhoso evento. Como foi grande sua decepção! O importante assunto, que precisou de muitas palavras de preparação para ser introduzido, havia sido previsto por ambos desde a chegada de seu irmão. E tudo o que sentiram na ocasião envolvia um desejo pela felicidade dos jovens, com uma observação, do lado do cavalheiro, pela beleza de Isabella, e da dama, de sua grande sorte. Para Catherine foi uma insensibilidade surpreendente. A revelação, no entanto, do grande segredo de que James havia ido a Fullerton no dia anterior, despertou alguma emoção na senhora Allen. Ela não ouviu isso com perfeita calma, mas lamentou a necessidade de terem ocultado a viagem, desejou que pudesse ter conhecido sua intenção, assim poderia tê-lo visto antes de sua partida e teria mandado seus cumprimentos aos pais dele e a todos os Skinner.



Capítulo 16

A expectativa de Catherine de sentir prazer com sua visita à rua Milsom era tão alta que a decepção era inevitável. E, portanto, apesar de ter sido recebida com muita cortesia pelo general Tilney, e gentilmente recepcionada pela filha dele, mesmo com Henry estando em casa, e ninguém mais do grupo, ela descobriu, quando voltava, sem gastar muitas horas examinando seus sentimentos, que havia ido fazer sua visita se preparando para uma felicidade que não poderia ser proporcionada.

Em vez de se aproximar da senhorita Tilney, por conta da conversa daquele dia, Catherine não parecia ter ficado mais íntima dela do que antes. Em vez de ter mais oportunidades do que nunca de ver Henry Tilney, no conforto de um grupo familiar, ele jamais falara tão pouco, e jamais tinha sido tão pouco agradável. E, apesar da grande educação dispensada a ela pelo pai deles, apesar de seus agradecimentos, convites e elogios, tinha sido um alívio sair de perto dele.

Explicar tudo isso a intrigava. Não podia ser culpa do general Tilney. Não havia dúvidas quanto ao fato de que ele era perfeitamente agradável e de bom coração, e em geral um homem muito charmoso, pois era alto e bonito, e o pai de Henry. Não podia ser responsabilizado pela pusilanimidade de seus filhos, ou pela falta de prazer que ela sentira na companhia dele. A primeira ela esperava por fim que fosse accidental, e a segunda só podia atribuir à sua própria estupidez. Isabella, ao ouvir os detalhes da visita, deu uma explicação diferente: “Foi tudo orgulho, orgulho, arrogância insuportável e orgulho! Ela há muito suspeitava que aquela família era muito altiva, e isso se confirmou. Ela jamais

testemunhara na vida comportamento tão insolente quanto o da senhorita Tilney! Onde já se viu não honrar a própria casa com simples boa educação! Tratar sua convidada com tamanha condescendência! Mal dirigir a palavra a ela!”.

– Mas não foi tão ruim assim, Isabella. Não houve condescendência, ela foi muito educada.

– Ora! Não a defenda! E também tem o irmão, ele, que aparentara sentir tanto carinho por você! Meu Deus! Bem, os sentimentos de certas pessoas são incompreensíveis. Então quer dizer que ele mal olhou uma vez para você durante todo o dia?

– Eu não falei isso. Mas ele não parecia muito animado.

– Que desprezível! Entre tudo o que há no mundo, sinto aversão pela inconstância. Permita-me que lhe suplique nunca mais tornar a pensar nele, minha querida Catherine. Ele de fato não é digno de você.

– Indigno! Presumo que ele sequer pensa em mim.

– É exatamente isso o que eu estou dizendo, ele nunca pensa em você. Quanta volubilidade! Oh! Como ele é diferente do meu irmão e do seu! Eu realmente acredito que John tenha o coração mais constante.

– Mas quanto ao general Tilney, eu lhe garanto que seria impossível que alguém me tratasse com mais educação e atenção. A única preocupação dele parecia ser me entreter e me deixar feliz.

– Oh! Não sei de nada de mal sobre ele, não suspeito que seja orgulhoso. Acho que é um homem bastante cavalheiro. John o tem em alta conta, e a opinião de John...

– Bem, verei como eles se comportarão comigo esta noite, vamos nos encontrar nos salões.

– E eu devo ir?

– Você não pretende ir? Achei que este assunto estava resolvido.

– Não, já que você faz tanta questão, não lhe posso recusar nada. Mas não insista para que eu seja muito simpática, pois meu coração, como você sabe, vai estar a mais de 60 quilômetros dali. E, quanto a dançar, nem fale sobre isso, eu lhe suplico. Isso está totalmente fora de questão. Atrevo-me a dizer que Charles Hodges vai me importunar muito, mas vou dispensá-lo

logo. Aposto dez contra um que ele vai adivinhar o motivo, e isso é exatamente o que eu quero evitar, então, vou insistir para que ele guarde suas especulações para si mesmo.

A opinião de Isabella sobre os Tilney não influenciou sua amiga. Catherine tinha certeza de que não houve insolência nos modos do irmão ou da irmã, e ela não acreditava haver qualquer sinal de orgulho nos corações deles. A noite confirmou sua certeza. Ela foi recebida por uma com a mesma gentileza, e pelo outro, com a mesma atenção do que antes: a senhorita Tilney se deu o trabalho de ficar perto dela, e Henry a convidou para dançar.

Tendo ouvido no dia anterior na rua Milsom que o irmão mais velho deles, o capitão Tilney, era esperado a qualquer hora, ela já sabia o nome de um jovem de aparência muito moderna e bonita, que ela nunca vira antes, e que agora evidentemente pertencia ao grupo deles. Ela olhou para ele com grande admiração, e até achou possível que algumas pessoas pudessem achá-lo ainda mais bonito do que o irmão, mas, aos olhos dela, ele tinha um ar mais presunçoso, e seu semblante era menos atraente. Seus gostos e modos eram, sem sombra de dúvida, inferiores, pois, pelo que ela pôde ouvir de onde estava, ele não só reclamou de cada sugestão para que dançasse, como também até riu abertamente de Henry por ter aventado essa possibilidade. Desta última circunstância se pode presumir que, qualquer que seja a opinião que nossa heroína faça dele, a admiração que ele sentia por ela não era de um tipo muito perigoso. Não era provável que provocasse animosidades entre os irmãos, ou perseguições à jovem. Ele não pode ser o instigador dos três vilões de gibão, que daqui para frente vão obrigá-la a viajar em uma carruagem que vai partir numa velocidade incrível. Catherine, enquanto isso, sem se perturbar com os pressentimentos de tamanho mal, ou de qualquer mal, exceto o de ter um conjunto curto de músicas para dançar, desfrutou de sua costumeira felicidade com Henry Tilney, ouvindo com olhos radiantes tudo o que ele dizia. E, achando-o irresistível, tornou-se irresistível também.

Ao final da primeira dança, o capitão Tilney tornou a vir na direção deles, e, para grande desgosto de Catherine, afastou o irmão dali. Eles

saíram sussurrando juntos, e, apesar de sua sensibilidade delicada não ter ficado alarmada de imediato e não ter se dado conta de que o capitão Tilney deveria ter ouvido algum comentário maldoso sobre ela, que ele agora se apressava para contar para o irmão, na esperança de separá-los para sempre, ela não podia ter o seu parceiro afastado sem ter um incômodo sentimento. O suspense durou cinco minutos, e ela estava começando a achar que haviam se passado longos quinze minutos quando os dois voltaram e uma explicação foi dada. Foi quando Henry quis saber se Catherine achava que a amiga dela, a senhorita Thorpe, teria alguma objeção a dançar, pois o irmão dele ficaria muito feliz de ser apresentado a ela. Catherine, sem hesitar, respondeu que tinha muita certeza de que a senhorita Thorpe não pretendia de modo algum dançar. A resposta cruel foi repassada ao outro, e ele imediatamente saiu dali.

– Seu irmão não vai se importar, eu sei – disse ela –, porque eu o ouvi dizer mais cedo que odiava dançar, mas foi muito amável da parte dele pensar nisso. Presumo que ele tenha visto Isabella sentada, e imaginou que ela poderia querer um parceiro. Mas ele está muito enganado, pois ela não dançaria por nada neste mundo.

Henry sorriu e disse:

– A senhorita se esforça muito pouco para entender os motivos por trás das atitudes das pessoas.

– Por quê? O que o senhor quer dizer com isso?

– Com a senhorita, a questão não é: “Como alguém assim pode ser influenciado?”, “O que teria maior probabilidade de influir sobre os sentimentos, a idade, a situação e os prováveis hábitos de uma pessoa?”, mas sim: “Como serei influenciada? O que me influenciaria a agir assim ou assado?”

– Não lhe entendo.

– Então, não estamos de igual para igual, pois eu lhe entendo perfeitamente bem.

– Eu? Sim, eu não falo bem o bastante para ser ininteligível.

– Bravo! Que excelente ironia sobre a linguagem moderna.

– Mas, por favor, diga-me o que o senhor quer dizer.

– Devo mesmo dizer? A senhorita realmente quer isso? Mas a senhorita não está ciente das consequências. Isso vai lhe envolver em um constrangimento muito cruel, e com certeza provocará um desentendimento entre nós.

– Não, não, não vai provocar nem uma coisa nem outra. Não tenho medo.

– Bem, então, eu só quis dizer que o fato de a senhorita ter atribuído o desejo de meu irmão dançar com a senhorita Thorpe somente à amabilidade me deixou convencido de que sua própria amabilidade é superior à de todo o resto do mundo.

Catherine ficou vermelha e negou, e as previsões do cavalheiro se cumpriram. No entanto, alguma coisa nas palavras dele a recompensara pela dor da confusão, e isso ocupou tanto a mente dela que ficou alheia por um tempo, se esquecendo de falar ou de ouvir, e quase esquecendo onde estava. Até que, despertada pela voz de Isabella, Catherine ergueu o olhar e a viu prestes a dar a mão para o capitão Tilney.

Isabella deu de ombros e sorriu, a única explicação que poderia ser dada naquele momento para aquela mudança extraordinária. Mas como a explicação não foi suficiente para a compreensão de Catherine, ela claramente expressou sua perplexidade para seu parceiro.

– Não consigo conceber como isso pôde acontecer! Isabella estava muito determinada a não dançar.

– E por acaso Isabella jamais mudou de ideia antes?

– Oh! Mas, por quê? E o seu irmão! Depois que o senhor contou a ele o que eu lhe disse, como ele pôde pensar em chamá-la para dançar?

– Eu não posso me surpreender com ele. A senhorita me pediu que ficasse surpreso com relação à sua amiga, e, portanto, eu estou. Mas, quanto ao meu irmão, a conduta dele em tudo isso, devo admitir, não foi nem um pouco diferente da que eu achei que ele teria. A beleza de sua amiga foi uma clara atração. A firmeza dela, sabe, só pode ser entendida pela senhorita.

– O senhor está rindo, mas eu lhe asseguro, Isabella em geral é muito firme.

– Isso pode ser dito sobre qualquer pessoa. Ser firme sempre significa ser

obstinado com frequência. O momento adequado de relaxar é uma questão de decisão pessoal. E, sem fazer referência ao meu irmão, eu realmente acho que a senhorita Thorpe de jeito algum fez uma escolha ruim ao decidir relaxar neste exato momento.

As amigas não conseguiram se reunir para trocar qualquer confidência antes de todas as danças terminarem. Mas, depois, enquanto caminhavam de braços dados pelo salão, Isabella se explicou:

– Não me espanta a sua surpresa, e estou de fato morta de cansaço. E como ele é falastrão! Seria divertido o bastante, se minha cabeça não estivesse em outro lugar, mas eu teria dado a vida para ter ficado sentada e parada.

– Então, por que não ficou?

– Oh! Minha querida! Teria parecido implicância de minha parte, e você sabe como eu abomino fazer isso. Eu o recusei pelo máximo de tempo que pude, mas ele não aceitava minhas negativas. Você não faz ideia de como me pressionou. Implorei para que me desculpasse, e para que arranjasse outra parceira... ❖ Mas não, ele não. Depois de ter desejado a minha mão, não havia mais ninguém no salão em que ele suportava pensar. E o capitão não queria apenas dançar, queria a minha presença. Oh! Que disparate! Eu disse que ele havia escolhido um modo pouco provável de me convencer, pois, de todas as coisas do mundo, eu odeio discursos bonitos e elogios. E então... E então, eu me dei conta de que não teria paz se não me levantasse. Além disso, pensei que a senhora Hughes, que me apresentou a ele, pudesse se ofender se eu não dançasse. E quanto ao seu querido irmão, estou certa de que ele teria ficado muito infeliz caso eu permanecesse sentada a noite toda. Estou tão contente que isso acabou! Meu ânimo está saturado de ouvir os disparates dele. Além do mais, por ele ser um jovem tão bem-apresentado, vi que todos estava olhando para nós.

– Ele, de fato, é muito bonito.

– Bonito! Sim, acho que até pode ser. Eu me arrisco a dizer que as pessoas em geral o admirariam. Mas ele não faz o meu tipo de beleza nem um pouco. Odeio homens de pele avermelhada e olhos escuros. No entanto, ele está muito bem. É incrivelmente presunçoso, tenho certeza.

Sabe, ao meu próprio modo, fiz vários ataques à vaidade dele.

Quando as jovens tornaram a se encontrar, tinham um assunto muito mais interessante para discutir. A segunda carta de James Morland havia então sido recebida, e as boas intenções de seu pai, totalmente explicadas. Uma renda, da qual o senhor Morland era ele mesmo o patrocinador e o recebedor, de cerca de 400 libras por ano, iria ser renunciada em prol de seu filho assim que ele tivesse idade o suficiente. Aquilo não era uma redução sem importância na renda da família, nem tampouco um encargo avarento para um entre dez filhos. Além disso, uma propriedade de quase o mesmo valor estava garantida como sua futura herança.

Na ocasião, James expressou a gratidão apropriada, e a necessidade de eles terem de esperar dois ou três anos antes de se casarem, apesar de indesejada, não era mais longa do que ele esperava, e foi suportada por ele sem descontentamento. Catherine, cujas expectativas haviam sido tão imprecisas quanto a noção que tinha da renda de seu pai, e cujo julgamento era agora completamente orientado por seu irmão, se sentiu também muito satisfeita, e parabenizou Isabella com efusão por ter tudo resolvido de modo tão agradável.

– É de fato muito admirável – disse Isabella, com o rosto sério.

– O senhor Morland de fato se comportou maravilhosamente – falou a gentil senhora Thorpe, olhando com ansiedade para a filha. – Eu só queria poder fazer o mesmo. Não se podia esperar mais dele, sabe? Se ele descobrir que pode fazer mais daqui a algum tempo, me arrisco a dizer que vai, pois tenho certeza de que deve ser um homem excelente, de bom coração. De fato, 400 libras são uma renda pequena para se começar uma vida, mas as suas vontades, minha querida Isabella, são tão modestas que você não leva em consideração o quão pouco quer, minha querida.

– Não é por mim que desejo mais, mas não posso suportar que isso seja um meio de magoar o meu querido Morland, ao fazê-lo se conformar com uma renda que mal cobre as necessidades triviais de sobrevivência. Para mim, ter pouco não importa, eu jamais penso em mim mesma.

– Eu sei que não, minha querida, e você sempre encontrará recompensa no afeto que as pessoas sentem por você por causa disso. Jamais houve

uma moça tão querida como você por todos os que a conhecem e me atrevo a dizer que quando o senhor Morland lhe vir, minha querida menina... mas não angustiemos nossa querida Catherine ao falar desses assuntos. O senhor Morland se comportou de modo muito bonito. Sempre ouvi dizer que ele era um homem excelente, e, minha querida, não devemos fazer suposições, mas, caso você tivesse tido uma fortuna adequada, ele teria acrescentado algo a ela, pois estou certa de que ele é um homem de cabeça bastante liberal.

– Ninguém pode ter o senhor Morland em mais alta conta do que eu, estou certa disso. Mas todos têm os seus defeitos, sabe, e todos têm o direito de fazer o que quiserem com seu próprio dinheiro.

Catherine ficou magoada com essas insinuações.

– Estou muito certa – disse ela – de que meu pai prometeu fazer o máximo que ele puder pagar.

Isabella se recompôs.

– Quanto a isso, minha doce Catherine, não pode haver dúvida, e você me conhece o bastante para ter certeza de que eu ficaria satisfeita com uma renda muito menor. Não é a falta de mais dinheiro que me deixa um tanto desanimada agora mesmo. Eu detesto dinheiro, e se nossa união pudesse ser realizada agora apenas com 50 libras por ano, eu não teria um desejo sequer por satisfazer. Ah!, minha Catherine, você me descobriu. O que me incomoda são os longos, longos e intermináveis dois anos e meio que terão de passar antes que o seu irmão comece a receber a renda.

– Sim, sim, minha querida Isabella – comentou a senhora Thorpe –, nós conseguimos ver com clareza os seus sentimentos. Você não os esconde. E nós entendemos perfeitamente a sua irritação atual, e todos devem lhe querer mais ainda por esse carinho tão nobre e sincero.

O sentimento incômodo de Catherine começou a diminuir. Ela se esforçou para acreditar que o adiamento do casamento era a única fonte de arrependimento de Isabella. E quando Catherine a viu no encontro seguinte delas tão alegre e amigável quanto de costume, se esforçou para esquecer que por um instante havia achado o contrário. James chegou logo depois da carta dele, e foi recebido com a mais gratificante gentileza.



Capítulo 17

Os Allen estavam agora na sexta semana de sua estada em Bath, e se aquela seria a última foi por algum tempo uma dúvida, à qual Catherine prestava atenção com o coração palpitante. Ter a sua familiaridade com os Tilney cortada tão prematuramente assim era um mal que nada podia contrabalançar. Toda a felicidade dela parecia estar em jogo enquanto o assunto não era decidido, e tudo pareceu estar garantido quando foi decidido que os aposentos seriam ocupados por mais quinze dias. Se esses quinze dias a mais provocariam nela algo além do prazer de às vezes ver Henry Tilney era uma parte diminuta das conjecturas de Catherine.

De fato, em uma ou duas ocasiões desde que o noivado de James lhe ensinara o que poderia ser feito, ela havia chegado ao ponto de em segredo se permitir um “talvez”, mas, em geral, a felicidade de estar com ele no presente limitava suas visões: o presente agora consistia de mais três semanas, e com a sua felicidade garantida por esse período de tempo, o resto da vida de Catherine parecia tão distante que pouco interesse despertava nela. Ao longo da manhã que testemunhou a resolução desta questão, ela visitou a senhorita Tilney e revelou seus sentimentos de alegria.

Aquele era um dia fadado a ser difícil. Logo após ela haver expressado seu encanto pela estada estendida do senhor Allen, a senhorita Tilney contou a ela que o seu pai havia acabado de decidir partir de Bath ao final de mais uma semana. Isso foi um golpe duro! O suspense vivido na manhã havia sido fácil e tranquilo perto da decepção do presente. O semblante de Catherine desabou, e com um tom de voz que revelava a mais sincera das

preocupações, ela repetiu as últimas palavras da senhorita Tilney: “Ao final de mais uma semana!”.

– Sim, meu pai raramente consegue ser convencido a pelo menos entrar nas águas. Ele tem andado decepcionado porque alguns amigos que ele esperava que viessem não puderam viajar, e como agora ele está muito bem de saúde, está com pressa para voltar para casa.

– Lamento muito isso. Se eu tivesse ficado sabendo disso antes... – disse Catherine com tristeza.

– Talvez – falou a senhorita Tilney, um tanto constrangida – você teria a bondade... eu ficaria muito feliz se...

A chegada do pai deu um fim àquela demonstração de cortesia, a qual Catherine começava a esperar que fosse incitar um convite para elas se corresponderem. Depois de se dirigir a ela com sua boa educação costumeira, ele se virou para a filha e falou:

– Bem, Eleanor, posso parabenizá-la por sua bem-sucedida dedicação à sua linda amiga?

– Eu mal havia começado a fazer o pedido quando o senhor entrou aqui.

– Bem, pode prosseguir. Sei o quanto você deseja isso. Minha filha, a senhorita Morland – prosseguiu ele, sem dar tempo à filha para falar – está elaborando um desejo muito intenso. Nós partiremos de Bath, como ela talvez lhe tenha dito, uma semana depois de sábado. Uma carta do meu intendente me informou que a minha presença é requisitada em casa, e, frustradas as minhas esperanças de encontrar o marquês de Longtown e o general Courteney aqui, que são dois velhos amigos, não há nada que me prenda por mais tempo aqui em Bath. E se pudéssemos convencê-la de nosso argumento egoísta, partiríamos sem qualquer arrependimento. Trocando em miúdos, pode a senhorita ser convencida a abandonar este cenário de triunfo público e dar o prazer de sua companhia à sua amiga Eleanor em Gloucestershire? Quase fico constrangido de fazer este pedido, apesar de que o atrevimento dele certamente pareceria maior para qualquer criatura em Bath que não seja a senhorita. Com uma modéstia como a sua, eu nada no mundo faria para importuná-la com elogios sinceros. Se a senhorita puder ser convencida a nos honrar com uma visita,

vai nos fazer mais feliz do que somos capazes de expressar. É verdade que não podemos oferecer-lhe nada parecido com os luxos deste animado lugar. Não podemos tentá-la com diversão ou esplendor, pois nosso modo de viver, como a senhorita vê, é simples e despretensioso. No entanto, não faltarão esforços de nossa parte para tornar a Abadia de Northanger não totalmente desagradável.

A Abadia de Northanger! Aquelas eram palavras emocionantes, que levaram os sentimentos de Catherine ao ponto mais alto do êxtase. Seu coração agradecido e satisfeito mal podia conter suas expressões dentro da linguagem tolerável da calma. Receber um convite tão lisonjeiro assim! Ter sua companhia solicitada com tanto carinho assim! Tudo o que era honrado e reconfortante, cada prazer atual, e cada esperança futura estavam contidos no coração dela. E a aquiescência, com a condição de que papai e mamãe permitissem, foi dada com avidez.

– Vou escrever para casa imediatamente, e se eles não se opuserem, como me atrevo a dizer que não se oporão... – disse ela.

O general Tilney não ficou menos otimista, pois já tinha consultado os ótimos amigos dela na rua Pulteney, e obtido a aprovação deles quanto ao seu desejo.

– Se eles podem consentir em deixar você partir, podemos esperar boa vontade do mundo todo – disse ele.

A senhorita Tilney foi sincera, porém gentil, em suas cortesias adicionais, e dentro de alguns minutos o assunto ficou quase tão resolvido quanto permitiria essa consulta a Fullerton.

As circunstâncias da manhã fizeram os sentimentos de Catherine passarem do suspense para a certeza, e, depois, para a decepção. Mas eles agora estavam abrigados em segurança na mais perfeita felicidade. E, com o ânimo alvoroçado à beira do arrebatamento, com Henry em seu coração e a Abadia de Northanger nos lábios, ela se apressou para ir para casa escrever a carta.

O senhor e a senhora Morland, contando com a prudência dos amigos a quem eles já haviam confiado a filha, não tiveram dúvidas quanto à decência de uma amizade que havia se formado diante deles, e, portanto,

enviaram de volta pelo correio seu rápido consentimento para que ela fosse a Gloucestershire. Essa permissão, apesar de não ser mais do que aquilo que Catherine esperara, completou sua convicção de que ela era mais privilegiada do que qualquer outra criatura humana, em matéria de amigos e fortuna, circunstância e destino.

Tudo parecia trabalhar a seu favor. Por conta da gentileza de seus primeiros amigos, os Allen, ela havia sido apresentada a cenários em que prazeres de todo tipo a encontraram. Tanto seus sentimentos quanto suas preferências tiveram a felicidade de ser correspondidos. Onde quer que sentisse algum vínculo emocional, ela havia sido capaz de criá-lo. A afeição de Isabella lhe seria garantida como a de uma irmã.

Os Tilney, de quem, acima de todos os outros, ela desejava o bem-querer, superaram até mesmo os seus desejos com o modo lisonjeiro com que a intimidade deles iria continuar. Ela seria a visitante escolhida por eles, passaria semanas sob o mesmo teto que a pessoa cuja companhia ela mais prezava – e, além de tudo isso, aquele teto era o teto de uma abadia! A paixão dela por edifícios antigos era quase tão forte quanto sua paixão por Henry Tilney, e castelos e abadias supriam de encantamento os devaneios que a imagem dele não preenchia. Ver e explorar as muralhas ou o torreão de um, os claustros da outra, haviam sido um desejo muito querido. No entanto, ser uma visitante por mais de uma hora parecia quase impossível demais para desejar. Ainda assim, isso ia se concretizar.

Com todas as probabilidades contra ela em termos de casa, salão principal, localização, parque, pátio e cabana, Northanger calhou de ser uma abadia, e ela seria um de seus residentes. Seus corredores compridos e úmidos, suas celas estreitas e capela em ruínas estariam ao alcance dela diariamente, e ela não conseguia reprimir por completo a esperança de escutar algumas lendas tradicionais, ou de encontrar o terrível memorial de uma freira ferida e malfadada.

Era maravilhoso que seus amigos parecessem tão pouco entusiasmados com o fato de possuírem uma casa como aquela, que a noção daquilo fosse aceita com tanta serenidade. O poder do hábito precoce era a única explicação para aquilo. Uma distinção para a qual eles haviam nascido não

despertava neles orgulho. A superioridade da morada não tinha mais valor para eles do que a superioridade da pessoa.

Muitas eram as perguntas que Catherine estava ansiosa por fazer à senhorita Tilney, mas seus pensamentos estavam tão agitados que, quando as perguntas foram respondidas, ela não se sentiu muito mais certa do que antes sobre o fato de a Abadia de Northanger ter sido um rico convento na época da Reforma Anglicana, de que um antepassado dos Tilney tomara posse dela na época de sua dissolução, de uma grande parte da construção antiga ainda fazer parte da casa atual, apesar de o resto estar em ruínas, ou de que a casa ficava na parte baixa de um vale, protegida ao norte e ao leste por altos carvalhais.



Capítulo 18

Portanto, repleta de felicidade, Catherine mal se deu conta de que dois ou três dias se passaram sem que ela visse Isabella por mais do que alguns minutos no total. Ela, a princípio, começou a se dar conta disso, e a suspirar pela conversa da amiga, enquanto caminhava pelo salão das fontes de águas medicinais certa manhã, sem nada para dizer ou para ouvir. E mal sentira falta da amizade por cinco minutos quando o objeto dela apareceu, e convidando-a para uma conversa privada, conduziu-a a um assento.

– Este é meu lugar favorito – disse ela enquanto se sentava em um banco entre as portas, que oferecia uma vista razoável das pessoas que podiam entrar por qualquer uma delas. – É muito afastado de tudo.

Catherine, observando que os olhos de Isabella não desgrudavam de uma ou da outra porta, como se estivessem em ansiosa expectativa, e se lembrando da frequência com que ela fora falsamente acusada de ser maliciosa, pensou que aquela era uma ótima oportunidade de realmente ser maliciosa. Portanto, disse com alegria:

– Não fique preocupada, Isabella, James logo vai chegar aqui.

– Ah! Minha querida criatura – replicou ela –, não me tome por uma idiota que sempre quer ele grudado ao meu braço. Seria horrendo estar sempre juntos, nos tornaríamos motivo de chacota neste lugar. Então, você vai para Northanger! Estou incrivelmente contente por isso. É uma das melhores propriedades antigas da Inglaterra, pelo que sei. Esperarei uma descrição minuciosa de lá.

– Você com certeza receberá a melhor descrição que eu puder fazer. Mas

quem está procurando? Suas irmãs estão vindo para cá?

– Não estou procurando ninguém. Temos de olhar para algum lugar, e você sabe como é complicado para mim fixar meu olhar quando meus pensamentos estão a uma centena de quilômetros daqui. Estou incrivelmente absorta. Creio ser a criatura mais absorta do mundo. Tilney diz que esse sempre é o caso com um certo tipo de mente.

– Mas, Isabella, eu achei que você tinha algo em particular para me contar, não é?

– Oh! Sim, é verdade. Mais eis aqui uma prova do que eu estava dizendo. Minha pobre cabeça, esqueci por completo. Bem, é o seguinte: acabei de receber uma carta de John. Você pode adivinhar o conteúdo.

– Não, na verdade, não posso.

– Minha querida, não fique tão afetada. Sobre o que mais ele poderia escrever além de você? Você sabe que ele está perdidamente apaixonado por você.

– Por mim, querida Isabella?

– Não, minha doce Catherine, você está sendo demasiado absurda! A modéstia, e tudo o mais, é muito boa a seu modo, mas, na verdade, um pouco de honestidade corriqueira às vezes é tão pertinente quanto. Não tenho a intenção de ser tão desmesurada assim! Você está querendo receber elogios. Os galanteios dele eram tamanhos que até uma criança teria reparado. E meia hora antes de ele partir de Bath foi quando você lhe deu o incentivo mais claro. É o que ele diz em sua carta, que ele praticamente lhe fez uma oferta, e que você recebeu as investidas dele do modo mais gentil possível. E agora ele quer que eu reitere os galanteios dele, e que lhe diga toda a sorte de coisas bonitas. Então, de nada serve fingir ignorância.

Catherine, com toda a franqueza da verdade, expressou sua perplexidade diante de tal acusação, declarando-se inocente de ter tido qualquer pensamento sobre o senhor Thorpe estar apaixonado por ela, e afirmando a consequente impossibilidade de ela sequer ter tencionado encorajá-lo.

– E quanto a quaisquer galanteios da parte dele, declaro, em nome de minha honra, que nem por um instante me sensibilizei por eles – exceto

por quando ele me convidou para dançar no dia da chegada dele. E quanto a me fazer uma oferta, ou qualquer coisa semelhante a isso, deve haver algum engano que não foi considerado. Eu não teria interpretado de maneira errada uma coisa desse tipo, você sabe! E, como quero que acredite em mim, eu solenemente declaro que nenhuma sílaba dessa natureza foi trocada entre nós. Meia hora antes de ele partir! Deve ser total e completamente um engano, pois eu sequer o vi uma vez que fosse em toda aquela manhã.

– Mas você com certeza o viu sim, pois passou toda a manhã nos Edgard's Buildings – foi o dia em que chegou a permissão do seu pai –, e estou certa de que você e John ficaram a sós na sala de visitas algum tempo antes de você ter saído da casa.

– Está certa mesmo? Bem, se você está dizendo que aconteceu, então aconteceu mesmo, mas me atrevo a dizer que juro pela minha vida que não me lembro disso. Eu de fato agora me lembro de ter estado com você e de vê-lo, assim como vi outras pessoas, mas não de ter passado cinco minutos a sós com ele. ♦ No entanto, não vale a pena discutir sobre isso, pois, o que quer aconteça da parte dele, você deve se convencer, pelo fato de eu não me lembrar, de que eu jamais pensei, esperei ou desejei dele qualquer coisa desse tipo. Estou excessivamente preocupada que ele tenha qualquer estima por mim, mas, de fato, da minha parte tudo foi sem intenção. Jamais tive a menor ideia disso. Rogo-lhe que esclareça isso para ele o quanto antes e diga que eu peço desculpas a Quer dizer... Eu não sei o que eu deveria dizer... Mas faça com que ele entenda o que estou querendo dizer, da maneira mais apropriada possível. Eu jamais faltaria ao respeito com um irmão seu, Isabella, estou certa disso, mas você sabe muito bem que, se eu pudesse pensar em um homem mais do que em outro... Ele não seria essa pessoa – Isabella ficou calada. – Minha querida amiga, não sinta raiva de mim. Não posso presumir que seu irmão se importe tanto assim comigo. E, você sabe, ainda assim continuaremos sendo irmãs.

– Sim, sim – respondeu Isabella, ficando corada –, há mais de uma maneira de sermos irmãs. Mas estou fazendo uma digressão. Bem, minha querida Catherine, parece que o caso é que você está decidida a rejeitar o

pobre John, não é mesmo?

– Eu certamente não posso retribuir o afeto dele, e com certeza jamais tive a intenção de encorajá-lo.

– Visto que é este o caso, estou certa de que não vou mais implicar com você sobre isso. John queria que eu discutisse este assunto com você e, portanto, foi o que fiz. Mas confesso que, assim que li a carta, pensei se tratar de um assunto tolo e impulsivo, com pouca probabilidade de render coisas boas para qualquer uma das partes, pois você sobreviveria do quê, caso se casassem? Vocês dois têm algumas posses, com certeza, mas hoje em dia não se sustenta uma família com qualquer ninharia. E, digam o que digam os apaixonados, não dá para viver sem dinheiro. Eu me pergunto apenas como John foi ter essa ideia. Ele decerto ainda não recebeu minha última carta.

– Então, você me isenta de ter feito qualquer coisa de errado? Está convencida de que eu nunca tencionei enganar o seu irmão, e que nunca suspeitei que ele gostasse de mim até este momento?

– Oh! Quanto a isso, eu não pretendo determinar quais poderiam ter sido os seus pensamentos ou intenções no passado – respondeu rindo Isabella. – Quem sabe disso é você mesma. Um ou outro flerte inofensivo vai acontecer, e frequentemente somos levados a dar mais encorajamento do que a outra pessoa está disposta a receber. Mas pode ter certeza de que eu serei a última pessoa no mundo a julgá-la com severidade. Todas essas coisas deveriam ser permitidas em se tratando de jovens e de espíritos exaltados. O que uma pessoa quer dizer em um dia, sabe, pode não querer dizer no dia seguinte. As circunstâncias mudam, as opiniões se alteram.

– Mas a minha opinião sobre seu irmão jamais mudou, ela sempre foi a mesma. Você está descrevendo algo que nunca aconteceu.

– Minha querida Catherine, por nada no mundo eu a apressaria a aceitar um noivado antes que você tivesse certeza de suas intenções – prosseguiu a outra sem sequer prestar atenção ao que Catherine havia dito. – Não acho que nada justificaria que eu desejasse que você sacrificasse toda a sua felicidade apenas para agradar ao meu irmão, porque ele é meu irmão, e, talvez, sabe, ele seja feliz do mesmo modo sem você, pois as pessoas

poucas vezes sabem o que querem, em especial os rapazes, eles são incrivelmente mutáveis e inconstantes. O que estou dizendo é: por que a felicidade de um irmão deveria ser mais cara do que a de uma amiga? Você sabe que minhas noções de amizade são muito elevadas. Mas, acima de tudo, minha querida Catherine, não tenha pressa. Acredite em mim: se você for muito apressada, com certeza vai viver em arrependimento. Tilney diz que não há nada que mais engane as pessoas do que o estado dos próprios afetos delas, e acredito que ele tenha plena razão. Ah! Lá vem ele. Deixe para lá, ele não vai nos ver, estou certa disso.

Catherine, erguendo o olhar, percebeu a presença do capitão Tilney. E Isabella, encarando-o com seriedade à medida que falava, logo chamou a atenção dele. Ele se aproximou imediatamente e se sentou no lugar indicado por ela. A primeira fala dele fez Catherine levar um susto. Apesar de dita em voz baixa, ela conseguiu distinguir: “O quê?! Sempre a ser observada, pessoalmente ou por relatos dos outros!”.

– Oh, mas que absurdo! – foi a resposta de Isabella, que também falou quase sussurrando. – Por que você coloca essas coisas na minha cabeça? Se pelo menos eu pudesse acreditar... Meu espírito, sabe, é muito independente.

– Eu queria que o seu coração fosse independente. Isso seria o bastante para mim.

– De fato, meu coração! O que você pode ter a ver com corações? Vocês, homens, não têm corações.

– Se não temos corações, temos olhos, e eles já nos atormentam o suficiente.

– É mesmo? Lamento por isso. Lamento que eles encontrem algo tão desagradável assim em mim. Vou olhar em outra direção. Espero que isso lhe agrade – virando de costas para ele. – Espero que agora seus olhos já não estejam atormentados.

– Eles jamais estiveram mais atormentados, pois a borda de uma bochecha corada ainda está à vista... É, ao mesmo tempo, muito e muito pouco.

Catherine escutou tudo aquilo e, muito desconcertada, já não podia mais

ouvir. Impressionada com o fato de que Isabella suportava aquilo, e sentindo ciúmes por seu irmão, ela se levantou e, dizendo que ia se encontrar com a senhora Allen, sugeriu que eles dessem uma caminhada. Mas Isabella não demonstrou qualquer intenção de fazer isso. Ela estava incrivelmente exausta e era muito detestável ficar desfilando pela sala das águas medicinais. E, se saísse de seu lugar, ia deixar de encontrar as irmãs. Ela esperava que as irmãs chegassem a qualquer momento, então, a querida Catherine deveria desculpá-la e tornar a se sentar calmamente.

Mas Catherine também podia ser teimosa, e com a senhora Allen chegando naquele momento para sugerir que elas voltassem para casa, Catherine se juntou a ela e saiu da sala das águas medicinais, deixando Isabella ainda sentada com o capitão Tilney. Foi com muita inquietação que ela então os deixou. Para ela, parecia que o capitão Tilney estava se apaixonando por Isabella, e que Isabella inconscientemente o encorajava. Tinha de ser de modo inconsciente, pois a ligação de Isabella com James era certa, e tão bem conhecida quanto o seu noivado. Duvidar da sinceridade ou das boas intenções dela era impossível. Ainda assim, durante toda a conversa delas, o comportamento de Isabella havia sido estranho. Ela queria que Isabella tivesse falado mais de seu modo costumeiro, e não tanto sobre dinheiro, e que não tivesse parecido tão satisfeita ao ver o capitão Tilney. Que estranho que ela não se desse conta da admiração dele! Catherine queria muito apontar isso a ela, para que ficasse atenta e evitasse toda a dor que o comportamento muito vivaz dela poderia, por outro lado, causar tanto nele quanto no irmão dela.

A afeição de John Thorpe não compensou a falta de atenção da irmã. Catherine acreditava quase tão pouco nesse afeto quanto desejava que fosse sincero, pois ela não se esquecera de que ele podia cometer erros. E a afirmação dele sobre a oferta e os incentivos dela convenceram-na de que os erros dele às vezes poderiam ser muito graves. Portanto, da vaidade ela pouco extraiu, seu lucro principal foi em termos de surpresa. Que ele pudesse crer que valia a pena imaginar que estava apaixonado por ela era uma questão de grande perplexidade. Isabella falou dos galanteios dele. Catherine jamais se dera conta de nenhum, mas Isabella dissera muitas

coisas que Catherine esperava que tivessem sido ditas apressadamente, e que jamais tornariam a ser ditas. E ficou contente em acreditar que assim seriam as coisas, para que naquele momento pudesse se sentir tranquila e confortável.



Capítulo 19

Alguns dias se passaram e Catherine, apesar de não se permitir suspeitar da amiga, não podia evitar vigiá-la de perto. O resultado das observações não foi agradável. Isabella parecia uma criatura alterada. Quando Catherine a via rodeada pelos amigos mais próximos delas nos Edgard's Buildings ou na rua Pulteney, a mudança no comportamento dela era tão insignificante que, se não tivesse prosseguido, talvez passasse despercebida. Ocasionalmente, ela iria se deparar com algo, uma indiferença lânguida, ou uma alardeada desatenção que Catherine nunca ouvira antes; mas, se nada de pior tivesse aparecido, isso talvez tivesse simplesmente espalhado um novo encanto e inspirado um interesse mais caloroso.

Mas quando Catherine a viu em público aceitando a corte do capitão Tilney tão prontamente quanto ela havia sido oferecida, e permitindo a ele um quinhão quase igual ao de James em sua atenção e em seus sorrisos, a mudança se tornou clara demais para ser deixada de lado. O que poderia ela querer dizer com tal comportamento instável, o que sua amiga pretendia, escapava à compreensão de Catherine. Isabella não podia ter ideia da dor que estava causando; mas era um grau de inconsciência deliberada do qual Catherine só podia se ressentir.

James era quem sofria. Ela o viu sério e incomodado, e, por mais indiferente ao estado de espírito atual dele que pudesse estar a mulher que lhe dera seu coração, para Catherine o estado de espírito do irmão era sempre objeto de suas preocupações. Ela também estava muito preocupada com o capitão Tilney. Apesar de a aparência dele não a agradar, ela sentia

simpatia devido ao sobrenome dele, e pensou com sincera compaixão sobre a decepção iminente que ele teria. Pois, apesar do que ela acreditara ter ouvido no Salão das Águas, o comportamento dele era tão incompatível com o conhecimento do noivado de Isabella que Catherine não podia, depois de refletir, imaginar que ele soubesse disso. Ele talvez ficasse com ciúmes por ter o irmão dela como rival, mas se parecia algo mais do que isso, ela deveria ter compreendido mal.

Catherine queria, com uma gentil advertência, lembrar Isabella de sua situação, e fazer com que ela se desse conta dessa dupla indelicadeza, mas não encontrava oportunidade para isso. Se ela fizesse apenas uma leve sugestão, Isabella não entenderia. Em meio a essa aflição, a planejada partida da família Tilney se tornou seu principal consolo. A viagem deles para Gloucestershire aconteceria dentro de alguns dias, e a saída do capitão Tilney pelo menos restabeleceria a paz em todos os corações, menos no dele. Mas o capitão Tilney no momento não tinha intenção de partir; ele não fazia parte do grupo que iria para Northanger e permaneceria em Bath. Quando Catherine ficou sabendo disso, ela se decidiu imediatamente. Falou com Henry Tilney sobre o assunto, lamentando a evidente parcialidade dele com relação à senhorita Thorpe, e suplicando a ele que tornasse conhecido o compromisso anterior dela.

– Meu irmão sabe – Foi a resposta de Henry.

– Sabe mesmo? Então por que ele continua aqui?

Ele não respondeu e começou a falar de outra coisa. Mas ela prosseguiu com avidez:

– Por que o senhor não o convence a ir embora? Quanto mais tempo ele ficar, pior vai ser para ele. Por favor, aconselhe-o, para o bem dele e de todos, a partir imediatamente de Bath. Com o tempo, a ausência vai deixá-lo confortável outra vez; mas ele não pode ter esperanças aqui, e ficar só o deixará infeliz.

Henry sorriu e disse:

– Tenho certeza de que meu irmão não iria querer fazer isso.

– Então o senhor vai persuadi-lo a ir embora?

– Isso não está ao meu alcance. Mas me perdoe, eu nem sequer posso

fazer um esforço para isso. Eu mesmo contei a ele que a senhorita Thorpe está noiva. Ele sabe o que faz, e tem de decidir sozinho o que é melhor.

– Não, ele não sabe o que faz – exclamou Catherine. – Ele não sabe a dor que está causando em meu irmão. Não que James algum dia tenha me dito isso, mas estou certa de que ele está muito incomodado.

– E a senhorita tem certeza de que é por culpa do meu irmão?

– Sim, certeza absoluta.

– São os galanteios de meu irmão para a senhorita Thorpe ou o fato de ela tê-los aceitado que causam essa dor?

– E não é a mesma coisa?

– Acho que o senhor Morland veria alguma diferença. Nenhum homem se ofende por outro homem admirar a mulher que ele ama; é somente a mulher que pode fazer disso um tormento.

Catherine sentiu vergonha pela amiga, e disse:

– Isabella está errada. Mas tenho certeza de que a intenção dela não pode ser atormentar, pois ela é muito ligada ao meu irmão. Ela é apaixonada por ele desde que eles se viram pela primeira vez, e enquanto o consentimento de meu pai não era certo, ela se inquietou quase ao ponto de ter uma febre. O senhor sabe que ela deve se unir a ele.

– Eu entendo: ela está apaixonada por James, e flerta com Frederick.

– Oh! Não, não flerta. Uma mulher apaixonada por um homem não pode flertar com outro.

– É provável que ela não vá amar tão bem, ou flertar tão bem, quanto poderia se fizesse apenas uma dessas coisas. Cada um dos cavalheiros deve ceder um pouco.

Depois de uma curta pausa, Catherine voltou a falar:

– Então o senhor não acredita que Isabella seja muito ligada ao meu irmão?

– Não posso opinar sobre esse assunto.

– Mas quais podem ser as intenções do seu irmão? Se ele sabe do noivado dela, o que significa o comportamento dele?

– A senhorita é uma inquisidora minuciosa.

– Sou mesmo? Eu só pergunto o que quero que me contem.

– Mas a senhorita só pergunta o que se pode esperar que seja contado?
– Sim, acho que sim; pois o senhor deve conhecer o coração do seu irmão.

– Sobre o coração do meu irmão, como a senhorita chamou, no presente momento, lhe garanto que só posso fazer especulações.

– E então?

– Ora! Não, se for para adivinhar, que cada um faça suas próprias especulações. Ser pautado por conjecturas de segunda mão é deplorável. Os fatos estão diante da senhorita. Meu irmão é vivaz e, talvez, às vezes, um rapaz desajuizado; faz uma semana que ele conhece a sua amiga, e ele sabe do noivado dela praticamente desde que eles se conheceram.

– Bem – disse Catherine, depois de alguns momentos de consideração –, o senhor pode ser capaz de adivinhar as intenções do seu irmão a partir de tudo isso; mas eu estou certa de que eu não sou. Mas o seu pai não está incomodado com isso? Ele não quer que o capitão Tilney vá embora? Se o seu pai falasse com ele, com certeza ele partiria.

– Minha querida senhorita Morland – falou Henry –, nessa preocupação pelo bem-estar do seu irmão, não pode estar um tanto equivocada? Não teria a senhorita ido um pouco longe demais? Ele lhe agradeceria, da parte dele ou da parte da senhorita Thorpe, por supor que o afeto dela, ou pelo menos o bom comportamento dela, só pode ser garantido se ela não vir mais o capitão Tilney? Estará ele a salvo apenas na solidão? Ou o coração dela só é fiel a ele quando não solicitado por ninguém mais? Ele não pode pensar isso. E pode ter certeza de que ele não iria querer que a senhorita pensasse isso. Não direi “Não se sinta incomodada” porque sei que no momento é assim que se sente. Mas fique incomodada o mínimo que puder. A senhorita não tem dúvidas quanto à ligação mútua entre seu irmão e sua amiga. Portanto, confie que jamais existirão ciúmes entre eles. Confie que nenhum desentendimento entre eles possa ser duradouro. Os corações deles estão abertos um para o outro, e nenhum deles pode se abrir para a senhorita. Eles sabem exatamente o exigido e o que pode ser suportado, e pode ter certeza de que um nunca implicará com o outro ao ponto de que isso se torne algo desagradável.

Percebendo que ela ainda estava séria e indecisa, ele acrescentou:

– Apesar de Frederick não partir de Bath conosco, ele provavelmente vai ficar muito pouco tempo aqui, talvez só mais alguns dias depois que nós formos embora. A licença dele logo vai acabar, e ele terá de voltar para o seu regimento. O que será então da amizade deles? Os oficiais beberão à saúde de Isabella Thorpe por uma quinzena, e ela rirá por um mês com seu irmão da paixão do pobre Tilney.

Catherine não mais lutaria contra o conforto. Ela havia resistido às investidas do conforto durante todo um discurso, mas agora era presa dele. Henry Tilney deveria saber melhor. Ela culpava a si mesma pela dimensão dos seus receios, e decidiu nunca mais tornar a pensar tão seriamente assim naquele assunto.

A decisão de Catherine foi respaldada pelo comportamento de Isabella no último encontro das duas. Os Thorpe passaram a última noite da estada de Catherine na rua Pulteney, e nada aconteceu entre os noivos que a deixasse incomodada, ou que fizesse com que ela saísse da companhia deles por apreensão. James estava muito bem-humorado, e Isabella, muito agradavelmente plácida. A ternura que ela sentia pela amiga parecia, na verdade, tomar conta de seu coração, mas isso, em um momento como aquele, era admissível. Uma vez, Isabella fez ao seu noivo uma clara objeção, e outra, afastou a mão; mas Catherine se lembrou das instruções de Henry e justificou tudo isso como afeto sensato. Os abraços, lágrimas e promessas das duas quando se despediram podem ser imaginados.



Capítulo 20

O senhor e a senhora Allen lamentaram se separar de sua jovem amiga, cuja alegria e bom humor a tornavam uma companhia valiosa, e, na promoção do divertimento dela, o deles aumentara um pouco. Mas a felicidade dela em partir com a senhorita Tilney os impedia de desejar que ficasse. E, como eles mesmos só iam ficar mais uma semana em Bath, a partida dela agora não seria sentida por muito tempo. O senhor Allen a acompanhou até a rua Milsom, onde ela tomaria o café da manhã, e a viu sentada com a mais gentil das boas-vindas em meio a seus novos amigos. Mas o nervosismo dela em se ver como um dos membros da família era tão grande, e ela tinha tanto medo de não fazer exatamente o que era certo, e de não conseguir preservar a boa opinião deles com relação a ela, que, no constrangimento dos primeiros cinco minutos, ela quase poderia ter desejado retornar com o senhor Allen para a rua Pulteney.

Os modos da senhorita Tilney e o sorriso de Henry logo espantaram alguns dos sentimentos desagradáveis de Catherine. Ainda assim, ela estava longe de se sentir tranquila, e nem as incessantes atenções do próprio general podiam reconfortá-la por completo. Por mais estranho que pudesse parecer, ela se perguntava se talvez não sentisse menos tensa se fosse menos alvo de atenções. A ansiedade do general pelo bem-estar dela, os contínuos pedidos dele para que ela comesse e os medos frequentemente expressados por ele de que ela não visse nada que a agradasse, apesar de nunca na vida ela ter visto tamanha variedade em uma mesa de café da manhã, tornou impossível que ela esquecesse por um só instante que era uma visita. Catherine se sentiu completamente

desmerecedora de tamanho respeito, e não sabia como reagir.

O nervosismo dela aumentou com a impaciência do general pela aparência do filho mais velho dele, ou com o desprazer que ele expressou com relação ao desleixo do filho quando o capitão Tilney finalmente desceu. Catherine se compadeceu da severidade da reprimenda do pai, que parecia desproporcional à ofensa do filho, e a preocupação dela aumentou muito quando se viu como o principal motivo do sermão, e que o atraso dele era principalmente ressentido por se tratar de um desrespeito a ela. Isso a deixava em uma situação muito incômoda e ela se compadeceu muito do capitão Tilney, sem ser capaz de esperar pela simpatia dele.

Tilney ouviu o pai em silêncio e não tentou se defender, o que confirmou o receio de Catherine de que a inquietude da mente dele, por conta de Isabella, talvez pudesse, ao tirar seu sono, ter sido a causa real de ele ter acordado tarde. Aquela era a primeira vez em que ela estava realmente na companhia dele, e esperava agora ser capaz de formar uma opinião sobre o capitão. Mas ela mal ouviu a voz de Tilney enquanto o pai dele permaneceu no cômodo; e, mesmo depois, o humor dele foi tão afetado que ela não conseguiu distinguir nada além destas palavras, em um sussurro para Eleanor: “Como vou ficar contente depois que todos vocês forem embora.”

A agitação da partida não foi agradável. O relógio bateu às dez horas enquanto os baús eram levados para o andar de baixo, e o general determinara sua saída da rua Milsom naquele horário. O sobretudo dele, em vez de ser levado para que ele o vestisse, estava estendido dentro da carruagem em que ele iria acompanhar o filho. O assento do meio não havia sido puxado, apesar de haver três pessoas para viajar nele, e a dama de companhia da filha havia enchido tanto o coche de pacotes que a senhorita Morland não teria espaço para se sentar nele; e ele estava tão influenciado por essa apreensão quando a conduziu para dentro do coche que Catherine teve alguma dificuldade em impedir que a própria escrivainha nova dela fosse atirada na rua. Por fim, no entanto, a porta foi fechada com as três mulheres dentro da carruagem, e elas partiram no ritmo sereno com que os bonitos e bem alimentados quatro cavalos de um

cavalheiro costumam fazer uma viagem de quase 50 quilômetros: essa era a distância de Northanger a Bath, que agora iria ser percorrida em duas etapas iguais. Catherine se reanimou à medida que elas se afastaram, pois, com a senhorita Tilney, ela não se sentia intimidada. E, com interesse por uma estrada que lhe era completamente nova, uma abadia diante de si e uma carruagem atrás, ela olhou para Bath uma última vez sem arrependimentos, e se deparou com todos os marcos da estrada antes do que ela esperava. Em seguida veio o tédio de uma espera de duas horas no vilarejo de Petty France, em que não havia nada a fazer além de comer sem ter fome, e caminhar a esmo sem ter nada para ver. Isso diminuiu um pouco a admiração dela pelo estilo no qual eles viajavam, na moderna carruagem com postilhões vestindo lindas librés, se elevando tão regularmente em seus estribos, e vários batedores adequadamente montados, por conta dessa consequente inconveniência. Caso o grupo dela fosse perfeitamente agradável, o atraso teria sido uma bobagem, mas o general Tilney, apesar de ser um homem encantador, parecia estar sempre tentando conter os ânimos de seus filhos, e quase nada foi dito por ninguém além dele. Observar o descontentamento dele sobre o que quer que fosse que a estalagem tinha a oferecer e sua impaciência irritada com os garçons, fizeram com que Catherine ficasse cada vez mais perplexa com ele, e pareceu transformar as duas horas em quatro. No entanto, por fim a ordem de partida foi dada, e Catherine então ficou muito surpresa com a sugestão do general de que ela deveria tomar o lugar dele na carruagem de seu filho pelo restante da viagem, afirmando que o dia estava bonito, e ele estava ansioso para que ela visse o máximo possível a paisagem do interior.

Catherine corou ao lembrar-se da opinião do senhor Allen sobre carruagens e rapazes, e o primeiro pensamento dela foi declinar do convite, mas o segundo foi de uma maior deferência pelo julgamento de general Tilney. Ele não podia sugerir a ela nada que fosse impróprio e, após alguns minutos, ela se viu com Henry na carruagem, e era a criatura mais feliz que jamais existiu. Depois de passar pouco tempo ali ela se convenceu de que uma carruagem era o veículo mais bonito do mundo. O

coche de quatro rodas rodava majestosamente, é certo, mas era também pesado e incômodo, e ela não conseguia esquecer facilmente o fato de que ele havia feito uma parada de duas horas em Petty France. A metade daquele tempo teria sido o suficiente, e os cavalos leves se moviam tão agilmente que, não tivesse o general decidido que o seu coche iria na frente, eles teriam ultrapassado o coche do general facilmente em meio minuto.

Porém o mérito não era todo dos cavalos. Henry dirigia muito bem de modo muito silencioso, sem fazer qualquer perturbação, sem se exhibir para ela, e sem maldizer os cavalos: era muito diferente do único cavalheiro-cocheiro com quem ela podia fazer uma comparação! E o chapéu dele estava tão bem posicionado, e as inúmeras capas de sua pelerine pareciam muito encantadoramente convenientes! Ser conduzida por ele, junto com ter dançado com ele, certamente era a maior felicidade do mundo. Além de todos os outros prazeres, ela agora sentia o de ouvir os elogios dele: o agradecimento, em nome da irmã dele, por sua gentileza em visitá-la, considerando aquilo uma amizade verdadeira e demonstrando uma enorme gratidão. A irmã, disse ele, estava em uma situação incômoda, ela não tinha nenhuma companhia feminina e, com a ausência frequente do pai, ela às vezes ficava sem qualquer companhia.

– Mas como pode ser isso? – indagou Catherine. – O senhor não faz companhia a ela?

– Northanger não é exatamente o meu lar. Tenho minha própria casa em Woodston, que fica a mais de 30 quilômetros da casa do meu pai, e passo necessariamente uma parte do meu tempo lá.

– Como deve lamentar isso!

– Eu sempre lamento quando tenho de ficar longe de Eleanor.

– Sim, mas, além de seu afeto por ela, o senhor deve sentir muito carinho pela abadia! Depois de se acostumar a morar em uma casa como a abadia, ter de morar em um presbitério comum deve ser desagradável.

Ele sorriu e disse:

– A senhorita formou uma opinião muito favorável da abadia.

– Decerto que sim. Não se trata de um lugar antigo e bonito, como se lê

nos romances?

– E a senhorita está disposta a ter contato com todos os horrores que uma casa “como se lê nos romances” pode oferecer? A senhorita tem um coração forte? Seus nervos aguentam portas de correr e tapeçaria?

– Oh! Sim, eu não acho que me assustarei com facilidade, porque haverá muitas outras pessoas na casa, e além disso, a abadia nunca ficou desabitada e abandonada por anos, para então a família voltar para lá sem dar um aviso prévio, como geralmente acontece nos romances.

– Não, certamente. Não teremos que explorar os caminhos de um salão mal iluminado pelas fracas brasas de uma lareira... Nem obrigados a estender nossas camas no chão de um cômodo sem janelas, portas ou mobília. Mas a senhorita deve saber que, quando uma jovem é (por qualquer que seja o meio) apresentada a uma morada desse tipo, ela sempre é acomodada separada do resto da família. Enquanto eles vão confortavelmente para a extremidade deles da casa, ela é conduzida formalmente por Dorothy, a vetusta governanta, por uma escada diferente, e por muitos corredores escuros, para um aposento que não é usado desde que algum primo ou outro parente morreu ali cerca de vinte anos antes. A senhorita consegue suportar uma cerimônia como essa? A sua mente não vai lhe encher de dúvidas quando estiver nesse quarto escuro, alto e amplo demais, somente com os fracos raios de um único lampião para dar conta da iluminação, com tapeçarias nas paredes retratando figuras em tamanho real, e a cama, de algo verde-escuro ou de veludo roxo, tendo mesmo a aparência fúnebre? Seu coração não vai se afundar no seu peito?

– Oh! Mas isso não vai acontecer comigo, estou certa.

– Com quanto pavor a senhorita examinará a mobília do seu aposento! E o que distinguirá? Não mesas, lavabos, cômodas ou gavetas, mas, em um canto, talvez os resquícios de um alaúde quebrado, e, em outro, um baú pesado e impossível de abrir, e, sobre a lareira, o retrato de algum guerreiro bonito, cujas feições lhe afetarão tão incompreensivelmente que a senhorita não conseguirá desgrudar os olhos dele. Dorothy, enquanto isso, não menos impressionada com a sua aparência, olhará fixamente para a senhorita, muito agitada, e deixará escapar algumas pistas ininteligíveis.

Para lhe animar, além disso, ela lhe dará motivos para supor que a parte da abadia em que está hospedada é sem dúvida mal-assombrada, e lhe informar que a senhorita não terá um só criado por perto quando chamar. Com esta cordial despedida ela fará uma mesura e sairá. E a senhorita ouvirá os passos dela se afastando até que o último eco chegue aos seus ouvidos, e quando, já quase desvanecendo, tentar trancar a sua porta, vai descobrir, com crescente alarme, que ela não tem tranca.

– Oh! Senhor Tilney, que assustador! É exatamente como em um livro! Mas isso na verdade não pode acontecer comigo. Tenho certeza de que sua governanta não é de fato Dorothy. Bem, então o que vem depois?

– Talvez nada que cause alarme aconteça na primeira noite. Depois de superar o seu pavor incontrolável da cama, a senhorita se deitará e dormirá por algumas horas um sono intranquilo. Mas, na segunda, ou no máximo na terceira noite depois de sua chegada, provavelmente cairá uma tempestade violenta. Trovoadas tão altas que parecem abalar as fundações da casa soarão pelas montanhas vizinhas, e, durante as assustadoras rajadas de vento que as acompanharão, a senhorita provavelmente pensará que distingue, pois seu lampião ainda não apagou, que um trecho da tapeçaria da parede se agita com mais força do que o resto. Obviamente incapaz de reprimir sua curiosidade em um momento tão favorável para satisfazê-la, a senhorita imediatamente vai se levantar, e, jogando seu roupão sobre o corpo, examinará esse mistério. Depois de uma breve busca, descobrirá uma divisão na tapeçaria tão habilidosamente feita que desafiará a inspeção mais minuciosa. Ao abri-la, uma porta imediatamente aparecerá, trancada apenas por sólidas barras e um ferrolho, que a senhorita, depois de algumas tentativas, conseguirá abrir, e, com seu lampião em mãos, passará por ela e entrará em um pequeno cômodo abobadado.

– Certamente que não. Eu ficaria assustada demais para fazer qualquer coisa desse tipo.

– O quê! Não depois que a Dorothy lhe tiver dado a entender que existe uma ligação subterrânea entre o seu aposento e a capela de Santo Antônio, que fica a menos de três quilômetros da abadia! A senhorita teria medo de

fazer uma aventura tão simples assim? Não, não, a senhorita irá entrar nesse pequeno cômodo abobadado e passar por vários outros, sem perceber nada de muito notável neles. Em um talvez haja uma adaga, em outro, algumas gotas de sangue, e, em um terceiro, os resquícios de algum instrumento de tortura. Mas, não havendo nada fora do comum, e com seu lampião quase se apagando, voltará na direção do seu aposento. Ao passar de novo pelo cômodo abobadado, no entanto, seus olhos serão atraídos na direção de um grande armário antiquado, feito de ébano e ouro, que, apesar de ter examinado detidamente a mobília antes, passara despercebido. Impelida por um pressentimento irresistível, a senhorita irá com avidez até ele, destrancando as portas, e examinando todas as gavetas... Mas sem descobrir nada de importante por algum tempo... Talvez nada além de um considerável tesouro em diamantes. Por fim, no entanto, ao tocar em uma mola secreta, um compartimento interno se abrirá e um conjunto de papéis enrolados aparecerá. ♦ A senhorita irá pegá-lo e ele conterá várias folhas manuscritas... A senhorita vai se apressar com o precioso tesouro de volta para o seu aposento, mas mal terá conseguido decifrar: “Oh! Vossa mercê, quem quer que vossa mercê possa ser, nas mãos de quem chegam essas memórias da infeliz Matilda”... Quando seu lampião subitamente se apagará e lhe deixará completamente no escuro.

– Oh! Não, não ♦ não diga isso. Bem, prossiga.

Mas Henry estava entretido demais pelo interesse que havia suscitado para prosseguir com a história; já não conseguia controlar a solenidade tanto do tema quanto do tom de voz, e foi obrigado a suplicar a ela que usasse a própria imaginação no exame detido dos infortúnios de Matilda. Catherine, se recompondo, ficou constrangida por sua própria avidez, e começou a seriamente assegurar a ele que sua atenção havia sido prendida sem a mínima apreensão de que realmente fosse acontecer o que ele relatara. A senhorita Tilney, ela estava certa, jamais a hospedaria em um aposento como o que ele descrevera! Ela não sentia nenhum medo.

À medida que eles se aproximavam do fim da viagem, a impaciência de Catherine por avistar a abadia, que por algum tempo fora esquecida pela

conversa dele sobre assuntos muito diferentes, voltou com força total, e cada curva da estrada era esperada com um assombro solene de que revelaria um vislumbre de seus sólidos muros de pedra cinza, se elevando em meio a um antigo carvalhal, com os últimos raios do sol brilhando com lindo esplendor em suas altas janelas góticas. Mas a construção era tão baixa que ela se viu atravessando os grandes portões da guarita e chegando à propriedade de Northanger sem nem mesmo ter visto uma chaminé antiga.

Não sabia se tinha o direito de ficar surpresa, mas havia algo nesse modo de se aproximar que ela certamente não esperara. Passar por entre alojamentos de aparência moderna, e se encontrar tão facilmente no terreno da abadia, e ser conduzida tão rapidamente por uma estrada plana e nivelada de cascalho fino, sem obstáculos, alarme ou solenidade de qualquer espécie, foi algo que lhe pareceu estranho e incoerente. No entanto, não teve muito tempo para essas considerações. Uma súbita pancada de chuva, caindo com toda força no rosto dela, tornou impossível que observasse qualquer outra coisa, e fez com que ela fixasse seu pensamento no bem-estar de seu chapéu de palha novo. E ela estava, na verdade, sob os muros da abadia, saltando, com a ajuda de Henry, da carruagem. Foi para baixo do abrigo do velho pórtico e depois passou para o salão principal, onde sua amiga e o general esperavam para dar-lhe as boas-vindas, sem sentir qualquer pressentimento terrível de uma infelicidade futura para ela, ou nem um instante de suspeita de quaisquer cenas passadas de terror que tivessem ocorrido dentro do solene edifício. A brisa não parecia soprar nos ouvidos dela os sussurros dos assassinados; a brisa não soprara nada além de uma chuva rápida e forte; e tendo dado uma boa sacudida em suas roupas, ela estava pronta para ser apresentada à sala de estar coletiva, e observar o que a rodeava.

Uma abadia! Sim, era encantador estar de fato em uma abadia! Mas Catherine duvidava, à medida que olhava à sua volta no cômodo, se qualquer coisa dentro de seu campo de visão faria com que ela tomasse consciência disso. A mobília era tão abundante e elegante quanto ditava o bom gosto moderno. A lareira, que ela esperava que fosse larga e

carregada dos entalhes dos tempos antigos, havia sido reduzida a uma lareira de Rumford, com lajotas de mármore simples porém bonito, e ornada com a mais bonita porcelana inglesa. As janelas, para as quais ela olhava com uma peculiar dependência, por ter ouvido o general falar que as havia preservado em sua forma gótica com zelo reverencial, eram ainda menos impressionantes do que ela havia imaginado. De fato, os arcos pontiagudos haviam sido preservados e o formato delas era gótico, mas esses arcos podiam até ser caixilhos, porém cada vidraça era muito grande, muito clara, muito leve! Para uma imaginação que havia esperado por divisões menores, e por uma alvenaria muito pesada, por vitrais, poeira e teias de aranha, a diferença era muito perturbante.

O general, percebendo como o olhar dela se ocupava, começou a falar da pequenez do cômodo e da simplicidade da mobília, em que tudo, sendo de uso diário, era pensado para ser confortável. No entanto, lisonjeando a si mesmo, disse que havia alguns cômodos da abadia que eram dignos da atenção dela, e estava começando a mencionar o alto custo de dourar um dos cômodos em especial quando, retirando o relógio do bolso, ele mudou de assunto para anunciar com surpresa que já eram vinte para as cinco da tarde! Isso pareceu ser o sinal de dispersão, e Catherine se viu tão apressadamente levada para fora dali pela senhorita Tilney que ficou convencida de que a mais rigorosa pontualidade com relação aos horários da família era esperada em Northanger.

Voltando pelo amplo e alto salão principal, elas subiram por uma escadaria larga de carvalho brilhante, a qual, depois de muitos lances e patamares, as conduziu até uma galeria larga e comprida. De um lado havia uma série de portas, e ela era iluminada do outro lado por janelas que Catherine só teve tempo de descobrir que davam para um pátio interno quadrado antes que a senhorita Tilney a conduzisse até um quarto, dizendo que esperava que Catherine o achasse confortável, e pedindo-lhe que se arrumasse o mais depressa possível.



Capítulo 21

Um rápido olhar foi o bastante para convencer Catherine de que os aposentos dela eram muito diferentes daqueles com que Henry tentara assustá-la ao descrevê-los. Não eram de modo algum absurdamente grandes, e não tinham nenhuma tapeçaria ou veludo. As paredes eram cobertas com papel, e o chão, acarpetado. As janelas não eram menos perfeitas ou mais escuras do que aquelas na sala de estar do andar de baixo; a mobília, apesar de não acompanhar a última moda, era bonita e confortável, e o ambiente geral do quarto estava longe de ser triste.

Com o coração imediatamente tranquilo àquela altura, ela decidiu não perder tempo algum em examinar nada, pois tinha muito medo de contrariar o general com qualquer atraso. Sua roupa então foi tirada com toda a pressa possível, e ela estava se preparando para tirar os alfinetes da muda de roupa de cama e banho, que havia sido deixada no assento da poltrona para que ela se acomodasse imediatamente, quando subitamente avistou um grande e alto baú, nos fundos de um vão ao lado da lareira. A visão daquilo fez com que ela levasse um susto e, se esquecendo de todas as outras coisas, ficou de pé olhando fixamente para o baú com uma perplexidade imóvel, enquanto estes pensamentos passavam por sua mente:

“Isto de fato é estranho! Jamais esperei uma visão como esta! Um imenso e pesado baú! O que haverá dentro dele? Por que ele foi colocado ali? E foi arrastado até o fundo do vão, como se a intenção fosse que ele ficasse fora de vista! Vou olhar dentro dele, custe o que custar, vou olhar dentro dele... ❖ E imediatamente, à luz do dia. Se eu esperar até a noite,

minha vela pode apagar.”

Catherine aproximou-se e examinou o baú de perto: ele era de cedro, curiosamente marchetado com alguma madeira mais escura, e pousado, a cerca de 30 centímetros do chão, em um estrado feito da mesma madeira. A fechadura era de prata, que perdera o brilho por conta do tempo. Em cada extremidade havia os resquícios imperfeitos de duas alças também de prata, talvez quebradas prematuramente por algum estranho ato de violência; e, no centro da tampa, havia um misterioso monograma, feito do mesmo metal. Catherine, concentrada, se inclinou sobre a mensagem, mas não conseguiu distinguir nada com certeza. Ela não podia, em qualquer direção que tentasse ler, acreditar que a última letra fosse um “T”. Ainda assim, que aquilo fosse qualquer outra coisa naquela casa era uma circunstância que suscitava um grau pouco comum de perplexidade. Se o baú não era originalmente deles, que estranhos eventos haviam feito com que ele caísse nas mãos da família Tilney?

A curiosidade medrosa de Catherine crescia a cada momento e, pegando, com mãos trêmulas, a argola da fechadura, ela decidiu a todo custo satisfazer pelo menos a sua curiosidade sobre o conteúdo do baú. Com dificuldade, pois algo parecia resistir a todos os esforços dela, conseguiu abrir a tampa por alguns centímetros; mas, naquele momento, uma batida súbita na porta do quarto fez com que ela, pulando de susto, soltasse a tampa, que fechou com uma violência alarmante. Esse intruso inoportuno era a criada da senhorita Tilney, que havia sido enviada por sua ama para ser útil à senhorita Morland; e, apesar de Catherine dispensá-la imediatamente, aquilo a fez lembrar o que deveria estar fazendo, e a obrigou, apesar de seu desejo ansioso de se aprofundar naquele mistério, a continuar a se vestir sem mais demora.

Seu progresso não foi rápido, pois seus pensamentos e seu olhar ainda estavam voltados para o objeto tão cuidadosamente calculado para despertar o interesse e assustar. E apesar de ela não ter ousado desperdiçar mais um instante sequer com uma segunda tentativa, não conseguia se afastar muito do baú. Por fim, depois de ter colocado uma das mangas do vestido, a toalete de Catherine parecia tão praticamente terminada que ela

podia satisfazer a curiosidade. Certamente podia desperdiçar um instante; e, tão desesperado seria o esforço dela que, a não ser que estivesse fechada por alguma força sobrenatural, a tampa em algum momento seria lançada para trás. Com este espírito, ela avançou, e sua confiança não a enganou. Seu esforço decidido escancarou a tampa e proporcionou a seus olhos perplexos a visão de uma colcha de algodão branco, devidamente dobrada, pousada em uma das extremidades do baú, e sem dono!

Ela estava olhando fixamente para a colcha com o primeiro rubor da surpresa quando a senhorita Tilney, ansiosa para saber se a amiga já havia se aprontado, entrou no quarto, e à vergonha crescente por ter nutrido por alguns minutos uma expectativa absurda foi acrescentada a vergonha de haver sido flagrada em uma busca tão improdutiva.

– Esse baú velho é muito curioso, não é mesmo? – disse a senhorita Tilney, à medida que Catherine apressadamente fechava a tampa e se virava em direção ao espelho. – É impossível dizer há quantas gerações ele está aqui. Como originalmente foi colocado neste quarto eu não sei, mas não o mudei de lugar, porque achei que algum dia ele poderia ser útil para guardar toucas e chapéus. O pior de tudo é que o peso dele o torna difícil de abrir. Naquele canto, no entanto, pelo menos ele não atrapalha a passagem.

Catherine não teve tempo de falar, pois estava ao mesmo tempo corando, amarrando o vestido e tomando sábias decisões com a mais violenta das pressas. A senhorita Tilney discretamente indicou seu medo de se atrasar; e, meio minuto depois, elas desceram as escadas correndo, num tumulto não totalmente sem fundamento, pois o general Tilney estava andando de um lado para o outro na sala de estar, com o relógio em mãos, e tinha, no instante exato em que elas entraram, tocado o sino violentamente, ordenando “Que o jantar vá para a mesa imediatamente!”.

Catherine tremeu com a ênfase com que ele falou, e se sentou lívida e sem fôlego, num estado de ânimo dos mais humildes, preocupada com Henry e a senhorita Tilney e detestando velhos baús. E o general, recobrando a boa educação à medida que olhava para ela, passou o resto do tempo repreendendo a filha por ela ter apressado de modo tão desajuizado

a sua linda amiga, que estava completamente sem fôlego por conta da pressa, quando não havia o mínimo motivo no mundo para ter pressa. Mas Catherine de modo algum conseguiu superar a dupla aflição de ter feito a amiga levar um sermão e de ter sido ela própria uma grande tola, até que eles estivessem alegremente sentados na mesa de jantar, quando os sorrisos autocomplacentes do general, e um ótimo apetite da parte dela, restauraram sua paz.

A sala de jantar era um cômodo nobre, adequado em suas dimensões para abrigar uma sala de estar muito maior do que a que era usada no dia a dia, e decorada em um estilo luxuoso e caro, que quase escapou aos olhos não treinados de Catherine, que notou pouco mais do que o fato de a sala ser espaçosa, e de que havia muitos criados ali. Sobre o espaço da sala ela expressou em voz alta sua admiração; e o general, com um semblante muito gentil, reconheceu que de modo algum aquele cômodo tinha um tamanho inadequado, e depois confessou que, apesar de ser tão indiferente com relação a esses assuntos quanto a maioria das pessoas, ele de fato via uma sala de jantar de tamanho aceitável como uma das necessidades básicas da vida. Ele presumia, no entanto, “que ela devia estar acostumada a aposentos de tamanho muito melhor na casa do senhor Allen, não é mesmo?”.

– Na verdade, não – foi a declaração sincera de Catherine, afirmando que a sala de jantar do senhor Allen não tem nem a metade do tamanho, e que ela nunca havia visto um cômodo tão grande quanto aquele em toda a vida.

O bom humor do general aumentou e ele disse que, como era dono daqueles cômodos, pensou que seria tolice não utilizá-los; mas, jurando por sua honra, ele disse que acreditava que cômodos com apenas a metade do tamanho daqueles deveriam proporcionar mais conforto. A casa do senhor Allen, ele estava certo disso, deveria ter exatamente o tamanho verdadeiro para proporcionar uma felicidade racional.

A noite passou sem nenhum outro incidente, e, na ausência ocasional do general Tilney, certamente com muita alegria. Era só na presença dele que Catherine sentia um mínimo cansaço por conta da viagem e, mesmo então, mesmo nos momentos de langor ou retraimento, uma sensação geral de

felicidade preponderava, e ela era capaz de pensar em seus amigos em Bath sem desejar estar com eles.

A noite foi de tempestade. O vento tinha ficado gradualmente mais forte durante toda a tarde; e quando o grupo se separou, ventava e chovia violentamente. Catherine, enquanto cruzava o corredor, escutava a tempestade com sensações de assombro, e, quando ouviu o vento passar veloz por um canto da construção antiga fechando uma porta distante com súbita fúria, ela pela primeira vez sentiu que de fato estava em uma abadia. Sim, aqueles eram barulhos característicos que a fizeram se lembrar da enorme variedade de situações terríveis e cenas horrendas que construções como aquela haviam presenciado e que tempestades como aquela prenunciavam. E foi com muito entusiasmo que ela se regozijou do fato de ter passado para o lado de dentro de paredes tão solenes como aquelas em circunstâncias mais felizes! Ela não tinha nada a temer com relação a assassinos noturnos ou cavaleiros embriagados. Henry certamente estivera brincando quando disse aquelas coisas para ela de manhã. Em uma casa tão mobiliada e bem guardada, ela não teria nada a explorar e nada sofreria, e poderia ir para o quarto com a mesma segurança que iria para seu próprio quarto em Fullerton.

Portanto, prudentemente fortalecendo o espírito à medida que ia para o andar de cima, Catherine teve condições, especialmente depois de perceber que a senhorita Tilney dormia a apenas duas portas de distância, de entrar em seu quarto com um coração razoavelmente valente; e seu ânimo foi imediatamente ajudado pela alegre chama que vinha da lareira.

– Como é muito melhor assim – disse ela enquanto ia em direção ao guarda-fogo. – Como é muito melhor encontrar o fogo já aceso do que ter de esperar tremendo no frio até que toda a família esteja na cama, como tantas garotas pobres já foram obrigadas a fazer, e depois ter um velho e leal criado lhe assustando ao entrar no quarto com um fardo de lenha! Como estou contente por Northanger ser o que é! Se a abadia fosse como alguns outros lugares, não estou certa de que, numa noite como esta, eu poderia ter reunido coragem: mas agora certamente não há nada que assuste ninguém.

Ela olhou em volta do quarto. As cortinas da janela pareciam se mexer. Não podia ser por outro motivo que não a violência do vento penetrando pela divisória das venezianas. Ela, de modo ousado, deu um passo à frente, distraidamente cantarolando uma música, para assegurar a si mesma de que de fato era o vento, espiou corajosamente atrás de cada cortina e, ao colocar a mão contra uma das venezianas, ficou muito convencida quanto à força do vento. Um olhar de soslaio para o velho baú, enquanto terminava de examinar a janela, não foi de todo inútil; ela ridicularizou os medos infundados de uma imaginação ociosa e começou, com a mais feliz das indiferenças, a se preparar para se deitar com calma e sem pressa. Ela não se importava se era a última pessoa acordada na casa, mas ela não reavivaria o fogo de lareira: isso pareceria um ato de covardia, como se desejasse a proteção da luz depois que estivesse na cama.

O fogo, portanto, apagou, e Catherine, tendo gasto quase uma hora em sua arrumação, estava começando a pensar em ir para a cama quando, ao dar um último olhar pelo quarto, sua atenção foi atraída para um antiquado armário preto, que, apesar de estar bem à vista, não chamara a atenção dela antes. Imediatamente lhe vieram à mente as palavras de Henry, a descrição que ele fez do armário de ébano que a princípio passaria despercebido. E, apesar de não poder haver realmente nada dentro dele, havia algo de fora do comum naquilo, e certamente era uma coincidência incrível! Ela pegou a vela e olhou o armário de perto. Não era de modo algum feito de ébano e ouro, mas era de laca, laca negra e amarela do tipo mais bonito que havia, e, enquanto ela segurava a vela, a laca amarela tinha o mesmo efeito do ouro. A chave estava na porta e Catherine sentiu uma vontade estranha de olhar dentro dele, embora não tivesse a menor esperança de encontrar nada. Mas aquilo era muito estranho, depois do que havia dito Henry. Em resumo, ela não conseguiria dormir até que tivesse examinado o armário. Então, colocando a vela com muito cuidado sobre uma cadeira, ela pegou a chave com a mão muito trêmula, e tentou girá-la na fechadura, mas a chave resistiu ao máximo da força dela. Alarmada, mas não desencorajada, tentou girar para o lado contrário. Uma tranca se abriu e ela achou que tinha conseguido. Mas, que estranho mistério! A

porta ainda não podia ser aberta.

Catherine fez uma breve pausa, sentindo uma perplexidade ofegante. O vento rugia chaminé abaixo, a chuva caía torrencialmente contra as janelas e tudo parecia anunciar o quão desagradável era aquela situação. Ir para a cama, no entanto, insatisfeita daquele modo, seria em vão, uma vez que dormir seria impossível com a consciência de que havia um armário muito misteriosamente fechado muito próximo a ela. Outra vez, portanto, ela tentou girar a chave, e depois de girá-la de todos os modos possíveis por alguns instantes com a celeridade determinada do último esforço da esperança, a porta subitamente cedeu à mão dela. Seu coração deu um salto, exultante diante daquela vitória. Catherine abriu cada uma das portas, sendo que a segunda ficava fechada por travas menos difíceis de abrir do que a fechadura. Embora ela não visse nada de estranho, uma fileira dupla de pequenas gavetas apareceu diante dela, com algumas gavetas maiores acima e abaixo destas. No meio, uma pequena porta, também fechada à chave, muito provavelmente guardava um compartimento importante.

O coração de Catherine bateu depressa, mas sua coragem não lhe faltou. Com as bochechas coradas de esperança e os olhos semicerrados de curiosidade, seus dedos pegaram o puxador de uma gaveta e abriram-na. Estava completamente vazia. Menos alarmada e mais ávida, ela abriu uma segunda, uma terceira e uma quarta gaveta. Cada uma estava igualmente vazia. Nenhuma gaveta deixou de ser examinada, e em nenhuma delas foi encontrada qualquer coisa. Versada na arte de esconder um tesouro, a possibilidade de haver revestimentos falsos nas gavetas não escapou a ela, e Catherine tateou em vão cada uma com uma argúcia ansiosa. Agora, só o lugar no meio do armário permanecia inexplorado. E apesar de ela nunca, desde o começo, ter tido a mínima esperança de encontrar nada em nenhuma parte do armário, e de não estar nem um pouco decepcionada com sua falta de êxito até aquele momento, seria uma tolice não examinar detidamente todo o armário enquanto ela estava ali.

No entanto, ela ainda levaria algum tempo para conseguir destrancar a porta, e teve a mesma dificuldade para abrir tanto a trava interna quanto a

externa. Mas, por fim, a porta se abriu. Diferentemente de antes, sua busca não foi em vão. Seus olhos ágeis imediatamente viram um rolo de papéis na parte mais funda da cavidade, aparentemente para ficar escondido, e os sentimentos dela naquele momento foram indescritíveis. Seu coração palpitou, os joelhos tremeram, e as bochechas ficaram pálidas. Catherine pegou, com a mão pouco firme, o precioso manuscrito, pois apenas um olhar de relance bastou para que ela verificasse que havia caracteres escritos ali. E enquanto ela se dava conta, com sensações horríveis, desta surpreendente demonstração daquilo que Henry havia previsto, imediatamente decidiu ler detidamente cada linha antes que tentasse ir dormir.

A luz fraca emitida pela sua vela fez com que ela se virasse, alarmada, mas não havia perigo de ela se extinguir subitamente; ainda queimaria por algumas horas. E, para que não tivesse mais dificuldade de distinguir a escrita do que a sua data antiga podia sugerir, Catherine apressadamente tentou aumentar a chama. Mas, que infelicidade! A chama foi cortada, e a vela imediatamente se apagou. Uma vela não poderia ter apagado e produzido um efeito pior do que aquele. Catherine, por alguns instantes, ficou congelada de pavor. A vela se apagara totalmente, nem um resquício de brasa sobrara no pavio para dar esperanças a ela de reavivar a chama com um sopro. Uma escuridão impenetrável e inflexível preencheu o quarto. Uma rajada violenta de vento, elevando-se com súbita fúria, adicionou uma dose nova de pavor ao momento. Catherine tremeu da cabeça aos pés. Na pausa seguinte, um barulho que parecia o de passos se afastando e de uma porta distante se fechando chegou ao amedrontado ouvido dela. A natureza humana já era incapaz de suportar aquilo. Suor frio se formou em sua testa e o manuscrito caiu de suas mãos. Tateando o caminho até a cama, Catherine pulou apressada nela e buscou aliviar a agonia ao se arrastar para baixo das cobertas.

Fechar os olhos para dormir naquela noite estava completamente fora de questão. Com a curiosidade muito justificadamente despertada, e sentimentos muito abalados todas as maneiras, repousar devia ser absolutamente impossível. E, ainda por cima, havia aquela tempestade

espantosa lá fora! Catherine não estava habituada a se assustar com o vento, mas agora cada rajada parecia pressagiar coisas terríveis. O manuscrito magnificamente encontrado, magnificamente cumprindo a previsão da manhã, como aquilo podia ser explicado? O que ele conteria? Sobre quem ele seria? De que modo ele pôde ficar escondido por tanto tempo? E como era particularmente estranho que seria justo ela a descobri-lo! Até que soubesse o seu conteúdo, no entanto, Catherine não teria descanso ou ficaria confortável. Ela decidiu lê-lo atentamente assim que surgissem os primeiros raios do sol, mas ainda havia muitas horas tediosas a transcorrer. Ela teve calafrios, ficou rolando de um lado para o outro da cama e sentiu inveja de todos os que dormiam um sono tranquilo. A tempestade ainda caía furiosa, e vários foram os barulhos, mais aterrorizantes ainda do que o próprio vento, que em intervalos assustavam os ouvidos dela. Até mesmo as cortinas do dossel da cama pareceram em certo momento se mover, e, em outro, a fechadura da porta do quarto havia sido sacudida, como que pela tentativa de alguém de entrar. Murmúrios surdos pareciam se arrastar pela galeria, e mais de uma vez o sangue dela gelou com o som de gemidos distantes. Hora após hora se passou, e a fatigada Catherine ouvira três delas marcadas por todos os relógios da casa antes de a tempestade diminuir, ou de ela cair num sono profundo sem se dar conta.



Capítulo 22

A criada abrindo as venezianas da janela de Catherine às oito da manhã do dia seguinte foi o som que a fez acordar. Ela abriu os olhos, se perguntando como eles poderiam ter sido fechados, e viu objetos que lhe causaram alegria. O fogo da lareira já ardia, e uma manhã radiante surgira depois da tempestade da noite anterior. Imediatamente, com a consciência da existência, voltaram-lhe as lembranças do manuscrito, e ela, pulando da cama no instante exato em que a criada se foi, avidamente recolheu cada folha de papel espalhada que havia saído do rolo quando ele caiu no chão, e voou de volta para a cama para desfrutar do luxo de uma leitura minuciosa em seu travesseiro. Catherine agora via claramente que não deveria esperar um manuscrito tão extenso quanto aqueles que a faziam sentir calafrios nos livros, pois o rolo, que parecia inteiramente composto de pequenas e desconexas folhas, no conjunto tinha um tamanho insignificante, e era muito menor do que ela a princípio imaginara.

Seus olhos ávidos deram uma olhada rápida em uma página. Ela ficou espantada com a relevância do que leu. Seria possível, ou os sentidos dela a enganavam? Uma relação da roupa de cama, escrita com letra moderna e grosseira, parecia ser tudo o que ela tinha diante de si! Se podia confiar em sua visão, o que tinha em mãos era uma conta de lavanderia. Catherine pegou outra folha e viu os mesmos artigos escritos, com pouca variação. Uma terceira, uma quarta e uma quinta folha não apresentaram nenhuma novidade. Listas de camisas, meias, gravatas e coletes a encaravam em cada folha. Duas outras, escritas pela mesma mão, indicavam gastos não muito mais interessantes, com cartas, pó para perucas, cadarços de sapatos

e sabão para ceroulas. E a folha maior, que servira para envolver as outras, parecia, por sua primeira e breve linha (“Aplicar um cataplasma na égua zaina”), a conta de um ferrador!

Aquela era a coleção de papéis (talvez deixados, como ela pôde então supor, pela negligência de um criado, no lugar de onde ela os havia retirado) que a enchera de expectativa e susto, e que lhe roubara metade de sua noite de sono?! Ela se sentiu arrasada. Não poderia a aventura com o baú ter-lhe dado algum juízo? Uma das quinas do baú, surgindo em sua visão enquanto ela estava deitada, parecia se elevar, julgando-a. Nada agora poderia estar mais claro do que o absurdo das fantasias recentes dela. Supor que um manuscrito de gerações passadas poderia ter permanecido por descobrir em um quarto como aquele, tão moderno e tão habitável!... Ou que ela fosse a primeira pessoa a ter a habilidade de destrancar um armário cuja chave estava à vista de todos!

Como era possível que Catherine pudesse abusar de si mesma daquela maneira? Que os céus não permitissem que Henry Tilney algum dia soubesse dessa tolice dela! E, em grande medida, aquilo fora obra dele, pois, não tivesse o armário aparecido para confirmar precisamente a descrição dele das peripécias de Catherine, ela nunca teria sentido qualquer curiosidade pelo móvel. Este foi o único alívio que sentiu. Impaciente por se livrar dos indícios odiosos de sua tolice, e com aqueles papéis detestáveis então espalhados pela cama, Catherine se levantou imediatamente e, enrolando-os novamente da melhor maneira que pôde para que parecessem como antes, colocou-os no mesmo lugar no armário, com um desejo ardente de que nenhum acidente indecoroso a fizesse algum dia tornar a retirá-los dali e fizesse com que ela se envergonhasse.

Por que as fechaduras haviam sido tão difíceis de abrir, no entanto, ainda era algo impressionante, pois agora ela conseguia abri-las com perfeita facilidade. Nisso certamente havia algo de misterioso, e Catherine se permitiu por meio minuto aquela sugestão lisonjeira, até que a possibilidade de a porta a princípio ter estado aberta, e de que ela própria a havia trancado, surgiu em sua mente, e ela enrubesceu novamente.

Ela saiu o mais cedo que pôde de um quarto em que sua conduta produzia

tais reflexões desagradáveis, e a toda velocidade encontrou o caminho para a sala do café da manhã, pois a senhorita Tilney o indicara na noite anterior. Henry estava sozinho na sala, e sua primeira frase, desejando que ela não tivesse se incomodado com a tempestade, com uma referência brincalhona à natureza da construção em que eles estavam, foi muito perturbadora. Por nada no mundo ela gostaria de que ele suspeitasse de sua fraqueza. No entanto, como era incapaz de ser completamente falsa, foi obrigada a reconhecer que o vento a mantivera um pouco acordada.

– Mas, depois da tempestade, veio uma manhã encantadora – acrescentou ela, querendo se livrar daquele assunto –, e tempestades e falta de sono não são nada depois que terminam. Que lindos jacintos! Eu recentemente aprendi a amar jacintos.

– E como a senhorita aprendeu? Por acidente ou por uma discussão?

– Sua irmã me ensinou, não sei lhe dizer como. A senhora Allen se esforçava muito, ano depois de ano, para me fazer gostar deles, mas eu nunca conseguia, até que os vi outro dia na rua Milsom. Eu sou naturalmente indiferente a flores.

– Mas agora a senhorita ama jacintos. Tanto melhor. A senhorita conquistou uma nova fonte de prazer, e é bom ter tantas fontes de felicidade quanto possível. Além disso, o gosto pelas flores é sempre desejável no seu sexo, como meio de fazer com que vocês saiam de casa, e de estimulá-las a fazer exercícios com mais frequência do que vocês fariam. E apesar de o amor por jacintos ser algo bastante prosaico, quem sabe, agora que o sentimento foi despertado, a senhorita com o tempo não aprende a amar uma rosa?

– Mas eu não preciso de nenhuma atividade como essa para sair de casa. O prazer de caminhar e respirar ar puro me basta, e quando o clima está bom, eu passo mais da metade do tempo ao ar livre. Mamãe diz que nunca estou em casa.

– De qualquer modo, no entanto, fico satisfeito por a senhorita ter aprendido a amar um jacinto. O mero hábito de aprender a amar é que é a questão, e um temperamento educável em uma jovem é sempre uma grande benção. A minha irmã tem um método de ensino agradável?

Catherine foi salva do constrangimento de tentar responder porque neste momento entrou o general, cujos elogios sorridentes anunciavam um estado de espírito feliz, mas cuja delicada menção a um cedo despertar não aliviou o embaraço dela.

A elegância da louça do café da manhã chamou a atenção de Catherine quando eles se sentaram à mesa, e, felizmente, ela havia sido escolhida pelo general. Ele ficou encantado por Catherine ter aprovado o seu bom gosto. Confessou que a louça era simples, porém bonita, e que considerava correto estimular a indústria de seu país. E, em sua opinião, para seu paladar nada crítico, o chá tinha um gosto bom, não importava o jogo de louça, fosse ela de Staffordshire, Dresden ou Sèvres. Mas aquele era um aparelho de porcelana muito antigo, comprado dois anos antes. A fabricação de porcelana havia melhorado muito desde então. O general tinha visto algumas louças lindas da última vez que fora à cidade, e se não fosse completamente desprovido de vaidades desse tipo, talvez até tivesse ficado tentado a encomendar um aparelho novo. No entanto, acreditava que uma oportunidade de escolher um aparelho novo talvez ocorresse em breve – mas não um aparelho para ele. Catherine provavelmente foi a única do grupo que não entendeu o que ele quis dizer.

Logo após o café da manhã, Henry deixou-os para ir para Woodston, onde os negócios exigiam a sua presença, e o manteriam por lá por dois ou três dias. Todos ficaram no vestibulo para vê-lo montar em seu cavalo, e, assim que voltaram para a sala do café da manhã, Catherine foi até uma janela na esperança de ter mais um vislumbre dele.

– Esta visita vai exigir muito de seu irmão – observou o general para Eleanor. – Woodston terá hoje uma aparência muito sombria.

– É uma casa bonita? – indagou Catherine.

– O que você tem a dizer, Eleanor? Dê a sua opinião, pois as mulheres conhecem melhor o gosto das outras com relação a lugares, e também com relação aos homens. Acho que o olho mais imparcial reconheceria que há muitas coisas que a destacam. A casa fica em meio a lindas pradarias, virada na direção sudeste, com uma excelente horta virada na mesma direção. Os muros que a cercam, eu construí e empilhei faz dez anos, para

o benefício de meu filho. É um benefício eclesiástico da minha família, senhorita Morland, e com as terras em volta da casa sendo quase todas minhas, pode ter certeza de que eu cuido para que esse benefício não seja ruim. Mesmo que os rendimentos de Henry dependessem apenas desse benefício eclesiástico, ele não estaria mal de vida. Talvez pareça estranho, tendo eu apenas dois filhos mais jovens, que eu ache que ele precise exercer qualquer profissão. E decerto há momentos em que todos nós desejamos que ele se despenda de todos os laços com os negócios. Mas apesar de eu não ser exatamente capaz de converter vocês, jovens senhoritas, estou certo de que seu pai, senhorita Morland, concordaria comigo em achar conveniente dar alguma ocupação a todo rapaz. O dinheiro não é nada, não é um objetivo, mais importante é uma profissão. Até mesmo Frederick, meu filho mais velho, sabe, que talvez venha a herdar uma extensão de terras quase tão considerável quanto qualquer cidadão de posses do condado, tem uma profissão.

O imponente efeito desse último argumento correspondeu aos desejos dele. O silêncio da jovem provou que não havia o que responder.

Na noite anterior, algo havia sido dito sobre mostrar a casa para ela, e ele agora se oferecia para ser seu guia. E apesar das esperanças de Catherine de explorar a casa acompanhada apenas da filha dele, aquela era uma proposta maravilhosa demais, sob quaisquer circunstâncias, para ser recusada. Afinal, ela já passara dezoito horas na abadia e vira apenas alguns poucos cômodos. A caixa de costura, que havia sido trazida para passar o tempo, foi fechada com uma pressa alegre, e em um instante ela estava pronta para se juntar a ele. E depois que eles já tivessem percorrido toda a casa, ele prometeu mostrar para ela também os bosques e o jardim. Ela fez uma mesura, indicando sua concordância. Mas talvez fosse mais agradável para ela ver primeiro a parte de fora, cogitou o general. O clima estava favorável, e nesta época do ano a incerteza de que ele continuaria assim era grande. O que ela preferiria? Ele estava à disposição dela para qualquer uma das duas coisas. O que a filha acharia que mais atenderia aos desejos de sua linda amiga? Ele achava que podia adivinhar. Sim, ele certamente interpretou no olhar da senhorita Morland um sábio desejo de

aproveitar o bom tempo. E como ela poderia se enganar? A abadia estaria sempre segura e seca. Ele cedeu, e foi pegar o chapéu para se juntar a elas em um instante.

O general saiu do cômodo e Catherine, com um rosto ansioso e decepcionado, começou a falar da relutância dela de que ele as levasse para fora de casa contra a própria vontade, com a equivocada ideia de agradá-la. Mas foi detida pela senhorita Tilney, que disse, um tanto confusa:

– Acho que vai ser mais inteligente aproveitar a manhã enquanto o clima está tão bom assim. E não se incomode por causa do meu pai, ele sempre dá um passeio fora de casa nesta hora do dia.

Catherine não sabia exatamente como deveria entender aquilo. Por que a senhorita Tilney estava constrangida? Não estaria o general disposto a mostrar a abadia para ela? A sugestão tinha sido dele mesmo. E não era estranho que ele sempre fizesse seu passeio tão cedo assim? Nem o pai dela nem o senhor Allen faziam isso. Aquilo certamente era muito irritante. Ela estava muito impaciente por ver a casa, e tinha pouca curiosidade de ver o entorno da propriedade. Se pelo menos Henry estivesse com eles! Mas agora ela não teria como saber que coisas eram pitorescas quando as visse. Esses foram seus pensamentos, mas ela os guardou para si e colocou o chapéu com um paciente desgosto.

No entanto, Catherine ficou mais impressionada do que esperava com a grandiosidade da abadia ao vê-la dos gramados pela primeira vez. A construção circundava um grande pátio repleto de ornamentos góticos que se projetavam admiravelmente. O resto estava encoberto por pequenas elevações com árvores antigas ou com exuberantes plantações, e, por trás da abadia, as íngremes colinas repletas de árvores se elevando e protegendo o local eram lindas até mesmo no mês de março, quando as árvores não tinham folhas. Catherine nunca vira algo que se comparasse àquilo, e o prazer dela foi tão intenso que, sem esperar por uma opinião de mais autoridade, ela, de modo ousado, começou a fazer muitos elogios e a expressar seu deslumbramento. O general ouviu tudo, assentindo e grato, e pareceu até mesmo que a estima dele de Northanger tinha permanecido

indefinida até aquele momento.

A horta da cozinha seria a próxima coisa a ser admirada, e ele as conduziu até lá atravessando um pequeno trecho do parque. A quantidade de acres do jardim era tão grande que Catherine não pôde deixar de ouvir aquilo com desalento, pois a extensão de tudo aquilo era mais que o dobro da extensão de toda a propriedade do senhor Allen, assim como a do seu pai, incluindo o adro e o pomar. Os muros pareciam infinitos, em quantidade e em comprimento; um vilarejo de estufas parecia se elevar por entre eles, e toda uma freguesia parecia estar trabalhando dentro deles. O general ficou lisonjeado com os olhares de surpresa dela, o que indicava claramente, como ele mesmo logo a obrigou a expressar em palavras, que ela jamais vira jardins como aqueles antes. E, depois, de maneira modesta, ele admitiu que sem qualquer ambição desse tipo da parte dele e sem qualquer tipo de apreensão, ele achava que nenhum outro jardim no reino era páreo para aquele. Se o general tinha alguma obsessão, era o jardim. Ele adorava um jardim. Apesar de suficientemente indiferente aos assuntos relacionados à comida, ele adorava boas frutas ou, mesmo que não fosse o caso, seus amigos e filhos adoravam. No entanto, cuidar de um jardim como aquele também era fonte de muita irritação. O máximo de cuidado nem sempre garantia as melhores frutas. A estufa de abacaxis rendera apenas cem frutas no ano anterior. O senhor Allen, ele presumia, também devia passar por esses inconvenientes.

– Não, de modo algum. O senhor Allen não se importa com o jardim, e nunca entra nele – respondeu Catherine.

Com um triunfante sorriso de autossatisfação, o general desejou ser capaz de fazer a mesma coisa, pois ele jamais conseguia entrar em seu jardim sem ficar irritado de uma forma ou de outra, pois nunca via o que esperava.

– Como funcionam as estufas do senhor Allen? – perguntou ele, descrevendo como as dele funcionavam enquanto entravam nelas.

– O senhor Allen tem apenas uma estufa pequena, que a senhora Allen usa no inverno para cultivar suas plantas, e às vezes uma fogueira é acesa nela.

Ele é um homem feliz! – disse o general, com um olhar de desdém muito satisfeito.

Tendo levado Catherine para cada divisão do jardim, e passado por todos os muros, até que ela estivesse totalmente exausta de ver e se deslumbrar, o general por fim permitiu às jovens que utilizassem uma porta que dava para o exterior. Em seguida, expressando seu desejo de examinar algumas obras recentes feitas no gazebo, sugeriu que ir até lá não seria um prolongamento desagradável do passeio deles, caso a senhorita Morland não estivesse cansada.

– Mas aonde você está indo, Eleanor? Por que escolheu pegar essa alameda úmida e fria até lá? A senhorita Morland vai se molhar. O melhor caminho para nós é pelo parque.

– Esta alameda é a minha favorita, por isso, sempre penso nela como o caminho melhor e mais curto. Mas talvez seja úmida mesmo – retrucou a senhorita Tilney.

Era uma alameda estreita e sinuosa ladeada por pinheiros-da--escócia e Catherine, impressionada com seu aspecto triste e ávida por seguir em frente, não pôde, nem com a desaprovação do general, ser impedida de seguir em frente. Ele percebeu a vontade dela e, depois de reiterar em vão seus argumentos de que aquilo não faria bem à saúde, foi educado demais para continuar se opondo àquilo. No entanto, pediu licença para não acompanhá-las:

– Os raios do sol não estão muito animadores para mim, e eu as encontrarei seguindo por outro caminho.

Ele foi embora e Catherine ficou surpresa ao descobrir como seu ânimo tinha ficado aliviado com a separação. A surpresa, no entanto, sendo menos verdadeira do que o alívio, cedeu lugar a este; e ela começou a falar com tranquila felicidade sobre a encantadora melancolia que a alameda inspirava.

– Gosto especialmente deste lugar. Era a alameda favorita da minha mãe – disse a companheira dela, suspirando.

Catherine nunca ouvira a senhora Tilney ser mencionada por aquela família antes, e o interesse despertado por essa tenra lembrança se revelou

imediatamente em seu semblante alterado, e na pausa atenta com que ela demonstrou esperar por algo mais.

– Eu costumava caminhar por aqui com ela com muita frequência, apesar de na época não amar essa alameda como a amo hoje. Na época eu de fato costumava questionar a escolha dela. Mas sua memória me faz sentir carinho por essa alameda agora – acrescentou Eleanor.

“Sendo assim” – refletiu Catherine – “o marido também não deveria sentir carinho por essa alameda? No entanto, o general se recusou a seguir ali.” Como a senhorita Tilney permaneceu em silêncio, ela se arriscou a dizer:

– A morte dela deve ter causado um sofrimento muito grande!

– Grande e crescente – replicou a outra, em voz baixa. – Eu tinha apenas 13 anos quando isso aconteceu. E apesar de eu ter sentido a minha perda talvez com a mesma intensidade que alguém tão jovem assim podia, não podia saber, na época, o seu tamanho.

Ela parou de falar por um instante, e depois acrescentou, com muita firmeza:

– Eu não tenho irmãs, sabe... E apesar de Henry... Apesar de meus irmãos serem muito afetuosos, e Henry passar muito tempo aqui, e fico muito grata por isso, é impossível para mim não me sentir solitária com frequência.

– Certamente você sente muita falta dele.

– Uma mãe teria sempre estado presente. Uma mãe teria sido uma amiga constante, a influência dela seria maior do que todas as outras.

“Ela era uma mulher muito encantadora?” “Era bonita?” “Havia algum retrato dela na abadia?” “E por que ela gostava tanto daquela alameda? Por desalento?” – foram perguntas feitas ansiosamente. As três primeiras receberam respostas afirmativas e as outras duas foram ignoradas, e o interesse de Catherine pela falecida senhora Tilney aumentou a cada pergunta, respondida ou não. Da infelicidade dela no casamento, Catherine ficou convencida. O general certamente havia sido um marido nada gentil. Ele não amava a alameda dela: podia ele, portanto, tê-la amado? E, além disso, apesar de bonito, havia algo no seu rosto que revelava que ele não se

comportara bem com ela.

– O retrato dela, eu presumo, fica pendurado no quarto do seu pai? – indagou Catherine, corando diante da consumada malícia de sua própria pergunta.

– Não. Era para ele ficar na sala de estar, mas meu pai não gostou da pintura e durante algum tempo o retrato não ficou pendurado em lugar nenhum. Logo após a morte de minha mãe eu me apossei dele e pendurei-o no meu quarto, onde com alegria posso lhe mostrar. É muito bem feito.

Aqui havia outra prova. Um retrato, muito parecido, de uma esposa finada, sendo desprezado pelo marido! Ele deveria ter sido terrivelmente cruel com ela!

Catherine já não tentava esconder de si mesma a natureza dos sentimentos que, apesar das suas atenções, o general havia despertado. E o que antes era pavor e desgosto agora se transformara em total aversão. Sim, aversão! A crueldade dele com uma mulher encantadora como aquela o tornou detestável para Catherine. Ela frequentemente lia sobre tais personagens, que o senhor Allen costumara chamar de artificiais e exagerados, mas aqui havia uma prova concreta do contrário.

Catherine acabara de chegar a essa conclusão quando o fim da alameda as deixou bem diante do general. E, apesar de toda a sua virtuosa indignação, ela se viu outra vez obrigada a caminhar com ele, a ouvi-lo, e até a sorrir quando ele sorria. No entanto, agora incapaz de sentir prazer com as coisas que a rodeavam, ela logo começou a caminhar com lassidão. O general reparou nisso, e, preocupado com a saúde dela, que parecia refutar a opinião que ela formara dele, rogou-lhe que voltasse para casa com sua filha. Dentro de quinze minutos, ele as encontraria. Mais uma vez, eles se separaram, mas Eleanor foi chamada de volta em meio minuto para receber uma ordem severa para que não mostrasse a abadia para a amiga até que ele retornasse. Essa segunda situação em que ele ficou ansioso por postergar o que ela tanto desejava fazer impressionou muito Catherine.



Capítulo 23

Uma hora se passou até que o general voltasse, e ela foi gasta, da parte da jovem convidada dele, com considerações pouco favoráveis ao seu caráter. “Essa ausência prolongada, essas caminhadas solitárias não revelam uma mente tranquila ou uma consciência desprovida de culpa.” Por fim, ele apareceu, e por mais que seus pensamentos pudessem ter sido tristes, ele ainda era capaz de sorrir na presença delas. A senhorita Tilney, em parte compreendendo a curiosidade da amiga de ver a casa, logo voltou a mencionar o assunto. E o pai dela, ao contrário do que Catherine esperava, já sem desculpas para adiar isso, além dos cinco minutos que ele pediu para mandar os criados levarem para aquele cômodo uma refeição leve e bebidas para quando voltassem, finalmente estava pronto para acompanhá-las.

Eles começaram a visita e, com um ar majestoso, passos decorosos, que chamavam a atenção, mas que não lançavam dúvidas sobre Catherine, que já lera tantos romances, o general seguiu na frente pelo corredor, passando pela sala de estar de uso comum e por uma antessala vazia, e entrando em um cômodo magnífico tanto no tamanho quanto na mobília – a sala de estar de verdade, usada somente quando havia pessoas importantes. O cômodo era muito nobre, grandioso e encantador!... Foi tudo o que Catherine pôde dizer, pois seus olhos mal discerniram a cor do cetim. Todos os elogios detalhados, os elogios de fato significativos foram feitos pelo general: a suntuosidade ou a elegância da decoração de qualquer cômodo não significava nada para ela, que não gostava de móveis posteriores ao século XV.

Quando o general satisfez a própria curiosidade, examinando minuciosamente cada conhecido ornamento, eles passaram para a biblioteca, um cômodo, a seu próprio modo, tão magnífico quanto o anterior, exibindo uma coleção de livros que um homem humilde admiraria com orgulho. Catherine ouviu, admirou e se deslumbrou com sentimentos mais sinceros do que antes, e absorveu tudo o que pôde daquele depósito de saber, ao ler os títulos da metade dos livros que ficavam em uma das estantes, e depois estava pronta para prosseguir. Mas isso não aconteceu conforme seus desejos. Por maior que fosse a abadia, Catherine já visitara a maior parte dela. No entanto, ao ficar sabendo que, contando com a cozinha, os seis ou sete cômodos que ela acabara de ver circundavam três lados do pátio, ela mal pôde acreditar ou superar a suspeita de que havia muitos cômodos secretos. Mas foi em certo ponto um alívio, porém, saber que eles voltariam para os cômodos de uso comum passando por alguns outros de menor importância, que davam para o pátio e que, com alguns corredores um tanto labirínticos, conectavam os diferentes lados da casa. Catherine ficou mais reconfortada ainda quando lhe disseram que estava caminhando sobre o que um dia havia sido um claustro, com os vestígios das celas sendo indicados e observando várias portas que não foram abertas ou explicadas para ela. Até que se viu, em seguida, em uma sala de bilhar, e, depois, nos aposentos particulares do general, sem compreender como eles se conectavam, e sem saber para que direção ir quando saísse deles. Por fim, passou por um pequeno cômodo escuro, reconhecendo que ele pertencia a Henry, pois neles estavam espalhados livros, armas de caça e sobretudos.

Da sala de jantar, na qual, apesar de já vista, e de sempre ser visitada às cinco da tarde, o general não se absteve do prazer de medir a distância com seus passos, para dar informações exatas para a senhorita Morland, das quais ela não duvidava e com as quais tampouco se importava, então eles prosseguiram por um corredor curto para a cozinha: a cozinha antiga do convento, repleta de paredes sólidas e fumaça do passado, e de fogões e armários do presente. A inclinação do general por reformas não deixara de passar por ali: todas as invenções modernas para facilitar o trabalho dos

cozinheiros haviam sido instaladas naquele espaçoso cômodo. E, nos lugares em que a capacidade criativa de outras pessoas falhara, a dele muitas vezes produziu a perfeição desejada. Só as melhorias que fizera na cozinha já seriam o bastante para que ele, em qualquer época, fosse considerado um dos benfeitores do convento.

Com as paredes da cozinha findava a antiguidade da abadia. O quarto lado do pátio interno, por conta de seu estado arruinado, fora demolido pelo pai do general, e no lugar dele fora erigido o quarto lado atual. Tudo o que havia de venerável cessava ali. A parte nova não somente era nova, mas também anunciava isso; pensada para abrigar apenas salas em que seriam realizadas tarefas domésticas, e cercada por trás pelos estábulos, não se julgara necessária ali uma uniformidade arquitetônica. Catherine poderia ter criticado muito a mão que demolira o que deveria ter valido mais do que todo o resto, simplesmente tendo como objetivo a simples economia doméstica; e de bom grado teria sido poupada do flagelo de um passeio por cenários tão desonrados, caso o general tivesse permitido. Mas, se ele tinha uma paixão, era o arranjo dessas salas, e estava convencido de que, para uma mente como a da senhorita Morland, uma vista das acomodações e dos confortos com os quais era atenuado o trabalho dos subordinados devia sempre ser gratificante, e, portanto, ele não devia a ela desculpas por tê-la levado até ali. Eles examinaram tudo rapidamente; e Catherine ficou impressionada, mais do que esperava, com a conveniência e a quantidade dessas salas. Os propósitos pelos quais algumas despensas amorfas e uma incômoda copa haviam sido consideradas suficientes em Fullerton resultaram, na abadia, em divisões adequadas, amplas e espaçosas. A quantidade de criados que constantemente apareciam não lhe pareceu menor do que a quantidade de salas para eles. Aonde quer que fossem, alguma criada parava para fazer uma medida, ou algum lacaios de libré desabotoado saía sorrateiramente. Ainda assim, aquilo era uma abadia! E como era indescritivelmente diferente nessas acomodações para serviços domésticos daquelas sobre as quais ela lera, de abadias e castelos nos quais, apesar de certamente maiores do que Northanger, todo o trabalho sujo da casa era feito no

máximo por dois pares de mãos femininas. Como essas criadas conseguiam limpar a casa toda sempre impressionara a senhora Allen. E, quando Catherine viu quantos criados eram necessários ali, começou ela mesma a ficar impressionada.

Eles voltaram para o saguão para subir a escada principal e ver a beleza de sua madeira e os ricos entalhes. Chegando ao topo, eles se viraram na direção oposta à da galeria em que ficava o quarto de Catherine, e em breve entraram em outra que tinha o mesmo desenho, mas era mais larga e mais comprida. Lá mostraram a ela em sequência três quartos de dormir, com seus respectivos quartos de vestir, todos com abundante e linda decoração. Tudo o que o dinheiro e o bom gosto podem fazer para conferir conforto e elegância a aposentos havia sido aplicado àqueles quartos. E, tendo sido mobiliados ao longo dos últimos cinco anos, eles eram perfeitos com relação a tudo o que é geralmente agradável, e carentes de tudo o que podia proporcionar prazer a Catherine.

Enquanto eles examinavam o último quarto, o general, depois de rapidamente dizer os nomes de algumas das personalidades ilustres que haviam honrado aquele quarto com sua presença, se virou para Catherine com um sorriso no rosto e expressou sua esperança de que, dali em diante, alguns dos ocupantes mais novos daquele quarto talvez pudessem ser “nossos amigos de Fullerton”. Ela ficou grata pelo elogio inesperado, e se arrependeu profundamente da impossibilidade de ter em boa conta um homem tão gentil com ela e toda a sua família.

A galeria terminava em uma porta dupla, a qual a senhorita Tilney, passando à frente, abrira e atravessara, e parecia prestes a fazer a mesma coisa na primeira porta à esquerda, em outro trecho longo da galeria, quando o general, indo na direção dela, chamou-a apressado, e, como julgou Catherine, muito irritado, perguntando onde ela estava indo, e o que havia mais para ver. Não tinha a senhorita Morland já visto tudo o que podia merecer a atenção dela? E ela não achava que sua amiga poderia ficar contente em lanchar depois de tanto exercício?

A senhorita Tilney imediatamente retornou e as pesadas portas foram fechadas diante da mortificada Catherine, que, tendo visto, em um relance

momentâneo por trás deles, uma passagem mais estreita, várias outras aberturas, e indícios de uma escada em caracol, acreditava que finalmente estava perto de ver alguma coisa que merecia a sua atenção. Ela sentiu, enquanto caminhava contra a vontade de volta à galeria, que preferiria que lhe tivessem permitido examinar aquela extremidade da casa a ver todo o luxo do resto. O desejo evidente do general de impedir tal exame foi um estimulante a mais. Alguma coisa certamente estava escondida ali. A imaginação dela, apesar de ter passado dos limites uma ou duas vezes, não poderia enganá-la. E o que era, uma frase curta da senhorita Tilney, enquanto elas seguiam o general um tanto afastadas dele para o andar de baixo, pareceu indicar:

– Eu ia levá-la ao quarto da minha mãe – o quarto em que ela morreu... – foram as palavras dela. Mas, apesar de poucas, elas forneceram páginas e mais páginas de informações a Catherine. Não era de se espantar que o general se retraísse com a visão dos objetos que aquele quarto devia conter. Um quarto muito provavelmente nunca antes adentrado por ele desde que se passara a terrível cena que libertou a sua esposa sofredora e deixou-o à mercê das dores da consciência.

Quando ficou novamente sozinha com Eleanor, ela se arriscou a expressar seu desejo de ter permissão de ver aquele quarto, assim como todo o resto daquele lado da casa, e Eleanor prometeu acompanhá-la até lá, quando houvesse uma oportunidade. Catherine compreendeu: o general tinha de estar fora da casa antes que elas pudessem entrar naquele quarto.

– Presumo que o quarto permaneça como era antes, não é? – disse ela com um tom de pesar.

– Sim, totalmente.

– E quanto tempo faz que a sua mãe morreu?

– Ela morreu faz nove anos – E nove anos, Catherine sabia, era um tempo muito curto comparado com o que geralmente transcorria depois da morte de uma esposa adoentada, antes que o quarto dela sofresse qualquer alteração.

– Presumo que você esteve com ela em seus momentos finais, não?

– Não. Infelizmente, eu não estava em casa. A doença dela foi súbita e

breve, e antes que eu pudesse chegar, tudo se acabara – disse a senhorita Tilney, suspirando.

O sangue de Catherine gelou com as sugestões horrendas que naturalmente surgiram a partir daquelas palavras. Seria possível? Poderia o pai de Henry? E, no entanto, quantos não eram os exemplos que de fato lhe confirmavam essas sombrias suspeitas! E, quando Catherine o viu no fim da tarde, enquanto ela costurava com sua amiga, andando devagar de um lado para o outro na sala de estar por uma hora em um silêncio pensativo, com os olhos baixos e o cenho franzido, ela teve certeza de que suas suposições não eram infundadas. Ele tinha o ar e a atitude de um Montoni⁴! O que poderia explicar de modo mais claro a melancolia de uma mente não totalmente desprovida de humanidade, ao recordar as cenas de culpa do passado? Que homem infeliz! E a ansiedade dela fez com que olhasse para o general tão repetidamente que chamou a atenção da senhorita Tilney.

– Meu pai caminha desse modo pela sala com frequência. Isso não é nada estranho – sussurrou ela.

“Pior ainda!” – pensou Catherine; esse exercício inoportuno seguia a mesma linha da intempestividade das caminhadas matinais dele, e não anunciava nada de bom.

Depois de uma noite longa e entediante que fez Catherine ver a importância da presença de Henry, ela ficou intensamente feliz por ser dispensada; no entanto, foi um olhar do general, que não era para ser visto por Catherine, o responsável por sua filha tocar a sineta. Quando o mordomo ia acender a vela do amo, no entanto, foi proibido de fazer isso. O general não ia se recolher naquele momento.

– Tenho muitos panfletos para terminar de ler antes de poder fechar meus olhos e talvez eu me detenha sobre os assuntos do país por horas depois de vocês já estarem dormindo – disse ele a Catherine. – Pode algum de nós dois estar mais apropriadamente ocupado? Meus olhos vão cegando em prol do bem dos outros, e os *seus* se preparando, com o descanso para futuras travessuras.

Mas nem os negócios alegados, nem o elogio magnífico fizeram com que

Catherine parasse de pensar que um assunto muito diferente deveria ser a causa de do adiamento de um repouso apropriado. Ficar acordado por horas, depois que a família já estava na cama, por conta de panfletos idiotas, era muito pouco provável. Deveria haver um motivo mais sério: iria acontecer algo que só poderia ser feito enquanto o resto da casa dormia. E a probabilidade de que a senhora Tilney ainda fosse viva e estivesse presa por motivos desconhecidos, e recebendo das mãos impiedosas de seu marido uma porção noturna de comida horrível, era a conclusão necessariamente subsequente. Por mais chocante que fosse aquela ideia, ela era melhor do que uma morte apressada injustamente, pois, no curso natural dos acontecimentos, ela seria libertada em pouco tempo. O caráter súbito de sua suposta doença, a ausência da filha, e provavelmente dos outros filhos dela, na época... Tudo conspirava para que se acreditasse que ela estava presa. O motivo disso, talvez ciúmes, ou crueldade gratuita, ainda seria revelado.

Remoendo esses assuntos enquanto se despia, Catherine de repente pensou que não era improvável que ela, naquela manhã, tivesse passado perto do lugar exato em que essa infeliz mulher estava confinada... Que talvez tivesse ficado a alguns passos da cela em que a pobre penava os seus dias. Pois que outra parte da abadia poderia ser mais apropriada do que aquele que ainda tinha indícios da divisão monástica? No corredor abobadado de pé-direito alto e piso de pedra, o qual ela já percorrera com peculiar perplexidade, Catherine se lembrou bem das portas que o general não explicara para onde davam. Aonde dariam aquelas portas? Respaldando a plausibilidade dessa conjectura, depois ocorreu a ela que a galeria proibida, em que ficavam os aposentos da infeliz senhora Tilney, deveria ficar, tão certamente quanto a memória dela poderia orientá-la, exatamente sobre esse possível conjunto de celas, e a escadaria ao lado desses aposentos, que ela vislumbrara de modo fugaz, comunicando-se de algum modo secreto com aquelas celas, deveria ter facilitado as ações bárbaras do marido da senhora Tilney. Ela talvez tivesse sido levada escada abaixo, drogada e inconsciente!

Catherine às vezes se assustava com suas próprias conjecturas, e por

vezes desejou, ou temeu, ter ido longe demais. Mas as suspeitas eram respaldadas por evidências que tornavam impossível ignorá-las.

Catherine achava que a cena terrível se desenrolava bem diante do lado do pátio em que estava, e ocorreu a ela que, se observado atentamente, alguns raios de luz do lampião do general poderiam brilhar através de uma das janelas mais baixas, enquanto ele ia para a prisão da esposa. E, duas vezes antes de ir para a cama, ela caminhou pé ante pé do quarto até a janela correspondente na galeria, para ver se a luz aparecia. Mas tudo estava escuro do lado de fora, e ainda devia ser cedo demais. Os vários sons que vinham do andar de baixo convenceram Catherine de que os criados ainda deveriam estar acordados. Até a meia-noite, presumiu ela, seria em vão ficar de prontidão. Mas depois, quando o relógio batesse a meia-noite e tudo estivesse silencioso, ela iria, caso não ficasse paralisada por conta da escuridão, caminhar silenciosamente e tornar a olhar. O relógio bateu a meia-noite... E fazia meia hora que Catherine dormia.

. Montoni é o principal antagonista do livro *Os mistérios de Udolpho*, de Ann Radcliffe, publicado em 1794. No livro, ele trata a esposa, que é tia da protagonista, com muita crueldade, deixando-a presa e fazendo-a morrer por conta dos maus-tratos dele. (N. T.)



Capítulo 24

O dia seguinte não ofereceu oportunidade para o pretendido exame dos misteriosos aposentos. Era domingo, e todo o tempo entre as missas da manhã e da tarde o general passou fazendo exercícios ao ar livre ou se alimentando dentro de casa. E, por maior que fosse a curiosidade de Catherine, sua coragem não rendeu um desejo de explorar aqueles aposentos depois do jantar, nem em meio à luz fraca do dia entre seis e sete da tarde, nem em meio à luz parcial, mas mais intensa, de um traiçoeiro lampião.

Portanto, o dia não foi marcado por nada que pudesse interessar à imaginação dela além da visão de um monumento muito elegante em memória da senhora Tilney, que ficava exatamente diante dos assentos reservados da família na igreja. O olhar de Catherine havia sido atraído instantaneamente por ele, e ali se detivera por muito tempo. E a leitura minuciosa do longuíssimo epitáfio, no qual todas as virtudes eram atribuídas à senhora pelo marido inconsolável, marido este que deveria ter sido de alguma maneira o destruidor dela, chegou a provocar lágrimas em Catherine.

Talvez não fosse muito estranho que o general, tendo erigido tal monumento, fosse capaz de encará-lo. No entanto, vê-lo se sentar tão corajosamente composto diante da visão do monumento, manter um ar tão altivo, olhar à sua volta destemido, não, que ele sequer fosse capaz de entrar na igreja parecia incrível para Catherine. Não que não houvessem, no entanto, muitos casos de pessoas igualmente endurecidas pela culpa. Catherine era capaz de se lembrar de dezenas de pessoas que haviam

persistido em todo tipo possível de vício, passando de crime a crime, assassinando quem escolhessem, sem qualquer sentimento de humanidade ou remorso, até que uma morte violenta ou um retiro religioso encerrava suas tenebrosas carreiras. O próprio monumento não foi capaz de afetar nem um pouco as dúvidas de Catherine de que a senhora Tilney estivesse mesmo morta. Desceria ela até a cripta da família, onde as cinzas da senhora Tilney supostamente estavam encerradas? Veria o caixão onde ela estaria descansando? Que utilidade isso teria naquele caso? Catherine já lera livros demais para saber perfeitamente bem que uma figura feita de cera poderia ser introduzida ali, e um funeral falso pode ter sido feito.

A manhã seguinte foi mais promissora. O passeio matutino do general, inoportuno sob qualquer outra perspectiva, foi favorável naquele momento. Quando Catherine se certificou de que ele estava fora de casa, imediatamente sugeriu à senhorita Tilney que cumprisse a promessa que fizera. Eleanor estava disposta a fazer a vontade de Catherine, e com Catherine fazendo com que ela se lembrasse de outra promessa à medida que elas caminhavam, a primeira visita delas, conseqüentemente, foi até o quarto da senhorita Tilney para ver o retrato. O quadro representava uma mulher muito bonita, de feições tranquilas e pensativas, justificando, até aquele momento, as expectativas de sua nova observadora. Mas as expectativas não foram completamente atendidas, pois Catherine estava certa de que veria traços físicos que deveriam corresponder à imagem de Henry ou de Eleanor, uma vez que os retratos que ela imaginara tinham sempre exata semelhança entre mãe e filhos. Uma vez transmitidas as feições de uma pessoa para outra, elas eram transmitidas por gerações. Mas no caso daquele retrato foi forçada a considerar e a procurar por uma semelhança. No entanto, ela o contemplou, apesar desse inconveniente, com muita emoção e, a não ser que fosse por algo que a interessasse ainda mais intensamente, só sairia da frente daquele quadro contra a própria vontade.

Seu nervosismo à medida que elas entravam na grande galeria era intenso demais para que se arriscasse a falar; Catherine conseguia apenas olhar para sua companheira. O semblante de Eleanor parecia desalentado, mas

tranquilo, e essa tranquilidade revelou que ela estava já habituada com todos os objetos tristes em direção aos quais elas prosseguiram. Mais uma vez Eleanor passou pela porta dupla, outra vez a mão dela ficou sobre a fechadura importante, e Catherine, mal conseguindo respirar, estava se virando para fechá-la atrás de si com amedrontado cuidado quando a figura, a temida figura do próprio general na outra extremidade da galeria apareceu diante dela! Ao mesmo tempo, o nome de “Eleanor,” no tom de voz mais alto do general, ressoou pela casa, dando à filha o primeiro indício de sua presença, e, a Catherine, pavor e mais pavor. Uma tentativa de se esconder havia sido seu primeiro movimento instintivo ao perceber a presença dele, mas ela não podia nutrir muitas esperanças de que ele não a avistara. Quando a amiga, com um olhar que pedia desculpas, passou apressada por ela e se juntou ao pai, indo embora com ele, Catherine correu para a segurança do seu próprio quarto, e, trancando-se nele, achou que jamais teria coragem de tornar a ir para o andar de baixo.

Ela permaneceu lá pelo menos por uma hora, nervosíssima, se compadecendo intensamente da situação de sua pobre amiga e esperando ela mesma uma convocação do raivoso general para que fosse aos aposentos dele. No entanto, não houve nenhuma convocação, e, por fim, ao ver uma carruagem subir a trilha que levava à abadia, Catherine criou coragem de descer e encontrá-lo sob a proteção das visitas. A sala do café da manhã estava alegre com os visitantes, e ela foi apresentada a eles pelo general como a amiga da filha, em um tom elogioso que ocultava muito bem sua ira ressentida, e Catherine sentiu que pelo menos naquele momento a vida dela estava a salvo. E quando Eleanor, com uma postura em suas feições que de fato justificava sua preocupação com o caráter dele, aproveitou a primeira oportunidade que teve para dizer a ela: “Meu pai só queria que eu respondesse a uma carta”, Catherine começou a ter esperanças de que ou ela não tinha sido vista pelo general, ou, por alguma deferência dele, ela pudesse acreditar nisso. Assim, ela se atreveu a ficar na presença dele mesmo depois que as visitas se foram, e nada aconteceu.

Ao longo das reflexões da manhã, ela acabou decidindo fazer uma nova

tentativa de entrar sozinha na porta proibida. Seria muito melhor em todos os aspectos que Eleanor não soubesse nada sobre isso. Envolvê-la no perigo de ser pega em flagrante outra vez, convidá-la para ir a aposentos que lhe deviam deixar o coração apertado, não poderia ser o ofício de uma amiga. O mais alto grau de raiva que o general podia sentir não ia ser o mesmo com relação a ela do que com relação a uma filha. E, além disso, ela achou que aquela investigação seria mais satisfatória se fosse feita sem companhia. Seria impossível explicar para Eleanor as suspeitas das quais o general tinha, muito provavelmente, até aquele momento, sido poupado. E, portanto, ela não podia, na presença da amiga, procurar por aquelas provas da crueldade do general. Como quer que tivessem escapado de ser descobertas, Catherine acreditava que em algum lugar elas apareceriam, na forma do fragmento de um diário escrito até o último suspiro. Ela agora dominava perfeitamente o caminho até o cômodo. E como queria resolver logo aquilo, antes do retorno de Henry, que era esperado na manhã seguinte, não havia tempo a perder. O dia estava ensolarado e a coragem dela era grande. Às quatro da tarde, o sol ainda ficaria duas horas no horizonte, e bastaria que ela fosse se retirar para se vestir para o jantar meia hora antes do que de costume.

Isso foi feito e Catherine se viu sozinha na galeria antes que os relógios parassem de bater. Não havia tempo para pensar. Ela se apressou, se esgueirou pela porta dupla fazendo o mínimo de barulho possível e, sem parar para olhar ou respirar, correu na direção dos aposentos em questão. A maçaneta abriu quando ela a girou, e, felizmente, sem fazer nenhum ruído inconveniente que pudesse alarmar um ser humano. Ela entrou na ponta dos pés. O quarto estava diante dela, mas alguns minutos se passaram antes que pudesse dar mais um passo à frente. Catherine ficou olhando para aquilo que a deixou paralisada de espanto. Ela viu um aposento grande, de boas proporções, uma linda cama de fustão, arrumada com o cuidado de uma criada, como se não estivesse sendo usada, uma brilhante lareira de Bath, guarda-roupas de mogno e cadeiras muito bem pintadas, sobre as quais batiam alegremente os raios quentes de um sol que vinha do Ocidente e entrava por duas janelas de guilhotina!

Catherine havia esperado que seus sentimentos fossem abalados, e eles de fato foram. Primeiro ela foi tomada pelo assombro e pela dúvida. Logo depois, sentiu uma nesga de bom senso que lhe deu algumas pitadas amargas de vergonha. Ela não podia estar enganada quanto ao quarto, mas como ela estava terrivelmente enganada com relação a todo o resto! Com relação à interpretação do que dissera a senhorita Tilney, e às estimativas dela própria! Aqueles aposentos, para os quais ela havia dado uma data muito antiga, uma disposição muito terrível, na verdade se revelaram uma das partes que o pai do general mandara construir. Havia duas outras portas no quarto, que provavelmente levavam a *closets*, mas ela não sentiu vontade de abrir nenhuma delas. Teria o último véu que a senhora Tilney usara, ou o último livro que ela tinha lido, permanecido ali para contar o que nada mais tinha a permissão de sussurrar? Não: quaisquer que possam ter sido os crimes do general, ele certamente tinha sido esperto demais para deixar que fossem descobertos.

Catherine estava cansada de explorar e queria apenas ficar na segurança de seu quarto, somente com o próprio coração inteirado de seu disparate. Ela estava prestes a sair dali, tão furtivamente quanto havia entrado, quando o som de passos, que mal conseguia dizer de onde vinham, fez com que parasse e tremesse. Ser flagrada ali, mesmo que por um criado, seria desagradável. Mas, se fosse flagrada pelo general (e ele parecia sempre estar por perto quando era menos desejado), seria muito pior! Ela ficou prestando atenção...❖ O som cessara. E, decidida a não desperdiçar um segundo, passou pela porta do quarto e a fechou. Naquele exato instante, uma porta no andar de baixo foi aberta às pressas. Alguém parecia querer subir a escada a passos rápidos, e Catherine ainda teria de passar pelo topo da escada antes de poder entrar novamente na galeria. Ela não teve forças para se mover. Com um sentimento de pavor não muito definível, ela fixou seu olhar na escadaria e, em alguns instantes, Henry surgiu diante dela.

– Senhor Tilney! – exclamou ela com um tom de voz que expressava mais do que uma surpresa corriqueira.

Ele também parecia surpreso.

– Meu Deus! – prosseguiu ela, não respondendo ao cumprimento dele. – Como chegou até aqui? Por que subiu esta escada?

– Por que eu subi esta escada?! – replicou ele, muito surpreso. – Porque é o caminho mais curto entre os estábulos e o meu quarto. E por que eu não deveria subir esta escada?

Catherine se recompôs, ficou muito vermelha e não conseguiu dizer mais nenhuma palavra. Ele parecia estar buscando no rosto dela uma explicação que seus lábios não revelavam. Ela andou na direção da galeria.

– E não posso eu, por minha vez, perguntar como você chegou aqui? – disse ele, à medida que abria as portas duplas. – Esta passagem é no mínimo um caminho tão extraordinário da sala do café da manhã para os seus aposentos quanto essa escada é para ir dos estábulos para o meu quarto.

– Eu fui – confessou Catherine, olhando para o chão – ver o quarto de sua mãe.

– O quarto de minha mãe! E por acaso há algo de extraordinário a ser visto lá?

– Não, nada. Eu pensei que o senhor só voltaria amanhã.

– Eu tampouco esperava conseguir voltar mais cedo, quando parti, mas há três horas eu tive o prazer de descobrir que nada me prendia. A senhorita parece lívida. Receio que eu a tenha alarmado ao subir essas escadas tão rápido assim. Talvez a senhorita não soubesse... A senhorita não tinha noção de que essas escadas levam das salas de uso comum até aqui?

– Não, não tinha. O dia de hoje foi bom para a sua cavalgada?

– Muito. E a Eleanor deixou-a livre para entrar em todos os quartos da casa sozinha?

– Oh! Não, ela me mostrou quase toda a casa no sábado e nós íamos entrar nestes quartos, só que – disse ela, diminuindo o tom de voz – o seu pai estava conosco.

– E isso as impediu de entrar – retrucou Henry, olhando para ela com seriedade. – A senhorita já viu todos os quartos naquela passagem?

– Não, eu apenas queria ver... Não está muito tarde já? Tenho de ir me

vestir.

– São apenas quatro e quinze da tarde – respondeu ele, mostrando seu relógio –, e a senhorita agora não está em Bath. Aqui não há teatros, não há salões para os quais se arrumar. Em Northanger, meia hora deve ser o suficiente para se vestir.

Ela não podia discordar daquilo, e, portanto, submeteu-se a permanecer ali, apesar de o pavor de que ele fizesse mais perguntas ter feito com que ela, pela primeira vez desde que se conheceram, querer sair de perto dele. Eles caminharam lentamente pela galeria.

– A senhorita recebeu alguma carta de Bath desde que a vi pela última vez?

– Não, e estou muito surpresa. Isabella me prometeu muito fielmente que me escreveria imediatamente.

– Prometeu muito fielmente! Isso me intriga. Já ouvi falar de uma conduta fiel. Mas uma promessa fiel... A fidelidade de se prometer algo! Trata-se de um poder que não vale muito a pena conhecer, no entanto, visto que ele pode lhe enganar e lhe magoar. O quarto de minha mãe é muito espaçoso, não? Grande e alegres, e os *closets* são muito bem dispostos! Ele sempre me pareceu o quarto mais confortável da casa, e eu me pergunto por que Eleanor não se muda para ele. Ela lhe mandou até aqui para que a senhorita visse o quarto, eu imagino?

– Não.

– Então, a ideia foi inteiramente sua?

Catherine nada disse. Depois de um breve silêncio, durante o qual ele a observara detidamente, Henry acrescentou:

– Como não há nada no quarto em si que desperte a curiosidade, essa ideia deve ter sido fruto de um sentimento de respeito pelo caráter da minha mãe, conforme descrito por Eleanor, e isso honra a memória dela. O mundo, creio eu, nunca conheceu mulher melhor, mas não é com frequência que a virtude desperta um interesse como este seu. As virtudes domésticas e despretensiosas de uma pessoa que jamais se conheceu não costumam despertar esse tipo de ternura ardente e adoradora que motivaria uma visita como a sua. Eleanor, eu creio, falou bastante dela, não?

– Sim, bastante. Quero dizer... Não, não muito, mas o que ela de fato disse foi muito interessante. A morte muito súbita dela – falou Catherine devagar e com hesitação – nenhum de vocês em casa? e seu pai. Eu pensei... Que talvez ele não sentisse muito carinho por ela.

– E a partir dessas circunstâncias – replicou ele, com os olhos ágeis fixos nela – a senhorita inferiu a probabilidade de alguma negligência... Alguma... – ela involuntariamente balançou a cabeça – Ou talvez seja... Alguma coisa menos perdoável.

Ela ergueu o olhar na direção dele do modo mais intenso que já havia.

– A doença de minha mãe – prosseguiu Henry –, o ataque que culminou na morte dela, foi súbito. A doença em si era uma da qual ela padecia havia muito, uma febre tifoide... A causa, portanto, era física. No terceiro dia, resumindo, assim que ela conseguiu ser convencida disso, um médico a examinou, um homem muito respeitável, em quem ela sempre confiara muito. Por conta da opinião do médico de que ela corria perigo, dois outros médicos foram chamados no dia seguinte, e ficaram por 24 horas cuidando dela praticamente o tempo todo. No quinto dia, ela morreu. Durante o progresso da doença dela, Frederick e eu, pois nós dois estávamos em casa, a vimos repetidamente. E por nossa própria observação, testemunhamos o fato de que ela recebeu toda a atenção possível que podia vir do afeto daqueles que a rodeavam, ou que a condição dela na vida exigisse. A pobre Eleanor estava ausente, e estava tão longe daqui que, quando voltou, viu a mãe já dentro do caixão.

– Mas o seu pai – disse Catherine –, ele ficou desolado?

– Durante um tempo, extremamente. A senhorita errou ao supor que ele não sentia afeição por ela. Ele a amava, estou convencido disso, o tanto quanto era possível para ele. Nós todos não temos, sabe, o mesmo temperamento terno, e eu não pretendo dizer que, enquanto ela era viva, com frequência não teve de suportar muitas coisas. Mas, apesar de o temperamento dele a magoar, o julgamento dele jamais o fez. A estima que ele sentia era sincera. E, embora não de modo permanente, ele ficou realmente desolado com a morte dela.

– Fico muito contente com isso – retrucou Catherine. – Teria sido muito

chocante se ele não tivesse ficado!

– Se estou entendendo corretamente, a senhorita havia feito conjecturas tão pavorosas que eu mal consigo expressá-las. Cara senhorita Morland, considere a natureza terrível das suspeitas que levantou. A partir de quê a senhorita formou o seu julgamento? Lembre-se do país e da época em que vivemos. Lembre-se de que somos ingleses, de que somos cristãos. Examine a sua própria compreensão, o seu próprio senso do que é provável, a sua própria observação daquilo que se passa à sua volta. Por acaso a nossa educação nos prepara para tais atrocidades? Por acaso nossas leis fazem vista grossa para essas coisas? Poderiam elas ser praticadas sem que ninguém soubesse, em um país como este, em que o intercâmbio social e cultural está muito avançado, onde cada homem é rodeado por uma vizinhança de espiões voluntários, e onde as estradas e os jornais descortinam tudo? Caríssima senhorita Morland, que ideias anda tendo?

Eles haviam chegado ao fim da galeria, e com lágrimas de constrangimento, Catherine correu para o quarto.



Capítulo 25

Acabaram-se as visões românticas. Catherine havia acordado completamente para a realidade. O discurso de Henry, por mais breve que tenha sido, tinha aberto os olhos dela para a extravagância de suas conjecturas recentes mais do que todas as muitas decepções originárias dessas conjecturas. Ela sentiu-se extremamente humilhada e chorou amargamente. Não era só por ela mesma que Catherine se sentia mal... Ela se sentia mal por Henry. Os disparates dela, que agora inclusive pareciam criminosos, foram todos expostos para ele, que agora deveria desprezá-la eternamente. A liberdade que a imaginação dela ousara tomar com relação ao caráter do pai dele... Seria ele capaz de perdoá-la algum dia? O absurdo da curiosidade dela e de seus receios... Poderiam eles algum dia ser esquecidos? Ela detestava a si mesma mais do que conseguia exprimir. Henry havia... Ela achou que ele havia, uma ou duas vezes antes daquela fatídica manhã, demonstrado sentir por ela algo parecido com afeto. Mas agora...

Em resumo, ela ficou o mais infeliz que pôde por cerca de meia hora, desceu quando o relógio bateu às cinco da tarde, com o coração partido, e mal conseguiu dar uma resposta inteligível quando Eleanor perguntou se ela estava bem. O terrível Henry entrou logo depois na sala de jantar, e a única diferença no comportamento dele com ela foi que ele a tratou com mais atenção do que de costume. Catherine jamais precisara tanto de ser reconfortada, e ele parecia se dar conta disso.

A noite foi passando sem que essa boa educação reconfortante diminuísse, e o ânimo de Catherine gradualmente melhorou,

transformando-se em relativa tranquilidade. Ela não foi capaz de esquecer ou de defender o passado, mas conseguiu ter esperanças de que aquele episódio não seria revelado a mais ninguém, e que aquilo não lhe custaria totalmente a consideração de Henry. Com os pensamentos ainda fixos naquilo que, por conta de um pavor sem motivos, sentira e fizera, estava claro que aquilo tudo havia sido um delírio voluntário e criado por ela mesma, com cada circunstância insignificante ganhando importância por conta de uma imaginação decidida a ficar alarmada, e com tudo sendo forçado a se encaixar em um propósito por conta de uma mente que, antes de ela ter entrado na abadia, havia estado ávida por ser assustada. Catherine se lembrou dos sentimentos com que se preparara para conhecer Northanger. Percebeu que a obsessão havia sido criada, e a maldade se estabelecido, muito antes de ela partir de Bath, e parecia que tudo aquilo podia se dever à influência daquele tipo de leitura a que ela se entregara.

Por mais encantadoras que fossem todas as obras da senhora Radcliffe, assim como eram encantadoras as obras de todos os seus imitadores, talvez delas não conste o fato de que, pelo menos nos condados do interior da Inglaterra, devemos sempre atentar para a natureza humana. Dos Alpes e dos Pirineus, com suas florestas de pinheiros e seus vícios, elas podiam até fazer uma descrição fiel. E a Itália, a Suíça e o sul da França poderiam ser tão repletos de horrores quanto eram representados naqueles livros. Catherine não se atrevia a duvidar disso além das fronteiras de seu país, e mesmo dele, se duramente pressionada, ela concordaria que isso seria possível nas partes que ficam ao Norte e a Oeste, mas na parte central da Inglaterra certamente havia alguma segurança até mesmo para a existência de uma esposa não amada, graças às leis da terra e aos modos da época.

Assassinatos não eram tolerados, os criados não eram escravos, e nem venenos ou soníferos, como o ruibarbo, eram encomendados a todo boticário. Nos Alpes e nos Pirineus, talvez não houvesse pessoas de caráter misto. Lá, pessoas de caráter não tão imaculado quanto o de um anjo podiam ter o temperamento de um demônio. Mas no interior da Inglaterra as coisas não eram assim. Entre os ingleses, ela acreditava, em seus corações e em seus hábitos, havia uma mistura generalizada de desigual

bondade e maldade. Com essa convicção, ela não ficaria surpresa se até mesmo em Henry e em Eleanor Tilney não surgisse alguma leve imperfeição daqui em diante. E, com essa convicção, ela não precisava ter medo de reconhecer algumas máculas reais no caráter do pai deles, que, apesar de ter sido inocentado das suspeitas extremamente injuriosas de que ela sempre haveria de se envergonhar por ter alimentado, ela acreditava, depois de fazer considerações sérias, que ele não era completamente amável.

Decidida sobre esses muitos assuntos, e com a resolução formada de sempre no futuro julgar e agir com muitíssimo bom senso, não restava a Catherine nada a fazer além de perdoar a si mesma e ficar mais feliz do que nunca. E a mão indulgente do tempo fez muito por ela de modo imperceptível e paulatino ao longo do dia seguinte. A incrível generosidade e nobreza de conduta de Henry, que jamais mencionou de modo algum o que havia acontecido, era de grande ajuda para ela. E antes do que Catherine presumiria ser possível no começo de sua aflição, seu ânimo foi recobrado, e ela foi novamente capaz, como até então, de melhorar de modo contínuo com qualquer coisa que Henry dissesse. De fato, ainda havia alguns assuntos que a faziam tremer de medo, como a menção a um baú ou armário, por exemplo, e ela passou a detestar ver laca em qualquer formato. Mas até mesmo ela podia reconhecer que uma esporádica lembrança dessas tolices do passado, por mais que fosse dolorosa, poderia ter certa utilidade.

As ansiedades da vida corriqueira logo começaram a se suceder aos sobressaltos de romance. O desejo de Catherine de ter notícias de Isabella aumentava a cada dia. Ela estava muito impaciente por saber como a vida seguia em Bath, e como eram frequentados os salões. E estava particularmente ansiosa para saber se Isabella tinha conseguido encontrar um tecido que combinasse com um elegante filó de algodão, como ela havia dito que queria fazer. E se ela ainda estava em boas relações com James. Catherine só podia contar com Isabella para dar a ela qualquer tipo de informação. James reclamara, dizendo que ele só escreveria para ela quando voltasse para Oxford, e a senhora Allen não dera a Catherine

qualquer esperança de receber uma carta até que voltasse para Fullerton. Mas Isabella havia prometido e repetido a promessa de escrever, e quando ela prometia uma coisa, era muito escrupulosa em relação ao cumprimento da promessa! Esse fato tornava aquilo particularmente estranho!

Por nove manhãs seguidas, Catherine se surpreendeu com a repetição de uma decepção, que a cada manhã ficava mais intensa. Mas, na décima manhã, quando entrou na sala do café da manhã, o primeiro objeto que recebeu foi uma carta, entregue pela prestativa mão de Henry. Ela o agradeceu efusivamente, como se ele mesmo tivesse escrito a carta.

– Mas é somente uma carta do James – falou ele enquanto ela olhava em sua direção. Ela abriu a carta, que vinha de Oxford, e havia sido escrita pelo seguinte motivo:

Querida Catherine,

Apesar de, e Deus é testemunha, eu ter pouca inclinação para escrever, acho que é meu dever contar a você que tudo terminou entre mim e a senhorita Thorpe. Eu abandonei a ela e a Bath ontem, para nunca mais vê-las novamente. Não entrarei em detalhes, pois eles só lhe magoariam mais. Você em breve terá notícias de outra parte, e vai ficar sabendo de quem é a culpa. E eu espero que você desculpe seu irmão por tudo, exceto pela loucura de ter acreditado muito facilmente que o afeto dele era correspondido. Graças a Deus! Eu me desiludi a tempo! Mas de fato é um golpe duro! Depois que a permissão de meu pai havia sido dada de forma tão bondosa. ♦ Mas chega disso. Ela me deixou infeliz para sempre! Envie notícias em breve, querida Catherine, você é minha única amiga. Em seu amor eu me apoio. Espero que sua visita a Northanger termine antes que o capitão Tilney anuncie o seu noivado, ou você se verá em uma situação incômoda. O pobre Thorpe está aqui na cidade. Tenho pavor de encontrá-lo, o coração sincero dele vai ficar muito sentido. Escrevi para ele e para o meu pai. A dissimulação dela é o que mais me magoa. Até o último momento, se eu conversasse com ela, ela se declarava tão ligada a mim quanto antes, e fazia pouco dos meus medos. Tenho vergonha de pensar em quanto tempo suportei isso. Mas, se algum homem já teve motivos para crer que era amado, esse homem era eu. Até agora não consigo entender o

que ela pretendia, pois não podia haver necessidade de me usar para que garantisse Tilney para si. Terminamos por consentimento mútuo. ♡ Feliz seria eu se nunca tivéssemos nos conhecido! Jamais espero conhecer outra mulher como essa! Queridíssima Catherine, tome cuidado com a forma como você der o seu coração.

Catherine não tinha lido três linhas quando seu semblante subitamente mudou, e suas breves exclamações de surpresa triste revelaram que ela recebia notícias desagradáveis. Henry, observando-a com seriedade ler toda a carta, viu com clareza que ela não terminava melhor do que havia começado. No entanto, ele foi impedido, pela entrada do pai, até de expressar a sua surpresa. Eles foram imediatamente tomar café da manhã; mas Catherine mal conseguia comer. Lágrimas encheram os olhos dela, e inclusive escorreram pelo seu rosto enquanto ela se sentava. Em um momento, a carta estava nas mãos dela, e depois, em seu colo, e em seguida, em seu bolso; e ela aparentava não saber o que havia feito.

O general, entretido com seu chocolate quente e seu jornal, felizmente não desviou sua atenção para reparar nela. Mas, para os outros dois, a agonia de Catherine era visível. Assim que se atreveu a se levantar da mesa, saiu apressada para seu quarto, mas as criadas estavam ocupadas lá dentro, e ela foi obrigada a descer novamente. Entrou na sala de estar para ter um pouco de privacidade, mas Henry e Eleanor também tinham ido para lá, e naquele momento estavam conversando seriamente sobre ela. Ela começou a sair, tentando implorar a eles que a desculpassem, mas foi, com gentil firmeza, forçada a voltar. Eles saíram da sala de estar, depois que Eleanor, de modo afetuoso, exprimiu seu desejo de ser útil a ela ou reconfortá-la.

Depois de meia hora se entregando livremente ao pesar e à reflexão, Catherine teve vontade de se reencontrar com seus amigos, mas se ela ia revelar a eles o motivo de sua aflição era outra coisa a se considerar. Talvez, se lhe perguntassem particularmente, ela talvez desse a eles uma ideia, mas nada além disso. Expor uma amiga, uma amiga como Isabella havia sido para ela... Ainda por cima com o irmão deles envolvido tão intimamente nessa história! Ela achou que deveria evitar o assunto. Henry

e Eleanor estavam sozinhos na sala do café da manhã, e cada um deles, quando Catherine entrou na sala, olhou para ela com ansiedade. Catherine tomou seu assento à mesa, e, depois de um breve silêncio, Eleanor disse:

– Nenhuma má notícia de Fullerton, espero eu? Seus irmãos e irmãs, o senhor e a senhora Morland, espero que nenhum deles esteja doente.

– Não, obrigada – respondeu Catherine, suspirando enquanto falava – todos eles estão muito bem. A carta que recebi foi do meu irmão, que está em Oxford.

Nada mais foi dito por alguns minutos. Depois, falando em meio ao choro, ela acrescentou:

– Acho que jamais vou tornar a querer receber outra carta!

– Sinto muito – disse Henry, fechando o livro que acabara de abrir. – Se eu tivesse suspeitado que a carta continha qualquer coisa indesejada, deveria tê-la entregado à senhorita com sentimentos distintos.

– Ela continha algo pior do que qualquer um poderia presumir! O pobre James está muito infeliz! Vocês em breve saberão por quê.

– Ter uma irmã com um coração tão bom, e tão afetuosa assim deve ser um conforto para ele em qualquer momento de aflição – replicou com carinho Henry.

– Eu tenho um favor a implorar a vocês. Se o irmão de vocês vier para cá, quero pedir que me avisem com antecedência, para eu poder ir embora – falou Catherine, logo depois, de modo agitado.

– Nosso irmão!? Frederick!?

– Sim. Eu decerto lamentaria muito o fato de deixá-los assim tão repentinamente, mas aconteceu algo que tornaria muito desagradável para mim estar na mesma casa do que o capitão Tilney.

Eleanor interrompeu a costura enquanto olhava fixamente para Catherine com crescente perplexidade. Mas Henry começou a suspeitar da verdade, e alguma coisa, na qual estava incluído o nome da senhorita Thorpe, saiu de seus lábios.

– Nossa, como o senhor é perspicaz! – exclamou Catherine – Conseguiu adivinhar, eu admito! Ainda assim, quando conversamos sobre isso em Bath, o senhor achou que era pouco provável que as coisas terminassem

assim. Isabella... E agora não me admira que eu não tenha recebido notícias dela... Isabella abandonou o meu irmão e vai se casar com o de vocês! Vocês teriam sido capazes de acreditar que houve tanta inconstância e volubilidade, e tudo o que há de pior no mundo?

– Espero, no que diz respeito ao meu irmão, que a senhorita esteja mal informada. Espero que meu irmão não tenha tido algo de concreto a ver com a decepção sofrida pelo senhor Morland. Não é provável que meu irmão se case com a senhorita Thorpe. Acho que a senhorita neste ponto está enganada. Lamento muito pelo senhor Morland... Lamento que qualquer pessoa que a senhorita ame fique infeliz. Mas eu ficaria mais surpreso se Frederick se casasse com ela do que com qualquer outra parte da história.

– No entanto, a verdade é essa. O senhor mesmo vai ler a carta de James. Espere... Tem uma parte – falou Catherine, ficando corada ao se lembrar da última linha.

– A senhorita vai fazer a gentileza de ler para nós os trechos da carta em que nosso irmão é mencionado?

– Não, leia o senhor mesmo – exclamou Catherine, cujos pensamentos agora eram mais claros. – Eu não sei em que eu estava pensando – continuou ela, ficando corada novamente por ter ficado corada antes. – A intenção do James é apenas me dar bons conselhos.

Ele de bom grado recebeu a carta, e, depois de tê-la lido com atenção, devolveu-a dizendo:

– Bem, se é assim que vão ser as coisas, só posso dizer que lamento muito por isso. Frederick não será o primeiro homem a ter escolhido uma esposa com menos sensatez do que esperaria a sua família. Não invejo a situação dele, nem como amante, nem como filho.

A senhorita Tilney, por sugestão de Catherine, agora também lia a carta, e, também expressando sua preocupação e surpresa, começou a perguntar sobre os laços familiares e a fortuna da senhorita Thorpe.

– A mãe dela é uma boa mulher – foi a resposta de Catherine.

– E o pai dela costumava trabalhar com o quê?

– Ele era advogado, eu acho. Eles moram em Putney.

– E são uma família abastada?

– Não, não muito. Não acho que Isabella tenha qualquer fortuna, mas isso não vai significar nada na família de vocês. O pai de vocês é muito generoso! Outro dia, ele me disse que só valorizava o dinheiro porque lhe permitia promover a felicidade dos filhos.

Os irmãos se entreolharam.

– Mas – disse Eleanor, depois de uma pausa curta – permitir que Frederick se case com essa garota é promover a felicidade dele? Ela deve ser inescrupulosa, ou não teria usado o seu irmão dessa forma. E que estranha essa paixão da parte de Frederick! Uma garota que, bem diante dos olhos dele, está por livre e espontânea vontade rompendo um noivado e ficando noiva de outro homem! Isso não é inconcebível, Henry? E logo o Frederick, que sempre teve um coração muito soberbo, e achava que nenhuma mulher era boa o bastante para ser amada!

– Esse é o fato menos promissor, a suspeita mais forte contra ele. Quando penso em suas declarações passadas, desisto do assunto. Além do mais, eu tenho uma opinião muito boa com relação à prudência da senhorita Thorpe para presumir que ela abandonaria um cavalheiro sem antes ter o outro garantido. De fato Frederick está acabado! Ele é um homem morto... Defunto em matéria de discernimento. Prepare-se para a sua cunhada, Eleanor, essa cunhada que tanto prazer lhe proporcionará! Ela é franca, cândida, sem malícia, ingênua, com afetos intensos porém simples, despretensiosa e nada dissimulada.

– Essa cunhada, Henry, de fato me proporcionará muito prazer – disse Eleanor com um sorriso.

– Mas, talvez, apesar de ela ter se comportado mal com a minha família, ela se comporte melhor com a sua. Agora que ela finalmente conseguiu de fato o homem de quem ela gosta, talvez lhe seja fiel – observou Catherine.

– De fato, receio que ela será. Receio que ela será muito fiel, a não ser que um baronete lhe cruze o caminho. Essa é a única salvação para Frederick. Vou conseguir o jornal de Bath e ver quem chegou recentemente à cidade – replicou Henry.

– O senhor acha então que é tudo por ambição? E, dou-lhe a minha

palavra, há algumas coisas que bem indicam isso. Não consigo esquecer que, quando ela soube o que meu pai faria por eles, pareceu muito decepcionada, pois esperava mais. Nunca em minha vida estive tão enganada quanto ao caráter de uma pessoa.

– E olha que a senhorita já conheceu e examinou uma grande variedade deles.

– A minha decepção e a perda que sinto por conta dela é muito intensa. Mas, quanto ao pobre James, presumo que ele tem poucas chances de se recuperar desse golpe.

– Seu irmão certamente merece muito que nos apiedemos dele agora. Mas não devemos, em meio a nossas preocupações com o sofrimento dele, subestimar o seu sofrimento. Presumo que a senhorita sinta que, ao perder Isabella, perdeu metade de si mesma. Sente um vazio em seu coração que não há nada mais que preencha. A convivência com ela está se tornando insuportável. E quanto às diversões que vocês estavam acostumadas a compartilhar em Bath, a simples ideia delas sem Isabella é abominável. Por exemplo, agora não iria a um baile por nada neste mundo. A senhorita sente que já não tem nenhuma amiga com quem possa falar sem reservas, de cuja consideração pode depender, ou com cujos conselhos, em qualquer dificuldade, pode contar. Está sentindo tudo isso?

– Não, não sinto... Eu deveria sentir? No entanto, para ser sincera, apesar de eu estar magoada e pesarosa, por já não mais poder amá-la, pelo fato de que jamais terei notícias dela, ou por talvez jamais voltar a vê-la, não me sinto assim tão, tão aflita quanto seria de se imaginar – respondeu Catherine depois de alguns instantes de reflexão.

– A senhorita sente, como sempre faz, e isso é fruto da natureza humana. Tais sentimentos deveriam ser examinados, para que eles tomem ciência de sua própria existência.

Catherine, por algum motivo, sentiu-se tão aliviada com essa conversa que não se ressentiu do fato de ter sido levada, de modo muito incompreensível, a mencionar a circunstância que provocara isso.



Capítulo 26

A partir de então, o assunto era discutido com frequência pelos três jovens. E Catherine descobriu, com certa surpresa, que os dois jovens amigos concordavam que a falta de proeminência social e riqueza de Isabella muito provavelmente criaria muitos obstáculos para o casamento dela com o irmão deles. A convicção deles de que o general, com base apenas nisso, e independentemente de qualquer objeção que poderia ser feita com relação ao caráter dela, se oporia ao enlace, fez com que seus sentimentos se voltassem com alarme para ela mesma. Ela era tão insignificante socialmente, e talvez tão desprovida de herança e dote, quanto Isabella. E, se o herdeiro da propriedade, o capitão Tilney, não tinha ele mesmo poder o bastante para decidir com quem se casar, o que seria exigido do irmão mais novo?

As reflexões muito dolorosas às quais isso levava só podiam ser amenizadas pela confiança no efeito da preferência que ela desde o início teve a felicidade de despertar no general, e que fora dada a entender pelas palavras e ações dele. E também pela lembrança de algumas declarações muito generosas e desinteressadas em relação dinheiro, que Catherine mais de uma vez o ouvira dar, o que fazia com que ela pensasse que a opinião dele quanto a esses assuntos havia sido mal interpretada por seus filhos.

No entanto, eles estavam convencidos de que o irmão jamais teria a coragem de pessoalmente tentar conseguir o consentimento do pai, e tão repetidamente asseguraram a ela que ele nunca na vida tivera menos chances de vir para Northanger do que naquele momento que ela se

permitiu ficar tranquila quanto à necessidade de qualquer partida súbita da parte dela. Mas como não era de se presumir que o capitão Tilney, quando fosse pedir o consentimento do pai, desse qualquer informação sobre o comportamento de Isabella, ocorreu a Catherine que seria muito conveniente que Henry contasse ao pai toda a história exatamente como ela se passou, permitindo que o general, desse modo, formasse uma opinião com imparcialidade e tranquilidade, e embasasse suas objeções em argumentos mais justos do que a discrepância de posição social e situação econômica entre os dois. Portanto, ela sugeriu isso a Henry, mas ele não concordou com essa atitude com a avidez que ela esperava.

– Não, o arsenal de objeções do meu pai não precisa ser fortalecido, e a confissão de Frederick de sua tolice não precisa ser antecipada. Ele mesmo deve contar a sua própria história – disse ele.

– Mas ele só vai contar metade da história.

– Um quarto dela já vai ser o bastante.

Um ou dois dias se passaram sem notícias do capitão Tilney. Seus irmãos não sabiam o que pensar. Às vezes parecia para eles que o silêncio do irmão era uma consequência natural do possível noivado, e, em outros momentos, achavam que era completamente incompatível com isso. O general, enquanto isso, apesar de se ofender todas as manhãs com a negligência de Frederick de escrever uma carta, estava livre de sentir qualquer ansiedade com relação a ele, e não tinha preocupação maior do que fazer com que a estada da senhorita Morland em Northanger transcorresse de modo agradável. Ele frequentemente expressava sua falta de tranquilidade com relação a esse assunto, e temia que a mesmice das companhias e ocupações diárias fizessem com que ela desgostasse do lugar, e queria que as senhoritas Fraser estivessem na região. Falava de vez em quando em chamar um grupo grande para um jantar, e uma ou outra vez começou inclusive a calcular quantos jovens cavalheiros dançarinos havia nas redondezas. Mas aquela era uma época morta do ano, sem pássaros selvagens ou outras presas para caçar, e as senhoritas Fraser não estavam na região. E tudo terminou certa manhã com ele dizendo a Henry, por fim, que, da próxima vez que ele fosse a Woodston, eles iriam

para lá fazer uma surpresa para ele, e comeriam um carneiro no almoço. Henry ficou muito honrado e feliz, e Catherine ficou muito encantada com a ideia.

– E quando acha, senhor, que devo esperar por esse prazer? Tenho de ir a Woodston na segunda-feira para uma reunião da paróquia, e provavelmente terei de ficar lá por dois ou três dias.

– Ora, ora, vamos tentar ir em algum desses dias. Não há necessidade de marcar uma data, não precisa de modo algum se incomodar por nossa causa. O que quer que você tenha em casa será o suficiente. Acho que posso falar em nome das jovens damas que elas perdoarão qualquer coisa que falte na mesa de um rapaz solteiro. Deixe-me ver: segunda-feira será um dia em que você estará ocupado, então, não vamos na segunda; e terça-feira quem vai estar ocupado sou eu. Estou esperando uma visita do meu administrador de Brockham com seu relatório pela manhã, e, depois disso, não posso, por uma questão de boa educação, deixar de comparecer ao clube. Eu realmente não conseguiria encarar os meus conhecidos se eu não fosse, pois, como sabem que estou na região, eles considerariam isso muito inapropriado de minha parte. Essa é uma de minhas regras, senhorita Morland: jamais ofender qualquer dos meus vizinhos, caso um pequeno sacrifício de tempo e atenção possa impedir isso. Eles são um grupo de homens muito respeitável. Dou a eles meio veado de Northanger duas vezes por ano, e janto com eles sempre que posso. Portanto, sair daqui na terça-feira está fora de questão. Mas, na quarta-feira, Henry, pode esperar por nossa visita. Chegaremos cedo para que tenhamos tempo de apreciar tudo à nossa volta. Em duas horas e quarenta e cinco minutos chegamos em Woodston, eu presumo. Estaremos na carruagem às dez da manhã, então, por volta de meio-dia e quarenta e cinco na quarta-feira você pode nos esperar.

Nem um baile teria agradado mais a Catherine do que aquela pequena excursão, tão intenso era o desejo dela de conhecer Woodston. O coração dela ainda pulava de alegria quando Henry, cerca de uma hora depois, entrou calçando botas e vestindo um sobretudo no cômodo em que ela e Eleanor estavam sentadas, e disse:

– Eu vim, jovens damas, num esforço muito moralizante, observar que nossos prazeres neste mundo sempre têm um preço, e que muitas vezes os compramos em transações muito desvantajosas, trocando felicidade real em espécie por uma ordem de pagamento futura, que pode não ser honrada. No momento presente, sou testemunha disso. Porque tenho esperanças de ter a satisfação de vê-las em Woodston na quarta-feira, coisa que o mau tempo ou vinte outras causas podem impedir que aconteça, devo partir para lá imediatamente, dois dias antes do planejado.

– Partir?! – disse Catherine, aborrecida. – E por quê?

– Por quê?! Como pode fazer essa pergunta? Porque não posso desperdiçar um segundo em assustar minha velha governanta até que ela enlouqueça, porque tenho de ir e preparar um jantar para vocês, estejam certas disso.

– Oh! Não está falando sério!

– Sim, sério e triste também. Eu preferia ficar.

– Mas como consegue pensar em uma coisa dessas depois do que disse o general? Quando ele disse especificamente que não queria incomodá--lo, pois qualquer coisa serviria.

Henry somente sorriu.

– Estou certa que de minha parte e de sua irmã isso não é nem um pouco necessário. O senhor deve saber que essa é nossa opinião, e o general insistiu muito para que não providenciasse nada de extraordinário. Além do mais, mesmo se ele não tivesse dito nem metade das coisas que disse, aqui sempre são servidos jantares tão excelentes que comer um jantar mediano não teria importância.

– Eu gostaria de poder raciocinar como a senhorita, para o bem dele e para o meu. Adeus. Como amanhã é domingo, Eleanor, eu não vou voltar.

Henry foi, e, como em qualquer momento para Catherine era uma operação muito mais simples duvidar de seu próprio julgamento do que do de Henry, ela logo foi obrigada a reconhecer que ele tinha razão, por mais desagradável que fosse para ela a partida dele. Mas o comportamento inexplicável do general era uma constante entre as dúvidas dela. Que ele era muito exigente quanto ao que comia, ela já tinha, vendo com os

próprios olhos, descoberto. Mas por que ele dizia uma coisa com tanta segurança, querendo na verdade o tempo todo dizer outra, era muito incompreensível! Desse modo, como as pessoas poderiam ser compreendidas? Quem além de Henry poderia ter percebido o que o general realmente queria dizer?

De sábado até quarta-feira, portanto, eles agora ficariam sem a presença de Henry. Este era o final triste de todos os pensamentos dela. E a carta do capitão Tilney certamente chegaria durante a ausência dele. Além disso, Catherine tinha certeza de que iria chover na quarta--feira. O passado, o presente e o futuro eram igualmente tristes. O irmão dela, muito infeliz, a perda de Isabella sentida muito intensamente, o humor de Eleanor sempre alterado pela ausência de Henry! O que poderia haver para interessá-la ou entretê-la? Ela estava farta dos bosques e dos arbustos, sempre tão tranquilos e entediantes. E a própria abadia para ela agora era como qualquer outra casa. A lembrança dolorosa da tolice que a casa a ajudara a criar e aperfeiçoar era a única emoção que poderia surgir a partir de suas considerações sobre aquela construção. Que reviravolta nas ideias dela! Ela, que tanto ansiara por estar em uma abadia! Agora, não havia nada tão encantador na imaginação de Catherine quanto o conforto despretensioso de uma casa paroquiana bem localizada. Algo como Fullerton, só que melhor: Fullerton tinha os seus defeitos, mas Woodston provavelmente não tinha nenhum. Se pelo menos quarta-feira chegasse logo!

E de fato chegou, e exatamente num momento em que seria razoável esperar por isso. Fazia um dia bonito, e Catherine flutuava de tanta felicidade. Às dez da manhã, a carruagem conduziu o trio para fora da abadia, e, depois de uma viagem agradável de quase 33 quilômetros, eles entraram em Woodston, um vilarejo grande e populoso, em um lugar que não era desagradável. Catherine ficou constrangida de dizer o quão bonito ela achou o lugar, pois o general parecia achar necessário se desculpar pela monotonia da região e pelo tamanho do vilarejo. Mas, em seu âmago, ela preferiu aquele lugar a qualquer outro que já visitara, e olhou com muita admiração para cada casa, e para todas as lojinhas pelas quais eles passavam. Na extremidade mais distante do vilarejo, e razoavelmente

deslocado do restante dele, ficava a casa paroquial, uma recém-construída e sólida construção de pedra, com uma trilha semicircular de entrada e portões verdes. Quando eles chegaram de carruagem até a porta, Henry, com seus amigos dos momentos de solidão, um enorme filhote de terranova e dois ou três *terriers*, estava pronto para receber e dar atenção a eles.

A mente de Catherine estava repleta demais de pensamentos, enquanto ela entrava na casa, para que ela observasse ou dissesse muitas coisas, e, até que o general pedisse sua opinião, ela mal tinha noção de em que cômodo estava. Depois de olhar à sua volta, ela percebeu em um instante que se tratava do aposento mais confortável do mundo, mas ela estava tímida demais para dizer isso, e a frieza de seus elogios decepcionou o general.

– Não estamos dizendo que esta é uma boa casa – disse ele. – Não a estamos comparando com Fullerton e Northanger, estamos considerando-a como uma simples casa paroquial, pequena e apertada, admitimos, mas decente, talvez, e habitável. Em geral, não inferior à maioria das casas paroquiais. Em outras palavras, creio que há poucas na Inglaterra que sequer cheguem aos pés desta aqui. No entanto, talvez ele precise de umas benfeitorias. Longe de mim dizer o contrário. Qualquer coisa razoável... Talvez demolir uma das janelas salientes... Mas cá entre nós, se tem algo que eu abomino é uma janela remendada.

Catherine não ouviu o bastante dessa fala para compreendê-la ou se ressentir dela, e com outros assuntos sendo diligentemente introduzidos e defendidos por Henry, ao mesmo em tempo que uma bandeja cheia de refrescos era trazida por seu criado, o general rapidamente recobrou sua autocomplacência, e Catherine, sua tranquilidade.

O cômodo em questão era espaçoso, com boas proporções, e lindamente decorado para servir como sala de jantar. Quando eles saíram de lá para ver o resto da casa, primeiro foi mostrado um aposento pequeno, que curiosamente pertencia ao dono da casa, que havia sido excepcionalmente arrumado para aquela ocasião. Depois, foi levada para a sala de estar, com cuja aparência, apesar de não estar mobiliada, Catherine ficou encantada o

bastante até para satisfazer o general. O cômodo tinha um formato bonito, com janelas que iam até o chão, que oferecia uma vista agradável, apesar de ela ser composta apenas por verdes prados. Catherine expressou sua admiração naquele momento com toda a simplicidade franca que sentia.

– Oh! Por que não decora este cômodo, senhor Tilney? Que pena que ele não esteja mobiliado! É o cômodo mais lindo que eu já vi... O mais lindo do mundo!

– Acredito que ele será rapidamente mobiliado: está apenas esperando pelo bom gosto de uma mulher! – disse o general com um sorriso de muita satisfação.

– Bem, se fosse a minha casa, eu jamais me sentaria em outro lugar. Oh! Que chalezinho lindo há entre as árvores, ainda por cima são macieiras! É o chalé mais lindo que há!

– A senhorita gosta dele... É considerado agradável para a vista. ❖ Isso é o bastante. Henry, lembre-se de falar sobre isso com o Robinson. O chalé não deve ser demolido.

Um elogio como aquele chamou Catherine à razão, e imediatamente fez com que ela se calasse. E, apesar de instada pelo general sobre que cor ela preferia para os papéis de parede e as cortinas, nada que se assemelhasse a uma opinião sobre isso pôde ser extraído dela. No entanto, a influência de objetos novos e ar fresco foi de grande utilidade para dissipar essas atitudes constrangedoras. Tendo chegado à parte ornamental do jardim, que consistia em uma trilha que percorria os dois lados de uma pradaria, na qual a genialidade de Henry começara a operar cerca de meio ano antes, ela estava suficientemente recuperada para achar aquele lugar mais bonito do que qualquer jardim de plantas ornamentais em que ela já havia estado, apesar de nele não haver sequer um arbusto mais alto do que o banco verde em um dos cantos.

Uma caminhada por outros prados, e por parte do vilarejo, com uma visita à estrebaria para verificar algumas melhorias, e uma encantadora brincadeira com uma ninhada de cachorrinhos que apenas conseguia rolar pelo chão, levou-os às quatro da tarde, quando Catherine mal achava que já eram três. Às quatro eles iriam jantar, e às seis, iriam embora. Um dia

jamais passara tão rápido!

Ela não pôde deixar de observar que a abundância do jantar não provocou a menor surpresa no general, tanto que ele ficou olhando para a mesa lateral procurando carne fria que não estava lá. As observações de Henry e de Eleanor foram de um tipo diferente. Poucas vezes eles o haviam visto comer com tanto gosto em uma mesa que não era a dele, e jamais o viram tão pouco incomodado pelo fato de o molho de manteiga e farinha estar talhado.

Às seis da tarde, tendo o general tomado seu café, a carruagem voltou a recebê-los. E tão gratificante havia sido o comportamento do general durante toda a visita, e tão segura Catherine estava em relação às expectativas dele que, se pudesse sentir a mesma confiança com relação aos desejos do filho, ela teria saído de Woodston com pouca ansiedade sobre como ou quando talvez voltasse para lá.



Capítulo 27

A manhã seguinte trouxe uma muito inesperada carta de Isabella:

Bath, abril

Queridíssima Catherine, recebi suas duas cartas gentis com o maior dos encantamentos, e tenho mil desculpas a pedir por não tê-las respondido antes. Eu realmente estou muito constrangida com a minha indolência, mas neste lugar horrendo não se encontra tempo para nada. Cheguei a pegar uma pena para começar a lhe escrever uma carta quase todos os dias desde que você saiu de Bath, mas sempre fui impedida de escrever por alguém bobo e frívolo, ou algo do gênero. Peço-lhe que me escreva logo, e para o endereço da minha própria casa. Graças a Deus, partiremos deste lugar repugnante amanhã.

Desde a sua partida, não tive nenhum prazer aqui: a poeira é inacreditável, e todos com quem alguém pode se importar já se foram. Acho que se pudesse vê-la eu não me importaria com o resto, pois você me é mais querida do que alguém seria capaz de conceber. Estou muito incomodada com seu querido irmão, de quem não tenho notícias desde que ele foi para Oxford, e temo que tenha ocorrido algum mal-entendido. Sua gentil interferência vai fazer tudo se acertar: ele é o único homem que eu já ameí ou poderia amar, e confio que você irá convencê-lo disso.

As modas da primavera estão começando a passar, e os chapéus estão mais espantosos do que você pode imaginar. Espero que esteja passando seu tempo de modo agradável, mas tenho receio de que você nunca pense em mim. Não direi tudo o que eu poderia sobre a família com

quem está, pois não serei mesquinha, e nem a colocarei contra aqueles que estima. Mas é muito difícil saber em quem confiar, e os rapazes nunca sustentam a mesma opinião por mais de dois dias. Regozijo-me de dizer que o rapaz que, acima de todos os outros, eu especialmente abomino, partiu de Bath. Você saberá, por meio desta descrição, que eu devo estar falando do capitão Tilney, que, como talvez se lembre, estava incrivelmente inclinado a me seguir e a me provocar, antes de você ir embora. Depois disso, ele piorou e praticamente se tornou minha sombra. Muitas moças teriam se deixado enganar, pois jamais houve galanteios como aqueles, mas eu conheço muito bem o sexo volúvel.

O capitão Tilney voltou para seu regimento faz dois dias, e acredito que não serei mais incomodada por ele. Ele é o maior dândi que já vi, e é incrivelmente desagradável. Nos últimos dois dias, ele não saiu do lado da Charlotte Davis: eu lamentei o gosto dele, mas não lhe dei atenção. A última vez que nos esbarramos foi na rua Bath, e eu na mesma hora entrei em uma loja para que ele não falasse comigo, eu me recusei inclusive a olhar para ele. Depois, ele entrou no Salão das Águas, mas eu não iria atrás dele por nada neste mundo. Que contraste entre ele e o seu irmão!

Peço-lhe que me mande notícias de James, pois estou muito triste com ele. Ele parecia muito incomodado quando foi embora, parecia estar resfriado, ou algo que alterou seu ânimo. Eu mesma escreveria para ele, mas perdi o endereço. E, como mencionei anteriormente, receio que ele tenha compreendido mal alguma coisa em meu comportamento. Por favor, explique tudo para ele até que esteja convencido. Ou, se ele ainda tiver alguma dúvida, uma mensagem curta dele para mim, ou uma visita a Putney na próxima vez que ele for a Londres, talvez coloque tudo de volta no lugar.

Já faz muito tempo que não vou aos salões ou ao teatro, exceto por ontem à noite, quando fui com os Hodge me divertir no teatro pela metade do preço. Eles insistiram até que eu concordasse, e eu estava determinada a não deixá-los dizer que eu estava deixando de sair porque o Tilney havia partido. Calhamos de sentar perto dos Mitchell, e eles

fingiram ter ficado muito surpresos com o fato de que eu havia saído. Conheço a maldade deles: em um momento, eles me tratam com falta de educação, e agora são só amizade. Mas não sou tola o bastante para me deixar enganar por eles. Você sabe que eu tenho muita retidão moral. Anne Mitchell havia tentado colocar um turbante assim como eu, pois eu usei um na semana antes do recital, mas ela o enrolou de um modo horrível. O turbante ficou muito bem em meu rosto estranho, creio eu, pelo menos foi o que me falou na época o Tilney, e disse que todos estavam olhando para mim. Mas ele é o último homem em cuja palavra eu vou acreditar. Agora eu só visto roxo. Sei que essa cor me cai muito mal, mas não me importo, pois é a cor favorita do seu querido irmão. Queridíssima Catherine, não tarde em escrever para ele e para mim.

Tal arrojo de hipocrisia não foi capaz de enganar nem a Catherine. Suas incoerências, contradições e falsidade foram percebidas imediatamente por Catherine. Ela ficou constrangida por Isabella, e constrangida por tê-la amado um dia. As declarações de apego agora eram tão desprezíveis quanto eram vazias as suas desculpas e descarados os seus pedidos.

– Escrever para James em nome dela! Não, James não deve jamais tornar a ouvir menção do nome de Isabella.

Com a chegada de Henry de Woodston, ela revelou a ele e à Eleanor que o irmão deles estava a salvo, e os parabenizou com franqueza por isso, lendo as partes mais importantes da carta em voz alta e muito indignada. Depois que havia terminado de ler, ela disse:

– Assim termina Isabella e toda a nossa intimidade! Ela deve pensar que sou idiota, ou não teria escrito o que escreveu. Mas talvez isso tenha servido para que eu conhecesse melhor o caráter dela do que ela conhece o meu. Entendo quais eram as intenções dela. Isabella é uma coquete superficial, e os ardis dela não deram certo. Eu não acredito que ela algum dia tenha tido qualquer consideração por James ou por mim, e queria jamais tê-la conhecido.

– Em breve vai mesmo parecer que a senhorita nunca a conheceu – falou Henry.

– Só tem uma coisa que não consigo entender. Percebo que Isabella tinha intenções com relação ao capitão Tilney que não se concretizaram, mas eu não entendo o que o capitão Tilney tinha em mente esse tempo todo. Por que ele a cortejaria ao ponto de fazê-la brigar com o meu irmão e depois desapareceria?

– Pouco posso dizer sobre as intenções de Frederick, tais como acredito que foram. Ele também tem suas vaidades, assim como a senhorita Thorpe, e a principal diferença é que, tendo ele a cabeça menos fraca, essas vaidades ainda não fizeram mal a ele mesmo. Se o efeito do comportamento dele não o inocenta perante os seus olhos, é melhor não procurarmos a causa.

– Então o senhor não acha que ele de fato chegou a gostar dela?

– Estou convencido de que ele nunca gostou.

– Então ele fingiu gostar dela só por maldade?

Henry assentiu.

– Bem, então, devo dizer que não gosto nem um pouco dele. Apesar de as coisas terem terminado muito bem para nós, não gosto nem um pouco dele. Por acaso, nada de muito grave aconteceu, pois eu não acho que Isabella tenha um coração para se partir. Mas e se ele tivesse feito com que ela se apaixonasse intensamente por ele?

– Mas antes devemos presumir que Isabella tinha sim um coração para se partir, e que, conseqüentemente, teria sido uma criatura completamente diferente. E, neste caso, teria recebido um tratamento muito diferente.

– É justo que o senhor defenda o seu irmão.

– E, se a senhorita defendesse o seu, não ficaria tão preocupada pela decepção provocada na senhorita Thorpe. Mas a sua mente é guiada pelo princípio inato da integridade, e, portanto, não está acessível à frieza da lógica da parcialidade familiar, nem a desejos de vingança.

Com esse elogio, dissipou-se toda a amargura de Catherine. Frederick não era imperdoavelmente culpado, pois Henry o descreveu como uma pessoa muito agradável. Ela decidiu não responder à carta de Isabella, e tentou não pensar mais nisso.



Capítulo 28

Logo depois disso, o general se viu obrigado a passar uma semana em Londres. Ele partiu de Northanger sinceramente lamentando que qualquer necessidade pudesse roubar-lhe sequer uma hora da companhia da senhorita Morland, e ansiosamente recomendou aos filhos que atentassem para o conforto e a diversão dela como seu objetivo principal na ausência dele. A partida dele deu a Catherine a primeira convicção empírica de que uma perda às vezes pode ser um ganho. A felicidade com a qual o tempo deles transcorria, sendo cada ocupação voluntária, cada risada, espontânea, cada refeição, uma cena de tranquilidade e bom humor, com eles caminhando por onde e quando quisessem, com seus horários, prazeres e cansaços controlados por eles mesmos, fez com que ela se desse conta das restrições que a presença do general impusera, e ficasse muito agradecida por eles atualmente estarem livres dessa presença.

Aquela tranquilidade e aqueles prazeres fizeram com que ela amasse mais o lugar e as pessoas a cada dia que passava. E, não fosse por um medo de que em breve fosse conveniente que ela deixasse a casa, e uma apreensão de que seu amor não fosse correspondido por Henry, ela teria passado cada momento de cada dia em perfeita felicidade. Mas ela agora estava na quarta semana de sua visita. Antes que o general voltasse para casa, a quarta semana já teria passado, e talvez pudesse parecer uma intrusão se ela permanecesse muito mais tempo ali. Sempre que lhe vinha à mente, esta era uma consideração dolorosa, e ávida por tirar esse peso de sua mente, ela decidiu falar com Eleanor de uma vez sobre isso: sugerir que iria embora e pautar seu comportamento de acordo com o modo como

sua sugestão fosse recebida.

Ciente de que, caso demorasse muito, poderia sentir dificuldade de mencionar um assunto tão desagradável quanto aquele, Catherine aproveitou a primeira oportunidade em que subitamente se viu sozinha com Eleanor, e quando esta falava sobre um assunto totalmente diferente, para mencionar a sua obrigação de partir dali muito em breve. Eleanor afirmou estar muito triste. Ela afirmou que esperara ter o prazer da companhia de Catherine por muito mais tempo, e havia sido levada a acreditar, talvez por seus próprios desejos, que uma visita muito mais longa havia sido prometida. Além disso, não podia deixar de pensar que, se o senhor e a senhora Morland soubessem do prazer que era para Eleanor a presença de Catherine ali, seriam generosos demais para apressar o retorno dela.

– Oh! Quanto a isso, papai e mamãe não estão com a menor pressa – explicou Catherine. – Se eu estiver feliz, eles estarão sempre satisfeitos.

– Então, por que está com tanta pressa de deixar-nos? – perguntou Eleanor.

– Oh! Porque já estou há muito tempo aqui.

– Se você diz isso, eu não posso insistir mais. Se você acha que já ficou muito tempo...

– Oh! Não, eu de fato não acho. Pelo meu próprio prazer, poderia ficar o dobro do tempo que já fiquei.

E imediatamente ficou decidido que, até que Catherine ficasse o dobro do tempo que já havia ficado, a partida dela dali não deveria sequer passar pela cabeça deles. Ao ter essa fonte de incômodo tão agradavelmente removida, a outra foi, do mesmo modo, diminuída. A gentileza e a veemência com que Eleanor a pressionou para que ficasse, e o olhar de satisfação de Henry ao ficar sabendo que a permanência dela fora decidida eram provas tão adoráveis da estima que eles sentiam por ela que Catherine sentiu apenas uma pequena preocupação que a mente humana nunca pode dispensar. Ela, em quase todas as ocasiões, acreditava que Henry a amava, e quase sempre também achava que o pai e a irmã dele gostavam dela, e inclusive desejavam que ela se tornasse parte da família.

E, com essa crença, suas dúvidas e ansiedades se tornaram irritações frívolas.

Henry não pôde obedecer completamente à ordem de ficar o tempo todo em Northanger fazendo companhia às jovens, durante a ida do general a Londres, pois os compromissos de seu coadjutor o obrigaram partir em um sábado, por duas noites. A falta dele agora não era sentida como quando o general estava em casa: diminuiu a felicidade delas, mas não lhes tirou o conforto. As duas jovens, se ocupando das mesmas coisas, e ficando cada vez mais íntimas, descobriram que se bastavam tanto que eram onze da noite, um horário muito tarde na abadia, quando elas saíram da sala da ceia no dia da partida de Henry.

Elas haviam acabado de chegar ao topo das escadas quando lhes pareceu, pelo menos até o ponto em que as espessas paredes da abadia permitiam que elas julgassem, que uma carruagem percorria a trilha de entrada da casa, e no instante seguinte essa suspeita foi confirmada pelo som alto da campainha da frente. Depois que a perturbação inicial provocada pela surpresa havia passado, com um “Minha nossa! O que pode estar acontecendo?”, Eleanor rapidamente decidiu que deveria ser seu irmão mais velho, cuja chegada com frequência era súbita, se não tão inoportuna quanto naquele momento, e, portanto, ela desceu apressadamente para dar as boas-vindas a ele.

Catherine foi para o quarto sopesando, da melhor forma que pôde, se ia conhecer melhor o capitão Tilney e consolando a si mesma com impressão desagradável que o comportamento dele causara nela. Ela estava convencida de que até aquele momento ele tinha demonstrado ser um cavaleiro exigente demais para simpatizar com ela, e que eles pelo menos não deveriam se encontrar sob circunstâncias que tornariam o encontro deles concretamente doloroso. Ela acreditava que ele jamais falaria da senhorita Thorpe, e, de fato, como àquela altura ele deveria estar constrangido pelo papel que desempenhara nessa história, não haveria perigo de ele falar desse assunto. Contanto que se evitasse qualquer menção aos acontecimentos de Bath, ela achava que seria capaz de tratá-lo com muito boa educação. Com essas considerações, o tempo passou, e

com certeza contava a favor dele o fato de Eleanor ter ficado muito feliz em vê-lo, e ter tanto a dizer a ele, pois fazia quase meia hora que ele havia chegado, e Eleanor não tinha subido.

Naquele instante, Catherine pensou ter ouvido os passos de Eleanor na galeria, e prestou atenção para ouvir se eles continuavam, mas tudo estava silencioso. No entanto, ela mal havia decidido que tinha se enganado quando o barulho de alguma coisa se mexendo perto da porta do quarto dela fez com que levasse um susto. Parecia que alguém estava tocando a porta... E, no instante seguinte, uma leve sacudida na fechadura provou que deveria haver a mão de alguém nela. Catherine sentiu calafrios com a ideia de alguém se aproximando tão cautelosamente assim, mas, decidida a não se deixar impressionar outra vez, ou ser confundida por uma imaginação estimulada, ela andou em silêncio para frente e abriu a porta. Eleanor, e somente Eleanor, estava de pé ali. No entanto, o ânimo de Catherine foi tranquilizado apenas por um instante, pois o rosto de Eleanor estava pálido e ela estava muito perturbada.

Apesar de evidentemente ter a intenção de entrar, Eleanor pareceu ter de fazer esforço para entrar ali, e mais esforço ainda para falar depois que já havia entrado. Catherine, presumindo que um pouco daquela perturbação era por conta do capitão Tilney, pôde apenas expressar sua preocupação com uma atenção silenciosa, fez Eleanor se sentar e esfregou as têmporas dela com água de lavanda, e, com afetuosa solicitude, não saiu do lado dela.

– Minha querida Catherine, você não deve.... De fato não deve fazer isso – foram as primeiras palavras inteligíveis de Eleanor. – Eu estou muito bem. Essa demonstração de bondade só me distrai... Eu não consigo suportar... Vim até aqui com uma incumbência que você não pode imaginar!

– Incumbência? Relacionada a mim!

– Como lhe direi? Como lhe direi?

Naquele momento, uma ideia nova passou pela cabeça de Catherine, e, ficando tão pálida quanto sua amiga, ela exclamou:

– Quem chegou foi um mensageiro vindo de Woodston!

– Na verdade, você está enganada – retrucou Eleanor, olhando para ela com muita compaixão. – Não é ninguém de Woodston. É o meu pai – ela ficou com a voz embargada e seus olhos se fixaram no chão enquanto mencionava o nome dele. O retorno não desejado dele foi o bastante para fazer o coração de Catherine afundar e, por alguns instantes, ela nem sequer imaginou que havia algo pior ainda a ser contado. Ela não disse nada, e Eleanor, tentando se recompor e falar com firmeza, mas ainda olhando para o chão, logo tornou a falar.

– Você é boa demais, estou certa disso, para pensar mal de mim por conta do papel que estou sendo forçada a desempenhar. Sou de fato a mensageira menos disposta que há. Depois do que acabou de acontecer, depois daquilo que acabamos de decidir, e com muita alegria e satisfação de minha parte, quanto à extensão de sua estada aqui por mais várias semanas, como eu esperava, como posso lhe dizer que sua bondade não poderá ser aceita... E que a felicidade que sua companhia nos deu até agora será retribuída com... Mas eu não devo confiar em mim mesma com palavras agora. Minha querida Catherine, nós vamos ter de nos separar. Meu pai se lembrou de um compromisso que vai tirar toda a família daqui na segunda-feira. Vamos para a casa de lorde Longtown, perto de Hereford, por duas semanas. Uma explicação e um pedido de desculpas são igualmente impossíveis. Não sou capaz de tentar nenhuma das duas coisas.

– Minha querida Eleanor, não fique tão angustiada assim – disse Catherine, reprimindo seus sentimentos da melhor maneira que pôde. – Um compromisso tem de ceder a vez para um compromisso anterior. Lamento muito, muito, muito que tenhamos de nos separar tão cedo, e tão subitamente assim, mas não estou ofendida, de fato não estou. Posso terminar a minha visita a esta casa, sabe, em qualquer outro momento, ou espero eu que você venha me visitar. Quando voltar da casa desse lorde, pode ir a Fullerton?

– Isso não vai depender de mim, Catherine.

– Então, venha quando puder.

Eleanor não respondeu, e com os pensamentos de Catherine voltando para algo mais importante, ela acrescentou, pensando em voz alta:

– Segunda-feira... Já na segunda-feira, e todos vocês vão partir. Bem, estou certa de que... Eu vou conseguir me despedir. Eu não preciso ir até quase a hora de vocês partirem. Não se aflija, Eleanor, posso muito bem ir na segunda. Não tem importância que meu pai e minha mãe não tenham sido avisados. Me atrevo a dizer que o general vai mandar algum criado viajar comigo, pelo menos até a metade do caminho... E depois, logo estarei em Salisbury, a menos de 15 quilômetros de casa.

– Ah, Catherine! Se as coisas tivessem sido acertadas assim, elas seriam um tanto menos intoleráveis, mas, por conta dessas atenções cotidianas, você acabaria recebendo metade da atenção que merece. Mas... Como posso lhe dizer?... Sua partida daqui está marcada para amanhã de manhã, e você não vai poder nem decidir o horário. A carruagem já foi pedida e chegará aqui às sete da manhã, e nenhum criado para acompanhá-la lhe será oferecido.

Catherine se sentou, sem fôlego e sem palavras.

– Eu mal pude acreditar quando fiquei sabendo, e nenhum desprazer, nenhum ressentimento que você possa sentir neste momento, por mais que muito justo, pode ser maior do que o que eu sinto... Mas eu não devo falar do que eu senti. Oh! Se eu pudesse sugerir algo para atenuar esta situação! Meu Deus! O que o seu pai e a sua mãe irão dizer! Depois de tirarmos você da proteção de amigos de verdade para trazê-la para cá... Que fica a quase o dobro da distância da sua casa em comparação a Bath, para depois mandá-la embora daqui, sem sequer ter as considerações que pede a boa educação! Querida, querida Catherine, ao ser a portadora desta mensagem, eu pareço ser a culpada por toda essa ofensa. Ainda assim, confio que você não vai colocar a culpa em mim, pois deve ter passado tempo o bastante nesta casa para ver que eu sou senhora dela apenas no nome, e meu poder real é nulo.

– Será que eu ofendi o general? – perguntou Catherine com a voz embargada.

– Ah! Por meus sentimentos como filha, tudo o que sei, tudo o que posso dizer, é que você não deu a ele motivos para que ele se ofendesse. Ele de fato está muito, demasiadamente, perturbado. Poucas vezes o vi assim. O

estado de espírito dele não está feliz, e aconteceu alguma coisa agora que fez com que ele piorasse de um jeito incomum. Deve ter sido alguma decepção, alguma irritação, que neste momento parece importante, mas que eu não presumo que tenha qualquer relação com você, pois como isso seria possível?

Foi com dor que Catherine conseguiu falar, e ela só tentou fazer isso por consideração a Eleanor.

– Estou certa de que lamento muito caso o tenha ofendido. Essa seria a última coisa que eu teria feito de propósito na vida, mas não fique triste, Eleanor. Um compromisso deve ser mantido e eu só lamento pelo fato de o general não ter se lembrado disso antes, para que eu pudesse ter escrito para meus pais. Mas isso tem pouca importância – disse ela.

– Espero, sinceramente espero, que, para sua própria segurança, isso tenha mesmo pouca importância. Mas isso tem muita importância para todo o resto: o conforto, as aparências, a propriedade, a sua família, o mundo. Caso os seus amigos, os Allen, ainda estivessem em Bath, você talvez pudesse voltar para lá para encontrá-los muito mais facilmente, mas uma viagem de carruagem de correio de mais de 110 quilômetros, na sua idade, sozinha e desacompanhada!

– Oh, a viagem não é nada. Nem pense nisso. E se vamos ter de nos separar, mais cedo ou mais tarde, sabe, não faz diferença. Posso estar pronta às sete da manhã. Mande que me acordem a tempo.

Eleanor percebeu que Catherine queria ficar sozinha, e, achando melhor que elas evitassem continuar a conversar, saiu do quarto de Catherine dizendo:

– Vejo você de manhã.

O coração apertado de Catherine precisava de alívio. Na presença de Eleanor, os sentimentos de amizade e orgulho tinham na mesma medida refreado as lágrimas dela, mas assim que a amiga foi embora, Catherine começou a chorar copiosamente. Ela havia sido expulsa da casa, daquela maneira! Sem nenhuma razão que justificasse aquilo, sem nenhuma desculpa que pudesse reparar a brusquidão, a grosseria, não, a insolência daquilo. Henry estava distante e ela nem conseguiria se despedir dele.

Todas as esperanças, todas as expectativas com relação a ele estavam suspensas, e quem poderia dizer por quanto tempo? Quem saberia dizer quando eles tornariam a se encontrar? E tudo isso por culpa de um homem como o general Tilney, tão educado, tão bem--criado, e que, até aquele momento, demonstrara muito carinho por ela! Aquilo era tão incompreensível quanto era constrangedor e lamentável. De onde tinha vindo aquilo e onde iria terminar eram perguntas que provocavam perplexidade e alarme. O modo como tudo havia sido feito, grosseiro e mal-educado, apressando-a para que fosse embora sem qualquer consideração pela conveniência dela, e sem nem lhe permitir uma aparente escolha quanto ao horário e modo como ela viajaria... Dos dois dias que faltavam, a saída fora marcada para o primeiro deles, e quase na primeira hora da manhã, como se houvessem decidido que Catherine deveria ir embora antes que o general estivesse acordando, para que ele não fosse obrigado a vê-la. O que poderia ser isso se não uma afronta intencional? De algum modo ou de outro ela deve ter tido a infelicidade de ofendê-lo. Eleanor quisera poupá-la de tão dolorosa ideia, mas Catherine não podia acreditar que era possível que qualquer aborrecimento pudesse provocar tanta má vontade contra uma pessoa não ligada, ou pelo menos que não deveria ter qualquer ligação, com a família.

Foi uma noite aflitiva. Sono, ou qualquer repouso digno de ser chamado de sono, estava fora de questão. Aquele quarto, em que a imaginação perturbada de Catherine a havia atormentado logo que ela chegou ali, de novo foi palco de cenas de ânimos agitados e sons inquietos. No entanto, como era diferente agora a fonte de sua inquietude do que havia sido antes... Quão superior em realidade e concretude! A ansiedade dela agora baseava-se em fatos, e os medos, em probabilidades. Com a mente de Catherine muito ocupada com a contemplação do mal real e natural, a solidão de sua situação, a escuridão do quarto e a antiguidade da casa foram sentidas e consideradas sem nenhuma emoção. E, apesar de estar ventando forte, e de o vento com frequência fazer sons estranhos e súbitos pela casa, ela ouviu tudo aquilo acordada na cama, hora após hora, sem curiosidade ou medo.

Logo depois das seis da manhã, Eleanor entrou no quarto de Catherine, ansiosa por ajudar com o que fosse possível. Entretanto, faltava pouco por arrumar. Catherine não tinha perdido tempo: estava quase completamente vestida, e as malas quase prontas. A possibilidade de alguma mensagem conciliatória do general ocorreu a Catherine quando a filha apareceu. Haveria algo de mais natural do que aquela raiva ter passado e dado lugar ao arrependimento? E ela só queria saber quanto tempo depois daquilo que tinha acontecido ela ia receber um pedido apropriado de desculpas. Mas o conhecimento disso não teria qualquer utilidade ali. Nem a clemência nem a dignidade de Catherine foram postas à prova, pois Eleanor não trouxe nenhum recado.

Pouco foi dito por elas quando se encontraram, cada uma se sentiu mais segura ficando em silêncio, e, enquanto elas permaneceram no andar de cima, as frases que trocaram foram poucas e triviais, com Catherine terminando de se vestir agitada, e Eleanor com mais boa vontade do que prática em sua intenção de arrumar o baú de Catherine. Quando tudo estava pronto, elas saíram do quarto, e Catherine ficou ali meio minuto, depois que sua amiga já havia saído, para dar uma última olhada de despedida em cada objeto bem conhecido e querido, e depois desceu para a sala do café da manhã, onde o café era servido.

Catherine tentou comer, tanto para se livrar do incômodo de ser instada a fazer isso quanto para não deixar sua amiga incomodada, mas estava sem apetite, e não conseguiu engolir quase nada. O contraste entre aquele café da manhã e o último que ela havia tomado naquela sala renovou sua infelicidade e intensificou seu desgosto por tudo o que havia diante dela. Não fazia 24 horas desde que eles se encontraram ali para comer o mesmo repasto, mas em circunstâncias muito diferentes! Com que alegria, com que feliz, porém falso, senso de segurança ela havia olhado à sua volta, desfrutando o presente e temendo coisa alguma no futuro, além do fato de Henry ter de ir a Woodston por um dia! Feliz, feliz café da manhã! Pois Henry estivera ali, Henry se sentara ao lado dela e a ajudara a se servir. Catherine se permitiu essas reflexões por muito tempo sem ser incomodada por qualquer comentário de sua companhia, que estava

sentada tão absorta em seus pensamentos quanto ela. A chegada da carruagem foi a primeira coisa que fez com que elas tivessem um sobressalto e tornassem a se lembrar do momento presente. Catherine ficou vermelha ao vê-la, e a indignidade com que ela fora tratada, atingindo sua mente com peculiar intensidade, fez com que ela, por um instante, sentisse apenas ressentimento. Eleanor parecia agora impelida a falar com determinação.

– Você tem de me escrever, Catherine – exclamou ela. – Tem de me dar notícias o quanto antes. Até que eu saiba que está segura em casa, não terei uma hora de descanso. Devo lhe suplicar por uma carta, mesmo com todos os riscos, com todos os perigos. Deixe-me ter a satisfação de saber que está segura em Fullerton, e que encontrou todos os seus familiares bem, e, depois, até que eu possa pedir para me corresponder com você, o que devo fazer, não esperarei mais cartas. Mande-a para mim para o endereço de lorde Longtown, e devo lhe pedir que mande a carta com Alice como destinatária.

– Não, Eleanor, se você não tem permissão de receber uma carta minha, tenho certeza de que é melhor eu não escrever. Não pode haver dúvidas quanto ao fato de que vou chegar sã e salva em casa.

Eleanor apenas respondeu:

– Não me admira que se sinta assim. Não vou mais importuná-la. Vou confiar na bondade do seu coração quando estiver longe de você.

Mas esse comentário, junto com a expressão de tristeza que o acompanhou, foi o suficiente para dissipar o orgulho de Catherine em um instante e ela imediatamente disse:

– Oh, Eleanor, vou lhe escrever com certeza.

Havia ainda outro assunto que a senhorita Tilney estava ansiosa por resolver, mas que se sentia um tanto constrangida de discutir. Ocorreu a ela que, depois de passar tanto tempo longe de casa, Catherine talvez não tivesse dinheiro o bastante para cobrir os gastos de sua viagem, e após sugerir isso com ofertas muito afetuosas de emprestar dinheiro, Eleanor descobriu que não tinha se enganado. Catherine jamais pensara naquele assunto até aquele momento, mas, depois de olhar sua bolsa, ficou

convencida de que, não fosse por esse gesto de bondade da amiga, ela talvez fosse posta para fora da casa sem sequer ter meios para voltar para sua própria casa. A aflição pela qual ela passaria se isso acontecesse preencheu as mentes das duas, e elas mal trocaram outra palavra durante o restante do tempo em que permaneceram juntas.

Esse tempo, no entanto, foi curto. Em breve anunciaram que a carruagem estava pronta. Catherine levantou-se imediatamente e um longo e afetuoso abraço tomou o lugar das palavras quando as duas se despediram. Enquanto entravam no salão principal, incapaz de deixar a casa sem mencionar o nome de alguém que ainda não havia sido mencionado por nenhuma das duas, Catherine parou por um instante, e, com os lábios trêmulos, mal conseguiu dizer de modo inteligível que ela deixava “gentis cumprimentos para seu amigo ausente”. Mas, com essa menção ao nome dele, acabaram todas as possibilidades de Catherine reprimir seus sentimentos, e, escondendo o rosto da melhor maneira que pôde com o lenço, atravessou apressada o salão principal, pulou para dentro da carruagem, e, em um instante foi levada para longe dali.



Capítulo 29

Catherine estava infeliz demais para sentir medo. A viagem em si não a assustava, e ela iniciou-a sem temer sua duração e sem se sentir sozinha. Recostada em um dos cantos da carruagem, chorando violentamente, percorreu alguns quilômetros depois que já havia saído dos portões da abadia antes de levantar a cabeça, e o ponto mais alto da propriedade quase sumia de vista quando ela finalmente virou a cabeça na direção dele. Infelizmente, a estrada na qual viajava agora era a mesma pela qual somente dez dias antes ela passara muito feliz na ida e na volta de Woodston, e, por mais de 20 quilômetros, cada sentimento amargo se intensificou quando Catherine reviu objetos para os quais antes ela olhara e tivera impressões muito diferentes. Cada quilômetro que a deixava mais perto de Woodston fazia seu sofrimento aumentar, e, depois de percorrer mais oito quilômetros, ela passou pela curva que levava a Woodston, e pensou em Henry, tão perto dali e, ainda assim, sem a menor noção do que acontecia, e seu pesar e perturbação aumentaram ainda mais.

O dia que Catherine havia passado em Woodston fora o mais feliz de toda a sua vida. Foi lá, naquele dia, que o general falara dela e de Henry de um modo que a deixara convencida de que de fato ele queria que os dois se casassem. Sim, fazia somente dez dias que ele a havia deixado entusiasmada com sua dedicada atenção... E até a embaraçara com suas alusões demasiadamente significativas! E agora... O que ela havia feito, ou o que deixara de fazer, para merecer tal mudança no tratamento?

A única ofensa contra ele de que ela podia acusar a si mesma tivera uma natureza tal que era pouco provável que tivesse chegado aos ouvidos dele.

Somente Henry e o próprio coração dela estavam inteirados das terríveis suspeitas que ela, de modo muito tolo tivera, e ela acreditava que seu segredo estaria seguro tanto com um quanto com outro. Pelo menos intencionalmente Henry não seria capaz de traí-la. Se, de fato, por um estranho acaso, o pai dele tivesse conhecimento daquilo que ela se atrevera a pensar e a procurar, das acusações sem causa e das ultrajantes investigações, ela não poderia se espantar com qualquer grau de indignação da parte do general. Se ele soubesse que ela o vira como um assassino, ela não poderia nem mesmo se espantar com o fato de ele tê-la posto para fora da abadia. Mas Catherine acreditava que ele não tinha conhecimento das suas suposições.

Por mais ansiosas que fossem as reflexões dela sobre isso, no entanto, não foi o que mais a preocupou. Havia algo ainda mais íntimo, uma preocupação mais prevaiente, mais impetuosa. O que Henry pensaria, sentiria, e como se comportaria quando voltasse na manhã seguinte para Northanger e ficasse sabendo que ela partira era uma pergunta forte o bastante para sobrepujar todas as outras, de maneira incessante, às vezes irritante, às vezes reconfortante. A resposta a ela às vezes sugeria o temor da calma aceitação dele, e, em outros momentos, a dúvida era respondida pela mais doce certeza do arrependimento e ressentimento dele. Com o general, é claro, ele não ousaria falar disso, mas com Eleanor... O que ele não diria a Eleanor sobre ela?

Nesta incessante recorrência de dúvidas e questionamentos, nos quais a mente dela era incapaz de encontrar senão por alguns instantes, as horas se passaram, e a viagem dela acabou sendo mais rápida do que ela desejava. As ansiedades palpitantes dos seus pensamentos, que impediam que ela reparasse em qualquer coisa à sua frente, depois que eles passaram da freguesia de Woodston, pouparam-na, ao mesmo tempo, de observar o progresso de sua viagem. E, apesar de nenhum objeto na estrada ser capaz de prender sua atenção por um instante que fosse, ela não achou nenhum trecho da viagem entediante. Também foi poupada de sentir isso por um outro motivo: não estava ansiosa pela conclusão de sua jornada, pois voltar para Fullerton naquelas circunstâncias era quase como destruir o

prazer de reencontrar aqueles a quem ela mais amava, mesmo depois de uma ausência como a dela, de 11 semanas. O que teria ela a dizer que não a deixaria humilhada e magoaria a sua família, que, com a confissão, não aumentaria seu pesar ou prolongaria um ressentimento inútil, e talvez envolvesse os inocentes e os culpados em uma indiscriminada animosidade? Catherine jamais conseguiria fazer justiça às qualidades de Henry e Eleanor. Ela sentia aquilo tudo intensamente demais para expressar com palavras, e se uma animosidade por eles aflorasse, se eles fossem tidos em baixa conta por parte do pai dela, o coração de Catherine ficaria partido.

Com esses sentimentos, Catherine mais temia do que ansiava pela primeira visão daquela tão conhecida torre de igreja que anunciaria que ela estava a pouco mais de 30 quilômetros de casa. Quando saiu de Nothanger, sabia que Salisbury era seu destino final, mas, depois de completado o trecho inicial da viagem, ela teria de perguntar aos funcionários do correio os nomes dos lugares pelos quais passaria antes de chegar até lá, tamanha era a sua ignorância com relação ao caminho. No entanto, não se deparou com nada que a afligisse ou assustasse. Sua juventude, suas boas maneiras, e boas gorjetas garantiram toda a atenção que uma viajante como ela poderia demandar. Assim, parando apenas para trocar de cavalos, ela seguiu viajando por cerca de 11 horas sem acidentes ou sustos, e entre seis e sete da noite ela se viu entrando em Fullerton.

Uma heroína que retorna, no final de sua carreira, para seu vilarejo natal, com todo o triunfo da reputação recobrada, e toda a dignidade de uma condessa, com um longo cortejo de parentes nobres em suas várias carruagens descobertas, e três damas de companhia atrás dela em uma outra carruagem é um evento em que a pena da narradora pode muito bem se deliciar em se deter. Isso confere valor a toda conclusão, e a autora deve partilhar da glória que a heroína tão generosamente concede. Mas meu caso é completamente diferente, eu trago minha heroína de volta para casa em solidão e desgraça, e não há doce euforia de ânimo que me faça entrar em detalhes sobre isso. Uma heroína viajando em uma carruagem do correio é um golpe tão forte nos sentimentos que nenhuma tentativa de

magnificência ou compaixão pode suportar. Portanto, o cocheiro dela velozmente cavalgará pelo vilarejo, em meio aos olhares perplexos das pessoas reunidas no domingo, e veloz será a descida dela da carruagem.

Mas, qualquer que fosse a aflição de Catherine, enquanto seguia em direção à casa paroquial, e qualquer que fosse a humilhação de sua biógrafa ao relatar isso, estava preparando uma alegria de natureza incomum para aqueles que iriam recebê-la. Primeiro, pela aparição da carruagem, e segundo, pela própria chegada de Catherine. Como a carruagem de um viajante era algo raro de se ver em Fullerton, toda a família foi imediatamente para a janela, e fazer a carruagem parar em frente ao portão era um prazer que fazia brilhar a todos os olhos, e que ocupava a imaginação de todos. Era um prazer muito pouco ansiado por todos, com exceção de duas crianças pequenas, um menino e uma menina de seis e quatro anos de idade, que esperavam um irmão ou uma irmã em cada carruagem que passava. Feliz do olhar que distinguiu Catherine antes do que os outros! Feliz da voz que proclamou a descoberta! Mas se tal felicidade era propriedade legal de George ou Harriet, jamais se poderá saber precisamente.

Seu pai, sua mãe, Sarah, George e Harriet, todos se reunindo na porta para dar as boas-vindas a ela com uma avidez afetuosa, aquilo foi uma visão que despertou os melhores sentimentos que havia no coração de Catherine. E, no abraço de cada um deles, enquanto descia do coche, Catherine se viu mais reconfortada do que jamais acreditaria ser possível. Tão rodeada, tão abraçada, ela até estava feliz! Na alegria do amor familiar, tudo foi atenuado por um curto período de tempo, e, com o prazer de revê-la, a família, a princípio, teve pouco tempo para a curiosidade, e todos se sentaram em volta da mesa de chá redonda, que a senhora Morland havia posto apressadamente para a comodidade da pobre viajante, em cuja aparência lívida e exausta ela logo reparou, antes de que qualquer pergunta que exigisse uma resposta definitiva fosse feita a Catherine.

Relutantemente, e com muita hesitação, foi que ela então começou o que talvez, ao final de meia hora, pudesse ser chamado, por conta da boa educação de seus ouvintes, de uma explicação. Mas, neste período de

tempo, eles mal podiam sequer descobrir a causa, ou captar os detalhes, do súbito retorno dela. Eles nem de longe eram uma família irascível; nem de longe tinham a rapidez de perceber afrontas, ou a amargura de se ressentir delas: mas, neste caso havia, quando toda a história foi revelada, um insulto que não poderia ser relevado, e nem, pelo menos pela primeira meia hora, facilmente perdoado. Sem ter sofrido qualquer susto romântico ao considerar a longa e solitária viagem de sua filha, o senhor e a senhora Morland não puderam deixar de sentir que a viagem talvez tivesse sido a fonte de muito desgosto para Catherine. Isso é o que eles jamais teriam permitido voluntariamente, e, ao forçá-la a fazer aquilo, o general Tilney não tinha agido de modo honrado ou carinhoso. Não agira nem como cavalheiro, nem como pai. Por que ele havia feito aquilo, o que poderia ter provocado nele um rompimento da hospitalidade, e tão subitamente ter transformado todo o carinho por Catherine em verdadeira aversão, era uma questão cuja resposta eles pelo menos estavam tão longe de adivinhar quanto a própria Catherine. Mas isso não os afligiu por muito tempo, e, depois de uma rodada normal de conjecturas inúteis, de que “aquilo era algo estranho, e de que ele deveria ser um homem muito estranho”, todos sentiram que já estavam indignados e espantados o bastante, apesar de Sarah de fato ainda ter se entregue à doçura da incompreensibilidade, exclamando e conjecturando com juvenil fervor:

– Minha querida, você se ocupa demais com problemas desnecessários. Confie em mim, isso é algo que nem sequer vale a pena compreender – disse por fim a mãe.

– Eu até entendo que ele quisesse que Catherine partisse depois que ele se lembrou de seu compromisso – falou Sarah –, mas por que não fazer isso de maneira mais educada?

– Eu sinto pena dos jovens, pois eles devem ter ficado tristes com isso. Mas, quanto ao resto, não nos importemos com isso agora. Catherine está a salvo em casa, e nosso conforto não depende do general Tilney – retrucou o senhor Morland.

Catherine suspirou.

– Bem – prosseguiu a senhora Morland –, fico contente de não ter sabido

sobre sua viagem de volta quando ela foi decidida. Mas, agora que tudo se acabou, talvez nenhum grande mal tenha sido feito. É sempre bom pôr à prova os jovens. E, você sabe, minha querida Catherine, que sempre foi um pouco avoada, mas dessa vez deve ter sido obrigada a ficar atenta, com tantas trocas de carruagem e tudo o mais. Espero que dessa vez não tenha esquecido nada em algum dos compartimentos da carruagem.

Catherine também esperava isso, e tentou sentir algum interesse por sua própria transformação, mas seu ânimo estava por demais exaurido. Como ficar sozinha em silêncio logo começava a ser o seu único desejo, ela prontamente concordou com o conselho da mãe para que fosse dormir cedo. Seus pais, não vendo nada de mais no aspecto triste e na agitação dela além das consequências naturais da humilhação que ela sofrera, e do esforço incomum de uma viagem como aquela, se separaram dela sem a menor dúvida de que tudo isso logo melhoraria depois de uma boa noite de sono. E na manhã seguinte, apesar de, quando todos tornaram e se encontrar, a recuperação dela não ter correspondido ao esperado, eles ainda assim continuaram completamente sem suspeitar que houvesse alguma dor mais intensa. Sequer uma vez pensaram no coração dela, o que, em se tratando dos pais de uma jovem de 17 anos que acabara de retornar de sua primeira viagem sozinha, era muito estranho!

Assim que terminaram o café da manhã, Catherine foi se sentar para cumprir a promessa que fizera à senhorita Tilney, cuja certeza no efeito do tempo e da distância sobre o estado de espírito da amiga já se justificava, pois Catherine de fato já se repreendia por ter se despedido com frieza de Eleanor, por não ter suficientemente estimado suas qualidades ou sua bondade, e de não ter se compadecido o suficiente dela pela tristeza que no dia anterior ela tivera de suportar. A intensidade desses sentimentos, no entanto, estava longe de inspirar as suas palavras, e nada para ela jamais havia sido tão difícil quanto aquela carta para Eleanor Tilney. Escrever uma carta que ao mesmo tempo fizesse jus a seus sentimentos e sua situação, que transmitisse gratidão sem arrependimento subserviente, que fosse cautelosa sem frieza, e sincera sem ressentimento... Uma carta que não deixasse Eleanor magoada depois de uma leitura detida, e que, acima

de tudo, não deixaria Catherine constrangida se por acaso Henry a lesse, era uma tarefa que dificultava toda a sua capacidade de realização. Depois de muito pensar e de ficar muito confusa, escrever um texto curto foi tudo o que Catherine conseguiu decidir. Então, o dinheiro que Eleanor lhe emprestara foi posto no envelope com pouco mais do que um bilhete de agradecimento, e com os milhares de desejos de felicidade de um coração afetuoso.

– Essa foi uma amizade estranha – observou a senhora Morland, ao ver a carta terminada. – Começou depressa e depressa foi desfeita. Lamento que as coisas tenham acontecido desse jeito, pois a senhora Allen achou os dois irmãos muito agradáveis. E você infelizmente tampouco teve sorte com a sua Isabella. Ah! Pobre James! Bem, temos de viver e aprender, e espero que as novas amizades que você fizer valham mais a pena manter.

Catherine ficou vermelha enquanto respondia:

– Nenhuma amizade vale mais a pena manter do que a de Eleanor.

– Se assim for, minha querida, ousa dizer que vocês tornarão a se encontrar em algum momento, não se aflija. Muito provavelmente se encontrarão de novo dentro de alguns anos, e então esse acontecimento será muito prazeroso!

A senhora Morland não foi bem-sucedida em sua tentativa de consolar a filha. A esperança de tornar a encontrar Eleanor dentro de alguns anos só podia fazer Catherine pensar no que poderia acontecer naquele período de tempo para tornar aquele encontro desagradável para ela. Ela jamais conseguiria se esquecer de Henry Tilney, ou pensar nele com menos ternura do que naquele momento. Mas talvez ele se esquecesse dela, e, nesse caso, encontrar...! Os olhos de Catherine ficaram rasos d'água enquanto ela imaginava aquela amizade reatada em tais circunstâncias. E sua mãe, percebendo que suas sugestões para reconfortar a filha não tinham um bom efeito, propôs, como outra forma de melhorar o estado de espírito dela, que elas fizessem uma visita à senhora Allen.

As duas casas ficam a apenas 400 metros de distância uma da outra e, enquanto caminhavam, a senhora Morland rapidamente desabafou tudo o que sentia com relação à decepção de James.

– Lamentamos muito por ele, mas, de todo o modo, não há mal em o noivado ter sido rompido, pois não seria nada desejável que ele estivesse noivo de uma garota com quem nós não tínhamos a menor familiaridade, e que era completamente desprovida de fortuna. E, agora, depois desse comportamento, não podemos de modo algum fazer um bom julgamento dela. Agora isso está sendo difícil para o pobre James, mas não vai durar para sempre, e me atrevo a dizer que daqui em diante ele será a vida toda um homem mais circunspecto, por conta da tolice de sua primeira escolha – disse ela.

Aquele era o máximo do resumo da visão de sua mãe sobre aquele assunto que Catherine suportaria escutar. Se ela tivesse dito mais uma frase, a complacência de Catherine corria risco de acabar, e ela acabaria dando uma resposta menos racional. Logo, todo o poder de pensamento dela foi engolfado pela reflexão sobre a sua própria mudança de sentimentos e de estado de espírito desde que ela percorrera aquela tão conhecida estrada. Pois ainda não fazia três meses desde que, louca de alegres expectativas, ela corra por lá de um lado para o outro cerca de dez vezes ao dia, com o coração leve, alegre e livre, ansiando por prazeres inéditos e genuínos, e livre tanto da apreensão provocada pelo mal quanto da ciência dele. Fazia três meses que ela sentira tudo isso, e como ela havia mudado agora que retornara!

Ela foi recebida pelos Allen com toda a gentileza e o carinho habitual que a aparição inesperada dela naturalmente despertaria. Grande foi a surpresa deles, e acalorado o seu desgosto, quando souberam como ela havia sido tratada, apesar de o relato do caso feito pela senhora Morland não ter sido uma representação exagerada, ou um apelo pensado para despertar a compaixão deles.

– Catherine nos pegou muito de surpresa ontem no fim da tarde. Ela fez a viagem toda sozinha na carruagem do correio, e só ficou sabendo que teria de fazer isso no sábado à noite, pois o general Tilney, por algum capricho excêntrico ou coisa do gênero, subitamente se cansou da presença dela na abadia, e quase a pôs para fora de casa. Decerto foi uma atitude muito antipática, e ele deve ser um homem muito estranho. Mas estamos muito

contentes de tê-la entre nós outra vez! E nos reconforta muito descobrir que ela não é uma pobre criatura indefesa, e que sabe muito bem se virar sozinha – comentou ela.

O senhor Allen, ao ouvir o relato, demonstrou o ressentimento razoável esperado de um amigo sensato, e a senhora Allen julgou que as expressões usadas por eles eram boas o bastante para serem imediatamente repetidas por ela. O assombro, as conjecturas e as explicações dele se tornavam, logo em seguida, expressões dela, com o acréscimo deste único comentário: “Eu de fato não tenho paciência para o general”, que preenchia cada eventual pausa. E “Eu de fato não tenho paciência para o general” foi dito duas vezes depois que o senhor Allen saiu da sala, sem qualquer diminuição da raiva ou qualquer digressão concreta de pensamento. Um grau mais significativo de divagação acompanhou a terceira repetição, e, depois de terminar a quarta, ela imediatamente acrescentou:

– Você não vai acreditar, minha querida, que eu consegui, antes de sair de Bath, que remendassem de modo tão maravilhoso aquele rasgo terrível na minha melhor renda de bilro, que hoje ninguém sabe dizer onde ficava. Qualquer dia desses tenho de lhe mostrar. No fim das contas, Catherine, Bath é um lugar agradável. Asseguro-lhe que a partir da metade da viagem eu não queria mais ir embora. A presença da senhorita Thorpe lá foi um alívio para nós, não é mesmo? Sabe, eu e você estávamos a princípio muito sozinhas.

– Sim, mas isso não durou muito tempo – disse Catherine, seus olhos brilhando com a lembrança daquilo que tinha sido a primeira coisa a encher de ânimo a existência dela lá.

– É verdade, logo encontramos a senhora Thorpe, e depois já não nos faltava nada. Minha querida, não acha que essas luvas de seda vestem muito bem? Vesti-as ainda novas pela primeira vez quando fomos aos Salões Inferiores, e desde então já as usei várias vezes. Você se lembra daquela noite?

– Se eu me lembro? Oh! Perfeitamente.

– Foi muito agradável, não é mesmo? O senhor Tilney bebeu chá

conosco, e eu sempre o achei um ótimo acréscimo ao nosso grupo, pois ele é muito agradável. Eu me lembro vagamente de você ter dançado com ele, mas não tenho certeza disso. Lembro que eu estava vestindo meu vestido longo favorito.

Catherine não conseguiu responder. Depois de uma tentativa breve de falar de outros assuntos, a senhora Allen tornou a dizer:

– Eu realmente não tenho paciência para o general! E ele parecia ser um homem muito agradável e respeitável! Eu não presumo, senhora Morland, que a senhora já tenha visto um homem mais bem-educado em toda a sua vida. A casa onde ele estava hospedado foi alugada no dia seguinte à partida dele, Catherine. Mas isso não é de se admirar: ela ficava na rua Milsom.

Enquanto elas caminhavam de volta para casa, a senhora Morland tentou incutir na mente da filha a felicidade de ter a amizade sólida de pessoas que os queriam bem, como o senhor e a senhora Allen, e a ínfima consideração que ela deveria sentir pela negligência ou indelicadeza de conhecidos como os Tilney, enquanto ela podia conservar a boa opinião e o afeto de seus amigos mais antigos. Havia uma boa dose de bom senso em tudo aquilo, mas há algumas circunstâncias da mente humana em que o bom senso tem pouca influência, e os sentimentos de Catherine contradiziam quase todas as posições expostas pela mãe. Era do comportamento desses conhecidos que toda a felicidade atual dela dependia, e, enquanto a senhora Morland confirmava as próprias opiniões pela justeza de seus próprios argumentos, Catherine refletia em silêncio sobre o fato de que Henry àquela altura já devia ter chegado em Northanger. Ele já devia ter sido inteirado da partida dela, e naquele momento, talvez, todos eles estariam indo de viagem para Hereford.



Capítulo 30

O temperamento de Catherine não era naturalmente sedentário, mas seus hábitos tampouco haviam sido muito diligentes. Entretanto, quaisquer que possam ter sido os defeitos dela até então nesse quesito, sua mãe não podia deixar de perceber que agora eles pareciam muito intensificados. Ela não conseguia se sentar e ficar quieta, nem fazer alguma atividade por dez minutos seguidos, e ficava andando pelo jardim e pelo pomar repetidas vezes, como se nada além dos seus movimentos lhe fosse voluntário. E ela inclusive parecia preferir ficar vagueando pela casa do que sentada por qualquer período de tempo na sala de estar. Seu desânimo era uma mudança ainda maior. Vagueando e se entregando à indolência, parecia apenas uma caricatura de si mesma. Em meio ao seu silêncio e sua tristeza, ela era exatamente o oposto de tudo aquilo que fora antes.

Por dois dias, a senhora Morland relevou essa situação sem nada dizer, mas, quando uma terceira noite de sono não fizera com que ela recobrasse sua alegria, não a estimulara a fazer alguma atividade útil, nem lhe dera uma maior inclinação para a costura, sua mãe não pôde mais deixar de fazer uma delicada reprimenda:

– Minha querida Catherine, receio que esteja se tornando fidalga demais. Eu não teria como saber quando as gravatas do pobre Richard ficariam prontas se você fosse a única pessoa no mundo que pudesse costurá-las. Está com a cabeça demasiadamente em Bath. Mas tudo tem o seu tempo: há um tempo para bailes e brincadeiras, e um tempo para trabalhar. Faz muito que você está se divertindo, e agora deve tentar ser útil de alguma maneira.

Catherine imediatamente começou a costurar, dizendo, com uma voz abatida, que a mente dela não estava em Bath... Pelo menos não tanto assim.

– Então, você está preocupada por conta do general Tilney, e isso é tolice da sua parte, pois é muito provável que jamais torne a vê-lo. Você não devia se afligir por besteiras.

E, depois de uma curta pausa:

– Espero, minha Catherine, que você não esteja se aborrecendo com a nossa casa porque ela não é tão grandiosa quanto Northanger. Se esse for o caso, isso de fato transformaria sua visita à abadia em um mal. Onde quer que esteja, deve sempre se sentir contente, especialmente em casa, pois é lá que vai passar a maior parte de sua vida. Eu não gostei quando, no café da manhã, você ficou o tempo todo falando do pão francês que comia em Northanger.

– Estou certa de que não me importo com o pão. Para mim, tanto faz o que eu coma.

– Tem um ensaio muito bom em um dos livros lá em cima que fala desse assunto: é sobre moças que se tornam mimadas demais para suas próprias casas depois de conviver com pessoas de classe social mais alta. Acho que é *The Mirror*. Qualquer dia desses vou procurá-lo para você, pois acho que lê-lo lhe fará muito bem.

Catherine não disse mais nada, e, tentando fazer o que era certo, se dedicou à costura. Mas, depois de alguns minutos, sem se dar conta, voltou a se entregar ao langor e à letargia, se mexendo em sua cadeira, por conta da irritação provocada pelo cansaço, com muito mais frequência do que mexia a agulha. A senhora Morland observava o progresso dessa recaída, e vendo, na aparência ausente e insatisfeita de Catherine, a prova cabal daquele estado de espírito descontente ao qual ela agora começara a atribuir a ausência de felicidade da filha, ela rapidamente saiu da sala para ir pegar o livro em questão, ansiosa por não perder tempo em lutar contra aquela terrível dor. Ela levou algum tempo para encontrar o que buscava, e, com outros problemas familiares ocupando o seu tempo, quinze minutos se passaram antes que ela voltasse ao andar de baixo com

o volume do qual tanto esperava. Como sua atividade no andar de cima havia bloqueado qualquer barulho da casa além daqueles que ela mesma produzia, ela não soube que uma visita havia chegado naquele meio tempo, até que, ao entrar na sala, a primeira coisa que avistou foi um rapaz que jamais vira antes. Com uma atitude muito respeitosa, ele imediatamente se levantou, e, sendo apresentado a ela por sua envergonhada filha como “Senhor Henry Tilney”, com o constrangimento que demonstrava sincera sensibilidade, ele começou a se desculpar por sua aparição ali, reconhecendo que, depois do que se passara, ele não tinha o direito de esperar ser bem recebido em Fullerton, e afirmando sua impaciência para se assegurar de que a senhorita Morland havia chegado em casa em segurança como a causa de sua intrusão.

Ele não se dirigiu a uma juíza hostil ou a um coração ressentido. Longe de incluir ele e sua irmã no ressentimento que o mau comportamento do general Ihe provocara, a senhora Morland sempre tivera consideração por cada um dos dois, e, contente com a aparição dele, imediatamente o recebeu com declarações simples que demonstravam boa vontade sincera, agradecendo-o pela atenção dispensada à filha, assegurando-o de que os amigos dos filhos dela eram sempre bem-vindos ali, e suplicando a ele que não dissesse mais uma palavra sobre o passado.

Ele não hesitou em obedecer a essa súplica, pois, apesar de seu coração estar aliviado por ter sido recebido com tal inesperada amabilidade, naquele exato momento ainda não cabia a ele dizer nada com relação àquilo. Voltando a se sentar em silêncio, portanto, ele permaneceu por alguns minutos respondendo muito educadamente a todos os comentários corriqueiros da senhora Morland sobre o clima e as estradas. Catherine, enquanto isso a ansiosa, inquieta, feliz, e frenética Catherine, não disse palavra. Mas, suas bochechas coradas e seus olhos radiantes fizeram com que sua mãe se convencesse de que aquela amável visita pelo menos tranquilizaria por algum tempo o coração de Catherine e, portanto, ela de bom grado deixou de lado o primeiro volume de *The Mirror* para um momento posterior.

Ansiosa pela ajuda do senhor Morland, cujo constrangimento provocado

pelo pai de Henry a senhora Morland de fato se ressentia, tanto para animar a conversa quanto para ter assuntos com os quais entreter o seu convidado, a senhora Morland logo cedo mandara uma das crianças ir chamá-lo. Mas o senhor Morland não estava em casa, e, estando, portanto, sem qualquer apoio, ao fim de 15 minutos ela já não tinha nada a dizer. Depois de dois minutos de um silêncio ininterrupto, Henry, virando-se para Catherine pela primeira vez desde a entrada da mãe dela na sala, perguntou, com súbita vivacidade, se o senhor e a senhora Allen estavam em Fullerton naquele momento. E, discernindo, em meio a toda a perplexidade das palavras da resposta de Catherine, o significado que uma sílaba curta teria revelado, ele imediatamente expressou a intenção de ir cumprimentá-los, e, enrubescendo, perguntou a ela se ela faria a bondade de indicar-lhe o caminho.

– Dá para ver a casa daquela janela, senhor – foi a informação dada por Sarah, que provocou somente uma mesura de agradecimento do cavaleiro, e um aceno de cabeça silenciador de sua mãe.

A senhora Morland, achando provável, como uma consideração secundária no desejo dele de visitar seus respeitáveis vizinhos, que Henry talvez tivesse alguma explicação a dar sobre o comportamento do pai, e que seria mais agradável para ele comunicar isso apenas a Catherine, não iria de jeito nenhum impedi-la de acompanhá-lo.

Eles começaram a caminhar, e a senhora Morland não estava inteiramente enganada quanto ao objetivo dele ao querer visitar os Allen. Alguma explicação sobre o pai dele Henry tinha de dar. O objetivo primário dele era se explicar, e, antes de eles chegarem à propriedade do senhor Allen, ele se explicara tão bem que Catherine achou que aquilo não devia se repetir com muita frequência. Ela confirmou a afeição dele, e em troca, ele lhe pediu o seu coração, que, talvez, os dois soubessem igualmente que já era completamente dele. Pois, apesar de Henry agora sentir uma ligação sincera por Catherine, apesar de ele se emocionar e se deleitar com toda a excelência do caráter dela e verdadeiramente amar a sua companhia, devo confessar que sua afeição se originou de nada mais do que gratidão, ou, em outras palavras, que um convencimento da

inclinação dela por ele foi o único motivo que o fizera pensar nela a sério. Esta é uma circunstância inédita nos romances, eu reconheço, e terrivelmente aviltante da dignidade de uma heroína. Mas, caso isso também seja inédito na vida corriqueira, pelo menos a honra de ter uma imaginação extravagante será toda minha.

Um curta visita à senhora Allen, na qual Henry disse coisas aleatórias, sem sentido ou coerência, e em que Catherine, arrebatada pela contemplação de sua inefável felicidade, mal abriu a boca, terminou levando-os aos êxtases de outro *tête-à-tête*, e, antes que fossem obrigados a terminá-lo, Catherine pôde avaliar até que ponto ele havia recebido autorização paternal para ter feito aquela visita. Em seu retorno de Woodston, dois dias antes, ele havia encontrado perto da abadia seu impaciente pai, que apressadamente lhe informou em tom raivoso sobre a partida da senhorita Morland, e ordenou que ele não mais pensasse nela.

Tal foi o consentimento com o qual ele naquele momento ofereceu a sua mão. A assustada Catherine, em meio aos horrores da expectativa, enquanto ouvia o relato dele, não conseguiu evitar de se alegrar com o cuidado com o qual Henry a poupava da necessidade de uma recusa, ao conquistar a confiança dela antes de mencionar o assunto. Enquanto ele prosseguia dando os detalhes e explicando os motivos por trás da conduta de seu pai, os sentimentos de Catherine logo se fortaleceram, tornando-se um encantamento triunfante. O general não tivera nada do que a acusar a não ser pelo fato de ela ser o objeto involuntário e inconsciente de uma decepção que o orgulho dele não podia perdoar, mas que um orgulho mais nobre teria vergonha de admitir. Ela era culpada apenas de ser menos rica do que ele presumira que ela fosse. Fazendo um cálculo equivocado das posses e dos direitos hereditários dela, ele buscara sua amizade em Bath, solicitara sua companhia em Northanger e a escolhera como sua nora. Ao perceber seu erro, expulsá-la de casa pareceu a melhor solução, apesar de aquilo, para a suscetibilidade dele, representar uma prova despropositada de seu ressentimento com relação a ela, e de seu menosprezo pela família dela.

John Thorpe fora o primeiro a induzir o general ao erro. O general,

percebendo certa noite no teatro que seu filho prestava muita atenção na senhorita Morland, por acaso perguntara a Thorpe se ele sabia algo mais sobre Catherine além do nome dela. Thorpe, felicíssimo por estar falando de igual para igual com um homem da importância do general Tilney, fora alegre e orgulhosamente comunicativo. Estando naquela época não só na expectativa diária de que James ficasse noivo de Isabella, como também muito decidido a se casar com Catherine, sua vaidade o induziu a representar a família como ainda mais abastada do que a sua própria vaidade e avareza o levavam a acreditar. Com quem quer que ele estivesse, ou tivesse a chance de se relacionar, sua própria importância requeria que a importância dos Morland fosse enorme, e, à medida que sua intimidade com qualquer conhecido aumentava, a fortuna dos Morland aumentava proporcionalmente. As expectativas de Thorpe com relação a seu amigo Morland, portanto, desde o princípio superestimadas, vinham, desde que Morland havia sido apresentado a Isabella, aumentando gradualmente, e ao simplesmente aumentar os elogios para dar mais grandiosidade ao momento, dobrando o que ele decidira pensar que era a quantia que o senhor Morland recebia por conta de seu posto de clérigo, triplicando a fortuna pessoal dele, inventando uma tia rica, e dizendo que metade dos irmãos menores dele tinham morrido afogados, ele foi capaz de representar toda a família para o general de modo extremamente respeitoso.

Para Catherine, no entanto, o objeto particular da curiosidade do general, e de suas próprias especulações, Thorpe tinha algo a mais reservado, e as 10 ou 15 mil libras que o pai dela poderia dar a ela seriam um bom acréscimo à fortuna do senhor Allen. A intimidade de Catherine com os Allen havia feito o senhor Allen de fato decidir que ela receberia uma bela herança com a morte dele. Portanto, falar de Catherine como a quase confirmada herdeira de Fullerton foi algo que veio naturalmente. Com essas informações, o general seguiu adiante, pois nunca lhe ocorrera duvidar da veracidade delas. O interesse de Thorpe pela família, pela iminente união de sua irmã com um de seus membros, e suas próprias opiniões sobre outro membro dessa família, assuntos dos quais ele se

gabava com quase a mesma abertura, pareciam confirmações suficientes de que ele dizia a verdade. A essas confirmações foram acrescentados os fatos concretos de que os Allen eram ricos e não tinham filhos, de que a senhorita Morland estava sob os cuidados deles, e, até o ponto que ele podia julgar pelo pouco que os conhecia, de que eles a tratavam com o carinho de pais.

A decisão do general, portanto, logo foi tomada. Ele já havia notado, no semblante do filho, uma inclinação pela senhorita Morland, e, agradecido pelas informações dadas pelo senhor Thorpe, o general quase que imediatamente decidiu fazer tudo o que podia para enfraquecer o interesse alardeado por Thorpe e arruinar as mais caras esperanças dele. A própria Catherine não podia ser mais ignorante quanto a isso na época do que os próprios filhos do general. Henry e Eleanor, não percebendo nada na situação de Catherine que pudesse despertar o interesse em particular do general, haviam ficado perplexos com o caráter súbito, continuado e estendido das atenções dele. E, apesar de recentemente, a partir de algumas indiretas que vieram seguidas de uma ordem quase direta para que seu filho fizesse tudo o que pudesse para conquistá-la, Henry ter se convencido de que o pai acreditava que aquela era uma união vantajosa, somente depois da última conversa em Northanger foi que eles tiveram alguma noção sobre os cálculos errados que fizeram o general se precipitar.

Que eles eram falsos, o general soubera pela mesma pessoa que os sugerira, o próprio Thorpe, com quem o general por acaso esbarrara de novo no vilarejo, e que, sob a influência de sentimentos diametralmente opostos, irritado com a recusa de Catherine, e ainda mais com fracasso de um esforço recente de promover a reconciliação entre James e Isabella, convencido de que eles haviam se separado para sempre, e, desdenhando de uma amizade que já não lhe era mais útil, se apressou em contradizer tudo o que havia dito antes em benefício dos Morland. Confessou que estivera completamente equivocado em sua opinião sobre a situação e o caráter deles, e que fora enganado, pela vanglória de seu amigo, a acreditar que o pai dele era um homem rico e bem--conceituado, mas que os

acontecimentos das últimas duas ou três semanas haviam provado o contrário. Pois, depois de ter feito uma proposta muito generosa ao primeiro sinal de uma possível união entre as famílias, o senhor Morland tinha, ao ser abordado de modo astuto pelo relator, sido constrangido a reconhecer que era incapaz até mesmo de garantir aos jovens um sustento decente. Eles eram, de fato, uma família necessitada; e numerosa também, como nunca se viu. De modo algum eram respeitados em sua vizinhança, como Thorpe recentemente tivera a oportunidade de descobrir; almejavam um estilo de vida que sua fortuna não podia bancar; queriam subir na vida por meio de uniões com famílias ricas; e eram uma família presunçosa, insolente e ardilosa.

O general, aterrorizado, pronunciara o nome Allen com um olhar inquisidor, e com relação a eles Thorpe também descobrira que se equivocara. Os Allen, ele acreditava, viviam perto deles fazia muito tempo, e ele conhecia o rapaz para quem seria transferida a propriedade de Fullerton. O general não precisou saber de mais nada. Furioso com quase todas as pessoas do mundo menos ele mesmo, partiu no dia seguinte para a abadia, onde seus atos já foram testemunhados.

Deixo a cargo da sagacidade dos meus leitores determinar o quanto disso tudo foi possível a Henry comunicar naquele momento para Catherine, o quanto daquilo ele podia ter sabido pelo general, em que pontos as próprias conjecturas dele o haviam ajudado, e que partes ainda faltavam ser contadas em uma carta de James. Eu resumi, para a comodidade deles, o que eles devem estender para a minha comodidade. Catherine, de todo o modo, ouviu o bastante para sentir que, quando suspeitou que o general Tilney tinha ou matado ou trancafiado a sua esposa, ela mal pecara na apreciação que fizera do caráter dele, nem exagerara ao considerar sua crueldade.

Henry, ao dizer tais coisas sobre o pai, estava quase tão pesaroso quanto da primeira vez que as ouvira. Ele enrubesceu por conta das opiniões mesquinhas que foi obrigado a expor. A conversa entre eles em Northanger havia sido muito desagradável. A indignação de Henry ao saber como Catherine havia sido tratada, ao compreender as opiniões de seu pai e

receber ordens de concordar com elas, havia sido franca e corajosa. O general, que, acostumado a ditar as ordens para a família em todas as ocasiões corriqueiras, não se preparou para enfrentar uma relutância que não fosse de sentimentos nem tampouco um desejo contrário que ousaria tomar a forma de palavras, mal pôde suportar a oposição do filho, firmemente calcada pelo bom senso e ditada pela consciência. Mas, com relação àquele assunto, a raiva do general, apesar de poder chocar, não podia intimidar Henry, que foi apoiado em seu propósito por uma convicção em sua justeza. Ele se sentia preso, tanto por uma questão de honra quanto por afeição, à senhorita Morland, e, acreditando que aquele coração que ele havia sido instruído a conquistar de fato pertencia a ele, nenhuma indigna anulação de um consentimento tácito, nenhum decreto contrário de ira injustificável podia abalar a fidelidade dele, ou influenciar as decisões que essa fidelidade suscitara.

Henry com firmeza se recusou a acompanhar o pai até Herefordshire, um compromisso feito quase que naquele momento para provocar a dispensa de Catherine, e com a mesma firmeza declarou sua intenção de pedi-la em casamento. O general passou da raiva à fúria, e eles se separaram terrivelmente contrariados. Henry, em meio a uma perturbação mental que exigiria muitas horas até que ele se recompusesse, retornara quase que imediatamente para Woodston, e, na tarde do dia seguinte, começara sua viagem a Fullerton.



Capítulo 31

A surpresa do senhor e da senhora Morland ao serem abordados pelo senhor Tilney para pedir o consentimento deles para que ele se cassasse com a sua filha foi, por alguns minutos, considerável, pois nunca lhes ocorrera suspeitar de uma ligação da parte de nenhum dos dois jovens. Mas como, no fim das contas, não havia nada mais natural do que Catherine ser amada, eles rapidamente consideraram o pedido apenas com a agitação feliz do orgulho recompensado, e, pelo menos no que concernia a eles, não tinham uma só objeção a fazer. Seus modos agradáveis e seu bom senso obviamente o recomendavam e, não tendo jamais ouvido nada de mal com relação a Henry, não era do feitio deles presumir que qualquer coisa de mal poderia ser dita. Com a boa vontade fazendo as vezes da experiência, o caráter dele não precisava de atestados.

– Catherine certamente vai fazer um papel lamentável e negligente cuidando de uma casa – foi o comentário profético de sua mãe, mas rápido foi o consolo de que não havia nada como a prática.

Resumindo, havia apenas um obstáculo a mencionar, mas até que ele fosse eliminado, seria impossível para os pais de Catherine consentirem o noivado. Eles tinham um temperamento afável, mas seus princípios eram firmes, e enquanto o pai de Henry proibisse tão expressamente assim a união, eles não podiam se permitir encorajá-la. Que o general viesse até eles pedir a união, ou até que ele inclusive a aprovasse efusivamente, os pais dela não eram exigentes o bastante para estipular de modo ostentoso, mas a aparência decorosa de consentimento deveria ser concedida, e, uma vez obtida e os próprios corações deles os fizeram confiar que ela não

seria negada por muito tempo, a aprovação de bom grado deles viria imediatamente. O consentimento do general era tudo o que eles queriam. Eles não estavam mais inclinados do que autorizados a exigir o dinheiro dele. Uma considerável fortuna, por conta dos acertos do casamento, o filho dele ocasionalmente teria garantida. Sua renda atual era uma que lhe garantia independência e conforto, e sob qualquer perspectiva pecuniária, aquela era uma união que estava além do que a filha deles poderia reivindicar.

Os jovens não podiam ficar surpresos com uma decisão como aquela. A lamentaram e discordaram dela, mas não podiam ficar ressentidos. Eles se separaram, se esforçando para nutrir esperanças de que tal mudança no general, que cada um deles acreditava ser quase impossível, talvez pudesse acontecer rapidamente, para tornar a uni-los na plenitude do afeto privilegiado. Henry voltou para o que agora era sua única casa, para cuidar de suas novas plantações, e estender as melhorias que faria nela pelo bem de Catherine, com quem ele esperava ansiosamente poder compartilhá-las; e Catherine permaneceu em Fullerton para chorar. Se os tormentos da ausência foram abrandados por alguma correspondência clandestina, é melhor não perguntarmos. O senhor e a senhora Morland jamais perguntaram, eles tinham sido gentis demais para não exigir nenhuma promessa relativa a isso, e, sempre que Catherine recebia um carta e, naquela época, isso acontecia com frequência, eles sempre viravam o rosto para outro lado.

A ansiedade, que deveriam sentir Henry e Catherine, e todos os que os amavam, quanto ao acontecimento final, não pode ser estendida, temo, ao coração de meus leitores, que perceberão, na reveladora condensação de páginas que têm diante de si, que estamos todos juntos nos apressando em direção à felicidade perfeita. Os meios pelos quais o casamento logo se realizou é que podem ser a única dúvida: que provável circunstância poderia agir sobre um temperamento como o do general? A circunstância que mais contribuiu para isso foi o casamento de Eleanor com um homem rico e influente, que ocorreu durante o verão. Essa ascensão em dignidade o levou a ter um ataque de bom humor, do qual ele não se recuperou até

que Eleanor conseguiu o perdão do general a Henry, e a permissão dele para que Henry “agisse como um tolo se quisesse!”.

O casamento de Eleanor Tilney, o distanciamento dela de todos os males de uma casa como Northanger, após o banimento de Henry, para a casa de sua escolha e com o homem de sua escolha, é um acontecimento que eu espero que dê bastante satisfação para todos os que a conhecem. Minha própria alegria na ocasião foi muito sincera. Não conheço ninguém que tenha mais direito, por despretensioso mérito, ou mais bem preparado pelo sofrimento habitual, a receber e desfrutar da felicidade. A inclinação dela por esse cavalheiro não era recente, e ele há muito vinha se abstendo de se dirigir a ela somente por conta da inferioridade de sua situação financeira. A inesperada ascensão dele ao título de visconde e à fortuna eliminaram todas as suas dificuldades. E jamais o general amara tanto a filha em todas as suas horas de companhia, diligência e resignação quanto quando ele disse pela primeira vez “Vossa Senhoria!”.

O marido de Eleanor de fato a merecia. Independentemente de seu título de nobreza, de sua fortuna, e de seu amor, ele era sem dúvida o jovem mais encantador do mundo. Qualquer outra definição de seus méritos deve ser desnecessária. O jovem mais encantador do mundo está instantaneamente diante da imaginação de todos nós. Com relação à pessoa em questão, portanto, só tenho a acrescentar, ciente de que as regras de composição proíbem a apresentação de um personagem não ligado a minha fábula, que este era o mesmo cavalheiro cujo criado negligente havia deixado para trás aquela coleção de contas de lavanderia, resultantes de uma longa visita a Northanger, na qual a minha heroína se envolveu em uma de suas aventuras mais assustadoras.

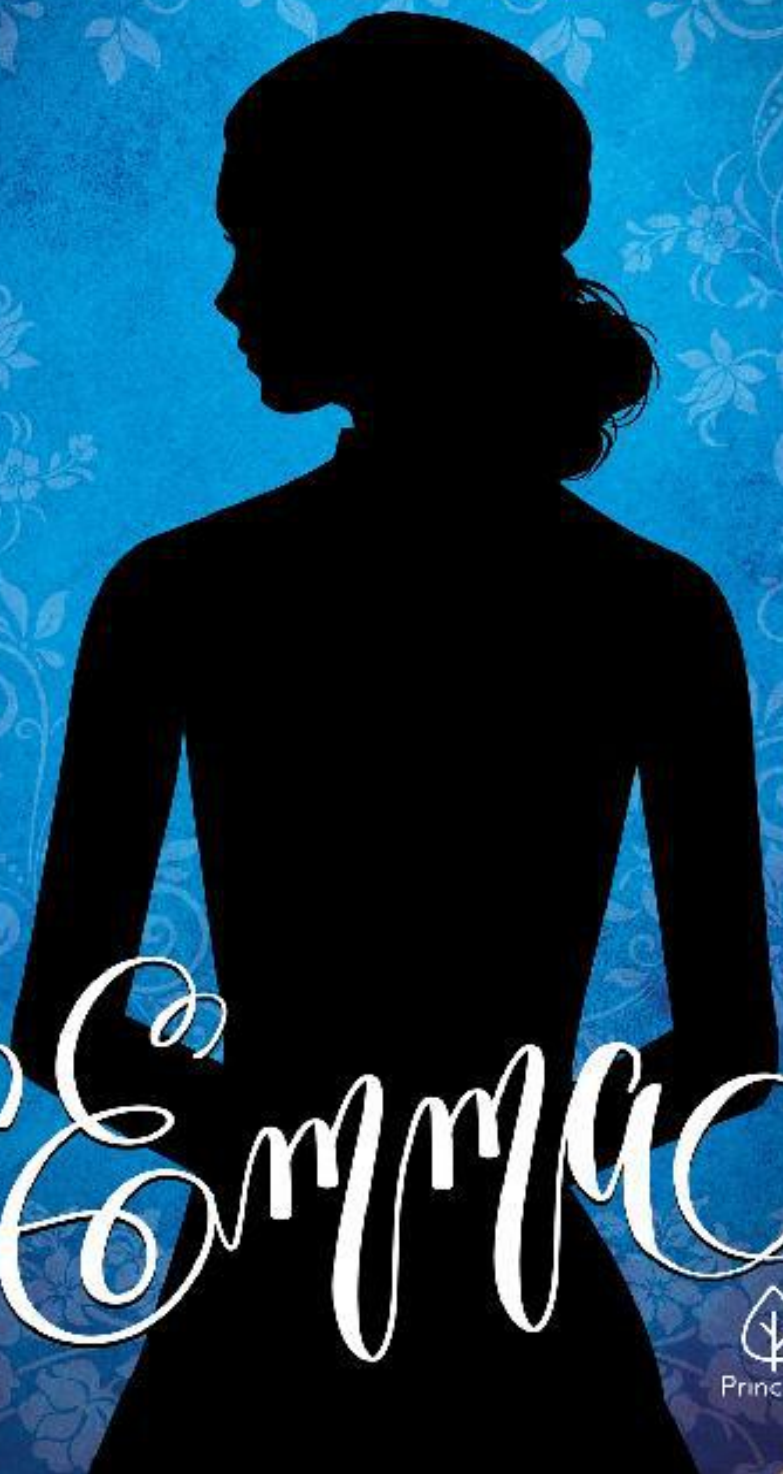
A influência do visconde e da viscondessa a favor de Henry foi ajudada pelo entendimento correto da situação financeira do senhor Morland, que, assim que o general se permitisse ser informado, eles estavam qualificados a fornecer. O general descobriu, então, que tinha sido ligeiramente mais iludido pela primeira jactância de Thorpe sobre a riqueza da família do que pela tentativa subsequente e maliciosa dele de derrocá-la. De modo algum eles eram pobres e necessitados, e o dote de

Catherine seria de 3 mil libras. Essa era uma correção tão concreta das expectativas recentes dele que contribuiu muito para suavizar o golpe de seu orgulho. E não foi sem efeito a informação secreta, que ele obteve a duras penas, de que a propriedade de Fullerton, estando inteiramente à disposição de seu proprietário atual, estava consequentemente aberta a todo tipo de especulação ambiciosa.

Com base nisso, o general, logo após o casamento de Eleanor, permitiu que seu filho retornasse a Northanger, e fê-lo portador de seu consentimento, muito cortesmente escrito em uma página cheia de declarações vazias para o senhor Morland. O acontecimento autorizado por esse consentimento logo ocorreu: Henry e Catherine se casaram, os sinos tocaram e todos sorriram. E, como isso ocorreu 12 meses depois do primeiro encontro deles, não parecerá, depois de todas as terríveis postergações provocadas pela crueldade do general, que eles estavam essencialmente magoados com isso. Começar a viver a felicidade perfeita com as respectivas idades de 26 e 18 anos significa ir muito bem, e, me declarando, além do mais, convencida de que a interferência injusta do general, longe de ser de fato danosa para a felicidade deles, foi talvez uma das causas dela, ao fazer com que os dois se conhecessem melhor, e fortalecendo a ligação entre eles, deixo que seja decidido, a quem quer que isso compita, se o objetivo desta obra, no todo, é recomendar a tirania parental ou recompensar a desobediência filial.

Fim

Jane Austen



Emma



Principis

Jane Austen

Tradução
Monique D'Orazio

Emma



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês Emma

Texto

Jane Austen

Tradução

Monique D'Orazio

Revisão

Casa de ideias

Produção e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ebook

Jarbas C. Cerino

Imagens

Apostrophe/Shutterstock.com; Flower design sketch

gallery/Shutterstock.com; Artemisia1508/Shutterstock.com; oksanika/Shutterstock.com;

JoyImage/Shutterstock.com;

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A933e Austen, Jane, 1775-1817

Emma [recurso eletrônico] / Jane Austen ; traduzido por
Monique D'Orazio. - Jandira, SP : Principis, 2020.

308 p. ; ePUB ; 4,3 MB. – (Literatura Clássica Mundial)

Tradução de: Emma

Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-044-6 (Ebook)

1. Literatura inglesa. 2. Romance. I. D'Orazio, Monique. II.
Título. III. Série.

CDD 823

2020-1264

CDU 821.111-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Romance 823
2. Literatura inglesa : Romance 821.111-31

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia

autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Volume I

Capítulo 1

Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e temperamento feliz, parecia reunir algumas das melhores bênçãos da existência; e tinha vivido quase 21 anos no mundo com muito pouco que a afligisse ou atormentasse.

Era a mais nova de duas filhas de um pai muitíssimo afetuoso e indulgente. Em consequência do casamento de sua irmã, tornara-se senhora da casa muito cedo. A mãe morrera havia tanto tempo que Emma não guardava mais do que uma lembrança indistinta de suas carícias; o lugar materno fora substituído por uma excelente preceptora, que quase poderia se igualar a uma mãe em matéria de afeto.

Dezesseis anos fazia que a senhorita Taylor estava na família Woodhouse, menos como preceptora e mais como amiga, pois gostava muito das duas

irmãs, mas, em particular, de Emma. Entre estas, o que havia era mais

próximo da intimidade de irmãs. Mesmo antes de a senhorita Taylor deixar o cargo nominal de preceptora, a brandura de seu temperamento

dificilmente lhe permitira impor qualquer restrição e com a sombra da autoridade já superada havia muito tempo, elas viviam juntas como amigas

muito apegadas uma à outra, Emma fazendo exatamente o que bem entendia: tinha grande estima pelas opiniões da senhorita Taylor, mas guiava-se essencialmente pelas suas próprias.

De fato, os verdadeiros males da situação de Emma eram o poder de fazer as coisas saírem sempre do seu jeito, mas um pouco demais, e uma disposição a ter opinião elevada sobre si mesma e essas eram as desvantagens que ameaçavam o conjunto de seus muitos prazeres. O perigo, no entanto, era tão imperceptível naquele momento, que não representava, de modo algum, um infortúnio para ela.

A tristeza veio, uma tristeza suave, mas de forma alguma nos moldes de uma consciência desagradável. A senhorita Taylor se casou. Foi a perda da preceptora que primeiro trouxe pesar. No dia do casamento da amada amiga, Emma viu-se pela primeira vez perdida em pensamentos lúgubres de certa persistência. Finda a cerimônia, os convidados da noiva se foram, Emma e o pai foram deixados para jantar um com o outro, sem perspectivas de uma terceira pessoa para alegrar uma longa noite. O pai preparou-se para dormir logo depois do jantar, como de costume, e a ela só restou ficar sentada pensando no que havia perdido.

O evento tinha todas as promessas de felicidade para sua amiga. O senhor Weston era um homem de caráter excepcional, fortuna, idade adequada e modos agradáveis; e havia alguma satisfação em considerar com que amizade abnegada e generosa ela sempre desejara e promovera a união; mas foi um trabalho árduo para Emma. A falta da senhorita Taylor seria sentida em cada hora de cada dia. Recordava-se da bondade de outrora; a bondade, o afeto de dezesseis anos, como ela a havia ensinado e como a acompanhara nas brincadeiras desde os cinco anos de idade; como havia dedicado todos os seus poderes para cativá-la e diverti-la na saúde; e como havia cuidado dela durante as várias doenças da infância. Tinha uma grande dívida de gratidão; mas o intervalo dos últimos sete anos, a igualdade de condições e a perfeita falta de reservas que logo seguiram o casamento de Isabella, época a partir da qual foram deixadas uma para a outra, ainda era uma lembrança muito mais cara e terna. Ela fora uma amiga e companheira como poucas tiveram o privilégio de ter: inteligente, bem-informada, útil, gentil, conhecedora de todos os costumes da família e interessada em tudo o que lhe dizia respeito e peculiarmente interessada na própria Emma, em todos os prazeres, todos os esquemas, alguém a quem ela pudesse contar cada pensamento à medida que surgisse, e que tivesse uma afeição perfeita e inabalável por ela.

Como suportaria a mudança? Era verdade que sua amiga estava a pouco menos de um quilômetro de distância; mas Emma tinha consciência de que grande deveria ser a diferença que separava a senhora Weston, a pouco menos de um quilômetro de distância deles, e a senhorita Taylor, de casa; e com todas as suas vantagens, naturais e domésticas, ela agora estava em

grande perigo de sofrer de solidão intelectual. Emma amava muito o pai, mas ele não era companheiro para ela. Não podia se equiparar a ela nas conversas, racionais ou brincalhonas.

O mal da disparidade na idade de pai e filha (e o senhor Woodhouse não se casara cedo) era muito agravado em decorrência da constituição e dos hábitos do pai. Por ter sido um valetudinário durante a vida toda, sem atividades mentais ou físicas, era um homem muito mais idoso em costumes do que em anos; e, embora amado em toda parte pela cordialidade do coração e pelo temperamento amável, seus talentos não poderiam recomendá-lo em momento algum.

A irmã, embora comparativamente distante por causa do matrimônio, ainda que pouco, estando estabelecida em Londres, a apenas vinte e cinco quilômetros de distância, estava muito além de seu alcance diário; e muitas longas noites de outubro e novembro deveriam ser enfrentadas em Hartfield antes de o Natal trazer a próxima visita de Isabella, o marido e os filhos pequenos para encher a casa e lhe dar novamente uma agradável companhia.

Highbury, a grande e populosa aldeia, quase equivalente a uma cidade, à qual Hartfield de fato pertencia, apesar de seu gramado, arbustos e nome diferentes, não tinha pessoas iguais a ela. Lá, os Woodhouse eram os primeiros em importância. Todos eram influenciados por eles. Emma tinha muitos conhecidos no local, pois seu pai era educado com todos, sem exceção, mas nenhuma entre essas pessoas poderia ser aceita em lugar da senhorita Taylor, nem por um dia que fosse. Foi uma mudança melancólica; e para Emma só restava suspirar e desejar coisas impossíveis, até que seu pai acordasse e tornasse necessário demonstrar alegria. Os humores dele precisavam de apoio. Ele era um homem nervoso, deprimia-se facilmente; gostava de todas as pessoas às quais estava acostumado, e detestava se separar delas; mas odiava mudanças de todo tipo.

O matrimônio, como origem de mudanças, era sempre desagradável; e ele não havia de modo algum se reconciliado com o casamento de sua própria filha, nem jamais conseguia falar dela, a não ser com compaixão, embora tivesse sido uma união baseada inteiramente em afeto. E agora

estava obrigado a se separar também da senhorita Taylor. De seus hábitos de leve egoísmo, e de nunca ser capaz de supor que os outros pudessem ter sentimentos diferentes dos seus, ele estava muito disposto a pensar que a senhorita Taylor tinha feito algo tão triste por si mesma quanto por ele e por Emma, e que teria sido muito mais feliz se tivesse passado o resto da vida em Hartfield. Emma sorriu e conversou o mais alegremente que pôde para afastá-lo de tais pensamentos; mas quando veio o chá, era impossível para ele não dizer exatamente o que dissera no jantar:

– Pobre senhorita Taylor! Queria que ela estivesse aqui de novo. É uma pena que o senhor Weston tenha algum dia pensado nela!

– Não posso concordar com o senhor, papai, sabe que não posso. O senhor Weston é um homem tão bem-humorado, tão agradável e excelente, que merece uma boa esposa; e o senhor não desejaria que a senhorita Taylor ficasse morando conosco para sempre, suportando todos os meus humores peculiares, quando ela poderia ter uma casa só para ela mesma, desejaria?

– Uma casa para ela mesma! Mas em que está a vantagem em ter uma casa para si mesmo? Esta é três vezes maior. E você nunca tem humores peculiares, minha querida.

– Quantas vezes a visitaremos e eles nos visitarão! Precisamos nos encontrar sempre. Nós precisamos começar e precisamos visitá-la pelo casamento muito em breve.

– Minha querida, como vou chegar tão longe? Randalls fica muito distante. Eu não conseguiria andar nem a metade da distância.

– Não, papai, ninguém pensou em o senhor ir andando. Temos que ir na carruagem, decerto.

– A carruagem! Mas James não gostará de preparar os cavalos para tão pouca distância e onde os pobres cavalos ficarão enquanto estivermos fazendo nossa visita?

– Eles devem ser colocados no estábulo do senhor Weston, papai. O senhor sabe que já resolvemos tudo isso. Conversamos a esse respeito com o senhor Weston na noite passada. E quanto a James, pode estar certo de que ele sempre gostará de ir a Randalls, porque a filha dele trabalha lá como criada. Só não sei se ele nos levará a qualquer outro lugar. Isso é

obra sua, papai. O senhor é que conseguiu aquela boa posição para Hannah. Ninguém pensou em Hannah até o senhor mencioná-la... James é muito grato ao senhor!

– Fico muito contente de ter pensado nela. Foi muita sorte, porque eu não deixaria que o pobre James se julgasse desprezado por motivo algum; e tenho certeza de que ela será uma criada muito boa: ela é uma garota educada e fala bem, tenho uma ótima opinião em relação a ela. Sempre que a vejo, ela faz uma reverência e me pergunta como estou indo de uma maneira muito graciosa; e quando você a traz aqui para fazer bordados, observo que ela sempre vira a fechadura da porta do jeito certo e nunca a bate. Tenho certeza de que ela será uma excelente criada; e será um grande conforto para a pobre senhorita Taylor ter por perto alguém que ela esteja acostumada a ver. Sempre que James vai ver a filha, sabe, a senhorita Taylor terá notícias nossas. Ele poderá contar a ela como todos nós estamos.

Emma não poupava esforços para manter esse fluxo mais feliz de ideias. Esperava, com a ajuda do gamão, que conseguisse conduzir o pai pela noite de forma tolerável, sem ser atacada por nenhum pesar a não ser os seus próprios. A mesa de gamão foi colocada; mas, imediatamente depois, um visitante entrou e tornou-a desnecessária.

O senhor Knightley, um homem sensato de 37 ou 38 anos, não era apenas um amigo muito antigo e íntimo da família, mas particularmente ligado a ela, já que era o irmão mais velho do marido de Isabella. Vivia a cerca de um quilômetro e meio de Highbury, era um visitante frequente e sempre bem-vindo e, naquele momento, mais bem-vindo do que o habitual, já que vinha diretamente de Londres, da residência de seus parentes em comum. Ele retornara para um jantar tardio depois de alguns dias de ausência, e então caminhara até Hartfield para dizer que todos estavam bem em Brunswick Square. Era uma circunstância feliz e animou o senhor Woodhouse por algum tempo. O senhor Knightley tinha um jeito alegre, que sempre lhe fazia bem; e suas muitas perguntas a respeito da “pobre Isabella” e seus filhos foram respondidas de forma muito satisfatória. Quando isso acabou, o senhor Woodhouse observou, com gratidão:

– É muito gentil da sua parte, senhor Knightley, sair a esta hora tardia

para nos visitar. Receio que tenha feito uma caminhada absurda.

– De maneira alguma, senhor. É uma bela noite de luar e tão amena que eu devo me afastar da sua grande lareira.

– Mas deve ter achado o caminho muito úmido e enlameado. Desejo que o senhor não pegue uma friagem.

– Enlameado, senhor! Olhe meus sapatos. Não há uma mancha sequer neles.

– Enfim! É surpreendente, já que tivemos uma grande chuva aqui. Choveu terrivelmente por meia hora durante o desjejum. Eu queria que tivessem adiado o casamento.

– Diga-se de passagem... Não lhe desejei alegria. Estando bem ciente de que tipo de alegria vocês dois devem estar sentindo neste momento, não tive pressa com meus parabéns, mas espero que tudo tenha saído razoavelmente bem. Como se comportaram? Quem chorou mais?

– Ah! A pobre senhorita Taylor! É um assunto triste.

– Pobre senhor e senhorita Woodhouse, se preferirem, mas não posso dizer “pobre senhorita Taylor”. Tenho uma grande consideração pelo senhor e por Emma, mas quando se trata da questão da dependência ou da independência! De qualquer modo, deve ser melhor ter apenas uma para agradar do que duas.

– Especialmente quando *uma* dessas duas é uma criatura tão caprichosa e problemática! – disse Emma, brincando. – Isso é o que o senhor está pensando, eu sei, e o que certamente diria se meu pai não estivesse por perto.

– Acredito que é bem verdade, minha querida, de fato – disse o senhor Woodhouse, com um suspiro. – Temo que às vezes eu seja muito caprichoso e problemático.

– Meu querido papai! Não pode achar que eu esteja falando do *senhor*, ou supor que o senhor Knightley esteja falando do *senhor*. Que ideia horrível! Ah, não! Eu falava de mim mesma. O senhor Knightley adora encontrar falhas em mim, o senhor sabe... De brincadeira... É tudo uma brincadeira. Nós sempre dizemos o que queremos um do outro.

O senhor Knightley, na verdade, era uma das poucas pessoas que enxergava defeitos em Emma Woodhouse, e a única que lhe falava deles e,

embora não fosse algo particularmente agradável para Emma, ela sabia que seria muito menos do que isso para o pai, que ela não o faria suspeitar de uma circunstância como a de não ser considerada perfeita por todos.

– Emma sabe que eu nunca a elogio – disse o senhor Knightley –, mas eu não quis fazer comentários sobre ninguém. A senhorita Taylor costumava ter duas pessoas para agradar, agora ela terá apenas uma. As chances são de que deva ser uma vencedora.

– Bem – disse Emma, disposta a deixar o assunto passar –, o senhor quer ouvir sobre o casamento; ficarei feliz em lhe contar, pois todos nos comportamos de maneira encantadora. Todos foram pontuais, todos em sua melhor aparência: nem uma lágrima e nenhum semblante triste à vista. Ah, não; todos sentíamos que estaríamos a menos de um quilômetro de distância e tínhamos a certeza de que nos encontraríamos todos os dias.

– A querida Emma lida com tudo tão bem – disse o pai. – Mas, senhor Knightley, ela realmente sente muito por perder a pobre senhorita Taylor, e tenho certeza de que sentirá falta dela mais do que pensa.

Emma virou a cabeça, dividida entre lágrimas e sorrisos.

– É impossível que Emma não sinta falta de tal companheira – disse o senhor Knightley. – Não deveríamos gostar dela tanto quanto gostamos, senhor, se pudéssemos imaginar esse acontecimento, mas ela sabe o quanto o casamento é para o benefício da senhorita Taylor e o quão aceitável deve ser, no momento de vida dela, se estabelecer em uma casa própria, e como é importante para ela estar segura de uma provisão confortável e, portanto, não se permitir sentir tantas dores quanto prazeres. Todo amigo da senhorita Taylor deve estar contente em vê-la em um casamento tão feliz.

– E está se esquecendo de uma questão de alegria para mim – disse Emma –, e uma muito considerável: eu mesma arranjei a união. Arranjei a união, saiba, há quatro anos e o fato de vê-la acontecer, receber a confirmação de que era a coisa certa, quando tantas pessoas diziam que o senhor Weston nunca se casaria novamente, pode me confortar para tudo.

O senhor Knightley balançou a cabeça para ela. O pai respondeu com carinho:

– Ah, minha querida, eu gostaria que você não fizesse uniões e não predissesse as coisas, pois tudo o que diz sempre acontece. Por favor, não faça mais uniões como estas.

– Eu prometo não fazer nenhuma para mim mesma, papai; mas devo, de fato, agir para unir outras pessoas. É a maior diversão que há no mundo! E depois de tanto sucesso, sabe! Todo mundo disse que o senhor Weston nunca se casaria novamente. Oh, céus, não! O senhor Weston, que tinha sido viúvo por tanto tempo, e que parecia tão perfeitamente confortável sem uma esposa, tão constantemente ocupado com os negócios na cidade ou entre os amigos aqui, sempre aceitável onde quer que fosse, sempre alegre; o senhor Weston não precisaria passar uma única noite do ano sozinho se não quisesse. Ah, não! O senhor Weston certamente nunca se casaria de novo. Algumas pessoas até falaram de uma promessa à esposa dele no leito de morte, e outras, do filho e do tio que não o deixavam dar esse passo. Comentara-se todo tipo de absurdos solenes sobre o assunto, mas eu não acreditava em nenhum deles. Desde aquele dia (cerca de quatro anos atrás), em que a senhorita Taylor e eu nos encontramos com ele na Broadway Lane, ocasião em que, por ter começado a chover, ele se lançou com tanta galanteria e nos emprestou duas sombrinhas da Farmer Mitchell's, eu tomei minha decisão sobre o assunto. Planejei a união naquela mesma hora e quando tamanho sucesso me abençoou neste quesito, querido papai, o senhor não pode imaginar que eu vá deixar de proporcionar esses encontros.

– Não entendo o que quer dizer com “sucesso” – afirmou o senhor Knightley. – Sucesso supõe esforço. Seu tempo foi gasto de forma adequada e delicada, se faz quatro anos que você tem feito esforços para realizar esse casamento. Uma dedicação digna para a mente de uma jovem dama! Porém, se (o que eu imagino) criar uniões, como você chama, significa apenas o seu planejamento, você ter dito a si mesma, certo dia ocioso: “Acho que seria muito bom para a senhorita Taylor se o senhor Weston se casasse com ela”, e afirmado o mesmo para si de vez em quando desde então, por que você fala de sucesso? Em que está o seu mérito? De que está orgulhosa? Você deu um palpite de sorte e *isso* é tudo o que se pode dizer.

– E o senhor nunca conheceu o prazer e o triunfo de um palpite de sorte? Tenho pena do senhor. Pensei que fosse mais astuto. Afinal, depender de um palpite de sorte nunca é meramente sorte. Há sempre algum talento. E quanto à minha inadequada palavra “sucesso”, que o senhor questiona, não sei se realmente não tenho nenhum direito a ela. O senhor traçou dois belos cenários, mas acho que pode haver um terceiro: algo entre o nada e o tudo. Se eu não tivesse promovido as visitas do senhor Weston aqui, dado muitos pequenos encorajamentos, e alinhado muitas pequenas questões, no fim das contas poderia não ter chegado a nada. Acho que deve conhecer Hartfield o suficiente para compreender isso.

– Um homem franco e sincero como Weston e uma mulher racional e natural como a senhorita Taylor podem seguramente cuidar das próprias preocupações. Interferindo, é mais provável que você tenha feito mal a si mesma, do que bem a eles.

– Emma nunca pensa em si mesma, se pode fazer o bem aos outros

– ponderou o senhor Woodhouse, compreendendo, embora em parte. – Mas, querida, por misericórdia, não promova mais uniões; são coisas tolas e rompem gravemente o círculo familiar.

– Só mais uma, papai, apenas para o senhor Elton. Pobre senhor Elton! O senhor gosta do senhor Elton, papai, tenho que procurar uma esposa para ele. Não há ninguém em Highbury que o mereça... e ele está aqui há um ano inteiro e equipou sua casa tão confortavelmente, que seria uma pena tê-lo solteiro por mais tempo... Achei, quando ele estivesse unindo as mãos hoje, que parecia muito como se fosse gostar que o mesmo tipo de ofício fosse celebrado para ele! Penso muito bem do senhor Elton, e esta é a única maneira que tenho de lhe prestar um serviço.

– O senhor Elton é um jovem muito bonito, com certeza, e um jovem muito bom e tenho uma grande consideração por ele. Mas se quiser mostrar-lhe qualquer consideração, minha querida, peça-lhe que venha jantar conosco um dia. Será algo muito melhor. Ouso dizer que o senhor Knightley fará a gentileza de vir encontrá-lo.

– Com muito prazer, senhor, a qualquer momento – disse o senhor Knightley, rindo –, e concordo inteiramente; será algo muito melhor.

Convide-o para jantar, Emma, e ajude-o a desfrutar do melhor do peixe e do frango, mas deixe-o escolher a própria esposa. Acredite nisso: um homem de 26 ou 27 anos sabe cuidar de si mesmo.

Capítulo 2

O senhor Weston era natural de Highbury e nascera de uma família respeitável, que nas últimas duas ou três gerações estava subindo na escala de status social e propriedades. Havia recebido uma boa educação; mas, ao ter sucesso cedo na vida, tinha se tornado indisposto para qualquer das atividades mais caseiras em que seus irmãos estavam envolvidos, e tinha satisfeito uma mente ativa e alegre e temperamento social ao entrar na milícia de seu condado, então incorporada.

O capitão Weston era um favorito entre muitos; e quando as chances de sua vida militar o haviam apresentado à senhorita Churchill, de uma grande família de Yorkshire, e a senhorita Churchill se apaixonara por ele, ninguém ficou surpreso; exceto seu irmão e a esposa, que nunca o viram e se enchiam de orgulho e importância, a quem a conexão ofenderia.

A senhorita Churchill, no entanto, sendo maior de idade, e com o pleno domínio da própria fortuna, embora sua fortuna não representasse qualquer proporção significativa em relação à propriedade da família, não pôde ser dissuadida do casamento, que aconteceu, para o infinito constrangimento do senhor e da senhora Churchill, que a expulsaram com o devido decoro. Era uma conexão inadequada e não produziu muita felicidade. A senhora Weston devia ter encontrado mais na união, pois tinha um marido cujo coração afetuoso e temperamento doce o faziam pensar em tudo para agradá-la, em retribuição à enorme felicidade de ela estar apaixonada por ele. Porém, embora ela tivesse um certo tipo de espírito, não tinha o melhor deles. A senhora Weston tinha resolução suficiente para perseguir a própria vontade, apesar do irmão, mas não o suficiente para se abster de sentir pesares irracionais contra a raiva irracional que o irmão manifestava, nem de sentir falta dos luxos da antiga casa. Eles viviam uma vida incompatível com a própria renda, mas ainda assim não era nada em comparação a Enscombe: ela não deixava de amar

o marido, mas queria, ao mesmo tempo, ser esposa do capitão Weston e a senhorita Churchill de Enscombe.

O capitão Weston, que havia sido considerado, especialmente pelos Churchill, como alguém que estava fazendo uma união incrível, acabou ficando com o pior lado da barganha, porque quando a esposa morreu, depois de um casamento de três anos, ele era um homem mais pobre do que no princípio e com um filho para sustentar. Dos gastos com a criança, no entanto, ele logo foi aliviado. O menino, com a atenuante alegação adicional de sofrer de uma doença persistente de sua mãe, havia sido um meio de reconciliação; e o senhor e a senhora Churchill, não tendo filhos, nem qualquer outra criatura jovem de igual parentesco para cuidar, ofereceram-se para se encarregar de todas as responsabilidades pelo pequeno Frank logo após o falecimento da filha. Pode-se imaginar que o pai-viúvo tenha sentido alguns escrúpulos e alguma relutância; porém, ao serem superados por outras considerações, a criança foi entregue aos cuidados e à riqueza dos Churchill, e ele tinha apenas o próprio conforto para almejar, e a própria situação para melhorar como pudesse.

Uma mudança completa de vida tornou-se desejável. Ele deixou a milícia e se envolveu no comércio, tendo os irmãos já estabelecidos em um bom caminho em Londres, o que lhe proporcionou um início favorável. Foi uma preocupação que trouxe emprego apenas suficiente. Ele ainda tinha uma pequena casa em Highbury, onde passava a maior parte dos dias de lazer; e entre a ocupação útil e os prazeres da sociedade, os dezoito ou vinte anos seguintes de sua vida passaram-se alegremente. A essa altura, ele já percebera uma competência tranquila, o suficiente para garantir a compra de uma pequena propriedade adjacente a Highbury, a qual sempre desejara,

o suficiente para se casar com uma mulher de herança tão inexistente como a própria senhorita Taylor e viver de acordo com os desejos de sua própria disposição amigável e social.

Já fazia algum tempo desde que a senhorita Taylor começara a influenciar seus planos; mas como não era a influência tirânica da juventude sobre a juventude, não abalara sua determinação de nunca se

acomodar até que ele pudesse comprar Randalls, cuja venda era ansiada havia muito tempo, mas ele seguiu em frente com esses objetivos em vista, até que foram realizados. Ele fez fortuna, comprou a casa e obteve a esposa, então estava começando um novo período de existência, com toda a probabilidade de felicidade maior do que havia vivenciado em qualquer outro período pelo qual já passara. Ele nunca foi um homem infeliz; seu próprio temperamento o protegera disso, mesmo em seu primeiro casamento; mas o segundo deveria mostrar-lhe o deleite que seria ter uma mulher ponderada e verdadeiramente amável, e deveria lhe dar a mais agradável prova de ser muito melhor escolher do que ser escolhido, incitar a gratidão do que senti-la.

Ele tinha apenas a si mesmo para agradar em sua escolha: sua fortuna era sua; quanto a Frank, era mais do que ser tacitamente criado como herdeiro de seu tio; tornou-se uma adoção tão declarada que ele assumiu o nome Churchill ao atingir a maioridade. Era muito improvável, portanto, que desejasse a ajuda do pai, que não nutria apreensão quanto a isso. A tia era uma mulher caprichosa e governava inteiramente o marido; mas não era da natureza do senhor Weston imaginar que qualquer capricho pudesse ser forte o suficiente para afetar alguém tão querido e, como ele acreditava, tão merecidamente querido. Ele via o filho todo ano em Londres e se orgulhava dele; e seu elogioso relato do rapaz como um jovem muito bom fazia Highbury sentir uma espécie de orgulho por ele também. Ele era visto como suficientemente pertencente ao lugar para tornar seus méritos e perspectivas um tipo de preocupação comum.

O senhor Frank Churchill era um dos orgulhos de Highbury, e prevalecia uma curiosidade viva em vê-lo, embora o elogio fosse tão pouco retribuído que ele nunca estivera lá em sua vida. Falava-se frequentemente de sua vinda para visitar o pai, mas esta nunca se realizava.

Agora, com o casamento do pai, era proposto por todos, como uma atenção da mais decorosa, que a visita acontecesse. Não havia uma voz dissidente sequer sobre o assunto, nem quando a senhora Perry tomava chá com a senhora e a senhorita Bates, ou quando a senhora e a senhorita Bates retribuíam a visita. Era o momento de o senhor Frank Churchill estar entre eles e a esperança fortaleceu-se quando se entendeu que ele havia escrito

para sua nova mãe na ocasião. Por alguns dias, todas as visitas matinais em Highbury incluíam alguma menção à bela carta que a senhora Weston havia recebido.

– Suponho que tenha ouvido falar da bela carta que o senhor Frank Churchill escreveu para a senhora Weston. Entendo que era uma carta muito bonita, de fato. O senhor Woodhouse me contou sobre ela. O senhor Woodhouse viu a carta e diz que nunca viu uma carta tão bonita em sua vida.

Era, de fato, uma carta altamente valorizada. A senhora Weston, naturalmente, formou uma ideia muito favorável do jovem; e tal atenção agradável era uma prova irresistível de seu grande bom senso, e uma adição muito bem-vinda a todas as fontes e a todas as expressões de congratulação que seu casamento já assegurara. Ela se sentia uma mulher muito feliz; e vivera o suficiente para saber o quanto poderia ser considerada bem-aventurada pelos demais. O único pesar era uma separação parcial de amigas cujo afeto por ela nunca esfriara, e que mal podiam suportar se afastar dela!

Ela sabia que às vezes deviam sentir sua falta; e não podia pensar, sem dor, em Emma perder um único prazer, ou sofrer uma hora de tédio, pela falta de companhia: mas a querida Emma não tinha uma personalidade fraca; ela suportava melhor sua situação do que a maioria das garotas teria suportado, e tinha juízo, energia, e humor que poderiam esperar que a suportassem bem e com felicidade suas pequenas dificuldades e privações. E então havia tal conforto na distância muito tranquila de Randalls a Hartfield, tão conveniente até mesmo para a solitária caminhada feminina, e de acordo com a disposição e as circunstâncias do senhor Weston, que não faria da estação que se aproximava nenhum empecilho para passarem metade das noites da semana juntas.

Sua situação era, ao mesmo tempo, motivo de horas de gratidão à senhora Weston, e de momentos de apenas arrependimento; e sua satisfação, mais do que satisfação, seu prazer alegre era tão justo e tão evidente que Emma, por mais que conhecesse o pai, às vezes era surpreendida por ele ainda ser capaz de sentir pena da “pobre senhorita Taylor”, quando a deixavam em Randalls no centro de todo conforto doméstico, ou a viam ir embora à

noite, assistida por seu marido simpático, e embarcar em uma carruagem própria. Mas ela nunca se foi sem que o senhor Woodhouse desse um suspiro gentil e dissesse:

– Ah, pobre senhorita Taylor! Ela se sentiria muito feliz em ficar.

Não havia como recuperar a senhorita Taylor, nem muita probabilidade de deixar de sentir pena dela, mas algumas semanas trouxeram certo alívio para o senhor Woodhouse. Os elogios dos vizinhos acabaram; ele não era mais afrontado por lhe desejarem alegria em razão de um evento tão doloroso; e o bolo de casamento, que tinha sido uma grande aflição para ele, fora todo comido. Seu estômago não podia suportar nada muito forte, e ele nunca poderia acreditar que o das outras pessoas fosse diferente. O que era prejudicial para ele, o senhor Woodhouse considerava impróprio para qualquer pessoa; e, portanto, ele tentava dissuadi-las de comer qualquer porção de bolo de casamento. Porém, quando isso se provou um esforço vão, empenhou-se seriamente em evitar que o comessem. Ele tivera o cuidado de consultar o senhor Perry, o boticário, sobre o assunto. Perry era um homem inteligente e gentil, cujas visitas frequentes eram um dos confortos da vida do senhor Woodhouse e recorrendo a ele, não podia deixar de admitir (embora parecesse antes disso contrário ao viés da inclinação) que o bolo de casamento certamente pudesse causar indigestão em muitos, talvez na maioria das pessoas, a menos que fosse comido com moderação. Com tal opinião para confirmar a sua, o senhor Woodhouse esperava influenciar todos os visitantes dos recém-casados, mas ainda assim o bolo foi comido e não havia descanso para seus nervos benevolentes até que tudo tivesse se esgotado.

Havia um rumor estranho em Highbury de todos os pequenos Perry terem sido vistos com uma fatia do bolo de casamento da senhora Weston nas mãos, mas o senhor Woodhouse nunca acreditaria nisso.

Capítulo 3

O senhor Woodhouse gostava da sociedade à sua própria maneira. Ele gostava muito de que os amigos viessem vê-lo; e de várias causas unidas da espaçosa residência em Hartfield, da boa natureza, da fortuna, da casa e

da filha, ele podia comandar as visitas de seu pequeno círculo, em grande medida, da forma como preferia. Não tinha muita relação com nenhuma família além desse círculo, seu horror de ficar acordado até tarde e de grandes jantares o tornavam impróprio para qualquer conhecido que não fosse os que o visitavam em seus próprios termos. Felizmente para ele, Highbury, incluindo Randalls, na mesma paróquia, e Donwell Abbey, na paróquia vizinha, a sede do senhor Knightley, compreendiam muitos deles. Não era incomum que, com a persuasão de Emma, ele tivesse alguns dos seletos e dos melhores para jantar com ele, mas as reuniões de fim de tarde eram o que ele preferia e, a menos que se considerasse em algum momento indisposto a receber companhia, quase não havia um entardecer na semana em que Emma não montasse uma mesa de cartas para ele.

Uma consideração real e de longa data unia os Weston e o senhor Knightley, já para o senhor Elton, um jovem vivendo sozinho, embora não gostasse disso, não se corria perigo de desperdiçar o privilégio de trocar qualquer noite de sua solidão vazia pelas elegâncias e pela sociedade da sala de visitas do senhor Woodhouse, e pelos sorrisos de sua adorável filha.

Depois desse, vinha um segundo conjunto de visitantes; entre as mais frequentes estavam a senhora e a senhorita Bates, e a senhora Goddard, três senhoras quase sempre a serviço de um convite de Hartfield, e que eram buscadas e levadas para casa tantas vezes, que o senhor Woodhouse não considerava nenhuma dificuldade para James ou para os cavalos. Se houvesse ocorrido apenas uma vez por ano, teria sido um incômodo.

A senhora Bates, viúva de um ex-vigário de Highbury, era uma senhora muito

idosa, que já não fazia questão de nada, exceto de chá e quadrilha. Ela morava com a filha solteira de um modo muito modesto, e era considerada com toda a estima e o respeito que uma idosa inofensiva, em circunstâncias tão desagradáveis, poderia motivar. Sua filha gozava de um grau incomum de popularidade para uma mulher nem jovem, nem bonita, nem rica ou casada.

A senhorita Bates estava na pior situação do mundo para ter tanto dos

favores do público; e ela não tinha superioridade intelectual para expiar a si mesma, ou assustar aqueles que a odiavam descaradamente. Ela nunca ostentara beleza ou esperteza. Sua juventude havia passado sem distinção, e sua meia-idade tinha sido dedicada aos cuidados de uma mãe frágil, e o esforço para fazer uma pequena renda chegar o mais longe possível. E ainda assim ela era uma mulher feliz a quem ninguém mencionava sem benevolência. Era sua própria boa vontade universal e seu temperamento contente que operavam essas maravilhas. Ela amava a todos, estava interessada na felicidade de todos, era perspicaz aos méritos de todos; considerava-se uma criatura muito feliz e cercada de bênçãos com uma mãe excelente e muitos bons vizinhos e amigos, e um lar onde não faltava nada. A simplicidade e a alegria de sua natureza, seu espírito contente e agradecido, eram uma recomendação para todos e uma mina de felicidade para si. Era uma grande conversadora sobre pequenos assuntos, o que se adequava perfeitamente ao senhor Woodhouse, cheio de comunicações triviais e fofocas inofensivas.

A senhora Goddard era dona de uma escola, não de um seminário, ou de uma escola privada elegante, ou de qualquer coisa que professasse, em longas sentenças ou bobagens refinadas, combinar aquisições liberais com moralidade elegante, novos princípios e novos sistemas, onde as jovens, mesmo pagando muito, poderiam acabar perdendo a saúde e embarcando em vaidade, mas um internato real, honesto e à moda antiga, onde uma quantidade razoável de habilidades e realizações era vendida a um preço razoável, e para onde as meninas poderiam ser despachadas e tatear em meio a um pouco de instrução, sem qualquer perigo de voltarem para casa como prodígios.

A escola da senhora Goddard era de alta reputação, e muito merecidamente, pois Highbury era considerado um local particularmente saudável: ela possuía uma casa e um jardim amplos, dava às crianças comida saudável com fartura, deixava-as correr muito no verão e, no inverno, cuidava das frieiras delas com as próprias mãos. Não era de admirar que um rastro de umas vinte jovens caminhasse atrás dela rumo à igreja. Ela era uma mulher simples e maternal que havia trabalhado duro

na juventude, e que agora se considerava merecedora do direito a um dia de folga ocasional para uma visita para tomar chá e, tendo antes devido à gentileza do senhor Woodhouse, sentia o particular convite dele para que deixasse sua arrumada sala de visitas cheia de trabalhos manuais elegantes sempre que pudesse, e ganhasse ou perdesse algumas moedas de seis pence ao pé da lareira.

Essas eram as senhoras que Emma, com muita frequência, via-se capaz de reunir; e feliz ela sentia-se nesse poder, pelo amor de seu pai; embora, no que dizia respeito a ela, não havia remédio para a ausência da senhora Weston. Ela se deleitava ao ver seu pai parecer confortável e sentia-se muito satisfeita consigo mesma por ter arquitetado as coisas tão bem, mas as conversas comedidas dessas mulheres faziam com que ela sentisse que todas as noites passadas assim eram, de fato, uma das longas noites que ela tinha antecipado com medo.

Quando se sentou certa manhã, ansiosa por um fim de dia exatamente como esses, um recado foi trazido da senhora Goddard, solicitando, nos termos mais respeitosos, permissão para trazer a senhorita Smith com ela; um pedido muito bem-vindo: a senhorita Smith era uma moça de 16 anos, a quem Emma conhecia muito bem de vista, e por quem, durante muito tempo, sentiu interesse, devido à beleza. Um convite muito generoso foi enviado com a resposta, e a noite não mais seria temida pela bela dama da mansão.

Harriet Smith era a filha natural de alguém. Alguém a havia colocado, vários anos antes, na escola da senhora Goddard, e alguém a havia elevado da condição de aluna bolsista à de pensionista. Isso era tudo o que geralmente se conhecia de sua história. Ela não tinha amigos aparentes, além dos que adquirira em Highbury, e acabara de voltar de uma longa estadia no interior, onde visitara algumas moças que haviam frequentado a escola com ela.

Era uma moça muito bonita, e sua beleza era algo que Emma particularmente admirava. Era baixa, rechonchuda e de pele clarinha, com um belo rubor, olhos azuis, cabelos claros, feições regulares e uma expressão de grande doçura e, antes do final da noite, Emma estava encantada tanto pelos modos como por sua pessoa, e bastante determinada

a aprofundar a amizade.

Ela não percebeu nada de inteligência notável na conversa da senhorita Smith, mas a achava muito envolvente, não inconvenientemente tímida ou indisposta a conversar, e ainda assim, tão longe de ser insistente, mostrando uma deferência tão decorosa e bela, parecendo tão agradavelmente grata por ter sido recebida em Hartfield, e tão impressionada com a aparência de cada elemento de estilo muito superior aos que ela estava acostumada, que ela deveria ter bom senso e merecer encorajamento. Encorajamento devia ser dado. Aqueles suaves olhos azuis e toda aquela graça natural não deveriam ser desperdiçados na sociedade inferior de Highbury e suas conexões. O círculo de conhecidos que ela já havia formado era indigno dela. As amigas de quem ela havia acabado de se separar, embora pessoas muito boas, deviam estar fazendo mal a ela. Eram uma família de nome Martin, que Emma conhecia bem de caráter, alugando uma grande fazenda do senhor Knightley e residindo na paróquia de Donwell, muito crédula, ela sabia que o senhor Knightley pensava muito bem deles. Apesar disso, deviam ser grosseiros e não polidos, e muito impróprios para se tornarem íntimos de uma garota que precisava apenas um pouco mais de conhecimento e elegância para ser perfeita. Emma a notaria; ela a melhoraria; ela a separaria de seu mau círculo de conhecidos e a introduziria na boa sociedade; ela formaria suas opiniões e seus modos. Seria uma tarefa interessante e certamente muito bondosa, tornando-se sua própria situação na vida, seu lazer e seus poderes.

Ela estava tão ocupada em admirar aqueles suaves olhos azuis, em conversar e ouvir, e formar todos estes esquemas entre uma coisa e outra, que a noite voou a uma velocidade muito incomum e a mesa de jantar, que sempre fechava essas reuniões, e para a qual ela estava acostumada a sentar-se e observar o tempo devido, estava posta e pronta, e prosseguiu até a lareira, antes que ela percebesse. Com um entusiasmo que ia além do impulso comum de um espírito que ainda nunca fora indiferente ao crédito de fazer tudo bem e com atenção, com a verdadeira boa vontade de uma mente encantada com suas próprias ideias, ela então fez todas as honras da refeição, e ajudou e recomendar o frango picado e as ostras de molho cremoso, com uma urgência que ela sabia que seria aceitável até de

madrugada e aos escrúpulos educados de seus convidados.

Em tais ocasiões, os sentimentos do pobre senhor Woodhouse entraram em triste combate. Ele adorava ter a mesa posta, porque era a moda de sua juventude, mas sua convicção de que os jantares eram muito prejudiciais fazia com que ele sentisse pena de ver qualquer coisa colocada sobre a toalha e, embora sua hospitalidade fosse dar as boas-vindas a seus visitantes de todas as formas, seu cuidado com a saúde fazia com que se lamentasse por eles comerem.

Aquela outra pequena tigela de mingau fino como a dele era tudo o que ele podia recomendar, com total autocomprovação; embora ele pudesse se restringir, enquanto as damas limpavam confortavelmente as iguarias mais agradáveis, para dizer:

– Senhora Bates, deixe-me propor que se aventure em um desses ovos. Um ovo cozido muito macio não é prejudicial. Serle entende de como cozinhar um ovo melhor que qualquer outra pessoa. Eu não recomendaria um ovo cozido para mais ninguém, mas a senhora não precisa ter medo, eles são muito pequenos, veja. Um dos nossos pequenos ovos não vai lhe fazer mal. Senhorita Bates, deixe Emma lhe servir pouquinho de torta, muito pouco. Todas as nossas são tortas de maçã. A senhora não precisa ter medo de conservas que não sejam saudáveis aqui. Eu não aconselho a ambrosia. Senhora Goddard, o que diria da *metade* de uma taça de vinho? Uma pequena metade de uma taça, colocada em um copo de água? Não acho que possa lhe fazer mal.

Emma permitia que o pai falasse, mas servia seus visitantes com porções muito mais satisfatória, e na naquela noite teve um prazer especial em mandá-los embora felizes. A felicidade da senhorita Smith era bastante igual às suas intenções. A senhorita Woodhouse era uma personagem tão boa em Highbury, que a perspectiva da apresentação lhe dera tanto pânico quanto prazer, mas a menininha humilde e agradecida exaltou-se com sentimentos muito gratificados, encantada com a afabilidade com que a senhorita Woodhouse a tratara a noite toda e, de fato, trocou um aperto de mãos com ela, finalmente!

Capítulo 4

A intimidade de Harriet Smith em Hartfield logo se consolidou. Rápida e decidida em seus modos, Emma não perdeu tempo em encorajá-la a dizer para visitá-la com frequência e à medida que a amizade entre elas aumentava,

também aumentava a satisfação na companhia uma da outra. Como uma companheira de caminhadas, Emma previu muito cedo o quanto ela poderia ser útil. Nesse aspecto, a perda da senhora Weston tinha sido importante. Seu pai nunca fora além dos arbustos, onde duas divisões do terreno lhe bastavam para sua longa caminhada, ou para a curta, conforme o ano variava;

e desde o casamento da senhora Weston, Emma ficara confinada demais. Ela aventurara-se uma vez sozinha até Randalls, mas não era agradável e uma certa Harriet Smith, portanto, alguém que ela pudesse convocar a qualquer momento para uma caminhada, seria uma adição valiosa aos seus privilégios. Mas em todos os aspectos, quanto mais a via, mais Emma a aprovava, e recebia confirmação de todos os seus desejos bondosos.

Harriet certamente não era inteligente, mas tinha uma disposição doce, dócil e grata. Era totalmente livre de vaidade e só desejava ser guiada por qualquer pessoa por quem tivesse admiração. Seu apego inicial a Emma era muito amável, sua inclinação a ter boa companhia, sua capacidade de apreciar o que era elegante e inteligente, mostrava que não havia falta de bom gosto, embora não se devesse esperar a força da compreensão. No todo, Emma estava convencida de que Harriet Smith era exatamente a jovem amiga que queria, exatamente algo que sua casa exigia. Uma amiga tal como a senhora Weston estava fora de questão. Não se podia esperar encontrar duas dessas e isso ela não desejava. Era um tipo de situação diferente, um sentimento distinto e independente. A senhora Weston era objeto de uma consideração que tinha base em gratidão e estima. Harriet seria amada como alguém a quem Emma poderia ser útil. Para a senhora Weston, não havia nada a ser feito; para Harriet, tudo.

As primeiras tentativas de ser útil foram um esforço para descobrir quem

eram os pais dela, mas Harriet não podia dizer. Ela estava pronta para dizer tudo o que estivesse ao seu alcance, mas sobre esse assunto, as perguntas eram vãs. Emma foi obrigada a imaginar o que bem entendesse, mas nunca poderia acreditar que, na mesma situação de Harriet, não devesse ter descoberto a verdade. Não havia como ultrapassar a barreira de Harriet. Ela ficara satisfeita em ouvir e acreditar no que a senhora Goddard decidira lhe dizer e não procurou saber de mais nada.

A senhora Goddard, as professoras, as meninas e os assuntos da escola de maneira geral formavam, naturalmente, uma grande parte da conversa e, para seus conhecidos entre os Martin da fazenda Abbey-Mill, deveria ser a totalidade. Porém, os Martin ocupavam muito de seus pensamentos, ela havia passado dois meses muito felizes com eles e agora adorava falar dos prazeres de sua visita e descrever os muitos confortos e maravilhas daquele lugar. Emma encorajava sua tagarelice, divertindo-se com aquela imagem de outro conjunto de seres e desfrutando da simplicidade juvenil que podia falar com tanta exultação do fato de a senhora Martin ter “duas salas muito boas, de fato; uma delas tão grande quanto a sala de estar da senhora Goddard; e de ter uma criada superior que vivera vinte e cinco anos com ela; e de ter oito vacas, duas delas Alderney e uma vaquinha Welch, que realmente muito bonita; e de a senhora Martin dizer que gostava tanto dela, que deveria chamá-la de *sua* vaca; e de terem uma casa de verão muito bonita no jardim, onde algum dia no ano seguinte todos tomariam chá, grande o suficiente para acomodar uma dúzia de pessoas”.

Por algum tempo, ela se divertiu, sem pensar além da causa imediata; mas quando veio a entender melhor a família, outros sentimentos surgiram. Havia feito uma ideia errada, imaginando que se tratavam de mãe e filha, um filho e a esposa do filho, que todos viviam juntos; mas quando ficou claro que o senhor Martin, que tinha um papel na narrativa e sempre era mencionado com aprovação por seu temperamento muito afável em fazer alguma coisa ou outra, era um homem solteiro, que não havia jovem senhora Martin, nenhuma esposa naquele caso, ela suspeitou de perigo para sua pobre amiguinha em toda aquela hospitalidade e bondade, e que, se ela não fosse protegida, poderia ser obrigada a afundar-se para sempre.

Com essa ideia inspiradora, suas perguntas aumentaram em número e em significado; e, em particular, ela levou Harriet a falar mais sobre o senhor Martin, e evidentemente não havia antipatia por ele. Harriet estava muito disposta a falar da companhia que ele fizera em suas caminhadas ao luar e em alegres jogos noturnos; e ficara muito satisfeita por ele ser muito bem-humorado e prestativo. Um dia, ele havia percorrido cinco quilômetros entre ida e volta para lhe trazer algumas nozes, porque ela dissera o quanto gostava de nozes, e em todas as outras coisas ele era muito gentil. Certa noite, ele trouxera o filho do pastor à sala da casa com o propósito de cantar para ela. Ela gostava muito de canto. Ele mesmo poderia cantar um pouco. Ela acreditava que ele era muito inteligente e que entendia de tudo. Ele tinha um rebanho muito bom e, enquanto ela estava com eles, ele fora mais solicitado por sua lã do que qualquer outro naquela região. Harriet acreditava que todos falavam bem dele. A mãe e as irmãs gostavam muito dele. A senhora Martin dissera a ela um dia (e havia um rubor quando relatou isso) que era impossível que alguém fosse um filho melhor e, portanto, tinha certeza de que, quando se casasse, ele seria um bom marido. Não que ela *quisesse* que ele se casasse. Ela não tinha pressa alguma.

“Muito bem, senhora Martin!” – pensou Emma. – “A senhora não dorme no ponto.”

– E quando ela foi embora, a senhora Martin teve a gentileza de mandar para a senhora Goddard um belo ganso: o melhor ganso que já vira. A senhora Goddard o havia depenado em um domingo e pedido a todas as três professoras, senhorita Nash, senhorita Prince e a senhorita Richardson, que jantassem com ela.

– O senhor Martin, suponho, não é um homem de informação além do que diz respeito ao seu próprio ofício, é? Ele não lê?

– Ah, sim! Isto é, não, eu não sei, mas acredito que ele já leu um bom tanto, mas não o que a senhorita fosse dar importância. Ele lê os Relatórios de Agricultura e alguns outros livros que estão em um dos assentos da janela, mas lê *todos* eles para si. No entanto, às vezes em uma noite, antes de ir para a mesa de cartas, ele lia alguma coisa em voz alta a partir dos Extratos Elegantes, muito interessante. E sei que ele leu o

Vigário de Wakefield. Ele nunca leu o *Romance da floresta*, nem *Os filhos da abadia*. Ele nunca tinha ouvido falar de tais livros antes de eu mencioná-los, mas ele está determinado a pegá-los agora, assim que puder.

A próxima pergunta foi...

– Que tipo de aparência tem o senhor Martin?

– Oh! Não é bonito... nada bonito. Eu o achei muito comum no começo, mas não o considero tão comum agora. Ninguém considera, sabe, depois de um tempo. Mas a senhorita nunca o viu? Ele está em Highbury de vez em quando, e com certeza passará todas as semanas a caminho de Kingston. Ele passa pela senhorita com muita frequência.

– Isso pode ser, e eu posso tê-lo visto cinquenta vezes, mas sem ter qualquer ideia de seu nome. Um jovem agricultor, seja a cavalo ou a pé, é o último tipo de pessoa a despertar minha curiosidade. Os fazendeiros são precisamente a ordem de pessoas com quem sinto que não posso ter nenhum tipo de contato. Um ou dois graus abaixo, e uma aparência digna de crédito pode me interessar, posso esperar ser útil para suas famílias de uma forma ou de outra. Porém, um pequeno agricultor não pode precisar da minha ajuda, e está, portanto, em certo sentido, tão acima do meu conhecimento como em todos os outros aspectos está abaixo dele.

– Com toda a certeza. Ah! Sim, não é provável que a senhorita deva tê-lo notado; mas ele a conhece muito bem... quero dizer, de vista.

– Não tenho dúvidas de que ele seja um jovem muito respeitável. De fato, eu sei que ele é e, como tal, desejo-lhe bem. Qual você imagina que seja a idade dele?

– Ele fez 24 anos no último dia 8 de junho, e meu aniversário é no dia 23, apenas quinze dias de diferença! O que é muito peculiar!

– Apenas 24 anos. Isso é muito jovem para se casar. A mãe dele está perfeitamente certa em não ter pressa. Elas parecem muito confortáveis da forma como estão, e se ela fosse se esforçar para casá-lo, provavelmente se arrependeria. Daqui a seis anos, se ele pudesse encontrar um bom tipo de moça, no mesmo nível dele, com um pouco de dinheiro, poderia ser muito desejável.

– Daqui a seis anos! Cara senhorita Woodhouse, ele teria 30 anos!

– Bem, e isso é tão cedo quanto a maioria dos homens pode se dar ao

luxo de casar-se, esses que não nasceram com uma independência garantida.

O senhor Martin, imagino, tem sua fortuna inteiramente por fazer e não pode de forma alguma ter uma vantagem no mundo. Qualquer que seja

o dinheiro que ele possa adquirir quando o pai morrer, seja qual for sua parte na propriedade da família, está, eu ousou dizer, toda empregada nos bens, toda empregada no rebanho, e assim por diante; e, embora, com diligência e boa sorte, ele possa se tornar rico com o tempo, é próximo do impossível que ele possa dispor de algum valor até lá.

– Com toda a certeza, assim é, mas eles vivem de modo muito confortável. Só não têm nenhum laçao dentro de casa para que não falte nada em outras áreas; e a senhora Martin fala de trazer um menino para trabalhar no curso do próximo ano.

– Desejo que você não se envolva em situações difíceis, Harriet, quando ele, de fato se case, isto é, fazendo amizade com a esposa dele, porque, embora as irmãs, de uma educação superior, não devam ser totalmente evitadas, não se pode dizer que ele se casará com qualquer pessoa que seja adequada para ser uma conhecida sua. A infelicidade de seu nascimento deve torná-la particularmente cuidadosa com quem você se relaciona. Não pode haver dúvida de que você é filha de um cavalheiro, e você deve sustentar seu direito a esta posição por qualquer artifício que esteja em seu poder, ou haverá muitas pessoas que sentirão prazer em degradá-la.

– Sim, com toda a certeza, suponho que sim, mas enquanto venho fazer visitas a Hartfield, e a senhorita é tão gentil comigo, senhorita Woodhouse, não tenho medo do que as pessoas possam fazer.

– Você entende muito bem a força da influência, Harriet, mas gostaria de vê-la firmemente estabelecida na boa sociedade e independente até mesmo de Hartfield e da senhorita Woodhouse. Quero vê-la permanentemente bem relacionada, e para isso será aconselhável ter o mínimo de conhecidos questionáveis quanto possível; e, portanto, digo que se você ainda estiver nesta região quando o senhor Martin se casar, desejo que não se sinta atraída, por causa da sua intimidade com as irmãs dele, a se familiarizar com a esposa, que provavelmente será uma mera filha de fazendeiro, sem

estudo.

– Com toda a certeza. Sim. Não que eu ache que o senhor Martin jamais vá se casar com qualquer uma, a menos que ela tenha alguma educação e que tenha sido bem-criada. Entretanto, não pretendo posicionar minha opinião contra a sua e tenho certeza de que não desejarei fazer amizade com a esposa dele. Sempre terei uma grande consideração pelas senhoritas Martin, especialmente Elizabeth, e devo lamentar muito desistir delas, pois são tão bem-educadas quanto eu. Mas se ele se casar com uma mulher muito ignorante e vulgar, certamente é melhor eu não a visitar se puder evitar.

Emma a observou através das flutuações desse discurso e não viu nenhum sintoma alarmante de amor. O jovem tinha sido o primeiro admirador, mas ela confiava que não houvesse outro tipo de apego e que não haveria nenhuma dificuldade séria, da parte de Harriet, de se opor a qualquer arranjo amigável que Emma pudesse fazer.

Elas se encontraram com o senhor Martin no exato dia seguinte, enquanto caminhavam na estrada de Donwell. Ele estava a pé e, depois de olhar muito respeitosamente para ela, olhou com satisfação sincera ainda maior para sua companheira. Emma não lamentou ter uma oportunidade como aquela de investigação e andando alguns metros à frente, enquanto conversavam, logo se aproximou o suficiente do senhor Robert Martin. Sua aparência era bem impecável, e ele parecia um jovem sensato, mas sua pessoa não tinha outra vantagem; e quando ele era contrastado com os cavalheiros, ela achava que perderia todo o terreno que ganhara na inclinação de Harriet. Harriet não tinha modos insensíveis, ela havia notado voluntariamente a gentileza do pai de Emma com admiração e encanto. O senhor Martin parecia não saber o que eram os bons modos.

Permaneceram apenas alguns minutos juntos, pois a senhorita Woodhouse não deveria ficar esperando e Harriet então veio correndo até ela com um rosto sorridente e uma agitação de espírito, e a senhorita Woodhouse esperava que reencontrasse o comedimento muito em breve.

– E pensar no acaso de encontrá-lo! Que surpresa! Foi uma grande coincidência, ele disse, não ter ido por Randalls. Ele achava que jamais andassem por essa estrada. Ele pensava que nós andássemos em direção a

Randalls na maioria dos dias. Ele ainda não conseguiu o *Romance da floresta*. Estava tão ocupado na última vez em que esteve em Kingston que se esqueceu completamente, mas vai novamente amanhã. É muita coincidência que nos encontremos! Bem, senhorita Woodhouse, ele é como a senhorita esperava? O que achou dele? Acha que ele é muito comum, sem atributos?

– Ele é muito comum, sem dúvida, notavelmente comum, mas isso não é nada comparado a toda a falta de nobreza. Eu não tinha o direito de esperar muito e não esperava muito, mas não fazia ideia de que ele pudesse ser tão espalhafatoso, tão totalmente desprovido de refinamentos. Eu o imaginara, confesso, um grau ou dois mais próximo da aristocracia.

– Com toda a certeza – disse Harriet, com uma voz mortificada – ele não é tão nobre quanto os verdadeiros cavalheiros.

– Eu acho, Harriet, que desde que você passou a conviver mais conosco e estive repetidas vezes na companhia de alguns cavalheiros tão verdadeiros, deve se impressionar com a diferença que há entre eles e o senhor Martin. Em Hartfield, você conheceu exemplares muito bons de homens bem-educados e bem-nascidos. Eu ficaria surpresa se, depois de vê-los, você pudesse estar novamente na companhia do senhor Martin sem perceber que ele era uma criatura muito inferior e, em vez disso, se perguntado como poderia já tê-lo julgado agradável antes. Não está começando a sentir isso agora? Não ficou chocada? Tenho certeza de que deve ter ficado impressionada com a aparência desajeitada e os seus modos toscos, e com a grosseria de uma voz que ouvi ser totalmente não modulada enquanto eu estava aqui.

– Certamente, ele não é como o senhor Knightley. Ele não tem ares tão bons e uma maneira de andar como o senhor Knightley. Eu vejo a diferença de forma bastante clara. E o senhor Knightley é um homem excelente!

– Os ares do senhor Knightley são tão notavelmente bons que não é justo comparar o senhor Martin a ele. Não é comum de se ver alguém tão notavelmente *cavalheiro* como o senhor Knightley, mas ele não é o único cavalheiro com quem você teve contato ultimamente. O que diz do senhor Weston e do senhor Elton? Compare o senhor Martin a qualquer um deles.

Compare sua maneira de se portar, de andar, de falar, de ficar em silêncio. Você precisa ver a diferença.

– Ah, sim! Há uma grande diferença, mas o senhor Weston é quase um velho. O senhor Weston deve ter entre 40 e 50 anos.

– O que torna suas boas maneiras mais valiosas. Quanto mais velha uma pessoa, Harriet, mais importante é que suas maneiras não sejam ruins, e o mais gritante e repugnante se tornam qualquer fala barulhenta, grosseria ou falta de jeito. O que é aceitável na juventude é detestável na idade avançada. O senhor Martin agora é desajeitado e abrupto, o que ele vai ser quando chegar no momento de vida do senhor Weston?

– Não há como dizer, de fato – respondeu Harriet com bastante solenidade.

– Mas pode haver boas suposições. Ele será um fazendeiro completamente grosseiro e vulgar, totalmente desatento às aparências, e não pensará em nada além de lucro e perda.

– Não pensará, de fato. Isso vai ser muito ruim.

– O quanto os negócios o ocupam já é muito claro a partir da circunstância de ele se esquecer de perguntar pelo livro que você recomendou. Ele estava cheio demais dos negócios do mercado para pensar em qualquer outra coisa, que é exatamente como deveria ser, para um homem próspero. O que ele tem a ver com livros? E não tenho dúvidas de que ele prosperará e será um homem muito rico com o devido tempo. E o fato de ele ser inculto e grosseiro não precisa nos perturbar.

– Eu me pergunto se ele não se lembrou do livro – foi toda a resposta de Harriet, e ela falava com um grave grau de desagrado que Emma achou que o fato poderia ser deixado em segurança por si mesmo. Ela, assim, não disse mais nada por algum tempo.

Quando falou de novo:

– Em um aspecto, talvez, as maneiras do senhor Elton sejam superiores às do senhor Knightley ou às do senhor Weston. Elas têm mais gentileza. Elas podem ser mais seguramente consideradas um padrão. Há uma sinceridade, uma sagacidade, quase uma franqueza no senhor Weston, que todos apreciam, porque há muito bom humor junto dessas características, mas não seriam o suficiente para serem copiadas. Nem o tipo de conduta

franca, decidida e dominante do senhor Knightley, embora lhe sirva muito bem; sua figura, aparência e situação na vida parecem permitir isso, mas se algum jovem se dispusesse a copiá-lo, não seria sofrível. Pelo contrário, acho que se possa recomendar a um jovem, com segurança, que tome o senhor Elton como modelo. O senhor Elton é bem-humorado, alegre, prestativo e gentil. Ele parece estar sendo particularmente gentil nos últimos tempos. Não sei se ele tem algum desejo de nos fazer cair em suas boas graças, Harriet, por se esforçar mais em matéria de suavidade, mas me parece que seus modos são mais delicados do que costumavam ser. Se ele tem alguma intenção, deve ser para agradar você. Não lhe contei o que ele disse sobre você no outro dia?

Ela então repetiu alguns elogios pessoais calorosos que havia arrancado do senhor Elton, e então lhe fez total justiça. Harriet corou e sorriu, e disse que sempre achou o senhor Elton muito agradável.

O senhor Elton era exatamente a pessoa que Emma havia escolhido para expulsar o jovem agricultor da cabeça de Harriet. Ela achou que seria uma excelente união e uma que era agradavelmente desejável, natural e provável, para que tivesse muito mérito em planejar. Ela temia que fosse o que todos deveriam pensar e prever. Não era provável, entretanto, que qualquer pessoa tivesse se igualado a ela na data do plano, pois se abrigara em seu cérebro durante a primeira noite da chegada de Harriet a Hartfield. Quanto mais tempo ela considerava, maior era seu senso de conveniência. A situação do senhor Elton era a mais adequada, ele mesmo podendo ser considerado um cavalheiro e sem conexões de pouca importância social. Ao mesmo tempo, não provinha de nenhuma família que pudesse se opor ao berço duvidoso de Harriet. Ele tinha um lar confortável para ela, e Emma imaginava que também uma renda bem suficiente, pois embora o vicariato de Highbury não fosse grande, era conhecido por ter uma propriedade independente. Além disso, Emma pensava muito bem nele como um jovem bem-humorado, bem-intencionado e respeitável, sem qualquer deficiência de compreensão útil ou de conhecimento de mundo.

Emma já havia se convencido de que ele considerava Harriet uma moça bonita, o que ela confiava, com reuniões tão frequentes em Hartfield, que fosse fundação suficiente por parte dele; e no caso de Harriet, não havia

muita dúvida de que a ideia de ser preferido por ele teria todo o peso e a eficácia habituais. E ele era realmente um jovem muito agradável, um jovem de quem qualquer mulher não exigente gostaria. Ele era considerado muito bonito e sua pessoa muito admirada em geral, embora não por Emma, pois havia uma falta de elegância nos traços dele que ela não poderia deixar de observar, mas a garota que poderia ser gratificada por um tal Robert Martin cavalgando pelo campo para levar nozes para ela poderia muito bem ser conquistada pela admiração do senhor Elton.

Capítulo 5

– Não sei qual pode ser a sua opinião, senhora Weston – disse o senhor Knightley –, a respeito dessa grande intimidade entre Emma e Harriet Smith, mas acho uma coisa ruim.

– Uma coisa ruim! Então o senhor realmente acha uma coisa ruim? Ora, por quê?

– Acho que nenhuma das duas fará bem algum à outra.

– O senhor me surpreende! Emma deve fazer bem a Harriet, e ao lhe proporcionar um novo objeto de interesse, pode-se dizer que Harriet faz bem a Emma. Tenho visto a intimidade das duas com o maior prazer. Como temos opiniões diferentes! Não pensar que elas fazem bem uma à outra! Este será certamente o começo de uma de nossas discussões sobre Emma, senhor Knightley.

– Talvez ache que eu tenha vindo com o propósito de discutir com a senhora, sabendo que Weston está fora e que a senhora ainda deve lutar sua própria batalha.

– O senhor Weston me apoiaria, sem dúvida, se estivesse aqui, porque pensa exatamente como eu sobre o assunto. Estávamos falando sobre isso ontem e concordando com o quão afortunado era para Emma que houvesse uma garota assim em Highbury com quem ela pudesse se associar. Senhor Knightley, não permitirei que seja um juiz justo neste caso. Está tão acostumado a viver sozinho, que não conhece o valor de um companheiro; e, talvez, nenhum homem possa ser um bom juiz do conforto que uma mulher sente na companhia de alguém do próprio sexo, depois de se

acostumar a isso pela vida inteira. Posso imaginar sua objeção a Harriet Smith. Ela não é a jovem excepcional que deveria ser uma amiga de Emma. Porém, por outro lado, como Emma quer vê-la mais bem informada, será um incentivo para ela ler mais. Elas vão ler juntas. É o que ela pretende, eu sei.

– Emma vem dizendo que pretende ler mais desde os 12 anos. Tenho visto muitas listas elaboradas por ela, em vários momentos, com livros que ela pretendia ler regularmente; e excelentes listas eram, muito bem escolhidas e organizadas de maneira muito precisa, às vezes em ordem alfabética e, às vezes, por alguma outra regra. A lista que ela elaborou quando tinha apenas 14 anos, lembro-me de que dava tanto crédito a seu juízo, que a preservei algum tempo; e ousou dizer que ela pode ter feito uma lista muito boa agora. Mas já encerrei as expectativas de que Emma adote qualquer curso de leitura constante. Ela nunca se submeterá a qualquer coisa que exija diligência e paciência, e uma sujeição da fantasia ao entendimento. Em que a senhorita Taylor falhou em estimulá-la, posso afirmar com segurança que Harriet Smith não fará nada. A senhora nunca conseguiu persuadi-la a ler a metade do que desejava. Sabe que não conseguiu.

– Eu me atrevo a dizer – respondeu a senhora Weston, sorrindo – que eu pensei naquela época, mas desde que nos separamos, nunca me lembro de Emma ter se omitido de fazer qualquer coisa que eu desejasse.

– Não há nenhuma necessidade de reavivar uma memória como essa

– disse o senhor Knightley, com sentimento. E um momento ou dois ele fizera justamente isso. Logo acrescentou: – Mas eu, que não tive tal charme jogado sobre meus sentidos, ainda devo enxergar, ouvir e lembrar. Emma é mimada por ser a mais inteligente de sua família. Aos 10 anos, teve a infelicidade de conseguir responder a perguntas que intrigavam a irmã aos 17. Ela sempre foi rápida e segura: Isabella, lenta e desconfiada. E desde que tinha 12 anos, Emma é a senhora da casa e de todos vocês. Na mãe, ela perdeu a única pessoa capaz de lidar com ela. Ela herda os talentos da mãe e teria se sujeitado a ela.

– Eu deveria lamentar, senhor Knightley, depender da sua recomendação,

se eu tivesse saído da família do senhor Woodhouse e buscado outro emprego. Não acho que o senhor teria falado uma palavra boa a meu respeito para ninguém. Tenho certeza de que sempre me achou inadequada para o cargo que eu ocupava.

– Sim – disse ele, sorrindo. – A senhora está melhor colocada aqui, muito apta para ser esposa, mas não para ser governanta. No entanto, durante todo

o tempo em que estive em Hartfield, a senhora estava se preparando para ser uma excelente esposa. Pode não ter dado a Emma uma educação tão

completa quanto seus poderes parecem prometer, mas estava recebendo uma boa educação dela, no exato quesito matrimonial muito palpável de submeter sua vontade a outro e de fazer conforme lhe mandam e se Weston houvesse

me pedido para recomendar uma esposa, certamente eu teria indicado a senhorita Taylor.

– Obrigada. Haverá muito pouco mérito em ser uma boa esposa para um homem como o senhor Weston.

– Ora, fazendo jus à verdade, temo que a senhora esteja sendo um tanto desperdiçada, com toda a disposição a realizar tarefas, sem que haja nada a ser realizado. Não vamos nos desesperar, no entanto. Weston pode se irritar com a luxúria do conforto, ou o filho dele pode contaminá-lo.

– Espero que isso não. Não é provável. Não, senhor Knightley, não preveja inconvenientes dessa seara.

– Eu não prevejo. Apenas cito as possibilidades. Não finjo ter o gênio de Emma para predizer e adivinhar. Espero, de todo o meu coração, que o jovem possa ser um Weston em mérito e um Churchill em fortuna. Porém, Harriet Smith, nem comecei a falar sobre ela ainda, pois a considero o pior tipo de companheira que Emma poderia ter. Ela não sabe nada sozinha e olha para Emma como se esta soubesse de tudo, além de uma bajuladora em todos os aspectos e tanto pior, porque é submissa. Frequentemente, sua ignorância é lisonjeira. Como Emma poderia imaginar que tem alguma coisa para aprender, quando Harriet está apresentando uma inferioridade

tão deliciosa? E quanto a Harriet, vou me aventurar a dizer que ela não tem nada a ganhar pela amizade. Hartfield só a deixará deslocada em todos os outros lugares aos quais que ela pertence. Ela só ficará refinada o suficiente para se sentir desconfortável entre as pessoas cujo nascimento e as circunstâncias seriam companhias mais adequadas. Muito me engano se as doutrinas de Emma dão alguma força de espírito, ou tendem a fazer uma menina adaptar-se racionalmente às variedades de sua situação na vida. Dão apenas um pouco de polimento.

– Ou eu confio mais no bom senso de Emma do que o senhor, ou estou mais ansiosa pelo seu bem-estar atual, porque não posso lamentar a amizade. Como ela estava bonita ontem!

– Oh! Prefere falar da pessoa dela do que da mente? Muito bem, não vou tentar negar que Emma seja bonita.

– Bonita! Diga belíssima, pelo menos. Consegue imaginar algo mais próximo da beleza perfeita do que Emma inteira, rosto e silhueta?

– Não sei o que posso imaginar, mas confesso que raramente vi rosto

ou silhueta mais agradáveis para mim do que nela. Mas sou um velho amigo parcial.

– Olhos como aqueles! Os verdadeiros olhos cor de amêndoa... e tão brilhantes! Feições regulares, semblante aberto, com uma tez! Oh! Um rubor cheio de saúde e uma altura e tamanho tão bonitos; um corpo tão firme e ereto! Há saúde, não apenas em seu viço, mas em seus modos, em sua cabeça, em seu olhar. Às vezes se ouve falar de uma criança como sendo “o retrato da saúde”. Pois bem, Emma me dá a ideia de ser o retrato completo da saúde adulta. Ela é a amabilidade em si. Não acha, senhor Knightley?

– Não encontro defeitos na sua pessoa – respondeu ele. – Acho que ela é tudo que a senhora descreve. Amo olhar para ela e acrescentarei este elogio, não a considero pessoalmente vaidosa. Tendo em conta o quanto é bela e parece estar pouco preocupada com isso e sua vaidade é de outra natureza. Senhora Weston, não devo falar da minha antipatia por Harriet Smith, nem do meu medo de prejudicar a ambas.

– E eu, senhor Knightley, sou igualmente firme em minha confiança de

que não está fazendo nenhum mal a elas. Com todas as pequenas falhas, a querida Emma é uma excelente criatura. Onde veremos uma filha melhor, ou uma irmã mais gentil, ou uma amiga mais verdadeira? Não, ela tem qualidades em que se pode confiar, nunca levará ninguém ao erro e não cometerá deslizes duradouros, então no que Emma erra uma vez, ela está certa cem vezes.

– Muito bem, não vou mais atormentar a senhora. Emma será um anjo e eu guardarei minha acidez para mim mesmo até que o Natal traga John e Isabella. John ama Emma com uma afeição razoável e, portanto, não cega, e Isabella sempre pensa como ele, exceto quando não está bastante assustado com as crianças. Tenho certeza de que eles compartilham da minha opinião.

– Eu sei que todos vocês a amam muito para serem injustos ou indelicados, mas me perdoe, senhor Knightley, se eu tomo a liberdade (eu me considero, o senhor sabe, como tendo um pouco do privilégio do discurso que a mãe de Emma teria tido), a liberdade de insinuar que não acho que qualquer bem possível possa surgir de a intimidade de Harriet Smith ser uma questão de muita discussão entre vocês. Por favor, desculpe-me, mas supondo que qualquer pequeno inconveniente possa ser apreendido dessa intimidade, não se pode esperar que Emma, responsável por ninguém além do próprio pai, que aprova perfeitamente a amizade, ponha um fim nisso, desde que seja uma fonte de prazer para ela. Há tantos anos que minha prerrogativa é dar conselhos, que o senhor não pode ser surpreendido com este pequeno remanescente do cargo.

– Nem um pouco – declarou ele. – Agradeço-lhe muito por isso. É um conselho muito bom, e terá um destino melhor do que seus conselhos frequentemente encontraram, porque será atendido.

– A senhora John Knightley alarma-se com facilidade e pode ficar infeliz com a irmã.

– Fique satisfeita – disse ele –, não vou levantar nenhum protesto. Vou manter meu mau humor para mim mesmo. Tenho um interesse muito

sincero em Emma. Isabella não parece mais minha irmã, nunca despertou um grande interesse, talvez não tão grande. Há uma ansiedade, uma

curiosidade no que é possível sentir em relação a Emma. Eu me pergunto o que será dela!

– Eu também me pergunto – disse a senhora Weston, com carinho.

– Muito.

– Ela sempre declara que nunca se casará, o que, é claro, não significa exatamente nada. Mas eu não tenho ideia se ela já viu um homem de quem gostasse. Não seria uma coisa ruim para ela direcionar grande paixão a um alvo apropriado. Gostaria de ver Emma apaixonada e com alguma dúvida de que fosse correspondida, isso lhe faria bem. Porém, aqui não há ninguém que a faça se apegar, e ela raramente sai de casa.

– De fato, parece haver muito pouco no momento para tentá-la dobrar sua resolução – disse a senhora Weston –, como bem pode ser. E enquanto ela está tão feliz em Hartfield, não posso desejar que esteja formando qualquer apego que criasse tais dificuldades da parte do pobre senhor Woodhouse. Não recomendo o matrimônio para Emma, embora eu não tenha a intenção de menosprezar esse estado civil, asseguro-lhe.

Parte do que ela pretendia era ocultar alguns pensamentos favoritos de sua autoria e da do senhor Weston sobre o assunto, tanto quanto possível. Havia anseios em Randalls sobre o destino de Emma, mas não era desejável que eles suspeitassem; e a tranquila transição que o senhor Knightley logo fez para “O que Weston pensa do tempo? Teremos chuva?”, convenceu-a de que ele não tinha mais nada a dizer ou a supor sobre Hartfield.

Capítulo 6

Emma não podia sentir uma dúvida sequer de ter dado à fantasia de Harriet uma direção adequada e de ter elevado a gratidão de sua jovem vaidade a um ótimo propósito, pois ela agora considerava decididamente mais razoável que o senhor Elton fosse um homem notavelmente bonito, com modos dos mais agradáveis; e como ela não hesitava em garantir a permanência da sua admiração com sugestões agradáveis, logo estava bastante confiante em criar o mesmo afeto do lado de Harriet, sempre que houvesse qualquer ocasião para isso. Estava bastante convencida de que o

senhor Elton estava percorrendo o mais justo caminho de se apaixonar, se já não estivesse apaixonado. Ela não tinha dúvidas em relação a ele, que falava de Harriet e a elogiava tão calorosamente a ponto de Emma supor que nada que estivesse faltando não pudesse ser acrescentado em pouco tempo. Sua percepção da notável melhoria nos modos de Harriet, desde sua introdução em Hartfield, não foi uma das provas menos agradáveis do crescente apego do senhor Elton por ela.

– A senhorita deu à senhorita Smith tudo o que ela necessitava – disse ele. – Tornou-a graciosa e confiante. Ela era uma criatura linda quando veio até a senhorita; mas, na minha opinião, os atrativos que acrescentou a ela são infinitamente superiores aos que ela recebeu da natureza.

– Fico feliz por achar que fui útil para ela, mas Harriet só precisava de incentivo e de receber algumas poucas, muito poucas, dicas. Ela já tinha toda a graça natural do temperamento doce e da sinceridade. Fiz muito pouco.

– Se fosse admissível contradizer uma dama... – disse o galante senhor Elton.

– Eu talvez tenha lhe dado um pouco mais de decisão de caráter e a ensinado a pensar em pontos que não haviam cruzado seu caminho antes.

– Exatamente! É isso que principalmente me impressiona. Um belo acréscimo na decisão de caráter! Hável tem sido a mão!

– Grande foi o prazer, tenho certeza. Nunca me encontrei com uma disposição mais verdadeiramente amável.

– Não tenho dúvida alguma. – E isso foi dito com uma espécie de animação suspirante, que continha uma grande parte do cavalheiro apaixonado.

Ela não ficou menos satisfeita outro dia, pela forma como ele apoiou um desejo repentino seu: de ter um retrato de Harriet.

– Alguma vez você já teve um retrato seu, Harriet? – perguntou ela. – Já posou para um retrato?

Harriet estava a ponto de sair da sala, e só parou para dizer, com uma ingenuidade muito interessante:

– Oh! Puxa vida, não, nunca.

Assim que ela sumiu de vista, Emma exclamou:

– Que objeto primoroso seria um bom retrato dela! Eu pagaria o que fosse por ele. Quase desejo tentar desenhá-la eu mesma. O senhor não sabe, ousou dizer, mas há dois ou três anos tive uma grande paixão por desenhar retratos, e tentei com várias das minhas amigas, e elas consideravam que eu tinha um olhar bem tolerável. Mas por um motivo ou outro, desisti, desgostosa. Apesar disso, na realidade, eu quase poderia me arriscar se Harriet posasse para mim. Seria um prazer ter o retrato dela!

– Permita-me lhe implorar! – exclamou o senhor Elton. – Seria de fato um deleite! Permita-me lhe implorar, senhorita Woodhouse, que exerça um talento encantador em favor da sua amiga. Sei como são seus desenhos. Como poderia supor que eu ignorasse? Esta sala não é rica de exemplares de suas paisagens e flores, e a senhora Weston não tem algumas peças inimitáveis na sala de estar dela, em Randalls?

“Sim, bom homem!” – Pensou Emma –, “mas o que isso tudo tem a ver com desenhar um retrato? O senhor não sabe nada de desenho. Não finja estar em êxtase com os meus. Mantenha seus arrebatamentos para o rosto de Harriet.”

– Bem, se me der incentivo, senhor Elton, acredito que tentarei o que puder fazer. As feições de Harriet são muito delicadas, o que torna o retrato difícil; e ainda há uma peculiaridade na forma do olho e as linhas ao redor da boca que precisam ser captadas.

– Exatamente assim, a forma do olho e as linhas da boca, não duvido do seu sucesso. Por favor, por favor, tente. Da forma como a senhorita o fizer será, de fato, usando suas próprias palavras, um objeto primoroso.

– Mas receio, senhor Elton, que Harriet, não goste de posar. Ela pensa muito pouco da própria beleza. Não observou a maneira como ela me respondeu? O quanto aquilo não significava “Mas por que eu deveria ter um retrato?”...

– Oh! sim, observei isso, garanto-lhe. Não deixei de notar, mas ainda não consigo imaginar que ela não possa ser persuadida.

Harriet voltou logo, e a proposta foi feita quase imediatamente, e ela não sustentou hesitação que pudesse aguentar muitos minutos da intensa pressão de ambos. Emma queria começar a trabalhar naquele mesmo instante e, portanto, pegou o portfólio que continha suas várias tentativas

de retratos, pois jamais terminara nenhum deles, para que decidissem juntos o melhor tamanho para Harriet. Seus muitos começos foram exibidos. Miniaturas, bustos, retratos de corpo inteiro, lápis, lápis de cera e aquarela, todos tinham sido testados, um de cada vez. Ela sempre quis fazer tudo e progredira muito mais no desenho e na música do que muitos poderiam tê-lo feito com o pouco esforço que ela era capaz de empregar nas atividades. Ela tocava, cantava e desenhava

quase todos os estilos, mas a constância sempre lhe faltou e em nada ela se aproximava do grau de excelência que teria ficado feliz em dominar.

Não se iludia demais quanto à própria habilidade como artista ou na música, mas também não se omitia de enganar os demais e nem lamentava saber que sua reputação de realização era muitas vezes maior do que merecia.

Havia mérito em todos os desenhos, no menos finalizado, talvez fosse o que mais tivesse; seu estilo era espirituoso, mas se houvesse muito menos, ou se houvesse dez vezes mais, o deleite e a admiração de seus dois companheiros teriam sido os mesmos. Ambos estavam em êxtase. Um retrato é algo que agrada a todos e as performances da senhorita Woodhouse deveriam ser capitais.

– Não há grande variedade de rostos para você – disse Emma. – Eu só tinha minha própria família para estudar. Ali está meu pai, outro do meu pai, mas a ideia de posar para um retrato o deixava tão nervoso que eu só consegui usando alguma engenhosidade; portanto, nenhum deles ficou muito perfeito. A senhora Weston de novo, de novo e de novo, veja só. A querida senhora Weston! Sempre minha melhor amiga em todas as ocasiões. Ela posava sempre que eu pedia. Esta é minha irmã e realmente sua própria silhueta pequena e elegante! E o rosto não é diferente. Eu deveria ter feito um bom retrato, se ela tivesse posado por mais tempo, mas ela estava com tanta pressa em me fazer desenhar seus quatro filhos que não ficava quieta. Então, aqui vêm todas as minhas tentativas de três dessas quatro crianças, aí estão elas: Henry, John e Bella, de uma ponta da folha à outra, e qualquer um deles pode-se passar por qualquer um dos

outros. Ela estava tão ansiosa para ter o desenho deles que eu não pude recusar, mas não há como fazer crianças de três ou quatro anos ficarem paradas, o senhor sabe e nem pode ser muito fácil fazer qualquer retrato deles, além dos ares e da aparência, a menos que sejam mais grosseiros do que deveria se esperar dos filhos de qualquer mamãe. Aqui está meu esboço do quarto filho, que era um bebê. Eu o peguei enquanto ele dormia no sofá, e é uma imagem tão forte de seu laço quanto se gostaria de ver. Ele aninhara a cabeça da forma mais conveniente. Ficou muito parecido. Tenho muito orgulho do pequeno George. O canto do sofá é muito bom. Então aqui está meu último – disse abrindo um belo esboço de um cavalheiro em corpo inteiro. – Meu último e meu melhor: meu irmão, o senhor John Knightley. Deste não faltava muito para ser concluído quando o guardei em um acesso de irritação e prometi que nunca mais faria outro retrato. Não pude deixar de me sentir provocada, porque depois de todos os meus esforços, e quando eu realmente tinha feito um bom retrato (a senhora Weston e eu estávamos bem de acordo em pensar nele como muito preciso), apenas um pouco bonito demais, um pouco lisonjeiro demais, mas havia uma falha no lado direito. E depois de tudo isso, veio a aprovação fria da pobre e querida Isabella: “Sim, está um pouco parecido, mas decerto não faz jus a ele”. Então tivemos grandes dificuldades em persuadi-lo a posar. Era como se ele estivesse fazendo um grande favor, então foi mais do que eu pude suportar. Assim, eu nunca o terminei, para que ele não tivesse que se desculpar a todos como aquele sendo um retrato desfavorável dele, isso a cada visitante matinal de Brunswick Square. E, como eu disse, recusei desenhar qualquer outra pessoa novamente. No entanto, por causa de Harriet, ou melhor, por mim mesma, e como não há maridos e esposas neste momento presente, vou quebrar minha resolução anterior agora.

O senhor Elton parecia muito impressionado e encantado com a ideia e estava repetindo:

– Não há maridos e esposas neste momento presente, de fato, como a senhorita observa. Exatamente isso. Nenhum marido e esposa. – Dizia essas palavras com uma consciência tão interessante, que Emma começou a considerar se não seria melhor deixá-los simplesmente juntos. Mas como

ela queria desenhar, a declaração deveria esperar um pouco mais.

Ela logo fixou o tamanho e o tipo de retrato. Era para ser uma representação de corpo inteiro, em aquarela, como a do senhor John Knightley, e estava destinado, se ela conseguisse agradar a si mesma, a desfrutar de uma posição muito honrosa sobre o console da lareira.

A sessão começou, e Harriet, sorrindo e corando, e com medo de não manter sua postura e semblante, apresentou uma mistura muito doce de expressão juvenil aos olhos fixos da artista. Porém, nada podia ser feito, com o senhor Elton se remexendo atrás dela e observando cada retoque. Ela lhe deu crédito por se posicionar onde ele pudesse observar e observar mais um pouco sem ofender, mas Emma foi realmente obrigada a pôr um fim naquilo e pedir-lhe para se colocar em outro lugar. Ocorreu então a ela empregá-lo na leitura.

– Se ele pudesse se dispor a ler para os presentes, seria uma gentileza, de fato! Isso distrairia as dificuldades da senhorita Smith e diminuiria o seu desconforto.

O senhor Elton ficou feliz demais com a proposta. Harriet ouviu e Emma desenhava em paz. Ela precisou permitir que ele ainda aparecesse frequentemente para olhar; qualquer coisa menos do que isso certamente teria

sido muito pouco em alguém apaixonado; e ele estava pronto, ao menor intervalo do lápis, para saltar e ir ver o progresso e se encantar. Não havia desagrado com tal encorajador, pois sua admiração o fazia discernir uma semelhança

no retrato quase antes de que isso fosse possível. Emma não poderia respeitar os olhos dele, mas seu amor e sua complacência não eram intoleráveis.

De maneira geral, a sessão foi muito satisfatória, ela ficou bastante contente com o rascunho do primeiro dia para desejar continuar. Não havia falta de semelhança, ela fora afortunada no intento, e como pretendia fazer uma pequena melhoria na silhueta, para dar um pouco mais de altura, e consideravelmente mais elegância, ela tinha grande confiança de finalmente estar no caminho de obter um belo desenho, e de que ele

alcançasse seu lugar destinado com crédito a elas duas: um memorial permanente da beleza de uma pessoa, a habilidade da outra e a amizade de ambas; com tantas outras associações agradáveis, tais como a que a ligação muito promissora do senhor Elton provavelmente acrescentaria.

Harriet posou novamente no dia seguinte; e o senhor Elton, assim como deveria, solicitou permissão para assistir e para ler para elas novamente.

– Sem dúvida. Ficaremos muito felizes em considerá-lo como um integrante do nosso grupo.

As mesmas civilidades e cortesias, o mesmo sucesso e satisfação ocorreram no dia seguinte, e acompanharam todo o progresso do retrato, que foi rápido e feliz. Todos os que o viram ficavam satisfeitos, mas o senhor Elton tinha êxtases contínuos e defendia-o por meio de todas as críticas.

– A senhorita Woodhouse deu à amiga a beleza que ela mesmo quis

– observou a senhora Weston para ele, sem nem suspeitar de que estivesse se dirigindo a um apaixonado. – A expressão do olho está corretíssima, mas a senhorita Smith não tem essas sobancelhas e esses cílios. É culpa do rosto que ela não os tenha.

– Acha mesmo? – respondeu ele. – Não posso concordar com a senhora. Parece-me um retrato perfeito em todos os aspectos. Nunca vi tal semelhança na minha vida. Devemos permitir o efeito da sombra, sabe.

– Você a deixou alta demais, Emma – disse o senhor Knightley.

Emma sabia que tinha feito isso, mas não admitiria e o senhor Elton acrescentou calorosamente:

– Ah, não! Certamente não alta demais, de forma alguma alta demais. Considere, ela está sentada, o que naturalmente apresenta uma diferença, que, em resumo, dá exatamente a ideia, e as proporções devem ser preservadas, vocês sabem. Proporções, encurtamento. Ah, não! Dá exatamente a ideia de uma altura como a da senhorita Smith. Exatamente, de fato!

– É muito bonito – disse o senhor Woodhouse. – Tão belamente realizado! Assim como seus desenhos sempre são, minha querida. Não conheço ninguém que desene tão bem como você. A única coisa que eu

não gosto totalmente é que ela parece estar sentada ao ar livre, com apenas um pequeno xale sobre os ombros, e isso me faz pensar que ela pode pegar um resfriado.

– Mas, meu querido papai, é para ser verão; um dia quente no verão. Olhe para a árvore.

– Mas nunca é seguro sentar-se ao ar livre, minha querida.

– O senhor pode dizer qualquer coisa! – exclamou o senhor Elton. – Mas devo confessar que considero um pensamento muito feliz o de colocar a senhorita Smith ao ar livre e a árvore tem um toque de alegria inimitável! Qualquer outra situação teria um caráter muito menos enfático. A ingenuidade dos modos da senhorita Smith, e a composição toda... Oh, é muito admirável! Não consigo desviar o olhar. Nunca vi um retrato como esse.

O próximo passo necessário era mandar enquadrar o retrato e nisso residiam algumas dificuldades. Era algo que deveria ser feito imediatamente e teria que ser feito em Londres, e a encomenda deveria ser feita pelas mãos

de alguma pessoa inteligente e de cujo bom gosto se pudesse confiar, e não se deveria requisitar Isabella, a destinatária habitual de todas essas incumbências, pois era dezembro, e o senhor Woodhouse não suportava a ideia de ela sair de casa em meio aos nevoeiros de dezembro. Porém, tão logo a aflição foi do conhecimento do senhor Elton, ela foi removida. O galanteio do cavalheiro estava sempre alerta.

– Poderíamos confiar a tarefa a ele. Que prazer infinito ele teria em executá-

-la! Ele poderia ir a Londres a qualquer momento. Seria impossível afirmar o quanto ele se sentiria gratificado pelo emprego em tal missão.

“Seria gentileza demais que ele fizesse isso!”, “Eu nem sequer poderia considerar a ideia no pensamento!”, “Eu não o perturbaria com uma incumbência dessa por nada no mundo” foram afirmações que despertaram a repetição desejada de súplicas e garantias, e alguns minutos resolveram a questão.

O senhor Elton levaria o desenho para Londres, escolheria a moldura e

daria as instruções e Emma achou que poderia embalá-lo de maneira a garantir a segurança sem incomodar o senhor Elton, enquanto ele parecia quase ter medo de não ser incomodado o suficiente.

– Que depósito precioso! – disse ele com um suspiro terno, ao receber o retrato.

“Este homem é quase galante demais para estar apaixonado” –, pensou Emma. “Devo dizer que sim, mas suponho que possa haver centenas de maneiras diferentes de se estar apaixonado. Ele é um excelente jovem e se adequará a Harriet perfeitamente; será um ‘exatamente assim’, como ele mesmo diz, mas ele suspira e sofre, e estuda oferecer muito mais elogios do que eu suportaria se fosse a principal destinatária deles. Já recebo uma boa dose sendo um alvo secundário. Mas é sua gratidão por causa de Harriet.”

Capítulo 7

O próprio dia em que o senhor Elton iria para Londres produziu uma nova ocasião para Emma prestar serviços à sua amiga. Harriet chegara a Hartfield, como sempre, logo após o desjejum; e, depois de um tempo, voltara para casa com o intento de retornar na hora do jantar. No entanto, voltou mais cedo do que havia prometido e com um olhar agitado e apressado, anunciando que algo extraordinário acontecera e que ela desejava contar. Meio minuto foi suficiente para colocar tudo para fora. Ela tinha ouvido, assim que voltou para a casa da senhora Goddard, que o senhor Martin estivera lá uma hora antes. Ao descobrir que ela não se encontrava em casa e que nem era particularmente esperada em um momento próximo, havia deixado um pacotinho para ela, proveniente de uma de suas irmãs, e partido em seguida. Ao abrir esse pacote, Harriet encontrou, além das duas canções que emprestara à Elizabeth para copiar, uma carta do senhor Martin, que continha um pedido direto de casamento. Quem poderia ter imaginado uma coisa dessas? Ela estava tão surpresa que não soube o que fazer. Sim, um verdadeiro pedido de casamento e uma carta muito boa, pelo menos ela achava que era. E ele escrevera como se realmente a amasse muito, mas ela não sabia e, assim, ela voltou o mais

depressa que pôde para perguntar à senhorita Woodhouse o que deveria fazer. Emma ficou meio envergonhada pelo fato de sua amiga parecer tão satisfeita e por estar tão em dúvida.

– Dou minha palavra – exclamou ela –, o jovem está determinado a não perder nada por falta de perguntar. Ele fará uma boa conexão se puder.

– A senhorita pode ler a carta? – exclamou Harriet. – Pelos céus, leia. Eu prefiro que leia.

Emma não lamentava ser pressionada. Ela leu e ficou surpresa. O estilo da carta estava muito acima de sua expectativa. Não apenas não havia erros gramaticais, como, em termos de composição, não teria desonrado um cavalheiro. A linguagem, embora simples, era forte e sem afetação, e os sentimentos que transmitia davam grande crédito ao seu autor. Era curta, mas expressava bom senso, apego caloroso, generosidade, decoro e até delicadeza de sentimentos. Ela fez uma pausa, enquanto Harriet aguardava, ansiosa, sua opinião com um “E então, e então?”, até que, por fim, foi forçada a acrescentar:

– É uma boa carta? Ou é muito curta?

– Sim, de fato, é uma carta muito boa – respondeu Emma, devagar. – Uma carta tão boa, Harriet, que, considerando tudo, acho que uma de suas irmãs deve tê-lo ajudado. Mal posso imaginar que o jovem que vi conversando com você no outro dia pudesse se expressar tão bem, valendo-se inteiramente de seus próprios recursos, e ainda assim não é o estilo de uma mulher. Não, certamente, é muito forte e conciso, não é difuso o suficiente para ser de uma mulher. Sem dúvida, ele é um homem sensato, e suponho que possa ter um talento natural para pensar com força e clareza. E, quando ele segura uma pena na mão, seus pensamentos naturalmente encontram palavras adequadas. É assim com alguns homens. Sim, eu entendo esse tipo de mente. Vigorosa, decidida, com sentimentos, até certo ponto, não grosseiros. Enfim, Harriet, repetindo, uma carta mais bem escrita do que eu esperava.

– Bem – disse Harriet, que ainda aguardava. – Bem... e... o que devo fazer?

– Em que aspecto? Quer dizer com relação a esta carta?

– Sim.

– Mas qual é a sua dúvida? Você deve responder, é claro, responder e rapidamente.

– Sim, mas o que devo dizer? Cara senhorita Woodhouse, me ajude.

– Oh, não, não! Seria muito melhor que a carta fosse toda sua. Você vai se expressar muito bem, tenho certeza. Não há perigo de não ser inteligível, o que é a primeira coisa. Sua intenção e significado devem ser inequívocos, sem margem a dúvidas ou questionamentos: e as expressões de gratidão e preocupação pela dor que você está infligindo, como exige o decoro, se apresentarão espontaneamente à sua mente, tenho certeza. Não precisa se sentir obrigada a escrever de modo a aparentar tristeza pela decepção dele.

– Então acha que eu deveria recusá-lo? – perguntou Harriet, olhando para baixo.

– Se deveria recusá-lo! Minha querida Harriet, o que quer dizer? Você tem alguma dúvida sobre isso? Eu achei... Mas me desculpe, talvez eu tenha entendido errado. Eu certamente a entendi mal, se você tem dúvidas quanto ao significado de sua resposta. Imaginei que estivesse me consultando apenas sobre o teor dela.

Harriet ficou em silêncio. Com jeito um pouco modesto, Emma continuou:

– Você pretendia dar uma resposta favorável, pelo que entendo.

– Não, eu não, isto é, não pretendia. O que devo fazer? O que me aconselha a fazer? Eu suplico, querida senhorita Woodhouse, diga-me o que devo fazer.

– Não lhe darei nenhum conselho, Harriet. Não terei nada a ver com isso. Este é um ponto que você deve resolver com seus sentimentos.

– Eu não tinha noção de que ele gostasse tanto de mim – disse Harriet, contemplando a carta.

Por um instante, Emma perseverou em seu silêncio, mas começando a apreender que a lisonja encantadora daquela carta poderia ser muito poderosa, ela achou melhor dizer:

– Eu estabeleço como regra geral, Harriet, que se uma mulher duvidar se deve ou não aceitar um homem, certamente deve recusá-lo. Se ela pode hesitar quanto ao “sim”, ela deve dizer “não” imediatamente. Não se pode

entrar com segurança em uma situação como essa se tiver sentimentos duvidosos, se estiver com o coração dividido. Achei que era meu dever, como amiga e sendo mais velha do que você, lhe dizer isso. No entanto, não imagine que eu queira influenciá-la.

– Oh! Não, tenho certeza de que a senhorita está sendo bondosa demais, mas se apenas me aconselhasse sobre o que é melhor eu fazer... não, não, não é o que eu queria dizer. Como a senhorita diz, a mente precisa estar decidida. Não se deve hesitar, isso é uma coisa muito séria. Será mais seguro dizer “não”, talvez. Acha que é melhor eu dizer “não”?

– Eu não a aconselharia de uma forma ou de outra – respondeu Emma, sorrindo graciosamente. – Você deve ser a melhor juíza da sua própria felicidade. Se preferir o senhor Martin a todas as outras pessoas, se acha

que ele é o homem mais agradável com quem você já teve contato, por que deveria hesitar? Você está ruborizada, Harriet. Alguém mais lhe ocorre neste momento, sob tal definição? Harriet, Harriet, não se engane, não se deixe levar pela gratidão e pela compaixão. Neste momento, em quem você

está pensando?

Os sintomas eram favoráveis. Em vez de responder, Harriet se virou, confusa, e ficou pensativa junto à lareira. Embora a carta ainda estivesse em sua mão, agora estava torcida, sem o respeito de antes. Emma esperou o resultado com impaciência, mas não sem grandes esperanças. Por fim, com alguma hesitação, Harriet disse:

– Senhorita Woodhouse, como não quer me dar sua opinião, devo fazer o melhor que posso sozinha; e agora estou bastante determinada, e quase decidida, a recusar o senhor Martin. Acha que estou certa?

– Perfeitamente, perfeitamente certa, minha querida Harriet, você está fazendo exatamente o que deveria fazer. Enquanto você estava em suspense, eu mantive meus sentimentos para mim mesma, mas agora que está tão completamente decidida, eu não hesito em aprovar. Querida Harriet, eu me alegro em saber. Teria me entristecido perder sua amizade, o que seria a consequência do seu casamento com o senhor Martin. Enquanto você oscilava, mesmo no menor grau, eu não emiti nenhuma

opinião a esse respeito, porque não quis influenciá-la, mas teria sido a perda de uma amiga para mim. Eu não poderia visitar a senhora Robert Martin, da fazenda Abbey-Mill. Agora estou segura de ter você comigo para sempre.

Harriet não havia imaginado o perigo que correria, mas a ideia tomou-a com força.

– Não poderia me visitar! – ela exclamou, parecendo horrorizada. – Não, decerto a senhorita não poderia, mas isso nunca me ocorreu. Teria sido muito terrível! Escapei por pouco! Querida senhorita Woodhouse, eu não desistiria do prazer e da honra da sua amizade por nada no mundo.

– De fato, Harriet, teria sido uma dor profunda perder você, mas seria o resultado. Você teria se jogado fora de toda a boa sociedade. Eu precisaria desistir de você.

– Minha nossa! Como eu suportaria isso! Teria me matado nunca mais vir a Hartfield!

– Querida criatura carinhosa! Você banida para a fazenda Abbey-Mill! Você confinada à companhia dos analfabetos e dos vulgares por toda a sua vida! Eu me pergunto como o rapaz pôde ter a audácia de pedi-la em casamento. Ele deve ter uma opinião muito elevada de si mesmo.

– Eu não acho que ele seja vaidoso também, em geral – disse Harriet, sua consciência se opondo a tal censura. – Pelo menos, ele é muito bom, e eu sempre vou me sentir muito agradecida a ele e tenho uma grande consideração por... Mas isso é bem diferente. E sabe, embora ele possa gostar de mim, não significa que eu deveria gostar dele. E certamente devo confessar que, desde que comecei a fazer visitas aqui, tenho visto pessoas, e se tivesse que comparar, a pessoa e os modos, não existe comparação alguma. Um deles é muito bonito e agradável. No entanto, eu realmente acho o senhor Martin um rapaz muito amável, e tenho uma ótima opinião sobre ele, e o fato de ele se sentir tão apegado a mim e escrever uma carta como aquela... Mas quanto a deixá-la, é algo que eu não faria sob nenhum ponto de vista.

– Obrigada, obrigada, minha doce amiguinha. Nós não nos separaremos. Uma mulher não deve se casar com um homem apenas porque ele pede sua mão, ou porque ele sente afeto por ela e é capaz de escrever uma carta

tolerável.

– Ah, não, e também é apenas uma carta curta.

Emma sentiu o amargor de sua amiga, mas deixou passar ao dizer:

– É bem verdade e seria de pouco consolo para ela, pela forma tola com que poderia ofendê-la a cada hora do dia, saber que o marido seria capaz de escrever uma boa carta.

– Oh! Sim, bem verdade. Ninguém se importa com uma carta. A questão é: estar sempre feliz com companheiros agradáveis. Estou muito decidida a recusar, mas como devo fazer? O que eu devo dizer?

Emma assegurou-lhe de que não haveria dificuldade na resposta, e recomendou que fosse escrita imediatamente, ao que ela concordou, na esperança de ter ajuda. E embora Emma continuasse a protestar contra fornecer qualquer ajuda desejada, na verdade a ajuda foi instilada na formação de cada sentença. Olhar a carta dele novamente, durante o processo de resposta, tinha uma tendência tão suavizadora, que era particularmente necessário que Emma fortalecesse Harriet com algumas poucas expressões decisivas; e Harriet estava tão preocupada com a ideia de fazê-lo infeliz, e considerava tanto o que a mãe e as irmãs dele pensariam e diriam, e estava tão ansiosa para que não a considerassem ingrata, que Emma acreditava que se o rapaz aparecesse no caminho dela naquele momento, ele teria sido aceito, afinal.

A carta, no entanto, foi escrita, selada e enviada. A questão estava encerrada e Harriet, protegida. Durante toda a noite, ela ficou bastante cabisbaixa, mas Emma podia permitir seus amáveis remorsos e, às vezes, os aliviava ao falar de seu próprio afeto, às vezes resgatando a ideia do senhor Elton.

– Eu nunca mais serei convidada para Abbey-Mill – ela disse em tom um tanto triste.

– Nem se fosse convidada, eu jamais poderia suportar me separar de você, minha Harriet. Você é muito necessária em Hartfield para ficar reservada a Abbey-Mill.

– E tenho certeza de que eu nunca mais desejarei voltar lá, pois não existe lugar onde eu seja mais feliz do que em Hartfield.

Algum tempo depois:

– Acho que a senhora Goddard ficaria muito surpresa se soubesse o que aconteceu. Tenho certeza de que a senhorita Nash ficaria, pois a senhorita Nash acha que a irmã dela é muito bem casada, e é apenas uma varejista de tecidos.

– É de se lamentar ver maior orgulho ou refinamento na professora de uma escola, Harriet. Ouso dizer que a senhorita Nash lhe invejaria uma oportunidade como essa de se casar. Até mesmo essa conquista pareceria valiosa aos olhos dela. Quanto a encontrar algo que seja realmente bom para você, suponho que ela esteja completamente no escuro. As atenções de uma certa pessoa não podem já estar entre a fofoca de Highbury. Até agora, imagino que você e eu sejamos as únicas pessoas a quem a aparência e os modos dele se explicaram.

Harriet corou, sorriu e disse algo sobre se admirar que pessoas pudessem gostar tanto dela. A ideia do senhor Elton era certamente animadora, mas ainda assim, depois de um tempo, ela sentiu o coração amolecer de novo em relação ao rejeitado senhor Martin.

– Agora ele tem a minha carta – disse ela, suavemente –, eu me pergunto o que todos eles estão fazendo, se as irmãs sabem. Se ele estiver infeliz, elas também ficarão infelizes. Espero que ele não se importe tanto com isso.

– Vamos pensar naqueles entre os nossos amigos ausentes que estão mais alegremente empregados! – exclamou Emma. – Neste momento, talvez, o senhor Elton esteja mostrando seu retrato para a mãe e para as irmãs, contando o quanto mais bonita é a original, e depois de lhe perguntarem cinco ou seis vezes, permitindo que elas ouçam seu nome, seu querido nome.

– Meu retrato! Mas ele deixou meu retrato em Bond Street.

– Ele deixou? Então não sei nada do senhor Elton. Não, minha querida e modesta Harriet, acredite que o retrato não estará em Bond Street até pouco antes de ele montar a cavalo amanhã. Será o companheiro dele durante toda esta noite, o consolo, o deleite. Abre os desejos dele para a família, apresenta você para eles, difunde entre os conhecidos aqueles sentimentos mais agradáveis da nossa natureza, curiosidade ansiosa e predisposição cálida. Quão alegre, animada, desconfiada, quão ocupada

está a imaginação deles!

Harriet sorriu de novo e seus sorrisos foram ficando mais fortes.

Capítulo 8

Harriet dormiu em Hartfield naquela noite. Havia algumas semanas que ela passava mais da metade do seu tempo lá e, gradualmente, estava conseguindo um quarto de dormir apropriado para si. Além disso, Emma julgava que era o melhor em todos os aspectos, mais seguro e mais gentil, por ora, mantê-la com eles o máximo possível. Harriet foi obrigada a ir na manhã seguinte até a casa da senhora Goddard, por uma ou duas horas, mas ficou decidido que ela deveria voltar a Hartfield, para fazer uma estada regular de alguns dias.

Enquanto ela estava fora, o senhor Knightley fez uma visita e ficou algum tempo com o senhor Woodhouse e com Emma, até que o senhor Woodhouse, que já havia decidido sair para caminhar, foi persuadido pela filha a não adiar e induzido, pelas súplicas de ambos, embora contra os escrúpulos de sua própria civilidade, a deixar o senhor Knightley, a fim de realizar esse propósito. O senhor Knightley, que não tinha cerimônias de nenhuma espécie, oferecia, com suas respostas curtas e decididas, um contraste divertido às desculpas prolongadas e às hesitações civis do senhor Woodhouse.

– Bem, eu acredito, se me der licença, senhor Knightley, se não considerar uma coisa muito grosseira, que eu vá seguir o conselho de Emma e sair por um quarto de hora. Enquanto o sol está no céu, penso que é melhor dar minhas três voltas enquanto posso. Eu o trato sem cerimônia, senhor Knightley. Nós, inválidos, achamos que somos pessoas privilegiadas.

– Meu caro senhor, não faça de mim um estranho.

– Deixo um excelente substituto em minha filha. Emma ficará feliz em entretê-lo. Portanto, acho que vou pedir sua licença e fazer minhas três voltas, minha caminhada de inverno.

– O senhor não poderia fazer coisa melhor.

– Eu gostaria de pedir o prazer da sua companhia, senhor Knightley, mas

minha caminhada é muito vagarosa, e meu ritmo seria tedioso para o senhor. Além disso, o senhor ainda tem outra longa caminhada diante de si até Donwell Abbey.

– Obrigado, senhor, obrigado, já vou, neste mesmo instante e acho que quanto mais cedo o senhor for, melhor. Vou pegar seu sobretudo e abrir a porta do jardim.

O senhor Woodhouse finalmente estava fora, mas o senhor Knightley, em vez de sair imediatamente do mesmo modo, voltou e sentou-se, parecendo inclinado a mais conversas. Começou a falar de Harriet e a falar dela com mais elogios voluntários do que Emma jamais ouvira antes.

– Não posso avaliar a beleza dela da mesma forma que você – disse ele.

– Mas ela é uma linda criaturinha e estou inclinado a pensar muito bem da sua disposição. Sua personalidade depende daqueles com quem ela está, mas em boas mãos ela se tornará uma mulher valiosa.

– Estou feliz que pense assim e que as boas mãos, espero, não saiam

abanando.

– Ora – disse ele –, está ansiosa por um elogio, então vou lhe dizer que você a melhorou. Você a curou das risadinhas de menina de escola e ela realmente a tem em alta conta.

– Obrigada. Eu ficaria realmente mortificada se não acreditasse que tivesse sido de alguma utilidade, mas não é todo mundo que concede elogios quando eles são devidos. O senhor não costuma me encher deles.

– Você a está esperando novamente, digamos, esta manhã?

– Quase a todo momento. Ela já se foi há mais tempo do que pretendia.

– Algo aconteceu para atrasá-la, alguns visitantes talvez.

– Fofocas de Highbury! Miseráveis enfadonhos!

– Harriet pode não considerar todos enfadonhos como você considera.

Emma sabia que isso era verdade demais para ser contradito e, portanto, não disse nada. Ele acrescentou em seguida, com um sorriso:

– Eu não pretendo me fixar em horários ou lugares, mas devo dizer que tenho boas razões para acreditar que sua amiguinha logo ouvirá algo para a vantagem dela.

– Ora! Como assim? De que tipo?

– Um tipo muito sério, garanto-lhe – continuou ele, ainda sorrindo.

– Muito sério! Só consigo pensar em uma coisa: quem está apaixonado por ela? Quem faz do senhor um confidente?

Emma estava bem tomada pelas esperanças de que o senhor Elton tivesse deixado indícios no ar. O senhor Knightley era uma espécie de amigo e conselheiro geral, e ela sabia que o senhor Elton o admirava.

– Tenho motivos para pensar – respondeu ele – que Harriet Smith logo receberá uma oferta de casamento e, do canto mais inatingível: Robert Martin é o homem. A visita dela à fazenda Abbey-Mill, neste verão, parece ter dado frutos. Ele está desesperadamente apaixonado e pretende se casar com ela.

– Ele é muito gentil – disse Emma –, mas ele tem certeza de que Harriet gostaria de se casar com ele?

– Ora, ora, ele pretende fazer uma oferta a ela. Será que dará certo? Ele veio a Donwell Abbey há duas noites, com o propósito de me consultar sobre isso. Ele sabe que eu tenho um profundo respeito por ele e por toda a sua família, e, acredito, me considera um de seus melhores amigos. Ele veio me perguntar se eu achava que seria imprudente tomar essa decisão tão cedo, se eu a achava jovem demais. Em resumo, se eu aprovava por completo a sua escolha, tendo alguma apreensão, talvez, de ela ser considerada (especialmente já que você fez tanto por ela) como ocupando um patamar social acima do dele. Fiquei muito satisfeito com tudo o que ele disse. Eu nunca ouço ninguém ter mais bom senso do que Robert Martin. Ele sempre fala com propósito, é franco, direto e tem ótimo juízo das coisas. Me contou tudo, suas circunstâncias e planos, e o que todos eles propunham fazer no caso de seu casamento. Ele é um excelente rapaz, tanto filho quanto irmão. Eu não hesitei em aconselhá-lo a se casar, pois provou para mim que tinha meios financeiros para fazê-lo, e sendo esse o caso, fiquei convencido de que ele não poderia fazer uma escolha melhor. Eu também elogiei a bela dama e, quando me despedi, ele estava muito feliz. Se nunca tivesse estimado minha opinião antes, ele teria pensado muito bem em mim nessa ocasião; e, ousado dizer, saiu da minha casa me considerando o melhor amigo e conselheiro que um homem poderia ter. Isso aconteceu há duas noites. Agora, como podemos razoavelmente

supor, ele não permitiria que se passasse muito tempo antes de falar com a dama, e como ele parece não ter falado ontem, não é improvável que esteja na casa da senhora Goddard agora; e ela pode ter sido detida por um visitante, sem pensar nele como um miserável enfadonho.

– Ora, senhor Knightley – disse Emma, que sorria para si mesma durante grande parte desse discurso –, como sabe que o senhor Martin não falou ontem?

– Certamente – respondeu ele, surpreendido –, eu não sei, em absoluto, mas isso pode ser inferido. Ela não ficou o dia todo com você?

– Bem – respondeu ela –, vou lhe dizer uma coisa, em troca do que acabou de me dizer. Ele falou ontem; isto é, escreveu, e foi recusado.

Foi necessário repetir a afirmação antes que se pudesse acreditar nela, e o senhor Knightley, na verdade, ficou vermelho de surpresa e desprazer, enquanto se levantava com grande indignação e dizia:

– Então ela é mais simplória do que eu pudesse acreditar. O que pensa essa garota tola?

– Oh! – exclamou Emma. – Decerto é sempre incompreensível para um homem que uma mulher possa recusar uma oferta de casamento. Um homem sempre imagina que a mulher esteja pronta para qualquer um que a peça.

– Absurdo! Um homem não imagina tal coisa. Mas qual é o significado disso? Harriet Smith recusou Robert Martin? Loucura, se foi o que aconteceu, mas espero que esteja enganada.

– Eu vi a resposta dela! Nada poderia ser mais claro.

– Você viu a resposta dela! Você também escreveu a resposta dela. Emma, isso é coisa sua. Você a convenceu a recusar.

– E se o fiz (o que, no entanto, estou longe de admitir), eu não deveria sentir que agi errado. O senhor Martin é um rapaz muito respeitável, mas não posso admitir que esteja à altura de Harriet, e estou surpresa que ele pudesse ter se aventurado a pedir a sua mão. De acordo com o seu relato, ele parece ter alguns escrúpulos. É uma pena que ele tenha passado por cima deles.

– Não está à altura de Harriet! – exclamou o senhor Knightley em voz

alta e acalorada, e com uma aspereza mais calma, acrescentou, alguns momentos depois: – Não, ele não está à altura dela, pois ele é muito superior em juízo e em situação. Emma, sua paixão por aquela garota a deixa cega. Quais são as alegações de Harriet Smith, seja de nascimento, de natureza ou de educação, para almejar qualquer conexão superior a Robert Martin? Ela é a filha natural de ninguém-sabe-quem, provavelmente sem nenhuma provisão reconhecida e certamente nenhuma relação respeitável. Ela é conhecida apenas como pensionista em uma escola comum. Ela não é uma garota sensata, nem tem qualquer informação. Ela não aprendeu nada de útil, é jovem e simplória demais para ter adquirido qualquer conhecimento por esforço próprio. Na idade dela, ela pode não ter experiência alguma e, com a pouca inteligência, não é muito provável que tenha algo que possa ajudá-la. Ela é bonita e tem bom temperamento, e isso é tudo. Minha única hesitação ao aconselhar a união foi por causa dele, por ela estar abaixo do que ele merecia e por ser uma conexão ruim para ele. Senti que, com sorte, com toda a probabilidade, ele poderia encontrar alguém muito melhor; e que, por uma companheira racional ou útil, ele não poderia se sair pior. Mas eu não podia argumentar assim com um homem apaixonado, e estava disposto a confiar que não haveria nenhum mal nela, no fato de ela ter esse tipo de disposição. Que, em boas mãos, como as dele, ela poderia ser facilmente conduzida corretamente e obter um bom resultado. A vantagem da união eu senti que residia apenas do lado dela, e não tive a menor dúvida (nem tenho agora) de que haveria uma declaração geral sobre sua extrema boa sorte. Até da sua satisfação eu me assegurei, Emma. Passou pela minha cabeça imediatamente que você não lamentaria a saída de sua amiga de Highbury, se ela tivesse se colocado tão bem. Lembro-me de dizer para mim mesmo: “Até mesmo Emma, com toda a parcialidade que tem por Harriet, vai considerar uma boa união”.

– Não posso deixar de pensar que sabe tão pouco de Emma a ponto de dizer algo assim. Mas ora! Pensar que um agricultor (e com todo o seu juízo e todo o seu mérito, o senhor Martin não é nada além disso) seria um bom par para minha amiga íntima! Não lamentar que ela saísse de Highbury para se casar com um homem que eu nunca poderia admitir

como um conhecido meu! Eu me pergunto se acha possível que eu tenha tais sentimentos. Eu lhe garanto que os meus são muito diferentes. Não posso de forma alguma considerar sua declaração justa. O senhor não é justo para com os atributos de Harriet. Eles seriam estimados de forma muito diferente por outros, assim como por mim. O Senhor Martin pode ser o mais rico dos dois, mas ele é, sem dúvida, inferior a ela quanto à posição na sociedade. A esfera na qual ela se move está muito acima da dele. Seria uma degradação.

– Uma degradação à ilegitimidade e à ignorância seria se casar com um respeitável e inteligente cavalheiro agricultor!

– Quanto às circunstâncias do nascimento dela, embora em um sentido legal ela possa ser chamada de “ninguém”, não será válida no senso comum. Ela não deve pagar pela ofensa de outros, ao ser mantida abaixo do nível daqueles com quem ela foi criada. Não pode haver dúvida de que o pai dela é um cavalheiro, e um cavalheiro de fortuna. Ela recebe uma mesada muito generosa; nunca foi privada de nada que servisse para sua melhora ou conforto. Que ela é filha de um cavalheiro é indubitável para mim; que ela se associa com as filhas de cavalheiros, ninguém, eu entendo, negará. Ela é superior ao senhor Robert Martin.

– Quem quer que seja o pai dela – disse o senhor Knightley –, seja quem tenha sido o responsável por ela, não parece ter feito parte do plano dele apresentá-la ao que você chamaria de boa sociedade. Depois de receber uma educação muito indiferente, ela é deixada nas mãos da senhora Goddard para fazer o que fosse possível, para mover-se, enfim, na linha da senhora Goddard, para ter as amigas da senhora Goddard. As amigas dela, evidentemente, achavam essa situação boa o suficiente para ela e foi boa o suficiente. Ela não desejava nada melhor para si. Até você escolher transformá-la em amiga, a mente dela não tinha nenhum desgosto pela própria situação em que se encontrava, nem qualquer ambição além. Ela estava tão feliz quanto possível na companhia dos Martin durante o verão. Ela não tinha noção de superioridade naquela época. Se ela tem agora, foi você quem lhe deu. Você não tem sido amiga de Harriet Smith, Emma. Robert Martin nunca teria chegado tão longe, se não se sentisse convencido de que ela se mostrava inclinada a ele. Eu o conheço bem. Ele

tem um sentimento muito verdadeiro para se dirigir a qualquer mulher no afã da paixão egoísta. E quanto à presunção, ele está o mais distante disso do que qualquer homem que conheço. Pode confiar que ele teve encorajamento.

Era mais conveniente para Emma não responder diretamente a essa afirmação, mas ela preferiu retomar sua própria linha argumentativa.

– Sua amizade com o senhor Martin é muito calorosa; mas, como eu disse antes, sua opinião é injusta com Harriet. O direito de Harriet de se casar bem não é tão desprezível quanto o senhor as apresenta. Ela não é uma garota esperta, mas tem um bom senso melhor do que o senhor imagina, e não merece que sua compreensão seja mencionada de maneira tão depreciativa. Deixando isso de lado, entretanto, e supondo que ela seja, como o senhor a descreveu, apenas bonita e amável, deixe-me lhe dizer que, na medida em que ela possui essas características, não se tratam de recomendações triviais para o mundo em geral, pois ela é, de fato, uma linda moça, e essa deve ser a opinião que noventa e nove por cento das pessoas tem sobre ela. E até que os homens sejam muito mais filosóficos em relação à beleza do que geralmente se supõe; até que se apaixonem por mentes bem informadas, em vez de por rostos bonitos, uma moça, com a beleza de Harriet, tem a certeza de ser admirada e procurada, de ter o poder de escolher entre muitos, conseqüentemente, o direito de ser uma boa escolha. Sua amabilidade, além disso, não é uma afirmação tão pequena, pois compreende, como de fato compreende, uma doçura real e completa de temperamento e de conduta, uma opinião muito humilde de si mesma e uma grande disposição de ficar satisfeita com outras pessoas. Estou muito enganada se o seu sexo em geral não pensaria em tal beleza e em tal temperamento como os mais elevados atributos que uma mulher poderia possuir.

– Dou a minha palavra, Emma, ouvi-la abusando da razão que você tem é quase o suficiente para me fazer pensar assim também. É melhor não ter juízo, do que aplicá-lo tão mal como você o faz.

– Com toda certeza! – exclamou ela, brincando. – Eu sei que isso é o que todos vocês pensam. Eu sei que uma garota como Harriet é exatamente o

que agrada a todo homem, o que, de uma só vez, enfeitiça os sentidos

e satisfaz os julgamentos. Oh! Harriet pode escolher e escolher. Se o senhor, o senhor mesmo, fosse se casar, ela seria a mulher para o senhor. E ela, aos 17 anos, começando a vida agora, começando a ser conhecida, deveria receber espanto só porque não aceita a primeira oferta que lhe fazem? Não, por favor, deixe que ela tenha tempo para olhar ao redor.

– Sempre achei essa amizade muito tola – disse o senhor Knightley em seguida –, embora tenha guardado meus pensamentos para mim, mas agora percebo que será muito infeliz para Harriet. Você vai iludi-la com suas opiniões sobre a sua beleza, e sobre o que ela merece que, em pouco tempo, ninguém ao alcance dela será bom o bastante. Quando a vaidade trabalha em uma mente fraca produz todo tipo de danos. Nada tão fácil como uma moça jovem para elevar as expectativas a patamares altos demais. A senhorita Harriet Smith pode não encontrar ofertas de casamento tão rápido, embora seja uma garota muito bonita. Homens de bom senso, e o que mais você escolha dizer, não querem esposas tolas. Homens de família não gostariam muito de se conectar a uma garota de tal obscuridade. E os homens mais prudentes teriam medo do inconveniente e da desgraça em que poderiam se envolver, quando o mistério do parentesco dela fosse revelado. Deixe-a se casar com Robert Martin e ela estará segura, respeitável e feliz para sempre; mas se a encorajar a se casar com grandeza e ensiná-la a ficar satisfeita com nada menos do que um homem de grande fortuna e importância, ela pode ser uma frequentadora da sala de estar da senhora Goddard pelo resto da vida. Ou, pelo menos (pois Harriet Smith é uma moça que vai se casar com uma ou com outra pessoa) até que ela se desespere e se contente em se casar com o filho do velho professor de escrita.

– Nós temos opiniões tão divergentes nesse ponto, senhor Knightley, que é inútil discutir. Nós só conseguiríamos deixar um ao outro mais irritados. Mas, quanto a eu deixá-la se casar com Robert Martin, isso é impossível; ela o recusou, e o fez decididamente, penso eu, de forma que deva evitar qualquer segunda oferta. Ela deve se manter firme quanto ao mal de tê-lo recusado, seja qual for; e quanto à recusa em si, não pretendo dizer que

não a influenciei um pouco; mas garanto que havia muito pouco para eu ou para alguém fazer. A aparência depõe muito contra ele, e ele tem modos tão ruins que se ela estivesse disposta a favorecê-lo, já não está mais. Posso imaginar que, antes de ela ter visto alguém superior, ela poderia tolerá-lo. Ele era o irmão das amigas dela e se esforçou para agradá-la. Porém, de modo geral, não tendo visto ninguém melhor (isso é que deve ter sido a grande ajuda que ela recebeu), Harriet não poderia, enquanto estivesse em Abbey-Mill, achá-lo desagradável. Porém, o caso agora é diferente. Ela sabe agora o que são os cavalheiros e nada além de um cavalheiro de educação e boa conduta tem alguma chance com Harriet.

– Bobagem, a maior bobagem errônea já dita na face da Terra! – exclamou o senhor Knightley. – Robert Martin tem bom senso, sinceridade e bom humor contando a seu favor, e a mente dele possui mais nobreza verdadeira do que Harriet Smith poderia entender.

Emma não respondeu e tentou parecer alegremente despreocupada, mas estava realmente se sentindo desconfortável e desejando que ele fosse embora. Ela não se arrependia do que havia feito; ainda se achava dona do melhor juízo em relação ao ponto dos direitos e dos refinamentos femininos do que ele poderia ter; mas, ainda assim, ela tinha uma espécie de respeito

habitual pelo julgamento do senhor Knightley em geral, o que a fazia não gostar de receber uma oposição tão eloquente; e tê-lo sentado em sua frente, em estado de raiva, era muito desagradável. Alguns minutos se passaram nesse silêncio desagradável, com apenas uma tentativa no lado de Emma de falar a respeito do tempo, mas ele não respondeu. Ele estava pensando.

O resultado de seus pensamentos apareceu, por fim, nestas palavras:

– Robert Martin não sofreu grandes perdas, se é que ele pode pensar assim e espero que não demore muito para que pense. Suas opiniões sobre Harriet são mais conhecidas por você mesma; mas, como você não faz segredo do seu amor pela união de pessoas, é justo supor os pontos de

vista, planos e projetos que você tenha; e, como amigo apenas vou lhe dizer que, se Elton é o homem, acho que tudo será um trabalho em vão.

Emma riu e negou. Ele continuou:

– Confie nisso, Elton não servirá. Elton é um tipo muito bom de homem e um respeitoso vigário de Highbury, mas de modo algum é provável que faça um casamento imprudente. Ele sabe o valor de uma boa renda tão bem como qualquer um. Elton pode falar de modo sentimental, mas ele vai agir com a razão. Ele está bem familiarizado com os próprios atributos, assim como você pode estar com os de Harriet. Ele sabe que é um rapaz muito bem-apeçoado e um grande favorito aonde quer que vá; e de seu modo geral de falar sem reservas em alguns momentos, quando há apenas homens presentes, estou convencido de que ele não pretende se desperdiçar. Ouvi-o falar com grande animação de uma numerosa família de moças, de quem as irmãs dele são íntimas, que têm todas vinte mil libras cada uma.

– Eu lhe agradeço muito – disse Emma, rindo novamente. – Se eu tivesse decidido pelo casamento do senhor Elton com Harriet, teria sido muito gentil da sua parte abrir meus olhos; mas, no momento, eu só quero manter Harriet para mim. Já estou farta de promover uniões, de fato. Eu nunca poderia esperar igualar meus atos em Randalls. Devo me retirar enquanto posso.

– Bom dia para você – disse ele, levantando-se e afastando-se abruptamente. Ele estava muito irritado. Ele sentia o desapontamento do rapaz, e ficou mortificado por ter sido o meio de promovê-lo, pela sanção que dera e o papel que ele estava convencido de que Emma desempenhara no caso provocava-o excessivamente.

Emma também permaneceu em estado de irritação, mas havia mais indistinção nas causas do aborrecimento dela, do que nas dele. Ela nem sempre se sentia tão absolutamente satisfeita consigo mesma, tão inteiramente convencida de que suas opiniões estavam certas e que as de seu adversário estavam erradas, como as do senhor Knightley. Ele saiu sentindo uma auto-aprovação mais completa de si do que Emma, ao ficar para trás. Ela não ficou tão materialmente abatida, mas um pouco de tempo e o retorno de Harriet foram restauradores muito adequados. O fato

de Harriet ter ficado longe por tanto tempo estava começando a deixá-la desconfortável. A possibilidade de o rapaz ter ido à casa da senhora Goddard naquela manhã, de se encontrar com Harriet e de implorar em favor de sua causa, foi o suficiente para dar a Emma ideias alarmantes. O pavor de tal fracasso, afinal, tornou a inquietação proeminente, pois quando Harriet apareceu, de muito bons ânimos, e sem ter nenhum motivo para dar por sua longa ausência, Emma sentiu uma satisfação que fez sua mente relaxar, e convenceu-a a deixar que o senhor Knightley pensasse ou dissesse o que bem entendesse: ela não fizera nada que a amizade feminina e os sentimentos femininos não justificassem.

Ele a assustara um pouco com o senhor Elton, mas quando Emma considerou que o senhor Knightley não poderia tê-lo observado como ela o tinha feito, nem com o mesmo interesse, nem (ela deveria ter permissão de dizer isso de si mesma, apesar das pretensões do senhor Knightley) com a habilidade de observadora que ela tinha sobre tal questão, achou que ele havia falado apressadamente e com raiva. Então, ela foi capaz de acreditar que ele havia dito o que queria que fosse verdade, ressentidamente, e não o que ele sabia sobre qualquer coisa. Ele certamente poderia ter ouvido o senhor Elton falar com menos reservas do que ela jamais ouvira, e o senhor Elton poderia não ser de uma disposição imprudente e sem consideração quanto a questões financeiras. Ele poderia naturalmente ser mais atento do que desatento a elas, mas então o senhor Knightley poderia não ter dado a devida importância à influência de uma forte paixão em guerra contra todos os motivos de interesse racional. O senhor Knightley não enxergava tal paixão e, claro, não pensava em seus efeitos, mas Emma vira muito desse afeto para não sentir dúvidas de que qualquer hesitação que pudesse ser originalmente sugerida por prudência razoável fosse superada. E ela tinha certeza de que o senhor Elton não tinha um grau de prudência maior do que razoável.

O olhar e a atitude alegres de Harriet orientaram seu olhar e sua atitude: ela voltou, não para pensar no senhor Martin, mas para falar do senhor Elton. A senhorita Nash havia lhe contado algo que ela repetiu imediatamente com grande prazer. O senhor Perry estivera na casa da senhora Goddard para atender uma menina doente, e a senhorita Nash o

vira e ele dissera à senhorita Nash que, enquanto voltava de Clayton Park, na noite anterior, encontrara-se com o senhor Elton e descobrira, para sua grande surpresa, que ele estava realmente a caminho de Londres e que não pretendia retornar até o dia seguinte, embora fosse a noite do clube de uíste¹, algo que nunca o tinham visto perder antes. E o senhor Perry protestara a respeito e o quanto era desprezível que o senhor Elton, o melhor jogador, se abstinhasse. Ele tentou persuadi-lo a abandonar sua jornada por apenas um dia, porém não adiantou. O senhor Elton estava decidido a continuar a viagem e havia dito de uma forma muito particular, de fato, que tinha assuntos a tratar, assuntos que não poderia adiar por motivo nenhum no mundo; e algo sobre uma tarefa muito invejável e sobre ser o portador de algo extremamente precioso. O senhor Perry não conseguiu entendê-lo, mas tinha certeza de que devia haver uma dama no caso, e ele lhe disse isso. O senhor Elton só mostrou um semblante muito consciente e sorridente e partiu com grande ânimo. A senhorita Nash havia contado tudo isso a Harriet e conversara muito mais sobre o senhor Elton. Então, olhando

muito significativamente para ela, disse que não fingia entender qual era o assunto dele, mas só sabia que qualquer mulher que Elton pudesse preferir, esta deveria se considerar a mulher mais sortuda do mundo; pois, sem dúvida, o senhor Elton não tinha rivais em questões de beleza e amabilidade.

Capítulo 9

O senhor Knightley poderia brigar com ela, mas Emma não poderia brigar consigo mesma. Ele ficou tão descontente que demorou mais do que o habitual para retornar a Hartfield; e quando se encontraram, a seriedade parecia demonstrar que ele não a havia perdoado. Ela sentia muito, mas não conseguia se arrepender. Pelo contrário, seus planos e procedimentos foram cada vez mais justificados e apreciados pelas aparências gerais das semanas seguintes.

O retrato, elegantemente emoldurado, foi entregue são e salvo logo após

o retorno do senhor Elton. Quando o quadro estava pendurado sobre o consolo da sala de estar, o senhor Elton se levantou para observá-lo e suspirou suas meias frases de admiração, assim como deveria fazer. Quanto aos sentimentos de Harriet, estes estavam se formando visivelmente em um apego tão forte e firme quanto sua juventude e sua mente admitiam. Emma logo ficou muito satisfeita com o fato de o senhor Martin não ser lembrado de outro modo que não fosse em contraste com o senhor Elton, sendo para a maior vantagem deste.

Suas visões sobre aprimorar a mente de sua pequena amiga por meio de uma grande quantidade de leituras e conversas úteis nunca levaram a mais do que alguns primeiros capítulos e à intenção de prosseguir no dia seguinte. Era muito mais fácil conversar do que estudar, muito mais agradável deixar a imaginação variar e trabalhar o futuro de Harriet do que fazer esforços

para lhe ampliar a compreensão ou exercitá-la em fatos sóbrios; e a única busca

literária que engajava Harriet no momento, a única provisão mental que ela fazia para o acaso da vida, era colecionar a transcrever todas as charadas de todos os tipos que pudesse encontrar, em um fino quarto de papel prensado a quente, feito por sua amiga e ornamentado com cifras e troféus.

Naquela época da literatura, tais coleções em grande escala não eram incomuns. A senhorita Nash, professora-chefe da senhora Goddard, escrevera pelo menos trezentas. Harriet, que lhe dera a primeira sugestão, esperava, com a ajuda da senhorita Woodhouse, conseguir muito mais. Emma ajudou com sua inventividade, memória e bom gosto, e como Harriet escrevia em uma caligrafia muito bonita, era provável que fossem um combinado de primeira ordem, tanto em forma quanto em quantidade.

O senhor Woodhouse estava quase tão interessado no assunto quanto as garotas e tentava com frequência lembrar-se de algo que valesse a pena acrescentar. Tantas charadas inteligentes havia quando ele era moço, então ele se perguntava por que não conseguia se lembrar delas! Mas esperava que conseguisse, no devido tempo. E sempre terminava em “Kitty, uma

criada bonita, mas congelada”.

Seu bom amigo Perry, com quem ele havia falado sobre o assunto, também não se lembrava de nada do tipo das charadas, mas ele desejava que Perry ficasse alerta. Já que vivia andando de um lado para o outro, acabaria pensando em alguma coisa.

Não era de modo algum o desejo de Emma que os intelectos de Highbury em geral fossem todos colocados à disposição da tarefa. O senhor Elton foi o único cuja assistência ela pediu. Ele foi convidado a contribuir com quaisquer enigmas, charadas ou adivinhas realmente boas de que pudesse se lembrar; e ela teve o prazer de vê-lo trabalhando muito atentamente com suas lembranças; ao mesmo tempo, como ela podia perceber, ele trabalhava com a maior seriedade e cuidado para que nada deselegante, nada que não respirasse um elogio ao sexo feminino atravessasse seus lábios. Deviam a ele duas ou três charadas mais polidas; e a alegria e a exultação com que enfim ele recordou, e de forma bastante sentimental recitou, aquela charada bem conhecida, e fez-lhe lamentar ao reconhecer que já haviam transcrito a anedota algumas páginas antes.

Minha primeira denota afeto

Minha segunda é que sentirá

E meu todo é o melhor antídoto

Para a aflição curar e aliviar. ²

– Por que não compõe uma para nós, senhor Elton? – perguntou Emma.

– Essa é a única segurança de ser uma charada original e nada poderia ser mais fácil para o senhor.

– Ah, não! Nunca escrevi, nunca mesmo em minha vida, qualquer coisa desse tipo. Sou o sujeito mais estúpido! Tenho receio de que nem mesmo a senhorita Woodhouse – ele parou por um momento – ou a senhorita Smith pudessem me inspirar.

O dia seguinte, no entanto, produziu alguma prova de inspiração. Ele fez uma visita de alguns instantes, apenas para deixar um pedaço de papel sobre a mesa, contendo, como ele disse, uma charada que um amigo dirigira a uma jovem dama, objeto de sua admiração. Porém, pelo jeito do senhor Elton, Emma ficou imediatamente convencida de que devia ser da

autoria dele mesmo.

– Eu não a ofereço para a coleção da senhorita Smith – disse ele. – Por ser do meu amigo, não tenho o direito de o expor em qualquer grau aos olhos do público, mas talvez as senhoritas gostariam de dar uma olhada.

O discurso era mais para Emma do que para Harriet, o que Emma conseguia entender. Ele era dono de uma consciência profunda e achava mais fácil olhar nos olhos dela do que nos da amiga. Ele foi embora no momento seguinte. Depois de mais um momento:

– Pegue – disse Emma, sorrindo e empurrando o papel na direção de Harriet. – É para você. Pegue com as próprias mãos.

Mas Harriet estava tremendo e não conseguia tocá-lo e Emma, nunca titubeando em tomar a iniciativa, foi obrigada a examinar ela mesma.

Para a senhorita:

Charada ³

Minha primeira mostra a riqueza e a pompa dos reis,

Senhores da terra! Seu luxo e tranquilidade.

Outra visão do homem, minha segunda traz,

Contemple-o ali, o monarca dos mares!

Mas ah! Unidos, que reverso temos!

O poder e a liberdade ostentados pelo homem, todos voam;

Senhor da terra e do mar, ele dobra um escravo,

E a mulher, mulher adorável, reina sozinha.

Tua pronta sagacidade a palavra logo fornecera,

Que a aprovação irradie nesse olhar suave!

Ela olhou para a charada, ponderou, captou o significado, leu-a novamente para ter certeza, para ser a dona dos versos, e então passando-a para Harriet, sentou-se sorrindo, dizendo para si mesma, enquanto Harriet continuava intrigada sobre o papel em toda a confusão de esperança e ignorância:

– Muito bem, senhor Elton, muito bem, de fato. Já li charadas piores.

Courtship ⁴: uma ótima indireta. Eu lhe dou crédito por isso. Isso é sondar. Isso é dizer claramente: “Por obséquio, senhorita Smith, dê-me licença de proferir minhas palavras. Aprove minha charada e minhas intenções no

mesmo olhar”.

Que a aprovação irradie nesse olhar suave!

– Exatamente Harriet. Suave é a palavra para o olhar dela, de todos os epítetos, o mais justo que se poderia dar.

Tua pronta sagacidade a palavra logo fornecará,

“Humph... a pronta sagacidade de Harriet! Melhor ainda. Um homem deve estar mesmo muito apaixonado para descrevê-la assim. Ah! senhor Knightley, gostaria que tivesse o benefício disso, acho que o convenceria. Pela primeira vez em sua vida o senhor seria obrigado a admitir que estava enganado. Uma excelente charada, de fato! E muito a propósito. Agora as coisas devem chegar a um ponto decisivo em breve.”

Ela foi obrigada a romper com essas observações muito agradáveis, que, de outra forma, eram do tipo que se prolongariam por um longo tempo, pela ânsia das perguntas curiosas de Harriet.

– O que pode ser, senhorita Woodhouse? O que pode ser? Não tenho ideia e não sou capaz de dar nem mesmo o menor palpite. O que será que pode ser? Tente descobrir, senhorita Woodhouse, por favor. Ajude-me. Nunca vi nada tão difícil. É reino? Eu me pergunto quem era o amigo... e quem poderia ser a moça. Acha que pode ser uma boa moça? Pode ser mulher?

E a mulher, mulher adorável, reina sozinha.

– Pode ser Netuno?

Contemple-o ali, o monarca dos mares!

– Ou um tridente? Ou uma sereia? Ou um tubarão? Ah, não! Tubarão não tem as sílabas certas. Deve ser muito inteligente, ou ele não a teria trazido. Oh! senhorita Woodhouse, acha que algum dia vamos descobrir?

– Sereias e tubarões! Absurdo! Minha querida Harriet, o que está pensando? Por que ele nos traria uma pesia feita por um amigo sobre uma sereia ou um tubarão? Dê-me o papel e ouça.

Para a senhorita –, leia-se a senhorita Smith.

*Minha primeira mostra a riqueza e a pompa dos reis,
Senhores da terra! Seu luxo e tranquilidade.*

– Isso é court .

*Outra visão do homem, minha segunda traz,
Contemple-o ali, o monarca dos mares!*

– Isso é *ship*, por mais simples que seja. Agora, para a melhor parte.

*Mas ah! Unidos (courtship, entendeu?), que reverso temos!
O poder e a liberdade ostentados pelo homem, todos voam;
Senhor da terra e do mar, ele dobra um escravo,
E a mulher, mulher adorável, reina sozinha.
Tua pronta sagacidade a palavra logo fornecera,
Que a aprovação irradie nesse olhar suave!*

– Um elogio muito apropriado! – e depois segue o pedido, que, na minha opinião, minha querida Harriet, você não consegue encontrar muita dificuldade em compreender. Leia com tranquilidade para si mesma. Não pode haver dúvida de que está sendo escrito para você e apenas para você.

Harriet não pôde mais resistir de tão deliciosa que era a persuasão. Ela leu as linhas de conclusão, e era toda entusiasmos e felicidade. Não conseguia falar, mas não queria falar. Era o suficiente sentir. Emma falou por ela:

– Há um significado tão pronunciado e tão particular nesse elogio – disse ela –, que não posso duvidar das intenções do senhor Elton. Você é o alvo dele, e logo receberá a mais completa prova disso. Eu pensei que assim seria. Eu pensei que não poderia estar tão enganada, mas agora está claro, pois o estado da mente dele é tão claro e decidido, como os meus desejos sobre o assunto têm sido desde que a conheci. Sim, Harriet, há muito tempo quero que aconteça exatamente o que aconteceu. Eu nunca poderia dizer se uma ligação entre você e o senhor Elton seria mais desejável ou mais natural. A probabilidade e a elegibilidade realmente se igualaram! Estou muito feliz. Eu a parablenizo, minha querida Harriet, com todo meu coração. Esta é uma ligação que uma mulher pode sentir orgulho em criar. Esta é uma conexão que oferece nada além de bem. Ele lhe dará tudo o que você quer: consideração, independência, um lar adequado. Ele posicionará você no centro de todos os seus amigos verdadeiros, perto de Hartfield e de mim, e confirmará nossa amizade para sempre. Isso, Harriet, é uma aliança que nunca poderia enrubescer nenhuma de nós.

– Querida senhorita Woodhouse! – E “Querida senhorita Woodhouse” era tudo o que Harriet, com muitos abraços carinhosos, conseguiu articular a princípio, mas quando chegaram a algo mais parecido com uma conversa ficou suficientemente claro para sua amiga que ela visse, sentisse, antecipasse e se lembrasse exatamente o que deveria. A superioridade do senhor Elton tinha um reconhecimento muito amplo.

– O que quer que a senhorita diga está sempre certo! – exclamou Harriet.
– Portanto, suponho, acredito e espero que seja assim; mas, por outro lado, eu não poderia ter imaginado isso. É muito além de qualquer coisa que eu mereça. Senhor Elton, que pode se casar com qualquer moça! Não pode haver duas opiniões sobre ele. Ele é muito sofisticado. Basta apenas pensar naqueles doces versos: “Para a senhorita”. Puxa vida, que inteligente! Seriam realmente para mim?

– Não posso fazer uma pergunta ou ouvir uma pergunta sobre isso. É uma certeza. Tenha a minha opinião: é uma espécie de prólogo para a peça, um lema para um capítulo e será logo seguido de uma prosa direta e clara.

– É o tipo de coisa que ninguém poderia ter esperado. Tenho certeza de que, há um mês, eu não tinha a menor ideia sobre isso! As coisas mais estranhas acontecem!

– Quando a senhoritas Smith e senhores Elton se familiarizam, eles o fazem de fato. É realmente estranho, é fora do curso comum que o que é tão evidente, tão palpavelmente desejável, o que tangencia os arranjos prévios de outras pessoas devem imediatamente se moldar da forma apropriada. Você e o senhor Elton são, pela situação, destinados; vocês pertencem um ao outro por todas as circunstâncias de seus respectivos lares. O casamento de vocês estará à altura da união que aconteceu em Randalls. Parece mesmo haver algo no ar de Hartfield que dá ao amor exatamente a direção certa, e o envia para o canal certo em que deve fluir.

A jornada do amor verdadeiro nunca foi fácil...

– Uma edição de Hartfield de Shakespeare teria uma longa nota sobre essa passagem. – Continuou Emma.

– Que o senhor Elton estivesse realmente apaixonado por mim, por *mim*, dentre todas as pessoas, que não o conhecia, para falar com ele, no dia de São Miguel! E ele, o homem mais bonito que já existiu, e um homem que

todo mundo admira, muito como o senhor Knightley! A companhia dele é tão procurada, que todo mundo diz que ele não precisa fazer uma única refeição sozinho se não desejar, que ele tem mais convites do que dias na semana. E tão excelente na igreja! A senhorita Nash copiou todos os textos que ele já pregou desde que veio para Highbury. Oh, Céus! Quando lembro da primeira vez que o vi! Como eu pensava pouco! As duas Abbott e eu corremos para a sala da frente e espiamos através da persiana quando soubemos que ele estava passando, e a senhorita Nash veio e nos repreendeu, e ficou para espiar também, no entanto, ela me chamou de volta logo em seguida, e me deixou olhar também, o que foi muita gentileza. E que lindo achamos que ele parecia! Ele estava lado a lado com o senhor Cole.

– Esta é uma aliança que, seja qual for seu amigo, deve ser agradável para eles, desde que pelo menos tenham bom senso e não devemos dirigir nossa atenção aos tolos. Se estão ansiosas para ver você em um casamento feliz, aqui está um homem cujo caráter amável dá toda a segurança disso; se elas desejam que você se estabeleça na região e no círculo em que eles escolheram colocar você, aqui isso será realizado; e se o único objetivo delas é que você deva, na frase comum, ser bem casada, aqui está a fortuna confortável, a situação respeitável, a ascensão no mundo que deve satisfazê-las.

– Sim é bem verdade. Como a senhorita fala bem, adoro ouvi-la. A senhorita entende tudo. A senhorita e o senhor Elton são um tão inteligente quanto o outro. Essa charada! Se eu tivesse estudado um ano, nunca poderia ter criado nada parecido.

– Eu achei que ele pretendia testar suas habilidades, pela maneira como ele declinou ontem.

– Acho que é, sem exceção, a melhor charada que já li.

– Eu nunca li nenhuma que tivesse maior propósito, certamente.

– É tão longa como quase todas as que tivemos antes.

– Não considero a duração algo que conte particularmente a favor dela. Tais coisas em geral não podem ser muito curtas.

Harriet estava muito atenta aos versos para ouvir. As comparações mais satisfatórias estavam surgindo em sua mente.

– É uma coisa – disse ela, logo em seguida, suas bochechas brilhando – ter uma boa inteligência, mas de um jeito comum, como todos e, se não há nada a dizer, sentar escrever uma carta e transmitir a mensagem que é necessário transmitir, de forma breve; e outra é escrever versos e charadas como essa.

Emma não poderia ter desejado uma rejeição mais espirituosa da prosa do senhor Martin.

– Linhas tão doces! – continuou Harriet. – Essas duas últimas! Mas como poderei devolver o papel ou dizer que eu o descobri? Oh! Senhorita Woodhouse, o que podemos fazer sobre isso?

– Deixe comigo. Você não faz nada. Ele estará aqui esta noite, ouse dizer, e então devolverei a charada, e algum disparate ou outro passará entre nós, e você não será comprometida. Seu olhar suave encontrará seu próprio tempo para irradiar. Confie em mim.

– Oh! Senhorita Woodhouse, é uma pena que eu não possa escrever essa linda charada no meu livro! Tenho certeza de que não tenho uma que seja, nem de perto, tão boa quanto essa.

– Deixe de fora as duas últimas linhas, e não há razão para você não a transcrever em seu livro.

– Oh! Mas essas duas linhas são...

– As melhores de todas. É verdade para deleite privado, e para deleite privado guarde-as. Elas não serão de forma alguma menos endereçadas a você só porque as separou das demais. O dístico não deixa de existir, nem muda de significado. Mas tire-o, e toda a apropriação cessa, e uma charada muito bonita permanece, adequada para qualquer coleção. Confie, ele não gostaria que a charada fosse menosprezada, muito melhor que sua paixão o fosse. Um poeta apaixonado deve ser encorajado em ambas as competências, ou em nenhuma das duas. Dê--me o livro, vou anotá-la e não haverá nenhuma reflexão possível a seu respeito.

Harriet submeteu-se, embora sua mente mal pudesse separar as partes, de modo a ter certeza de que sua amiga não estivesse escrevendo uma declaração de amor. Parecia uma oferta muito preciosa para qualquer grau de publicidade.

– Eu nunca deixarei esse livro sair de minhas mãos – disse ela.

– Muito bem – respondeu Emma. – Um sentimento muito natural e quanto mais durar, mais ficarei satisfeita. Mas veja, meu pai vem chegando: você não vai se opor à minha leitura da charada para ele. Isso lhe dará tanto prazer! Ele ama qualquer coisa do tipo, e especialmente qualquer coisa que faça elogios a uma mulher. Ele tem o mais terno espírito de galanteria para com todas nós! Você precisa me deixar ler para ele.

Harriet pareceu séria.

– Minha querida Harriet, você não deve florear demais essa charada. Você trairá seus sentimentos de maneira imprópria se for consciente e

ansiosa demais e parecer afixar mais significado, ou até mesmo todo o significado que possa ser afixado. Não seja dominada por um tributo tão pequeno de admiração. Se ele estivesse ansioso para guardar segredo, não teria deixado o papel quando eu estava por perto, mas ele preferiu entregá-lo a mim a entregar a você. Não nos permita ser solenes demais no assunto. Ele tem encorajamento o suficiente para proceder sem que debrucemos nossa alma nessa charada.

– Oh! Não, espero não ser ridícula. Faça o que quiser.

O senhor Woodhouse entrou e logo levou à retomada do assunto,

pela recorrência de sua pergunta muito frequente de:

– Bem, minhas queridas, como continua o livro de vocês? Têm algo de novo?

– Sim, papai, temos algo para ler, algo bem novo. Uma folha de papel foi encontrada na mesa esta manhã (deixada, supomos, por uma fada), contendo uma charada muito bonita, e acabamos de copiá-la.

Ela a leu para ele, assim como ele gostava que lhe lessem qualquer coisa, lenta e distintamente, e duas ou três vezes, com explicações de todas as partes enquanto ela prosseguia, ele ficou muito satisfeito e, como ela previra, especialmente impressionado com a conclusão elogiosa.

– Sim, muito justo, de fato, foi dito de maneira muito apropriada. Muito verdadeira. “Mulher, mulher adorável.” É uma charada tão linda, minha querida, que posso adivinhar facilmente qual fada a trouxe. Ninguém poderia tê-la escrito tão bem quanto você, Emma.

Emma apenas balançou a cabeça e sorriu.

Depois de pensar um pouco, e de um suspiro muito terno, ele acrescentou:

– Ah! não é difícil de ver a quem puxou! Sua querida mãe era muito inteligente em todas essas coisas! Se ao menos eu tivesse a memória dela! Mas não consigo me lembrar de nada... nem mesmo dessa charada particular que você me ouviu mencionar. Só consigo recordar a primeira estrofe e são várias.

Kitty, uma criada bonita, mas congelada,

Acendeu uma chama que ainda deploro,

*O menino do chapéu que chamei para ajudar,
Apesar de sua aproximação medrosa,
Tão fatal para o meu terno antes.*

– E isso é tudo o que consigo lembrar, mas é muito inteligente até o fim. Apesar disso, eu acho, minha querida, você disse que tinha conseguido.

– Sim, papai, está escrito em nossa segunda página. Nós copiamos dos *Extratos Elegantes*. Era de Garrick, sabe.

– Sim, é verdade. Gostaria de poder lembrar mais disso.

Kitty, uma criada bonita, mas congelada,

– O nome me faz pensar na pobre Isabella, porque ela estava muito perto de ser batizada Catherine em homenagem a avó. Espero que a tenhamos aqui na semana que vem. Você já pensou, minha querida, onde a colocará, e que espaço haverá para as crianças?

– Ah! sim, ela terá seu próprio quarto, é claro, o quarto no qual ela sempre fica, e há o berçário para as crianças, como de costume, o senhor sabe. Por que deveria haver alguma mudança?

– Eu não sei, minha querida, mas faz tanto tempo que ela esteve aqui pela última vez! Não desde a última Páscoa, e apenas por alguns dias. O fato de John Knightley ser advogado é muito inconveniente. Pobre Isabella! Ela infelizmente foi tirada de todos nós! E como ela vai lamentar, quando chegar, em não ver a senhorita Taylor aqui!

– Pelo menos ela não será surpreendida, papai.

– Eu não sei, minha querida. Tenho certeza de que fiquei muito surpreso quando soube pela primeira vez que ela se casaria.

– Temos de convidar o senhor e senhora Weston para jantar conosco quando Isabella estiver aqui.

– Sim, minha querida, se houver tempo... Mas – em um tom muito deprimido – ela virá para passar apenas uma semana. Não haverá tempo para nada.

– É lamentável que eles não possam ficar mais tempo, mas parece um caso de necessidade. O senhor John Knightley deve estar na cidade de novo no dia 28, e devemos ser gratos, papai, por poder ter todo o tempo que eles têm para passar no campo, que dois ou três dias não sejam passados em Donwell Abbey. O senhor Knightley promete abrir mão de

sua prerrogativa neste Natal, embora, o senhor saiba, faça mais tempo que eles estiveram com ele do que conosco.

– Seria mesmo muito difícil, minha querida, se a pobre Isabella ficasse em qualquer lugar que não fosse em Hartfield.

O senhor Woodhouse nunca poderia permitir as prerrogativas do senhor Knightley sobre o irmão, ou qualquer outra que detivesse Isabella, exceto as suas. Ele sentou-se, refletindo um pouco, e depois disse:

– Mas não vejo porque a pobre Isabella deveria ser obrigada a voltar tão cedo, mesmo que ele tenha de fazê-lo. Eu acho, Emma, que devo tentar persuadi-la a ficar mais tempo conosco. Ela e as crianças podem muito bem ficar.

– Ah, papai! Isso é algo que o senhor nunca conseguiu realizar, e acho que nunca conseguirá. Isabella não suporta ficar longe do marido.

Isso era verdade demais para ser contradito. Por mais indesejado que fosse esse fato, o senhor Woodhouse só pôde dar um suspiro de submissão, e como Emma viu seus espíritos serem afetados pela ideia do apego de sua filha ao marido, ela imediatamente conduziu o assunto para um campo que poderia elevá-los.

– Harriet deve nos fazer o máximo de companhia possível enquanto meu irmão e minha irmã estiverem aqui. Tenho certeza de que ela ficará satisfeita na companhia das crianças. Somos muito orgulhosos das crianças, não somos, papai? Pergunto-me qual será o mais bonito: Henry ou John?

– Sim, eu me pergunto o que ela vai fazer. Pobres queridinhos, como eles ficarão felizes em vir. Eles gostam muito de estar em Hartfield, Harriet.

– Ouso dizer que eles gostam sim. Tenho certeza de não saber quem não gosta desse lugar.

– Henry é um menino excelente, mas John é muito parecido com a mãe. Henry é o mais velho, ele foi batizado em homenagem a mim, não ao pai. John, o segundo, tem o nome do pai. Algumas pessoas ficam surpresas, creio eu, que o mais velho não tenha, mas Isabella o quis chamar de Henry, o que achei muito bonito da parte dela. E ele é um menino muito

inteligente, de fato. Ambos são incrivelmente inteligentes, e têm jeitinhos muito bonitos. Eles vinham e ficavam ao pé da minha poltrona, dizendo: “Vovô, o senhor pode me dar um pouco de corda?”. E uma vez Henry me pediu uma faca, mas eu lhe disse que facas eram feitas apenas para os avós. Eu acho que o pai deles é muito rude com eles, demasiadas vezes.

– Ele parece rude para o senhor – disse Emma –, porque o senhor é muito gentil, mas se pudesse compará-lo com outros papais, não o acharia rude. Ele deseja que os filhos sejam ativos e resistentes e se eles se comportarem mal, poderá dar-lhes uma palavra dura de vez em quando, mas ele é um pai afetuoso. Certamente o senhor John Knightley é um pai afetuoso. As crianças gostam muito dele.

– E então o tio deles chega e os joga para o teto de uma maneira muito assustadora!

– Mas eles gostam, papai, não há nada que gostem tanto. É para eles um prazer tão grande que, se o tio não estabelecesse a regra de jogar um de cada vez, um nunca daria a vez para o outro.

– Bem, eu não consigo entender.

– Acontece o mesmo com todos nós, papai. Uma metade do mundo não consegue entender os prazeres da outra.

Mais tarde naquela manhã e bem quando as garotas se separariam em preparação para o jantar regular das quatro da tarde, o herói daquela inimitável charada apareceu novamente. Harriet deu as costas, mas Emma pôde recebê-lo com o sorriso habitual, e um olhar rápido logo percebeu no dele a consciência de ter dado um passo além, de ter jogado um dado, então ela imaginou que ele tinha vindo ver qual poderia ter sido o resultado. Seu raciocínio ostensivo, no entanto, foi o de perguntar se os convidados do senhor Woodhouse poderiam se reunir sem ele naquela noite, ou se ele seria, mesmo que ao menor grau, necessário em Hartfield. Se fosse, todo o resto deveria ser posto de lado; mas, caso contrário, seu amigo Cole falara tanto sobre jantar com ele, fizera tanta questão, que o senhor Elton prometera ir, a depender da resposta de Hartfield.

Emma agradeceu, mas não poderia permitir que ele decepcionasse o amigo por causa deles, mesmo na ausência do senhor Elton, seu pai estava com o jogo garantido. Ele reiterou, ela voltou a recusar e ele pareceu

prestes a fazer sua reverência de despedida quando Emma pegou o papel da mesa e o devolveu:

– Oh! Aqui está a charada que o senhor foi tão atencioso em deixar conosco, obrigada por nos mostrá-la. Nós a admiramos tanto, que me arrisquei a escrevê-la na coleção da senhorita Smith. Seu amigo não vai se ofender, eu espero. Claro que não transcrevi além das primeiras oito linhas.

O senhor Elton certamente não sabia muito bem o que dizer. Ele pareceu duvidar, estava bastante confuso e disse alguma coisa sobre “honra”, olhou para Emma e Harriet e, depois, vendo o livro aberto sobre a mesa, pegou-o e examinou com muita atenção. Com o objetivo de superar um momento de constrangimento, Emma sorriu:

– O senhor deve transmitir minhas desculpas ao seu amigo, mas uma charada tão boa não deve ficar restrita a uma ou duas pessoas. Ele pode ter certeza da aprovação de todas as mulheres se escrever com tanta bravura.

– Não tenho hesitação em dizer – respondeu o senhor Elton, apesar de hesitar bastante enquanto falava. – Eu não hesito em dizer... pelo menos se meu amigo se sentir como eu me sinto... não tenho a menor dúvida de que ele poderia ver sua pequena efusão honrada como eu a vejo (olhando para o livro de novo, e devolvendo-o à mesa), ele consideraria como o momento do maior orgulho de sua vida.

Após esse discurso, ele se foi o mais rápido possível. Emma achava que já não era sem tempo; pois, embora com todas as suas boas e agradáveis qualidades, havia uma espécie de afetação nos seus discursos, algo que lhe dava vontade de rir. Ela correu para satisfazer a vontade do riso, deixando para Harriet a ternura e o sublime do prazer.

Capítulo 10

Embora estivessem em meados de dezembro, ainda não houvera tempo ruim que evitasse que as moças fizessem caminhadas regularmente e, no dia seguinte, Emma tinha uma visita de caridade a fazer a uma pobre família doente, que vivia não muito longe de Highbury.

O caminho para essa casa de campo um tanto isolada era por Vicarage

Lane, uma alameda que se estendia em ângulos retos a partir da rua principal da região, ampla, porém irregular e, como se podia inferir, nela estava contida a abençoada morada do senhor Elton. Era necessário passar primeiro por algumas habitações inferiores e, a cerca de quatrocentos metros da alameda, erguia-se a casa paroquial, uma casa antiga e não muito boa, quase tão próxima da estrada quanto possível. Não tinha vantagem de situação, mas fora muito bem aprimorada pelo atual proprietário e, por assim dizer, não haveria a possibilidade de as duas amigas passarem por ela sem um ritmo mais lento e olhares observadores.

O comentário de Emma foi:

– Aí está. É para aí que virão você e seu livro de charadas algum dia desses.

E a resposta de Harriet:

– Oh, que doce casa! Que linda! Ali estão as cortinas amarelas que a senhorita Nash admira tanto.

– Eu não ando com muita frequência por aqui atualmente – prosseguiu Emma –, mas em breve haverá um incentivo e, pouco a pouco, vou me familiarizar intimamente com todas as cercas vivas, portões, lagos e sebes podadas desta parte de Highbury.

Harriet nunca descobriu, em toda sua vida, que estivera dentro do vicariato, e sua curiosidade em vê-lo foi tão extrema que, considerando os exteriores e as probabilidades, Emma só podia classificá-lo, como uma prova de amor, como o senhor Elton enxergava a inteligência nela.

– Eu gostaria que pudéssemos entrar – disse ela –, mas não consigo pensar em nenhuma pretensão tolerável para fazer isso, nenhum criado de quem eu possa perguntar sobre a governanta, nenhuma mensagem de meu pai.

Ela ponderou, mas não conseguiu pensar em nada. Depois de um silêncio mútuo de alguns minutos, Harriet começou de novo:

– Eu me pergunto, senhorita Woodhouse, por que não pensa em se casar ou por que não se casou! A senhorita é tão encantadora!

Emma riu e respondeu:

– Meu encanto, Harriet, não é suficiente para me induzir a me casar,

preciso encontrar encanto nas outras pessoas. Em uma pessoa, pelo menos.

E não só não vou me casar em um futuro próximo, como também tenho

pouquíssima intenção de me casar em qualquer outro momento da vida.

– Ah! O que a senhorita está dizendo, mas não posso acreditar.

– Preciso ver alguém muito superior a qualquer um que já tenha visto, para me sentir tentada. O senhor Elton, você sabe – disse, recompondo-se – está fora de questão: e eu não desejo nenhuma dessas pessoas. Eu preferiria não ser tentada. Não posso realmente mudar para melhor. Se eu fosse me casar, poderia esperar me arrepender.

– Céus! É tão estranho ouvir uma mulher falar assim!

– Não tenho nenhum dos habituais incentivos que as mulheres têm

para se casar. Se eu fosse me apaixonar, de fato, seria algo diferente! Mas nunca me apaixonei; não é o meu jeito nem minha natureza; e eu acho que nunca vou me apaixonar. E, sem amor, tenho certeza de que deveria ser uma tola para mudar uma situação como a minha. Fortuna eu não quero; ocupação eu não quero; importância eu não quero. Acredito que poucas mulheres casadas são metade senhoras da casa de seus maridos do que eu sou de Hartfield; e eu nunca, nunca, poderia esperar ser tão amada e tão importante; nunca ser tão amada e vir em primeiro lugar para qualquer homem como sou amada e venho em primeiro lugar para meu pai.

– Para então tornar-se uma solteirona ao final, como a senhorita Bates!

– Essa é a imagem mais formidável que você poderia apresentar, Harriet; e se eu pensasse que seria como a senhorita Bates, tão frívola, tão satisfeita, tão sorridente, tão arrogante, tão indistinguível e desatenciosa, tão apta a contar tudo sobre mim mesma a todos, eu me casaria amanhã. Mas entre mim e ela, estou convencida de que nunca poderia haver qualquer semelhança, a não ser em sermos solteiras.

– Mas ainda assim, a senhorita será uma solteirona! E isso é muito terrível!

– Não importa, Harriet, não serei uma pobre solteirona e é apenas a pobreza que torna o celibato desprezível a um público generoso! Uma mulher solteira com uma renda muito restrita deve ser uma solteirona

ridícula e desagradável! A companhia adequada de meninos e meninas, mas uma mulher solteira de considerável fortuna é sempre respeitável e pode ser tão sensata e agradável quanto qualquer outra pessoa. E a distinção não contraria tanto a sinceridade e o senso comum do mundo como aparece a princípio, pois uma renda muito estreita tem uma tendência a contrair a mente e a azedar o temperamento. Aqueles que mal conseguem viver, e que vivem, por força das circunstâncias, em um círculo muito pequeno e geralmente muito inferior, podem muito bem ser sovinas e ranzinzas. Isso não se aplica, no entanto, à senhorita Bates; ela é muito boa e tola demais para o meu gosto; mas, em geral, ela é muito boa para o gosto de todos, embora solteira e embora pobre. A pobreza certamente não contraiu a sua mente, eu realmente acredito que, se ela tivesse apenas um xelim no mundo, seria muito provável que doasse a metade e ninguém tem medo dela: isso é um grande encanto.

– Céus! Mas o que a senhorita fará? Como vai passar o tempo quando envelhecer?

– Se eu me conheço, Harriet, a minha é uma mente ativa e ocupada, com muitos recursos independentes e não percebo porque deveria estar mais ociosa aos 40 ou 50 anos do que aos 21. As ocupações usuais para as mãos e para a mente de uma mulher continuarão tão abertas para mim como estão agora; ou sem uma variação importante. Se eu desenhar menos, vou ler mais; se eu desistir da música, vou começar a trabalhar tapetes. E quanto aos objetos de interesse, objetos de afeição, que na verdade são o grande ponto de inferioridade, cuja carência é realmente o grande mal a ser evitado em não se casar, eu levarei muita vantagem, preocupando-me com todos os filhos de uma irmã que eu amo muito. Haverá o suficiente deles, com toda a probabilidade, para fornecer todo tipo de sensação que o declínio da vida possa precisar. Haverá o suficiente para toda esperança e todo medo e embora meu apego a nenhum deles possa ser igual ao do pai ou da mãe, adequa-se mais às minhas ideias de conforto do que o que é mais quente e mais cego. Meus sobrinhos e sobrinhas! Terei com frequência uma sobrinha comigo.

– Conhece a sobrinha da senhorita Bates? Isto é, sei que a senhorita deve tê-la visto cem vezes, mas a conhece pessoalmente?

– Oh! sim, sempre somos forçadas a ter contato uma com a outra quando ela vem a Highbury. Diga-se de passagem, isso é quase suficiente para se cansar da ideia de uma sobrinha. Deus me livre ao menos de eu ser uma pessoa tão enfadonha para os outros falando sobre todos os Knightley juntos, quanto ela é quando fala sobre Jane Fairfax. Não suporto mais nem ouvir o nome de Jane Fairfax. Cada carta dela é lida quarenta vezes; seus elogios a todos os amigos dão voltas e voltas; e se ela mandar para a tia uma estampa de peitilho ou tricotar um par de ligas para a avó, não se ouve outro assunto durante um mês. Desejo tudo de bom a Jane Fairfax, mas ela me cansa absurdamente.

Agora elas estavam se aproximando do chalé e toda a conversa frívola foi substituída. Emma era muito compassiva, e as angústias dos pobres eram seguramente um alívio tanto para sua atenção e gentileza pessoais, para seus conselhos e para sua paciência, quanto sua bolsa. Ela entendia os costumes deles, podia fazer concessões à sua ignorância e às suas tentações; não tinha expectativas românticas de encontrar virtude extraordinária naqueles para quem os estudos tinham feito tão pouco; adentrava seus problemas com pronta simpatia e sempre lhes dava assistência com tanta inteligência quanto com boa vontade. No presente caso, foi a doença e a pobreza que ela viera visitar; e depois de permanecer ali o tempo suficiente para dar conforto ou conselhos, ela saiu do chalé com tal impressão da cena que acabou dizendo para Harriet, enquanto se afastavam:

– Estas são as visões, Harriet, que presenciamos quando fazemos o bem. Como fazem todas as outras coisas parecerem insignificantes! Sinto-me agora como se não conseguisse pensar em nada além dessas pobres criaturas pelo resto do dia e, no entanto, quem pode dizer em quanto tempo tudo isso desaparecerá da minha mente?

– É verdade – disse Harriet. – Pobres criaturas! Não se consegue pensar em mais nada.

– E, na verdade, não acho que a impressão passe logo – disse Emma, ao cruzar a baixa sebe e dar um passo cambaleante no ponto em que terminava o caminho estreito e escorregadio pelo jardim do chalé, e que as levaria de volta à alameda. – Eu não acho que passará. – Ela parou para

olhar mais uma vez para a miséria exterior do lugar, e recordar a miséria ainda maior que havia do lado de dentro.

– Oh! Por Deus, não passará – disse sua companheira.

Elas seguiram em frente. A trilha fez uma ligeira curva e quando essa curva foi ultrapassada, o senhor Elton estava imediatamente à vista e tão perto, que só deu tempo de Emma dizer:

– Ah! Harriet, aqui vem um teste muito súbito da nossa estabilidade em bons pensamentos. Bem – ela disse, sorrindo –, espero que se possa afirmar que, se a compaixão produziu empenho e alívio para os sofredores, fez tudo o que é verdadeiramente importante. Se lamentamos pelos miseráveis o suficiente para fazer tudo o que pudermos por eles, o resto é uma compaixão vazia, apenas angustiante para nós.

Antes que o cavalheiro se juntasse a elas, Harriet pôde apenas responder:

– Oh! Céus, sim.

Os desejos e sofrimentos da família pobre, no entanto, foram o primeiro assunto do encontro. O senhor Elton partira para visitá-los, e sua visita agora seria adiada, mas ele e as moças tiveram uma discussão muito interessante sobre o que poderia ser feito e o que deveria ser feito. O senhor Elton então deu meia-volta para acompanhá-las.

“Nos encontrarmos em uma missão como essa” – pensou Emma. “Nós nos encontrarmos em uma situação de caridade: isso proporcionaria um grande aumento de amor de ambos os lados. Eu não deveria me espantar se fosse propiciar a declaração. Deve propiciá-la, como se eu não estivesse aqui. Queria poder estar em outro lugar.”

Ansiosa para deixá-los a sós e ficar o mais longe possível, ela logo tomou posse de um caminho estreito, um pouco elevado de um lado da trilha, deixando-os juntos na estrada principal. Porém, não fazia dois minutos que estava lá quando descobriu que os hábitos de dependência e imitação estavam trazendo Harriet também pelo mesmo caminho e, em pouco tempo, ambos

estariam atrás dela. Isso não adiantaria. Ela imediatamente parou, sob pretexto de ter alguma alteração para fazer no laço de sua bota, e se

abaixando para ocupar totalmente a trilha, pediu que eles fizessem a gentileza de continuar andando, e que ela seguiria em meio minuto. Assim eles fizeram, e, quando ela julgou que era razoável ter concluído a amarração da bota, ela recebeu o conforto de mais atraso, ao ser parada por uma criança do chalé, que tinha sido enviada, seguindo ordens, com um cântaro, para buscar caldo em Hartfield. Andar ao lado dessa criança, conversar com ela e questioná-la, era a coisa mais natural do mundo, ou teria sido a mais natural, se ela estivesse agindo naquele momento sem planejamento; e por esse meio o casal ainda podia seguir adiante, sem qualquer obrigação de esperá-la. Ela os alcançou, no entanto, involuntariamente, pois o ritmo da criança era rápido, e o deles era bastante lento; e ela ficou preocupada com isso, já que eles estavam evidentemente no meio de uma conversa que os interessava. O senhor Elton falava com animação, Harriet escutava com uma atenção muito satisfeita; e Emma, depois de mandar a criança seguir em frente, estava começando a pensar em como poderia recuar um pouco mais, quando os dois olharam para trás, e ela foi obrigada a se juntar a eles.

O senhor Elton ainda estava falando, ainda estava envolvido em algum detalhe interessante e Emma experimentou alguma decepção quando descobriu que ele estava apenas dando à sua bela companheira um relato da festa do dia anterior na casa de seu amigo Cole, e que ela mesma deveria ir por causa do queijo de Stilton, da manteiga, do aipo, da beterraba e de todas as sobremesas.

“Isso logo levaria a algo melhor, é claro” – foi sua reflexão consoladora.

“Qualquer coisa interessa àqueles que amam e qualquer coisa servirá como introdução ao que está perto do coração. Se ao menos eu tivesse conseguido ficar mais tempo longe!”

Agora caminhavam todos juntos, em silêncio, até que, à vista da cerca do vicariato, quando uma resolução súbita de enfim levar Harriet ao interior da casa fez com que ela novamente encontrasse algo muito errado em sua bota e ficasse para trás, a fim de arrumar mais uma vez. Ela então quebrou o cadarço e após, habilidosamente, jogá-lo em uma vala, foi então obrigada a pedir que parassem, e reconhecer sua inabilidade de resolver a

questão para poder caminhar para casa num conforto tolerável.

– Perdi uma parte do meu cadarço – disse ela – e não sei como vou resolver. Eu realmente sou uma companheira muito problemática para vocês dois, mas espero não estar despreparada com tanta frequência. Senhor Elton, devo pedir licença para parar em sua casa, e pedir à sua criada um pouco de fita ou de cordão, ou qualquer coisa só para manter minha bota no pé.

O senhor Elton parecia feliz com essa proposição e nada poderia exceder seu estado de alerta e atenção ao conduzi-las para sua casa e se esforçar para fazer tudo parecer estar em seu melhor. A sala a que foram levadas era a que ele mais ocupava e se localizava na parte da frente. Atrás dela ficava outra com a qual se comunicava imediatamente; a porta entre os cômodos estava aberta, e Emma entrou com a criada para receber sua assistência do modo mais confortável. Ela foi obrigada a deixar a porta entreaberta da forma como a encontrara; mas tinha total intenção de que o senhor Elton a fechasse. Não foi fechada, no entanto; permaneceu entreaberta. Porém, ao envolver a criada em uma conversa incessante, ela esperava tornar possível que ele escolhesse seu próprio assunto no cômodo contíguo. Por dez minutos, ela não conseguiu ouvir nada além de si mesma. Não poderia mais ser postergado. Ela foi então obrigada a encerrar a tarefa e aparecer.

Os enamorados estavam juntos em uma das janelas. Tinham o aspecto mais favorável e, durante meio minuto, Emma sentiu a glória de ter planejado com sucesso. Mas não suficiente, pois ele não tinha chegado ao ponto e fora muito agradável, muito encantador quando dissera a Harriet que as vira passar e as seguira propositalmente, outras pequenas galanterias e alusões haviam sido abandonadas, mas nada muito sério.

“Cauteloso, muito cauteloso” – pensou Emma. “Ele avança centímetro por centímetro e não arriscará nada até acreditar que está seguro.”

Ainda assim, entretanto, embora tudo não tivesse sido realizado por seu plano engenhoso, ela não podia deixar de lisonjear-se por aquela situação ter sido de grande alegria para ambos, e que deveria estar conduzindo-os adiante, ao grande evento.

Capítulo 11

O senhor Elton agora deve ser deixado para seus próprios esforços. Não estava mais no poder de Emma supervisionar a felicidade dele ou acelerar suas medidas. A chegada da família de sua irmã estava tão próxima que, primeiro em antecipação, e depois em realidade, tornou-se então seu principal objeto de interesse. Assim, durante os dez dias de sua estada em Hartfield, não era de se esperar, ela mesma não esperava, que se desse ao luxo de nada além de uma assistência ocasional e fortuita aos enamorados. Eles podiam avançar rapidamente se quisessem, no entanto, deviam avançar de algum

jeito ou de outro quer desejassem ou não. Já não havia como ela fornecer mais tranquilidade para eles. Existem pessoas que, quanto mais você faz por elas, menos elas fazem por si mesmas.

O senhor e a senhora John Knightley, por terem ficado ausentes de Surrey mais tempo do que o habitual, estavam causando, é claro, mais interesse do que de costume. Até aquele ano, todas as longas férias desde o casamento tinham sido divididas entre Hartfield e Donwell Abbey. Porém, todas as datas comemorativas daquele outono haviam sido destinadas ao banho de mar para as crianças, e passaram-se, portanto, muitos meses desde que eles tinham sido vistos de maneira regular por seus parentes de Surrey, ou simplesmente vistos pelo senhor Woodhouse, que jamais poderia ser convencido a chegar tão longe quanto Londres, nem mesmo por causa da pobre Isabella. Consequentemente, agora ele estava mais nervoso e apreensivamente feliz em anunciar aquela visita tão curta.

Ele pensava muito nos males da jornada para ela, e muito da fadiga de seus próprios cavalos e do cocheiro, que deveriam trazer o grupo pela última parte do trajeto. No entanto, seus alarmes eram desnecessários, os vinte e cinco quilômetros foram realizados com prazer, então o senhor e a senhora John Knightley, seus cinco filhos, e um número competente de babás, todos alcançaram Hartfield em segurança. A agitação e a alegria de tal chegada, as muitas pessoas com quem conversar e de quem dispor, a quem acolher, encorajar e dispersar de forma variada, produziam um

barulho e uma confusão que seus nervos não poderiam ter suportado sob nenhuma outra causa, nem ter suportado por muito mais tempo, nem mesmo por aquele motivo. Porém, os costumes de Hartfield e os sentimentos de seu pai eram tão respeitados pela senhora John Knightley que, a despeito de sua solicitude materna para a alegria imediata de seus pequenos, e para que tivessem instantaneamente toda a liberdade e os cuidados, todas as comidas e bebidas, o sono e as brincadeiras que pudessem desejar, sem a menor demora, não se permitia que as crianças fossem uma longa perturbação para ele, nem por elas mesmas nem por quaisquer cuidados incansáveis de que necessitassem do avô.

A senhora John Knightley era uma mulher bonita e elegante, de modos gentis e discretos, e com uma disposição notavelmente amável e afetuosa concentrada na família; uma esposa devota, uma mãe generosa e tão apegada ao pai e à irmã que, por esses laços elevados, um amor mais caloroso pareceria impossível. Ela nunca enxergava falha alguma em nenhum deles. Não era uma mulher de forte compreensão ou qualquer rapidez de raciocínio, e com tal semelhança ao pai, ela herdara também muito de sua constituição; era delicada na saúde, muito cuidadosa com a de seus filhos, tinha muitos medos e muitos nervosismos, e gostava tanto do senhor Wingfield, o médico da família, quanto seu pai podia gostar de poder dispor do senhor Perry. Eram também semelhantes em um temperamento benevolente em geral, e um forte hábito de dar atenção a cada velho conhecido.

O senhor John Knightley era um homem alto, com modos de cavalheiro e muito inteligente; estava subindo em sua profissão, era doméstico e respeitável no caráter privado. No entanto, tinha um jeito reservado que impedia que fosse geralmente agradável e o fazia capaz de, às vezes, não ter humor. Ele não era um homem mal-humorado, nem sempre era tão desarrazoadamente ranzinza quanto aparentava ser para receber tal censura. Apesar disso, seu temperamento não era sua grande qualidade e, de fato, com tal esposa adoradora, era quase impossível que quaisquer defeitos naturais não fossem aumentados. A extrema doçura do temperamento dela devia fazer mal ao dele. Ele tinha toda a clareza e a rapidez da mente que nela faltava, e às vezes ele podia agir de forma

deselegante, ou dizer algo ríspido.

Ele não era um grande favorito de sua bela cunhada. Nada do que havia de errado nele escapava a ela. Ela era rápida em sentir os pequenos danos causados a Isabella que a própria Isabella nunca sentia. Talvez pudesse ter tolerado mais se os modos dele fossem lisonjeiros para ela, mas eram apenas os de um irmão ou amigo gentil e sem afetações, sem elogios e sem cegueira. Entretanto, dificilmente qualquer grau de elogio pessoal pudesse tê-la feito não observar a maior falha de todas aos seus olhos, na qual ele às vezes incorria: a falta de tolerância respeitosa em relação ao senhor Woodhouse. Que ele nem sempre tivera a paciência que se poderia desejar. As peculiaridades e a inquietação do senhor Woodhouse às vezes o provocavam a fazer uma contestação racional ou objeção brusca igualmente mal outorgada. Isso não acontecia com frequência, pois o senhor John Knightley tinha realmente uma grande consideração para com o sogro e, em geral, um forte senso do que era devido a ele. Mas, para Emma, era frequente demais, em especial como havia toda a dor da apreensão para ser frequentemente suportada, embora a ofensa não viesse. O começo, no entanto, de toda a visita não mostrava nada além dos sentimentos mais apropriados e esta sendo de necessidade, pouco se poderia esperar que passasse com cordialidade imaculada. Não estavam sentados e bem compostos havia muito tempo, quando o senhor Woodhouse, com um balançar melancólico da cabeça, chamou a atenção da filha para a triste mudança em Hartfield desde que eles estiveram presentes pela última vez.

– Ah, minha querida – disse ele –, a pobre senhorita Taylor... Essa é uma situação atroz.

– Ah, sim, senhor! – ela exclamou com pronta compaixão. – Como o senhor deve sentir falta dela! E a querida Emma também! Que perda terrível para vocês dois! Tenho sofrido muito por vocês. Não consigo imaginar como poderão se virar sem ela. É uma triste mudança, de fato. Apesar disso, espero que ela esteja muito bem.

– Muito bem, minha querida, eu espero, muito bem. Eu não sei, mas parece que o lugar combina com ela razoavelmente bem.

O senhor John Knightley, nesse momento, perguntou discretamente a

Emma se havia qualquer dúvida nos humores em Randalls.

– Oh! Não, nem mesmo a menor delas. Eu nunca vi a senhora Weston em situação melhor na minha vida, nunca com uma aparência tão boa. Papai está falando apenas do próprio pesar.

– Muito para a honra de ambos – foi a elegante resposta.

– E o senhor a vê com uma frequência tolerável? – perguntou Isabella no tom melancólico que se adequava perfeitamente ao do pai.

O senhor Woodhouse hesitou.

– Não, nem de perto com tanta frequência quanto eu gostaria,

minha querida.

– Oh! Papai, só deixamos de vê-los por um dia inteiro desde que se casaram. De manhã ou à noite em todos os dias, com exceção de um, vimos o senhor Weston ou a senhora Weston, e geralmente ambos, tanto em Randalls quanto aqui. E como você pode supor, Isabella, mais frequentemente aqui. Eles são muito gentis em suas visitas. O senhor Weston é realmente tão gentil quanto ela. Papai, se falar desse jeito melancólico, vai dar a Isabella uma falsa ideia de todos nós. Todos devem estar cientes de que se deve sentir falta da senhorita Taylor, mas todos devem ter certeza de que o senhor e a senhora Weston realmente impedem que sintamos falta dela por quaisquer motivos na extensão que antecipávamos, o que é a mais exata verdade.

– Assim como deveria ser – disse o senhor John Knightley –, e exatamente como esperava que fosse pelas suas cartas. Não se pode duvidar do desejo dela de lhes mostrar atenção, e por ele ser um homem desprendido e sociável torna tudo mais fácil. Estou sempre lhe dizendo, meu amor, que não consigo pensar que a mudança seja tão substancial para Hartfield como você interpretou, e agora você tem o ponto de vista de Emma, e espero que fique satisfeita.

– Ora, decerto – disse o senhor Woodhouse. – Sim, certamente. Não posso negar que a senhora Weston, a pobre senhora Weston, vem mesmo nos ver com boa frequência. Mesmo assim, ela sempre é obrigada a ir embora de novo.

– Seria muito difícil para o senhor Weston se ela não o fizesse, papai. O

senhor se esquece completamente do pobre senhor Weston.

– Eu penso, de fato – disse John Knightley, de modo agradável –, que o senhor Weston tem um certo direito a reclamar. Você e eu, Emma, nos aventuraremos a tomar o lado do pobre marido. Eu, sendo um marido, e você não sendo uma esposa, as reivindicações do homem podem muito provavelmente nos atingir com igual força. Quanto a Isabella, ela está casada há tempo suficiente para ver a conveniência de deixar todos senhores Weston de lado tanto quanto ela possa.

– Eu, meu amor – exclamou a esposa, ouvindo e compreendendo apenas em parte. – Está falando de mim? Tenho certeza de que ninguém deveria ser, ou possa ser, uma defensora maior do matrimônio do que eu, e se não fosse pela tristeza de ela deixar Hartfield, eu nunca pensaria nela senão como a mulher mais afortunada no mundo. E quanto a desprezar o senhor Weston, eu penso que não há nada que ele não mereça. Acredito que ele seja um dos homens de melhor temperamento que já existiu. Com exceção do senhor e do seu irmão, não sei quem poderia se igualar a ele em matéria de temperamento. Jamais vou esquecer quando ele empinou a pipa de Henry para ele naquele dia de muito vento na última Páscoa. E desde aquela especial gentileza em setembro do ano passado, quando escreveu aquele bilhete, à meia-noite, com o propósito de me garantir que não havia escarlatina em Cobham, eu me convenci de que não poderia haver um coração mais terno nem um homem melhor na existência. Se alguém pode merecê-lo, deve ser a senhorita Taylor.

– Onde está o filho? – disse John Knightley. – Ele esteve aqui nessa ocasião ou não esteve?

– Ele não esteve aqui ainda – respondeu Emma. – Havia uma forte expectativa de que ele viesse logo após o casamento, mas acabou em nada, e eu não ouvi ninguém mencioná-lo ultimamente.

– Mas você deveria falar da carta, minha querida – disse o pai dela. – Ele escreveu uma carta para a pobre senhora Weston a fim de parabenizá-la, e era uma carta muito apropriada e bonita. Ela a mostrou para mim. Achei uma atitude muito bonita da parte dele. Agora, se foi ideia dele ou não, não se pode saber. Ele é apenas um jovem rapaz, e o tio, talvez...

– Meu querido papai, ele tem 23 anos. O senhor esquece como o

tempo passa.

– Vinte e três? Ele tem tudo isso? Bem, eu não poderia imaginar. E ele tinha apenas dois anos quando perdeu a pobre mãe! Bem, o tempo realmente voa! E minha memória é muito ruim. No entanto, era uma carta muito boa e bonita e deu uma enorme satisfação ao senhor e à senhora Weston. Lembro-me de que foi escrita de Weymouth, datada de 28 de setembro, e começava assim: “Minha cara senhora”, mas esqueci como continuava, e foi assinada “F. C. Weston Churchill”. Eu me lembro disso perfeitamente.

– Que agradável e decoroso da parte dele! – exclamou a bondosa senhora John Knightley. – Não tenho dúvida de que ele seja um rapaz muito amável, mas como é triste que ele não viva em casa com o pai! Há algo tão chocante no fato de uma criança ser tirada dos pais e de seu lar natural! Nunca pude compreender como o senhor Weston pôde se separar dele. Abrir mão de um filho! Eu realmente nunca pude pensar bem de ninguém que propusesse algo assim para qualquer outra pessoa.

– Ninguém jamais pensou bem a respeito dos Churchill, eu acho – observou o senhor John Knightley. – Mas não é necessário imaginar o senhor Weston para sentir o que você sentiria se fosse abrir mão de Henry ou de John.

O senhor Weston é mais um homem tranquilo, de temperamento alegre, do que um homem de sentimentos fortes; ele aceita as coisas conforme as encontra, e goza delas de alguma forma ou de outra, confiando, eu suspeito, muito mais no que se chama de companhia para seus confortos; isto é, no poder da comida e da bebida, e em jogar uíste com seus vizinhos cinco vezes por semana do que no afeto familiar ou qualquer coisa que o lar possa oferecer.

Emma não podia gostar do que beirava a reflexão sobre o senhor Weston, e sentiu uma ligeira vontade de contestar. Mas ela fez um esforço e deixou passar. Ela manteria a paz, se fosse possível, e havia algo honroso e valioso em fortes hábitos domésticos, na autossuficiência completa do lar para ele mesmo, de que resultaria a disposição de seu irmão de desprezar a taxa comum de relações sociais e aqueles a quem elas fossem importantes.

Tinha uma grande predisposição à tolerância.

Capítulo 12

O senhor Knightley jantaria com eles, muito contra a inclinação do senhor Woodhouse, que não gostava de dividir com ninguém o primeiro dia da chegada de Isabella. No entanto, foi o senso do que era certo que fez Emma decidir pelo convite. E, além da consideração do que era devido a cada irmão, ela teve um prazer especial, da circunstância do último desentendimento entre ela e o senhor Knightley, em lhe enviar um convite apropriado.

Ela esperava que eles pudessem se tornar amigos novamente. Achava que era hora de fazer as pazes. Aliás, não era uma questão de fazer as pazes. Ela certamente não estava errada, e ele nunca admitiria que o errado seria ele. A concessão deveria estar fora de questão. Contudo, era hora de parecer esquecer que eles haviam brigado, e ela esperava que ajudasse na restauração da amizade que, quando ele entrasse na sala, ela tivesse uma das crianças com ela, a mais nova, uma garotinha simpática de uns oito meses, que agora estava fazendo sua primeira visita a Hartfield, e estava muito feliz em se remexer nos braços da tia. De fato ajudou, pois, embora ele começasse com olhares graves e perguntas curtas, logo foi conduzido a conversar com eles em sua forma usual, e em pegar a criança dos braços dela com toda a ausência de cerimônia da perfeita amabilidade. Emma sentiu que eram amigos de novo, e a convicção lhe deu, a princípio, uma grande satisfação, e depois um pouco de rabugice, não pôde deixar de dizer, enquanto ele admirava

a bebê.

– Que conforto é que tenhamos a mesma opinião sobre nossos sobrinhos e sobrinhas. Quanto a homens e mulheres, nossas opiniões são por vezes muito diferentes. No entanto, com relação a essas crianças, observo que nunca

discordamos.

– Se você fosse tão guiada pela natureza na sua estimativa de homens e

mulheres, e pouco guiada pelo poder da imaginação e do capricho em suas relações com eles como você é com essas crianças, poderíamos sempre pensar da mesma forma.

– Com toda certeza, nossas discordâncias devem sempre surgir do fato de eu estar errada.

– Sim – disse ele, sorrindo. – E do bem da razão. Eu tinha dezesseis anos quando você nasceu.

– Uma diferença material naquela época – ela respondeu –, e sem dúvida você era muito superior ao meu julgamento nesse período das nossas vidas, mas esse lapso de vinte e um anos não aproxima nossos entendimentos muito mais?

– Sim, muito mais.

– Mas ainda assim, nem de perto o suficiente para eu ter uma chance de estar certa se pensarmos diferente.

– Ainda tenho uma vantagem de dezesseis anos de experiência sobre você, e por não ser uma moça bonita e uma criança mimada. Vamos, minha querida Emma, vamos ser amigos, e não tocar mais nesse assunto. Diga à sua tia, pequena Emma, que ela deveria lhe dar um exemplo melhor do que renovar velhas queixas, e que se ela não estivesse errada antes, está agora.

– Isso é verdade! – ela exclamou. – É bem verdade. Pequena Emma, cresça e se torne uma mulher melhor do que sua tia. Seja infinitamente mais inteligente e nem de perto tão vaidosa. Agora, senhor Knightley, uma palavra ou duas mais, e eu terei encerrado. No que diz respeito às boas intenções, ambos estávamos certos, e devo dizer que nenhum efeito no meu lado do argumento se mostrou errado. Eu só quero saber se o senhor Martin não está muito, muito amargamente desapontado.

– Não teria como um homem se desapontar mais – foi a resposta curta e completa.

– Ah! Realmente sinto muito. Venha, troque um aperto de mão comigo.

Isso acabara de acontecer, e com grande cordialidade, quando John Knightley apareceu.

– Como vai, George?

E, logo em seguida:

– John, como vai você?

Tudo no verdadeiro estilo inglês, enterrando em uma calma que parecia quase indiferença o real apego que levaria qualquer um deles, se necessário, a fazer tudo pelo bem do outro.

A noite estava tranquila e boa para conversar, pois o senhor Woodhouse recusara inteiramente as cartas para conversar com sua querida Isabella, e o pequeno grupo se dividiu em dois grupos naturais. De um lado, ele e sua filha; do outro, os dois senhores Knightley. Seus assuntos, totalmente distintos, ou muito raramente se misturando, e Emma só ocasionalmente se juntava a um ou a outro.

Os irmãos falavam de suas próprias preocupações e objetivos, mas principalmente dos do mais velho, cuja personalidade era muito mais comunicativa e que sempre fora o mais falante. Como magistrado, ele geralmente tinha algum ponto de Direito a consultar com John, ou, pelo menos, alguma curiosa anedota a mencionar. Como agricultor, atualizando-o sobre a administração da fazenda familiar em Donwell, ele tinha que contar o que seria plantado em cada campo no ano seguinte e dar todas as informações locais que não falhariam em ser interessantes para um irmão que fizera de lá seu lar pela maior parte da vida e cujas ligações eram fortes. O plano de um dreno, a mudança de uma cerca, o corte de uma árvore e o destino de cada acre para trigo, nabos ou milho da primavera, eram aceitos com igual interesse por John, à medida que seus modos mais frios tornavam possível. E, se seu prestativo irmão deixasse de mencionar qualquer coisa sobre o que ele precisasse perguntar, suas perguntas até se aproximavam de um tom de ansiedade.

Enquanto eles estavam assim confortavelmente ocupados, o senhor Woodhouse desfrutava de um fluxo caudaloso de pesares felizes e afeição temerosa por sua filha.

– Minha pobre e querida Isabella – disse ele, pegando carinhosamente a mão dela, e interrompendo-a, por alguns momentos, nas tarefas com relação a um dos cinco filhos. – Quanto tempo faz! Um tempo terrivelmente longo desde que você esteve aqui! E como você deve estar cansada depois da sua jornada! Deverá ir para a cama cedo, minha querida, e eu recomendo um pouco de mingau para você antes de ir. Você e eu

tomaremos uma boa tigela de mingau juntos. Minha querida Emma, suponho que todos nós deveríamos tomar um pouco de mingau.

Emma não podia supor tal coisa, sabendo, como ela sabia, que ambos os senhores Knightley jamais seriam persuadidos nesse quesito, tanto quanto ela. Assim, pediram-se apenas duas tigelas. Depois de um pouco mais de discurso em louvor ao mingau, com alguns se perguntando por que não era uma refeição feita todas as noites por todas as pessoas, ele procedeu a dizer, com um ar de grave reflexão:

– Foi um negócio estranho, minha querida, você passar o outono em South End em vez de vir aqui. Nunca tive uma opinião muito boa do ar marinho.

– O senhor Wingfield recomendou à exaustão que fôssemos, senhor, ou não teríamos ido. Ele recomendou para todas as crianças, mas particularmente para a fraqueza na garganta da pequena Bella: tanto o ar litorâneo quanto os banhos de mar.

– Ah! Minha querida, mas Perry tinha muitas dúvidas sobre o mar fazer qualquer bem a ela. Já quanto a mim, sempre estive perfeitamente convencido, embora possa nunca ter lhe falado isso antes, de que o mar muito raramente faz bem às pessoas. Tenho certeza de que quase me matou uma vez.

– Ora, ora! – exclamou Emma, sentindo que aquele era um assunto inseguro. – Devo implorar que vocês não falem do mar. Isso me deixa infeliz e com inveja, eu que nunca o vi! South End é um assunto proibido, por gentileza. Minha querida Isabella, não a ouvi ainda fazer uma pergunta sobre o senhor Perry, e ele nunca se esquece de você.

– Oh! O bom senhor Perry. Como ele está?

– Ora, muito bem, mas não tão bem assim. O pobre Perry é bilioso e não tem tempo para cuidar de si (ele me diz que não tem tempo para cuidar de si), o que é muito triste, mas ele é sempre procurado em toda a região. Suponho que não haja um homem com tal prática médica em lugar algum. Se bem que não haja um homem tão inteligente em lugar algum.

– E a senhora Perry e as crianças? Como estão? As crianças estão crescidas? Tenho uma grande consideração pelo senhor Perry. Espero que ele venha fazer uma visita em breve. Ele ficará muito feliz em ver meus

pequenininhos.

– Espero que ele esteja aqui amanhã, pois tenho uma ou duas perguntas de certa importância para lhe fazer. E, minha querida, quando ele vier, é melhor que o deixe dar uma olhada na garganta da pequena Bella.

– Oh! Meu caro senhor, a garganta dela já está tão melhor que já nem me preocupa mais. Ou o banho foi de grande utilidade para ela, ou então a melhora deve ser atribuída a uma excelente dose do unguento do senhor Wingfield, que temos aplicado de vez em quando desde agosto.

– Não é muito provável, minha querida, que o banho tenha sido útil para ela. E se eu soubesse que você estava querendo um unguento, eu teria falado com...

– O senhor me parece ter esquecido da senhora e da senhorita Bates – disse Emma. – Não ouvi o senhor fazer nenhuma pergunta a respeito delas.

– Ah, as boas Bates! Estou quase envergonhada de mim mesma, mas o senhor as menciona em quase todas as suas cartas. Espero que elas estejam bem. A boa e velha senhora Bates. Vou visitá-la amanhã e levar meus filhos. Elas sempre ficam muito contentes em ver meus filhos. E a excelente senhorita Bates! Pessoas tão valiosas! Como elas estão, senhor?

– Ora, muito bem, minha querida, no geral. Mas a pobre senhora Bates teve um resfriado ruim há cerca de um mês.

– Como eu sinto! Mas os resfriados nunca foram tão prevalentes neste outono. O senhor Wingfield me disse que nunca viu os resfriados mais completos ou pesados, exceto quando era, de fato, uma gripe.

– Esse foi bem o caso, minha querida. Mas não no grau que você menciona. Perry diz que os resfriados foram bem completos, mas não tão pesados como

ele geralmente notou em novembro. Perry não classifica esta estação

como uma estação totalmente propensa a doenças.

– Não, sei que o senhor Wingfield não a considera muito propensa a doenças, exceto que...

– Ah! Minha pobre e querida filha, a verdade é que em Londres sempre se está em uma estação propensa a doenças. Ninguém é saudável em Londres, ninguém pode ser. É um fato muito terrível que você tenha sido

forçada a viver lá! Tão distante! E o ar lá é tão ruim!

– Não, de fato, nós não estamos em uma região de ar ruim. Nossa parte de Londres é muito superior à maioria das outras! O senhor não deve nos confundir com a Londres em geral. As redondezas de Brunswick Square são muito diferentes de quase todo o resto. Estamos em local muito arejado! Eu não me disporia a viver em qualquer outra parte da cidade. Não há nenhuma outra na qual eu pudesse me sentir satisfeita em criar meus filhos: mas estamos em local notavelmente arejado! O senhor Wingfield acha que a vizinhança de Brunswick Square sem dúvida é muito favorável no que diz respeito ao ar.

– Ah! Minha querida, não é como Hartfield. Você faz o melhor possível, mas depois de ter passado uma semana em Hartfield, todos vocês são criaturas diferentes, você não parece a mesma pessoa. Agora não posso dizer que acho que algum de vocês esteja com boa aparência no momento.

– Lamento ouvi-lo dizer isso, senhor. Porém, asseguro-lhe que, excetuando as pequenas dores de cabeça nervosas e as palpitações de que nunca estou totalmente livre em nenhum lugar, estou muito bem, e se as crianças estavam um tanto pálidas antes de irem para cama, era apenas porque estavam um pouco mais cansadas do que o habitual, por causa da viagem e da felicidade de virem para cá. Espero que pense melhor da aparência deles amanhã, pois lhe asseguro do que o senhor Wingfield me disse: que ele não acreditava já ter se despedido de nós em tão boa circunstância. Eu confio, pelo menos, que o senhor não esteja achando que o senhor Knightley pareça doente – ela concluiu, voltando os olhos com afetuosa ansiedade na direção do marido.

– Mais ou menos, minha querida, não posso elogiá-la. Acho que o senhor John Knightley está muito longe de parecer bem.

– Qual é o problema, senhor? Falou comigo? – exclamou o senhor John Knightley, ouvindo seu próprio nome.

– Eu sinto muito em descobrir, meu amor, que meu pai não acha que você esteja com uma aparência muito boa, mas espero que seja apenas por estar um pouco fatigado. Eu poderia ter desejado, no entanto, como sabe, que você tivesse visto o senhor Wingfield antes de sair de casa.

– Minha querida Isabella! – exclamou ele, apressadamente. – Não precisa

se preocupar com a minha aparência. Fique satisfeita medicando-se e mimando-se a si mesma e às crianças, e me deixe ter a aparência que eu escolher.

– Não entendi completamente o que o senhor estava dizendo ao seu irmão – declarou Emma – sobre o seu amigo senhor Graham desejando solicitar a um oficial de Justiça da Escócia que cuidasse da sua nova propriedade. Mas qual será a resposta? O velho preconceito não será forte demais?

E ela falou dessa maneira por tanto tempo e com tanto sucesso que, quando foi forçada a dar atenção novamente ao pai e à irmã, não tinha nada pior para ouvir do que a gentil consulta de Isabella por Jane Fairfax, e Jane Fairfax, embora não fosse uma grande favorita sua em geral, estava naquele momento muito feliz em ajudar no elogio.

– Aquela doce e amável Jane Fairfax! – disse a senhora John Knightley.

– Faz tanto tempo que não a vejo, exceto vez ou outra acidentalmente pela cidade! Que felicidade deve ser para a boa e velha avó e excelente tia, quando ela vem visitá-las! Eu sempre lamento excessivamente pela querida Emma que ela não possa estar mais em Highbury. Mas agora a filha deles está casada, então suponho que o coronel e a senhora Campbell não poderão se separar dela de forma alguma. Ela seria uma companheira encantadora para Emma.

O senhor Woodhouse concordou com tudo isso, mas acrescentou:

– A nossa amiguinha Harriet Smith, no entanto, é exatamente outro belo tipo de jovem. Você vai gostar de Harriet. Emma não poderia ter uma melhor companheira do que Harriet.

– Estou muito feliz em ouvir isso, mas a questão é que sabemos que Jane Fairfax é muito talentosa e superior! E exatamente da idade de Emma.

Esse tópico foi discutido muito alegremente, e outros se sucederam de forma igualmente excelente, e passaram em semelhante harmonia. Mas a noite não terminou sem um pequeno retorno de agitação. O mingau veio e forneceu uma boa fonte de assunto, muitos elogios e muitos comentários, o julgamento indubitável de o quanto era saudável para todas as constituições físicas, e filípicas⁵ muito severas sobre as muitas casas nas quais o mingau nunca era tolerável. Infelizmente, entre as falhas que a

filha tinha a mencionar, a mais recente e, portanto, a mais proeminente, era a de sua própria cozinheira em South End, uma moça contratada para o período em que a família passou lá, que nunca tinha conseguido entender o que ela queria dizer quando pedia uma tigela de mingau com textura macia, fino, mas não fino demais. Nas muitas vezes em que teve vontade de tomar mingau e o pediu à cozinheira, nunca tinha conseguido que a moça preparasse nada de tolerável. Ali estava uma abertura perigosa de assunto.

– Ah! – disse o senhor Woodhouse, sacudindo a cabeça e fitando-a com preocupação. A exclamação aos ouvidos de Emma significava: “Ah! Não há fim para as tristes consequências da sua visita a South End. Não vou suportar falar sobre isso”. E, por algum tempo, ela esperou que ele não falasse, e que uma ruminação silenciosa bastasse para restaurá-lo ao prazer de seu próprio mingau de textura macia. Após um intervalo de alguns minutos, no entanto, ele começou com:

– Sempre lamentarei muito que você tenha ido ao litoral neste outono, em vez de vir para cá.

– Mas por que o senhor deveria lamentar? Garanto-lhe que fez muito bem às crianças.

– E, além disso, se você precisa ir para o litoral, seria melhor que não tivesse ido a South End. South End é um lugar insalubre. Perry ficou surpreso ao saber que você havia se fixado em South End.

– Eu sei que essa é uma ideia comum entre muitas pessoas, mas, de fato, é um grande erro, senhor. Todos nós mantivemos uma saúde perfeita lá, sem nunca encontrar nem mesmo a menor inconveniência na lama, e o senhor Wingfield diz que é inteiramente um erro supor que o lugar seja insalubre. Além disso, tenho certeza de que posso confiar nele, pois ele entende totalmente a natureza do ar, e seu próprio irmão e sua própria família já estiveram lá repetidas vezes.

– Você deveria ter ido a Cromer, minha querida, se desejasse ir a qualquer lugar. Uma vez Perry passou uma semana em Cromer e diz que era o melhor lugar para tomar banhos de mar. Um belo mar aberto, ele diz, e um ar muito puro. E, pelo que entendi, lá você poderia ter encontrado acomodações bem distantes do mar, uns quatrocentos metros de distância;

muito confortáveis. Você deveria ter consultado Perry.

– Mas, meu caro senhor, a diferença na viagem... Apenas considere o quanto seria imensa. Cento e sessenta quilômetros, talvez, em vez de sessenta.

– Ah! Minha querida, como diz Perry, quando a saúde está em jogo, não se deve considerar mais nada, e se for para viajar, não há muita escolha entre sessenta quilômetros e cento e sessenta. Melhor nem se dar ao trabalho de sair, melhor ficar em Londres de uma vez, do que viajar sessenta quilômetros para chegar a um ar pior. Isso foi exatamente o que Perry disse. A ele pareceu uma medida muito imprudente.

As tentativas de Emma de deter o pai foram em vão e, quando ele chegou a tal ponto, ela não podia se impressionar pelo fato de o cunhado ter se exaltado.

– O senhor Perry – disse ele, em uma voz de muito desagrado – faria muito bem em guardar a opinião dele para si mesmo até que fosse solicitada. Por que ele se importaria em questionar o que eu faço ou deixo de fazer? O fato de eu levar minha família para uma parte da costa ou outra? Posso ter a permissão, espero, de usar meu próprio julgamento tanto quanto o senhor Perry. Não quero as instruções dele tanto quanto não quero os medicamentos. – Ele fez uma pausa. E, então, em tom mais frio a cada instante, acrescentou, com puro sarcasmo: – Se o senhor Perry puder me dizer como transportar uma esposa e cinco filhos por uma distância de cento e sessenta quilômetros sem maiores gastos ou inconvenientes do que uma distância de sessenta, eu estaria mais que disposto a preferir Cromer a South End, exatamente como ele.

– Verdade, verdade – exclamou o senhor Knightley, com a mais pronta interposição. – É bem verdade. Isso é uma consideração a se fazer. Mas então, John, sobre o que eu estava lhe dizendo a respeito da minha ideia de mudar o caminho para Langham, de direcionar mais para a direita, para que ele não atravessasse os nossos campos, não posso conceber nenhuma dificuldade. Eu não tentaria isso se percebesse que seria uma fonte de inconveniências para as pessoas de Highbury, mas se você pensar exatamente no trajeto atual do caminho... A única maneira de provar, no

entanto, seria nos voltarmos para os nossos mapas. Verei você em Donwell Abbey amanhã de manhã, espero, e então vamos analisar esses mapas e você me dará a sua opinião.

O senhor Woodhouse ficou um tanto agitado por aquelas reflexões tão ásperas em relação a seu amigo Perry, a quem ele atribuía, embora não conscientemente, muitos dos seus sentimentos e expressões. Porém, as atenções tranquilizadoras das suas filhas pouco a pouco removeram aquele momentâneo desconforto e o imediato alerta de um dos irmãos e as melhores lembranças do outro impediram qualquer renovação desses males.

Capítulo 13

Difícilmente poderia haver uma criatura mais feliz no mundo do que a senhora John Knightley, naquela curta viagem a Hartfield, passando cada manhã entre seus velhos conhecidos com seus cinco filhos e conversando sobre o que ela tinha feito todas as noites com o pai e a irmã. Nada a fazia desejar algo diferente de que os dias não passassem tão depressa. Foi uma visita deliciosa, perfeita, ainda que tão curta.

Em geral, suas noites eram menos passadas entre amigos do que as manhãs. Porém, um compromisso de jantar completo, e fora da casa inclusive, não poderia ser evitado: o Natal. O senhor Weston não aceitaria um “não” como resposta, todos deveriam jantar em Randalls um dia, até mesmo o senhor Woodhouse foi persuadido a pensar que seria algo possível para evitar que o grupo não fosse separado.

Sobre a forma como todos precisariam ser transportados, ele teria criado dificuldade se pudesse, mas como a carruagem e os cavalos de seu filho e filha estavam de fato em Hartfield, ele não foi capaz de fazer mais do que uma simples pergunta sobre esse assunto, quase não chegava a uma dúvida e também não exigiu muito de Emma para que o convencesse de que, em uma das carruagens, encontrariam espaço também para Harriet.

Harriet, o senhor Elton e o senhor Knightley, seu próprio grupinho especial, foram as pessoas convidadas para encontrá-los. Sairiam cedo e haveria poucos convidados. Os hábitos e as inclinações do senhor

Woodhouse foram consultados para tudo.

Na noite anterior a esse grande evento (pois era um evento muito grande se o senhor Woodhouse jantaria fora no dia 24 de dezembro), Harriet passou em Hartfield e depois voltou para casa muito indisposta com um resfriado. Não fosse por seu desejo veemente de ser cuidada pela senhora Goddard, Emma não poderia ter permitido que ela saísse da casa. Emma foi visitá-la no dia seguinte e encontrou sua sina já traçada com relação a Randalls. Ela estava muito febril e tinha uma forte dor de garganta: a senhora Goddard estava cheia de carinho e afeto, o senhor Perry foi mencionado, e a própria Harriet estava doente e cabisbaixa demais para resistir à autoridade que a excluiria daquele compromisso delicioso, embora ela não pudesse falar de sua perda com muitas lágrimas.

Emma ficou sentada com ela o máximo que pôde, para atendê-la nas ausências inevitáveis da senhora Goddard, e elevou seu ânimo ao representar

o quanto o senhor Elton ficaria deprimido quando soubesse de seu estado. Por fim, Emma a deixou toleravelmente confortável na doce confiança de que ele teria uma visita muito desconsolada e que todos sentiriam muito a sua falta. Emma não tinha avançado muitos metros da porta da senhora Goddard, quando foi recebida pelo próprio senhor Elton, evidentemente vindo em direção à casa, e enquanto caminhavam lentamente juntos em conversas sobre a enferma sobre quem ele, nos rumores de uma doença considerável, buscava notícias para que pudesse levar alguma informação a respeito para Hartfield. Ambos foram alcançados pelo senhor John Knightley, que retornava de sua visita diária a Donwell com seus dois meninos mais velhos, cujas faces saudáveis e brilhantes mostravam todos os benefícios de uma corrida no campo, e pareceu garantir uma rápida remessa de carneiro assado e pudim de arroz pelos quais estavam voltando para casa às pressas. Uniram-se e prosseguiram juntos. Emma estava apenas descrevendo a natureza da reclamação de sua amiga, uma garganta muito inflamada, uma boa dose de febre, um pulso rápido e fraco. E ela lamentou descobrir por intermédio da senhora Goddard que Harriet era propensa a dores de gargantas bem ruins e, com frequência a alarmavam.

O senhor Elton pareceu todo preocupado na ocasião, ao que ele exclamou:

– Uma dor de garganta! Espero que não seja infecciosa. Espero que não seja um tipo infeccioso e purulento. Perry já a viu? De fato a senhorita deve tomar conta de si assim como da sua amiga. Permita-me lhe suplicar que não corra riscos. Por que Perry não a vê?

Emma, que na verdade não estava nem um pouco assustada, tranquilizou aquele excesso de apreensão com as garantias da experiência e do cuidado da senhora Goddard. No entanto, como ainda deveria haver um grau de inquietação qual ela não poderia descartar racionalmente, que o fazia preferir alimentar e auxiliar a não fazer isso, ela acrescentou logo em seguida, quase como se fosse um outro assunto:

– Está tão frio, tão frio, e a aparência e a sensação é tão assemelhada à neve que se fosse qualquer outro lugar ou com qualquer outro grupo de pessoas, eu realmente tentaria não sair hoje e dissuadir meu pai de se aventurar também. Só que, como ele já se decidiu, e não parece sentir o frio, não gosto de interferir, pois sei que seria uma grande decepção para o senhor e para a senhora Weston. Mas, tenha a minha palavra, senhor Elton, no seu caso, eu certamente deveria pedir licença para não ir. O senhor já me parece um pouco rouco, e quando consideramos as demandas da voz e a fadiga que o dia de amanhã trará, eu acho que não seria mais do que bom senso ficar em casa e se cuidar esta noite.

O senhor Elton parecia não saber muito bem qual resposta deveria dar; qual era exatamente o caso; porque, embora muito satisfeito com o cuidado gentil de uma dama tão bela, e não gostando de resistir a qualquer conselho seu, não tinha realmente a menor inclinação para desistir da visita. Emma, no entanto, muito ansiosa e ocupada em suas próprias concepções e pontos de vista para ouvi-lo imparcialmente, ou para enxergá-lo com uma visão clara, estava muito satisfeita com o reconhecimento resmungado do senhor Elton de estar “muito frio, certamente muito frio” e seguiu em frente,

regozijando-se por tê-lo removido de Randalls, e assegurado-lhe o poder de pedir notícias de Harriet a cada hora da noite seguinte.

– O senhor faz muito bem – disse ela. – E daremos suas desculpas para o

senhor e senhora Weston.

Porém, mal ela tinha falado, quando se deparou com seu irmão cortesmente oferecendo um assento na sua carruagem e, se o mau tempo era a única objeção do senhor Elton, este aceitou a oferta com uma satisfação muito imediata. Estava acertado: o senhor Elton iria, e nunca seu rosto amplo e bonito expressou mais prazer do que naquele momento, pois nunca seu sorriso fora mais forte, nunca seus olhos exultaram mais do que quando ele olhou para ela

em seguida.

– Bem – ela disse para si mesma – isso é muito estranho! – Depois de eu tê-lo livrado tão bem, escolher o compromisso social e deixar Harriet doente para trás! Muito estranho mesmo! Mas acredito que para muitos homens, especialmente homens solteiros, tal inclinação, uma paixão tão grande por jantar fora, um jantar, goza de um patamar tão elevado na lista de prazeres de que eles desfrutam, que seus compromissos, suas dignidades, quase seus deveres, quase tudo dá lugar a isso. Este deve ser o caso com o senhor Elton, um rapaz muito valioso, amável, agradável, sem dúvida, e muito apaixonado por Harriet. Porém, ainda assim, ele não pode recusar um convite, deve jantar fora sempre que lhe solicitam. Que coisa estranha é o amor! Ele consegue ver a inteligência em Harriet, mas não quer jantar sozinho por causa dela.

Pouco depois, o senhor Elton os deixou, e ela não pôde deixar de ser justa com ele, observando que havia uma grande dose de sentimento em sua maneira de dizer o nome de Harriet ao se despedir, no tom de sua voz ao assegurar que ele deveria visitar a senhora Goddard para ter notícias de Harriet, a última coisa antes de ele se preparar para a felicidade de encontrá-la novamente, quando ele esperava poder fazer um relato melhor, e suspirou e sorriu de uma forma que deixou a balança da aprovação pendendo muito a seu favor.

Depois de alguns minutos de silêncio entre eles, John Knightley

começou com:

– Nunca na minha vida vi um homem mais intencionado em ser agradável do que o senhor Elton. Ele faz todos os esforços possíveis

quando é para agradar as senhoras. Com os homens ele pode ser racional e sóbrio, mas quando são as senhoras que ele deseja agradar, todos os recursos entram em ação.

– Os modos do senhor Elton não são perfeitos – respondeu Emma –, mas quando há um desejo de agradar, há que se fazer concessões, e muitas. Quando um homem faz o seu melhor mesmo que com poderes moderados, ele terá a vantagem sobre a superioridade negligente. Há um bom humor e uma boa vontade tão perfeitos no senhor Elton que só podem ser valorizados.

– Sim – disse o senhor John Knightley em seguida, com alguma astúcia –, ele parece ter uma considerável dose de boa vontade para com você.

– Para comigo! – ela respondeu com um sorriso de espanto. – Está imaginando que sou o objeto de interesse do senhor Elton?

– Esse pensamento me ocorreu, eu admito, Emma, e se isso nunca lhe ocorreu antes, pode levar esse fato em consideração agora.

– O senhor Elton apaixonado por mim! Que ideia!

– Não afirmo que seja um fato, mas você faria bem em considerar se é o caso ou não, e regular seu comportamento de acordo. Penso que sua conduta o encoraja. Falo como um amigo, Emma. Acho melhor prestar atenção em si mesma e tomar cuidado com o que faz e com que ideia pretende transmitir.

– Eu lhe agradeço, mas garanto que está completamente enganado. O senhor Elton e eu somos muito bons amigos, e nada mais. – Dito isso, ela seguiu em frente, divertindo-se na consideração dos erros que muitas vezes surgiam de um conhecimento parcial das circunstâncias, dos erros em que as pessoas de altas pretensões ao julgamento estavam sempre incorrendo, e não muito satisfeita com seu irmão por imaginá-la cega e ignorante, e necessitando de conselho. Ele não disse mais nada.

O senhor Woodhouse havia se decidido tão completamente pela visita que, apesar do frio cada vez maior, ele parecia não ter ideia de se intimidar por isso, e partiu, enfim, muito pontualmente com sua filha mais velha em sua própria carruagem, com menos consciência aparente do clima do que qualquer um dos outros, cheio demais com a fascinação do fato de ir e do prazer que era permitir-

-se ir a Randalls para ver que estava frio, e agasalhado demais para sentir a temperatura. O frio, no entanto, era severo, e no momento em que a segunda carruagem estava em movimento, alguns flocos de neve estavam caindo, e o céu tinha a aparência de estar tão sobrecarregado que pareceria querer apenas um ar mais suave para produzir um mundo muito branco em um tempo muito curto.

Emma logo viu que seu companheiro não estava no humor mais feliz. A preparação e a saída em tais condições climáticas, com o sacrifício de seus filhos depois do jantar, eram males e fatores desagradáveis, algo que John Knightley, de maneira nenhuma, gostava. Então ele não antecipou nada na visita que valesse a pena o esforço, e todo o trajeto até o vicariato foi gasto por ele em expressar seu descontentamento.

– Um homem – disse ele – deve ter uma opinião muito boa de si mesmo quando pede às pessoas que deixem sua própria lareira e encontrem um dia como este para irem vê-lo. Ele deve se considerar um sujeito muito agradável. Eu não poderia fazer uma coisa dessas. É o maior absurdo. Está inclusive nevando neste momento! A tolice de não permitir que as pessoas fiquem à vontade em casa, e a loucura das pessoas de não ficarem confortavelmente em casa quando podem! Se fôssemos obrigados a sair em uma noite como esta, por qualquer chamado de dever ou de negócio, que dificuldade encontraríamos. No entanto, aqui estamos nós, provavelmente com roupas um pouco mais finas do que o habitual, avançando voluntariamente, sem desculpa, desafiando a voz da natureza, que diz ao homem, em tudo que é dado à sua visão ou aos seus sentimentos, para ficar em casa e manter abrigado tudo o que possa. No entanto, aqui estamos, avançando para passar cinco horas maçantes na casa de outro homem, sem nada a dizer ou ouvir que já não foi dito e ouvido ontem, e não pode ser dito e ouvido novamente amanhã. Indo nesse clima sombrio, para retornar provavelmente em um pior. Quatro cavalos e quatro criados destacados para nada além de transportar cinco criaturas ociosas e trêmulas para cômodos mais frios e em companhia pior do que eles poderiam ter tido em casa.

Emma não teve vontade de concordar, o que sem dúvida ele estava habituado a receber, e para rivalizar “É bem verdade, meu amor”, que

geralmente era administrado por sua companheira de viagens. Apesar disso, ela teve resolução o suficiente para se abster de qualquer resposta que fosse. Ela não podia cooperar, ela temia ser briguenta e seu heroísmo chegou apenas ao silêncio. Ela permitiu que ele falasse, e arranhou os óculos, e se embrulhou, sem abrir os lábios.

Eles chegaram, a carruagem girou, o degrau foi baixado e o senhor Elton, arrumado, de negro e sorridente, estava com eles imediatamente. Emma pensou com prazer em alguma mudança de assunto. O senhor Elton era todo obrigação e alegria. Era tão alegre em suas civilidades que ela começou a pensar que ele deveria ter recebido um relato diferente de Harriet do que o que havia chegado a ela. Emma enviara um recado enquanto se vestia e a resposta fora “Na mesma. Não melhorei”.

– O meu relatório da senhora Goddard – disse ela, em seguida – não foi tão agradável como eu esperava: “Não melhorei” foi a minha resposta.

O rosto dele se alongou imediatamente, e sua voz era a do sentimento quando ele respondeu:

– Ah, não! Lamento saber disso. Eu estava a ponto de lhe dizer que quando eu fui até a porta da Sra. Goddard, que foi a ultimíssima coisa que fiz antes de entrar para me trocar, disseram-me que a senhorita Smith não estava melhor, de forma alguma melhor. Em vez disso, estava pior. Muito triste e preocupada. Eu havia me vangloriado de que ela ficaria melhor depois da tal cordialidade que eu sabia que ela recebera durante a manhã.

Emma sorriu e respondeu:

– Minha visita foi útil para a apaziguar a parte nervosa da reclamação, eu espero. Mas nem mesmo eu posso curar uma dor de garganta num passe de mágica. É, de fato, um resfriado muito severo mesmo. O senhor Perry esteve com ela, como o senhor provavelmente ouviu.

– Sim – eu imaginei, isto é, eu não ouvi...

– Ele estava acostumado às queixas dela tais como essa, e espero que amanhã de manhã ele nos traga um relato mais confortável, mas é impossível não sentir desconforto. Uma perda tão triste para o nosso grupo hoje!

– Terrível! Exatamente terrível, sim. Sentiremos a falta dela em

cada instante.

Isso foi muito apropriado, pois o suspiro que acompanhou a declaração foi realmente estimável, mas deveria ter durado mais tempo. Emma ficou bastante desanimada quando, apenas meio minuto depois, ele começou a falar de outras coisas e numa voz de maior entusiasmo e prazer.

– Que excelente artimanha – disse ele –, o uso de uma pele de carneiro para carruagens. Como elas tornam a viagem confortável. É impossível sentir frio com tais precauções. Os artifícios dos dias modernos tornaram a carruagem de um cavalheiro perfeitamente completa. Fica-se tão cercado e protegido das intempéries, que nem mesmo um sopro de ar encontra seu caminho se o não deixarmos. O clima se torna absolutamente sem importância. É uma tarde muito fria, mas nesta carruagem não sabemos nada do assunto. Ah! Vejo que está nevando um pouco.

– Sim – disse John Knightley –, e acho que teremos uma boa dose disso.

– O clima do Natal – observou o senhor Elton. – Muito oportuno, e podemos nos considerar extremamente afortunados, por não ter começado ontem, de modo a impedir a festa de hoje, o que muito possivelmente poderia ter impedido, pois o senhor Woodhouse dificilmente teria se aventurado se houvesse muita neve no chão. Mas agora isso não tem importância. Esta é realmente a estação de fato para reuniões amigáveis. No Natal, todos convidam seus amigos, e as pessoas pensam pouco até mesmo do pior clima. Eu ficava preso por causa da neve na casa de um amigo pelo menos uma vez por semana. Nada poderia ser mais agradável. Eu iria para passar apenas uma noite, e não conseguiria ir embora até a noite do dia seguinte.

O senhor John Knightley parecia não compreender o prazer, mas disse apenas, friamente:

– Não posso querer ficar preso uma semana por causa da neve em Randalls.

Em outro momento, Emma poderia ter se divertido, mas agora estava espantada demais com o bom humor do senhor Elton para ter outros sentimentos. Harriet parecia bastante esquecida diante da expectativa de uma festa agradável.

– Temos a certeza de lareiras excelentes – continuou ele –, e tudo no

maior conforto. Pessoas encantadoras, o senhor e a senhora Weston. A senhora Weston, de fato, está muito além dos elogios e é exatamente o que se valoriza, tão hospitaleira e tão afeita à companhia. Será um grupo pequeno, mas os grupos pequenos e seletos são os mais agradáveis de todos. A sala de jantar do senhor Weston não acomoda mais do que dez pessoas confortavelmente e, da minha parte, eu preferiria, sob tais circunstâncias, ter dois faltando do que ter dois sobrando. Acho que a senhorita vai concordar comigo – disse, virando com um ar suave para Emma. – Eu acho que certamente terei sua aprovação, embora o senhor Knightley, talvez, por estar acostumado às grandes festas de Londres, possa não compartilhar dos nossos sentimentos.

– Eu não sei nada das grandes festas de Londres, senhor. Eu nunca janto com ninguém.

– De fato! – E em um tom de admiração e pena: – Eu não fazia ideia de que a lei fosse uma escravidão tão grande. Bem, chegará o tempo em que o senhor será pago por tudo isso, quando terá um grande trabalho e um grande deleite.

– Meu primeiro deleite – respondeu John Knightley, ao entrarem pelo portão – será me encontrar na segurança de Hartfield novamente.

Capítulo 14

Cada cavalheiro que entrava na sala de visitas da senhora Weston precisou mudar seu semblante. O senhor Elton precisou compor sua aparência alegre, e o senhor John Knightley, dispersar seu mau humor. O senhor Elton precisava sorrir menos, e o senhor John Knightley precisava sorrir mais para que ambos se ajustassem ao local. Emma só podia ser espontânea e se mostrar feliz como era. Para ela, era um verdadeiro prazer estar com os Weston. O senhor Weston era um grande favorito e não havia uma criatura no mundo para quem ela falasse com tanta franqueza do que para a esposa dele; não havia nenhuma pessoa para a qual ela relatasse com tamanha convicção de ser ouvida e entendida, de ser sempre interessante e sempre inteligível, pelos pequenos assuntos, arranjos, perplexidades e prazeres de seu pai e de si mesma. Não havia nada em

Hartfield a que a senhora Weston não tivesse um vivo interesse, e metade de uma hora de comunicação ininterrupta, de todas aquelas pequenas questões das quais depende a felicidade diária da vida privada, foi uma das primeiras gratificações de ambas.

Esse foi um prazer que talvez a visita do dia inteiro podia não proporcionar, o que certamente não podia ser previsto naquela meia hora. Mas Emma agradecia pela visão da senhora Weston, por seu sorriso, por seu toque, e ela se decidiu pensar o mínimo possível nas peculiaridades do senhor Elton, ou em qualquer outra coisa desagradável, e aproveitar tudo o que era agradável ao máximo possível.

O infortúnio do resfriado de Harriet tinha basicamente passado antes que Emma chegasse a Randalls. O senhor Woodhouse já estava sentado em segurança por tempo suficiente para contar a história, além de toda a história de sua própria vinda e a de Isabella, e de Emma vir na sequência, e acabava de chegar ao fim de sua satisfação por James vir ver sua filha, quando os outros apareceram, e a senhora Weston, que tinha dedicado totalmente sua atenção a ele, pôde se virar e dar as boas-vindas à querida Emma.

O projeto de Emma de esquecer o senhor Elton por um instante a fez lamentar descobrir, quando todos foram direcionados a seus lugares, que ele ficaria perto dela. Foi grande a dificuldade de desviar de sua mente a estranha insensibilidade do senhor Elton em relação a Harriet, enquanto ele não só estava sentado ao seu lado, como também virando o semblante para ela o tempo todo a fim de chamar sua atenção e, solicitamente, dirigindo-se a ela em todas as ocasiões. Em vez de esquecê-lo, seu comportamento era tal que ela não podia evitar a sugestão interna de “pode realmente ser como meu irmão imaginou? É possível que este homem esteja começando a transferir seu afeto de Harriet para mim? Absurdo e insuportável!” Ainda assim, ele estava tão ansioso para saber se ela estava perfeitamente aquecida, tão interessado em saber sobre o pai dela e tão encantado com a senhora Weston, e começara a admirar os seus desenhos com tanto zelo e tão pouco conhecimento que lhe parecia um terrível possível pretendente. Emma precisou de algum esforço para preservar suas boas maneiras. Para o seu bem, ela não poderia ser

grosseira e, pelo bem de Harriet, na esperança de que tudo fosse acabar bem, ela foi definitivamente cortês. Mas era um esforço, especialmente quando algo estava acontecendo entre os outros, no período mais poderoso da falta de sentido do senhor Elton, algo que ela particularmente desejava ouvir. Ela ouviu o suficiente para saber que o senhor Weston estava dando algumas informações sobre seu filho, então ela ouviu as palavras “meu filho” e “Frank” repetidas várias vezes e, de algumas outras sílabas, suspeitava que ele estivesse anunciando uma visita próxima de seu filho. Mas antes que ela pudesse silenciar o senhor Elton, o assunto já havia evoluído de tal forma que qualquer pergunta sua que pudesse ressuscitá-lo seria considerada estranha.

Muito bem: acontecia que, apesar da resolução de Emma de que nunca fosse se casar, havia algo no nome, na ideia do senhor Frank Churchill que sempre a interessava. Ela tinha frequentemente pensado, em especial desde o casamento do senhor Weston com a senhorita Taylor que, se ela fosse se casar, ele era uma pessoa que combinava com ela em idade, em caráter e em condição. Ele parecia, por essa conexão entre as famílias, ser destinado a ela. Ela não podia deixar de supor que era uma união que todos os que os conheciam deviam considerar. Que o senhor e a senhora Weston tivessem essa opinião, ela estava muito convencida e, embora não pretendesse ser induzida por ele, ou por nenhuma outra pessoa, a abrir mão de uma situação que ela acreditava ser melhor e mais plena do que qualquer outra pela qual ela pudesse trocar, ela tinha uma grande curiosidade de vê-lo, uma intenção decidida de achá-lo agradável, de que ele gostasse dela em algum nível, e um tipo de prazer na ideia de eles estarem sendo unidos na mente de

seus amigos.

Com tais sensações, as civilidades do senhor Elton foram terrivelmente inoportunas. Mas Emma tinha o conforto de parecer muito educada, embora se sentisse muito zangada, e de pensar que o resto da visita não poderia passar sem que aquela informação, ou a substância dela, fosse trazida à tona novamente pelo franco senhor Weston. E assim foi, pois, quando foi liberada, felizmente, do senhor Elton e se sentou ao lado do

senhor Weston para o jantar, este usou o primeiríssimo intervalo nos cuidados da hospitalidade, o primeiríssimo intervalo no lombo de carneiro, para lhe dizer:

– Só nos faltam mais duas pessoas para formar o grupo perfeito. Eu gostaria de ver mais dois aqui: sua linda amiguinha, a senhorita Smith, e meu filho. E então eu poderia dizer que estamos completos. Creio que você não me ouviu dizendo aos outros na sala de visitas que estamos esperando Frank. Recebi uma carta dele esta manhã e ele estará conosco dentro de quinze dias.

Emma falou com um grau muito decoroso de alegria pela notícia e concordou plenamente com a sugestão de o senhor Frank Churchill e a senhorita Smith completarem o grupo.

– Ele tem vontade de vir nos visitar – continuou o senhor Weston – desde setembro. Cada carta menciona essa ideia, mas ele não pode dispor do próprio tempo como deseja. Ele tem que agradar aqueles que precisam ser agradados e quem (cá entre nós) às vezes só são agradados com uma grande dose de sacrifícios. Mas agora não duvido de que o verei aqui na segunda semana de janeiro.

– Que grande prazer será para o senhor! E a senhora Weston está tão ansiosa para conhecê-lo, que deve estar quase tão ansiosa quanto o senhor.

– Sim, ela deve estar, mas acha que ele acabará desmarcando novamente. Ela não acredita que ele venha tanto quanto eu: mas não conhece as pessoas tão bem quanto eu. Neste caso, veja (mas isso é só cá entre nós: não mencionei uma sílaba disso na outra sala. Há segredos em todas as famílias, a senhorita sabe). O caso é, que um grupo de amigos foi convidado a fazer uma visita a Enscombe em janeiro, e assim a vinda de Frank depende de eles cancelarem. Se eles não cancelarem, ele não poderá vir. Mas eu sei que cancelarão, pois é uma família de que uma certa dama, de alguma importância em Enscombe, não gosta. E, embora se acredite que seja necessário convidá-los uma vez a cada dois ou três anos, eles sempre declinam quando chega na hora. Eu não tenho a menor dúvida sobre o assunto. Estou tão confiante em ver Frank aqui antes de meados de janeiro, quanto em eu mesmo estar aqui, mas sua boa amiga ali – ele acenou para a outra extremidade da mesa – tem tão poucos caprichos, e

tem sido tão pouco acostumada a eles em Hartfield, que ela não pode calcular seus efeitos, como eu, durante muito tempo, tive a oportunidade de calcular.

– Eu sinto muito que deva haver algo como dúvida no caso – respondeu Emma –, mas estou disposta a ficar do seu lado, senhor Weston. Se acha que ele virá, eu devo pensar o mesmo, pois o senhor conhece Enscombe.

– Sim, tenho algum direito a esse conhecimento, embora eu nunca tenha estado naquele lugar em toda a minha vida. Ela é uma mulher estranha! Porém, nunca me permito falar mal dela por causa de Frank, porque acredito que ela goste muito dele. Eu costumava pensar que ela não seria capaz de gostar de ninguém a não ser de si mesma, mas ela sempre foi boa para ele (à maneira dela, permitindo pequenos gostos e caprichos, e esperando que tudo fosse da forma como ela gosta). E não é pouca coisa, na minha opinião, que ele deva motivar tal afeto; pois, embora eu não diga para mais ninguém, ela não tem mais coração do que uma pedra para as pessoas em geral, e um temperamento dos diabos.

Emma gostou tanto do assunto, que começou a discuti-lo com a senhora Weston, logo após terem passado para a sala de estar, desejando-lhe alegria, embora observasse que ela sabia que o primeiro encontro deveria ser um tanto preocupante. O senhor Weston concordou, mas acrescentou que ela ficaria muito contente de ter a segurança de passar pela ansiedade do primeiro encontro quando o momento chegasse.

– Pois não posso crer que ele venha. Não posso ser tão otimista quanto o senhor Weston. Tenho muito medo de que acabará resultando em nada.

O senhor Weston, ousei dizer, está lhe dizendo exatamente em que situação está esta questão?

– Sim. Parece não estar dependendo de nada além do mau humor da senhora Churchill, o que imagino ser a coisa mais certa do mundo.

– Minha Emma! – respondeu a senhora Weston, sorrindo. – Qual é a certeza do capricho? – Então, voltando-se para Isabella, que não tinha estado presente antes: – Minha querida senhora Knightley, deve saber que não estamos tão certos de ver o senhor Frank Churchill, na minha opinião, como o pai dele pensa. Esse acontecimento depende totalmente dos

humores e dos prazeres da tia dele. Em resumo, depende do gênio dela. A vocês, a minhas duas filhas, eu posso me aventurar a dizer a verdade. A senhora Churchill governa Enscombe, e é uma mulher de temperamento muito volátil. Para que ele venha agora em janeiro ela precisa estar disposta a poupá-lo.

– Ah, a senhora Churchill. Todo mundo conhece a senhora Churchill

– respondeu Isabella. – E eu tenho certeza de nunca pensar naquele pobre rapaz sem que seja com a maior compaixão. Viver constantemente com uma pessoa de gênio ruim deve ser terrível. É algo que nós, felizmente, nunca encontramos por aqui. Deve ser uma vida de tristeza. Que bênção que ela nunca teve nenhum filho! Pobres criaturinhas, como ela os teria feito infelizes!

Emma desejou estar sozinha com a senhora Weston, então deveria ter ouvido mais: a senhora Weston falaria com ela usando um grau de franqueza que não ousaria ter na frente de Isabella e, ela realmente acreditava, dificilmente tentaria lhe ocultar qualquer coisa que dissesse respeito aos Churchill, exceto aquelas visões do rapaz, sobre o qual a imaginação de Emma já tinha fornecido um conhecimento instintivo. Mas no momento não havia mais nada a ser dito. O senhor Woodhouse logo as seguiu até a sala de visitas. Ficar sentado muito tempo depois do jantar era um confinamento que ele não podia suportar. Nem o vinho nem a conversa ajudavam, e alegremente ele se retirou para junto daquelas com quem estava sempre à vontade.

Enquanto ele falava com Isabella, no entanto, Emma encontrou uma oportunidade de dizer:

– E assim a senhora não considera essa visita do seu enteado de nenhuma forma uma certeza. Eu sinto muito por isso. As apresentações devem ser desagradáveis, sempre que ocorrem, e quanto antes terminarem, melhor.

– Sim, e todo atraso nos deixa mais apreensivas sobre outros atrasos. Mesmo que essa família, os Braithwaite, declinem do convite, ainda receio que ele encontre alguma desculpa para nos desapontar. Não posso suportar imaginar qualquer relutância da parte dele. Porém, tenho certeza de que é um grande desejo dos Churchill manter o filho do senhor Weston com eles.

Há ciúmes envolvido. Eles têm ciúmes até mesmo do pai. Em suma, não sinto nenhuma certeza de que ele venha, e eu gostaria que o senhor Weston fosse menos otimista.

– Ele virá – disse Emma. – Se ele puder ficar apenas alguns dias, ele virá, e acho difícil conceber que um rapaz não possa ter voz nessa decisão. Já quanto a uma moça, se ela cair em más mãos, pode ser provocada a ficar longe daqueles de quem ela deseja estar perto. Mas não se pode compreender que um rapaz esteja sob tal restrição de não poder passar uma semana com o pai, se ele desejar.

– É preciso estar em Enscombe e conhecer os costumes da família antes de decidir sobre o que ele pode fazer – respondeu a senhora Weston. – Seria bom usar a mesma cautela, talvez, para julgar a conduta de qualquer indivíduo de qualquer família. No entanto, Enscombe, eu acredito, certamente não deve ser julgada por regras generalizantes: ela é muito irracional e tudo sai do jeito dela, com certeza.

– Mas ela gosta muito do sobrinho: ele é um grande favorito dela. Agora, de acordo com a minha ideia da senhora Churchill, seria muito natural que, embora ela não faça nenhum sacrifício em nome do bem-estar do marido, para quem ela deve tudo, enquanto ela se vale de caprichos incessantes para com ele, ela frequentemente deveria ser governada pelo sobrinho, para quem ela não deve nada.

– Minha queridíssima Emma, não finja, com seu temperamento doce, entender um temperamento mau, ou tecer regras para ele. Você deve deixar as coisas seguirem seu curso. Não tenho dúvidas de que ele tenha, às vezes, considerável influência. No entanto, pode ser perfeitamente impossível para ele saber de antemão quando isso será.

Emma ouviu e depois disse friamente:

– Eu não ficarei satisfeita, a menos que ele venha.

– Ele pode ter uma grande influência em alguns pontos – continuou a senhora Weston – e, em outros, muito pouca. Entre esses, nos quais ela não pode ter voz, é bem provável, pode estar exatamente a circunstância da vinda dele para nos visitar.

Capítulo 15

O senhor Woodhouse logo estava pronto para o chá e, quando o bebeu, estava pronto para ir para casa, e suas três companheiras já tinham se esforçado muito para dissuadi-lo da ideia de que já estava tarde, quando os cavalheiros apareceram. O senhor Weston estava conversador e sociável e não gostava que ninguém fosse embora cedo. No entanto, logo o grupo da sala de estar ficou maior. O senhor Elton, de muito bom humor, foi um dos primeiros a entrar. A senhora Weston e Emma estavam sentadas juntas em um sofá. Ele se aproximou delas imediatamente e, praticamente sem convite, sentou-se entre elas.

Emma, também de bom humor, pela diversão que lhe proporcionava a expectativa do senhor Frank Churchill, estava disposta a esquecer as últimas impropriedades e ficar tão satisfeita com a sua presença quanto antes e, ao fazer de Harriet seu primeiro assunto, estava pronta para ouvir, com os sorrisos mais amigáveis.

Ele se declarou extremamente ansioso em relação à bela amiga – sua bela, adorável e gentil amiga. – Ela sabia? Tinha ouvido alguma coisa sobre ela desde que estavam em Randalls? Ele sentiu muita ansiedade. Ele deveria confessar que a natureza da queixa dela o alarmava consideravelmente. E nesse estilo ele falou por algum tempo, de forma muito cortês, não prestando muita atenção a nenhuma resposta, mas totalmente alerta para os horrores de uma forte dor de garganta, e Emma mostrou-se muito solidária com ele.

Entretanto, finalmente parecia uma reviravolta perversa, parecia ao mesmo tempo que ele estava mais preocupado em ser uma dor de garganta forte por causa de Emma do que por causa de Harriet, mais ansioso que Emma pudesse escapar da infecção do que de a queixa não ser uma infecção. Com grande seriedade, ele começou a dizer que ela não deveria visitar o quarto da doente outra vez, por enquanto. Começou a pedir para ela prometer não se aventurar em tal perigo até que ele tivesse visto o senhor Perry e soubesse a opinião dele. E, embora Emma tentasse rir e não dar importância para aquilo e trazer o assunto de volta ao seu curso normal, não havia como pôr um fim à extrema solicitude do senhor Elton

em relação a ela. Emma ficou irritada. O que parecia exatamente, e não havia como esconder, era a pretensão de ele estar apaixonado por ela e não por Harriet, ou seja, uma inconsistência, se real, da mais desprezível e abominável! E ela teve dificuldade em domar sua exaltação de humores. Ele se voltou para a senhora Weston para lhe implorar ajuda. Ela não o apoiaria? Não acrescentaria sua persuasão à dele para induzir a senhorita Woodhouse a não ir à casa da senhora Goddard até ter certeza de que a doença da senhorita Smith não fosse infecciosa? Ele não poderia ficar satisfeito sem uma promessa. A senhora Weston não uniria sua influência à dele para conseguir seu fim?

– Tão escrupulosa pelos outros – continuou ele – e, ainda assim, tão descuidada por si mesma! Ela queria que eu cuidasse do meu resfriado e ficasse em casa hoje, porém não quer prometer que evitará o perigo de ela mesma pegar uma dor de garganta ulcerosa. Isso é justo, senhora Weston? Seja a nossa juíza. Não tenho algum direito de reclamar? Tenho a certeza do seu apoio e ajuda.

Emma viu a surpresa da senhora Weston, e sentiu que deveria ser grande, tendo em vista um apelo a ela que, em palavras e modos, o senhor Elton estava assumindo para si o direito de ter o primeiro interesse por Emma. Já quanto a si mesma, Emma sentiu-se muito provocada e ofendida para ter o poder de dizer abertamente qualquer coisa para aquela finalidade. Ela só conseguiu direcionar-lhe um olhar, mas era um olhar que ela achava que deveria ser suficiente para fazê-lo recuperar o bom senso e então deixou o sofá, removendo-se para um assento ao lado da irmã, dedicando a ela toda a sua atenção.

Ela não teve tempo de saber como o senhor Elton aceitara a reprovação, já que outro assunto se seguiu a isso tão rapidamente. O senhor John Knightley entrou na sala, depois de ter examinado as condições climáticas, e abriu a porta com a informação de que o terreno estava coberto de neve e que ainda estava nevando de forma volumosa, com fortes correntes de vento. Concluiu então com essas palavras para o senhor Woodhouse:

– Este vai se provar um início animado de seus compromissos de inverno, senhor. Algo novo para o seu cocheiro e seus cavalos, que atravessarão uma tempestade de neve.

O pobre senhor Woodhouse ficou em silêncio consternado, mas todos os outros tinham algo a dizer, todos ficaram surpresos ou não surpresos, e tinham alguma pergunta para fazer ou algum conforto para oferecer. A senhora Weston e Emma tentaram sinceramente alegrá-lo e desviar sua atenção do genro, que estava perseguindo seu triunfo de forma bastante insensível.

– Admirei muito a sua resolução, senhor – disse ele – em se aventurar com um tempo tão ruim, pois, é claro, o senhor viu que nevaria em breve. Todo mundo deve ter visto a neve chegando. Admirei seu espírito e ousar dizer que chegaremos em casa muito bem. Mais uma ou duas horas de neve dificilmente tornarão a estrada intransponível, e nós estamos em duas carruagens e se uma for carregada pelo vento na pior parte do campo comum, haverá a outra à mão. Ouso dizer que estaremos todos a salvo em Hartfield antes da meia-noite.

O senhor Weston, com triunfo de um tipo diferente, confessou que sabia que estava nevando havia algum tempo, mas não disse uma palavra, para não deixar o senhor Woodhouse desconfortável, e para isso não ser usado como uma desculpa para ele querer retornar às pressas. Quanto a qualquer quantidade de neve no solo ou que pudesse ainda cair para impedir seu retorno, isso era uma mera piada, ele receava que não fossem encontrar dificuldade alguma. Ele desejava que a estrada estivesse intransponível, que pudesse mantê-los todos em Randalls e, com o máximo de boa vontade, tinha certeza de que seria possível encontrar acomodação para todos, conclamando a esposa a concordar com ele, que com um pouco de esforço, todos seriam bem acomodados, o que ela mal sabia como fazer, já que tinha conhecimento de haver apenas dois quartos vagos na casa.

– O que deve ser feito, minha querida Emma? O que deve ser feito? – foi a primeira exclamação do senhor Woodhouse e tudo o que ele pôde dizer por algum tempo. Ele apelava a ela em busca de conforto, e suas garantias de segurança, sua representação da excelência dos cavalos e de James, e de terem tantos amigos perto deles, acalmou-o um pouco.

A preocupação da filha mais velha era igual à sua. O horror de ficarem presos em Randalls, enquanto seus filhos estavam em Hartfield, enchia sua imaginação, e considerar que a estrada naquele momento estava em

condições de ser atravessada apenas por pessoas aventureiras, mas em um estado que não admitia nenhuma demora, ela estava ansiosa para resolver a situação: seu pai e Emma deveriam permanecer em Randalls, enquanto ela e o marido deveriam partir o quanto antes para evitar as possíveis acumulações de neve que poderiam impedi-los de retornar.

– Seria melhor pedir a carruagem imediatamente, meu amor – disse ela.

– Ouso dizer que seremos capazes de conseguir se partirmos agora mesmo. E se acontecer algo muito ruim, poderei sair e caminhar. Não tenho medo algum. Não me importo em caminhar pela metade do caminho. Eu poderia trocar os sapatos, sabe, no momento em que chegasse em casa, e não é o tipo de coisa que me causa resfriados.

– De fato! – respondeu ele. – Então, minha querida Isabella, essa é a coisa mais absurda do mundo, pois em geral tudo lhe causa resfriados. Ir caminhando para casa! Seu sapato é bonito demais para você ir caminhando para casa, ousa dizer. Será muito ruim para os cavalos.

Isabella se virou para a senhora Weston em busca de aprovação para o plano. À senhora Weston só restava aprovar. Isabella então tentou Emma. No entanto, Emma não podia desistir tão completamente da esperança de todos conseguirem voltar. Ainda estavam discutindo o assunto, quando o senhor Knightley, que havia saído da sala imediatamente após o primeiro relatório do irmão sobre a neve, retornou. Ele lhes disse que tinha saído ao ar livre para examinar e poderia afirmar não haver a menor dificuldade de chegarem em casa, quando quer que desejassem partir, naquele momento ou dali a uma hora. Tinha ido além do portão, uma certa distância pela estrada de Highbury. A neve não podia ter pouco mais de um centímetro de profundidade. Em muitos lugares mal tinha branqueado o solo, alguns poucos flocos estavam caindo naquele momento, mas as nuvens estavam se abrindo, e tudo indicava que logo passaria. Ele tinha visto os cocheiros, e ambos concordaram com ele em não haver nada para causar apreensão.

Para Isabella, o alívio de tais notícias era muito grande, e não eram muito menos aceitáveis para Emma, no que dizia respeito a seu pai, que, no mesmo instante, ficou tão mais aliviado quanto sua constituição nervosa permitia. Porém, a preocupação levantada não poderia ser apaziguada a

ponto de oferecer qualquer tipo de conforto para ele enquanto continuasse em Randalls. Ele estava satisfeito por não haver perigo presente em voltar para casa, mas nenhuma garantia poderia convencê-lo de que seria seguro ficar, e enquanto os outros insistiam e recomendavam, o senhor Knightley e Emma resolveram a questão em poucas frases:

- Seu pai dará trabalho. Por que não vão?
- Estou pronta se os outros estiverem.
- Devo tocar o sino?
- Sim, por favor.

E o sino tocou e as carruagens foram solicitadas. Mais alguns minutos, e Emma esperava ver um problemático companheiro depositado em sua própria casa, para se acalmar e se tranquilizar, e o outro, recuperar seu bom humor e felicidade quando a visita de dificuldades terminasse.

A carruagem chegou e o senhor Woodhouse, sempre a prioridade em tais ocasiões, foi cuidadosamente conduzido à sua pelo senhor Knightley e pelo senhor Weston. Mas nem tudo o que ambos poderiam dizer seria suficiente para impedir alguma renovação do alarme à vista da neve que tinha realmente caído, e a descoberta de uma noite muito mais escura do que aquela para a qual ele havia se preparado. Ele temia que tivessem um trajeto muito difícil. Ele temia que a pobre Isabella não fosse gostar. E haveria a pobre Emma na carruagem atrás. Ele não sabia o que era melhor fazer. Deveriam se manter o máximo juntos quanto fosse possível e James recebeu instruções de ir muito devagar e esperar pela outra carruagem.

Isabella entrou depois do pai; John Knightley, esquecendo-se de que não pertencia ao grupo daquela carruagem, entrou muito naturalmente atrás de sua esposa; de modo que Emma descobriu, ao ser escoltada e seguida para a segunda carruagem pelo senhor Elton, que a porta seria fechada legitimamente para eles, e que deveriam fazer uma viagem a sós. Não teria sido um instante de constrangimento, em vez disso, teria sido um prazer, antes das suspeitas daquele exato dia. Ela poderia ter conversado com ele sobre Harriet, e a distância de pouco mais de um quilômetro teria parecido trezentos metros. Mas agora, ela preferiria que não tivesse acontecido. Acreditava que ele tinha bebido muito do bom vinho do senhor Weston, e tinha certeza de que ele queria falar bobagens.

Para contê-lo o máximo possível, pelas próprias boas maneiras, ela se preparava imediatamente para falar com a calma e a gravidade sublimes sobre o clima e sobre a noite. Porém, mal tinha começado, mal tinham passado pelo portão e se juntado à outra carruagem, seu assunto foi interrompido,

sua mão foi agarrada e sua atenção foi exigida. O senhor Elton na verdade começou a falar de amor violentamente para ela, aproveitando-se da valiosa oportunidade, declarando sentimentos que já deveriam ser bem conhecidos, esperando, temendo, adorando, pronto para morrer se ela o recusasse;

porém, lisonjeando-se de que seu ardente apego, amor inigualável e paixão sem precedentes, não deixariam de ter algum efeito e, em suma, ele estava muito decidido a ser seriamente aceito o mais breve possível. Realmente foi o que aconteceu. Sem dúvidas, sem desculpas, sem muita desconfiança aparente, o senhor Elton, o cavalheiro apaixonado por Harriet, estava se declarando apaixonado por Emma. Ela tentou impedi-lo, mas foi em vão, pois ele continuaria e diria tudo o que tinha para dizer. Do jeito que ela estava irritada, o pensamento daquele episódio a fez se decidir a se conter quando decidiu falar. Ela achava que metade daquela loucura devia ser o álcool falando e, portanto, podia esperar que passasse depois daquela hora. Assim, com uma mistura de seriedade e brincadeira, que ela esperava se adequarem melhor ao estado ébrio dele, ela respondeu:

– Estou muito espantada, senhor Elton. Isso é para mim! O senhor está se confundindo. Está me tomando pela minha amiga. Se tiver alguma mensagem para a senhorita Smith, eu ficaria contente em transmitir, mas chega disso para mim, por favor.

– A senhorita Smith! Mensagem para a senhorita Smith! Do que ela pode estar falando? – E ele repetiu as suas palavras com tal acento de certeza, tal ostentação de fingimento do espanto, que Emma não pôde deixar de responder logo em seguida:

– Senhor Elton, esta é a conduta mais absurda! E só posso explicá-la de uma maneira: ou senhor está fora de si ou não pode falar dessa maneira nem de mim e nem de Harriet. Controle-se o suficiente para não dizer

mais nada e eu farei um esforço para esquecer.

No entanto, o senhor Elton só tinha bebido vinho o suficiente para elevar os humores, não para confundir seu intelecto. Ele sabia perfeitamente o que estava querendo dizer, e tendo calorosamente protestado contra a suspeita de Emma como uma injúria, e tocando levemente no tema de seu respeito pela

senhorita Smith como amiga dela, mas reconhecendo seu espanto de que

ela devesse sequer ser mencionada, ele retomou o assunto de sua própria paixão, como se em grande urgência de uma resposta favorável.

Pensando menos na bebedeira do senhor Elton e mais em sua inconstância e presunção, e com menos esforços de polidez, ela respondeu:

– É impossível para mim duvidar mais. O senhor foi claríssimo. Senhor Elton, meu espanto é muito maior do que qualquer coisa que eu possa expressar. Depois de tal comportamento como o que testemunhei durante o último mês para com a senhorita Smith, tais atenções que tomei como hábito observar, dirigir-se a mim dessa maneira! E isso em uma inconstância de caráter, de fato, é algo que não imaginei ser possível! Acredite em mim, senhor, estou longe, muito longe, de me sentir gratificada em ser a destinatária de tais declarações.

– Pelos céus! – exclamou o senhor Elton. – Qual pode ser o significado disso? A senhorita Smith! Eu nunca pensei na senhorita Smith durante o curso da minha existência. Nunca destinei atenções a ela que não fossem no caráter de uma amiga sua. Nunca me importei se ela estava viva ou morta, apenas como sua amiga. Se ela imaginou algo diferente, se os próprios desejos dela a induziram ao erro, eu lamento muito, lamento extremamente. Mas a senhorita Smith, de fato! Oh! Senhorita Woodhouse! Quem pode pensar na senhorita Smith, quando a senhorita Woodhouse está por perto! Não, pela minha honra, não há instabilidade de caráter. Eu só pensei na senhorita. Eu protesto contra ter prestado a menor atenção a qualquer outra pessoa. Tudo o que eu disse ou fiz, ao longo destas muitas últimas semanas, foi com a única intenção de pontuar minha adoração à senhorita. Não pode, a sério, duvidar disso. Não! – E com um tom que pretendia ser insinuante: – Tenho certeza de que a senhorita me viu e me

entendeu.

Seria impossível dizer o que Emma sentia ao ouvir isso e qual de todas as suas sensações desagradáveis era a mais forte. Ela ficara completamente sem ação para conseguir responder de imediato: e dois momentos de silêncio foram um grande incentivo para o estado de espírito otimista do senhor Elton: ele tentou pegar a mão dela mais uma vez, ao exclamar alegremente:

– Encantadora senhorita Woodhouse! Permita-me interpretar esse interessante silêncio. Ele confessa que a senhorita me compreende há muito tempo.

– Não, senhor! – exclamou Emma. – Não confessa nada do tipo. Muito longe de ter compreendido o senhor, eu fui induzida ao mais completo erro com respeito a suas visões até este momento. Quanto a mim, sinto muito que o senhor tenha alimentado quaisquer sentimentos. Nada poderia estar mais distante dos meus desejos. Seu apego à minha amiga Harriet, sua busca por ela (a busca, foi o que pareceu) me deu grande prazer e eu desejei muito sinceramente o seu sucesso, mas se eu supusesse que ela não fosse o motivo da sua ligação a Hartfield, certamente teria olhado com desagrado para o fato de as suas visitas serem tão frequentes. Devo acreditar que o senhor nunca buscou se recomendar particularmente à senhorita Smith? Que o senhor nunca pensou seriamente nela?

– Nunca, madame – declarou ele, afrontado, por sua vez. – Nunca, eu garanto. Eu penso seriamente na senhorita Smith! Ela é uma moça muito boa, e eu ficaria feliz em vê-la respeitosamente estabelecida. Desejo-lhe muitíssimo bem e, sem dúvida, há homens que podem não se opor, afinal, todos têm o seu nível. Quanto a mim, não estou, penso eu, tão sem perspectivas assim. Não preciso me sentir totalmente desesperado em não conseguir uma aliança de igualdade a ponto de me dirigir à senhorita Smith! Não, minhas visitas a Hartfield têm sido exclusivamente para a senhorita, e o encorajamento

que recebi...

– Encorajamento! Eu lhe dei encorajamento! O senhor está redondamente enganado em supor tal coisa. Eu o vi apenas como o admirador da minha

amiga. Em nenhuma outra realidade o senhor poderia ter sido mais para mim do que um conhecido comum. Sinto muito, mas é bom que o erro se encerre no que deve se encerrar. Se o mesmo comportamento tivesse continuado, a senhorita Smith poderia ter sido levada a um equívoco sobre o seu ponto de vista; não estando ciente, provavelmente tanto quanto eu, da grande desigualdade à qual o senhor é tão sensível. Mas, da forma como é, a decepção é única e, eu confio, não será duradoura. Não tenho pensamentos de matrimônio no presente.

Ele estava zangado demais para dizer outra palavra; a conduta de Emma, decidida demais para motivar súplicas, e nesse estado de ressentimento crescente e o constrangimento mutuamente profundo, tiveram que continuar juntos por mais alguns minutos, pois os medos do senhor Woodhouse os haviam confinado a um ritmo equivalente a uma caminhada. Se não houvesse tanta raiva, teria havido um constrangimento desesperado. Apesar disso, suas emoções diretas não deixaram espaço para os pequenos ziguezagues de constrangimento. Sem saber quando a carruagem virou em Vicarage Lane, ou quando ela parou, eles se viram, de repente, na porta da casa dele, e ele estava fora da carruagem antes que outra sílaba fosse trocada. Emma então achou indispensável desejar-lhe uma boa noite. O desejo acabou sendo retribuído, com frieza e arrogância e, sob irritação indescritível, ela foi então levada para Hartfield.

Lá ela foi recebida, com o maior deleite, por seu pai, que estava tremendo pelos perigos de uma viagem solitária de Vicarage Lane, virando uma esquina em que ele jamais conseguiria pensar, e em mãos estranhas: um mero cocheiro comum, não James, e parecia que o retorno dela era desejável para deixar tudo em ordem. Afinal, o senhor John Knightley, envergonhado de seu mau humor, agora era todo bondade e atenção e tão particularmente solícito pelo conforto do sogro que parecia, se não completamente pronto para se juntar a ele em uma tigela de mingau, perfeitamente sensível ao fato de a refeição ser saudável. Assim, o dia estava concluindo em paz e conforto para todos do seu pequeno grupo, menos para Emma. Sua mente nunca tinha passado por tal perturbação, e ela precisou de um esforço muito forte para parecer atenta e alegre até a hora usual de se separarem e ela poder encontrar o alívio da tranquila

reflexão.

Capítulo 16

O cabelo estava enrolado, a criada foi dispensada, e Emma sentou-se para pensar e se sentir infeliz. Era realmente um problema dos piores! Tudo o que ela desejava caía por terra! Tal desenvolvimento de tudo o que era mais indesejável! Tal golpe para Harriet! Isso era o pior de tudo. Cada parte trazia dor e humilhação, de um tipo ou de outro. Porém, comparado com o mal que representaria para Harriet, tudo era leve e ela ficaria satisfeita mesmo se tivesse errado ainda mais, se estivesse mais enganada, mais desonrada pelo julgamento equivocado do que ela realmente se sentia, se os efeitos desse engano ficassem confinados apenas a ela mesma.

– Se eu não tivesse persuadido Harriet a gostar do homem, eu poderia ter suportado qualquer coisa. Ele poderia ter duplicado sua presunção por mim, mas a pobre Harriet!

Como ela poderia ter sido tão enganada! Ele protestou que nunca tinha pensado seriamente em Harriet... nunca! Ela refletiu sobre o passado o melhor que pôde, mas tudo era confusão. Ela havia pegado uma ideia, ela supunha, e feito tudo se curvar a ela. A conduta dele, no entanto, devia ter sido indistinta, vacilante, dúbia ou ela não teria sido tão induzida ao erro.

O retrato! Como ele tinha se mostrado solícito em relação ao retrato! E a charada! E uma centena de outras circunstâncias. Como claramente elas deviam apontar para Harriet. Com toda a certeza, a charada, com “pronta sagacidade”, mas então o “olhar suave”, de fato não se adequava a nenhuma delas. Era uma confusão de palavras sem bom gosto ou verdade. Quem poderia ter enxergado além daquele estupidez absurda?

Decerto, ela muitas vezes enxergara, em especial ultimamente, embora a conduta dele para com ela fosse desnecessariamente galante. Mas aquilo passara como o jeito dele, como um mero erro de julgamento, de conhecimento, de bom gosto, como uma prova entre outras de que ele nem sempre vivera entre a nata da sociedade, que, com toda a cortesia de seu modo de se endereçar a ela, a verdadeira elegância às vezes era algo que

faltava. Mas, até aquele exato dia, ela nunca tinha, nem por um instante, suspeitado de que significasse qualquer coisa além de grato respeito por ela como amiga de Harriet.

Ela estava em dívida com o senhor John Knightley, por ter dado a primeira ideia sobre a questão, por ter levantado pela primeira vez tal possibilidade. Não havia como negar que aqueles irmãos tinham poder de compreensão. Emma se lembrou do que o senhor Knightley uma vez lhe dissera sobre o senhor Elton, a cautela que ele tinha demonstrado, a convicção de que ele tinha professado de que o senhor Elton nunca faria um casamento imprudente, e corou de pensar o quanto ele tinha demonstrado conhecimento superior ao seu no que dizia respeito ao caráter do senhor Elton. Era terrivelmente mortificante. Porém, o senhor Elton estava se provando, em muitos quesitos, o exato reverso do que ela intencionava que ele fosse e do que acreditava que ele era: orgulhoso, presunçoso e convencido além de muito cheio das suas próprias preocupações e pouco preocupado com os sentimentos dos outros.

Ao contrário do curso normal das coisas, o fato de o senhor Elton querer se declarar a ela o havia feito afundar no conceito de Emma. Suas declarações e propostas não fizeram nada por ele. Ela não pensava nada daquela ligação e foi insultada por suas esperanças. Ele queria se casar bem. E ter a arrogância de levantar os olhos para ela, fingir estar apaixonado! Mas ela estava perfeitamente despreocupada se ele sofreria qualquer decepção que precisasse ser superada. Não havia nenhum afeto real em sua linguagem ou em sua conduta. Suspiros e belas palavras tinham sido dados em abundância, mas ela dificilmente poderia conceber qualquer conjunto de expressões, ou imaginar qualquer tom de voz, menos aliado ao verdadeiro amor. Ela não precisava se preocupar em ter pena dele. Ele só queria engrandecer e enriquecer a si mesmo, e se a senhorita Woodhouse de Hartfield, a herdeira de trinta mil libras, não fosse tão facilmente conquistada como ele imaginara, ele logo tentaria a senhorita Alguma Outra com vinte, ou com dez mil libras.

Mas, que ele devesse falar de encorajamento, devesse considerá-la ciente das suas opiniões, como se aceitasse suas atenções, intencionasse (em resumo) casar-se com ele!, demonstrava que ele deveria se considerar no

mesmo patamar que ela, em relações ou em inteligência! Menosprezar sua amiga, avaliando tão bem as gradações de status abaixo do dele, e ser tão cego ao que havia acima, a ponto de não achar que estava sendo presunçoso ao se dirigir a ela! Era ofensivo.

Talvez não fosse justo esperar que ele sentisse o quanto ele era inferior em talento e em todas as elegâncias da mente. A própria falta dessa igualdade poderia impedir a percepção dele da situação. Mas o senhor Elton deveria saber que em fortuna e importância ela estava em grande superioridade. Ele deveria saber que os Woodhouse haviam se fincado em Hartfield havia várias gerações, o ramo mais jovem de uma família muito antiga e que os Elton não eram ninguém. A propriedade fundiária de Hartfield certamente era insignificante, apenas um fragmento do que eram as terras de Donwell Abbey, às quais pertenciam o resto de Highbury. Mas sua fortuna, de outras fontes, era tal que os tornaria pouco secundários à própria Donwell Abbey em todos os outros tipos de importância, e fazia muito tempo que os Woodhouse ocupavam um lugar relevante na consideração da região na qual o senhor Elton entrara pela primeira vez não fazia nem dois anos, para se estabelecer da forma que pudesse, sem quaisquer alianças que não fossem em comércio, ou qualquer coisa que o recomendasse, além de sua função e sua civilidade. Mas ele a imaginara apaixonada por ele, o que evidentemente devia ter sido a fonte de sua confiança, e depois de divagar um pouco sobre a aparente incongruência de modos gentis e uma mente vaidosa, Emma foi obrigada, em bom senso e honestidade, a parar e admitir que seu próprio comportamento em relação a ele tinha sido muito complacente e prestativo, tão cheio de cortesia e atenção, uma vez que (supondo que seu verdadeiro motivo não fosse percebido) poderia justificar que um homem de percepção e delicadeza comuns, como o senhor Elton, se considerasse um favorito muito determinado. Se ela houvesse interpretado tão mal os sentimentos dele, não tinha o menor direito de pensar que ele, com o interesse próprio para cegá-lo, pudesse ter confundido o dela.

O primeiro erro e o pior estavam à sua porta. Era tolice, era errado tomar parte tão ativa em unir duas pessoas. Era se aventurar longe demais, presumir demais, tornar leviano o que era para ser sério, um truque para o

que deveria ser simples. Ela estava muito preocupada, envergonhada e resoluta a não fazer mais essas coisas.

– E aqui estou eu – disse ela –, que convenci a pobre Harriet de estar muito apaixonada por esse homem. Ela poderia nunca ter pensado nele, apenas por minha causa, e certamente nunca teria pensado no senhor Elton com esperança, se eu não tivesse lhe assegurado do interesse dele, pois ela é tão modesta e humilde quanto eu costumava pensar que ele fosse. Oh! Que eu tenha me vangloriado em persuadi-la a não aceitar o jovem Martin. Nisso eu estava bem certa. Esse foi um bom trabalho meu, mas eu deveria ter parado, e deixado o resto para o tempo e para o acaso. Eu estava apresentando-a para uma boa companhia e dando-lhe a oportunidade de agradar alguém que merecia ser agradado. Eu não deveria ter feito mais. Mas, agora, pobre menina, sua paz será interrompida por algum tempo. Fui apenas amiga dela em parte, e se ela não quisesse sentir tanto esse desapontamento, tenho certeza de que não conheço mais ninguém que pudesse ser desejável para ela. William Coxe. Ah! Não, não posso suportar William Coxe, um jovem advogado atrevido.

Ela parou para corar e rir de sua própria recaída, e então retomou uma cogitação mais séria, mais desanimadora sobre o que tinha sido, o que poderia ser e o que deveria ser. A explicação angustiante que tinha que dar a Harriet, e a tudo o que a pobre Harriet estaria sofrendo, com o constrangimento de reuniões futuras, as dificuldades de continuar ou cortar relações, de subjugar sentimentos, de ocultar ressentimentos e de evitar o escândalo, eram suficientes para ocupá-la em reflexões nem um pouco alegres por mais algum tempo, e ela foi para a cama, enfim, sem nada resolvido, mas com a convicção de ter cometido um erro tenebroso.

Para a juventude e para a alegria natural, como a de Emma, embora sob a sombra temporária da noite, o retorno do dia dificilmente deixaria de trazer o retorno do bom humor. A juventude e a alegria da manhã formam uma analogia feliz e uma operação poderosa, e se a angústia não for pungente o bastante para manter os olhos abertos, eles certamente se abrirão para sensações de dor suavizada e esperança mais alegre.

Emma levantou-se no dia seguinte mais disposta a consolar-se do que quando se deitara, mais preparada para ver alívios do mal diante de

si e confiar em conseguir sair daquilo de forma tolerável.

Era um grande consolo que o senhor Elton não devesse estar realmente apaixonado por ela ou tão particularmente amável como para tornar chocante desapontá-lo, que a natureza de Harriet não deveria ser daquele tipo superior em que os sentimentos são muito intensos e duradouros. E que não poderia haver necessidade de alguém saber o que havia se passado, exceto os três principais envolvidos, e especialmente para o fato de o pai dela sentir um certo desconforto por causa da situação.

Esses eram pensamentos muito alegres, e a visão de uma grande quantidade de neve no solo desempenhou seu serviço adicional, pois qualquer coisa que pudesse justificar que os três ficassem completamente separados no presente era bem-vinda.

O clima era muito favorável para ela, pois, embora fosse dia de Natal, Emma não poderia ir à igreja. O senhor Woodhouse teria ficado transtornado se sua filha tentasse ir e, portanto, ela estava a salvo de motivar ou receber ideias desagradáveis e muito inadequadas. O chão coberto de neve e a atmosfera naquela situação instável entre o gelo e o degelo, que é o mais hostil para as caminhadas, todas as manhãs começando em chuva ou em neve, e todas as noites congelando, ela ficou muitos dias como uma prisioneira muito honrada. Nenhum relacionamento com Harriet era possível que não fosse por mensagem, nenhuma igreja para ela no domingo mais do que no dia de Natal, e nenhuma desculpa para o senhor Elton estar ausente.

Era o tipo de clima que poderia razoavelmente confinar todos em casa, e embora Emma esperasse e acreditasse que ele estivesse realmente tomando conforto na companhia de uma ou de outra pessoa, era muito agradável ver o pai tão bem satisfeito com o fato de ele ter ficado totalmente sozinho em sua própria casa, muito sábio para se agitar e sair. Era também agradável ouvir seu pai dizer para o senhor Knightley, a quem nenhum tipo de clima poderia impedir de fazer visitas a Hartfield:

– Ah! Senhor Knightley, por que não ficou na sua casa como o pobre senhor Elton?

Esses dias de confinamento teriam sido, a não ser por suas perplexidades particulares, notavelmente confortáveis para Emma, pois tal reclusão se

adequava perfeitamente a seu cunhado, cujos sentimentos eram sempre de grande importância para seus companheiros, e ele havia, além disso, eliminado completamente seu mau humor em Randalls, de forma que sua cortesia nunca lhe falhou durante o resto de sua estada em Hartfield. Ele era sempre cortês e atencioso e falava agradavelmente de todos. No entanto, mesmo com todas as esperanças de alegria e com todo o conforto que havia em protelar aquele desfecho, havia algo de tão perverso pairando sobre ela na hora de se explicar com Harriet, o que tornava impossível para Emma ficar totalmente despreocupada.

Capítulo 17

O senhor e a senhora John Knightley não foram detidos por muito tempo em Hartfield. O tempo logo melhorou o suficiente para aqueles que quisessem partir pudessem partir, e o senhor Woodhouse tendo, como de costume, tentado persuadir sua filha a ficar para trás com todas as crianças, foi obrigado a ver o grupo inteiro partir, e retornar para suas lamentações sobre o destino da pobre Isabella. Esta, por sua vez, passando sua vida com aqueles que ela amava, cheia de seus méritos, cega a seus defeitos, e sempre inocentemente ocupada, poderia ter sido um modelo de correta felicidade feminina.

Na mesma noite em que eles se foram, chegou um recado do senhor Elton ao senhor Woodhouse, um bilhete longo, cortês e cerimonioso para dizer, com os melhores cumprimentos do senhor Elton, que ele pretendia deixar Highbury na manhã seguinte a caminho de Bath; onde, de acordo com as súplicas insistentes de alguns amigos, ele havia se comprometido a passar algumas semanas, e lamentava muito a impossibilidade de, sob várias circunstâncias de tempo e tarefas, pedir a licença pessoal do senhor Woodhouse, a cujas cortesias amigáveis ele sempre seria grato e, caso o senhor Woodhouse tivesse quaisquer ordens, ele ficaria muito feliz em cumpri-las.

Emma ficou agradavelmente surpresa. A ausência do senhor Elton naquele momento era exatamente o que ela desejava. Ela o admirava por criar aquele artifício, embora não fosse suficiente para lhe dar nenhum

crédito pela maneira como fora anunciado. O ressentimento não poderia ter sido mais claramente pronunciado do que em civilidade ao pai dela, sendo que ela estava sendo tão claramente excluída. Ela não teve nem sequer uma parte nas cortesias iniciais. Seu nome não fora mencionado, e havia uma mudança tão impressionante em tudo aquilo, e uma solenidade tão imprópria em pedir permissão para viajar em meio àquela exibição de respeito que seu pai não poderia deixar de suspeitar.

Mas ele não suspeitou. Seu pai foi tomado pela surpresa de uma viagem tão repentina, e seus medos de que o senhor Elton não pudesse conseguir chegar em segurança ao outro lado, que ele não viu nada de extraordinário na linguagem. Foi um recado muito útil, pois lhes deu um novo assunto para se pensar e um novo tópico de conversa durante o resto de sua noite solitária. O senhor Woodhouse falava sobre suas preocupações, e Emma estava com vontade de dissuadi-lo com sua usual prontidão.

Ela então resolveu que não deixaria mais Harriet no escuro. Tinha motivos para acreditar que a amiga já estava praticamente recuperada do resfriado, e que era desejável que ela tivesse o maior tempo possível para se recuperar de sua outra queixa antes que o cavalheiro retornasse. Emma foi até a casa da senhora Goddard, no dia seguinte, para se submeter à penitência necessária da comunicação, e era uma comunicação grave. Tinha que destruir todas as esperanças que estivera alimentando tão diligentemente, de aparecer no caráter ingrato de preferida, e se reconhecer grosseiramente equivocada em todas as suas ideias sobre aquele assunto, todas as suas observações, todas as suas convicções, todas as profecias das últimas seis semanas.

A confissão renovou completamente sua primeira vergonha e a visão das lágrimas de Harriet a fez pensar que sua amizade nunca mais seria a mesma.

Harriet suportou muito bem a informação, sem culpar ninguém e em tudo testificando tal ingenuidade de disposição e baixa autoestima, como pareceria, com particular vantagem naquele momento, para sua amiga.

Emma estava no humor de valorizar a simplicidade e a modéstia ao máximo, e tudo o que era amável, tudo o que representasse empatia, parecia estar ao lado de Harriet, não no dela. Harriet não considerava que

tivesse nada a reclamar. O afeto de um homem como o senhor Elton teria sido uma distinção muito grande. Ela nunca poderia tê-lo merecido, e ninguém, a não ser uma amiga tão parcial e gentil como a senhorita Woodhouse, teria achado aquilo possível.

Suas lágrimas caíram em abundância, mas sua dor era tão verdadeira, que nenhuma dignidade poderia torná-la mais respeitável aos olhos de Emma

e ela a escutou e tentou consolá-la com todo o seu coração e compreensão, realmente convencida no momento de que Harriet era a criatura superior entre elas duas. E que se assemelhar a ela serviria mais ao seu bem-estar e à sua felicidade do que todo o gênio ou a inteligência poderiam fazer.

Era um tanto tarde para se propor a ser simplória e ignorante, mas, quando Emma se despediu de Harriet, cada resolução prévia sua de ser humilde e discreta e de reprimir a imaginação por todo o resto da sua vida foi confirmada. Seu segundo dever agora, inferior apenas aos deveres para com seu pai, era promover o conforto de Harriet e esforçar-se para provar seu afeto a ela em algum método melhor do que em promover o matrimônio entre as pessoas. Ela a levou para Hartfield, e mostrou-lhe a mais absoluta bondade, esforçando-se para ocupá-la e entretê-la e, por meio de livros e conversas, para afastar o Sr. Elton de seus pensamentos.

Era necessário tempo, ela sabia, para que isso fosse feito completamente, e ela poderia se julgar apenas uma juíza indiferente a tais assuntos em geral, e muito inadequada para simpatizar com uma ligação amorosa do senhor Elton em particular. Mas parecia-lhe razoável, na idade de Harriet, e com a extinção de toda a esperança, que tal progresso pudesse ser direcionado a um estado de compostura até o momento em que o senhor Elton retornasse, de forma a lhes permitir se encontrarem novamente em rotina comum de visitas, sem nenhum perigo de trair sentimentos ou de aumentá-los.

Harriet achava que ele fosse a total perfeição, e sustentava a não existência de ninguém igual a ele em pessoa ou em bondade e, na verdade, provou-se mais resoluta no amor do que Emma tinha previsto. No entanto, ainda assim, parecia-lhe tão natural, tão inevitável se esforçar contra uma inclinação do tipo não correspondida, que ela não conseguia compreender

que continuasse por muito tempo em igual força.

Se o senhor Elton, em seu retorno, fizesse sua indiferença tão evidente e indubitável quanto ela não duvidava de que ele ansiosamente faria, ela não podia imaginar que Harriet persistiria em depositar sua felicidade na visão ou na lembrança dele.

Ficar fixos, tão absolutamente fixos, no mesmo lugar, era ruim para cada um, para todos os três. Nem mesmo um deles tinha o poder de se retirar e nem de afetar qualquer mudança significativa no grupo de conhecidos. Eles precisariam se encontrar e fazer disso o melhor possível.

Harriet ficou ainda mais infeliz com o tom de suas companheiras na escola da senhora Goddard. Já que o senhor Elton era o objeto de adoração de todas as professoras e as meninas maiores na escola, seria apenas em Hartfield que ela poderia ter qualquer chance de ouvir falar dele com moderação fria ou com verdade repelente. Onde há uma ferida, deve haver uma cura a ser encontrada em algum lugar, e Emma sentia que, até que se visse no caminho da cura, não poderia haver verdadeira paz para ela.

Capítulo 18

O senhor Frank Churchill não veio. Quando a época proposta se aproximou, os medos da senhora Weston foram justificados na chegada de uma carta de desculpas. No momento, ele não poderia se dispor a ir, para sua “enorme mortificação e pesar. Mas ainda assim esperava pela oportunidade de ir a Randalls em um futuro não muito distante”.

A senhora Weston ficou extremamente decepcionada, muito mais, de fato do que o marido, embora sua confiança em ver o rapaz tivesse sido muito mais sóbria. Apesar disso, um temperamento otimista, embora para sempre esperando mais bondade do que o que ocorre de fato, nem sempre se paga por suas esperanças e qualquer proporcional depressão. Ele logo sobrevoa o fracasso do momento e começa a esperar novamente. Por meia hora, o senhor Weston ficou surpreso e pesaroso, mas então começou a

perceber que a vinda de Frank dois ou três meses depois seria um plano muito melhor; melhor época do ano; melhor clima, e que ele seria capaz, sem dúvida, de ficar consideravelmente mais tempo com eles do que se

tivesse vindo antes.

Esses sentimentos restauraram rapidamente seu conforto, enquanto a senhora Weston, de disposição mais apreensiva, não previu nada além da repetição das desculpas e postergações e, depois de toda a sua preocupação pelo que seu marido sofreria, sofreu ainda mais por conta própria.

Nesse momento, Emma não estava em um estado de espírito para se preocupar realmente com o fato de o senhor Frank Churchill não vir, exceto como uma decepção em Randalls. Conhecê-lo, naquele momento, não lhe despertava nenhum encanto. Ela queria, em vez disso, ficar quieta e livre da tentação. Mas ainda assim, como era desejável que aparentasse, em geral, o seu estado habitual, ela teve o cuidado de expressar tanto interesse pela circunstância, e embarcar tão calorosamente na decepção do senhor e da senhora Weston como poderia naturalmente ser condizente com sua amizade.

Ela foi a primeira a anunciar isso ao senhor Knightley, e soltou exclamações tanto quanto eram necessárias (ou, por estar representando um papel, talvez um pouco mais) sobre a conduta dos Churchill em mantê-lo afastado. Ela então passou a falar muito mais do que sentia, sobre a vantagem de tal adição à sua sociedade confinada em Surrey; o prazer de olhar para alguém novo; o dia de gala para Highbury inteira que seria proporcionado no dia em que ele chegasse, e terminando em reflexões sobre os Churchill novamente, se viu diretamente envolvida em um desentendimento com o senhor Knightley, para sua grande diversão, percebeu que ela estava falando o oposto do que era sua opinião real, e fazendo uso dos argumentos da senhora Weston contra si mesma.

– Os Churchill certamente têm muita culpa – disse o senhor Knightley, sobriamente –, mas eu ousou dizer que ele poderia vir se desejasse.

– Eu não sei por que o senhor deveria dizer isso. Ele tem um desejo veemente de vir, mas seu tio e sua tia não o dispensam.

– Eu não posso acreditar que ele não tenha o poder de vir, se ele fizer questão disso. É muito improvável para mim acreditar nisso sem provas.

– Como o senhor é estranho! O que o senhor Frank Churchill fez para o senhor supor que ele seja uma criatura tão abominável?

– Não estou supondo que ele seja uma criatura abominável, ao suspeitar que ele tenha aprendido a estar acima de suas conexões, e a se importar muito pouco com qualquer coisa além de seu próprio prazer, tendo vivido com aqueles que sempre lhe deram o exemplo disso. É muito mais natural do que se poderia desejar que um homem jovem, criado por aqueles que são orgulhosos, luxuosos e egoístas, deva ser orgulhoso, luxuoso e também egoísta. Se Frank Churchill quisesse ver seu pai, ele teria encontrado uma forma de fazê-lo entre setembro e janeiro. Quantos anos ele tem? 23 ou 24 anos? Um homem na idade dele não pode ser impedido de fazer algo assim. É impossível.

– Isso é facilmente dito e facilmente sentido pelo senhor, que sempre foi seu próprio mestre. O senhor é o pior juiz do mundo das dificuldades da dependência. Não sabe o que é ter ânimos para administrar.

– Não se pode conceber que um homem de 23 ou 24 anos não deva ter a liberdade da mente ou do corpo para tal fim. Ele não pode querer dinheiro, ele não pode querer lazer. Sabemos, pelo contrário, que ele tem tanto de ambos, que está contente de se livrar deles nas atividades mais frívolas do reino. Ouvimos falar dele eternamente de um balneário a outro. Há pouco tempo, ele estava em Weymouth. Isso prova que ele pode deixar os Churchill.

– Sim, às vezes ele pode.

– E essas vezes são sempre que ele acha que vale a pena, sempre que houver qualquer tentação de prazer.

– É muito injusto julgar a conduta de alguém, sem um conhecimento íntimo de sua situação. Ninguém, que não tenha estado no interior de uma família, pode dizer quais são as dificuldades de qualquer indivíduo dessa família. Deveríamos estar familiarizados com Enscombe, e com o temperamento da senhora Churchill, antes de fingir decidir sobre o que o sobrinho dela pode fazer. Ele pode, em algumas ocasiões, ser capaz de fazer muito mais do que pode em outras.

– Há uma coisa, Emma, que um homem sempre pode fazer, se ele escolher, e isso é o seu dever, não por manobras e desonestidades, mas por vigor e resolução. É dever de Frank Churchill fazer essa delicadeza para o pai dele. Ele sabe que é assim, por suas promessas e mensagens. Mas se

ele quisesse vir, poderia ter vindo. Um homem que se tivesse a sensibilidade correta diria imediatamente, de forma simples e resoluta, à senhora Churchill: “A senhora me encontrará pronto para sacrificar o mero prazer para atender a sua conveniência, mas devo partir para ver meu pai imediatamente. Eu sei que ele ficará ofendido se eu não demonstrar tal marca de respeito para com ele na ocasião presente. Vou, portanto, partir amanhã”. Se ele dissesse isso para ela de uma vez, no tom de decisão adequado a um homem, não haveria oposição a sua ida.

– Não – disse Emma rindo –, mas talvez possa haver alguma oposição para ele voltar. Tal linguagem para um jovem totalmente dependente usar! Ninguém, além do senhor, imaginaria isso possível. Mas o senhor não tem ideia do que é necessário em situações diretamente opostas às suas. O senhor Frank Churchill fazendo um discurso como esse para os tios, que o criaram e devem prover para ele! De pé no meio da sala, suponho, e falando o mais alto que podia! Como pode imaginar tal conduta praticável?

– Confie nisso, Emma, um homem sensato não encontraria dificuldade alguma para vir. Ele se sentiria no direito, e a declaração, feita, é claro, como um homem de bom senso faria, de uma maneira apropriada, proporcionaria mais bem a ele, o elevaria mais, fortaleceria seu interesse nas pessoas de quem ele depende, do que um discurso de mudanças e expedientes jamais poderão fazer. O respeito seria acrescentado ao afeto. Eles sentiriam que poderiam confiar nele; que o sobrinho, que fizera o certo para o pai, faria o certo para eles; pois eles sabem, assim como ele sabe, assim como todo o mundo deve saber, que ele deveria fazer essa visita ao pai. E enquanto eles mesquinhamente exercerem o seu poder para atrasá-lo, não estão pensando em fazer por ele o melhor, quando o submetem a seus caprichos. O respeito pela conduta certa é sentido por todos. Se ele agiria dessa maneira, em princípio, consistentemente, regularmente, a mente pequena deles se dobraria à de Frank Churchill.

– Eu duvido disso. O senhor gosta muito de dobrar mentes pequenas, mas quando mentes pequenas pertencem a pessoas ricas com autoridade, acho que elas têm um jeito de inchar, até que sejam tão incontrolláveis quanto as grandes. Posso imaginar que se o senhor, da forma como é, senhor

Knightley, fosse transportado e colocado uma vez no lugar do senhor Frank Churchill, poderia dizer e fazer exatamente o que está recomendando que ele faça, e que tivesse um efeito muito bom. Os Churchill podem não ter uma palavra para dizer em retorno. Mas então, o senhor não teria hábitos de obediência precoce e longa observância para romper. Para aquele que os tem, não poderia ser fácil rompê-los de uma só vez para a perfeita independência, e reduzir todas as exigências de gratidão e respeito a nada. Ele pode ter uma noção do que seria certo tão forte quanto a sua, sem estar tão disposto, sob circunstâncias particulares, a agir de acordo com essas crenças.

– Então não seria uma noção tão forte. Se não produzir o mesmo esforço, não poderia ser uma convicção igual.

– Ah, a diferença de situação e de hábito! Gostaria que o senhor tentasse entender o que um jovem educado pode ser suscetível a se sentir em oposição direta àqueles a quem, como criança e menino, têm servido de inspiração para ele por toda a vida.

– Nosso jovem educado é um jovem muito fraco, se esta for a primeira ocasião em que ele realiza uma resolução para fazer o bem contra a vontade dos outros. A essa altura, deveria ser um hábito para ele, o de seguir seu dever, em vez de consultar a conveniência. Posso aceitar os medos da criança, mas não os do homem. Quando se tornou racional, ele deveria ter se levantado e se livrado de tudo o que era indigno na autoridade deles. Ele deveria ter se oposto à primeira tentativa da parte deles de fazê-lo desprezar o pai. Se ele tivesse começado como deveria, não teria havido dificuldade agora.

– Nunca vamos concordar sobre ele – declarou Emma. – Mas isso não é nada extraordinário. Não tenho a menor convicção de que ele seja um rapaz fraco: tenho certeza de que não é. O senhor Weston não ficaria cego para a loucura, nem mesmo para seu próprio filho. No entanto, é mais provável que ele tenha uma disposição mais flexível, mais obediente, mais suave do que serviriam às suas noções da perfeição do homem. Ouso dizer que sim e, embora possa afastá-lo de algumas vantagens, isso lhe garantirá muitas outras.

– Sim, todas as vantagens de ficar quieto quando ele deveria se mexer, e

de levar uma vida de mero prazer ocioso, e de se imaginar extremamente experiente em encontrar desculpas para isso. Ele pode se sentar e escrever uma bela carta cheia de declarações e falsidades e se convencer de que encontrou o melhor método no mundo de preservar a paz em casa e de impedir que o pai tenha qualquer direito de reclamar. As cartas dele me enojam.

– Seus sentimentos são muito estranhos. Essas cartas parecem satisfazer todas as outras pessoas.

– Eu suspeito de que não satisfazem a senhora Weston. Dificilmente podem satisfazer uma mulher de seu bom senso e de seus sentimentos, estar no lugar de uma mãe, mas sem a afeição de uma mãe para cegá-la. É por conta dela que a atenção a Randalls é duplamente devida, e ela deve sentir duplamente a omissão. Se ela fosse uma pessoa importante, ousou dizer que ele teria vindo, e não haveria especulação sobre ele vir ou não. Consegue pensar que sua amiga está atrasada nesse tipo de considerações? Você acha que ela não diz isso com frequência para si mesma? Não, Emma, seu jovem educado só pode ser educado em francês, não em inglês. Ele pode ser muito “educado”, ter boas maneiras e ser muito agradável, mas não pode ter a delicadeza inglesa em relação aos sentimentos de outras pessoas, não há nada realmente educado nele.

– O senhor parece determinado a pensar mal dele.

– Eu! De jeito nenhum – respondeu o senhor Knightley, bastante descontente. – Eu não quero pensar mal dele. Eu deveria estar pronto para reconhecer os méritos dele como qualquer outro homem. Mas não ouço nenhum, exceto o que é meramente pessoal que ele é bem-criado e bem-apessoado, com modos suaves e plausíveis.

– Bem, se ele não tem mais nada para recomendá-lo, ele será um tesouro em Highbury. Não é sempre que olhamos para bons rapazes, bem-criados e agradáveis. Não devemos ser gentis e pedir todas as virtudes no mesmo pacote. O senhor não imagina que sensação a vinda dele produzirá? Haverá apenas um assunto em todas as paróquias, de Donwell e Highbury. Mas um interesse, um objeto de curiosidade; será tudo o senhor Frank Churchill; não vamos pensar e falar de mais ninguém.

– Peço que me desculpe por ser a minoria. Se eu considerá-lo bom de

conversar, ficarei feliz em ter contato com ele. Mas se ele for apenas um janota tagarela, não ocupará muito do meu tempo ou dos meus pensamentos.

– Minha ideia é que ele possa adaptar sua conversa ao gosto de todos e tenha o poder e o desejo de ser universalmente agradável. Para o senhor, ele vai falar de agricultura; para mim, de desenho ou de música, e assim por diante, para todos, tendo aquele conhecimento geral sobre todos os assuntos que lhe permitirão seguir ou iniciar uma conversa como o decoro exigir, e falando extremamente bem em cada um dos diálogos. Essa é a ideia que tenho dele.

– E a minha – disse o senhor Knightley calorosamente – é que, se ele se mostrar algo assim, será o sujeito mais insuportável do mundo! Ora! Aos 23 anos ser o rei das conversas, o grande homem, o político experiente, que deverá ler a personalidade de todos, e fazer com que os talentos de todos conduzam à demonstração de sua própria superioridade, e depois sair dispensando suas lisonjas por aí, que ele possa fazer todos parecerem tolos em comparação a ele! Minha querida Emma, seu bom senso não suportaria tal cachorrinho quando chegasse o momento.

– Eu não direi mais nada sobre ele! – exclamou Emma. – O senhor transforma tudo em mal. Somos ambos preconceituosos: o senhor, contra; eu, a favor, e não temos chance de concordar até que ele esteja realmente aqui.

– Preconceituoso! Eu não sou preconceituoso.

– Mas eu sou muito e não me envergonho disso. Meu amor pelo senhor e pela senhora Weston me confere um decidido preconceito a favor dele.

– Ele é uma pessoa em quem eu nunca penso do fim de um mês ao fim do outro – disse o senhor Knightley, com um grau de irritação que fez Emma imediatamente falar de outra coisa, embora ela não pudesse compreender por que ele devesse estar com raiva.

Não gostar de um rapaz, apenas porque ele parecia ser de uma disposição diferente da dele era indigno da verdadeira liberalidade mental que ela sempre costumava reconhecer nele; pois, com toda a opinião elevada que ele tinha de si mesmo, o que ela frequentemente lhe atribuíra, ela nunca antes, nem por um momento, suporia que ele pudesse ser injusto ao mérito

de outra pessoa.

. Uíste' ou Whist, é um jogo inglês de cartas de duas duplas, com parceiros frente a frente. Este jogo é considerado o ancestral do bridge. O objetivo é vencer a maioria de treze vazas em uma mão e marcar pontos. (N.R.)

. Basicamente, cada versinho da charada fala de uma sílaba da palavra que é resposta:

*"My first doth affliction denote,
Which my second is destin'd to feel
And my whole is the best antidote
That affliction to soften and heal."*

A resposta deste é "Woman": *In the charade, "my first" is woe and "my second" is man, so that "my whole" is woe-man = woman. (N. T.)*

. "Charade

My first displays the wealth and pomp of kings, / Lords of the earth! their luxury and ease. / Another

view of man, my second brings, / Behold him there, the monarch of the seas! / But ah! united, what

reverse we have! / Man's boasted power and freedom, all are flown; / Lord of the earth and

sea, he bends a slave, / And woman, lovely woman, reigns alone./ Thy ready wit the word will soon

supply,/ May its approval beam in that soft eye!"

Resposta da charada: "courtship" (cortejando).

. Do inglês, "fazer a corte". (N. T.)

. Filípicas são um conjunto de discursos proferidos por Demóstenes contra Felipe II da Macedônia, conclamando os atenienses a lutar contra ele, já que representava uma ameaça à Grécia. Chamava-o de bárbaro pelos feitos contra seus demais inimigos. (N.R.)

Volume II

Capítulo 1

Emma e Harriet andavam juntas certa manhã e, na opinião de Emma, já tinham falado o suficiente do senhor Elton naquele dia. Ela não podia pensar que o consolo de Harriet ou seus próprios pecados exigissem mais do que aquilo, motivo pelo qual estava, portanto, diligentemente se livrando do assunto enquanto retornavam. No entanto, o tema veio à tona mais uma vez quando ela achou que tinha conseguido, depois de falarem algum tempo sobre o que os pobres deviam sofrer no inverno e de não receber nenhuma outra resposta além da muito queixosa “O senhor Elton é tão bom para os pobres!”, e Emma achou que alguma outra coisa deveria ser feita.

Estavam se aproximando da casa onde viviam a senhora e a senhorita Bates. Emma decidiu fazer-lhes uma visita e buscar segurança na superioridade numérica. Sempre houve motivo suficiente para tal atenção, a senhora e a senhorita Bates adoravam receber visitas, e Emma sabia que os poucos que supunham ver alguma imperfeição nela a consideravam negligente a esse respeito, e como não contribuindo da forma como deveria com seus escassos prazeres cotidianos.

Ela recebera muitas indiretas do senhor Knightley e do seu próprio coração quanto a essa deficiência sua, mas nenhuma fora suficiente para fazê-la descartar sua percepção de que eram mulheres muito enfadonhas e desagradáveis, uma perda de tempo, além de todo o horror de se misturar com a segunda e a terceira classes de Highbury, que as visitavam o tempo todo. Assim, Emma quase não se aproximava delas. Porém, naquele momento, ela tomara a repentina resolução de não passar pela porta delas sem entrar observando, no momento quando fez essa proposta a Harriet, que, até em que podia calcular, elas estavam agora a salvo de qualquer carta de Jane Fairfax.

A casa pertencia a pessoas de negócios. A senhora e senhorita Bates ocupavam o andar da sala de estar. Ali, em seu apartamento de tamanho

bem moderado, que era tudo para elas, as visitas eram recebidas com a maior cordialidade e gratidão, a velhinha calma e elegante, que com seu tricô estava sentada no canto mais quente, disposta até mesmo a ceder seu lugar à

senhorita Woodhouse, e sua filha, mais ativa e falante, pronta para cobri-las de cuidados e gentilezas, agradecimentos à visita, solicitude por seus sapatos, interesse ansioso pela saúde do senhor Woodhouse, comunicações alegres sobre a mãe dela e bolo doce do bufê. Aliás, a senhora Cole acabara de passar por lá para uma visita de dez minutos e feito a gentileza de ficar por uma hora com elas, e ela havia comido uma fatia do bolo e feito a gentileza de dizer que gostara muito. Assim, a senhorita Bates esperava que a senhorita Woodhouse e a senhorita Smith fizessem o favor de provar uma fatia também.

A menção aos Cole certamente seria seguida pela menção ao senhor Elton. Havia intimidade entre eles, e o senhor Cole ouvira notícias dele desde que partira. Emma sabia o que estava por vir, deveriam ler a carta de novo, e decidir por quanto tempo ele ficara fora, e o quanto ele estava envolvido na companhia de outras pessoas, e como ele era um favorito aonde quer que fosse, e quão cheio estava o baile do Mestre das Cerimônias e ela passou por isso muito bem, com todo o interesse e todo o elogio que poderiam ser necessários, e sempre adiantava, para impedir que Harriet fosse obrigada a dizer uma palavra.

Para isso ela estava preparada quando entrou na casa, embora tivesse a intenção de, após falarem generosamente sobre ele, não ser mais incomodada por nenhum assunto problemático, e discutir superficialmente sobre todas as senhoras e senhoritas de Highbury e encontros para jogar cartas. Em nenhum momento, estivera preparada para que o assunto de Jane Fairfax se seguisse ao do senhor Elton. Contudo, o tema do senhor Elton foi dispensado às pressas pela senhorita Bates, quando ela desviou o assunto abruptamente para os Cole, a fim de mostrar uma carta de sua sobrinha.

– Oh, sim! O senhor Elton, eu entendo, certamente quanto a dançar. A senhora Cole estava me contando como era dançar nos salões em Bath. E

ela fez a gentileza de se sentar um pouco conosco, e assim que chegou, começou a perguntar por Jane, já que ela é uma grande favorita da senhora Cole. Sempre que ela está conosco, a senhora Cole não sabe o que mais fazer para tentar agradar e devo dizer que Jane merece tanto quanto seja possível. E então ela começou a perguntar diretamente por Jane Fairfax: “Eu sei que a senhora pode não ter ouvido notícias de Jane recentemente, porque não é a época dela escrever”. E quando eu imediatamente disse: “Mas sim, temos notícias, e temos uma carta que chegou esta manhã mesmo”. Não sei se já vi alguém ficar tão surpresa como ela ficou. “Jura pela sua honra que a senhora recebeu?”, perguntou ela. “Bem, isso é bem inesperado. Deixe-me ouvir o que ela diz”.

A polidez de Emma estava à mão, digamos, pois ela disse, com um interesse sorridente:

– Ouviu falar da senhorita Fairfax faz tão pouco tempo assim? Estou extremamente feliz. Espero que ela esteja bem.

– Sim, obrigada. É muita gentileza sua! – respondeu alegremente a iludida tia, enquanto procurava com entusiasmo pela carta. – Oh, aqui está! Eu tinha certeza de que não poderia estar longe. Mas eu tinha posto meu estojo de costura em cima, sem perceber, e assim ficou bem escondida, mas como tinha passado pela minha mão tão recentemente, eu tinha quase certeza de que devia estar sobre a mesa. Eu a estava lendo para a senhora Cole, e desde que esta foi embora, eu a estava lendo de novo para minha mãe, pois é um grande prazer para ela, uma carta de Jane, de forma que ela sempre está disposta a ouvir uma vez mais. Então, eu sabia que não poderia ter posto longe, e aqui está, apenas debaixo do meu estojo de costura. E sei que a senhorita teve a bondade de querer saber o que ela disse... Mas, antes de mais nada, eu realmente devo, fazendo jus a Jane, pedir desculpas por ela ter escrito uma carta tão curta. Apenas duas páginas, veja só, quase não dão duas, e em geral ela preenche uma folha inteira e risca a metade. Minha mãe sempre se pergunta como eu consigo lê-la tão bem. Ela costuma dizer, quando a carta é aberta pela primeira vez: “Bem, Hetty, agora eu acho que você vai se esforçar para ler apesar de tudo o que foi riscado”, não é mesmo, mocinha? Tenho certeza de que ela conseguiria fazer isso sozinha, se não tivesse ninguém para fazer por ela,

tenho certeza de que ela se debruçaria na carta até distinguir todas as palavras. E, de fato, embora os olhos de minha mãe não sejam tão bons como eram, ela consegue enxergar incrivelmente bem ainda, graças a Deus! Com a ajuda de óculos. É uma benção! Minha mãe está realmente muito bem mesmo. Jane muitas vezes diz, quando ela está aqui: “Eu tenho certeza, vovó, a senhora deve ter olhos muito fortes para enxergar como enxerga. E que trabalho delicado a senhora fez também! Queria que meus próprios olhos fossem durar assim tão bem também”.

Tudo isso dito extremamente rápido obrigou a senhorita Bates a parar para respirar e Emma disse algo muito educado sobre a excelência da caligrafia da senhorita Fairfax.

– A senhorita é extremamente gentil – respondeu a senhorita Bates, muito satisfeita. – Sua opinião é muito sensata e sua escrita também é linda. Tenho certeza de que não há elogios de ninguém que possam nos dar tanto prazer quanto os da senhorita Woodhouse. Minha mãe não ouve, ela é um pouco surda. Senhora – disse, dirigindo-se a ela –, está ouvindo o que a senhorita Woodhouse acaba de dizer gentilmente da letra de Jane?

E Emma tinha a vantagem de ouvir seu próprio elogio bobo repetido

duas vezes antes de que a boa e velha senhora pudesse compreendê-lo. Enquanto isso, ponderava sobre a possibilidade, sem parecer muito grosseira, de fugir da carta de Jane Fairfax, e quase resolvera se desviar imediatamente com alguma leve desculpa, quando a senhorita Bates se voltou para ela mais uma vez e lhe chamou a atenção.

– A surdez da minha mãe é muito insignificante, sabe. Quase não é nada. Basta erguer um pouco a voz e dizer alguma coisa duas ou três vezes, e com certeza ela vai ouvir. Se bem que ela esteja acostumada com a minha voz. Mesmo assim, é muito notável que ela sempre ouça Jane melhor do que me ouve. Jane fala de forma tão distinta! No entanto, ela não vai encontrar a avó nem um pouco mais surda do que estava há dois anos, o que é dizer muito, levando em conta o momento de vida em que minha mãe está. E, sabe, realmente faz dois anos que Jane esteve aqui. Nunca ficamos tanto tempo sem vê-la antes, e como eu estava dizendo para a senhora Cole, agora não saberemos como a teremos o suficiente.

– Estão esperando a senhorita Fairfax aqui em breve?

– Ah, sim. Na próxima semana.

– Ora, deve ser um grande prazer.

– Sim, obrigada. É muita gentileza da sua parte. Sim, na semana que vem. Todo mundo está tão surpreso e todo mundo diz as mesmas coisas gentis. Tenho certeza de que ela ficará tão feliz em ver suas amigas em Highbury e quanto as amigas ficarão em vê-la. Sim, sexta ou sábado, ela não pode afirmar qual, porque o coronel Campbell vai precisar da carruagem um dia desses. Muito gentil da parte deles mandarem-na por todo o caminho! Mas eles sempre mandam, sabe. Ah sim, na sexta ou no sábado próximos. Foi isso que ela escreveu. Essa é a razão de ela escrever fora da rotina usual, como chamamos; pois, em situações comuns, não teríamos recebido notícias dela até a próxima terça ou quarta-feira.

– Sim, foi o que eu imaginei. Eu temia que houvesse pouca chance de eu ouvir qualquer notícia da senhorita Fairfax hoje.

– Quanta gentileza! Não, não teríamos ouvido, se não fosse por essa circunstância particular, de ela pretender vir tão breve. Minha mãe ficou tão encantada! Pois ela deve ficar três meses conosco, pelo menos. Três meses, ela diz, positivamente, como eu vou ter o prazer de ler para a senhorita. O caso é que os Campbell vão para a Irlanda. A senhora Dixon persuadiu o pai e a mãe a irem vê-la o mais rápido possível. Eles não tinham a intenção de ir até o verão, mas ela está tão impaciente para vê-los novamente. A questão é ela ter se casado, em outubro passado, e nunca ficava mais do que uma semana fora, o que deve tornar muito estranho estar em dois reinos diferentes, eu diria, mas por mais que os países sejam diferentes, e foi o que ela disse em uma carta muito urgente para a mãe dela (ou para o pai, pois eu declaro não saber qual dos dois foi, mas veremos logo mais na carta de Jane), escreveu também em nome do senhor Dixon, tanto quanto no dela, para apressar a vinda o mais rápido possível, e então eles fariam o encontro em Dublin, e os levaria até sua propriedade, Baly-Craig, um lindo lugar, eu acho. Jane já ouviu muito sobre a beleza do senhor Dixon, quero dizer. Não sei se ela já ouviu de qualquer outra pessoa. Mas é muito natural, sabe, que ele deva gostar de falar sobre sua própria propriedade, enquanto estava prestando seus

respeitos, e como Jane costumava caminhar com eles muito frequentemente, pois o coronel e a senhora Campbell foram muito específicos sobre sua filha não sair para caminhar com frequência, apenas com o senhor Dixon, pelo que eu não os culpo de forma alguma. É claro que ela ouviu tudo o que ele pudesse dizer para a senhorita Campbell sobre o lar dele na Irlanda. Então eu acho que ela nos escreveu dizendo que ele lhes mostrou alguns desenhos do lugar, vistas que ele mesmo havia desenhado. Ele é uma gentileza sem tamanho, um jovem muito encantador, eu acredito. Jane estava muito ansiosa para ir para a Irlanda, a partir do relato que ele fez.

Neste momento, com uma suspeita engenhosa e animadora tomando posse do cérebro de Emma em relação a Jane Fairfax, esse charmoso senhor Dixon, e não ir para a Irlanda, ela disse, com o desejo insidioso de uma descoberta mais profunda:

– A senhora deve se sentir muito afortunada pelo fato de a senhorita Fairfax poder vir vê-las em um tempo como este. Considerando a amizade muito particular entre ela e a senhora Dixon, as senhoras dificilmente poderiam esperar que ela fosse dispensada de acompanhar o coronel e a senhora Campbell.

– Muito verdade, de fato. É exatamente disso que sempre tivemos uma dose de medo, pois não deveríamos gostar que ela estivesse assim tão distante de nós, por meses a fio sem poder vir se algo acontecer. Mas, sabe, tudo acaba resultando no melhor. Eles desejam demais que ela (o senhor e a senhora Dixon) venham com o coronel e a senhora Campbell. Na verdade, contam com isso e nada pode ser mais gentil ou premente do que o convite conjunto deles, diz Jane, como a senhora ouvirá hoje, pois o senhor Dixon não parece faltar nem um pouco com nenhuma atenção. Ele é um jovem muito encantador. Desde o favor que ele fez para Jane, em Weymouth, quando eles estavam naquela festa na água, e ela, pelo súbito rodopio de alguma coisa entre as velas, teria sido jogada no mar imediatamente, e na verdade não havia o que fazer se ele, com sua enorme presença de espírito, não a segurasse pela roupa (nem consigo pensar nisso sem tremer!). Mas desde que ficamos sabendo da história desse dia, eu gosto muito do senhor Dixon!

– No entanto, apesar de toda a urgência dos amigos e do seu próprio

desejo de ver a Irlanda, a senhorita Fairfax prefere dedicar tempo à senhorita e à senhora Bates?

– Sim, inteiramente por conta própria, inteiramente por sua própria escolha. Já o Coronel e a senhora Campbell acham que ela faz exatamente o que eles recomendam e, de fato, eles preferem que ela tente experimentar seu ar nativo, já que ela não anda tão bem de saúde como de costume.

– Fico preocupada em ouvir isso. Acho que eles fazem um julgamento sensato. Mas a senhora Dixon deve estar muito desapontada. A senhora Dixon, eu compreendo, não tem um grau notável de beleza pessoal e não é, de modo algum, comparável à senhorita Fairfax.

– Ah não! É muita gentileza sua dizer essas coisas, mas certamente ela não é. Não há comparação entre elas. A senhorita Campbell sempre foi absolutamente comum, mas extremamente elegante e amável.

– Sim, claro.

– Jane pegou um resfriado ruim, coitadinha! Muito tempo atrás, em 7 de novembro (como vou ler para a senhorita), e nunca ficou bem desde então. É muito tempo, não é, para um resfriado acometê-la? Ela nunca mencionou isso antes, porque não queria nos alarmar. Típico dela! Tão atenciosa! No entanto, ela está tão longe de se ver recuperada, que seus amáveis amigos Campbell acham que é melhor voltar para casa e tentar um ar que sempre tivesse feito bem para ela. E eles não têm dúvidas de que três ou quatro meses em Highbury devem curá-la totalmente. É, de fato, muito melhor que ela venha para cá, do que fique na Irlanda, se não estiver bem. Ninguém poderia cuidar dela como nós.

– Parece-me a solução mais desejável do mundo.

– E assim ela virá até nós na próxima sexta ou no próximo sábado, e os Campbell deixarão a cidade a caminho de Holyhead na segunda-feira seguinte, como a senhorita ficará sabendo com a leitura da carta de Jane. Tão repentino! A senhorita pode imaginar que isso colocou-me na maior correria! Se não fosse pelo inconveniente da doença dela... Mas temo que devemos esperar vê-la mais magra e com um aspecto muito fraco. Devo

lhe contar sobre uma coisa azarada que aconteceu comigo a esse respeito. Sempre faço questão de ler as cartas de Jane primeiro, antes de as ler em voz alta para minha mãe, sabe, por medo de que haja algo que possa angustiá-la. Jane queria que eu fizesse assim, então é o que eu sempre faço. E desta forma eu comecei hoje, com a minha habitual cautela. Porém, assim que cheguei à menção de ela não estar bem, exclamei assustada: “Valha-me Deus! A pobre Jane está doente!”. Ao que minha mãe, estando em alerta, ouviu distintamente e ficou tristemente alarmada. E então, quando li, descobri que ela não estava assim tão mal quanto eu imaginara a princípio e agora eu falo como se fosse uma coisa tão insignificante, e minha mãe nem pensa muito a respeito. Mas não posso imaginar como eu pude ser tão descuidada. Se Jane não melhorar logo, teremos que chamar o senhor Perry. Não se deve pensar na despesa e ele é tão generoso e gosta tanto de Jane que, ousar dizer, poderia não cobrar nada pelo atendimento, mas não poderíamos contar com isso, sabe? Ele tem uma esposa e uma família para manter e não deve doar seu tempo. Bem, agora que eu acabei de lhe dar uma dica do que Jane escreveu, nós nos voltaremos para a carta dela, e tenho certeza que ela conta sua própria história muito melhor do que eu poderia fazer em seu nome.

– Receio que estejamos com um pouco de pressa – disse Emma, lançando um olhar para Harriet e começando a se levantar. – Meu pai deve estar esperando por nós. Eu não tinha a intenção, achei que não ficaria mais do que cinco minutos, quando entrei na casa. Só fiz uma visita porque não poderia passar pela porta da casa sem perguntar como estava a senhora Bates. Apesar disso, fui detida aqui de forma tão agradável! Muito bem, mas agora devemos desejar à senhorita e à senhora Bates uma boa manhã.

E nada do que pudesse ser alegado para detê-la funcionou. Ela ganhou a rua, feliz que, embora muito tenha sido forçado sobre ela contra sua vontade, embora tivesse de fato ouvido toda a substância da carta de Jane Fairfax, ela conseguira escapar antes da leitura da carta em si.

Capítulo 2

Jane Fairfax era órfã, filha única da filha mais nova da senhora Bates.

O casamento do tenente Fairfax do regimento de infantaria e da senhorita Jane Bates tivera seu momento de fama, prazer, esperança e interesse. Porém agora nada mais restava disso, exceto uma lembrança melancólica de ele morrer em ação no exterior e de sua viúva sucumbir sob a tuberculose e sob o luto logo depois.

Por nascimento, ela pertencia a Highbury e quando, aos três anos de idade, ao perder a mãe, tornou-se a propriedade, a tutelada, o consolo e a base de sustentação da avó e da tia, parecia haver uma probabilidade de ela ficar ali permanentemente instalada, de aprender apenas o que meios bastante limitados pudessem permitir, e de crescer sem as vantagens do relacionamento e das conexões e sem perspectivas de aperfeiçoamento, para ser enxertada no que a natureza lhe dera como uma pessoa agradável, compreensiva, com conhecidos de coração caloroso e bem-intencionados.

Porém, os sentimentos de compaixão de uma amiga de seu pai mudaram seu destino. Este era o coronel Campbell, que tinha uma opinião muito elevada de Fairfax, como um excelente oficial e o mais merecedor dos rapazes e mais ainda, encontrava-se em débito com ele por tais atenções, durante uma grave febre de acampamento, da qual ele acreditava que Fairfax lhe salvara a vida. Essas eram alegações que ele não aprendeu a ignorar, embora alguns anos tenham se passado da morte do pobre Fairfax, antes de seu próprio retorno à Inglaterra colocar qualquer coisa em seu poder. Quando ele voltou, procurou a criança e tomou conhecimento a seu respeito. Ele era um homem casado, com apenas uma filha viva, uma menina, mais ou menos da idade de Jane. Então, Jane se tornou sua convidada, fazendo-lhe longas visitas e tornando-se uma favorita entre todos e antes que ela tivesse nove anos, a grande afeição da filha do coronel Campbell por ela, e o próprio desejo de ser um amigo de verdade, uniram-se para produzir a oferta de assumir toda a responsabilidade pela educação de Jane Fairfax. A proposta foi aceita e desde aquele período, Jane pertencera à família do coronel Campbell e vivera com eles inteiramente, visitando apenas a avó de tempos em tempos.

O plano era que ela deveria ser criada para educar os outros, já que as poucas centenas de libras que ela herdara do pai tornavam a sua independência impossível. Ajudá-la financeiramente estava fora dos

poderes do coronel Campbell, pois apesar da renda que ele recebia, de soldo e compromissos, ser razoável, sua fortuna era moderada e seria toda de sua própria filha. Apesar disso, ao proporcionar o estudo para Jane Fairfax, ele esperava dar os meios para que ela conseguisse uma subsistência respeitável futuramente.

Essa era a história de Jane Fairfax. Ela caíra em boas mãos, não conhecia nada além da gentileza dos Campbell e recebera uma excelente educação. Vivendo constantemente com pessoas justas e bem informadas, seu coração e intelecto haviam recebido todas as vantagens da disciplina e da cultura. O fato de a residência do coronel Campbell ser localizada em Londres, todos os talentos mais leves dela acabaram sendo bem desenvolvidos por mestres de primeira linha. Sua disposição e habilidades faziam jus a tudo o que a amizade poderia fazer e, aos 18 ou 19 anos, ela era, até em que uma tenra idade como essa pudesse ser qualificada para o cuidado infantil, plenamente competente no ofício do ensino. Apesar disso, ela era muito amada para que se separassem dela. Nem pai nem mãe poderiam promover a partida, e a filha não poderia suportá-la. Assim, o dia perverso foi adiado. Era fácil decidir que ela ainda era jovem demais e Jane permaneceu com eles, partilhando, como outra filha, de todos os prazeres racionais de uma sociedade elegante, e uma mistura judiciosa de lar e diversão, com apenas a desvantagem do futuro, as sugestões sóbrias de seu próprio bom entendimento para lembrá-la de que tudo aquilo poderia acabar em breve.

O afeto de toda a família, o apego caloroso da senhorita Campbell em particular, era ainda mais honroso para cada um dos envolvidos, pela circunstância da decidida superioridade de Jane, tanto em beleza quanto em talentos. Que a natureza lhe tivesse concedido atributos não poderia passar despercebido pela jovem dama, nem suas capacidades mentais superiores poderiam deixar de ser vistas pelos pais. Eles continuaram unidos com inabalável consideração, no entanto, até o casamento da senhorita Campbell, que por esse acaso, por essa sorte que tantas vezes desafia as expectativas em assuntos matrimoniais, dando atração ao que é moderado em vez do que é superior, despertou os afetos do senhor Dixon, um jovem rico e agradável, quase tão logo se conheceram. A união deu

certo e prosperou, enquanto Jane Fairfax ainda tinha o pão de cada dia para ganhar.

Esse evento ocorrera muito recentemente para que a desafortunada amiga da família tentasse iniciar seu caminho de dever, embora ela agora já tivesse atingido a idade que seu próprio julgamento havia fixado para começar. Ela resolvera muito tempo antes que 21 anos seria esse período. Com a fortaleza de um noviciado devotado, ela resolveu esperar os 21 para completar o sacrifício e retirar-se de todos os prazeres da vida, de relacionamentos racionais, da sociedade à sua altura, da paz e da esperança, para a penitência e a mortificação para sempre.

O bom senso do coronel e da senhora Campbell não podia se opor a tal resolução, embora seus sentimentos o fizessem. Enquanto vivessem, nenhum esforço seria necessário, seu lar poderia ser o lar dela para sempre e para seu próprio conforto, por vontade, eles a teriam retido com eles. No entanto, seria egoísmo: o que deve ter fim, é melhor que seja logo. Talvez eles tivessem começado a sentir que poderiam ter sido mais gentis e mais sábios, além de terem resistido à tentação de qualquer postergação, e lhe poupado o gosto

de tais prazeres e do lazer que agora deveriam ser abandonados. Ainda assim, no entanto, o afeto que sentiam os deixavam contentes em oferecer qualquer desculpa razoável para não apressar o momento de tristeza. Ela nunca esteve muito bem desde a época do casamento da filha deles e até ela ter recuperado completamente sua força habitual, eles deveriam proibi-la de se envolver em deveres, que, longe de serem compatíveis com um quadro enfraquecido e ânimos voláteis, pareciam, sob as circunstâncias mais favoráveis, exigir algo mais que a perfeição humana de corpo e mente para ser desempenhados com conforto tolerável.

Quanto a ela não os acompanhar à Irlanda, seu relato para a tia continha nada além da verdade, embora pudesse haver algumas verdades não contadas. Era sua própria escolha dedicar o tempo da ausência deles a Highbury; passar, talvez, seus últimos meses de perfeita liberdade com aqueles amáveis conhecidos para os quais ela era tão querida e os Campbell, qualquer que fosse seu motivo ou motivos, quer simples, duplos

ou triplos, davam ao arranjo sua aprovação imediata, e diziam que confiavam mais que ela passasse alguns meses em seu lar nativo para a recuperação de sua saúde, do que qualquer outra coisa. Certo era que ela viria e que Highbury, em vez de acolher aquela novidade perfeita que há tanto tempo lhe fora prometida, a vinda do senhor Frank Churchill, deveria se contentar, no presente, com Jane Fairfax, que só poderia trazer o frescor de dois anos de ausência.

Emma lamentava. Ter de ser cortês com uma pessoa de quem ela não gostava durante três longos meses! Estar sempre fazendo mais do que ela desejava e menos do que deveria! Por que motivo ela não gostava de Jane Fairfax poderia ser uma pergunta difícil de responder; o senhor Knightley lhe dissera uma vez que era porque Emma enxergava nela a jovem realmente talentosa que ela própria queria ser considerada; e embora a acusação tivesse sido avidamente refutada na época, havia momentos de autoexame em que sua consciência não conseguia absolvê-la. Mas... Emma nunca poderia fazer amizade com Jane Fairfax, pois ela não sabia qual era o motivo, mas havia tal frieza e reserva, tal aparente indiferença se estava agradando ou não... E então a tia dela falava sem parar! E ela era alvo de tanto entusiasmo de todos! E todos sempre imaginavam que elas fossem tão íntimas, só porque tinham a mesma idade, que supunham que deviam gostar muito uma da outra. Essas eram as razões de Emma e ela não tinha melhores.

Era uma antipatia tão pouco justa e todas as falhas imputadas eram tão ampliadas pela fantasia que ela nunca vira Jane Fairfax, pela primeira vez após qualquer ausência considerável, sem sentir que a havia ferido e agora, quando uma visita esperada deveria ser feita, assim que ela chegasse, depois de um intervalo de dois anos, Emma ficou particularmente impressionada com a aparência e a conduta, as quais durante aqueles dois anos inteiros, Emma depreciara. Jane Fairfax era muito elegante e a própria Emma dava o maior valor possível à elegância. Sua altura era bela, na medida em que quase todo mundo a considerava alta, mas ninguém poderia achá-la alta demais; sua silhueta era particularmente graciosa; a constituição mediana, muito lisonjeiro, nem magra demais, nem gorda demais, embora uma ligeira aparência de má saúde parecesse apontar para

o pior dessas duas características. Emma não podia deixar de sentir tudo isso e então, o seu rosto e suas feições haviam mais beleza ali do que ela se lembrava, não eram regular, mas tinha uma beleza muito agradável. Os seus olhos de um cinza profundo, com cílios e sobrancelhas negros, nunca haviam sido negados os elogios que mereciam. Mas a pele, pela qual costumavam criticá-la, por ser desprovida de cor, tinha uma perfeição e uma delicadeza que realmente não necessitavam de mais rubor. Era um estilo de beleza do qual a elegância era a característica reinante e, assim sendo, Emma deveria, com honra, por todos os seus princípios, admirá-la. Elegância que, em termos de mente ou silhueta, ela encontrava tão pouco em Highbury. Ali, para não ser vulgar, era uma distinção e um mérito.

Em suma, ela sentou-se, durante a primeira visita, olhando para Jane Fairfax com dupla complacência: a sensação de prazer e a sensação de lhe fazer justiça e estava decidindo que não a detestaria mais. Quando ela aprendeu a história de Jane, de fato, sua situação, bem como sua beleza; quando ela considerou o que toda essa elegância estava destinada a conquistar, o que ela estava fazendo, o que estava prestes a perder, como ela viveria, pareceu impossível sentir qualquer coisa que não fosse compaixão e respeito; especialmente se fossem acrescentados a cada detalhe que motivava seu interesse a circunstância altamente provável de uma ligação ao senhor Dixon, a qual, tão naturalmente, ela começara para si.

Nesse caso, nada poderia ser mais lamentável ou mais honroso do que os sacrifícios que ela havia se determinado a fazer. Emma agora estava muito disposta a absolvê-la de ter seduzido as ações do senhor Dixon e desviá-lo de sua esposa, ou de qualquer coisa maliciosa que sua imaginação tivesse sugerido a princípio. Se fosse amor, poderia ser um amor simples, único e sem sucesso apenas da sua parte. Poderia estar inconscientemente sugando o triste veneno ao compartilhar a conversa dele com sua amiga e pelos melhores e mais puros motivos, poderia agora negar para si essa visita à Irlanda, e decidindo se distanciar dele de forma eficaz e das suas conexões ao começar em breve sua carreira de dever laborioso.

No todo, Emma a deixou com sentimentos tão mais delicados e caridosos, que voltou caminhando para casa sem deixar de olhar para os

lados, lamentando que Highbury não contasse com nenhum homem que lhe propiciasse independência ou ninguém que ela pudesse unir com Jane.

Foram sentimentos encantadores, mas não duradouros. Antes que Emma tivesse se comprometido com qualquer profissão pública de amizade eterna por Jane Fairfax, ou feito mais no sentido de uma retratação de preconceitos e erros passados, e dito ao senhor Knightley: “Ela certamente é bela, é mais do que bela!”, Jane passara uma noite em Hartfield com a avó e a tia, e tudo estava prestes a recair basicamente no seu estado de sempre. As provocações anteriores reapareceram. A tia estava tão enfadonha como sempre, pois sua ansiedade pela saúde de Jane agora somava-se à sua admiração pelos poderes dela, assim tiveram que ouvir a descrição de como, exatamente, ela comia pouco pão e manteiga no jejum e uma fatia fina de carneiro no jantar, assim como ver exposições de novos chapéus e bolsas de trabalho para a mãe e para ela mesma; e as ofensas de Jane se elevaram novamente. Elas tinham trazido partituras; Emma foi obrigada a tocar; e os agradecimentos e elogios que se lhe seguiram pareciam uma afetação da franqueza, um ar de grandeza, com o propósito apenas de mostrar em alto estilo o desempenho muito superior de Jane. Ela era, além disso, tão fria, tão cautelosa! Não havia como expressar sua opinião real. Envolvida em um manto de polidez, ela parecia determinada a não arriscar nada. Ela era repugnante e suspeitamente reservada.

Se alguma coisa poderia ser mais do que era, quando tudo era superlativo, ela era mais reservada no assunto de Weymouth e dos Dixon do que qualquer coisa. Ela parecia inclinada a não dizer nada a respeito da personalidade do senhor Dixon, sua própria opinião sobre a companhia dele ou sobre se a união entre os dois seria apropriada. Tudo era uma aprovação e suavidade geral, e nada era delineado ou distinto. Não lhe favorecia em nada. Sua cautela foi jogada às favas. Emma percebeu o artifício e retornou a suas primeiras suposições. Provavelmente havia algo mais para esconder do que sua própria preferência, o senhor Dixon, talvez, tivesse estado muito perto de trocar uma amiga pela outra, ou só se tivesse se fixado na senhorita Campbell, em razão de suas futuras doze mil libras.

A mesma reserva prevalecia em outros temas. Ela e o senhor Frank

Churchill estiveram em Weymouth ao mesmo tempo. Sabia-se que eles eram vagamente familiarizados. Mas Emma não conseguiu descobrir nem sequer uma sílaba de informação real sobre quem ele era de fato. Era bonito? Ela acreditava que ele era considerado um jovem muito distinto. Era agradável? De modo geral, ele era considerado agradável. Ele parecia ser um jovem sensato e informado? Em um balneário, ou na casa de um conhecido comum de Londres, era difícil decidir sobre esses pontos. Com segurança, só se podiam julgar os modos, e sob um conhecimento muito mais longo do que tinham até o momento do senhor Churchill. Ela acreditava que todos o consideravam agradável. Emma não podia perdoá-la.

Capítulo 3

Emma não podia perdoá-la. Porém, como nem a provocação nem o ressentimento foram percebidos pelo senhor Knightley, que estivera presente e vira apenas atenção apropriada de ambas as partes. Ele estava, na manhã seguinte, novamente em Hartfield a negócios com o senhor Woodhouse, expressando sua aprovação do todo, não tão abertamente como teria expressado se o senhor Woodhouse não estivesse presente no recinto, mas falando com franqueza o suficiente para ser muito inteligível para Emma. Ele estava acostumado a considerá-la injusta com Jane e agora tinha grande prazer em apontar uma melhora.

– Uma noite muito agradável – começou ele, assim que tinha conversado o que era necessário com o senhor Woodhouse e este tinha dito que entendia e a papelada foi posta de lado. – Particularmente agradável. Você e a senhorita Fairfax nos proporcionaram uma ótima música. Não conheço um estado mais luxuoso, senhor, do que me sentar à vontade para ser entretido durante toda a noite por duas dessas jovens, às vezes com música e às vezes com conversa. Tenho certeza de que a senhorita Fairfax deve ter achado a noite agradável, Emma. Você não deixou nada por fazer. Fiquei feliz que você a tenha feito tocar tanto, pois ela não tem nenhum instrumento na casa da avó, deve ter sido uma verdadeira indulgência.

– Fico feliz que tenha aprovado – disse Emma, sorrindo. – Mas espero

que eu não seja frequentemente deficiente no que é devido aos convidados de Hartfield.

– Não, minha querida – disse o pai dela instantaneamente. – Isso eu tenho certeza de que você não é. Não há ninguém tão atenciosa e civilizada quanto você. Se posso dizer alguma coisa, você é muito atenciosa. Os bolinhos, ontem à noite, se tivessem sido passados uma vez, acho que teria sido suficiente.

– Não – disse o senhor Knightley, quase ao mesmo tempo. – Você não é frequentemente deficiente, nem em conduta e nem em compreensão. Creio que você me entende.

Um olhar perverso expressou: “Eu o entendo bem o suficiente”, mas ela disse apenas:

– A senhorita Fairfax é reservada.

– Eu sempre lhe disse que ela era... um pouco. Porém, em breve você superará toda a parte de sua reserva que deve ser superada, tudo isso tem sua fundamentação em desconfiança. O que surge da discricção deve ser honrado.

– O senhor acha que ela é tímida, mas eu não vejo assim.

– Minha cara Emma – disse ele, movendo-se da cadeira que estava para outra mais perto dela –, você não vai me dizer, espero, que não teve uma noite agradável.

– Oh, não! Fiquei satisfeita com a minha própria perseverança em fazer perguntas e me diverti ao pensar como obtive poucas informações.

– Estou desapontado – foi sua única resposta.

– Espero que todos tenham tido uma noite agradável – disse o senhor Woodhouse, no seu jeito tranquilo. – Eu tive. Uma vez, senti a lareira um pouco quente demais. Mas então recuei um pouco a cadeira, muito pouco, e isso não me incomodou mais. A senhorita Bates estava muito conversadora e bem-humorada, como sempre, embora fale um pouco rápido demais. No entanto, ela é muito simpática e a senhora Bates também, de uma forma diferente. Eu gosto de velhos amigos e a senhorita Jane Fairfax é uma jovem muito bonita e muito bem-comportada. Ela deve ter achado a noite agradável, senhor Knightley, porque tinha Emma.

– É verdade senhor e Emma também, porque tinha a senhorita Fairfax.

Emma viu sua ansiedade, e desejando satisfazê-lo pelo menos por enquanto, disse com uma sinceridade que ninguém poderia questionar:

– Ela é um tipo de criatura elegante da qual ninguém consegue desviar os olhos. Estou sempre a observando para admirar e tenho pena dela do fundo do meu coração.

O senhor Knightley parecia mais gratificado do que se expressava e antes que ele pudesse responder qualquer coisa, o senhor Woodhouse, cujos pensamentos estavam concentrados nas Bates, disse:

– É uma pena que as circunstâncias delas sejam tão confinadas! Uma pena mesmo! E muitas vezes desejei... Mas é tão pouco que se pode fazer... Presentes pequenos e insignificantes de qualquer coisa incomum. Agora nós matamos um porco, e Emma pensa em mandar um lombo ou um pernil para elas, a carne de porco produzida em Hartfield não é como qualquer outra carne de porco, mas ainda é carne de porco. E, minha querida Emma, a menos que se tenha a certeza de fazer bifes, bem fritos, como os nossos são fritos, com o mínimo de gordura, e não assados, pois nenhum estômago pode suportar carne de porco assada, acho que seria melhor mandar o pernil. Não acha, minha querida?

– Meu querido papai, eu mandei todo o quarto traseiro. Eu sabia que o senhor desejaria que eu mandasse. Haverá o pernil a ser salgado, sabe, o que é muito bom, e o lombo para ser temperado diretamente da maneira que elas preferirem.

– Isso mesmo, minha querida, muito certo. Eu não tinha pensado nisso antes, mas esse é o melhor jeito. Elas não devem salgar demais o pernil e então, se não for salgado demais, e se estiver muito bem fervido, assim como Serle ferve o nosso, e comido com muita moderação, com um nabo cozido e um pouco de cenoura ou salsinha, não considero indigesto.

– Emma – disse o senhor Knightley logo em seguida –, tenho uma notícia para você e você gosta de notícias. Ouvi um assunto no meu caminho para cá que acho que a interessará.

– Uma notícia! Oh, sim! Eu gosto sempre de novidades. O que é? Por que está sorrindo assim? Onde ouviu? Em Randalls?

Ele só teve tempo de dizer:

“Não, não em Randalls, não estive perto de Randalls”, quando a porta foi

aberta, e a senhorita Bates e a senhorita Fairfax entraram na sala. Cheia de gratidão, e cheia de novidades, a senhorita Bates não sabia por onde começar. O senhor Knightley logo viu que perdera o momento, e que não lhe sobraria nenhuma outra sílaba de comunicação.

– Oh! Meu caro senhor, como está esta manhã? Minha querida senhorita Woodhouse. Estou sem palavras. Um belo traseiro de porco! A senhorita é muito generosa! Ouviu a notícia? O senhor Elton vai se casar.

Emma não tivera tempo nem para pensar no senhor Elton, e ela ficou tão completamente surpresa que não pôde evitar um pequeno sobressalto e um pouco de rubor ao ouvir aquilo.

– Eis a minha notícia (eu achei que fosse interessar você) – disse o senhor Knightley, com um sorriso que implicaria uma convicção de alguma parte do que havia se passado entre eles.

– Mas onde o senhor pode ter ouvido isso? – exclamou a senhorita Bates.
– Onde o senhor poderia ter ouvido isso, senhor Knightley? Pois não faz nem cinco minutos desde que recebi o recado da senhora Cole... não, não pode fazer mais de cinco, ou pelo menos dez... pois eu já estava com meu chapéu e casaco, pronta para sair... Eu só tinha saído para falar com Patty novamente sobre a carne de porco. Jane estava no corredor, não estava, Jane? Pois minha mãe temia muito que não tivéssemos um recipiente grande o suficiente para salgar a carne. Então eu disse que iria lá para ver e Jane disse: “Devo ir em seu lugar? Pois acho que você está com um leve resfriado, e Patty foi lavar a cozinha”. E eu disse: “Oh, minha querida!”, e foi nesse momento que chegou o recado. Uma tal senhorita Hawkins... é tudo o que sei. Uma tal senhorita Hawkins de Bath. Mas, senhor Knightley, como você poderia ter ouvido isso? No momento em que o senhor Cole contou para a senhora Cole sobre isso, ela sentou-se e escreveu para mim. Uma tal senhorita Hawkins...

– Eu estava com o senhor Cole a negócios há uma hora e meia. Ele tinha acabado de ler a carta de Elton quando eu estava entrando na casa, e me entregou-a no mesmo instante.

– Ora! Isso é um tanto... Acho que nunca ouvi uma notícia mais interessante, no geral. Meu caro senhor, é muita generosidade sua. Minha mãe deseja seus melhores respeitos e cumprimentos, e mil

agradecimentos, e diz que o senhor a comove profundamente.

– Consideramos nossa carne de porco de Hartfield... – replicou o senhor Woodhouse. – Na verdade, ela certamente é muito superior a todas as outras carnes de porco, de forma que Emma e eu não podemos ter um prazer maior do que...

– Oh! Meu caro senhor, como minha mãe diz, nossos amigos são bons demais para nós. Se existem pessoas que, sem possuir grande riqueza, tenham tudo o que poderiam desejar, tenho certeza de que somos nós. Podemos, inclusive, dizer que nossa sorte tem boa herança. Bem, senhor Knightley, e o senhor realmente viu a carta, bem...

– Era curta, apenas para anunciar, mas alegre, exultante, é claro. – Aqui ele lançou um olhar malicioso para Emma. – Ele teve grande sorte de... esqueci as palavras exatas... Não há motivo para ter que nos lembrar perfeitamente delas. A informação era, como a senhorita afirma, que ele se casaria com uma certa senhorita Hawkins. Pelo estilo de escrita, eu imaginaria que já está tudo decidido.

– O senhor Elton vai se casar! – disse Emma, assim que conseguiu falar. – Ele receberá os melhores votos de todos pela sua felicidade.

– Ele é muito jovem para se casar – foi a observação do senhor Woodhouse. – Seria melhor se ele não tivesse pressa. Ele me pareceu muito bem como estava. Sempre ficamos felizes em vê-lo em Hartfield.

– Uma nova vizinha para todas nós, senhorita Woodhouse! – disse a senhorita Bates, com alegria. – Minha mãe ficou tão satisfeita! Ela diz que não pode suportar que o pobre e velho vicariato fique sem uma senhora. Realmente é uma notícia incrível. Jane, você nunca viu o senhor Elton! Não é de admirar que você tenha tanta curiosidade em vê-lo.

A curiosidade de Jane não parecia ser de natureza tão absorvente para ocupá-la completamente.

– Não, eu nunca vi o senhor Elton – ela respondeu, começando com esse apelo. – Ele é... ele é um homem alto?

– Quem deve responder a essa pergunta? – exclamou Emma. – Meu pai diria “sim”, já o senhor Knightley, “não” e senhorita Bates e eu diríamos que ele tem apenas uma feliz estatura mediana. Quando tiver passado um pouco mais de tempo aqui, senhorita Fairfax, entenderá que o senhor Elton

é o padrão de perfeição em Highbury, tanto em pessoa quanto em mente.

– É bem verdade, senhorita Woodhouse, certamente ela entenderá. Ele é o melhor rapaz... Mas, minha querida Jane, se você se lembra, eu lhe disse ontem que ele era exatamente da altura do senhor Perry. A senhorita Hawkins, ousa dizer, é uma excelente jovem. A extrema atenção dele para com a minha mãe, querer que ela se sentasse no banco do vicariato, para que ela pudesse ouvir melhor (porque minha mãe é um pouco surda, a senhorita sabe) não é muito, mas ela não ouve muito bem. Jane diz que o coronel Campbell é um pouco surdo. Ele imaginou que o banho poderia ser bom para ele, o banho quente, mas ela diz que não deu a ele nenhum benefício duradouro. O coronel Campbell, a senhorita sabe, é nosso anjo. E o senhor Dixon parece um jovem muito charmoso, bem digno dele. É sempre uma grande felicidade quando pessoas boas se reúnem e eles sempre fazem isso. Muito bem, aqui estarão o senhor Elton e a senhorita Hawkins; e há os Cole, pessoas tão boas; e os Perry. Suponho que nunca houve um casal mais feliz ou melhor do que o senhor e a senhora Perry. Eu digo, senhor – voltando-se para o senhor Woodhouse –, acho que há poucos lugares com pessoas tais como em Highbury. Eu sempre digo que somos muito abençoados com nossos vizinhos. Meu caro senhor, se há uma coisa que minha mãe ama mais do que qualquer outra, é carne de porco, um lombo de porco assado...

– Quanto a quem, ou que a senhorita Hawkins é, ou há quanto tempo ele a conhece – disse Emma –, nada que eu suponha possa ser conhecido. Não parece que possa ser um relacionamento social de longa data. Ele está fora há apenas quatro semanas.

Ninguém tinha nenhuma informação para dar e, depois de mais alguns questionamentos, Emma disse:

– Vejo que está em silêncio, senhorita Fairfax, mas espero que se interesse nessa notícia. A senhorita, que ultimamente tem ouvido e visto tanto sobre esses assuntos, que deve ter se aprofundado tanto por causa da senhorita Campbell, então não podemos achar que a senhorita ficaria indiferente ao senhor Elton e à senhorita Hawkins.

– Quando vir o senhor Elton – respondeu Jane –, ousa dizer que me

interessarei, mas acredito que eu preciso conhecê-lo. E como faz alguns

meses desde que a senhorita Campbell se casou, a impressão pode estar um pouco desgastada.

– Sim, ele foi viajar há apenas quatro semanas, como a senhorita observou, senhorita Woodhouse – disse a senhorita Bates. – Fez quatro semanas ontem. Uma certa senhorita Hawkins! Bem, eu sempre imaginei que seria uma jovem daqui da região, não que eu já tenha... A senhora Cole certa vez sussurrou para mim, mas imediatamente respondi: “Não, o senhor Elton é um jovem digno, mas...”. Resumindo, não acho que seja particularmente astuta nesse tipo de descobertas. Eu não finjo ser. O que está diante de mim, eu enxergo. Ao mesmo tempo, ninguém poderia imaginar se o senhor Elton deveria ter aspirado... Enfim, a senhorita Woodhouse me deixa tagarelando, o temperamento tão afável. Ela sabe que eu não ofenderia ninguém por nada no mundo. Como vai a senhorita Smith? Ela parece bastante recuperada agora. Teve notícias da senhora John Knightley recentemente? Oh! Aquelas criancinhas queridas. Jane, você sabe que eu sempre imagino o senhor Dixon como o senhor John Knightley. Quero dizer na estatura física: alto e com esse tipo de aparência, não muito conversador.

– Muito errado, minha querida tia, não há semelhança alguma.

– Muito estranho! Mas nunca formamos uma ideia perfeita de ninguém assim de antemão. Acabamos colocando uma ideia na cabeça e seguindo em frente com ela. O senhor Dixon não é, estritamente falando, bonito e elegante?

– Bonito e elegante! Ah, não! Longe disso. Ele certamente é comum. Eu lhe disse que ele era comum.

– Minha querida, você disse que a senhorita Campbell não permitiria que ele fosse comum, e que você mesma...

– Ah, quanto a mim, meu julgamento não vale nada. Quando paro para analisar, sempre considero a pessoa bem-apeçoada. Mas dei o que acreditava ser a opinião geral, quando o chamei de comum.

– Bem, minha querida Jane, acredito que devemos ir muito em breve. O tempo não parece bom e a vovó ficará preocupada. A senhorita é muito

atenciosa, minha querida senhorita Woodhouse, mas nós realmente precisamos ir. Essa notícia foi das mais agradáveis, realmente. Devo passar para ver a senhora Cole no caminho. Mas não vou parar nem três minutos e, Jane, é melhor você ir diretamente para casa. Não quero que você pegue uma chuvarada! Achamos que ela já está melhor só com o ar de Highbury. Obrigada, nós agradecemos muito. Não devo tentar visitar a senhora Goddard, pois realmente não acho que ela goste de nada que não seja carne de porco cozida, quando temperarmos o pernil, será outra história. Tenha um bom dia, meu caro senhor. Ah! O senhor Knightley vem também. Bem, isso é tão...! Tenho certeza de que Jane está cansada. Tenha a bondade de me dar seu braço. Bom dia para a senhorita.

Emma, sozinha com o pai, tinha metade da atenção desejada por ele, enquanto ele lamentava que os jovens tivessem tanta pressa em se casar, e em se casar com estranhos também, e a outra metade ela poderia destinar à sua própria visão do assunto. Era para si uma notícia divertida e muito bem-vinda, como prova de que o senhor Elton não poderia ter sofrido muito. Mas ela lamentava por Harriet e tudo o que ela poderia esperar, já que tinha dado a primeira informação, era de protegê-la para que ela não ouvisse a notícia abruptamente de outras pessoas. Já era a hora habitual em que ela costumava fazer a visita. Se ela encontrasse a senhorita Bates no caminho! E estava prestes a chover, então Emma foi obrigada a esperar que as condições climáticas fossem detê-la na casa da senhora Goddard, e que as informações sem dúvida seriam despejadas sobre ela sem um aviso prévio.

A chuva foi pesada, mas curta e não haviam passado mais de cinco minutos, quando Harriet entrou, com apenas a aparência acalorada e agitada que uma corrida sincera até ali poderia lhe provocar. E o “Oh, senhorita Woodhouse, o que acha que aconteceu!”, que irrompeu no mesmo instante, carregava todos os indícios de uma perturbação correspondente. Quando o golpe foi desferido, Emma sentiu que ela não teria como demonstrar mais bondade do que ouvir e Harriet, descontrolada, despejou rapidamente tudo o que tinha para contar. Ela saíra da casa da senhora Goddard havia meia hora, tivera medo da chuva, mas achou que poderia chegar até Hartfield antes. Assim, tinha corrido o

mais rápido possível. Mas então, quando passava pela casa onde uma moça estava arrumando um vestido para ela, pensou que apenas entraria e veria como aquilo prosseguiria e embora ela não parecesse ter ficado meio momento ali dentro, já que partiu tão logo, começou a chover, e ela não sabia o que fazer. Então ela correu imediatamente, o mais rápido que pôde, e se refugiou na Ford's, a principal loja de tecidos de lã, linho e artigos de armarinho em um só lugar, era a primeira loja em tamanho e de moda na região. E assim, ali ela havia ficado, sem uma ideia de nada no mundo, quando, de repente, quem deveria entrar? Decerto era muito estranho! Mas elas sempre faziam compras na Ford's, senão Elizabeth Martin e seu irmão!

– Cara senhorita Woodhouse! Apenas pense. Achei que eu desmaiaria. Eu não sabia o que fazer. Eu estava sentada perto da porta, então Elizabeth me viu e entrou, mas ele não, pois estava ocupado com a sombrinha. Tenho certeza de que ela me viu, mas desviou o olhar no mesmo instante e não fez menção de

ter me reconhecido, então os dois foram até o fundo da loja e eu fiquei sentada perto da porta! Por Deus! Fiquei tão infeliz! Tenho certeza de que devo ter ficado tão branca quanto meu vestido. Eu não podia ir embora, sabe, por causa da chuva. Mas eu queria muito estar em qualquer lugar no mundo, menos ali. Por Deus, senhorita Woodhouse! Ele olhou em volta e me viu, pois em vez de seguir com as compras, eles começaram a cochichar um com o outro. Tenho certeza de que eles estavam falando de mim e não pude deixar de pensar que ele a estava convencendo a falar comigo (acha que ele estava, senhorita Woodhouse?), pois então ela veio vindo em minha direção e me perguntou como eu estava e parecia pronta para trocar um aperto de mãos se eu estivesse disposta. Ela não estava fazendo nada do jeito que fazia e eu percebia que ela estava alterada. No entanto, ela parecia tentar ser muito cortês, trocamos um aperto de mãos e ficamos ali conversando por algum tempo. Mas não sei nada mais do que eu disse, pois fiquei tremendo inteira! Lembro-me de que ela disse que lamentava que nunca nos encontrássemos mais, o que eu achei quase gentileza demais! Querida, senhorita Woodhouse, fiquei absolutamente

infeliz! A essa altura, o tempo estava começando a se firmar, e eu estava determinada a que nada me impedisse de ir embora... e então... apenas pense! Descobri que ele estava vindo também na minha direção e como se ele não soubesse o que fazer. Então ele veio e falou, e eu respondi, fiquei em pé por um minuto, sentindo-me terrível, sabe, não sei como. Tomei coragem e disse que não estava mais chovendo, que eu deveria ir, mas não havia me afastado três metros da porta, quando ele veio atrás de mim, apenas para dizer que se eu estava indo para Hartfield, ele achava que era melhor eu passear pelos estábulos do senhor Cole, pois eu deveria encontrar o caminho mais curto inundado por essa chuva. Oh, Deus! Pensei que teria sido a minha morte! Então eu disse que o agradecia muito. A senhorita sabe que eu não poderia fazer menos do que isso, então ele voltou para junto de Elizabeth, e eu dei a volta pelos estábulos, acredito que sim, mas eu nem sabia onde estava ou nada a respeito. Oh, senhorita Woodhouse, eu preferiria fazer qualquer coisa para aquilo não ter acontecido e ainda assim, sabe, há um tipo de satisfação em vê-lo se comportar de maneira tão agradável e gentil. Assim como Elizabeth. Oh, senhorita Woodhouse, converse comigo e me faça sentir confortável novamente.

Muito sinceramente, Emma desejou fazer o mesmo. Mas não estava imediatamente no seu poder. Ela era obrigada a parar e pensar. Não estava se sentindo totalmente confortável consigo mesma. A conduta do rapaz e a de sua irmã parecia o resultado de um sentimento real, e ela não podia evitar a pena que sentia deles. Como Harriet descreveu, havia uma mistura interessante de carinho ferido e genuína delicadeza no comportamento deles. Mas ela acreditava que eles fossem pessoas bem-intencionadas e dignas antes e que diferença isso provocava nos males dos relacionamentos sociais? Era tolice se deixar perturbar por isso. Claro, ele devia lamentar tê-la perdido, todos deviam lamentar. A ambição, assim como o amor, provavelmente tinha sido mortificada. Todos eles poderiam esperar se elevar socialmente por conhecer Harriet e, além disso, qual era o valor da posição de Harriet? Tão facilmente satisfeita, tão pouco discernente. O que significava estar em boas graças

com ela?

Ela se esforçou e tentou deixá-la confortável, considerando tudo o que havia passado como uma mera ninharia não digna de ser ruminada por tempo demais.

– Deve ser incômodo, por um momento – disse ela –, mas você pareceu ter se comportado extremamente bem e já acabou, um primeiro encontro nunca poderá e nunca acontecerá uma segunda vez, e assim você não deve pensar mais a respeito.

Harriet disse:

– É verdade.

E ela não pensaria nisso. Porém, mesmo assim, falou, pois não conseguia falar sobre outra coisa e Emma, pelo menos, para tirar os Martin da cabeça de Harriet, foi obrigada a dar logo a notícia, a qual ela pretendia dar com cautela muito mais delicada; praticamente sem saber se deveria ficar feliz ou zangada, envergonhada ou apenas divertida, com tal estado de espírito da pobre Harriet. Tamanho encerramento para a importância que ela dava ao senhor Elton!

Os direitos do senhor Elton, no entanto, gradualmente reviveram. Embora ela não sentisse o mesmo em relação à notícia que poderia ter sentido no dia anterior, ou na hora anterior, o interesse logo aumentou e antes que sua primeira conversa chegasse ao fim, ela havia se convencido em

todas as sensações da curiosidade, espanto e pesar, dor e prazer, para essa afortunada senhorita Hawkins, o que poderia conduzir os Martin a um

lugar rebaixado em seus desejos.

Emma aprendeu a ficar bastante feliz por ter havido um reencontro como aquele. Tinha sido útil para amortecer o primeiro choque, sem reter nenhuma influência ao alarme. Da forma como agora Harriet vivia, os Martin não podiam chegar até ela sem que a procurassem, como até agora eles queriam a coragem ou a condescendência de procurá-la, pois desde a recusa ao pedido do irmão, as irmãs nunca apareceram na casa da senhora Goddard e um ano inteiro poderia se passar sem que elas se encontrassem novamente ao acaso, sem nenhuma necessidade ou mesmo nenhum poder de conversa.

Capítulo 4

A natureza humana é tão bem-disposta para com aqueles que estão em situações interessantes, que um jovem que se case ou morra certamente será mencionado com bondade.

Uma semana não se passara desde que o nome da senhorita Hawkins fora mencionado pela primeira vez em Highbury, antes que descobrissem, de uma maneira ou de outra, que ela tinha todas as recomendações, quer em silhueta ou em mente, ser bonita, elegante, altamente talentosa e perfeitamente amável: e quando o próprio senhor Elton chegou para triunfar sobre seus felizes prospectos e a espalhar a fama dos seus méritos, faltava muito pouco a dizer que não fosse o nome de batismo dela e a música que ela mais tocava.

O senhor Elton retornou um homem muito feliz. Ele partira rejeitado e mortificado, além de decepcionado em sua esperança muito otimista, depois de uma série do que lhe parecia forte encorajamento e não apenas tendo perdido a dama certa, mas tendo se encontrado em degradação ao nível de uma pessoa muito errada. Quando partiu, ele estava profundamente ofendido, então retornou noivo de outra pessoa, e outra tão distinta, é claro, da primeira, como em circunstâncias como essas, o que se ganha sempre compensa o que se perdeu. Ele voltou alegre e satisfeito consigo mesmo, motivado e ocupado, sem se importar em nada com a senhorita Woodhouse e contrapondo-se à senhorita Smith.

A encantadora Augusta Hawkins, além de todas as vantagens da beleza e dos méritos perfeitos, tinha entre suas posses uma fortuna independente de tantos milhares de libras que poderiam chegar a dez. Um ponto de tal dignidade, assim como certa conveniência: a história prosseguia bem e ele não havia se jogado fora, pois havia conquistado uma mulher de dez mil libras, ou mais ou menos isso e a havia conquistado com uma deliciosa rapidez. A primeira hora de apresentações logo foram seguidas por uma notável percepção, a história que ele tivera que contar à senhora Cole sobre o nascimento e progresso da questão foi tão gloriosa, as etapas tão rápidas, do reencontro accidental, ao jantar na casa do senhor Green e à festa na casa da senhora Brown. Sorrisos e rubores ganhando importância,

com a consciência e a agitação ricamente dispersas e a dama sendo tão facilmente impressionável, de disposição tão doce, teve, em resumo, que usar uma frase muito inteligível, tão pronta que estava para aceitá-lo, que a vaidade e a prudência foram igualmente

contempladas.

Ele havia captado a substância e a sombra, tanto fortuna quanto afeição, e era exatamente o homem feliz que deveria ser; falando apenas de si e de suas próprias preocupações, esperando ser parabenizado, pronto para ser ridicularizado e, com um sorriso cordial e destemido, agora se dirigindo a todas as jovens do local, para quem, algumas semanas antes, ele teria sido mais cautelosamente galante.

O casamento não era um evento distante, pois as partes só tinham de agradar uma à outra, e de esperar por nada além dos preparativos necessários, e quando ele partiu para Bath novamente, havia uma expectativa geral, que um certo olhar da senhora Cole não parecia contradizer, que quando ele entrasse na região de Highbury, traria sua noiva.

Durante sua atual e curta estada, Emma mal o viu. Porém, apenas o suficiente para sentir que a primeira reunião havia terminado e para lhe dar a impressão de que ele não estava sendo aprimorado pela mistura de pique e pretensão, agora espalhada pela forma como ele se portava. De fato, ela estava começando a se perguntar se alguma vez o tinha achado agradável e sua visão sobre ele estava tão inseparavelmente ligada a sentimentos muito desagradáveis que, exceto sob um ponto de vista moral, como uma penitência, uma lição, uma fonte de humilhação lucrativa para sua própria mente, ela ficaria agradecida por se certificar de nunca mais voltar a vê-lo. Ela lhe desejava muito bem. Mas ele lhe causava incômodo e o bem-estar dele a trinta quilômetros dali, conferiria a Emma grande satisfação.

O incômodo da residência contínua do senhor Elton em Highbury, no entanto, certamente seria aliviado pelo casamento. Muitas solicitações vãs seriam evitadas e muitos constrangimentos suavizados. Uma senhora Elton seria uma desculpa para qualquer mudança nos relacionamentos

sociais e a proximidade anterior pode afundar sem que se olhasse para trás. Seria quase o começo de sua vida de mera civilidade novamente.

Sobre a dama, individualmente, Emma pensava muito pouco. Era boa o suficiente para o senhor Elton, sem dúvida, talentosa o suficiente para Highbury, e bonita o suficiente para parecer simples, provavelmente, ao lado de Harriet. Quanto à conexão, Emma estava perfeitamente tranquila e convencida de que, depois de todas as alegações desdenhosas do senhor Elton por Harriet, ele não havia feito nada. Nesse quesito, parecia possível alcançar a verdade. O que ela era, devia ser incerto. Mas quem ela era poderia ser descoberto e deixando de lado as dez mil libras, não parecia que ela fosse de forma alguma superior a Harriet. Ela não trouxe nome, nem sangue, nem aliança. De Briston, a senhorita Hawkins era a caçula de duas filhas de um... comerciante, é claro, é assim que ele deveria ser chamado. Mas, como o todo do lucro de sua vida mercantil parecia muito moderado, não era injusto supor que a dignidade de sua linha de comércio também fosse muito moderada. Parte de todo inverno ela estava acostumada a passar em Bath. Mas Bristol era seu lar, o coração de Bristol, pois embora o pai e a mãe tivessem morrido alguns anos antes, restava um tio no ramo do Direito mas não se podia acusá-lo de nada mais distintamente honroso do que estar no ramo do Direito, e era com ele que a moça vivia. Emma achava que ele fizesse o trabalho burocrático para algum advogado e que fosse estúpido demais para subir na profissão. E toda a grandeza da conexão parecia ser por conta da irmã mais velha, que era muito bem casada com um excelente cavalheiro, perto de Bristol, que mantinha duas carruagens! Esse era o resumo da história e essa era a glória da senhorita Hawkins.

Ela poderia ter dado a Harriet seus sentimentos sobre tudo isso? Ela a havia convencido a amar. Mas, ora! Não seria tão fácil convencê-la disso. O encanto de um objeto para ocupar as muitas lacunas no intelecto de Harriet não deveria ser descartado. Ele poderia ser substituído por outro, nada poderia ser mais claro e até um Robert Martin teria sido suficiente. Mas nada mais, ela temia, poderia curá-la. Harriet era uma daquelas que, tendo começado uma vez, sempre estaria apaixonada. E agora, pobre menina! Ela estava consideravelmente pior com o reaparecimento do

senhor Elton. Ela sempre o estava encontrando em algum lugar ou outro. Emma o viu apenas uma vez. Mas duas ou três vezes por dia Harriet tinha certeza de tê-lo encontrado por pouco, de ter sentido falta dele por pouco, de ter ouvido a voz dele por pouco ou de ter visto seu ombro, de algo ter acontecido e, por pouco, ela não pensou nele, em tudo favorecendo carinho, surpresa e conjectura. Ela, além disso, ouvia perpetuamente a respeito do senhor Elton, pois estava sempre entre as pessoas que não enxergavam nenhuma falha nele, e não achavam nada tão interessante como a discussão sobre o que dizia respeito a ele; e cada notícia, cada palpite, tudo o que já houvesse ocorrido, tudo o que pudesse ocorrer no arranjo de suas ações, compreendendo renda, criados e móveis, agitavam-se constantemente ao redor de Harriet. A admiração dela aumentava em força pelos elogios invariáveis ao senhor Elton, os pesares dela continuavam vivos, os sentimentos eram irritados por repetições incessantes da felicidade de senhorita Hawkins e pela observação contínua de quanto ele parecia apegado a ela! Seu jeito de andar pela casa, o próprio caimento de seu chapéu, tudo isso era prova do quanto ele estava apaixonado!

Se fosse permitido se divertir com isso, se não houvesse dor para a amiga ou censura a si mesma, nas oscilações da opinião de Harriet, Emma teria se divertido com as variações. Às vezes predominava o senhor Elton, outras, os Martin e cada um era ocasionalmente útil como um bloqueio para o outro. O noivado do senhor Elton tinha sido a cura para a atribulação provocada pelo encontro com o senhor Martin. A infelicidade produzida pelo conhecimento desse noivado foi um pouco deixada de lado pela visita de Elizabeth Martin à casa da senhora Goddard, alguns dias depois. Harriet não estava em casa, mas um recado havia sido preparado e deixado para ela, escrito no próprio estilo para comover. Havia uma pequena mistura de reprovação, com uma grande porção de bondade e até que o próprio senhor Elton aparecesse, ela estava muito ocupada com isso, refletindo continuamente sobre o que poderia ser feito em troca e desejando fazer mais do que ousava confessar. Porém, o senhor Elton, pessoalmente, havia se despojado de todos esses cuidados. Enquanto ele permanecesse, os Martin eram esquecidos; e, na mesma manhã em que

partiu para Bath novamente, Emma, para dissipar parte da angústia que aquilo ocasionara, achou melhor retribuir a visita de Elizabeth Martin.

Como essa visita seria reconhecida e o que poderia ser mais seguro, tinha sido um ponto de alguma consideração duvidosa. A negligência absoluta da mãe e das irmãs, quando convidadas a vir, seria ingratidão. Não deveria ser e, no entanto, o perigo de uma reaproximação...!

Depois de muito pensar, ela não conseguiu decidir por nada melhor do que Harriet retribuir a visita. Mas de uma maneira que, se elas tivessem uma boa compressão dos fatos, elas se convencessem de que se tratava apenas de uma relação distante e formal. Emma pretendia levá-la na carruagem, deixá-la em Abbey Mill, enquanto seguia um pouco mais e depois a chamasse de novo pouco tempo depois, de forma a não permitir as aplicações insidiosas ou as recorrências perigosas ao passado e dar a prova mais decidida de que nível de intimidade havia sido escolhido para o futuro.

Ela não conseguia pensar em nada melhor e, embora houvesse algo que seu próprio coração não pudesse aprovar, algo de ingratidão, meramente ignorado, isso deveria ser feito, ou o que seria de Harriet?

Capítulo 5

Pouca vontade tinha Harriet de fazer uma visita. Apenas meia hora antes de sua amiga chamá-la na casa da senhora Goddard, sua má sorte a havia levado ao exato local em que, naquele momento, um baú, dirigido ao reverendo Philip Elton, White-Hart, Bath, seria visto sob a operação de ser levantado no carrinho de açougueiro, que deveria ser transportado para onde as diligências passavam. E tudo nesse mundo, exceto aquele baú e a sua direção era, conseqüentemente, um espaço em branco.

Harriet foi, no entanto, e quando chegaram à fazenda, e ela desembarcaria no final do amplo e impecável passeio de cascalho, que levava entre macieiras espalhadas até a porta da frente, a visão de tudo o que lhe dera tanto prazer no outono anterior, começaram a reviver um pouco de agitação local. Quando elas se separaram, Emma observou que Harriet estava olhando em volta com uma espécie de curiosidade

assustada, que determinou que ela não permitisse que a visita excedesse o quarto de hora proposto. Emma se pôs então a dedicar essa porção de tempo a uma velha criada que era casada e havia passado a residir em Donwell.

O quarto de hora a trouxe pontualmente para o portão branco novamente e a senhorita Smith, ao receber o chamado, estava novamente com ela sem demora, sem a companhia de nenhum jovem cavalheiro alarmante. Ela veio solitária pelo passeio de cascalho e uma das senhoritas Martin aparecendo brevemente na porta, e despedindo-se dela com civilidade cerimoniosa.

Harriet não conseguiu dar uma explicação inteligível nos minutos que se seguiram. Ela estava acometida por muitos sentimentos. Mas, por fim, Emma coletou dela o suficiente para entender o tipo de encontro, e o tipo de dor que estava criando. Ela tinha visto apenas a senhora Martin e as duas moças. Elas a receberam com certa suspeita, se não com frieza e nada além do mero lugar-comum fora conversado quase durante todo o tempo. Até que, por fim, quando a senhora Martin disse, de repente, que ela achava que a senhorita Smith havia crescido, trouxe à tona um assunto mais interessante e um comportamento mais caloroso. Naquela mesma sala, ela fora mensurada no último setembro, com suas duas amigas. Havia marcas e memorandos a lápis no lambril da janela. Ele tinha feito isso. Todas pareciam se lembrar do dia, da hora, de quem estava presente, da ocasião, de sentir a mesma percepção, os mesmos arrependimentos, de estarem prontos para voltar ao mesmo bom entendimento. E estavam voltando a crescer como eles mesmos (Harriet, como Emma devia suspeitar, tão pronta quanto os melhores deles para serem cordiais e felizes) quando a carruagem reapareceu e tudo acabou.

O estilo da visita e o fato de ser tão curta foram então considerados decisivos. Catorze minutos para conceder àqueles com quem ela era grata de ter passado seis semanas, não fazia nem seis meses! Emma não conseguia deixar de imaginar tudo e de sentir como elas poderiam estar justificavelmente ressentidas e como Harriet devia estar sofrendo, naturalmente. Era uma má situação. Ela teria dado muito, ou suportado muito, para ter pensado melhor do nível de vida dos Martin. Eles eram tão

merecedores, que um pouco mais alto na escala social deveria ter sido suficiente, mas como ela poderia ter feito diferente? Impossível! Ela não podia se arrepender. Harriet precisava ser afastada dos Martin. Mas havia muita dor no processo, tanto para si mesma naquele momento, que ela logo sentiu a necessidade de um pouco de consolo e resolveu voltar para casa passando por Randalls para obtê-lo. Sua mente estava cansada do senhor Elton e dos Martin. O refresco de Randalls era absolutamente necessário.

Foi uma boa estratégia. Porém, quando chegaram à porta, ficaram sabendo que nem o senhor nem a senhora Weston estavam em casa, pois ambos estavam fora havia algum tempo e o homem acreditava que tinham ido para Hartfield.

– Isso é muito ruim! – exclamou Emma, enquanto se afastavam. – E agora vamos nos desencontrar com eles, que provocação! Não sei quando fiquei tão decepcionada. – E recostou-se no canto, para se esbaldar de seus murmúrios ou para afastá-los; provavelmente um pouco de ambos – sendo esse o processo mais comum de uma mente que não era mal-intencionada. De repente, a carruagem parou ela olhou para cima e tinham sido paradas pelo senhor e pela senhora Weston, que estavam ali para falar com ela. Houve prazer imediato ao vê-los, e ainda maior prazer foi demonstrado em som, pois o senhor Weston imediatamente a abordou com:

– Como vai? Como vai? Estávamos visitando seu pai. Ficamos felizes de vê-lo tão bem. Frank vem amanhã. Recebi uma carta esta manhã. Nós o veremos na hora do jantar amanhã certamente. Ele está em Oxford hoje e vem passar quinze dias inteiros. Eu sabia que seria assim. Se ele tivesse chegado no Natal, não poderia ter ficado nem por três dias, eu sempre fiquei contente por ele não ter vindo no Natal e agora teremos o clima certo para ele, aliás um clima bom, seco e firme. Vamos apreciar a presença dele completamente e tudo se saiu exatamente como poderíamos desejar.

Não havia como resistir a tais notícias, nenhuma possibilidade de evitar a influência de uma expressão tão feliz como a do senhor Weston, tudo confirmado pelas palavras e pelo semblante de sua esposa, menos em

quantidade e mais discretas, mas não contava menos para o propósito. Saber que ela achava que a vinda do senhor Frank Churchil era suficiente para fazer Emma considerá-la certa, e se alegrou com a alegria dos amigos. Foi uma reanimação muito agradável de espíritos exaustos. O passado desgastado foi a pique com o frescor do que estava por vir e na rapidez do pensamento de uma

fração de instante, ela esperava que não se falasse mais do senhor Elton.

O senhor Weston contou à Emma a história dos compromissos em Enscombe, o que permitiu que seu filho pudesse ter duas semanas a seu inteiro dispor, assim como a rota e o método de sua jornada, então ela ouviu, sorriu e parabenizou.

– Em breve devo levá-lo a Hartfield – disse ele, na conclusão.

Emma podia imaginar ter visto a esposa tocar-lhe o braço nesse momento do discurso.

– É melhor seguirmos em frente, senhor Weston – disse ela –, estamos detendo as meninas.

– Bem, bem, eu estou pronto – e voltando-se novamente para Emma – mas a senhorita não deve esperar um rapaz muito distinto, pois a senhorita só teve o meu relato, sabe. Ouso dizer que ele não é realmente nada de extraordinário. – Embora seus próprios olhos brilhantes nesse momento

demonstrassem uma convicção muito diferente.

Emma poderia parecer perfeitamente inconsciente e inocente, e responder de uma forma que não entregava nada.

– Pense em mim amanhã, minha querida Emma, por volta das quatro horas – foi a despedida da senhora Weston, falado com alguma ansiedade e direcionado apenas para Emma.

– Quatro horas! Tenha certeza, ele estará aqui às três – foi a rápida emenda do senhor Weston e assim terminou uma reunião muito satisfatória. O espírito de Emma foi elevado à felicidade e tudo tinha um ar diferente. James e seus cavalos não pareciam tão lentos quanto antes. Quando olhou para as cercas vivas, pensou que pelo menos o sabugueiro não tardaria a florescer e quando ela se virou para Harriet, viu algo como um aspecto primaveril, um sorriso terno até mesmo ali.

– O senhor Frank Churchill passará por Bath e por Oxford? – Era uma pergunta, no entanto, que não tinha bom agouro.

Mas nem a geografia nem a tranquilidade podiam aparecer de uma só vez, e Emma estava agora com humor para decidir que ambos surgiriam no devido tempo.

Chegou a manhã do dia interessante e a fiel aluna da senhora Weston não se esqueceu nem às dez, nem às onze, nem às doze horas, que pensaria nela às quatro.

– Minha querida, querida amiga ansiosa – disse ela, num solilóquio mental, enquanto descia as escadas de seu próprio quarto. – Sempre muito cuidadosa com o conforto de todos, exceto o seu. Eu vejo você agora com todos os seus pequenos nervosismos, entrando várias vezes no quarto dele, para ter certeza de que está tudo certo. – O relógio bateu doze horas quando ela passou pelo corredor. – São doze, não esquecerei de pensar em você daqui a quatro horas e a essa hora de amanhã, talvez, ou um pouco mais tarde, talvez eu esteja pensando na possibilidade de todos virem fazer uma visita aqui. Tenho certeza que o trarão em breve.

Ela abriu a porta da sala e viu dois cavalheiros sentados com o pai: o senhor Weston e o filho. Eles haviam chegado fazia apenas alguns minutos e o senhor Weston mal tinha terminado a explicação de Frank ter chegado um dia antes do tempo previsto, e seu pai ainda estava no meio de suas boas-vindas muito polidas e de suas congratulações, quando Emma apareceu para ter seu quinhão de surpresa, apresentações e prazer.

O senhor Frank Churchill de quem tanto se falava havia muito tempo, objeto do mais alto interesse de todos, estava realmente diante dela. Ele lhe foi apresentado e ela não achou que houvessem exagerado nos elogios à pessoa dele, pois tratava-se de um jovem muito bonito: altura, ar, modo de se dirigir aos demais, todos eram inesgotáveis, e seu semblante tinha grande parte do espírito e da vivacidade do pai, aliás ele parecia rápido e sensível. Ela sentiu imediatamente que deveria gostar dele; e havia uma postura confiante que demonstrava boa educação, além de uma disposição para conversar, que a convenceu de que ele pretendia vir conhecê-la e que logo seriam apresentados.

Ele tinha chegado a Randalls na noite anterior. Emma ficou satisfeita

com a ansiedade em chegar, o que o fez alterar seu plano e partir em viagem mais cedo, do que mais tarde e mais rápido, para ganhar com isso metade de um dia.

– Eu lhe disse ontem – exclamou o senhor Weston com exultação. – Eu disse a todos que ele estaria aqui antes da hora marcada. Lembrei-me do que eu mesmo costumava fazer. Não se pode rastejar durante uma jornada, não se pode deixar de avançar mais rápido do que o planejado e o prazer de encontrar os amigos antes do início da espera começar vale muito mais do que qualquer pequeno esforço necessário.

– É um grande prazer – disse o jovem –, embora não haja muitas casas que eu deva presumir visitar até agora. Mas ao voltar para casa, senti que poderia fazer qualquer coisa.

A palavra casa fez seu pai olhá-lo com nova complacência. No mesmo instante, Emma recebeu confirmação de que ele sabia como se fazer agradável e a convicção foi reforçada pelo que se seguiu. Ele ficou muito satisfeito com Randalls, achou a casa admiravelmente arrumada, mal admitiu que era muito pequena, admirou a situação, a caminhada até Highbury, a própria Highbury, Hartfield ainda mais, e declarou que sempre sentira o tipo de interesse pelo campo que só o campo de sua própria origem pode proporcionar e a maior curiosidade em visitá-lo. Que ele nunca tivera a possibilidade de satisfazer sua própria vontade e se render a um sentimento tão agradável antes, passou de forma suspeita pela mente de Emma. Mas ainda assim, se era uma falsidade, era agradável e havia sido apresentada de forma agradável. Seus modos não tinham ar de ensaio ou exagero. Ele realmente aparentava estar e falava como se não estivesse em uma situação de satisfação corriqueira.

Seus assuntos, em geral, eram condizentes com aqueles discutidos no início de uma amizade. Do lado dele estavam as perguntas: Ela gostava de andar a cavalo? Cavalgadas agradáveis? Passeios agradáveis? As vizinhanças eram grandes? Highbury, talvez, proporcionasse o convívio social suficiente? Havia várias casas muito bonitas por ali. Bailes? Eles tinham bailes? A sociedade ali era musical?

No entanto, satisfeito com todos esses pontos e conforme os estágios iniciais da amizade avançavam de forma gradativa, ele se dispôs a

encontrar uma oportunidade, enquanto seus pais, o senhor Weston e o senhor Woodhouse conversavam entre si, para incluir sua madrastra na conversa e para falar dela com tantos elogios elegantes, com tanta gratidão pela felicidade que ela proporcionava ao seu pai, e a forma muito calorosa com que ela o recebera, como uma prova adicional de que ele sabia como ser agradável e de ele considerar que valia o esforço agradar Emma. Ele não ofereceu uma palavra de elogio, além do que Emma sabia ser totalmente merecido pela senhora Weston. Mas, sem dúvida, ele sabia muito pouco sobre o assunto. Ele entendia que seria bem-recebido, mas poderia ter certeza de pouco mais. O casamento de seu pai, ele dissera, tinha sido a medida mais sábia, todos os amigos deviam se alegrar pela união e a família de quem ele recebera essa bênção deveria sempre ser considerada como tendo lhe feito o maior favor.

Ele chegou o mais perto que pôde de agradecer Emma pelos méritos da senhorita Taylor sem parecer esquecer que o curso comum das coisas seria supor, em vez disso, que a senhorita Taylor é que tinha formado o caráter da senhorita Woodhouse e não o contrário. E, por fim, como se resoluto a qualificar sua opinião completamente por rodear seu verdadeiro objeto, ele concluiu tudo ao dizer o quanto estava impressionado com a juventude e a beleza da senhora Weston.

– Para modos elegantes e agradáveis eu estava preparado – disse ele –, mas confesso que, considerando tudo, eu não esperava mais do que uma mulher de aparência muito tolerável e de certa idade, então não sabia que encontraria uma jovem bonita na senhora Weston.

– Na minha opinião, o senhor não está vendo perfeição o suficiente na senhora Weston – disse Emma. – Se achasse que ela tivesse 18 anos, eu ouviria com prazer. Mas ela estaria pronta para brigar com o senhor por usar essas palavras. Não a deixe imaginar que o senhor falou dela como uma jovem bonita.

– Espero que agora eu tenha conhecimento suficiente para não fazer isso – respondeu ele. – Não, dou minha palavra – com uma reverência galante

– que ao me dirigir à senhora Weston eu deva saber quem elogiar sem nenhum perigo de ser considerado extravagante nos meus termos.

Emma se perguntou se a mesma suspeita do que poderia ser esperado ao se conhecerem, que tanto tinha ocupado sua mente, já teria cruzado a mente dele e se os seus elogios deveriam ser considerados marcas de aquiescência ou provas de uma postura desafiadora. Ela precisava conhecê-lo melhor para entender seu comportamento, no momento, ela só sentia que eram modos agradáveis.

Ela não tinha dúvida do que o senhor Weston frequentemente pensava. Ela detectou repetidas vezes o cavalheiro lançando olhares rápidos para eles com uma expressão feliz e mesmo quando ele podia estar determinado a não olhar, ela tinha confiança de que frequentemente ele estava ouvindo a conversa.

Já a perfeita isenção de seu pai de qualquer pensamento desse tipo, toda a deficiência nele de todo esse tipo de intromissão ou suspeita, era uma circunstância muito confortável. Felizmente, ele não estava mais distante de aprovar o matrimônio do que estava de prevê-lo. Sempre objetando a todos os matrimônios arranjados, ele nunca sofrera por antecipação da apreensão de nenhum. Parecia que ele não conseguia pensar tão mal do entendimento de duas pessoas a ponto de supor que elas pretendiam se casar até que isso fosse provado em detrimento delas. Emma deu graças aos céus pela cegueira benigna dele. Agora ele poderia, sem a desvantagem de uma única suposição desagradável, sem nenhum olhar para qualquer má intenção possível em seu hóspede, dar lugar a toda a sua civilidade bondosa em perguntas solícitas sobre a acomodação do senhor Frank Churchill durante a jornada, pelos tristes malefícios de dormir duas noites na estrada, e expressar uma ansiedade muito genuína e pura em saber que ele certamente havia escapado de pegar um resfriado, o que, no entanto, ele não podia descartar com segurança até mais uma noite pelo menos.

Uma razoável visita feita, o senhor Weston começou a se mexer. Ele precisava ir. Tinha assuntos a tratar na Crown a respeito de seu feno, das muitas grandes visitas que a senhora Weston precisava fazer na Ford's, mas ele não precisava apressar mais ninguém. Seu filho, muito educado para ouvir a indireta, levantou-se imediatamente, também dizendo:

– Como o senhor vai seguir em frente aos negócios, vou aproveitar a

oportunidade para fazer uma visita, que deverá ser feita um dia ou outro, e assim,

pode muito bem ser feita agora. Tenho a honra de conhecer uma vizinha sua – virando-se para Emma –, uma senhora que mora em Highbury ou nas proximidades, uma família com o nome de Fairfax. Suponho que não terei dificuldade em encontrar a casa. Embora Fairfax, creio, não seja o nome adequado. Eu deveria dizer Barnes ou Bates. Conhece alguma família com esse nome?

– Decerto que sim! – exclamou o senhor Weston. – A senhora Bates, nós passamos pela casa dela. Eu vi a senhorita Bates na janela. Verdade, verdade, você conhece a senhorita Fairfax, lembro que a conheceu em Weymouth. Ela é uma moça muito distinta. Faça uma visita a ela, absolutamente.

– Não há necessidade de que eu a visite esta manhã – disse o rapaz.

– Outro dia serviria tão bem quanto. Mas havia aquele grau de proximidade em Weymouth que...

– Oh! Vá hoje, vá hoje. Não adie. O que é certo de se fazer precisa ser feito o quanto antes. Além disso, devo lhe dar uma dica, Frank, qualquer falta de atenção a ela aqui deve ser cuidadosamente evitada. Você a viu com os Campbell, quando ela se mostrava no mesmo nível de todos com quem se relacionava, mas aqui ela está com a pobre e velha avó, que mal tem com o que sobreviver. Se você não a visitar logo, será um deslize.

O filho pareceu convencido.

– Eu a ouvi falar de conhecê-lo – disse Emma. – Ela é uma jovem muito elegante.

Ele concordou, mas com um “sim” tão discreto, que quase a fez duvidar de sua sinceridade e, ainda assim, devia haver um tipo muito distinto de elegância para o mundo de bom gosto se Jane Fairfax só pudesse ser considerada como alguém de dons ordinários.

– Se o senhor nunca se impressionou particularmente com a maneira como ela se porta – disse ela –, acho que se impressionará hoje. O senhor a verá de modo favorável, a verá e ouvirá. Não, receio que não a ouvirá de modo algum, pois ela tem uma tia que nunca segura a língua.

– Conhece a senhorita Jane Fairfax, senhor? – disse o senhor Woodhouse, sempre o último a entrar na conversa. – Então me permite lhe assegurar de que o senhor a considerará uma jovem dama muito amável. Ela está de passagem aqui visitando a avó e a tia, pessoas muito valorosas, e eu as conheço por toda a minha vida. Elas ficarão extremamente felizes em vê-lo, tenho certeza e um dos meus criados irá com o senhor para mostrar o caminho.

– Meu caro senhor, de forma alguma no mundo, pois meu pai pode me orientar.

– Mas seu pai não está indo tão longe, ele só vai até a Crown, do outro lado da rua, e há muitas casas e o senhor pode ficar muito perdido, a caminhada é muito enlameada, a menos que se mantenha na trilha. Mas meu cocheiro pode lhe dizer onde é melhor atravessar a rua.

O senhor Frank Churchill ainda assim recusou, parecendo o mais sério possível, e seu pai deu seu sincero apoio ao exclamar:

– Meu bom amigo, isso é completamente desnecessário, Frank conhece uma poça d’água quando a vê e, quanto à casa da senhora Bates, ele pode chegar lá a partir da Crown em um salto, um passo e um pulo.

Assim, permitiram que eles se fossem sozinhos e, com um cordial aceno afirmativo da cabeça de um e com uma reverência graciosa do outro, os dois cavalheiros partiram. Emma ficou muito satisfeita com o começo de uma familiaridade, e agora podia pensar em todos eles em Randalls a qualquer hora do dia, com total confiança em seu conforto.

Capítulo 6

A manhã seguinte trouxe o senhor Frank Churchill novamente. Ele veio com a senhora Weston, para Highbury, e ele parecia se portar muito cordialmente. Ele ficara sentado com ela em casa, aparentemente, na maior demonstração de companheirismo, até seu horário normal de caminhada; e quando escolheram um destino, imediatamente se decidiram por Highbury. Ele não duvidava que houvesse caminhadas muito agradáveis em ambas as direções, mas se a escolha fosse deixada a ele, o senhor Frank Churchill sempre escolheria a mesma. Highbury, aquela

Highbury arejada, alegre e de aparência feliz, seria sua atração constante. Highbury, para a senhora Weston, significava Hartfield e ela confiava que para ele, a lógica seria a mesma. Eles caminharam para lá imediatamente.

Emma não estava esperando por eles, pois o senhor Weston, que visitara por meio minuto, só para ouvir que seu filho era muito bonito, não sabia nada dos planos que tinham e foi uma surpresa agradável para ela, portanto, vê-los caminhando na direção da casa juntos, de braços dados. Emma estava querendo vê-lo novamente, e especialmente vê-lo em companhia da senhora Weston, pois o comportamento dele em relação a ela era o que determinaria a opinião de Emma. Se esse comportamento fosse deficiente nessa condição, nada poderia servir como reparo. Porém, ao vê-los juntos, ela ficou perfeitamente satisfeita. Não eram apenas em palavras bonitas ou elogio hiperbólico que ele cumpria seu dever, nada poderia ser mais apropriado ou agradável do que todo o seu comportamento em relação a ela e nada poderia denotar de maneira mais agradável seu desejo de considerá-la uma amiga e de garantir seu afeto. E houve tempo suficiente para Emma formar um julgamento razoável, já que a visita incluiu o resto da manhã. Os três caminharam juntos por uma hora ou duas, primeiro pelos arbustos de Hartfield e depois em Highbury. Ele ficou encantado com tudo, admirava Hartfield o suficiente para a satisfação do senhor Woodhouse e, quando decidiram seguir em frente, confessou seu desejo de conhecer a população de todo o vilarejo, e encontrou meios de elogiar ou de demonstrar interesse com muito mais frequência do que Emma poderia supor.

Alguns dos objetos de sua curiosidade expressavam sentimentos muito amáveis. Ele implorou para que lhe mostrassem a casa em que seu pai morara por tanto tempo e que havia sido o lar do pai de seu pai e, lembrando que uma velha que cuidara dele ainda estava viva, caminhou em busca do chalé onde ela morava, de uma ponta à outra da rua, embora em alguns pontos a busca ou a observação não fossem um mérito, demonstravam, no todo, uma boa-vontade em relação a Highbury em geral, o que poderia muito bem ser considerado mérito àqueles com quem ele estava.

Emma observou e decidiu que, com os sentimentos agora demonstrados,

não era possível supor que ele estivesse se ausentado voluntariamente antes, que ele não estivesse fingindo ou feito um desfile de insinceras profissões e que o senhor Knightley certamente não lhe havia feito justiça.

A primeira parada foi na Crown Inn, uma casa insignificante, embora a principal de seu tipo, onde algumas parejas de cavalos eram mantidas, mais para a conveniência da vizinhança do que para qualquer viagem pela estrada e seus companheiros não esperavam ser detidos ali por nenhum interesse especial. Mas ao passarem, ficaram sabendo do grande cômodo que fora acrescentado à estalagem. Tinha sido construído muitos anos antes para ser um salão de baile, e durante o tempo em que a vizinhança se deu a um estado de baile particularmente populoso, ele fora usado ocasionalmente com essa função. No entanto, tais dias brilhantes haviam se passado já fazia muito tempo, e agora o propósito mais elevado para o qual o solicitavam era poder acomodar um clube de uíste criado entre os cavalheiros mais distintos e os quase tão distintos da região. Ele ficou imediatamente interessado. Seu caráter como salão de baile chamou a atenção do senhor Frank Churchill e, em vez de passar adiante, ele parou por alguns minutos nas duas janelas superiores com caixilhos que estavam abertas, para examinar e contemplar suas capacidades e lamentar que seu propósito original houvesse sido interrompido. Ele não viu defeito no salão, não notou nenhum dos que sugeriram. Não, era longo o suficiente, amplo o suficiente, bonito o suficiente. Poderia abrigar o número pretendido de pessoas com conforto. Eles deveriam dar bailes ali pelo menos a cada quinze dias durante todo o inverno.

– Por que a senhorita Woodhouse não havia revivido os bons e velhos tempos do salão? Ela que podia fazer qualquer coisa em Highbury!

A falta de famílias apropriadas no local e a convicção de que ninguém além da região e de seus arredores imediatos poderiam ser tentados a participar foram mencionados. Mas Frank não ficou satisfeito. Ele não poderia ser convencido de que tantas casas de boa aparência quanto as que ele viu ao seu redor não pudessem fornecer um número de pessoas suficiente para um encontro como esse e mesmo quando detalhes foram mencionados e as famílias descritas, ele ainda não queria admitir que a inconveniência de tal mistura serviria para alguma coisa, ou que fosse

haver a menor dificuldade para que todos voltassem para suas casas na manhã seguinte. Ele argumentou como um jovem muito determinado a dançar e Emma ficou bastante surpresa ao ver a constituição dos Weston prevalecer tão decididamente sobre os hábitos dos Churchill. Frank parecia ter toda a vida, o espírito, os sentimentos alegres e as inclinações sociais de seu pai, e nada do orgulho ou da reserva de Enscombe. De orgulho, na verdade, talvez houvesse de menos, pois sua indiferença a uma mistura entre as posições sociais, beiravam demais a deselegância de mentalidade. Entretanto, ele não estava julgando o mal que havia no que ele estava menosprezando. Era apenas a efusão de um espírito animado.

Por fim, Frank foi persuadido a seguir em frente e passar diante da Crown e estando agora quase defronte à casa onde as Bates moravam, Emma lembrou da visita que ele desejava ter feito no dia anterior, e perguntou se ele já a tinha feito.

– Sim! Ah, sim! – ele respondeu. – Era o que eu ia mencionar. Uma visita muito bem-sucedida, eu vi as três senhoras e me senti muito grato à senho-

rita pela dica preparatória. Se a tia falante me pegasse de surpresa, teria sido a minha morte. Da forma como foi, só fui traído a fazer a visita mais irracional. Dez minutos teriam sido tudo o que seria necessário, talvez tudo o que fosse decoroso e eu disse ao meu pai que eu certamente estaria em casa antes dele, mas não havia como evitar, não havia pausa e para meu absoluto espanto, eu descobri quando ele (por não ter me encontrado em mais nenhum lugar) se juntou a mim enfim, que eu estava sentado ali com elas fazia quase três quartos de hora. A boa senhora não me deu chances de escapar antes disso.

– E o que achou da aparência da senhorita Fairfax?

– Doente, muito doente, isto é, até onde uma jovem dama pode aparentar estar doente. Mas a expressão é não admissível, senhora Weston, não é mesmo? As damas nunca aparentam estar doentes. E, a sério, a senhorita Fairfax é naturalmente tão pálida, que aparenta uma saúde doentia. Uma falta deplorável de cor na tez.

Emma não concordou com isso e começou uma defesa calorosa da pele da senhorita Fairfax. Certamente nunca tinha sido brilhante, mas ela não

admitiria que se tratava de uma tez doentia no geral e havia uma maciez e delicadeza em sua pele que conferiam uma elegância peculiar ao caráter de sua cutis. O senhor Frank Churchill ouviu com toda a deferência devida e reconheceu que ouvira muitas pessoas dizerem o mesmo, mas, no entanto, devia confessar

que nada lhe compensava a falta do brilho bonito da saúde. Onde os traços eram comuns, uma tez distinta dava beleza a todos eles e onde eram bons, o efeito era... felizmente ele não precisava tentar descrever qual era o efeito.

– Bem – disse Emma –, gosto não se discute. Pelo menos o senhor a admira, exceto a pele.

Ele balançou a cabeça e riu.

– Não consigo separar a senhorita Fairfax de sua pele.

– O senhor a via frequentemente em Weymouth? Costumavam frequentar o mesmo círculo social?

Nesse momento eles estavam se aproximando da Ford's e ele apressadamente exclamou:

– Ah! Essa deve ser a loja que todo mundo frequenta todos os dias de suas vidas, como meu pai me informa. Ele vem a Highbury, diz ele, seis dias na semana e sempre tem assuntos a resolver na Ford's. Se não lhe for inconveniente, permita que nós possamos entrar, assim posso garantir pertencer ao lugar, a ser um verdadeiro cidadão de Highbury. Preciso comprar algo na Ford's. Tirará minha inocência. Ouso dizer que eles vendem luvas.

– Oh, sim! Luvas e todo o resto. Eu admiro seu patriotismo. O senhor será adorado em Highbury. Já era muito popular antes de vir, porque era filho do senhor Weston, mas gaste meio guinéu na Ford's e sua popularidade extrapolará suas próprias virtudes.

Eles entraram e enquanto os pacotes impecáveis e bem amarrados de “Pele de castor para homens” e “Pelica de York” eram trazidos e mostrados no balcão, ele disse:

– Perdão, senhorita Woodhouse, mas estava falando comigo? Estava dizendo alguma coisa no exato momento em que esse meu amor pela

pátria irrompeu? Não me deixe perdê-lo. Garanto-lhe que o máximo de fama pública não me compensaria pela perda de qualquer felicidade na vida privada.

– Apenas perguntei se o senhor tinha proximidade com a senhorita Fairfax e o grupo dela em Weymouth.

– E agora que entendi sua pergunta, devo declarar que é muito injusta. Sempre é direito da dama decidir sobre o grau de proximidade. A senhorita Fairfax já deve ter dado seu relato. Não me comprometerei reivindicando mais do que ela pode escolher declarar.

– Dou a minha palavra! Sua resposta é tão discreta quanto a própria resposta dela. Mas o relato que a senhorita Fairfax deu a respeito de tudo deixa muito para a imaginação, pois ela é muito reservada, muito indisposta a dar o mínimo de informações sobre alguém, que eu realmente acho que o senhor pode dizer o que quiser a respeito do seu grau de proximidade com ela.

– Posso mesmo? Então falarei a verdade, e nada me convém tão bem.

Eu a encontrava com frequência em Weymouth. Eu conhecia os Campbell um pouco na cidade e em Weymouth estávamos basicamente sempre nos mesmos lugares. O coronel Campbell é um homem muito agradável, e a senhora Campbell uma mulher amigável e de bom coração. Eu gosto de todos eles.

– O senhor conhece a situação de senhorita Fairfax na vida, concluo. O que ela está destinada a ser?

– Conheço – respondeu, um tanto hesitante –, acredito que conheço.

– Você se depara com assuntos delicados, Emma – disse a senhora Weston sorrindo. – Lembre-se de que estou aqui. O senhor Frank Churchill mal sabe o que dizer quando você fala da situação de senhorita Fairfax na vida. Vou discordar um pouco.

– Eu certamente esqueço de pensar nela – disse Emma –, como se alguma vez ela tivesse sido qualquer coisa que não fosse minha amiga e minha querida amiga.

Ele parecia entender completamente e estar completamente honrado com esse sentimento.

Quando as luvas foram compradas e eles deixaram a loja novamente, Frank Churchill perguntou:

– Já ouviu alguma vez a dama de quem estamos falando tocar?

– Se já a ouvi! – repetiu Emma. – O senhor esquece o quanto ela pertence a Highbury. Eu a ouvi todos os anos de nossas vidas desde que começamos. Ela toca encantadoramente.

– A senhorita acha? Eu queria a opinião de alguém que realmente pudesse julgar. Ela me pareceu tocar bem, isto é, com um bom gosto considerável, mas eu mesmo não sei nada sobre o assunto. Tenho um enorme apreço por música, mas sem a menor habilidade ou direito de julgar o desempenho de alguém. Estou acostumado a ouvir que ela é admirada e lembro-me de uma prova de que a consideraram habilidosa para tocar: um homem, um homem muito musical e apaixonado por outra mulher, noivo desta, a ponto de se casar, ainda assim nunca pediria que outra mulher se sentasse ao piano, se a dama em questão pudesse se sentar, nunca parecia gostar de ouvir qualquer outra se ele pudesse ouvi-la. Isso, pensei, em um homem de expertise musical conhecida, era uma prova.

– Prova, realmente! – disse Emma, com muito alegre. – O senhor Dixon tem muito conhecimento musical, não é? Saberemos mais sobre todos eles, em meia hora, por meio do senhor, do que a senhorita Fairfax se ofereceu a dizer em meio ano.

– Sim, senhor Dixon e a senhorita Campbell eram as pessoas e achei uma prova muito forte.

– Certamente, muito forte, sendo bem sincera, muito mais forte do que, se eu fosse a senhorita Campbell, isso seria considerado agradável para mim. Eu não poderia desculpar um homem por apreciar mais a música do que o amor, mais ouvido do que olhar, uma sensibilidade mais aguda para sons finos do que para os meus sentimentos. O que a senhorita Campbell pareceu achar disso?

– Era sua amiga muito próxima, sabe?

– Pobre conforto! – disse Emma, rindo. – Seria melhor dar preferência a um estranho que a uma amiga muito particular, pois com um estranho poderia não acontecer de novo. Agora, a infelicidade de que isso acontecesse com uma amiga próxima, que sempre tudo fosse melhor com

outra pessoa do que com ela. Pobre senhora Dixon! Bem, estou contente por ela ter ido se estabelecer na Irlanda.

– A senhorita está certa. Não foi muito lisonjeiro para a senhorita Campbell. Mas ela realmente não pareceu sentir isso.

– Tanto o melhor, ou tanto pior, não sei qual dos dois. Mas seja a doçura ou a estupidez nela, a prontidão da amizade ou a falta de sentimento. Há uma pessoa que deve ter sentido: a própria senhorita Fairfax. Ela deve ter sentido a distinção imprópria e perigosa.

– Quanto a isso, eu não...

– Oh! Não imagine que eu espere um relato das sensações de senhorita Fairfax do senhor ou de qualquer outra pessoa. Elas não são conhecidas por nenhum ser humano, eu acho que apenas por ela mesma. Mas se ela continuasse tocando sempre que o senhor Dixon lhe pedisse, só se pode imaginar o que uma pessoa escolheria.

– Parecia haver um entendimento perfeitamente bom entre todos eles

– ele começou rapidamente, mas, contendo-se, acrescentou: – No entanto, é impossível para mim dizer em que termos eles realmente estavam como tudo poderia ser nos bastidores. Só posso dizer que houve suavidade no exterior. Mas a senhorita, que conhece a senhorita Fairfax desde criança, deve julgar melhor do que eu o caráter dela e como é provável que ela se comporte em situações críticas.

– Eu a conheço desde criança, sem dúvida, nós éramos crianças e nos tornamos mulheres juntas, além disso é natural supor que devíamos ser íntimas, que devíamos ter nos voltado uma para a outra sempre que ela fazia uma visita aos amigos. Mas nunca foi assim. Eu mal sei como isso aconteceu, talvez, por causa daquela maldade da minha parte, pois eu era propensa a criar animosidades em relação a uma garota tão idolatrada e elogiada com veemência como ela era, por sua tia e avó e todo o grupo delas. E então, eu nunca poderia me apegar a ninguém tão completamente reservada.

– É uma qualidade muito repulsiva, de fato – disse ele. – Muitas vezes, muito conveniente, sem dúvida, mas nunca agradável. Há segurança na reserva, mas nenhuma atração. Não se pode amar uma pessoa reservada.

– Não até que a reserva cesse em relação a nós e então a atração possa ser maior. Mas devo estar mais carente de uma amiga, ou de uma companheira agradável, do que já estive, para me dar ao trabalho de conquistar a reserva de alguém a ponto de conquistar uma nova amizade. A intimidade entre mim e a senhorita Fairfax está completamente fora de questão. Não tenho motivos para pensar mal dela, de maneira alguma, exceto que uma cautela extrema e perpétua de palavras e modos, um medo de passar uma ideia distinta sobre alguém, é suscetível de sugerir suspeitas de que haja algo a esconder.

Ele concordava perfeitamente com ela e depois de caminhar tanto tempo e pensar tanto, Emma sentiu-se tão familiarizada com ele, que mal podia acreditar que este era apenas o segundo encontro. Ele não era exatamente o que ela esperava, menos do que o homem do mundo em algumas de suas noções, menos da criança mimada da fortuna, portanto, melhor do que ela esperava. Suas ideias pareciam mais moderadas, seus sentimentos mais calorosos. Ela ficou particularmente impressionada com a maneira como ele considerou a casa do senhor Elton, que, além da igreja, ele quis ir olhar, e ao voltar para junto deles, não havia encontrado muito defeito. Não, ele não acreditava que fosse uma casa ruim, não uma casa tal como todos diziam, com pena, que o homem a tivesse. Se fosse para ser dividida com uma mulher que ele amasse, o senhor Frank Churchill não podia achar certo que um homem fosse motivo de pena por ter uma casa. Devia haver amplo espaço para todos os verdadeiros confortos. Um homem tinha que ser um imbecil para querer mais.

A senhora Weston riu e disse que não sabia do que ele estava falando. Acostumado apenas a uma casa grande e sem nunca pensar em quantas vantagens e acomodações estavam associadas ao seu tamanho, ele não poderia julgar as privações que inevitavelmente pertenciam a uma casa pequena. Mas Emma, em sua mente, determinou que ele sabia do que estava falando, e que mostrava uma inclinação muito agradável de se estabelecer cedo na vida e se casar, por motivos dignos. Ele podia não estar ciente das incursões na paz doméstica ocasionadas pela ausência de um quarto para a governanta, ou de uma despensa ruim para o mordomo, mas sem dúvida ele sentia perfeitamente que Enscombe não podia fazê-lo

feliz, e que quando quer que se ligasse a alguém, ele se disporia a abrir mão de boa parte da riqueza para fazer um casamento precoce.

Capítulo 7

A opinião muito boa de Emma a respeito de Frank Churchill ficou um pouco abalada no dia seguinte, ao saber que ele fora para Londres, apenas para cortar o cabelo. Uma loucura repentina pareceu tê-lo tomado durante o desjejum, e ele pediu uma charrete e partiu, com a intenção de voltar para o jantar, mas com nenhum objetivo mais importante que parecia ser a necessidade de cortar o cabelo. Certamente não havia mal algum em viajar vinte e cinco quilômetros para ir e vinte e cinco quilômetros para voltar em uma tarefa como essa. No entanto, havia um ar de vaidade e absurdo que ela não podia aprovar. Não combinava com a racionalidade de planos, com a moderação nos gastos, ou até mesmo com o coração caloroso e altruísta que ela acreditava ter percebido nele no dia anterior. Vaidade, extravagância, inconstância, inquietação de temperamento, que deve estar fazendo algo, bom ou mau. Negligência quanto ao prazer de seu pai e da senhora Weston, indiferença ao modo como sua conduta poderia parecer em geral, ele se tornou responsável por todas essas acusações. Seu pai o chamou apenas de almofadinha e achou que era uma história muito boa. Mas a senhora Weston não gostou, isso ficou claro o suficiente quando ela abandonou o assunto o mais rápido possível e sem fazer outro comentário além desse: todos os jovens tinham seus pequenos caprichos.

Com exceção desse pequeno borrão, Emma descobriu que a visita dele até agora havia dado à amiga apenas boas ideias sobre ele. A senhora Weston estava muito pronta para dizer o quanto ele era atencioso e agradável, o quanto ela parecia gostar de sua disposição em geral. Ele parecia ter um temperamento muito aberto, certamente muito alegre e animado e ela não podia observar nada de errado nas opiniões do senhor Frank Churchill, na verdade, muito correto. Ele falava de seu tio com consideração calorosa, gostava de falar dele. Disse que seria o melhor homem do mundo se fosse deixado sozinho e, embora não houvesse apego à tia, ele reconhecia sua bondade com gratidão e parecia querer sempre

falar dela com respeito. Tudo isso era muito promissor e, exceto por um capricho tão infeliz como cortar o cabelo, não havia nada que desse indício de ele ser indigno da distinta honra que a imaginação dela o conferira, a honra, se não de ser realmente apaixonado por ela, de estar pelo menos próximo dela, e exceto apenas por sua própria indiferença (pois ainda assim ela sustentava a resolução de nunca se casar), a honra, em resumo, de ser vendido para ela por todo o breve conhecimento que tinham.

O senhor Weston, por sua vez, acrescentava uma virtude à conta, que devia ter algum peso. Ele a fez entender que Frank a admirava extremamente, pois a considerava muito bonita e muito charmosa e com tanto a ser dito por ele, descobriu que não devia julgá-lo severamente. Como observou a senhora Weston, todos os jovens tinham seus pequenos caprichos.

Havia uma pessoa entre seus novos conhecidos em Surrey, que não era assim tão tolerante. Em geral, ele era julgado, em todas as paróquias de Donwell e Highbury, com grande sinceridade e concessões generosas foram feitas para os pequenos excessos de um jovem tão bonito, alguém que sorria tantas vezes e se curvava tão bem. Mas havia um espírito entre eles que não seria amolecido, por seu poder de censura, por reverências ou por sorrisos: o senhor Knightley. A circunstância foi contada a ele em Hartfield e por um momento ele ficou calado. Mas Emma o ouviu quase imediatamente depois dizer a si mesmo, sobre um jornal que ele segurava na mão:

– Hum! Apenas o sujeito insignificante e bobo pelo qual eu o tomei.

Ela se sentiu tentada a se ressentir. Mas a observação de um instante a convenceu de que aquilo era realmente dito apenas para aliviar os sentimentos dele mesmo, e não para provocar, portanto, ela deixou passar.

Embora, por um lado fossem os portadores de notícias não tão boas, a visita do senhor e da senhora Weston naquela manhã havia sido em outro aspecto particularmente oportuna. Algo ocorreu enquanto eles estavam em Hartfield, para fazer Emma querer seus conselhos e, o que era ainda mais sortudo, ela queria exatamente os conselhos que eles deram.

Esta foi a ocorrência: os Cole estavam em Highbury fazia alguns anos e eram uma espécie muito boa de pessoas: amigáveis, generosos e francos.

Mas, por outro lado, eram de origem humilde, do comércio, e apenas moderadamente refinados. Quando chegaram à região pela primeira vez, haviam vivido em proporção à sua renda, discretamente, entretendo poucos convidados e, quando o faziam, era modestamente. Mas o último ano ou dois lhes proporcionaram um aumento considerável de recursos, a casa na cidade gerou maiores lucros e a fortuna em geral sorriu para eles. Com sua riqueza, suas visões aumentaram, pois houve a necessidade de uma casa maior, devido à inclinação para receber mais gente. Eles acrescentaram à sua casa, ao número de empregados, às despesas de todo tipo e, a essa altura, em fortuna e estilo de vida, perdiam apenas para a família de Hartfield. O amor pela companhia em casa e sua nova sala de jantar foi preparada para eles darem jantares e algumas festas, principalmente entre os homens solteiros, já haviam ocorrido. Emma supunha que eles não presumiriam convidar as famílias regulares e as melhores: nem Donwell, nem Hartfield, nem Randalls. Nada que devesse tentá-la a ir, se a convidassem. Então ela lamentava que os hábitos conhecidos de seu pai dariam à sua recusa menos significado do que ela poderia desejar. Os Cole eram muito respeitáveis em seu meio, mas deveriam ser ensinados que não cabia a eles ditar os termos em que as famílias distintas os visitariam. Essa lição, ela muito temia, eles só receberiam dela, pois ela tinha pouca esperança no que dizia respeito ao senhor Knightley e nenhuma no que dizia respeito ao senhor Weston.

Mas ela havia decidido como retribuir a essa presunção com tantas semanas de antecedência, que quando o insulto finalmente chegou, ele a encontrou de maneira muito diferente. Donwell e Randalls receberam o convite, e nenhum veio para o pai e para ela e a opinião da senhora Weston para isso “Suponho que eles não tomarão liberdades com vocês, porque eles sabem que vocês não jantam fora”, não foi suficiente. Ela sentiu que gostaria de ter tido o poder de recusa; e depois, conforme ocorria de novo e de novo a ideia de que o grupo a ser reunido consistiria precisamente daqueles que lhe eram mais caros, ela não sabia que não seria tentada a aceitar. Harriet deveria estar lá à noite, assim como as Bates. Eles estavam falando sobre isso enquanto andavam por Highbury no dia anterior, e Frank Churchill lamentou sinceramente sua ausência. A noite não termina

em um baile? Esse tinha sido um questionamento dele. A simples possibilidade funcionava como uma irritação mais profunda em seus espíritos, e ter sido deixada em sua grandeza solitária, mesmo supondo que a omissão pretendesse ser um elogio, era apenas um conforto pequeno.

Foi a chegada desse exato convite, enquanto os Weston estavam em Hartfield, que fez a presença deles tão aceitável, pois embora sua primeira observação, ao lê-lo fosse “É claro que deve ser recusado”, ela logo procedeu a lhes perguntar o que eles aconselhavam que ela fizesse, que o conselho deles para que ela fosse acabou sendo feito com rapidez e sucesso.

Ela admitia que, considerando tudo, ela não estava totalmente desprovida da inclinação a ir. Os Cole se expressavam de maneira tão apropriada, que havia uma atenção tão real na maneira como o faziam e tanta consideração pelo pai de Emma.

– Eles teriam solicitado a honra antes, mas estavam esperando pela chegada de um biombo de Londres, que eles esperavam que protegessem o senhor Woodhouse de qualquer corrente de ar, o que o induziu mais prontamente a lhes concederem a honra de sua companhia.

No total, o convite era muito persuasível e sendo combinado entre eles como isso poderia ser feito sem que negligenciasse o seu conforto e como certamente se poderia contar com a senhora Goddard, se não com a senhora Bates, para lhe fazer companhia, o senhor Woodhouse poderia ser convencido de que sua filha fosse sair para jantar em um dia próximo, e passar a noite toda longe dele. Quanto a ele ir, Emma não queria que ele pensasse que fosse possível, o horário seria tarde demais e haveria pessoas demais. Ele logo estava bem resignado.

– Não gosto de fazer visitas para o jantar – disse ele. – Nunca gostei. Emma também não gosta. Ficar acordados até tarde da noite não combina conosco. Sinto muito que o senhor e a senhora Cole tenham feito esse convite. Acho que seria melhor se eles viessem uma tarde no verão seguinte, tomassem o chá da tarde conosco e que nos levassem para sua caminhada vespertina. O que eles podem fazer, já que nossos horários são tão razoáveis, e ainda assim chegar em casa sem ficar no sereno do anoitecer. O sereno de uma noite de verão é algo a que eu não exporia

ninguém. No entanto, como eles são muito desejosos de ter a querida Emma com eles, e como vocês dois estarão lá, e o senhor Knightley também, para cuidar dela, não posso querer impedi-la, desde que esteja fazendo um tempo agradável: nem úmido, nem frio, nem ventoso. – Depois, virando-se para senhora Weston, com um olhar de reprovação gentil: – Ah! senhorita Taylor, se não tivesse se casado, a senhorita teria ficado em casa comigo.

– Bem, senhor – exclamou o senhor Weston –, já que levei a senhorita Taylor, cabe a mim suprir o seu lugar, se eu puder, irei à senhora Goddard em um instante, se o senhor desejar.

Mas a ideia de qualquer coisa a ser feita em um instante servia para aumentar, não diminuir, a agitação do senhor Woodhouse. As damas sabiam melhor como acalmá-lo. O senhor Weston deveria ficar quieto e tudo deliberadamente seria organizado.

Com esse tratamento, o senhor Woodhouse logo estava composto o suficiente para conversar como sempre. Ele ficaria feliz em ver a senhora Goddard. Ele tinha uma grande consideração pela senhora Goddard e Emma deveria escrever uma linha e convidá-la. James poderia levar o recado. Mas, antes de tudo, deveria haver uma resposta escrita para a senhora Cole.

– Você deverá dar as minhas desculpas, minha querida, da maneira mais educada possível. Diga que sou completamente um inválido e não vou a lugar nenhum e, portanto, devo recusar o gentil convite, começando com meus cumprimentos, é claro. Mas você fará tudo do jeito certo. Não preciso lhe dizer o que deve ser feito. Devemos lembrar de avisar James que a carruagem será necessária na terça-feira. Não terei medo algum de você ir com ele. Nunca estivemos lá antes desde que a nova abordagem foi feita. Mas ainda não tenho dúvidas de que James a levará com muita segurança. E quando você chegar lá, deve dizer a ele a que horas deve voltar para buscá-la e é melhor falar uma hora que não seja muito tarde. Você não vai gostar de ficar até tarde. Você ficará muito cansada quando o chá terminar.

– Mas o senhor não gostaria que eu fosse embora antes de eu ficar

cansada, papai?

– Oh! Não, meu amor. Mas logo você ficará cansada. Haverá muitas pessoas conversando ao mesmo tempo. Você não vai gostar do barulho.

– Mas, meu caro senhor! – exclamou o senhor Weston. – Se Emma sair cedo, vai desfazer o grupo.

– E não haverá grande mal se isso acontecer – disse o senhor Woodhouse. – Quanto mais cedo as pessoas forem se despedindo, melhor.

– Mas o senhor não considera como isso pode parecer para os Cole. Emma ir embora logo após o chá pode ofendê-los. Eles são pessoas de boa índole e pensam pouco de tantas convenções sociais. Ainda assim, eles devem sentir que alguém indo embora às pressas não seria um grande elogio e se fosse a senhorita Woodhouse a fazer isso, eles reparariam mais do que em qualquer outra pessoa na sala. O senhor não gostaria de decepcionar e mortificar os Cole, tenho certeza, que as pessoas mais bondosas e amigáveis a pisarem na face da Terra, que são seus vizinhos há dez anos.

– Não, de forma alguma no mundo, senhor Weston e sou muito grato ao senhor por me lembrar. Eu ficaria extremamente triste por lhes causar alguma ofensa. Eu sei que pessoas dignas eles são. Perry me diz que o senhor Cole nunca toca em bebidas de malte. A gente não acha isso quando olha para ele, mas ele é bilioso. O senhor Cole é muito bilioso. Não, eu não seria o meio de lhes causar nenhuma ofensa. Minha querida Emma, devemos considerar isso. Tenho certeza de que, em vez de correr o risco de ofender o senhor e a senhora Cole, você poderia ficar um pouco mais do que gostaria. Você não considerará o cansaço. Você estará perfeitamente segura, entre seus amigos.

– Oh, sim, papai. Não tenho nenhum medo por mim e eu não deveria me sentir à vontade de ficar até tão tarde quanto a senhora Weston, mas apenas por causa do senhor. Só receio que o senhor fique acordado esperando por mim. Não receio, porém, que o senhor não fique extremamente confortável na companhia da senhora Goddard. Ela ama jogar piquet⁶, o senhor sabe. Mas quando ela for para casa, receio que o senhor ficará sentado sozinho, em vez de ir para a cama no horário habitual. A mera ideia disso destruiria inteiramente meu conforto. O

senhor deve me prometer não vai esperar acordado.

Ele o fez, sob a condição de algumas promessas por parte dela: assim, se ela voltasse para casa com frio, com certeza se aqueceria completamente; se estivesse com fome, ela pegaria algo para comer, pois sua própria criada devia ficar esperando por ela; e que Serle e o mordomo deveriam cuidar para que tudo permanecesse seguro em casa, como sempre.

Capítulo 8

Frank Churchill voltou e se ele fazia com que o jantar de seu pai ficasse esperando sua chegada, esse não era um fato conhecido em Hartfield, pois a senhora Weston estava tão ansiosa para que ele fosse um favorito do senhor Woodhouse, que não demonstraria qualquer imperfeição que pudesse ser ocultada.

Ele voltou, com o cabelo cortado, e ria de si mesmo com uma graça muito boa, mas sem parecer realmente envergonhado pelo que havia feito. Ele não tinha motivos para desejar o cabelo mais comprido, para esconder qualquer confusão no rosto; nenhuma razão para desejar que o dinheiro não fosse gasto, para melhorar seu espírito. Ele estava tão destemido e animado como sempre e, depois de vê-lo, Emma corrigiu para si mesma:

– Não sei se deveria ser assim, mas certamente coisas tolas deixam de ser tolas se forem feitas por pessoas sensíveis de uma maneira insolente. A maldade é sempre maldade, mas a loucura nem sempre é loucura. Depende do caráter daqueles que fazem uso dela. Senhor Knightley não é um jovem insignificante e tolo. Se ele fosse, teria feito isso de maneira diferente. Ele teria glorificado o feito ou teria vergonha dele. Teria sido ou a ostentação de um almofadinha ou as evasões de uma mente fraca demais para defender as próprias vaidades.

– Não, tenho certeza absoluta de que ele não é insignificante ou tolo.

Com a terça-feira, chegou a agradável perspectiva de vê-lo novamente e por mais tempo do que até então; de julgar sua conduta geral e, por inferência, o significado do seu comportamento em relação a ela; de adivinhar quanto tempo seria necessário para ela se portar com frieza; e de imaginar quais seriam as observações de todos, de quem agora os via

juntos pela primeira vez.

Ela pretendia ser muito feliz, apesar da cena a ser desenrolada na residência do senhor Cole, sem poder esquecer que, entre as falhas do senhor Elton, mesmo nos dias a seu favor, nenhuma a perturbara mais do que a sua propensão a jantar com o senhor Cole.

O conforto do senhor Woodhouse foi amplamente garantido, já que a senhora Bates, assim como a senhora Goddard, puderam ir a Hartfield. O último dever agradável de Emma, antes de deixar a casa, foi prestar seus respeitos a elas, quando se sentaram juntas após o jantar e enquanto o senhor Woodhouse estava carinhosamente notando a beleza de seu vestido, foi fazer pelas duas senhoras tudo o que estava em seu poder, servindo-lhes grandes fatias de bolo e taças cheias de vinho para reparar qualquer abnegação relutante que os cuidados do senhor Woodhouse com a constituição das senhoras pudesse tê-las obrigado a empenhar durante a refeição. Emma lhes proporcionara um jantar farto e desejava ter certeza de que elas tivessem tido permissão de comer o que quisessem.

A carruagem de Emma seguiu outra carruagem até a porta do senhor Cole e ela ficou satisfeita ao ver que era a do senhor Knightley, pois ele, sem cavalos, com pouco dinheiro de sobra e muita saúde, atividade e independência, era apto demais, na opinião de Emma, para se movimentar o máximo que podia, e não usar sua carruagem com tanta frequência ao se tornar o proprietário de Donwell Abbey. Ela teve uma oportunidade, então, de expressar sua aprovação enquanto o coração sentia, pois ele parou para ajudá-la a desembarcar.

– Isso vem do senhor como deveria – disse ela. – Como um cavalheiro. Estou muito feliz em vê-lo.

Ele agradeceu, observando:

– Que sorte termos chegado no mesmo momento! Pois, se tivéssemos nos encontrado primeiro na sala de visitas, duvido que você me julgasse mais cavalheiro do que o habitual. Você pode não ter distinguido como eu vim, pela minha aparência ou conduta.

– Sim, eu o julgaria cavalheiro, tenho certeza de que sim. Sempre há um olhar de consciência ou agitação quando as pessoas chegam de uma maneira que sabem ser inferior a elas mesmas. O senhor acha que

consegue muito bem, ousou dizer, mas com o senhor é uma espécie de bravata, um ar de despreocupação afetada, pois eu noto sempre que o encontro nessas circunstâncias. Agora o senhor não tem nenhum propósito em fingir. Não tem medo de que achem vergonhoso da sua parte. Não está se esforçando para parecer mais elevado do que qualquer outra pessoa. Agora eu ficarei muito feliz em entrar na mesma sala com o senhor.

– Garota sem sentido! – foi a resposta dele, mas de nenhuma forma como uma expressão de raiva.

Emma tinha tantos motivos para ficar satisfeita com o resto do grupo reunido quanto com o senhor Knightley. Ela foi recebida com um respeito cordial que não podia deixar de agradar e com toda a deferência que ela poderia desejar. Quando os Weston chegaram, os mais gentis olhares de amor e os mais fortes de admiração eram por ela, tanto do marido quanto da esposa, já o filho se aproximou dela com uma ansiedade alegre que a marcou como objeto peculiar do seu interesse, no jantar ela o encontrou sentado ao seu lado e, como ela acreditava firmemente, não sem alguma destreza da parte dele.

Os convivas formavam um grupo bastante grande, pois incluíam uma outra família, uma inquestionável e adequada família do campo, a quem os Cole tinham a vantagem de nomear entre seus conhecidos, e a parte masculina da família do senhor Cox, o advogado de Highbury. As mulheres menos distintas viriam mais tarde, com senhorita Bates, a senhorita Fairfax e a senhorita Smith. Mas, já no jantar, eles eram numerosos demais para que qualquer assunto de conversa fosse geral e, enquanto as conversas sobre política e sobre o senhor Elton foram superadas, Emma pôde render razoavelmente toda a sua atenção à simpatia do vizinho. O primeiro som remoto ao qual ela se sentiu obrigada a atender foi o nome de Jane Fairfax. A senhora Cole parecia estar relatando algo sobre ela que se esperava que fosse ser muito interessante. Ela ouviu e achou que valeu a pena ter ouvido. Essa parte muito querida de Emma, sua imaginação, recebeu um suprimento divertido. A senhora Cole estava dizendo que tinha feito uma visita à senhorita Bates, e assim que ela entrou na sala, se deparou com a imagem de um piano – um instrumento de aparência muito elegante e não de cauda, mas um piano grande e

retangular. A substância da história, o fim de todo o diálogo que resultava da surpresa, de perguntas e de parabéns por parte dela, e explicações sobre a senhorita Bates, foi que esse piano, havia chegado de Broadwood no dia anterior, para grande surpresa tanto da tia como da sobrinha, pois foi totalmente inesperado que, de início, segundo o relato da senhorita Bates, a própria Jane ficou confusa, um tanto intrigada em pensar quem poderia ter encomendado o instrumento, mas ambas estavam perfeitamente satisfeitas que só poderia vir de uma origem. É claro que devia ser do coronel Campbell.

– Não se pode supor nada diferente – acrescentou a senhora Cole –, e eu fiquei surpresa que pudesse haver alguma dúvida. Mas Jane, ao que parece, recebeu uma carta deles muito recentemente, e nenhuma palavra foi dita sobre isso. Ela conhece as atitudes deles melhor do que ninguém. Mas não devo considerar o silêncio deles como uma razão para não quererem dar o presente. Eles podem escolher surpreendê-la.

Muitos concordavam com a senhora Cole e todos que falavam do assunto estavam igualmente convencidos de que devia ser do coronel Campbell, e se regozijaram igualmente por um presente como esse e havia convivas o suficiente dispostos para falar, de modo a permitir que Emma mantivesse sua própria opinião para si, e ainda assim ouvir a senhora Cole.

– Declaro que não sei quando eu ouvi qualquer coisa que me desse mais satisfação! Sempre me entristeceu muito que Jane Fairfax, que toca tão deliciosamente, não tivesse um instrumento. Parecia uma pena, na verdade, especialmente considerando quantas casas existem em que instrumentos finos são absolutamente desperdiçados. Isso é como dar a nós mesmos um tapa, decerto! E foi ontem mesmo que eu estava dizendo ao senhor Cole, que eu me sentia muito envergonhada de olhar para nosso novo piano de cauda na sala de visitas, enquanto eu não sei nem diferenciar uma nota de outra, e as nossas meninas, que estão apenas começando, talvez nunca o usem, então há a pobre Jane Fairfax, uma senhora da música, que não tem nada da natureza de um instrumento, nem mesmo uma velha espineta⁷ no mundo, com o qual se divertir. Eu estava dizendo isso ao senhor Cole ontem, e ele concordou comigo, só que ele gosta tanto de música que não pôde deixar de se entregar à compra, na

esperança de que alguns de nossos bons vizinhos ocasionalmente se sentissem tentados a fazer do piano melhor uso do que nós podemos fazer e esse realmente é o motivo pelo qual o instrumento foi comprado. Caso contrário, tenho certeza de que ficaríamos envergonhados dele. Temos grandes esperanças de que a senhorita Woodhouse possa ser persuadida a experimentá-lo esta noite.

A senhorita Woodhouse fez a devida aquiescência e descobrindo que nada mais poderia ser extraído de qualquer comunicação da senhora Cole, voltou-se para Frank Churchill.

– Por que está sorrindo? – disse ela.

– Não, por que a senhorita está?

– Eu! Suponho que meu sorriso seja de prazer pelo fato de o coronel Campbell ser tão rico e tão generoso. É um presente bonito.

– Muito.

– Eu me perguntaria por que isso nunca foi feito antes.

– Talvez a senhorita Fairfax nunca tenha ficado aqui por tanto tempo.

– Ou ele não tivesse dado melhor uso ao instrumento deles, que agora deve estar fechado em Londres, sem ser tocado por ninguém.

– Aquele é um piano de cauda e ele pode achar que seja grande demais para a casa da senhora Bates.

– A senhorita pode dizer o que escolher, mas seu semblante dá testemunho de que seus pensamentos sobre esse assunto são muito parecidos com os meus.

– Eu não sei. Prefiro acreditar que o senhor está me dando mais crédito pela agudeza do que eu mereço. Eu sorrio porque o senhor sorri, e provavelmente suspeitarei do que quer que ache que o senhor suspeita. Mas, no momento, não vejo o que há para questionar. Se o coronel Campbell não é a pessoa, quem pode ser?

– O que diz da senhora Dixon?

– A senhora Dixon! Muito verdade mesmo. Eu não tinha pensado na senhora Dixon. Ela deve saber, assim como o pai, como seria aceitável ter um instrumento e talvez o modo, o mistério, a surpresa sejam mais o estratagema de uma moça do que o de um homem idoso. É senhora Dixon, ouse dizer. Eu lhe disse que suas suspeitas guiariam as minhas.

– Se é verdade, deve estender suas suspeitas e incluir o senhor Dixon nelas.

– O senhor Dixon! Muito bem. Sim, percebo imediatamente que deve ser o presente conjunto do senhor e da senhora Dixon. Estávamos conversando outro dia, sabe, sobre ele ser um admirador tão fervoroso da performance dela.

– Sim, e o que o senhor me disse nesse quesito confirmou uma ideia que eu já havia cogitado antes. Não pretendo refletir sobre as boas intenções nem do senhor Dixon nem da senhorita Fairfax, mas não posso deixar de suspeitar ou que depois de ter pedido a senhorita Campbell em casamento ele tenha se apaixonado pela senhorita Fairfax, ou que ele tenha se dado conta de um pequeno afeto por parte dela. Pode-se cogitar vinte ideias diferentes sem adivinhar exatamente qual seja a certa. Mas tenho certeza de que deve haver uma causa específica para ela ter vindo a Highbury em vez de ir com os Campbell para a Irlanda. Aqui, ela deve estar levando uma vida de privação e penitência e lá teria sido só prazer e satisfação. Quanto à pretensão de experimentar seu ar nativo, considero isso uma mera desculpa. No verão, poderia ter passado, mas o que o ar nativo de uma pessoa pode fazer por ela nos meses de janeiro, fevereiro e março? Boas lareiras e carruagens seriam um propósito muito maior na maioria dos casos para uma saúde delicada, e eu ousou dizer que a dela também. Não exijo que o senhor adote todas as minhas suspeitas, embora me faça uma profissão tão nobre de justamente adotá-las, mas eu honestamente lhe digo o que elas são.

– E, dou minha palavra, eles têm um ar de grande probabilidade. A preferência do senhor Dixon pela música, e pela amiga, posso responder por ter sido muito decidida.

– E então, ele salvou a vida dela. Já ouviu falar disso? Uma festa em um balneário e, por algum acidente ela estava prestes a cair do barco. Ele a pegou.

– Sim, pegou. Eu estava lá. Era um dos convidados.

– Estava mesmo? Ora! Mas não observou nada, é claro, pois parece uma ideia nova para o senhor. Se eu estivesse lá, acho que teria feito algumas

descobertas.

– Ouso dizer que sim. Porém eu, simplesmente eu, não vi nada além do fato de que a senhorita Fairfax estava quase sendo arrancada da embarcação e que o senhor Dixon a pegou. Foi o trabalho de um momento. E, embora o choque e o alarme consequentes tenham sido muito grandes e muito mais duráveis, na verdade eu acredito que demorou meia hora para que qualquer um de nós se sentisse confortável novamente. Apesar disso, foi uma sensação geral demais para que qualquer coisa de ansiedade peculiar pudesse ser observada. Não pretendo dizer, no entanto, que a senhorita não possa ter

feito descobertas.

A conversa foi interrompida aqui. Eles foram convocados a compartilhar o constrangimento de um intervalo bastante longo entre os pratos, e obrigados a serem tão formais e ordenados quanto os demais. Mas quando a mesa foi novamente servida com segurança, quando cada guarnição foi colocada exatamente no lugar certo, e a ocupação e a tranquilidade foram restauradas, de maneira geral, Emma disse:

– A chegada desse piano é decisiva para mim. Eu queria saber um pouco mais, e isso me diz o suficiente. Esteja certo disso, em breve saberemos que é um presente do senhor e da senhora Dixon.

– E se os Dixon acabarem por absolutamente negar qualquer envolvimento, devemos concluir que veio dos Campbell.

– Não, tenho certeza de que não é dos Campbell. A senhorita Fairfax sabe que não é dos Campbell, ou eles seriam o primeiro palpite. Ela não teria ficado intrigada, se tivesse ousado se fixar neles. Talvez eu não tenha convencido o senhor, mas estou perfeitamente convencida de que o senhor Dixon é o principal na questão.

– De fato, a senhorita me ofende em supor que não estou convencido. Seus raciocínios corroboram inteiramente meu julgamento. No começo, embora eu supusesse que a senhorita considerava o coronel Campbell como o único doador, eu via o ato apenas como bondade paterna e considerava a coisa mais natural do mundo. Mas quando a senhorita mencionou a senhora Dixon, senti como se fosse mais provavelmente o

tributo à calorosa amizade feminina. E agora não posso enxergar sob outra luz senão como uma oferta de amor.

Não houve ocasião para aprofundar o assunto. A convicção parecia real, pois ele parecia sincero em seu sentimento. Ela não disse mais nada, outros assuntos se revezaram e o restante do jantar passou; a sobremesa foi servida na sequência, as crianças entraram, os convidados conversaram com elas e as admiraram entre o ritmo usual de conversa; algumas coisas inteligentes foram ditas, além de algumas outras totalmente frívolas, mas por uma proporção muito maior, nenhum nem o outro, nada pior do que comentários do dia a dia, repetições enfadonhas, notícias antigas e piadas pesadas.

Não fazia muito tempo que as damas estavam na sala de visitas antes que as outras senhoras, em suas diferentes divisões chegassem. Emma observou a entrada de sua própria amiguinha em particular e se ela não podia exultar em sua dignidade e graça, poderia não apenas amar a doçura florescente e os modos honestos, mas também poderia alegremente sentir-se satisfeita com aquela disposição leve, alegre e não sentimental que lhe permitia tantos alívios de prazer no meio das dores do afeto desapontado. Lá estava ela e quem imaginaria quantas lágrimas ela vinha derramando ultimamente? Estar na companhia de outras pessoas, de se vestir bem e ver os outros bem-vestidos, sentar-se, sorrir e se mostrar bonita, sem dizer nada, era suficiente para a felicidade da hora presente. Jane Fairfax aparentava superioridade e se portava como tal, mas Emma suspeitava de que ela ficaria contente em trocar de sentimentos com Harriet, muito contente em ter adquirido a mortificação de ter amado, sim, de ter amado até mesmo o senhor Elton em vão, pela supressão de todos os perigosos prazeres de se saber amada pelo marido

da amiga.

Em um grupo tão grande, não era necessário que Emma se aproximasse dela. Ela não queria falar do piano, ela mesma se sentia muito como parte do segredo, para achar justa a aparência de curiosidade ou interesse e, portanto, propositadamente mantida a distância. Mas, pelos outros, o assunto foi introduzido quase imediatamente, e ela viu o rubor de

consciência com que os parabéns foram recebidos, o rubor de culpa que acompanhou o nome do “meu excelente amigo coronel Campbell”.

A senhora Weston, bondosa e musical, estava particularmente interessada pela circunstância, e Emma não pôde deixar de se divertir com sua perseverança em se dedicar ao assunto e ter tanto a perguntar e a dizer quanto a tocar, tocar e pedalar, totalmente sem suspeitar desse desejo de dizer o mínimo possível sobre o tema, que ela claramente leu no semblante da bela heroína.

Alguns dos cavalheiros logo se juntaram a elas e o primeiríssimo dentre os primeiros foi Frank Churchill. Ele entrou, o primeiro e o mais bonito e depois de cumprimentar em voz alta a senhorita Bates e sua sobrinha, dirigiu-se diretamente para o lado oposto do círculo, onde estava sentada a senhorita Woodhouse e até que ele pudesse encontrar um assento perto dela, não se sentaria. Emma adivinhou o que todos os presentes deviam estar pensando. Ela era o objeto dele e todos deveriam percebê-lo. Ela o apresentou para sua amiga, a senhorita Smith e, em momentos convenientes depois, ouviu o que cada um pensava do outro. Ele nunca vira um rosto tão adorável e ficara encantado com a ingenuidade dela. E ela, certa de que estava lhe fazendo um grande elogio, disse que ele parecia um pouco com o senhor Elton. Emma conteve sua indignação e apenas deu as costas para ela, em silêncio.

Sorrisos de cumplicidade foram trocados entre ela e o cavalheiro quando olharam pela primeira vez na direção da senhorita Fairfax, mas o mais prudente era evitar falar. Ele disse que estivera impaciente em deixar a sala de jantar, pois detestava ficar sentado por tempo demais, que sempre era o primeiro a se levantar quando podia, que havia deixado seu pai, o senhor Knightley, o senhor Cox e o senhor Cole muito ocupados discutindo assuntos da paróquia, enquanto ele lá permanecera tinha sido agradável o suficiente e ele os considerara um grupo de cavalheiros razoáveis. Além disso, falava tão belamente de Highbury, achava um lugar tão abundante em famílias agradáveis, que Emma começou a sentir que estava acostumada demais a falar mal do lugar. Ela o questionou sobre a sociedade em Yorkshire, a região vizinha a Enscombe e tudo mais e pôde entender, com base nas respostas que, no que dizia respeito a Enscombe,

havia pouco acontecendo, que os visitantes faziam parte de um extrato de excelentes famílias, nenhuma que habitava muito próximo. E mesmo quando dias eram fixados e convites eram aceitos, sempre havia uma chance de cinquenta por cento de que a senhora Churchill não estivesse com

a saúde boa para ir; que eles não se comprometiam em visitar nenhuma pessoa nova; e isso, embora ele tivesse seus compromissos particulares, não era sem dificuldade, sem considerável insistência, que ele conseguia sair, ou apresentar uma pessoa nova para uma visita à noite na casa.

Ela viu que Enscombe não podia satisfazer e que Highbury, no seu melhor, poderia razoavelmente agradar um jovem rapaz que tinha mais reclusão em casa do que gostaria. Sua importância em Enscombe era muito evidente. Ele não se gabou, mas o fato naturalmente se traiu, quando o senhor Frank Churchill tinha persuadido sua tia quando o tio não podia fazer nada, e quando ela riu e percebeu, ele admitiu que acreditava (exceto por um ou dois pontos) que ele poderia, com o tempo, persuadi-la a fazer qualquer coisa. Um desses pontos em que sua influência falhou, ele mencionou logo em seguida. Ele queria muito ir para o exterior, estava realmente ansioso para poder viajar, mas ela não admitia nem ouvir a respeito. Isso aconteceu no ano anterior. Agora, ele estava começando a não ter mais o mesmo desejo.

O ponto que não se poderia persuadir, que ele não mencionou, Emma adivinhou ser demonstrar bom comportamento para seu pai.

– Fiz uma descoberta infeliz – disse ele, depois de uma breve pausa.

– Amanhã completará uma semana que estou aqui. A metade do meu tempo. Eu nunca soube que os dias voavam tão rápido. Uma semana amanhã! E mal comecei a me divertir. Acabei de me familiarizar com a senhora Weston e outras pessoas! Eu odeio essa recordação.

– Talvez agora o senhor comece a se arrepender de ter usado um dia inteiro, dentre tão poucos, para cortar o cabelo.

– Não – disse ele, sorrindo -, isso não é motivo de arrependimento. Não tenho prazer em ver meus amigos, a menos que eu possa acreditar que estou apto para ser visto.

O resto dos cavalheiros estava agora na sala, e Emma viu-se obrigada a se afastar dele por alguns minutos e ouvir o senhor Cole. Quando o senhor Cole se afastou e a atenção de Emma pôde ser restaurada ao estado anterior, ela viu Frank Churchill olhando atentamente pela sala na direção da senhorita Fairfax, que estava sentada exatamente em frente.

– Qual é o problema? – disse ela.

Ele começou.

– Obrigado por chamar minha atenção – ele respondeu. – Acredito que fui muito rude. Mas, na realidade, a senhorita Fairfax arrumou o cabelo de maneira tão estranha, tão estranha, que eu não consigo desviar meus olhos dela. Eu nunca vi nada tão exagerado! Aqueles cachos! Isso deve ser invenção dela. Não vejo mais ninguém parecido com ela! Preciso ir lá e perguntar se é uma moda irlandesa. Será que devo? Sim, eu decido que irei e a senhorita deve ficar observando como ela recebe o comentário, se ela vai ruborizar.

Ele se foi imediatamente e Emma logo o viu diante da senhorita Fairfax, conversando com ela. Porém, quanto ao efeito que isso provocou na dama, como o senhor Frank Churchill estava posicionado exatamente entre elas, exatamente na frente da senhorita Fairfax, Emma não conseguiu distinguir nada, em absoluto.

Antes que ele pudesse voltar para sua cadeira, o lugar foi ocupado pela senhora Weston.

– Esse é o luxo de um grande grupo – disse ela. – Podemos nos aproximar de todos, dizer tudo. Minha querida Emma, eu desejava muito falar com você. Tenho feito descobertas e elaborado planos, assim como você, e devo contar a elas enquanto a ideia é nova. Você sabe como a senhorita Bates e a sobrinha chegaram aqui?

– Como? Elas foram convidadas, não foram?

– Ah! sim, mas qual foi o meio de transporte que elas usaram para chegar até aqui?

– Elas caminharam, eu concluo. De que outra forma elas poderiam vir?

– Muito verdade. Bem, há pouco tempo me ocorreu como seria muito triste ter Jane Fairfax voltando para casa a pé novamente, tarde da noite, ainda mais nesse frio como as noites têm sido agora. E quando olhei para

ela, embora nunca a visse com uma aparência mais lisonjeira, chamou minha atenção como ela parecia acalorada e como, portanto, ela seria mais propensa a pegar um resfriado. Pobre garota! Eu não poderia suportar a ideia de isso acontecer. Então, assim que o senhor Weston entrou na sala e eu pude falar com ele, toquei no assunto da carruagem. Você pode imaginar o quão prontamente ele atendeu meus desejos e com a aprovação dele, eu fui diretamente conversar com a senhorita Bates, assegurar-lhe que a carruagem estaria à disposição dela antes de nos levar para casa, pois achei que a deixaria confortável imediatamente. Boa alma! Ela ficou tão agradecida quanto possível, você pode ter certeza. “Ninguém teve tanta sorte quanto ela!”, mas com muitos agradecimentos, “não houve ocasião para nos incomodar, pois a carruagem do senhor Knightley as havia trazido e as levaria para casa novamente”. Fiquei bastante surpresa, mas contente, tenho certeza. Mas realmente bastante surpresa. Uma atenção tão gentil, tanta consideração! O tipo de coisa em que poucos homens pensariam. E, em suma, por conhecer os costumes dele, estou muito inclinada a pensar que foi só para acomodá-las que a carruagem foi usada. Eu suspeito de que ele não usaria um par de cavalos para si e que isso era apenas uma desculpa para ajudá-las.

– Muito provavelmente – disse Emma –, não conheço nenhum homem com mais probabilidade do que o senhor Knightley para fazer esse tipo de coisa, de fazer algo realmente gentil, útil, considerado ou benevolente.

Ele não é um homem corajoso, mas é muito humano e isso, considerando os problemas de saúde de Jane Fairfax, pareceria um caso de humanidade para ele. E por um ato de bondade sem ostentação, não há ninguém em quem eu confie mais do que no senhor Knightley. Eu sei que ele veio com cavalos hoje, pois chegamos juntos e eu ri dele, mas ele não disse uma palavra que pudesse traí-lo.

– Bem – disse a senhora Weston, sorrindo –, você lhe dá crédito por uma benevolência mais simples e mais desinteressada do que eu, pois enquanto a senhorita Bates falava, uma suspeita surgiu na minha cabeça, e eu nunca mais consegui falar. Quanto mais penso nisso, mais provável parece. Em resumo, fiz um esforço para unir o senhor Knightley e Jane Fairfax. Veja

só a consequência de conviver com você! O que tem a dizer sobre isso?

– O senhor Knightley e Jane Fairfax! – exclamou Emma. – Querida senhora Weston, como pôde pensar em algo assim? O senhor Knightley! O senhor Knightley não deve se casar! A senhora não poderia fazer com que o pequeno Henry fosse cortado de Donwell, poderia? Ah! não, não, Henry deve ter Donwell. Não posso de modo algum consentir em casar o senhor Knightley e tenho certeza de que isso é totalmente improvável. Estou espantada pela senhora pensar em algo assim.

– Minha querida Emma, já contei o que me levou a pensar nisso. Não quero a união, não quero fazer mal ao pequeno Henry, mas a ideia me foi dada pelas circunstâncias e se o senhor Knightley realmente desejasse se casar, você não poderia impedi-lo em nome de Henry, um menino de seis anos, que não sabe nada do assunto, não acha?

– Sim, eu impediria. Eu não suportaria que Henry fosse suplantado. O senhor Knightley se casar! Não, eu nunca tive uma ideia como essa e não posso adotá-la agora. Além de tudo, Jane Fairfax, dentre todas as mulheres!

– Não, ela sempre foi uma grande favorita dele, como você sabe muito bem.

– Mas a imprudência de tal união!

– Não estou falando de ser prudente ou não, eu estou falando meramente da probabilidade.

– Não vejo nenhuma probabilidade, a menos que a senhora tenha alguma fundamentação melhor do que essa que está mencionando. Seu bom temperamento, sua benevolência, como lhe digo, seria o suficiente para oferecer os cavalos. Ele tem uma grande consideração pelas Bates, independentemente de Jane Fairfax, e sempre fica feliz em ser atencioso com elas. Minha querida senhora Weston, não comece a fazer uniões entre as pessoas. A senhora é pouquíssimo habilidosa nisso. Jane Fairfax senhora de Donwell Abbey! Ah, não, não. Só de pensar, já causa revolta. Pensando no próprio senhor Knightley, eu nunca permitiria que ele fizesse uma loucura dessas.

– Imprudente, se desejar, mas não é loucura. Exceto a desigualdade de fortuna e talvez uma pequena disparidade de idade, não vejo nada de

inapropriado nessa união.

– Mas o senhor Knightley não quer se casar. Tenho certeza de que ele não cogita essa ideia de forma alguma. Não coloque isso na cabeça dele. Por que ele deveria se casar? Ele é o mais feliz possível estando sozinho com sua fazenda, com suas ovelhas, com sua biblioteca e com toda a paróquia para administrar e ele gosta muito dos filhos do irmão. Ele não tem motivo para se casar, nem para preencher seu tempo e nem para preencher o coração.

– Querida Emma, contanto que ele tenha a mesma opinião, assim é. Mas se ele realmente ama Jane Fairfax...

– Absurdo! Ele não gosta de Jane Fairfax. No sentido amoroso, tenho certeza de que ele não gosta. Porém, ele faria qualquer bondade por ela e pela família dela. Mas...

– Bem – disse a senhora Weston, rindo –, talvez o maior bem que ele pudesse fazer seria dar a Jane um lar tão respeitável.

– Se seria bom para ela, tenho certeza de que seria ruim para ele, pois

é uma conexão muito vergonhosa e degradante. Como ele suportaria ter senhorita Bates fazendo parte da família? Tê-la assombrando Donwell Abbey, e agradecendo-lhe durante todo o dia por sua grande bondade em se casar com Jane? “Tão muito gentil e atencioso! Mas ele sempre foi um vizinho muito amável!” E então voar, depois de meia frase, para junto das barras da saia de sua mãe. “Não que também fosse uma anágua muito antiga, pois ainda duraria muito tempo” e, de fato, ela deveria demonstrar gratidão e dizer que suas anáguas eram todas muito fortes.

– Que vergonha, Emma! Não a imite. Você me desvia da minha consciência. E, dou minha palavra, não acho que o senhor Knightley ficaria muito perturbado com a senhorita Bates. Pequenas coisas não o irritam. Ela pode falar sem parar e se ele quisesse dizer alguma coisa, ele apenasalaria mais alto e abafaria a voz dela. Mas a questão não é se seria uma má conexão para ele, mas se ele a deseja e eu acho que ele a deseja. Eu o ouvi falar, e você também, muito bem de Jane Fairfax! O interesse que ele tem por ela, a ansiedade que ele demonstra pela saúde dela, a preocupação de que ela não tenha nenhuma perspectiva mais feliz! Eu o

ouvi se expressar tão calorosamente sobre esses pontos! Com tanta admiração pelo desempenho dela ao piano e pela voz dela! Eu o ouvi dizer que poderia ouvi-la para sempre. Oh! E eu quase me esqueci de uma ideia que me ocorreu. Esse piano que foi enviado para cá por alguém (embora todos tenhamos ficado tão satisfeitos em considerá-lo um presente dos Campbell), não pode ser do senhor Knightley? Não posso deixar de suspeitar dele. Acho que ele seria a pessoa exata para fazê-lo, mesmo sem estar apaixonado.

– Então não pode haver argumento para provar que ele esteja apaixonado. Mas não acho que seja provável que ele tenha feito isso. O senhor Knightley não faz nada de modo misterioso.

– Eu o ouvi lamentando repetidamente que ela não tivesse nenhum instrumento e com mais frequência do que eu deveria supor que tal circunstância ocorreria no curso comum das coisas.

– Muito bem! E se ele pretendia lhe dar um piano, teria dito isso a ela.

– Pode haver escrúpulos próprios da delicadeza, minha querida Emma. Eu tenho uma intuição muito forte de que isso vem dele. Tenho certeza de que ele ficou particularmente calado quando a senhora Cole nos contou isso no jantar.

– A senhora toma uma ideia, senhora Weston, e desata a colocá-la em prática, como a senhora muitas vezes me reprovou por fazer. Não vejo sinal desse apego afetivo, não acredito em nada a respeito do piano, e só uma prova me convencerá de que o senhor Knightley tenha qualquer pensamento de se casar com Jane Fairfax.

Elas debateram o assunto por mais algum tempo da mesma maneira, Emma ganhando bastante terreno sobre a mente de sua amiga, pois a senhora Weston costumava ser quem mais cedia entre as duas, então uma pequena agitação na sala lhes mostrou que o chá havia sido encerrado e que o piano estava sendo preparado. Nesse momento, o senhor Cole se aproximou e perguntou à senhorita Woodhouse se ela lhes daria a honra de experimentá-lo. Frank Churchill, de quem, na ânsia de sua conversa com a senhora Weston, ela não vira sinal, exceto que ele encontrara um assento ao lado da senhorita Fairfax, seguiu o senhor Cole, para somar seu pedido muito premente e como Emma, sob todos os aspectos, gostava muito de

estar em evidência, aquiesceu de modo muito apropriado.

Ela conhecia muito bem as limitações de seus próprios poderes para tentar mais do que podia realizar com crédito, mas não lhe faltava nem bom gosto e nem espírito nas pequenas coisas que geralmente são aceitáveis, e poderia acompanhar bem sua própria voz. Um acompanhamento à sua música a pegou de surpresa, a uma segunda voz, leve, mas bem executada, de Frank Churchill. Seu perdão foi devidamente pedido no final da música, e tudo o que era de costume se seguiu. Afirmaram que ele tinha uma voz agradável e um perfeito conhecimento de música, o que ele negou adequadamente e disse de modo geral que não sabia nada sobre o assunto, e não tinha voz alguma. Eles cantaram juntos mais uma vez e Emma então renunciou seu lugar à senhorita Fairfax, cuja performance, tanto vocal quanto instrumental, era infinitamente superior à sua.

Com sentimentos conflitantes, sentou-se a uma pequena distância dos números ao redor do instrumento, para ouvir. Frank Churchill cantou novamente. Eles haviam cantado juntos uma ou duas vezes, em Weymouth. Mas a visão do senhor Knightley, entre os mais compenetrados, logo desviou metade da atenção de Emma e ela caiu em uma corrente de pensamento a respeito das suspeitas da senhora Weston, para os quais os doces sons das vozes unidas só dava interrupções momentâneas. Suas objeções ao casamento do senhor Knightley não cessaram em nada. Ela não conseguia enxergar nada além de negatividade nisso. Seria uma grande decepção para o senhor John Knightley, consequentemente para Isabella. Um verdadeiro mal para as crianças, uma mudança muito mortificante e perda material para todas elas. Uma dedução muito grande do conforto diário de seu pai e, quanto a si mesma, ela não conseguia suportar a ideia de Jane Fairfax em Donwell Abbey. Uma senhora Knightley para todos terem que ceder passagem! Não, o senhor Knightley nunca deveria se casar. O pequeno Henry deveria permanecer como o herdeiro de Donwell.

Nesse exato momento, o senhor Knightley olhou para trás e veio para se sentar ao lado dela. A princípio, eles conversaram apenas sobre a apresentação musical. Sua admiração era certamente muito calorosa, no

entanto, ela pensou, exceto para a senhora Weston, isso não teria chamado a atenção. Como uma espécie de pedra de toque, no entanto, ela começou a falar da gentileza dele em transportar a tia e a sobrinha e, embora a resposta estivesse no espírito de encurtar o assunto, ela acreditava que isso indicava apenas a sua falta de vontade em insistir sobre qualquer gentileza própria.

– Eu muitas vezes sinto preocupação – disse ela –, por eu não ousar tornar nossa carruagem mais útil em tais ocasiões. Não é que eu não tenha o desejo. Mas você sabe o quão impossível meu pai consideraria requisitar James para esse propósito.

– Bastante fora de questão, bastante fora de questão – ele respondeu. – Mas muitas vezes você deve desejar, tenho certeza. – E ele sorriu com tanto prazer pela convicção, que ela teve que dar dar outro passo.

– Este presente dos Campbell – disse ela –, esse piano foi um presente de muita gentileza.

– Sim – ele respondeu, e sem o menor embaraço aparente. – Mas eles teriam se saído melhor se tivessem falado para ela. Surpresas são coisas tolas. O prazer não cresce e o inconveniente muitas vezes é considerável. Eu teria esperado um melhor julgamento no coronel Campbell.

A partir desse momento, Emma poderia ter jurado que o senhor Knightley não se preocupara em dar o instrumento de presente. Mas se ele estava inteiramente livre de apegos peculiares, isso permaneceu duvidoso ainda um pouco mais. No final da segunda música, a voz de Jane ficou mais densa.

– É o suficiente – disse ele, quando terminou, pensando em voz alta –, você cantou o suficiente por uma noite, agora fique quieta.

No entanto, logo imploraram por outra música. Mais uma. Eles não fatigariam a senhorita Fairfax por qualquer motivo e só pediriam mais uma. E ouviu-se Frank Churchill dizer:

– Acho que a senhorita daria conta disso sem esforço. A primeira parte é muito fácil de cantar. A força da música cai na segunda parte.

O senhor Knightley ficou bravo.

– Aquele sujeito – disse ele, indignado – não pensa em nada além de exibir sua própria voz. Isto não pode acontecer. – E tocando a senhorita

Bates, que naquele momento passou perto: – Senhorita Bates, está louca por deixar sua sobrinha cantar até ficar rouca dessa maneira? Vá e interfira. Eles não têm piedade dela.

Senhorita Bates, em sua verdadeira ansiedade por Jane, mal podia agradecer, antes de seguir em frente e pôr um fim à continuidade da cantoria. Aqui cessou concerto da noite, pois a senhorita Woodhouse e a senhorita Fairfax eram as únicas jovens com dotes artísticos. Mas logo (em cinco minutos) a proposta de dançar, originária de ninguém exatamente sabia onde foi tão efetivamente promovida pelo senhor e pela senhora Cole, que tudo estava sendo removido do caminho rapidamente, para criar espaço adequado. A senhora Weston, exímia em suas contradanças, estava sentada e iniciando uma valsa irresistível e Frank Churchill, aproximando-se de Emma com a maior galanteria, segurou-a pelas mãos e a levou à pista.

Enquanto esperava até que os outros jovens pudessem se juntar a eles, Emma encontrou tempo, apesar dos elogios que estava recebendo por sua voz e bom gosto, para olhar em volta e ver o que era feito do senhor Knightley. Esse seria um julgamento. Ele não costumava dançar, em geral. Se ele estivesse muito disposto em convidar a senhorita Fairfax agora, poderia sugerir algo. Não houve aparição imediata. Não; ele estava conversando com a senhora Cole despreocupado e Jane foi convidada por outra pessoa, e ele ainda estava conversando com a senhora Cole.

Emma não tinha mais preocupação por Henry, seu interesse ainda estava seguro e ela liderou a dança com genuíno espírito e prazer. Não se podiam formar mais de cinco casais. Mas a raridade e a rapidez da situação a tornaram muito agradável, e Emma se viu bem combinada com um parceiro. Formavam um casal que dava gosto de olhar.

Infelizmente, duas danças era tudo o que se podia permitir. Já estava ficando tarde, e a senhorita Bates ficou ansiosa para voltar para casa, por conta de sua mãe. Então, depois de algumas tentativas de poder recomeçar, eles foram obrigados a agradecer a senhora Weston, mostrando-se tristes e encerrar a dança.

– Talvez seja melhor – disse Frank Churchill, enquanto ajudava Emma a embarcar na carruagem. – Eu poderia ter convidado a senhorita Fairfax, e

a dança lânguida dela não teria combinado comigo, depois da sua.

Capítulo 9

Emma não se arrependeu de sua condescendência em ir à casa dos Cole. A visita proporcionou-lhe muitas lembranças agradáveis no dia seguinte e tudo o que ela poderia ter perdido de um isolamento digno poderia ser amplamente recompensado no esplendor da popularidade. Ela deve ter encantado os Cole, pessoas dignas, que mereciam ser felizes! E deixou um nome por trás de si que não morreria logo.

A felicidade perfeita, mesmo na memória, não é comum e havia dois pontos nos quais ela não estava muito tranquila. Ela duvidava que não tivesse transgredido o dever que uma mulher tem por outra, ao trair suas suspeitas dos sentimentos de Jane Fairfax para Frank Churchill. Não estava certo, mas tinha sido uma ideia tão forte que acabou escapando, e sua submissão a tudo o que ela contou foi um elogio à sua intromissão, o que tornou difícil para ela ter certeza de que deveria ter segurado a língua.

A outra circunstância de pesar também se relacionava com Jane Fairfax e nisso Emma não tinha dúvida. Ela se lamentava de maneira sincera e inequívoca pela inferioridade de sua própria brincadeira e canto. Ela lamentava muito a ociosidade de sua infância e sentou-se e praticou vigorosamente por uma hora e meia.

Ela foi então interrompida pela chegada de Harriet e se os elogios de dela poderiam tê-la satisfeito, ela poderia logo ter recebido conforto.

– Oh! se eu pudesse tocar tão bem quanto você e a senhorita Fairfax!

– Não nos classifique no mesmo grupo, Harriet. Minha habilidade no piano não é mais parecida com a dela do que uma lâmpada é parecida com o sol.

– Céus! Acho que, entre as duas, a senhorita toca melhor. Eu acho que toca tão bem quanto ela. Tenho certeza de que eu preferia ouvi-la. Todos ontem à noite disseram o quanto a senhorita tocava bem.

– Aqueles que tinham algum conhecimento devem ter sentido a diferença. A verdade é, Harriet, que meu desempenho ao piano é bom o suficiente para ser elogiado, mas o de Jane Fairfax está muito além disso.

– Bem, eu sempre pensarei que a senhorita toca tão bem quanto ela, ou que, se houver alguma diferença, ninguém jamais descobrirá. O senhor Cole disse quanto bom gosto a senhorita tinha e o senhor Frank Churchill falou muito sobre o seu bom gosto, e que ele valorizava bom gosto muito mais do que a execução.

– Ah! Mas Jane Fairfax tem os dois, Harriet.

– Tem certeza? Vi que ela era habilidosa na execução, mas não sabia que ela tinha qualquer bom gosto. Ninguém falou sobre isso. E eu odeio músicas em italiano. Não entendo uma palavra sequer. Além disso, se ela toca muito bem, a senhorita sabe, não é mais do que ela é obrigada a fazer, porque ela terá que ensinar. Os Cox estavam se perguntando ontem à noite se ela começaria a trabalhar para uma família distinta. O que achou da aparência das Cox?

– Como sempre... muito vulgar.

– Elas me disseram uma coisa – disse Harriet, hesitante. – Mas isso não tem nenhuma importância.

Emma foi obrigada a perguntar o que eles haviam lhe dito, embora com medo de trazer à tona o senhor Elton.

– Elas me disseram... que o senhor Martin jantou com eles no último sábado.

– Oh!

– Ele procurou o pai deles para tratar de negócios e ele pediu que o senhor Martin ficasse para jantar.

– Oh!

– Eles conversaram muito sobre ele, especialmente Anne Cox. Não sei o que ela quis dizer, mas ela me perguntou se eu pensava em ir e ficar lá novamente no próximo verão.

– Ela queria ser impertinentemente curiosa, como uma Anne Cox deveria ser, com certeza.

– Ela disse que ele se portou de modo muito agradável no dia em que jantou lá. Ele sentou-se ao lado dela no jantar. A senhorita Nash acha que qualquer uma das Cox ficaria muito feliz em se casar com ele.

– Muito provavelmente. – Acho que são, sem exceção, as moças mais vulgares de Highbury.

Harriet precisava ir à Ford's, então Emma achou que seria muito prudente acompanhá-la. Outro encontro acidental com as Martin era possível e, em seu estado atual, seria perigoso.

Harriet, interessada por tudo e distraída por meia palavra, sempre comprava demoradamente e enquanto ela ainda estava debruçada sobre musselina e mudando de ideia, Emma foi até a porta, para se distrair. Não se podia esperar muito do tráfego nem mesmo na parte mais movimentada de Highbury. O senhor Perry andando apressadamente, o senhor William Cox entrando pela porta do escritório, os cavalos de carruagem do senhor Cole voltando do exercício ou um garoto mensageiro qualquer em uma mula obstinada, eram o que de mais animado ela poderia esperar encontrar. E quando seus olhos caíram apenas sobre o açougueiro com sua bandeja, uma idosa bem arrumada a caminho de casa depois de sair de uma loja com a cesta cheia, dois vira-latas disputando um osso sujo, e uma fila de crianças vadias ao redor da pequena vitrine em arco da padaria olhando um pão de gengibre, ela sabia que não tinha razão para reclamar, e sentiu-se contente o bastante, quase o suficiente para ficar parada ali na porta. Uma mente animada e à vontade pode suportar não ver nada, e pode não ver nada que a perturbe.

Ela olhou para a estrada de Randalls. A cena aumentou e duas pessoas apareceram, eram a senhora Weston e seu enteado e eles estavam entrando em Highbury. A caminho de Hartfield, é claro. Eles estavam parando, no entanto, antes na casa da senhora Bates, cuja casa era um pouco mais próxima de Randalls do que da Ford's e mal tinham batido quando Emma cruzou o olhar com eles. Imediatamente eles atravessaram a rua e avançaram na sua direção, e o encontro agradável na noite anterior parecia conferir um prazer renovado ao encontro presente. A senhora Weston informou Emma de que faria uma visita às Bates, para ouvir o novo piano.

– Pois meu acompanhante me contou – disse ela – que eu prometi absolutamente à senhorita Bates ontem à noite que viria esta manhã. Eu mesma não estava ciente disso. Eu não sabia que tinha fixado um dia, mas como ele diz que sim, vou agora.

– E enquanto a senhora Weston faz sua visita, eu posso ter a permissão, espero – disse Frank Churchill –, de me juntar ao seu grupo e esperar por

ela em Hartfield, se a senhorita estiver a caminho de casa.

A senhora Weston ficou desapontada.

– Eu pensei que você queria ir comigo. Elas ficariam muito satisfeitas.

– Eu? Eu apenas atrapalharia. Mas, talvez, eu possa atrapalhar igualmente aqui. A senhorita Woodhouse parece não me querer por perto. Minha tia sempre me dispensa quando está fazendo compras. Ela diz que eu a inquieto até a morte e a senhorita Woodhouse parece quase dizer o mesmo. O que eu devo fazer?

– Não estou aqui por assuntos meus – disse Emma. – Só estou esperando minha amiga. Ela provavelmente vai terminar logo, logo, e então irei para casa. Apesar disso, acho melhor o senhor ir com a senhora Weston e ouvir o piano.

– Bem, se é o que a senhorita aconselha. No entanto – ele prosseguiu, com um sorriso –, se o coronel Campbell empregou um amigo mais descuidado, e se o piano acabar revelando não ser bom, o que devo dizer? Não poderei dar apoio à senhora Weston. Ela pode se sair muito bem sozinha. Uma verdade desagradável seria palatável aos seus lábios, mas eu sou o pior ser do mundo em uma civilidade falsa.

– Não acredito em nada disso – respondeu Emma. – Estou convencida de que você pode ser tão insincero quanto seus vizinhos, quando necessário. Mas não há razão para supor que o instrumento seja ruim. Pelo contrário, na verdade, se eu entendi a opinião da senhorita Fairfax ontem à noite.

– Venha comigo – disse a senhora Weston –, se não for muito desagradável para você. Não é necessário nos deter por tanto tempo. Depois iremos para Hartfield. Vamos segui-las até Hartfield. Eu realmente desejo que você me acompanhe na visita. Será interpretado como uma enorme atenção! E eu sempre pensei que fosse a sua intenção.

Ele não pôde dizer mais nada e com a esperança de Hartfield para

recompensá-lo, voltou com a senhora Weston à porta da senhora Bates. Emma os observou entrar e, em seguida, juntou-se a Harriet no mostrador tentando, com toda a força de sua mente, convencê-la de que, se ela quisesse musselina simples, não seria útil olhar para a figura e que uma fita azul, por mais bela que fosse, nunca combinaria com a estampa

amarela. Por fim, estava tudo acertado, até o destino da encomenda.

– Devo enviá-lo para a senhora Goddard, madame? – perguntou a senhora Ford.

– Sim... não... sim, à senhora Goddard. Só que meu vestido estampado está em Hartfield. Não, a senhora deve enviá-lo para Hartfield, por gentileza. Se bem que, a senhora Goddard vai querer vê-lo. E eu poderia levar o vestido estampado para casa a qualquer dia. Mas vou querer a fita imediatamente, então é melhor ir para Hartfield, pelo menos a fita. A senhora poderia fazer dois pacotes, senhora Ford, não poderia?

– Não vale a pena, Harriet, dar a senhora Ford o trabalho de fazer dois pacotes.

– Não é mais.

– Não é problema, senhora – disse a atenciosa senhora Ford.

– Oh! mas, de fato, prefiro juntar os itens em apenas um. Então, por gentileza, envie tudo para a casa da senhora Goddard... não sei... Não, acho, senhorita Woodhouse, que seria melhor em enviar para Hartfield e levar comigo para casa à noite. O que a senhorita aconselha?

– Que você não dedique mais meio segundo a esse assunto. Para Hartfield, por gentileza, senhora Ford.

– Sim, isso será muito melhor – disse Harriet, bastante satisfeita –, eu não gostaria de mandar para a senhora Goddard de forma alguma.

Vozes se aproximaram da loja, – ou melhor, uma voz e duas damas, a

senhora Weston e a senhorita Bates as encontraram na porta.

– Minha querida senhorita Woodhouse – disse a última –, só vim até aqui por um momento para lhe pedir o favor de vir e se sentar conosco um pouco e nos dar sua opinião sobre nosso novo instrumento. Como vai,

senhorita Smith?

– Muito bem, obrigada.

– E implorei à senhora Weston que fosse comigo, para ter certeza de que teria sucesso.

– Espero que a senhora Bates e a senhorita Fairfax estejam...

– Muito bem, sou muito grata por perguntar. Minha mãe está

deliciosamente bem e Jane não pegou resfriado ontem à noite. Como está o senhor Woodhouse? Estou tão feliz em ouvir um relato tão bom. A senhora Weston me disse que a senhorita estava aqui. Então, disse eu, devo ir até lá, tenho certeza que a senhorita Woodhouse me permitirá apenas atravessar a rua e pedir que ela entre, pois minha mãe ficará muito feliz em vê-la... E agora formamos um grupo tão agradável que ela não pode recusar. “Sim, por favor”, disse o senhor Frank Churchill, “A opinião da senhorita Woodhouse sobre o piano será muito valiosa”. “Mas”, eu disse, “terei mais certeza de sucesso se um de vocês for comigo.” E ele respondeu: “Oh, espere meio minuto, até que eu termine minha tarefa”. Afinal, acredita, senhorita Woodhouse, lá está ele, da maneira mais gentil no mundo, consertando os óculos da minha mãe. O parafuso saiu, sabe, esta manhã. Muito prestativo! Pois minha mãe não podia colocá-los. E, aliás, todos deveriam ter dois pares de óculos, deveriam mesmo. Foi o que Jane disse. Eu pretendia levá-los a John Saunders logo pela manhã, mas uma coisa ou outra me atrapalhou a manhã toda, não há como dizer o quê, sabe. Uma hora Patty chegou a dizer que achava que a chaminé da cozinha precisava ser limpa. Ah, eu disse, Patty não me venha com suas más notícias. Aqui está o parafuso dos óculos da sua senhora. Então, as maçãs assadas chegaram em casa, a senhora Wallis as enviou pelo filho e eles são extremamente corteses e atenciosos conosco, os Wallis, sempre... ouvi algumas pessoas dizerem que a senhora Wallis pode ser descortês e dar respostas muito rudes, mas nunca recebemos nada além da maior atenção por parte deles. E não pode ser pelo valor que gastamos comprando deles, pois nosso consumo de pão é ínfimo, sabe? Somos só três. Isto é, além da querida Jane no momento, e ela realmente não come nada, faz um jejum tão chocante que você, senhorita, ficaria muito assustada se o visse. Não ousa deixar minha mãe saber o pouco que ela come, então digo uma coisa e depois digo outra, e logo isso passa. Mas no meio do dia ela fica com fome, e não há nada que ela goste tanto quanto as maçãs assadas, e elas são extremamente saudáveis, pois aproveitei a oportunidade no outro dia para perguntar ao senhor Perry, que por acaso o encontrei na rua. Não que eu tivesse alguma dúvida antes, pois ouvi tantas vezes o senhor Woodhouse recomendar uma maçã assada. Acredito que é a única maneira

na qual o senhor Woodhouse considera as frutas totalmente saudáveis. Comemos bolinhos de maçã, no entanto, com muita frequência. Patty faz um excelente bolinho de maçã. Bem, senhora Weston, a senhora venceu, espero, e essas senhoras nos concederão a gentileza da presença delas.

Emma ficaria muito feliz em atender a senhora Bates e companhia, e elas enfim deixaram a loja, sem maior demora da senhorita Bates além de:

– Como vai, senhora Ford? Peço que me perdoe. Não a vi aí antes. Ouvi dizer que a senhora tem uma coleção encantadora de fitas novas da cidade. Jane voltou encantada ontem. Obrigada, as luvas ficaram muito boas, apenas um pouco largas demais no pulso. Mas Jane as trará.

E quando já estavam todas na rua, ela começou novamente:

– Do que eu estava falando?

Emma se perguntou qual seria o assunto escolhido dentre a miríade do que ela havia falado.

– Declaro que não consigo me lembrar do que estava falando. Oh! Os óculos da minha mãe. Muita gentileza do senhor Frank Churchill! “Oh!”, disse ele, “acho que posso apertar o parafuso, gosto excessivamente de um trabalho desse tipo”. O que, sabe, mostrou que ele era muito... Na verdade, devo dizer que, por mais que eu já tivesse ouvido falar dele e como eu esperava, ele excede em muito qualquer expectativa... Eu a parabenizo, senhora Weston, muito calorosamente. Ele parece tudo o que um pai mais afetuoso poderia... “Oh!”, disse ele, “posso apertar o parafuso. Gosto excessivamente de um trabalho como esse”. Eu nunca esquecerei os modos dele. E quando eu tirei as maçãs assadas da despensa e esperei que nossos amigos fizessem a gentileza de provar um pouco, “Oh!”, disse ele no mesmo instante: “Não posso recusar frutas tão boas, e essas são as maçãs assadas caseiras mais bonitas que eu já vi na minha vida. Isso, sabe, foi tão... E tenho certeza de que, a seu modo, não foi um elogio. De fato, são maçãs muito deliciosas, e a senhora Wallis faz total justiça a elas. Só não as assamos mais do que duas vezes, e o senhor Woodhouse nos fez prometer que as assássemos três vezes, mas a senhorita nos fará a gentileza de não mencionar isso a ele. As maçãs são do melhor tipo para assar, sem dúvida, todas de Donwell, algumas das remessas mais generosas do senhor Knightley. Ele nos envia uma saca

todos os anos e, certamente, não há macieiras mais fartas que as deles. Acredito que há duas delas. Minha mãe diz que o pomar sempre foi famoso na juventude dela, mas fiquei realmente chocada outro dia, pois o senhor Knightley nos visitou certa manhã, e Jane estava comendo essas maçãs, conversamos sobre elas e dissemos o quanto ela as apreciava, e ele perguntou se não estávamos no fim de nosso estoque. “Tenho certeza que devem estar”, disse ele, “e enviarei outro suprimento, pois tenho muito mais do que posso usar. William Larkins deixou-me para ficar com uma quantidade maior do que o usual este ano. Vou lhe enviar um pouco mais, antes que não sirvam mais para nada”. Então, implorei que ele não enviasse mais, pois, quanto às nossas terem acabado, eu não poderia absolutamente dizer que tínhamos muitas de sobra, eram no máximo meia dúzia, de fato. Mas elas devem ser guardadas para Jane, porém eu não suportaria que ele nos enviasse mais, tão generoso como já fora e Jane disse o mesmo. E quando ele se foi, ela quase brigou comigo. Não, não devo dizer que brigamos, pois nunca brigamos em nossas vidas. Porém, ela ficou bastante angustiada por eu ter admitido que as maçãs quase haviam desaparecido e Jane queria que eu o tivesse feito acreditar que ainda tínhamos muitas. Oh, minha querida, eu disse o máximo que pude. No entanto, na mesma noite em que William Larkins apareceu com uma grande cesta de maçãs, o mesmo tipo de maçã, pelo menos um alqueire, eu fiquei muito grata. Fui lá e conversei com William Larkins e disse tudo, como a senhorita pode supor. William Larkins é um velho conhecido! Fico sempre feliz em vê-lo. No entanto, descobri depois pela Patty, que William disse que eram todas as maçãs daquele tipo que seu senhor tinha, pois ele as trouxera todas, e agora seu senhor não tinha mais nenhuma para assar ou ferver. William não parecia se importar, ficou muito satisfeito ao pensar que seu mestre havia vendido tantas, e ele, a senhorita sabe, pensa mais no lucro de seu senhor do que em qualquer coisa. Mas a senhora Hodges ficou bastante descontente por todas terem sido distribuídas. Ela não suportava a ideia de que seu mestre não pudesse comer outra torta de maçã nesta primavera. Willian contou isso para Patty, mas disse a ela para não se importar e se certificar de não nos dizer nada a esse respeito, pois a senhora Hodges ficaria zangada às vezes e, contanto que tantas sacas

fossem vendidas, não tinha importância quem comeria o restante. E assim Patty me disse, e fiquei excessivamente chocada! Eu não gostaria que o senhor Knightley soubesse disso por nada no mundo! Ele ficaria tão... Eu queria esconder isso do conhecimento de Jane. Mas, infelizmente, eu já havia tocado no assunto antes de perceber.

A senhorita Bates tinha acabado de encerrar o assunto quando Patty abriu a porta, e suas visitas subiram as escadas sem ter nenhuma narração regular a que prestar atenção, persuadidas apenas pelos sons de sua desconexa boa vontade.

– Por favor, tome cuidado, senhora Weston, há um degrau na curva. Por favor, tome cuidado, senhorita Woodhouse, a nossa é uma escada escura, um pouco mais escura e mais estreita do que se poderia desejar. Senhorita Smith, por favor, tome cuidado. Senhorita Woodhouse, estou bastante preocupada, tenho certeza que a senhorita bateu o pé. Senhorita Smith, o degrau na curva.

Capítulo 10

A aparência da pequena sala de estar quando elas entraram era a própria tranquilidade. A senhora Bates, privada de seu emprego habitual, adormecida em um lado da lareira, Frank Churchill, em uma mesa perto dela, ocupado com os óculos, e Jane Fairfax, de costas para eles, concentrada em seu piano.

Ocupado como estava, no entanto, o jovem ainda conseguiu mostrar um semblante muito feliz ao ver Emma novamente.

– É um prazer – disse ele, em voz um tanto baixa –, chegaram pelo menos dez minutos antes do que eu havia calculado. A senhorita me encontra tentando ser útil, então diga-me se acha que vou ter sucesso.

– Ora! – disse a senhora Weston –, ainda não terminou? Você não ganharia bem a vida trabalhando como joalheiro neste ritmo.

– Não tenho trabalhado ininterruptamente – respondeu ele. – Tenho ajudado a senhorita Fairfax a tentar fazer com que seu piano permaneça firme, há um desnível no chão, acredito. Veja que estamos escorando uma perna com papel. Foi muito gentil de sua parte ser persuadida a vir. Eu

estava quase com medo de que a senhorita estivesse correndo para casa.

Ele arquitetou para que ela estivesse sentada com ele; e estava suficientemente engajado em procurar a melhor maçã assada para ela e em tentar fazê-la ajudar ou aconselhar em seu trabalho, até que Jane Fairfax estava pronta para se sentar ao piano outra vez. Como ela não ficou pronta imediatamente, Emma suspeitou que fosse produto de seu estado de nervosismo, pois ela não possuía o instrumento por tempo o bastante para tocá-lo sem emoção, de forma intuitiva, ou seja, ela precisava se forçar racionalmente a entrar no poder da apresentação e Emma só podia sentir pena de tais sentimentos, quaisquer que fossem sua origem, e não podia se não decidir nunca expô-los à vizinha novamente.

Por fim, Jane começou e, embora as primeiras teclas tenham sido pressionadas levemente, gradualmente fez-se jus aos poderes do instrumento. A senhora Weston já havia se encantado antes e estava novamente encantada. Emma se juntou a ela em todos os seus elogios e o piano, com todas as discriminações apropriadas, foi considerado uma das mais altas promessas.

– Quem quer que o coronel Campbell possa ter empregado para a fazer a compra – disse Frank Churchill, com um sorriso para Emma –, a pessoa não escolheu mal. Ouvi bastante do bom gosto do coronel Campbell em Weymouth e a suavidade das notas superiores, tenho certeza, é exatamente o que ele e todo aquele grupo particularmente valorizariam. Atrevo-me a dizer, senhorita Fairfax, que ele deu instruções muito minuciosas ao amigo ou escreveu para o próprio Broadwood. Não acha?

Jane não olhou em volta. Ela não era obrigada a ouvir. A senhora Weston estava falando com ela no mesmo momento.

– Não é justo – disse Emma, em um sussurro. – O meu foi um palpite aleatório. Não a angustie.

Frank balançou a cabeça com um sorriso e parecia ter pouca dúvida e pouca misericórdia. Logo depois ele começou de novo:

– Como seus amigos na Irlanda devem estar curtindo seu prazer nesta ocasião, senhorita Fairfax. Ouso dizer que muitas vezes pensam na

senhorita e eu me pergunto qual será o dia, o dia exato, que o instrumento chegaria. A senhorita imagina que o coronel Campbell sabe que o negócio está avançando nesse momento? Imagina que seja consequência de uma encomenda imediata dele ou que ele possa ter enviado apenas uma direção geral, uma ordem indefinida quanto ao tempo, confiando em contingências e conveniências?

Frank fez uma pausa, Jane não podia deixar de ouvir, tanto que ela não pôde evitar responder:

– Até eu receber uma carta do coronel Campbell – disse ela, numa voz de calma forçada –, não consigo imaginar nada com confiança. Deve ser tudo conjectura.

– Conjectura, sim, às vezes uma conjectura é certa, e às vezes uma

conjectura é errada. Eu gostaria de poder conjeturar em quanto tempo tornarei este parafuso bem firme. Que bobagem falamos, senhorita Woodhouse, quando trabalhamos duro, se é que falamos. Suponho que seus verdadeiros trabalhadores mantenham a língua dentro da boca. Mas nós, cavalheiros trabalhadores, se nos apossamos de uma palavra... A senhorita Fairfax disse algo sobre conjecturas. Pronto, está feito. Tenho o prazer, senhora – para a senhora Bates –, de restaurar seus óculos, consertados por enquanto.

Frank foi muito calorosamente agradecido por mãe e filha e para escapar um pouco dessa última, foi ao piano e implorou à senhorita Fairfax, que ainda estava sentada nele, para tocar algo mais.

– Se puder fazer a gentileza – disse ele –, será uma das valsas que dançamos na noite passada. Deixe-me vivê-las novamente. A senhorita não desfrutou delas como eu, pois parecia cansada o tempo todo. Eu acredito que tenha ficado feliz por não dançarmos mais. Mas eu daria mundos, todos os mundos que alguém já teve para dar, por mais meia hora.

Ela tocou.

– Que felicidade é ouvir novamente uma música que a deixou feliz! Se não me engano, essa foi dançada em Weymouth.

Jane olhou para ele por um momento, corou profundamente e tocou outra coisa. Ele pegou algumas partituras de uma cadeira perto do piano e, voltando-se para Emma, disse:

– Aqui está algo muito novo para mim. Conhece? Cramer. E aqui está um novo conjunto de melodias irlandesas. Que, a partir desse quarto,

se poderia esperar. Tudo isso foi enviado com o instrumento. Muito atencioso da parte do coronel Campbell, não acha? Ele sabia que a senhorita Fairfax não poderia ter partituras aqui. Eu honro essa parte da atenção particularmente, pois mostra que partiu profundamente do coração.

Nada feito às pressas e nada incompleto. A causa só poderia ser o verdadeiro afeto.

Emma desejou que ele fosse menos incisivo, mas não pôde deixar de se

divertir e, olhando fixamente para Jane Fairfax, notou um sorriso, quando viu que, com todo o profundo rubor de consciência, tinha sido um sorriso de prazer secreto, ela tinha decoro no divertimento e muito menos compaixão com respeito a ela. Jane Fairfax, amável, ereta e perfeita, aparentemente estava apreciando sentimentos muito repreensíveis.

Ele trouxe toda as partituras para ela, e eles examinaram juntos. Emma aproveitou a oportunidade para sussurrar:

- Você fala de modo simplório demais. Ela deve entender você.
- Espero que sim. Eu gostaria que ela me entendesse. Não tenho a menor vergonha do que pretendo dar a entender. Mas, na verdade, estou meio envergonhado, e gostaria de nunca ter aceitado a ideia.
- Estou muito feliz que tenha feito o que fez e que o senhor tenha me comunicado. Agora tenho uma chave para todos os seus olhares e modos estranhos. Deixe a vergonha para ela. Se ela errar, ela deverá sentir.
- Ela não está totalmente desprovida disso, eu acho.
- Não vejo muito sinal. Ela está interpretando *Robin Adair* neste momento, a sua favorita.

Pouco depois, a senhorita Bates, passando perto da janela, avistou o senhor Knightley a cavalo, não muito longe.

– O senhor Knightley, eu declaro! Devo falar com ele, se possível, apenas para agradecer-lhe. Não vou abrir a janela aqui, pois isso causaria frio a todos, mas posso ir para o quarto da minha mãe, sabe. Ouso dizer que ele entrará quando souber quem está aqui. Muito prazeroso que todos se encontrem assim! Nossa pequena sala tão honrada!

Ela estava na câmara contígua enquanto ainda falava, e abrindo a janela ali, imediatamente chamou a atenção do senhor Knightley, e todas as sílabas de sua conversa foram tão claramente ouvidas pelos outros, como se tivessem sido proferidas dentro do mesmo aposento.

- Como vai?
- Como vai?
- Muito bem, agradeço. Tão grata ao senhor pela carruagem ontem à noite. Chegamos bem a tempo e minha mãe estava esperando por nós. Por gentileza, entre, entre. O senhor encontrará alguns amigos aqui.

Assim começou a senhorita Bates e o senhor Knightley parecia

determinado a ser ouvido por sua vez, pois com mais determinação e autoridade

ele disse:

– Como está sua sobrinha, senhorita Bates? Pergunto de todos, mas particularmente de sua sobrinha. Como está a senhorita Fairfax? Espero que ela não tenha se resfriado a noite passada. Como ela está hoje? Diga-me como está a senhorita Fairfax.

E a senhorita Bates foi obrigada a dar uma resposta direta antes que ele a ouvisse falar sobre qualquer outra coisa. Os ouvintes se divertiram e a senhora Weston deu a Emma um olhar de significado particular. Mas Emma mesmo assim balançou a cabeça em constante ceticismo.

– Tão grata ao senhor! Tão grata ao senhor pela carruagem – retomou a senhorita Bates.

Ele a interrompeu com:

– Eu estou indo para Kingston. Posso fazer alguma coisa pelas senhoras?

– Pelos céus! Para Kingston? A senhora Cole estava dizendo outro dia que queria algo de Kingston.

– Senhora Cole tem empregados para enviar. Posso fazer alguma coisa pela senhorita?

– Não, obrigada. Mas entre. Quem o senhor acha que está aqui? A senhorita Woodhouse e a senhorita Smith, por favor, entre para ouvir o novo piano. Ponha seu cavalo na Crown, por gentileza, e entre.

– Bem – disse ele, de maneira deliberada –, por cinco minutos, talvez.

– E aqui estão a senhora Weston e o senhor Frank Churchill também! Tantos amigos!

– Não, agora não, obrigado. Não poderia ficar nem dois minutos. Devo ir para Kingston o mais rápido possível.

– Oh! Entre. Eles ficarão muito felizes em vê-lo.

–Não, não, sua sala está cheia o suficiente. Vou visitá-la outro dia e ouvir o piano.

– Bem, sinto muito! Senhor Knightley, que festa maravilhosa ontem à noite. Quão extremamente agradável. O senhor já viu aquela dança? Não foi delicioso? Senhorita Woodhouse e o senhor Frank Churchill, eu nunca

vi nada igual.

– Oh! muito agradável mesmo, mas não posso dizer nada menos, pois suponho que a senhorita Woodhouse e o senhor Frank Churchill estejam ouvindo tudo o que se passa. E – levantando a voz ainda mais – não vejo por que a senhorita Fairfax também não deveria ser mencionada. Acho que a senhorita Fairfax dança muito bem e a senhora Weston é a melhor pianista para contradanças, sem exceção, da Inglaterra. Agora, se seus amigos tiverem alguma gratidão, eles dirão algo bem alto sobre a senhorita e eu em troca. Mas não posso ficar para ouvir.

– Oh! Senhor Knightley, mais um momento, é algo de importância. Tão chocada! Tanto Jane quanto eu estamos muito chocadas com as maçãs!

– Qual é o problema agora?

– Pensar em o senhor nos enviar todas as maçãs da sua safra. O senhor disse que tinha muitas e agora não tem mais nenhuma. Nós realmente estamos tão chocadas! A senhora Hodges pode muito bem estar com raiva. William Larkins mencionou aqui. O senhor não deveria ter feito isso, de fato não deveria. Oh! Ele já se foi. Ele nunca suporta ser agradecido. Mas pensei que ele teria ficado agora e teria sido uma pena não ter mencionado... Bem – voltando à sala –, não consegui obter sucesso. O senhor Knightley não pôde parar. Ele está indo a Kingston. Ele me perguntou se poderia fazer alguma coisa...

– Sim – disse Jane –, ouvimos suas ofertas gentis, ouvimos tudo.

– Oh! Sim, minha querida, ousou dizer que sim, porque a porta e a janela estavam abertas e o senhor Knightley falou alto. Decerto você deve ter ouvido tudo. “Posso fazer algo pelas senhoras em Kingston?”, disse ele, então eu acabei de mencionar... Oh! Senhorita Woodhouse, a senhora já deve ir embora? Parece que acabou de chegar... É muita gentileza da sua parte.

Emma achou que realmente fosse hora de estar em casa, pois a visita já durara muito e, ao examinar os relógios, percebeu-se que a manhã havia avançado tanto, que já parecia perdida. Assim, a senhora Weston e seu companheiro também se despediram, só puderam caminhar com as duas jovens até os portões de Hartfield, antes de partir de volta para Randalls.

Capítulo 11

Pode ser possível ficar completamente sem dançar. É conhecido o caso de jovens que passam muitos e muitos meses sucessivamente assim, sem participar de nenhuma descrição de baile, e nenhum dano material ocorre no corpo ou na mente. Porém, quando se tem um gostinho ou quando as felicidades do movimento rápido já foram sentidas, mesmo que ligeiramente, é preciso ter uma constituição muito forte para não querer mais.

Frank Churchill dançara uma vez em Highbury e desejava dançar de novo e a última meia hora de uma noite que o senhor Woodhouse fora convencido a passar com a filha em Randalls acabou sendo ocupada pelos dois jovens em maquinações sobre o assunto. Frank foi quem teve a ideia primeiro e o seu foi o maior zelo em persegui-la, pois a dama era a melhor juíza das dificuldades e a mais solícita em termos de acomodação e aparência. Porém, ainda assim ela tinha inclinação suficiente para mostrar às pessoas, mais uma vez, como o senhor Frank Churchill e a senhorita Woodhouse dançavam e para fazer algo sobre o que ela não precisava corar ao ser comparada com Jane Fairfax. Até pela simples dança em si, sem nenhuma ajuda perversa da vaidade, além de ajudá-lo primeiro a andar pela sala em que estavam, para ver o que poderia ser feito e depois a tomar as dimensões da outra sala, na esperança de descobrir, apesar de tudo o que o senhor Weston poderia dizer de o tamanho ser exatamente igual, que era um pouco maior.

Sua primeira proposição e pedido de que o baile iniciado na residência do senhor Cole devesse terminar lá, que o mesmo grupo fosse reunido e a mesma pianista fosse convidada, encontrou a mais rápida aquiescência. O senhor Weston aceitou a ideia com profundo gozo e a senhora Weston de bom grado se comprometeu a tocar pelo tempo que eles quisessem dançar. E o interessante engajamento se seguiu a isso: calcular exatamente quem estaria presente e a distribuição indispensável do espaço a cada casal.

– A senhorita e a senhorita Smith, mais a senhorita Fairfax serão três pessoas, e as duas senhoritas Cox, cinco. – Isso fora repetido várias vezes.
– E haverá os dois Gilbert, o jovem Cox, meu pai e eu, além do senhor

Knightley. Sim, isso será suficiente para o divertimento. A senhorita e a senhorita Smith, mais a senhorita Fairfax serão três pessoas, e as duas senhoritas Cox, cinco, então para cinco casais, haverá muito espaço.

Mas a seguinte objeção logo surgiu de um lado:

– Mas haverá um bom espaço para cinco casais? Eu realmente não acho que haverá.

De outro:

– E, afinal, cinco casais não são suficientes para fazer valer a pena ficar em pé. Cinco pares não são nada quando se pensa seriamente. Não adianta convidar cinco casais. Isso só pode ser permitido como o pensamento do momento.

Alguém disse que a senhorita Gilbert era esperada na casa do irmão e que deveria ser convidada. Outra pessoa acreditava que a senhora Gilbert teria dançado na outra noite, se ela tivesse sido convidada. Uma palavra foi colocada para um segundo jovem Cox e, finalmente, com o senhor Weston mencionando uma família de primos que deveria ser incluída, e outra de conhecidos muito antigos que não podiam ser deixados de fora, tornou-se uma certeza que os cinco casais seriam pelo menos dez, e a isso seguiu-se uma especulação muito interessante acerca de que maneira eles seriam dispostos no espaço.

As portas das duas salas eram opostas.

– Eles não podem usar as duas salas e dançar através da passagem entre elas? – Parecia o melhor arranjo e, no entanto, não era tão bom, de modo que vários deles queriam um outro melhor. Emma disse que seria estranho e a senhora Weston estava angustiada com a ceia, já o senhor Woodhouse se opôs sinceramente a isso, do ponto de vista da saúde. De fato, ele ficou tão infeliz que não puderam insistir a respeito.

– Oh, não! – disse ele. – Seria o extremo da imprudência. Eu não suportaria isso por Emma! Emma não é forte e pegaria um resfriado terrível. A pobre Harriet também. Assim como vocês todos. Senhora Weston, a senhora ficaria muito debilitada e em confinamento, não os deixe falar de uma coisa tão desvairada. Peço que não os deixe falar sobre isso. Aquele jovem – agora falando mais baixo – não tem nenhuma consideração. Não conte ao seu pai, mas aquele jovem não é tão bom

assim. Ele está abrindo as portas com muita frequência esta noite e mantendo-as abertas de forma inconsiderada. Ele não pensa nas correntes de ar. Não pretendo colocá-la contra ele, mas, na verdade, ele não é tão bom assim!

A senhora Weston lamentou tal acusação. Ela sabia a importância e disse tudo o que estava ao seu alcance para acabar com o incidente. Todas as portas estavam agora fechadas, o plano da passagem entre as salas, abandonado, e o primeiro plano de fazer o baile apenas na sala onde estavam foi retomado, e com tanta boa vontade da parte de Frank Churchill, que o espaço que um quarto de hora antes fora considerado insuficiente para cinco casais, agora estava sendo considerado o suficiente para dez.

– Fomos generosos demais – disse ele. – Concedemos espaço desnecessário. Dez casais podem ficar aqui muito bem.

Emma hesitou.

– Seria uma multidão, uma triste multidão e o que poderia ser pior do que dançar sem espaço para girar?

– É verdade – Frank respondeu gravemente. – É muito ruim. – Mas ele continuava medindo e, ainda assim, terminou com: – Acho que haverá espaço muito tolerável para dez casais.

– Não, não – disse Emma –, o senhor é bastante irracional. Seria terrível tanta proximidade! Nada pode se distanciar mais do prazer do que dançar em meio a uma multidão. E ainda por cima, uma multidão em uma sala pequena!

– Não há como negar – ele respondeu. – Eu concordo plenamente com a senhorita. Uma multidão em uma sala pequena. Senhorita Woodhouse, trata-se de uma arte a sua de criar imagens inteiras com poucas palavras. Divina, bastante divina! Ainda assim, tendo prosseguido até agora, não podemos desistir do assunto. Seria uma decepção para meu pai, e de modo geral, eu não sei. Sou da opinião de que dez casais podem ficar aqui muito bem.

Emma percebeu que a natureza da galanteria do senhor Frank Churchill era um pouco obstinada e que ele preferiria se opor a perder o prazer de dançar com ela. Apesar disso, Emma aceitou o elogio e perdoou o resto. Se

ela pretendesse se casar com ele, poderia valer a pena fazer uma pausa e considerar, e então tentar entender o valor de sua preferência e o caráter de seu temperamento. Mas, para todos os propósitos de seu breve relacionamento, ele era bastante amável.

Antes do meio do dia seguinte, ele estava em Hartfield e entrou na sala com um sorriso tão agradável que certificou a continuidade do esquema. Logo pareceu que ele tinha vindo anunciar uma melhora.

– Bem, senhorita Woodhouse – ele começou quase imediatamente –, sua inclinação para dançar não foi totalmente descartada, espero, pelos terrores das pequenas salas de meu pai. Trago uma nova proposta: uma ideia de meu pai, que espera apenas receber sua aprovação. Posso esperar pela honra de sua mão para as duas primeiras danças deste pequeno projeto de baile, não em Randalls, mas na Crown Inn?

– Na Crown!

– Sim, se a senhorita e o senhor Woodhouse não virem objeções, e confio que não verão, meu pai espera que seus amigos tenham a gentileza de visitá-lo lá. Melhores acomodações, ele pode prometer um acolhimento não menos grato do que em Randalls. É ideia dele. A senhora Weston não vê objeção, desde que a senhorita esteja satisfeita. É isso o que todos sentimos. Oh! A senhorita estava perfeitamente certa! Dez casais, em qualquer um dos cômodos de Randalls seria algo insuportável! Horrível! Senti sua razão o tempo todo, mas estava ansioso demais para garantir qualquer coisa em vez de ter de ceder. Não é uma boa troca? Seu consentimento... Espero seu consentimento?

– Parece-me um plano ao qual ninguém pode se opor, se o senhor e a senhora Weston não o fazem. Eu acho admirável e, tanto quanto eu puder responder por mim, será muito feliz e parece a única melhora que poderia ser feita. Papai, não acha uma excelente melhora?

Ela foi obrigada a repetir e a explicar, antes de ser totalmente compreendida e então, sendo ideias bastante novas, foram necessárias mais representações para torná-las aceitáveis.

– Não, acho que está muito longe de ser uma melhora, um plano muito ruim, muito pior que o outro. Um salão em uma estalagem é sempre úmido e perigoso e nunca arejado adequadamente ou apto para ser

habitado. Se precisam dançar, é melhor dançar em Randalls. Nunca estive no salão da Crown em minha vida, não conheço de vista as pessoas que o mantêm. Oh, não! Um plano muito ruim. Vocês pegariam resfriados piores na Crown do que em qualquer outro lugar.

– Eu observaria, senhor – disse Frank Churchill –, que uma das grandes recomendações dessa mudança seria o risco muito pequeno de alguém pegar um resfriado. Perigo muito menor na Crown do que em Randalls! O senhor Perry pode ter motivos para lamentar a alteração, mas ninguém mais poderia.

– O senhor está muito enganado se supõe que o senhor Perry seja esse tipo de personagem – disse o senhor Woodhouse, muito calorosamente. – O senhor Perry fica extremamente preocupado quando algum de nós está doente. Mas não entendo como o salão da Crown pode ser mais seguro para o senhor do que a casa de seu pai.

– Pela exata circunstância de ser maior, senhor. Não teremos ocasião de abrir as janelas, nem uma vez a noite inteira e é esse terrível hábito de abrir as janelas, deixar entrar o ar frio sobre corpos aquecidos, que como o senhor bem sabe, faz mal.

– Abrir as janelas! Mas certamente, senhor Churchill, ninguém pensaria em abrir as janelas em Randalls. Ninguém poderia ser tão imprudente! Eu nunca ouvi falar de uma coisa dessas. Dançar com janelas abertas! Tenho certeza de que nem seu pai nem a senhora Weston (que era a pobre senhorita Taylor) sofreriam com isso.

– Ah, senhor! Mas um jovem desajuizado às vezes fica atrás de uma cortina de janela e levanta um caixilho sem que suspeitem disso. Eu sei que eu mesmo já fiz isso.

– É verdade, senhor? Misericórdia! Eu nunca poderia ter imaginado. Se bem que vivo fora do mundo e, com frequência, fico surpreso com o que ouço. No entanto, isso faz diferença e, talvez, quando discutimos o assunto... mas esse tipo de coisa exige muita consideração. Não se pode resolver com pressa. Se o senhor e a senhora Weston fizerem a gentileza de nos brindar com uma visita aqui uma manhã, podemos discutir o assunto e ver o que pode ser feito.

– Infelizmente, senhor, meu tempo é muito limitado.

– Oh! – interrompeu Emma. – Haverá tempo de sobra para conversar sobre tudo. Não há pressa nenhuma. Se puder ser na Crown, papai, será muito conveniente para os cavalos. Eles estarão muito perto de seu próprio estábulo.

– Sim, eles estarão, minha querida. Isso é uma grande coisa. Não que James se queixe. Mas é certo poupar nossos cavalos quando pudermos. Se eu pudesse ter a certeza de que os cômodos estarão sendo totalmente arejados... Mas a senhora Stokes é de confiança? Eu duvido. Eu não a conheço, nem de vista.

– Eu posso responder por tudo dessa natureza, senhor, porque isso estará sob os cuidados da senhora Weston. A senhora Weston compromete-se a dirigir todo o evento.

– Pronto, papai! Agora o senhor deve estar satisfeito. Nossa querida senhora Weston, que é o cuidado em pessoa. Não se lembra do que o senhor Perry disse, há tantos anos, quando eu tive sarampo? Se a senhorita Taylor se comprometer a agasalhar a senhorita Emma, não precisa ter medo, senhor. Quantas vezes o ouvi falar disso como um elogio a ela!

– Sim, é verdade. O senhor Perry disse isso. Nunca vou me esquecer. Pobre e pequena Emma! Você ficou muito ruim com o sarampo, isto é, você teria ficado muito ruim, se não fosse pela grande atenção de Perry. Ele veio quatro vezes por dia durante uma semana. Ele disse que, desde o início, era um tipo muito bom de enfermidade, o que era nosso grande conforto. No entanto, o sarampo é uma queixa terrível. Espero que, quando os pequenos da pobre Isabella tiverem sarampo, ela mande chamar Perry.

– Meu pai e a senhora Weston estão na Crown neste momento – disse Frank Churchill –, examinando as capacidades da casa. Deixei-os lá e segui para Hartfield, impaciente com a sua opinião, e esperando que a senhorita fosse persuadida a se juntar a eles e a dar seus conselhos no local. Ambos me pediram para dizer isso à senhorita. Seria o maior prazer para eles, se me permitisse acompanhá-la até lá. Eles não podem fazer nada satisfatoriamente sem sua opinião.

Emma ficou muito feliz em ser chamada para esse conselho, já seu pai comprometeu-se a pensar sobre tudo aquilo enquanto ela estivesse fora. Assim, os dois jovens partiram juntos, sem demora, para a Crown. Lá

estavam o senhor e a senhora Weston, encantados em vê-la e receber sua aprovação, muito ocupados e muito felizes à sua diferente maneira. Emma estava com um pouco de angústia e o senhor Frank Churchill achando

tudo perfeito.

– Emma – disse a senhora Weston –, este papel está pior do que eu esperava. Veja! Em lugares visíveis ele está terrivelmente sujo e o lambril está mais amarelo e abandonado do que qualquer coisa que eu possa ter imaginado.

– Minha querida, você é muito detalhista – disse o marido. – O que tudo isso significa? Você não verá nada disso à luz de velas. Será tão limpo quanto Randalls à luz de velas. Nunca enxergamos nada disso nas nossas noites de clube.

Nesse momento, as senhoras provavelmente trocaram olhares que significavam: “Os homens nunca sabem quando as coisas estão sujas ou não”. Já os cavalheiros talvez pensassem um para o outro: “As mulheres sempre terão suas pequenas bobagens e cuidados desnecessários”.

Surgiu uma perplexidade, no entanto, que os senhores não desprezaram. Dizia respeito a uma sala de jantar. No momento da construção do salão, as ceias não estavam em questão e uma pequena sala de carteadado adjacente era a única adição. O que poderia ser feito? Agora essa sala de carteadado poderia ser procurada como uma sala de carteadado ou, se as cartas fossem convenientemente consideradas desnecessárias por eles quatro, ainda não seria considerada pequena demais para uma ceia confortável? Havia uma outra sala de tamanho muito melhor que poderia ser usada para esse propósito, porém ficava do outro lado da casa, e uma longa passagem embaraçosa deveria ser feita para se chegar lá. Isso criava uma dificuldade. A senhora Weston tinha medo de correntes de ar para os jovens naquela passagem e nem Emma nem os senhores podiam tolerar a perspectiva de ficarem em local miseravelmente lotado no jantar.

A senhora Weston propôs que não fizessem um jantar regular, mas apenas sanduíches etc., dispostos na salinha. No entanto, isso foi considerado uma sugestão infeliz. Um baile particular, sem uma mesa posta para a ceia, em que pudessem se sentar, era declarada uma fraude

infame sobre os direitos de homens e mulheres, e a senhora Weston não deveria falar sobre isso novamente. Ela então tomou outra linha de ação e, olhando para a sala duvidosa, observou:

– Eu não acho tão pequena assim. Não seremos muitos, sabe.

E o senhor Weston, ao mesmo tempo, andando a passos rápidos pelo corredor, estava dizendo de longe:

– Você fala bastante sobre extensão deste corredor, minha querida. Afinal, é um mero nada e não recebe a menor corrente de ar da escada.

– Eu gostaria – disse senhora Weston – que pudéssemos saber qual a situação nossos convidados em geral mais apreciarão. Fazer o que seria geralmente mais agradável deve ser o nosso objetivo. Se ao menos fosse possível saber o que isso seria.

– Sim, é bem verdade – exclamou Frank –, é verdade! A senhora quer a opinião de seus vizinhos. Eu não me admiro. Poderíamos nos certificar disso consultando os principais convidados... os Cole, por exemplo. Eles não estão longe. Devo lhes fazer uma visita? Ou à senhorita Bates? Ela ainda está mais perto. E não sei se a senhorita Bates não teria tanta probabilidade de entender as inclinações do restante das pessoas tanto quanto qualquer um. Penso que queremos um conselho maior. Acha que eu deva convidar a senhorita Bates para se juntar a nós?

– Bem, por gentileza – disse senhora Weston, um tanto hesitante –, se acha que ela será útil.

– O senhor não conseguirá nada com a senhorita Bates – disse Emma.

– Ela ficará toda alegre e grata, mas não lhe dirá nada. Ela nem vai ouvir suas perguntas. Não vejo vantagem em consultar a senhorita Bates.

– Mas ela é tão divertida, extremamente divertida! Gosto muito de ouvir a senhorita Bates falar. E não preciso trazer a família toda, a senhorita sabe.

Aqui o senhor Weston juntou-se a eles e, ao ouvir o que estava sendo proposto, deu sua aprovação decidida.

– Sim, faça isso, Frank. Vá buscar a senhorita Bates, e vamos encerrar o assunto imediatamente. Ela vai gostar do esquema, tenho certeza e eu não conheço uma pessoa mais apropriada para nos mostrar como eliminar as

dificuldades. Busque a senhorita Bates. Estamos ficando um pouco moles demais. Ela é uma lição permanente de como ser feliz. Mas traga as duas. Convide as duas.

– As duas, senhor! Será que a velha senhora...?

– A velha senhora! Não, a jovem, com certeza. Penso que você deve ser um grande parvo, Frank, se trouxer a tia sem a sobrinha.

– Oh! Peço desculpas, senhor. Não me lembrei imediatamente. Sem dúvida, se desejar, tentarei convencer as duas. – E ele saiu às pressas.

Muito antes de reaparecer junto com a tia baixa, elegante e com movimentos rápidos, e sua sobrinha elegante, a senhora Weston, como uma mulher de temperamento amável e sendo uma boa esposa, examinara a passagem novamente e descobrira que os males ali eram muito menores do que ela achara antes. Na verdade, muito insignificantes e ali terminaram as dificuldades de decisão. Todo o resto, pelo menos na especulação, era perfeitamente tranquilo. Todos os preparativos menores de mesas e cadeiras, luzes e música, chá e ceia, foram feitos ou foram deixados como meras ninharias a serem resolvidas a qualquer momento entre senhora Weston e a senhora Stokes. Todos os convidados certamente compareceriam e Frank já havia escrito para Enscombe propondo ficar alguns dias além da quinzena inicialmente planejada, o que não poderia ser recusado. E seria um baile delicioso!

Muito cordialmente, a senhorita Bates concordou que sim. Como conselheira, ela não era desejada, mas como aprovadora (uma personagem muito mais segura), era realmente bem-vinda. Sua aprovação, ao mesmo tempo geral e minuciosa, calorosa e incessante, só podia agradar e por mais meia hora, todos ficaram caminhando de um lado para o outro, entre as diferentes salas, alguns sugerindo, outros acompanhando e todos aguardando alegremente o futuro. O grupo não se separou sem que Emma fosse reservada positivamente para as duas primeiras danças pelo herói da noite, nem sem que ela ouvisse o senhor Weston sussurrar para a esposa:

– Ele a convidou, minha querida. Está certo. Eu sabia que ele convidaria!

Capítulo 12

Uma coisa apenas faltava para tornar a perspectiva do baile algo completamente satisfatório para Emma: fixá-lo para acontecer em um dia dentro da estada garantida de Frank Churchill, em Surrey, pois apesar da confiança do

senhor Weston, ela não podia considerar tão impossível que os Churchill não deixassem o sobrinho ficar um dia além da quinzena planejada. Mas isso não foi julgado viável. Os preparativos deveriam levar algum tempo, nada poderia ficar adequadamente pronto até a terceira semana e, por alguns dias, eles deveriam cuidar do planejamento, procedendo e esperando com incerteza, diante do risco, o grande risco de acabar sendo tudo em vão.

Enscombe, no entanto, foi generoso, generoso de fato, só não em palavras. O desejo de que o senhor Frank Churchill ficasse mais tempo evidentemente não agradou, mas também não recebeu objeção. Tudo estava seguro e próspero e, como a remoção de uma solicitude geralmente dá lugar a outra, Emma, agora tendo certeza de seu baile, começou a adotar como a próxima irritação a provocadora indiferença do senhor Knightley. Quer fosse porque ele não dançava, ou porque o plano fora formado sem que ele fosse consultado, ele parecia decidido que aquilo não lhe dizia respeito, determinado a contrariar qualquer presente curiosidade, ou que aquilo lhe proporcionasse qualquer diversão futura. Para suas comunicações voluntárias, Emma não pôde receber resposta mais aprovadora do que:

– Muito bem. Se os Weston acham que vale a pena assumir toda essa perturbação em troca de algumas horas de entretenimento barulhento, não tenho nada a dizer em contrário, apenas que eles não devem escolher os prazeres

por mim. Ah! Sim, eu devo estar lá, porque não pude recusar e vou me manter o máximo de acordado possível. Mas eu preferiria estar em casa, olhando a contabilidade semanal de William Larkins, eu confesso. Prazer em ver dança! Eu não tenho, na verdade. Nunca penso nisso, não sei quem o faz. A dança refinada, acredito, como virtude, deve ser sua própria recompensa. Aqueles que estão em pé geralmente pensam em algo muito

diferente.

Emma sentiu que isso era destinado a ela, o que a deixou com muita raiva. Não era a um elogio a Jane Fairfax, no entanto, que ele fosse tão indiferente ou ficasse tão indignado, no entanto ele não era guiado pelos sentimentos dela em reprovar o baile, pois ela gostou da ideia em um grau extraordinário. O baile a deixou animada, de coração aberto. Jane disse voluntariamente:

– Oh! Senhorita Woodhouse, espero que nada aconteça para impedir o baile. Que decepção seria! Estou ansiosa por ele, com muito prazer.

Não era por causa de Jane Fairfax, portanto, que ele teria preferido a companhia de William Larkins. Não! Emma estava cada vez mais convencida de que a senhora Weston estava completamente enganada nessa suposição. Havia muito apego amistoso e compassivo da parte dele, mas nenhum amor.

Ora! Logo não havia mais tempo livre para brigar com o senhor Knightley. Dois dias de alegre tranquilidade foram seguidos imediatamente pela reviravolta de tudo. Chegou uma carta do senhor Churchill pedindo o retorno imediato de seu sobrinho. A senhora Churchill estava doente, muito doente para ficar sem ele e ela já se encontrava em um estado de muito sofrimento (segundo dizia o marido) ao escrever para o sobrinho dois dias antes, embora, em razão da sua indisposição habitual em causar dor e ao hábito constante de nunca pensar em si mesma, ela não o tivesse mencionado. Contudo, agora ela estava doente demais para brincar, e devia pedir que ele partisse para Enscombe sem demora.

O conteúdo dessa carta foi encaminhado a Emma, em recado da senhora Weston, instantaneamente. Quanto à partida do senhor Frank Churchill, era inevitável. Ele deveria partir dentro de algumas horas, embora sem sentir nenhum alarme real para com a sua tia, a ponto de diminuir a repugnância pelo fato de ter de voltar. Ele conhecia as doenças da senhora Churchill, porém elas nunca ocorriam quando não fosse para sua própria conveniência.

A senhora Weston acrescentou que ele só podia se permitir tempo para ir às pressas até Highbury, após o desjejum, e se despedir dos poucos amigos de lá que ele supunha sentir algum interesse por ele e que ele poderia ser

esperado em Hartfield muito em breve.

Essa missiva miserável foi o fim do desjejum de Emma. Uma vez lida, não havia mais nada a ser feito, a não ser lamentar e exclamar. A perda do baile, a perda do rapaz e tudo o que o rapaz podia estar sentindo! Era muito miserável! Que noite agradável, como teria sido! Todos tão felizes! E ela e o parceiro, os mais felizes de todos! “Eu disse que seria assim” era o único consolo.

Os sentimentos de seu pai eram bastante distintos. Ele pensava principalmente na doença da senhora Churchill e queria saber como ela era tratada, mas quanto ao baile, era chocante ver a decepção da querida Emma, mas todos estariam mais seguros em casa.

Emma estava pronta para o visitante algum tempo antes de ele aparecer. Mas se isso refletiu de alguma forma sobre a impaciência dele, o olhar triste e a total falta de ânimo quando ele chegou, poderiam redimi-lo. O senhor Frank Churchill sentia que ir embora era quase demais para falar a respeito. Seu desânimo era muito evidente. Ele ficou muito perdido nos primeiros minutos e, quando se levantou, era apenas para dizer:

– De tudo o que é horrível, a despedida é a pior parte.

– Mas o senhor voltará – disse Emma. – Esta não será sua única visita

a Randalls.

– Ah! – exclamou, balançando a cabeça. – A incerteza de quando poderei voltar! Tentarei com zelo! Será o objeto de todos os meus pensamentos e preocupações! E se meu tio e tia forem para a cidade nesta primavera... Mas eu temo. Eles nem se mexeram na primavera passada e receio que seja um costume perdido para sempre.

– Nosso pobre baile deve ser abandonado.

– Ah! Esse baile! Por que alimentamos esperanças de alguma coisa? Por que não aproveitar o prazer de imediato? Quantas vezes a felicidade é destruída pela preparação, pela preparação tola! A senhorita nos disse que seria assim. Oh! senhorita Woodhouse, por que está sempre tão certa?

– De fato, lamento estar certa neste caso. Eu preferiria a alegria à sabedoria.

– Se eu puder voltar, ainda teremos o nosso baile. Meu pai está contando

com isso. Não se esqueça do seu compromisso.

Emma olhou graciosamente.

– Mas que quinzena foi essa! – ele continuou. – Cada dia era mais precioso e mais agradável do que o dia anterior! Todos os dias me deixando menos apto a suportar qualquer outro lugar. Felizes aqueles que podem permanecer em Highbury!

– Como o senhor nos faz tanta justiça agora – disse Emma, rindo –, arrisco-me a perguntar se não chegou um pouco duvidoso no início? Não superamos as suas expectativas? Tenho certeza de que sim. Tenho certeza de que o senhor não esperava gostar de nós. Afinal, não demoraria tanto a vir, se tivesse uma ideia agradável de Highbury.

Ele riu de modo consciente e, embora negasse o sentimento, Emma estava convencida de que tinha sido o caso.

– Precisa partir nesta mesmíssima manhã?

– Sim, meu pai deve me encontrar aqui, voltaremos juntos e devo partir imediatamente. Estou quase com medo de que ele chegue a qualquer momento.

– Nem cinco minutos para suas amigas, a senhorita Fairfax e a senhorita Bates? Que azar! A mente poderosa e argumentativa da senhorita Bates poderia ter fortalecido a sua.

– Sim, eu fui até lá, passando pela porta, pensei melhor. Foi a coisa certa a fazer. Entrei por três minutos e fui detido pelo fato de a senhorita Bates estar ausente. Ela estava fora, e senti que era impossível não esperar até que voltasse. Ela é uma mulher de quem se pode rir, de quem se deve rir, mas não alguém que deva ser menosprezada. Era melhor fazer a minha visita, então...

Frank hesitou, levantou-se e caminhou até uma janela.

– Em suma – disse ele –, talvez, senhorita Woodhouse, acho que a senhorita não poderia deixar de suspeitar...

Ele olhou para ela, como se quisesse ler seus pensamentos. Ela mal sabia o que dizer. Parecia o preâmbulo de algo absolutamente sério, e que ela não desejava. Forçando-se a falar, portanto, na esperança de adiar, ela

disse

calmamente:

– O senhor está completamente certo e era mais natural fazer sua visita, então...

Ele ficou calado. Emma acreditava que ele estava olhando para ela, provavelmente refletindo sobre o que ela havia dito e tentando entender a atitude. Ela o ouviu suspirar. Era natural que ele sentisse que tinha motivos para suspirar. Ele não podia acreditar que ela o estivesse encorajando. Alguns momentos desconfortáveis se passaram e ele se sentou novamente. De uma maneira mais determinada, disse:

– Era ótimo sentir que todo o resto do meu tempo poderia ser dedicado a Hartfield. Minha consideração por Hartfield é muito calorosa...

Ele parou de novo, levantou-se novamente e pareceu bastante envergonhado. Estava mais apaixonado por ela do que Emma imaginara e quem pode dizer como a cena poderia ter terminado se o pai dele não tivesse aparecido? O senhor Woodhouse logo o seguiu e a necessidade criou o esforço para recuperar a sobriedade.

Poucos minutos mais, no entanto, completaram o presente julgamento. O senhor Weston, sempre alerta quando os negócios deveriam ser feitos, e tão incapaz de procrastinar qualquer mal que fosse inevitável quanto de prever qualquer que fosse duvidoso, disse que era hora de partir. Assim, o rapaz, embora pudesse suspirar, o que de fato fez, não pôde deixar de concordar e se levantou para partir.

– Terei notícias de todos vocês – disse ele. – Esse é meu principal consolo. Ouvirei tudo o que está acontecendo entre vocês. Convidei a senhora Weston a se corresponder comigo. Ela foi muito gentil em prometer que o faria. Oh! A benção de ter uma correspondente, quando alguém está realmente interessado nos ausentes! Ela me contará tudo. Nas cartas dela, estarei na querida Highbury novamente.

Um aperto de mão muito amigável, um adeus muito sério fechou o discurso, e a porta logo fechou-se para Frank Churchill. Repentino tinha sido o aviso, curto o encontro deles e ele se foi. Emma lamentou se separar e previu uma perda tão grande para a pequena sociedade na sua ausência,

que começou a ter medo de lamentar muito e sentir demais.

Foi uma mudança triste. Vinham se encontrando quase todos os dias desde a sua chegada. Certamente o fato de ele estar em Randalls havia dado grande ânimo às últimas duas semanas, pois a ideia, a expectativa de vê-lo toda manhã trouxera, assim como a segurança de suas atenções, sua vivacidade, suas maneiras! Havia sido uma quinzena muito feliz, e desolador seria afundar disso para o curso comum dos dias de Hartfield. Para completar todas as outras recomendações, ele quase dissera que a amava. A que força ou que constância de afeto ele poderia estar sujeito era outro ponto. No momento, porém, ela não podia duvidar de que ele tivesse uma admiração decididamente calorosa, uma preferência consciente dela e essa persuasão, unida a todo o resto, a fez pensar que devia estar um pouco apaixonada por ele, apesar de toda sua determinação anterior contra isso.

– Eu certamente devo estar – disse Emma. – Essa sensação de apatia, cansaço, estupidez, essa falta de vontade de me sentar e de me empregar em alguma atividade, esse sentimento de tudo estar entediado e insípido na casa! Devo estar apaixonada. Eu deveria ser a criatura mais estranha do mundo se não estivesse. Por algumas semanas, pelo menos. Bem! O mal para alguns é sempre o bem para os outros. Terei muitos companheiros de luto pelo baile, não por Frank Churchill, mas o senhor Knightley ficará feliz. Ele pode passar a noite com seu querido William Larkins agora, se quiser.

O senhor Knightley, no entanto, não demonstrou felicidade triunfante. Ele não podia dizer que sentia muito por sua própria conta, pois seu olhar muito alegre o teria contradito se o tivesse. Mas ele disse, e com muita firmeza, que sentia muito pelo desapontamento dos outros, e com considerável gentileza acrescentou:

– Você, Emma, que tem tão poucas oportunidades de dançar, está realmente sem sorte, realmente você está muito sem sorte!

Levou alguns dias para ver Jane Fairfax, a julgar por seu sincero arrependimento nessa mudança lamentável. Mas quando elas se encontraram, a postura da outra era odiosa. Ela estava particularmente mal, no entanto, sofrendo de dor de cabeça até certo ponto, o que fez sua tia declarar que se o baile tivesse acontecido, ela não achava que Jane

poderia ter participado e era caridade imputar parte da indiferença imprópria de Jane Fairfax ao langor da doença.

Capítulo 13

Emma deixou de se questionar se estava ou não apaixonada. Suas ideias agora só variavam quanto à intensidade. A princípio, ela pensou que era muito e depois, apenas um pouco. Ela sentia um grande prazer em ouvir falar de Frank Churchill e, por causa dele, um prazer maior do que nunca em ver o senhor e a senhora Weston. Pensava nele com muita frequência e esperava, impaciente, por uma carta para saber como estava, como estavam seus ânimos, como estava sua tia e qual seria a chance de voltar a Randalls naquela primavera. Mas, por outro lado, ela não podia admitir estar infeliz, nem, após a primeira manhã, estar menos disposta a se ocupar do que o habitual, pois ainda estava alegre e imersa em atividades e, por mais agradável que fosse, Emma ainda podia imaginá-lo com falhas e, embora pensasse tanto nele, enquanto ela se sentava desenhando ou trabalhando, formando mil esquemas divertidos para o progresso e o encerramento de seu vínculo, imaginando diálogos interessantes e inventando cartas elegantes, a conclusão de toda declaração imaginária por parte dele era que ela o recusava. O afeto entre ambos sempre diminuía e se tornava amizade. Tudo de terno e charmoso era para marcar a separação. No entanto, eles sempre se separavam. Quando ela se dava conta disso, ocorria-lhe que não podia estar muito apaixonada, pois apesar da determinação anterior e fixa de nunca deixar o pai e de nunca se casar, um forte apego certamente deveria demandar mais esforços do que ela poderia prever em seus próprios sentimentos.

– Não me vejo fazendo uso da palavra sacrifício – disse ela. – Em nenhuma das minhas respostas inteligentes, de minhas negativas delicadas, há alguma alusão a fazer um sacrifício. Eu suspeito de que ele não seja realmente necessário para a minha felicidade. Muito melhor. Certamente não vou me convencer a sentir mais do que sinto. Estou apaixonada o suficiente. Eu deveria lamentar se fosse mais.

No geral, ela também sentia-se satisfeita com sua visão dos sentimentos

dele.

– Ele está indubitavelmente apaixonado, tudo denota. De fato, muito apaixonado! E quando ele voltar, se o afeto continuar, devo ficar atenta para não o incentivar. Seria indesculpável fazer isso, já que minha própria mente está completamente decidida. Não que eu imagine que ele possa pensar que o tenho encorajado até agora. Não, se ele acreditasse que eu pudesse partilhar de seus sentimentos, não teria ficado tão arrasado. Se ele se imaginasse correspondido, seus olhares e linguagem no momento da despedida teriam sido diferentes. Ainda assim, devo ficar alerta. Isso, na suposição de seu afeto continuar o mesmo do que é agora. Mas não sei o que espero, não considero que ele seja exatamente esse tipo de homem; não me embaso inteiramente em sua firmeza ou constância. Seus sentimentos são cálidos, mas posso imaginá-los bastante mutáveis. Toda consideração sobre o assunto, em suma, torna-me grata por minha felicidade não estar mais profundamente envolvida. Deverei ficar muito bem novamente daqui a pouco tempo. E depois será uma boa coisa encerrada; pois dizem que todo mundo se apaixona uma vez na vida, e poderei me desvencilhar facilmente.

Quando a carta dele à senhora Weston chegou, Emma pôde lê-la e a leu com um grau de prazer e admiração que a fez, primeiro, sacudir a cabeça diante de suas próprias sensações e pensar que tinha subestimado sua força. Era uma carta longa e bem-escrita, dando os detalhes da viagem e dos sentimentos, expressando todo o carinho, gratidão e respeito que era natural e honroso, e descrevendo, com ânimo e precisão, tudo o que era exterior e local que pudesse ser supostamente atraente. Não havia nenhum floreio suspeito de desculpas ou preocupação, tinha uma linguagem do sentimento real em relação à senhora Weston e a transição de Highbury para Enscombe, o contraste entre os lugares em algumas das primeiras bênçãos da vida social foi suficientemente mencionado para mostrar o quão profundamente foi sentido e quanto mais poderia ter sido dito, não fosse pelas restrições da decência. O charme do próprio nome de Emma não estava ausente. Senhorita Woodhouse apareceu mais de uma vez, e nunca sem algo de agradável conexão, quer fosse um elogio ao seu bom gosto, quer uma lembrança do que ela dissera e, na última vez em que isso

chegou a seus olhos, sem adornos por qualquer grinalda ampla de galanteria, ela ainda conseguiu discernir o efeito de sua influência e reconhecer o maior elogio que talvez tenha sido transmitido. Comprimidas no canto vago mais inferior, estavam estas palavras: “Não tive um momento livre na terça-feira, como sabe, para a linda amiguinha da senhorita Woodhouse, peço que transmita minhas desculpas e adeus a ela”. Emma não tinha dúvidas de que isso era exclusivamente para si. Harriet era lembrada apenas por ser sua amiga. Suas informações e perspectivas sobre Enscombe não eram piores nem melhores do que o previsto, pois a senhora Churchill estava se recuperando e ele ainda não ousava, mesmo em imaginação, determinar um momento para retornar a Randalls.

Gratificantes, porém, e estimulantes como era a carta no aspecto material, seus sentimentos, ela ainda descobriu, quando dobrou e devolveu a missiva à senhora Weston, que não havia proporcionado nenhum calor duradouro, que ela ainda deveria suportar a ausência de seu autor, e que ele deveria aprender a passar sem ela. As intenções de Emma não se alteraram. Sua resolução de recusa só se tornou mais interessante com a adição de um esquema para o consolo e felicidade subsequentes do senhor Frank Churchill. O fato de ter se lembrado de Harriet, e as palavras que a revestiam, “a linda amiguinha”, sugeriram-lhe a ideia de Harriet ser a sucessora nos afetos dele. Era impossível? Não. Harriet, sem dúvida, era muito inferior em compreensão, mas ele ficara muito impressionado com a beleza do rosto dela e com a calorosa simplicidade de seus modos, portanto, todas as probabilidades de circunstância e conexão estavam a seu favor. Para Harriet, seria realmente vantajoso e agradável.

– Não devo insistir nisso – disse Emma. – Não devo pensar nisso. Já conheço o perigo de ceder a tais especulações. No entanto, coisas estranhas têm acontecido; e quando deixarmos de sentir afeto um pelo outro como agora, é que confirmamos esse tipo de verdadeira amizade desinteressada a que já posso esperar com prazer.

Era bom ter um conforto reservado na figura de Harriet, embora fosse prudente não permitir que a imaginação o tocasse com frequência; pois o mal, nesse quesito, estava à espreita. Como a chegada de Frank Churchill sucedera o noivado do senhor Elton na pauta do dia de Highbury, já que o

interesse mais recente havia suplantado o primeiro completamente agora, com a partida de Frank Churchill, as preocupações do senhor Elton estavam assumindo a forma mais irresistível. O dia de seu casamento estava marcado. Ele logo estaria entre eles novamente: o senhor Elton e sua noiva. Mal houve tempo para conversar sobre a primeira carta de Enscombe antes de “o senhor Elton e sua noiva” estarem na boca do povo, e Frank Churchill ser esquecido. Emma ficava cada vez mais enojada ao som. Fora poupada felizmente do senhor Elton por três semanas, ela queria ter esperanças de que a mente de Harriet vinha se fortalecendo ultimamente. Com o baile do senhor Weston em vista, pelo menos, houvera muita insensibilidade a outros assuntos. No entanto, agora era evidente demais que ela não alcançara um estado de autocontrole que pudesse resistir ao que se aproximava: carruagem nova, campainha tocando e tudo o mais.

A pobre Harriet estava em uma agitação de espíritos que exigia a razão, a tranquilidade e a atenção de todo tipo que Emma pudesse oferecer. Emma sentiu que não podia fazer muito por ela que Harriet tinha direito a toda a sua engenhosidade e paciência. No entanto, era um trabalho pesado sempre ser convincente, mas sem produzir nenhum efeito e sempre receber concordância, mas sem conseguir igualar suas opiniões. Harriet ouvia, submissa, e dizia que era verdade, que era exatamente como a senhorita Woodhouse havia descrito: não valia a pena pensar neles, então ela não pensaria mais neles. Apesar disso, nenhuma mudança de assunto lograva sucesso, e a meia hora seguinte a viu tão ansiosa e inquieta em relação aos Elton quanto antes. Por fim, Emma a atacou em outro terreno:

– O fato de você se permitir ficar tão fissurada e tão infeliz com o casamento do senhor Elton queria ter esperanças de quem, Harriet, é a mais forte censura que você pode fazer a mim. Você não poderia me reprovar mais pelo erro que cometi. Foi tudo culpa minha, eu sei. Não esqueci, garanto-lhe. Enganei-me e muito miseravelmente enganei você, e essa será uma reflexão dolorosa para mim eternamente. Não imagine que corro o perigo de esquecer.

Harriet sentiu essa abordagem em demasia para proferir mais do que algumas palavras de exclamação ansiosa. Emma continuou:

– Eu não disse “esforce-se, Harriet, por minha causa, pense menos no senhor Elton e fale menos dele por minha causa”. Não, é para o seu próprio bem que eu gostaria que isso fosse feito, pelo bem do que é mais importante do que o meu conforto, um hábito de autodomínio em você, uma consideração do que é o seu dever, uma atenção ao que é apropriado, um esforço para evitar as suspeitas dos outros, para salvar sua saúde e crédito e restaurar sua tranquilidade. Esses são os motivos que venho pressionando sobre você. Eles são muito importantes, e lamento que você não os sinta suficientemente para agir de acordo. Eu ser protegida da dor é uma consideração muito secundária. Quero que você se proteja de uma dor maior. Talvez eu, às vezes, tenha sentido que Harriet não esqueceria o que era devido; ou melhor, o que seria bondoso para comigo.

Esse apelo a seus afetos fez mais do que todo o resto. A ideia de querer gratidão e consideração pela senhorita Woodhouse, a quem ela realmente amava muito, a deixou deprimida por um tempo, e mesmo quando a violência do luto foi aliviada, ainda permaneceu poderosa o suficiente para conduzir ao que era certo e apoiá-la toleravelmente nisso.

– A senhorita que foi a melhor amiga que já tive na vida: quero agradecer! Ninguém está à sua altura. Não tenho apreço por ninguém como tenho pela senhorita! Oh, como fui ingrata!

Tais expressões, auxiliadas como eram por tudo o que a aparência e os modos podiam fazer, causaram em Emma a sensação de que nunca havia amado tanto Harriet, nem valorizado tanto sua afeição antes.

– Não há charme igual à ternura do coração – disse ela depois, para si mesma. – Não há nada que possa ser comparado a isso. Calor e ternura de coração, de modos afetuosos e abertos, derrotarão toda a clareza mental no mundo, em nome da atração. Tenho certeza de que derrotarão. É a ternura de coração que faz meu querido pai tão amado por todos, que dá à Isabella toda a sua popularidade. Eu não os tenho, mas sei como valorizá-los e, respeitá-los. Harriet é superior a mim em todo o charme e em toda a felicidade que proporciona. Querida Harriet! Eu não trocaria você pela mulher viva com a mente mais clara, com o olhar mais arguto, com o julgamento mais sensato. Oh, a frieza de uma Jane Fairfax! Harriet vale

cem vezes mais do que uma como essa. E para uma esposa, uma esposa de homem sensível, é algo inestimável. Não cito nomes, mas feliz é o homem que troca Emma por Harriet!

Capítulo 14

A senhora Elton foi vista pela primeira vez na igreja: mas, embora pudesse ser interrompida, a curiosidade não podia ser satisfeita por uma noiva em um banco e aguardar as visitas de costume que seriam então feitas, para decidir se ela era mesmo muito bonita, um pouco bonita ou nem um pouco bonita.

Emma tinha sentimentos, menos por curiosidade do que por orgulho ou propriedade, para fazê-la decidir não ser a última a prestar seus respeitos; assim, ela fez questão de ir com Harriet, para que a pior parte da situação pudesse ser resolvida o mais rápido possível.

Ela não podia entrar na casa novamente sem se lembrar, não poderia estar no mesmo recinto em que se refugiara com um artifício tão vaidoso, três meses antes, de amarrar a bota. Mil pensamentos vexatórios se repetiam. Elogios, charadas e tolices horríveis; e não era de supor que a pobre Harriet também não se lembrasse; mas ela se comportou muito bem e só ficou pálida e silenciosa. A visita foi obviamente curta; e havia tanto embaraço e distrações para encurtá-la, que Emma não se permitiu formar e expressar uma opinião sobre a dama, além dos termos sem sentido de “elegantemente vestida e

muito agradável”.

Emma realmente não gostara dela. Não teria pressa de encontrar defeitos, mas suspeitava de que não havia elegância, sobriedade, mas não elegância. Ela tinha quase certeza de que para uma jovem, uma estranha, uma noiva, havia muita sobriedade. Fazia uma figura bastante boa; o rosto não era desagradável; mas nem as feições, nem os ares, nem a voz, nem os modos eram elegantes. Emma pensou, ao fim, que se reduziria a isso.

Quanto ao senhor Elton, seus modos não se mostravam; mas, não, ela não permitiria uma palavra sua, precipitada ou espirituosa, sobre os modos dele. Era uma cerimônia desagradável, a qualquer momento, receber

visitas de casamento, e um homem precisava de toda a generosidade para se dedicar bem a ela. A mulher estava em melhor situação e poderia ter a ajuda de roupas finas e o privilégio da timidez, mas o homem só podia confiar no seu bom senso e, quando ela considerou como o azarado senhor Elton estava na mesma sala com a mulher com quem acabara de se casar, com a mulher com quem ele queria se casar e com a mulher com quem se esperava que se casasse, teve de lhe conceder o direito de parecer tão pouco sábio e de estar o mais afetadamente e pouco à vontade quanto era possível estar.

– Bem, senhorita Woodhouse – disse Harriet, quando deixaram a casa, depois de esperar em vão que a amiga comesse a conversa. – Bem, senhorita Woodhouse – disse com um suspiro gentil –, o que achou dela? Não é muito encantadora?

Houve uma pequena hesitação na resposta de Emma.

– Oh, sim! Muito, uma jovem muito agradável.

– Eu a achei linda, muito linda.

– Muito bem vestida, de fato, um vestido incrivelmente elegante.

– Não estou nem um pouco surpresa por ele ter se apaixonado.

– Oh, não! Não há nada de surpreendente. Uma bela fortuna e ela apareceu no caminho dele.

– Ouso dizer – respondeu Harriet, suspirando novamente –, ousar dizer que ela era muito apegada a ele.

– Talvez ela possa ser, mas não é o destino de todo homem se casar com a mulher que mais o ama. A senhorita Hawkins talvez quisesse um lar e achou que essa fosse a melhor oferta que ela provavelmente teria.

– Sim – disse Harriet sinceramente –, e bem, ela deveria, pois ninguém poderia ter um melhor. Bom, desejo-lhes felicidade de todo o meu coração. E agora, senhorita Woodhouse, acho que não me importarei em vê-los novamente. Ele é sempre notável; mas ser casado, a senhorita sabe, é uma coisa completamente distinta. Na verdade, senhorita Woodhouse, não precisa temer. Eu posso me sentar e admirá-lo agora sem nenhuma grande infelicidade. Saber que ele não se jogou fora é um consolo! Ela parece uma jovem encantadora, exatamente o que ele merece. Criatura feliz! Ele a chamou de “Augusta”. Que encantador!

Quando a visita foi retribuída, Emma se decidiu. Ela podia ver mais e julgar melhor. Pelo fato de Harriet não estar em Hartfield, e de seu pai estar presente para entreter o senhor Elton, Emma teve um quarto de hora da conversa exclusiva da dama e pôde dedicar-se a ela. Aliás, o quarto de hora a convenceu bastante de que a senhora Elton era uma mulher vaidosa, extremamente cheia de si e de sua própria importância; que ela pretendia brilhar e ser muito superior, mas com modos formados em uma escola ruim, era atrevida e dada a intimidades; que todas as suas opiniões eram extraídas de um único conjunto de pessoas e de um único estilo de vida; que se não fosse tola, ela seria ignorante e que sua companhia certamente não faria bem ao senhor Elton.

Harriet teria sido um par melhor para ele. Se não fosse sábia ou refinada, ela o teria conectado com aqueles que o eram, mas a senhorita Hawkins, poderia supor-se com bastante facilidade, era a melhor de seu círculo. O rico cunhado que vivia perto de Bristol era o orgulho da aliança, e sua posição e suas carruagens eram o orgulho que ele tinha.

O primeiríssimo assunto depois de se sentarem foi Maple Grove: “a residência do meu irmão, o senhor Suckling”, uma comparação de Hartfield a Maple Grove. As terras de Hartfield eram pequenas, mas limpas e bonitas e a casa era moderna e bem construída. A senhora Elton parecia muito impressionada com o tamanho da sala, com a entrada e com tudo o que ela podia ver ou imaginar.

– Muito parecida com Maple Grove, de fato! Fico bastante impressionada com a semelhança! Esta sala tem a mesma forma e o mesmo tamanho da sala matinal em Maple Grove; o espaço favorito da minha irmã. – Ela então apelou para o senhor Elton: – Não é espantosamente parecida?

Ela quase podia se imaginar sentada em Maple Grove.

– E a escada, sabe, quando entrei, observei o quanto a escada era posicionada exatamente na mesma parte da casa. Eu realmente não pude deixar de exclamar! Garanto-lhe, senhorita Woodhouse, que é muito agradável para mim lembrar-me de um lugar ao qual sou tão afeiçoada como Maple Grove. Passei muitos meses felizes lá! – disse, com um pequeno suspiro de sentimento. – Um lugar encantador, sem dúvida. Todos que a veem ficam impressionados com sua beleza; mas para mim, tem

sido um lar. Quando se mudar, como eu me mudei, senhorita Woodhouse, entenderá como é agradável encontrar-se com algo semelhante ao que se deixou para trás. Eu sempre digo que esse é um dos males do matrimônio.

Emma deu uma resposta o mais trivial possível, mas foi totalmente suficiente para a senhora Elton, que só queria falar sozinha.

– Extremamente como Maple Grove! E não é apenas a casa: asseguro-lhe que, tanto quanto pude observar, o terreno é impressionante. Os louros de Maple Grove estão na mesma profusão que os daqui e estão localizados mais ou menos da mesma maneira, do outro lado do gramado. Além disso, tive um vislumbre de uma bela e grande árvore, com um banco em volta, o que me fez lembrar perfeitamente! Meu irmão e minha irmã ficarão encantados com este lugar. As pessoas que possuem extensas terras ficam sempre satisfeitas com qualquer coisa do mesmo estilo.

Emma duvidava da verdade desse sentimento. Ela tinha uma grande opinião de que as pessoas que tinham extensas terras se preocupavam muito pouco com as dos outros, mas não valia a pena atacar um erro tão entranhado e, portanto, apenas disse em resposta:

– Quando a senhora tiver visto mais desta região, temo que pense que superestimou Hartfield. Surrey está cheio de belezas.

– Oh, sim! Estou bem ciente disso. É o jardim da Inglaterra, sabe. Surrey é o jardim da Inglaterra.

– Sim, mas não devemos basear nossas alegações nessa distinção. Muitos condados, acredito, são chamados de jardim da Inglaterra, assim como Surrey.

– Não, creio que não – respondeu a senhora Elton, com um sorriso muito satisfeito. – Nunca ouvi nenhum condado além de Surrey ser chamado assim.

Emma foi silenciada.

– Meu irmão e minha irmã nos prometeram uma visita na primavera ou no verão, no máximo – continuou a senhora Elton. – E esse será nosso momento para explorar. Enquanto estiverem conosco, exploraremos muito, ousado dizer. Eles trarão seu *barouche-landau* ⁸, é claro, que comporta quatro pessoas perfeitamente e, portanto, sem dizer nada sobre a nossa carruagem, poderemos explorar extremamente bem as diferentes belezas.

Eles dificilmente apareceriam em suas *chaises* nessa época do ano. De fato, quando o momento chegar, recomendarei decididamente que tragam o *barouche-landau*, será muito mais adequado. Quando as pessoas entram em uma área rural bonita desse tipo, senhorita Woodhouse, naturalmente, desejamos que vejam o máximo possível e o senhor Suckling gosta muito de explorar. Exploramos King's-Weston duas vezes no último verão, dessa maneira, muito deliciosamente, logo após eles terem adquirido o *barouche-landau*. Suponho que a senhorita tenha muitas reuniões desse tipo todo verão, não é?

– Não, não exatamente aqui. Estamos bastante distantes das belezas impressionantes que atraem o tipo de grupos de que a senhora fala e somos um conjunto muito quieto de pessoas, acredito, mais dispostos a ficar em casa do que a se envolver em esquemas de prazer.

– Ah! Não há nada como ficar em casa para obter um verdadeiro conforto. Ninguém pode ser mais dedicada ao lar do que eu. Eu era um exemplo disso em Maple Grove. Muitas vezes Selina disse, quando estava indo para Bristol: “Realmente não consigo fazer essa moça se mudar de casa. Eu absolutamente preciso entrar sozinha, embora odeie ficar presa no *barouche-landau* sem uma companheira, mas Augusta, acredito, com sua própria boa vontade, nunca se mexeria além da cerca do parque”. Muitas vezes ela disse isso e, no entanto, não sou defensora de toda a reclusão. Eu acho que, pelo contrário, quando as pessoas se distanciam totalmente da sociedade, é uma coisa muito ruim e que é muito mais aconselhável se misturar no mundo em um grau adequado, sem viver nele muito ou pouco. Entendo perfeitamente sua situação, no entanto, senhorita Woodhouse – ela disse isso olhando para o senhor Woodhouse. – O estado de saúde de seu pai deve ser uma grande desvantagem. Por que ele não tenta Bath? Ele deveria. Deixe-me recomendar Bath para a senhorita. Garanto-lhe que não tenho dúvidas de que faria bem ao senhor Woodhouse.

– Meu pai tentou Bath mais de uma vez, anteriormente, mas não recebeu nenhum benefício e o senhor Perry, cujo nome, ousa dizer, não é desconhecido para a senhora, não acredita ser mais provável que traga benefícios agora.

– Ah! Que pena! Garanto-lhe, senhorita Woodhouse, quando as águas são

boas, é maravilhoso o alívio que elas proporcionam. Na minha vida em Bath, tive exemplos disso! E é um lugar tão alegre que não poderia deixar de ser útil aos espíritos do senhor Woodhouse, os quais, eu entendo, às vezes ficam muito deprimidos. E quanto às recomendações para a senhorita, acho que não preciso me esforçar muito para me concentrar nelas. As vantagens de Bath para os jovens são bastante conhecidas. Seria uma apresentação encantadora para a senhorita, que viveu uma vida tão isolada e eu poderia lhe garantir imediatamente a melhor sociedade do lugar. Uma palavra minha lhe traria um pequeno número de conhecidas, e minha amiga em particular, a senhora Partridge, com quem sempre residi quando estive em Bath, ficaria muito feliz em lhe dedicar alguma atenção e seria a pessoa exata para a senhorita aparecer em público.

Era o máximo que Emma podia suportar sem ser indelicada. A ideia de estar em dívida com a senhora Elton pelo que fosse chamado de sua apresentação, de ir a público sob os auspícios de uma amiga da senhora Elton, provavelmente uma viúva vulgar e vistosa que, com a ajuda de uma pensionista, apenas fez uma mudança para viver! A dignidade da senhorita Woodhouse, de Hartfield, estava realmente naufragada!

Ela se conteve, no entanto, de qualquer uma das reprovações que poderia ter dado, e apenas agradeceu a senhora Elton friamente, mas ir a Bath estava completamente fora de questão e ela não estava perfeitamente convencida de que o lugar lhe conviria melhor do que ao pai. E então, para evitar mais indignação e ultraje, mudou de assunto no mesmo instante.

– Não lhe pergunto se é musicista, senhora Elton. Nessas ocasiões, o caráter de uma dama geralmente a precede e Highbury sabe há muito tempo que a senhora é uma artista de qualidade superior.

– Oh, não, de fato! Devo protestar contra qualquer ideia desse tipo. Uma artista de qualidade superior! Muito longe disso, garanto. Considere a origem parcial de suas informações. Gosto muito de música, apaixonadamente e meus amigos dizem que não sou totalmente desprovida de bom gosto, mas quanto a qualquer outra coisa, por minha honra, minha atuação é medíocre até o último grau. A senhorita, eu sei bem, toca deliciosamente. Garanto-lhe que foi a maior satisfação, conforto e prazer saber em que sociedade musical eu me envolvi. Eu absolutamente não

posso ficar sem música. É uma vida necessária para mim; e sempre tendo sido acostumada a uma sociedade muito musical, tanto em Maple Grove quanto em Bath, teria sido um sacrifício muito sério. Eu honestamente disse isso ao senhor E. quando ele estava falando de meu futuro lar, e expressando seus receios de que a posição reservada da residência não fosse desagradável e a inferioridade da casa também, sabendo com o que eu estava acostumada, é claro que ele não ficou totalmente sem apreensão. Quando ele falava disso dessa forma, eu honestamente disse que poderia abrir mão do mundo, das festas, dos bailes, das peças, pois não tinha medo de lugares reservados. Abençoada com tantos recursos dentro de mim, o mundo não me era necessário. Eu poderia passar muito bem sem ele. Para aqueles que não tinham recursos, era algo diferente; mas meus recursos me fizeram bem independente. E, quanto a cômodos menores do que aqueles a que eu estava acostumada, isso realmente não passou pela minha mente. Eu esperava ser digna de enfrentar qualquer sacrifício dessa descrição. Certamente estava acostumada a todos os luxos de Maple Grove, mas, apesar disso, eu lhe assegurei que duas carruagens não eram necessárias à minha felicidade, nem cômodos espaçosos. “Mas”, disse eu, “para ser bem honesta, eu não acho que possa passar sem algo como uma sociedade musical. É minha única condição; mas sem música, a vida seria apenas um vazio para mim”.

– Não podemos supor – disse Emma, sorrindo – que o senhor Elton hesitaria em garantir a existência de uma sociedade muito musical em Highbury e espero que a senhora não descubra que ele ultrapassou a verdade mais do que pode ser perdoado, em consideração ao motivo.

– Não, de fato, não tenho dúvidas sobre isso. Estou muito satisfeita por me encontrar neste círculo. Espero que tenhamos muitos pequenos concertos juntas. Eu acho, senhorita Woodhouse, que a senhorita e eu devemos estabelecer um clube musical e ter reuniões semanais regulares em sua casa ou na nossa. Não será um bom plano? Se nós nos esforçarmos, acho que não precisaremos muito de aliados. Algo dessa natureza seria particularmente desejável para mim, como um incentivo para me manter em prática, pois as mulheres casadas, a senhorita sabe, em geral há uma história triste contra elas. São muito inclinadas a desistir da música.

– Mas a senhora, que é tão afeiçãoada à música... não poderia correr perigo, decerto.

– Eu esperaria que não, mas, realmente, quando olho entre meus conhecidos, eu estremeço. Selina abriu mão totalmente da música, nunca mais tocou o instrumento, embora ela o tocasse com doçura. E o mesmo pode ser dito da senhora Jeffereys (Clara Partridge, isto é) e das duas Milman, agora senhora Bird e senhora James Cooper; e de mais do que posso enumerar. Acredite, é mais do que o suficiente para assustar. Eu costumava ficar com muita raiva de Selina; mas realmente começo agora a compreender que uma mulher casada tem muitas coisas para chamar a atenção. Acredito que fiquei meia hora esta manhã calada com a minha governanta.

– Mas tudo isso – disse Emma – entrará nos eixos.

– Bem – disse a senhora Elton, rindo –, veremos.

Emma, achando-a tão determinada a negligenciar sua música, não tinha mais nada a dizer; e, após um momento de pausa, a senhora Elton escolheu outro assunto.

– Fizemos uma visita a Randalls – disse ela – e os encontramos em casa e eles parecem ser pessoas muito agradáveis. Gosto bastante deles. O senhor Weston parece uma excelente criatura, já é um favorito de primeira classe para mim, garanto. E ela parece tão verdadeiramente boa, há algo muito maternal e bondoso nela que nos encanta de imediato. Ela era sua governanta, creio eu?

Emma ficou quase surpresa demais para responder, mas a senhora Elton mal esperou a afirmativa antes de prosseguir:

– Tendo entendido isso, fiquei bastante surpresa por descobri-la praticamente uma dama! Mas ela é muito refinada.

– Os modos da senhora Weston – disse Emma – sempre foram particularmente bons. Sua noção do que é apropriado, sua simplicidade e elegância a tornariam o modelo mais seguro para qualquer jovem.

– E quem a senhorita acha que chegou enquanto estávamos lá?

Emma estava completamente perdida. O tom implicava algum velho conhecido, mas como ela poderia adivinhar?

– Knightley! – continuou a senhora Elton. – O próprio Knightley! Não foi

muita sorte? Por eu não estar em casa quando ele visitou outro dia, eu não o tinha visto antes; e, é claro, por ser um amigo tão especial do senhor E., eu tinha uma grande curiosidade. “Meu amigo Knightley” havia sido mencionado com tanta frequência que fiquei realmente impaciente em vê-lo e devo ser justa ao meu *caro sposo* e dizer que ele não precisa ter vergonha do amigo. Knightley é um cavalheiro e tanto. Eu gosto muito dele. Decididamente, acho que é um homem muito cavalheiro.

Felizmente, agora era hora de partir. Eles se foram e Emma pôde respirar.

– Mulher insuportável! – foi sua exclamação imediata. – Pior do que eu supunha. Absolutamente insuportável! Knightley! Eu não podia acreditar. Knightley! Nunca o vi antes na vida e o chama de Knightley! E descobrir que ele é um cavalheiro! Uma alpinista social, vulgar e arrogante, com seu senhor E., seu *caro sposo* e seus recursos, e todos os seus ares de pretensão atrevida e vulgaridades. Ora, descobrir que o senhor Knightley é um cavalheiro! Duvido que ele retribua o elogio e descubra que ela é uma dama. Eu não poderia ter acreditado nisso! E propor que ela e eu devamos nos unir para formar um clube musical! Ninguém poderia imaginar que fôssemos amigas íntimas! E a senhora Weston! Surpresa que a pessoa que me criou fosse uma dama! Pior e pior. Nunca encontrei nada igual. Muito além das minhas esperanças. Harriet foi desonrada por qualquer comparação. Oh! O que Frank Churchill diria a ela, se estivesse aqui? Quão zangado e desorientado ele ficaria! Ah! Lá vou eu: imediatamente pensando nele. Sempre a primeira pessoa em que penso! Como eu me livro disso! Frank Churchill vem à minha mente com tanta frequência...

Tudo isso passou tão claramente por seus pensamentos que, quando o pai se arrumou, após a agitação da partida dos Elton e estava pronto para falar, ela estava toleravelmente bem para falar.

– Então, minha querida – ele começou deliberadamente –, considerando que nunca a vimos antes, ela parece uma moça muito bonita e ousou dizer que ficou muito satisfeita com você. Ela fala um pouco rápido demais. Existe certa rapidez na voz que machuca o ouvido, mas acredito que sou sensível; não gosto de vozes estranhas; e ninguém fala como você e a pobre senhorita Taylor. No entanto, ela parece uma moça muito atenciosa e bem-comportada, e sem dúvida será uma esposa ótima para ele. Embora

eu achasse melhor ele não ter se casado. Eu dei as melhores desculpas que pude para não ter podido felicitar pessoalmente o senhor e a senhora Elton naquela feliz ocasião. Disse que esperava poder ir durante o verão, mas deveria ter ido antes. Não felicitar uma noiva é muito negligente. Ah! Mostra como eu sou um triste inválido! Mas não gosto daquele canto de Vicarage Lane.

– Ouso dizer que suas desculpas foram aceitas. O senhor Elton o conhece.

– Sim, mas uma jovem senhora, uma noiva, eu deveria ter prestado meus respeitos a ela, se possível. Estava sendo muito deficiente.

– Mas, meu caro papai, o senhor não é um amigo do matrimônio e, portanto, por que deveria ficar tão ansioso para prestar seus respeitos a uma noiva? Não seria uma recomendação para o senhor. É encorajar as pessoas a se casarem se o senhor faz todo esse esforço.

– Não, minha querida, nunca incentivei ninguém a se casar, mas sempre desejaria prestar toda a devida atenção a uma dama; e uma noiva, especialmente, nunca deve ser negligenciada. Deve-se mais declaradamente a ela. Uma noiva, você sabe, minha querida, é sempre a primeira entre um grupo de pessoas, que os outros sejam quem forem.

– Bem, papai, se isso não é encorajar o casamento, não sei o que é. E eu nunca deveria ter esperado que o senhor emprestasse sua sanção a tais iscas de vaidade para as pobres moças.

– Minha querida, você não me entende. É uma questão de mera polidez comum e boa educação, e não tem nada a ver com qualquer incentivo para as pessoas se casarem.

Emma tinha conseguido. Seu pai estava ficando nervoso e não conseguia entendê-la. Sua mente voltou às ofensas da senhora Elton, e por muito, muito tempo elas a ocuparam.

Capítulo 15

Emma não teve motivo, por quaisquer descobertas subsequentes, para retirar a opinião ruim a respeito da senhora Elton. Sua observação tinha sido bastante correta. A senhora Elton pareceu para ela nessa segunda entrevista a mesma de sempre que se encontraram novamente depois

disso: cheia de si, presunçosa, dada a intimidades, ignorante e malcriada. Tinha um pouco de beleza e um pouco de talentos, mas tão pouco senso crítico que se considerava dona de um conhecimento superior do mundo para animar e melhorar uma vizinhança rural; e concebeu que a senhorita Hawkins ocupasse um lugar na sociedade que a importância da senhora Elton só poderia superar.

Não havia razão para supor que o senhor Elton pensasse de maneira diferente da esposa. Ele parecia não apenas feliz com ela, mas orgulhoso. Parecia felicitar-se por ter trazido tal mulher para Highbury, alguém de que nem a senhorita Woodhouse estaria à altura; e a maior parte de seus novos conhecidos, dispostos a elogiar, ou não tendo o hábito de julgar, seguindo a boa vontade da senhorita Bates, ou assumindo como certo que a noiva deveria ser tão inteligente e agradável quanto ela mesma professava sobre si, ficaram muito bem satisfeitos; tanto que os elogios à senhora Elton passavam de uma boca a outra, como deveriam, sem impedimentos da senhorita Woodhouse, que prontamente continuou sua primeira contribuição, falando com boas graças que ela era “muito agradável e muito elegantemente vestida”.

Sob um aspecto, a senhora Elton se mostrou ainda pior do que parecera a princípio. Seus sentimentos se alteraram em relação a Emma, ofendida, provavelmente, pelo pouco encorajamento que suas propostas de intimidade encontraram, ela recuou por sua vez e gradualmente se tornou muito mais fria e distante e, embora o efeito tenha sido agradável, a má vontade que o produziu estava necessariamente aumentando a antipatia de Emma. Seu comportamento, além disso, tanto quanto o do senhor Elton, eram desagradáveis para Harriet. Eles eram zombadores e negligentes. Emma esperava que a cura de Harriet rapidamente funcionasse, mas as sensações que poderiam levar a tal comportamento afundaram muito a ambos. Não era de duvidar que o apego da pobre Harriet tivesse sido uma oferta à falta de reserva conjugal, e sua própria parte na história, sob uma coloração menos favorável para ela, e mais reconfortante para ele, provavelmente também fora dada. Harriet era, é claro, o objeto do desagrado conjunto do casal. Quando eles não tinham mais nada a dizer, devia ser sempre fácil começar a abusar da senhorita Woodhouse e a

inimizade que eles não ousavam demonstrar em desrespeito a ela encontrava uma abertura mais ampla no tratamento desdenhoso a Harriet.

A senhora Elton gostara muito de Jane Fairfax e desde o início. Não apenas quando um estado de guerra com uma jovem dama pudesse recomendar a outra, mas exatamente a primeira, pois ela não ficava satisfeita em expressar uma admiração natural e razoável, mas sem solicitação, pedido ou privilégio, ela devia estar esperando ajudá-la e ser amiga dela. Antes que Emma pudesse ter aberto mão de sua confiança, e aproximadamente na terceira ocasião de seu encontro, ela ouviu todos os sentimentos quixotescos da senhora Elton a respeito do assunto.

– Jane Fairfax é absolutamente encantadora, senhorita Woodhouse. Eu elogio bastante Jane Fairfax. Uma criatura doce e interessante. Tão gentil e elegante, e com tantos talentos! Garanto-lhe, ela tem talentos extraordinários. Não me furto de dizer que ela toca muito bem. Conheço música o suficiente para falar decididamente sobre esse ponto. Oh! Ela é absolutamente encantadora! A senhorita vai rir do meu fervor, mas dou minha palavra, não falo de nada além de Jane Fairfax. E a situação dela é tão calculada para nos afetar! Senhorita Woodhouse, precisamos nos esforçar para fazer algo por ela. Devemos trazê-la adiante. Tal talento como o dela não deve sofrer uma permanência no desconhecido. Ouso dizer que a senhorita ouviu aqueles versos encantadores do poeta:

*Muitas flores nascem para corar sem ser vistas,
E desperdiçar sua fragrância no ar do deserto.*

– Não devemos permitir que sejam confirmados no caso da doce Jane Fairfax.

– Não posso achar que exista perigo – foi a resposta calma de Emma –, e quando se familiarizar melhor com a situação da senhorita Fairfax e entender como foi o lar dela, com o coronel e com a senhora Campbell, não acho que continuará a supor que seus talentos possam ser desconhecidos.

– Oh! Mas, querida senhorita Woodhouse, ela está agora em tal isolamento, em tão obscuridade, tão desperdiçada. Quaisquer vantagens que ela possa ter desfrutado com os Campbell estão tão palpavelmente no fim! E acho que ela sente isso. Tenho certeza de que sente. Ela é muito

tímida e silenciosa. Pode-se ver que ela sente falta de encorajamento. Gosto dela mais por isso. Devo confessar que é uma recomendação para mim. Sou uma grande defensora da timidez, e tenho certeza de que nem sempre a encontramos. Mas naqueles que são inferiores, isso é extremamente possessivo. Oh! Garanto-lhe que Jane Fairfax é uma personagem muito encantadora e me interessa mais do que posso expressar.

– A senhora parece ter uma opinião veemente, mas não sei como a senhora ou qualquer conhecido da senhorita Fairfax aqui, qualquer um que a conheça há mais tempo que a senhora, possa lhe mostrar outra atenção que não...

– Minha querida senhorita Woodhouse, muito pode ser feito por quem se atreve a agir. Não precisamos temer. Se nós dermos o exemplo, muitos o seguirão na medida do possível, embora nem todos tenham a nossa situação. Nós temos carruagens para buscá-la e levá-la para casa, e vivemos em um estilo que não poderia tornar a adição de Jane Fairfax, a qualquer momento, a menor inconveniência. Eu ficaria extremamente descontente se Wright nos enviasse um jantar como esse, que pudesse me fazer lamentar ter convidado mais do que Jane Fairfax para partilhá-lo. Não tenho esse tipo de ideias. Não é provável que eu deva, considerando o que estou acostumada. Meu maior perigo, talvez, nos afazeres domésticos, possa ser o oposto, em fazer coisas demais, e em ser descuidada com os gastos. Maple Grove provavelmente será meu modelo mais do que deveria, pois não podemos aspirar a possuir o mesmo que meu irmão, o senhor Suckling, em termos de renda. No entanto, minha resolução foi levada a notar Jane Fairfax. Eu certamente devo recebê-la com muita frequência na minha casa, apresentá-la onde eu puder, ter convidados musicais para apresentar os talentos dela, e devo ficar constantemente alerta para notar situações que sirvam para esses propósitos. Meu círculo de conhecidos é tão amplo, que eu tenho certeza de que ficarei sabendo de algo adequado a ela muito brevemente. Devo apresentá-la, é claro, muito particularmente a meu irmão e irmã quando eles vierem nos visitar. Tenho certeza de que gostarão extremamente dela, e quando ela os conhecer um pouco mais, seus temores desaparecerão por completo, pois de fato não há

nada na conduta de nenhum dos dois que não seja altamente conciliatório. Reitero, devo recebê-la com muita frequência enquanto eles estiveram comigo, e ousou dizer que devemos às vezes encontrar um lugar para ela no *barouche-landau* em algumas nas nossas expedições para explorar os arredores.

“Pobre Jane Fairfax!”, pensou Emma. “Você não mereceu isso. Pode ter feito algo errado em relação ao senhor Dixon, mas esse é um castigo além do que você possa ter merecido! A bondade e a proteção da senhora Elton! Jane Fairfax e Jane Fairfax... Céus! Não me permita supor que ela se atreva a ir por aí me chamando de Emma Woodhouse! Mas, pela minha honra, parece não haver limites para a licenciosidade da língua daquela mulher!”

Emma não teve que ouvir essas ladainhas novamente, pelo menos nenhuma dirigida exclusivamente a si, decorada de forma tão asquerosa de “querida senhorita Woodhouse”. A mudança na senhora Elton logo em seguida apareceu, e Emma foi deixada em paz, nem forçada a ser uma amiga muito próxima, nem, sob a liderança da senhora Elton, a muito ativa defensora de Jane Fairfax, apenas interagindo com os outros de modo geral, sabendo o que era sentido, o que era refletido, o que era feito.

Ela observava com certo divertimento. A gratidão da senhorita Bates pelas atenções da senhora Elton por Jane mostrou-se de uma simplicidade e calor honestos. Ela era uma de seus arautos: a mulher mais amável, afável e encantadora, tão talentosa e condescendente quanto a senhora Elton pretendia ser considerada. A única surpresa de Emma era que Jane Fairfax fosse aceitar tais atenções e tolerar a senhora Elton tanto quanto parecia tolerar. Ela ouviu sobre Jane caminhar com os Elton, sobre sentar-se com os Elton, sobre passar o dia com os Elton! Era espantoso! Emma não poderia considerar possível que o bom gosto ou o orgulho da senhorita Fairfax pudesse suportar tal companhia e amizade como a que o vicariato tinha a oferecer.

– Ela é uma charada, uma charada! – disse ela. – Escolher ficar aqui mês após mês sob as privações de todo tipo! E agora escolher a mortificação das atenções da senhora Elton e a penúria de sua conversa, em vez de voltar para seus companheiros muito superiores, que sempre a amaram

com um verdadeiro e generoso afeto.

Jane tinha vindo a Highbury, segundo alegou, para passar três meses e os Campbell tinham partido para ficar na Irlanda por três meses, mas agora tinham prometido à filha que ficariam pelo menos até o meio do verão, e novos convites chegaram para que ela se juntasse a eles. De acordo com a senhorita Bates (tudo vinha dela), a senhorita Dixon havia escrito com muita urgência. Se Jane fosse, meios precisariam ser encontrados criados, enviados e amigos, envolvidos: não se poderia permitir nenhum tipo de dificuldade de viagem e mas ainda assim ela havia recusado!

– Ela deve ter algum motivo mais poderoso do que parece para recusar esse convite – foi a conclusão de Emma. – Ela deve estar sob algum tipo de penitência, infligida pelos Campbell ou por si mesma. Há grande temor, grande cautela, grande resolução em algum lugar. Ela não deve estar com os Dixon. A sentença foi proferida por alguém. No entanto, por que ela deveria consentir em permanecer com os Elton? Esse era um quebra-cabeça bem distinto.

Ao pronunciar suas suspeitas sobre esse tema em voz alta, antes dos poucos que conheciam suas opiniões sobre a senhora Elton, a senhora Weston se aventurou a encontrar uma desculpa para Jane.

– Não podemos supor que ela tenha um grande prazer no vicariato, minha querida Emma, mas é melhor do que sempre ficar em casa. A tia dela é uma boa criatura, mas tê-la como companheira constante, deve ser bem cansativo. Temos de considerar aquilo de que a senhorita Fairfax quer se afastar antes de condenar o bom gosto dela tendo em vista os lugares que frequenta.

– A senhora Weston está certa – disse o senhor Knightley calorosamente –,

a senhorita Fairfax é tão capaz quanto qualquer um de nós de formar uma opinião justa da senhora Elton. Se ela pudesse escolher com quem se associar, não a teria escolhido. Porém – continuou, com um sorriso reprovador para Emma –, ela recebe atenções da senhora Elton, o que não recebe de ninguém mais.

Emma sentiu que a senhora Weston estava lhe lançando um olhar

momentâneo; e se sentiu atingida pelo afeto. Com um leve rubor, ela respondeu em seguida:

– Tais atenções como as da senhora Elton, eu deveria ter imaginado, devem despertar mais o desgosto do que a gratidão da senhorita Fairfax. Os convites da senhora Elton eu imaginaria que seriam qualquer coisa, menos convidativos.

– Eu não me admiraria – disse a senhora Weston – se a senhorita Fairfax não extraísse motivos além de sua própria inclinação, a contar com a ansiedade de sua tia em aceitar as civilidades da senhora Elton para ela. A pobre senhorita Bates deve ter comprometido a sobrinha a ir e a apressado a assumir uma maior aparência de intimidade do que seu próprio bom senso teria ordenado, a despeito de seu desejo muito natural de um pouco de mudança.

Ambas se sentiram um tanto ansiosas para ouvi-lo falar novamente, e depois de alguns minutos de silêncio, o senhor Knightley disse:

– Outra coisa também deve ser levada em consideração: a senhora Elton não fala com a senhorita Fairfax, mas fala sobre ela. Todos nós sabemos a diferença entre os pronomes eu, tu, ele, ela, os mais simplórios entre nós; todos sentimos a influência de algo além da civilidade comum em nossos relacionamentos pessoais uns com os outros, algo implantado antes. Não podemos dar a alguém as indiretas desagradáveis, das quais estávamos tão certos na hora anterior. Sentimos as coisas de modo diferente. E, além da operação disso, como princípio geral, você pode ter certeza de que a senhorita Fairfax impressiona a senhora Elton por sua superioridade tanto de mente, como de modos e que, frente a frente, a senhora Elton a trata com todo o respeito possível. Uma mulher tal como Jane Fairfax provavelmente nunca passou pelo caminho da senhora Elton antes, e nenhum nível de vaidade pode impedir que ela admita sua comparativa pequenez em ação, senão em consciência.

– Eu sei como o senhor tem uma opinião elevada de Jane Fairfax – disse Emma. Tinha o pequeno Henry em seus pensamentos, e uma mistura de alarme e delicadeza a tornou irresoluta sobre o que mais dizer.

– Sim – ele respondeu –, e qualquer um pode saber o quanto tenho uma opinião elevada sobre ela.

– E ainda assim – disse Emma, começando apressadamente e com um olhar irônico, mas logo se detendo. Era melhor, no entanto, saber o pior de uma vez. Ela continuou: – E, ainda assim, talvez, o senhor possa não estar ciente de quão elevada é. A extensão de sua admiração pode tomá-la de surpresa qualquer dia desses.

O senhor Knightley estava muito compenetrado mexendo nos botões mais baixos de suas pernas, e o esforço de uni-las ou alguma outra causa trouxe um rubor em seu rosto quando ele respondeu:

– Oh, você está aí? Mas está absurdamente atrasada. O senhor Cole me deu uma indicação disso há seis semanas.

Ele parou. Emma sentiu o pé pressionado pela senhora Weston e não soube o que pensar. Um momento depois, ele continuou:

– Isso nunca acontecerá, no entanto, posso lhe assegurar. A senhorita Fairfax, ousei dizer, não me aceitaria se eu lhe pedisse a mão, e tenho uma boa certeza de que nunca a pedirei.

Emma retribuiu a pressão da amiga com interesse; e ficou contente o bastante de exclamar:

– O senhor não é vaidoso, senhor Knightley! Isso eu posso lhe dizer.

Ele mal parecia ouvi-la, estava pensativo, e de uma maneira que mostrava que não estava satisfeito, logo depois disse:

– Então você determina que eu me case com Jane Fairfax.

– Não, de fato eu não tenho feito isso. O senhor me repreendeu demais por promover uniões, para eu ter a presunção de tomar essa liberdade. O que eu disse agora não significa nada. Uma pessoa pode dizer esse tipo de coisa, é claro, sem nenhuma ideia de significado sério. Oh, não, dou minha palavra, não tenho o menor desejo de casá-lo com Jane Fairfax ou com Jane alguma. O senhor não viria e se sentaria conosco desta maneira confortável, se fosse casado.

O senhor Knightley ficou pensativo novamente. O resultado de seu devaneio foi:

– Não, Emma, acho que a extensão da minha admiração por ela nunca vai me surpreender. Nunca pensei nela dessa maneira, eu garanto. – E logo depois: – Jane Fairfax é uma jovem muito encantadora, mas nem mesmo ela é perfeita. Tem um defeito. Ela não tem o temperamento aberto que um

homem desejaria em uma esposa.

Emma não pôde deixar de se alegrar ao saber que ela tinha um defeito.

– Bem – disse –, e o senhor logo silenciou o senhor Cole, eu suponho?

– Sim, muito rapidamente. Ele me deu uma indireta discreta, eu disse que ele estava enganado, então ele me pediu perdão e não disse mais nada. Cole não quer ser mais sábio ou mais inteligente do que seus vizinhos.

– A esse respeito, é diferente da querida senhora Elton, que quer ser mais sábia e inteligente do que todo o mundo! Eu me pergunto como ela fala dos Cole, como ela os chama! Como pode encontrar alguma denominação para eles, profunda o suficiente na familiaridade vulgar? Ela chama o senhor de “Knightley”, o que ela pode fazer pelo senhor Cole? E, portanto, não estou surpresa de que Jane Fairfax aceite suas civilidades e consinta em estar com ela. Senhora Weston, seu argumento tem um grande peso para mim. Posso muito mais facilmente entrar na tentação de fugir da senhorita Bates do que de acreditar no triunfo da mente da senhorita Fairfax sobre a da senhora Elton. Não acredito que a senhora Elton se reconheça inferior em pensamentos, palavras ou ações; ou como estando sob qualquer restrição além de seu escasso governo da boa educação. Não posso imaginar que ela não insulte continuamente sua visitante com elogios, encorajamentos e ofertas de serviços; que ela não continue detalhando suas magníficas intenções, desde a conquista de uma situação permanente para ela até a inclusão nas deliciosas expedições exploratórias que ocorrerão a bordo do *barouche-landau*.

– Jane Fairfax tem sentimentos – disse o senhor Knightley. – Não a acuso de falta de sentimentos. Suspeito de que suas sensibilidades sejam fortes e seu temperamento excelente em seu poder de tolerância, paciência e autocontrole; porém, requer abertura. Ela é reservada, mais reservada, eu acho, do que costumava ser, e eu amo um temperamento aberto. Não, até Cole aludir ao meu suposto apego, isso nunca tinha passado pela minha cabeça. Vi Jane Fairfax e conversei com ela, com admiração e prazer sempre, mas sem um pensamento além disso.

– Bem, senhora Weston – disse Emma, triunfante, quando ele se foi –, o que diz agora sobre o fato de o senhor Knightley se casar com Jane Fairfax?

– Ora, querida Emma, eu digo que ele está tão ocupado com a ideia de não estar apaixonado por ela, que eu não deveria me surpreender se isso acabasse com ele se apaixonando ao fim. Não me teste.

Capítulo 16

Todos de Highbury e dos arredores que já tinham visitado o senhor Elton estavam dispostos a lhe prestar felicitações pelo casamento. Jantares e festas noturnas eram feitos para ele e para sua dama; e convites fluíam tão rápido que ela logo teve o prazer de compreender que nunca teriam um dia de folga.

– Eu vejo como é – disse ela. – Vejo que vida devo levar entre vocês. Dou minha palavra, ficaremos absolutamente exaustos. Parecemos realmente ser o tema do momento. Se isso é viver no campo, não é nada muito formidável. De segunda a sábado, garanto que não temos um dia de descanso! Uma mulher com menos recursos do que eu não precisaria ter ficado perdida.

Nenhum convite era fora de propósito para ela. Seus hábitos de Bath tornavam as reuniões noturnas perfeitamente naturais, e Maple Grove lhe dera um gosto por jantares. Ela ficou um pouco chocada com a falta de duas

salas de visitas, com a pobre tentativa de bolos de frutas e por não haver gelo nas reuniões de carteados de Highbury. A senhorita Bates, a senhora Perry, a senhora Goddard e outras estavam muito atrasadas no conhecimento do mundo, mas ela logo lhes mostraria como tudo deveria ser arranjado. No decorrer da primavera, deveria retribuir suas civilidades com uma festa muito superior, na qual suas mesas de cartas deveriam ser postas com velas separadas e baralhos não divididos, no verdadeiro estilo, e mais criados estariam à disposição na noite do que seu próprio estabelecimento poderia fornecer, transportando os comes e bebes exatamente na hora certa e na ordem certa.

Emma, entretanto, não poderia ficar satisfeita sem um jantar em Hartfield para os Elton. Eles não deveriam fazer menos do que os outros, ou ela seria exposta a suspeitas odiosas e imaginariam que seria capaz de

ressentimento lamentável. Um jantar deveria ser feito. Depois que Emma falou sobre isso por dez minutos, o senhor Woodhouse não sentiu falta de vontade, e apenas fez a estipulação habitual de não se sentar ao pé da mesa, com a dificuldade regular de decidir quem deveria fazer isso por ele.

Foi necessário pouco pensamento para decidir quais seriam as pessoas convidadas. Além dos Elton, deveriam ser os Weston e o senhor Knightley, até o momento era tudo, e não era menos inevitável que a pobre Harriet devesse ser convidada para ser a oitava pessoa. No entanto, esse convite não foi concedido com a mesma satisfação e, de muitas formas, Emma ficou particularmente satisfeita por Harriet implorar permissão de recusá-lo. Ela preferiria não estar na companhia dele mais do que seria inevitável. Ainda não era capaz de vê-lo junto com sua encantadora esposa feliz, sem se sentir desconfortável. Se a senhorita Woodhouse não fosse ficar descontente, ela preferiria permanecer em casa. Era precisamente o que Emma desejaria, se considerasse que desejar seria possível o suficiente. Ela ficou encantada com a coragem de sua amiguinha, com a coragem que sabia que havia nela para desistir de estar em companhia e ficar em casa, porém agora podia convidar quem realmente queria que fosse a oitava pessoa: Jane Fairfax. Desde sua última conversa com a senhora Weston e com o senhor Knightley, ela ficou mais preocupada com Jane Fairfax do que costumava ficar. As palavras do senhor Knightley ficaram gravadas. Ele dissera que Jane Fairfax recebera atenções da senhora Elton que não recebera de ninguém mais.

– Isso é bem verdade – disse ela –, pelo menos no que diz respeito a mim, o que era tudo que ele pretendia implicar, e é muito vergonhoso. Da mesma idade, conhecendo-a desde sempre, eu deveria ter sido mais amiga dela. Ela nunca mais vai gostar de mim agora. Eu a negligenciei por tempo demais. Mas mostrarei maior atenção que já lhe concedi.

Todos os convites foram bem-sucedidos. Todos estavam livres para comparecer e todos felizes. O interesse preparatório desse jantar, no entanto, ainda não havia terminado. Uma circunstância bastante infeliz ocorreu. Os dois pequenos Knightley mais velhos se comprometeram a visitar o avô e a tia ao longo de algumas semanas na primavera, e seu pai

agora propunha trazê-los e ficar um dia inteiro em Hartfield, um dia que cairia na data da festa. Seus compromissos profissionais não permitiram que a vinda fosse adiada, mas pai e filha ficaram perturbados pelo fato de aquilo acontecer da forma como aconteceria. O senhor Woodhouse considerava oito pessoas juntas no jantar como o máximo que seus nervos podiam aguentar, e aqui acrescentava-se uma nona pessoa, e Emma percebeu que seria uma nona de muito mau humor por não conseguir passar quarenta e oito horas em Hartfield sem cair em um jantar para convidados.

Ela confortou seu pai melhor do que poderia consolar-se, representando que, embora ele certamente fosse a nona pessoa, ainda assim ele sempre falava tão pouco, que o aumento do ruído seria muito irrelevante. Emma pensou que, na realidade, seria uma triste interação para si, tê-lo com seu olhar sério e uma conversa relutante em oposição a ela, em vez da de seu irmão.

O evento foi mais favorável ao senhor Woodhouse do que a Emma. John Knightley veio, mas o senhor Weston foi inesperadamente convocado para ir à cidade e deveria se ausentar naquele exato dia. Ele poderia se juntar a eles à noite, mas certamente não para o jantar. O senhor Woodhouse ficou bem mais relaxado e vê-lo assim, com a chegada dos meninos e a postura filosófica de seu cunhado ao ouvir sobre o destino que o aguardava, removeu a maior parte da irritação de Emma.

Chegou o dia, o grupo se reuniu pontualmente e o senhor John Knightley logo se pôs à tarefa de ser agradável. Em vez de atrair o cunhado para uma janela enquanto esperavam o jantar, ele estava conversando com a senhorita Fairfax. Para a senhora Elton, por mais elegante que as rendas e as pérolas pudessem fazê-la, ele olhou em silêncio, querendo observar apenas o suficiente para dar as informações à Isabella; mas a senhorita Fairfax era uma velha conhecida e uma moça quieta, e ele podia conversar com ela. Ele a conhecera antes do desjejum, enquanto voltava de uma caminhada com seus filhos pequenos, momento em que estava começando a chover. Era natural ter algumas esperanças corteses sobre o assunto, e ele disse:

– Espero que não tenha se aventurado muito longe esta manhã, senhorita

Fairfax, ou tenho certeza de que deve ter se molhado. Mal chegamos em casa a tempo. Espero que tenha dado meia-volta imediatamente.

– Fui apenas aos correios – disse ela –, e cheguei em casa antes que a chuva estivesse forte. É a minha tarefa externa diária. Eu sempre pego as cartas quando estou aqui. Poupa os incômodos e é algo que me faz sair de casa. Uma caminhada antes do desjejum me faz bem.

– Não uma caminhada na chuva, imagino.

– Não, mas não choveu absolutamente nada quando eu parti.

O senhor John Knightley sorriu e respondeu:

– Ou seja, a senhorita escolheu caminhar, pois não estava a seis metros da sua porta quando tive o prazer de encontrá-la e Henry e John tinham visto mais gotas do que podiam contar muito antes disso. Os correios têm um grande charme em um período de nossas vidas. Quando tiver vivido até a minha idade, começará a pensar que nunca vale a pena pegar chuva por causa de cartas.

Houve um pequeno rubor e então esta resposta:

– Não espero nunca estar situada como o senhor, no meio de todas as conexões mais queridas e, portanto, não posso esperar que simplesmente envelhecer me deixe indiferente às cartas.

– Indiferente! Oh, não! Nunca imaginei que a senhorita pudesse se tornar indiferente. Cartas não são motivos para indiferença; geralmente são uma maldição muito positiva.

– O senhor fala de cartas de negócios; as minhas são cartas de amizade.

– Eu sempre as achei as piores dos dois tipos – respondeu ele, friamente.

– Os negócios, sabe, podem trazer dinheiro, mas a amizade quase nunca traz.

– Ah! O senhor não está falando sério agora. Conheço muito bem o senhor John Knightley. Tenho certeza de que ele entende o valor da amizade, assim como qualquer pessoa. Posso facilmente acreditar que as cartas são coisas muito pequenas para o senhor, muito mais do que para mim, mas não é o senhor ter dez anos mais que eu que faz a diferença; não é idade, mas a situação. O senhor tem todos os que lhe são mais queridos por perto, sempre à mão, eu provavelmente nunca mais terei; e, portanto, até que eu tenha sobrevivido a todos os que me são caros, acho que os

correios sempre terão o poder para me atrair, com tempo pior do que hoje.

– Quando falei sobre a senhorita mudar com o tempo, pelo progresso dos anos – disse John Knightley –, pretendi sugerir a mudança de situação que o tempo costuma trazer. Considero um como incluindo o outro. O tempo geralmente diminui o interesse por todos os que nos são caros, mas que não pertencem ao círculo diário. Porém, essa não é a mudança que eu tinha em vista para a senhorita. Como um velho amigo, permita-me ter esperanças, senhorita Fairfax, de que daqui a dez anos a senhorita possa ter tantos objetos concentrados quanto eu.

Isso foi dito de maneira muito gentil e longe de ter a intenção de ofender. Um agradável “obrigada” parecia destinado a dispensar o comentário com um riso, mas um rubor, um lábio trêmulo, uma lágrima nos olhos, mostraram que foi sentido além de um mero riso. Sua atenção foi em seguida reivindicada pelo senhor Woodhouse, que, de acordo com seu costume em tais ocasiões, passava por todos os convidados e prestava seus cumprimentos específicos às damas e estava terminando com ela. E, com toda a sua mais suave urbanidade, disse:

– Sinto muito de ouvir, senhorita Fairfax, que esteve na chuva esta manhã. Moças devem cuidar de si mesmas. Moças são plantas delicadas. Elas devem cuidar de sua saúde e aparência. Minha querida, a senhorita trocou suas meias?

– Sim, senhor, de fato eu as troquei e estou muito agradecida por sua gentil solicitude a meu respeito.

– Minha querida senhorita Fairfax, sem dúvida é muito necessário que as moças tenham quem cuide delas. Espero que sua boa avó e tia estejam bem. Elas são algumas das minhas velhas amigas. Eu gostaria que minha saúde me permitisse ser um vizinho melhor. A senhorita nos faz grande honra hoje, tenho certeza. Minha filha e eu somos altamente sensíveis às suas qualidades e temos a maior satisfação em vê-la em Hartfield.

O velho, bondoso e educado, pôde então se sentar e sentir que cumprira seu dever e que fizera cada bela dama se sentir acolhida e à vontade.

A essa altura, a história da caminhada na chuva chegara à senhora Elton, e suas críticas logo se abriam sobre Jane.

– Minha querida Jane, o que é isso que eu ouço? Indo aos correios na

chuva! Isso não pode acontecer, eu garanto. Sua menina terrível, como pôde fazer uma coisa dessas? É um sinal de que eu não estava lá para cuidar de você.

Jane pacientemente assegurou-lhe de que não havia pegado nenhum resfriado.

– Oh! Não diga isso a mim. Você é realmente uma garota muito terrível e não sabe se cuidar. Aos correios, de fato! Senhora Weston, já ouviu algo assim? A senhora e eu devemos exercer positivamente nossa autoridade.

– Meu conselho – disse a senhora Weston, gentil e persuasivamente –, eu decerto me sinto tentada a oferecer. Senhorita Fairfax, não acho que deva correr esses riscos. Como a senhorita já foi acometida por resfriados graves, deve mesmo ser particularmente cuidadosa, em especial nesta época do ano. Sempre penso que a primavera requer mais do que cuidados comuns. É melhor esperar uma hora ou duas, ou até metade de um dia pelas suas cartas, do que correr o risco de voltar a ter uma tosse. Agora a senhorita não sente que tinha? Sim, tenho certeza de que é muito razoável. A senhorita parece que não faria isso novamente.

– Oh! Ela não fará isso de novo – interveio avidamente a senhora Elton. – Não permitiremos que faça isso novamente. – E assentindo com a cabeça de modo significativo: – Algo deve ser feito, deve sim, de fato. Falarei com o senhor E. O homem que buscar nossas cartas todas as manhãs (um de nossos criados, esqueço o nome dele) também solicitará as suas e as trará até você. Isso evitará todas as dificuldades que você conhece e de nós, eu realmente acho, minha querida Jane, que você não precisa ter pudores em aceitar essa conveniência.

– É extremamente gentil da sua parte – disse Jane –, mas não posso desistir da minha caminhada matinal. Sou aconselhada a estar ao ar livre o máximo que puder, devo andar em algum lugar, e os correios são uma meta e, dou minha palavra, nunca tive uma manhã ruim antes.

– Minha querida Jane, não fale mais sobre isso. O assunto está decidido, isto é – agora rindo com falsidade –, tanto quanto posso presumir determinar qualquer coisa sem a concordância de meu senhor e mestre. Sabe, senhora Weston, nós devemos ser cautelosas na forma com que nos

expressamos. Mas eu me vanglorio, minha querida Jane, de que minha influência não esteja totalmente desgastada. Se não encontro dificuldades insuperáveis, considere esse ponto como resolvido.

– Perdão – disse Jane sinceramente –, mas não posso, de forma alguma, consentir em tal acordo, tão desnecessariamente problemático para seu criado. Se a tarefa não fosse um prazer para mim, poderia ser realizada, como sempre é quando não estou aqui, pelos criados da minha avó.

– Oh! Minha querida. Mas tudo o que Patty já tem que fazer! E é uma gentileza empregar nossos criados.

Jane parecia não ter a intenção de ser conquistada. No entanto, em vez de responder, ela começou a falar novamente com o senhor John Knightley:

– Os correios são um estabelecimento maravilhoso! – disse. – A regularidade e o despacho! Se pensamos em tudo o que é necessário fazer, e tudo o que se faz tão bem, é realmente surpreendente!

– Certamente é muito bem regulamentado.

– É tão raro que qualquer negligência ou erro apareça! Tão raro que uma carta, entre as milhares que constantemente passam pelo reino, seja extraviada, e que nenhuma, em um milhão, suponho, realmente se perca! E quando se considera a variedade de caligrafias, também de caligrafias ruins, que devem ser decifradas, o espanto só aumenta.

– Os funcionários se tornam especialistas pelo hábito. Eles devem começar com alguma perspicácia de visão e caligrafia, e o exercício os melhora. Se quiser mais explicações – continuou ele, sorrindo –, elas são pagas. Essa é a chave para uma grande capacidade. O público paga e deve ser bem servido.

As variedades de caligrafias foram mais comentadas e as observações usuais foram feitas.

– Ouvi dizer – afirmou John Knightley – que o mesmo tipo de letra geralmente prevalece em uma família e quando é ensinado pelo mesmo mestre, é bastante natural. Mas, por essa razão, eu imagino que a semelhança deva ser principalmente confinada às mulheres, pois os garotos recebem muito pouco ensino depois de uma idade precoce, e passam com a caligrafia atrapalhada que puderem ter. Isabella e Emma, eu acho, escrevem de forma muito parecida. Nem sempre consigo distinguir a

letra das duas.

– Sim – disse o irmão, hesitante –, há uma semelhança. Eu sei o que você quer dizer, mas a letra de Emma é a mais forte.

– Isabella e Emma escrevem lindamente – disse o senhor Woodhouse. – E sempre escreveram. Assim como a pobre senhora Weston também – acrescentou com meio suspiro e meio sorriso para ela.

– Nunca vi a letra de nenhum cavalheiro – começou Emma, olhando também para a senhora Weston. Mas parou, ao perceber que esta estava conversando com outra pessoa, e a pausa lhe deu tempo para refletir: – Agora, como vou apresentá-lo? Não sou capaz de falar o nome dele agora diante de todas essas pessoas? É necessário usar alguma frase indireta? “Meu amigo de Yorkshire”, “meu correspondente em Yorkshire”. Suponho que seria assim se eu fosse muito ruim. Não, eu posso pronunciar o nome dele sem a menor angústia. Certamente estou ficando cada vez melhor. E agora, vamos lá.

A senhora Weston ficou livre e Emma recomeçou:

– O senhor Frank Churchill escreve com uma das melhores caligrafias de cavalheiro que já vi.

– Não a admiro – disse o senhor Knightley. – É pequena demais, carece de força. É como a escrita de uma mulher.

Isso não foi aceito por nenhuma das damas. Eles o justificaram contra a vil difamação.

– Não, de maneira alguma carece de força. Não era uma letra grande, mas muito clara e certamente forte. Será que a senhora Weston não tinha nenhuma carta com ela para mostrar? Não, ela recebera notícias dele ultimamente; mas, tendo respondido à carta, a havia guardado.

– Se estivéssemos na outra sala – disse Emma –, se eu estivesse com minha escrivãzinha, tenho certeza de que poderia encontrar uma amostra. Tenho um recado dele. Não se lembra, senhora Weston, de um dia tê-lo feito se comprometer a lhe escrever?

– Ele escolheu dizer que estava comprometido...

– Bem, bem, eu tenho essa carta; e posso mostrar depois do jantar para convencer o senhor Knightley.

– Oh! Quando um jovem galante como o senhor Frank Churchill –

ironizou o senhor Knightley – escreve para uma bela dama como a senhorita Woodhouse, é claro que fará o melhor possível.

O jantar estava na mesa. A senhora Elton, antes que pudessem falar com ela, estava pronta e antes que o senhor Woodhouse chegasse a ela com seu pedido de permissão para acompanhá-la à sala de jantar, estava dizendo:

– Devo ir primeiro? Eu realmente tenho vergonha de sempre ser a primeira.

A solicitude de Jane em buscar suas próprias cartas não havia escapado de Emma. Ela tinha ouvido e visto tudo, então e sentiu alguma curiosidade em saber se a caminhada úmida daquela manhã havia produzido alguma carta. Ela suspeitava de que sim, de que não teria sido fruto de uma resolução, mas na expectativa total de ter notícias de alguém muito querido, e que não fora em vão. Ela pensou que havia um ar de maior felicidade do que o habitual, um brilho tanto de pele quanto de espíritos.

Ela poderia ter feito uma pergunta ou duas sobre a visita aos correios e quanto às correspondências irlandesas. Estava na ponta de sua língua, mas ela se absteve. Estava bastante decidida a não pronunciar uma palavra que devesse prejudicar os sentimentos de Jane Fairfax e eles seguiram as outras damas para fora da sala, de braços dados, com uma aparência de boa vontade que valorizava muito a beleza e a graça de cada uma.

Capítulo 17

Quando as damas voltaram para a sala depois do jantar, Emma achou quase

impossível impedir que formassem dois grupos distintos, com o tanto que a senhora Elton perseverava em julgar e se comportar mal, monopolizando Jane Fairfax e desprezando Emma. Ela e a senhora Weston foram obrigadas a ficar quase sempre juntas, conversando ou caladas. A senhora Elton não lhes deixou escolha. Se Jane a reprimiu por um tempo, logo começou de novo e embora muito do que passasse entre elas fosse um meio sussurro, especialmente por parte da senhora Elton, não havia como evitar o conhecimento de seus principais assuntos: os correios, pegar um resfriado, buscar cartas e a amizade foram muito discutidos e a esses

temas sucedeu-se outro, que devia ser pelo menos igualmente desagradável para Jane; indagações sobre se já tinha ficado sabendo de um emprego que pudesse ser adequado para ela e as declarações da atividade meditada da senhora Elton.

– Aqui vem abril! – disse ela. – Fico bastante ansiosa por você. Junho estará aqui em breve.

– Mas eu nunca me fixei em junho ou em qualquer outro mês, apenas esperei ansiosamente pelo verão em geral.

– Mas você não ficou sabendo de nada?

– Nem sequer fiz pesquisas e ainda não desejo fazer nenhuma.

– Oh! Minha querida, não podemos começar cedo demais; você não está ciente da dificuldade de se obter o que é exatamente desejável.

– Não estou ciente! – disse Jane, balançando a cabeça. – Cara senhora Elton, quem pode ter pensado nisso como eu?

– Mas você não viu tanto do mundo como eu. Você não sabe quantos candidatos sempre existem para as primeiras vagas. Vi muito disso na vizinhança em torno de Maple Grove. Uma prima do senhor Suckling, a senhora Bragge, recebia uma infinidade de aplicações, todos estavam ansiosos para trabalhar na família dela, pois ela transita na nata da sociedade. Velas de cera na sala de aula! Você pode imaginar o quão desejável isso é! De todas as casas do reino, a da senhora Bragge é a que eu mais gostaria de ver.

– O coronel e a senhora Campbell devem estar na cidade novamente no meio do verão – disse Jane. – Devo passar algum tempo com eles. Tenho certeza de que eles quererão que eu vá e depois, provavelmente ficarei feliz em encontrar uma situação para mim, mas não gostaria que a senhora se desse ao trabalho de fazer qualquer pesquisa no momento.

– Transtorno! Sim, eu conheço seus escrúpulos. Você tem medo de me causar transtornos. Mas garanto a você, minha querida Jane, que os Campbell dificilmente podem se interessar mais por você do que eu. Escreverei para a senhora Partridge em um dia ou dois e darei a ela a estrita incumbência de ficar atenta a qualquer coisa elegível.

– Obrigada, mas prefiro que a senhora não mencione o assunto para ela, até que o momento se aproxime, não desejo incomodar ninguém.

– Mas, minha criança querida, está chegando a hora, aqui está abril, e junho, ou podemos até dizer julho, está muito próximo, com essa situação a realizar diante de nós. Sua inexperiência realmente me diverte! Um emprego como você merece, e como seus amigos exigiriam para você, não é uma ocorrência cotidiana, não é obtido de uma hora para outra, de fato, de fato, devemos começar a fazer pesquisas imediatamente.

– Perdão, senhora, mas essa não é minha intenção; eu mesma não estou em busca disso e lamento que meus amigos tenham feito quaisquer buscas em meu nome. Quando eu estiver bastante determinada quanto ao momento, não terei temor algum de ficar desempregada por muito tempo. Há posições na cidade, em escritórios, onde a pesquisa logo traria algo à tona. Escritórios para a venda não exatamente de carne humana, mas de intelecto humano.

– Oh, minha nossa, carne humana! Você me choca bastante; se está fazendo menção de se aventurar com tráfico de escravos, garanto-lhe que o senhor Suckling sempre foi um amigo da abolição.

– Não quis dizer... eu não estava pensando no tráfico de escravos – respondeu Jane. – O mercado para governantas era tudo o que eu tinha em vista; amplamente diferente, decerto, da culpa daqueles que praticam o ofício. Mas, quanto à maior miséria das vítimas, não sei onde está. Quero apenas dizer que existem escritórios de anúncios e que, ao me candidatar neles, não devo ter dúvidas de que encontrarei logo algo que sirva.

– Algo que sirva! – repetiu a senhora Elton. – Sim, isso pode se adequar às suas humildes ideias de si mesma. Eu sei que criatura modesta você é. Porém, não será satisfatório para seus amigos que você aceite algo que possa oferecer, qualquer situação inferior e comum, em uma família que não transite em um determinado círculo ou que possa ter à disposição as elegâncias da vida.

– É muita gentileza da sua parte, mas quanto a tudo isso, sou muito indiferente; para mim não seria um objetivo ficar com os ricos; acho que minhas mortificações seriam apenas maiores; eu deveria sofrer mais com a comparação. A família de um cavalheiro é tudo o que eu deveria impor como condição.

– Eu a conheço, eu a conheço e você aceitaria qualquer coisa. Mas serei

um pouco mais maleável e tenho certeza de que os bons Campbell estarão do meu lado, com seus talentos superiores, você tem o direito de transitar no primeiro círculo. Seu conhecimento musical apenas já lhe daria o direito de ditar seus próprios termos, a quantidade de cômodos que você quiser e se misturar na família, tanto quanto escolher. Isto é, eu não sei, se conhecesse a harpa, poderia fazer tudo isso, tenho certeza, mas você canta tão bem quanto toca. Sim, acredito que você possa, mesmo sem a harpa, estipular o que desejar. E você deve estar estabelecida honrosa, deleitosa e confortavelmente antes de os Campbell voltarem, ou eu não terei descanso.

– A senhora pode classificar juntos o leite, a honra e o conforto de uma situação dessas – disse Jane –, certamente são iguais; no entanto, falo muito sério em não querer que nada seja tentado no momento em meu nome. Sou-lhe extremamente grata, senhora Elton, sou grata a qualquer um que se preocupe comigo, mas levo muito a sério o desejo de que nada seja feito até o verão. Por mais dois ou três meses, permanecerei onde estou e como estou.

– Também estou falando sério, garanto – replicou a senhora Elton alegremente –, ao resolver estar sempre vigilante e ao empregar meus amigos para vigiar também, para que nada realmente excepcional possa passar por nós despercebido.

Nesse estilo, ela continuou; nunca parando completamente por nada até o senhor Woodhouse entrar na sala; a vaidade da senhora Elton sofreu então uma mudança de objeto, e Emma a ouviu dizer no mesmo meio sussurro para Jane:

– Aí vem meu velho e querido cortejador, eu protesto! Apenas pense em sua galanteria em vir antes dos outros homens! Que criatura querida ele é. Garanto-lhe que gosto demais dele. Admiro toda a polidez singular e antiquada; é muito mais para o meu gosto do que a indiferença moderna; a indiferença moderna geralmente me desgosta. Mas este bom e velho senhor Woodhouse, eu gostaria que tivesse ouvido seus discursos galanteadores comigo no jantar. Oh! Garanto-lhe que comecei a pensar que meu *caro sposo* ficaria absolutamente ciumento. Imagino que sou uma favorita; ele reparou no meu vestido. O que achou? Escolha de Selina.

Bonito, eu acho, mas não sei se não está exagerado nos acabamentos; tenho o maior desgosto pela ideia de ser exagerado, um horror da sofisticação extrema. Devo colocar alguns ornamentos agora, porque isso é o que se espera de mim. Uma noiva, sabe, deve parecer uma noiva, mas meu gosto natural é todo por simplicidade; um estilo simples de vestir é muito infinitamente preferível ao refinamento. Mas estou em minoria, acredito; poucas pessoas parecem valorizar a simplicidade do vestuário. Exibição e refinamento são tudo. Tenho uma ideia de colocar esses acabamentos na minha popelina branca e prateada. Acha que ficaria bem?

O grupo todo acabava de se reunir novamente na sala de estar quando o senhor Weston apareceu entre os convidados. Ele voltara para um jantar tardio e caminhara para Hartfield assim que terminou. Ele era muito esperado pelos melhores juizes para chegar de surpresa, mas houve grande alegria. O senhor Woodhouse estava quase contente em vê-lo agora, já que teria lamentado vê-lo antes. John Knightley só ficou mudo de espanto. Que um homem que poderia ter passado a noite em silêncio em casa, depois de um dia de trabalho em Londres, devesse partir novamente e caminhar oitocentos metros até a casa de outro homem, por uma questão de estar em meio a uma companhia mista até a hora de dormir, de terminar seu dia nos esforços da civilidade e no barulho de muita gente, era uma circunstância que o atingia profundamente. Um homem que estava em movimento desde as oito horas da manhã, e poderia agora ficar tranquilo; que tinha conversado por um longo tempo, e poderia agora ficar em silêncio; que tinha estado em mais de uma multidão, e poderia ficar sozinho! Tal homem, abrir mão da tranquilidade e da independência de sua própria lareira, e, na noite de um dia frio e coberto de gelo de abril, correr novamente para o mundo! Pudesse ele, por um toque de seu dedo, ter imediatamente levado de volta sua esposa, teria havido um motivo para isso. Mas sua vinda provavelmente prolongaria, em vez de acabar com a reunião. John Knightley olhou para ele com espanto, depois encolheu os ombros e disse:

– Eu não podia acreditar nisso; nem mesmo da parte dele.

Enquanto isso, o senhor Weston, perfeitamente indiferente à indignação, sentia-se empolgado, feliz e alegre como sempre, e com todo o direito de

ser o principal orador, algo que um dia passado fora de casa poderia conferir, estava se mostrando agradável entre os demais e tendo satisfeito às perguntas de sua esposa sobre o jantar, convencendo-a de que nenhuma das orientações cuidadosas que ela fizera aos criados fora esquecida e divulgado as notícias públicas que ele ouvira, estava procedendo a uma comunicação familiar que, embora principalmente endereçada à senhora Weston, não tinha a menor dúvida de ser altamente interessante para todos na sala. Ele lhe entregou uma carta: era de Frank e para ela mesma. Ele a encontrara em seu caminho e tomara a liberdade de abri-la.

– Leia, leia – pediu ele. – A carta lhe dará prazer e são apenas algumas linhas, não levará muito tempo, leia para Emma.

As duas senhoras a examinaram juntas e ele ficou sorrindo e conversando com elas o tempo todo, numa voz um pouco baixa, mas muito audível para todos.

– Bem, ele virá, você vê, boas notícias, penso eu. Então, o que diz? Sempre falei que ele voltaria aqui em breve, não é? Anne, minha querida, não é verdade que eu sempre disse isso e você não acreditava em mim? Na cidade na semana que vem, veja só; e no mais tardar, ousa dizer. Pois ela é tão impaciente quanto o cavalheiro negro quando algo deve ser feito, provavelmente eles estarão lá amanhã ou sábado. Quanto à doença dela, não era nada, é claro. Mas é excelente ter Frank entre nós novamente, tão perto quanto na cidade. Eles ficarão um bom tempo quando chegarem, e ele ficará metade do tempo conosco. Isso é precisamente o que eu queria. Bem, ótimas notícias, não são? Você já terminou? Emma leu tudo? Guarde, guarde e teremos uma boa conversa sobre isso em outro momento, mas não agora. Mencionei apenas a circunstância para os outros de uma maneira comum.

A senhora Weston ficou muito satisfeita com a ocasião. Seus olhares e palavras não faziam nada para contê-los. Ela estava feliz, sabia que estava feliz e sabia que deveria ser feliz. Suas congratulações foram calorosas e abertas. Mas Emma não conseguia falar com tanta fluência. Ela estava um pouco ocupada em pesar seus próprios sentimentos e tentando entender o grau de sua agitação, que ela pensava ser considerável.

O senhor Weston, no entanto, ansioso demais para ser muito observador,

comunicativo demais para querer que outros falassem, ficou muito satisfeito com o que ela disse e logo se afastou para deixar o resto de seus amigos felizes por uma comunicação parcial do que toda a sala já tinha ouvido.

Era bom que ele tomasse a alegria de todos como certa, ou que não pensasse que nem o senhor Woodhouse nem o senhor Knightley ficariam particularmente contentes. Eles foram os primeiros, depois da senhora Weston e de Emma a receberem o direito de ficarem felizes. Depois, ele passaria para a senhorita Fairfax, mas ela estava tão compenetrada conversando com John Knightley que teria sido uma interrupção muito declarada; e encontrando-se perto da senhora Elton, e a atenção dela estando livre, ele necessariamente começou o assunto com ela.

Capítulo 18

– Espero em breve ter o prazer de apresentar meu filho à senhora – disse o senhor Weston.

A senhora Elton, muito disposta a supor que tal esperança fosse um elogio em particular direcionado a ela, sorriu com a maior graça.

– A senhora já ouviu falar de um certo Frank Churchill, presumo – ele continuou –, e sabe que ele é meu filho, embora não carregue meu nome.

– Ah, sim! E ficarei muito feliz em conhecê-lo. Estou certa de que o senhor Elton não perderá tempo em fazer uma visita a ele, e ambos teremos grande prazer em vê-lo no vicariato.

– A senhora é muito atenciosa. Frank ficará extremamente feliz, tenho certeza. Ele estará na cidade na semana que vem, se não antes. Recebemos essa notícia hoje em uma carta. Encontrei as cartas no meu caminho esta manhã e, ao ver a letra de meu filho, tive a presunção de abri-la, embora não fosse dirigida a mim, mas à senhora Weston. Ela é a principal correspondente dele, eu garanto. Eu quase nunca recebo uma carta.

– E então o senhor absolutamente abriu o que era direcionado a ela! Oh, senhor Weston! – ela exclamou, rindo afetuosamente. – Devo protestar contra isso. Um precedente muito perigoso! Imploro que não permita que seus vizinhos sigam o seu exemplo. Dou minha palavra, se é isso que devo

esperar, nós, mulheres casadas, devemos começar a nos esforçar! Oh, senhor Weston, eu não poderia acreditar nisso da parte do senhor!

– Sim, nós homens somos sujeitos patéticos. A senhora deve cuidar de si, senhora Elton. Esta carta nos diz... É uma carta curta, escrita às pressas, apenas para nos dar a conhecer... ela nos diz que todos virão para a cidade imediatamente, por motivos da senhora Churchill, ela não tem estado bem durante todo o verão, e acha que Enscombe é frio demais para ela. Assim, eles todos devem se mudar para o sul sem perder tempo.

– Mas ora! E de Yorkshire, penso eu. Enscombe fica em Yorkshire?

– Sim, eles estão a trezentos quilômetros de Londres, uma jornada considerável.

– Sim, dou minha palavra, muito considerável. Cem quilômetros a mais do que de Maple Grove a Londres. Mas o que é a distância, senhor Weston, para pessoas de grande fortuna? O senhor ficaria surpreso ao ouvir como meu irmão, o senhor Suckling, às vezes voa de um lado para o outro. Creio que não acreditaria em mim, mas duas vezes em uma semana, ele e o senhor Bragge foram e voltaram de Londres em quatro cavalos.

– O mal da distância de Enscombe – disse o senhor Weston – é que a senhora Churchill, como entendemos, não pôde deixar o sofá por uma semana inteira. Na última carta de Frank, ela reclamou, ele disse, de ser fraca demais para entrar na estufa de plantas sem ter o apoio do braço dele e do tio! Sabe, isso mostra um grande grau de fraqueza, mas agora ela está tão impaciente para estar na cidade que quer dormir apenas duas noites na estrada, é o que Frank diz na carta. Certamente, damas delicadas têm constituições extraordinárias, senhora Elton. A senhora deve admitir isso.

– Não, na verdade, não vou admitir nada. Sempre tomo o partido das mulheres. Sim, de fato. Eu aviso: o senhor vai me achar uma antagonista formidável nesse ponto. Eu sempre defendo as mulheres, e garanto que, se o senhor soubesse como Selina se sente em relação a dormir em uma pousada, não me surpreenderia que a senhora Churchill fosse fazer esforços incríveis para evitar algo assim. Selina diz que é um horror para ela, e acredito que peguei um pouco de sua fraqueza. Ela sempre viaja com seus próprios lençóis; uma excelente precaução. A senhora Churchill faz o

mesmo?

– Acredite nisso. A senhora Churchill faz tudo o que qualquer outra boa dama já fez. A senhora Churchill não será a segunda em relação a nenhuma dama por...

A senhora Elton ansiosamente interpôs com:

– Oh! Senhor Weston, não se engane. Selina não é uma dama refinada, eu garanto. Não saia daqui com essa ideia.

– Ela não é? Então, ela não é uma regra para a senhora Churchill, que é uma dama tão refinada quanto alguém já viu.

A senhora Elton começou a achar que tinha se enganado em se pronunciar aquilo com tanta veemência. Não era de forma alguma o seu objetivo que acreditassem que sua irmã não fosse uma dama refinada; talvez houvesse ânimo na pretensão disso. E ela estava considerando de que forma seria melhor se retratar, quando o senhor Weston prosseguiu:

– A senhora Churchill não está muito em minhas boas graças, como pode suspeitar, mas isso é bastante cá entre nós. Ela gosta muito de Frank e, portanto, eu não falaria mal dela. Além disso, ela está sem saúde agora. Mas isso, de fato, segundo o seu próprio relato, ela sempre foi. Eu não diria isso a todos, senhora Elton, mas não tenho muita fé na doença da senhora Churchill.

– Se ela está realmente doente, por que não ir a Bath, senhor Weston? A Bath ou a Clifton?

– Ela colocou na cabeça que Enscombe é frio demais para ela. O fato é, eu suponho, que ela está cansada de Enscombe. Ela agora está estacionada lá há mais tempo do que nunca, e começa a querer mudanças. É um lugar recluso. Um bom lugar, mas muito recluso.

– Sim, como Maple Grove, ousa dizer. Nada pode estar mais afastado da estrada do que Maple Grove. Uma plantação tão imensa ao redor! Parecemos excluídos de tudo, na mais completa reclusão. E a senhora Churchill provavelmente não tem saúde ou ânimos como Selina para desfrutar desse tipo de reclusão. Ou talvez ela não tenha recursos suficientes para se qualificar para uma vida no campo. Eu sempre digo que nunca se pode considerar que uma mulher tenha excesso de recursos, e me

sinto muito agradecida por ter tantos a ponto de ser bastante independente da sociedade.

– Frank esteve aqui em fevereiro por quinze dias.

– Eu lembro de ter ouvido a respeito. Ele encontrará uma adição à sociedade de Highbury quando voltar; isto é, se eu puder me considerar uma adição. Contudo, talvez ele nunca tenha ouvido falar da existência de uma criatura assim no mundo.

Era um pedido alto demais para que um elogio fosse recebido, e o senhor Weston, com uma graça muito distinta, exclamou imediatamente:

– Minha cara senhora! Ninguém além da senhora poderia imaginar que uma coisa dessas seria possível. Não ouvir falar da senhora! Creio que as cartas da senhora Weston ultimamente estão repletas de muito pouco além da senhora Elton.

Ele cumprira seu dever e poderia voltar para o filho.

– Quando Frank nos deixou – continuou –, estava bastante incerto sobre quando poderíamos vê-lo novamente, o que torna a notícia deste dia duplamente bem-vinda. Foi completamente inesperado. Ou seja, eu sempre tive uma forte intuição de que ele estaria aqui novamente em breve, eu tinha certeza de que algo favorável aconteceria, mas ninguém acreditou em mim. Ele e a senhora Weston estavam terrivelmente desanimados. “Como ele faria para poder vir? E como se poderia supor que seu tio e tia o poupassem de novo?”, e assim por diante. Sempre achei que algo aconteceria a nosso favor; e assim aconteceu, como pode ver. Eu observei, senhora Elton, no decorrer da minha vida, que se as coisas não vão bem um mês, com certeza se sairão melhores no mês seguinte.

– É muito verdadeiro, senhor Weston, perfeitamente verdadeiro. É exatamente o que eu costumava dizer a um certo cavalheiro nos dias de corte, quando, porque as coisas não estavam saindo exatamente como deveriam, não procediam com toda a velocidade que os sentimentos achavam adequado, ele estava dado a se desesperar e a exclamar que tinha certeza de que, naquele ritmo, seria maio antes que Himeneu colocasse seu manto cor de açafraão sobre nós. Oh! As dores que enfrentei para dissipar essas ideias sombrias e dar-lhe vistas animadoras! A carruagem... tivemos decepções com a carruagem. Certa manhã, lembro-me, ele veio a mim

bastante desesperado...

Ela foi interrompida por um leve ataque de tosse, e o senhor Weston aproveitou instantaneamente a oportunidade de continuar:

– A senhora estava mencionando maio. Maio é o mesmo mês que a senhora Churchill recebeu ordens, ou ela mesma se ordenou, de ficar em climas mais quentes que os de Enscombe. Em resumo, passar tempo em Londres, de forma que temos o agradável prospecto de visitas frequentes de Frank durante a primavera toda, precisamente a estação do ano que ouvimos que deveríamos ter escolhido para isso: o dia é quase mais longo do que a noite, o clima é ameno e agradável, sempre nos convidando a sair e nunca quente demais para nos exercitar. Quando ele esteve aqui antes, aproveitamos ao máximo. Porém, houve um bom tanto de dias molhados, úmidos, sem graça, como sempre há em fevereiro, sabe, e não pudemos fazer metade do que pretendíamos. Agora será a hora. Será um prazer completo e não sei, senhora Elton, se a incerteza de nossos encontros, o tipo de expectativa constante de que ele virá hoje ou amanhã e a qualquer hora, pode não ser mais amigável à felicidade do que tê-lo realmente em casa. Penso que seja assim. Penso que é o estado de espírito que proporciona mais ânimo e deleite. Espero que a senhora fique satisfeita com meu filho. Ele é geralmente considerado um jovem bonito, mas não espere um prodígio. A parcialidade da senhora Weston por ele é muito grande e, como pode supor, é muito gratificante para mim. Ela acha que ninguém chega à altura dele.

– E garanto-lhe, senhor Weston, que tenho muito pouca dúvida de que minha opinião será decididamente a favor do seu filho. Ouvi muita coisa em louvor ao senhor Frank Churchill. Ao mesmo tempo, é justo observar que sou uma daquelas que sempre julgam por si mesmas e não são de forma alguma implicitamente guiadas pelos outros. Digo-lhe que ao ver seu filho devo estabelecer meu julgamento sobre ele, e não sou dada a lisonjas.

O senhor Weston estava pensando.

– Espero – disse ele, então – não ter sido severo com a pobre senhora Churchill. Se ela estiver doente, eu lamentaria ter cometido uma injustiça. Mas existem alguns traços em seu caráter que dificultam falar dela com a

tolerância que eu poderia desejar. Senhora Elton, acho que a senhora não pode ser ignorante sobre a minha conexão com a família, nem sobre o tratamento que recebi e, cá entre nós, toda a culpa deve ser depositada nela. Ela foi a instigadora. A mãe de Frank nunca teria sido menosprezada como o senhor foi pela senhora Churchill. O senhor Churchill tem orgulho, mas o orgulho dele não é nada perto do da esposa: o dele é um tipo discreto, indolente e cavalheiro que não faria mal a ninguém e só o torna um pouco impotente e cansativo. Mas o orgulho dela é arrogância e insolência! E o que nos faz considerar menos suportável, ela não tem uma pretensão justa de família ou sangue. Ela não era ninguém quando se casaram, apenas a filha de um cavalheiro, mas desde que ela se transformou em uma Churchill, superou todos eles em reivindicações altas e poderosas: mas em si mesma, eu lhe asseguro, ela é uma iniciante.

– Apenas pense! Bem, isso deve ser infinitamente provocador! Tenho um horror enorme a alpinistas sociais. Maple Grove me deu um profundo desgosto por pessoas desse tipo, pois há uma família naquela região que é tão irritante para meu irmão e irmã pelos ares que eles se dão! Sua descrição da senhora Churchill me fez pensar neles imediatamente. Pessoas de nome Tupman, muito recentemente se estabeleceram lá, incumbidos com tantas conexões inferiores, mas se dando ares imensos e esperando estar equiparados às famílias antigas. Um ano e meio é o máximo que eles podem ter vivido em West Hall e como conseguiram sua fortuna, ninguém sabe. Eles vieram de Birmingham, que não é um lugar para prometer muito, o senhor sabe, senhor Weston. Não se tem grandes esperanças vindas de Birmingham. Eu sempre digo que há algo desagradável no som: mas nada mais se sabe positivamente dos Tupman, embora se suspeitem, eu lhe asseguro, de muitas coisas. E, ainda assim, por seus modos, eles evidentemente se acham equivalentes até mesmo ao meu irmão, o senhor Suckling, que acontece de ser um de seus vizinhos mais próximos. É infinitamente ruim. O senhor Suckling, que é um residente de Maple Grove há onze anos, que pertenceu ao pai dele antes, eu acredito, pelo menos. Tenho quase certeza de que o velho senhor Suckling havia completado a compra antes de sua morte.

Eles foram interrompidos. O chá estava sendo servido, e o senhor

Weston, tendo dito tudo o que queria, logo aproveitou a oportunidade para ir embora.

Depois do chá, o senhor e a senhora Weston e o senhor Elton sentaram-se com o senhor Woodhouse para jogar cartas. Os cinco restantes foram deixados por conta própria, e Emma duvidou que se dariam muito bem, pois o senhor Knightley parecia pouco disposto a conversar. Já a senhora Elton estava querendo atenção, que ninguém tinha inclinação a dar, e ela se encontrava em tal agitação de espíritos que a fariam preferir ficar em silêncio.

O senhor John Knightley provou ser mais falador que o irmão. Ele deveria deixá-los cedo no dia seguinte; e logo começou com:

– Bem, Emma, não acredito que eu tenha mais nada a dizer sobre os meninos, mas você tem a carta de sua irmã, e tudo está escrito lá em plena forma, podemos ter certeza. Minha indicação seria muito mais concisa que a dela, e provavelmente não no mesmo espírito e tudo o que tenho a recomendar se resume a: não os mimar e não lhes dar remédios.

– Tenho grandes esperanças de satisfazer a ambos – disse Emma –, pois farei tudo ao meu alcance para deixá-los felizes, o que será suficiente para Isabella e a felicidade deve impedir a falsa indulgência e os remédios.

– E se eles derem trabalho, você deverá enviá-los para casa novamente.

– Isso é muito provável. O senhor acha, não acha?

– Espero ter consciência de que eles possam ser barulhentos demais para o seu pai, ou até mesmo de algum ônus para você, se seus compromissos de visita continuarem aumentando tanto quanto nos últimos tempos.

– Aumentar!

– Certamente, você deve ter ciência de que o último semestre fez uma grande diferença no seu modo de vida.

– Diferença! Não, de fato não estou ciente.

– Não há dúvida de que você está muito mais envolvida socialmente do que antes. Testemunhe este exato momento. Aqui estou eu, vindo para passar apenas um dia, e você está com um jantar marcado! Quando isso aconteceu antes, ou algo assim? Seus vizinhos estão aumentando em número, e você se mistura mais com eles. Há pouco tempo, todas as cartas de Isabella traziam um relato de novas alegrias, jantares na casa do senhor

Cole ou bailes na Crown. A diferença que Randalls, apenas Randalls faz em suas atividades, é muito grande.

– Sim – disse o irmão rapidamente –, Randalls é a causa de tudo isso.

– Muito bem, e como Randalls, suponho, provavelmente não tem menos influência do que antes, parece-me uma coisa possível, Emma, que Henry e John às vezes atrapalhem. E se atrapalharem, eu apenas imploro que você os envie para casa.

– Não! – exclamou o senhor Knightley. – Isso não precisa ser a consequência.

Que eles sejam enviados para Donwell. Eu certamente estarei livre.

– Dou a minha palavra! – exclamou Emma. – O senhor me diverte! Gostaria de saber quantos dos meus numerosos compromissos ocorrem sem a sua participação no grupo e por que devo correr o risco de me faltar tempo livre para cuidar dos garotinhos. Esses meus incríveis compromissos, quais têm sido? Jantar uma vez com os Cole, discutir um baile que nunca aconteceu. Eu posso entendê-lo – ela disse, acenando com a cabeça para o senhor John Knightley –, posso entender que sua boa sorte em me encontrar com tantos dos seus amigos aqui de uma só vez o deleite tanto para passar despercebido. Mas o senhor – ela continuou agora voltando para o senhor Knightley –, que sabe como é muito, muito raro que eu me afaste duas horas que sejam de Hartfield, por que o senhor prevê essa série de distrações para mim, eu não posso imaginar. E quanto aos meus queridos garotinhos, devo dizer, que se a tia Emma não tiver tempo para eles, não acho que se sairiam muito melhor com o tio Knightley, que está ausente de casa cerca de cinco horas, quando ela fica ausente apenas uma, e quem, quando está em casa, ou está lendo para si ou cuidando da contabilidade.

O senhor Knightley parecia estar tentando não sorrir; e conseguiu sem dificuldade, quando a senhora Elton começou a falar com ele.

. Piquet é um jogo de troca de cartas, combinações e de trapaças muito antigo, que existe desde o século XV, em que o objetivo é fazer mais pontos que o oponente. (N.R.)

. É um espécie de piano pequeno, anterior ao cravo. (N. R.)

. Um *barouche-landau* é uma carruagem grande, aberta e de quatro rodas, pesada e luxuosa, puxada por dois cavalos. Estava na moda ao longo do século XIX. Seu corpo oferece assentos para quatro passageiros, dois no banco de trás e dois atrás do banco alto do cocheiro. Um teto de

couro pode ser elevado para dar aos passageiros do banco de trás alguma proteção contra as intempéries. (N.R.)

Volume III

Capítulo 1

Uma minúscula reflexão serena foi suficiente para satisfazer Emma em relação à natureza de sua agitação ao ouvir essa notícia de Frank Churchill. Ela foi logo convencida de que não era, de forma alguma, por si própria que estava se sentindo apreensiva ou envergonhada, era por ele. Seu próprio vínculo tinha de fato se reduzido a um mero nada, não valia a pena pensar naquilo, mas se ele, que tinha sido sempre, sem dúvida, o mais apaixonado dos dois, fosse retornar com o mesmo entusiasmo de sentimento que havia levado, seria muito angustiante. Se uma separação de dois meses não o tivesse acalmado, havia perigos e crueldades diante dela: cautela para ambos seria necessário. Ela não tinha a intenção de ter suas próprias afeições emaranhadas de novo, e lhe caberia evitar qualquer encorajamento da parte dele.

Emma desejava ser capaz de contê-lo de fazer uma declaração absoluta. Aquilo seria uma conclusão tão profundamente dolorosa da relação atual entre eles! E, mesmo assim, ela não conseguia evitar antecipar algo decisivo. Sentia como se a primavera não fosse passar sem trazer uma crise, um evento, alguma coisa para alterar seu atual estado sereno e tranquilo.

Não demorou muito, embora mais do que o senhor Weston tinha previsto, até que Emma tivesse o poder de formar alguma opinião sobre os sentimentos de Frank Churchill. A família de Enscombe não retornou à cidade tão cedo quanto imaginara, mas ele estava em Highbury logo após. Cavalgou por algumas horas, não poderia fazer mais do que isso até então, mas enquanto ele veio de Randalls imediatamente a Hartfield, Emma pôde então exercitar toda sua capacidade de rápida observação e determinar depressa como ele estava influenciado e como ela deveria agir. Cumprimentaram-se com a maior das afabilidades. Não poderia haver nenhuma dúvida sobre o grande prazer dele em vê-la. Mas Emma teve uma dúvida quase instantânea sobre o apreço por ela ser o mesmo que ele

tivera antes, sobre ele sentir a mesma ternura no mesmo grau. Ela o observou bem. Era uma coisa clara que ele estava menos apaixonado do que estivera antes. A ausência, com a provável convicção da indiferença dela, tinha produzido esse efeito muito natural e muito desejável.

Frank Churchill estava bem-humorado, pronto para conversar e rir como nunca, e parecia satisfeito em falar de sua visita anterior e retornar a velhas histórias: e ele não estava livre de agitação. Não era em sua calma que Emma lia a diferença comparativa. Ele não estava calmo e sua alma estava evidentemente vibrando e havia uma inquietação. Apesar de estar animado, parecia ser uma animação que não o satisfazia, mas o que determinou a opinião dela sobre o assunto foi o fato de ele ficar apenas um quarto de hora e sair apressadamente para fazer outras visitas em Highbury. Ele tinha visto um grupo de velhos conhecidos na rua enquanto passava, porém ele não tinha parado, não pararia para mais do que uma palavra, mas teve a vaidade de pensar que ficariam decepcionados se ele não lhes fizesse uma visita, e por mais que desejasse permanecer mais tempo em Hartfield, precisava sair correndo.

Emma não tinha dúvida em relação a Frank Churchill estar menos apaixonado, mas nem o seu ânimo agitado nem a partida apressada pareciam uma cura perfeita e ela estava um tanto inclinada a pensar que isso implicava um temor por parte dele de estar novamente sobre os seus poderes, e uma discreta resolução de não confiar em si perto dela por muito tempo.

Essa foi a única visita de Frank Churchill no curso de dez dias. Ele estava frequentemente esperando, pretendendo vir, mas era sempre impedido. Sua tia não podia suportar vê-lo deixando-a. Isso foi o que ele mesmo disse em Randalls. Se ele fosse totalmente sincero, se de fato tentasse vir, deveria ser inferido que o deslocamento da senhora Churchill para Londres não tinha

servido de nada quanto à parte caprichosa ou nervosa do transtorno dela. Era muito certo que estivesse realmente doente; ele havia declarado estar convencido disso em Randalls. Embora muito pudesse ser capricho, ele não poderia duvidar, ao olhar para trás, de que ela estava em um estado

mais debilitado de

saúde do que estivera meio ano antes. Ele não acreditava que se originasse de algo que cuidados e a medicina não pudessem remover, ou pelo menos que ela pudesse não ter muitos anos de existência à sua frente, mas não conseguia ser persuadido por todas as dúvidas de seu pai a dizer que as queixas dela

fossem meramente imaginárias, ou que ela estivesse forte como sempre.

Logo pareceu que Londres não seria o lugar para ela. A senhora Churchill não conseguia suportar o barulho. Seus nervos estavam sob contínua irritação e sofrimento; e ao final de dez dias, a carta de seu sobrinho a Randalls comunicou uma mudança de planos. Eles se transfeririam imediatamente para Richmond. À senhora Churchill recomendou-se a habilidade médica de uma pessoa iminente de lá e, além disso, ela gostava do lugar. Uma casa já mobiliada em um local favorito foi arranjada, e muito benefício se esperava com a mudança.

Emma ficou sabendo que Frank escreveu com o melhor dos ânimos sobre esse acerto e parecia apreciar plenamente a bênção de ter dois meses à frente dele com tamanha proximidade com muitos amigos queridos, pois a casa foi reservada para maio e junho. Disseram a ela que agora ele escrevia com a maior confiança de que estaria com eles frequentemente, quase com tanta frequência quanto poderia até mesmo desejar.

Emma viu como o senhor Weston entendia essas perspectivas alegres. Ele a estava considerando como a fonte de toda a felicidade que elas ofereciam. Ela esperava que não. Dois meses deveriam provar quem tinha razão.

A própria felicidade do senhor Weston era indiscutível. Ele estava completamente satisfeito. Era a circunstância exata que ele poderia ter desejado. Agora, isso significava de fato ter Frank nas redondezas. O que eram quinze quilômetros para um jovem? Uma hora cavalgando. Ele estaria sempre visitando-os. A disparidade entre Richmond e Londres em relação a isso era suficiente para fazer a enorme diferença entre vê-lo sempre e nunca vê-lo. Vinte e cinco quilômetros, não, vinte e nove,

deveriam ser vinte e nove quilômetros completos até Manchester Street: eram um sério obstáculo. Se ele fosse capaz de sair, o dia seria gasto vindo e voltando. Não havia nenhum conforto em tê-lo em Londres, ele poderia igualmente estar em Enscombe, mas Richmond era a distância perfeita para uma relação fácil. Melhor do que mais perto!

Uma coisa boa foi imediatamente tornada certa por essa remoção: o baile na Crown. Não havia sido esquecido antes, mas reconheceu-se logo que seria em vão tentar fixar um dia. Agora, entretanto, era certo que ocorreria; cada preparativo foi retomado, e logo depois que os Churchill tinham se transferido para Richmond, algumas linhas por parte de Frank para dizer que sua tia já se sentia muito melhor em razão da mudança e que ele não tinha dúvidas de que conseguiria juntar-se a eles durante vinte e quatro horas a qualquer momento induziram-nos a designar o dia que fosse o mais próximo possível.

O baile do senhor Weston de fato aconteceria. Muitos poucos amanhã separavam a juventude de Highbury da felicidade.

O senhor Woodhouse estava resignado. O período do ano abrandou a maldade do evento para ele. Maio era melhor do que fevereiro para qualquer coisa. A senhora Bates estava empenhada em passar a noite em Hartfield, James soube no tempo devido, e ele esperava com otimismo que não houvesse nada de errado nem com o querido pequeno Henry nem com o querido pequeno John enquanto a querida Emma estivesse ausente.

Capítulo 2

Nenhuma desgraça aconteceu para evitar que o baile ocorresse. O dia se aproximou, e, após uma manhã de ansiosa observação, Frank Churchill, em toda a segurança de si mesmo, aproximou-se de Randalls antes do jantar, e tudo estava acertado.

Ainda não houvera um segundo encontro entre ele e Emma. O salão na Crown o testemunharia, mas seria melhor do que um encontro ordinário em uma multidão. O senhor Weston havia sido tão veemente em seus apelos para ela chegar lá tão rapidamente quanto possível depois deles com o propósito de ter a opinião dela a respeito da adequação e conforto

dos cômodos antes que qualquer outra pessoa viesse, que ela não poderia não aceitar seu pedido e deveria, portanto, passar um certo período tranquilo na companhia do jovem. Ela levaria Harriet, e eles se dirigiram a Crown no momento certo; o grupo de Randalls adiantado em relação a eles apenas o tempo suficiente.

Frank Churchill parecia estar à espreita, e, embora não dissesse muito, seus olhos declaravam que ele pretendia ter uma noite prazerosa. Eles todos andaram pela estalagem juntos para ver se tudo estava como deveria e dentro de alguns minutos uniram-se ao conteúdo de outra carruagem, cujo barulho Emma não conseguiu ouvir no início, sem grande surpresa. “Tão injustificadamente adiantados!” ela exclamaria, mas em seguida descobriu que era uma família de velhos amigos que estavam vindo, como ela mesma, por uma vontade especial, para ajudar na avaliação do senhor Weston e foram seguidos tão imediatamente por outra carruagem de primos, a quem suplicaram para vir cedo com a mesma veemência peculiar, na mesma viagem, que parecia que metade dos convidados poderia logo ser reunida com a finalidade de inspeção preparatória.

Emma percebeu que seu bom gosto não seria o único do qual o senhor Weston dependia e sentiu que ser a favorita e íntima de um homem que tinha tantos íntimos e pessoas de confiança não era a primeiríssima distinção na escala da vaidade. Ela gostava dos modos francos dele, mas um pouco menos de franqueza teria feito dele uma personagem mais elevada. Benevolência geral, mas não amizade geral, tornava um homem o que ele deveria ser. Ela poderia gostar de um homem assim.

O grupo inteiro andou pelos salões, e olhou, e enalteceu de novo: e então, não tendo mais nada a fazer, formou uma espécie de semicírculo em torno da lareira, para observar de seus vários modos até que outros assuntos fossem iniciados que, embora fosse maio, uma lareira durante a noite ainda era muito agradável.

Emma descobriu que não era culpa do senhor Weston o fato de o número de conselheiros particulares não ser maior ainda. Eles haviam parado à porta da senhora Bates para oferecer o uso da carruagem deles, mas a tia e a sobrinha seriam trazidas pelos Elton.

Frank estava em pé ao lado dela, mas não com firmeza; havia uma

inquietação que mostrava uma mente desconfortável. Ele estava olhando ao redor, ele estava indo à porta, ele estava prestando atenção no som de outras carruagens, impaciente, para começar, ou mesmo com medo de estar sempre perto dela.

Mencionou-se a senhora Elton:

– Acho que ela deve estar aqui em breve – disse ele. – Tenho uma grande curiosidade de ver a senhora Elton, ouvi falar tanto dela. Não deve demorar, creio eu, até que ela chegue.

Ouviu-se uma carruagem. Ele pôs-se a andar imediatamente; mas voltando, disse:

– Estou esquecendo que não tenho intimidade com ela. Nunca vi nem o senhor nem a senhora Elton. Não tenho assunto para me apresentar.

O senhor e a senhora Elton apareceram; e todos os sorrisos e cerimônias passaram.

– Mas e a senhorita Bates e a senhorita Fairfax? – disse o senhor Weston, olhando ao redor. – Achávamos que as trariam.

O erro havia sido pequeno. A carruagem foi enviada para elas naquele momento. Emma ansiava por saber qual seria a primeira opinião de Frank sobre a senhora Elton; como ele seria afetado pela elegância estudada de seu vestido e seus sorrisos de graciosidade. Ele estava imediatamente se qualificando para formar uma opinião, dando-lhe atenção muito apropriada, depois que a apresentação terminara.

Em poucos minutos, a carruagem retornou. Alguém falou em chuva.

– Vou cuidar para que haja guarda-chuvas, senhor – disse Frank a seu pai.
– A senhorita Bates não deve ser esquecida – completou ele e afastou-se.

O senhor Weston foi em seguida, mas a senhora Elton o deteve para dar-lhe o prazer da opinião dela sobre seu filho e tão vigorosamente ela começou que o próprio rapaz, embora não se movendo de forma alguma devagar, mal podia deixar de escutar.

– De fato, um ótimo rapaz, senhor Weston. O senhor sabe que eu lhe disse com sinceridade que eu deveria formar minha própria opinião e fico feliz em dizer que estou extremamente satisfeita com ele. Pode acreditar em mim. Eu nunca faço elogios. Acho que ele é um moço muito bonito, e seus modos são exatamente o que aprecio e aprovo: o autêntico cavalheiro, sem

a menor presunção ou a infantilidade dos filhotes. O senhor deve saber que tenho uma enorme repulsa a filhotes de cachorro, um total horror. Eles nunca foram tolerados em Maple Grove. Nem o senhor Suckling nem eu, jamais tivemos paciência alguma com eles; e às vezes costumávamos dizer coisas mordazes! Selina, que é suave a ponto de isso ser quase um defeito, tinha muito mais paciência.

Enquanto ela falava do filho dele, a atenção do senhor Weston estava acorrentada; mas quando ela tocou no assunto de Maple Grove, ele pôde lembrar que havia moças acabando de chegar com quem precisava conversar e que, com sorrisos felizes, deveria se apressar.

A senhora Elton virou-se para a senhora Weston.

– Não tenho dúvida de que é a nossa carruagem com a senhorita Bates e Jane. Nosso cocheiro e cavalos são extremamente eficientes! Acho que conduzimos mais rapidamente do que qualquer um. Que prazer é mandar sua própria carruagem para um amigo! Entendo que foi muito bondoso de sua parte oferecer, mas em outro momento será totalmente desnecessário. Pode estar certíssima de que vou sempre cuidar delas.

As senhoritas Bates e Fairfax entraram no salão, acompanhadas pelos dois cavalheiros; e a senhora Elton pareceu considerar que seria sua obrigação, tanto quanto da senhora Weston, recebê-las. Seus gestos e movimentos poderiam ser compreendidos por qualquer um que assistisse à cena como um espectador, como Emma; mas as palavras dela, as palavras de todo mundo ficaram logo perdidas sob o fluxo incessante da senhorita Bates, que entrou falando, e ainda não tinha terminado seu discurso depois de muitos minutos de ser admitida no círculo perto da lareira. Quando a porta se abriu, foi possível ouvi-la dizendo:

– Quanta gentileza da sua parte! Nenhuma chuva. Nada de significativo. Não me importo comigo mesma. Sapatos bastante grossos. E Jane declara... Bem! – e continuou, assim que ficou do lado de dentro da porta: – Bem! Isto de fato é brilhante! Isto é admirável! Magnificamente elaborado, dou-lhe minha palavra. Nada a desejar. Eu não poderia ter imaginado. Tão bem iluminado! Jane, Jane, veja! Já tinha visto algo assim? Oh, senhor Weston, o senhor deve mesmo ter tido a lâmpada do Aladim! A boa senhora Stokes não reconheceria o próprio salão. Eu a vi

quando entrei; ela estava parada na entrada. “Oh, senhora Stokes!”, disse eu, mas não tive tempo para mais nada.

Agora ela foi recebida pela senhora Weston.

– Muito bem, eu lhe agradeço, senhora. Espero que esteja muito bem. Fico feliz em escutar isso. Tanto medo de que a senhora pudesse ter uma dor de cabeça! Vendo-a passar tão frequentemente e sabendo quantos problemas deve ter. De fato, fico feliz em ouvir isso. Ah! Cara senhora Elton, tão grata à senhora pela carruagem! Tempo excelente. Jane e eu, totalmente prontas. Não seguramos os cavalos um momento sequer. Carruagem mais confortável possível. Oh! E tenho certeza de que nossos agradecimentos são devidos à senhora, senhora Weston, neste domínio. A senhora Elton, muito gentilmente, tinha enviado um recado a Jane, ou nós deveríamos ter mandado. Mas duas ofertas assim em um dia! Nunca houve vizinhos assim.

Eu disse à minha mãe, “Dou-lhe minha palavra, senhora”. Obrigada, minha mãe está muitíssimo bem. Foi à casa do senhor Woodhouse. Eu a fiz levar o xale, pois as noites não estão quentes, o xale grande novo dela (presente de casamento da senhora Dixon). Foi tão generoso da parte dela pensar em minha mãe! Foi comprado em Weymouth, a senhora sabe, escolha do senhor Dixon. Havia três outros, Jane disse, sobre os quais eles hesitaram por um tempo. O coronel Campbell preferia um oliva. Minha querida Jane, tem

certeza de que não molhou seus pés? Não foi nada além de uma ou outra gota, mas tenho tanto medo: porém, o senhor Frank Churchill foi extremamente... e havia um tapete no qual se pisar... nunca vou esquecer a educação extrema dele. Oh, senhor Frank Churchill! Devo dizer-lhe que os óculos de minha mãe nunca tiveram um defeito desde então; o rebite nunca saiu de novo. Minha mãe fala com frequência do seu bom caráter. Não fala, Jane? Nós não falamos com frequência do senhor Frank Churchill? Ah! Aqui está a senhorita Woodhouse. Cara senhorita Woodhouse, como tem passado? Muito bem, obrigada, bastante bem. Isso é realmente encontrar-se no reino das fadas! Que transformação! Não devo elogiar, eu sei – disse ela, encarando

Emma com a máxima complacência –, seria rude... Mas dou-lhe minha palavra, senhorita Woodhouse, está parecendo... o que achou do cabelo de Jane? A senhorita é uma juíza. Ela o fez sozinha. Totalmente maravilhoso como ela faz o próprio cabelo! Acho que nenhum cabeleireiro de Londres conseguiria. Ah! O doutor Hughes, afirmo... e a senhora Hughes. Preciso ir falar com o doutor e com a senhora Hughes por um momento. Como vai

o senhor? Como vai a senhora? Muito bem, obrigada. Isso é encantador, não é? Onde está o caro senhor Richard? Oh! Lá está ele. Não o incomode. Muito melhor empregado conversando com as jovens. Como vai, senhor Richard? Eu o vi outro dia quando o senhor cavalgava pela cidade... senhora Otway, eu protesto! E o bom senhor Otway, e senhorita Otway e senhorita Caroline. Que multidão de amigos! E o senhor George e o senhor Arthur! Como vão? Como vão todos? Muito bem, sou muito grata a todos. Nunca melhor. Não estou escutando outra carruagem? Quem pode ser? Muito provavelmente os valorosos Cole. Dou-lhe minha palavra, é encantador isso, estar aqui entre amigos como estes! E uma lareira tão notável! Estou um tanto assada. Nada de café para mim, obrigada; nunca tomo café. Um pouco de chá, por favor, senhor, daqui a pouco... Sem pressa... Oh! Aqui está. Tudo tão bom!

Frank Churchill retornou ao seu posto perto de Emma; e assim que a senhorita Bates ficou quieta, ela viu-se necessariamente ouvindo sem querer o diálogo da senhora Elton e da senhorita Fairfax, que estavam um pouco atrás dela. Ele estava pensativo. Se estava ouvindo também, ela não podia determinar. Após uns bons elogios a Jane pelo vestido e pela aparência, elogios estes aceitos com muita discrição e decoro, a senhora Elton estava evidentemente querendo receber elogios ela mesma; e foi um tal de “O que acha do meu vestido? O que acha da minha passamanaria? Como Wright fez meu cabelo?”, com muitas outras perguntas relacionadas, todas respondidas com cortesia paciente. A senhora Elton então disse:

– Ninguém sabe menosprezar trajes em geral mais do que eu, mas em

uma ocasião como esta, quando os olhos de todos ficam tão sobre mim, e como um elogio aos Weston, os quais, não tenho dúvida, estão oferecendo este baile principalmente para fazer honras a mim... Eu não desejaria ser inferior aos outros. E vejo pouquíssimas pérolas no salão além das minhas. Então Frank Churchill é um exímio dançarino, pelo que sei. Veremos se nossos estilos são compatíveis. Um ótimo rapaz certamente é Frank Churchill. Gosto muito dele.

Neste momento, Frank começou a falar com tanto vigor que Emma não conseguiu deixar de pensar que ele tinha escutado os elogios a ele dirigidos e não queria ouvir mais; e as vozes das mulheres ficaram submersas por um instante, até que outra suspensão trouxe os tons da senhora Elton de volta à superfície. O senhor Elton havia acabado de juntar-se a elas, e sua esposa estava exclamando:

– Oh, o senhor nos descobriu afinal, em nosso isolamento, não foi? Eu estava dizendo a Jane neste momento, pensei que o senhor fosse começar a ficar impaciente por notícias nossas.

– Jane! – repetiu Frank Churchill, com um olhar de surpresa e desgosto.

– Isso é intimidade; mas a senhorita Fairfax não desaprova, creio eu.

– O que acha da senhora Elton? – disse Emma com um sussurro.

– Não gosto nem um pouco dela.

– O senhor é ingrato.

– Ingrato? O que quer dizer com isso? – E completou, mudando de uma expressão fechada para um sorriso: – Não, não me diga, não quero saber o que a senhorita quer dizer. Onde está meu pai? Quando vamos começar a dançar?

Emma mal podia entendê-lo e ele parecia estar com um humor estranho. Ele afastou-se para encontrar o pai, mas retornou rapidamente com o senhor e a senhora Weston. Ele os encontrara em um estado de certa perplexidade, que devia ser apresentada a Emma. Acabara de ocorrer à senhora Weston que a senhora Elton deveria ser solicitada a iniciar o baile, o que atrapalhou todos os desejos deles de dar tal distinção a Emma, que ouviu a triste verdade com coragem.

– E o que faremos para arranjar-lhe um parceiro apropriado? – disse o

senhor Weston. – Ela vai pensar que Frank deveria convidá-la para dançar.

Frank virou-se instantaneamente para Emma para reivindicar dela a promessa anterior e exibiu-se como um homem comprometido, o que seu pai olhou com a mais perfeita aprovação – e então pareceu que a senhora Weston estava querendo que ele mesmo dançasse com a senhora Elton, e que sua atividade era ajudar a persuadi-lo a fazer isso, o que foi executado logo em seguida. O senhor Weston e a senhora Elton abriram caminho, o senhor Frank Churchill e a senhorita Woodhouse seguiram-no. Emma tinha de submeter-se a ficar em segundo plano para a senhora Elton, embora ela sempre tivesse considerado o baile como especialmente feito para ela. Era quase o suficiente para fazê-la pensar em casar-se.

A senhora Elton tinha a vantagem nesse momento, sem dúvida, em vaidade completamente gratificada; pois embora tivesse pretendido começar com Frank Churchill, não poderia perder com a mudança. O senhor Weston poderia ser o superior de seu filho. Entretanto, apesar desse pequeno atrito, Emma estava sorrindo de alegria, satisfeita em ver a respeitável extensão do conjunto à medida que ia se formando, e em sentir que ela tinha tantas horas de festividade incomum à frente. Estava mais incomodada com o fato de o senhor Knightley não estar dançando do que com qualquer outra coisa. Ali estava ele, entre os espectadores, onde não deveria estar, pois deveria estar dançando, não classificando a si mesmo com os maridos, pais e jogadores de uíste, que estavam fingindo um interesse na dança até que seus três jogos fossem completados. Jovem do jeito que parecia! Ele não poderia ter aparecido como tendo uma maior vantagem, talvez em lugar algum, do que onde ele havia se colocado. Sua figura alta, firme, ereta, entre as formas volumosas e ombros abaixados dos homens velhos era tal que Emma sentiu que ele podia atrair os olhares de todos; e, exceto pelo parceiro dela própria, não havia um único homem na fila inteira de jovens que poderia ser comparado a ele. Ele moveu-se alguns passos em direção a ela, e aqueles poucos passos foram suficientes para provar de que maneira cavalheiresca, com que graça natural, ele deveria ter dançado se ele tivesse feito o esforço de fazê-lo. Sempre que seus olhares se encontravam, ela o forçava a sorrir, mas em geral ele estava com uma aparência séria. Ela queria que ele apreciasse mais um

salão de baile, e gostasse mais de Frank Churchill. Ele parecia estar frequentemente observando-a. Ela não deveria lisonjear-se com o fato de que ele pensava nela dançando, mas se ele estivesse criticando o comportamento dela, ela não temeria. Não havia nada de flerte entre ela e seu parceiro. Eles pareciam mais amigos alegres e confortáveis um com o outro do que enamorados. Que Frank Churchill a menosprezava mais agora do que antes, era indiscutível.

O baile prosseguiu agradavelmente. Os cuidados ansiosos e as atenções incessantes da senhora Weston não foram em vão. Todos pareciam felizes e o elogio de ser um baile maravilhoso, o que raramente se concede até que um baile se acabe, foi feito repetidamente bem no comecinho. Em relação a eventos muito importantes, muito memoráveis, não foi mais produtivo do que tais reuniões em geral o são. Houve um evento, entretanto, sobre o qual Emma pensou algo. As duas últimas danças antes da ceia foram iniciadas, e Harriet não tinha um parceiro, era a única jovem sentada e tão igual tinha sido o número de pessoas dançando até então, que era de se admirar como podia haver uma sem par! Mas a admiração de Emma diminuiu logo em seguida, ao ver o senhor Elton andando devagar pelo salão. Ele não tiraria Harriet para dançar se fosse possível evitar: ela tinha certeza de que não o faria, e estava esperando a todo momento que ele escapasse para o salão de jogos.

Escapar, porém, não era o seu plano. Ele foi até a parte do salão onde ficaram reunidas as pessoas que estavam sentadas, conversou com algumas e ficou andando na frente delas, como se quisesse mostrar sua liberdade e sua resolução de mantê-la. Ele não omitia o fato de estar exatamente diante da senhorita Smith em certos momentos, ou falar com aqueles que estavam próximos dela. Emma viu. Ainda não estava dançando, vinha vindo do fundo do salão, e tinha, portanto, a chance de olhar ao redor, e apenas girando a cabeça um pouco ela viu tudo. Quando estava a meio caminho da cena, o grupo inteiro estava exatamente atrás dela, e ela não mais permitiria aos seus olhos observar, mas o senhor Elton estava tão próximo que ela ouviu cada sílaba de um diálogo que ocorreu bem naquele momento entre ele e a senhora Weston e percebeu que a sua esposa, que estava em pé imediatamente acima dela, não apenas ouvia

também, mas até mesmo encorajava-o, lançando-lhe olhares expressivos. A bondosa e gentil senhora Weston havia deixado seu lugar para unir-se a ele e dizer:

– O senhor não dança, senhor Elton?

A que a resposta imediata foi:

– O mais prontamente possível, senhora Weston, se a senhora quiser dançar comigo.

– Eu! Oh, não! Eu lhe arranjaría uma parceira melhor do que eu mesma. Não danço tão bem assim.

– Se a senhora Gilbert desejar dançar – disse ele –, terei o enorme prazer, tenho certeza, pois, embora eu esteja começando a sentir-me um tanto quanto um velho homem casado, e que meus dias de dançar acabaram-se, dar-me-ia um grande prazer acompanhar uma velha amiga como a senhora Gilbert em qualquer momento.

– A senhora Gilbert não pretende dançar, mas há uma jovem sem par que me deixaria muito alegre se eu a visse dançando: a senhorita Smith.

– A senhorita Smith! Oh! Eu não tinha observado... A senhora é extremamente prestativa... e se eu não fosse um velho casado... Mas meus dias de dançarino já acabaram, senhora Weston. Peço desculpas. Eu ficaria muito feliz em atender suas ordens, mas meus dias de dançarino já acabaram.

A senhora Weston não disse mais nada e Emma podia imaginar com que surpresa e mortificação ela devia estar retornando ao seu lugar. Esse era o senhor Elton! O amável, prestativo e gentil senhor Elton. Ela olhou ao redor por um momento; ele havia se juntado ao senhor Knightley a uma pequena distância, e estava se preparando para uma conversa estabelecida, enquanto sorrisos de grande contentamento passavam por entre ele e sua esposa.

Ela não olharia de novo. Seu coração estava ardendo, e ela temia que seu rosto estivesse tão quente quanto o dele.

Em outro momento, uma visão mais feliz físgou-a: o senhor Knightley conduzindo Harriet ao grupo! Ela nunca havia estado mais surpresa, raramente mais satisfeita, do que naquele instante. Ela era toda deleite e gratidão, tanto por Harriet quanto por ela mesma, e desejava muito

agradecer a ele; e embora estivesse distante demais para falar, seu semblante dizia muito, desde que ela pudesse atrair o olhar dele novamente.

A habilidade dele para dançar provou-se exatamente o que ela acreditava que seria, extremamente boa e Harriet teria parecido quase sortuda demais se não fosse pelo cruel estado das coisas antes e pelo muito completo prazer e elevado senso de distinção que as feições de contentamento dela indicavam. Não era uma questão de descartá-la, ela fez um vínculo mais forte do que sempre houvera, voou mais para o meio e estava num curso contínuo de sorrisos.

O senhor Elton havia se refugiado no salão de jogos, parecendo (assim acreditava Emma) muito tolo. Ela não pensava que ele fosse tão insensível quanto sua esposa, embora estivessem ficando muito parecido, ela falou sobre alguns de seus sentimentos, notando audivelmente ao parceiro dela:

– O senhor Knightley ficou com pena da coitadinha da senhorita Smith! Muito bondoso, eu declaro.

Anunciou-se o jantar. A movimentação começou; e a senhorita Bates poderia ser ouvida a partir daquele momento, sem interrupção, até sentar-se à mesa e pegar sua colher.

– Jane, Jane, minha querida Jane, onde está? Aqui está sua estola. A senhora Weston implora que vista sua estola. Ela diz temer que haja correntes de ar na passagem, embora tudo tenha sido feito: uma porta fechada com pregos, uma grande quantidade de capacho... Minha querida Jane, a senhorita deve, de fato, colocar a estola. Senhor Churchill, oh! O senhor é muito prestativo! Quão bem o senhor a colocou nela! Sou muito agradecida! Excelente dança, realmente! Sim, minha querida, corri em casa, como eu disse que deveria, para ajudar sua vovó a ir dormir, e voltei, e ninguém sentiu a minha falta. Parti sem dizer uma palavra, exatamente como lhe falei. A vovó estava bastante bem, teve uma noite encantadora com o senhor Woodhouse, muito o que conversar e gamão. Fizeram chá no andar de baixo, biscoitos, maçãs assadas e vinho, antes de ela ir embora, uma sorte enorme em alguns dos lances dela, que perguntou muito sobre a senhorita, o quanto estava se divertindo e quem eram seus parceiros. “Oh!”, eu disse, “não vou atrapalhar Jane; eu a deixei dançando com o

senhor George Otway; ela vai adorar contar-lhe tudo ela mesma amanhã: o primeiro parceiro dela foi o senhor Elton, não sei quem vai tirá-la para dançar em seguida, talvez o senhor William Cox”. Meu caro senhor, o senhor é muito prestativo. Não há ninguém que prefira? Não estou desamparada. O senhor é muito gentil. Dou minha palavra, Jane em um braço e eu no outro! Pare, pare, deixe-nos ficar um pouco para trás, a senhora Elton está indo; cara senhora Elton, como está elegante! Que bela renda! Agora nós todas seguimos o caminho dela. Totalmente a rainha da noite! Bem, aqui estamos na passagem. Dois degraus, Jane, tome cuidado com os dois degraus. Oh! Não, só há um. Bem, eu estava convencida de que havia dois. Que estranho! Eu tinha certeza de que havia dois, e não há nada além de um. Nunca vi nada igual em termos de conforto e estilo... Velas por toda parte. Estava lhe contando sobre sua vovó, Jane. Houve uma pequena decepção. As maçãs assadas e os biscoitos, excelentes a seu modo, sabe? Mas havia um delicado fricassê de moleja e uns aspargos trazidos no início, e o bom senhor Woodhouse, acreditando que os aspargos não tivessem sido fervidos o suficiente, devolveu-os todos. Agora, não há nada que a vovó ame mais do que moleja e aspargos, então ela ficou um tanto decepcionada, mas concordamos que não falaríamos sobre aquilo com ninguém, por receio de que chegasse até a querida senhorita Woodhouse, que ficaria extremamente preocupada! Bem, isso é magnífico! Sou toda deslumbramento! Não poderia ter imaginado nada disso! Tanta elegância e profusão! Não vejo nada assim desde... Bem, onde vamos nos sentar? Onde vamos nos sentar? Qualquer lugar, desde que Jane não esteja tomando uma corrente de ar. Onde eu sento não tem importância alguma. Oh! O senhor recomenda este lado? Bem, tenho certeza, senhor Churchill, é apenas que ele parece bom demais, mas como o senhor preferir. O que o senhor comanda nesta casa não pode estar errado. Querida Jane, como vamos nos recordar de metade dos pratos para contar à sua vovó? Sopa também! Minha nossa! Não deveriam me servir tão cedo, mas o cheiro está excelente, e não consigo evitar começar a comer.

Emma não teve oportunidade de falar com o senhor Knightley até depois do jantar, mas quando eles estavam todos no salão de novo, os olhos dela o

convidaram irresistivelmente a vir até ela e receber agradecimentos. Ele foi cordial em sua reprovação da conduta do senhor Elton, tinha sido uma indelicadeza imperdoável e os olhares da senhora Elton também receberam a devida cota de censura.

– Eles pretendiam machucar mais do que Harriet – disse ele. – Emma, por que é que eles são seus inimigos?

Ele olhava com um olhar sorridente e penetrante e, ao não receber resposta alguma, acrescentou:

– Ela não deveria estar furiosa com a senhorita, suspeito eu, qualquer que seja a atitude dele. Sobre esta conjectura, a senhorita não diz nada, é claro, mas confesse, Emma, que realmente queria que ele se casasse com Harriet.

– Eu queria – respondeu Emma –, e eles não conseguem me perdoar.

Ele balançou a cabeça, mas um sorriso de indulgência acompanhou o movimento, e ele apenas disse:

– Não vou repreendê-la. Deixo-a com suas próprias reflexões.

– O senhor consegue confiar em mim com estes bajuladores? Meu espírito alguma vez me diz que estou errada?

– Não o seu espírito frívolo, mas o seu espírito sério. Se o primeiro a conduz por um caminho ruim, estou certo de que o segundo lhe avisa sobre isso.

– Admito a mim mesma ter me equivocado completamente sobre o senhor Elton. Há uma pequenez nele que o senhor descobriu e eu não: e eu tinha plena convicção de que ele estava apaixonado por Harriet. Foi uma sequência de asneiras estranhas!

– E, em retribuição a todo esse reconhecimento, vou ser justo com a senhorita dizendo que teria escolhido melhor por ele do que ele escolheu por si próprio. Harriet Smith tem algumas excelentes qualidades, as quais a senhora Elton não possui em absoluto. Uma moça despretensiosa, determinada e simples. Infinitamente preferível para qualquer homem com juízo e bom gosto em relação a uma mulher como a senhora Elton. Descobri que Harriet é mais sociável do que eu imaginava.

Emma ficou extremamente satisfeita. Eles foram interrompidos pelo frenesi do senhor Weston chamando a todos para começar a dançar de novo.

- Venham, senhorita Woodhouse, senhorita Otway, senhorita Fairfax, o que todas estão fazendo? Venha, Emma, dê o exemplo às suas companheiras. Todo mundo está preguiçoso! Todo mundo está com sono!
- Estou pronta – disse Emma – para quando me quiserem.
- Com quem vai dançar? – perguntou o senhor Knightley.
- Ela hesitou por um momento e então respondeu:
- Com o senhor, se me tirar.
- A senhorita aceita? – disse ele, oferecendo-lhe a mão.
- Aceito, com certeza. O senhor provou que consegue dançar e sabe que não somos assim tão como irmão e irmã a ponto de isso ser tão indecente.
- Irmão e irmã! De fato, não.

Capítulo 3

Esse pequeno esclarecimento com o senhor Knightley deu a Emma um considerável prazer. Foi uma das recordações agradáveis do baile, com que ela se deleitou ao andar pelo gramado na manhã seguinte. Estava extremamente satisfeita por terem chegado a um entendimento tão bom sobre os Elton e com que as opiniões deles, tanto sobre o marido quanto sobre a esposa, fossem tão parecidas; e seu elogio a Harriet, sua concessão em favor dela, eram especialmente gratificantes. A impertinência dos Elton, que por alguns minutos tinha ameaçado arruinar o resto da sua noite, havia sido a ocasião de algumas de suas maiores satisfações e ela aguardava ansiosamente por um outro resultado feliz: a cura da paixão de Harriet. Pela maneira de Harriet falar das circunstâncias antes de eles encerrarem o baile, ela tinha fortes esperanças. Era como se os olhos dela tivessem se aberto de repente, e ela tivesse sido possibilitada de ver que o senhor Elton não era a criatura superior que ela acreditava que fosse. A febre tinha acabado, e Emma podia guardar pouco medo de que o pulso se acelerasse de novo por gentileza prejudicial. Ela contava com os sentimentos maldosos dos Elton para prover toda a disciplina de indicado descaso que poderia ser necessária como um requisito a mais. Harriet sensata, Frank Churchill não tão apaixonado e o senhor Knightley não querendo discutir com ela: que verão extremamente feliz deveria estar à

frente!

Ela não veria Frank Churchill naquela manhã. Ele dissera a ela que não poderia permitir-se o prazer de parar em Hartfield, pois deveria estar em casa até a metade do dia. Ela não lamentou.

Tendo organizado, examinado e resolvido todos esse problemas, ela estava voltando para a casa com os ânimos renovados para as demandas dos dois pequenos garotos, bem como do vovô deles, quando o grande portão de ferro abriu-se e duas pessoas que ela nunca tinha esperado ver juntas entraram: Frank Churchill com Harriet apoiada no seu braço. Sim, Harriet! Um momento bastou para convencê-la de que algo extraordinário tinha acontecido. Harriet parecia branca e amedrontada, e ele estava tentando animá-la. Os portões de ferro e a porta da frente não estavam separados vinte metros, logo estavam todos os três no vestibulo, e Harriet, imediatamente afundando numa cadeira, desmaiou.

Uma jovem que desmaia deve recuperar-se; questões devem ser respondidas e surpresas explicadas. Tais eventos são muito interessantes, mas o suspense não deve durar muito. Alguns minutos deixaram Emma familiarizada com o problema todo.

A senhorita Smith e a senhorita Bickerton, outra pensionista na casa da senhora Goddard, que também tinha ido ao baile, haviam saído juntas e pegado uma estrada, Richmond Road, que, aparentemente pública o suficiente para a segurança, as tinha conduzido a uma inquietação. Mais ou menos um quilômetro e meio além de Highbury, fazendo uma curva súbita e com grandes sombras de olmos em cada um dos lados, ela tornou-se muito inativa por um trecho considerável; e, quando as moças tinham avançado um pouco estrada adentro, subitamente avistaram, a uma pequena distância, em uma parte mais ampla de gramado na lateral da estrada, um grupo de ciganos. Uma criança à espreita veio em direção a elas para pedir e a senhorita Bickerton, excessivamente assustada, deu um grande grito e, pedindo a Harriet para segui-la, escalou correndo um barranco íngreme, removeu uma pequena cerca viva no topo e tentou otimizar o caminho com um atalho de volta a Highbury. Mas a pobre Harriet não conseguiu segui-la. Ela havia sofrido muito com câimbras depois de dançar, e sua primeira tentativa de subir no barranco causou tal

retorno que a deixou absolutamente impotente e, neste estado, e excessivamente aterrorizada, ela fora obrigada a permanecer no local.

Como os andarilhos poderiam ter se comportado se as moças tivessem sido mais corajosas é incerto, mas não se podia resistir a tal convite ao ataque e Harriet foi logo atacada por meia dúzia de crianças, lideradas por uma mulher corpulenta e um garoto grande, todo alvoroçado e de olhar impertinente, embora absolutamente não nas palavras. Mais e mais assustada, ela imediatamente prometeu-lhes dinheiro e, tirando sua bolsa, deu-lhes um xelim e implorou a eles para não pedirem mais nada nem lhe fazer mal. Ela era capaz de andar naquele momento, porém devagar, e estava afastando-se; mas seu terror e sua bolsa eram muito tentadores, e ela foi seguida, ou melhor, cercada, pelo grupo inteiro, que exigia mais.

Foi neste estado que Frank Churchill a tinha encontrado, ela tremendo e estipulando, eles fazendo barulho e sendo insolentes. Por muita sorte, sua saída de Highbury tinha sido adiada, o que o trouxe ao auxílio dela naquele momento crítico. A agradabilidade da manhã o havia induzido a andar até mais adiante e deixar seus cavalos para encontrá-lo em outra estrada, um dois ou três quilômetros além de Highbury, e, tendo tomado emprestado um par de tesouras da senhorita Bates na noite anterior e esquecido de

devolvê-lo, ele tinha sido obrigado a parar na porta dela e entrar por alguns minutos: estava, portanto, mais atrasado do que pretendia; e, estando a pé, não foi visto pelo grupo todo até chegar bem próximo. O terror que a mulher e o menino estiveram criando em Harriet foi então a dose deles mesmos. Frank Churchill os tinha deixado completamente assustados; e Harriet avidamente agarrando-se a ele, e mal conseguindo falar, tinha força suficiente apenas para chegar a Hartfield, antes que seus ânimos fossem completamente vencidos. Foi ideia dele trazê-la a Hartfield: ele não tinha pensado em nenhum outro lugar.

Isso foi a história toda, de acordo com a comunicação dele e de Harriet assim que ela recuperara os sentidos e a fala. Ele não se atreveu a ficar mais do que o necessário para vê-la bem, pois esses vários atrasos deixaram-no sem um único minuto a perder e com Emma envolvida em dar-lhe garantia da segurança de Harriet à senhora Goddard e com o aviso

de que havia tal grupo de pessoas nas vizinhanças ao senhor Knightley, ele partiu, com todas as bênçãos agradecidas que ela podia exprimir por sua amiga e por si mesma.

Uma aventura como esta, um jovem refinado e uma moça adorável colocados juntos de tal forma, dificilmente poderia falhar em sugerir certas ideias ao coração mais frio e ao cérebro mais equilibrado. Era o que Emma achava, pelo menos. Poderia um linguista, poderia um gramático, poderia até mesmo um matemático ter visto o que ela viu, ter testemunhado a imagem deles juntos e ouvido a sua história, sem sentir que as circunstâncias haviam trabalhado para fazê-los especialmente interessantes um ao outro? Quanto tempo mais uma imaginadora, como ela própria, deveria arder com especulações e suposições! Principalmente com tal base de antecipação que sua mente já havia construído.

Era uma coisa muito extraordinária! Nada do tipo tinha ocorrido antes com nenhuma das moças do lugar, até onde ela conseguia lembrar-se, nenhum combate, nenhum alarme semelhante e agora ocorrera com a pessoa certa, na hora certa, quando aconteceu de a outra pessoa certa passar perto para resgatá-la! Com certeza, era muito extraordinário! E sabendo, como ela sabia, o estado mental favorável de cada um neste momento, o episódio abalou-a ainda mais. Ele estava desejando tirar o máximo proveito de sua ligação com ela, que ainda estava se recuperando da fixação pelo senhor Elton. Era como se cada coisa se unisse para prometer as consequências mais interessantes. Não era possível que a ocorrência não devesse estar fortemente recomendando um ao outro.

Na conversa de poucos minutos que ela já havia tido com ele, enquanto Harriet tinha estado parcialmente inconsciente, ele havia falado do terror, da ingenuidade dela, do seu fervor quando ela pegou e agarrou-se ao braço dele com uma sensibilidade entretida e satisfeita e, por fim, depois que o próprio relato de Harriet fora dado, ele tinha expressado sua indignação com a insensatez abominável da senhorita Bickerton nos mais acalorados termos. Entretanto, tudo tomaria seu curso natural, nem impelido nem auxiliado. Ela não aticaria um passo, nem daria uma sugestão. Não, ela já havia tido experiência suficiente com interferências. Não poderia haver mal em um plano, um mero plano passivo. Não era nada mais do que um

desejo. Além deste limite, ela não avançaria de modo algum.

A primeira resolução de Emma foi manter o pai dela sem saber o que tinha se passado, consciente da ansiedade e do alarme que isso ocasionaria: mas ela logo sentiu que a ocultação seria impossível. Em meia hora, o episódio já era conhecido em toda Highbury. Era o evento ideal para atrair aqueles que mais falam, os jovens e os pobres; e todos os jovens e os criados do lugar logo estavam na felicidade de terríveis notícias. O baile da noite anterior parecia perdido nos ciganos. O pobre senhor Woodhouse tremia enquanto se sentava e, conforme Emma tinha previsto, dificilmente ficaria satisfeito sem a promessa deles de que não iriam além dos arbustos de novo. Era de algum conforto para o senhor Woodhouse que muitas perguntas sobre ele e a filha (pois seus vizinhos sabiam que ele adorava que perguntassem dele), bem como sobre a senhorita Smith, viriam durante o resto do dia e ele tinha o prazer de dar como resposta que estavam todos muito indiferentes o que não era exatamente verdade, pois ela estava perfeitamente bem e Harriet não muito diferente disso, mas Emma não interferiria nisso. Ela se sentia abalada por ser a filha de tal homem, pois mal sabia o que era indisposição e se não inventasse uma doença, Emma não poderia figurar em uma mensagem.

Os ciganos não esperaram pelas operações da justiça, então eles partiram às pressas. As moças de Highbury poderiam caminhar em segurança de novo antes que o pânico começasse, e a história toda logo reduziu-se a um assunto de pouca importância, a não ser para Emma e seus sobrinhos: em sua imaginação, ela mantinha sua base, e Henry e John ainda estavam pedindo todos os dias pela história de Harriet e os ciganos, e ainda tenazmente corrigindo-a se ela divergisse o menor detalhe do recital original.

Capítulo 4

Muito poucos dias haviam se passado após essa aventura quando Harriet foi até Emma certa manhã com um pequeno pacote na mão, e depois de sentar-se e hesitar, começou assim:

– Senhorita Woodhouse... se estiver desocupada... tenho algo que gostaria de contar-lhe... uma espécie de confissão a fazer... e então, sabe, estará acabado.

Emma estava um tanto surpresa, mas implorou-lhe que falasse. Havia uma seriedade nos modos de Harriet que a preparou, tanto quanto suas palavras, para algo além do ordinário.

– É meu dever, e estou certa de que seja meu desejo – continuou ela – não ter reservas com a senhorita sobre essa questão. Como felizmente sou uma criatura um tanto quanto modificada em relação a um assunto, é muito adequado que a senhorita tenha a satisfação de sabê-lo. Não quero dizer mais do que é necessário (estou envergonhada demais por ter revelado como o fiz), e atrevo-me a dizer que a senhorita me entende.

– Sim – disse Emma –, espero que eu entenda.

– Como pude enganar-me por tanto tempo? – gritou Harriet, acalora-

damente. – Parece loucura! Não consigo ver absolutamente nada de extraordinário nele agora. Não me importa se vou encontrar-me com ele ou não (exceto pelo fato de que entre as duas opções prefiro não vê-lo), e de fato eu percorreria qualquer distância para evitá-lo. Mas não invejo a esposa dele nem um pouco, nem a admiro nem a invejo, como já fiz antes: ela é muito encantadora, atrevo-me a dizer, e tudo o mais, porém acho-a muito mal-humorada e desagradável. Não vou esquecer o olhar dela naquela noite! Entretanto, eu garanto, senhorita Woodhouse, não desejo nenhum mal a ela. Não, que sejam felizes para sempre juntos, isso não vai me dar outro momento de dor: e para convencê-la de que estou falando a verdade, vou agora destruir o que eu deveria ter destruído muito tempo atrás, o que eu nunca deveria ter guardado, sei disso muito bem – disse ela, corando enquanto falava. – Entretanto, agora vou destruí-lo todo, e é meu desejo particular fazê-lo em sua presença para que a senhorita possa ver no quão racional me transformei. Não consegue adivinhar o que contém este pacote? – perguntou ela, com um olhar consciente.

– Não faço a menor ideia. Alguma vez ele lhe deu alguma coisa?

– Não, não posso chamá-las de presentes; mas são coisas que estimei muito.

Ela segurou o pacote perto de si, e Emma leu as palavras *Tesouros mais preciosos* na parte superior. Sua curiosidade estava fortemente atizada. Harriet desembalhou o pacote, e ela observava com impaciência. Dentro de uma abundância de papel prateado, estava uma caixa Tunbridge⁹ muito pequenininha, que Harriet abriu: estava bem revestida com o mais macio algodão, e exceto pelo algodão, Emma viu apenas um pequeno pedaço de curativo.

– Agora – disse Harriet – a senhorita deve se lembrar.

– Não, na verdade, não me lembro.

– Minha nossa! Eu não deveria ter pensado que pudesse ser possível a senhorita esquecer o que se passou neste cômodo envolvendo curativo, uma das últimas vezes em que nos encontramos nele! Foi poucos dias antes de eu ter a minha dor de garganta, exatamente antes de o senhor e a senhora John Knightley virem (acho que foi na mesma noite). Não se lembra dele cortando o dedo com o seu novo canivete, e a senhorita recomendando o curativo? Mas, como não tinha nenhum por perto, e eu sabia que eu tinha, a senhorita quis que eu o fornecesse e então tirei o meu e cortei um pedaço para ele, mas era grande demais, e ele o cortou em pedaços menores e ficou brincando algum tempo com o que sobrou, antes de devolvê-lo a mim. E então, naquele momento, no meu desvario, não pude evitar torná-lo um tesouro. Logo, eu o guardei para nunca ser usado e olhava para ele de vez em quando como um grande presente.

– Minha caríssima Harriet! – disse Emma, colocando a mão na frente do rosto e pulando. – A senhorita me deixa com mais vergonha de mim mesma do que consigo suportar. Lembrar-me disto? Sim, lembro-me de tudo agora, tudo exceto ter guardando esta relíquia, eu não sabia de nada disso até este momento, mas o corte no dedo, e minha recomendação do curativo, e eu dizendo que não tinha nenhum perto de mim! Oh! Meus pecados, meus pecados! E eu tinha vários o tempo todo no meu bolso! Um dos meus truques disparatados! Mereço ficar corada de vergonha por todo o resto da minha vida. Bem – disse Emma, sentando-se novamente –, continue. Que mais?

– E a senhorita realmente tinha alguns à mão? Tenho certeza de que nunca suspeitei, a senhorita agiu com tanta naturalidade.

– E então de fato guardou este pedaço de curativo por causa dele! – exclamou Emma, recuperando-se do estado de vergonha e sentindo-se dividida entre assombro e diversão. E, secretamente, ela adicionou para si mesma, “Deus me abençoe! Quando é que eu teria pensado em guardar em algodão um pedaço de curativo que Frank Churchill tivesse ficado puxando! Eu nunca fui assim”.

– Aqui – retomou Harriet, voltando à sua caixa –, aqui está algo ainda mais valioso, quero dizer, que foi mais valioso, porque isto é o que de fato pertenceu a ele um dia, algo que nunca ocorreu com o curativo.

Emma estava bastante ansiosa para ver este tesouro superior. Era o toco de um lápis velho – a parte sem grafite.

– Isto realmente foi dele – disse Harriet. – Não se lembra de uma manhã... não, atrevo-me a dizer que a senhorita não se lembra. Mas uma manhã, não me lembro exatamente de que dia, mas talvez tenha sido a terça ou quarta-feira antes daquela noite, ele queria fazer um apontamento em seu caderno de bolso; era sobre cerveja de abeto. O senhor Knightley andava lhe contando algo sobre fermentar cerveja de abeto, e ele queria anotar isso; mas quando ele tirou seu lápis, havia tão pouco grafite que logo ele o cortou todo, e não adiantou, então a senhora lhe emprestou outro, e este foi deixado sobre a mesa como uma coisa inútil. Mas eu fiquei de olho nele; e, assim que criei coragem, peguei-o, e nunca me separei dele daquele momento

em diante.

– Eu realmente me lembro – exclamou Emma –, eu me lembro perfeitamente. Conversando sobre cerveja de abeto. Oh! Sim, o senhor Knightley e eu, ambos dizendo que gostamos dela, e o senhor Elton parecendo decidido a aprender a gostar também. Eu me lembro perfeitamente. Pare, o senhor Knightley estava em pé bem aqui, não estava? Eu tenho uma noção de que ele estava parado bem aqui.

– Ah! Eu não sei. Não consigo me lembrar. É muito estranho, mas não consigo me lembrar. O senhor Elton estava sentado aqui, eu me recordo, muito próximo de onde estou agora.

– Bem, continue.

– Oh, isso é tudo. Não tenho mais nada para mostrar-lhe ou dizer-lhe, exceto que agora vou atirar esses objetos na lareira e queria que a senhorita me visse fazendo isso.

– Minha pobre e cara Harriet! E a senhorita realmente encontrou felicidade em estimar estas coisas?

– Sim, pateta que eu era! Mas estou muito envergonhada disso agora, e queria poder esquecê-las com a mesma facilidade com que posso queimá-las. Foi muito errado de minha parte, sabe, guardar quaisquer lembranças depois que ele se casou. Eu sabia que era errado, mas não tinha a resolução suficiente para separar-me delas.

– Mas, Harriet, é necessário queimar o curativo? Não tenho uma palavra a dizer sobre o pedacinho de lápis velho, mas o curativo pode ser útil.

– Vou ficar mais feliz queimando-o – respondeu Harriet. – Tem uma aparência desagradável para mim. Preciso livrar-me de tudo. Lá se vão, e este é o final, graças aos céus, do senhor Elton.

“E quando”, pensou Emma, “haverá o começo do senhor Churchill?”.

Logo depois, ela teve motivos para acreditar que o começo já estava feito, e não podia deixar de ter esperanças de que a cigana, embora não tivesse dito a sorte, poderia provar-se tendo feito a de Harriet. Uns quinze dias depois do alarme, chegaram a uma explicação suficiente, e um tanto sem terem a intenção. Emma não estava pensando nisso no momento, o que tornou a informação que ela recebeu mais valiosa. Ela simplesmente disse, no curso de alguma conversa trivial:

– Bem, Harriet, quando quer que se case, eu a aconselharia a fazer isso

e aquilo...

E, embora não tivesse falado mais sobre isso, após um minuto de silêncio ela ouviu Harriet dizer em um tom muito sério:

– Nunca me casarei.

Emma então levantou os olhos e imediatamente viu como era e depois de um instante de debate sobre se aquilo deveria passar despercebido ou não, respondeu:

– Nunca se casará! Esta é uma resolução nova.

– Contudo, é uma que nunca mudarei.

Após outra curta hesitação:

– Espero que não se origine de... espero que não seja para enaltecer o

senhor Elton.

– Claro, o senhor Elton! – gritou Harriet, indignada. – Oh! Não...

E Emma só conseguiu entender as palavras “tão melhor do que o senhor Elton!”.

Ela então tirou um tempo maior para considerações. Ela deveria não avançar mais? Ela deveria deixar passar e parecer não suspeitar de nada? Talvez Harriet pudesse achar que ela fosse fria ou estivesse irritada se agisse assim; ou, talvez, se ela ficasse totalmente quieta, isso pudesse apenas induzir Harriet a convidá-la a ouvir demais; e contra qualquer coisa como uma ausência de reservas como havia sido, uma discussão tão aberta e frequente sobre esperanças e chances, ela estava perfeitamente decidida; ela acreditava que seria mais sensato para ela dizer e saber imediatamente tudo o que queria dizer e saber. Negociação simples é sempre melhor. Ela havia determinado antes o quão longe poderia ir, em qualquer solicitação do tipo e seria mais seguro para ambas ter a lei ponderada do seu próprio cérebro apresentada com rapidez. Ela estava decidida, e assim falou:

– Harriet, não vou fingir estar em dúvida sobre sua intenção. Sua resolução, ou melhor, sua expectativa de nunca se casar, resulta de uma ideia de que a pessoa que a senhorita pudesse preferir estaria numa situação muito superior para considerá-la. Não é isso?

– Oh! Senhorita Woodhouse, acredite, não tenho o pressuposto de assumir nada. Na verdade, não sou tão idiota. Mas para mim é um prazer admirá-lo a distância, e pensar na infinita superioridade dele em relação a todo o resto do mundo, com a gratidão, a admiração e a veneração que são tão devidas, especialmente em mim.

– Não estou nem um pouco surpresa, Harriet. O serviço que ele lhe prestou foi suficiente para aquecer seu coração.

– Serviço! Oh! Foi uma obrigação tão infável! A exata recordação dela, e tudo o que senti naquele momento... quando o vi chegando... a aparência nobre dele... e minha desventura antes disso. Que mudança! Em um momento, que mudança! Da perfeita desgraça à perfeita felicidade!

– É muito natural. É natural, e é honroso. Sim, honroso, creio eu, escolher tão bem e com tanta gratidão. Mas que isso será uma preferência feliz é mais do que posso prometer. Não a aconselho a ceder a ela, Harriet. Não participarei, de forma alguma, para que ela seja retribuída. Considere o que está à sua frente. Talvez seja mais sábio de sua parte verificar seus sentimentos enquanto pode: de qualquer modo, não os deixe carregá-la para longe,

a não ser que esteja convencida da afeição dele por si. Observe-o. Deixe

que o comportamento dele seja o guia das suas sensações. Eu lhe ofereço este aviso agora, porque nunca mais falarei sobre o assunto. Estou determinada a não fazer qualquer tipo de interferência. De agora em diante, não sei mais nada sobre o assunto. Nunca deixe qualquer nome passar pelos seus lábios. Já estivemos muito erradas e seremos cautelosas agora. Ele é superior a senhorita, sem dúvida, e essas parecem objeções e obstáculos de uma natureza muito séria, mesmo assim, Harriet, coisas mais maravilhosas aconteceram, houve combinações de maior disparidade. Mas cuide-se. Não a aconselho a ficar tão otimista, entretanto, qualquer que seja o final, esteja convicta de que o fato elevar seus pensamentos a ele é uma marca de bom gosto que eu sempre saberei valorizar.

Harriet beijou sua mão em gratidão silenciosa e submissa. Emma estava muito decidida a pensar em tal ligação como uma coisa que não seria ruim para sua amiga. A tendência seria que a conexão elevasse e refinasse a mente dela, e deveria salvá-la do perigo da degradação.

Capítulo 5

Foi nesse estado de planos, esperanças e cumplicidade que junho se iniciou em Hartfield. A Highbury em geral não trouxe mudanças substanciais. Os Elton ainda estavam falando de uma visita dos Suckling e do uso a ser feito do *barouche-landau* e Jane Fairfax ainda estava na casa da avó, e como o retorno dos Campbell da Irlanda fora adiado novamente, e agosto, em vez de o meio do verão, ter sido fixado para tal evento, era

provável que ela permanecesse lá por mais dois meses inteiros, desde que pudesse pelo menos frustrar a atividade da senhora Elton em seu serviço e poupar-se de ser atraída para um emprego excelente contra sua vontade.

O senhor Knightley que, por algum motivo que somente ele mesmo conhecia melhor, tinha com certeza desenvolvido uma certa antipatia por Frank Churchill, estava apenas tendo mais aversão a ele. O senhor Knightley começou a suspeitar de que ele estivesse fazendo um jogo duplo em sua caça a Emma. Que Emma fosse seu objeto, parecia indiscutível. Tudo denunciava isso; seus próprios interesses, as pistas de seu pai, o silêncio cauteloso de sua madrasta; estava tudo em uníssono; palavras, conduta, descrição e indiscrição contavam a mesma história. Mas, enquanto tantos o estavam direcionando à Emma, e a própria Emma o estava transferindo a Harriet, o senhor Knightley começou a suspeitar de que ele tivesse alguma inclinação a brincar com Jane Fairfax. Ele não conseguia entender, mas havia sintomas de informações entre eles, pelo menos foi o que ele pensou, sintomas de admiração do lado dele que, uma vez observados, o senhor Knightley não conseguia convencer-se de que eram desprovidos de significado, embora pudesse querer escapar de quaisquer dos erros de imaginação de Emma. Ela não estava presente quando a suspeita despontou pela primeira vez. Ele estava jantando com a família de Randalls e Jane, na casa dos Elton e tinha visto um olhar, mais do que um único olhar, para a senhorita Fairfax, que, vindo do admirador da senhorita Woodhouse, parecia um tanto deslocado. Quando ele esteve de novo na companhia deles, o senhor Knightley não pôde deixar de lembrar o que tinha visto; nem conseguiu evitar observações que, a não ser que fossem como Cowper e sua lareira à luz do entardecer, “Eu mesmo criando o que vi”, trouxe a ele uma suspeita ainda mais forte de haver algo de uma simpatia privada, ou mesmo de um entendimento privado, entre Frank Churchill e Jane.

Um dia, ele caminhou após o jantar, como fazia com muita frequência, para passar a noite em Hartfield. Emma e Harriet iam andar, ele juntou-se a elas e, ao retornar, eles encontraram-se com um grupo maior, que, assim como eles, julgou ser mais sensato fazer sua caminhada cedo, já que havia uma ameaça de chuva, o senhor e a senhora Weston e o filho deles, a

senhorita Bates e a sobrinha, que por acaso se encontraram. Eles todos uniram-se e, ao chegar aos portões de Hartfield, Emma, que sabia que era exatamente o tipo de visita que seria bem-vinda ao pai, pressionou todos eles a entrar e a tomar chá. O grupo de Randalls concordou imediatamente; e após um discurso bastante longo da senhorita Bates, que poucas pessoas escutaram, ela também achou possível aceitar um convite tão amável da cara senhorita Woodhouse.

Quando eles estavam dirigindo-se à parte externa, o senhor Perry passou por eles a cavalo. Os cavalheiros falaram do animal dele.

– A propósito – disse Frank Churchill logo em seguida –, o que houve com o plano do senhor Perry de montar a carruagem dele?

A senhora Weston pareceu surpresa e disse:

– Eu não sabia que ele tinha tal plano.

– Não, eu soube pela senhora, que me escreveu sobre ele três meses atrás.

– Eu? Impossível!

– A senhora escreveu, de fato. Lembro-me perfeitamente. A senhora mencionou o fato como sendo certo que ocorreria muito em breve. A senhora Perry havia dito a alguém e estava muito feliz com isso. Foi por causa da persuasão dela, dado que ela pensou que ele estar fora com um tempo ruim era muito prejudicial. A senhora deve lembrar-se agora.

– Dou-lhe minha palavra, nunca tinha ouvido sobre isso até este momento.

– Nunca! De fato, nunca! Minha nossa! Como pode ser? Então devo ter sonhado... mas eu estava completamente convencido... senhorita Smith, a senhorita está andando como se estivesse cansada. Não lamentará encontrar-se em casa.

– O que é isso? O que é isso? – gritou o senhor Weston –, sobre Perry e uma carruagem? Perry vai montar a carruagem dele, Frank? Fico feliz que ele possa pagar uma. Ficou sabendo por ele mesmo, não foi?

– Não, senhor – respondeu o filho, rindo –, parece que não fiquei sabendo por ninguém. Muito estranho! Eu realmente estava convencido de que a senhora Weston tinha mencionado isso em uma das suas cartas a Enscombe, muitas semanas atrás, com todos esses detalhes. Mas como ela declarou que nunca ouviu uma sílaba sobre isso antes, é claro que deve ter

sido um sonho. Sou ótimo em sonhar. Sonho com todo mundo de Highbury quando estou longe, e depois que passo por meus próprios amigos no sonho, começo a sonhar com o senhor e a senhora Perry.

– É estranho, no entanto – observou seu pai –, que tivesse tal sonho regular e conectado, com pessoas sobre as quais provavelmente não deveria estar pensando em Enscombe. Perry está montando a carruagem dele! E sua esposa está persuadindo-o a fazê-lo em razão do cuidado com a saúde. Sobre o que vai acontecer, não tenho dúvida, uma hora ou outra; apenas um pouco prematuro. Que ar de probabilidade percorre um sonho algumas vezes! E, em outras, que monte de absurdos que ele é! Bem, Frank, seu sonho certamente mostra que Highbury está em seus pensamentos quando o senhor está ausente. Emma, a senhorita é ótima em sonhar, creio eu.

Emma não estava escutando. Ela havia corrido para dentro antes de seus convidados para preparar seu pai para a chegada deles e estava fora do alcance da insinuação do senhor Weston.

– Ora, para ser sincera – gritou a senhorita Bates, que ficou tentando em vão ser ouvida nos últimos dois minutos –, se devo falar sobre este assunto, não há como negar que o senhor Frank Churchill poderia ter... Não quero dizer que ele não tenha sonhado com isso... Tenho certeza de que às vezes tenho os sonhos mais esquisitos do mundo... Mas se eu for questionada sobre isso, devo reconhecer que houve tal ideia na primavera passada; pois a própria senhora Perry mencionou-a à minha mãe, e os Cole sabiam dela tão bem quanto nós mesmos. Mas era bastante sigiloso, algo que ninguém mais sabia, e pensou-se nisso por apenas uns três dias. A senhora Perry estava bastante ansiosa com a ideia de que ele deveria ter uma carruagem, e veio muito animada até minha mãe uma manhã, porque ela pensou que sua opinião tinha prevalecido. Jane, não se lembra da vovó nos contando isso quando voltamos para casa? Não consigo lembrar-me até onde ele tinha caminhado (provavelmente até Randalls; sim, acho que foi até Randalls). A senhora Perry gostou especialmente da minha mãe (na verdade, não conheço quem não goste) e havia mencionado o fato a ela em confidência, não tinha objeções a que minha mãe nos contasse, é claro, mas não era para ir além disso: e, daquele dia até este, nunca mencionei o

fato a uma alma, que eu saiba. Ao mesmo tempo, não vou responder positivamente quanto a nunca ter dado um indício, porque sei que deixo escapar alguma coisa antes que eu perceba. Sou tagarela, todos sabem, e vez ou outra deixei escapar alguma coisa que não deveria ter deixado. Não sou como Jane, mas eu queria ser. Vou argumentar que ela nunca traiu a mínima coisa no mundo. Onde está ela? Oh! Bem atrás. Lembro-me perfeitamente da senhora Perry vindo. Um sonho extraordinário, de fato!

Eles estavam entrando no hall. Os olhos do senhor Knightley haviam precedido os da senhorita Bates em um relance em Jane. Do rosto de Frank Churchill, em que ele achou que vira confusão reprimida ou dissipada com risos, ele tinha involuntariamente se virado para o dela; mas ela estava de fato atrás, e ocupada demais com sua estola. O senhor Weston havia entrado. Os outros dois cavalheiros esperaram à porta para deixarem-na passar. O senhor Knightley suspeitou ver em Frank Churchill a determinação de fisgar o olhar dela; ele parecia estar observando-a atentamente, porém, em vão, se fosse este o caso. Jane passou por entre eles em direção ao hall e não olhou para nenhum deles.

Não havia tempo para uma observação ou explicação adicional. Deveriam aguardar o sonho com paciência e o senhor Knightley deveria assumir o lugar dele com o restante do grupo em torno da grande e moderna mesa circular que Emma havia introduzido em Hartfield, e que ninguém exceto Emma poderia ter tido o poder de colocar lá e convencer o pai a usar, em vez da pequena Pembroke, sobre a qual duas das refeições diárias tinham, por quarenta anos, sido amontoadas. O chá transcorreu agradavelmente, e ninguém parecia com pressa para mexer-se.

– Senhorita Woodhouse – disse Frank Churchill, após examinar uma mesa atrás de si, que ele podia alcançar enquanto sentava-se –, seus sobrinhos levaram embora os alfabetos, a caixa de letras deles? Costumavam ficar aqui. Onde estão? Esta é uma espécie de noite monótona, que deveria ser tratada como inverno em vez de verão. Nós nos divertimos muito com aquelas letras uma manhã. Quero confundir a senhorita de novo.

Emma ficou feliz com a ideia e, apresentando a caixa, a mesa ficou rapidamente salpicada com alfabetos, que ninguém parecia tão propenso a

usar como os dois. Num instante, eles estavam formando palavras um para o outro ou para qualquer outra pessoa que ficasse intrigada. O silêncio do jogo tornou-o especialmente elegível para o senhor Woodhouse, que tinha frequentemente sido perturbado pelo tipo mais animado, que o senhor Weston havia introduzido esporadicamente, e quem agora estava alegremente ocupado em lamentar, enquanto sentado, com terna melancolia, a partida dos “pobres menininhos”, ou em carinhosamente destacar, enquanto pegava qualquer carta largada perto dele, o quão lindamente Emma a tinha escrito.

Frank Churchill colocou uma palavra diante da senhorita Fairfax. Ela deu uma ligeira olhadela ao redor da mesa e dedicou-se à palavra. Frank estava próximo a Emma, Jane em frente aos dois, e o senhor Knightley posicionado de tal forma que pudesse ver todos e era seu objetivo ver tanto quanto pudesse com o mínimo de observação aparente. A palavra foi descoberta e, com um tênue sorriso, empurrada. Se a intenção era que ela fosse imediatamente misturada com as outras e escondida da visão, a senhorita Fairfax deveria ter olhado sobre a mesa em vez de olhar do outro lado dela, pois a palavra não foi misturada e Harriet, ansiosa após cada nova palavra e não descobrindo nenhuma, imediatamente pegou-a e pôs-se a trabalhar. Ela estava sentada perto do senhor Knightley, e recorreu a ele para ajudá-la. A palavra era “asneira” e quando Harriet, exultante, anunciou-a, houve um rubor nas bochechas de Jane que lhe conferiu um significado que não podia ser tão ostensivo de outra forma. O senhor Knightley conectou-a ao sonho, mas como tudo aquilo podia ocorrer estava além da sua compreensão. Como a sutileza e a discrição da favorita dele poderiam ter sido tão anestesiadas? Ele temia que devesse haver algum envolvimento decisivo. Dissimulação e jogo duplo pareciam cruzar com ele em cada rodada. Estas letras não eram nada além do veículo para o galanteio e a artimanha. Era uma brincadeira de criança, escolhida para esconder um jogo mais profundo da parte de Frank Churchill.

Com grande indignação, ele continuou a observá-lo; com grande alarme e desconfiança, observou também suas duas companhias cegas. Ele viu uma pequena palavra preparada para Emma e dada a ela com um olhar travesso e recatado. Ele viu que Emma logo a havia adivinhado e considerado

extremamente divertida, embora fosse algo que tenha julgado digno de ser censurado, pois ela disse:

– Ora! Que vergonha!

Ele ouviu Frank Churchill dizer em seguida, olhando de relance para Jane:

– Vou dar a palavra a ela, devo fazer isso?

E, de forma igualmente clara, escutou Emma opondo-se, com entusiasmo ansioso e risonho:

– Não, não! O senhor não deve, o senhor não vai, na realidade.

Aquilo foi feito, entretanto. Aquele rapaz galante, que parecia amar sem sentir e recomendar a si mesmo sem condescendência, entregou a palavra diretamente à senhorita Fairfax, e com um nível singular de civilidade ponderada suplicou-lhe que a estudasse. A curiosidade excessiva do senhor Knightley em saber o que esta palavra poderia ser o fez agarrar cada momento disponível para lançar olhares rápidos em direção a ela, e não demorou muito até que ele viu que era Dixon. A percepção de Jane Fairfax parecia acompanhar a dele; a compreensão dela certamente era mais semelhante ao significado oculto, a informação superior, daquelas cinco letras arranjadas daquela maneira. Ela estava claramente descontente; levantou os olhos e, vendo-se observada, corou mais intensamente do que ele jamais a vira enrubescer, e dizendo apenas “Eu não sabia que nomes próprios eram permitidos”, empurrou as letras com um humor até mesmo irritado e pareceu resoluta a não participar de nenhuma outra palavra que pudesse ser-lhe oferecida. O rosto dela desviou-se daqueles que tinham feito o ataque e virou-se em direção à tia.

– Sim, muito legítimo, minha querida! – exclamou esta, embora Jane não tivesse falado uma palavra sequer. – Eu diria a mesma coisa. É hora de nos retirarmos, na verdade. A noite está ficando mais escura, e sua vovó deve estar procurando por nós. Meu caro senhor, é muita gentileza da sua parte. Devemos realmente desejar-lhe boa noite.

A prontidão de Jane em mover-se mostrou que ela estava tão pronta quanto sua tia havia preconcebido. Ela estava em pé imediatamente, e querendo deixar a mesa, mas tantos estavam movendo-se também que ela não conseguia fugir e o senhor Knightley pensou ter visto outro arranjo de

letras ansiosamente empurrado na direção dela, e resolutamente destruído por ela, sem exame. Depois ela estava procurando por sua estola e Frank Churchill também a estava procurando, porém o sol estava pondo-se, e o cômodo estava em estado de confusão e como elas partiram, o senhor Knightley não sabia dizer.

Ele permaneceu em Hartfield após todos os outros, seus pensamentos cheios do que ele tinha visto, tão cheios que, quando as velas vieram auxiliar suas observações, ele deveria... sim, ele com certeza deveria, como um amigo (um amigo ansioso) dar a Emma alguma pista, perguntar a ela alguma coisa. Ele não conseguia vê-la em situação de tamanho perigo sem tentar preservá-la. Era seu dever.

– Por favor, Emma – disse ele –, posso perguntar em que reside o grande divertimento, a ferida penetrante da última palavra dada a si e à senhorita Fairfax? Vi a palavra e estou curioso para saber como ela pôde ser tão divertida para uma e tão perturbadora para a outra.

Emma estava extremamente confusa. Ela podia suportar dar a ele a explicação verdadeira, pois embora suas suspeitas não tivessem de forma alguma sido removidas, ela estava realmente envergonhada de tê-las revelado.

– Oh! – exclamou ela, com evidente constrangimento. – Aquilo tudo não significou nada; uma mera piada entre nós.

– A piada – respondeu ele com seriedade – pareceu confinada entre a senhorita e o senhor Churchill.

Ele tivera esperanças de que ela fosse falar de novo, mas ela não o fez. Ela preferiria ocupar-se com qualquer coisa a falar. Ele sentou-se um pouco enquanto permanecia em dúvida. Uma variedade de maldades cruzou a sua mente. Interferência; interferência inútil. A confusão de Emma e a reconhecida intimidade pareciam declarar que a afeição dela estava comprometida. Mesmo assim, ele falaria. Ele devia isso a ela, arriscar qualquer coisa que pudesse estar envolvida em uma interferência indesejada, em vez do bem-estar dela e encontrar qualquer coisa, em vez da lembrança de negligência em tal questão.

– Minha cara Emma – disse ele, afinal, com bondade sincera –, acha que compreende perfeitamente o nível de familiaridade entre o cavalheiro e a

moça dos quais estamos falando?

– Entre o senhor Churchill e a senhorita Fairfax? Oh, sim, perfeitamente. Por que a pergunta?

– Em momento algum a senhorita teve motivo para pensar que ele a admirava, ou que ela o admirava?

– Nunca, nunca! – exclamou ela com a mais aberta avidez. – Nunca, nem por um vigésimo de um momento, tal ideia ocorreu-me. E como ela poderia, de alguma forma, passar pela sua cabeça?

– Ultimamente, tenho imaginado ter visto sintomas de uma ligação entre eles, certos olhares expressivos que, creio eu, eles não intencionavam que fossem públicos.

– Oh! O senhor diverte-me demais. Estou contente em saber que o senhor consegue permitir-se deixar sua imaginação perambular, mas não servirá de nada; sinto muito por freá-lo em seu primeiro estudo, mas de fato não servirá de nada. Não há admiração entre eles, eu lhe garanto; e as aparências que fisgaram sua atenção surgiram de umas circunstâncias peculiares, sentimentos de uma natureza totalmente diferente... É impossível explicar com exatidão: há um bom tanto de absurdo nisso, mas a parte que pode ser comunicada, que é a razão, é que eles estão tão distantes de uma ligação ou de admiração um pelo outro quanto podem estar quaisquer outros dois seres no mundo. Isto é, presumo que seja isso da parte dela e posso garantir que é isso da parte dele. Vou responder pela indiferença do cavalheiro.

Ela falava com uma confiança que espantava, com uma satisfação que calava o senhor Knightley. Ela estava com um ótimo humor e teria prolongado a conversa, querendo ouvir os pormenores das suspeitas dele, cada olhar descrito e todos os “ondes” e “comos” de uma circunstância que a entretinha bastante: mas a alegria dele não alcançava o nível da dela. Ele descobriu que não poderia ser útil, e seus sentimentos foram muito perturbados por ele falar. Para que pudesse não ser perturbado até atingir uma febre absoluta perto da lareira que os hábitos delicados do senhor Woodhouse exigiam quase todas as noites ao longo do ano, ele partiu apressadamente logo

em seguida e caminhou para casa em direção à frieza e à solidão de Donwell Abbey.

Capítulo 6

Depois de ser alimentado com esperanças de uma rápida visita do senhor e da senhora Suckling por muito tempo, o mundo de Highbury foi obrigado a suportar a mortificação de ouvir que eles não poderiam vir de jeito nenhum até o outono. Nenhuma importação de novidades dessa importância poderia enriquecer os estoques intelectuais no momento. Na troca diária de notícias, eles deveriam novamente ficar restritos aos outros tópicos com os quais a vinda dos Suckling tinha se juntado, como as últimas histórias da senhora Churchill, cuja saúde parecia proporcionar um novo relato a cada dia, e a situação da senhora Weston, cuja felicidade, esperava-se, poderia em algum momento ser tão aumentada pela chegada de um filho como a de todos os seus vizinhos o foi pela chegada de uma criança.

A senhora Elton estava muito decepcionada. Aquilo era o adiamento de um grande prazer e ostentação. As introduções e recomendações dela deveriam todas esperar, e cada festa projetada ser ainda apenas discutida. Foi o que ela pensou em um primeiro momento; mas um pouco de deliberação a convenceu de que nem todas as coisas precisavam ser postergadas. Por que eles não deveriam fazer uma exploração em Box Hill mesmo que os Suckling não viessem? Eles poderiam ir até lá com eles de novo no outono. Ficou resolvido que eles deveriam ir a Box Hill. Que um grupo com esse intento devesse se reunir já era um fato conhecido em geral, e havia muito tempo: já tinha até servido para dar a ideia para uma outra festa. Emma nunca tinha ido a Box Hill; ela desejara ver o que todos achavam que era tão digno de se ver, e ela e o senhor Weston haviam concordado em escolher uma manhã boa e rumar naquela direção. Apenas mais uns dois ou três entre os escolhidos seriam admitidos para juntar-se a eles, e a viagem deveria ser feita de forma discreta, despretensiosa e elegante, infinitamente superior ao alvoroço e à preparação, o comer e beber habituais e o desfile de piquenique dos Elton e dos Suckling.

Isso estava tão bem entendido entre eles que Emma não podia deixar de sentir alguma surpresa, e um pouco de descontentamento, ao ouvir do senhor Weston que ele andava propondo à senhora Elton, já que o irmão e a irmã dela a haviam decepcionado, que os dois grupos deveriam unir-se e ir juntos; e que, como a senhora Elton tinha muito prontamente concordado com a ideia, era assim que deveria ser, se Emma não tivesse nenhuma objeção. Agora, como a objeção dela não era nada senão a enorme aversão pela senhora Elton, da qual o senhor Weston já deveria estar perfeitamente a par, não valia a pena adiar a viagem de novo: isso não poderia ser feito sem uma reprimenda a ele, o que causaria dor à sua esposa; e ela viu-se, portanto, obrigada a consentir com um acordo que ela teria feito muito para evitar; um acordo que provavelmente a exporia até mesmo à degradação de ser considerada como pertencendo ao grupo da senhora Elton! Cada sentimento era ofendido e a paciência de sua submissão exterior deixou uma pesada dívida de secreta severidade em suas reflexões sobre a indomável benevolência do temperamento do senhor Weston.

– Fico feliz que aprove o que fiz – disse ele, muito confortavelmente.

– Pois eu achava que aprovaria. Planos assim não são nada sem um grupo grande de pessoas. Um grupo nunca pode ser grande demais. Um grupo grande garante a própria diversão. E ela é uma mulher de boa índole, no fim das contas. Não se poderia deixá-la para trás.

Emma não negou nenhuma das afirmações em voz alta e não concordou com nenhuma delas em sua mente.

Era agora o meio de junho, e o tempo estava bom, mas e a senhora Elton estava ficando impaciente para determinar o dia e chegar a um acordo com o senhor Weston em relação a tortas de pombos e cordeiro frio quando um cavalo manco de carruagem atirou cada uma das coisas em triste incerteza. Semanas poderiam se passar, apenas uns poucos dias poderiam se passar, até que o cavalo se recuperasse, mas eles não podiam se arriscar a fazer quaisquer preparações, e foi tudo estagnação melancólica. Os recursos da senhora Elton eram inadequados a um ataque como aquele.

– Isso não é muitíssimo irritante, Knightley? – gritou ela. – E com esse

clima favorável para explorar a natureza! Esses atrasos e decepções são um tanto odiosos. O que faremos? Nesse ritmo, o ano vai acabar, e nada terá sido feito. Antes deste mesmo período do ano passado, garanto-lhe que havíamos formado um agradável grupo de exploração de Maple Grove até King's-Weston.

– A senhora deveria explorar até Donwell – retrucou o senhor Knightley.

– Isso pode ser feito sem cavalos. Venha e coma dos meus morangos. Eles estão madurando rapidamente.

Se o senhor Knightley não começou com seriedade, ele foi obrigado a continuar dessa forma, pois sua proposta foi capturada com satisfação e o “Oh! Eu deveria gostar disso, por mais improvável que pareça” não foi mais claro em palavras do que em gestos. Donwell era famosa por seus canteiros de morangos, que pareciam um apelo para o convite: mas nenhum apelo foi necessário; canteiros de repolhos teriam sido suficientes para tentar a dama, que somente queria ir a algum lugar. Ela prometeu a ele repetidas vezes que iria, mais frequentemente do que ele suspeitava, e estava extremamente agradecida por tal prova de intimidade, tal elogio distinto quando ela escolheu considerar a proposta.

– O senhor pode confiar em mim – disse ela. – Eu certamente irei. Escolha o dia, e eu irei. O senhor me permite levar Jane Fairfax?

– Não posso escolher um dia – disse ele –, até que eu tenha falado com algumas outras pessoas que eu quero que conheçam a senhora.

– Oh! Deixe tudo isso comigo. Apenas me dê uma carta branca. Sou a Senhora Patrocinadora, o senhor sabe. É meu grupo. Vou levar amigos comigo.

– Espero que a senhora traga Elton – disse ele –, mas não vou incomodá-la a fazer quaisquer outros convites.

– Oh! Agora o senhor está com uma aparência muito dissimulada. Mas considere: não precisa ter medo de delegar poder a mim. Não sou uma jovem moça agindo de acordo com suas preferências. Mulheres casadas, o senhor sabe, têm autoridade para agir. É meu grupo. Deixe tudo comigo. Vou chamar seus convidados.

– Não – respondeu ele calmamente –, há apenas uma mulher casada no

mundo que eu posso em qualquer ocasião permitir convidar quem lhe aprouver para Donwell, e esta mulher é...

– A senhora Weston, suponho – interrompeu a senhora Elton, um tanto mortificada.

– Não. A senhora Knightley e, até que ela esteja presente, vou eu mesmo lidar com tais assuntos.

– Ah! O senhor é uma criatura ímpar! – exclamou ela, satisfeita por não haver ninguém preferido a ela mesma. – O senhor é um humorista e pode dizer o que quiser. Totalmente um humorista. Bem, trarei Jane comigo (Jane e a tia dela). O resto, deixo com o senhor. Não tenho quaisquer objeções a encontrar a família de Hartfield. Não hesite. Sei que o senhor é ligado a eles.

– A senhora certamente vai encontrá-los se eu tiver êxito e vou visitar a senhorita Bates no meu caminho de volta para casa.

– É completamente desnecessário, pois vejo Jane todo dia, mas faça mas como o senhor preferir. É para ser um plano para a manhã, sabe, Knightley, uma coisa bem simples. Vou usar um chapéu grande e trazer uma das minhas cestinhas pendurada no meu braço. Aqui: provavelmente esta cesta com uma fita rosa. Nada pode ser mais simples, como o senhor vê. E Jane virá com outra semelhante. Não deve haver padrão ou pompa, uma espécie de grupo cigano. Vamos andar pelos seus jardins, e colher nós mesmos os morangos, e nos sentar embaixo de árvores; e quaisquer outras coisas que o senhor queira oferecer, deve ser tudo ao ar livre. Uma mesa posta na sombra, o senhor sabe. Tudo tão natural e simples quanto possível. Não é essa a sua ideia?

– Não exatamente. Minha ideia de simples e natural será colocar a mesa na sala de jantar. Acho que a natureza e a simplicidade dos cavalheiros e damas, com seus empregados e acessórios, são mais bem observadas por refeições em ambientes fechados. Quando estiverem cansados de comer morangos no jardim, haverá frios dentro da casa.

– Bem, como o senhor desejar; apenas não faça uma grande festa. E, a propósito, podemos eu ou minha governanta ajudá-lo de alguma forma com sua opinião? Peço-lhe que seja sincero, Knightley. Se quiser que eu converse com a senhora Hodges ou que eu inspecione alguma coisa...

- Não tenho o menor desejo de que faça isso, obrigado.
- Bem, mas se quaisquer dificuldades surgirem, minha governanta é extremamente esperta.
- Como resposta, digo-lhe que a minha se considera muito inteligente e desdenharia da ajuda de qualquer um.
- Eu queria que tivéssemos um burro. O ideal seria que todas nós viéssemos em burros, Jane, a senhorita Bates e eu (e meu *caro esposo* andando ao lado). Realmente preciso conversar com ele sobre comprar um burro. Em uma vida no campo, penso que isso seja uma espécie de necessidade, pois mesmo para uma mulher cheia de recursos, não é possível ficar sempre trancada em casa e caminhadas muito longas, o senhor sabe... No verão há poeira, e no inverno há sujeira.
- A senhora não encontrará nenhuma das duas entre Donwell e Highbury. A Downwell Lane nunca fica empoeirada e agora está perfeitamente seca. Venha em um burro, entretanto, se preferir assim. A senhora pode pegar o da senhora Cole emprestado. Eu gostaria que tudo fosse tão do seu gosto quanto possível.
- Disso tenho certeza. De fato, preciso fazer-lhe justiça, meu bom amigo. Embaixo desse tipo peculiar de modos secos e diretos, sei que há o mais acolhedor coração. Como digo ao senhor E., o senhor é um completo humorista. Sim, acredite em mim, Knightley, estou totalmente consciente de sua atenção a mim em todo este planejamento. O senhor descobriu a coisa certa para

agradar-me.

O senhor Knightley tinha outro motivo para evitar uma mesa na sombra. Ele queria persuadir o senhor Woodhouse, bem como Emma, a unir-se ao grupo e ele sabia que ter qualquer um dos dois sentados ao ar livre para comer inevitavelmente o deixaria aflito. O senhor Woodhouse não deveria, sob o pretexto ilusório de uma viagem matutina e uma hora ou duas passadas em Donwell ser atraído para a sua desgraça.

Ele foi convidado com boa-fé. Nenhum horror à espreita o repreenderia por sua credulidade fácil. Ele de fato consentiu. Não tinha estado em Donwell por dois anos. Em uma manhã muito agradável, ele, Emma e

Harriet poderiam muito bem ir; e ele poderia ainda sentar-se com a senhora Weston, enquanto as queridas garotas andariam pelos jardins. Ele não supôs que pudessem estar úmidos agora, no meio do ano. Ele provavelmente gostaria muitíssimo de ver de novo a velha casa e ficaria muito feliz em encontrar o senhor e a senhora Elton e qualquer outro de seus vizinhos. Ele não conseguia ver objeção alguma à ida dele, Emma e Harriet em uma manhã agradável. Ele achou que tinha sido uma excelente decisão da parte do senhor Knightley convidá-los (muito gentil e sensato), muito mais inteligente do que jantar fora de casa. Ele não gostava de jantar fora de casa.

O senhor Knightley teve a sorte de receber a mais imediata anuência de todos. O convite foi tão bem recebido em todos os lugares que parecia que, à semelhança da senhora Elton, estavam todos tomando o plano como um elogio específico a si próprios. Emma e Harriet declararam enormes expectativas de prazer com o passeio; e o senhor Weston, sem que se lhe pedisse, prometeu levar Frank para juntar-se a eles, se possível; a confirmação de aprovação e a gratidão que poderia ter sido dispensadas. O senhor Knightley foi então forçado a dizer que ficaria feliz em vê-lo e o senhor Weston tratou de não perder tempo ao escrever e não poupar argumentos para induzir Frank Churchill a ir.

Nesse meio tempo, o cavalo manco recuperou-se tão rapidamente que o grupo destinado a ir a Box Hill estava de novo sob feliz consideração e finalmente Donwell ficou acertado para um dia e Box Hill para o dia seguinte e o clima parecendo exatamente propício.

Sob um brilhante sol do meio-dia, quase no meio do verão, o senhor Woodhouse foi transportado com segurança em sua carruagem, com uma janela abaixada, para participar desta festa ao ar livre. E em uma das mais confortáveis salas de Donwell Abbey, especialmente preparada para ele com uma lareira acesa durante toda a manhã, ele estava perfeitamente instalado, bem à vontade, pronto para conversar com prazer sobre sucessos e aconselhar a todos a vir e sentar-se e não aquecer-se. A senhora Weston, que parecia ter caminhado até lá de propósito por estar cansada e ficar sentada o tempo todo com ele, permaneceu no cômodo, quando todos os outros foram convidados ou convencidos a ir para fora, ouvinte paciente e

sua simpatizante.

Fazia tanto tempo que Emma estivera em Donwell Abbey que, assim que ela sentiu-se satisfeita com o conforto do pai, ficou feliz em deixá-lo e olhar ao redor, ansiosa por refrescar e corrigir sua memória com uma observação mais meticulosa, uma compreensão mais exata de uma casa e áreas externas que deveriam ser mais interessantes do que nunca para si mesma e toda a sua família.

Ela sentiu todo o orgulho honesto e a condescendência que a aliança com o presente e futuro proprietário poderia adequadamente garantir quando ela viu o tamanho e o estilo respeitáveis da construção, sua situação apropriada, atraente e característica, baixa e protegida; seus jardins amplos esticavam-se até campos regados por um córrego, para o qual Donwell Abbey,

com toda a velha negligência de perspectiva, mal tinha uma vista... E havia também a abundância de madeira em fileiras e caminhos, que nem a moda nem a extravagância tinham desenraizado. A casa era maior do que Hartfield e totalmente diferente, cobrindo um bom tanto de terreno, irregular e cheia de recantos, com muitos cômodos confortáveis e um ou dois quartos aconchegantes. Era exatamente o que deveria ser, e parecia o que era, e Emma sentiu um crescente respeito por ela, como a residência de uma família com tamanha distinção autêntica, imaculada em sangue e compreensão. John Knightley tinha algumas falhas de temperamento, mas Isabella se casara excepcionalmente. Ela não nominou pessoas nem lugares que pudessem causar desconforto. Esses eram sentimentos agradáveis, e ela andou pela casa e satisfez-se com eles até que foi necessário fazer como os outros faziam e colher ao redor dos canteiros de morangos. O grupo inteiro estava reunido, exceto Frank Churchill, cuja chegada de Richmond poderia ocorrer a qualquer momento e a senhora Elton, em todo o seu aparato de felicidade, seu grande chapéu e sua cesta, estava muito pronta para assumir a liderança em juntar, aceitar ou conversar sobre... morangos, e morangos apenas: era permitido pensar ou falar apenas neles agora.

– A melhor fruta da Inglaterra... A favorita de todos... Sempre saudável.

Estes são os melhores canteiros e as melhores variedades... É maravilhoso colher para si mesmo... a única forma de realmente desfrutar deles... A manhã é decididamente o melhor horário... Nunca cansada... Todo tipo é bom... Morangos musk infinitamente superiores... Sem comparação... Os outros mal são comestíveis... Morangos musk muito escassos... Pimenta é preferível... Madeira branca melhor sabor de todos... Preço dos morangos em Londres... Abundância sobre Bristol... Maple Grove... Plantação... Canteiros quando devem ser renovados... Jardineiros pensando exatamente o contrário... Sem regra geral... Jardineiros nunca devem ser tirados de seu caminho... Fruta deliciosa... Só que nutritiva demais para se comer em grande quantidade... Inferior a cerejas... Groselha mais refrescante... Única objeção a colher morangos: o abaixar... Sol ofuscante... Morta de cansaço... Não posso mais suportar... Devo ir sentar-me na sombra.

Tal foi, por meia hora, a conversa, interrompida apenas uma vez pela senhora Weston, que veio até a área externa, em sua preocupação com o enteado, para perguntar se ele viria e ela estava um pouco inquieta. Ela tinha alguns temores quanto ao cavalo dele.

Lugares toleravelmente na sombra foram encontrados e agora Emma era obrigada a ouvir sem querer o que a senhora Elton e Jane Fairfax estavam conversando. Uma situação, uma situação muitíssimo desejável, estava sendo discutida. A senhora Elton havia recebido um aviso sobre uma oferta de emprego para ela naquela manhã e estava em êxtase. Não tinha a ver com a senhora Suckling, não tinha a ver com a senhora Bragge, mas em felicidade e esplendor só faltou incluir as duas: tinha a ver com uma prima da senhora Bragge, uma conhecida da senhora Suckling, uma senhora conhecida em Maple Grove. Encantadora, bela, superior, os melhores círculos, esferas, linhagens, posições, tudo... e a senhora Elton estava louca para que a oferta fosse aceita imediatamente. De seu lado, tudo era entusiasmo, energia e triunfo e ela com certeza recusava-se a receber um não da amiga, embora a senhorita Fairfax continuasse a assegurar-lhe que não se comprometeria com nada naquele momento, repetindo os mesmos motivos que tinham-na escutado declarar antes. Mesmo assim, a senhora Elton insistiu em ser autorizada a escrever um

consentimento até o horário do correio do dia seguinte. Como Jane conseguia suportar aquilo de alguma forma era espantoso para Emma. Ela de fato parecia irritada, ela de fato falava de forma enfática e, por fim, com uma decisão de ação incomum para ela, propôs uma retirada. “Eles não deveriam caminhar? O senhor Knightley não vai mostrar-lhes os jardins (todos os jardins)? Ela gostaria de ver toda a extensão.” A persistência da amiga parecia ser mais do que ela conseguia suportar.

Estava quente; e após andar por algum tempo nos jardins de uma forma espalhada e dispersa, quase nunca com mais do que duas pessoas juntas, eles inconscientemente seguiram uns aos outros até a deliciosa sombra de um vasto e baixo caminho de limoeiros que, estendendo-se para além do jardim

a uma distância igual à do rio, parecia o fim da área da diversão. O caminho levava a nada, nada exceto uma visão no final por cima de um muro baixo de pedra com pilares altos que pareciam destinados, ao serem erigidos,

a dar a aparência de uma aproximação com a casa que nunca tinha estado ali. Questionável, contudo, como poderia ser o gosto por tal finalização, era em si uma caminhada interessante, e a visão que a concluía, extremamente bonita. O desnível considerável, quase na base da qual Donwell Abbey emergia, gradualmente adquiria uma forma mais acentuada além da área externa e

oitocentos metros mais longe estava um barranco de considerável declive e vastidão, bem coberto com árvores; e no fundo deste barranco, favoravelmente posicionada e abrigada, surgia a Abbey Mill Farm, com pastos na frente e o rio fazendo uma curva fechada e bonita no entorno.

Era uma visão agradável aos olhos e à mente. Verdor inglês, cultura inglesa, conforto inglês vistos sob um Sol que era brilhante sem ser opressivo.

Nesta caminhada, Emma e o senhor Weston encontraram todos os outros reunidos e, diante desta visão, ela imediatamente destacou o senhor Knightley e Harriet do resto, calmamente abrindo o caminho. Era um *tête-*

à-tête estranho, mas ela estava feliz em vê-lo. Houve um tempo em que ele a teria desdenhado como companhia e se afastado dela com pouca cerimônia. Agora eles pareciam estar numa conversa agradável. Houve também um tempo em que Emma teria lamentado ver Harriet em um ponto tão favorável para a Abbey Mill Farm, mas agora ela não temia mais isso. A fazenda poderia ser seguramente avistada com todos os seus apêndices de prosperidade e beleza, seus ricos pastos, rebanhos espalhados, o pomar florescendo e a leve coluna de fumaça subindo. Emma juntou-se a eles no muro e encontrou-os mais empenhados em conversar do que em olhar em volta. Ele estava dando a Harriet informações sobre modos de agricultura etc., e Emma recebeu um sorriso que parecia dizer “Estes são meus interesses. Tenho o direito de falar sobre tais assuntos sem ser suspeito de mencionar Robert Martin.” Ela não suspeitou dele. Era uma história muito antiga. Robert Martin provavelmente tinha parado de pensar em Harriet. Eles deram algumas voltas juntos ao longo do percurso. A sombra era muitíssimo refrescante, e Emma a achou a parte mais prazerosa do dia.

O traslado seguinte foi para a casa, pois eles deveriam todos entrar e comer, mas estavam todos sentados e ocupados, e Frank Churchill não havia chegado ainda. A senhora Weston olhou, e olhou em vão. O pai dele não admitiria que estava preocupado e riu dos temores dela, mas não se pôde evitar que ela desejasse que ele partisse com sua égua preta. Ele mesmo tinha se expressado como se viesse, com mais do que uma simples certeza. “A tia dele havia melhorado tanto que o senhor Weston não tinha nenhuma dúvida de que Frank os visitaria”. O estado da senhora Churchill, entretanto, como muitos estavam prontos a lembrá-la, estava sujeito a tal variação súbita que poderia frustrar seu sobrinho com a mais fundamentada dependência, então a senhora Weston foi enfim convencida a acreditar, ou a dizer, que foi por algum ataque da senhora Churchill que ele foi impedido de vir. Emma olhou para Harriet enquanto a questão estava sendo considerada, ela comportou-se muito bem e não deixou transparecer nenhuma emoção.

A refeição fria tinha acabado, e o grupo sairia mais uma vez para ver o que ainda não tinha sido visto, os velhos tanques de peixes da Abbey,

talvez chegar até os trevos, que começariam a ser cortados na manhã seguinte, ou, a qualquer ritmo, ter o prazer de ficar aquecido e resfriar-se de novo. O senhor Woodhouse, que já tinha dado sua pequena volta na parte mais alta dos jardins, onde nenhuma umidade do rio era imaginada nem mesmo por ele, não se mexeu mais e sua filha decidiu ficar com ele, de modo que a senhora Weston pudesse ser convencida por seu marido a se exercitar e fazer as coisas variadas de que seu espírito parecia necessitar.

O senhor Knightley tinha feito tudo em seu poder para o entretenimento do senhor Woodhouse. Livros de gravuras, gavetas de medalhas, camafeus, corais, conchas e todas as outras coleções de família em seus armários haviam sido preparadas para seu velho amigo com o objetivo de fazer as horas da manhã passarem e a gentileza tinha atendido à necessidade perfeitamente.

O senhor Woodhouse estivera extremamente bem entretido. A senhora Weston mostrou-as todas a ele, e agora ele as mostraria todas a Emma e era uma sorte que não tivesse nenhuma outra semelhança com um garoto, além de uma total carência de gosto pelo que via, pois ele era lento, constante e metódico. Antes que esta segunda olhada tivesse começado, entretanto, Emma entrou no hall para poder ter alguns momentos de livre observação da entrada e do terreno da casa e mal havia chegado quando Jane Fairfax apareceu, entrando depressa vindo do jardim, e com um olhar de fuga. Não esperando encontrar a senhorita Woodhouse tão cedo, houve um sobressalto no início, mas a senhorita Woodhouse era exatamente a pessoa que ela procurava.

– Poderia fazer a gentileza – disse ela –, quando eu estiver ausente, de dizer que voltei para casa? Estou indo neste momento. Minha tia não está ciente de quão tarde é, nem de há quanto tempo estamos ausentes, mas tenho certeza de que seremos solicitadas em algum momento e estou decidida a ir para lá imediatamente. Não disse nada sobre isso a ninguém. Só causaria problema e desconforto. Alguns partiram para os tanques, e alguns para o caminho dos limoeiros. Até todos entrarem de volta não perceberão minha ausência e quando perceberem, a senhorita teria a bondade de dizer que fui embora?

– Certamente, se deseja assim, mas não vai caminhar até Highbury sozinha, vai?

– Sim. O que poderia me fazer mal? Eu ando rápido. Estarei em casa em vinte minutos.

– Mas é longe demais, certamente é, para a senhorita andar totalmente sozinha. Deixe que o criado de meu pai a acompanhe. Deixe-me chamar a carruagem. Ela pode ser trazida e posicionada em cinco minutos.

– Obrigada, obrigada, mas de maneira nenhuma. Prefiro andar. E eu ficar com medo de andar sozinha! Eu, que posso em breve ter de proteger os outros!

Ela falava com grande agitação e Emma, muito enternecidamente, respondeu:

– Isso não pode ser motivo para a senhorita ser exposta ao perigo agora. Preciso chamar a carruagem. Até o calor seria um perigo. Vejo que já está cansada.

– Estou – respondeu ela –, estou cansada, mas não é o tipo de cansaço que... uma caminhada rápida vai renovar-me. Senhorita Woodhouse, todos nós sabemos, às vezes, o que é estar com os ânimos exauridos. Os meus, confesso, estão exaustos. A maior bondade que pode me mostrar será deixar-me seguir meu próprio caminho e somente contar que fui embora quando for necessário.

Emma não tinha outra palavra para opor-se. Ela viu tudo e, entrando nos sentimentos de Jane, promoveu sua saída da casa imediatamente e observou-a partindo em segurança com o zelo de uma amiga. O olhar de despedida dela era de gratidão e as palavras de despedida: “Oh, senhorita Woodhouse, o conforto de estar sozinha algumas vezes!”, pareceram explodir de um coração sobrecarregado e descrever algo da contínua resistência praticada por ela, mesmo em relação a alguns daqueles que mais a amavam.

– Que casa, de fato! Que tia! – disse Emma, à medida que voltava para o hall. – Realmente sinto pena da senhorita. E quanto mais sensibilidade demonstrar em relação aos verdadeiros horrores deles, mais eu vou gostar da senhorita.

Ainda não fazia um quarto de hora que Jane havia partido, e eles haviam

conseguido dar apenas umas olhadas nas imagens da Praça de São Marcos, em Veneza, quando Frank Churchill entrou. Emma não estivera pensando nele, tinha se esquecido de pensar nele, mas ela estava muito feliz em vê-lo.

A senhora Weston ficaria tranquila. A égua preta era inocente e aqueles que tinham apontado a senhora Churchill como a causa estavam certos. Ele havia sido detido por uma piora temporária da condição dela, uma convulsão nervosa, que durara algumas horas, e ele abandonara qualquer ideia de vir, até muito tarde e se soubesse da cavalgada quente que deveria enfrentar, e quão atrasado (com toda a sua pressa) estaria, acharia melhor ter vindo em hipótese alguma. O calor estava excessivo, ele nunca havia sofrido com algo parecido e quase desejou ter permanecido em casa (nada o matava como o calor), pois ele poderia suportar qualquer intensidade de frio, etc., mas calor era intolerável e ele sentou-se, à maior distância possível dos poucos resquícios da lareira do senhor Woodhouse, com uma aparência

muito deplorável.

– Se ficar sentado, em breve o senhor vai se sentir mais fresco – disse Emma.

– Assim que tiver me refrescado, vou voltar. Eu poderia, muito inapropriadamente, ser dispensado. Mas tinham criado uma tal importância para a minha vinda! Todos partirão em breve, suponho, o grupo inteiro desmanchando-se. Encontrei uma pessoa enquanto eu vinha. Uma loucura em um clima assim! Loucura absoluta!

Emma escutou, e olhou, e logo percebeu que o estado de Frank

Churchill poderia ser definido da melhor forma pela expressiva locução “mal-humorado”. Algumas pessoas ficavam sempre irritadas quando estavam com calor. Tal poderia ser sua constituição e como sabia que comer e beber

frequentemente era a cura de tais queixas esporádicas, ela recomendou que ele fizesse uma refeição, pois ele encontraria abundância de tudo na sala

de jantar, e ela caridosamente apontou para a porta.

Não, ele não comeria. Não estava com fome e isso só o deixaria com mais calor. Entretanto, em dois minutos, ele cedeu a seu próprio favor e, resmungando algo sobre cerveja de abeto, deixou o cômodo. Emma retornou toda a atenção ao pai, dizendo em segredo, “Que bom que já não estou mais apaixonada por ele. Eu não gostaria de um homem que fica incomodado tão rapidamente por uma manhã quente. O gênio doce e tranquilo de Harriet não vai importar-se com isso”.

Ele ficou ausente por tempo suficiente para ter feito uma refeição muito agradável e voltou bem melhor (tinha se refrescado bastante) e com boas maneiras, como o Frank Churchill de sempre, capaz de puxar uma cadeira perto deles, interessar-se pela atividade dos outros e lamentar, de uma forma sensata, que ele estivesse tão atrasado. Ele não estava em seu melhor humor, mas parecia tentar melhorá-lo e, por fim, obrigou-se a conversar sobre trivialidades muito agradavelmente. Eles estavam examinando paisagens da Suíça.

– Assim que minha tia estiver melhor, viajarei para o exterior – disse ele.
– Jamais estarei tranquilo até ter visto alguns destes lugares. A senhorita terá meus rascunhos, uma hora ou outra, para ver, ou minha digressão para ler, ou meu poema. Farei alguma coisa para expressar-me.

– Pode ser, mas não com rascunhos da Suíça. O senhor nunca irá à Suíça. Seu tio e sua tia nunca permitirão que deixe a Inglaterra.

– Eles podem ser induzidos a ir também. Um clima quente pode ser prescrito para ela. Tenho expectativas razoáveis de que todos nós iremos para o exterior. Garanto-lhe que tenho. Sinto uma forte convicção, nesta manhã, de que estarei em breve no exterior. Eu deveria viajar. Estou farto de não fazer nada. Quero uma mudança. Estou falando sério, senhorita Woodhouse, independentemente do que seus olhos penetrantes possam achar. Estou farto da Inglaterra e partiria amanhã, se pudesse.

– O senhor está farto de prosperidade e satisfação. Não pode inventar algumas dificuldades para si e contentar-se em ficar?

– Eu, farto de prosperidade e satisfação? A senhorita está completamente enganada. Não me vejo nem como próspero nem como satisfeito. Sou frustrado em todas as coisas relevantes. Não me considero uma pessoa

afortunada de forma alguma.

– O senhor não está tão infeliz, entretanto, quanto estava quando chegou. Vá comer e beber mais um pouco, e ficará muito bem. Outra fatia de carne defumada e outro gole de vinho madeira e água vão deixá-lo quase no mesmo nível que o restante de nós.

– Não. Não vou me mexer. Vou me sentar perto da senhorita. A senhorita é minha melhor cura.

– Vamos a Box Hill amanhã e o senhor vai juntar-se a nós. Não é a Suíça, mas será alguma coisa para um rapaz que quer tanto uma mudança. Vai ficar e viajar conosco?

– Não, certamente não, pois irei para casa no frescor da noite.

– Mas pode vir de novo no frescor matinal de amanhã.

– Não, não vai valer a pena. Se vier, ficarei irritado.

– Então, insisto que permaneça em Richmond.

– Mas, se eu permanecer, ficarei ainda mais irritado. Nunca consigo suportar a ideia de todos lá sem mim.

– O senhor deve resolver essas dificuldades por si só. Escolha seu nível de irritação. Não vou mais pressioná-lo.

O resto do grupo estava retornando agora, e logo estavam todos reunidos. Para uns, houve grande alegria com a visão de Frank Churchill; outros receberam a notícia com muita serenidade; mas houve uma aflição e um incômodo muito generalizados com a explicação sobre o desaparecimento da senhorita Fairfax. Que era hora de todos irem, concluiu o assunto e, com uma breve disposição final para o plano do dia seguinte, eles partiram. A pequena inclinação de Frank Churchill para se excluir intensificou-se tanto que suas últimas palavras para Emma foram:

– Bem, se deseja que eu fique e me junte ao grupo, farei isso.

Ela sorriu para expressar a aprovação; e nada menos do que uma convocação de Richmond o levaria de volta antes da noite seguinte.

Capítulo 7

Era um dia muito bom para ir a Box Hill e todas as demais circunstâncias externas de acertos, acomodação e pontualidade estavam a favor de uma celebração agradável. O senhor Weston dirigiu o conjunto, presidindo com

segurança entre Hartfield e o vicariato, e todos chegaram em um horário oportuno. Emma e Harriet foram juntas; a senhorita Bates e a sobrinha, com os Elton; os cavalheiros, a cavalo. A senhora Weston permaneceu com o senhor Woodhouse. Nada era desejado além de estarem felizes quando chegassem lá. Onze quilômetros foram percorridos na expectativa de diversão, e todos tiveram um surto de admiração ao chegarem, mas no dia como um todo, houve deficiência. Havia uma languidez, uma escassez de ânimo, uma escassez de união que não podiam ser superadas. Eles separaram-se excessivamente em grupos. Os Elton caminharam juntos; o senhor Knightley encarregou-se da senhorita Bates e de Jane; e Emma e Harriet pertenciam a Frank Churchill. E o senhor Weston tentou, em vão, fazê-los harmonizar-se melhor. Em um primeiro momento, parecia uma divisão accidental, mas ela nunca variou substancialmente. O senhor e a senhora Elton, na verdade, não mostraram nenhuma indisposição para misturar-se e foram tão agradáveis quanto podiam; mas, durante as duas horas inteiras passadas na colina, parecia haver um princípio de separação entre os outros grupos, forte demais para quaisquer boas perspectivas, ou quaisquer agrupamentos frios, ou qualquer senhor Weston animado remover.

A princípio, aquilo era o mais puro tédio para Emma. Ela nunca tinha visto Frank Churchill tão quieto e estúpido. Ele não disse nada que fosse digno de ser ouvido, via sem enxergar, admirava sem inteligência, ouvia sem saber o que ela tinha dito. Enquanto ele estava tão entediante não era de se admirar que Harriet devesse estar igualmente entediante; e eles estavam ambos insuportáveis.

Quando todos sentaram-se, ficou melhor para o gosto dela, muito melhor, pois Frank Churchill tornou-se comunicativo e alegre, fazendo dela seu objeto principal. Cada atenção peculiar que podia ser dispensada era dispensada a ela. Diverti-la e ser agradável aos seus olhos parecia ser tudo com o que ele se importava e Emma, feliz por ser animada, não lamentando ser lisonjeada, estava contente e confortável, e deu a ele todo o encorajamento favorável, a permissão para ser galante, que ela jamais havia dado no primeiro e mais animador período da convivência deles; mas que agora, na avaliação dela própria, não significava nada, embora no

julgamento da maior parte das pessoas observando deva ter aparentado como se nenhuma palavra exceto flerte pudesse descrever muito bem. “O senhor Frank Churchill e a senhorita Woodhouse flertaram excessivamente.” Eles estavam expondo-se a essa exata expressão, e a ter enviado-a em uma carta a Maple Grove por uma senhora, à Irlanda por outra. Não que Emma estivesse alegre e negligente de qualquer felicidade real, a verdade, era porque ela sentia-se menos feliz do que esperara. Ela ria porque estava decepcionada e, embora gostasse dele por suas atenções e considerasse todas, fosse em amizade, admiração ou graça, extremamente criteriosas, elas não estavam ganhando o seu coração de volta. Ela ainda destinava a ele a posição de amigo.

– Como sou grato à senhorita – disse ele –, por me convidar para vir hoje! Se não tivesse sido seu encorajamento, com certeza eu teria perdido toda

a felicidade desta celebração. Eu havia definitivamente determinado que iria embora.

– Sim, o senhor estava muito irritado e não sei com o quê, exceto o fato de que estava atrasado demais para ficar com os melhores morangos. Fui uma amiga mais bondosa do que o senhor merecia. Mas o senhor foi modesto e implorou muito para ser ordenado a vir.

– Não diga que eu estava irritado. Eu estava cansado. O calor me subjugou.

– Hoje está mais quente.

– Não na minha percepção. Estou perfeitamente confortável hoje.

– O senhor está confortável porque está sob controle.

– Seu controle? Sim.

– Talvez eu desejasse que o senhor dissesse isso, mas neste caso quis dizer autocontrole. Ontem, de uma maneira ou outra, o senhor ultrapassou fronteiras e fugiu de seu próprio controle, mas hoje está de volta e, como não posso estar sempre com o senhor, é melhor confiar em seu gênio sob seu próprio controle do que sob o meu.

– É a mesma coisa. Não consigo ter autocontrole sem um motivo. A senhorita manda em mim, falando ou não. E pode sempre estar comigo. A

senhorita sempre está comigo.

– Desde as três da tarde de ontem. Minha influência perpétua não poderia começar antes ou o senhor não teria estado tão mal-humorado.

– Três da tarde de ontem! Esta é a sua data. Eu achava que a tinha visto pela primeira vez em fevereiro.

– Seu galanteio é de fato imbatível. Mas – disse ela, abaixando a voz – ninguém está falando além de nós, e é um grande exagero ficar dizendo tolices para o entretenimento de sete pessoas em silêncio.

– Não digo nada de que me envergonhe – respondeu ele, com vívido descaramento. – Eu a vi pela primeira vez em fevereiro. Deixe que todos no monte me ouçam, se puderem. Deixe que minha declaração se avolume até Mickleham de um lado e Dorking do outro. Eu a vi pela primeira vez em fevereiro. – E então continuou, sussurrando. – Nossos companheiros são tolos demais. O que faremos para animá-los? Qualquer tolice servirá. Eles conversarão. Senhoras e senhores, fui intimado pela senhorita Woodhouse (que, onde quer que esteja, preside) a dizer que ela deseja saber o que os senhores todos estão pensando.

Alguns riram e responderam de forma bem-humorada. A senhorita Bates falou bastante e a senhora Elton inflamou-se com a ideia da senhorita Woodhouse presidindo, já a resposta do senhor Knightley foi a mais peculiar:

– A senhorita Woodhouse tem certeza de que gostaria de ouvir o que nós todos estamos pensando?

– Oh, não, não! – exclamou Emma, rindo tão despreocupadamente quanto conseguia. – De forma alguma. É a última coisa que eu aguentaria agora. Deixem-me ouvir qualquer coisa que não seja o que os senhores todos estão pensando. Não digo exatamente todos. Há um ou dois, talvez – disse, dando uma olhada no senhor Weston e em Harriet –, cujos pensamentos eu possa não ter medo de saber.

– É o tipo de coisa – disse a senhora Elton enfaticamente e com voz bem alta – que eu não me consideraria privilegiada o suficiente para indagar. Embora, talvez, como a acompanhante do grupo... eu nunca estive em nenhum círculo... em grupos de exploração... moças... mulheres casadas...

Os resmungos dela eram principalmente para o marido; e ele murmurou, em resposta:

– A mais pura verdade, meu amor, a mais pura verdade. Exatamente isso, na verdade, bastante inédito, mas algumas moças dizem qualquer coisa. Melhor deixar passar como uma piada. Todo mundo sabe o que lhe é adequado.

– Não vai servir – sussurrou Frank para Emma. – Eles estão, na maioria, ofendidos. Vou atacá-los com mais destreza. Senhoras e senhores, fui intimado pela senhorita Woodhouse a dizer que ela abre mão de seu direito de saber exatamente o que todos podem estar pensando e requer apenas algo muito divertido de cada um dos senhores, de forma geral. Aqui estão sete pessoas, além de mim mesmo (que, ela tem o prazer de falar, sou muito divertido já), e ela somente demanda de cada um ou uma coisa muito inteligente, seja prosa ou verso, original ou repetida, ou duas coisas moderadamente inteligentes, ou três coisas muito enfadonhas, e ela compromete-se a rir com bastante entusiasmo de todas elas.

– Oh! Muito bem! – exclamou a senhorita Bates. – Então não preciso sentir-me desconfortável. “Três coisas muito enfadonhas”. Isso vai servir perfeitamente para mim, todos sabem. Devo certificar-me de dizer três coisas enfadonhas assim que abrir a boca, não devo? – perguntou ela, olhando ao redor com a mais bem-humorada dependência do aval de todos. – Todos aqui não acham que eu devo?

Emma não pôde resistir.

– Ah, senhorita, mas pode haver uma dificuldade. Perdoe-me, mas a senhorita terá um número limitado: apenas três por vez.

A senhorita Bates, enganada pela cerimônia zombeteira dos seus modos, não entendeu de imediato o que ela quis dizer, mas quando a mensagem a atingiu, não conseguiu irritá-la, embora um discreto rubor mostrou que conseguia perturbá-la.

– Ah! Bem... decerto. Sim, entendo o que ela quis dizer – falou ela, e virou-se para o senhor Knightley –, e vou tentar segurar minha língua.

Eu devo parecer muito desagradável, ou ela não teria dito tal coisa a uma velha amiga.

– Gostei do seu plano! – exclamou o senhor Weston. – Combinado, combinado. Vou fazer meu melhor. Estou pensando em uma charada. Quanto vai valer uma charada?

– Temo que pouco, senhor, muito pouco – respondeu seu filho –, mas seremos indulgentes, especialmente com quem abrir caminho.

– Não, não – disse Emma –, não vai valer pouco. Uma charada do senhor Weston vai liquidar a cota dele e de seu vizinho. Venha, senhor, peço-lhe que deixe-me ouvi-lo.

– Eu mesmo duvido que seja muito inteligente – disse o senhor Weston. – É simples demais, mas aqui está. Quais são as duas letras do alfabeto que expressam perfeição?

– Duas letras? Expressar perfeição? Tenho certeza de que não sei.

– Ah! A senhorita nunca vai adivinhar. – E dirigindo-se a Emma:

– Tenho certeza de que nunca vai adivinhar. Vou contar-lhe. M e A. Emma. Entendeu?

Entendimento e satisfação vieram juntos. Poderia ser uma obra de engenhosidade muito medíocre, mas Emma encontrou muito do que rir e apreciar nela e o mesmo ocorreu com Frank e Harriet. A charada não pareceu tocar o resto do grupo igualmente, pois alguns pareciam muito entediados, e o senhor Knightley disse num tom sério:

– Isto explica o tipo de inteligência que se deseja, e o senhor Weston saiu-se muito bem, mas ele deve ter derrotado a todos. Perfeição não deveria ter vindo tão cedo.

– Oh! De minha parte, declaro que devo ser dispensada – disse a senhora Elton. – Eu realmente não posso tentar: não gosto nem um pouco deste tipo de coisa. Uma vez, enviaram-me um acróstico feito com meu próprio nome, com o qual não fiquei nada contente. Eu sabia de quem veio. Um abominável pateta! Os senhores sabem a quem me refiro – disse ela, mexendo a cabeça na direção do marido. – Esse tipo de coisa é muito apropriada no Natal, quando se está sentado perto da lareira, mas totalmente deslocada, na minha opinião, quando se está explorando o interior no verão. A senhorita Woodhouse deve dispensar-me. Não sou uma dessas pessoas que têm coisas espirituosas a serviço de todos. Não

finjo ser uma espertalhona. Tenho muita vivacidade à minha própria maneira, mas realmente devo ter permissão para julgar quando falar e quando segurar minha língua. Por favor, pule a nossa vez, senhor Churchill. Pule o senhor E., Knightley, Jane e eu. Não temos nada inteligente a dizer. Nenhum de nós.

– Sim, sim, por favor, me pule – acrescentou o marido dela, com uma espécie de consciência irônica. – Não tenho nada a dizer que possa entreter a senhorita Woodhouse ou qualquer outra moça. Um velho homem casado: muito bom para nada. Podemos andar, Augusta?

– Com certeza. Estou realmente cansada de explorar por tanto tempo um único ponto. Venha, Jane, pegue meu outro braço.

Jane, entretanto, recusou a oferta, e marido e esposa retiraram-se.

– Casal feliz! – disse Frank Churchill assim que eles ficaram longe o suficiente para não ouvir. – Como combinam um com o outro! Muito afortunados... Casando-se como o fizeram, a partir de um contato construído apenas em um local público! Eles haviam se conhecido, acho, poucas semanas antes em Bath! Singularmente afortunados! Pois, em relação a qualquer conhecimento real da inclinação de uma pessoa que Bath, ou qualquer local público, possa dar, é tudo um nada; não pode haver conhecimento.

É apenas vendo as mulheres em seus próprios lares, entre os seus, exatamente

como elas sempre são, que se pode elaborar qualquer julgamento justo.

Na falta disso, é tudo suposição e sorte. E em geral má sorte. Quantos

homens comprometeram-se em uma relação breve e lastimaram pelo resto de suas vidas!

A senhorita Fairfax, que em raras vezes tinha falado antes, exceto entre os próprios aliados, disse agora:

– Tais coisas realmente ocorrem, sem dúvida. – Ela foi interrompida por uma tosse. Frank Churchill virou-se para ela para ouvi-la.

– A senhorita estava falando – disse ele, com seriedade.

Ela recuperou a voz:

– Eu só ia observar que, embora tais circunstâncias infelizes de fato ocorram às vezes, tanto para homens quanto para mulheres, não posso imaginar que sejam assim tão frequentes. Uma ligação imprudente e feita às pressas pode surgir, mas em geral há tempo para recuperar-se dela depois. O que quero dizer é que apenas índoles fracas e hesitantes (cuja felicidade deve estar sempre à mercê do acaso) é que sofrerão com o fato de um contato desfavorável transformar-se em uma inconveniência, uma opressão, para sempre.

Ele não respondeu nada, simplesmente olhou e fez uma reverência como sinal de submissão e logo em seguida disse, em um tom animado:

– Bem, tenho tão pouca confiança em meu julgamento que, quando eu for me casar, espero que alguém escolha minha esposa para mim. A senhorita vai escolher? – perguntou, virando-se para Emma. – Vai escolher uma esposa para mim? Estou certo de que devo gostar de qualquer pessoa selecionada pela senhorita, que determina as cláusulas da família, sabe – disse ele, sorrindo para o pai. – Encontre alguém para mim. Não estou com pressa. Adote-a, eduque-a.

– E faça-a gostar de mim.

– Certamente, se conseguir.

– Muito bem. Aceito a incumbência. O senhor terá uma esposa encantadora.

– Ela deve ser muito alegre e ter olhos castanhos. Não me importo com nada além disso. Vou viajar para o exterior e ficar lá por alguns anos e, quando eu voltar, eu a procurarei para que me entregue minha esposa. Lembre-se disso.

Não havia perigo de Emma esquecer-se. Era uma incumbência para sensibilizar cada sentimento predileto. Harriet não seria exatamente a criatura descrita? Exceto pelos olhos castanhos, dois anos a mais poderiam torná-la tudo o que ele desejava. Ele poderia até ter Harriet em seus pensamentos naquele momento, mas quem poderia dizer? Mencionar a educação da candidata parecia implicar isso.

– Agora, senhora – disse Jane à tia –, podemos juntar-nos à senhora Elton?

– Por favor, minha querida. Absolutamente. Estou completamente pronta.

Estava pronta para ir com ela, mas isto servirá igualmente bem. Logo vamos ultrapassá-la. Lá está ela. Não, é outra pessoa. É uma das senhoras do grupo do veículo irlandês, nada parecida com ela. Bem, declaro que...

Elas foram embora, seguidas em meio minuto pelo senhor Knightley. Apenas o senhor Weston, o filho dele, Emma e Harriet permaneceram e os ânimos do rapaz agora atingiram uma intensidade quase desagradável. Até Emma cansou-se enfim da adulação e da folia, e desejou ela mesma andar tranquilamente com qualquer um dos outros, ou sentar-se quase sozinha, e um tanto desacompanhada, em uma observação calma das paisagens abaixo dela. O aparecimento dos empregados para anunciar as carruagens foi uma visão alegre, e até mesmo o alvoroço de juntarem-se e prepararem-se para partir e a preocupação da senhora Elton em ter a carruagem dela primeiro foram alegremente suportados com a perspectiva de uma viagem calma para casa, que encerraria as diversões muito questionáveis deste dia de prazer. Ela esperava nunca ser atraída para um outro plano assim, formado por tantas pessoas incompatíveis.

Enquanto esperava pela carruagem, ela encontrou o senhor Knightley ao seu lado. Ele olhou ao redor, como se estivesse conferindo que ninguém estava por perto, e então disse:

– Emma, devo mais uma vez falar com a senhorita, como costumo fazer: um privilégio suportado em vez de aceito, mas, ainda assim, preciso usá-lo. Não posso vê-la agindo de forma errada sem uma objeção. Como pôde ser tão insensível com a senhorita Bates? Como pôde ser tão insolente em sua perspicácia com uma mulher com a índole, idade e situação dela? Emma, eu não achava que isso fosse possível.

Emma lembrou, corou, lamentou, mas tentou não dar muita importância.

– Não, como eu poderia evitar dizer o que eu disse? Ninguém teria conseguido. Não foi tão ruim. Atrevo-me a dizer que ela não me entendeu.

– Garanto-lhe que ela entendeu e sentiu o significado pleno das suas palavras. A senhorita Bates falou sobre o episódio desde que ocorreu. Eu queria que pudesse ter escutado como ela falou sobre ele, com que franqueza e generosidade. Eu queria que pudesse ter escutado a reverência dela à sua paciência, ao ser capaz de dedicar tais atenções a ela, como estava sempre recebendo da senhorita e de seu pai, quando a companhia

dela deve ser tão irritante.

– Oh! – exclamou Emma. Sei que não há criatura melhor no mundo: mas o senhor deve admitir que o que é bom e o que é ridículo estão misturados nela da forma mais azarada possível.

– Estão misturados – disse ele –, eu reconheço e, se ela fosse rica, eu poderia permitir muito bem a prevalência ocasional do ridículo sobre o bom. Se ela fosse uma mulher abastada, eu deixaria todos os absurdos inofensivos arriscarem-se, eu não discutiria com a senhorita por quaisquer liberdades nos modos. Se ela estivesse na mesma situação em que a senhorita está... Mas Emma, considere o quão distante isto está de ser o caso. Ela é pobre, desceu do nível dos confortos em que nasceu e, se ela viver até uma idade avançada, deve afundar ainda mais. A situação dela deveria assegurar sua compaixão. Foi uma péssima atitude, de fato! A senhorita, que ela conhecera criança, que tinha visto crescer em um período em que a atenção a ela era uma honra, agora com um sentimento imprudente, e no orgulho do momento, rindo dela, humilhando-a, e na frente da sobrinha e na frente de outros, muitos dos quais (certamente alguns) seriam inteiramente guiados pelo seu tratamento a ela. Isto não lhe é agradável, Emma, e é muito distante de agradável para mim, mas eu devo, eu vou, eu vou dizer-lhe verdades enquanto posso, satisfeito com o fato de provar que sou seu amigo dando-lhe um conselho muito sincero e confiando que vai, uma hora ou outra, fazer uma justiça maior a mim do que pode fazer agora.

Enquanto conversavam, avançavam rumo à carruagem, ela estava pronta e, antes que pudesse falar de novo, ele a tinha conduzido para dentro. Ele havia interpretado incorretamente os sentimentos que tinham mantido o rosto dela desviado e a língua dela parada. Eles estavam juntos apenas na revolta contra ela própria, mortificação e profunda preocupação. Ela não fora capaz de falar e, ao entrar na carruagem, afundou-se por um momento, derrotada. Então, recriminando-se por não ter se retirado, por ter nada reconhecido, partido em aparente rabugice, ela olhou para fora com a voz e a mão ansiosas para mostrar uma diferença, mas era simplesmente tarde demais. Ele tinha se virado, e os cavalos estavam em movimento. Ele continuou olhando para trás, mas em vão e logo, com o

que parecia uma velocidade incomum, eles tinham descido meio monte, e tudo tinha sido deixado para trás. Ela estava atormentada além do que poderia ter sido expresso, quase além do que poderia disfarçar. Ela nunca havia se sentido tão agitada, mortificada e aflita em qualquer circunstância de sua vida. Ela foi atingida o mais violentamente possível. Não havia como negar a verdade desta representação. Ela sentiu-a em seu coração. Como poderia ter sido tão brutal, tão cruel com a senhorita Bates? Como ela poderia ter se exposto a opiniões tão ruins de todos que ela estimava? E como suportar que ele fosse embora sem uma palavra de gratidão, de concordância, de gentileza comum!

O tempo não a acalmou. À medida que ela refletia, parecia apenas mais sentida com o episódio. Ela nunca tinha estado tão triste. Felizmente, não era necessário falar. Havia apenas Harriet, que parecia ela mesma estar nada animada, esgotada e muito desejosa de ficar em silêncio; e Emma sentiu as lágrimas descendo pelas bochechas durante quase todo o caminho até chegar em casa, sem importar-se minimamente em contê-las, por mais extraordinárias que fossem.

Capítulo 8

A desventura de elaborar um plano para ir a Box Hill esteve nos pensamentos de Emma a noite toda. Como ele poderia ser considerado pelo resto do grupo, ela não podia dizer. Eles, em seus diferentes lares e modos, poderiam estar olhando para o evento em retrospecto com satisfação; mas, na sua opinião, foi uma manhã mais completamente desperdiçada, mais totalmente desprovida de satisfação racional no momento e mais para ser odiada na memória do que qualquer outra que ela tivesse vivido. Uma noite inteira de gamão com o pai era felicidade, comparado ao plano. Ali, de fato, residia satisfação real, pois ali ela estava cedendo as mais agradáveis horas dentre as vinte e quatro para o conforto dele e, sentindo isso, por mais imerecido que pudesse ser o grau da afeição carinhosa e estima cheia de confiança dele, ela não podia, em sua conduta geral, estar aberta a qualquer reprovação severa. Como filha, ela esperava que tivesse um coração. Ela esperava que ninguém pudesse dizer-lhe

“Como pôde ser tão insensível com seu pai? Eu devo e vou dizer-lhe verdades enquanto posso”. A senhorita Bates não deveria nunca mais... Não, nunca! Se atenção, no futuro, pudesse eliminar o passado, ela poderia ter esperanças de ser perdoada. Ela tinha sido negligente com frequência, a sua consciência lhe dizia: negligente, talvez mais em pensamento do que em ação, desdenhosa, indelicada. Mas não deveria mais ser assim. No calor da verdadeira contrição, ela visitaria a senhorita Bates exatamente na manhã seguinte, e isso deveria ser o início, da parte dela, de um relacionamento regular, igualitário e amável.

Ela estava igualmente determinada quando o dia seguinte chegou e foi cedo, de modo que nada pudesse detê-la. Não era improvável, pensou ela, que pudesse ver o senhor Knightley no caminho ou, talvez, que ele pudesse entrar enquanto ela estivesse fazendo a visita. Ela não tinha objeção. Ela não teria vergonha da imagem da penitência, tão justa e genuinamente dela. Seus olhos estavam direcionados para Donwell enquanto ela andava, mas ela não o viu.

“As damas estavam todas em casa.” Ela nunca tinha se alegrado com esse som antes, nem tinha entrado na passagem, nem subido a escada com qualquer desejo de proporcionar satisfação, mas de conceder uma obrigação ou obter uma, exceto em uma situação ridícula subsequente.

Houve um frenesi com a sua chegada, um bom tanto de movimento e conversa. Ela ouviu a voz da senhorita Bates, algo tinha de ser feito às pressas, porém a criada parecia assustada e desconfortável, estava com esperanças de que ela ficasse feliz em esperar um momento, e então conduziu-a para dentro cedo demais. A tia e a sobrinha pareciam estar escapando para o cômodo adjacente. De Jane, ela teve um relance distinto, parecendo extremamente doente e, antes que a porta as tivesse deixado fora do cômodo, ela ouviu a senhorita Bates dizendo, “Bem, minha querida, vou falar que está deitada na cama e estou certa de que está suficientemente doente para isso”.

A pobre e velha senhora Bates, cortês e modesta como sempre, parecia não entender completamente o que estava acontecendo.

– Temo que Jane não esteja muito bem – disse ela –, mas não sei, eles me dizem que ela está bem. Atrevo-me a dizer que minha filha estará aqui em

breve, senhorita Woodhouse. Espero que a senhorita encontre uma cadeira. Queria que Hetty não tivesse ido. Sou muito pouco capaz. Conseguiu uma cadeira, senhorita? Está sentada onde lhe agrada? Tenho certeza de que ela estará aqui em breve.

Emma esperava seriamente que sim. Ela temeu por um momento que a senhorita Bates se mantivesse afastada dela. Mas a senhorita Bates logo veio “Muito feliz e agradecida”; porém, a consciência de Emma dizia-lhe que não havia a mesma tagarelice alegre de antes. Menos conforto no olhar e nos modos. Uma indagação muito amigável sobre a senhorita Fairfax, esperava ela, poderia abrir caminho para um retorno dos velhos sentimentos. O contato pareceu imediato.

– Ah, senhorita Woodhouse, que bondade sua! Suponho que tenha ficado sabendo e vindo para alegrar-nos. Isto não parece muito com alegria, realmente, em mim – disse ela, piscando rapidamente para esconder uma lágrima ou duas –, mas será muito penoso para nós afastar-nos dela após tê-la por tanto tempo, e ela está com uma dor de cabeça terrível bem agora, escrevendo toda a manhã, são cartas longas assim, a senhorita sabe, a serem escritas para o coronel Campbell e para a senhora Dixon. “Minha querida”, eu disse, “vai ficar cega”, pois estava sempre com lágrimas nos olhos. Não se pode estar surpreso, não se pode estar surpreso. É uma grande mudança e, embora ela seja incrivelmente afortunada (uma situação tal, suponho, com que nenhuma moça já se deparou ao sair pela primeira vez), não pense que somos ingratas, senhorita Woodhouse, por tal boa sorte... – disse ela, novamente dispersando as lágrimas. – Mas pobre querida alma! Se a senhorita visse a dor de cabeça com que ela está! Quando se está experimentando grande dor, a senhorita sabe que não se consegue sentir qualquer bênção inteiramente como ela pode merecer. Está tão fraca quanto possível. Olhando para ela, ninguém imaginaria o quão satisfeita e feliz está por ter assegurado tal situação. Por favor, perdoe-a por não vir vê-la, ela não é capaz de fazê-lo agora, foi para o próprio quarto. Quero que se deite na cama. “Minha querida”, eu disse, “direi que está deitada na cama”: mas, na verdade, não está, ela está perambulando pelo quarto. Mas, agora que escreveu as cartas, diz que logo vai ficar bem. Vai ficar extremamente sentida por não a ver, senhorita Woodhouse, mas

sua bondade vai dispensá-la. A senhorita ficou esperando à porta (fiquei totalmente envergonhada), mas de alguma maneira houve uma pequena confusão, pois aconteceu de tal forma que não tínhamos ouvido a batida na porta, e até que a senhorita estivesse na escada não sabíamos que alguém estava vindo. “É apenas a senhora Cole”, eu disse, “pode ter certeza. Ninguém mais viria tão cedo”. “Bem,” ela disse, “devemos aceitar isso de vez em quando e podemos fazê-lo agora”. Mas então Patty entrou e disse que era a senhorita. “Oh!”, eu disse, “é a senhorita Woodhouse: estou certa de que vai gostar de vê-la”. “Não estou vendo ninguém”, ela disse: e levantou-se e desapareceu e isso foi o que nos fez mantê-la esperando, e extremamente sentidas e envergonhadas nós ficamos. “Se a senhorita deve ir, minha querida”, disse eu, “vá, e eu vou dizer que está deitada na cama”.

Emma estava o mais interessada possível. Seu coração estivera criando afeição por Jane havia bastante tempo; e este panorama dos atuais sofrimentos dela agiu como uma cura para quaisquer suspeitas egoístas anteriores e deixou nela nada além de pena; e a recordação das sensações menos justas e menos gentis do passado obrigaram-na a admitir que Jane poderia muito naturalmente decidir sobre ver a senhora Cole ou qualquer outra amiga regular, quando poderia não suportar ver ela própria. Falou como se sentia, com arrependimento e preocupação sérios, sinceramente desejando que as circunstâncias que ela soube pela senhorita Bates pudessem ser tão vantajosas e confortáveis para a senhorita Fairfax quanto possível.

– Deve ser uma provação severa para todos eles. Ela tinha entendido que haveria um adiamento até o retorno do coronel Campbell.

– Que enorme gentileza! – respondeu a senhorita Bates. – Mas a senhorita é sempre gentil.

Não havia como suportar o “sempre” e, para emergir da pavorosa gratidão dela, Emma fez a pergunta direta:

– Aonde, se é que posso perguntar, a senhorita Fairfax está indo?

– À casa de uma tal senhora Smallridge... Uma mulher encantadora... Extremamente superior... Para cuidar das três menininhas dela... Crianças adoráveis. Impossível que qualquer situação pudesse ser mais repleta de conforto; se excetuarmos, talvez, a própria família da senhora Suckling e a

da senhora Bragge; mas a senhora Smallridge é íntima de ambas e mora exatamente na mesma vizinhança: ela mora a menos de sete quilômetros de Maple Grove. Jane estará a pouco menos de sete quilômetros de Maple Grove.

– A senhora Elton, suponho, é a pessoa a quem a senhorita Fairfax deve...

– Sim, nossa boa senhora Elton. A mais incansável e verdadeira amiga. Ela não aceitaria uma recusa. Ela não deixaria Jane dizer “Não”, pois quando Jane ouviu falar disso pela primeira vez (foi antes de ontem, bem na manhã em que estávamos em Donwell), ela estava totalmente decidida a não aceitar a oferta, e pelos motivos que a senhorita mencionou, resolveu não fechar com nada até o retorno do coronel Campbell, e nada deveria induzi-la a entrar em um novo compromisso no momento. E foi o que ela disse à senhora Elton repetidas vezes, e estou certa de que eu não imaginava que ela fosse mudar de ideia! Mas aquela boa senhora Elton, cujo julgamento nunca falha, viu além do que eu vi. Não é todo mundo que teria teimado do jeito que ela teimou e se recusado a aceitar a resposta de Jane, mas ela positivamente declarou que não escreveria tal recusa ontem, como Jane desejava que ela fizesse, pois aguardaria e, como era de se esperar, ontem à noite ficou decidido que Jane deveria ir. Uma surpresa e tanto para mim! Eu não tinha a menor ideia! Jane conversou com a senhora Elton em particular e disse na mesma hora que, ao ponderar as vantagens da situação da senhora Smallridge, decidiu aceitar a proposta. Eu não sabia uma palavra disso até que estivesse tudo acertado.

– A senhorita passou a noite com a senhora Elton?

– Sim, todas nós. A senhora Elton recebeu-nos. Foi decidido assim, em Box Hill, enquanto estávamos caminhando com o senhor Knightley. “As senhoras todas devem passar a noite conosco”, ela disse, “devo definitivamente receber todas as senhoras”.

– O senhor Knightley estava lá também?

– Não, o senhor Knightley não; ele recusou o convite logo de início; e, embora eu pensasse que ele fosse aceitar porque a senhora Elton declarou que não o deixaria de fora, ele não foi... Mas minha mãe, e Jane, e eu estávamos todas lá, e tivemos uma noite muito agradável. Amigos tão

bondosos, como sabe, senhorita Woodhouse, devem sempre ser considerados agradáveis, embora todo mundo parecesse um tanto esgotado depois da celebração da manhã. Até eventos agradáveis, a senhorita sabe, são cansativos, e não posso dizer que algum deles parecia ter apreciado muito a reunião. Entretanto, eu vou sempre achá-la uma ocasião muito agradável e sentir-me extremamente grata aos bons amigos que me incluíram nela.

– A senhorita Fairfax, suponho, esteve tomando a decisão o dia todo, embora a senhorita não estivesse ciente, certo?

– Atrevo-me a dizer que sim.

– Não importa quando a hora chegar, será indesejado para ela e todos os seus amigos, mas espero que o compromisso tenha toda a palição possível. Quero dizer, em relação à natureza e modos da família.

– Obrigada, cara senhorita Woodhouse. Sim, de fato, há todas as coisas do mundo que podem fazê-la feliz nessa família. Exceto pelos Suckling e Bragge, não há um estabelecimento assim para cuidar de crianças, tão generoso e sofisticado, em toda a rede de contatos da senhora Elton. A senhora Smallridge, uma mulher agradabilíssima! Um estilo de vida que quase se iguala a Maple Grove. E, quanto às crianças, exceto pelos pequenos Suckling e pequenos Bragge, não há crianças tão doces e refinadas em lugar algum. Jane será tratada com muita consideração e gentileza! E não será nada exceto satisfação, uma vida de satisfação. E o salário dela! Realmente não ousou mencionar o salário dela, senhorita Woodhouse. Mesmo a senhorita, tão acostumada que está a grandes somas, mal acreditaria que uma quantia tão grande pudesse ser dada a uma pessoa jovem como Jane.

– Ah! Senhora – exclamou Emma –, se outras crianças forem, de alguma forma, o que eu me lembro de ter sido, eu deveria pensar cinco vezes a quantia que já ouvi falar como sendo o salário em tais ocasiões, ganho muito justamente.

– A senhorita é tão nobre em suas ideias!

– E quando a senhorita Fairfax vai deixá-la?

– Muito em breve, realmente muito em breve e esta é a pior parte. Dentro de quinze dias. A senhora Smallridge está com muita pressa. Minha pobre

mãe não sabe como suportar a situação. Então, tento afastar a partida dos pensamentos dela e dizer, “Por favor, senhora, não vamos mais pensar sobre isso”.

– Os amigos dela devem todos estar tristes em perdê-la e o coronel e a senhora Campbell não lamentarão ao descobrir que ela assumiu um compromisso antes do retorno deles?

– Sim, Jane diz que ela tem certeza de que sim, mas de qualquer forma, esta não é uma situação que permita a Jane sentir-se justificada para recusar a oferta. Fiquei tão admirada quando ela me contou pela primeira vez o que ela andou dizendo à senhora Elton e quando a senhora Elton, no mesmo momento, veio parabenizando-me pelo ocorrido! Foi antes do chá, espere, não, não poderia ser antes do chá, porque estávamos prestes a ir jogar cartas. E, ainda assim, foi antes do chá, porque me lembro de pensar... Oh! Não, agora me recordo, agora já sei; alguma coisa aconteceu antes do chá, mas não isso. O senhor Elton foi chamado fora do cômodo antes do chá, o filho do velho John Abdy queria conversar com ele. Pobre e velho John, tenho uma enorme consideração por ele, que foi auxiliar do meu pobre pai por vinte e sete anos e agora, pobre velho, ele está preso a uma cama e numa situação muito ruim com a gota reumática nas juntas: preciso ir vê-lo hoje e Jane fará o mesmo, tenho certeza, se sair de alguma forma. E o filho do pobre John veio conversar com o senhor Elton sobre um cancelamento da paróquia, ele mesmo está muito bem de vida, a senhorita sabe, sendo o chefe na Crown, cavalariaço, e tudo o mais nessa categoria, mas mesmo assim ele não pode manter o pai sem alguma ajuda e então, quando o senhor Elton voltou, ele nos contou o que John, o cavalariaço, andava dizendo a ele, e então tornou-se conhecido o fato de a espreguiçadeira ter sido levada a Randalls para conduzir o senhor Frank Churchill a Richmond. Isso foi o que ocorreu antes do chá. Foi depois do chá que Jane conversou com a senhora Elton.

A senhorita Bates mal dava a Emma tempo para dizer o quão perfeitamente nova essa circunstância era para ela, mas sem supor possível que ela pudesse ser ignorante sobre quaisquer pormenores da ida do senhor Frank Churchill, ela continuou fornecendo-os todos, não tinha importância.

O que o senhor Elton ficara sabendo do cavalariaço sobre o assunto, sendo o acúmulo do conhecimento do próprio cavalariaço e do conhecimento dos criados em Randalls, foi que um mensageiro tinha vindo de Richmond logo após o retorno do grupo de Box Hill, mensageiro este, entretanto, não havia sido mais do que o esperado e que o senhor Churchill tinha enviado ao seu sobrinho algumas linhas contendo, no geral, um relato sofrível sobre a

senhora Churchill e apenas desejando que ele não postergasse a volta além da manhã seguinte, bem cedo, mas que o senhor Frank Churchill tendo resolvido ir para casa direto, sem esperar nem um pouco, e o cavalo dele parecendo ter pegado um resfriado, Tom havia sido enviado imediatamente para pegar a espreguiçadeira da Crown, e o cavalariaço tinha se erguido e a visto passar, com o garoto indo num ritmo bom e conduzindo o veículo de forma muito estável.

Não havia nada em tudo isto que espantasse ou interessasse, e chamou a atenção de Emma apenas quando se uniu ao assunto que já mantinha a mente dela ocupada. O contraste entre a importância de Frank Churchill no mundo e a de Jane Fairfax a atingiu: um era tudo, a outra, nada e ela ficou sentada pensando na diferença do destino de uma mulher, e totalmente inconsciente do lugar em que seus olhos estavam fixados, até ser despertada pela senhorita Bates dizendo:

– Sim, sei no que a senhorita está pensando, o pianoforte. O que será dele? Muito pertinente. A pobre e querida Jane estava falando sobre isso agora há pouco. “A senhorita deve ir”, ela disse. “Devemos separar-nos. A senhorita não terá nenhum trabalho a fazer aqui. Deixe-o ficar, porém”, ela disse; “reserve um espaço para ele até o coronel Campbell retornar. Vou conversar com ele sobre o instrumento e ele vai concordar comigo, vai ajudar-me em todas as minhas dificuldades”. E realmente acredito que até hoje ela não saiba se foi presente dele ou da filha.

Agora Emma era obrigada a pensar no pianoforte; e a recordação de todas as suas irreais e injustas conjeturas do passado foi tão pouco agradável que ela logo permitiu-se acreditar que sua visita tinha sido longa o suficiente; e, com uma repetição de todas as coisas que ela podia arriscar-se a dizer

dos bons desejos que ela de fato sentia, partiu.

Capítulo 9

As meditações pensativas de Emma não foram interrompidas enquanto ela voltava para casa, mas ao entrar na sala de estar, encontrou aqueles que deveriam incitar seus sentimentos. O senhor Knightley e Harriet haviam chegado durante a sua ausência e estavam sentados com seu pai. O senhor Knightley levantou-se de imediato e disse, de uma maneira mais séria do que a de costume:

– Eu não iria embora sem vê-la, mas não tenho tempo a perder e, portanto, devo agora ir imediatamente. Estou indo a Londres para passar alguns dias com John e Isabella. A senhorita tem algo a enviar ou dizer além de “amor”, que ninguém possa transportar?

– Absolutamente nada. Mas não é este um plano súbito?

– Sim, um pouco, fiquei pensando nele por um tempinho.

Emma tinha certeza de que ele não a havia perdoado, pois ele não parecia o senhor Knightley de sempre. Entretanto, o tempo, ela pensou, diria a ele que deveriam ser amigos de novo. Enquanto ele ficou parado em pé, como se pretendesse ir, mas não indo, o pai dela começou suas perguntas.

– Bem, minha querida, chegou lá em segurança? E como estavam minha nobre e velha amiga e a filha dela? Atrevo-me a dizer que elas devem ter ficado muito agradecidas por ter ido. A querida Emma foi visitar a senhora e a senhorita Bates, senhor Knightley, como lhe disse antes. Ela é sempre tão atenciosa com elas!

Emma corou intensamente com tal elogio injusto e, com um sorriso e um movimento da cabeça, que disse muito, ela olhou para o senhor Knightley. Era como se houvesse uma impressão instantânea a seu favor, como se os olhos dele recebessem a verdade dos dela e tudo o que havia ocorrido de bom nos sentimentos dela fosse imediatamente capturado e honrado. O senhor Knightley olhou-a com um brilho de apreço. Ela estava sinceramente agradecida, e em outro momento essa sensação aumentou, por um pequeno movimento que demonstrava mais que simplesmente simpatia. Ele pegou a mão dela e Emma não sabia dizer se não havia sido

ela mesma quem fizera o primeiro gesto, poderia, talvez, ter oferecido a mão, em vez de ter tomado a iniciativa do movimento. Mas ele pegou na mão dela, apertou-a, e com certeza estava a ponto de levá-la aos lábios quando, por um capricho ou outro, subitamente a soltou. Por que ele deveria sentir tal escrúpulo, por que deveria mudar de ideia quando já estava tudo feito, ela não podia entender. Ele teria feito um melhor julgamento, Emma pensou, se não tivesse parado. A intenção, porém, era inquestionável e seja porque os modos dele tinham em geral tão pouco galanteio, ou por qualquer outro motivo, ela pensou que nada poderia ser mais lisonjeiro para ele. Estava nele, de natureza tão simples, e ainda assim tão digna. Ela não podia deixar de recordar a tentativa com grande satisfação. Comunicava uma amizade tão perfeita. Ele foi embora logo depois, partindo rapidamente. Sempre se movia com a vigilância de uma mente que não podia ser nem indecisa nem morosa, mas agora ele pareceu mais súbito do que o normal em seu desaparecimento.

Emma não pôde arrepender-se de sua visita à senhorita Bates, mas desejou ter saído da casa dela dez minutos antes e teria sido um grande prazer discutir a situação de Jane Fairfax com o senhor Knightley. Ela também não lamentaria o fato de que ele deveria estar indo a Brunswick Square, pois Emma sabia o quanto a visita dele seria apreciada. Mas poderia ter acontecido em um momento melhor, e ter sido avisada com certa antecedência teria sido mais agradável. Eles se separaram como amigos, entretanto, ela não podia estar enganada quanto ao significado do seu semblante e o galanteio incompleto, pois tudo foi feito para assegurar-lhe que ele havia recuperado integralmente uma opinião positiva sobre ela. Ele esteve sentado com eles por meia hora, ela descobriu. Foi uma pena que ela não tivesse voltado antes!

Na esperança de desviar os pensamentos de seu pai do desconforto da ida do senhor Knightley a Londres tão subitamente e a cavalo, o que ela sabia que seria muito ruim, Emma comunicou as notícias que teve de Jane Fairfax, e a confiança que ela depositara no efeito foi justificada; elas proporcionaram um controle muito útil: eram interessantes e não o desestabilizaram. Ele havia decidido há muito tempo que Jane Fairfax deveria partir para ser uma governanta e podia conversar sobre isso

alegremente, mas o senhor Knightley ir a Londres havia sido um baque inesperado.

– Estou muito contente, de fato, minha querida, em ouvir que ela ficará tão confortavelmente instalada. A senhora Elton tem uma índole muito boa e é muito agradável, e atrevo-me a dizer que os contatos dela são exatamente o que deveriam ser. Espero que seja um emprego em um lugar seco e que a saúde dela seja bem-cuidada. Deveria ser um objetivo de primeira importância, assim como, com certeza, a da pobre senhorita Taylor sempre foi comigo. A senhorita sabe, minha querida, ela será para esta nova senhora o que a senhorita Taylor foi para nós. E espero que ela fique em situação melhor de alguma forma e não seja induzida a ir embora depois que o local for a casa dela por tanto tempo.

O dia seguinte trouxe notícias de Richmond que deixaram tudo o mais em segundo plano. Uma carta urgente chegou a Randalls para comunicar a morte da senhora Churchill! Embora o sobrinho dela não tivesse tido um motivo particular para voltar correndo por sua causa, ela não tinha vivido mais do que trinta e seis horas após o seu retorno. Uma convulsão repentina de natureza diferente de qualquer coisa predita pelo estado geral dela tinha provocado sua morte, depois de uma pequena luta. A grande senhora Churchill não existia mais.

O ocorrido foi sentido como tais coisas devem ser sentidas. Cada pessoa tinha um nível de seriedade e tristeza; sensibilidade com a falecida, preocupação com os amigos sobreviventes; e, após um tempo sensato, curiosidade em saber onde ela seria enterrada. Goldsmith diz-nos que, quando uma adorável mulher desce ao nível do desvario, ela não tem nada a fazer senão morrer; e quando se rebaixa ao ponto de ser desagradável, a morte é igualmente recomendável como que para remover uma reputação desfavorável. A senhora Churchill, depois de ser alvo de antipatia por pelo menos vinte e cinco anos, era agora mencionada com concessões piedosas. Em um ponto, suas ações foram completamente justificadas. Nunca tinha sido admitido antes que ela estivesse seriamente doente. O evento a absolveu de todos os caprichos e todo o egoísmo de queixas imaginárias.

“Pobre senhora Churchill! Não há dúvida de que estivera sofrendo muito: mais do que qualquer um jamais imaginara e dor contínua seria uma

provação para a índole. Foi um evento triste, um grande choque: apesar de todas as suas falhas, o que o senhor Churchill faria sem ela? A perda do senhor Churchill seria tremenda, de fato. O senhor Churchill jamais a superaria”. Até o senhor Weston balançou a cabeça, e exibiu uma feição solene, e disse:

– Ah! Pobre mulher, quem teria imaginado!

E resolveu que seu luto deveria ser tão considerável quanto possível e a esposa dele ficou sentada, suspirando e pregando moral com comiseração e bom senso, honesta e constante. Como o episódio afetaria Frank estava entre os primeiros pensamentos de ambos. Era também uma especulação muito precoce com Emma. A personalidade da senhora Churchill, o luto do marido e a mente dela passou rapidamente pelos dois com reverência e compaixão, e então descansou com sentimentos aliviados sobre como Frank poderia ser afetado pelo evento, quão beneficiado, quão libertado. Ela viu em um momento todo o bem possível. Agora, um compromisso com Harriet Smith não teria nada a confrontar. O senhor Churchill, independente de sua esposa, não era temido por ninguém, era um homem fácil e influenciável, a ser persuadido a fazer qualquer coisa por seu sobrinho. Tudo que restava a ser desejado era que o sobrinho estabelecesse o vínculo que, com toda a boa vontade que ela depositara na causa, Emma não conseguia ter certeza de que já estivesse estabelecido.

Harriet comportou-se extremamente bem na ocasião, com grande autocontrole. Não demonstrou qualquer esperança que estivesse sentindo. Emma estava satisfeita em observar tal prova de caráter fortalecido nela e absteve-se de qualquer alusão que pudesse colocar em risco sua manutenção. Elas falaram, portanto, da morte da senhora Churchill com indulgência mútua.

Cartas com breves mensagens de Frank foram recebidas em Randalls, comunicando tudo o que era imediatamente importante sobre a situação e os planos deles. O senhor Churchill estava melhor do que se poderia esperar; e o primeiro traslado deles, na saída do funeral para Yorkshire, seria para a casa de um amigo muito antigo em Windsor, a quem o senhor Churchill estivera prometendo uma visita nos últimos dez anos. No momento, não havia nada a ser feito por Harriet, só bons anseios para o

futuro eram tudo o que ainda podia ser possível da parte de Emma.

Era mais uma preocupação urgente mostrar atenção a Jane Fairfax, cujas perspectivas estavam estreitando-se, enquanto as de Harriet abriam-se, e cujos compromissos agora não permitiam nenhum atraso de ninguém em Highbury que desejasse mostrar-lhe gentileza e, no caso de Emma, isso tinha se transformado em uma vontade de primeira ordem. Ela praticamente não tinha arrependimento maior do que sua frieza no passado e a pessoa que ela estivera negligenciando por tantos meses agora era exatamente aquela que ela cobriria com todas as distinções de estima ou solidariedade. Ela queria ser-lhe útil; queria mostrar-lhe o valor da companhia dela e demonstrar respeito e consideração. Ela decidiu persuadi-la a passar um dia em Hartfield. Um bilhete foi escrito para instar a visita. O convite foi recusado, e através de uma mensagem verbal: “A senhorita Fairfax não estava bem o suficiente para escrever” e quando o senhor Perry visitou Hartfield, na mesma manhã, pareceu que ela estava tão indisposta quanto para receber visitas por doença, embora contra o próprio consentimento, por ele mesmo, e que ela estava sofrendo com dores de cabeça intensas e uma febre nervosa em tal nível que o fez duvidar da possibilidade de ela ir à casa da senhora Smallridge no período proposto. A saúde dela parecia, no momento, completamente desequilibrada, o apetite, desaparecido por completo e, embora não houvesse sintomas alarmantes, nada relacionado a queixas pulmonares, que era a apreensão permanente da família, o senhor Perry estava preocupado com ela. Ele imaginou que ela tivesse assumido mais do que lhe seria apropriado e que ela sentiu isso, embora não fosse admiti-lo. Os ânimos dela pareciam dominados. O seu lar atual, ele não pôde deixar de observar, era desfavorável a um transtorno nervoso: sempre confinada em um quarto (ele poderia ter desejado isso, se não fosse pela doença) e a boa tia, apesar de ser sua amiga de longa data, não era a melhor companhia para uma inválida daquele tipo, ele deveria reconhecer. O cuidado e a atenção dela não podiam ser questionados, pois eles eram, na verdade, grandes demais. Ele temia muito que a senhorita Fairfax obtivesse mais mal do que bem delas. Emma o escutou com a mais afetuosa preocupação e sofreu por ela mais e mais e olhou ao redor ansiosa por descobrir alguma

forma de ser útil. Retirar Jane e, que fosse apenas por uma hora ou duas, da tia, dar-lhe uma mudança de ares e cenário, e uma conversa bastante equilibrada, mesmo que por uma hora ou duas, poderia fazer bem a ela. Na manhã seguinte, Emma escreveu de novo para dizer, na mais sensível linguagem que conseguiu dominar, que ela apareceria para buscá-la na carruagem em qualquer hora que Jane determinasse, mencionando que teve a opinião categórica do senhor Perry em favor de tal exercício para a sua paciente. A resposta estava contida apenas neste breve bilhete:

“Felicitações e agradecimentos da senhorita Fairfax, mas ela não está absolutamente apta a qualquer exercício.”

Emma sentiu que sua mensagem merecera algo melhor, mas era impossível discutir com palavras, cuja trêmula discrepância mostrava indisposição tão abertamente, e ela pensou apenas em como poderia contrapor-se a esta relutância de Jane em ser vista ou auxiliada da melhor forma possível. Dessa forma, apesar da resposta, ela chamou a carruagem e foi à casa da senhora Bates, na esperança de que Jane fosse induzida a juntar-se a ela, mas isso não adiantaria; a senhorita Bates veio até a porta da carruagem, toda gratidão, e concordando com ela o mais sinceramente em relação ao pensamento de que arejar poderia ser da maior ajuda e tudo o que a mensagem poderia fazer foi tentado, mas em vão. A senhorita Bates foi obrigada a voltar sem sucesso, pois Jane estava totalmente impossível de ser persuadida e a mera proposta de sair parecia deixá-la pior. Emma queria poder tê-la visto e tentou seus próprios poderes, mas, quase antes que ela pudesse insinuar o desejo, a senhorita Bates deixou claro que tinha prometido à sobrinha que em hipótese alguma deixaria a senhorita Woodhouse entrar. “Na realidade, o fato é que a pobre e querida Jane não conseguia aguentar ver ninguém, absolutamente ninguém... A presença da senhora Elton, na verdade, não poderia ser recusada... E a senhora Cole tinha feito tamanha questão... E a senhora Perry havia dito tanto... Mas, excetuando-se estas três, Jane realmente não veria ninguém”.

Emma não queria ser colocada no grupo das semelhantes à senhora Elton, à senhora Perry e à senhora Cole, que forçariam a entrada em qualquer lugar e nem poderia ela mesma sentir qualquer direito de preferência, ela obedeceu, portanto, e apenas questionou a senhorita Bates mais

detalhadamente sobre o apetite e a dieta da sobrinha, nos quais ela ansiava ser capaz de auxiliar. Em relação a esse assunto, a senhorita Bates estava muito insatisfeita e muito comunicativa, pois Jane mal comia alguma coisa: o senhor Perry recomendou comida nutritiva; mas tudo de que eles podiam dispor (e nunca ninguém teve vizinhos tão bons) era-lhe desagradável.

Emma, ao chegar em casa, chamou imediatamente a governanta para um exame das provisões; e um pouco de araruta de qualidade muito superior foi rapidamente despachado para a senhorita Bates com um bilhete muito amigável. Em meia hora a araruta foi devolvida, com mil agradecimentos da senhorita Bates, mas “a querida Jane não ficaria satisfeita se ela não fosse devolvida; era uma coisa que ela não poderia pegar; e, além disso, ela insistiu em dizer que não desejava absolutamente coisa alguma”.

Quando Emma ficou sabendo posteriormente que Jane Fairfax tinha sido vista perambulando pelos campos, a alguma distância de Highbury, na tarde do exato dia em que ela havia, sob a alegação de que não estava apta a qualquer exercício, tão peremptoriamente se recusado a sair com ela na carruagem, ela não pôde ter dúvidas, colocando todas as coisas juntas, de que Jane estava decidida a não receber qualquer gentileza sua. Ela lamentou, lamentou muito. Seu coração se afligiu por um estado que parecia mais deplorável por esse tipo de irritação de espíritos, inconsistência de ação e desigualdade de poderes; e mortificava-a ter recebido tão pouco crédito por ter o sentimento adequado, ou considerada de tão pouco valor como amiga: mas ela tinha o consolo de saber que suas intenções eram boas e de ser capaz de dizer a si mesma que, se o senhor Knightley pudesse estar inteirado de todas as tentativas de ajudar Jane Fairfax, pudesse até mesmo ter visto no íntimo do seu coração, ele não teria encontrado, nesta ocasião, nada para reprovar.

Capítulo 10

Uma manhã, cerca de dez dias depois do falecimento da senhora Churchill, Emma foi chamada para ir ao andar de baixo receber o senhor Weston, que “não podia ficar cinco minutos e queria especialmente

conversar com ela”. Ele encontrou-a à porta da sala e, mal perguntando como ela estava, no registro natural de sua voz, baixou-a imediatamente para dizer, sem que o pai dela ouvisse:

– A senhorita pode vir a Randalls em qualquer horário nesta manhã? Vá, se possível. A senhora Weston quer vê-la. Ela precisa vê-la.

– Ela não está bem?

– Não, não, não é isso, de forma alguma. Apenas um pouco agitada. Ela teria chamado a carruagem e vindo até aqui, mas precisa vê-la sozinha, e aquele, a senhorita sabe... – disse ele, movendo a cabeça em direção ao pai de Emma. – Humph! Pode vir?

– Certamente. Agora, se assim desejar. É impossível recusar o que o senhor solicita de tal forma. Mas qual pode ser o assunto? Ela de fato não está doente?

– Confie em mim, mas não me pergunte mais nada. Saberá de tudo no devido tempo. A questão mais inexplicável! Mas fique quieta, fique quieta!

Adivinhar o que tudo aquilo significava era impossível até para Emma. Algo realmente importante parecia anunciado pela aparência dele, mas como sua amiga também empenhou-se em não ficar preocupada e, acertando com o pai que ela faria sua caminhada naquele momento, ela e o senhor Weston logo estavam longe da casa juntos, a caminho de Randalls a um ritmo veloz.

– Agora – disse Emma, quando eles estavam bem além dos portões –, agora, senhor Weston, conte-me o que aconteceu.

– Não, não – respondeu ele, com seriedade. – Não pergunte a mim. Prometi à minha esposa deixar tudo para ela. Ela vai revelar-lhe melhor do que eu sou capaz. Não seja impaciente, Emma, tudo será revelado em breve.

– Revele-me! – exclamou Emma, paralisada de terror. – Meu Deus! Senhor Weston, conte-me imediatamente. Algo ocorreu em Brunswick Square. Sei que ocorreu. Conte-me, exijo que me conte agora o que houve.

– Não, na realidade, a senhorita está enganada...

– Senhor Weston, não brinque comigo. Considere quantos dos meus mais caros amigos estão agora na Brunswick Square. Qual deles? Exijo que me

conte, por tudo o que é mais sagrado, não tente omitir nada.

– Dou-lhe minha palavra, Emma.

– Sua palavra! Por que não sua honra? Por que não dizer “pela minha honra” que isso não tem nada a ver com qualquer um deles? Meu Deus!

O que pode haver para ser revelado a mim que não se relacione a alguém daquela família?

– Pela minha honra – disse ele, num tom muito sério – que há. Não está relacionado a qualquer ser humano de nome Knightley nem no menor

grau possível.

A coragem de Emma voltou, e ela o seguiu.

– Eu estava enganado – continuou ele – ao falar sobre isso ser revelado à senhorita. Eu não deveria ter usado tal palavra. Na realidade, isso não lhe diz respeito, diz respeito apenas a mim. Quero dizer, assim esperamos. Humph! Resumindo, minha cara Emma, não há situação para que se fique tão preocupada. Não digo que não seja um assunto desagradável, mas as coisas poderiam ser muito piores. Se andarmos rapidamente, logo estaremos em Randalls.

Emma percebeu que ela deveria esperar e agora isso demandava pouco esforço. Portanto, ela não fez mais perguntas, apenas usou a própria imaginação, e esta logo apontou-lhe a probabilidade de isso ser uma preocupação relacionada a dinheiro, algo que tivesse acabado de vir à luz, de natureza desagradável nas circunstâncias da família, algo que o evento recente em Richmond tivesse trazido à tona. A sua imaginação era muito ativa. Meia dúzia de filhos naturais, talvez, e o pobre Frank deixado de fora! Isso, apesar de muito indesejável, não seria motivo de agonia para ela. Inspirava pouco mais do que uma curiosidade animadora.

– Quem é aquele cavalheiro a cavalo? – disse ela, enquanto prosseguiram, falando mais para ajudar o senhor Weston a manter o segredo dele do que com qualquer outra perspectiva.

– Não sei. Um dos Otway. Não é Frank, não é Frank, garanto-lhe. A senhorita não vai vê-lo. Ele está no meio do caminho para Windsor a uma hora dessas.

– Seu filho tem estado com o senhor, então?

– Oh, sim! Não sabia? Bem, bem, esqueça isso.

Por um momento, ele ficou em silêncio; e então acrescentou, em um tom muito mais cauteloso e recatado:

– Sim, Frank apareceu hoje de manhã, apenas para perguntar como estávamos.

Eles apressaram-se, e rapidamente estavam em Randalls.

– Bem, minha cara – disse ele, à medida que entravam na sala –, eu a trouxe, e agora espero que a senhorita fique melhor logo. Vou deixá-las. Não há utilidade em delongas. Não estarei muito longe, se quiser minha presença.

E Emma ouviu-o claramente acrescentar, em um tom mais baixo, antes de sair do cômodo:

– Fui tão bom quanto prometido. Ela não tem a menor ideia.

A senhora Weston estava parecendo tão doente, e tinha um ar de tamanha perturbação, que a preocupação de Emma aumentou e, no momento em que ficaram a sós, ela disse, ansiosamente:

– O que houve, minha cara amiga? Algo de natureza muito desagradável, percebo, aconteceu, então conte-me imediatamente o que é. Fiquei andando todo este caminho em completo suspense. Nós duas abominamos suspense. Não deixe o meu continuar por mais tempo. Vai fazer-lhe bem falar sobre seu sofrimento, o que quer que ele seja.

– A senhorita de fato não faz ideia? – disse a senhora Weston, com uma voz trêmula. – A senhorita não consegue, minha cara Emma, não consegue formar um palpite sobre o que está prestes a ouvir?

– Na medida em que isso tenha a ver com o senhor Frank Churchill, eu realmente tenho um palpite.

– A senhorita está certa. Isso de fato tem a ver com ele, e vou dizer-lhe imediatamente – disse ela, retornando à sua tarefa e parecendo decidida a não levantar os olhos. – Ele esteve aqui nesta exata manhã com o mais extraordinário recado. É impossível expressar nossa surpresa. Ele veio para falar com o pai sobre um assunto, para anunciar um vínculo...

Ela parou para respirar. Emma pensou primeiramente nela mesma, e então em Harriet.

– Mais do que um vínculo, na verdade – retomou a senhora Weston – um noivado, um noivado certo. O que a senhorita dirá, Emma, o que qualquer pessoa dirá, quando for conhecido que Frank Churchill e a senhorita Fairfax estão noivos, não, que eles estão noivos há muito tempo!

Emma até pulou de surpresa e, atingida pelo horror, exclamou:

– Jane Fairfax! Meu Deus! A senhora não está falando sério? A senhora está me enganando?

– A senhorita pode muito bem estar atônita – respondeu a senhora Weston, ainda desviando os olhos e continuando a falar com impaciência, a ponto de Emma poder ter tempo de recuperar-se. – A senhorita pode muito bem estar atônita. Mas é exatamente isso. Há um noivado solene entre eles desde outubro, realizado em Weymouth e mantido em segredo de todos. Nenhuma criatura sabendo dele, exceto eles próprios: nem os Campbell, nem a família dela, nem a dele. É tão impressionante que, embora eu esteja perfeitamente convencida do fato, ele é quase inconcebível para mim. Mal posso acreditar. Eu achava que conhecia Frank.

Emma mal ouviu o que ela disse. Sua mente estava dividida entre duas ideias: as suas próprias conversas com ele sobre a senhorita Fairfax e a pobre Harriet e, por algum tempo, ela só conseguiu exclamar e exigir confirmação, repetida confirmação.

– Bem – disse ela, afinal, tentando recuperar-se –, esta é uma circunstância na qual devo pensar por pelo menos metade de um dia antes que possa compreendê-la de alguma forma. Como assim, noivo dela durante todo o inverno, antes que qualquer um dos dois viesse a Highbury?

– Noivos desde outubro. Secretamente noivos. Isso me machucou, Emma, muito. Isso machucou igualmente o pai dele. Uma parte da conduta dele não podemos perdoar.

Emma ponderou por um momento e então respondeu:

– Não vou fingir que não a entendo e para dar-lhe todo o alívio em meu poder, esteja certa de que não houve tal efeito após as atenções dele para comigo, como a senhora está temendo.

A senhora Weston olhou para cima, com medo de acreditar, mas o semblante de Emma era tão firme quanto suas palavras.

– Para que a senhora possa ter menos dificuldade de acreditar nesta presunção, da minha atual perfeita indiferença – continuou ela –, acrescento-

-lhe que houve um período na parte inicial de nosso relacionamento em que eu realmente gostava dele, em que eu estava muito disposta a ter um vínculo com ele, aliás eu tinha um vínculo e, como isso veio a acabar talvez

seja o espanto. Por sorte, entretanto, de fato acabou. Já faz algum tempo, pelo menos nos últimos três meses, que realmente não me importo nem um

pouco com ele. Pode acreditar em mim, senhora Weston. É a mais pura verdade.

A senhora Weston beijou-a com lágrimas de alegria e, quando ela conseguiu expressar-se, garantiu-lhe que aquela declaração havia feito mais bem do que qualquer outra coisa no mundo poderia fazê-lo.

– O senhor Weston ficará quase tão aliviado quanto eu – disse ela. – Neste ponto, fomos desventurados. Era nosso caro desejo que pudessem apegar-se um ao outro, e estávamos convencidos de que isso tinha ocorrido. Imagine o que estávamos sentindo por sua causa.

– Escapei e que eu devesse escapar pode ser um assunto de grato espanto para a senhora e para mim mesma. Mas isso não o absolve, senhora Weston e devo dizer que o considero muito culpado. Que direito ele tinha

de vir entre nós com afeição e lealdade comprometidos e com modos tão grandemente livres? Que direito ele tinha de esforçar-se para agradar, como ele certamente o fez, de destacar qualquer moça com atenção perseverante,

como ele certamente o fez, enquanto ele na verdade pertencia a outra? Como ele poderia explicar a travessura que ele poderia estar fazendo? Como ele poderia explicar que ele poderia não estar tentando deixar-me apaixonada por ele? Muito errado, realmente muito errado.

– De alguma coisa que ele disse, minha cara Emma, imagino que, em vez de...

– E como ela pôde suportar tal comportamento! Compostura com uma testemunha! Observar enquanto repetidas atenções ofereciam-se a outra mulher, diante dela, e não se ressentir. É um nível de placidez que não consigo nem compreender nem respeitar!

– Houve mal-entendidos entre eles, Emma, ele disse isso explicitamente. Ele não teve tempo de dar muitas explicações. Ele esteve aqui por apenas quinze minutos, e em um estado de agitação que não permitiu o uso pleno nem do tempo que ele poderia permanecer. Mas que houve mal-entendidos, ele definitivamente disse. A atual crise, na verdade, pareceu ter sido causada por eles e esses mal-entendidos podem muito possivelmente originar-se da falta de decoro da conduta dele.

– Falta de decoro! Oh! senhora Weston, esta é uma censura branda demais. Muito, muito além da falta de decoro! O comportamento dele o diminuiu, não posso expressar o quanto o diminuiu em minha opinião. Tão diferente do que um homem deveria ser! Nada daquela integridade, aquela fidelidade rígida à verdade e aos princípios, aquele desdém da fraude e da mesquinhez que um homem deveria exibir em cada relacionamento de sua vida.

– Não, cara Emma, agora devo defendê-lo; pois, embora ele tenha estado errado neste caso, eu o conheço há tempo suficiente para assegurar-lhe que ele tem muitas, muitíssimas qualidades favoráveis e...

– Meu Deus! – gritou Emma, sem prestar atenção a ela. – A senhora Smallridge também! Jane verdadeiramente a ponto de partir como uma

governanta! O que ele poderia querer expressar com tal pavorosa indelicadeza? Submetê-la a um noivado, submetê-la até mesmo a pensar em tal providência!

– Ele não sabia de nada disso, Emma. Quanto a essa questão, posso

absolvê-lo totalmente. Foi uma resolução pessoal dela, não comunicada a ele. Ou, pelo menos, não comunicada de uma forma que transmitisse convicção. Até ontem, sei que ele disse estar sem informações quanto aos planos dela. Elas irromperam para ele, não sei como, mas através de alguma carta ou mensagem, e foi a descoberta do que ela estava fazendo, deste exato projeto dela, que determinou que ele se apresentasse imediatamente, admitisse tudo para o tio dele, lançasse-se à sua bondade e, em resumo, colocasse um fim ao estado miserável de sigilo que se arrastara por tanto tempo.

Emma começou a escutar melhor.

– Ele vai me dar notícias em breve – continuou a senhora Weston. – Ele me disse, ao despedir-se, que deveria escrever logo e falou de uma maneira que parecia prometer-me muitos pormenores que não podiam ser dados agora. Esperemos, portanto, esta carta. Ela pode trazer muitas atenuantes. Ela pode tornar muitas coisas compreensíveis e perdoáveis que agora não são entendidas. Não sejamos severas, não nos apressemos para condená-lo. Tenhamos paciência. Eu devo amá-lo e agora que estou satisfeita com um ponto, o ponto essencial, estou sinceramente ansiosa para que tudo corra bem, e pronta para ter esperanças de que possa ser assim. Eles devem ambos ter sofrido muito sob tal esquema de clandestinidade e ocultação.

– Os sofrimentos dele – respondeu Emma, irônica – não parecem ter feito muito mal a ele. Bem, e como o senhor Churchill recebeu a notícia?

– Da forma mais favorável possível ao sobrinho: deu seu consentimento com quase nenhuma dificuldade. Imagine o que os eventos de uma semana fizeram naquela família! Enquanto a pobre senhora Churchill estava viva, suponho que não poderia ter havido uma esperança, uma chance, uma possibilidade, porém mal os seus restos mortais começaram a descansar no sepulcro da família, e o marido está decidido a agir de forma

exatamente oposta àquilo que ela teria exigido. Que bênção que é quando a influência indevida não sobrevive ao túmulo! Ele deu seu consentimento com pouquíssima persuasão.

“Ah!, pensou Emma. Ele teria feito o mesmo por Harriet.”

– Isto foi resolvido ontem à noite, e Frank partiu hoje ao raiar do dia. Ele parou em Highbury, na casa dos Bates, imagino eu, em algum momento, e então chegou aqui, mas estava com tal pressa para voltar para seu tio, a quem ele é agora mais necessário do que nunca, que, como lhe disse, ele não pôde ficar conosco mais do que quinze minutos. Ele estava muito agitado. Muito mesmo, realmente, a um ponto que o fez parecer uma criatura bem diferente de qualquer coisa que eu já o tivesse visto ser. Além de todo o resto, houvera o choque de encontrá-la em estado tão ruim, do que ele não suspeitara antes, e pareceu mesmo que ele estivesse sofrendo muito.

– E a senhora de fato acredita que o relacionamento tenha avançado com tal sigilo perfeito? Os Campbell, os Dixon, nenhum deles sabia do noivado?

Emma não conseguia falar o nome de Dixon sem um pequeno rubor.

– Ninguém, nem um sequer. Ele disse com toda certeza que nenhum ser no mundo sabia do noivado a não ser eles mesmos.

– Bem – disse Emma –, suponho que devamos gradualmente ficar resignados com a ideia e desejo que eles sejam muito felizes. Mas sempre vou considerar que foi um tipo muito abominável de procedimento. O que foi ele senão um sistema de hipocrisia e engano, espionagem e traição? Vir até nós professando franqueza, simplicidade e tal liga em segredo para julgar a todos nós! Aqui estivemos nós, durante todo o inverno e a primavera, completamente ludibriados, imaginando-nos todos em pé de igualdade em termos de verdade e honra, com duas pessoas no meio de nós que podem ter andado fofocando, fazendo comparações e estabelecendo opiniões sobre sentimentos e palavras que eles nunca deveriam ter escutado. Eles devem sofrer a consequência se tiverem ouvido falar um do outro de uma maneira não totalmente agradável!

– Estou muito despreocupada quanto a esta questão – respondeu a senhora Weston. – Tenho certeza absoluta de que nunca disse nada sobre

um ao outro que ambos não poderiam ter ouvido.

– A senhora está com sorte. Sua única tolice restringiu-se ao meu ouvido, quando imaginou que um certo amigo nosso estaria apaixonado pela moça.

– É verdade. Mas como sempre tive uma opinião completamente positiva sobre a senhorita Fairfax, eu nunca poderia, sob a ação de qualquer tolice, ter falado mal dela e em relação a falar mal dele, aí eu devo ter sido prudente.

Neste momento, o senhor Weston apareceu a uma pequena distância da janela, evidentemente à espreita. A esposa lançou-lhe um olhar que o convidava a entrar e, enquanto ele estava aproximando-se, ela acrescentou:

– Agora, caríssima Emma, deixe-me implorar-lhe que diga e observe cada coisa que possa deixar o coração dele à vontade e fazê-lo propenso a ficar satisfeito com a união. Vamos tirar o máximo de proveito dela e, de fato, quase tudo pode ser dito com justiça a favor de Jane Fairfax. Não é uma conexão que satisfaça, mas se o senhor Churchill não sente dessa forma, por que deveríamos nós sentir? E pode ser uma circunstância muito afortunada para ele, quero dizer, para Frank, que ele tenha estabelecido um compromisso com uma garota com tamanha constância de personalidade e bom julgamento, como sempre reconheci, e ainda estou disposta a reconhecer, apesar deste grande desvio da regra exata do que é direito. E quanto pode ser dito na situação dela até mesmo por esse erro!

– Muito, de fato! – exclamou Emma, comovidamente. – Se uma mulher puder, alguma vez, ser desculpada por pensar apenas em si mesma, é em uma situação como a de Jane Fairfax. Sobre isto, pode-se quase dizer que “o mundo não lhe pertence, nem mesmo as leis do mundo”.

Ela encontrou o senhor Weston quando este entrou, com um semblante sorridente, exclamando:

– O senhor andou me pregando uma bela peça, dou-lhe minha palavra! Isto foi um mecanismo, suponho, para brincar com a minha curiosidade e exercitar meu talento de adivinhação. Mas o senhor realmente me assustou. Pensei que houvesse perdido metade de sua propriedade, pelo menos. E aqui, em vez de ser uma matéria para condolências, acabou sendo uma para felicitações. Eu o parablenizo, senhor Weston, de coração, pela perspectiva de ter uma das mais adoráveis e talentosas moças da

Inglaterra como sua filha.

Uma olhadela ou duas entre ele e a esposa convenceram-no de que tudo estava tão certo quanto este discurso proclamou e seu efeito feliz nos ânimos dele foi imediato. Seu ar e voz recuperaram a energia habitual: ele apertou a mão dela com entusiasmo e gratidão, e entrou no assunto de uma maneira que provasse que agora ele só queria tempo e persuasão para acreditar que o noivado não seria uma coisa tão ruim. As companheiras dele sugeriram apenas o que poderia minorar imprudência ou aliviar objeções e, até o momento em que discutiram de novo a questão com Emma, no caminho de volta para Hartfield, ele ficou totalmente resignado, e não muito distante de pensar que aquilo seria a melhor coisa que Frank poderia possivelmente ter feito.

Capítulo 11

– Harriet, pobre Harriet!

Essas foram as palavras e nelas estavam as ideias angustiantes das quais Emma não conseguia livrar-se e que constituíam a real tristeza da questão para ela. Frank Churchill havia se comportado muito mal perto dela (muito mal de muitas formas), mas não era tanto o comportamento dele, e sim o dela mesma, que a deixou tão furiosa com ele. Era a enrascada a que ele a arrastou por causa de Harriet que dava o matiz mais intenso ao delito dele. Pobre Harriet! Ser, pela segunda vez, a tola que arca com as consequências dos seus equívocos e lisonja. O senhor Knightley falara profeticamente quando disse, uma vez, “Emma, a senhorita não tem sido uma amiga para Harriet Smith”. Ela temia não ter feito nada a Harriet além de desserviço.

Era verdade que ela não deveria culpar-se, neste caso assim como no anterior, de ser a única e original autora da traquinagem, por ter sugerido tais sentimentos que poderiam, em outra circunstância, nunca ter entrado na imaginação de Harriet, pois Harriet tinha reconhecido sua admiração e preferência por Frank Churchill antes de ter dado alguma vez a Emma uma pista sobre o assunto, mas ela sentia-se completamente culpada por ter encorajado o que ela poderia ter reprimido. Ela poderia ter evitado a

satisfação provocada por tais sentimentos e o aumento deles. A influência dela teria sido suficiente. E agora ela estava muito consciente de que deveria tê-los evitado. Ela sentia que estivera arriscando a felicidade da amiga em bases muitíssimo insuficientes. O bom senso a teria direcionado a dizer a Harriet que ela não deveria permitir-se pensar nele, e que havia uma chance em quinhentas de ele um dia importar-se com ela.

– Mas, com bom senso – acrescentou ela –, temo que tenho tido pouca relação.

Ela estava extremamente irritada consigo mesma. Se ela não pudesse ter ficado irritada com Frank Churchill também, teria sido péssimo. Quanto a Jane Fairfax, ela poderia pelo menos aliviar seus sentimentos de qualquer preocupação atual por sua causa. Harriet seria ansiedade suficiente e ela não precisava mais ficar infeliz sobre Jane, cujos problemas e saúde debilitados tendo, é claro, a mesma origem, deveriam estar igualmente curados. Seus dias de insignificância e males tinham acabado. Logo ela estaria bem, feliz, e próspera. Emma pôde agora imaginar por que suas próprias atenções haviam sido esnobadas. Esta descoberta abriu muitas questões menores. Sem dúvida, fora por inveja aos olhos de Jane, que ela tinha sido uma rival, e qualquer coisa que ela pudesse oferecer por ajuda ou consideração poderia muito bem ser rejeitada. Uma arejada na carruagem de Hartfield teria sido tortura, e araruta da despensa de Hartfield deveria ter sido veneno. Ela entendeu tudo e tanto quanto a sua mente conseguiu soltar-se da injustiça e do egoísmo de sentimentos raivosos, reconheceu que Jane Fairfax não teria nem ascensão nem felicidade além do que ela merecia. Mas a pobre Harriet era uma incumbência tão fascinante! Havia pouca compaixão para ser dada para qualquer outra pessoa. Emma estava lamentavelmente temerosa de que esta segunda decepção seria mais grave do que a primeira. Considerando as reivindicações muito superiores do objeto e, julgando pelo seu efeito aparentemente mais forte na mente de Harriet, produzindo reserva e autocontrole, ela iria. Ela deveria comunicar a dolorosa verdade, entretanto e o mais breve possível. Uma ordem de sigilo estivera presente entre as palavras de despedida do senhor Weston. “No momento, todo o relacionamento deveria ser um completo segredo. O senhor Churchill

ênfatizara isso, como um sinal de respeito à esposa que ele havia perdido há tão pouco tempo e todos admitiam ser isso não mais do que o devido decoro”. Emma havia prometido, mas ainda assim, Harriet deveria ser uma exceção. Era seu dever supremo.

Apesar de sua irritação, ela não pôde deixar de achar quase ridículo que devesse desempenhar exatamente a mesma função penosa e delicada ao lado de Harriet pela qual a senhora Weston acabara de passar ao lado dela mesma. As informações que lhe haviam sido tão ansiosamente anunciadas ela deveria agora anunciar ansiosamente a outrem. Seu coração bateu rapidamente ao ouvir os passos e a voz de Harriet, o mesmo, ela supôs, a pobre senhora Weston deve ter sentido quando ela estava aproximando-se de Randalls. Poderia o evento da revelação manter-se semelhante? Infelizmente, não havia chance de isso acontecer.

– Bem, senhorita Woodhouse! – exclamou Harriet, entrando no cômodo com entusiasmo. – Esta não é a notícia mais estranha que já houve?

– A que notícia a senhorita se refere? – respondeu Emma, incapaz de adivinhar, pela aparência ou pela voz, se Harriet poderia de fato ter recebido algum indício.

– Sobre Jane Fairfax. A senhorita já tinha ouvido falar em algo estranho assim? Oh! Não precisa ter medo de admitir o que houve para mim, pois o próprio senhor Weston me contou. Acabei de encontrá-lo. Ele me contou que o episódio deveria ser um grande segredo e, portanto, eu não deveria pensar em mencioná-lo a ninguém exceto à senhorita, mas ele disse que a senhorita sabia dele.

– O que o senhor Weston lhe contou? – disse Emma, ainda perplexa.

– Oh! Ele contou-me tudo sobre o ocorrido, que Jane Fairfax e o senhor Frank Churchill vão casar-se e que eles estiveram noivos secretamente todo esse tempo. Que coisa mais estranha!

Era, de fato, estranho, mas o comportamento de Harriet era tão absurdamente estranho que Emma não sabia como entendê-lo. Seu temperamento parecia absolutamente modificado. Ela parecia propor não demonstrar agitação alguma, nem decepção, nem uma preocupação peculiar com a descoberta. Emma olhou-a, totalmente incapaz de falar.

– A senhorita tinha alguma ideia – disse Harriet – de que ele estivesse

apaixonado por ela? A senhorita, talvez, pudesse ter. A senhorita – disse, ruborizando conforme falava –, que consegue ver dentro do coração de todo mundo, porém mais ninguém...

– Estou surpresa – disse Emma –, começo a duvidar de que eu tenha tal talento. A senhorita pode perguntar-me a sério, Harriet, se eu o imaginei tendo um compromisso com outra mulher ao mesmo tempo em que eu estava tácita, senão abertamente, encorajando-a a abrir caminho aos seus próprios sentimentos? Nunca tive a menor suspeita, até a última hora, de que o senhor Frank Churchill tivesse o menor sentimento por Jane Fairfax. Pode estar muito certa de que, se eu tivesse, eu deveria tê-la advertido

de acordo.

– Eu? – gritou Harriet, corando e atônita. – Por que a senhorita deveria advertir-me? A senhorita acha que eu me importo com o senhor Frank Churchill.

– Fico satisfeita em ouvi-la falando sobre o assunto tão firmemente – respondeu Emma, sorrindo – mas a senhorita não pretende negar que houve um tempo (e também não tão distante) em que me deu razões para entender que realmente se importava com ele, não é?

– Ele? Nunca, nunca. Cara senhorita Woodhouse, como pôde me interpretar mal dessa forma? – disse Harriet, afastando-se, aborrecida.

– Harriet! – gritou Emma, após uma breve pausa. – O que quer dizer com isso? Meu Deus! O que quer dizer com isso? Interpretá-la mal? Devo imaginar, então?

Ela não conseguiu falar mais uma palavra. Sua voz tinha sido perdida e ela sentou-se, esperando em grande terror até que Harriet respondesse.

Harriet, que estava em pé a uma certa distância e com o rosto virado, não disse nada imediatamente e, quando ela de fato falou, foi com uma voz quase tão agitada quanto a de Emma.

– Eu não deveria ter pensado ser possível – começou ela – que a senhorita pudesse ter me interpretado mal! Sei que concordamos nunca o mencionar, mas considerando o quão infinitamente superior ele é a todo mundo, eu não deveria ter pensado ser possível que eu devesse querer referir-me a qualquer outra pessoa. O senhor Frank Churchill, realmente! Não sei quem

olharia para ele alguma vez na companhia do outro. Espero que eu tenha um gosto melhor do que pensar no senhor Frank Churchill, que é ninguém comparado a ele. E que a senhorita tenha se equivocado tanto, é incrível! Tenho certeza, mas por acreditar que a senhorita aprovava e tinha a intenção de encorajar-me em meu vínculo, eu deveria ter considerado isso uma presunção quase grande demais, a princípio, para ousar pensar nele. No começo, se não tivesse me dito que coisas mais maravilhosas haviam acontecido; que houvera combinações de maior disparidade (estas foram suas exatas palavras); eu não deveria ter ousado abrir caminho... Eu não deveria ter pensado ser possível... Mas se a senhorita, que sempre fora conhecida dele...

– Harriet! – gritou Emma, recompondo-se firmemente. – Vamos nos entender agora, sem a possibilidade de erros adicionais. A senhorita está falando do... senhor Knightley?

– Com certeza estou. Nunca poderia pensar em qualquer outro, e imaginei que a senhorita soubesse disso. Quando conversamos sobre ele, ficou tão claro quanto possível.

– Não totalmente – respondeu Emma, com calma forçada –, pois tudo o que disse então pareceu-me estar relacionado a uma pessoa diferente. Eu poderia quase afirmar que tinha mencionado o senhor Frank Churchill. Tenho certeza de que o serviço que o senhor Frank Churchill havia lhe prestado, ao protegê-la dos ciganos, foi citado.

– Oh! Senhorita Woodhouse, como é esquecida!

– Minha cara Harriet, lembro perfeitamente a essência do que eu falei na ocasião. Eu lhe disse que não me espantava com seu vínculo que, considerando o serviço que ele tinha lhe prestado, era extremamente natural: e a senhorita concordou, expressando-se muito calorosamente quanto à sua percepção daquele serviço e mencionando até quais teriam sido suas sensações ao vê-lo oferecer-se para resgatá-la. A impressão disso está forte em minha memória.

– Oh, meu Deus! – gritou Harriet. – Agora me lembro do que a senhorita está querendo dizer, mas eu estava pensando em algo muito diferente naquele momento. Não era aos ciganos, não era ao senhor Frank Churchill que eu me referia. Não! – e prosseguiu, com alguma elevação. – Eu estava

pensando em uma circunstância muito mais preciosa: a do senhor Knightley vindo a mim e me tirando para dançar, quando o senhor Elton não o fazia e quando não havia outro parceiro no salão. Essa foi a boa ação; essa foi a nobre benevolência e generosidade; esse foi o serviço que me fez começar a sentir quão superior ele era a qualquer outro ser sobre a Terra.

– Meu Deus! – gritou Emma –, este foi um equívoco muitíssimo infeliz e deplorável! O que deve ser feito?

– Então a senhorita não teria me encorajado se tivesse me entendido? Mas pelo menos não posso estar em uma situação pior do que eu deveria ter estado se o outro tivesse sido a pessoa, e agora... isso é possível...

Ela silenciou por alguns momentos. Emma não conseguia falar.

– Não me espanta, senhorita Woodhouse – retomou ela –, que sinta uma grande diferença entre os dois, em relação a mim ou a qualquer pessoa. A senhorita deve pensar que um está cinco milhões de vezes acima de mim do que o outro, mas espero, senhorita Woodhouse, que supondo... que se... por mais estranho que pareça. Mas a senhorita sabe que foram suas próprias palavras, que coisas mais maravilhosas haviam acontecido, combinações de maior disparidade tinham ocorrido do que entre o senhor Frank Churchill e eu e, portanto, parece que, se uma coisa até mesmo como esta possa ter acontecido antes, e se eu fosse tão afortunada, além do que as palavras podem expressar, a ponto de... se o senhor Knightley realmente... se ele não se importar com a disparidade, espero, cara senhorita Woodhouse, que não vá opor-se a isto e tentar colocar dificuldades no caminho. Mas a senhorita é bondosa demais para fazer isso, tenho certeza.

Harriet estava em pé próximo de uma das janelas. Emma virou-se para olhar para ela em consternação e disse precipitadamente:

– A senhorita tem alguma ideia se o senhor Knightley retribui sua afeição?

– Sim – respondeu Harriet com humildade, mas sem medo. – Devo dizer que tenho.

Emma desviou o olhar de Harriet instantaneamente e ela ficou sentada, meditando em silêncio, em uma postura imóvel, por alguns minutos.

Alguns minutos foram suficientes para fazê-la conhecer o próprio coração. Uma mente como a dela, uma vez abrindo-se à suspeita, fazia rápido progresso. Ela sentiu, ela admitiu, ela reconheceu toda a verdade. Por que era tão pior que Harriet estivesse apaixonada pelo senhor Knightley do que por Frank Churchill? Por que o mal foi tão pavorosamente aumentado pelo fato de Harriet ter alguma esperança de uma retribuição? Percorreu-lhe a mente, com a velocidade de uma flecha, a ideia de que o senhor Knightley não deveria casar-se com ninguém exceto com ela mesma!

Sua própria conduta, assim como seu próprio coração, estavam diante dela nos mesmos poucos minutos. Ela viu tudo com a clareza que nunca a havia abençoado. Quão inapropriadamente ela estivera se comportando perto de Harriet! Quão sem consideração, quão indelicada, quão irracional, quão insensível tinha sido sua conduta! Que cegueira e que loucura tinham-na guiado! Isso atingiu-a com terrível força, e ela estava pronta a dar-lhe todos os nomes ruins no mundo. Alguma parcela de respeito por si mesma, entretanto, apesar de todos estes deméritos, alguma preocupação pela própria aparência e um forte senso de justiça por Harriet (não haveria necessidade de compaixão para com a garota que se acreditava amada pelo senhor Knightley, mas a justiça demandava que ela não fosse deixada infeliz agora) deram a Emma a decisão de permanecer sentada e aguentar ainda mais, com calma, até com aparente bondade. Na verdade, para sua própria vantagem, era apropriado que a máxima extensão possível das esperanças de Harriet devessem ser investigadas, e ela não havia feito nada para perder o direito à estima e ao interesse que tinham sido tão voluntariamente formados e mantidos, ou para merecer ser desprezada pela pessoa cujos conselhos não a tinham levado a algo bom. Despertando da reflexão, portanto, e dominando sua emoção, ela virou-se para Harriet de novo e, num tom mais convidativo, renovou a conversa, pois o assunto que a havia iniciado, a incrível história de Jane Fairfax, este que estava um tanto ignorado e perdido. Nenhuma delas pensou em qualquer coisa que não fosse o senhor Knightley e elas mesmas.

Harriet, que estivera na mesma posição em um devaneio nada desagradável, ficou, contudo, muito feliz por ser chamada de volta pela agora encorajadora conduta de uma juíza e uma amiga tal como a

senhorita Woodhouse, e queria apenas um convite para fornecer a história de suas esperanças com grande, porém trêmula, satisfação. Os temores de Emma à medida que ela perguntava e ouvia eram mais bem ocultados do que os de Harriet, mas não eram menos intensos. Sua voz não estava oscilando, mas sua mente estava em toda a perturbação que tal desenvolvimento de caráter, tal explosão de mal ameaçador, tal confusão de emoções súbitas e desconcertantes deveriam criar. Ela ouviu com muito sofrimento interior, mas com grande paciência exterior, os pormenores de Harriet. Metódicos, ou bem organizados, ou muito bem apresentados, não se poderia esperar que fossem, mas eles continham, quando separados de toda a debilidade e tautologia da narração, um conteúdo para arruinar os seus ânimos, especialmente com as circunstâncias comprobatórias, que sua própria memória trouxe à tona a favor da mais aprimorada opinião do senhor Knightley sobre Harriet.

Harriet estivera consciente de uma diferença no comportamento dele desde aquelas duas danças decisivas. Emma sabia que ele tinha, naquela ocasião, a achado muito superior à sua expectativa. A partir daquela noite, ou pelo menos a partir do momento em que a senhorita Woodhouse encorajou-a a pensar nele, Harriet começara a notar que ele conversava com ela muito mais do que ele estivera acostumado e que ele tinha de fato uma conduta um tanto diferente em relação a ela, uma conduta de bondade e carinho! Nos últimos tempos, ela estivera cada vez mais consciente disso. Quando eles andaram todos juntos, ele tinha, com bastante frequência, vindo e caminhado ao lado dela, e falado tão encantadoramente! Ele parecia querer conhecê-la. Emma sabia ter sido isso exatamente o caso. Ela tinha frequentemente observado a mudança, até quase o mesmo grau. Harriet repetiu expressões de aprovação e elogio vindas dele, e Emma sentiu que elas estavam na mais estreita concordância com o que ela soubera da opinião dele sobre Harriet. Ele elogiou-a por não ser erudita ou afetada, por ter sentimentos simples, honestos e generosos. Ela sabia que ele viu muitas qualidades em Harriet, pois ele havia se detido nelas com ela mais do que uma vez. Muito do que habitava a memória de Harriet, muitos pequenos detalhes do recado que ela recebera dele, um olhar, um discurso, uma mudança de uma cadeira

para outra, um elogio subentendido, uma preferência deduzida, tinham passado despercebidos, porque não eram suspeitados,

por Emma.

Circunstâncias que poderiam avolumar-se a uma relação de meia hora e continham múltiplas provas para ela que as vira não tinham sido discernidas por ela que agora as ouvia, mas as duas últimas ocorrências que foram mencionadas, as duas que continham a promessa mais sólida para Harriet, não ocorreram sem algum grau de testemunho da parte da própria Emma. A primeira foi ele andar com ela separado dos outros na caminhada dos limoeiros em Donwell, onde eles caminharam por algum tempo antes de Emma chegar, e ele mesmo tinha empenhado grande esforço (conforme ela estava convencida) para separá-la do resto do grupo e, no início, ele havia conversado com ela de uma forma mais particular do que ele jamais fizera antes, de uma forma realmente muito particular! (Harriet não conseguia lembrar o episódio sem corar). Ele parecia estar quase perguntando a ela se suas afeições estavam comprometidas. Mas assim que ela (senhorita Woodhouse) apareceu, propensa a juntar-se a eles, ele mudou de assunto e começou a falar sobre agricultura. A segunda foi ele ter ficado sentado com ela por quase meia hora antes de Emma voltar de sua visita na última manhã em que ele esteve em Hartfield, embora, quando ele entrou, tivesse dito que não poderia ficar nem cinco minutos, e o fato de ele ter dito a ela, durante a conversa deles, que ainda que ele tivesse de ir a Londres, era muito contra a tendência dele sair de casa em absoluto, o que foi muito mais (conforme Emma sentiu) do que ele havia reconhecido a ela. O grau superior de confiança em Harriet, que esse item específico indicava, causou-lhe intensa dor.

Sobre o assunto da primeira das duas circunstâncias, ela de fato arriscou, após uma pequena reflexão, fazer a seguinte pergunta:

– Poderia ele não retribuir? Não seria possível que, quando sondando, conforme a senhorita pensou, o estado de suas afeições, ele estivesse se referindo ao senhor Martin, que ele pudesse ter o interesse do senhor Martin em vista?

Mas Harriet rejeitou a suspeita com coragem.

– O senhor Martin! De fato, não! Não houve um indício sequer do senhor Martin. Espero ter mais experiência agora, a ponto de não me importar com o senhor Martin e nem ser suspeita de fazê-lo.

Quando Harriet encerrou suas evidências, ela apelou à sua querida senhorita Woodhouse que dissesse se ela não tinha bons motivos para nutrir esperanças.

– Eu nunca deveria ter presumido pensar nisso no começo – disse ela –, exceto pela senhorita. Foi a senhorita que me disse para observá-lo cuidadosamente e deixar o comportamento dele governar o meu, e assim o fiz. Mas agora pareço sentir que posso merecê-lo e que, se ele realmente me escolher, não haverá nada mais maravilhoso.

Os sentimentos profundos causados por este discurso, os muitos sentimentos profundos, fizeram o esforço extremo necessário da parte de Emma para permitir-lhe responder:

– Harriet, vou apenas arriscar-me a declarar que o senhor Knightley é o último homem no mundo que daria intencionalmente a qualquer mulher a ideia de que ele estivesse mais apaixonado por ela do que ele de fato está.

Harriet parecia pronta a venerar sua amiga por uma sentença tão satisfatória e Emma foi salva de arrebatamentos e carinho, que naquele momento teriam sido uma penitência terrível, somente pelo som dos passos do pai. Ele estava vindo através do hall. Harriet estava agitada demais para encontrá-lo. “Ela não conseguia se acalmar... O senhor Woodhouse ficaria preocupado... Ela deveria ir...”, com o mais rápido encorajamento da amiga, portanto, ela escapuliu por outra porta e, no momento em que desapareceu, esta foi a explosão espontânea dos sentimentos de Emma:

– Oh, Deus! Quisera eu nunca tê-la visto!

O resto do dia e a noite que o seguiu mal foram suficientes para os seus pensamentos. Ela estava desorientada em meio à confusão de tudo aquilo que tinha se atirado sobre ela nas últimas horas. Cada momento havia trazido uma nova surpresa; e cada surpresa deveria ser motivo de humilhação para ela. Como entender tudo aquilo? Como entender os enganos que estivera cometendo consigo mesma e sob os quais estivera vivendo? As tolices, a cegueira de sua própria mente e coração! Ela ficou

sentada e imóvel, ela perambulou, ela tentou o próprio quarto, ela tentou os arbustos, em cada lugar, cada postura, ela percebia que havia agido da forma mais errada possível; que ela tinha sido abusada por outros num grau extremamente mortificante; que ela estivera abusando de si mesma num grau ainda mais mortificante; que ela estava em um estado deplorável e provavelmente deveria considerar este dia o início de sua desventura.

Entender, entender completamente seu próprio coração, era a primeira empreitada. A esse ponto foram direcionados todos os momentos livres que as demandas do pai a ela permitiam e todos os momentos de distração involuntária.

Há quanto tempo o senhor Knightley tinha lhe sido tão caro, conforme todos os sentimentos agora declaravam que ele fora? Quando a influência dele, tal influência, começou? Quando tinha ele se transferido àquele lugar em sua afeição que Frank Churchill ocupara no passado, por um curto período? Ela olhou para o passado, comparou os dois, dado que eles sempre haviam estado sob o seu apreço, desde que o segundo tornou-se familiar a ela e dado que eles deveriam, a qualquer momento, ter sido comparados por ela. Oh! Ocorrera a ela, por uma felicidade abençoada, instituir a comparação. Ela viu que nunca houvera uma vez em que não considerasse o senhor Knightley infinitamente superior, ou em que a consideração dele por ela não tivesse sido a mais estimada. Ela viu que, ao convencer a si mesma, ao imaginar, ao agir indicando o oposto, ela estivera totalmente sob uma ilusão, totalmente ignorante de seu próprio coração e, em resumo, que ela nunca tivesse de fato se importado com Frank Churchill, minimamente!

Esta foi a conclusão da primeira série de reflexões. Este era o conhecimento de si mesma, sobre a primeira pergunta da investigação, que ela formulou e ela não levou muito tempo para formulá-la. Ela estava o mais tristemente indignada e envergonhada de todas as sensações, exceto aquela que se revelou a ela: o carinho que sentia pelo senhor Knightley. Todas as outras partes da mente dela eram repugnantes.

Com insuportável vaidade, ela acreditara conhecer intimamente os sentimentos de todos e com imperdoável arrogância, propôs-se a organizar o destino de todos. Provou-se que ela estivera universalmente errada e não

era que ela não tinha feito nada, pois ela cometera indelicadezas. Ela causara mal a Harriet, a ela mesma e, ela temia muitíssimo, ao senhor Knightley. Se este vínculo, o mais desigual entre todos os possíveis, fosse ocorrer, nela deveriam recair todas as repreensões por ter-lhe dado um começo; pois o apego dele, ela deveria acreditar ser produzido somente por uma consciência do de Harriet e mesmo que este não fosse o caso, ele jamais teria conhecido Harriet se não fosse pela loucura dela.

O senhor Knightley e Harriet Smith! Era uma união para afastar qualquer perplexidade neste âmbito. O vínculo entre Frank Churchill e Jane Fairfax tornou-se lugar-comum, uma coisa antiga e entediante na comparação, não suscitando surpresa, não exibindo disparidade, não proporcionando nada a ser dito ou pensado. O senhor Knightley e Harriet Smith! Que elevação do lado dela! Que rebaixamento do dele! Era horrível para Emma pensar o quanto aquilo deveria desacreditá-lo na opinião dos outros, prever os sorrisos, as expressões de sarcasmo, a alegria que aquilo estimularia às custas dele, a mortificação e o desprezo do irmão dele, as milhares de inconveniências a ele mesmo. Poderia ser possível? Não, era impossível. E ainda assim estava longe, muito longe, de ser impossível. Era uma nova circunstância para um homem com habilidades de primeira linha ser cativado por poderes muito inferiores? Era novo alguém, talvez ocupado demais para procurar, ser o prêmio de uma garota que o procurasse? Era novo qualquer coisa neste mundo ser desigual, inconsistente, incompatível, ou o acaso e a circunstância (como causas secundárias) guiarem o destino humano?

Oh! Quisera ela nunca ter apresentado Harriet! Quisera ela tê-la deixado onde ela deveria ter deixado e onde ele havia lhe dito que deveria deixar! Se ela não tivesse evitado, com uma loucura que língua alguma poderia expressar, que ela se casasse com o jovem irrepreensível que a teria feito feliz e respeitável na linha de vida à qual ela deveria pertencer, tudo teria estado seguro e nada desta pavorosa sequência teria ocorrido.

Como Harriet pôde, em algum momento, ter tido a presunção de elevar os pensamentos dela ao nível do senhor Knightley! Como ela pôde ousar imaginar-se a escolhida de tal homem a ponto de estar realmente convicta disto! Mas Harriet estava menos modesta, tinha menos escrúpulos do que

outrora. A inferioridade dela, fosse de intelecto ou situação, parecia ser pouco sentida. Ela parecera mais consciente da humilhação do senhor Elton em casar-se com ela do que parecia agora da do senhor Knightley. Ai de mim! Não foi ela que fez aquilo também? Quem fizera um grande esforço para dar a Harriet noções de consequência dos próprios atos senão ela mesma? Quem além dela mesma tinha ensinado a Harriet que ela tinha de elevar-se se possível e que suas reivindicações eram grandes para um importante sistema mundano e luxuriante? Se Harriet, de humilde, passasse a ser presunçosa, teria sido ela quem a fez fazer aquilo também.

Capítulo 12

Até agora, momento em que estava ameaçada de perdê-la, Emma nunca tinha tido consciência de quanto da felicidade dela dependia de ser a favorita do senhor Knightley, favorita em interesse e afeição. Satisfeita que fosse esse caso e sentindo que aquilo era-lhe devido, ela tinha usufruído a condição sem pensar muito no assunto e apenas ao temor de ser suplantada descobriu o quão indescritivelmente importante aquilo havia sido. Ela sentiu que há muito, muito tempo ela fora a favorita, pois não tendo ligações femininas próprias, houvera apenas Isabella, cujas reivindicações poderiam ser comparadas às dela, e ela sempre soubera exatamente o quanto ele amava e estimava Isabella. Ela mesma tinha sido a favorita dele por muitos anos no passado. Ela não havia merecido o posto, pois tinha sido negligente ou perversa com frequência, desprezando os seus conselhos ou mesmo deliberadamente

opondo-se a ele, indiferente à metade de seus méritos e discutindo com ele por-

que ele não reconhecia a sua falsa e insolente opinião, mas mesmo assim, por uma questão de laço familiar e hábito, e pela primazia da mente, ele a tinha amado e cuidado dela desde menina, com um esforço de aprimorá-la e uma ansiedade de vê-la fazendo o que era certo que nenhuma outra criatura jamais compartilhara. Apesar de todos os seus defeitos, Emma sabia que Isabella era cara a ele ou será que ela não poderia dizer muito

cara? Entretanto, quando as sugestões de esperança, que devem seguir-se aqui, apresentaram-se, ela não pôde ousar ceder a elas.

Harriet Smith não podia considerar-se indigna de ser especial, exclusiva e apaixonadamente amada pelo senhor Knightley. Ela não podia. Ela não podia lisonjear-se com qualquer ideia de cegueira na ligação dele com ela. Ela tinha recebido uma prova muito recente da imparcialidade dele e o quão chocado ele ficara com o comportamento dela em relação à senhorita Bates! O quão direta e fortemente ele expressou-se para ela sobre o assunto! Não fortemente demais para o delito, mas muito, muito fortemente para emitir qualquer sentimento mais terno do que justiça correta e boa vontade lúcida. Ela não tinha esperança, nada que merecesse o nome de esperança, de que ele pudesse ter aquele tipo de afeição que estava agora em análise por ela, mas havia uma esperança (às vezes pequena, às vezes muito maior) de que Harriet pudesse ter se iludido e estar sobrestimando a estima dele por ela. Tomara que sim, para o bem dele, com a consequência sendo nada para ela mesma, além de ele permanecer solteiro para o resto da vida. Se ela pudesse ter certeza disso, na verdade, de que ele nunca se casaria com ninguém, ela acreditava que deveria ficar perfeitamente satisfeita. Deixem que ele continue o mesmo senhor Knightley para ela e o pai, o mesmo senhor Knightley para todo o mundo, não deixem que Donwell e Hartfield percam suas preciosas relações de amizade e confiança, e a paz dela estaria inteiramente assegurada. O casamento, de fato, não serviria para ela. Ele seria incompatível com o que ela devia ao pai e o que ela sentia por ele. Nada deveria separá-la do pai. Ela não se casaria, mesmo se o senhor Knightley pedisse.

Deveria ser seu desejo ardente que Harriet se desiludisse e ela esperava que, quando conseguisse vê-los juntos de novo, pudesse pelo menos ser capaz de determinar quais seriam as chances de ocorrer. Dali em diante, ela deveria vê-los com a máxima observância e, por mais miseravelmente que ela tivesse interpretado mal mesmo aqueles por quem ela estivesse zelando até o momento, ela não sabia como admitir que pudesse ser cega aqui. Esperava-se que ele voltasse a qualquer dia. O poder da observação seria administrado em breve como lhe parecia, quando seus pensamentos

detinham-se na questão. Ela decidiu que, enquanto a oportunidade não ocorresse, não veria Harriet. Não seria bom para nenhuma delas, e não seria bom para a questão conversar mais sobre ela. Ela estava decidida a não ser convencida, até que pudesse duvidar, e ainda assim não tinha autoridade para contestar a confiança de Harriet. Conversar seria apenas irritar-se. Entretanto, ela escreveu-lhe, com cordialidade, porém firmeza, para implorar-lhe que não viesse a Hartfield naquele momento, admitindo ser uma convicção de que toda discussão confidencial, além da que haviam tido sobre um tópico, deveria ser evitada e esperando que, se alguns dias pudessem passar-se antes que elas se encontrassem novamente, exceto na companhia de outros, ela tinha objeções apenas a um *tête-à-tête*, elas conseguissem agir como se tivessem esquecido a conversa de ontem. Harriet submeteu-se, e aprovou, e estava grata.

Esse ponto acabara de ser arranjado quando um visitante chegou para arrancar um pouco os pensamentos de Emma do único assunto que os havia absorvido, estivesse ela dormindo ou acordada, nas últimas vinte e quatro horas, a senhora Weston, que estivera visitando sua nora eleita e passou por Hartfield no caminho para casa, quase tanto cumprindo uma obrigação para com Emma quanto para satisfazer-se, para relatar todos os pormenores de tão interessante entrevista.

O senhor Weston a tinha acompanhado à casa da senhora Bates e passado pela parte dele nessa atenção essencial muito graciosamente, mas ela ter induzido a senhorita Fairfax a juntar-se a ela em uma saída para tomarem um pouco de ar era agora retribuído com muito mais que se dizer, e muito mais que se dizer com satisfação, do que um quarto de hora passado na sala de estar da senhora Bates, com todo o ônus de sentimentos constrangedores, poderia ter proporcionado.

Uma pequena curiosidade Emma tinha e ela tirou o máximo proveito dela enquanto a amiga dava seu relato. A senhora Weston partira para fazer a visita num estado de significativa agitação e no começo desejara não ir lá de forma alguma naquele momento, ter a permissão de apenas escrever à senhorita Fairfax em vez de ir e adiar essa visita formal até que um pequeno tempo tivesse transcorrido e o senhor Churchill pudesse

reconciliar-se com o fato de o noivado tornar-se conhecido e considerando tudo, ela pensou que tal visita não poderia ser feita sem ocasionar relatos. Mas o senhor Weston pensara de forma diferente, pois ele estava extremamente ansioso para mostrar sua aprovação à senhorita Fairfax e à família dela e não concebia que qualquer suspeita pudesse ser despertada por isso ou, se tal coisa ocorresse, que não teria nenhuma consequência, pois “coisas assim”, observou ele, “sempre se espalham”. Emma sorriu e sentiu que o senhor Weston tinha um motivo muito bom para dizer aquilo. Eles tinham ido, em suma, e muito grande foram o desconforto e a confusão evidentes da moça. Ela mal fora capaz de falar uma palavra e cada olhar e ação tinham mostrado o quão profundamente ela estava sofrendo por ter consciência dos fatos. A satisfação quieta e sincera da senhora e o deleite extasiado da filha, que se mostrou até contente demais para conversar como de costume, tinha sido uma cena gratificante, e ainda assim quase comovente. Elas estavam ambas tão respeitáveis em sua felicidade, tão desinteressadas em cada sensação, pensavam tanto em Jane, tanto em todas as pessoas e tão pouco nelas mesmas que cada sentimento bondoso estava a serviço delas.

A doença recente de Jane Fairfax tinha oferecido uma alegação justa para a senhora Weston convidá-la a tomar um pouco de ar, mas ela havia recuado e rejeitado inicialmente, mas sucumbira ao ser pressionada, porém durante o passeio, a senhora Weston tinha, por meio de estímulo gentil, vencido a vergonha o suficiente para persuadi-la a conversar sobre o importante assunto. Desculpas pelo que pareceu um silêncio indelicado na primeira recepção a eles e as mais afetuosas expressões da gratidão que ela estava sempre sentindo em relação à senhora e ao senhor Weston deveriam necessariamente abrir a questão, mas quando essas efusões foram colocadas de lado, elas conversaram bastante sobre o estado presente e futuro do noivado. A senhora Weston estava convencida de que tal conversa deveria ser o maior alívio à sua companhia, confinada à própria mente conforme tudo ocorrera por tanto tempo, e estava muito satisfeita com tudo o que ela dissera sobre o assunto.

– No tormento do que ela sofrera, durante a ocultação por tantos meses –

continuou a senhora Weston –, ela foi forte. Esta foi uma das suas expressões. “Não vou dizer que, desde que iniciei o noivado, não tenha tido alguns momentos felizes, mas posso dizer que nunca conheci a bênção de uma hora tranquila” e com o lábio trêmulo, Emma, proferiu essas palavras, foi um atestado que senti em meu coração.

– Pobre menina! – disse Emma. – Ela acha que esteve errada, então, por ter consentido com um noivado secreto?

– Errada? Ninguém, creio eu, pode culpá-la mais do que ela está disposta a culpar a si mesma. “A consequência”, disse ela, “tem sido um estado de sofrimento perpétuo para mim e assim deveria ser. Mas depois de toda a punição que a má conduta pode ocasionar, ela ainda é má conduta. A dor não é uma expiação. Nunca posso ser inocente. Tenho agido contra todo o meu senso do que é correto e a reviravolta feliz porque tudo passou e a bondade que estou recebendo agora são o que minha consciência me diz que não deveria acontecer.” “Não imagine, senhora,” continuou ela, “que me ensinaram errado. Não deixe que qualquer reflexão caia nos princípios ou nos cuidados dos amigos

que me criaram. O erro foi todo meu e garanto-lhe que, com todo o pretexto que

as circunstâncias atuais podem parecer proporcionar, ainda assim vou temer contar a história ao coronel Campbell”.

– Pobre menina! – disse Emma outra vez. – Então ela o ama excessivamente, suponho. Deve ter sido por afeição, apenas, que ela poderia ser levada a concretizar o noivado. A afeição dela deve ter subjugado o discernimento.

– Sim, não tenho dúvida de que ela seja extremamente afeiçãoada a ele.

– Temo – respondeu Emma, suspirando – que devo ter contribuído com frequência para deixá-la infeliz.

– De sua parte, meu amor, isso foi feito inocentemente. Mas ela provavelmente tinha algo disso nos pensamentos quando mencionou os mal-entendidos sobre os quais ele havia nos dado pistas antes. Uma consequência natural do mal com que ela se envolvera – disse ela – foi o de ele torná-la irracional. A consciência de ter feito algo impróprio a tinha

exposto a milhares de inquietudes e a deixou implicate e irritável a um ponto que deve ter sido, que fora difícil para ele suportar. “Não fiz as concessões”, disse ela, “que eu deveria ter feito para seu temperamento e espírito, seu espírito encantador, e aquela alegria, aquele bom humor, que sob quaisquer outras circunstâncias teriam, tenho certeza, sido tão constantemente fascinantes para mim quanto foram no início.” Ela então começou a falar da senhorita e da grande bondade que tinha mostrado a ela durante a doença e, com um rubor que me mostrou como estava tudo conectado, desejou que eu, quando tivesse uma oportunidade, agradecesse à senhorita, “eu não poderia agradecer-lhe demais”, por cada anseio e cada esforço para fazer bem a ela. Ela estava ciente de que a senhorita nunca havia recebido qualquer reconhecimento apropriado dela mesma.

– Se eu não soubesse que ela está feliz agora – disse Emma, com seriedade –, o que, apesar de cada pequeno empecilho da consciência escrupulosa dela, ela deveria estar, eu não poderia suportar este agradecimento, pois, oh!, senhora Weston, se houvesse um relato estabelecido do mal e do bem que fiz a Jane Fairfax! Bem – disse ela, contendo-se e tentando ficar mais animada –, tudo isso deve ser esquecido. É muita gentileza de sua parte trazer-me esses detalhes interessantes. Eles proporcionam a mais favorável imagem de Jane. Tenho certeza de que ela é muito boa e espero que ela seja muito feliz. É apropriado que a sorte esteja do lado dele, pois acho que o mérito será todo do lado dela.

Tal conclusão não poderia passar pela senhora Weston sem uma resposta. Ela tinha uma boa opinião sobre Frank em relação a quase todos os pontos e, mais importante, ela amava-o muito e a defesa dela era, portanto, séria. Ela falou com uma boa porção de fundamento e pelo menos a mesma quantidade de afeição, mas ela tinha coisas demais para instar a atenção de Emma; logo o assunto moveu-se para Brunswick Square ou para Donwell; ela esqueceu-se de tentar escutar; e quando a senhora Weston terminou com “Ainda não tivemos a carta pela qual estamos ansiosos, a senhorita sabe, mas espero que ela chegue em breve”, ela foi obrigada a fazer uma pausa antes de responder, e por fim, obrigada a responder aleatoriamente, antes que pudesse, de alguma forma, lembrar-se por qual carta eles estavam ansiosos.

– A senhorita está bem, minha Emma?

Essa foi a pergunta de despedida da senhora Weston.

– Oh, perfeitamente! Estou sempre bem, a senhora sabe. Certifique-se de dar-me notícias sobre a carta assim que possível.

As informações da senhora Weston forneceram a Emma mais combustível para reflexão desagradável, por aumentarem sua estima e compaixão e seu senso de injustiça passada em relação a Jane Fairfax. Ela arrependeu-se amargamente de não ter buscado uma relação mais próxima com a moça e corou em razão dos sentimentos de inveja que tinha sido, em alguma medida, a causa. Se ela tivesse seguido os desejos conhecidos do senhor Knightley, prestando tal atenção à senhorita Fairfax, o que era, de todas as maneiras, obrigação dela; se ela tivesse tentado conhecer Jane melhor; se ela tivesse feito a parte dela rumo à intimidade; se ela tivesse se esforçado para encontrar em Jane uma amiga, em vez de em Harriet Smith; ela deveria, com todas as chances, ter sido poupada de todas as dores que persistiam agora. Berço, habilidades e educação estiveram assinalando alguém como uma companheira para ela, a ser recebida com gratidão e a outra, o que ela era? Supondo até que elas nunca tivessem se tornado amigas íntimas, que ela nunca tivesse sido admitida à confiança da senhorita Fairfax quanto a esse importante assunto, o que era o mais provável, mesmo assim, conhecendo-a como deveria, e como poderia, ela deveria ter sido preservada das abomináveis suspeitas de um vínculo indecoroso com o senhor Dixon, que ela tinha não apenas tão insensatamente criado e nutrido, como também havia tão imperdoavelmente propagado era uma ideia que, muito temia ela, fora transformada em um motivo de importante sofrimento para a delicadeza dos sentimentos de Jane pela levandade ou descuido de Frank Churchill. De todas as fontes de mal circundando Jane desde que ela veio a Highbury, ela estava convencida de que ela mesma deveria ter sido a pior. Ela deve ter sido uma inimiga perpétua. Nunca podiam ter ficado os três juntos sem que ela tivesse esfaqueado a paz de Jane Fairfax em mil ocasiões e o episódio em Box Hill talvez tivesse sido a agonia de uma mente que não suportaria mais nada.

A noite deste dia foi muito longa e melancólica em Hartfield. O clima

acrescentou o que podia de tristeza. Uma chuva fria com tempestade principiou, e nada de julho despontava exceto nas árvores e arbustos, que o vento estava despojando, e a duração do dia, que apenas tornou tais cenas cruéis visíveis por mais tempo.

O clima afetou o senhor Woodhouse e ele pôde ser mantido toleravelmente confortável somente por uma atenção quase contínua por parte da filha e por esforços que nunca haviam custado a ela metade do que custavam agora. Isso a fez lembrar do primeiro *tête-à-tête* lastimável deles, na noite do dia em que a senhora Weston se casou, mas o senhor Knightley tinha entrado então, logo após o chá, e dissipado todas as fantasias melancólicas. Ai dela! Tais provas encantadoras da atração de Hartfield, como esse tipo de visita exprimia, poderiam acabar em breve. O panorama que ela tinha então elaborado das privações do inverno que se aproximava provou-se incorreto, nenhum amigo os havia abandonado e nenhum prazer havia sido perdido. Mas seus atuais presságios, temia ela, não experimentariam contradição semelhante. A perspectiva diante dela agora era ameaçadora a um ponto que não poderia ser inteiramente superado, que não poderia ser sequer parcialmente abrilhantada. Se tudo que poderia ocorrer no círculo de seus amigos ocorresse, Hartfield deveria ficar comparativamente abandonada e ela, deixada para alegrar o pai com os ânimos somente da felicidade arruinada.

A criança que nasceria em Randalls deveria ser um vínculo naquela casa mais querida do que ela mesma e o coração e o tempo da senhora Weston seriam ocupados por ela. Eles deveriam perdê-la e, provavelmente, em grande medida, o marido dela também. Frank Churchill não retornaria mais ao convívio deles e a senhorita Fairfax, era sensato supor, em breve deixaria de pertencer a Highbury. Eles estariam casados e estabelecidos em Enscombe ou perto de lá. Tudo que havia de bom seria eliminado e, se a estas perdas a de Donwell fosse adicionada, o que restaria de associação alegre ou racional ao alcance deles? O senhor Knightley não iria mais lá para o seu conforto noturno! Não mais entrando em todas as horas, como se estivesse sempre disposto a mudar de sua casa para a deles! Como isso seria suportado? E se ele fosse ser retirado do convívio deles por causa de Harriet; se ele fosse ser considerado dali em diante como tendo encontrado

na associação com Harriet tudo o que ele quisesse; se Harriet fosse a escolhida, a favorita, a mais cara, a amiga, a esposa na qual ele procurou as melhores bênçãos da existência; o que poderia estar aumentando a desventura de Emma senão a reflexão nunca muito distante da sua mente de que tudo teria sido obra

dela mesma?

Quando o assunto atingia um ápice como esse, ela não conseguia evitar assustar-se, ou soltar um suspiro profundo, ou mesmo ficar andando no quarto por alguns segundos e a única fonte da qual qualquer coisa parecida com consolo ou compostura poderia ser obtida eram a resolução de uma conduta própria melhor e a esperança de que, por mais inferior em ânimo e alegria que pudesse ser o próximo e todos os futuros invernos da vida dela, eles a encontrariam, ainda assim, mais racional, mais familiarizada consigo mesma e deixariam menos que lamentar quando passassem.

Capítulo 13

O clima continuou basicamente o mesmo durante toda a manhã seguinte e a mesma solidão e a mesma melancolia pareciam reinar em Hartfield, mas durante a tarde abriu; o vento mudou para uma direção mais suave; as nuvens moveram-se; o sol apareceu; era verão novamente. Com toda a avidez que tal transição proporciona, Emma decidiu estar ao ar livre assim que possível. Nunca a primorosa visão, cheiro e sensação da natureza, tranquila, cálida e brilhante após uma tempestade, tinha lhe sido mais atraente. Ansiava pela serenidade que eles poderiam gradualmente introduzir; e, com a vinda do senhor Perry logo após o jantar, com uma hora livre dos cuidados dispensados ao pai, ela não perdeu tempo ao apressar-se rumo aos arbustos. Lá, com os ânimos renovados e os pensamentos um pouco aliviados, Emma já tinha dado algumas voltas, quando viu o senhor Knightley passando pela porta do jardim e vindo em sua direção. Era o primeiro sinal de que ele voltara de Londres. Ela pensara nele no momento anterior, como inquestionáveis vinte e cinco quilômetros de distância. Houve tempo apenas para a mais rápida organização da mente. Ela deveria estar controlada e calma. Em meio

minuto, eles estavam juntos. Os “Como vai?” ocorreram em voz baixa e foram contidos pelo dois. Emma perguntou sobre os amigos em comum, porém estavam todos bem. Quando os havia deixado? Somente naquela manhã. Deve ter cavalgado sob chuva. Sim. Ele pretendia caminhar com ela. “Ele tinha acabado de olhar na sala de jantar e, como ninguém solicitava a sua presença, preferiu estar ao ar livre”. Achou que ele não parecia animado nem falava com entusiasmo e a primeira causa possível para isso, sugerida pelos temores dela, era que talvez tivesse comunicado seus planos ao irmão e estivesse magoado pela maneira com a qual eles foram recebidos.

Caminharam juntos. Knightley estava em silêncio. Emma achou que ele estivesse olhando muitas vezes para ela e tentando ter uma visão mais completa do seu rosto do que lhe era adequado dar. E essa crença causou outro temor. Talvez quisesse falar sobre seu vínculo com Harriet; ele poderia estar prestando atenção, tentando capturar um incentivo para começar. Ela não se sentia, não o poderia, à altura de abrir caminho para tal assunto. Ele deveria fazer tudo sozinho. Mesmo assim, não conseguia suportar este silêncio. Com ele, era extremamente anormal. Emma considerou. Decidiu-se. E, tentando sorrir, começou:

– Você tem uma novidade para receber, agora que está de volta, a qual irá deixá-lo um tanto surpreso.

– Tenho? – disse ele em voz baixa e, em seguida, olhou para ela. – De que natureza?

– Oh! A melhor natureza do mundo: um casamento.

Após esperar um momento, como se para ter certeza de que ela não tinha intenção de dizer mais nada, ele respondeu:

– Se refere à senhorita Fairfax e Frank Churchill, já fiquei sabendo.

– Como isso é possível? – gritou Emma, virando suas bochechas brilhantes na direção dele; apesar disso, enquanto falou, ocorreu-lhe que ele poderia ter feito uma visita à casa da senhora Goddard no caminho.

– Recebi algumas linhas sobre assuntos paroquiais do senhor Weston hoje de manhã e, no final da carta, ele me fez um breve relato do que tinha acontecido.

Emma estava bastante aliviada e, com um pouco mais de compostura,

conseguiu dizer:

– Você provavelmente ficou menos surpreso do que qualquer um de nós, por ter tido suas suspeitas. Não esqueci de uma vez que tentou me alertar. Eu queria ter prestado atenção – continuou ela, com um tom de voz decrescente e um suspiro profundo –, mas parece que fui fadada à cegueira.

Por um momento ou outro, nada foi dito, e ela não desconfiava ter suscitado qualquer interesse específico, até que descobriu seu braço atraído para o dele e pressionado contra o seu coração, e ouviu-o dizer assim, em um tom de grande sensibilidade, com a voz baixa:

– O tempo, minha caríssima Emma, o tempo vai curar a ferida. Sua lucidez... seus esforços em prol de seu pai... Sei que a senhorita não vai permitir-se...

O braço dela foi pressionado de novo, conforme ele acrescentou, com uma ênfase mais fragmentada e contida:

– Os sentimentos da mais afetuosa amizade... Indignação... Canalha abominável!

E concluiu, em um tom mais alto e com um discurso mais constante:

– Em breve, ele terá partido e eles estarão em Yorkshire. Sinto por ela.

Ela merece um destino melhor.

Emma compreendeu-o; e logo que conseguiu recuperar-se da agitação de prazer estimulada por consideração tão terna, respondeu:

– Você é muito gentil, mas está equivocado e preciso corrigi-lo. Não necessito desse tipo de compaixão. Minha cegueira quanto ao que estava acontecendo levou-me a agir perto deles de uma forma da qual devo envergonhar-me

sempre, e eu estava tão tentada a dizer e fazer muitas coisas absurdas que muito provavelmente me exporiam as suposições desagradáveis, mas não tenho nenhum outro motivo para lamentar que não soubesse do segredo antes.

– Emma! – gritou ele, olhando-a ansiosamente. – Não sabia, verdade?

Mas, contendo-se, continuou:

– Estou satisfeito que possa dizer tanto. Ele não é objeto de pesar, de fato! E não vai demorar muito, espero, até que isso seja reconhecido por mais do que sua razão. Bom que não aprofundou seus sentimentos por ele! Eu jamais poderia, confesso, pela sua conduta, assegurar-me quanto à intensidade do que sentia: conseguia somente ter certeza de que havia uma preferência, a qual nunca acreditei que ele fosse merecedor. Este rapaz é uma desgraça para os homens. E ser recompensado com aquela jovem meiga? Jane, Jane, você será uma criatura miserável.

– Senhor Knightley – disse Emma, tentando ficar animada, mas realmente confusa –, estou em uma situação muito extraordinária. Não posso deixá-lo continuar no seu erro; e já que, talvez, minha conduta tenha dado tal impressão, tenho tantos motivos para estar envergonhada em confessar que nunca estive, de forma alguma, afeiçoada à pessoa da qual estamos falando, quanto seria natural para uma mulher sentir ao confessar exatamente o oposto. Mas nunca estive.

O senhor Knightley ouviu em perfeito silêncio. Ela queria que ele falasse, mas ele o fez. Supôs que deveria falar mais antes de ter direito à clemência dele, mas era difícil ser forçada a ainda rebaixar-se na opinião dele. Entretanto, ela prosseguiu.

– Tenho muito pouco a dizer em favor da minha conduta. Senti-me tentada pelas atenções dele e me permiti parecer satisfeita. Uma velha história, provavelmente (um caso comum), e nada que não tenha acontecido com centenas de mulheres antes; e, ainda assim, talvez não seja a mais perdoável para alguém que, como eu, está sempre em busca de compreensão. Muitas circunstâncias auxiliaram a tentação. Ele era o filho do senhor Weston, estava sempre aqui, sempre o considerei muito agradável e, em resumo (com um suspiro), deixe-me explicar as causas ainda que muito engenhosas, todas elas giram em torno desta: minha vaidade foi alimentada pelas atenções dele. Nos últimos tempos, porém (na verdade, há algum tempo), tem me parecido que elas não significam nada. Achei que eram um costume, uma brincadeira, nada que demandasse seriedade de minha parte. Ele abusou de mim, mas não me machucou. Nunca me afeiçoei a ele. E agora consigo compreender o seu comportamento. Ele nunca quis ter um vínculo comigo. Fui meramente

um subterfúgio para ocultar a sua real situação com outra. Foi seu objetivo ofuscar tudo sobre ele; e ninguém, tenho certeza, poderia ficar mais cega do que eu, exceto pelo fato de que eu não fui cegada (essa foi minha sorte). Que, em resumo, estive, de uma forma ou de outra, a salvo dele.

Emma desejava uma resposta dele; algumas palavras para dizer que a conduta dela foi ao menos compreensível; mas ele ficou em silêncio e, tanto quanto ela poderia julgar, absorto em pensamentos. Por fim, e em seu razoável tom, como de costume, ele disse:

– Nunca tive uma opinião boa sobre Frank Churchill. Posso supor, entretanto, que eu possa tê-lo subestimado. Minha interação com ele não foi nada além de superficial. E, mesmo se não o subestimei até aqui, ele pode, ainda assim, sair-se bem: com tal mulher, ele tem uma chance. Não tenho motivo para desejar mal a ele; e, para o bem dela, cuja felicidade estará vinculada com a boa índole e conduta dele, vou certamente desejar que seja feliz.

– Não tenho dúvida de que eles serão felizes juntos – disse Emma.

– Acredito que eles estejam muito recíproca e sinceramente unidos.

– Ele é um homem muitíssimo afortunado! – devolveu o senhor Knightley, com energia. – Tão cedo na vida, aos 23 anos, um período no qual, se um homem escolhe uma esposa, em geral escolhe mal; ele ter tirado tal prêmio aos 23 anos! Quantos anos de felicidade esse homem, em todo cálculo humano, tem diante de si! Com a certeza do amor de uma mulher assim (o amor desinteressado, porque a índole de Jane Fairfax atesta o desapego); todas as coisas a favor dele, igualdade de situação; quero dizer, no que diz respeito à sociedade, e todos os hábitos e condutas que importam. Igualdade em todos os pontos exceto um, e esse, dado que a pureza do coração dela não suscita dúvidas,

o que deve aumentar a felicidade dele, pois pertencerá a ele para conceder os únicos favores que ela quiser. Um homem sempre deseja dar a uma mulher um lar melhor do que aquele do qual ele a retira; e ele, que pode fazer isso, em uma situação em que não há dúvida quanto à estima dela, deve, creio eu, ser o mais feliz dos mortais. Frank Churchill é, de fato, o favorito da sorte. Tudo acaba de modo a beneficiá-lo. Ele conhece uma

jovem em um balneário, ganha a sua afeição, e não consegue sequer aborrecê-la por um tratamento negligente. E se ele e toda a sua família tivessem procurado ao redor do mundo uma esposa perfeita para ele, não conseguiriam ter encontrado alguém superior a ela. A tia dele está no caminho. A tia dele morre. A única coisa que ele tem de fazer é falar. Seus amigos estão ávidos para promover a felicidade dele. Ele usou a todos com maldade e eles estão todos satisfeitos em perdoá-lo. Ele realmente é um homem afortunado!

– O senhor fala como se o invejasse. – Disse Emma.

– E de fato eu o invejo, Emma. Em um ponto, ele é o objeto da minha inveja.

Emma não conseguiu falar mais nada. Pareciam estar na metade de uma sentença sobre Harriet e o sentimento imediato dela foi evitar o assunto, se possível. Ela elaborou seu plano; falaria sobre algo totalmente diferente: as crianças em Brunswick Square; e apenas esperou recuperar o fôlego para começar quando o senhor Knightley a alarmou ao dizer:

– A senhorita não vai me perguntar qual o motivo da inveja. Está determinada, vejo, a não ter curiosidade. Você é sábia, mas eu não consigo o ser. Emma, devo contar-lhe o que não irá perguntar, mesmo que eu me arrependa depois.

– Oh! Então não diga, não diga – exclamou, ansiosa. – Espere um pouco, considere, não se comprometa.

– Obrigado – disse ele, em um tom de profunda mortificação, e ficou em silêncio.

Não suportava fazê-lo sofrer. Ele desejava contar a ela um segredo, talvez consultá-la; o que quer que isso custasse, ela escutaria. Poderia ajudá-lo na decisão ou fazê-lo se conformar com ela. Poderia simplesmente elogiar Harriet ou, ao descrever a própria independência dele, aliviá-lo daquele estado de indecisão, a qual deveria ser mais intolerável do que qualquer alternativa para uma mente como a dele. Eles chegaram à casa.

– A senhorita vai entrar, suponho – disse ele.

– Não – disse Emma, totalmente decidida pela maneira triste com a qual ele ainda falava. – Quero dar outra volta. O senhor Perry não foi embora.

E, após avançar alguns passos, acrescentou:

– Fui rude agora há pouco e o interrompi, senhor Knightley, e temo tê-lo feito sofrer. Mas se tiver vontade de conversar abertamente comigo ou de perguntar minha opinião sobre qualquer coisa que possa estar pensando, na verdade, o senhor pode contar comigo como amiga. Ouvirei tudo o que desejar me contar. Direi exatamente o que penso.

– Como uma amiga! – repetiu o senhor Knightley. – Emma, o que temo é uma palavra. Não, não tenho vontade nenhuma. Fique, sim, por que eu deveria hesitar? Já fui longe demais para esconder. Emma, aceito sua oferta. Por mais extraordinária que esta possa parecer, eu a aceito e me refiro a você como uma amiga. Diga-me, então, eu não tenho nenhuma chance de obter sucesso um dia?

Ele parou em sua seriedade para examinar a questão, e a expressão nos olhos dele dominou-a.

– Minha querida Emma – disse ele –, pois querida sempre será, qualquer que seja o resultado dessa conversa, minha mais querida, mais amada Emma, diga-me imediatamente. Diga “não” se isso tiver de ser dito.

Ela realmente não conseguia falar nada.

– A senhorita está muda – gritou ele, com grande animação. Absolutamente muda! No momento, não perguntarei mais nada.

Emma estava quase pronta para afundar sob a agitação daquele momento. O medo de ser acordada do sonho mais feliz seria talvez o sentimento mais proeminente.

– Não consigo fazer discursos, Emma – ele logo retomou; e disse, em um tom de tão sincera, decidida e compreensível ternura que era razoavelmente convincente: – Se eu a amasse menos, poderia ser capaz de falar mais sobre isso. Mas sabe o que sou. Você não ouve nada de mim além da verdade. Eu a culpei e passei sermões, e a senhorita suportou isso como nenhuma mulher na Inglaterra o teria feito. Tenha paciência com as verdades que vou contar agora, cara Emma, assim como sempre teve antes. A maneira de dizê-las talvez seja pouco recomendada. Deus sabe, tenho sido um apaixonado muito indiferente, mas você me entende. Sim, a senhorita vê, entende meus sentimentos, e vai retribuí-los se puder. No momento, peço apenas para ouvir, ouvir sua voz uma vez.

Enquanto ele falava, a mente de Emma estava ocupadíssima e, com toda

a incrível velocidade de pensamento, tinha sido capaz – e ainda sem perder uma palavra – de capturar e compreender a exata verdade do todo; de ver que as esperanças de Harriet foram inteiramente sem fundamento, um erro, uma ilusão, uma ilusão tão completa como qualquer uma dela mesma: que Harriet não era nada; que ela própria era tudo; que tudo o que ela andara dizendo sobre Harriet tinha sido tomado como a linguagem dos seus próprios sentimentos; e que sua agitação, suas dúvidas, sua relutância e seu desalento tinham todos sido recebidos como um desencorajamento dela mesma. E não apenas havia tempo para essas convicções, com todo o seu brilho de felicidade; havia tempo também para alegrar-se com o fato de que o segredo de Harriet não lhe escapara e decidir que não precisava e deveria escapar. Era todo o serviço que ela poderia prestar à pobre amiga agora; pois quanto a qualquer daquele heroísmo de sentimento que poderia tê-la impelido a suplicar a ele que transferisse sua afeição por ela para Harriet, como infinitamente a mais merecedora entre as duas, ou mesmo a mais simples grandeza de decidir dizer não a ele imediatamente e para sempre, sem revelar qualquer motivo, porque ele não poderia casar com as duas, Emma não os tinha.

Ela sentiu por Harriet, com dor e pesar; mas mas nenhuma louca ideia de generosidade, contrariando tudo o que poderia ser provável ou sensato, entrou em seu cérebro. Havia desencaminhado a amiga e isso seria um motivo de censura para ela eternamente; mas sua opinião era tão forte quanto seus sentimentos, forte como nunca tinha sido, reprovando qualquer tipo união para ele, ainda mais uma desigual e degradante. O caminho dela estava livre, embora não totalmente sem perturbações.

Ela falou então, ao ser-lhe suplicado que o fizesse. O que disse? Apenas o que deveria, é claro. É o que sempre faz uma mulher. Disse o suficiente para mostrar que não havia necessidade de desespero e para convidá-lo a falar mais. Ele havia se desesperado em um certo momento; pois tinha recebido uma ordem para ter cautela e ficar calado que, no momento em que foi recebida, destruiu qualquer esperança: ela começara recusando-se a ouvi-lo. A mudança tinha sido um tanto súbita, talvez; a proposta dela para dar outra volta e o fato de renovar a conversa na qual ela tinha acabado de pôr um fim pareciam um pouco extraordinários! Ela sentiu a

inconsistência da atitude; mas o senhor Knightley foi prestativo a ponto de tolerá-la e não buscar nenhuma explicação adicional.

Raramente, muito raramente, a verdade absoluta pertence a qualquer revelação humana. É muito difícil algo que não seja um pouco disfarçado ou um pouco equivocado; como neste caso, que apesar de a conduta estar errada, os sentimentos não estão, a verdade absoluta talvez não seja muito importante. O senhor Knightley não podia impor a Emma que tivesse um coração mais piedoso ou um coração mais propenso a aceitar o dele.

Na verdade, ele nunca suspeitou de sua própria influência. Seguiu Emma em direção aos arbustos sem a intenção de tentar falar alguma coisa. Veio em sua ansiedade para ver como ela estava lidando com o noivado de Frank Churchill, sem uma perspectiva egoísta, sem perspectiva alguma, além da de empenhar-se em acalmá-la ou aconselhá-la, caso lhe desse uma abertura.

O resto foi trabalho do momento, o efeito imediato, em seus próprios sentimentos, do que ele escutou. A prazerosa garantia da total indiferença dela em relação a Frank Churchill, de ter um coração completamente livre dele, trouxe a esperança de que, com o tempo, ele mesmo poderia ganhar a afeição dela; porém, não era uma esperança para o presente. Na conquista passageira da ansiedade sobre a razão, ele apenas desejou que ela não proibisse a tentativa dele de terem um relação. As esperanças superiores, surgidas de forma gradual, eram muito mais encantadoras. A afeição que ele pediu permissão para criar, se ele pudesse, já era dele! Em meia hora, ele passou de um estado mental completamente angustiado a algo tão semelhante à perfeita felicidade que não comportaria outro nome.

A mudança dela foi igual. Essa meia hora tinha dado a cada um a mesma preciosa certeza de ser amado; tinha removido de cada um o mesmo nível de ignorância, inveja ou desconfiança. Da parte dele, houvera uma inveja de longa data, tão antiga quanto a chegada, ou mesmo a expectativa, de Frank Churchill. Ele estava apaixonado por Emma e com inveja de Frank Churchill desde mais ou menos o mesmo período, um sentimento provavelmente explicando-lhe sobre o outro. Foi a inveja que ele sentia dele que o tirou do campo. A reunião em Box Hill o fez partir. Ele se

pouparia de testemunhar de novo tais atenções permitidas e encorajadas. Tinha partido para aprender a ser indiferente. Mas partiu para um lugar errado. Havia felicidade doméstica demais na casa do seu irmão; a figura de uma mulher vestida de forma amável nela; Isabella era parecida demais com Emma, diferindo apenas naquelas inferioridades marcantes que sempre trouxeram ainda mais o brilhantismo de Emma diante dele. Entretanto, ele permaneceu firme, vigoroso, dia após dia; até que o correio daquela manhã trouxe a história de Jane Fairfax. Então, com a alegria que certamente estava sentindo, não, a qual ele não tinha remorso em sentir, pois nunca acreditou, de forma alguma, que Frank Churchill merecesse Emma, estava ali tão preocupado, tão ansioso por ela, que ele não podia ficar mais. Tinha cavalgado para casa para Hartfield na chuva e, logo após o jantar, caminhado para ver como estava lidando com a descoberta, a mais doce e melhor entre todas as criaturas, perfeita apesar de todos os seus defeitos.

Ele a encontrara agitada e deprimida. “Frank Churchill era um vilão”. Ouviu-a declarar que nunca o tinha amado. O caráter de Frank Churchill não era tão mau. Ela era sua Emma novamente, sem tirar nem pôr, quando voltaram para a casa; e se ele conseguisse ter pensado em Frank Churchill naquele momento, poderia até considerá-lo um camarada muito bom.

Capítulo 14

Que sentimentos totalmente diferentes Emma trouxe de volta para a casa em relação àqueles com os quais havia saído! Antes, estivera apenas buscando um descanso do sofrimento; agora, estava em uma extraordinária excitação de felicidade e, além disso, ela acreditava que tal felicidade seria ainda maior quando a excitação passasse.

Eles se sentaram para tomar chá (o mesmo grupo ao redor da mesma mesa); quantas vezes tinham se reunido! E quantas vezes os olhos dela

havam pousado nos mesmos arbustos no gramado e observado o mesmo belo efeito do sol do oeste! Mas nunca em tal estado de espírito, nunca em nada parecido com isso; e foi com dificuldade que conseguiu reunir o

suficiente da sua personalidade habitual para ser a mulher gentil da casa, ou mesmo a filha cuidadosa.

O pobre senhor Woodhouse pouco desconfiava o que estava se armando contra ele no peito daquele homem que tão cordialmente acolheu em sua casa e pelo qual ansiosamente esperava que não tivesse pego um resfriado na cavalgada. Se ele pudesse ter visto o coração, muito pouco teria se importado com o pulmão; mas, sem a mais remota ideia do mal iminente, sem a menor percepção de qualquer coisa extraordinária nos olhares ou modos de qualquer um deles, repetiu-lhes muito confortavelmente todos os itens das notícias que recebera do senhor Perry e discursou com muita autossatisfação, sem desconfiar minimamente do que eles poderiam ter-lhe dito de volta.

Enquanto o senhor Knightley permanecia com eles, a preocupação de Emma continuava; mas, quando ele foi embora, começou a ficar um pouco mais tranquila e contida e, durante a noite em claro, a qual foi o preço pelas horas anteriores, encontrou um ou dois pontos muito sérios a serem considerados, que a fizeram sentir que até mesmo a sua felicidade deveria ter um preço. Seu pai... e Harriet. Não conseguia ficar sozinha sem sentir todo o peso das reivindicações deles; e como preservar o conforto de ambos ao máximo, era a questão. Em relação ao pai, foi uma pergunta logo respondida. Ela ainda mal sabia o que o senhor Knightley pediria; mas uma discussão muito breve com seu próprio coração produziu a mais solene decisão de nunca abandonar seu pai. Ela até chorou com a ideia, como se fosse um pensamento pecaminoso. Enquanto o pai vivesse, a relação deveria ser apenas um noivado; mas ela lisonjeou-se com o fato de que, se privado do perigo de afastá-la dele, isso o deixaria mais tranquilo.

Como fazer seu melhor por Harriet era um decisão mais difícil, como poupá-

-la de qualquer dor desnecessária; como fazer uma possível reparação a ela; como parecer o mínimo possível sua inimiga? Sua perturbação e aflição eram muito grandes em relação a esses assuntos, e sua mente tinha de voltar repetidas vezes em cada amarga censura e lamento doloroso que já a tivesse rondado. Conseguiu decidir apenas, no fim, que

ainda evitaria um encontro com ela e comunicaria tudo que precisasse ser dito por carta; que seria muito bom sugerir a ela que saísse por um tempo de Highbury e, permitindo-se mais um plano, chegou a conclusão de ser possível lhe conseguir um convite para Brunswick Square. Isabella ficaria contente com Harriet; e algumas semanas em Londres deveriam proporcionar-lhe alguma diversão. Não achava que fosse da natureza de Harriet fugir de ser beneficiada por novidade e variedade, pelas ruas, pelas lojas e pelas crianças. Em todo caso, seria uma prova de sua atenção e bondade a alguém pela qual faria tudo o que fosse possível; uma separação por ora; um desvio do dia fatídico, quando eles deveriam todos estar juntos de novo.

Ela levantou cedo e escreveu sua carta a Harriet; uma atividade que a deixou tão séria, quase triste, que o senhor Knightley, ao chegar em Hartfield para o desjejum, não poderia ter chegado mais cedo; e a meia hora roubada para passar com ele pelo mesmo lugar do outro dia, literal e figurativamente, foi totalmente necessária para restabelecê-la a uma porção adequada da felicidade da noite anterior.

Não fazia muito tempo que ele a tinha deixado, ao menos não o suficiente, para que ela pudesse pensar em qualquer outra pessoa, quando uma carta foi trazida de Randalls: uma carta muito grossa; e já imaginava qual o conteúdo e lamentou a necessidade de lê-la. Agora ela já não mais se importava com Frank Churchill; não queria explicações, queria somente manter seus pensamentos para si; e quanto a entender qualquer coisa que ele escreveu, tinha certeza de que seria incapaz de fazê-lo. Contudo, era necessário passar por isso. Abriu o pacote; tinha uma nota da senhora Weston para ela, acompanhando a carta de Frank.

Tenho o grande prazer, minha cara Emma, de encaminhar-lhe a mensagem anexa. Sei qual completa justiça a senhorita fará a ela e não tenho dúvidas da felicidade que causará. Penso que nunca mais discordaremos de novo sobre o autor; mas não vou atrasá-la com um prefácio longo. Estamos bastante bem. Esta carta foi a cura de todo o pequeno nervosismo que tenho sentido ultimamente. Não gostei muito dos seus olhares na terça-feira, mas aquela foi uma manhã difícil; e, embora nunca vá admitir que tenha sido afetada pelo clima, acho que todo mundo

sente um vento do nordeste. Senti muito por seu caro pai na tempestade da tarde de terça-feira e ontem de manhã, mas tive o conforto de saber ontem à noite, pelo senhor Perry, que isto não o deixou doente.

Sempre sua,

A. W.

[À senhora Weston]

Windsor, julho

Minha cara senhora,

Se me fiz compreensível ontem, esta carta será esperada; mas esperada ou não, sei que será lida com franqueza e complacência. A senhora é toda bondade, e acredito ser necessária toda a sua bondade para aceitar algumas partes de minha conduta no passado. Mas fui perdoado por alguém que tinha mais motivos ainda para se ressentir. Minha coragem aumenta enquanto escrevo. É muito difícil para o próspero ser humilde. Já obtive muito sucesso em dois pedidos de perdão que posso estar presumindo cedo demais em conseguir o seu e daqueles entre os seus amigos que tiveram qualquer motivo para ofensa. Os senhores todos deveriam se empenhar em compreender a exata natureza da minha situação quando cheguei a Randalls pela primeira vez; deveriam considerar que eu tinha um segredo a manter a qualquer custo. Esse era o fato. Meu direito de colocar-me em uma situação que exigisse sigilo é uma outra questão. Não vou discuti-la aqui. A minha tentação de considerá-la um direito, menciono todos os críticos de uma casa de tijolos, janelas de vidro embaixo e caixilhos em cima, em Highbury. Não ousei abordá-la abertamente; minhas dificuldades na então propriedade de Enscombe deveriam ser conhecidas demais para precisar de definição; e fui afortunado o suficiente para ver minha vontade prevalecer antes de nos separarmos em Weymouth, e para induzir a mais honesta mente feminina do mundo a aceitar, caridosamente, um noivado secreto. Se ela tivesse se recusado, eu teria enlouquecido. Então, você perguntará: “Qual foi sua esperança ao fazê-lo?”, “O que ansiava?”. Qualquer coisa, tudo: tempo, oportu-

nidade, circunstância, efeitos lentos, rompantes súbitos, perseverança e

fadiga, saúde e doença. Todas as possibilidades de algo bom estavam diante de mim, e a primeira das bênçãos foi obter as promessas dela de confiança e correspondência. Se precisar de explicações adicionais, tenho a honra, minha cara senhora, de ser o filho do seu marido e a vantagem de herdar uma propensão para esperar pelas coisas boas, à qual nenhuma herança de casas ou terras pode jamais igualar-se. Veja-me, então, sob essas circunstâncias, chegando em minha primeira visita a Randalls; e aqui estou consciente do erro, pois aquela visita poderia ter sido feita antes. A senhora vai olhar para o passado e ver que eu

não vim até que a senhorita Fairfax estivesse em Highbury; e como a senhora foi a pessoa ludibriada, vai perdoar-me instantaneamente; mas preciso dedicar-me à compaixão de meu pai, lembrando-o de que desde que me ausentei da casa dele perdi a bênção de conhecer a senhora. Meu comportamento durante a muito feliz quinzena que passei com a senhora não me expôs, espero, a repreensão, exceto em um ponto. E agora vou para a parte principal, a única parte importante da minha conduta enquanto seu familiar, que desperta minha própria ansiedade ou requer uma explicação muito atenciosa. Com todo o respeito e a mais afetuosa amizade, menciono a senhorita Woodhouse; meu pai talvez pensará que eu deveria acrescentar “com a mais profunda humilhação”. Umas poucas palavras soltas ontem por ele transmitiram sua opinião, e reconheço estar sujeito a alguma censura. Meu comportamento em relação à senhorita Woodhouse indicou, creio eu, mais do que deveria. Para manter um segredo tão essencial para mim, fui levado a usar mais do que o permitido para o tipo de intimidade no qual fomos imediatamente jogados. Não posso negar que a senhorita Woodhouse foi meu objeto ostensivo de atenção, mas estou certo de que a senhora acreditará na declaração de que, se eu não estivesse convencido da indiferença dela, não teria sido induzido a continuar por quaisquer pontos de vista egoístas. Por mais amável e encantadora que seja a senhorita Woodhouse, ela nunca me transmitiu a ideia de ser uma moça propensa a ter um relacionamento; e que estava perfeitamente livre de qualquer tendência de estar ligada a mim, era tanto minha convicção quanto meu desejo. Recebeu minhas

atenções com uma jocosidade despreocupada, amigável e bem-humorada que me era muito adequada. Parecíamos nos entender. De nossa relação familiar, aquelas atenções eram uma obrigação para com ela e foram assim consideradas. Se a senhorita Woodhouse realmente começou a me entender antes do término daquela quinzena, não tenho como dizer; quando fiz a visita para despedir-me dela, lembro que estava prestes a confessar a verdade, e então imaginei que desconfiasse; mas não tenho dúvida de que, desde então, ela percebeu minha intenção, pelo menos em algum grau. Talvez não tenha conjecturado o todo, mas sua rapidez deve ter captado uma parte. Não duvido. A senhora descobrirá, assim que o assunto se tornar livre de suas restrições atuais, o que não a pegou de total surpresa. Ela me dava indícios disso com frequência. Lembro-me dela dizer no baile que eu devia gratidão à senhora Elton pelas atenções dela à senhorita Fairfax. Espero que essa história da minha conduta em relação a ela seja reconhecida pela senhora e pelo meu pai como uma grande justificativa do que viram de impróprio. Enquanto me consideravam como tendo pecado contra Emma Woodhouse, eu não poderia merecer nada de nenhum dos dois. Absolvam-me aqui e consigam para mim, quando for permitido, a absolvição e as felicitações da referida Emma Woodhouse, que estimo com tanta afeição fraternal; comuniquem minha ansiedade de que ela esteja tão profunda e alegremente apaixonada quanto eu. Quaisquer coisas estranhas que eu tenha dito ou feito durante aquela quinzena, a senhora agora tem a ferramenta para entendê-las. Meu coração estava em Highbury e minha atividade era transportar meu corpo para lá tão frequentemente quanto possível, levantando o mínimo de suspeita. Se a senhora se lembrar de quaisquer excentricidades, associe-as todas à explicação certa. Sobre o tão falado pianoforte, sinto que é necessário apenas dizer que sua encomenda não era de conhecimento da senhorita F., que jamais teria me permitido enviá-lo se tivesse tido escolha. A sensibilidade da mente dela ao longo de todo o noivado, minha cara senhora, está muito além do meu poder de fazer-lhe justiça. Em breve, a senhora, espero sinceramente, vai melhor conhecê-la. Nenhuma descrição a pode descrever. Ela mesma deve contar quem é; porém, não com palavras, pois nunca houve uma criatura humana com tamanha

tendência em suprimir o próprio mérito. Desde que iniciei esta carta, que será mais longa do que previ, tenho tido notícias dela. Ela me dá um bom relato de sua própria saúde; mas, como nunca reclama, ousa não confiar. Quero ter sua opinião sobre a aparência dela. Sei que a senhora vai visitá-la em breve; ela está vivendo sob a ansiedade da visita. Talvez já tenha sido feita. Mande-me notícias sem demora; estou impaciente por milhares de pormenores. Lembre-se de relatar quão poucos minutos estive em Randalls, e em qual desorientado e insano estado: e ainda não estou muito melhor; ainda insano de felicidade ou sofrimento. Quando penso na bondade e ajuda que experimentei, na excelência e paciência dela e na generosidade de meu tio, fico louco de alegria; mas quando me lembro de toda a ansiedade que provoquei a ela e quão pouco mereço ser perdoado, fico louco de raiva. Se ao menos eu pudesse vê-la de novo! Mas não posso propor isso ainda. Meu tio tem sido muito bom; não posso abusar dele. Preciso acrescentar ainda mais a esta longa carta. A senhora ainda não ouviu tudo o que deveria ouvir. Não pude dar nenhum detalhe relacionado a isso ontem; mas a brusquidão e, de alguma forma, a precipitação com que a questão irrompeu requer uma explicação: embora o evento do dia 26 do mês passado, como a senhora vai concluir, tenha trazido as mais felizes perspectivas para mim, eu não deveria ter presumido medidas tão precoces, exceto pelas circunstâncias muito específicas, que não me deixaram perder uma hora sequer. Eu mesmo deveria ter evitado algo tão precipitado, e ela teria sentido cada escrúpulo meu com multiplicada força e refinamento. Mas não tive escolha. O compromisso precipitado que ela tinha firmado com aquela mulher... Aqui, minha cara senhora, fui forçado a interromper a escrita abruptamente para lembrar e acalmar-me. Andei pelo campo e agora estou, espero, racional o suficiente para fazer do resto da minha carta o que deveria ser. É, de fato, um retrospecto extremamente mortificante para mim. Comportei-me de forma vergonhosa. E aqui posso admitir que minha conduta em relação à senhorita W., ao ser desagradável à senhorita F., foi altamente condenável. Ela as desaprovava, o que deveria ter sido suficiente. Não considerava suficiente o meu apelo para ocultar a verdade. Estava descontente; eu imaginava que sem motivo para tal: eu a considerava, em muitíssimas ocasiões,

desnecessariamente escrupulosa e prudente: eu até a achava fria. Mas ela sempre esteve certa. Se eu tivesse seguido a opinião dela e subjugado meus ânimos ao nível do que ela julgava apropriado, evitaria a maior infelicidade que jamais conheci. Nós discutimos. Lembra-se da manhã que passamos em Donwell? Ali cada pequena insatisfação ocorrida culminou em uma crise. Eu estava atrasado; encontrei-a voltando para casa a pé sozinha e queria conversar com ela, mas ela não permitia. De nenhuma forma ela permitiu que conversássemos, o que considerei então muito insensato. Agora, entretanto, não vejo nada naquilo além de um grau de discrição muito natural e consistente. Enquanto eu, para esconder do mundo nosso noivado, estava me comportando num momento com uma intimidade censurável em relação a outra mulher; ela consentiria, no momento seguinte, um pedido de casamento o qual poderia tornar todo o cuidado anterior inútil? Se tivéssemos sido vistos caminhando juntos entre Donwell e Highbury, poderiam suspeitar da verdade. Entretanto, fui maluco o suficiente para ficar ressentido. Duvidei da afeição dela. No dia seguinte, em Box Hill, duvidei ainda mais; quando, provocada pela minha conduta, em tal grau vergonhosa e de uma insolência negligente em relação à ela, e em contrapartida uma aparente devoção à senhorita W. (como seria impossível para qualquer mulher sensata suportar), ela falou sobre seu ressentimento de uma forma perfeitamente compreensíveis para mim.

Resumindo, minha cara senhora, foi uma discussão em que o comportamento dela foi irrepreensível, e o meu, abominável; e retornei na mesma noite a Richmond, embora pudesse ter ficado com os senhores até a manhã seguinte, meramente porque eu ficaria tão furioso com ela quanto possível. Mesmo naquele momento, não fui tolo a ponto de não pretender reconciliar-me com ela no devido tempo; mas eu era a pessoa magoada, magoada pela frieza dela, e fui embora resoluto de que ela deveria tomar as primeiras iniciativas. Sempre vou alegrar-me com o fato de que os senhores não faziam parte do grupo de Box Hill. Se tivessem testemunhado meu comportamento lá, mal consigo imaginar que teriam uma opinião positiva novamente sobre mim.

O efeito do episódio nela se deu com a imediata resolução que produziu:

assim que descobriu de minha real partida de Randalls, ela aceitou a oferta daquela inoportuna senhora Elton; o sistema inteiro do tratamento dispensado a ela, diga-se de passagem, sempre me encheu de indignação e raiva. Não devo discutir com um espírito de benevolência que foi muitas vezes direcionado a mim; mas, caso contrário, eu deveria protestar em alto e bom som contra a parte dele que aquela mulher conheceu. “Jane”, de fato! A senhora vai observar que ainda não me permiti chamá-la por esse nome, mesmo com você. Pense, então, o que eu devo ter suportado ao ouvir o nome dela correndo como um boato entre os Elton, com toda a vulgaridade da repetição desnecessária e toda a insolência da superioridade imaginária. Tenha paciência comigo, logo terminarei. Ela aceitou essa oferta, decidindo romper comigo totalmente, e escreveu no dia seguinte para contar-me que nunca nos encontraríamos novamente. Sentia que o noivado era uma fonte de arrependimento e tristeza para ambos, e desmanchou-

-o. Essa carta chegou a mim exatamente na mesma manhã da morte de minha pobre tia. Respondi à carta em uma hora; mas, em razão da minha confusão mental e da quantidade de assuntos caindo sobre mim de uma única vez, minha resposta, em vez de ser enviada com todas as muitas outras cartas daquele dia, foi trancada na minha escrivaninha; e eu, acreditando ter escrito o suficiente para satisfazê-la, embora não tivesse sido nada além de umas poucas linhas, permaneci despreocupado. Fiquei um tanto decepcionado por não ter tido notícias dela logo; mas criei desculpas para ela, e estava ocupado demais, e (posso acrescentar?) feliz demais em minhas perspectivas para ser crítico. Fomos a Windsor; e dois dias depois recebi um pacote dela, minhas próprias cartas todas devolvidas! E algumas linhas, na mesma remessa, declarando a extrema surpresa dela por não ter tido a menor resposta à sua última mensagem; e acrescentando que, o silêncio sobre tal ponto não poderia ser mal interpretado e que deveria ser igualmente desejável a ambos ter todas as disposições relacionadas ao assunto concluídas o mais rapidamente possível; sendo assim, ela me enviava agora, por meio de um transporte seguro, todas as minhas cartas, e solicitava que, se eu não pudesse

determinar imediatamente que as dela fossem enviadas a Highbury em uma semana, eu as mandasse para ela depois daquele período em... Em resumo, todo o caminho rumo à casa do senhor Smallridge, perto de Bristol, apresentava-se para mim como algo inevitável. Eu sabia o nome, o lugar, sabia tudo sobre isso, e instantaneamente vi o que ela estivera fazendo. Estava perfeitamente de acordo com aquela firmeza de caráter que eu sabia que ela possuía; e o sigilo que havia mantido em relação a qualquer intenção nesse sentido na carta anterior era igualmente descritivo de sua ansiosa sutileza. Por nada no mundo, sua intenção parecia ser me ameaçar. Imagine o choque; imagine como esbravajei, até que eu detectasse meu próprio engano, contra os enganos do correio. O que deveria ser feito? Apenas uma coisa. Eu deveria falar com o meu tio. Sem a sanção dele, não poderia esperar que alguém me ouvisse de novo. Eu falei; as circunstâncias estavam favoráveis para mim;

o último acontecimento tinha suavizado o orgulho dele, e ele estava, mais cedo do que eu conseguiria ter antecipado, totalmente conformado e colaborando; e pôde dizer afinal, o pobre homem, com um suspiro profundo, que desejava que eu pudesse encontrar tanta felicidade na condição de homem casado quanto ele encontrara. Senti que esta seria de um tipo diferente.

A senhora está disposta a compadecer-se de mim pelo que eu devo ter sofrido ao apresentar o assunto para ele, pelo suspense que experimentei enquanto tudo estava em jogo? Não; não se compadeça de mim até o ponto em que cheguei a Highbury e vi o quão doente eu a tinha deixado. Não se compadeça de mim até o ponto em que vi a aparência pálida e doentia dela. Cheguei a Highbury na hora do dia quando, sabendo que elas tomavam café da manhã tarde, estava certo de ter uma boa chance de encontrá-la sozinha. Não me decepcionei; e, finalmente, também não me desapontei quanto ao objeto de minha viagem. Tive de afastar uma boa dose de desgosto com um grande acordo muito razoável. Mas está feito; estamos reconciliados e mais afetuosos, muito mais afetuosos do que nunca, e nenhuma inquietação momentânea poderá jamais ocorrer entre nós de novo. Agora, minha cara senhora, vou liberá-la; mas eu não podia

concluir antes. Milhares e milhares de agradecimentos por toda a bondade que a senhora sempre me demonstrou, e dez milhares pelas atenções que seu coração vai prescrever para ela. Se achar que estou em um caminho que me levará a ser mais feliz do que mereço, concordo inteiramente com a senhora. A senhorita W. me chama de o filho da sorte. Espero que ela esteja certa. Em um aspecto, minha sorte é incontestável: o de ser capaz de subscrever-me como

Seu grato e afetuoso Filho,

F. C. Weston Churchill.

Capítulo 15

Essa carta deve ter atingido o coração de Emma. Ela viu-se obrigada, apesar de toda sua resolução prévia em contrário, de fazer-lhe toda a justiça anunciada pela senhora Weston. Apenas ler seu próprio nome, foi irresistível; cada linha sobre sua pessoa era interessante e quase toda linha, agradável e, quando todo esse encanto acabou-se, o assunto ainda sustentava seu interesse, em razão do retorno de seu afeto pelo autor da carta e a enorme atração que ela sentia por qualquer imagem de amor naquele instante. Emma leu a carta do começo ao fim sem parar e, apesar de ser impossível livrá-lo do erro, ele havia errado menos do que tinha suposto (tinha sofrido, e sentia muitíssimo), e estava muito grato à senhora Weston e tão apaixonado pela senhorita Fairfax; e ela mesma estava tão feliz, que não havia espaço para ser severa e, se ele entrasse no aposento naquele momento, teria sido capaz de dar-lhe um aperto de mão da mesma forma calorosa de sempre.

Gostou tanto da carta que, quando o senhor Knightley a visitou novamente, quis que ele a lesse. Tinha certeza de que a senhora Weston gostaria de que a carta fosse compartilhada, especialmente com alguém como o senhor Knightley, que vira tanta culpa na conduta de Frank.

— Será um prazer dar uma olhada — disse ele —, mas me parece um tanto longa. Levarei comigo para ler em casa hoje à noite.

Mas não era possível. O senhor Weston os visitaria à noite, e ela deveria devolver a carta por meio dele.

– Preferia conversar com a senhorita – respondeu ele –, mas como parece ser uma questão de justiça, então assim será.

Ele começou, porém parou quase imediatamente para dizer:

– Se alguém tivesse me mostrado, alguns meses atrás, uma das cartas desse senhor à madrastra, Emma, esta não teria sido recebida com tanta indiferença.

Ele leu mais um pouco, em voz baixa, e depois, com um sorriso, observou:

– Hum! Uma bela abertura lisonjeadora: mas esse é o jeito dele. O estilo de um homem não deve ser a regra de outro. Não sejamos severos.

Pouco tempo depois, ele acrescentou:

– Seria natural que eu comentasse a carta em voz alta enquanto leio. Assim, eu me sentirei próximo da senhorita. Não seria uma perda de tempo tão grande, mas se não gostar...

– De maneira alguma. Prefiro que seja assim.

O senhor Knightley voltou à leitura com maior entusiasmo.

– Aqui ele falta com o respeito – disse ele – quanto à tentação. Ele sabe que errou e que não há nada racional para exortar. Péssimo. Ele não deveria ter ficado noivo. “A disposição de seu pai”: ele está sendo injusto. O temperamento otimista do senhor Weston foi uma bênção em todos os seus esforços corretos e honráveis; mas o senhor Weston fez por merecer todo o conforto do qual ele goza, antes que ele tenha buscado obtê-lo. Verdade absoluta; ele não veio até a senhorita Fairfax estar aqui.

– E não me esqueci – acrescentou Emma – de como o senhor tinha certeza de que ele poderia chegar antes, se ele assim quisesse. Passou por cima disso com generosidade, mas tinha toda razão.

– Eu não fui de todo imparcial no meu julgamento, Emma; no entanto, eu acredito que se a senhorita não tivesse se preocupado com o caso, ainda assim eu teria desconfiado dele.

Quando ele chegou na parte sobre a senhorita Woodhouse, foi obrigado a ler tudo em voz alta: tudo o que fosse relativo a ela, com um sorriso; um olhar; um aceno da cabeça; uma palavra ou duas concordando, ou discordando, ou simplesmente de amor, de acordo com o assunto; concluindo seriamente, no entanto, depois de firme reflexão:

– Péssimo, apesar de que poderia ter sido pior. Ele joga um jogo muito perigoso. Demasiado em dívida com o evento para que seja perdoado. Não é bom juiz dos modos dele com a senhorita. Sempre enganado de fato pelos seus próprios desejos e desconsiderando tudo que não lhe é conveniente. Ter imaginado que você havia adivinhado o segredo dele. Naturalmente! Tinha a mente tão cheia de intrigas, a ponto de enxergar intriga nas dos outros também. Mistério, sutileza... como corrompem o conhecimento! Minha Emma, isso tudo não serve para cada vez mais provar a beleza da verdade e da sinceridade em todas as nossas relações uns com os outros?

Emma concordou e corou, sensibilizada por conta de Harriet, sobre a qual não podia dar nenhuma explicação sincera.

– É melhor continuar – disse ela.

E assim ele fez, mas rapidamente parou para dizer:

– O *pianoforte* ! Ah! Isso foi o ato de um homem muito, muito juvenil, jovem demais para considerar se a inconveniência do instrumento não

seria muito maior do que seu prazer. Um plano juvenil, de fato! Não consigo entender o que leva um homem a dar uma prova de amor a qual sabe que não será apreciada; e sabia de fato que ela teria impedido a chegada do instrumento se pudesse.

Depois dessa afirmativa, ele continuou sem pausas. A confissão de Frank Churchill sobre seu comportamento vergonhoso merecia mais do que algumas palavras passageiras.

– Concordo plenamente com o senhor – foi seu comentário. – Comportou-se mesmo de forma muito vergonhosa. Nunca escreveu uma linha mais verdadeira.

E depois de ler sobre a causa do desentendimento deles, persistindo em agir de forma contrária ao senso de justiça de Jane Fairfax, ele fez uma pausa maior para comentar:

– Isto é muito ruim. Ele a induziu a se colocar em uma situação de extrema dificuldade e inquietação por conta dele e deveria ter sido o seu primeiro objetivo prevenir que ela sofresse de forma desnecessária. Ela deve ter tido muito mais com que lidar do que ele ao portar a

correspondência. Ele deveria ter respeitado até medos insensatos, se houvesse; mas os de Jane foram todos razoáveis. Devemos considerar que sua única falta talvez tenha sido concordar com o noivado, ter em conta que ela deve ter passado por algo excessivamente penoso para tal erro.

Emma sabia que ele estava chegando na parte do encontro em Box Hill e ficou sem jeito. O comportamento dela havia sido tão impróprio! Ela sentia-se profundamente envergonhada e com medo do próximo olhar do senhor Knightley. No entanto, ele leu tudo de forma constante, com atenção, sem nenhum comentário e, com exceção de um olhar momentâneo para ela, que foi instantaneamente retirado, com medo de causar dor, não parecia haver qualquer lembrança de Box Hill.

– Não há muito o que se dizer a favor da sutileza de nossos grandes amigos, os Elton – comentou ele, em sua observação seguinte. – Os sentimentos dele são naturais. O quê? Ela decidiu romper completamente com ele! Sentiu que o noivado seria uma fonte de arrependimento e sofrimento para ambos e rompeu. Como isso dá uma nova perspectiva para o comportamento dele! Ele deve ser extraordinário...

– Não, não, continue lendo. O senhor vai sentir o quanto ele sofre.

– Espero que sofra! – replicou o senhor Knightley friamente, voltando à leitura. – Smallridge! O que isso significa? O que é tudo isso?

– Ela havia aceitado trabalhar como governanta para os filhos da

senhora Smallridge, uma amiga querida da senhora Elton, vizinha de Maple Grove e, a propósito, pergunto-me o quão estará decepcionada a senhora Elton.

– Não fale nada, querida Emma, já que me obriga a ler, nem mesmo

da senhora Elton. Falta uma página apenas, e então termino. Que carta esse homem escreveu!

– Só queria que o senhor a lesse com um espírito mais bondoso para com ele.

– Bem, existe de fato sentimento aqui. Ele parece ter sofrido ao tê-la visto doente. Certamente, não tenho dúvida de sua afeição por ela. “Mais afetuosa, muito mais afetuosa do que nunca.” Espero que possa

continuar a sentir o valor dessa reconciliação por muito tempo. É bastante generoso com os agradecimentos, com seus milhares e dezenas de milhares. “Mais felicidade do que mereço.” Ora, ele se conhece bem. “A senhorita Woodhouse me chama de filho da sorte.” Essas foram as palavras da senhorita Woodhouse, foram? Um belo final. Aqui está a carta. Filho da boa fortuna! Esse era seu apelido para ele?

– O senhor não parece estar tão satisfeito com a carta quanto eu, mas deveria, ou, pelo menos acredito, deveria ter um pouco mais de estima por ele. Espero que faça alguma diferença para o senhor.

– Sim, certamente faz. Ele cometeu grandes erros, erros de falta de consideração e imprudência. Também sou da opinião de que provavelmente esteja mais feliz do que mereça; no entanto, considerando que sem dúvida está apaixonado pela senhorita Fairfax e, muito em breve, esperamos, terá a vantagem de estar constantemente com ela, estou bastante disposto a crer que seu caráter melhorará e absorverá dela um pouco da firmeza e sutileza de princípios que lhe faltam. E agora, deixe-me falar com a senhorita

sobre outro assunto. No momento, estou tão preocupado com os interesses de outra pessoa, que não consigo pensar mais sobre Frank Churchill. Desde que a deixei hoje de manhã, Emma, não tenho conseguido pensar em outra coisa.

O assunto seguiu-se; foi apresentado em vocabulário simples, direto e cavalheiresco, e o senhor Knightley usava até mesmo com a mulher por quem estava apaixonado, e era como ele poderia pedi-la em casamento sem atacar a felicidade do seu pai. A resposta de Emma estava na ponta da língua: “Enquanto seu querido pai estivesse vivo, qualquer mudança em sua condição seria impossível para ela. Ela nunca poderia deixá-lo”. No entanto, apenas parte de sua resposta foi aceita. O senhor Knightley concordava também com a impossibilidade de Emma deixar o pai, mas a inadmissibilidade de qualquer outra mudança, ele não poderia aceitar. Havia pensado muito seriamente sobre o assunto. Primeiro esperava

convencer o senhor Woodhouse a mudar-se com Emma para Donwell; achou que podia ser viável, mas o conhecia o suficiente e não se enganou por muito tempo; agora ponderava que essa transferência colocaria o conforto, ou até mesmo, a vida do pai dela em risco, e isto não era uma opção. O senhor Woodhouse afastado de Hartfield! Não, ele sentia que não poderiam tentar isso. Mas um novo plano surgiu, e acreditava que este sua amada Emma não fosse ter qualquer objeção: ele moraria em Hartfield enquanto a felicidade do pai dela, ou seja, a vida dele, exigisse que Hartfield continuasse a ser o lar de Emma; ali também seria o seu.

Sobre a mudança de todos para Donwell, Emma já havia pensado a respeito. Como ele, havia cogitado o esquema e depois o rejeitado, mas a minha outra alternativa não lhe havia ocorrido. Estava sensibilizada por toda a afeição que a atitude dele demonstrava. Tinha consciência de que ao deixar Donwell, ele estaria sacrificando uma boa parcela de independência de suas horas e hábitos e que viver constantemente com o pai dela em uma casa que não era a dele exigiria muito, mas muito dele. Ela prometeu pensar a respeito e aconselhou-o a pensar mais sobre o assunto, mas ele estava completamente convencido, tanto que nenhuma reflexão poderia mudar seus desejos ou opinião sobre o assunto. Assegurou-lhe que tinha pensado muito e com muita calma sobre o assunto e que havia evitado William Larkins a manhã inteira para conseguir pensar consigo mesmo.

– Ah! Aí está uma dificuldade imprevista – lamentou Emma. – Tenho certeza de que William Larkins não gostará. O senhor deve obter o consentimento dele antes de pedir o meu.

Ela prometeu, contudo, pensar a respeito; e, além disso, praticamente prometeu pensar nisso com a intenção de considerá-lo um plano muito bom.

É notável que Emma, nos muitos, muitíssimos pontos de vista sob os quais agora começava a considerar Donwell Abbey, nunca tivesse sido atingida com o senso de prejuízo ao seu sobrinho Henry, cujos direitos como futuro herdeiro haviam sido considerados tão tenazmente no passado. Ela não tinha como não pensar na diferença que faria para o pobre garotinho; e, mesmo assim, ela deu apenas um sorrisinho atrevido sobre o assunto e achou graça ao perceber o real motivo de sua

desaprovação feroz ao casamento entre o senhor Knightley e Jane Fairfax, ou qualquer outra pessoa, que na época ela havia atribuído à preocupação amigável da irmã e da tia.

Quanto a essa proposta, esse plano de se casarem e continuarem morando em Hartfield, quanto mais pensava no assunto, mas apreciava. Os pontos negativos para ele pareciam diminuir, as vantagens para ela, aumentar; o bem mútuo sobrepesava toda e qualquer desvantagem. Um companheiro e tanto para os períodos de ansiedade e tristeza diante dela! Um parceiro e tanto em todos os deveres e afazeres que faziam a melancolia aumentar com o passar do tempo!

Ela somente não conseguia estar mais feliz por causa da pobre Harriet e cada bênção sua parecia envolver e agravar os sofrimentos de sua amiga, que agora deveria até ser excluída de Hartfield. Harriet também teria de manter distância da agradável família que Emma estava planejando para si mesma, apenas por prevenção caridosa. Ela seria uma coitada de todas as formas. Emma não aguentava pensar em sua futura ausência como qualquer dedução de sua própria felicidade. Em tal grupo, Harriet seria mais um peso morto do que qualquer outra coisa; mas para a pobre moça, estar no meio deles pareceria crueldade, seria como condená-la a um estado imerecido de punição.

Com o tempo, claro, ela esqueceria o senhor Knightley, ou seja, seria substituído; mas não se poderia esperar isso tão cedo. Ele não faria nada para auxiliar a cura, não como o senhor Elton fizera. O senhor Knightley, sempre tão simpático, tão sensível, tão verdadeiramente atencioso com todos,

nunca mereceria ser menos idolatrado do que agora; e seria muito esperar, até mesmo de Harriet, que pudesse se apaixonar por mais de três homens em um ano.

Capítulo 16

Foi um grande alívio para Emma descobrir que Harriet estava tão desejosa quanto ela de evitar um encontro. O relacionamento já era doloroso demais por correspondência. Se fossem obrigadas a encontrar-se,

seria muito pior!

Harriet expressava-se muito, como era de se esperar, sem censuras ou aparente senso de indelicadeza. No entanto, Emma sentia que havia algum tipo de ressentimento, algo que beirava a isso em seu estilo, que aumentava a conveniência de sua separação. Talvez fosse sua própria consciência, mas parecia que somente um anjo poderia não sentir ressentimento depois de um golpe desse.

Ela não teve dificuldade em conseguir o convite de Isabella e teve a sorte de ter motivos suficientes para pedi-lo sem ter de apelar para a invenção. Havia um dente com problemas. Harriet desejava, já há algum tempo, consultar um dentista. Era um prazer para a senhora John Knightley ser-lhe útil, pois qualquer problema de saúde era uma recomendação para ela; e apesar de não ser tão fã dos dentistas quanto do senhor Wingfield, estava bastante ansiosa para ter Harriet sob seus cuidados. Quando tudo foi estabelecido pela sua irmã, Emma propôs o convite à amiga e viu que ela era muito facilmente persuadida. Harriet iria; e foi convidada por pelo menos uma quinzena; iria na carruagem do senhor Woodhouse. Tudo estava arranjado, e Harriet estava a salvo em Brunswick Square.

Agora, de fato, Emma podia aproveitar as visitas do senhor Knightley. Podia conversar e escutá-lo com felicidade plena, sem aquele sentimento de injustiça, pela culpa que a tinha assombrado ao lembrar o quão partido estava aquele coração perto dela, e o quanto poderia, naquele momento, a uma pequena distância, estar suportando a tristeza que ela tinha causado.

O contraste de Harriet na casa da senhora Goddard, ou em Londres, fez talvez uma diferença irracional nos sentimentos de Emma; mas ela não conseguia deixar de visualizá-la em Londres em meio a ocupações que a distraíssem, o que ajudaria a Harriet não pensar no passado e começar a superá-lo.

Ela não permitiria que outra inquietação ocupasse o lugar que Harriet havia ocupado em sua mente. Havia um comunicado que apenas ela poderia fazer: contar ao pai sobre o seu noivado, mas não faria nada a respeito disso naquele momento. Tinha decidido adiar a revelação até que a senhora Weston estivesse em segurança e bem. Nesse momento, nenhuma agitação adicional deveria atingir aqueles a quem amava; e não

deixaria nenhum mal agir sobre ela por antecipar situações que ainda não ocorreram. Uma quinzena de lazer e paz de espírito, para coroar todos os prazeres agradáveis, porém mais agitados, deveria ser dela, afinal.

Ela logo decidiu, igualmente como uma obrigação e um prazer, usar meia hora dessas férias para os ânimos visitando a senhorita Fairfax. Ela deveria ir e ansiava por vê-la, pois a semelhança de suas situações atuais aumentando todos os outros motivos de boa vontade. Seria uma satisfação secreta, mas a consciência de uma semelhança de perspectivas certamente adicionaria o interesse com o que ela deveria prestar atenção a qualquer coisa que Jane pudesse comunicar.

Ela foi e tinha se dirigido uma vez à porta, sem sucesso, mas não tinha entrado na casa desde a manhã que se seguiu a Box Hill, quando a pobre Jane estivera em tal situação de sofrimento que a enchera de compaixão, embora ninguém tivesse suspeitado da pior parte de suas aflições. O medo de ainda não ser bem-vinda, embora certa de que elas estivessem em casa, a fez esperar na passagem e ser anunciada. Ela ouviu Patty pronunciando o seu nome, mas nenhum alvoroço seguiu-se como aquele que a pobre senhorita Bates tinha tornado compreensível de forma tão animada anteriormente. Não, ela não ouviu nada além da resposta imediata “Peça-lhe que entre” e um momento depois ela foi recebida na escada pela própria Jane, apresentando-se ansiosamente, como se nenhuma outra recepção para Emma parecesse suficiente. Emma nunca a vira com uma aparência tão boa, tão bela e tão simpática. Havia consciência, animação e receptividade e tudo de que o semblante ou a conduta dela sempre precisaram. Ela deu um passo à frente oferecendo uma mão e disse, em um tom baixo, mas muito sensível:

– É muita gentileza de sua parte, com certeza, é! Senhorita Woodhouse, é impossível para eu expressar... Espero que acredite... Desculpe-me por estar tão completamente sem palavras.

Emma estava satisfeita e teria logo mostrado que não havia necessidade de palavra, se o som da voz da senhora Elton vindo da sala de estar não a tivesse contido e tornado conveniente comprimir todas as suas sensações cordiais e congratulatórias em um aperto de mão muito, muito veemente.

A senhora Bates e a senhora Elton estavam juntas. A senhorita Bates

tinha saído, o que justificava a tranquilidade anterior. Emma poderia ter desejado que a senhora Elton estivesse em outro lugar, mas ela estava em um humor o bastante para ter paciência com todos e quando a senhora Elton encontrou-a com anormal graciosidade, ela teve esperança de que a reunião não lhes faria mal.

Logo ela acreditou-se penetrando nos pensamentos da senhora Elton e entendendo porque estava, como ela mesma, animada e tudo isso foi por estar no círculo de confiança da senhorita Fairfax e imaginar-se em posse de uma informação que ainda era segredo para outras pessoas. Emma viu sintomas disso na expressão no rosto dela imediatamente e, enquanto fazia seus próprios elogios à senhora Bates, além de prestar atenção às respostas da boa velhinha, ela viu-a dobrando, com um tipo de ostentação de mistério, uma carta que aparentemente ela estivera lendo em voz alta para a senhorita Fairfax e retornando-a à pequena retícula roxa e dourada ao lado dela, dizendo, com significativos movimentos de cabeça:

– Podemos terminar isso uma outra hora, sabe. Não nos faltarão oportunidades. E, na verdade, a senhorita já ouviu todo o essencial. Só queria provar-lhe que a senhora S. aceita nosso pedido de desculpas e não está ofendida. Veja o quão encantadoramente ela escreve. Oh! Ela é uma doce criatura! A senhorita a teria adorado se tivesse ido. Mas nem mais uma palavra. Sejam discretas, no nosso melhor comportamento. Silêncio! A senhorita se lembra destes versos (não consigo lembrar-me do poema agora):

Pois quando uma mulher está no caso,

Sabem todos que todas as outras coisas dão espaço.

– Agora digo, minha cara, no nosso caso, por mulher, leia-se a mamãe! Um conselho. Estou bastante animada, não estou? Mas quero tranquilizar seu coração quanto à senhora S. a minha representação, como a senhorita vê,

apaziguou-a bastante.

E, de novo, logo que Emma simplesmente virou a cabeça para olhar o tricô da senhora Bates, a senhora Elton acrescentou, sussurrando um pouco:

– Não mencionei nenhum nome, a senhorita vai notar. Oh, não! Cautelosa como um ministro de estado. Lidei com a situação extremamente bem.

Emma não tinha dúvidas. Era uma demonstração palpável, repetida em toda ocasião possível. Quando elas todas tinham conversado um tempinho concordando sobre o clima e sobre a senhora Weston, ela viu-se abruptamente abordada pelo seguinte:

– Não acha, senhorita Woodhouse, que a nossa amiguinha atrevida aqui está encantadoramente recuperada? Não acha que a cura dela se deve ao maior crédito a Perry? – E deu uma olhada de canto de olho muito expressiva para Jane. – Dou-lhe minha palavra, Perry recuperou-a em um tempo maravilhosamente curto. Oh! Se a tivesse visto, como eu a vi, quando ela estava em seu pior momento!

E, quando a senhora Bates estava dizendo algo a Emma, sussurrou adicionalmente:

– Não dizemos uma palavra sobre qualquer ajuda que Perry possa ter tido, nem uma palavra sobre um certo jovem médico de Windsor. Oh, não! Perry levará todo o crédito.

– Mal tive o prazer de vê-la, senhorita Woodhouse – iniciou ela, pouco depois –, desde o grupo de Box Hill. Celebração muito agradável. Mas, ainda assim, acho que faltava algo nela. As coisas não pareciam... Quero dizer, parecia haver uma pequena nuvem sobre os ânimos de alguns. Pelo menos, foi o que me pareceu, mas posso estar enganada. Entretanto, acho que ela serviu o suficiente a ponto de tentar as pessoas a ir lá de novo. O que as senhoritas têm a dizer sobre reunir o mesmo grupo e viajar para Box Hill novamente enquanto o bom tempo persiste? Tem de ser o mesmo grupo, as senhoritas sabem, exatamente o mesmo grupo, sem uma única exceção.

Logo depois disso, a senhorita Bates entrou e Emma não pôde evitar ser distraída pela perplexidade de sua primeira resposta a ela, resultante, ela supôs, de dúvida sobre o que poderia ser dito e impaciência para

dizer tudo.

– Obrigada, cara senhorita Woodhouse, a senhorita é toda bondade.

É impossível dizer... Sim, de fato, entendo perfeitamente... As

perspectivas da querida Jane... Isto é, não é isso que quero dizer. Mas ela está encantadoramente recuperada. Como está o senhor Woodhouse? Fico feliz em saber. Totalmente fora do meu poder. Um pequeno círculo tão feliz que a senhorita encontra aqui. Sim, é verdade. Que jovem encantador! Quero dizer...

Tão amável, quero dizer, bom senhor Perry! Que atenção a Jane!

E, por toda a enorme satisfação, mais do que ordinariamente grata dela em relação à presença da senhora Elton ali, Emma deduziu que houvera uma pequena exibição de ressentimento para com Jane do grupo do vicariato, que estava agora graciosamente superada. Após alguns sussurros, realmente, que não deixaram dúvidas sobre a conjectura, a senhora Elton, falando mais alto, disse:

– Sim, aqui estou eu, minha boa amiga e aqui tenho estado há tanto tempo que se fosse em qualquer outro lugar, eu teria considerado necessário pedir desculpas, mas a verdade é que estou esperando meu senhor e mestre. Ele prometeu juntar-se a mim aqui e deixar os seus cumprimentos dele a senhora e as senhoritas.

– O quê? Teremos o prazer de uma visita do senhor Elton? Isso será um favor, na verdade! Pois sei que cavalheiros não gostam de visitas matinais e que o senhor Elton é tão atarefado.

– Garanto-lhe que é, senhorita Bates. Ele realmente tem afazeres da manhã à noite. A procura das pessoas por ele não tem fim, sob um pretexto ou outro. Os magistrados, os superintendentes e os sacristãos sempre estão querendo a opinião dele. Eles parecem ser incapazes de fazer qualquer coisa sem ele. “Dou-lhe minha palavra, senhor E.”, digo com frequência, “melhor o senhor do que eu. Não sei o que seria dos meus gizes de cera e meu instrumento se eu tivesse metade dessa quantia de requerentes”. Já é suficientemente ruim do que jeito que está, pois eu absolutamente negligencio ambos em um nível imperdoável. Acho que não toquei um único compasso nessas duas últimas semanas. Mas ele virá, garanto-lhe: sim, de fato, com o propósito de servir a todas as senhoras.

E, após levantar a mão para gritar as palavras emprestadas de Emma, disse:

– Uma visita congratulatória, todas sabem. Oh, sim! Completamente indispensável.

A senhorita Bates olhou ao redor, tão alegremente!

– Ele prometeu juntar-se a mim logo que conseguisse terminar seu assunto com Knightley, mas ele e Knightley estão trancafiados juntos tendo uma profunda discussão. O senhor E. é o braço direito de Knightley.

Emma não teria sorrido por nada no mundo e apenas disse:

– O senhor Elton foi a Donwell a pé? Ele enfrentará uma caminhada quente.

– Oh, não! É uma reunião na Crown, uma reunião normal. Weston e Cole estarão lá também, mas alguém está apto a falar somente daqueles que lideram. Imagino que o senhor E. e Knightley façam tudo do jeito deles.

– Não se equivocou quanto ao dia? – perguntou Emma. – Tenho quase certeza de que a reunião na Crown não deve ocorrer até amanhã. O senhor Knightley estava em Hartfield ontem e falou dela como se fosse no sábado.

– Oh, não! A reunião certamente é hoje – foi a resposta abrupta, que denotava a impossibilidade de qualquer erro grave por parte da senhora Elton. – Realmente acredito – continuou ela – que esta seja a paróquia mais problemática que já existiu. Nunca ouvimos falar de coisas semelhantes em Maple Grove.

– Sua paróquia lá era pequena – disse Jane.

– Dou-lhe minha palavra, minha cara, que eu não sei, pois nunca ouvi o assunto ser discutido.

– Mas isso está provado pelo tamanho reduzido da escola, da qual ouvi a senhora falando como estando sob patrocínio de sua irmã e da senhora Bragge e é a única escola, e com não mais do que vinte e cinco crianças.

– Ah! Sua criatura esperta, isso é mesmo verdade. Que cérebro pensante a senhorita tem! Eu digo, Jane, que caráter perfeito a senhorita e eu daríamos se pudéssemos ser misturadas. Minha vivacidade e sua solidez produziriam perfeição. Não que eu ouse insinuar, entretanto, que algumas pessoas já não possam considerar que a senhorita seja a perfeição. Mas fique quieta! Nenhuma palavra, por favor.

Parecia uma precaução desnecessária, pois Jane estava querendo entregar

suas palavras não à senhora Elton, mas à senhorita Woodhouse, como esta claramente notou. O desejo de distingui-la tanto quanto a civilidade permitia era muito evidente, embora com frequência ela não pudesse evoluir além de um olhar.

O senhor Elton fez a aparição dele. Sua esposa cumprimentou-o com um pouco da sua efervescente vivacidade.

– Muito esperto de sua parte, senhor, encaminhar-me para cá para ser um fardo para os meus amigos muito antes de o senhor prometer vir! Mas sabia que criatura diligente o senhor tinha de enfrentar. Sabia que eu não deveria mover-me até que meu senhor e mestre aparecesse. Aqui estive eu, sentada durante essa hora, dando a estas jovens uma amostra da verdadeira obediência conjugal, pois quem pode dizer, o senhor sabe, quando ela poderia ser necessária?

O senhor Elton estava sentindo tanto calor e cansaço que toda essa sagacidade pareceu desperdiçada. A cordialidade dele para com as outras mulheres deveria ser exercida, mas seu objeto subsequente foi queixar-se do calor que estava sentindo e da caminhada que tivera para nada.

– Quando cheguei a Donwell – disse ele –, ninguém conseguia encontrar Knightley. Muito estranho! Muito inexplicável! Depois do recado que mandei a ele hoje de manhã e da mensagem que ele mandou de volta, dizendo que ele deveria com certeza estar de volta em casa até às treze horas.

– Donwell! – exclamou sua esposa. – Meu caro senhor E., o senhor não esteve em Donwell! O senhor quis dizer a Crown? O senhor vem da reunião na Crown?

– Não, não, essa será amanhã e eu queria ver Knightley hoje exatamente por causa disso. Que manhã escaldante horrorosa! Atravessei os campos também – complementou ele, com um tom muito grosseiro –, o que piorou muito a situação. E, depois disso, não o encontrar em casa! Garanto-lhe que não estou nem um pouco satisfeito. E nenhum pedido de desculpas, nenhuma mensagem deixada para mim. A governanta declarou que não sabia que minha ida era esperada. Muito extraordinário! E ninguém tinha a menor ideia sobre que caminho ele havia tomado. Talvez tivesse ido a Hartfield, talvez a Abbey Mill, talvez ao bosque dele. Senhorita

Woodhouse, isso não combina com seu amigo Knightley! A senhorita pode explicar o que

está acontecendo?

Emma divertiu-se declarando que era muito extraordinário, de fato, e que ela não tivesse uma única sílaba a dizer em seu favor.

– Não consigo imaginar – disse a senhora Elton, sentindo a indignidade, como deveria sentir uma esposa –, não consigo imaginar como ele pôde fazer uma coisa assim com o senhor, dentre todas as pessoas no mundo! A última pessoa que alguém deveria esperar que fosse esquecida! Meu caro senhor E., ele deve ter deixado uma mensagem para o senhor, estou certa disso. Nem mesmo Knightley conseguiria ser tão excêntrico e seus empregados esqueceram-se dela. Confie, foi esse o caso e muito provável de acontecer com os empregados de Donwell, que são todos, tenho observado com frequência, extremamente inábeis e negligentes. Tenho certeza de que eu não teria uma criatura como o Harry perto do nosso guarda-louça por qualquer remuneração. E, quanto à senhora Hodges, Wright realmente tem muito pouco apreço por ela. Ela prometeu passar uma receita a Wright e nunca a enviou.

– Encontrei William Larkins – continuou o senhor Elton – quando estava próximo da casa, e ele me disse que eu não deveria encontrar o mestre dele lá, mas não acreditei nele. William parecia um tanto mal-humorado. Ele não sabia o que estava acontecendo com seu mestre ultimamente, mas ele mal estava conseguindo ouvir sua voz. Não tenho nada a ver com as necessidades de William, mas realmente é de grande importância que eu veja Knightley hoje e, portanto, torna-se um assunto de seríssima inconveniência que eu tenha feito essa caminhada escorchante hoje para nada.

Emma sentiu que não tinha nada melhor a fazer do que ir para casa imediatamente. Muito provavelmente, esperavam por ela naquele momento e o senhor Knightley poderia ser preservado de ser mais profundamente agredido pelo senhor Elton, senão por William Larkins.

Ela ficou feliz, ao partir, em encontrar a senhorita Fairfax determinada a acompanhá-la na saída daquele cômodo, e ir com ela até mesmo ao andar

de baixo, deu-lhe uma oportunidade que ela imediatamente aproveitou e disse:

– É também, talvez, que eu não tenha tido a possibilidade. Se a senhorita não estivesse cercada por outros amigos, eu poderia ter sido tentada a introduzir um assunto, fazer perguntas, falar mais abertamente do que poderia ter sido estritamente correto. Sinto que eu, com certeza, poderia ter sido imprudente.

– Oh! – exclamou Jane, com um rubor e uma hesitação que Emma achou infinitamente mais adequado a ela do que toda a elegância de toda a sua compostura usual. – Não teria havido perigo algum. O perigo teria sido eu deixá-la exaurida. A senhorita não poderia ter me deixado mais satisfeita do que ao expressar um interesse. De fato, senhorita Woodhouse – e continuou, agora falando mais recolhidamente –, com o entendimento que eu tenho sobre má conduta, gravíssima má conduta, é especialmente consolador para mim saber que aqueles entre os meus amigos cuja boa opinião é extremamente digna de ser preservada não estão indignados a ponto de... Não tenho tempo para metade do que eu poderia desejar dizer. Anseio fazer pedidos de desculpas, pretextos, para estimular algo para mim mesma. Sinto que é tão justo. Mas, infelizmente... Resumindo, se sua compaixão não suporta minha amizade...

– Oh! A senhorita é escrupulosa demais, realmente é! – exclamou Emma afetuosamente, e então segurou a mão dela. – Não me deve nenhum pedido de desculpas e todos a quem a senhorita deveria supostamente devê-lo estão perfeitamente satisfeitos, até mesmo tão felizes...

– É muita bondade sua, mas sei o que minha conduta foi para a senhorita. Tão fria e artificial! Eu sempre tinha um papel para encenar. Era uma vida de mentiras! Sei que devo ter-lhe provocado repulsa.

– Por favor, não diga mais nada. Sinto que todos os pedidos de desculpas deveriam ser de minha parte. Vamos perdoar uma à outra ao mesmo tempo. Deveríamos fazer o que quer que deva ser feito o mais rapidamente possível, e acho que nossos sentimentos não perderão tempo no passado. Espero que tenha notícias agradáveis de Windsor.

– Muito agradáveis.

– E a próxima notícia será, suponho, que vamos perdê-la, bem agora que

eu estou começando a conhecê-la.

– Oh! Em relação a tudo isso, é claro que nada pode ser considerado ainda. Estou aqui até que isso seja solicitado pelo coronel e a senhora Campbell.

– Talvez nada possa ser efetivamente resolvido ainda – respondeu Emma, sorrindo –, mas, perdoe-me, deve ser considerado.

O sorriso foi devolvido enquanto Jane respondeu:

– A senhorita tem toda razão, pois a questão foi considerada. E vou lhe confessar, pois tenho certeza de que a informação ficará segura e em relação a nós morarmos com o senhor Churchill em Enscombe e isso está mesmo resolvido. Deve haver pelo menos três meses de luto profundo, mas quando passarem, imagino que não haverá mais nada a esperar.

– Obrigada, obrigada. Isso é exatamente do que eu queria ter certeza. Oh! Se soubesse o quanto adoro todas as coisas que estão decididas e que estão por vir! Tchau, tchau!

Capítulo 17

Os amigos da senhora Weston ficaram todos felizes com o fato de ela estar em segurança e a satisfação com o seu bem-estar foi maior para Emma, por saber que ela era mãe de uma menininha. Emma tinha decidido que queria uma senhorita Weston. Ela não reconheceria que foi com qualquer perspectiva de fazer uma combinação, a partir daquele momento, com algum dos filhos de Isabella; mas ela estava convencida de que uma filha seria o mais adequado tanto para o pai quanto para a mãe. Seria um grande conforto para o senhor Weston à medida que envelhecesse (e até mesmo o senhor Weston ficaria mais velho daqui a dez anos) ter sua lareira animada pelas diversões e as tolices, os caprichos e as vontades de um filho nunca banido de casa e ninguém poderia duvidar que a preferência da senhora Weston seria ter uma filha, então seria verdadeiramente uma pena que alguém que sabia ensinar tão bem não tivesse seus poderes colocados em prática de novo.

– Ela teve a vantagem, o senhor sabe, de praticar comigo – continuou ela –, como La Baronne d’Almane com La Comtesse d’Ostalis em Adèle et

Theodore, de Madame de Genlis, e agora veremos sua própria pequena Adèle educada com um plano mais perfeito.

– Ou seja – respondeu o senhor Knightley –, ela vai ser ainda mais permissiva com a filha do que foi com a senhorita e acreditar que não é nem um pouco permissiva com ela. Será a única diferença.

– Pobre criança! – gritou Emma. – Nesse ritmo, o que será dela?

– Nada muito ruim. O destino de milhares. Ela será desagradável na infância e vai se corrigir à medida que se tornar mais velha. Estou perdendo todo o meu amargor com crianças mimadas, minha cara Emma. Eu, que estou devendo toda a minha felicidade à senhorita. Não seria uma ingratidão horrível de minha parte ser severo com elas?

Emma riu e respondeu:

– Mas tive a ajuda de todos os seus esforços para compensar a tolerância de outras pessoas. Tenho dúvidas se meu próprio bom senso teria me corrigido sem ela.

– A senhorita tem dúvidas? Eu não tenho nenhuma. A natureza deu-lhe percepção; à senhorita Taylor deu-lhe princípios. A senhorita deveria ter tido êxito. Minha interferência foi igualmente propensa a fazer bem e mal. Era muito natural que a senhorita dissesse: “que direito tem ele de passar-me sermão?”. E temo que era muito natural que a senhorita sentisse que aquilo foi feito de maneira desagradável. Não acredito ter-lhe feito bem algum. O bem foi todo para mim mesmo, por fazê-la um objeto da mais terna afeição para mim. Não conseguia pensar tanto na senhorita sem idolatrá-la, com seus defeitos e tudo o mais; e por força de sentir-me atraído por tantos erros, sou apaixonado pela senhorita desde que tinha 13 anos, pelo menos.

– Tenho certeza de que o senhor me foi útil – proclamou Emma. – Na maioria das vezes, o senhor me influenciava adequadamente (com uma frequência maior do que eu admitira no momento). Estou muito certa de que me fez bem. E se a pobre pequena Anna Weston for mimada, será uma grande demonstração de humanidade de sua parte fazer por ela tanto quanto fez por mim, exceto apaixonar-se pela menina quando ela tiver 13 anos.

– Quantas vezes, quando era criança, a senhorita me disse, com um dos

seus olhares atrevidos: “senhor Knightley, farei tal coisa; papai disse que eu posso fazer, ou eu tenho a permissão da senhorita Taylor”. Algo que, a senhorita sabia, eu não aprovava. Em tais casos, minha interferência estava lhe dando duas sensações ruins em vez de uma.

– Que criatura adorável eu era! Não é de surpreender que o senhor guarde meus discursos em uma memória tão carinhosa.

– “Senhor Knightley”. A senhorita sempre me chamava de “senhor Knightley”; e, por causa do hábito, não tem mais um som tão formal. E, ainda assim, é formal. Quero que me chame de outra coisa, mas não sei o quê.

– Lembro-me de tê-lo chamado uma vez de “George”, em um dos meus adoráveis surtos, uns dez anos atrás. Fiz isso porque achei que o ofenderia; mas, como o senhor não fez nenhuma objeção, nunca fiz de novo.

– E a senhorita não consegue chamar-me de “George” agora?

– Impossível! Nunca consigo chamá-lo de nada, exceto “senhor Knightley”. Não vou prometer sequer igualar a elegante concisão da senhora Elton

chamando-o de senhor K. Mas vou prometer – acrescentou em seguida, rindo e corando –, vou prometer chamá-lo alguma vez pelo seu nome de batismo. Não digo quando, mas talvez o senhor possa adivinhar onde; na construção em que N. aceita M. na alegria e na tristeza.

Emma lamentou que não pudesse ser mais aberta a apenas um importante serviço que o bom senso superior dele teria apresentado a ela, ao conselho que a teria salvo da pior de todas as loucuras femininas dela: sua intimidade deliberada com Harriet Smith; mas esse era um assunto sensível demais. Ela não podia entrar nele. Harriet era mencionada muito raramente entre eles. Isso, da parte dele, poderia meramente evoluir do fato de ele não pensar nela; mas Emma estava inclinada a atribuir o fato, em vez disso, à delicadeza e a uma suspeita, levantada em algumas aparições, de que a amizade entre elas estava em declínio. Ela mesma estava consciente de que, partindo-se sob quaisquer outras circunstâncias, elas certamente deveriam ter trocado mais correspondências e sua inteligência não teria descansado, como agora o fazia quase

completamente, com as cartas de Isabella. Ele poderia observar que era isso. A dor de ser obrigada a praticar uma ocultação com ele era muito pouco inferior à dor de ter deixado Harriet infeliz.

Isabella enviou um relato sobre sua visitante tão bom quanto poderia ser esperado; assim que Harriet chegou, Isabella pensou que ela estivesse desanimada, o que pareceu perfeitamente natural, dado que havia um dentista a ser consultado, mas desde que aquele assunto se encerrara, ela não parecia encontrar Harriet diferente do que tinha visto antes. Isabella, de fato, não era uma observadora muito rápida, mesmo assim, se Harriet não tivesse estado à altura de brincar com as crianças, isso não teria lhe escapado. Emma continuou agradavelmente confortável e esperançosa pelo fato de que Harriet ficaria lá por mais tempo; era provável que sua quinzena fosse de um mês, pelo menos. O senhor e a senhora John Knightley viriam em agosto, e ela foi convidada a permanecer até que eles pudessem trazê-la de volta.

– John sequer menciona sua amiga – disse o senhor Knightley. – Aqui está a resposta dele, caso queira vê-la.

Foi a resposta ao comunicado do casamento planejado dele. Emma

aceitou-a com uma mão muito ansiosa, com uma impaciência toda animada para saber o que ele diria sobre o evento e nem um pouco contida por ouvir que sua amiga não foi mencionada.

– John entra como um irmão em minha felicidade – continuou o senhor Knightley –, mas não é de fazer elogios; e embora eu bem saiba que ele tem igualmente uma afeição muito fraternal pela senhorita, John está tão distante de fazer floreios que qualquer outra jovem poderia achá-lo bastante frio em sua exaltação. Mas não tenho medo de a senhorita ver o que ele escreve.

– Descreve como um homem sensato – respondeu Emma, após ter lido a carta. – Reverencio a sinceridade dele. Está muito claro que considera a boa sorte do noivado como estando toda do meu lado, mas que ele não está sem esperanças de que, com o tempo, eu amadureça a ponto de tornar-me digna de seu afeto, como o senhor já me considera. Se ele tivesse dito qualquer coisa que sustentasse uma interpretação diferente, eu não deveria

ter acreditado nele.

– Minha Emma, não foi isso que ele quis dizer. Ele apenas quis...

– Ele e eu diferimos muito pouco em nossa estima pelos dois – interrompeu ela, com um tipo de sorriso sério –, muito menos, talvez, do que ele tenha consciência, se pudéssemos adentrar o assunto sem cerimônia ou reserva.

– Emma, minha cara Emma...

– Oh! – exclamou ela, com alegria mais completa. – Se imagina que seu irmão não me faça justiça, espere até que meu querido pai saiba o segredo e escute a opinião dele. Acredite, ele vai estar muito mais longe de fazer justiça ao senhor. Vai achar que toda a felicidade e todas as vantagens estão do seu lado da questão; todo o mérito do meu lado. Espero que eu possa não me rebaixar ao “pobre Emma” imediatamente com a opinião dele. Sua terna compaixão quanto ao mérito oprimido não vai além disso.

– Ah! – exclamou ele. – A dificuldade de convencer seu pai será o dobro da de convencer John de que temos todo o direito que o merecimento igual pode dar de ser felizes juntos. Estou perplexo com uma parte da carta de John, a senhorita a notou? Uma em que ele diz que minha informação não o pegou totalmente de surpresa, que, em lugar disso, ele esperava ouvir algo do tipo.

– Se compreendo seu irmão, ele quis dizer apenas a parte de o senhor ter alguns planos de casar-se. Ele não tinha ideia sobre mim. Parece perfeitamente despreparado para tal.

– Sim, sim; mas espantou-me o fato de ele ter enxergado tão profundamente os meus sentimentos. Ele tem feito seu julgamento com base em quê? Não estou consciente de qualquer diferença em meus ânimos ou em meu discurso que pudesse prepará-lo mais desta vez para o fato de eu me casar do que em outras ocasiões. Mas foi o que ocorreu, suponho. Atrevo-me a dizer que houve uma diferença quando eu estava hospedado na casa deles alguns dias atrás. Acho que não brinquei com as crianças tanto quanto de costume. Lembro--me de ouvir os pobres garotos dizendo uma noite: “O titio parece sempre

cansado agora”.

O momento em que a notícia deveria espalhar-se mais e a recepção de outras pessoas a ela deveria ser testada estava chegando. Assim que a senhora Weston estava suficientemente recuperada para receber visitas do senhor Woodhouse, Emma, tendo em vista que as delicadas argumentações dela deveriam ser empregadas na causa, decidiu primeiro anunciá-la em casa, e então em Randalls. Mas como enfim dar a notícia ao seu pai? Ela tinha se obrigado a fazê-lo, em um momento de ausência do senhor Knightley ou quando chegou a um ponto em que seu coração falhou-lhe e deveria ter adiado o anúncio, mas o senhor Knightley viria em tal momento e daria continuidade à introdução que ela faria. Ela era obrigada a falar e a falar alegremente também, pois não deveria tornar o assunto uma fonte de deliberado sofrimento para ele usando, um tom melancólico. Ela não deveria parecer achar aquilo uma desgraça. Com todos os ânimos que conseguiu recrutar, ela preparou-o, primeiramente, para algo estranho e então, com poucas palavras, disse que, se seu consentimento e aprovação pudessem ser obtidos, o que, ela acreditava, seria atendido sem dificuldade, dado que era um plano para promover a felicidade de todos, então ela e o senhor Knightley pretendiam casar-se, por meio disso, Hartfield receberia a adição constante da companhia daquela pessoa que ela sabia ser quem ele mais amava, depois de suas filhas e a senhora Weston, no mundo.

Pobre homem! Num primeiro momento, foi um choque considerável para ele, e tentou sinceramente dissuadi-la da ideia. Ela foi lembrada, mais de uma vez, de ter dito sempre que nunca se casaria e assegurada de que seria muito melhor que permanecesse solteira e foram-lhe citados os casos das pobres Isabella e senhorita Taylor. Mas não adiantaria, pois Emma abraçou-o por trás carinhosamente, sorriu e disse que deveria ser daquele jeito; e que ele não deveria colocá-la na mesma categoria de Isabella e da senhora Weston, cujos casamentos, ao tirá-las de Hartfield, tinham, de fato, provocado uma mudança melancólica: mas ela não estava partindo de Hartfield; deveria estar sempre ali; não estava introduzindo nenhuma mudança em seus números ou seus confortos, exceto para melhor; e estava muito certa de que ele ficaria muito mais feliz tendo o senhor Knightley sempre disponível, uma vez que já estava acostumado com a ideia. Ele não

amava muito o senhor Knightley? Ele não negaria que sim, ela tinha certeza. Quem ele sempre queria consultar para tratar de negócios exceto o senhor Knightley? Quem era tão útil a ele, quem estava sempre tão pronto a escrever suas cartas, quem ficava tão feliz em ajudá-lo? Quem era tão animado, tão solícito, tão apegado a ele? Não gostaria de tê-lo sempre em casa? Sim. Tudo isso era a mais pura verdade. O senhor Knightley não conseguia estar lá com muita frequência; deveria ficar feliz em vê-lo todos os dias mas eles de fato o viam todos os dias, do jeito que as coisas estavam arranjadas. Por que não poderiam continuar com o arranjo que tinham feito?

O senhor Woodhouse não conseguiu conformar-se tão cedo; mas o pior foi superado, a ideia foi exposta; o tempo e a repetição contínua deveriam fazer o resto. Aos apelos e garantias de Emma seguiram-se os do senhor Knightley, cuja exaltação apaixonada dela conferiu ao assunto até mesmo uma espécie de acolhimento; e logo ele estava acostumado a ser abordado por cada um deles, em todas as ocasiões apropriadas. Eles tiveram toda a assistência que Isabella podia dar por cartas com a mais forte aprovação; e a senhora Weston estava pronta, na primeira reunião, a considerar a questão sob a mais prática das perspectivas, primeiro, como uma questão resolvida e, depois, como uma boa questão, muito consciente da importância praticamente igual das duas recomendações à mente do senhor Woodhouse. Foi acordado o que deveria ser feito; e todos por quem ele costumava ser orientado garantindo-lhe que seria para a felicidade dele; e tendo ele mesmo alguns sentimentos que quase admitiam isso, ele começou a pensar que, em um momento ou outro, em um ano ou dois, talvez, poderia não ser tão ruim se o casamento de fato acontecesse.

A senhora Weston não estava interpretando um papel, não estava fingindo sentimentos em tudo o que ela lhe disse em favor do evento. Ela tinha ficado extremamente surpresa, como nunca tinha estado, quando Emma revelou-lhe o assunto; mas ela viu nele somente o aumento de felicidade para todos e não teve escrúpulos em apelar ao máximo ao pai. Ela tinha uma consideração tão grande pelo senhor Knightley que achava que ele merecia até mesmo sua caríssima Emma; e era, em todos os aspectos, uma conexão tão correta, adequada e irrepreensível e, em um aspecto, um ponto

da máxima importância, tão peculiarmente qualificada, tão singularmente afortunada, que agora era como se Emma não pudesse ter se relacionado de forma segura com nenhuma outra criatura e que ela própria tinha sido o mais estúpido dos seres por não ter pensado e desejado isso muito tempo atrás. Quantos pouquíssimos homens entre aqueles cuja situação na vida permitia-lhes abordar Emma teriam renunciado seu próprio lar para viver em Hartfield! E quem, senão o senhor Knightley, poderia conhecer e suportar o senhor Woodhouse, a ponto de tornar um arranjo assim desejável! A dificuldade de lidar com o senhor Woodhouse sempre fora sentida nos planos do marido e dela mesma no caso de um casamento entre Frank e Emma. Como ajeitar as reivindicações de Enscombe e Hartfield havia sido um entrave constante (menos reconhecido pelo senhor Weston do que por ela própria), mas mesmo ele nunca fora capaz de encerrar o assunto melhor do que dizendo “Essas questões vão cuidar de si mesmas; os jovens encontrarão um jeito”. Mas aqui não havia nada a ser alterado em uma especulação descabida sobre o futuro. Estava tudo certo, tudo às claras, tudo igual. Nenhum sacrifício de qualquer parte digno do nome. Era uma união com a mais alta promessa de felicidade em si mesma e sem uma dificuldade verdadeira e racional que se opusesse a ela ou a adiasse.

A senhora Weston, com sua bebê no joelho, entregando-se a reflexões como essas, era uma das mulheres mais felizes do mundo. Se alguma coisa podia aumentar sua satisfação, era perceber que a bebê logo teria ficado grande demais para seu primeiro conjunto de gorros.

A notícia foi universalmente uma surpresa, por onde quer que ela se espalhasse; e o senhor Weston teve sua cota de cinco minutos dela; mas cinco minutos bastaram para familiarizar a ideia à sua rapidez mental. Ele viu as vantagens da combinação e alegrou-se com elas com toda a lealdade de sua esposa; mas o espanto provocado pela notícia tornou-se, muito rapidamente, nada; e, ao final de uma hora, ele não estava muito longe de acreditar que sempre a tivesse previsto.

– Deve ser um segredo, concluo – disse ele. – Esses assuntos sempre são um segredo, até que se descubra que todo mundo sabe. Apenas me avise quando posso falar abertamente sobre ele. Eu me pergunto se Jane suspeita

de algo.

O senhor Weston foi a Highbury na manhã seguinte e satisfez-se em relação a esse ponto. Ele contou a notícia a Jane. Ela não era como uma filha, a filha mais velha dele? Deveria contar a ela e, com a senhorita Bates estando presente, a notícia foi transferida, é claro, para a senhora Cole, o senhor Perry e a senhora Elton imediatamente depois. Não foi nada além do que aquilo para que os protagonistas estavam preparados; eles haviam calculado, a partir do momento em que souberam da notícia em Randalls, quão rapidamente ela se espalharia por Highbury; e estavam se achando, como o fascínio noturno em muitos círculos familiares, com grande sagacidade.

Em geral, foi uma combinação bastante aprovada. Alguns poderiam pensar que ele tinha sorte por se casar com ela, outros poderiam pensar que a moça era a mais sortuda do casal. Um grupo de pessoas poderia recomendar que todos se mudassem para Donwell e deixassem Hartfield para a família de John Knightley; e outro poderia prever desentendimentos entre os criados deles; mas, ainda assim, de modo geral, não foi levantada uma objeção séria, exceto em uma habitação: o vicariato. Lá, a surpresa não foi suavizada por nenhuma satisfação. O senhor Elton pouco importou-se com a notícia, comparado com a esposa; ele apenas teve esperança de que “o orgulho da jovem moça ficasse satisfeito agora”; e supôs que “ela sempre teve a intenção de fisgar Knightley, se conseguisse”; e, sobre a questão de viver em Hartfield, foi capaz de exclamar, audaciosamente, “Antes ele do que eu!”. Mas a senhora Elton ficou realmente muito inquieta. “Pobre Knightley! Pobre sujeito! Que negócio triste para ele.” Ela estava extremamente preocupada; pois, apesar de muito excêntrico, ele tinha milhares de qualidades. Como ele pôde deixar-se enganar desse jeito? Ela não achava que ele estivesse apaixonado, de forma alguma – nem um pouco. Pobre Knightley! Haveria um fim de todo o relacionamento agradável com ele. Quão feliz ele estivera de vir e jantar com eles sempre que o convidavam! Mas tudo aquilo acabaria agora. Pobre sujeito! Nada de grupos formados para explorar Donwell planejados para ela. Oh! Não; haveria uma senhora Knightley para jogar água fria em tudo. Extremamente desagradável! Mas

ela não estava de forma alguma sentida por ter maltratado a governanta alguns dias atrás. Que plano chocante, viver juntos. Nunca daria certo. Ela conhecia uma família perto de Maple Grove que tinha tentado isso e sido obrigada a separar-se antes do fim do primeiro trimestre.

Capítulo 18

O tempo passou. Mais alguns dias e o grupo de Londres estaria chegando. Era uma mudança alarmante e Emma estava pensando nela em uma manhã como aquilo que poderia agitá-la e afligi-la, quando o senhor Knightley entrou, e pensamentos angustiantes foram colocados de lado. Após a conversa agradável, ele ficou calado e então, em um tom mais sério, começou com a seguinte frase:

– Tenho algo a dizer-lhe, Emma; uma notícia.

– Boa ou ruim? – disse ela, rapidamente, subindo o olhar para o rosto dele.

– Não sei do que ela deveria ser chamada.

– Oh! Boa, tenho certeza. Vejo isso no seu semblante. O senhor está tentando não sorrir.

– Temo – disse ele, organizando suas feições –, temo muito, minha cara Emma, que a senhorita não vá sorrir quando ouvi-la.

– É mesmo? Mas por quê? Mal posso imaginar que algo que o agrade ou entretenha não deva agradar-me ou entreter-me também.

– Há um assunto – respondeu ele –, espero que apenas um, sobre o qual não pensamos de maneira semelhante. – Ele parou por um momento, sorrindo de novo, com os olhos fixos no seu rosto. – Nada lhe ocorre? Não se lembra? Harriet Smith.

Suas bochechas coraram ao som do nome, e ela sentiu medo de algo, embora não soubesse do quê.

– A senhorita teve notícias dela hoje de manhã? – perguntou ele. – Teve, acredito eu, e está sabendo de tudo.

– Não, não tive; não sei de nada; suplico-lhe que me conte.

– A senhorita está preparada para o pior, posso ver, e a situação é muito ruim. Harriet Smith vai casar-se com Robert Martin.

Emma levou um susto, o que não foi condizente com estar preparada, e seus olhos, em ansiosa mirada, diziam: “Não, isso é impossível!”, mas os lábios dela estavam cerrados.

– Foi isso mesmo, de fato – continuou o senhor Knightley –, recebi a notícia do próprio Robert Martin. Terminamos de conversar há menos de meia hora.

Ela ainda estava olhando para ele com o mais eloquente espanto.

– A senhorita gostou da notícia tão pouco quanto eu temia, minha Emma. Eu queria que nossas opiniões fossem as mesmas. Mas, com o tempo, elas serão. O tempo, esteja certa disto, vai fazer um de nós pensar diferentemente; e, enquanto isso não ocorre, não precisamos conversar muito sobre o assunto.

– O senhor está equivocado quanto à minha reação, o senhor está totalmente equivocado – respondeu ela, esforçando-se. – Não é que tal circunstância agora me faria infeliz, mas não consigo acreditar nela. Parece uma impossibilidade! Não é possível que o senhor queira dizer que Harriet Smith tenha aceitado Robert Martin. Não é possível que o senhor queira dizer que ele já tenha até mesmo pedido-a em casamento de novo. O senhor apenas quer dizer que ele pretende fazer isso.

– Quero dizer que ele fez isso – respondeu o senhor Knightley, com uma resolução sorridente, mas determinada – e que foi aceito.

– Meu Deus! – exclamou ela. – Bem... – e, apelando à sua cesta de costura como um pretexto para abaixar o rosto e ocultar todos os intensos sentimentos de prazer e divertimento que ela sabia que deveria estar expressando, acrescentou: – Bem, agora conte-me tudo e torne isso compreensível para mim. Como, onde, quando? Deixe-me saber de tudo. Nunca fiquei tão surpresa. Mas isso não me deixa infeliz, garanto-lhe. Como... como isso foi possível?

– É uma história muito simples. Ele foi à cidade a negócios três dias atrás, e encarreguei-o de cuidar de alguns papéis que eu estava querendo enviar a John. Ele entregou esses papéis a John nos aposentos dele, que lhe pediu para juntar-se a eles, que iriam ao anfiteatro Astley’s na mesma noite. Eles levariam os dois meninos mais velhos ao Astley’s. O grupo deveria ser meu irmão, sua irmã, Henry, John e a senhorita Smith. Meu

amigo Robert não pôde resistir. Foram buscá-lo no caminho para o anfiteatro; todos tinham se divertido muitíssimo; e meu irmão pediu que jantasse com eles no dia seguinte, o que ele fez, e durante tal visita, pelo que entendi, ele encontrou uma oportunidade de conversar com Harriet e certamente não falou em vão. O sim dela o deixou muito feliz, mais até do que ele mereceria. Robert voltou na diligência de ontem e esteve comigo hoje de manhã imediatamente após o desjejum para reportar suas ações, primeiramente sobre os meus assuntos e então sobre os dele mesmo. Isso é tudo o que posso relatar sobre o como, onde e quando. Sua amiga Harriet vai criar uma história muito mais longa quando a senhorita a vir. Ela vai dar-lhe todos os mínimos detalhes que apenas o idioma das mulheres pode tornar interessante. Em nossas comunicações, lidamos apenas com o essencial. Entretanto, devo dizer que o coração de Robert Martin pareceu para ele e para mim muito transbordante; e que ele realmente mencionou, sem que houvesse muito propósito, que, ao deixarem o camarote no Astley's, meu irmão encarregou-se da senhora John Knightley e do pequeno John, enquanto ele seguiu-o com a senhorita Smith e Henry; e que em certo ponto eles estavam em tal multidão que a senhorita Smith ficou bastante desconfortável.

Ele parou. Emma não ousou tentar nenhuma resposta imediata. Ela tinha certeza de que falar seria trair o mais desmesurado grau de felicidade.

Ela deveria esperar um momento, ou ele a acharia maluca. O silêncio dela perturbou-o e, após observá-la por um breve instante, ele acrescentou:

– Emma, meu amor, a senhorita disse que esta circunstância não a deixaria infeliz agora, mas temo que esteja causando-lhe mais sofrimento do que esperava. A situação dele é um mal, mas deve considerá-la como aquilo que satisfaz a sua amiga; e vou responsabilizar-me pela senhorita ter uma opinião cada vez melhor dele à medida que o conhecer mais. O bom senso e os bons princípios dele a encantariam. Em relação ao homem, a senhorita não poderia desejar que sua amiga estivesse em melhores mãos. A posição dele na sociedade eu mudaria se pudesse, o que é muito a se dizer, garanto-lhe, Emma. A senhorita ri de mim sobre William Larkins; mas eu poderia, de forma igualmente prejudicial, poupar Robert

Martin.

Ele queria que ela levantasse o olhar e sorrisse; e agora resolvendo-se a não sorrir tão amplamente, ela o fez, respondendo alegremente:

– O senhor não precisa experimentar sofrimento algum para deixar-me conformada com o par. Acho que Harriet está se saindo muito bem. As relações dela podem ser piores do que as dele. Em termos de respeitabilidade de caráter, não pode haver dúvida de que ambos a têm. Fiquei em silêncio meramente por surpresa, surpresa excessiva. O senhor não pode imaginar o quão subitamente a notícia chegou a mim! O quão especialmente despreparada eu estava! Pois tinha motivo para achar que Harriet estava mais determinada contra ele nos últimos tempos, muito mais do que estava antes.

– Entre nós dois, é a senhorita quem deveria conhecer melhor sua amiga – respondeu o senhor Knightley –, mas eu deveria dizer que ela era uma menina equilibrada e bondosa, e não propensa a estar muito, muito determinada contra qualquer jovem que lhe dissesse que a amava.

Emma não pôde evitar dar uma risada enquanto respondia:

– Dou-lhe minha palavra, acredito que o senhor a conhece bastante, assim como eu. Mas, senhor Knightley, o senhor tem certeza absoluta de que ela o tenha aceitado absoluta e completamente. Suponho que ela poderia, com o tempo. Mas ela já consegue isso? O senhor não o interpretou mal? Ambos estavam conversando sobre outras coisas, sobre negócios, exposições de gado ou novos equipamentos de perfuração... e o senhor não poderia, na confusão de tantos assuntos, interpretá-lo mal? Não foi da mão de Harriet que ele tinha certeza, foi das dimensões de um boi famoso.

O contraste entre o semblante e o ar do senhor Knightley e de Robert Martin era, neste momento, tão intenso para os sentimentos de Emma, e tão intensa era a recordação de tudo o que tinha se passado com Harriet, tão recente o som daquelas palavras, faladas com tanta ênfase, “Não, espero ter mais experiência agora, a ponto de não pensar no senhor Martin”, que ela estava realmente esperando que a notícia se provasse, em alguma medida, prematura. Não podia ser nada diferente disso.

– A senhorita ousa dizer isso? – exclamou o senhor Knightley. – Ousa supor que sou tão imbecil a ponto de não saber o que um homem está

falando? O que a senhorita merece?

– Oh! Eu sempre mereço o melhor tratamento, porque nunca suporto nenhum outro e, portanto, o senhor deve dar-me uma resposta simples e direta. Tem certeza absoluta de que entende as condições nas quais o senhor Martin e Harriet estão agora?

– Estou totalmente certo – respondeu ele, falando muito claramente – de que ele me disse que ela o aceitou; e de que não houve nenhuma obscuridade, nada duvidoso, nas palavras que ele usou; e acho que posso dar-lhe uma prova de que deve ser isso. Ele perguntou minha opinião sobre o que deveria fazer agora. Ele não sabia de ninguém exceto a senhora Goddard a quem pudesse solicitar informações a respeito das relações ou amigos de Harriet. Eu poderia mencionar algo mais apropriado a ser feito do que ir ter com a senhora Goddard? Garanti que não poderia. Então, ele disse que se esforçaria para vê-la durante o dia de hoje.

– Estou perfeitamente satisfeita – respondeu Emma, com os mais radiantes sorrisos – e desejo muito sinceramente que eles sejam felizes.

– A senhorita mudou substancialmente desde que conversamos sobre este assunto no passado.

– Espero que sim. Pois naquele tempo eu era uma tola.

– E eu também mudei, pois agora estou muito disposto a atribuir à senhorita todas as qualidades positivas de Harriet. Esforcei-me um pouco, por sua causa e por causa de Robert Martin (em quem sempre tive motivos para acreditar tão apaixonado por ela quanto sempre foi), para familiarizar-me com ela. Frequentemente, tenho conversado bastante com ela. A senhorita deve ter visto que conversei. Às vezes, realmente pensei que suspeitasse um pouco que eu estivesse defendendo a causa do pobre Martin, o que nunca foi o caso, mas baseado em todas as minhas observações, estou convencido de que ela é uma menina simples e amável, com noções muito boas, princípios realmente muito bons e que coloca sua felicidade nas afeições e na utilidade da vida doméstica. Muito disso, não tenho dúvida, ela pode agradecer à senhorita.

– A mim! – exclamou Emma, balançando a cabeça. – Ah! Pobre Harriet!

Ela conteve-se, entretanto, e submeteu-se em silêncio a um pouco mais de louvor do que merecia.

A conversa deles foi encerrada logo em seguida pela entrada de seu pai.

Ela não lamentou e queria ficar sozinha, pois sua mente estava em um estado de agitação e assombro que tornou impossível para ela ficar calma. Seus ânimos estavam dançando, cantando, gritando; e, até que ela tivesse se movido, e falado consigo mesma, e rido e refletido, ela não conseguiria estar apta

a qualquer coisa racional.

O assunto do seu pai era anunciar que James havia saído para aprontar os cavalos, preparando-se para agora sua visita diária a Randalls; e ela teve, portanto, uma desculpa imediata para desaparecer.

A alegria, a gratidão, o intenso prazer, em suas sensações podem ser imaginados. Com a aflição e os vieses solitários removidos da perspectiva do bem-estar de Harriet, ela estava realmente correndo o risco de ficar feliz demais, a ponto de não ser seguro. O que ela desejava? Nada, exceto tornar-se mais digna dele, cujas intenções e opinião sempre foram tão superiores às dela. Nada, exceto que as lições da sua insensatez no passado pudessem ensinar-lhe humildade e circunspecção no futuro.

Ela estava séria, muito séria em sua gratidão e em suas decisões; e, mesmo assim, não evitava uma risada, às vezes bem no meio delas. Ela deveria rir de tal desfecho! Que final da triste decepção de cinco semanas atrás! Que coração... que Harriet!

Agora haveria prazer com a volta dela – tudo seria um prazer. Seria um grande prazer conhecer Robert Martin.

Ocupando uma das primeiras posições na sua lista das mais importantes e sinceras felicidades estava a reflexão de que toda a necessidade de ocultar coisas do senhor Knightley logo acabaria. O disfarce, a ambiguidade e o mistério, tão detestáveis para ela exercer, poderiam logo terminar. Ela poderia agora ansiar por dar a ele aquela confiança plena e perfeita que sua disposição estava muitíssimo pronta a acolher como uma obrigação.

Com o mais alegre e feliz dos ânimos, ela iniciou a viagem com o pai; nem sempre escutando, mas sempre concordando com o que ele dizia; e, fosse em discurso ou silêncio, sendo conivente com a confortável persuasão de ele ser obrigado a ir a Randalls todos os dias, ou a senhora

Weston ficaria decepcionada.

Eles chegaram. A senhora Weston estava sozinha na sala de visitas: porém, eles mal tinham tido notícias da bebê e o senhor Woodhouse tinha recebido um agradecimento por vir, o que ele pediu, quando um vislumbre de duas figuras passando próximo à janela foi detectado através da cortina.

– São Frank e a senhorita Fairfax – disse a senhora Weston. Eu ia contar-lhes agora mesmo a agradável surpresa que tivemos ao vê-lo chegar hoje de manhã. Ele fica até amanhã, e a senhorita Fairfax foi convencida a passar o dia conosco. Eles estão entrando, espero.

Em meio minuto, eles estavam na sala. Emma estava extremamente

feliz em vê-lo, mas havia um grau de confusão, um número de recordações embaraçosas em cada uma das partes. Eles foram ao encontro um do outro prontamente e sorrindo, mas com uma consciência que, a princípio, permitiu que pouco se dissesse e, tendo todos sentado de novo, por algum tempo houve um vazio no círculo tal que Emma começou a duvidar se o desejo agora satisfeito, que ela sentira há muito tempo, de ver Frank Churchill uma vez mais, e de vê-lo com Jane, produziria sua porção de prazer. Quando o senhor Weston juntou-se ao grupo, entretanto, e quando a bebê foi buscada, não houve mais a necessidade de assunto ou animação – ou de coragem e oportunidade para Frank Churchill aproximar-se dela e dizer:

– Preciso agradecer-lhe, senhorita Woodhouse, por uma mensagem de perdão muito bondosa em uma das cartas da senhora Weston. Espero que o tempo não a tenha deixado menos disposta a perdoar. Espero que a senhorita não retire o que disse então.

– Com certeza, não – disse Emma, muito feliz em começar a falar –, nem um pouco. Estou especialmente alegre em vê-lo e cumprimentá-lo, e dar-lhe felicitações pessoalmente.

Ele agradeceu a ela com toda a sinceridade e, por algum tempo, continuou a falar com o sentimento verdadeiro de sua gratidão e felicidade.

– Ela não está com uma aparência boa? – disse ele, virando os olhos na direção de Jane. – Melhor do que sempre costumava estar? A senhorita vê

como meu pai e a senhora Weston a idolatram.

Mas os ânimos dele logo estavam despertando e, com olhos risonhos, após mencionar o retorno esperado dos Campbell, ele mencionou o nome de Dixon. Emma corou e proibiu que ele fosse pronunciado no alcance de seus ouvidos.

– Nunca consigo pensar nessa palavra – gritou ela – sem vergonha extrema.

– A vergonha – disse ele – é toda minha, ou deveria ser. Mas é possível que a senhorita não tenha suspeitado de nada? Quero dizer, recentemente. No início, eu sei, a senhorita não tinha suspeitas.

– Nunca tive a mais remota suspeita, asseguro-lhe.

– Isso parece muito impressionante. Estive, uma vez, muito próximo, e eu queria que tivesse. Teria sido melhor. Mas, embora eu sempre estivesse fazendo coisas erradas, elas eram coisas erradas muito ruins e que não tiveram utilidade para mim. Teria sido uma transgressão muito melhor se eu tivesse quebrado o compromisso do sigilo e lhe contado tudo.

– Isso não vale um arrependimento agora – disse Emma.

– Tenho alguma esperança – retomou ele – de que meu tio seja convencido a fazer uma visita a Randalls; ele quer ser apresentado a ela. Quando os Campbell tiverem voltado, vamos encontrá-los em Londres e continuar lá, espero, até que possamos carregá-la para o norte. Mas agora estou tão distante dela... Não é difícil, senhorita Woodhouse? Até hoje de manhã, não tínhamos nos encontrado nenhuma vez desde o dia da reconciliação. A senhorita não sente pena de mim?

Emma declarou sua pena tão bondosamente que, com um acesso súbito de pensamento alegre, ele exclamou:

– Ah! A propósito – e então continuou, baixando a voz e parecendo recatado no momento –, espero que o senhor Knightley esteja bem. – Ele pausou. Ela ruborizou e riu. – Sei que a senhorita viu minha carta e acho que pode lembrar-se de meus votos em seu favor. Deixe-me retribuir suas felicitações. Asseguro-lhe que recebi a notícia com o mais entusiasmado interesse e satisfação. Ele é um homem que não ousa elogiar.

Emma estava satisfeita e apenas queria que ele continuasse no mesmo estilo, mas a mente dele estava, no momento seguinte, em suas próprias

preocupações e com sua Jane, e suas próximas palavras foram:

– A senhorita já viu uma pele assim? Como é lisa! Como é delicada! E, ainda assim, sem ser realmente clara. Não se pode chamá-la de clara. É um rosto extremamente incomum, com os cílios e cabelos escuros, um rosto extremamente característico. Tão peculiar a sua noiva. Apenas a cor suficiente para a beleza.

– Sempre admirei o rosto dela – respondeu Emma, maliciosamente –, mas não me lembro do momento em que o senhor a criticou por ser tão pálida quando começamos a conversar sobre ela. Esqueceu-se completamente?

– Oh! Não... que cão insolente eu fui! Como pude ousar...

Mas ele riu com tanta vontade da recordação que Emma não conseguiu deixar de dizer:

– Realmente suspeito que, em meio às suas complicações naquele momento, o senhor divertiu-se muitíssimo pregando uma peça em todos nós. Tenho certeza de que se divertiu. Tenho certeza de que foi um consolo para o senhor.

– Oh! Não, não, não... Como pode suspeitar que eu fosse capaz de tal coisa? Eu era o mais triste miserável!

– Não totalmente miserável a ponto de ser insensível ao humor. Tenho certeza de que foi uma fonte de grande entretenimento para o senhor sentir que estava enganando a todos nós. Talvez eu seja a pessoa apta a suspeitar mais prontamente porque, para dizer-lhe a verdade, acho que isso poderia ter me divertido um pouco em uma situação idêntica. Acho que há um pequeno grau de semelhança entre nós.

Ele curvou-se, fazendo uma reverência.

– Senão em nossas índoles – acrescentou ela em seguida, com um olhar de genuína sensibilidade –, há uma semelhança em nosso destino; o destino que faz uma oferta justa para conectar-nos a dois caracteres tão superiores aos nossos.

– É verdade, é verdade – respondeu ele, calorosamente. – Não, não é verdade do seu lado. Não pode haver ninguém superior à senhorita, mas é totalmente verdadeiro no que se refere a mim. Ela é um perfeito anjo. Olhe para ela. Ela não é um anjo em cada gesto? Observe a curva na garganta

dela. Observe os olhos dela, enquanto os está dirigindo ao meu pai. A senhorita vai ficar feliz em ouvir – disse ele, inclinando a cabeça e sussurrando com seriedade – que meu tio pretende dar a ela todas as joias de minha tia. Elas serão ajustadas. Estou decidido a usar algumas em um ornamento para a cabeça. Não ficará bonito no cabelo escuro dela?

– Muito bonito, realmente – respondeu Emma.

E ela falou tão gentilmente que as palavras dele irromperam, com gratidão:

– Quão encantado estou em vê-la de novo! E vê-la com uma aparência tão excelente! Não teria perdido esta reunião por nada neste mundo. Certamente eu deveria ter parado em Hartfield se a senhorita não conseguisse ter vindo.

Os outros estiveram conversando sobre a criança, com a senhora Weston dando um relato de uma pequena preocupação que ela tinha experimentado na noite anterior, originada no fato de que a bebê pareceu não estar totalmente bem. Ela acreditava que tinha sido tola, mas o episódio a inquietara, e ela estivera a meio minuto de mandar chamar o senhor Perry. Talvez ela devesse envergonhar-se, mas o senhor Weston ficara quase tão preocupado quanto ela. Em dez minutos, entretanto, a criança tinha ficado perfeitamente bem de novo. Esta era a história dela e foi especialmente interessante para o senhor Woodhouse, que a enalteceu muito por pensar em mandar chamar Perry e lamentou apenas que ela não o tivesse feito. “Ela sempre deveria mandar chamar Perry se a criança parecesse ter o menor grau de problema, mesmo que fosse por um momento. Ela não poderia ficar preocupada tão cedo, nem mandar chamar Perry tão frequentemente. Era uma pena, talvez, que ele não tivesse vindo na noite anterior, pois embora a criança parecesse bem agora, considerando muito bem, provavelmente teria sido melhor se Perry a tivesse visto.”

Frank Churchill reconheceu o nome.

– Perry! – disse ele a Emma, tentando, enquanto falava, prender o olhar da senhorita Fairfax. – Meu amigo, o senhor Perry! O que estão dizendo sobre ele? Esteve aqui hoje de manhã? E como ele viaja agora? Ele instalou sua carruagem?

Emma lembrou-se e o compreendeu; e, enquanto ela juntava-se aos risos,

ficou evidente, pelo semblante de Jane, que também ela o estava ouvindo realmente, embora tentando parecer surda.

– Um sonho meu tão extraordinário! – exclamou ele. – Nunca consigo pensar nele sem rir. Ela nos ouve, ela nos ouve, senhorita Woodhouse. Vejo isso na bochecha, no sorriso, na tentativa em vão de fazer uma cara feia. Olhe para ela. A senhorita não vê que, neste instante, o exato trecho da carta dela própria que me enviou o relato está passando sob os seus olhos, que toda a besteira está disposta diante dela, que não consegue prestar atenção em mais nada, embora esteja fingindo escutar os outros?

Jane foi forçada a sorrir completamente por um momento e o sorriso permaneceu, em parte, enquanto ela virou-se na direção dele e disse, com uma voz consciente e baixa, porém firme:

– O senhor conseguir suportar tais recordações é assombroso para mim! Elas vão irromper às vezes, mas como o senhor consegue buscá-las?

Ele tinha muito a dizer como resposta de maneira bem divertida, mas os sentimentos de Emma estavam predominantemente com Jane na discussão e, ao deixar Randalls e sendo induzida naturalmente a uma comparação dos dois homens, ela sentiu que, por mais satisfeita que tivesse ficado em ver Frank Churchill e de fato estimando-o como fazia-o com amizade, ela nunca tinha estado mais consciente da elevada superioridade de caráter do senhor Knightley. A felicidade deste dia extremamente feliz recebeu seu encerramento com a animada contemplação do valor dele que essa comparação produziu.

Capítulo 19

Se Emma ainda tinha, de tempos em tempos, um sentimento de ansiedade em relação a Harriet, uma dúvida momentânea sobre ser possível para ela estar de fato curada de sua afeição pelo senhor Knightley e de fato ser capaz de aceitar outro homem de uma tendência imparcial, não foi por muito tempo que ela teve de sofrer com o retorno de qualquer incerteza assim. Pouquíssimos dias trouxeram o grupo de Londres, e mal isso ocorreu, e Emma teve a oportunidade de ficar a sós com Harriet por uma hora. Então, ficou perfeitamente satisfeita, por mais inexplicável que

fosse, com o fato de que Robert Martin tinha suplantado o senhor Knightley completamente e estava agora formando todas as visões dela de felicidade.

Harriet estava um pouco aflita, realmente parecia meio boba, inicialmente; mas, uma vez tendo admitido que tinha sido presunçosa e idiota, e enganada por si própria anteriormente, a dor e a confusão dela pareceram extinguir-se lentamente com as palavras e deixá-la sem qualquer preocupação com o passado e com a máxima exultação com o presente e com o futuro; pois, quanto à aprovação de sua amiga, Emma havia imediatamente removido qualquer temor dessa natureza, ao cumprimentá-la com as mais irrestritas congratulações. Harriet estava muito feliz em fornecer cada pormenor da noite no Astley's e do jantar no dia seguinte; ela podia estender-se sobre tudo aquilo com o máximo deleite. Mas o que tais pormenores explicaram? O fato foi que, como Emma podia agora reconhecer, Harriet sempre gostara de Robert Martin, e que o fato de ele continuar a amá-la tinha sido irresistível. Qualquer coisa além disso deveria ser incompreensível para Emma para sempre.

O evento, no entanto, foi extremamente alegre; e cada dia estava dando a ela uma nova razão para pensar assim. A ascendência de Harriet tornou-se conhecida. Comprovou-se que ela era filha de um comerciante, rico o suficiente para lhe bancar a manutenção confortável que sempre fora dela e decente o suficiente para sempre ter desejado o anonimato. Tal era o sangue de requinte que Emma estivera outrora tão pronta a afiançar! Era provável que fosse tão puro, talvez, quanto o sangue de muitos cavalheiros: mas que relação ela estivera preparando para o senhor Knightley (ou para os Churchill) ou mesmo para o senhor Elton! A mancha da ilegitimidade, irremovível pela nobreza ou riqueza, teria sido uma mancha, de fato.

Nenhuma objeção foi levantada pelo pai; o jovem foi tratado com generosidade; foi tudo como deveria ser: e, conforme Emma foi conhecendo Robert Martin, que fora apresentado em Hartfield, ela reconheceu totalmente nele toda a aparência de bom senso e valor que poderia fazer a mais justa oferta para sua amiguinha. Ela não tinha dúvidas sobre a felicidade de Harriet com qualquer homem de boa índole; mas

com ele, e no lar que oferecia, haveria a esperança de mais, de segurança, estabilidade e aperfeiçoamento. Ela seria colocada no meio daqueles que a amavam e que tinham mais bom senso do que ela; afastada o suficiente para obter segurança e ocupada o suficiente para obter alegria. Ela nunca seria induzida a cair em tentação nem deixada para que esta a descobrisse. Ela seria respeitável e feliz; e admitiu que Harriet era a criatura mais sortuda do mundo por ter desenvolvido uma afeição tão regular e perseverante por um homem assim; ou, se não exatamente a mais sortuda, perdia apenas para ela mesma.

Harriet, necessariamente afastada por seus compromissos com os Martin, estava cada vez menos em Hartfield, o que não era algo para ser lamentado. A intimidade entre ela e Emma deveria diminuir; a amizade entre elas deveria transformar-se em um tipo calmo de boa vontade; e, felizmente, o que deveria ser, e precisava ser, parecia já ter começado na forma mais gradativa e natural possível.

Antes do fim de setembro, Emma acompanhou Harriet à igreja e viu a mão dela concedida a Robert Martin com uma satisfação tão completa que nenhuma recordação, mesmo aquela relacionada ao senhor Elton enquanto ele estava diante delas, poderia prejudicar. Talvez, na verdade, naquele momento ela mal tenha visto o senhor Elton, exceto como o clérigo cuja bênção no altar poderia recair sobre ela da próxima vez. Robert Martin e Harriet Smith, o último casal formado entre os três, foi o primeiro a casar-se.

Jane Fairfax já tinha deixado Highbury e estava devolvida aos confortos de seu amado lar com os Campbell. Os dois senhores Churchill também estavam na cidade; e eles estavam apenas esperando novembro chegar.

O mês intermediário foi o escolhido, o mais distante que ousavam, por Emma e o senhor Knightley. Eles haviam determinado que seu casamento deveria estar concluído enquanto John e Isabella ainda estavam em Hartfield para permitir a eles que aproveitassem a ausência de duas semanas fazendo uma viagem ao litoral, que era o plano. John e Isabella e todos os outros amigos tiveram a mesma opinião e aprovaram-no. Mas o senhor Woodhouse... como o senhor Woodhouse seria induzido a consentir? Ele, que ainda não tinha se referido ao casamento exceto como

um evento distante.

Quando foi sondado pela primeira vez sobre o assunto, ficou tão infeliz que eles ficaram quase sem esperanças. Uma segunda alusão de fato produziu menos sofrimento. O senhor Woodhouse começou a achar que aquilo deveria acontecer e que ele não poderia evitar: um passo muito promissor da mente rumo à resignação. Apesar disso, porém, ele não estava feliz. Não, aparentava estar em um estado tão oposto que a coragem da filha dele falhou.

Ela não conseguia suportar vê-lo sofrer, saber que ele estava imaginando-se negligenciado e, embora a compreensão dela tenha quase cedido com a garantia de ambos os senhores Knightley de que uma vez que o evento

terminasse o sofrimento dele acabaria rapidamente também, ela hesitou e não conseguia continuar.

Nesse estado de suspense, eles foram auxiliados não por qualquer iluminação repentina da mente do senhor Woodhouse nem por qualquer maravilhosa mudança no seu estado de nervos, mas outra forma de acontecimentos. O galinheiro da senhora Weston foi roubado uma noite, e todos os seus perus foram levados (obviamente, em razão da esperteza dos homens). Outros galinheiros na vizinhança também sofreram ato semelhante. Um furto era um arrombamento para os temores do senhor Woodhouse. Ele ficou muito preocupado e, se não fosse pelo sentido de proteção de seu genro, teria estado sob miserável inquietação todas as noites de sua vida. A força, a resolução e a presença de espírito dos senhores Knightley ordenou que o senhor Woodhouse depositasse total confiança neles. Enquanto um deles o protegesse, Hartfield estaria em segurança, mas o senhor John Knightley deveria estar de volta a Londres até o fim da primeira semana de novembro.

O resultado dessa angústia foi que, com um consentimento muito mais voluntário e alegre do que sua filha jamais presumira desejar naquele momento, ela conseguiu estabelecer o dia do casamento e solicitaram ao senhor Elton, dentro do prazo de um mês do casamento do senhor e a senhora Robert Martin, para unir as mãos do senhor Knightley e da senhorita Woodhouse.

O casamento foi muito semelhante a outros casamentos nos quais os grupos não têm gosto para refinamento ou ostentação, já a senhora Elton, a partir dos pormenores fornecidos em detalhe pelo marido, achou que foi tudo extremamente malfeito e muito inferior ao dela própria.

– Muito pouco cetim branco, pouquíssimos véus de renda e um evento realmente lastimável! Selina ficaria de olhos arregalados quando soubesse disso.

Mas, apesar dessas deficiências, os desejos, as esperanças, a confiança e as previsões do pequeno grupo de amigos verdadeiros que testemunhou a cerimônia foram integralmente atendidos com a perfeita felicidade da união.

FIM

. Caixa marchetada comumente usada para guardar chá.

Jane Austen

ORGULHO
e
Preconceito



Principis



Jane Austen

Tradução
M. Ângela Santos

ORGULHO
e
Preconceito


Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês

Pride and Prejudice

Texto Jane Austen

Jane Austen

Tradução

M. Ângela Santos

Revisão

Beluga (Paula Medeiros)

Produção e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ebook

Jarbas C. Cerino

Imagens

Attitude/Shutterstock.com; Flower design sketch gallery/Shutterstock.com; Olga

Lebedeva/Shutterstock.com; Kamieshkova/Shutterstock.com; Studio DMM Photography, Designs
& Art/Shutterstock.com; Jena_Velour /Shutterstock.com; Michal Sanca/Shutterstock.com.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A933o Austen, Jane

Orgulho e Preconceito [recurso eletrônico] / Jane Austen ;
traduzido por M. Angela Santos. - 2. ed. - Jandira, SP : Principis,
2020.

288 p. ; ePUB ; 2,7 MB. – (Literatura Clássica Mundial)

Tradução de: Pride and prejudice

Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-045-3 (Ebook)

1. Literatura inglesa. 2. Romance. I. Santos, M. Angela. II.
Título. III. Série.

CDD 823

2020-1235

CDU 821.111-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Romance 823
2. Literatura inglesa : Romance 821.111-31

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



Prefácio

Orgulho e preconceito mostra como evoluíam os relacionamentos humanos em uma época em que não existia telefone nem automóvel. A comunicação a distância só acontecia por cartas, que eram levadas a cavalo. É um mundo que Jane Austen conhece muito bem: a sociedade provinciana inglesa do século XVIII.

A escritora nasceu no dia 16 de dezembro de 1775, em Hampshire, na Inglaterra. Era filha do reverendo George Austen e de Cassandra Austen. Jane, um dos maiores nomes da literatura inglesa ao lado de Shakespeare, publicou seu primeiro livro aos 17 anos: *Lady Susan*, uma paródia do estilo sentimental de Samuel Richardson.

Orgulho e preconceito (que inicialmente tinha o título de *Primeiras impressões*) é seu segundo livro, publicado em 1813. Outras publicações de sua autoria são *Razão e sensibilidade* (1811), *Mansfield Park* (1814) e *Emma* (1816).



Capítulo 1

Uma verdade mundialmente consagrada é a de que um homem solteiro, dono de uma grande fortuna, deve estar precisando se casar. Por menos que os sentimentos ou as ideias de tal homem sejam conhecidos, ao se estabelecer em um novo local, essa verdade está de tal forma enraizada na mente das famílias vizinhas que muitas delas consideram o rapaz propriedade legítima de uma das suas filhas.

– Caro senhor Bennet, sabe que Netherfield Park foi finalmente alugado? – perguntou a senhora Bennet certo dia. – Precisa saber, meu caro, que, pelo que a senhora Long me disse, Netherfield foi alugado por um homem muito rico do Norte da Inglaterra. Chegou, na segunda-feira, numa carruagem elegante puxada por quatro cavalos para visitar o local e ficou tão encantado que logo aceitou as condições do senhor Morris. Vem ocupar a casa ainda antes do Dia de São Miguel, e alguns dos seus criados deverão chegar já no fim da próxima semana.

– Qual é o nome dele?

– Bingley.

– É casado ou solteiro?

– Claro que é solteiro, meu caro! Um homem solteiro e muito rico, com rendimentos de 4 ou 5 mil libras anuais. Que acontecimento maravilhoso para as nossas filhas!

– Como assim? O que elas têm a ver com isso?

– Meu caro senhor Bennet, como o senhor é chato! Sabe muito bem que vejo a possibilidade de ele se casar com uma delas – comentou a senhora Bennet.

– É esse o motivo da mudança dele para cá?

– Motivo?! Que disparate! Porém, é muito natural que ele se apaixone por uma delas, e é exatamente por isso que você deve ir logo visitá-lo!

– Não vejo razão para isso. Pode perfeitamente ir com as meninas ou enviá-las sozinhas, o que talvez fosse preferível, pois, uma vez que você é tão linda quanto elas, o senhor Bingley poderia escolhê-la.

– Lisonjeia-me. Fui bonita nos meus tempos, mas não tenho essa pretensão agora. Quando uma mulher se torna mãe de cinco filhas crescidas, ela tem que deixar de pensar na própria beleza.

– Em tais casos, é raro uma mulher ter alguma beleza em que pensar.

– Mas, meu caro, você precisa visitar o senhor Bingley assim que ele chegar.

– É coisa que não lhe garanto, aviso desde já.

– Considere ao menos a sorte de suas filhas. Você não pode deixar de ir! Pense só que belo partido não seria para uma delas. *Sir* William e lady Lucas vão dar as boas-vindas unicamente por esta razão, pois, como sabe, não é costume deles.

– Creio que o senhor Bingley terá todo o prazer em recebê-la. Vou aproveitar a oportunidade para lhe enviar, por seu intermédio, um bilhete em que garanto meu pleno consentimento quanto ao seu casamento com a minha filha que mais lhe agrada. Entretanto, não posso deixar de incluir uma palavrinha a favor da minha pequena Lizzy.

– Espero que não faça tal coisa. Lizzy não é melhor do que as outras. Não é nem mais bonita do que Jane, nem tão alegre quanto Lydia, apesar de você sempre lhe dar a preferência.

– Lizzy tem uma vivacidade que as irmãs não têm.

– Sr. Bennet, como pode insultar suas filhas dessa forma? Tem prazer em me irritar. Não tem pena dos meus pobres nervos.

– Está redondamente enganada, minha querida. Tenho o maior respeito pelos seus nervos. São meus velhos amigos. Ouço falar deles há pelo menos vinte anos.

– Ah! Não sabe o que eu sofro.

– Espero que se recupere e viva o suficiente para ver chegarem muitos jovens de 4 mil libras anuais aqui na vizinhança.

– Acontece que a chegada de vinte deles de nada serviria, uma vez que o senhor se recusaria a visitá-los.

– Minha querida, acredite: quando eles forem vinte, os visitarei a todos.

O senhor Bennet era uma mistura de petulância, sarcasmo, reserva e

capricho. A convivência de 23 anos ainda não fora suficiente para a mulher compreender o seu jeito. Por outro lado, a mentalidade dela era bem menos difícil de desvendar. Era de uma mulher de inteligência medíocre, cultura rudimentar e temperamento incerto. Quando irritada, procurava refúgio nos nervos. A principal ocupação da sua vida era casar as filhas, e o seu passatempo eram as visitas e os mexericos.

Capítulo 2

O senhor Bennet sempre pretendeu visitar o senhor Bingley, e foi um dos primeiros a ir conhecê-lo. Mas fez a mulher acreditar que não iria. Até a noite do próprio dia da visita ela não teve qualquer conhecimento do fato. Só soube quando o senhor Bennet, ao observar a segunda filha enfeitar um chapéu, de repente, disse:

– Espero que o senhor Bingley goste, Lizzy.

E a mãe dela rebateu, magoada:

– Não temos como saber se o senhor Bingley vai gostar ou não, uma vez que não podemos visitá-lo.

– Mas, mãe, lembre-se de que nós o encontraremos em reuniões e a senhora Long prometeu nos apresentar – comentou Lizzy.

– Não tenho nenhuma certeza de que a senhora Long faça tal coisa. Ela mesma tem duas sobrinhas. É uma mulher egoísta, hipócrita e não a tenho em grande estima.

– Nem eu – concordou o senhor Bennet –, e alegra-me saber que a senhora abre mão da ajuda dela.

A senhora Bennet não se dignou a lhe dar uma resposta. Mas, incapaz de se conter, começou a repreender uma das filhas.

– Pare com essa tosse, Kitty, pelo amor de Deus! Tenha um pouco de compaixão dos meus nervos.

– Kitty não sabe tossir com discrição – disse o pai. – Não tem controle da tosse.

– Não o faço por divertimento – replicou Kitty, impertinente.

– Quando é o seu próximo baile, Lizzy?

– Daqui a quinze dias.

– Ora, pois é! – exclamou sua mãe. – E a senhora Long só regressa na véspera. Sendo assim será impossível nos apresentar, pois nem ela o

conhece ainda.

– Nesse caso, minha querida, a vantagem será sua, e poderá apresentar o senhor Bingley à sua amiga.

– Impossível, senhor Bennet, impossível, pois eu mesma não tenho qualquer familiaridade com ele. Que gozador o senhor é!

– Fico honrado com tamanha descrição. Um conhecimento de quinze dias é, na verdade, insuficiente. Nada de concreto se pode saber sobre um homem ao fim desses quinze dias. Mas, se não nos arriscarmos, outros arriscarão, e a essa altura a senhora Long e as sobrinhas não terão mais que aguardar a sua oportunidade. Porém, como tal gesto seria por ela considerado um ato de bondade, caso você se negue a prestar-lhe esse serviço, eu me encarregarei dele.

Então as garotas olharam espantadas para o pai. A senhora Bennet apenas disse:

– Que disparate!

– Qual o sentido de exclamação tão enfática? Considera um disparate as formas de apresentação e a ênfase que se lhes é dada? Nisso não estou nada de acordo. Qual a sua opinião, Mary? Você, que é jovem sensata e perspicaz, que lê bons livros e deles extrai ensinamentos.

Mary quis dizer algo de relevante, mas não sabia como.

– Enquanto Mary põe as ideias em ordem – prosseguiu ele –, voltemos ao senhor Bingley.

– Estou farta do senhor Bingley! – exclamou a mulher.

– É consternado que a ouço fazer tal afirmação. Por que não me preveniu antes? Se soubesse disso esta manhã, não teria ido visitá-lo. Uma vez que a visita está feita, não podemos agora fugir de certa familiaridade.

O espanto provocado nas mulheres foi exatamente como ele quis, com o choque da esposa ultrapassando o das filhas. Apesar disso, passada a primeira efusão, a senhora Bennett declarou que dele não esperava outra coisa senão aquilo.

– Que bela atitude a sua, senhor Bennet. Mas eu sabia que acabaria convencendo-o. Tinha certeza de que o seu amor pelas pequenas não o deixaria indiferente. Oh, como estou contente! E que bela peça nos pregou ao ter ido lá esta manhã e guardado segredo.

– Agora, Kitty, fique à vontade para tossir o quanto quiser – disse o senhor Bennet.

Dito isto, abandonou a sala, cansado dos arrebatamentos de sua mulher.

– Que pai excelente vocês têm, meninas – comentou a senhora

Bennet quando a porta se fechou. – Não sei como algum dia vocês poderão retribuir tamanha gentileza; nem eu, neste caso. Eu lhes garanto que na nossa idade não é agradável estabelecer novos relacionamentos todos os dias, mas por vocês somos capazes de tudo. Lydia, querida, apesar de você ser a mais nova ousou dizer que o senhor Bingley a tirará para dançar no próximo baile.

– Oh! – exclamou Lydia decidida. – Não tenho medo, pois, apesar de ser a mais nova, sou a mais alta.

O resto do serão passou-se em conjecturas sobre quando o senhor

Bingley retribuiria a visita do senhor Bennet e quando deveriam convidá-lo para jantar.

Capítulo 3

Nem tudo aquilo que a senhora Bennet e suas cinco filhas puderam perguntar sobre o assunto foi o suficiente para arrancar do senhor Bennet qualquer informação interessante sobre o senhor Bingley. Elas o abordaram de diversas formas: com perguntas diretas, suposições engenhosas e conjecturas distantes; mas ele se esquivou de todas as perguntas e elas não tiveram outro remédio senão se contentar com as informações de segunda mão fornecidas pela vizinha, lady Lucas. O que ela contou foi altamente favorável. *Sir* William havia se encantado com o recém-chegado. Disse que ele era bastante jovem, de boa aparência e extremamente simpático. E, a melhor parte: ele tinha a intenção de aparecer no próximo baile, acompanhado de um numeroso grupo de amigos. Que coisa maravilhosa! Gostar de dançar era meio caminho andado para se apaixonar, e logo a senhora Bennet sentiu as esperanças no seu íntimo mais vívidas.

– Se uma das minhas filhas ficar instalada e feliz em Netherfield – disse a senhora Bennet para o marido – e todas as outras forem igualmente bem casadas, nada mais terei a desejar na vida.

Alguns dias depois, o senhor Bingley retribuiu a visita que lhe fora feita pelo senhor Bennet, e com ele conversou durante cerca de dez minutos no seu escritório. O jovem alimentara a esperança de ver as garotas de cuja

beleza tanto ouvira falar, mas apenas tinha visto o pai. Elas, porém, tiveram um pouco mais de sorte, pois do alto de uma janela puderam verificar que ele trajava um paletó azul e montava um cavalo preto.

Logo em seguida, lhe enviaram um convite para jantar, e a senhora Bennet já tinha planejado os pratos que dariam crédito aos seus dotes de boa dona de casa quando veio uma resposta que arruinou tudo. O senhor Bingley teria que estar na capital no dia seguinte, sendo então impossível aceitar a honra de tão amável convite. A senhora Bennet ficou bastante irritada. Não conseguia imaginar que espécie de negócios teria ele a tratar na capital após a chegada tão recente a Hertfordshire, e começou a recear que o senhor Bingley andasse num vaivém constante e não se instalasse de vez em Netherfield.

Lady Lucas aliviou-a um pouco desses receios, levando-a a supor que talvez ele tivesse ido a Londres para convocar o tal grupo numeroso para o baile. Em breve se espalhou a notícia de que o senhor Bingley traria consigo doze senhoras e sete cavalheiros. As garotas se afligiram com a quantidade de mulheres, mas logo sossegaram quando souberam que, em vez de doze, ele apenas trouxera de Londres seis pessoas: as cinco irmãs e um primo. E, quando o grupo entrou no salão, eram cinco ao todo: o senhor Bingley, as duas irmãs, o marido da mais velha e outro jovem.

O senhor Bingley era um homem belo e distinto. De semblante agradável, possuía modos delicados e simples. As irmãs eram igualmente bonitas, com um ar decididamente elegante. O cunhado, o senhor Hurst, não passava de um homem vulgar, mas o senhor Darcy, o amigo, logo chamou a atenção do salão pela sua alta e elegante estatura, os traços bonitos e o porte desenvolto.

Cinco minutos após a sua entrada, correu o rumor de que o senhor Darcy tinha rendimentos no valor de 10 mil libras anuais. Os cavalheiros o consideraram um belo tipo de homem, as senhoras declararam que ele era bem mais formoso do que o senhor Bingley, e o senhor Darcy foi longamente admirado, até seus modos deixarem transparecer uma chatice que muito afetou a sua popularidade. A partir desse momento, o consideraram orgulhoso e presunçoso, longe de se mostrar divertido. Nem suas extensas propriedades em Derbyshire impediram que as pessoas o julgassem dono de uma expressão sinistra e desagradável, e indigno de comparação com o amigo.

O senhor Bingley logo tinha falado com todas as principais pessoas na

sala. Alegre e animado, dançou todas as danças, lamentou o fato de o baile terminar tão cedo e falou em organizar um em Netherfield. Tais qualidades bastam. E que contraste entre ele e o amigo! O senhor Darcy dançou apenas uma vez com a senhora Hurst e outra com a senhorita Bingley. Não quis ser apresentado a nenhuma outra jovem e passou o resto da noite passeando pelo salão, conversando ocasionalmente com um ou outro membro do seu grupo. Seu caráter estava firmado. Era o homem mais orgulhoso e desagradável do mundo, e todos esperavam que ele não mais voltasse ao seu convívio.

Entre as pessoas mais contrárias a ele, figurava a senhora Bennet, cujo desgosto pelo comportamento do senhor Darcy foi intensificado pelo ressentimento de ele ter desdenhado de uma de suas filhas.

Graças à escassez de cavalheiros, Elizabeth Bennet fora obrigada a permanecer sentada por duas danças. Mas numa altura em que o senhor Darcy estava perto dela, teve a oportunidade de ouvir a conversa que se seguiu entre ele e o senhor Bingley:

– Darcy, quero que venha dançar. Detesto vê-lo por aí sozinho. Seria melhor se dançasse.

– De modo algum. Você sabe como eu detesto dançar, a não ser que eu conheça bem o meu par. Em uma festa como esta, seria insuportável. Suas irmãs estão ocupadas e não existe outra mulher na sala com quem eu dançaria sem sacrifício.

– Eu nunca exigiria isso – exclamou Bingley. – Juro, nunca encontrei tantas garotas interessantes na minha vida... E você está vendo que algumas são excepcionalmente bonitas!

– Você está dançando com a única garota bonita da sala – disse o senhor Darcy olhando para a mais velha das irmãs Bennets.

– Oh! Ela é a criatura mais bela que eu já vi! Mas há uma irmã dela sentada bem atrás de você e que, além de muito bonita, me parece bastante simpática. Deixe que o meu par lhe apresente.

– Quem? – e, voltando-se, olhou demoradamente para Elizabeth, até que esta, devolvendo-lhe o olhar, o fez desviar o seu, e declarou com frieza:

– É razoável, mas não suficientemente bonita para me tentar. Aliás, no momento não tenho disposição para consolar as jovens que outros desdenharam. Vá você para junto do seu par e desfrute os sorrisos. Não perca tempo comigo.

O senhor Bingley seguiu o conselho do amigo, e o senhor Darcy se

afastou, causando uma impressão pouco favorável em Elizabeth.

De um modo geral, a noite decorreu de forma agradável para toda a família. A senhora Bennet viu com satisfação a filha mais velha ser muito apreciada pelo grupo de Netherfield. O senhor Bingley dançou com ela duas vezes, e as duas mulheres a cercaram de atenções. Foi, portanto, com ótima disposição de espírito que tomaram o caminho de volta a Longbourn, a vila em que viviam e da qual eram os principais habitantes.

Na hora em que chegaram, o senhor Bennet ainda estava acordado. Quando estava mergulhado na leitura de um livro, perdia a noção do tempo. Naquela ocasião específica, ansiava pelo relato da noite que causara tão grandes expectativas. Esperava, contudo, que os planos arquitetados por sua mulher em relação àquele desconhecido caíssem por terra. Mas logo descobriu que a história que ouviria seria bem diferente. Mal entrou na sala, ela disse:

– Tivemos uma noite encantadora, e o baile foi magnífico, meu caro! Adoraria que tivesse ido. Jane foi tão admirada que nem pode imaginar. Todos falavam nela, e o próprio senhor Bingley a achou muito atraente e dançou com ela duas vezes! Imagine, meu caro, por duas vezes dançou com a nossa Jane! E ela foi a única moça na sala a quem ele pediu uma segunda dança. Primeiro, convidou a senhorita Lucas, o que me contrariou bastante, mas não pareceu muito animado, como é compreensível, pois ela não anima ninguém. Em contrapartida, ficou logo impressionado com Jane. Tratou imediatamente de saber quem ela era. Em seguida, dançou com a senhorita King, e, depois, com Maria Lucas. A quinta dança foi de novo com a Jane, e a sexta, com a Lizzy e a Boulanger...

– Se ele tivesse dó de mim – reclamou o marido, impaciente –, não teria dançado nem metade do que dançou! Pelo amor de Deus, acabe com

a numeração dos pares dele. Antes ele tivesse torcido um pé logo na primeira dança!

– Estou positivamente encantada com ele, meu querido! É tão belo rapaz! E as irmãs são pessoas encantadoras. Seus vestidos eram de uma elegância que eu nunca vi igual. E o galão do vestido da senhora Hurst...

E, aqui, foi de novo interrompida, pois o senhor Bennet recusava-se a ouvir qualquer descrição sobre as roupas. Ela foi obrigada a procurar outro tema para a conversa, e passou a relatar, com uma forte dose de azedume e certo exagero, a chocante insolência do senhor Darcy:

– Mas também lhe asseguro que Lizzy nada perde por não satisfazê-lo, pois ele é uma criatura desagradável e horrível, com quem não vale a pena perder seu tempo. Que arrogância e presunção! Não fez mais do que passear de um lado para outro na sala, dando ares de grande importância! Não é simpático o bastante para que se tenha prazer em dançar com ele. Queria que você estivesse lá e lhe desse uma das suas respostas. Não suporto aquele homem.

Capítulo 4

Assim que Jane e Elizabeth ficaram a sós, Jane se abriu com a irmã e lhe confessou que admirava o senhor Bingley.

– Ele é exatamente como um rapaz deve ser: sensato, bem-disposto e animado. E que modos! Tão simples e revelando uma boa educação a toda prova.

– E é bonito – replicou Elizabeth –, o que também é importante para qualquer rapaz que se preza.

– Fiquei muito lisonjeada quando veio me chamar para dançar pela segunda vez.

– Não esperava? Eu esperei por você. Mas é essa uma das diferenças entre nós. Os elogios sempre pegam você de surpresa, mas isso nunca acontece comigo. Bom, ele é mesmo simpático, e dou licença para gostar dele. Já gostou de tanta gente estúpida!

– Lizzy!

– Oh, sabe? O que você tem é uma enorme capacidade para gostar das pessoas em geral. Nunca vê mal em ninguém. Acha todo mundo bom e agradável. Nunca na minha vida a ouvi criticar um ser humano.

– É que procuro sempre não me precipitar no juízo que faço das outras pessoas, mas sempre digo o que penso.

– Isso eu sei, e é isso o que me espanta. Que, com o seu bom senso, possa ser tão cega para os defeitos e asneiras dos outros! Ser pura, sem qualquer espécie de ostentação ou fim em vista; aproveitar o que há de bom numa pessoa e torná-lo ainda melhor, sem nada dizer sobre o mal; só você é capaz. Sendo assim, também gostou das irmãs dele, não? Na maneira de ser se parecem pouco com ele.

– Tem razão, mas só no começo. Quando se inicia uma conversa,

tornam-se bastante agradáveis. A senhorita Bingley vem viver com o irmão e cuidará da casa. Se eu não estiver equivocada, vamos ter uma vizinha encantadora.

Lizzy escutou em silêncio, mas não ficou convencida. A atitude delas no baile não correspondia exatamente àquela que seria de se esperar de alguém que desejasse agradar. Dotada de um sentido de observação mais apurado e de um temperamento menos dócil do que a irmã, além de um espírito crítico impessoal demais para se deixar arrastar por simpatias, Elizabeth sentia-se pouco disposta a acolhê-las de braços abertos.

Eram pessoas delicadas, divertidas e dotadas de vivacidade. Pareciam agradáveis quando queriam, mas eram orgulhosas e presunçosas. O fato de pertencerem a uma respeitável família do Norte da Inglaterra ocorria-lhes mais frequentemente à memória do que o fato de terem enriquecido por meio do comércio.

O senhor Bingley herdara do pai bens no valor de 100 mil libras, com os quais tinha intenção de comprar uma propriedade, mas não vivera o suficiente para concretizar o plano. O filho comungava da mesma ideia, e por várias vezes escolhera um lugar, mas, estava no momento provido de uma boa casa e gozando da liberdade de fazer o que melhor lhe aprouvesse. Havia quem, entre os mais familiarizados com a brandura do seu caráter, não duvidasse de que ele acabaria o resto dos seus dias em Netherfield, deixando a aquisição da propriedade ao cuidado da geração seguinte.

Suas irmãs desejavam muito que ele se tornasse logo dono de propriedades imensas. Mas, embora agora ele não passasse de um simples locatário, a senhorita Bingley estava mais do que disposta a presidir à sua mesa, e a senhora Hurst, que se casara mais pela posição social do que pela fortuna do marido, estava disposta, sempre que isso lhe conviesse, a considerar como sua a casa do irmão.

Ainda não completara dois anos que o senhor Bingley alcançara a maioridade quando, por recomendação casual, se sentiu tentado a visitar a casa de Netherfield. Uma vez no local, observou a fachada, percorreu os interiores. Agradou-lhe a situação e as salas principais. Ficou satisfeito com as vantagens apontadas pelo proprietário, e imediatamente se decidiu.

Mesmo com personalidades completamente opostas, ele tinha uma sólida amizade com Darcy. Bingley cativava Darcy com sua personalidade branda, franca e doce. Bingley tinha uma confiança inabalável na estima

de Darcy, e do seu juízo tinha a mais elevada opinião. Darcy o superava em inteligência. Bingley não chegava a ser bobo, mas Darcy era esperto. Era ao mesmo tempo arrogante, retraído e difícil de contentar, e seus modos, apesar de delicados, não eram atraentes. Neste aspecto, o amigo o superava. Bingley, onde quer que aparecesse, tinha a certeza de agradar, enquanto Darcy estava sempre ofendendo alguém.

No clube de Meryton, cada um dava a sua versão do baile. Bingley nunca encontrara pessoas tão agradáveis nem garotas mais bonitas. Todos tinham sido de uma bondade e atenção extremas com ele, e se sentiu familiarizado com toda a sala. Quanto à senhorita Bennet, não concebia anjo mais belo. Darcy, pelo contrário, apenas vira um grupo de gente de pouca beleza e elegância nula. Não sentiu o menor interesse por ninguém, tampouco recebeu atenção ou teve prazer. Reconheceu a beleza da senhorita Bennet, mas achou que ela sorria demais.

A senhora Hurst e a irmã do senhor Bingley concordaram com ele quanto a esse detalhe, não deixando, no entanto, de admirá-la e de simpatizar com ela. Consideram-na um amor de garota, com a qual não se importariam de conviver mais. Diante disso, o irmão sentiu-se autorizado a pensar nela como bem entendesse.

Capítulo 5

Perto de Longbourn vivia uma família da qual os Bennets eram particularmente íntimos. *Sir* William Lucas fora outrora comerciante em Meryton, onde fizera uma fortuna razoável e recebera título de cavaleiro, graças a um discurso que proferiu ao rei quando foi prefeito. O título o impressionou demais. Perdeu o gosto pelo negócio e pela sua residência na pequena vila de passagem. Abandonou ambos e se mudou com a família para uma casa a um quilômetro e meio de distância de Meryton, onde poderia entregar-se ao pleno gozo da sua importância. Livre dos negócios, ocupava-se unicamente em ser delicado com as pessoas. Mesmo maravilhado com sua nova condição, não se tornou altivo. Ao contrário, se desmanchava em atenções com todo mundo. Inofensivo, amistoso e prestativo, sua apresentação em St. James tornara-o cortês.

Mesmo sendo uma boa mulher, lady Lucas não era suficientemente esperta para se tornar uma vizinha preciosa para a senhora Bennet. Tinham

vários filhos. A mais velha, uma garota sensata e inteligente de 27 anos de idade, era amiga íntima de Elizabeth.

Que as garotas Lucas e Bennet se reunissem para falar sobre o baile era absolutamente indispensável. Logo na manhã seguinte, as primeiras apareceram em Longbourn para ouvir e contar.

– *Você* começou bem a noite, Charlotte – disse a senhora Bennet para a senhorita Lucas. – *Você* foi a primeira que o senhor Bingley escolheu.

– Sim, mas tudo indica que lhe agradou mais a segunda.

– Oh, fala da Jane, suponho eu, por ele ter dançado duas vezes com ela. Talvez este seja um sinal de que ela lhe agradou. Contaram algo a esse respeito, mas não me recordo bem, algo a ver com o senhor Robinson.

– A senhora se refere talvez à conversa que ouvi entre ele e o senhor Robinson? O senhor Robinson lhe perguntou qual a opinião dele sobre as nossas festas em Meryton, se não achava que havia grande número

de garotas bonitas na sala, e qual delas ele considerava a mais bonita. Ele imediatamente respondeu: “Oh, a mais velha das senhoritas Bennet, sem sombra de dúvidas. Não existem duas opiniões sobre tal assunto”.

– Palavra de honra! Bom, foi bastante categórico, na verdade... quase como se..., mas pode não levar a nada, sabe-se lá.

– As *minhas* bisbilhotices foram mais certeiras do que as suas, Eliza – afirmou Charlotte. – Ouvir o senhor Darcy não é tão agradável quanto ouvir o amigo dele, não acha? Pobre Eliza, não passar de “razoável”!

– Agradeço se não enfiar na cabeça de Lizzy a ideia de se sentir incomodada pela falta de tato dele, pois ele é uma pessoa tão desagradável que seria uma infelicidade cair nas boas graças dele. A senhora Long me contou que ele ontem à noite esteve sentado ao lado dela por meia hora sem nunca despregar os lábios.

– Tem certeza, mãe? Não haverá um pequeno engano? – quis saber Jane. – Seria capaz de jurar que vi o senhor Darcy falar com ela.

– Sim, mas foi porque ela acabou por lhe perguntar se gostava de Netherfield, e ele não tinha como deixar de responder. Mas ela achou que ele ficou aborrecido por lhe dirigir a palavra.

– A senhorita Bingley me contou que ele não é de muitas falas, a não ser que se encontre no meio de gente muito íntima. Nessas ocasiões, ele torna-se extremamente agradável – informou Jane.

– Não acredito em nada disso, minha querida. Se ele fosse uma pessoa

simpática, teria conversado com a senhora Long. Mas eu suspeito de uma razão para sua atitude. Todos dizem que ele é um poço de orgulho, e quase juraria que ele ficou sabendo que a senhora Long não tem carruagem própria e foi ao baile numa alugada.

– Pouco me importa se ele conversou ou não com a senhora Long

– disse a senhorita Lucas –, mas gostaria que ele tivesse dançado com a Eliza.

– Da próxima vez, Lizzy – disse-lhe a mãe –, se fosse você, não dançava com ele.

– Pode ter a certeza, mãe, que nunca dançarei com ele.

– O orgulho dele – disse a senhorita Lucas – não me indigna tanto quanto qualquer outro orgulho o faria, pois ele é, de certo modo, desculpável. Não admira que homem tão belo, de ótima família, rico e com tudo a seu favor tenha um elevado conceito de si próprio. Se é que posso me expressar assim, ele tem o direito de se sentir orgulhoso.

– Tem toda a razão no que diz, e eu seria a primeira a fechar os olhos ao seu orgulho, se ele não tivesse ferido o meu – replicou Elizabeth.

– O orgulho – observou Mary, que se vangloriava da solidez das suas reflexões – é um defeito muito vulgar, creio eu. Depois de tudo o que li, estou convencida de que são raros aqueles entre nós que não nutrem um sentimento de autocomplacência baseado em uma ou em outra qualidade, real ou imaginária. Vaidade e orgulho são coisas diferentes. É possível sentir orgulho sem ser vaidoso. O orgulho diz respeito mais à opinião que temos de nós próprios, enquanto a vaidade, ao que queremos que os outros pensem de nós.

– Se eu fosse tão rico quanto o senhor Darcy – exclamou o jovem Lucas, que acompanhara as irmãs –, não me importava com o meu orgulho. Teria uma matilha de cães de caça e beberia uma garrafa de vinho todos os dias.

– Assim, você beberia mais do que deve – disse a senhora Bennet. – E eu lhe arrancaria a garrafa das mãos.

O rapaz garantiu que ela não se atreveria. Ela continuou dizendo que o faria, e a discussão só acabou com o término da visita.

Capítulo 6

As garotas de Longbourn em breve receberam as de Netherfield, e depois lhes retribuíram a visita. A afabilidade da senhorita Bennet continuava cativando tanto a senhora Hurst quanto a senhorita Bingley, e, embora rotulassem a mãe de insuportável e as irmãs mais novas de indignas de menção, expressavam o desejo de conhecer mais a fundo as duas mais velhas. Jane ficou bem sensibilizada, mas Elizabeth decididamente não simpatizava com elas. A consideração por Jane, se é que era consideração, só valia enquanto inspirada pela admiração do irmão. Este, na verdade, não escondia quanto a admirava. Mas Elizabeth também via como a irmã cedia à preferência que no seu espírito alimentara desde o primeiro dia em que o vira, caminhando a passos largos para o amor. Contudo, era com prazer que considerava a impossibilidade de tal fato se tornar de domínio público, uma vez que Jane nunca permitiria qualquer suspeita impertinente. E compartilhou o fato com a senhorita Lucas.

– Talvez seja agradável para uma pessoa – replicou Charlotte – ser capaz de, em tais casos, iludir a opinião pública. Mas essa mesma reserva pode se tornar uma desvantagem. Se uma mulher é igualmente hábil em esconder sua afeição do objeto que a motiva, ela se arrisca a perder a oportunidade de cativá-lo, e de nada adiantará manter os outros na mesma ignorância. Em nove entre dez casos, seria preferível uma mulher mostrar mais afeição do que realmente sente. Bingley gosta da sua irmã, mas pode não ir mais além, se ela não lhe der um sinal.

– Mas ela o faz, tanto quanto sua natureza permite. Se até eu vislumbro os sentimentos que Jane nutre por ele, ele é um tolo se não os percebe.

– Ele não conhece tão bem quanto você a natureza de Jane.

– Mas se uma mulher gosta de um homem e não faz nada para esconder, ele vai acabar descobrindo.

– Talvez isso seja verdade, se ele estiver junto dela o suficiente. Ora, embora Bingley e Jane se encontrem com frequência, nunca é por muito tempo. E, como quando se veem é sempre perto de muita gente, fica impossível aproveitar todos os momentos para conversarem um com o outro. Jane deveria, assim, desfrutar ao máximo a escassa meia hora em que detém a atenção dele. Quando finalmente estiver segura do amor dele, pode se apaixonar como bem entender.

– Tudo isso está muito certo – replicou Elizabeth – para aqueles casos em que o que prevalece é o desejo de se casar bem. Se um dia eu resolver arrumar um marido rico, ou simplesmente um marido, creio que adotarei

seu sistema. Mas não é este o caso de Jane; ela não persegue um objetivo. No ponto em que as coisas estão, ela não pode nem sequer estar certa da natureza dos próprios sentimentos, quanto mais da sua sensatez. Conheceu-o há apenas quinze dias. Dançou duas vezes com ele em Meryton, viu-o uma manhã na casa dele, e desde então jantou quatro vezes em sua companhia. Como pode ver, não é o suficiente para ela se familiarizar com o jeito de ser dele.

– Claro que não, do modo como você conta. Se ela tivesse se limitado a jantar com ele... mas passaram muitas horas juntos em quatro ocasiões.

– Sim, essas quatro noites mostraram que ambos gostam mais de vinte e um do que de outro jogo, mas não creio que tenha servido para muito além disso.

– Bom – disse Charlotte –, de coração desejo boa sorte para Jane. Se ela se casar com ele amanhã, eu diria que a possibilidade de ser feliz é tão grande quanto se tivessem passado um ano se conhecendo melhor. A felicidade no casamento é uma questão de sorte. Por mais profundos que sejam o conhecimento mútuo ou a identidade entre as partes interessadas antes do enlace, esses fatores em nada contribuem para a felicidade. Quanto menos conhecer os defeitos daquele com quem se vai passar o resto da vida, melhor será.

– Você me diverte, Charlotte, mas isso não faz o menor sentido. Você mesma não agiria assim.

Ocupada em observar a atenção que o senhor Bingley concedia à sua irmã, Elizabeth estava longe de suspeitar que ela própria se tornara objeto de certo interesse aos olhos do senhor Darcy. Ele, a princípio, lhe admitira uma certa beleza quase com relutância. No baile, olhara para ela sem admiração, e, na vez seguinte, olhou-a apenas para criticá-la. Porém, ainda mal ele se certificara da quase inexistência de um traço bonito naquele rosto quando começou a achá-la especialmente inteligente pela bonita expressão de seus olhos pretos. A esta descoberta sucederam-se outras igualmente desconcertantes. Embora seu olhar crítico tivesse detectado mais de

uma falha de simetria perfeita na forma do corpo dela, admitia que era uma figura graciosa e agradável. Apesar de considerar os modos de Elizabeth muito aquém dos do mundo elegante, cativaram-no pela sua graciosidade simples. Ela não dava conta de nada disso. Para ela, ele não

passava de um homem antipático, que não a achara suficientemente atraente para dançar.

O senhor Darcy começou a sentir o desejo de conhecê-la melhor, e, como primeiro passo para conversar com Elizabeth, passou a assistir às conversas dela com os outros. Tal atitude chamou a atenção de Elizabeth quando se encontravam na casa de *sir* William Lucas, onde se reunia um numeroso grupo de pessoas.

– Que pretenderá o senhor Darcy ao escutar minha conversa com o coronel Forster?

– É essa uma pergunta que só o senhor Darcy poderá responder.

– Mas, se ele tornar a fazê-lo, garanto que lhe direi na cara que sei bem o que pretende. Ele tem uma maneira de olhar bastante irônica. Se eu não lhe mostrar minha insolência, em breve ficarei aterrorizada por ele.

Como nesse preciso momento o senhor Darcy se encaminhava em direção a elas, a senhorita Lucas, embora sem mostrar qualquer intenção de abrir a boca, incitou a amiga a falar no assunto. Elizabeth, sentindo a provocação, se voltou para ele e disse:

– Não acha, senhor Darcy, que me exprimi especialmente bem quando, há pouco, atormentava o coronel Forster para organizar um baile em Meryton?

– Com grande energia, mas esse é um assunto que torna qualquer senhora enérgica.

– O senhor é severo conosco.

– Em breve *ela* será a atormentada da vez – disse a senhorita Lucas.

– Vou abrir o piano, Eliza, e sabe perfeitamente o que se segue.

– É uma estranha criatura para se ser amiga! Está sempre me fazendo tocar e cantar na frente de todos e de qualquer um! Se minha vaidade fosse voltada para a música, seria inestimável, mas, como não é o caso, preferia não me apresentar perante aqueles que devem estar habituados a artistas consagrados.

Contudo, como a senhorita Lucas insistisse, Elizabeth acrescentou:

– Muito bem, se assim tem de ser, que o seja – falou, e olhou com um ar sério para o senhor Darcy. – Há um velho ditado que todos nós conhecemos que diz: “Guarde o seu fôlego para resfriar o caldo”, e eu guardarei o meu para entoar minha canção.

A atuação de Elizabeth foi agradável, embora de modo algum excelente.

Depois de uma canção ou duas, e antes que pudesse responder à insistência das várias pessoas para ela cantar de novo, o lugar ao piano foi avidamente ocupado por sua irmã Mary, que, em consequência da sua feiura, se aplicara na aquisição de conhecimentos e dotes, vivendo na ânsia constante de exhibi-los.

Faltava talento a Mary, que tampouco tinha bom gosto. E embora a vaidade a tivesse tornado aplicada, emprestara-lhe também certo ar de superioridade e afetação nos modos que por si só prejudicaria um grau de perfeição mais elevado do que o que ela atingira. Elizabeth, que não tocava tanto quanto a irmã, prendera muito mais a atenção. Mary, após um longo concerto, para compensar o elogio e a gratidão, tocou árias escocesas e irlandesas alegremente, a pedido das irmãs mais novas, que, com algumas das senhoritas Lucas e assistidas por dois ou três militares, formaram um pequeno grupo de dança numa das extremidades do salão.

O senhor Darcy estava por perto, criticando intimamente tal modo de passar a noite, em detrimento de toda e qualquer espécie de conversa. Estava tão mergulhado em seus pensamentos que não percebeu quando *sir* William Lucas se aproximou, senão quando este lhe disse:

– Considero a dança um dos principais requintes das sociedades cultas. Que encantador divertimento para os jovens, senhor Darcy!

– Perfeitamente de acordo, meu senhor; e tem também a vantagem de ser popular entre as sociedades menos cultas do mundo. Qualquer selvagem sabe dançar.

Sir William apenas sorriu.

– Seu amigo dança maravilhosamente – continuou ele após uma pausa, ao ver Bingley juntar-se ao grupo –, e não duvido que até o senhor seja um adepto de tal arte, senhor Darcy.

– Viu-me dançar em Meryton, creio eu.

– Sim, e o fiz com certo prazer. Dança com frequência em St. James?

– Nunca, meu senhor.

– Não acha que seria um ato lisonjeador para com tal local?

– É esse um lisonjeio que, sempre que posso, evito fazer a um local, seja ele qual for.

– Tem uma casa na capital, presumo?

O senhor Darcy se curvou em sinal de assentimento.

– Tive certa vez a intenção de me estabelecer na capital, pois tenho uma predileção pela alta sociedade, mas não tinha a certeza de que lady Lucas

se daria bem com os ares de Londres – explicou *sir* William.

Fez uma pausa, na esperança de uma resposta, mas seu interlocutor não estava disposto a dá-la. Como nesse momento Elizabeth passava por eles, ocorreu-lhe de súbito a ideia de um gesto deveras galanteador, e chamou-a:

– Querida senhorita Eliza, por que não dança? Senhor Darcy, permita-me que lhe apresente esta jovem como um par desejável. Não se recusará a dançar, creio eu, perante tanta beleza.

Pegando na mão dela, deu-a ao senhor Darcy, que, apesar de extremamente surpreso, fez menção de tocá-la, quando Elizabeth a retirou no mesmo instante e, numa certa agitação, disse para *sir* William:

– Por Deus, meu caro senhor, não tenho qualquer intenção de dançar. Peço-lhe que não pense que passei por aqui apenas em busca de um par.

O senhor Darcy, compenetrado e correto, pediu-lhe que lhe desse a honra de dançar, mas foi em vão. Elizabeth estava decidida, e nem mesmo *sir* William conseguiu persuadi-la.

– Tem uma maneira tão bonita de dançar, senhorita Eliza, que é cruel da sua parte negar-me a felicidade de apreciá-la. Embora este cavalheiro, de um modo geral, despreze tal divertimento, tenho a certeza de que não se oporá a entreter-nos durante uma escassa meia hora.

– O senhor Darcy é de uma delicadeza sem limites – concluiu Elizabeth, sorrindo.

– Ele de fato é, mas, tendo em vista o incentivo, querida senhorita Eliza, não podemos nos espantar com sua complacência; afinal, quem se oporia a tal par?

Elizabeth lançou-lhe um olhar malicioso e se afastou. Sua resistência não feriu o cavalheiro. Ele estava pensando nela quando foi abordado pela senhorita Bingley.

– Acho que sei qual o assunto de meditação tão profunda.

– Creio que não.

– Estava pensando que insuportável seria ter de passar mais de uma noite assim... com tal gente; e, na verdade, estou plenamente de acordo com você. Nunca me senti tão aborrecida! A insipidez, e, não obstante, a algazarra: a nulidade, e, não obstante, a presunção de toda essa gente! O que eu não daria para ouvi-lo censurá-los.

– Está redondamente enganada. Pensava em coisas bem mais agradáveis. Meditava, por exemplo, no imenso prazer que um par de lindos olhos no

rosto de uma mulher bonita podem conceder.

A senhorita Bingley, imediatamente fixando os olhos no rosto dele, desejou saber a que senhora se devia a honra de lhe inspirar tais reflexões. O senhor Darcy, intrépido, replicou:

– A senhorita Elizabeth Bennet!

– A senhorita Elizabeth Bennet? – repetiu a senhorita Bingley. – Estou deveras espantada. Desde quando ela ocupa o lugar de favorita? E, diga-me, quando devo felicitá-lo?

– Era exatamente a pergunta que esperava que me fizesse. A imaginação de uma senhora é de uma rapidez fantástica. Em um instante salta de admiração para amor e de amor para matrimônio. Sabia que faria a gracinha de me felicitar.

– Bom, se é com tal seriedade que encara o assunto, o considere definitivamente resolvido. Terá, na verdade, uma sogra encantadora, e, naturalmente, ela passará a vida em Pemberley.

Ele escutou-a com tal indiferença durante tanto tempo quanto ela quis alongar-se sobre o assunto. Como essa sua tranquilidade a convencesse de que nada estava perdido, a senhorita Bingley deu livre curso à sua ironia.

Capítulo 7

O senhor Bennet tinha uma propriedade que lhe propiciava uma renda de duas mil libras anuais e que, infelizmente para suas filhas, na falta de um herdeiro varão, estava destinado a ir parar nas mãos de um parente distante.

A fortuna da mãe delas, embora suficiente para a sua situação de vida, nunca seria uma substituta conveniente para a falta de renda do pai. O pai da senhora Bennet, que atuara como advogado em Meryton, deixara-lhe quatro mil libras. Ela tinha uma irmã casada com um tal senhor Philips, antigo secretário de seu pai, e que lhe sucedera nas funções, e um irmão estabelecido em Londres num respeitável ramo de atividade comercial.

Longbourn ficava a apenas um quilômetro e meio de Meryton, uma distância perfeitamente adequada para as garotas, que em geral tentavam transpô-la três ou quatro vezes por semana, quer para visitar a tia, quer para passar pela loja de chapéus, precisamente do outro lado da rua. As duas mais jovens, Catherine e Lydia, eram as mais dadas a este gênero de

atenções. Mais fúteis do que as irmãs, quando nada tinham com que se ocupar, uma ida a Meryton preenchia-lhes a manhã e fornecia-lhes conversa para o serão. Por muito pouco fértil que a região fosse em novidades, elas sempre arranjavam uma maneira de saber alguma por meio da tia. Naquela data encontravam-se, aliás, bem fornecidas, tanto de novidades quanto de uma alegria esfuziante, graças à chegada recente de um regimento militar. O regimento deveria permanecer em Meryton todo o inverno, e ali estabeleceria seu quartel-general.

As visitas à senhora Philips redundavam agora numa superabundância de informações das mais interessantes. Cada dia acrescentava algo de novo ao seu conhecimento dos nomes dos oficiais militares e de suas relações. Seus alojamentos já não eram segredo, e elas acabaram por travar conhecimento com os próprios oficiais. O senhor Philips visitara todos, e deste modo abriu às suas sobrinhas o caminho para uma felicidade desconhecida até então. Não falavam de outra coisa senão dos oficiais. A fortuna do senhor Bingley, cuja simples alusão animava sua mãe, nada era para Catherine e Lydia quando comparada àqueles belos uniformes.

Uma manhã, após ter escutado as efusões das filhas sobre o assunto, o senhor Bennet, friamente, observou:

– Pelo que concluo da conversa, vocês devem ser as duas garotas mais tolas do país. De algum tempo para cá que já suspeitava disso, mas agora estou plenamente convencido.

Catherine ficou embaraçada e não respondeu, mas Lydia, com perfeita indiferença, continuou demonstrando sua admiração pelo capitão Carter e a esperança de ainda vê-lo naquele dia, pois na manhã seguinte ele partiria para Londres.

– Surpreende-me, meu caro – disse a senhora Bennet –, a prontidão com que chama de tolas as nossas filhas. Se eu desejasse criticar os filhos de alguém, não escolheria os meus.

– Se minhas filhas são tolas, espero nunca me enganar a este respeito.

– Sim, mas acontece que elas até são todas muito espertas.

– É esse o único ponto de que me gabo de discordar. Sempre tive a esperança de que nossas opiniões fossem ao encontro uma da outra, mas devo diferir de você o bastante para considerar nossas duas filhas mais novas muito tolas.

– Meu caro senhor Bennet, o senhor não pode esperar que garotas como elas tenham o bom senso dos pais. Quando atingirem a nossa idade, creio

que pensarão tanto em oficiais quanto nós hoje em dia o fazemos. Recordo-me bem do tempo em que eu também estremecia perante um belo uniforme... e, na verdade, ainda hoje os admiro. Se um jovem e brilhante coronel, com rendimentos superiores a cinco ou seis mil libras, se interessasse por alguma das minhas filhas, não lhe diria que não. Aliás, no outro dia, na casa do *sir* William, achei o coronel Forster muito elegante de uniforme.

– Mãezinha! – exclamou Lydia. – A tia contou que o coronel Forster e o capitão Carter já não visitam a senhorita Watson com tanta frequência. Ultimamente têm sido vistos na biblioteca Clark.

A senhora Bennet foi impedida de responder pela entrada de um criado com um bilhete para a senhorita Bennet. Vinha de Netherfield, e o criado aguardava uma resposta. Os olhos da senhora Bennet brilharam de prazer, e, ansiosa, implorava, enquanto a filha lia:

– Então, Jane, de quem é? De que se trata? Que diz ele? Então, Jane, conte logo!

– É da senhorita Bingley – disse Jane, e passou a ler em voz alta:

Minha querida amiga,

Se não vier para cá jantar comigo e com Louisa, correremos o risco de nos detestarmos pelo resto de nossas vidas, pois um tête-à-tête de um dia inteiro entre duas mulheres nunca acaba sem uma discussão. Venha assim que puder. Meu irmão e os outros senhores vão jantar com os oficiais.

Sempre sua,

Caroline Bingley

– Com os oficiais! – exclamou Lydia. – Espanta-me que a tia nada nos tenha dito.

– Jantam fora, que pouca sorte – disse a senhora Bennet.

– Posso levar a carruagem? – perguntou Jane.

– Não, minha querida, é melhor ir a cavalo, pois parece que vai chover; e a esta hora, terá de passar a noite lá.

– Esse seria um bom ardil – comentou Elizabeth –, se eles não se oferecessem para acompanhá-la na volta.

– Oh, mas acontece que os cavalheiros precisam da carruagem do senhor Bingley para ir a Meryton, e os Hurst não têm cavalos próprios.

– Eu preferiria ir de carruagem.

– Estou certa de que seu pai não poderá dispensar os cavalos, minha querida. Eles são necessários na fazenda, não é verdade, senhor Bennet?

– Eles são necessários na fazenda com mais frequência do que os tenho ao meu dispor.

– Mas, se exatamente hoje dispuser deles – disse Elizabeth –, o pai irá ao encontro dos desejos da mãe.

Assim, ela conseguiu do pai a confirmação de que os cavalos da carruagem não estavam livres. Jane viu-se deste modo obrigada a ir cavalgando, e a mãe acompanhou-a à porta com muitos e animados prognósticos de um mau tempo. Suas preces foram realizadas, e não havia muito que Jane os deixara quando desabou uma chuva torrencial. As irmãs ficaram um tanto preocupadas, mas a mãe regozijava. A chuva continuou noite adentro, sem parar. Jane não poderia regressar.

– Foi uma ótima ideia a que eu tive, não? – indagou a senhora Bennet mais de uma vez, como se ela fosse responsável pela chuva.

Só na manhã seguinte, contudo, ela se inteirou do êxito completo do seu estratagema. Terminavam o café da manhã quando um criado de Netherfield chegou com o seguinte bilhete para Elizabeth:

Minha querida Lizzy,

Não me sinto nada bem esta manhã, o que, suponho eu, se deve atribuir à chuva que apanhei ontem. Minhas bondosas amigas não querem ouvir-me falar em regressar à casa senão quando me sentir completamente restabelecida. Insistem também para que o senhor Jones me examine. Por isso, não se assustem se ouvirem dizer que ele foi chamado por minha causa. Fora a garganta inflamada e uma dor de cabeça, nada mais há que ofereça motivos de preocupação.

A tua, etc.

– Então, minha querida – disse o senhor Bennet quando Elizabeth terminou a leitura do bilhete –, se sua filha tombasse gravemente doente, ou morresse até, serviria de consolação saber que tudo fora em perseguição ao senhor Bingley, e sob as suas ordens.

– Oh! Não tenho qualquer receio de que ela morra. Não se morre de pequeninos e insignificantes resfriados. Além disso, dispensarão a ela todos os cuidados. Desde que ela fique por lá, está tudo muito bem. Gostaria de ir visitá-la, caso possa dispor da carruagem.

Elizabeth, que se sentia deveras aflita com o estado da irmã, estava ansiosa por ir para junto dela, mesmo na falta da carruagem. Como não montava, ir a pé era a única alternativa disponível.

– Que ideia a sua – rebateu a mãe – com toda esta lama! Não poderão

olhar para você quando chegar lá.

– Não é para me verem que eu vou para lá. Jane é o meu único propósito.

– É um subterfúgio, Lizzy, para que eu peça os cavalos? – indagou o pai.

– Não é necessário. Não tenho intenção de fugir à caminhada. A distância de nada vale quando se tem um motivo, e, aliás, não passam de cinco quilômetros. Estarei de volta para o jantar.

– Admiro a energia da sua benevolência – observou Mary –, mas todo o impulso afetivo deve ser guiado pela razão; e, na minha opinião, o esforço deveria ser sempre proporcional ao que é requerido.

– Nós vamos acompanhá-la até Meryton – disseram Catherine e Lydia.

Elizabeth concordou, e as três garotas partiram juntas.

– Se nos apressarmos – disse Lydia enquanto caminhavam –, talvez ainda possamos ver o capitão Carter antes de ele partir.

Em Meryton, separaram-se: as duas mais novas tomaram a direção dos alojamentos de uma das mulheres dos oficiais, e Elizabeth continuou sozinha, através dos campos e num passo apressado, transpondo cercas e saltando charcos com uma energia impaciente. Finalmente, achou-se à vista da casa. Tinha os pés dormentes, as meias enlameadas e um rosto afogueado pelo exercício.

Conduziram-na à saleta do café da manhã, onde todos, com exceção de Jane, se encontravam reunidos. Sua aparição os surpreendeu. Que ela tivesse se aventurado a percorrer sozinha cinco quilômetros, tão cedo e com um tempo tão feio, era coisa quase inacreditável para a senhora Hurst e para a senhorita Bingley. Elizabeth se convenceu de que elas a desprezavam por isso. Contudo, receberam-na com toda a delicadeza; e na atitude do senhor Bingley havia mais do que simples delicadeza, havia bondade e boa disposição. O senhor Darcy pouco disse, e o senhor Hurst não abriu a boca. Aquele dividia-se entre a admiração pelo esplendor que o exercício imprimira na tez dela e certa dúvida sobre se a ocasião justificava sua vinda até tão longe. Quanto ao outro, apenas pensava no café interrompido.

As informações sobre a saúde da irmã estavam longe de satisfazê-la. A senhorita Bennet passara mal à noite, e, apesar de estar acordada, tinha bastante febre e não se atrevera a deixar o quarto. Elizabeth pediu que a levassem logo para junto dela. Jane, que, receando causar alarde ou transtorno, não disse em seu bilhete quanto desejava tal visita, ficou encantada ao vê-la entrar. Não se sentia animada para grandes conversas.

Quando a senhorita Bingley as deixou a sós, apenas exprimiu sua gratidão pela extraordinária bondade com que estava sendo tratada. Elizabeth, silenciosa, cercava-a de cuidados.

Finalizado o café da manhã, as irmãs se reuniram, e Elizabeth sentiu despertar em si certa simpatia por elas, ao ver com que afeição e solicitude tratavam Jane. O boticário chegou, e, tendo examinado a paciente, declarou que ela pegara um forte resfriado. Aconselhou-a a se recolher de novo ao leito e receitou alguns medicamentos. Seu conselho foi prontamente acatado, pois os sintomas de febre aumentavam, e a dor de cabeça tornara-se quase insuportável. Elizabeth não abandonou o quarto da irmã, e as outras duas senhoras tampouco se ausentaram.

Quando o relógio marcou três horas, Elizabeth sentiu que devia partir, e, muito contra a vontade, anunciou sua intenção. A senhorita Bingley

ofereceu-lhe a carruagem, e ela apenas esperava um pouco mais de insistência para aceitá-la, quando Jane testemunhou tal inquietação por se separarem que a senhorita Bingley se viu forçada a converter a oferta da carruagem num convite para ficar em Netherfield o tempo que fosse preciso. Elizabeth agradeceu e aceitou o convite, e imediatamente um criado foi enviado a Longbourn para levar à família o recado e trazer alguma roupa na volta.

Capítulo 8

Às cinco horas, as duas senhoras se retiraram para se vestir, e às seis e meia Elizabeth foi chamada para jantar. Choveram perguntas, mas ela não pôde dar uma resposta favorável. Jane não havia melhorado. As irmãs repetiram três ou quatro vezes quanto isso as entristecia, que terrível era um resfriado e como elas detestavam adoecer; porém, passado esse momento, não mais voltaram a tocar no assunto, e sua indiferença por Jane quando não estava na presença delas restituiu a Elizabeth toda a sua antipatia original.

O único que ela encarava com alguma complacência era o senhor Bingley. Sua ansiedade por Jane era evidente, e as atenções que ele dispensava

a ela própria eram bastante agradáveis. Isso a impedia de se sentir uma

intrusa, como Elizabeth acreditava ser considerada por todos os outros. Só ele parecia notar sua presença. A senhorita Bingley estava absorvida no senhor Darcy, e a irmã, pouco menos do que isso. O senhor Hurst, ao lado de quem Elizabeth se sentava, não passava de um indolente, que vivia apenas para comer, beber e jogar cartas e que, descobrindo que ela preferia um prato simples a um bom guisado, nada mais teve a lhe dizer.

Finalizado o jantar, Elizabeth voltou imediatamente para junto de Jane, e, mal ela saiu da sala, a senhorita Bingley começou a criticá-la. Classificou suas maneiras de rudes, um misto de orgulho e impertinência; e disse que ela não tinha nem conversa, nem estilo, nem gosto, nem beleza sequer. A senhora Hurst compartilhava da mesma opinião, e acrescentou:

– Ela não tem nada a seu favor, exceto o fato de ser uma ótima caminhante. Nunca esquecerei como nos apareceu esta manhã. Quase parecia uma selvagem.

– Está certa, Louisa. Eu mal podia me conter. Que disparate vir assim! Qual a necessidade de se embrenhar por esses campos afora, apenas porque a irmã se resfriou? E o cabelo dela, que despenteado, que embaraçado!

– Reparou no saiote? Sujo de lama até uma altura de, pelo menos, 6 polegadas. Ela tentava esconder com o vestido, mas sem grande êxito.

– O retrato que nos oferece pode ser muito exato, Louisa – disse Bingley –, mas a mim pouco me diz. Achei a senhorita Elizabeth Bennet deveras encantadora quando apareceu na saleta esta manhã. Quanto ao saiote enlameado, nem reparei.

– Mas estou certa de que o senhor Darcy reparou, não foi? – disse a senhorita Bingley. – E creio que não gostaria de ver sua irmã fazer tal

exibição.

– Claro que não.

– Percorrer cinco, seis ou sete quilômetros com lama pelos tornozelos e completamente sozinha! O que pretendia com isso? A mim, parece indício de uma independência abominável e presunçosa, além de uma total indiferença provinciana pelo decoro.

– Indica um afeto pela irmã digno de menção – disse o senhor Bingley.

– Receio, senhor Darcy – observou a senhorita Bingley num sussurro –, que esta aventura tenha de certo modo afetado sua admiração pelos seus lindos olhos.

– De maneira alguma – replicou ele. – Eles estavam, graças ao exercício, mais vívidos do que nunca.

Seguiu-se uma pequena pausa, e a senhora Hurst prosseguiu:

– Tenho a maior consideração por Jane Bennet, pois ela é uma garota amorosa, e é de coração que a desejo bem instalada na vida. Contudo, com uns pais como os dela, e de relações tão insignificantes, receio que não venha a conseguir.

– Creio ter ouvido dizer que o tio delas é advogado em Meryton.

– Sim, e têm ainda um outro, que vive em algum lugar perto de

Cheapside.

– É admirável – acrescentou a irmã, e ambas riram com gosto.

– Mesmo que ela tivesse tios em quantidade que enchesse todo o Cheapside – rebateu Bingley –, não seria isso que as tornaria menos encantadoras.

– Mas deve lhes diminuir consideravelmente as probabilidades de se casarem com algum homem de destaque – replicou Darcy.

Bingley não respondeu, mas as irmãs concordaram vivamente, gracejando durante algum tempo à custa das relações plebeias da querida amiga.

Foi, no entanto, com renovada ternura que foram ao quarto dela, e aí permaneceram até serem chamadas para o chá. O estado de Jane inspirava ainda sérios cuidados, e Elizabeth não deixou sua cabeceira senão muito tarde, quando, vendo-a a dormir, resolveu, mais por dever do que por outra coisa, descer até a sala. Quando entrou, encontrou todos na mesa de jogo, e imediatamente foi convidada a se juntar a eles. Mas, receando que apostassem uma quantia alta, declinou o convite e, usando a irmã como desculpa, disse preferir entreter-se com um livro durante o pouco tempo em que poderia permanecer ali embaixo. O senhor Hurst não escondeu o espanto.

– Diz que prefere ler a jogar? – indagou ele. – Que coisa estranha.

– A senhorita Elizabeth Bennet – disse a senhorita Bingley – tem desprezo pelas cartas. Ela é uma grande leitora, e, fora isso, nada lhe dá prazer.

– Não sou uma grande leitora, e são muitas as coisas que me dão prazer. Não mereço nem tal louvor, nem tal censura! – exclamou Elizabeth.

– Que é com prazer que cuida de sua irmã, tenho certeza – disse o senhor

Bingley –, e espero que em breve o sinta duplicar por vê-la completamente restabelecida.

Elizabeth agradeceu, e, em seguida, foi até uma mesa, sobre a qual se encontravam vários livros. O senhor Bingley imediatamente se ofereceu para lhe buscar outros, todos os de que a sua biblioteca pudesse dispor.

– Eu desejaria que a coleção fosse maior, tanto para benefício da senhorita quanto para crédito meu; mas sou um preguiçoso, e, embora não tenha muitos, tenho mais do que aqueles que alguma vez chegarei a ler.

Elizabeth assegurou-lhe que se contentaria perfeitamente com os que tinha na sala.

– Espanta-me – disse a senhorita Bingley – que o meu pai tenha deixado uma coleção de livros tão pequena. Que maravilhosa biblioteca a sua de Pemberley, senhor Darcy!

– Não podia deixar de ser boa – replicou ele –, pois ela representa o trabalho de muitas gerações.

– E, além disso, o senhor a tem aumentado bastante, pois está sempre comprando livros.

– Numa época como a nossa, não compreendo que se abandone uma biblioteca de família.

– Tenho a certeza de que o senhor não descuida de nada que possa aumentar a belezas de local tão notável. Charles, quando construir sua casa, gostaria que fosse tão bonita quanto Pemberley.

– Quem me dera.

– Por isso o aconselho a tomar Pemberley como uma espécie de modelo. Não há na Inglaterra província mais bela que Derbyshire.

– Com certeza; até comprava Pemberley, se Darcy vendesse.

– Falo apenas de possibilidades, Charles.

– Palavra de honra, Caroline, que acho mais fácil comprar Pemberley do que imitar!

Elizabeth tinha a atenção tão presa no que se passava que se esqueceu do livro no colo. Colocou-o de lado, aproximou-se da mesa e, posicionando-se entre o senhor Bingley e a irmã mais velha, ficou observando o jogo.

– A senhorita Darcy cresceu muito desde a primavera? – perguntou a senhorita Bingley. – Será que ela já está mais alta do que eu?

– Acho que sim. Será aproximadamente da altura da senhorita Elizabeth Bennet, ou talvez mais alta ainda.

– Anseio tanto por tornar a vê-la! Nunca encontrei ninguém que me

encantasse tanto. Que porte ela tem, e que maneiras... E já tão prendada para a idade dela... Toca piano divinamente.

– Incrível – disse o senhor Bingley – que as garotas tenham paciência para se tornarem tão prendadas como todas elas são.

– Todas elas prendadas! Meu caro Charles, o que quer dizer?

– Sim, todas elas, creio eu. Todas pintam mesas, forram biombos e tecem bolsinhas. Não conheço nenhuma que não faça tudo isso, e tenho a certeza de nunca ter ouvido falar pela primeira vez de uma garota sem ser informado de que ela é muito prendada.

– Sua lista da gama comum de dotes – comentou Darcy – tem muito de verdade. A palavra é aplicada a mais de uma mulher que não a merece para além de tecer uma bolsinha ou forrar um biombo. Mas estou longe de concordar com sua apreciação das mulheres em geral. De todas as que conheço, não posso me gabar de conhecer mais de meia dúzia verdadeiramente prendada.

– Nem eu, posso afirmar isso – disse a senhorita Bingley.

– Nesse caso – observou Elizabeth –, exige bastante de uma mulher para considerá-la verdadeiramente prendada.

– Exato – disse o senhor Darcy.

– Com certeza! – exclamou sua fiel aliada. – Nenhuma poderá se considerar realmente prendada se não ultrapassar de longe a média. Uma mulher, para merecer tal qualificação, deve ter um conhecimento profundo sobre música, canto, desenho, dança e línguas modernas. Além de tudo isso, deve possuir ainda seu jeito de se mover e estar, o tom da voz, trato e expressões, ou só merecerá a qualificação em parte.

– Tudo isso ela deve possuir – acrescentou Darcy –, e a tudo isto ela deve juntar ainda algo de mais substancial, que é a prática assídua da leitura para o desenvolvimento do seu espírito.

– Por isso não admira que o senhor conheça apenas seis mulheres prendadas. Chego mesmo a duvidar que conheça alguma.

– Menospreza tanto assim o seu sexo que duvide da possibilidade de tudo isto?

– Nunca encontrei tal mulher. Nunca encontrei tanta capacidade, gosto, aplicação e elegância juntas, tal como o senhor descreve.

A senhora Hurst e a senhorita Bingley protestaram contra a injustiça da dúvida implícita, e ambas afirmavam conhecer mais de uma mulher que correspondia à descrição. O senhor Hurst as chamou à ordem,

repreendendo-as severamente pela falta de atenção ao jogo diante delas. Como a conversa encontrara assim o seu termo, Elizabeth abandonou a sala pouco depois.

– Eliza Bennet – disse a senhorita Bingley mal a porta se fechou

– é o tipo de garota que procura evidenciar-se aos olhos do sexo oposto menosprezando o seu; e creio que com a maioria dos homens ela atinge seu objetivo. Contudo, na minha opinião, é um truque verdadeiramente mesquinho.

– Sem dúvida – replicou Darcy, o principal destinatário da observação – que existe mesquinhez em todos os truques que uma mulher usa para cativar. Tudo o que se assemelha à astúcia é desprezível.

A senhorita Bingley não ficou satisfeita com a resposta a ponto de prosseguir no mesmo assunto.

Elizabeth veio informar que a irmã se sentia pior, e que não poderia abandoná-la. Bingley falou em chamar de urgência o senhor Jones, enquanto as irmãs, certas da sua incompetência provinciana, recomendaram que se requeresse a presença de um dos médicos mais eminentes da capital. Elizabeth não quis ouvir nada disso, mas concordou que logo pela manhã se convocaria o senhor Jones, caso não se registrasse uma melhora considerável no estado da irmã. Bingley ficou deveras preocupado, e as irmãs assumiram seu ar mais infeliz. Elas, porém, aliviaram a tristeza com duetos após a ceia, enquanto o senhor Bingley procurou o conforto nas recomendações feitas à governanta para que nada faltasse à doente e à Elizabeth.

Capítulo 9

Elizabeth passou grande parte da noite à cabeceira da irmã, e de manhã pôde mandar uma resposta favorável às perguntas que, por meio da governanta, desde muito cedo recebeu do senhor Bingley, e àquelas feitas um pouco mais tarde pelas duas elegantes senhoras que serviam as irmãs. Apesar das melhoras, contudo, pediu que um bilhete seu fosse enviado a Longbourn, em que requeria a presença da mãe junto de Jane, para que ela própria desse seu parecer sobre o estado da filha. O bilhete foi imediatamente expedido, e o pedido, atendido sem demora. A senhora

Bennet, acompanhada pelas duas filhas mais novas, chegou a Netherfield logo após o café da manhã.

Se fosse encontrar Jane de algum modo em perigo, a senhora Bennet se sentiria realmente aflita; mas, uma vez tranquilizada por ver que o estado da filha não era alarmante, não nutria qualquer desejo pelo seu restabelecimento imediato, pois nessa altura Jane teria de deixar Netherfield. Não atendeu, por esta razão, ao pedido insistente da filha para que a levassem para casa, o que, aliás, o próprio boticário, que também chegara, terminantemente desaconselhou. Após algum tempo na companhia de Jane, com o aparecimento da senhorita Bingley e a convite desta, a mãe e as três filhas seguiram-na até a salinha junto da entrada. Bingley avançou ao seu encontro, exprimindo o desejo de que a senhora Bennet não tivesse encontrado a senhorita Bennet pior do que ela esperava.

– Assim foi, meu caro senhor – respondeu a senhora Bennet. – Ela

encontra-se muito doente para ser levada daqui. O senhor Jones é de opinião de que ela não ainda pode sair de casa. Teremos de abusar um pouco mais da sua bondade.

– Levá-la daqui! – exclamou o senhor Bingley. – Nem pensar! Estou certo de que a minha irmã não querará ouvir falar em tal coisa.

– Esteja descansada, minha senhora – disse a senhorita Bingley com uma delicada frieza –, que a senhorita Bennet receberá todos os cuidados possíveis enquanto permanecer aqui conosco.

A senhora Bennet exprimiu com profusão todo o seu reconhecimento.

– E não sei o que seria dela – acrescentou – se não fossem tão bons amigos, pois ela está de fato muito doente. Sofre muito, pobre coitada, embora com uma paciência de santa, que, aliás, não lhe é estranha, pois ela tem o temperamento mais doce que jamais me foi dado encontrar.

É com frequência que digo às minhas outras filhas que elas nada se parecem com Jane. Que bonita sala o senhor tem, senhor Bingley, e com uma linda vista para o jardim. Não conheço nada parecido nos arredores. Não pensará em deixar a casa de um instante para o outro, espero eu, embora a tenha alugado por pouco tempo.

– Tudo o que faço é de um instante para o outro – replicou ele –, e, se resolvesse deixar Netherfield, é provável que, passados cinco minutos, eu teria partido. Contudo, considero-me praticamente instalado aqui.

– É exatamente o que eu pensava do senhor – disse Elizabeth.

– Começa a compreender-me, não é? – indagou voltando-se para ela.
– Oh, sim! Compreendo-o perfeitamente.
– Gostaria de poder tomar o comentário como um elogio, mas receio que essa minha transparência seja apenas lamentável.
– As coisas são como são. Uma personalidade profunda e intrincada não é necessariamente mais ou menos digna de estima do que uma como a do senhor.

– Lizzy! – exclamou a mãe. – Lembre-se de onde está e modere a impetuosidade que lhe é permitida em casa.

– Não tinha me dado conta – prosseguiu Bingley imediatamente – de que se dedicava ao estudo de personalidades. Deve ser bastante interessante.

– Sim, e as personalidades intrigantes são as que mais divertem. Têm, pelo menos, essa vantagem.

– A província – interveio Darcy – em geral fornece poucos assuntos de interesse para tal estudo. Numa comunidade provinciana, uma pessoa move-se num meio restrito e invariável.

– Mas as próprias pessoas modificam-se tanto que há sempre algo de novo nelas que as torna interessantes pelo resto de suas vidas.

– Naturalmente! – exclamou a senhora Bennet, ofendida pelo modo como ele falara de uma comunidade provinciana. – Asseguro-lhe que a vida social na província é quase tão intensa quanto na capital.

Todos se entreolharam, surpresos, e Darcy, após fitá-la durante algum tempo, afastou-se em silêncio. A senhora Bennet, que imaginava ter conquistado uma vitória redundante, continuou em ar de triunfo.

– Por mim, não percebo que vantagem Londres possa ter sobre a província, além das lojas e os locais públicos. A província é de longe mais agradável, não acha, senhor Bingley?

– Quando estou na província – replicou –, custa-me deixá-la; e, quando na capital, sinto o mesmo. Têm cada uma as suas vantagens, e eu fico igualmente feliz nos dois lugares.

– De acordo... é porque o senhor tem bom temperamento. Mas aquele cavalheiro – disse olhando para Darcy – parecia não dar qualquer valor

à província.

– Por Deus, mãe, está enganada – interveio Elizabeth, corando por sua mãe. – Não entendeu o que o senhor Darcy disse. Ele apenas quis dizer que a variedade de pessoas na província é menor do que na capital, o que terá

de reconhecer como um fato.

– Com certeza, minha querida, ninguém diz o contrário; mas, quanto a não haver pessoas em número nesta vizinhança, não é verdade, pois há relacionamos com vinte e quatro famílias, pelo menos.

Nada, a não ser o respeito por Elizabeth, permitia a Bingley guardar sua serenidade. A irmã, menos delicada, olhou para o senhor Darcy com um sorriso bem expressivo. Elizabeth, procurando algo que desviasse as atenções da mãe, perguntou-lhe se por acaso Charlotte Lucas visitara Longbourn durante a sua ausência.

– Sim, apareceu ontem com o pai. Que simpático homem é *sir* William, não acha, senhor Bingley? E que bom ele é, tão delicado e tão simples!... Tem sempre uma palavra amável para todos. É a isto que eu chamo ser bem-educado; e, quanto àqueles que se julgam muito importantes e nunca abrem a boca, não passam de uma fraude.

– Charlotte jantou com vocês?

– Não, pois precisavam dela em casa. Penso que por causa das tortinhas de carne. Em minha casa, senhor Bingley, disponho sempre de criados competentes; as minhas filhas são educadas de modo diferente. Mas cada um é juiz de si, e as senhoritas Lucas são muito boas garotas, posso-lhe garantir. É uma pena não serem bonitas! Não que *eu* ache a Charlotte *muito* sem graça...

– Pareceu-me uma garota bastante simpática.

– Oh, claro; mas admita que é muito sem graça. A própria lady Lucas o diz com frequência, e inveja a beleza de Jane. Não gosto de me gabar das minhas filhas, mas, quanto a Jane... não é todos os dias que se vê garotas como ela. É o que, pelo menos, toda a gente diz. Não quero confiar na minha parcialidade. Quando ela tinha apenas 15 anos de idade e a levamos à casa de meu irmão Gardiner, na capital, um senhor apaixonou-se de tal modo por ela que a minha cunhada achou que ele pediria a mão dela antes de regressarmos. Contudo, ele não o fez. Talvez a tenha achado jovem demais. Escreveu-lhe uns versos, bem bonitos, por sinal.

– E assim terminou o seu amor – concluiu Elizabeth, impaciente.

– Gostaria de saber quem terá descoberto a eficácia da poesia para espantar o amor!

– Fui habituado a considerar a poesia como o alimento do amor – opinou Darcy.

– De um amor puro, vigoroso e saudável, é possível. Tudo serve de alimento ao que já vingou. Mas, quando se trata de uma inclinação ligeira e efêmera, estou convencida de que um bom soneto espanta tudo de

uma vez.

Darcy limitou-se a sorrir; e, na pausa que se seguiu, Elizabeth tremeu com o receio de que a mãe se expusesse de novo ao ridículo. Queria falar, mas não sabia o que dizer. Após um curto silêncio, a senhora Bennet tornou a agradecer ao senhor Bingley pela bondade dispensada a Jane. Pediu desculpa também pelo incômodo que Lizzy pudesse causar. O senhor Bingley respondeu com uma delicadeza simples, e obrigou a irmã a ser igualmente delicada e a dizer o que a ocasião requeria. Esta desempenhou seu papel sem muita convicção, mas a senhora Bennet deu-se por satisfeita, e pouco depois pediu a carruagem. A este sinal, uma das suas filhas mais novas adiantou-se. As duas garotas tinham passado o tempo da visita a segredarem uma à outra, e, como resultado, a mais nova teria de lembrar ao senhor Bingley a promessa que ele fizera à chegada, de que daria um baile em Netherfield.

Lydia era uma garota bem forte e desenvolvida para os seus 15 anos de idade. Tinha uma pele bonita e a expressão risonha. Filha favorita de sua mãe, desde muito cedo fora apresentada à sociedade. De temperamento natural e espontâneo, era bem segura de si, por ter atraído a atenção dos oficiais, graças aos esplêndidos jantares na casa do tio. Não era, portanto, de estranhar que ela falasse com o senhor Bingley a propósito do baile e, abruptamente, lhe lembrasse da promessa feita, acrescentando que seria vergonhoso se ele não a cumprisse. A resposta a este repentino ataque soou maravilhosamente bem aos ouvidos da mãe.

– Fique tranquila, não esqueci a promessa feita. Logo que a sua irmã se restabelecer, peço-lhe o favor de indicar o melhor dia para o baile. Penso que não quererá divertir-se enquanto sua irmã está de cama, certo?

Lydia mostrou-se satisfeita.

– Oh! Claro, será muito melhor esperar que Jane esteja boa, e é natural que nessa altura o capitão Carter já tenha regressado a Meryton.

A senhora Bennet e as filhas partiram finalmente, e Elizabeth voltou para junto de Jane, abandonando seu comportamento e o de sua família aos comentários das duas senhoras e do senhor Darcy. Este último, contudo, evitou censurá-la, apesar da ironia da senhorita Bingley sobre seus *lindos*

olhos .

Capítulo 10

A senhora Hurst e a senhorita Bingley passaram parte da manhã junto da doente, que, embora lentamente, continuava melhorando. O dia transcorreu de modo idêntico ao anterior. À noite, Elizabeth juntou-se ao grupo na sala de estar. Desta vez, porém, apenas o senhor Hurst e o senhor Bingley jogavam cartas. O senhor Darcy escrevia, e a senhorita Bingley, sentada junto dele, observava os progressos da carta, desviando repetidamente a atenção com mensagens para a irmã. Quanto à senhora Hurst, assistia ao jogo dos dois cavalheiros.

Elizabeth pegou num pequeno trabalho de costura e entreteve-se a ouvir o que se passava entre Darcy e a companheira. Os constantes elogios tecidos por esta, tanto à volta da letra quanto à uniformidade das linhas e o comprimento da carta, e a indiferença total com que esses mesmos elogios eram recebidos formavam um curioso diálogo, que correspondia exatamente à opinião que ela tinha de cada um.

– A senhorita Darcy ficará feliz ao receber tal carta!

Ele nada respondeu.

– O senhor escreve impressionantemente rápido.

– Está enganada. Escrevo até bastante devagar.

– Quantas cartas não terá de escrever durante o ano! Cartas de negócios, também! Que tarefa odiosa não seria para mim!

– Considere-se, então, muito feliz por tal tarefa dizer respeito exclusivamente a mim.

– Por favor, diga à sua irmã como anseio tornar a vê-la.

– Já escrevi isso, e foi também a seu pedido.

– Parece-me não estar inteiramente satisfeito com sua pena. Deixe que eu a afie. Afio-as muito bem, sabe?

– Agradeço, mas prefiro eu mesmo fazer isso.

– Como consegue escrever de forma tão regular?

Ele se manteve em silêncio.

– Diga à sua irmã que fiquei encantada por saber do seu progresso na harpa; e, por favor, diga-lhe também que fiquei encantada com o pequeno esboço que ela fez de uma mesa; que o achei lindo e infinitamente

superior ao da senhorita Grantley.

– Importa-se que eu guarde seu encantamento para um outro dia, quando tornar a escrever para ela? No momento não tenho mais espaço.

– Oh! Não tem importância. Em janeiro estarei com ela. Mas escreve-lhe sempre cartas tão compridas e encantadoras, senhor Darcy?

– Em geral são compridas, mas, se são sempre encantadoras ou não, não cabe a mim dizer.

– Na minha opinião, uma pessoa que escreve uma carta comprida e com facilidade não pode escrever coisas desagradáveis.

– Tal elogio não se enquadra a Darcy, Caroline – observou o irmão –, pois ele não escreve com facilidade. É com dificuldade que ele procura palavras de quatro sílabas. Não é verdade, Darcy?

– Minha maneira de escrever é bastante diferente da sua.

– Oh! – exclamou a senhorita Bingley. – O Charles é descuidado para escrever. Omite metade das palavras e risca o resto.

– As minhas ideias fluem com tal rapidez que não me dão tempo para exprimi-las, por isso minhas cartas às vezes não transmitem ideia alguma aos meus correspondentes.

– A sua humildade, senhor Bingley – interveio Elizabeth –, desarma a censura.

– Nada há de mais enganador – disse Darcy – do que a aparência de humildade. Não passa, por vezes, de uma simples preguiça mental, ou então de uma fanfarronice.

– E qual das duas me atribui?

– Fanfarronice, pois confessa que tem orgulho da tua escrita defeituosa. Considera-a resultante da rapidez de pensamento e de um desleixo na execução, que você acha louvável ou pelo menos altamente interessante. Aprecia muito a faculdade de fazer qualquer coisa com rapidez sem se preocupar com a imperfeição da execução. Quando esta manhã disse à senhora Bennet que, se alguma vez resolvesse deixar Netherfield, em cinco minutos o teria feito, estava tecendo uma espécie de autoelogio. Mas o que você encontra de louvável numa precipitação, que necessariamente deixará assuntos importantes de lado?

– Isso não! – exclamou Bingley. – Não relembremos senão os disparates ditos durante a manhã. Mas juro pela minha honra que acreditei ser verdade aquilo que disse sobre mim, assim como acredito neste momento. Pelo menos, não me tornei apressado sem necessidade apenas para me

exibir perante as senhoras.

– Acredito em sua sinceridade; contudo, não estou de modo algum convencido de que partiria com tal celeridade. Seu comportamento dependeria tanto do acaso quanto o de outro homem qualquer; e se, já em cima do cavalo, um amigo dissesse: “Bingley, seria melhor ficar aqui até a semana seguinte”, provavelmente você concordaria.

– Isso apenas prova – respondeu Elizabeth – que o senhor Bingley não fez inteira justiça ao seu temperamento. Deu agora um destaque que antes nunca pensou em dar.

– Estou muito grato – disse Bingley – pela sua maneira de converter o que o meu amigo disse num elogio à doçura do meu gênio, mas creio que está atribuindo a ele uma intenção que não tinha, pois pensaria que, em tais circunstâncias, eu deveria recusar a sugestão e partir imediatamente, como tinha resolvido.

– Mas, nesse caso, considerará o senhor Darcy a precipitação da sua intenção original de algum modo redimida pela sua obstinação em aderir a ela?

– Francamente, não sei. O próprio Darcy explicará melhor do que eu.

– A senhorita deseja que eu lhe apresente uma explicação para opiniões que me atribui, mas que eu não reconheço como tal. Admitindo que assim fosse, a senhorita Bennet deverá notar que o amigo que interpela o senhor Bingley para este ficar e adiar seus planos de partida apenas expressa um mero desejo. Fará o que quiser, sem se justificar.

– Ceder pronta e facilmente à persuasão de um amigo não é, por conseguinte, nenhum mérito, segundo o senhor.

– Ceder sem convicção também não abona em favor do entendimento dos dois.

– Senhor Darcy, me parece que o senhor não reconhece a influência da amizade e da afeição. Uma certa estima pelo solicitador pode, com frequência, levar alguém a ceder prontamente à solicitação que lhe é feita, sem que para isso precise de argumentos que o convençam. Note-se que não me refiro particularmente ao exemplo que o senhor deu a respeito do senhor Bingley. Neste caso específico, penso que o mais aconselhável seria esperar pela ocasião, e, nessa altura, discutir o comportamento do cavalheiro em causa. Mas, na generalidade, de amigo para amigo, em que um deles é solicitado pelo outro a modificar uma resolução de pouca importância, o senhor levaria a mal por atender prontamente a esse

desejo?

– Não seria aconselhável, antes de prosseguirmos no mesmo assunto, precisar tanto o grau de importância que se queira atribuir à dita solicitação quanto o grau de intimidade existente entre os dois amigos?

– Com certeza – concordou Bingley –, vamos a isso!... E sem esquecer o peso e a altura de cada um, pois na argumentação pesarão mais do que julga, senhorita Bennet. Garanto-lhe que, se o senhor Darcy não fosse tão alto, não o teria em tão grande estima quanto o tenho. Confesso não conhecer pessoa mais enfadonha que Darcy em certas ocasiões e determinados lugares, particularmente na própria casa, e em um domingo de manhã, em que nada tem para fazer.

O senhor Darcy sorriu, mas Elizabeth, adivinhando nele uma certa ofensa, reprimiu o riso. A senhorita Bingley, por outro lado, manifestou calorosamente seu ressentimento da afronta por ele recebida numa repreensão ao irmão pelos disparates que acabara de dizer.

– Percebo qual o seu intento, Bingley – disse o amigo. – Não gostou dos argumentos e agora quer se calar.

– Talvez tenha razão. O argumento anda de mãos dadas com a discussão. Agradeço se aguardarem até eu sair da sala. Podem então dizer tudo o que quiserem a meu respeito.

– O que o senhor pede – disse Elizabeth – não representa qualquer sacrifício para mim. Quanto ao senhor Darcy, tem a carta para acabar.

O senhor Darcy seguiu o conselho e acabou a carta.

Uma vez terminada tal tarefa, pediu à senhorita Bingley e à Elizabeth que lhe dessem o prazer de ouvir um pouco de música. A senhorita Bingley se encaminhou com vivacidade para junto do piano. Após delicadamente oferecer a vez a Elizabeth, que sinceramente recusou, sentou-se ela mesma ao instrumento.

A senhora Hurst veio cantar com a irmã, e, enquanto estavam assim ocupadas e ela folheava alguns livros de música espalhados sobre o piano, Elizabeth reparou na insistência com que os olhos do senhor Darcy a

procuravam.

Custava para ela admitir que pudesse constituir um objeto de admiração para tão grande homem. A ideia de que ele a fitasse porque ela lhe desagradava lhe parecia mais estranha ainda. Concluiu, por fim, que talvez lhe chamasse a atenção por, de acordo com as noções dele de decoro,

encontrar algo de mais errado e repreensível do que em qualquer outra pessoa presente. Tal suposição estava, porém, longe de magoá-la. Não simpatizava com ele o suficiente para se preocupar com a opinião que pudesse formar a seu respeito.

Após ter tocado algumas canções italianas, a senhorita Bingley mudou o ritmo para uma alegre ária escocesa; no mesmo instante o senhor Darcy se aproximou de Elizabeth e lhe disse:

– Não se sente seriamente tentada, senhorita Bennet, a aproveitar tal oportunidade para dançar?

Ela sorriu, mas não respondeu. Ele repetiu a pergunta, um pouco espantado com o silêncio de Elizabeth.

– Oh! – exclamou ela. – Já o escutei antes, mas ainda não havia decidido o que lhe dizer em resposta. O senhor desejaria que eu lhe dissesse sim, de modo a ter o prazer de desprezar meu gosto, mas deleito-me sempre em sabotar tais planos de um desdém premeditado. Resolvi, por isso, dizer-lhe que não me apetece dançar... Agora despreze-me, se tiver coragem.

– Realmente, não tenho coragem.

Elizabeth, que esperara ofendê-lo, ficou espantada com sua delicadeza. Transparecia na garota um misto de doçura e malícia que a impossibilitava de ofender alguém. Além disso, Darcy nunca antes se sentira tão fascinado por uma mulher. Chegava mesmo a acreditar que, se não fosse pela inferioridade dos parentescos dela, estaria no perigo iminente de se apaixonar.

A senhorita Bingley viu, ou suspeitou, o suficiente para sentir um certo ciúme; e sua enorme ansiedade pelo restabelecimento da querida amiga Jane era de certo modo reforçada pelo desejo de se ver livre de Elizabeth.

Tentava frequentemente suscitar em Darcy o desagrado pela hóspede, falando-lhe do suposto casamento entre os dois e da felicidade que ele iria encontrar em tal aliança. Quando, no dia seguinte, os dois passeavam pelo bosque, disse:

– Espero que não deixe de dar a entender à sua sogra, assim que tal acontecimento se realize, qual a vantagem de se manter calada. E se tiver poder para tanto, não se esqueça de tirar das suas cunhadas mais novas aquela mania de andar atrás dos oficiais. E, se me permite mencionar assunto tão delicado, faça o possível por refrear a pretensão ou a impertinência que a eleita do seu coração possui.

– Tem mais alguma coisa a propor para a minha felicidade doméstica?

– Oh, claro que sim! Reserve um lugar para os retratos dos seus tios Philips na galeria de Pemberley. Coloque-os perto do seu tio-avô, que foi juiz. A área é a mesma, só que em níveis diferentes. Quanto a um retrato da sua Elizabeth, eu lhe aconselho a não o mandar pintar, pois que pintor retrataria com justiça olhos tão bonitos?

– Não seria fácil captar a expressão, mas sua cor e forma, e as pestanas tão delicadas e perfeitas poderiam ser copiadas.

Neste momento encontraram-se com a senhora Hurst e a própria Elizabeth, que vinham de um outro caminho.

– Não sabia que também tinham intenção de passear – disse a senhorita Bingley um pouco confusa, com receio de que elas tivessem escutado a conversa.

– Trataram-nos muito mal – respondeu a senhora Hurst –, fugindo de nós e sem nos dizer que vinham passear.

E, tomando o braço que o senhor Darcy tinha livre, deixou Elizabeth sozinha. O caminho dava apenas para três pessoas. O senhor Darcy, sentindo a falta de delicadeza das irmãs, imediatamente disse:

– Este caminho não é suficientemente largo para todos nós. Aconselho, por isso, a tomarmos a alameda.

Elizabeth, que não se sentia tentada a continuar em tal companhia, respondeu sorridente:

– Não, não; continuem. Compõem um grupo tão encantador e pitoresco que a admissão de uma quarta pessoa apenas o estragaria. Até logo.

E partiu alegremente, acalentando em si a esperança de dentro de um ou dois dias se encontrar de novo em sua casa. Jane melhorara tanto que nessa mesma noite tencionava deixar o quarto durante algumas horas e juntar-se ao serão.

Capítulo 11

Após o jantar, Elizabeth subiu até junto da irmã e, certificando-se de que esta se encontrava bem agasalhada, acompanhou-a até o salão, onde ela foi acolhida pelas duas amigas no meio de manifestações de grande prazer. Elizabeth nunca as vira tão amáveis quanto naquela hora que antecedeu a entrada dos cavalheiros. Elas sabiam realmente como

conversar. Faziam a descrição de uma festa com exatidão, contavam uma anedota com humor e descreviam com presença de espírito as pessoas com quem se relacionavam.

Porém, mal os cavalheiros entraram, Jane deixou de ser o alvo das atenções. Os olhos da senhorita Bingley imediatamente se fixaram em Darcy, e ele ainda não dera muitos passos quando ela encontrou algo para lhe dizer. Ele, no entanto, dirigiu-se diretamente à senhorita Bennet e congratulou-a, cortês. O senhor Hurst também cumprimentou-a rapidamente e pronunciou algo como estar muito contente. Mas a prolixidade e o calor estavam reservados para a saudação do senhor Bingley, que transbordava de alegria e atenções. A primeira meia hora foi passada a alimentar a lareira, não fosse Jane ressentir-se da diferença de temperatura. E ela foi se instalar no outro lado da lareira, de modo a estar mais longe da porta. Em seguida, ele sentou-se junto dela e quase não falou com mais ninguém. Elizabeth, que costurava no canto oposto, assistia a tudo.

Terminado o chá, o senhor Hurst chamou a atenção da cunhada para a mesa de jogo, mas foi em vão. O senhor Darcy havia dito a ela em confidência que não se encontrava com disposição para jogar, e o senhor Hurst em breve viu até o seu pedido mais franco ser rejeitado. Ela garantiu-lhe que ninguém queria jogar. Darcy pegou um livro, e a senhorita Bingley o imitou. A senhora Hurst estava ocupada brincando com suas pulseiras e seus anéis, e uma vez ou outra interferia na conversa do irmão com a senhorita Bennet.

A senhorita Bingley estava ocupada em observar o progresso da leitura do senhor Darcy e em ler o próprio livro. Constantemente lhe fazia perguntas ou olhava para a página dele. Não conseguia, no entanto, atraí-lo para uma conversa, pois ele respondia de forma lacônica e de novo mergulhava na leitura. Por fim, praticamente exausta pelo esforço despendido em tirar algum divertimento do próprio livro, que ela escolhera apenas por ser o segundo volume do dele, deu um bocejo demorado e disse:

– Que agradável modo de passar a noite! No fundo, não há prazer que se compare ao da leitura! Basta ver a facilidade com que uma pessoa se farta de tudo o que não seja um livro! Quando tiver a minha casa, vou me sentir perdida se não dispuser de uma boa biblioteca.

Ninguém lhe respondeu. Ela bocejou, então, de novo, pôs o livro de lado

e passou os olhos pela sala em busca de algo que a entretivesse. Ouvindo o irmão mencionar um baile para a senhorita Bennet, voltou-se repentinamente para ele e disse:

– Charles, você está mesmo pensando em dar um baile em Netherfield? Antes de decidir, é melhor ouvir os desejos das pessoas presentes. Muito me engano ou, para alguns de nós, um baile representará mais um suplício do que um prazer.

– Se está falando do Darcy, ele poderá retirar-se quando bem entender. O baile é coisa certa. Logo que Nicholls preparar sopa branca o suficiente, começarei a enviar os convites.

– Apreciaria infinitamente mais os bailes – replicou ela – se eles se realizassem de outro modo e evitassem o processo habitual, que é muito enfadonho. Seria um acontecimento muito mais racional se, em vez da dança, se priorizasse a conversa.

– Seria, sem dúvida, muito mais racional, minha querida Caroline, mas dessa forma pouco se pareceria com um baile.

A senhorita Bingley não respondeu, e, levantando-se, iniciou um pequeno passeio pela sala. Tinha uma figura elegante e sabia como pisar; mas Darcy, a quem esta manobra era destinada, continuava impassivelmente mergulhado na leitura. A garota fez uma tentativa derradeira de chamar atenção. Voltando-se para Elizabeth, disse:

– Senhorita Eliza Bennet, convido-a a seguir o meu exemplo e dar uma volta pela sala. Acredite que é deveras reconfortante, depois de estar sentada durante tanto tempo na mesma posição.

Elizabeth ficou surpresa, mas aceitou. A senhorita Bingley teve sucesso no verdadeiro objetivo da sua delicadeza: o senhor Darcy levantou os olhos na mesma hora e inconscientemente fechou o livro. Logo foi convidado a juntar-se a elas, mas recusou, declarando ver apenas dois motivos para elas quererem passear pela sala e que, em qualquer dos casos, sua presença era dispensável.

“Que queria ele dizer com aquilo? Morreria para descobrir qual a sua ideia.” E perguntou a Elizabeth se o entendera.

– De modo nenhum – respondeu ela –, mas pode estar certa de que ele nos reprova, e a melhor maneira de desapontá-lo é não tocar no assunto.

A senhorita Bingley, contudo, era incapaz de desapontar o senhor Darcy no que quer que fosse, e insistiu em pedir uma explicação para os dois motivos por ele apontados.

– Não vejo qualquer inconveniente em explicar. As senhoritas escolheram tal modo de passar a noite ou porque são confidentes uma da outra e têm assuntos particulares a discutir, ou porque têm a consciência de que passeando valorizam as próprias figuras. No primeiro caso, minha adesão ao convite interferiria cabalmente nos seus planos. No segundo, as admirarei muito melhor permanecendo sentado perto da lareira.

– Oh, é espantoso! – exclamou a senhorita Bingley. – Nunca ouvi nada tão detestável. Que castigo haveremos de lhe dar por ousar dizer tais coisas?

– Não há nada mais fácil, desde que se sinta inclinada a isso – disse Elizabeth. – Todos nós podemos atormentar e castigar uns aos outros. Ria e faça troça dele. Íntima como é, deverá saber como proceder.

– Mas palavra de honra que *não sei*. Minha intimidade ainda não me ensinou *tal coisa*. Como se fosse possível irritar alguém tão calmo e cuja presença de espírito não desarma! Sinto que por aí não levaremos a melhor. Quanto a fazer troça, é melhor não nos arriscarmos sem motivo.

– O senhor Darcy não serve como motivo de troça! – exclamou Elizabeth. – É uma vantagem incomum, e espero que continue assim, pois seria para mim uma perda inestimável contar entre as minhas relações mais de uma pessoa assim. Adoro uma boa piada.

– A senhorita Bingley – interveio ele – exagerou um pouco. O mais sensato e melhor dos homens, ou, antes, a mais sensata e a melhor das suas ações, pode ser ridicularizada pela pessoa cujo principal objetivo na vida é uma boa piada.

– Não há dúvida – replicou Elizabeth – de que existem tais pessoas, mas espero não ser uma delas. Nunca ridicularizo o que é sensato e bom. A loucura, o disparate, o capricho e a incoerência, confesso que me divertem e, sempre que posso, troço deles. Mas suponho que são precisamente esses os defeitos que o senhor não tem.

– Ao contrário, ninguém está livre deles. Contudo, toda a minha vida me esforcei por evitar aquelas fraquezas que muitas vezes expõem ao ridículo uma inteligência superior.

– Como, por exemplo, a vaidade e o orgulho.

– Sim, a vaidade é uma fraqueza. Mas o orgulho será sempre bem controlado onde quer que haja uma verdadeira superioridade intelectual.

Elizabeth escondeu um sorriso. E a senhorita Bingley interveio:

– Terminou o exame que aplica ao senhor Darcy, suponho eu. Qual o

resultado a que chegou?

– Estou perfeitamente convencida de que o senhor Darcy não tem qualquer defeito. Ele próprio admite isso sem rodeios.

– Não – disse o senhor Darcy –, nunca tive tal pretensão. Meus defeitos são muitos, mas nenhum de inteligência, espero. Quanto ao meu temperamento, não respondo por ele. Meu temperamento poderia talvez ser classificado como vingativo. Minha opinião, uma vez perdida, fica perdida para sempre.

– Esse é um grande defeito, na verdade! – concluiu Elizabeth. – O ressentimento implacável é uma mancha num caráter. Mas o senhor escolheu bem o seu defeito. Não consigo realmente rir dele. Nada tem que temer de mim.

– Creio haver em cada temperamento uma tendência particularmente má, um defeito natural, que nem a melhor educação consegue vencer.

– E o seu defeito é uma propensão a odiar todas as pessoas.

– E o seu – replicou ele com um sorriso – é fazer juízo errado das pessoas, de propósito.

– Vamos tocar um pouco – sugeriu a senhorita Bingley, cansada de uma conversa da qual que ela não participava. – Louisa, não se importa que acorde o senhor Hurst?

A irmã não fez qualquer objeção, e o piano foi aberto.

Capítulo 12

Com a aprovação da irmã, na manhã seguinte, Elizabeth escreveu à mãe pedindo-lhe que mandasse a carruagem no mesmo dia. Porém, a senhora Bennet, que contava que as filhas permanecessem em Netherfield até a quinta-feira seguinte, quando terminaria a semana de Jane, não antevia com prazer sua chegada prematura. A resposta não foi, por conseguinte, favorável, pelo menos aos desejos de Elizabeth, que estava impaciente por ir para casa. A senhora Bennet mandou dizer que não havia possibilidade de elas terem carruagem antes de quinta-feira; e acrescentava que, caso o senhor Bingley e a irmã insistissem para que permanecessem mais tempo, ela passava muito bem sem elas. Elizabeth, contudo, estava resolvida a não permanecer nem mais um dia, assim como também receava que as considerassem abusadas por ficarem mais do que o tempo necessário.

Incentivou Jane a pedir a carruagem emprestada ao senhor Bingley sem demora.

A decisão provocou calorosos protestos, e com veemência pediram que, em atenção à doença recente de Jane, permanecessem, ao menos, mais um dia. A partida foi adiada para a manhã seguinte.

O dono da casa ficou consternado ao ouvi-las anunciar a partida, e por várias vezes tentou persuadir a senhorita Bennet da imprudência, visto que ela não estava completamente restabelecida. Jane, porém, mostrava-se obstinada quando sabia ter razão.

Aquela novidade encheu o senhor Darcy de alívio. Elizabeth já permanecera em Netherfield por tempo suficiente. Ela o atraía mais do que ele desejava, e a senhorita Bingley, além de indelicada com Elizabeth,

massacrava-o mais do que de costume. Portanto, estava consciente de que, se tal ideia tivesse sido sugerida, da atitude dele durante o último dia dependeria sua confirmação ou destruição. Firme em seu propósito, quase não lhe falou durante todo o dia de sábado. Em uma das vezes em que permaneceram a sós durante meia hora, ele foi ler um livro e nem sequer olhou para ela.

Após o café da manhã de domingo, ocorreu a separação tão desejável para a maioria. A delicadeza da senhorita Bingley com Elizabeth aumentou muito, assim como sua afeição por Jane.

Ao chegar em casa, não foram muito bem acolhidas pela mãe. A senhora Bennet ficara muito admirada com a chegada, repreendeu as filhas pelo incômodo dado e as fez ver o risco que Jane correria de se resfriar de novo. O pai, porém, embora muito lacônico nas manifestações de prazer, estava deveras contente por tornar a vê-las. A conversa familiar havia perdido a animação e quase todo o sentido com a ausência de Jane e Elizabeth.

Mary, como de costume, se encontrava mergulhada no estudo da natureza humana, e não perdeu tempo em enunciar uma série de observações de uma moralidade antiga. Catherine e Lydia tinham novidades bem diferentes. Muito fora feito e muito se dissera no regimento desde a quarta-feira anterior: vários oficiais tinham jantado ultimamente com o tio, um soldado fora castigado e espalhara-se a notícia do casamento próximo do coronel Forster.

Capítulo 13

– Minha querida – disse o senhor Bennet à sua mulher quando, na manhã seguinte, tomavam o café da manhã juntos –, espero que tenha pensado em um bom jantar para hoje, pois parece que vamos ter um convidado.

– O que quer dizer, meu caro? Não sei quem possa ser, ou trata-se de Charlotte Lucas? Se é o caso, espero que meus jantares sejam bons demais para ela. Ela raramente tem refeições assim em sua casa.

– A pessoa a que me refiro é um cavalheiro.

Os olhos da senhora Bennet brilharam.

– Um cavalheiro! Com certeza se trata do senhor Bingley. E você, Jane, nem nos fala nada, sua tímida!

– Não se trata do senhor Bingley – informou-lhe o marido –, mas de uma pessoa que nunca vi na vida.

Tal afirmação provocou espanto geral, e ele se viu rodeado pela esposa e por cinco filhas que o questionavam com ansiedade. Após ter, durante algum tempo, se divertido com a curiosidade, deu a seguinte explicação:

– Há um mês recebi esta carta, e há cerca de quinze dias tratei de responder, pois considerei o assunto um pouco delicado, e, como tal, requerendo atenção imediata. O remetente é o meu primo, o senhor Collins, aquele que, quando eu desaparecer, poderá expulsá-las desta casa.

– Oh, meu caro senhor Bennet, não suporto ouvir falar tal coisa!

– exclamou sua mulher. – Pelo amor de Deus, não mencione tal homem. Considero tremendamente injusto que seus bens sejam herdados por outra pessoa que não suas filhas. Se isso se passasse comigo, há muito que eu teria feito algo para mudar a situação.

Jane e Elizabeth tentaram explicar como funciona o sistema morgadio de herança. Já haviam feito isso várias vezes, mas esse assunto ultrapassava o entendimento da senhora Bennet.

– É mesmo injusto – disse o senhor Bennet –, mas nada impedirá o senhor Collins de vir a herdar Longbourn. Queira, contudo, ouvir a leitura da sua carta, pois talvez a maneira como ele se exprime a enteneça.

– Não, não me enternecerei. Considero uma impertinência, uma hipocrisia ele ousar lhe escrever. Odeio a falsa amizade. Por que ele procura a reconciliação, se o pai dele a recusou antes?

– Porque parece ter nesse sentido alguns escrúpulos filiais, como verá.

Hunsford, próximo de Westerham, Kent, 15 de outubro

Caro senhor,

Sempre me inquietou bastante a incompatibilidade existente entre o senhor e o meu falecido e venerável pai. Desde que tive a infelicidade de perdê-lo, acalento o desejo de preencher tal abismo. Contudo, durante algum tempo, minhas dúvidas me detiveram, pois receei parecer aos olhos do mundo que reatar as relações com quem ele sempre discordou era um desrespeito a sua memória.

Tendo sido ordenado em Easter, estou agora decidido nesse sentido, pois, tive a felicidade de ser distinguido pelo patronato da Baronesa lady Catherine de Bourgh, viúva de sir Lewis de Bourgh, cuja bondade e beneficência me elegeram reitor desta paróquia, onde farei todo o possível por me portar à altura do respeito e reconhecimento que devo a tão ilustre senhora e executar a rigor todos os ritos e cerimônias instituídas pela Igreja Anglicana. Além de tudo o mais, como clérigo que sou, sinto como meu dever promover e espalhar a bênção da paz por todas as famílias ao alcance da minha influência; e, por esta razão, considero as minhas presentes propostas de boa vontade altamente recomendáveis.

Espero que o fato de eu ser o presumível herdeiro de Longbourn seja caridosamente ignorado pelo senhor e não o leve a rejeitar o ramo de oliveira que lhe é oferecido. Não posso deixar de sentir certo pesar por, involuntariamente, vir a prejudicar suas amáveis filhas, pelo que desde já me desculpo e lhe garanto prontificar-me a compensá-las na medida do possível. Mas o futuro o dirá.

Caso não tenha objeção em receber-me em sua casa, reservo-me o prazer de os visitar na segunda-feira, 18 de novembro, por volta de quatro horas, e provavelmente abusarei da sua hospitalidade permanecendo até sábado da semana seguinte, o que, para mim, não terá qualquer inconveniente, visto que lady Catherine não se opõe à minha ausência ocasional no domingo, desde que um outro pastor me substitua no serviço dominical.

Com meus respeitosos cumprimentos para sua esposa e suas filhas, como amigo dedicado me subscrevo,

William Collins

– Portanto, por volta das quatro horas, deveremos ter conosco este mensageiro da paz – disse o senhor Bennet dobrando a carta. – Tudo indica tratar-se, na verdade, de um jovem muito consciencioso e bem-educado. Não tenho dúvidas de que se revelará um contato valioso, sobretudo se a

tal lady Catherine for tão indulgente que o autorize a voltar outra vez.

O senhor Bennet prosseguiu:

– Reparem naquilo que ele diz a respeito das pequenas. Se ele está disposto a compensá-las, não serei eu a desencorajá-lo.

– Embora não imagine o que ele possa ter intenção de fazer como reparação que nos ache devida, o desejo por si só conta a seu favor – comentou Jane.

A Elizabeth impressionara, sobretudo, a deferência dele por lady Catherine e seu propósito generoso em doutrinar, casar e acompanhar à sepultura os seus paroquianos, sempre que a ocasião o requeresse.

– Ele deve ser um excêntrico, creio eu – disse ela. – Não o entendo. É muito pomposo na maneira de escrever. E o que pretenderá ao se desculpar por ser o presumível herdeiro? Não nos é dado supor que recusaria a herança se pudesse. Será ele um homem justo e sensato, na verdadeira acepção da palavra, pai?

– Não, minha querida, não estou convencido disso. Tenho grandes esperanças de vir a achar exatamente o contrário. Sua carta denuncia um misto de subserviência e prepotência que promete muito. Estou impaciente por conhecê-lo.

– Sob ponto de vista técnico da redação – opinou Mary –, sua carta não me parece defeituosa. A ideia do ramo de oliveira talvez não seja inteiramente nova, mas considero a expressão adequada.

Para Catherine e Lydia, tanto a carta quanto aquele que a escrevera não ofereciam qualquer interesse. Era praticamente impossível que o primo aparecesse de farda, e algumas semanas tinham passado desde o tempo em que sentiam prazer na companhia de um homem sem esse traje. Quanto à sua mãe, a carta do senhor Collins tivera o poder de dissipar grande parte da sua antipatia por ele, e preparava-se agora para recebê-lo com uma serenidade que espantava o marido e as filhas.

O senhor Collins chegou na hora combinada e foi recebido amavelmente por toda a família. O senhor Bennet pouco falou. Mas, enquanto as senhoras estavam dispostas a conversar, o senhor Collins, por outro lado, parecia não precisar de encorajamento, nem tinha intenção de permanecer tão calado.

De estatura elevada e corpulento, era um homem na casa dos 25 anos de idade. Tinha um ar grave e solene, e seus modos eram muito formais. Mal se sentara, começou logo a elogiar a senhora Bennet pelas lindas filhas.

Acrescentou não duvidar dos anseios dela em vê-las todas bem casadas no seu devido tempo. O galanteio não agradou especialmente a algumas das ouvintes, mas a senhora Bennet, que não regateava elogios, imediatamente respondeu:

– É muito amável, meu caro senhor; e, do fundo do coração, espero que assim seja, pois, do contrário, pouco terão de valor. Ocorrem coisas tão estranhas...

– Refere-se, talvez, ao morgadio.

– Ah, meu caro senhor, é isso mesmo. Terá de admitir que é um rude golpe para as minhas filhas. Não é que eu considere o senhor o culpado, pois sei que tais coisas são fruto do acaso.

– Tenho a perfeita consciência, minha senhora, da privação que representará para as minhas encantadoras primas, e poderia adiantar mais sobre o assunto, mas não quero passar por atrevido ou precipitado.

Foi interrompido pelo criado chamando para o jantar, e as garotas sorriram entre si. Elas não eram os únicos objetos da admiração do senhor Collins. A saleta de entrada, a sala de jantar e toda a mobília foram bem examinadas e elogiadas. Os elogios teriam agradavelmente impressionado a senhora Bennet, não fosse a mortificante suposição de que ele olhava à sua volta como o futuro proprietário. O jantar, por sua vez, também foi muito elogiado, e ele pediu que lhe dissessem a qual das suas encantadoras primas se devia a excelência de tal banquete. A senhora Bennet, com certa aspereza, explicou que dispunham de meios suficientes para garantir um bom jantar, e que as filhas nada tinham que ver com a cozinha. Ele imediatamente lhe pediu perdão por ter sido desagradável.

Capítulo 14

O senhor Bennet pouco ou nada disse durante o jantar. Porém, quando os criados se retiraram, ele decidiu que era hora de conversar um pouco com o hóspede, e abordou um assunto que considerava do inteiro agrado do outro, fazendo-o observar a sorte que ele parecia ter tido com sua patroa. A consideração de lady Catherine de Bourgh pelos seus desejos e o cuidado com o seu conforto pareciam notáveis. O senhor Bennet não poderia ter escolhido melhor. O senhor Collins era eloquente nos seus elogios a tal senhora. O assunto revestiu-o de uma solenidade ainda maior,

e, com o seu ar mais importante, assegurou que nunca na sua vida testemunhara tal comportamento numa pessoa da alta sociedade, tal afabilidade e deferência como ele encontrava em lady Catherine.

– Tudo o que nos conta é de uma correção e delicadeza sem par – disse a senhora Bennet –, e estou certa de que se trata de uma mulher encantadora. É pena hoje em dia já não se encontrarem senhoras da alta sociedade que sejam tão boas pessoas quanto ela. Ela vive próximo do senhor?

– O jardim em que se situa minha humilde residência tem apenas um caminho estreito que o separa de Rosings Park, onde Sua Excelência reside.

– Parece que ouvi dizer que ela é viúva. Tem filhos?

– Apenas uma filha, a herdeira de Rosings e de uma fabulosa fortuna.

– Ah! Trata-se, então, de uma privilegiada. E que tipo de garota é?

É bonita? – perguntou a senhora Bennet abanando a cabeça.

– É uma jovem de um encanto extremo. A própria lady Catherine diz que, sob o ponto de vista da verdadeira beleza, a senhorita de Bourgh é de longe superior à mais bela do seu sexo, pois existem nela aquelas feições que distinguem a jovem de nobre ascendência. É, infelizmente, de constituição débil, o que lhe tem impedido de alcançar nos vários campos aquele grau de perfeição que, de outro modo, teria atingido sem dificuldade, segundo me informou a senhora que supervisionou a educação dela, e que com elas continua residindo.

– Já foi apresentada à corte? Não me recordo de ter ouvido o nome dela.

– Como textualmente disse um dia a lady Catherine, a corte britânica se viu privada do seu mais belo adorno. Seu estado de saúde precário a impede, infelizmente, de permanecer na capital.

As expectativas do senhor Bennet foram plenamente satisfeitas. Seu primo, de fato, mostrava-se tão absurdo quanto ele esperava, e era num gozo profundo que o escutava, guardando simultaneamente uma expressão séria e compenetrada e, com a exceção de um olhar ou outro na direção de Elizabeth, não partilhava do seu prazer com ninguém.

Chegada a hora do chá, contudo, a dose já fora mais do que suficiente, e o senhor Bennet teve a satisfação de conduzir o hóspede de novo para a sala. Terminado o chá, convidou-o a ler um pouco para as senhoras. O senhor Collins aceitou prontamente. Um livro lhe foi apresentado; porém, mal olhou para ele e recuou e desculpou-se, dizendo que não era hábito seu ler

novelas. Kitty olhou-o espantada, e Lydia soltou uma exclamação. Outros livros lhe foram apresentados, e, após certa ponderação, escolheu os Sermões de Fordyce. Ao vê-lo abrir o livro, Lydia bocejou, e ele não tinha, numa solenidade monótona, lido três páginas, quando ela o interrompeu, dizendo:

– A mãe sabe que o tio Philips tem intenção de despedir o Richard e que, se ele o fizer, o coronel Forster o contratará? A tia me contou no sábado. Pretendo ir amanhã a Meryton para saber mais pormenores e perguntar se o senhor Denny já voltou da capital.

As irmãs mais velhas mandaram Lydia se calar, mas o senhor Collins, muito ofendido, pôs o livro de lado e disse:

– É com frequência que tenho notado o pouco interesse despertado nas jovens por livros de uma certa seriedade, embora escritos exclusivamente para seu benefício. Isso me espanta. Mas não quero, com isso, continuar incomodando minha jovem prima.

Em seguida, voltando-se para o senhor Bennet, ofereceu-se como seu adversário para uma partida de gamão. O senhor Bennet aceitou o desafio, fazendo-o notar que ele agira de forma sensata ao deixar as garotas entregues à sua frivolidade. A senhora Bennet e as filhas pediram amavelmente desculpas pela interrupção de Lydia, e prometeram não tornar a ocorrer tal indelicadeza, caso ele voltasse ao livro.

Capítulo 15

O senhor Collins não era exatamente o que se pode chamar de um homem sensato, e essa deficiência da natureza pouco ou nada fora auxiliada quer pela educação ou pelo convívio social. Passou grande parte da vida sob a orientação de um pai letrado e avaro e, embora tivesse frequentado uma universidade, conservara apenas os laços puramente necessários, sem que tivesse sabido cultivar qualquer conhecimento útil. A submissão em que o pai o educou conferiu-lhe originalmente grande humildade no trato, humildade essa que era agora poderosamente contrabalançada pela vaidade própria de um espírito fraco que vive isolado. Um feliz acaso

recomendara-o a lady Catherine de Bourgh para uma vaga em Hunsford; e o respeito que ele sentia pela elevada posição social da senhora, assim

como sua veneração por ela, acompanhada de uma opinião muito boa de si próprio, da sua autoridade como clérigo e dos seus direitos como pastor, faziam dele uma mistura complexa de orgulho e subserviência, presunção e humildade.

De posse de uma bela casa e de um rendimento mais do que suficiente, ele decidira se casar; e, ao procurar a reconciliação com a família de

Longbourn, tinha em vista uma esposa, pois pretendia fazer a escolha entre as jovens primas, caso elas se mostrassem tão bonitas e simpáticas quanto delas corria a fama. Era este o seu plano quando falava em dever uma reparação por herdar os bens do pai delas.

Na manhã seguinte, após iniciar uma conversa sobre seu presbitério e manifestar suas aspirações de encontrar para ele uma anfitriã em Longbourn, a mãe das garotas, entre afáveis sorrisos e encorajamentos vagos, o colocou de sobreaviso quanto a Jane. Deu a entender que a mais velha estava já praticamente comprometida com outro.

O senhor Collins tinha apenas de mudar de Jane para Elizabeth. Fez a mudança enquanto a senhora Bennet atiçava o fogo da lareira. Elizabeth, que seguia a Jane tanto na idade quanto em beleza, sucedia-a naturalmente.

A senhora Bennet guardou a insinuação como um tesouro, e, encantada, confiava que em breve teria duas filhas casadas. Quanto ao homem de quem na véspera não podia ouvir falar, tinha-o agora em grande estima e consideração.

A intenção de Lydia de visitar Meryton não fora esquecida, e as irmãs, com exceção de Mary, concordaram em ir também. O senhor Collins, a pedido do senhor Bennet, serviria de companhia, pois este estava ansioso por se ver livre dele e ter a biblioteca à sua inteira disposição, o que não conseguira desde o café da manhã, uma vez que o primo o seguira e lá se preparava para ficar, teoricamente ocupado com um dos maiores volumes da coleção, mas, na prática, interpelando-o vezes sem conta a propósito da sua casa e do jardim em Hunsford. Tal procedimento punha o senhor Bennet fora de si. Na sua biblioteca o sossego e a tranquilidade eram sempre garantidos e, embora preparado, como disse a Elizabeth, a enfrentar o disparate e a presunção em todos os outros cômodos da casa, habituara-se a encontrar ali o seu refúgio. Daí a sua pronta delicadeza em convidar o senhor Collins a se juntar às filhas no passeio. Collins, que em

mais se adaptava a uma caminhada do que a grandes leituras, mostrou enorme satisfação em fechar o volumoso livro e partir.

Mantendo o estilo pomposo que lhe era peculiar, travou uma conversa destituída de todo o interesse, com a qual as primas por mera delicadeza colaboravam, e enfim chegaram a Meryton. As mais novas deixaram de lhe prestar qualquer atenção. Os olhos delas imediatamente se puseram a percorrer a rua em busca dos oficiais, e nada as faria desviar, a não ser um chapéu muito bonito ou uma musselina que constituísse novidade.

Porém, a atenção de todas elas em breve se prendeu num jovem de aparência atraente, que elas não tinham visto antes, caminhando com um oficial no outro lado da rua. O oficial era o próprio senhor Denny, sobre cujo regresso de Londres Lydia viera informar-se, e ele acenou ao vê-las passar. Bem impressionadas com a aparência do desconhecido, tentavam adivinhar de quem se trataria. Kitty e Lydia, decididas a descobrir, fingindo ir à loja em frente, atravessaram a rua e alcançaram a calçada oposta, exatamente na altura em que os dois cavalheiros, que tinham

voltado para trás, chegavam ao mesmo local. O senhor Denny logo pediu licença para lhes apresentar seu amigo, o senhor Wickham, que com ele regressara na véspera da capital, e que aceitara um cargo em seu regimento. Ao jovem só lhe faltava o uniforme para se tornar realmente irresistível. De inegável beleza, os traços eram delicados; a figura, garbosa; e as maneiras, extremamente agradáveis. Após ter sido apresentado, iniciou uma conversa pronta e fácil, que era natural.

Conversavam agradavelmente quando o barulho de cavalos lhes chamou a atenção para Bingley e Darcy, que, nas suas montadas, desciam a rua. Ao reconhecerem as senhoras do grupo, os dois cavaleiros imediatamente foram até elas e as cumprimentaram, segundo as formas usuais. Bingley era quem falava mais, e a senhorita Bennet era o seu principal objeto.

Iam a caminho de Longbourn, para indagar sobre ela. O senhor Darcy concordou com o amigo com um aceno de cabeça, e estava tentando não fixar os olhos em Elizabeth quando eles subitamente se detiveram no desconhecido. Elizabeth, surpreendendo as expressões de ambos ao encararem um ao outro, ficou pasma com o efeito de tal encontro.

Ambos mudaram de cor: um empalideceu e o outro corou. O senhor Wickham, passados alguns instantes, levou a mão ao chapéu, cumprimento esse a que o senhor Darcy mal se dignou a retribuir. Que queria dizer

aquilo? Era impossível adivinhar, mas impossível também não desejar saber disso.

Pouco depois, o senhor Bingley, sem parecer ter notado o que se passara, fez as despedidas e se afastou com o amigo.

O senhor Denny e o senhor Wickham acompanharam o grupo até a porta do senhor Philips, e aí se despediram, apesar da insistência de Lydia para que entrassem e apesar de a própria senhora Philips reiterar o convite.

A senhora Philips tinha sempre grande alegria em ver as sobrinhas. Recebeu-as com um carinho especial, quando sua atenção e delicadeza foram reclamadas pelo senhor Collins, que Jane lhe apresentava. Ela acolheu-o no seu melhor bom-tom, que ele retribuiu de forma mais exagerada ainda, desculpando-se pela intrusão, uma vez que nenhum conhecimento prévio se tivesse verificado entre eles, mas que ele esperava poder justificar pelo seu parentesco com as jovens que ele acompanhava.

A senhora Philips ficou extasiada perante tamanha boa educação, mas foi interrompida pelas exclamações e perguntas acerca do outro, sobre quem ela nada contou que as sobrinhas já não soubessem, tão somente que o senhor Denny o trouxera de Londres e que ele iria desempenhar o cargo de tenente no destacamento. Disse ainda ter estado observando-o durante aquela última hora, enquanto ele por ali passeava, ocupação essa que Kitty e Lydia teriam de bom grado continuado, caso o senhor Wickham de novo surgisse.

Infelizmente, ninguém mais passou ali além de alguns oficiais, que, comparados com o recém-chegado, não passavam agora de indivíduos desagradáveis e sem graça. Alguns deles jantariam com os Philips no dia seguinte, e a tia prometeu convencer o marido a visitar o senhor Wickham e convidá-lo também. A senhora Philips salientou que teriam, entre outros, o sempre divertido e barulhento jogo de loteria, seguido de uma ceia leve e reconfortante. A perspectiva de tais prazeres encheu o grupo de regozijo, e se separaram numa boa disposição mútua. O senhor Collins, ao abandonar a sala, mais uma vez se desfez em desculpas.

O senhor Collins fez a alegria da senhora Bennet ao expressar sua admiração pela delicadeza e pelas maneiras da senhora Philips. Ele afirmava que, com a exceção de lady Catherine e de sua filha, nunca lhe fora dado deparar com mulher mais elegante, pois ela não só o recebera com a maior cortesia, como também o incluía formalmente em seu convite para o dia seguinte, mesmo que nunca o tivesse visto antes.

Capítulo 16

Na hora adequada, a carruagem conduziu o senhor Collins com as cinco primas a Meryton. Isso porque nenhuma objeção veio contrariar o compromisso das jovens com a tia, e todos os escrúpulos do senhor Collins em deixar o senhor e a senhora Bennet por uma única noite durante sua visita foram firmemente repelidos. Mal entraram, as garotas foram prontamente informadas de que o senhor Wickham aceitara o convite do tio, e já se encontrava ali.

Assim que se acomodaram, o senhor Collins aproveitou o ensejo para olhar à sua volta e admirar, mostrando-se muito impressionado com as dimensões e a própria mobília do local. Declarou poder quase imaginar-se na pequena saleta de Rosings, onde, durante o verão, a família costuma tomar seu café da manhã. Essa comparação não pareceu, a princípio, motivo para grande reconhecimento. Quando a senhora Philips foi por ele elucidada sobre o que era Rosings e quem era sua proprietária, após ouvir a descrição de apenas uma das salas de visita de lady Catherine e saber que só a cornija da lareira custara 800 libras, ela sentiu toda a força do elogio. Nessa altura, nem a comparação com o quarto da governanta a teria ofendido.

Ele passou agradavelmente o tempo na descrição da grandeza de lady Catherine e da sua luxuosa mansão, com digressões ocasionais em louvor da sua humilde habitação e dos melhoramentos que lhe estavam sendo feitos. Na senhora Philips encontrou uma ouvinte atenta, cuja opinião a seu respeito aumentava com o que ouvia, e a qual antegozava as delícias de uma narrativa detalhada para as vizinhas, mal tivesse ocasião para isso. Mas para as garotas, que não queriam prestar atenção no primo e nada tinham a fazer senão examinar as imitações de porcelana sobre a lareira, o intervalo pareceu muito longo.

Os oficiais do destacamento formavam, em geral, um grupo bastante prestigiado e distinto, mas, de todos, o senhor Wickham se destacava pela figura, aspecto e porte. Quando o senhor Wickham entrou na sala, Elizabeth sentiu que não era de modo algum injustificada sua admiração por ele, quer quando o avistara pela primeira vez, quer nas vezes em que desde então a imagem dele lhe ocorreu ao pensamento.

O senhor Wickham foi o felizardo para quem quase todos os olhares femininos se voltaram; e Elizabeth, a felizarda junto de quem ele

finalmente veio se sentar. A facilidade e o modo agradável com que ele iniciou a conversa, embora limitada à intempérie daquela noite e às probabilidades de uma estação chuvosa, a fez refletir como o tema mais vulgar, insípido e estagnado poderia se tornar interessante graças à habilidade do interlocutor.

Com rivais de tal monta na disputa das atenções do belo sexo como o senhor Wickham e os oficiais, o senhor Collins parecia destinado a

mergulhar na insignificância. Nada poderia esperar, mas, uma vez ou outra, encontrava ainda na senhora Philips uma ouvinte caridosa, e, graças à sua vigilância, era por ela abundantemente servido de café e bolo.

Quando surgiram as mesas de jogo, ele viu chegada a ocasião de lhe retribuir as atenções, prontamente concordando em participar do jogo

de *whist* .

– No momento não estou bem a par do jogo – disse ele –, mas terei todo o prazer em me aperfeiçoar, pois, na minha situação...

A senhora Philips mostrou-se muito reconhecida pela sua amabilidade, mas não pôde esperar por mais explicações.

O senhor Wickham não jogava *whist* , e, com espontânea alegria, foi acolhido na outra mesa, entre Elizabeth e Lydia. Parecia, a princípio, haver o perigo de Lydia o absorver completamente, pois ela era uma faladora inveterada, mas, como acontecia também de ser uma apaixonada pelo jogo da loteria, depressa se deixou envolver pelo interesse do jogo, ansiosa demais em fazer suas apostas e lançar os palpites para dedicar qualquer espécie de atenção a alguém em particular.

Consideradas as exigências normais do jogo, o senhor Wickham encontrou assim disponibilidade suficiente para conversar com Elizabeth, que se mostrou encantada em ouvi-lo, apesar de não ousar esperar que ele lhe contasse o que mais desejava ouvir: a história das relações entre ele e o senhor Darcy. Não se atrevia sequer a mencionar tal cavalheiro. Sua curiosidade, porém, foi inesperadamente satisfeita. O próprio senhor Wickham abordou o assunto. Quis saber a que distância Netherfield se encontrava de Meryton, e, após a resposta dela, perguntou, um pouco hesitante, desde quando o senhor Darcy ali se encontrava.

– Há cerca de um mês – disse Elizabeth; e, perante tal oportunidade, acrescentou: – Ele é o dono de extensas terras em Derbyshire, creio eu.

– Sim – replicou Wickham –, suas propriedades são o que há de melhor.

Dão um rendimento líquido de dez mil libras anuais. Não poderia ter encontrado pessoa mais apta do que eu para informá-la sobre o assunto, pois estive, desde a minha infância, intimamente ligado à família dele.

Elizabeth não pôde esconder a surpresa. Wickham prosseguiu:

– É muito natural que tal asserção não deixe de surpreendê-la, senhorita Bennet, sobretudo após assistir, como provavelmente terá acontecido, à frieza que presidiu ao nosso encontro de ontem. Tem algum conhecimento íntimo do senhor Darcy?

– Tanto quanto alguma vez o desejaria ter – respondeu Elizabeth com ardor. – Passei quatro dias na mesma casa com ele, e o acho uma pessoa bastante desagradável.

– Não posso dar minha opinião quanto a ele ser desagradável ou não – disse Wickham. – Não estou qualificado. Conheço-o há muito tempo e bem demais para pretender julgá-lo com honestidade. É impossível ser imparcial. Porém, creio que a opinião da senhorita sobre ele causaria o espanto geral, e talvez não ousasse exprimi-la tão vigorosamente em qualquer outro lugar. Aqui sempre está em família.

– Palavra de honra que não digo aqui mais do que diria em qualquer outra casa da vizinhança, exceto em Netherfield. Ele está longe de ser apreciado em Hertfordshire. Seu orgulho caiu mal entre nós. Nunca ouvirá falar bem dele.

– Não posso fingir pena – comentou Wickham após uma pequena pausa – por ele ou qualquer outro não serem mais estimados do que aquilo que realmente merecem; mas, com ele, creio que isso não acontece com frequência. O mundo, cego perante sua fortuna e importância, ou assustado com seu ar superior e imponente, o vê apenas como ele pretende que o vejam.

– Por minha parte, apesar do conhecimento relativo que tenho dele, considero-o um homem de gênio ruim.

Wickham apenas acenou com a cabeça. Em seguida, disse:

– Gostaria de saber se ele ainda ficará muito tempo por estas paragens.

– Não faço a menor ideia, mas nada ouvi sobre sua partida quando

estive em Netherfield. Espero que seus planos quanto ao destacamento não sejam afetados pela permanência dele na vizinhança.

– Oh, não! Não serei eu que me afastarei por causa do senhor Darcy. Se deseja me evitar, ele que se afaste. Nossas relações são bastante tensas, e

custa-me sempre um pouco me encontrar com ele, mas não tenho outra razão especial para evitá-lo que não possa proclamar ao mundo inteiro, ou seja, o ressentimento de uma grande injustiça e uma tristeza infinita por ele ser como é. O pai dele, o falecido senhor Darcy, foi um dos melhores homens que já existiu, e o meu amigo mais sincero. Não há uma vez que eu me encontre com o atual senhor Darcy que não sinta a dor pungente de milhares de recordações ternas. O comportamento dele comigo foi escandaloso, mas, no meu íntimo, creio poder perdoar-lhe tudo, exceto o fato de ele ter contrariado as esperanças e desgraçado a memória do pai.

Elizabeth viu aumentar seu interesse no assunto, e nele pôs todo o coração. Contudo, a própria delicadeza nele inerente a impedia de continuar a fazer perguntas. O senhor Wickham abordou, então, tópicos mais gerais, como Meryton, seus arredores e sua sociedade, mostrando-se extremamente satisfeito com tudo o que até então lhe fora dado deparar.

– Foi a perspectiva de relações sociais constantes e de uma boa sociedade – acrescentou ele – que constituiu meu principal objetivo ao entrar para o destacamento. Sabia de antemão que se tratava de uma unidade militar com bastante prestígio e de ambiente agradável, quando meu amigo Denny me veio tentar ainda mais com a descrição do presente quartel e das simpáticas atenções e conhecimentos excelentes que Meryton lhes proporcionara. A vida militar não era a que me estava destinada, mas as circunstâncias me levaram a optar por ela. Minha vocação era o sacerdócio... para ele fui educado, e estaria agora numa ótima situação, não fosse a má vontade do cavalheiro de quem há pouco falávamos.

– É mesmo?

– O falecido senhor Darcy havia me legado a sucessão na paróquia mais abastada sob seu domínio. Além de ser meu padrinho, tinha-me em grande estima. Não lhe posso descrever tamanha bondade. Era desejo seu

providenciar-me uma vida desafogada, e pensava tê-lo feito; porém, quando o lugar vagou, um outro o foi ocupar.

– Meu Deus, mas como é isso possível? Em que se basearam para não acatar seu testamento? E por que razão o senhor não procurou uma reparação legal? – perguntou Elizabeth.

– A informalidade dos termos que redigiam o legado tirou-me qualquer esperança que pudesse advir de um processo legal. Um homem de honra nunca duvidaria da intenção implícita, mas o senhor Darcy preferiu

duvidar ou considerar o texto como uma mera recomendação condicional e sustentar que eu perdera o direito a ela por extravagância, imprudência, e, em suma, por nada ou qualquer coisa. Certo é

que o lugar vagou há dois anos, bem quando atingi a idade adequada, e que ele foi confiado a outrem; assim como também é certo que eu não posso ser acusado de ter feito algo para merecer perdê-lo. Posso, por vezes, ter talvez expressado minha opinião um pouco livremente demais. Não me recordo de nada mais grave. Mas o fato é que somos muito diferentes um do outro, e ele me odeia.

– Mas isso é revoltante! Ele merece ser desmascarado em público.

– Há de chegar o dia, mas não serei eu a fazê-lo. Enquanto conservar em mim a memória de seu pai, não ousarei desafiá-lo ou expô-lo sequer à opinião pública.

Elizabeth felicitou-o por tais sentimentos e considerou-o mais belo do que nunca ao ouvi-lo.

– Mas quais terão sido os motivos de tal cavalheiro? – tornou a perguntar ela após uma pausa. – O que poderá tê-lo levado a agir tão cruelmente?

– Uma perfeita e decidida antipatia por mim, uma antipatia que não posso senão atribuir, em parte, ao ciúme. Tivesse o falecido senhor Darcy gostado menos de mim, talvez seu filho me suportasse melhor. Mas creio que o afeto incomum do pai por mim sempre o irritou desde muito cedo. Ele não era homem para suportar o tipo de competição existente entre nós, a preferência que frequentemente me era dada.

– Não pensei que o senhor Darcy se deixasse levar a tal extremo, e, embora logo de princípio não tivesse simpatizado com ele, nunca o considerei sob tão tenebroso aspecto.

Após alguns minutos de reflexão, ela continuou:

– Eu me lembro de tê-lo ouvido, um dia, em Netherfield, gabar-se da implacabilidade dos seus ressentimentos, de ter um temperamento que dificilmente perdoa. É, sem dúvida, uma criatura detestável.

– Não se fie em mim – replicou Wickham –, pois estou numa posição difícil para julgá-lo.

Elizabeth mergulhou de novo nos próprios pensamentos. Após alguns instantes, exclamou:

– Tratar de tal modo o afilhado, o favorito do pai! – E poderia ter acrescentado: “E um jovem como o senhor, cujo aspecto diz bem da sua amabilidade”, mas contentou-se com: – E, para mais, uma pessoa que provavelmente terá sido, desde a infância, seu companheiro de folgedos, unidos, como creio tê-lo anteriormente ouvido dizer.

– Passamos juntos grande parte da nossa juventude. Vivíamos na mesma casa, partilhávamos as mesmas brincadeiras e éramos objeto do mesmo amor paternal. Meu pai começou por exercer na vida a profissão que o seu tio, o senhor Philips, parece tanto honrar, mas acabou por tudo abandonar e pôr-se ao serviço do falecido senhor Darcy, devotando todo o seu tempo à administração da casa de Pemberley. Ocupava lugar de destaque na consideração e estima do senhor Darcy, direi mesmo, o de seu amigo íntimo e confidente. O senhor Darcy frequentemente lhe deu a entender todo o seu reconhecimento pelos elevados serviços de meu pai, e, quando, pouco antes da morte de meu pai, voluntariamente lhe prometeu olhar pelo meu

futuro, estou convencido de que ele o fez tanto por se sentir em dívida com o meu pai quanto pela sua afeição por mim.

– Que estranho! – exclamou Elizabeth. – É abominável! Pergunto-me se não foi o próprio orgulho do atual senhor Darcy que o impediu de ser justo com o senhor! Na falta de motivo melhor, que todo o seu orgulho não o levasse à desonestidade, pois considero tal procedimento nada menos do que desonesto.

– É admirável – replicou Wickham –, pois do orgulho parece provir a maioria das suas ações; e o orgulho tem sido, muitas vezes, seu melhor amigo. Tem-no aproximado mais da virtude do que qualquer outro sentimento. Mas nós somos incompatíveis, e no seu comportamento comigo houve impulsos mais fortes do que o próprio orgulho.

– Poderá orgulho tão horrendo como o dele tê-lo, alguma vez, levado a praticar o bem?

– Sim. Tem, com frequência, levado a ser liberal e generoso, a dar livremente seu dinheiro, a manifestar um grande sentido de hospitalidade, a subsidiar seus rendeiros e a socorrer os necessitados. Tudo isso se deve atribuir a um orgulho de família, a um orgulho filial, pois ele se orgulha bastante da figura do pai. A razão mais poderosa, contudo, é a de não parecer alguma vez desgraçar a família, degenerar as qualidades por todos nele estimadas, ou perder a influência da casa de Pemberley. Cultiva também o orgulho fraternal, que, juntamente com alguma afeição fraterna, o torna um estimável e escrupuloso protetor da irmã; e tanto assim é, que, mais de uma vez, terá a oportunidade de vê-lo apontado como o mais atencioso e o melhor dos irmãos.

– Que tipo de garota é a senhorita Darcy?

Ele abanou a cabeça.

– Gostaria de poder incluí-la na categoria das pessoas amáveis. Desgostame profundamente falar mal de um Darcy. Mas ela se assemelha demais ao irmão... é muito, muito orgulhosa. Era uma criança encantadora, simpática e meiga. Ao seu entretenimento devotei horas sem fim. Hoje em dia, porém, ela não me é nada. Com os seus 15 ou 16 anos de idade, ela é, indubitavelmente, bonita, e creio que superiormente dotada. Vive em Londres desde a morte do pai, na companhia de uma senhora que supervisiona sua educação.

Após numerosas pausas e várias tentativas de enveredar por outros assuntos, Elizabeth não pôde evitar voltar ao primeiro, dizendo:

– Causa-me certo espanto sua intimidade com o senhor Bingley! Como pode o senhor Bingley, que é a boa disposição em pessoa e de uma simpatia sem limites, manter relações de amizade com tal homem? Como é possível adaptarem-se um ao outro? Conhece o senhor Bingley?

– Não, nunca ouvi falar dele antes.

– É um homem encantador, de temperamento afável e meigo. Ele não deve conhecer a verdadeira natureza do senhor Darcy.

– Talvez não; mas o senhor Darcy sabe agradar quando ele bem o entende. Habilidade não lhe falta. É muito capaz de orientar uma conversação agradável, se a acha frutífera. Entre as pessoas do seu nível, ele é totalmente diferente daquilo que aparenta aos menos prósperos. O orgulho nunca o abandona, mas, com os ricos, ele mostra-se liberal, justo,

sincero, racional, digno de honra, e talvez até agradável... conforme a fortuna e a importância do seu interlocutor.

Tendo terminado o jogo de *whist*, os participantes reuniram-se em volta da outra mesa, e o senhor Collins veio postar-se entre a prima Elizabeth e a senhora Philips. A esta última coube proceder às habituais perguntas sobre os seus resultados no jogo. Não tinham sido brilhantes; perdera todos os pontos; mas, quando a senhora Philips pretendeu exprimir o seu pesar, ele, com uma expressão séria e grave, declarou não ter o assunto qualquer importância, que, para ele, o dinheiro pouco valia, e rogou-lhe por tudo para que ela não se sentisse de modo algum incomodada com isso.

– Sei perfeitamente, minha senhora – disse ele –, que, quando uma pessoa se senta a uma mesa de jogo, habilita-se a que lhe aconteçam tais coisas, e, felizmente, na situação em que me encontro, cinco xelins nunca causariam grande transtorno.

Algo despertou a atenção do senhor Wickham, que, após observar o senhor Collins durante alguns momentos, em voz baixa perguntou a Elizabeth se o seu parente tinha algum conhecimento íntimo da família de Bourgh.

– Lady Catherine de Bourgh – respondeu ela – instituiu-lhe recentemente um presbitério. Não faço ideia de como o senhor Collins lhe foi sugerido.

– Sabe que lady Catherine de Bourgh e lady Anne Darcy eram irmãs; e que, por conseguinte, ela é tia do atual senhor Darcy?

– Não, não sabia. Não estou a par dos parentescos de lady Catherine. Aliás, só anteontem soube da sua existência.

– A filha dessa senhora, a senhorita de Bourgh, herdará um dia uma fortuna fabulosa, e todos são unânimes em acreditar que ela e seu primo unirão as suas riquezas.

Elizabeth sorriu, pois se lembrou da pobre senhorita Bingley. Na verdade, vãs seriam todas as suas atenções, vã e inútil, a sua afeição pela irmã dele, assim como os elogios de que ela o rodeava, uma vez que ele já estava destinado a outra.

– O senhor Collins – disse ela – tem uma elevada opinião tanto de lady Catherine quanto da filha; mas, por alguns pormenores daquilo

que ele conta sobre Sua Excelência, receio que sua gratidão não o iluda,

e que ela, mesmo sendo sua protetora, não passe de uma mulher arrogante

e presunçosa.

– Creio que é ambas as coisas, e a um elevado grau – replicou Wickham.
– Há muitos anos que não a vejo, mas recordo-me de nunca ter simpatizado com ela, e de que seus modos eram autoritários e insolentes. Tem a reputação de se tratar de uma pessoa muito sensata e esperta; mas prefiro acreditar que essas suas aptidões derivam, em parte, da sua fortuna e posição social e, em parte, do seu feitio autoritário, e o resto do orgulho do seu sobrinho, que entende que todo aquele que com ele se relaciona tem que ser de primeira categoria.

Elizabeth salientou a clareza da descrição que ele acabara de fazer, e os dois continuaram conversando numa satisfação mútua, até que a ceia veio interromper o jogo, permitindo às outras senhoras partilharem também das atenções do senhor Wickham. Era impossível conversar durante a barulhenta ceia da senhora Philips, mas só os modos dele bastaram para causar boa impressão em todos. O que quer que ele dissesse, era bem dito; e tudo o que ele fazia era feito com graciosidade. Elizabeth, quando abandonou a festa, estava totalmente inebriada por ele. No caminho para casa, não pensava em outra pessoa senão no senhor Wickham e em tudo aquilo que ele lhe contara; mas não pôde, na carruagem, sequer mencionar seu nome, pois nem Lydia nem o senhor Collins se calaram um só instante.

Capítulo 17

No dia seguinte, Elizabeth contou a Jane sua conversa com o senhor Wickham. Jane escutou com um misto de espanto e pesar. Não podia admitir que o senhor Darcy fosse a tal ponto indigno da estima do senhor Bingley; e, contudo, não era da sua natureza duvidar da veracidade de pessoa tão encantadora quanto Wickham. Só a hipótese de ele ter alguma vez sofrido tamanha injustiça bastava para lhe despertar os mais ternos sentimentos. Ela não via outra atitude a tomar senão conservar a boa opinião que tinha dos dois, defender o comportamento tanto de um quanto

do outro, e atribuir a um erro de interpretação tudo o que de outro modo não pudesse ser explicado. Disse ela:

– Estou certa de que não passa de um mal-entendido entre eles, e nada poderemos saber. Quem sabe se não foram interesseiros que os

indispuseram um contra o outro. Não podemos adivinhar as causas ou circunstâncias que os afastaram sem conhecermos as versões dos dois lados – opinou Jane.

– Tem toda a razão, e agora, minha querida Jane, o que dizer em defesa dos interesseiros que porventura entraram no negócio? Releve-os também, ou teremos de culpar alguém.

– Zombe de mim, se quiser, mas eu continuarei sendo assim. Minha querida Lizzy, pense só na situação em que isso colocaria o senhor Darcy por tratar de tal modo o favorito do pai dele, alguém a quem o pai prometeu ajudar. Veja que é impossível. Nenhum homem dotado de um mínimo de sentimentos e com um pouco de caráter seria capaz de tal coisa. Seria o caso de seus amigos mais íntimos estarem iludidos a seu respeito? Oh, não!

– Creio mais que o senhor Bingley seja vítima de um logro do que na possibilidade de tudo o que o senhor Wickham me contou ser invenção. Nomes, fatos, tudo ele me mencionou sem a menor hesitação. Se for mentira, o senhor Darcy que venha provar. De resto, ele parecia sincero naquilo que dizia.

– É difícil e aflitivo. A gente não sabe o que pensar.

De uma coisa, pelo menos, Jane estava certa. Se o senhor Bingley estivesse sendo enganado, ele iria sofrer muito quando tudo aquilo viesse

à tona.

As duas garotas foram chamadas do jardim, onde a conversa decorria, pois tinham acabado de chegar algumas das pessoas sobre quem falavam. O senhor Bingley e as irmãs vinham pessoalmente convidá-las para o baile em Netherfield, que se realizaria na terça-feira seguinte. As duas senhoras estavam encantadas por se encontrarem de novo com sua querida amiga. Falaram na eternidade da separação, e repetidas vezes lhe perguntaram em que se ocupara desde então. Ao resto da família deram pouca atenção, evitando tanto quanto possível a senhora Bennet. Pouco falaram com Elizabeth, e para as outras nem sequer olharam. Em breve se prepararam para partir, levantando-se tão decididamente dos lugares que pegaram o irmão de surpresa ao apressar a saída, como que ansiosas para fugirem das gentilezas da senhora Bennet.

A perspectiva do baile em Netherfield era extremamente agradável a todas as mulheres da família. A senhora Bennet resolveu considerar que

era dado em homenagem à filha mais velha, e ficara particularmente lisonjeada por ter recebido o convite do próprio senhor Bingley, em lugar do cartão formal de costume. Jane antevia uma noite maravilhosa na companhia das duas amigas e rodeada das atenções do irmão delas, enquanto Elizabeth sonhava com o prazer de dançar com o senhor Wickham e em ver confirmado no caráter e nas atitudes do senhor Darcy tudo o que lhe contaram. A felicidade antecipada de Catherine e Lydia não dependia tanto de um simples acontecimento ou de uma pessoa em particular, pois, embora cada uma delas, tal como Elizabeth, pretendesse dançar metade da noite com o senhor Wickham, ele não era de modo algum o único par que as pudesse satisfazer, e um baile sempre era um baile. A própria Mary garantiu à família não sentir qualquer aversão por tal divertimento.

– Desde o momento em que possa dispor das minhas manhãs, me dou por satisfeita. Não acho sacrifício participar de vez em quando de uma festa noturna. Todos nós temos deveres sociais a cumprir, e partilho da ideia de que um momento de recreação e divertimento só vem em benefício das pessoas – comentou Mary.

Elizabeth sentia-se tão animada e bem-disposta que, embora não falasse com o senhor Collins a não ser quando estritamente necessário, não pôde deixar de lhe perguntar se ele pretendia aceitar o convite do senhor Bingley, e se achava adequado participar do divertimento da noite. A resposta dele surpreendeu-a. Além de não alimentar quaisquer escrúpulos, ele não receava uma censura da parte do arcebispo ou da própria lady Catherine de Bourgh, por se aventurar a dançar.

– Não acho de modo algum que um baile deste gênero, oferecido por um jovem de caráter respeitável, possa encobrir qualquer tendência perniciosa; e estou tão longe de me guardar de tal prazer que espero ter a honra de dançar com cada uma das minhas encantadoras primas no decorrer da noite. Aproveito desde já o ensejo para lhe solicitar, senhorita Elizabeth, as duas primeiras danças. Espero que minha prima Jane atribua a preferência à justa causa, e não a qualquer desconsideração por ela.

Elizabeth ficou consternada, pois eram exatamente aquelas as danças que reservara para o senhor Wickham! Nunca a sua animação fora tão posta à prova. A felicidade de Wickham e a sua própria foram, por força das circunstâncias, adiadas para um pouco mais tarde, e a proposta do senhor Collins foi aceita com tanta gentileza quanto foi possível exprimir. Não se

sentia nem sequer lisonjeada pelo galanteio dele, pois via no primo uma intenção mais remota. Ocorria-lhe agora, pela primeira vez, a ideia de que era ela a eleita entre as irmãs para se tornar a senhora do presbitério de Hunsford e completar a mesa de jogo em Rosings sempre que parceiros mais qualificados não se apresentassem. A ideia em breve se tornou certa quando o viu multiplicar suas gentilezas com ela, e com frequência tentava elogiá-la pelo seu espírito e sua vivacidade. Não decorreu muito tempo e sua mãe deu a entender quanto lhe agradava a perspectiva de uma união entre eles. Elizabeth preferiu não se dar por vencida, pois pressentia a discussão tempestuosa que uma réplica sua provocaria. Além disso, o senhor Collins podia nunca chegar a fazer o pedido, e, até lá, era inútil discutirem por causa dele.

Não fosse o baile em Netherfield, que exigia certa preparação e proporcionava um assunto inesgotável para conversas, as mais jovens das senhoritas Bennet estariam num estado lamentável. Desde o dia em que receberam o convite até o próprio dia do baile, choveu ininterruptamente, o que tornou impossível irem a Meryton uma só vez. A tia, os oficiais e os mexericos, tudo estava vedado. A própria Elizabeth se ressentiu na sua paciência com o clima e suspendeu por completo a evolução do seu conhecimento com o senhor Wickham. Nada, a não ser o baile de terça-feira, poderia ter tornado sexta-feira, sábado, domingo e segunda-feira suportáveis para Kitty e Lydia.

Capítulo 18

Até o momento em que Elizabeth entrou no salão de Netherfield e, em vão, procurou pelo senhor Wickham por entre os grupos de casacas encarnadas que ali se encontravam reunidos, nunca lhe ocorrera duvidar da sua presença no baile. A certeza de encontrá-lo não fora ensombrada por nenhuma daquelas recordações que poderiam, não sem razão, ter causado certo alarme. Vestira-se com um esmero incomum e, com alegria incontida, preparara-se para conquistar tudo o que ainda existia no coração do jovem, confiante de que não seria mais do que aquilo que poderia ser conquistado no decorrer daquela noite. Porém, no mesmo instante, foi assaltada pela terrível suspeita de que ele tivesse sido excluído do convite de propósito, por inspiração do senhor Darcy. Obteve a confirmação da

ausência da boca do amigo, o senhor Denny, junto de quem Lydia ansiosamente foi se informar. Ele contou, com um sorriso bastante significativo, que Wickham se vira, na véspera, forçado a tomar o caminho da capital para tratar de assuntos pendentes e que ainda não regressara.

– Não entendo que assuntos importantes o afastam numa altura destas, a não ser evitar um certo cavalheiro que aqui se encontra também.

Esta última frase, se bem que tivesse escapado a Lydia, foi compreendida por Elizabeth. Certa de que Darcy era responsável pela ausência de Wickham, toda a antipatia nutrida pelo primeiro era de tal modo acirrada pelo desapontamento sofrido que foi a muito custo que conseguiu um mínimo de delicadeza na resposta às amáveis perguntas que ele lhe fez após ter ido ao seu encontro. Qualquer atitude denunciando atenção ou indulgência com Darcy era um ultraje contra Wickham. Decidida a não lhe dar réplica, afastou-se com um mau humor que ela dificilmente superou, mesmo na troca de palavras com o senhor Bingley, cuja cega afeição a provocava.

Todavia, Elizabeth não era dada a desânimos. Embora todas as suas expectativas para essa noite tivessem se esvaído, logo se recuperou. Desabafou com Charlotte Lucas, que havia uma semana não via. Logo passou o assunto para as singularidades do primo, e sobre ele chamou a atenção da amiga. As duas primeiras danças, contudo, vieram reavivar sua mágoa. O senhor Collins, desajeitado e solene, desfazendo-se em desculpas em lugar de prestar atenção, e frequentemente dando o passo errado sem que

desse por isso, a fez passar maior vergonha e constrangimento do que um par pode causar ao longo de duas danças. O momento da libertação foi de alívio para ela.

Em seguida, dançou com um oficial, se consolou em conversar sobre Wickham e soube como ele era estimado por todos. Terminadas essas danças, voltou para junto de Charlotte Lucas, e com ela conversava quando se viu interpelada pelo próprio senhor Darcy, que a pegou de surpresa com seu pedido para dançar. Ela aceitou sem saber o que estava fazendo. Ele tornou a afastar-se imediatamente, e ela ficou só, censurando-se pela sua falta de presença de espírito; Charlotte tentou consolá-la:

– Verá como ele é agradável.

– Deus me livre! Seria catastrófico! Sentir prazer na companhia de um

homem que se está decidida a odiar. Não me deseje tal coisa.

Contudo, quando a dança recomeçou e Darcy se aproximou para renovar seu convite, Charlotte não se absteve de murmurar ao ouvido da amiga que não se portasse como uma tola e permitisse que sua inclinação por Wickham a tornasse desagradável aos olhos de um homem dez vezes mais influente. Elizabeth não lhe respondeu e foi tomar seu lugar na dança, um pouco embaraçada pela honra de ser conduzida pela mão do senhor Darcy. Percebeu igual espanto estampado nos rostos dos circundantes ao notarem o fato. Durante algum tempo, ficaram sem pronunciar uma palavra, e ela convenceu-se de que o silêncio entre eles duraria até o fim das duas danças. A certa altura, pensou que seria um castigo maior obrigar seu par a falar, e fez uma pequena observação sobre a dança. Ele respondeu e, de novo, guardou silêncio. Após uma pequena pausa, ela disse:

– É a sua vez de se pronunciar, senhor Darcy. Como eu já falei sobre a dança, o senhor deve agora referir-se ao comprimento da sala ou ao número de pares que aqui se encontram.

Ele sorriu e garantiu-lhe que diria o que ela quisesse.

– Muito bem. Por agora, essa resposta serve. Talvez, de passagem, eu devesse observar que os bailes particulares são muito mais agradáveis do que os bailes públicos. Mas agora é para permanecermos calados.

– Quer dizer que é para si uma regra falar enquanto dança?

– Por vezes, sim. Penso que se deva falar sempre, por pouco que seja. Seria absurdo permanecermos calados durante a meia hora que ficaremos juntos, e, todavia, no interesse de alguns, a conversa deveria ser de tal modo convencionalizada que lhes permitisse dizerem o mínimo possível.

– No caso presente, ausculta os seus sentimentos, ou, pelo contrário, supõe responder aos meus?

– Ambas as coisas – replicou Elizabeth com malícia. – Desde o princípio que noto uma similaridade na nossa maneira de pensar. De caráter insociável e taciturno, nem sempre estamos dispostos a conversar, exceto se contamos emitir uma opinião capaz de impressionar o salão em peso e de ser transmitida à posteridade como um provérbio.

– Não se pode dizer que salte à vista a semelhança do seu caráter com esse que acabou de me descrever – disse ele. – Não sei dizer até que ponto ele se parece com o meu.

– Não devo me pronunciar sobre a minha própria obra.

Ele não respondeu, e de novo mergulharam no silêncio, até que ele

perguntou se ela e as irmãs iam com frequência a Meryton. Elizabeth respondeu afirmativamente, e, incapaz de resistir à tentação, acrescentou:

– Quando nos encontramos lá outro dia, tínhamos acabado de fazer um novo conhecimento.

O efeito foi imediato. Uma sombra de altivez profunda espalhou-se sobre as feições de Darcy, mas ele não disse uma palavra, e Elizabeth, embora censurando-se pela sua franqueza, não ousou continuar. Por fim, Darcy falou e, um pouco contrariado, disse:

– O senhor Wickham é dotado de uma afabilidade que lhe permite fazer amigos em qualquer parte, porém, o mesmo não direi da sua capacidade em conservá-los.

– Realmente, teve a infelicidade de perder suas boas graças – replicou Elizabeth com ênfase –, e de uma forma que se ressentirá por toda a sua vida.

Darcy não respondeu, e parecia ansioso para mudar de assunto. Nessa altura, junto deles surgiu *sir* William Lucas, que, fazendo menção de atravessar por entre os pares para o outro lado da sala, ao deparar com o senhor Darcy parou, se curvou e o cumprimentou com reverência de extrema cortesia, felicitando-o pelo seu estilo de dança e pelo seu par.

– Estou me deleitando perante tal espetáculo, meu caro senhor. Não é com frequência que se vê alguém dançar tão bem. É evidente que o senhor pertence às mais altas esferas. Permita-me dizer que o seu encantador par em nada o desvaloriza, e que espero ver por muitas vezes repetido este meu prazer, sobretudo quando determinado acontecimento tão desejável, querida senhorita Eliza – disse ele olhando de soslaio para Jane e para Bingley –, tiver lugar. Que felicitações não afluirão então! O senhor Darcy que o diga... mas não quero interromper mais. Sei que não me agradecerá os preciosos minutos roubados da conversa fascinante com esta jovem, cujos lindos olhos já estão me fulminando.

Darcy mal ouviu a última frase. A alusão de *sir* William a seu amigo parecia tê-lo impressionado muito. Foi com uma expressão séria que ele fitou Bingley e Jane, que estavam dançando um com o outro.

Contudo, em breve, recuperou uma serenidade aparente, e, voltando-se para o seu par, disse:

– Com a interrupção de *sir* William, esqueci-me sobre o que estávamos falando.

– Não me parece que estivéssemos sequer conversando. *Sir* William não

poderia ter interrompido outro par na sala que tivesse menos o que dizer um ao outro. Tentamos já dois ou três assuntos sem qualquer êxito, e não faço a menor ideia sobre qual possa ser o nosso tema de conversa seguinte.

– Qual a sua opinião sobre livros? – indagou sorrindo.

– Livros... oh, não! Estou certa de que não lemos os mesmos, ou, então, nunca com a mesma disposição de espírito.

– Lastimo que pense assim; mas, nesse caso, não haverá, pelo menos, o perigo de faltar assunto entre nós. Poderemos comparar as nossas diferentes opiniões.

– Não, não conseguirei pensar em livros numa sala de baile; o meu espírito está sempre absorto em outras coisas.

– O presente a mantém sempre ocupada em tais cenários, é isso? – perguntou ele, lançando um olhar de dúvida.

– Sim, sempre – replicou ela, sem saber bem o que estava dizendo, pois seus pensamentos navegavam em outras águas, como claramente o deu a entender a exclamação súbita que se seguiu: – Lembro-me de tê-lo ouvido afirmar, senhor Darcy, que dificilmente perdoa, e que, uma vez suscitado, o seu ressentimento era implacável. Suponho que seja escrupuloso quanto às circunstâncias que originam esse mesmo ressentimento.

– E sou – disse ele com voz firme.

– E nunca admite que um preconceito o cegue?

– Assim o espero.

– Para aqueles cuja opinião não muda, é da sua particular incumbência a certeza de acertarem nos seus juízos logo à primeira vez.

– Posso saber qual o fim de todas essas perguntas?

– Apenas para uma mera ilustração do seu caráter – respondeu ela, procurando disfarçar o tom grave com que até então falara. – Estou tentando decifrá-lo.

– E quais os resultados a que chegou?

Ela abanou a cabeça.

– Pouco avancei. São tão diversas as opiniões a seu respeito que me sinto confusa.

– Não creio – respondeu ele gravemente – que as versões a meu respeito possam variar tanto. Contudo, senhorita Bennet, desejaria que, neste momento, não se debruçasse no estudo do meu caráter, pois é caso para rezear que tal atividade não abone em favor de nada.

– Mas, se não o desvendo agora, nunca mais terei outra oportunidade.

– Não pretendo de modo algum constituir entrave ao seu prazer – replicou ele friamente.

Ela nada acrescentou, e, após alguns minutos mais de dança,

separaram-se em silêncio, cada um para seu lado e descontentes, embora a um grau diferente, pois no peito de Darcy existia por ela uma ternura de certo modo poderosa, que em breve lhe granjeou o perdão e direcionou todo o seu rancor para outra pessoa.

Não fazia muito tempo que tinham se separado quando a senhorita Bingley se aproximou de Elizabeth e, com uma expressão de altivo desdém, abordou-a nos seguintes termos:

– Então, senhorita Eliza, encontra-se sob o encanto de George Wickham! A sua irmã esteve, há pouco, a falar-me sobre ele, e fez-me centenas de perguntas; mas vejo que, entre as suas outras confidências, ele se esqueceu de mencionar para a senhorita que era o filho do velho Wickham, o caseiro do falecido senhor Darcy. Contudo, como sua amiga, a aconselho a não confiar cegamente no que ele diz quanto ao senhor Darcy ter agido injustamente com ele. Não passa de uma tremenda mentira. Ao contrário, ele tem sido de uma bondade notável com esse cavalheiro, mesmo que George Wickham tenha se portado de modo infame com o senhor Darcy. Não estou a par dos pormenores, mas sei que a culpa não reside de modo algum no senhor Darcy, que ele não suporta ouvir sequer mencionar George Wickham, e que, embora meu irmão não pudesse evitar incluí-lo no convite aos oficiais, ele ficou deveras contente ao verificar que o outro tivera o bom senso de não aparecer. Por si só, sua vinda para esta região denota uma insolência atroz, e espanta-me que ele tenha se atrevido a tanto. Tenho pena da senhorita Eliza por descobrir deste modo a culpabilidade do seu favorito. No fundo, dada a descendência dele, não se poderia esperar muito melhor.

– A culpabilidade e a origem humilde parecem, pelo que acabou de me dizer, ser a mesma coisa – respondeu Elizabeth, irritada. – Não a ouvi acusá-lo de nada de mais grave a não ser o fato de ele ser o filho do caseiro do senhor Darcy, e, sobre isso, pode estar certa de que ele mesmo me

informou.

– Perdoe-me então – replicou a senhorita Bingley, afastando-se com um sorriso de desdém. – Desculpe a minha intromissão. Foi por bem

que o fiz.

– Criatura insolente! – desabafou Elizabeth. – Está muito enganada se pensa influenciar-me por meio de ataque tão torpe como este. Nele não vejo outra coisa senão a sua obstinada ignorância e a malícia do senhor Darcy.

Procurou, então, sua irmã mais velha, que se encarregara de obter informações com o senhor Bingley. Jane recebeu-a com um sorriso de tão doce complacência e uma expressão de tão radiosa felicidade que indicava bem quão satisfeita ela se sentia com as ocorrências da noite. Elizabeth imediatamente percebeu o estado de espírito da irmã, e, no mesmo instante, tanto a sua solicitude com Wickham quanto o seu ressentimento contra os inimigos dele, e todo o resto, cederam perante a esperança de Jane se encontrar no caminho da verdadeira felicidade.

– Vinha saber – disse ela tão sorridente quanto a irmã – quais os resultados das tuas inquirições sobre Wickham. Mas receio que estivesse demasiado ocupada com coisas bem mais agradáveis para pensar numa terceira personagem, pelo que te perdoo de todo o meu coração.

– Não – replicou Jane –, não o esqueci, mas nada tenho de satisfatório para te contar. O senhor Bingley não sabe de toda a história, e desconhece por completo quais as circunstâncias que particularmente ofenderam o senhor Darcy. Mas ele responde pela conduta irrepreensível, probidade e honra do seu amigo, e está perfeitamente convencido de que o senhor Wickham merecia muito menos atenções do que aquelas que recebeu do senhor Darcy. Custa-me lhe dizer, mas tanto pelo relato do senhor

Bingley quanto pelo da sua irmã, o senhor Wickham não é de modo algum um jovem respeitável. Receio que ele tenha sido muito imprudente, e, com isso, tenha merecido perder a consideração do senhor Darcy.

– O senhor Bingley não conhece o senhor Wickham?

– Não, nunca o tinha visto antes até aquela manhã em Meryton.

– Então, tudo o que ele sabe foi contado pelo senhor Darcy. Nesse ponto, dou-me por satisfeita. Mas o que ele lhe disse sobre a pensão?

– Ele não se recorda exatamente das circunstâncias, embora mais de uma vez as tenha ouvido da boca do senhor Darcy; contudo, ele crê que ela lhe foi legada condicionalmente apenas.

– Não duvido nem um instante da sinceridade do senhor Bingley – disse Elizabeth com veemência –, mas espero que compreenda que afirmações

apenas não bastam para me convencer. A apologia do senhor Bingley sobre o amigo é, sem dúvida, digna de consideração; mas, uma vez que ele desconhece parte da história e o resto lhe foi contado pelo próprio amigo, não vejo outra alternativa senão conservar a opinião que já antes tinha sobre estes dois cavalheiros.

Posto isto, mudou o rumo da conversa para um assunto mais querido de ambas, e com relação ao qual não podia haver diferenças de opinião.

Elizabeth escutou, encantada, as sorridentes, mas comedidas, esperanças que Jane alimentava a respeito de Bingley, e disse tudo o que estava em seu poder para aumentar a confiança da irmã nelas. Como, entretanto, o próprio senhor Bingley se aproximou, Elizabeth retirou-se para junto da senhorita Lucas, e ainda mal tivera tempo para lhe responder às perguntas sobre seu último par quando o senhor Collins

surgiu e, com grande alvoroço, contou que, para sua felicidade, acabara de fazer importantíssima descoberta.

– Descobri – disse ele – graças a uma coincidência extraordinária, que se encontra aqui na sala um parente próximo da minha protetora. Foi por acaso que ouvi esse cavalheiro mencionar à jovem senhora que faz as honras da casa os nomes da sua prima, a senhorita de Bourgh, e da mãe dela, lady Catherine. É maravilhoso como tais coisas podem ocorrer! Estava bem longe de poder imaginar o meu encontro nesta festa com, talvez, um sobrinho da própria lady Catherine de Bourgh! Dou graças por esta descoberta ter sido feita a tempo de eu poder lhe apresentar os meus cumprimentos.

– Vai apresentar a si próprio ao senhor Darcy?

– É evidente que vou. E, naturalmente, pedir perdão por não o ter feito antes. Estou certo de que ele é sobrinho de lady Catherine, e, nesse caso, estará em meu poder assegurar que Sua Excelência se encontrava bem quando a deixei fez ontem precisamente oito dias.

Elizabeth tudo tentou para dissuadi-lo de tal projeto, assegurando que o senhor Darcy apenas veria impertinência na atitude de falar com ele sem apresentação prévia. O senhor Collins escutou-a com o ar decidido de quem vai seguir a própria inclinação. Quando ela terminou, ele respondeu:

– Cara senhorita Elizabeth, tenho a mais elevada opinião do primoroso bom senso que a orienta em todos os assuntos ao alcance do seu entendimento; porém, deixe-me lembrar-lhe que existe uma grande

diferença entre as formalidades de protocolo estabelecidas entre os leigos e aquelas que regulam o clero. Considero a profissão clerical equiparada em dignidade à mais elevada categoria social do reino. Por tudo isto rogo-lhe que me permita seguir os ditames da minha consciência numa ocasião como esta, que me leva à realização daquilo que considero um dever da minha parte. No caso presente, eu me considero, tanto pela educação quanto pela experiência, mais capacitado a decidir sobre o que é correto fazer do que uma jovem como a senhorita.

Com uma reverência, afastou-se dela e tomou a direção do senhor Darcy, cuja recepção ao seu ataque ela perscrutou ansiosamente. Seu espanto ao ser assim abordado se tornava bem evidente. O primo prefaciou seu discurso com uma reverência solene, e, se bem que ela não pudesse ouvir uma palavra do que ele dizia, era como se o estivesse ouvindo, e pelo movimento dos lábios percebeu as palavras “perdão”, “Hunsford” e “lady Catherine de Bourgh”. Vexava-a vê-lo expondo-se a tal homem. O senhor Darcy olhava-o com uma surpresa ilimitada e, quando, por fim, o senhor Collins o deixou falar, respondeu-lhe com um ar de fria delicadeza. O senhor Collins, contudo, não desistiu de falar com ele de novo, motivo pelo qual o desdém do senhor Darcy pareceu aumentar profusamente com a duração do segundo discurso, e, uma vez terminado este, limitou-se a um ligeiro aceno e afastou-se em outra direção. O senhor Collins voltou, então, para junto de Elizabeth.

– Não tenho razões de queixa, acredite – disse ele –, pelo modo como fui recebido. O senhor Darcy pareceu-me encantado com o gesto. Respondeu-me com toda a delicadeza e até se dignou a elogiar-me, dizendo-me que sua consideração pelo elevado discernimento de lady Catherine o

assegurava de que ela nunca concederia um favor imerecidamente. Foi mesmo um belo pensamento. No conjunto, estou bastante satisfeito com ele.

Elizabeth logo se desinteressou do assunto, direcionando toda a sua atenção para a irmã e para o senhor Bingley; e a série de pensamentos agradáveis que a sua observação despertou deixou-a quase tão feliz quanto a própria Jane. Imaginou-a instalada naquela mesma casa, e numa felicidade tal como a que um casamento por verdadeiro amor pode conceder; e, nessa altura, sentia-se capaz até de um esforço para simpatizar com as duas irmãs de Bingley.

Percebeu que a mãe estava pensando o mesmo, e decidiu não se aproximar dela para não ouvir demais. Por isso, ao se sentarem para cear, ela considerou desastroso o acaso que as colocou perto uma da outra; e foi profundamente envergonhada que ouviu a mãe falando para lady Lucas livre e abertamente, sobre nada menos do que suas expectativas de, em breve, ver Jane casada com o senhor Bingley. Tratava-se de um assunto prolífico, e a senhora Bennet parecia incapaz de qualquer fadiga na enumeração das vantagens de tal união. O fato de se tratar de um jovem tão simpático, tão rico e vivendo a apenas cinco quilômetros de distância deles, apresentava aos seus olhos os predicados de maior monta; e, depois, era um conforto saber da grande simpatia que as duas irmãs nutriam por Jane, e estava certa de que elas desejariam muito a união. Além disso, era um acontecimento promissor para as filhas mais novas, pois o fato de Jane realizar casamento tão notável poderia lançá-las no caminho de outros jovens abastados; e, por último, era tão agradável chegar à sua idade e poder confiar as filhas solteiras ao cuidado da irmã e, desse modo, não se sentir obrigada a comparecer em sociedade senão quando bem lhe aprouvesse. Era necessário tornar tal circunstância um motivo de prazer, pois, em tais ocasiões, faz parte da etiqueta; mas a senhora Bennet seria a última pessoa a sentir algum conforto em ficar em casa em qualquer período da sua vida. E, à guisa de conclusão, exprimiu seus mais sinceros desejos de que lady Lucas em breve se visse em situação idêntica, embora, evidentemente, acreditasse, triunfante, que assim não sucederia.

Em vão Elizabeth tentou refrear a mãe ou persuadi-la a descrever sua felicidade num sussurro menos audível, pois, com indizível aflição, percebera que o senhor Darcy, que se encontrava mesmo defronte, estava ouvindo tudo. Sua mãe apenas a censurou por se mostrar tão absurda.

– Que me interessa o senhor Darcy para que eu tenha receio dele? Não me parece que lhe deva alguma delicadeza especial que me impeça de dizer algo que ele possa não gostar de ouvir.

– Pelo amor de Deus, senhora, fale mais baixo. Que vantagem vê em ofender o senhor Darcy? Não é assim que conseguirá que ele a recomende ao amigo.

Contudo, nada do que ela pudesse dizer tinha qualquer influência. A mãe persistiria em falar das suas expectativas no mesmo tom inteligível. Elizabeth corava e tornava a corar, de vergonha e vexame. Porém, não pôde deixar de olhar de relance várias vezes para o senhor Darcy, embora

cada olhar lhe desse cada vez mais a convicção do que ela temia; pois, apesar de ele não estar sempre fitando sua mãe, ela tinha a certeza de que sua atenção estava invariavelmente fixada nela. A expressão do seu rosto mudara aos poucos de indignado desprezo para uma seriedade calma e serena.

Finalmente, porém, a senhora Bennet não encontrou mais nada para dizer; e lady Lucas, que já havia muito bocejava com a repetição dos prazeres que ela não via como partilhar, entregou-se a saborear o presunto e o apetitoso frango. A partir de então, Elizabeth recomeçou a viver. Mas pouco durou o intervalo de tranquilidade, pois, uma vez terminada a ceia, houve quem falasse em cantar, e ela teve a mortificação de ver Mary, que, após uma solicitação pouco entusiástica, se preparava para obsequiar a assembleia. Ainda tentou, com significativos olhares e pedidos silenciosos, tal prova de complacência, mas em vão. Mary não entendeu, pois a oportunidade de se exhibir a encantava, e deu início à sua canção. Elizabeth fixou os olhos na irmã e, debatendo-se em dolorosas sensações, acompanhou seu progresso por meio das diversas estrofes numa impaciência que foi muito mal recompensada no final, pois Mary, ao receber os aplausos da mesa, após uma pausa de meio minuto, deu início a outra música. As faculdades de Mary não se adequavam de modo algum a tal exibição: a voz era fraca e os modos, afetados. Elizabeth sentia-se aniquilada. Olhou na direção de Jane, para ver como ela suportava tal provação; mas Jane encontrava-se serenamente conversando com Bingley. Olhou para as duas outras irmãs e as viu fazendo sinais de troça entre si, e para Darcy, que continuava impenetravelmente grave. Em seguida, olhou, implorante, para o pai, para que ele impedisse Mary de cantar a noite inteira. Ele compreendeu-a, e, quando Mary terminou a segunda canção, disse em voz alta:

– Por ora chega, minha filha. Já nos deleitou por tempo suficiente. Deixe também para outras jovens a oportunidade de se exibirem.

Mary, ainda que fingindo não ter ouvido, ficara um pouco embaraçada; enquanto Elizabeth, com pena dela e lastimando a frase do pai, receou que sua ansiedade não tivesse dado bom resultado. Entretanto, outras jovens foram solicitadas.

– Se acaso eu tivesse a felicidade de ser capaz de cantar – interferiu o senhor Collins –, estou certo de que teria o maior prazer de oferecer uma ária, pois considero a música uma diversão inocente e perfeitamente

compatível com a profissão de um clérigo. Não quero, contudo, com isso afirmar que seja justificável devotarmos demasiado tempo à música, pois é

certo que temos outros assuntos a tratar. O reitor de uma paróquia é muito ocupado. Em primeiro lugar, ele precisa administrar os dízimos. Tem que escrever os próprios sermões, e o resto do seu tempo nunca será demais para os deveres da paróquia e para o cuidado e melhoramento da sua habitação, para torná-la tão confortável quanto possível. E não considero de menor importância que ele procure cultivar uma atitude atenciosa e conciliadora com todos, sobretudo com aqueles a quem deve a sua promoção. Não pode ser dispensado de tal obrigação, e repudiaria todo aquele que deixasse alguma vez de testemunhar seu respeito com relação a algum membro

da família.

E, com uma mesura em direção ao senhor Darcy, ele deu por

concluído o seu discurso, pronunciado com tal sonoridade que quase toda a sala o ouviu. Muitos foram os que o fitaram. E muitos os que sorriram; mas ninguém parecia mais divertido do que o próprio senhor Bennet, enquanto sua mulher, de forma muito compenetrada, tecia um louvor ao senhor Collins por ter falado tão acertadamente, e, a meia voz, comentava a lady Lucas que se tratava de um jovem de inteligência notável e excelentes

qualidades.

Elizabeth pensou que, se toda a família houvesse entrado em acordo para se expor ao ridículo naquela noite, não poderia ter desempenhado seu papel com mais espírito nem com maior êxito. E achou que Bingley e a irmã tinham sido bastante afortunados, pois parte daquela exibição escapara à atenção do primeiro. Felizmente, os sentimentos de Bingley não eram de natureza a serem alterados com facilidade pelas loucuras que ele devia ter presenciado. Bastava que as duas irmãs e o senhor Darcy tivessem tido uma oportunidade de ridicularizar seus parentes. E ela não sabia dizer qual das duas atitudes era mais intolerável: se o desprezo silencioso do cavalheiro ou o sorriso insolente das damas.

O resto da noite passou-se sem grande divertimento para Elizabeth. Estava constantemente sendo importunada pelo senhor Collins, que,

perseverante, se mantinha ao seu lado. Embora não conseguisse arrastá-la de novo para a dança, a impossibilitava de dançar com outros. Em vão, ela tentou atrair a atenção dele para qualquer outra pessoa na sala, chegando até a oferecer-se para apresentá-lo a outra garota. Ele assegurou que não tinha qualquer interesse em dançar, que seu principal objetivo era fazer dela o alvo das suas mais delicadas atenções, e que, por isso mesmo, fazia questão de se manter junto dela a noite inteira. Contra isso não havia argumentos. Ficava aliviada quando a senhorita Lucas atraía para si a conversa do senhor Collins.

Pelo menos ficava livre de mais reparos da parte do senhor Darcy, e, mesmo que muitas vezes ele se encontrasse a curta distância dela, e quase sempre sozinho, nunca se aproximou o bastante para lhe falar. Viu nessa sua atitude a consequência provável das suas alusões ao senhor Wickham, e alegrou-se por isso.

O grupo de Longbourn foi o último a fazer suas despedidas e, graças a uma manobra astuciosa da senhora Bennet, tiveram de esperar pela carruagem mais de um quarto de hora depois de todos os outros terem partido, o que lhes deu a oportunidade de verificar até que ponto algumas das pessoas da casa estavam desejosas de vê-los pelas costas. A senhora Hurst e a irmã apenas abriam a boca para se queixar de cansaço, e não escondiam evidentes sinais de impaciência por enfim terem a casa à sua inteira disposição.

Repeliram todas as tentativas da senhora Bennet, que desejava conversar, e isso lançou um torpor em toda a sala, que nem mesmo as longas tiradas do senhor Collins conseguiram dissipar. O senhor Collins deu parabéns ao senhor Bingley e às suas irmãs pela elegância da festa e pela hospitalidade e polidez com que tinham tratado os convidados. Darcy ficou calado. O senhor Bennet, igualmente silencioso, contemplava a cena com prazer. O senhor Bingley e Jane estavam juntos, um pouco separados dos outros, e conversavam. Elizabeth ficou tão calada quanto a senhora Hurst e a senhorita Bingley, e Lydia se limitava a exclamar ocasionalmente “Como estou cansada!”, acompanhando estas palavras com um grande bocejo.

Quando afinal se levantaram para partir, a senhora Bennet se desmanchou em amabilidades, na esperança de ver a família toda em Longbourn em breve. Dirigiu-se particularmente ao senhor Bingley para assegurar-lhe que teria o maior prazer em recebê-lo para um jantar em família, sem as formalidades de um convite. Bingley agradeceu com grande prazer e se

comprometeu a aparecer na primeira oportunidade, depois de sua volta de Londres, para onde deveria partir no dia seguinte, demorando-se lá pouco tempo. A senhora Bennet ficou inteiramente satisfeita e deixou a casa na deliciosa convicção de que, contando com o prazo necessário para preparar os contratos, as novas carruagens e o enxoval, ela veria sem dúvida a filha instalada em Netherfield dentro de três ou quatro meses no máximo. Pensava com igual certeza no casamento da outra filha com o senhor Collins, e isso lhe dava um prazer apreciável, embora não tão grande. De todas as suas filhas, Elizabeth era de quem ela menos gostava. Embora o marido e o casamento fossem perfeitamente dignos dela, o valor de ambas as coisas era eclipsado pelo senhor Bingley e por Netherfield.

Capítulo 19

O dia seguinte trouxe um novo acontecimento para Longbourn. O senhor Collins fez sua declaração formal. Resolveu proceder a ela sem perda de tempo, uma vez que sua licença terminava no sábado seguinte, e sem desconfiar que criaria uma situação embaraçosa para si mesmo, fez seu pedido com todas as formalidades que supunha indispensáveis à transação.

Encontrando reunidas, pouco tempo depois do café da manhã, a senhora Bennet, Elizabeth e uma das irmãs mais novas, disse à mãe:

– Poderei eu, minha senhora, no seu próprio interesse e no da sua encantadora filha Elizabeth, solicitar-lhe a honra de uma audiência privada com ela no decorrer da manhã?

Antes que Elizabeth tivesse tempo para algo, exceto corar pela surpresa, a senhora Bennet imediatamente respondeu:

– Oh, meu Deus! Sim, com certeza. Estou certa de que Lizzy terá todo o prazer. Estou certa de que ela não porá objecções. Venha, Kitty, preciso de você lá em cima – e, arrumando precipitadamente o seu trabalho, preparava-se para deixá-los, quando Elizabeth exclamou:

– Mamãe, não vá embora! Peço que não saia. O senhor Collins me desculpará. Ele nada terá para me dizer que outros não possam ouvir. Eu mesma vou sair.

– Não, não, que disparate, Lizzy. Fique onde está! – e, vendo que Elizabeth, extremamente embaraçada e aflita, parecia mesmo querer esgueirar-se, acrescentou: – Lizzy, insisto que fique e ouça o que senhor

Collins tem para lhe dizer.

Elizabeth não se oporia a tal determinação, e, após considerar por alguns momentos que seria mais sensato acabar com aquilo o quanto antes, tornou a sentar-se e procurou disfarçar os sentimentos que a dividiam entre a aflição e o divertimento. A senhora Bennet e Kitty afastaram-se e, mal elas saíram, o senhor Collins começou.

– Acredite, cara senhorita Elizabeth, que a sua modéstia, longe de lhe causar algum detrimento, apenas vem se juntar às suas outras perfeições. A senhorita parecia menos graciosa aos meus olhos não fosse por essa pequenina má vontade de sua parte. Permita-me lembrar-lhe de que gozo da conceituada autorização da sua mãe para lhe falar nestes termos. Não terá dúvidas quanto ao teor do comunicado que tenho a fazer, se bem que a sua natural delicadeza a leve a dissuadi-la do contrário. Minhas atenções têm sido incisivas para admitirem uma interpretação diferente. Quase imediatamente após ter entrado nesta casa, escolhi a senhorita para companheira da minha vida futura. Mas, antes de me deixar arrastar pelos meus sentimentos neste assunto, será talvez preferível passar a expor as razões que me induzem a casar, e, sobretudo, que me trouxeram a Hertfordshire no intuito de procurar uma esposa, como realmente o fiz.

A ideia de o senhor Collins estar, com toda a sua solene compostura, sendo arrastado pelos seus sentimentos, quase provocou em Elizabeth um ataque de riso, o que a incapacitou de interrompê-lo. E ele continuou:

– As razões que me levam a casar são, primeiro, porque considero que um clérigo em situação abastada, como é o meu caso, deve dar o exemplo da harmonia conjugal na sua paróquia. Segundo, porque estou convencido de que, agindo de tal modo, contribuirei grandemente para a minha própria felicidade; e terceiro, que eu deveria talvez ter mencionado antes, porque vou deste modo ao encontro do desejo e da recomendação especial da minha estimada benfeitora. Por duas vezes, ela deu sua opinião sobre o assunto; e ainda no sábado à noite, antes de eu deixar Hunsford, entre duas partidas de cartas e enquanto a senhora Jenkinson arrumava o jogo da senhorita de Bourgh, ela me disse: “Senhor Collins, o senhor deve se casar. Um pastor gozando de uma situação como a sua deve se casar; escolha com acerto, que se trate de uma senhora distinta e educada, e que ela seja uma pessoa ativa e útil, não habituada a grandezas, mas capaz de tirar proveito de um pecúlio reduzido. É este o meu conselho. Busque essa mulher tão depressa quanto possível, traga-a para Hunsford e eu a

visitarei.”

O senhor Collins prosseguiu:

– A propósito, minha querida prima, observo que não considero a atenção e a generosidade de lady Catherine de Bourgh entre as vantagens de menor envergadura que tenho para lhe oferecer. Encontrará nela uma distinção superior, que, creio, aceitará de boa mente o espírito e a vivacidade de que a prima dá provas, sobretudo quando moderados pelo silêncio e pelo respeito que a elevada posição social dela inevitavelmente suscitarão. Resta-me dizer por que me decidi por Longbourn em lugar da minha vizinhança, onde lhe asseguro existirem numerosas jovens igualmente encantadoras. Ora, acontece que, na minha qualidade de futuro herdeiro destes bens após a morte de seu pai; que, contudo, espero que viva ainda por muitos e bons anos; nunca me sentiria em paz com minha consciência se não tivesse diligenciado por escolher uma esposa entre as suas filhas, de modo a minimizar o prejuízo a sofrer por altura de tão melancólico acontecimento, o que, como já disse antes, sinceramente espero que só se dê daqui a muitos anos. Foi este o meu principal motivo, querida prima, e estou certo de que não será ele a contribuir de algum modo para a diminuição da sua estima por mim. E, no momento, não me resta mais do que exprimir-lhe numa linguagem vigorosa a intensidade do meu afeto. Quanto a meios de fortuna, é um assunto a que eu devoto uma total indiferença, e não farei nesse sentido qualquer exigência a seu pai, visto que, de antemão, sei não poder contar com isso; e que se limita a um milhar de libras aquilo que a prima por direito receberá, apenas após o falecimento de sua mãe. Sobre este assunto, por isso, guardarei silêncio; e pode estar certa de que nunca uma censura menos generosa passará alguma vez pelos meus lábios, uma vez casados.

– Mas que precipitação é essa? – estranhou ela. – O senhor esquece-se de que ainda não respondi. Aceite o meu agradecimento pelo elogio que está me fazendo. Tenho consciência da honra que o seu pedido me confere, mas é impossível outra atitude senão recusá-lo.

– Não me venha com isso – replicou o senhor Collins com um aceno formal da mão. – Sei que é costume entre as jovens repelir as atenções do homem que, secretamente, elas pretendem aceitar, quando pela primeira vez ele lhes solicita o seu favor; e que, por vezes, a recusa se repete uma segunda e até terceira vez. Não me sinto, por conseguinte, de nenhum modo desencorajado, e espero poder em breve conduzi-la ao altar.

– Por Deus, senhor! – exclamou Elizabeth. – Sua esperança é bem extraordinária após ter ouvido declaração como a minha. Garanto-lhe que não sou como tais jovens (se é que existem) que se mostram tão audaciosas a ponto de arriscar sua felicidade na perspectiva de serem pedidas uma segunda vez. Estou sendo perfeitamente sincera na minha recusa. O senhor nunca poderia me fazer feliz, e estou certa de que seria eu a última mulher no mundo capaz de fazê-lo igualmente feliz. Mais ainda, se acaso a sua amiga lady Catherine me conhecesse, creio que ela me consideraria em todos os aspectos inadequada à situação.

– Por certo lady Catherine poderia pensar assim – disse o senhor Collins, muito sério –, mas não me parece que Sua Excelência a desaprovava. E a prima pode estar certa de que, quando me for dada a honra de voltar a avistar Sua Excelência, lhe falarei nos termos mais elevados da sua modéstia, parcimônia e outras qualidades.

– Realmente, senhor Collins, todo o elogio a meu respeito é absolutamente desnecessário. O senhor deve-me a oportunidade de me decidir, e me concederá a honra de acreditar no que lhe digo. Desejo-lhe uma felicidade imensa e uma vida próspera, e, ao recusar-lhe a mão, não faço mais do que evitar que o contrário lhe suceda. Ao fazer-me a proposta, o senhor terá satisfeito a delicadeza dos seus sentimentos a respeito da minha família, e poderá, assim, uma vez chegada a ocasião, entrar na posse dos bens de Longbourn sem que qualquer escrúpulo o aflija. Trata-se, por conseguinte, de um assunto decididamente resolvido.

E, levantando-se à medida que assim falava, ela teria certamente deixado a sala, não fosse o senhor Collins falar-lhe:

– Quando de novo me for concedida a honra de retomar o mesmo assunto, espero receber uma resposta bem mais favorável do que aquela que por ora me foi dada; ainda que esteja longe de acusá-la de crueldade no momento presente, pois sei que é costume repelir a primeira solicitação, e talvez a prima tenha se exprimido de tal modo para encorajar o meu

pedido, o que está perfeitamente de acordo com a mais pura delicadeza própria do caráter feminino.

– Na realidade, senhor Collins – rebateu Elizabeth com certo ardor –, o senhor me confunde. Se o que acabei de lhe dizer surge aos seus olhos como uma forma de encorajamento, não sei como me exprimir.

– Considero sua recusa ao meu pedido destituída de qualquer fundamento e que, por conseguinte, não passa de uma mera formalidade. Não está sendo sincera na recusa que me faz; atribuo-a ao seu desejo de ver aumentar o meu amor pela incerteza, de acordo com as práticas usuais das jovens elegantes.

– Garanto que não tenho qualquer pretensão quanto a esse gênero de elegância que consiste em atormentar um cavalheiro respeitável. Preferiria que me elogiasse antes pela minha sinceridade. Deixe de me considerar uma jovem elegante tentando aguilhoá-lo, para ver em mim uma criatura racional que lhe fala do coração.

– A prima é de um encanto sempre igual! – exclamou ele com um ar galanteador. – Acredito que, quando aprovada pela autoridade expressa dos seus excelentes pais, minha proposta não deixará de ser aceita.

Perante tal obstinação em iludir a si próprio, Elizabeth nada via a acrescentar, e, em silêncio, tratou de se afastar sem demora; decidida a solicitar a ajuda do pai, cuja negativa seria pronunciada de maneira a não permitir dúvidas, e cujo comportamento, pelo menos, nunca poderia ser tomado como afetação ou coquetismo de uma mulher elegante.

Capítulo 20

O senhor Collins não ficou muito tempo contemplando silenciosamente a sua vitória no amor, pois a senhora Bennet, que tinha ficado atenta para surpreender o fim da conversa, assim que viu Elizabeth abrir a porta e ir apressada em direção à escada, entrou na sala e cumprimentou o senhor Collins efusivamente, também felicitando a si mesma. O senhor Collins recebeu e retribuiu as felicitações com igual prazer. Em seguida, passou a relatar os detalhes da entrevista, cujos resultados encarava com satisfação, visto que as recusas da prima decorriam naturalmente do seu pudor e da genuína delicadeza dos seus sentimentos. Essa informação, entretanto, surpreendeu a senhora Bennet. Ela também desejava poder pensar que a filha pretendia encorajá-lo opondo-se às suas propostas. Entretanto, não pôde evitar desconfiar, nem exprimir suas desconfianças, e disse:

– Mas pode estar certo, senhor Collins – acrescentou ela –, que Lizzy acabará por se convencer. Vou já conversar com ela sobre o assunto. Ela é uma garota muito teimosa e insensata, e não sabe ver onde está o seu

interesse; mas eu vou lhe mostrar.

– Perdoe a minha interrupção, minha senhora – disse o senhor Collins–, mas se ela é realmente teimosa e tola, não sei se neste caso será realmente uma esposa ideal para um homem na minha situação, que procura a felicidade no casamento. Portanto, se ela persistir na recusa, talvez fosse melhor não forçá-la a me aceitar. Se ela é sujeita a essas variações de gênio, não poderia contribuir muito para a minha felicidade.

– Senhor Collins, o senhor não me entendeu – disse a senhora Bennet alarmada. – Lizzy parece teimosa apenas em casos como estes. No mais, ela é de uma doçura como eu nunca vi igual. Vou imediatamente falar com o senhor Bennet, e, em breve, poderemos considerar o assunto acertado entre nós.

Não lhe dando tempo sequer para responder, saiu precipitadamente ao encontro do marido, e, entrando de repente na biblioteca, falou agitada:

– Oh, senhor Bennet, necessito com urgência da sua ajuda; estamos todos em alvoroço. E preciso que venha e obrigue Lizzy a se casar com o senhor Collins, pois ela jura de pés juntos que não o fará, e, se o senhor não se apressar, ele poderá mudar de ideia.

O senhor Bennet ergueu os olhos do livro quando a viu entrar e fixou-os no seu rosto, numa calma indiferença que em nada se alterou com o que ela disse.

– Desculpe-me, mas não entendo nada do que me diz – disse ele.

– Do senhor Collins e de Lizzy. Ela declara que não quer o senhor Collins, e o senhor Collins começa a dizer que também vai desistir de Lizzy.

– E o que espera que eu faça em tal situação? Parece tratar-se de um assunto sem remédio.

– Converse o senhor com Lizzy. Diga que insiste para que ela case com ele.

– Chame-a, então. Ela ouvirá o que tenho para dizer.

A senhora Bennet tocou a campainha, e a senhorita Elizabeth foi convocada à biblioteca.

– Venha cá, minha filha – disse o pai, ao ver Elizabeth entrar. – Mandeí chamá-la para tratar de um assunto importante. Disseram-me que o senhor Collins lhe fez uma proposta de casamento. É verdade?

Elizabeth respondeu que era.

– Muito bem. E você recusou essa proposta?

– Recusei.

– Muito bem, chegamos agora ao assunto. Sua mãe insiste em que você aceite. Não é assim, senhora Bennet?

– Sim, ou eu nunca mais tornarei a vê-la.

– Você está diante de uma situação difícil, Elizabeth. De agora em diante, você terá que se tornar uma estranha para um dos seus pais. Sua mãe nunca mais olhará para você se não se casar com o senhor Collins. E eu nunca mais a verei se você se casar.

Elizabeth não pôde deixar de sorrir diante da conclusão. Mas a senhora Bennet, convencida de que o marido considerava o assunto de um ponto de vista idêntico ao seu, ficou muito desapontada.

– O que é que quer dizer com isso, senhor Bennet? Você prometeu que insistiria com Elizabeth para que ela se casasse.

– Minha cara senhora Bennet – replicou o marido –, tenho dois pequenos favores a lhe pedir. Primeiro, que me permita ter o meu próprio entendimento do assunto. E em segundo lugar, desejo ter a minha biblioteca a meu inteiro dispor o mais depressa possível.

Mas a senhora Bennet não desistiu do seu intento. Continuou insistente na tarefa de persuadir Elizabeth, entre lisonjas e ameaças. Tentou por todos os meios atrair Jane para a causa, mas esta, com toda a afabilidade ao seu alcance, declinou interferir; e Elizabeth, ora extremamente séria, ora alegre e jocosa, não evitava os ataques da mãe. Embora sua disposição variasse, se mantinha inabalável.

Enquanto isso, o senhor Collins meditava sozinho sobre o que tinha acontecido. Sua autoestima era elevada demais para compreender o motivo pelo qual a prima o recusava. E, embora sofresse no seu orgulho, intimamente continuava tranquilo. Seu interesse pela prima era imaginário. E a hipótese de ela merecer as repreensões da mãe aplacava o seu rancor.

Enquanto a família estava naquela confusão, Charlotte Lucas apareceu para passar o dia. Lydia a encontrou na saleta de entrada e, correndo para ela, disse em voz baixa:

– Que bom que veio! Aqui está muito divertido. Sabe o que aconteceu hoje de manhã? O senhor Collins fez uma proposta de casamento a Lizzy, e ela recusou.

Antes que Charlotte tivesse tempo para responder, apareceu Kitty, que vinha contar a mesma coisa. E mal tinham todas entrado na sala de jantar, onde a senhora Bennet se encontrava sozinha, esta abordou imediatamente o assunto, apelando para a compaixão da senhorita Lucas e suplicando-lhe que persuadisse a amiga Lizzy a ceder aos desejos da família:

– Faça isto por mim, minha cara senhorita Lucas, pois ninguém está do meu lado, todos estão contra mim. Ninguém tem pena dos meus pobres nervos.

Charlotte não pôde responder, pois Jane e Elizabeth entraram na sala.

– Aí vem ela – continuou a senhora Bennet. – Tão despreocupada, como se estivéssemos em York! Tudo lhe é indiferente, contanto que ela faça a sua vontade. Mas eu vou lhe dizer uma coisa, senhorita Lizzy: se você continuar a recusar todas as propostas de casamento deste modo, nunca encontrará um marido. E eu não sei quem vai sustentá-la depois que o seu pai morrer. Eu não posso, estou lhe avisando. Não tenho mais nada a ver com você a partir de hoje. Já disse na biblioteca que nunca mais lhe falaria. Pode ficar certa de que cumprirei minha palavra. Não tenho prazer algum em falar com filhos rebeldes. Aliás, não tenho prazer em falar com ninguém. Pessoas que sofrem dos nervos como eu não têm grande inclinação a falar. Ninguém pode saber o que eu sofro! Mas é sempre assim, quem não se queixa não encontra compaixão.

As filhas ouviram em silêncio, compreendendo que qualquer tentativa de trazê-la à razão só serviria para irritá-la ainda mais. A senhora Bennet continuou a falar sem interrupção, até a chegada do senhor Collins, que entrou na sala com ar mais grave do que de costume.

Ao vê-lo, a senhora Bennet se virou para as meninas:

– Agora insisto que todos calem a boca. Deixem o senhor Collins conversar um pouco comigo.

Elizabeth saiu silenciosamente da sala. Jane e Kitty a acompanharam. Mas Lydia ficou onde estava, resolvida a ouvir tudo o que pudesse. E Charlotte, detida a princípio pelas poucas perguntas amáveis que lhe fez o senhor Collins a respeito da sua família, e em seguida movida por um pouco de curiosidade, contentou-se em ir até a janela e fingir que não estava ouvindo. Numa voz chorosa, a senhora Bennet deu início à palestra:

– Oh, senhor Collins!

– Minha cara senhora – replicou ele –, guardemos silêncio para sempre sobre este assunto. Longe de mim ficar ressentido com o comportamento

da sua filha. Resignar-se aos males inevitáveis é um dever que nos cabe a todos. E um dever que incumbe particularmente a um rapaz como eu, tão afortunado no começo da minha carreira. E acredite que estou resignado. E talvez um dos menores motivos que me levam a isso não seja a dúvida que me assalta sobre a minha própria felicidade, caso a minha prima tivesse me honrado com o seu consentimento, pois observei muitas vezes que a resignação nunca é tão perfeita quanto nos casos em que a felicidade que nos é recusada começa a perder uma parte do seu valor a nossos olhos. Espero, minha cara senhora, que não considere a retirada do meu pedido um desrespeito com a família, visto que não pedi sua intervenção perante a senhorita Elizabeth. Minha conduta pode ser reprovável somente porque aceitei a minha recusa dos lábios da sua filha, e não dos seus. Mas todos estamos sujeitos ao erro. A minha intenção sempre foi boa. Meu objetivo foi encontrar uma companheira estimável, sem perder de vista as vantagens que isto representava para a sua família e, se a minha atitude foi de qualquer modo repreensível, apresento-lhe aqui as minhas desculpas.

Capítulo 21

A discussão sobre o pedido do senhor Collins tinha praticamente acabado, e Elizabeth estava sujeita apenas à sensação desconfortável que sempre acompanha tal situação e ao azedume das alusões que a mãe ocasionalmente lhe dirigia. Quanto ao cavalheiro, seus sentimentos revelavam-se, sobretudo, não numa atitude de embaraço ou abatimento, nem ao tentar evitá-la, mas em uma agravada afetação nos modos, acompanhada de um silêncio rancoroso. Raramente lhe falava, e as atenções assíduas de que ele tanto se ufanava foram transferidas durante o resto do dia para a senhorita Lucas, cuja delicadeza em escutá-lo se tornou uma ajuda preciosa para todos eles, e para a sua amiga em especial.

A manhã seguinte não registrou qualquer diminuição no mau humor da senhora Bennet, ou melhora no seu estado de saúde. O senhor Collins mantinha-se na mesma disposição de orgulho ferido. Elizabeth alimentara a esperança de que seu ressentimento abreviasse a visita, mas seu plano parecia não sofrer qualquer alteração. A partida estava marcada para sábado, e até sábado ele fazia questão de ficar.

Após o café da manhã, as garotas foram em passeio a Meryton, para

saber do senhor Wickham e lamentar a ausência dele no baile de Netherfield. Na entrada da vila, ele foi ao encontro delas e as acompanhou à casa da tia, onde muito se falou sobre sua falta. A Elizabeth, contudo, ele confessou ter imposto a si próprio a necessidade de se ausentar.

– Considerei – disse ele –, à medida que o tempo se aproximava, que seria preferível não me encontrar com o senhor Darcy; que estar com ele na mesma sala, na mesma festa, durante tantas horas seguidas, seria superior às minhas forças, podendo surgir cenas desagradáveis, não só para mim como também para os outros.

Ela aprovou, entusiasmada, sua atitude, e tiveram ocasião para discussão pormenorizada, assim como para todos os elogios que amavelmente trocavam entre si, visto Wickham e um outro oficial as acompanharem no seu regresso a Longbourn e, durante o passeio, ele ter caminhado quase sempre a seu lado. Nesta sua adesão ao passeio, ela via uma vantagem dupla: além de se tratar de um gesto particularmente lisonjeador para ela, seria um momento propício para apresentá-lo a seus pais.

Pouco depois de terem chegado, entregaram uma carta à senhorita Bennet. Provinha de Netherfield, e imediatamente foi aberta. O envelope encerrava uma elegante folha de papel impecavelmente preenchida com uma letra de senhora, bonita e harmoniosa. Elizabeth viu a fisionomia da irmã se alterar à medida que a lia, e viu-a demorar-se atentamente em algumas passagens. Jane em breve se recompôs, e, guardando a carta, tentou, com sua boa disposição habitual, participar da conversa dos outros; mas Elizabeth não pôde evitar sentir certa ansiedade, que a distraiu até da pessoa do senhor Wickham. Tão logo ele e o companheiro se despediram, um olhar de Jane convidou-a a segui-la. Uma vez a sós, Jane pegou a carta

e disse:

– É de Caroline Bingley; seu conteúdo surpreendeu-me bastante. Por estas horas todos já terão deixado Netherfield, e encontram-se a caminho da capital; e sem intenção de regressar. Veja o que ela diz.

Então, em voz alta, procedeu à leitura da primeira frase, que a informava que elas tinham, de um momento para o outro, resolvido acompanhar de vez o irmão até a capital, e de sua intenção de jantar ainda naquele dia na rua Grosvenor, onde o senhor Hurst tinha uma casa. A seguir, vieram estas palavras:

Nada tenho que me prenda a Hertfordshire, exceto sua amizade, minha

querida amiga; mas tenho a esperança de um dia, no futuro, voltarmos a gozar a repetição dos deliciosos momentos passados juntas e que, entretanto, a dor da separação seja mitigada por uma correspondência assídua e franca. Conto com você para isso.

Elizabeth escutou as estudadas expressões com toda a insensibilidade da desconfiança; e, embora aquela súbita partida não deixasse de

surpreendê-la, não via nela caso para lamentar; não era de supor que sua ausência de Netherfield acarretasse a do senhor Bingley também: e, quanto à perda da amizade entre elas, era da opinião de que Jane a devia esquecer, ficando no gozo da companhia do senhor Bingley.

– Foi pena – disse após uma pequena pausa – não terem tido a oportunidade de se encontrar com suas amigas antes de elas partirem. Mas não nos é lícito esperar que o tal dia de felicidade futura, que a senhorita Bingley antevê, ocorra mais cedo do que ela pensa, e que os deliciosos momentos vividos por vós como amigas sejam revividos com satisfação maior ainda na qualidade de irmãs? O senhor Bingley não se deixará prender por elas em Londres.

– Caroline afirma com certeza que nenhum deles virá para Hertfordshire este inverno. Vou ler esta passagem:

Quando meu irmão nos deixou ontem, estava firmemente convicto de que os assuntos que o levavam a Londres estariam concluídos dentro de três ou quatro dias, mas, como estamos certas de que isso não pode acontecer e, ao mesmo tempo, convencidas de que, uma vez na capital, Charles não terá pressa em sair de lá, decidimos acompanhá-lo para que evite os transtornos com um hotel. Várias pessoas que conheço passam o inverno na capital. Seria para mim uma grande alegria se minha querida amiga fizesse também parte do grupo, mas não creio que seja possível. Desejo-lhe sinceramente um Natal em Hertfordshire prolífero em alegrias próprias de estação tão feliz, e que não lhe falem admiradores, para que não sinta a ausência dos três de que a privamos.

– É bem evidente – acrescentou Jane – que ele não regressa este inverno.

– Torna-se apenas evidente que a senhorita Bingley não pretende que ele venha.

– O que te leva a pensar assim? É ele que tem de decidir. Ele é senhor de si próprio. Mas não é tudo. Vou ler a passagem que particularmente me feriu. Não pretendo esconder nada:

O senhor Darcy está impaciente por ver a irmã e, para lhe dizer a verdade, também nós ansiamos encontrá-la de novo. Estou convencida de que Georgiana Darcy não tem par, tanto na beleza e elegância quanto nos dotes; e a afeição que ela nos inspira, a Louisa e a mim, eleva-se a algo de bem mais atraente, pela esperança que ousamos acalentar de um dia ela se tornar nossa irmã. Não me recordo de alguma vez lhe ter mencionado meus sentimentos sobre o assunto, mas não partirei sem ter lhe confiado, e espero que minha boa amiga não os considere de algum modo injustificados. Já há algum tempo que meu irmão devota a esta senhorita grande admiração, e terá agora a oportunidade de vê-la com frequência e numa maior intimidade. A família dela sente tanto gosto pela união quanto nós próprios, e creio não me iludir na minha parcialidade ao considerar Charles capaz de conquistar qualquer coração feminino. Com todas estas circunstâncias em favor de um afeto recíproco, e sem motivos para impedi-lo, estarei eu enganada, minha querida Jane, ao acreditar na possibilidade de um acontecimento que fará a felicidade de tantos?

– Que pensas desta frase, minha querida Lizzy? – indagou Jane ao terminar a leitura. – Não é suficientemente clara? Não exprime ela que Caroline não espera nem deseja ver em mim sua futura irmã; que ela está bastante convencida da indiferença do irmão, e que ela, suspeitando da natureza dos meus sentimentos por ele, pretende com isto, muito caridosamente, prevenir-me? Poderá pensar de outro modo?

– Sim, claro, pois eu penso de modo totalmente diferente. Quer ouvir?

– Com certeza.

– Pois vai saber em poucas palavras. A senhorita Bingley vê que o irmão gosta de você, mas quer que ele se case com a senhorita Darcy. Ela segue-o até a capital na esperança de lá conservá-lo, e tenta persuadi-la de que ele não se interessa por você.

Jane abanou a cabeça.

– Oh, Jane, acredite no que digo! Nenhuma pessoa que os tenha visto juntos poderá duvidar da atração dele por você. A senhorita Bingley, pelo menos, não duvida. Ela não é tão tola. Tivesse ela encontrado uma pequena parcela que fosse de amor idêntico no senhor Darcy, a esta hora teria já encomendado o enxoval. Mas o que se passa é o seguinte: nós não somos suficientemente ricos ou suficientemente importantes para a categoria deles; e, se ela está tão ansiosa por casar o irmão com a senhorita Darcy, é porque imagina que, uma vez unidas as duas famílias,

ela terá menos dificuldade em realizar um segundo casamento. É, sem dúvida, bastante engenhoso, e creio que daria certo, não fosse a existência da senhorita de Bourgh. Mas, minha querida Jane, não acredite só porque a senhorita Bingley diz que o irmão admira a senhorita Darcy. Não pense que ele a aprecia menos do que na terça-feira ao se despedirem. Não creia que ela possa alguma vez persuadi-lo de que, apesar de estar apaixonado por você, está também muito apaixonado pela amiga dela.

– Se ambas pensássemos o mesmo da senhorita Bingley – replicou

Jane –, sua representação dos fatos me tranquilizaria bastante. Mas eu sei quão injusto é o fundamento. Caroline é incapaz de enganar alguém. Só me resta esperar que seja ela quem está enganada.

– Está certo. Não poderias ter encontrado ideia mais feliz, uma vez que se recusa a aceitar a minha. Esforça-se para crer que o engano é apenas dela, e, agora que cumpriu sua obrigação com sua amiga, não se preocupe mais.

– Mas, minha querida irmã, como poderei eu aceitar um homem cujas irmãs e amigas o desejam casado com outra?

– Tem que decidir por você – disse Elizabeth. – Se, depois de pensar bastante, concluir que sua tristeza em descontentar as irmãs é superior à felicidade de se tornar esposa dele, nessa altura aconselho-a a recusá-lo.

– Como pode dizer tal coisa? – indagou Jane esboçando um sorriso. – Deveria saber que, embora eu sentisse um grande desgosto pela desaprovação das irmãs, nunca poderia hesitar.

– Sou da mesma opinião. Sendo assim, não vejo caso para grandes aflições.

– Mas, se ele não volta este inverno, não terei a oportunidade de fazer a minha escolha. E sabe Deus o que pode acontecer nesses seis meses!

Elizabeth se recusou terminantemente a aceitar a ideia de ele nunca mais voltar. Não passava de uma mera sugestão inspirada pelo interesse da senhorita Bingley, e não queria, nem por um segundo, admitir que a sugestão, por mais declarada e engenhosa que fosse, pudesse influenciar um jovem tão independente quanto ele.

Ela revelou à irmã, da forma mais convincente possível, sua maneira de encarar o assunto, e, em breve, teve o prazer de constatar seu feliz efeito. Jane não era dada à melancolia, e, gradualmente, foi serenando, embora, por vezes, a incerteza de ser amada se sobrepusesse à esperança de que Bingley regressasse a Netherfield e correspondesse a todos os desejos do

seu coração.

Decidiram informar à senhora Bennet apenas da súbita partida, evitando causar alarde perante o comportamento do cavalheiro. Mas bastou essa informação para preocupá-la, e então deplorou a infelicidade de vê-los partir justo quando estavam se tornando mais íntimos. Após ter se lamentado demoradamente, procurou consolo na ideia de que o senhor Bingley logo regressaria e estaria jantando em Longbourn, e, à guisa de conclusão, reconfortada, declarou que, embora ela o tivesse convidado para um jantar em família, prepararia um farto banquete.

Capítulo 22

A família Bennet foi convidada a jantar com os Lucas, e, novamente, durante a maior parte do dia, a senhorita Lucas teve a bondade de dar atenção ao

senhor Collins. Elizabeth achou uma oportunidade para agradecer à amiga:

– Deixe-o de bom humor, que ficarei mais grata do que você imagina.

Charlotte assegurou à amiga que tinha muita satisfação em lhe ser útil, e que isto lhe pagava plenamente o pequeno sacrifício do seu tempo. Apesar de as palavras serem muito amáveis, a bondade de Charlotte ia além do que Elizabeth supunha. Seu objetivo era nada menos do que preservá-la de qualquer possível recrudescimento das atenções de senhor Collins, atraindo-as para si. Tal era o plano da senhorita Lucas. E, aparentemente, foi tão bem-sucedida que, quando se separaram à noite, ela teria se sentido quase segura do seu êxito se o senhor Collins não tivesse de partir de Hertfordshire em breve.

Nesse ponto, ela fez uma injustiça ao seu ímpeto e caráter, que o levaram a partir de Longbourn na manhã seguinte com admirável discrição, apressando-se em chegar à residência dos Lucas e lançar-se aos pés dela. Ele evitava notificar os primos, convicto de que se o vissem partir, não deixariam de discutir seus planos; e ele não tinha intenção de anunciar tal façanha até que fosse completada. Apesar de estar quase plenamente seguro, e com bons motivos para tal, pois Charlotte o encorajou, ele estava um tanto desconfiado, desde os acontecimentos da quinta-feira. Foi recebido, no entanto, da maneira mais lisonjeira. A senhorita Lucas o viu

por uma janela no alto, enquanto ele caminhava em direção à residência, e preparou-se para um encontro accidental na rua. Ela não imaginava tamanho amor e eloquência que a esperavam ali.

Num espaço de tempo tão curto quanto permitiram os longos discursos do senhor Collins, tudo foi combinado de forma satisfatória para ambos. E, ao entrar em casa, pediu gravemente que ela marcasse o dia que o faria o mais feliz dos homens. Ainda que tal solicitação devesse ser afastada no momento, a moça não se sentiu inclinada a arriscar sua felicidade. A impermeabilidade com que o dotara a natureza devia privar sua corte de qualquer encanto que pudesse fazer uma mulher desejar prolongá-la. Senhorita Lucas, que o aceitara por puro e desinteressado desejo de firmar sua situação na vida, se preocupava pouco com a data em que

isto aconteceria.

O consentimento de *sir* William e de lady Lucas foi rapidamente solicitado, e concedido com a maior boa vontade. A situação atual do senhor Collins o tornava um partido muito desejável para a sua filha, a quem só podiam deixar poucos bens. As probabilidades que o senhor Collins tinha de herdar uma fortuna eram bastante evidentes. Lady Lucas começou a calcular diretamente, com um interesse que jamais tivera pelo assunto, quantos anos provavelmente o senhor Bennet ainda viveria, e *sir* William manifestou a opinião de que, quando o senhor Collins entrasse na propriedade de Longbourn, seria altamente conveniente que ambos, ele e a esposa, se apresentassem em St. James. Em suma, toda a família se sentiu muito feliz.

Charlotte era bastante serena. Ela conseguia ganhar alguns pontos, isso não se pode negar, mas suas reflexões eram, em geral, apenas satisfatórias. Por outro lado, o senhor Collins não era nem sensível nem compreensivo, sua companhia era enfadonha e sua afeição por ela deveria ser imaginária, mas mesmo assim, seria seu marido. Sem ter grandes ilusões a respeito dos homens ou do matrimônio, o casamento sempre fora seu maior desejo. Era a única posição tolerável para uma moça bem-educada, de pouca fortuna. E, por mais incertas que fossem as perspectivas de felicidade, era ainda a forma mais agradável de ficar ao abrigo da necessidade. Agora obtivera essa proteção. Tinha 27 anos, e jamais fora bela. A circunstância menos agradável era a surpresa que aquela notícia devia causar a Elizabeth Bennet, de cuja amizade ela precisava mais do que da de qualquer outra

pessoa. Elizabeth ficaria espantada e provavelmente a censuraria. Embora isso não afetasse sua resolução, ela se sentiria ferida com semelhante desaprovação. Resolveu comunicar-lhe pessoalmente a decisão e, assim, recomendou ao senhor Collins, quando voltasse a Longbourn para jantar, que tivesse a maior discrição.

Como a partida dele no dia seguinte estava marcada para bem cedo, as despedidas foram naquela mesma noite, pouco antes de as senhoras se retirarem. A senhora Bennet, extremamente delicada e cordial, falou da felicidade que todos teriam de vê-lo de novo em Longbourn.

– Minha querida senhora – replicou ele –, seu convite afeta-me particularmente, pois outra coisa eu não esperava; e pode estar certa de que em breve voltarei.

Houve surpresa geral; e o senhor Bennet, que não tinha qualquer desejo em tornar a vê-lo tão cedo, logo disse:

– Mas não haverá o perigo de incorrer no desagrado de lady Catherine? É preferível negligenciar seus parentes a correr o risco de ofender sua

benfeitora.

– Meu caro senhor – replicou o senhor Collins –, estou particularmente agradecido por tão amável advertência, e fique ciente de que não darei tal passo sem a aprovação explícita de Sua Excelência.

– Uma certa cautela nunca é demasiada. Arrisque tudo, exceto dar-lhe motivo para desagrado; e, acaso o senhor receie poder vir a suscitá-lo ao regressar para junto de nós, o que eu considero quase como uma certeza, deixe-se ficar pacatamente em sua casa, e não pense que nos sentiremos melindrados com isso.

– Acredite, meu caro senhor, que não tenho palavras para agradecer tão afetuosa atenção. Muito em breve poderá contar com uma missiva da minha parte em agradecimento por sua atitude e por todas as outras provas de atenção de que fui alvo durante minha estada em Hertfordshire.

Com as adequadas manifestações de delicadeza, as senhoras retiraram-se por fim, comentando entre si sua igual surpresa por vê-lo planejar um pronto regresso. A senhora Bennet insistia em não encontrar outra explicação senão no fato de ele pretender transferir suas atenções para uma das filhas mais novas, e considerou que Mary seria aquela que mais facilmente se convenceria a aceitá-lo.

Na manhã seguinte, contudo, todas essas esperanças se desvaneceram. A

senhorita Lucas fez sua aparição logo após o café da manhã, e, numa entrevista a sós com Elizabeth, colocou-a a par do acontecimento da véspera.

Que o senhor Collins pudesse ter tido a ideia de morrer de amores pela sua amiga, ocorrera a Elizabeth pensar uma vez, pelo menos, naqueles dois últimos dias; mas que a própria Charlotte o tivesse encorajado parecia tão impossível que o seu choque ultrapassou os limites do decoro e a levou a exclamar:

– Noiva do senhor Collins, minha querida Charlotte! É impossível!

A expressão séria e decidida que a senhorita Lucas conservara durante o relato da sua história cedeu perante uma perturbação passageira ao ouvir censura tão declarada, mas, como não era mais do que aquilo que já esperava, em breve recuperou a serenidade e calmamente respondeu:

– Por que se surpreende assim, querida Elizabeth? Acaso considera o senhor Collins incapaz de granjear a boa opinião de uma mulher só porque ele não teve a felicidade de conquistar a sua?

Mas Elizabeth recompôs-se a tempo, e, com grande esforço, foi capaz de, numa voz razoavelmente firme, assegurar a amiga da satisfação que lhe dava a perspectiva de um parentesco entre elas e desejar-lhe uma felicidade imensa.

– Sei o que pensa – replicou Charlotte. – Deve estar surpresa, pois, ainda há muito poucos dias o senhor Collins pretendia se casar com você. Mas, quando refletir, estou certa de que concordará comigo. Como sabe, eu não sou uma romântica. Nunca fui. Apenas desejo um lar confortável; e, considerando o caráter do senhor Collins, suas relações e sua situação na vida, estou convencida de que as probabilidades de vir a ser feliz com ele são tantas quanto as da maioria ao darem tal passo.

– Sem dúvida! – respondeu Elizabeth, serenamente.

Após uma pausa embaraçosa, foram juntar-se ao resto da família. Charlotte não se demorou muito mais, e Elizabeth pôde então refletir sobre o que acabara de ouvir. Levou muito tempo para se reconciliar com ideia tão absurda. A singularidade de o senhor Collins fazer dois pedidos de casamento num prazo de três dias nada era em comparação com o fato de o pedido ter sido agora aceito.

Capítulo 23

Elizabeth estava na sala, com a mãe e as irmãs, refletindo sobre o que ouvira e hesitando se acaso estaria autorizada a contar, quando entrou *sir* William Lucas em pessoa, enviado pela filha para informar sobre o noivado. Depois de muitos cumprimentos e congratulações pelas perspectivas da união entre as duas famílias, ele abordou o assunto, para uma audiência não somente atônita, mas também incrédula, pois a senhora Bennet, com mais perseverança do que polidez, retrucou que ele devia estar completamente enganado. E Lydia, que era, às vezes, muito atirada e quase sempre malcriada, exclamou:

– Puxa, *sir* William, como é que o senhor pode contar uma história destas? Então não sabe que o senhor Collins quer se casar com Lizzy?

Só um cavalheiro, munido de toda a sua tolerância, poderia suportar tal desconsideração sem se zangar. Mas a boa educação de *sir* William conseguiu fazer com que relevasse tudo aquilo. E, embora insistisse para que a família acreditasse na veracidade da sua informação, suportou todas aquelas impertinências com a mais perfeita cortesia.

Elizabeth, sentindo que lhe cabia o dever de salvá-lo daquela situação incômoda, adiantou-se e confirmou suas palavras, mencionando o conhecimento prévio que tivera da própria Charlotte. E procurou pôr fim às exclamações da mãe e das irmãs, dando os mais sinceros parabéns a *sir* William, atitude que Jane imediatamente seguiu, fazendo diversas observações sobre a felicidade que poderia trazer aquela aliança, o caráter excelente do senhor Collins e a distância conveniente que separava Hunsford de Londres.

A senhora Bennet ficou tão surpresa que nada pôde dizer enquanto *sir* William estava presente. Mas, quando ele saiu, seus sentimentos transbordaram. Em primeiro lugar, continuou a duvidar da veracidade das afirmações. Em segundo, ela tinha certeza de que o senhor Collins fora iludido. Em terceiro, estava certa de que nunca seriam felizes. E em quarto, que o compromisso poderia ser rompido. Duas coisas, no entanto, se podiam claramente deduzir do assunto: primeiro, que era Elizabeth a causa de todo aquele mal; e segundo, que ela, a senhora Bennet, tinha sido tratada de forma infame por todos. Só depois de um mês pôde conversar novamente com *sir* William e lady Lucas, sem ser grosseira, só perdoando Charlotte muitos meses depois.

Os sentimentos do senhor Bennet eram muito mais tranquilos. Ele achou que a situação era muito agradável, pois se sentia satisfeito, dizia, por descobrir que Charlotte Lucas, pessoa que ele julgara toleravelmente sensata, era, na realidade, tão tola quanto sua mulher e mais tola ainda do que sua filha.

Jane se confessou um tanto surpreendida. Mas falou menos em seu espanto do que no desejo sincero de que eles fossem felizes. Elizabeth não conseguiu convencê-la de que aquela felicidade era pouco provável. Kitty e Lydia estavam longe de invejar a senhorita Lucas. Para elas, o senhor Collins era apenas um pastor, e a notícia afetou-as apenas como uma novidade que podiam espalhar em Meryton. Lady Lucas não poderia ter resistido ao triunfo de falar à senhora Bennet sobre o conforto que representava para ela o fato de ter uma filha bem casada. Veio a Longbourn com mais frequência do que de costume, para dizer o quanto se sentia feliz, embora os olhares irados da senhora Bennet e suas observações rancorosas ameaçassem, por vezes, estragar sua felicidade.

Entre Elizabeth e Charlotte havia certo constrangimento, que as impedia mutuamente de abordar aquele assunto; e Elizabeth se sentiu convencida de que nenhuma confiança real poderia subsistir daí por diante entre elas. O desapontamento que sofrera fez Elizabeth aproximar-se mais da irmã, em cuja retidão e delicadeza de sentimentos tinha absoluta confiança e cuja felicidade cada dia mais a preocupava, pois fazia uma semana que Bingley partira e ainda ninguém falara na sua volta.

Jane enviara a Caroline uma resposta imediata à sua carta e contava os dias que tinha de esperar, até que outra lhe chegasse. A prometida carta de agradecimento do senhor Collins chegou na terça-feira. Era destinada ao senhor Bennet e escrita com tanta solenidade e gratidão como se ele tivesse residido um ano com a família. Depois de tranquilizar sua consciência quanto a este tópico, usando expressões mais calorosas, o senhor Collins passava a informá-lo da sua felicidade de ter conquistado o coração daquela vizinha tão amável, a senhorita Lucas, e explicava que era apenas com a intenção de gozar a companhia de sua prometida que ele manifestara com tanta insistência o desejo de voltar a Longbourn, onde esperava chegar dali a quinze dias. Lady Catherine, acrescentava ele, aprovava tanto

aquela união que desejava que o acontecimento se desse o mais cedo

possível. Com esse argumento, que julgava decisivo, esperava convencer Charlotte a marcar uma data próxima para o dia que havia de torná-lo o mais feliz dos homens.

A volta do senhor Collins para Hertfordshire já não parecia mais tão agradável à senhora Bennet. Ao contrário, estava muito disposta a se queixar ao marido. Achava muito curioso que ele viesse a Longbourn em vez de se hospedar em Lucas Lodge. A visita era também muito inadequada e, principalmente, incômoda. Não gostava de ter hóspedes em casa quando sua saúde não era muito boa. E os noivos eram as pessoas mais desagradáveis do mundo.

Esses murmúrios da senhora Bennet continuaram até que surgiu a preocupação muito maior a respeito da ausência prolongada do senhor Bingley. Nem Jane nem Elizabeth se sentiam tranquilas quanto a isso. Os dias passavam e não havia nenhuma notícia dele, a não ser o boato que circulou em Meryton de que o senhor Bingley não voltaria para Netherfield durante todo o inverno. Boato esse que enfureceu a senhora Bennet e que ela nunca deixava de contradizer como se se tratasse da mais escandalosa das mentiras.

Elizabeth, por sua vez, começou a temer, não que Bingley fosse indiferente a Jane, mas que as irmãs dele conseguissem impedir seu regresso. Apesar da sua relutância em admitir uma hipótese tão desfavorável para a felicidade de Jane e tão pouco honrosa para o seu namorado, não podia evitar que tal ideia lhe ocorresse frequentemente. Os esforços daquelas criaturas maldosas que eram as duas irmãs de Bingley e do seu autoritário amigo, somados aos atrativos da senhorita Darcy e aos divertimentos de Londres, seriam talvez superiores ao seu interesse por Jane. Quanto a esta última, sua ansiedade durante aquele período de incerteza era naturalmente mais dolorosa do que a de Elizabeth. Mas queria esconder tudo o que sentia e, entre as duas irmãs, portanto, nunca se fazia qualquer alusão ao assunto. Mas, como nenhuma delicadeza daquela espécie refreava a senhora Bennet, não se passava uma hora sem que ela falasse em Bingley, sem que exprimisse sua impaciência pela sua chegada ou mesmo sem que exigisse que Jane declarasse de uma vez por todas que, se Bingley não voltasse, ela se consideraria ofendida. Foi necessária toda a doçura e firmeza de Jane para suportar esses ataques com relativa tranquilidade.

O senhor Collins voltou no dia marcado, mas sua recepção em Longbourn

não foi tão amável quanto da primeira vez. Porém, ele se sentia tão feliz que não precisava de muita atenção e, felizmente para os outros, suas atribuições de noivo os aliviavam grandemente da sua companhia. Ele passava a maior parte do tempo em Lucas Lodge e muitas vezes voltava a Longbourn apenas a tempo de desculpar-se pela sua ausência antes de a família se retirar para os seus aposentos.

A senhora Bennet estava de fato num estado lamentável. A simples alusão a qualquer detalhe relativo ao casamento precipitava-a num acesso de mau humor. Em qualquer lugar onde se encontrasse tinha certeza de ouvir falar naquele assunto. A presença da senhorita Lucas era insuportável para ela. Olhava-a com ciúme, despeito e horror, como sua sucessora naquela casa. Cada vez que Charlotte vinha visitá-los, ela concluía que a intenção da jovem era antecipar a hora da posse, e cada vez que Charlotte falava em voz baixa ao senhor Collins, tinha certeza de que cochichavam da propriedade de Longbourn e planejavam expulsá-la e às suas filhas da casa assim que o senhor Bennet morresse. Queixava-se amargamente de tudo aquilo ao marido.

– Realmente, senhor Bennet – dizia ela –, é muito duro pensar que Charlotte Lucas será um dia dona desta casa e que eu serei forçada a lhe ceder o meu lugar!

– Não pense nessas coisas tristes, meu bem. Tenhamos confiança no futuro. Encaremos a possibilidade de que eu sobreviva a você.

Isso não era muito consolador para a senhora Bennet. Portanto, em vez de responder, continuou como antes.

– Não posso suportar a ideia de que eles possuirão toda esta propriedade. Se não fosse essa questão de sucessão, eu não me importaria.

– De que é que você não se importaria?

– De nada.

– Então vamos agradecer a Deus, porque você está preservada de cair num tal estado de insensibilidade.

– Não posso ser grata a nada que se refira a essa sucessão, senhor Bennet. Como é que alguém pode ficar tranquilo ao saber que as filhas vão ficar privadas da propriedade que possuem? E em favor de quem? Do senhor Collins! Por que ele e não uma outra pessoa qualquer?

– Confio-lhe a resolução desse problema – disse o senhor Bennet.

Capítulo 24

Quando a carta da senhorita Bingley chegou, finalmente, sanou todas as dúvidas. Logo na primeira frase, começava por comunicar a certeza da permanência de todos eles em Londres durante o inverno inteiro e concluía comunicando o pesar do irmão em ter partido sem que lhe fosse dado tempo para uma palavra de atenção a todos os seus amigos de Hertfordshire.

Não havia mais esperanças, estavam todas perdidas, completamente perdidas. E quando Jane pôde continuar a leitura, nada encontrou para consolá-la a não ser as expressões de afeto da missivista. Os elogios à senhorita Darcy eram o assunto principal da carta. Seus muitos atributos eram novamente descritos. Caroline se gabava muito animada da crescente intimidade entre elas; arriscava-se a predizer a realização dos desejos que exprimira na carta anterior. Comunicava também, com grande alegria, que o irmão era hóspede do senhor Darcy, e mencionava com entusiasmo os planos deste último, relativos a uma nova mobília que encomendara.

Elizabeth, a quem Jane comunicou tudo isso sem demora, ouviu-a, cheia de silenciosa indignação. Seus sentimentos estavam divididos entre a preocupação pela irmã e o ressentimento contra todos os outros. Não deu crédito à afirmação de Caroline de que o irmão se interessava pela senhorita Darcy.

Ainda acreditava, mais do que nunca, na sinceridade da afeição que Bingley tinha por Jane. Apesar da simpatia com que sempre o considerara, não podia pensar, sem cólera e quase com desprezo, naquela maleabilidade de gênio, na falta de iniciativa pessoal que o tornava um marionete nas mãos dos seus intrigantes amigos e o levava a sacrificar a própria felicidade ao capricho das inclinações alheias.

Se a única coisa em jogo fosse sua própria felicidade, poderia arriscá-la como bem entendesse, mas a irmã estava envolvida naquilo, e ele devia ter consciência disso. Enfim, era um assunto ao qual seria necessário dedicar uma longa reflexão sem que se pudesse chegar de fato a nenhum resultado. Não encontrava outra hipótese. E, no entanto, quer a afeição de Bingley tivesse realmente diminuído, sufocada ou não pela interferência dos seus amigos, quer ele tivesse consciência da afeição de Jane, ou, ao contrário, a ignorasse, em qualquer um dos casos, e embora a sua opinião acerca de Bingley variasse forçosamente segundo essas hipóteses, a situação da irmã

permanecia a mesma, e sua paz de espírito estava igualmente perturbada.

Passaram-se um ou dois dias antes que Jane adquirisse coragem para falar à irmã acerca dos seus sentimentos; mas, afinal, um dia em que a senhora Bennet, depois de se queixar com mais irritação do que de costume sobre Netherfield e seu proprietário, as deixara sozinhas, Jane disse:

– Oh, eu queria que mamãe tivesse mais domínio sobre si mesma. Ela não tem ideia da dor que me causa, falando sempre nisso. Mas eu não me queixarei; não pode durar muito tempo. Ele será esquecido e todos seremos felizes como antes.

Elizabeth olhou para a irmã com solicitude e incredulidade, mas não disse nada.

– Duvida de mim? – indagou Jane, corando um pouco. – Você não tem razão. Talvez ele continue a viver na minha memória como o homem mais atraente que já conheci. Mas é tudo. Nada tenho que esperar ou temer. E não tenho nenhum motivo para censurá-lo. Graças a Deus, não tenho essa dor. Dê-me um pouco de tempo e certamente eu tentarei esquecê-lo.

Numa voz mais forte, acrescentou, pouco depois:

– Eu tenho desde já este consolo. É que tudo não foi mais do que um erro da minha imaginação, e que esse erro não fez mal a ninguém, a não ser a mim mesma.

– Minha querida Jane – respondeu Elizabeth –, você é boa demais. Sua doçura e seu desinteresse são realmente angélicos. Sinto que nunca lhe fiz a devida justiça e que nunca a amei como você merece.

A senhorita Bennet protestou com veemência contra os méritos extraordinários que lhe conferiam e atribuiu o elogio à grande afeição

da irmã.

– Não – disse Elizabeth –, isso não está certo. Você quer pensar que todas as pessoas são respeitáveis e se sente ferida se eu falo mal de alguém. Quero apenas pensar que você é perfeita e você se volta contra mim. Não tenha medo de que eu caia em algum excesso, nem lance mão do seu privilégio de boa vontade universal. Seria inútil. São poucas as pessoas a quem eu quero realmente, e menos ainda aquelas das quais eu tenho uma boa opinião. Quanto melhor eu conheço o mundo, menos ele me satisfaz; e cada dia vejo confirmada a minha crença na inconsistência de todos os caracteres humanos e na pouca confiança que se pode depositar nas

aparências do mérito ou do bom senso. Ultimamente encontrei dois exemplos; um deles eu não mencionarei, o outro é o casamento de Charlotte. É inexplicável! Sob todos os pontos de vista, é inexplicável.

– Querida Lizzy, não se entregue a sentimentos dessa espécie. Eles arruinarão sua felicidade. Você não deixa nenhuma margem para diferenças de situação e de temperamento. Pense na respeitabilidade do senhor Collins, no caráter prudente e firme de Charlotte. Lembre-se de que a família dela é muito grande; de quanto é um partido muito desejável. E mostre-se pronta a acreditar, para bem de todo o mundo, que Charlotte possa sentir realmente respeito e estima pelo nosso primo.

– Para lhe fazer a vontade, eu tentarei acreditar em quase tudo. Mas ninguém se beneficiará disso. Pois, se eu estivesse convencida de que Charlotte o respeita, de fato ela desceria no conceito que tenho da sua inteligência, o mesmo que perdeu antes no valor que eu atribuía ao seu coração. Minha querida Jane, o senhor Collins é um homem tolo, pomposo, pretensioso e de ideias estreitas. Você sabe que ele é tudo isso tão bem quanto eu. E deve sentir, como eu, que uma mulher que se casar com ele não pode ter uma visão muito justa das coisas. Você não há de querer defendê-la só porque ela é Charlotte Lucas. Você não pode, por causa de um caso individual, mudar o sentido de “bom senso” e “integridade”, nem procurar se convencer ou a mim de que o egoísmo é a prudência; e a insensibilidade diante do perigo, certeza de felicidade.

– Acho que suas expressões são muito fortes, e espero que se convença disso, vendo-os casados e felizes. Quanto a isso, basta. Mas você aludiu a outra coisa. Você mencionou dois exemplos. Sei o que está pensando. Mas eu lhe peço, querida Lizzy, que não me cause mágoa, julgando que aquela pessoa é culpada. Nem dizendo que ela desceu em seu conceito. Não devemos ser precipitadas e julgar que fomos feridas de propósito. Não podemos exigir que um rapaz despreocupado seja sempre prudente e circunspecto. Muitas vezes, é apenas a nossa vaidade que nos engana. As mulheres superestimam a admiração dos homens com facilidade.

– E os homens fazem tudo para mantê-las nessa ilusão.

– Se o fazem de propósito, não pode haver justificativa. Mas eu acredito que não há tanta má vontade no mundo quanto as pessoas acreditam.

– Estou longe de atribuir qualquer aspecto da conduta do senhor Bingley a uma intenção perversa – disse Elizabeth –, mas, mesmo sem a intenção deliberada de errar, ou de tornar os outros infelizes, pode haver enganos e

tristezas. Pouco caso, falta de atenção para com os sentimentos de outras pessoas, ou falta de firmeza, produzem os mesmos efeitos.

– E você atribui qualquer desses defeitos a ele?

– Sim, todos. Mas, se continuar, incorrerei no seu desagrado, dizendo o que penso sobre as pessoas que você estima. Detenha-me enquanto

é tempo.

– Persiste então em supor que as irmãs dele o influenciaram?

– Sim, junto com o amigo dele.

– Eu não consigo acreditar nisso. Por que tentariam influenciá-lo? Só podem desejar sua felicidade, e, se ele me ama, nenhuma outra mulher pode lhe trazer essa felicidade.

– Sua primeira suposição é falsa. Podem desejar muitas coisas além da felicidade dele. Podem almejar o aumento da sua fortuna e da sua importância. Podem desejar que ele se case com uma moça que tenha *status* social, dinheiro, relações de alta classe e orgulho.

– Sem dúvida. Eles desejam que escolha a senhorita Darcy. Mas isso pode se originar de sentimentos melhores do que você supõe. Eles a conhecem há muito mais tempo do que a mim. Não é de espantar que a prefiram. Mas quaisquer que sejam os seus desejos, é muito pouco provável que elas pudessem se opor à vontade do irmão. Que irmã se sentiria justificada em fazer uma coisa dessas, a não ser que existisse um motivo muito mais forte? Se acreditassem que ele gosta mesmo de mim, não tentariam nos separar, pois, se esse fosse o caso, não o conseguiriam. Mas, supondo tal afeição, você faz todo mundo agir maldosa e erradamente e me torna muito infeliz. Não discuta essa minha ideia. Não estou envergonhada por me ter enganado, ou pelo menos a vergonha é pouca. Não é nada em comparação com o que eu sentiria se pensasse mal dele ou das suas irmãs. Deixe-me ver as coisas de outro modo, um modo capaz de esclarecê-las.

Elizabeth não podia se opor a esse desejo. E, a partir desse dia, o nome do senhor Bingley quase nunca mais foi mencionado entre elas. A senhora Bennet continuou ainda a estranhar e a queixar-se de que ele não voltava mais. E, embora não se passasse um dia sem que Elizabeth desse uma explicação razoável, parecia haver poucas chances de que a senhora Bennet jamais considerasse aquele fato com menos perplexidade. A filha procurava convencê-la de uma coisa em que ela mesma não acreditava: de que as atenções de Bingley tinham sido o efeito de uma simpatia

transitória, cessando depois que a perdera de vista. Mas, embora a probabilidade dessa afirmação fosse admitida no momento, Jane era obrigada a repeti-la no dia seguinte. O melhor consolo da senhora Bennet era

lembrar-se de que Bingley tornaria a voltar no verão.

O senhor Bennet pensava de maneira diferente.

– Então, Lizzy – disse um dia –, sua irmã teve um desgosto amoroso, creio eu. Ela merece os meus parabéns. Depois do casamento, o que uma moça mais gosta é de um desgosto amoroso de vez em quando. É uma coisa que dá o que pensar e lhe confere uma espécie de distinção entre suas companheiras. Quando chegará a sua vez? Você não há de querer ser suplantada por Jane. Chegou a sua hora. Há bastantes oficiais em Meryton para desapontar todas as moças da região. Escolha Wickham. É um sujeito simpático e lhe daria o fora agradavelmente.

– Obrigada, meu pai, mas um homem menos agradável seria suficiente para mim. Não devemos todas esperar a boa sorte de Jane.

– É verdade – disse o senhor Bennet –, mas é um conforto pensar que o que quer que lhe suceda nesse gênero, você tem uma mãe afetuosa que saberia tirar o melhor partido disso.

A companhia do senhor Wickham ajudava eficientemente a dissipar a tristeza que as últimas ocorrências tinham trazido para muitos dos habitantes de Longbourn. Viam-no com frequência agora, e às suas outras qualidades acrescia a de uma franqueza absoluta. O que Elizabeth já sabia – suas queixas do senhor Darcy e o que sofrera por sua causa –, tudo era agora publicamente discutido. E todos se sentiam contentes de pensar que sempre tinham antipatizado com o senhor Darcy, mesmo antes de saber qualquer coisa contra ele.

Jane era a única criatura que supunha que pudessem existir circunstâncias atenuantes no caso, desconhecidas para a sociedade de Hertfordshire. Com doce e firme candura, invocava sempre a tolerância e a possibilidade de enganos. Mas todos os outros condenavam o senhor Darcy como ao pior dos homens.

Capítulo 25

A chegada do sábado arrebatou o senhor Collins da companhia de sua adorável Charlotte, depois de uma semana cheia de promessas de amor e planos de felicidade. A dor da separação seria nele, contudo, aliviada pelos preparativos para a recepção da noiva, pois não era sem fundamento que alimentava a esperança de, no próximo regresso a Hertfordshire, ver finalmente fixado o dia em que se tornaria o mais feliz dos mortais. Às formosas primas, renovou seus votos de um futuro feliz e próspero e, ao pai delas, prometeu uma outra carta de agradecimento. E se despediu dos seus parentes de Longbourn com tanta solenidade como anteriormente.

Na segunda-feira seguinte, a senhora Bennet teve o prazer de receber o irmão e a cunhada, que vieram como de costume passar o Natal em Longbourn. O senhor Gardiner era um homem fino e sensato, muito superior à irmã, tanto em natureza como em educação. As senhoras de Netherfield dificilmente acreditariam que um homem que vivia no comércio e morava próximo aos seus armazéns pudesse ser tão bem-educado e agradável. A senhora Gardiner, que era muitos anos mais moça do que a senhora Bennet ou a senhora Philips, era uma mulher elegante, agradável, inteligente e muito querida pelas sobrinhas de Longbourn. Entre ela e as duas mais velhas, sobretudo, existia uma forte amizade. As meninas tinham morado muitas vezes na casa dela na cidade. A primeira coisa que a senhora Gardiner fez ao chegar consistiu na distribuição dos presentes que trazia e na descrição das modas mais recentes.

Feito isso, seu papel se tornou menos ativo. Chegou a sua vez de ouvir. A senhora Bennet tinha muitas queixas a relatar. Sofrera grandes decepções desde a última vez em que vira a cunhada. Duas das suas filhas tinham estado a ponto de se casar e afinal tudo tinha dado em nada.

– Eu não culpo Jane – continuou ela –, pois ela teria aceitado o senhor Bingley. Mas Lizzy! Oh, é muito duro pensar que podia ser agora a esposa do senhor Collins se não fosse tão insensata. Ele fez uma proposta aqui mesmo nesta sala. E ela o recusou. A consequência disso é que lady Lucas casará uma das filhas antes de mim. E a propriedade de Longbourn está mais do que nunca destinada a passar para mãos estranhas. Os Lucas são gente muito esperta, minha irmã, só pensam nas vantagens que podem obter. Sinto muito dizer isso deles, mas é verdade. Causa-me um grande nervosismo ser assim contrariada na minha própria família e ter vizinhos que pensem mais em si mesmos do que nos outros. No entanto, sua visita neste momento é o maior consolo que eu poderia receber, e fico feliz de

saber o que você acaba de nos contar a respeito das mangas compridas.

A senhora Gardiner, a quem a maior parte dessas notícias já fora transmitida por Jane e por Elizabeth na correspondência que mantinham com ela, deu à cunhada uma resposta evasiva. E, com pena das suas sobrinhas, mudou o tema da conversa.

Mais tarde, sozinha com Elizabeth, tornou a abordar o assunto:

– É provável que tenha sido um partido desejável para Jane. Lamento que o projeto tenha fracassado. Mas essas coisas acontecem tanto! Um rapaz como o senhor Bingley, a julgar pela descrição que me fizeram, se apaixona facilmente por uma moça bonita durante algumas semanas e, quando um acaso os separa, esquece-a com facilidade. Inconstâncias dessa espécie são muito frequentes.

– De certo modo isso é um excelente consolo – disse Elizabeth. – Mas não serve para nós. Não sofremos por acaso. Não acontece com tanta frequência assim que um rapaz independente se deixe persuadir pelos amigos a esquecer uma moça que ele amava apaixonadamente poucos dias antes.

– Mas, essa expressão, amar apaixonadamente, é tão gasta, tão

duvidosa, tão indefinida.... Ela não me diz nada. Muitas vezes, é aplicada a sentimentos que surgem depois de meia hora apenas de contato, como igualmente a afeições reais e fortes. Diga-me, qual era o grau de violência do amor do senhor Bingley?

– Nunca vi uma inclinação mais promissora. Ele estava se tornando esquecido das outras pessoas e inteiramente absorto por Jane. Cada vez que se encontravam, isto se tornava mais claro. No baile que ele próprio ofereceu, ofendeu duas ou três moças, esquecendo-se de tirá-las para dançar! E eu mesma falei com ele duas vezes sem ter resposta. Podem existir melhores sintomas? Não é a desatenção geral a própria essência do amor?

– Oh, sim, dessa espécie de amor que suponho tenha sido o dele. Pobre Jane! Tenho pena dela, porque com o seu feitio talvez não o esqueça de imediato. Seria melhor que isso tivesse lhe acontecido, Lizzy, pois, graças ao seu bom humor, você teria esquecido mais depressa. Mas acha que podemos convencê-la a voltar conosco? As mudanças de lugar podem ser úteis. E talvez sua ausência de casa por algum tempo faça um grande bem a Jane.

Elizabeth ficou muito contente com a proposta e plenamente convencida da pronta aquiescência da irmã.

– Espero – acrescentou a senhora Gardiner – que nenhuma consideração por esse rapaz a influencie. Moramos em pontos tão afastados da cidade, todas as nossas relações são tão diferentes e, como você sabe, saímos tão raramente, que é muito pouco provável que se encontrem. A não ser que ele de fato venha visitá-la.

– É inteiramente impossível, pois ele está sob a vigilância do amigo, e o senhor Darcy não toleraria que ele fosse visitá-la num quarteirão de Londres tão pouco elegante. Minha cara tia, como a senhora pode supor tal coisa? O senhor Darcy talvez tenha ouvido falar em Gracechurch Street, mas, se alguma vez entrasse lá, creio que levaria bem um mês se purificando.

– Tanto melhor. Espero que eles não se encontrem. Mas Jane não se corresponde com a irmã do senhor Bingley? Essa pessoa não poderá deixar de visitá-la.

– Ela cortará relações por completo.

Mas, apesar da certeza com que Elizabeth fingia acreditar no que

diziam, bem como na possibilidade de Bingley ser impedido de visitar Jane, esse assunto a preocupava de tal maneira que, depois de refletir, convenceu-se de que não considerava o caso inteiramente perdido. Parecia-lhe possível e, algumas vezes, até mesmo provável, que a afeição do senhor Bingley recrudescesse e que a influência dos seus amigos pudesse ser contrabalançada com êxito pelas influências mais naturais dos atrativos de Jane.

A senhorita Bennet aceitou o convite da tia com prazer. E se, ao mesmo tempo, se lembrava dos Bingley, era apenas para desejar que lhe fosse possível ocasionalmente passar uma ou outra manhã com a amiga. E podia fazê-lo sem correr o perigo de ver Bingley, já que Caroline não morava com o irmão. Os Gardiners ficaram uma semana em Longbourn. E não se passou um dia sem compromissos sociais, sem visitarem ou receberem visitas dos Philips, dos Lucas e dos oficiais. A senhora Bennet tinha planejado tão cuidadosamente esses divertimentos para seus parentes que nem uma só vez eles se sentaram juntos para um jantar em família. Quando havia convidados em casa, entre eles se encontravam sempre alguns oficiais e um deles era sempre o senhor Wickham. E, nessas

ocasiões, a senhora Gardiner, em cujo espírito os calorosos elogios de Elizabeth tinham despertado suspeitas, observava os dois com grande atenção. Sem supor, pelo que estava vendo, que eles estivessem seriamente apaixonados, a preferência que manifestavam um pelo outro era suficiente para inquietá-la; resolveu falar a Elizabeth sobre o assunto antes de partir de Hertfordshire e fazer ver a imprudência que ela cometia, encorajando aquela inclinação.

Wickham possuía um meio de interessar a senhora Gardiner, independente dos seus múltiplos encantos. Há uns dez ou doze anos, antes do seu casamento, a senhora Gardiner residira muitos anos na mesma região de Derbyshire em que nascera o senhor Wickham. Tinham, portanto, muitos conhecidos em comum. E, embora o senhor Wickham só tivesse ido lá poucas vezes depois da morte do pai do senhor Darcy, há cinco anos, ele podia dar notícias mais recentes dos antigos amigos da senhora Gardiner do que as que ela poderia obter de outro modo.

A senhora Gardiner tinha estado em Pemberley e conhecia de nome o falecido senhor Darcy; aí estava, portanto, um assunto inesgotável. Comparando suas lembranças de Pemberley com as descrições minuciosas que Wickham lhe fazia, e prestando ao caráter do seu antigo possuidor seu tributo de admiração, a senhora Gardiner deliciava a si mesma e a seu interlocutor. Ao ser informada sobre o tratamento que o atual senhor Darcy lhe dispensara, ela procurou se lembrar da reputação que ele tinha quando criança. E acreditou, afinal, recordar-se de ter ouvido dizer que o senhor Fitzwilliam Darcy tinha sido um menino muito orgulhoso e de mau caráter.

Capítulo 26

Na primeira oportunidade favorável que houve para falar a sós com Elizabeth, a senhora Gardiner alertou a sobrinha em tom de grande afabilidade. Após ter lhe dito sinceramente o que pensava, prosseguiu:

– Você é uma garota bastante sensata, Lizzy, para não se apaixonar só porque a previnem contra tal, e é essa a razão pela qual não receio falar tão abertamente sobre o assunto. Deve ter cautela. Não se envolvas, nem dê a ele ocasião de se envolver num afeto que a falta de meios de fortuna tornaria deveras imprudente. Trata-se de um jovem muito atraente e

agradável; e, se ele tivesse a fortuna que lhe estava destinada, você não poderia

escolher melhor. Porém, no pé em que as coisas estão, não se deixe arrastar pela fantasia. Tenha a cabecinha no lugar e todos esperamos que faça bom uso dela. Estou certa de que o seu pai conta com sua firmeza e sua prudência. Evite a todo o custo desiludi-lo.

– Minha querida tia, trata-se, na verdade, de um assunto sério.

– Sim, e espero convencê-la a se portar à altura dele.

– Bom, nesse caso não terá de que se afligir. Olharei por mim e pelo senhor Wickham também. Ele não se apaixonará por mim se eu puder evitar.

– Elizabeth, agora não está falando sério.

– Perdoe-me. Vou tentar de novo. No momento, não estou apaixonada pelo senhor Wickham; não, é certo que não estou. Contudo, ele é, sem dúvida alguma, o homem mais simpático que já encontrei, e, caso se prenda verdadeiramente a mim, creio que será preferível que ele não o faça. Oh, aquele detestável senhor Darcy! A opinião de meu pai tem para mim inestimável valor e me sentiria desgraçada no momento em que a perdesse. Meu pai, porém, simpatiza com o senhor Wickham. Em resumo, minha querida tia, me custaria bastante tornar-me motivo de infelicidade para algum de vocês; mas, se diariamente assistimos ao enlace de jovens cuja falta de fortuna raramente os impede de unir os seus destinos, como poderei eu, uma vez tentada, prometer ser mais sensata que eles, ou como poderei alguma vez saber qual a sensatez em resistir? A única coisa que posso lhe prometer é não ter pressa. Não terei pressa em considerar-me o principal objeto a seus olhos. Quando na sua companhia, nada desejarei. Enfim, farei o melhor que puder.

– Talvez também não fosse má ideia dissuadi-lo de vir aqui tantas vezes. Pelo menos, você não deveria lembrar sua mãe de convidá-lo.

– Como fiz no outro dia – disse Elizabeth, com um sorriso malicioso. – Tem razão, será mais sensato evitá-lo. Mas não julgue que ele tem passado aqui os dias. É por sua causa que ele tem sido convidado com tanta frequência no decorrer desta semana. Sabe como é a minha mãe e o que ela pensa da necessidade de um entretenimento constante para os amigos. Mas, sinceramente, e pela minha honra, tentarei proceder da maneira que achar mais conveniente; e agora espero tê-la tranquilizado.

A tia assegurou-a da sua inteira satisfação e as duas se separaram, após Elizabeth ter agradecido a amabilidade da sua atitude; exemplo maravilhoso de um inofensivo conselho abordando matéria tão delicada.

O senhor Collins regressou a Hertfordshire pouco depois de os

Gardiners e Jane terem partido; mas, como vinha para se instalar na casa dos Lucas, sua chegada não trouxe grande inconveniente para a senhora Bennet. O casamento dele aproximava-se agora a passos largos, mas ela já estava, por fim, suficientemente resignada, a ponto de o considerar inevitável e repetidas vezes proferir, num tom azedo, que lhes desejava muitas felicidades.

Quinta-feira seria o dia da cerimônia, e na quarta-feira a senhorita Lucas fez sua visita de despedida; e, quando ela se ergueu para partir, Elizabeth, envergonhada pela atitude relutante da mãe, acompanhou-a à porta. Quando desciam juntas as escadas, Charlotte disse-lhe:

– Espero que me escreva com frequência, Eliza.

– Pode estar certa.

– Tenho outro favor a pedir: virá um dia visitar-me?

– Teremos inúmeras oportunidades de nos vermos aqui em Hertfordshire, creio eu.

– Não sairei de Kent tão cedo. Prometa-me que virá a Hunsford.

Elizabeth não podia recusar, embora anteviesse a visita com pouco prazer.

– Meu pai e Maria irão me ver em março – acrescentou Charlotte –, e espero que concorde em acompanhá-los. Acredita, Eliza, que será para mim tão bem-vinda como qualquer um deles.

Realizado o casamento, os noivos partiram logo em seguida para Kent, e o acontecimento foi bastante discutido e comentado por todos, como é habitual. Elizabeth em breve teve notícias da amiga, e entre elas

estabeleceu-se uma correspondência tão regular e frequente como outrora, embora não tão franca, pois isso seria impossível. Elizabeth nunca lhe falava sem que sentisse um vazio dentro de si, pois havia cessado aquele conforto da intimidade, e, embora decidida a não faltar com as suas cartas, escrevia mais por aquilo que entre elas existira do que pelo que agora existia. As primeiras cartas de Charlotte foram recebidas com uma certa ansiedade, explicada apenas pela curiosidade em saber como ela falaria do seu novo lar, o que achara de lady Catherine e até que ponto ousaria pronunciar-se sobre sua própria felicidade.

Jane escreveu algumas linhas à irmã para anunciar sua chegada a Londres. Quando ela tornou a lhe escrever, Elizabeth esperava que já pudesse lhe contar algo sobre os Bingley.

A segunda carta, porém, não correspondeu à sua impaciência. Há uma semana que Jane se encontrava na capital sem que Caroline tivesse dado qualquer sinal de vida. Ela atribuía ao fato de a sua última carta enviada de Longbourn à amiga ter se extraviado.

A minha tia – escreveu ela – pretende ir amanhã para aqueles lados da cidade e eu aproveitarei a oportunidade para uma visita à Grosvenor Street .

Após a visita, em que estivera com a senhorita Bingley, ela tornou a escrever:

Não achei Caroline muito bem-disposta, mas mostrou-se bastante contente por me ver e queixou-se de não a ter avisado da minha vinda a

Londres. Afinal, ela nunca chegou a receber aquela minha carta. Perguntei-lhe pelo irmão, naturalmente. Respondeu-me que ele estava com perfeita saúde, mas tão ocupado com o senhor Darcy que raramente o via. Percebi que esperavam a senhorita Darcy para jantar. Gostaria de a ter visto. Minha visita não durou muito tempo, pois Caroline e a senhora Hurst preparavam-se para sair. Creio que em breve as verei aqui.

Elizabeth contemplou a carta, bastante desanimada. Estava convencida de que só por um acaso o senhor Bingley viria a saber da presença da irmã na capital.

Quatro semanas passaram sem que Jane soubesse alguma coisa dele. Tentou se convencer de que não o lastimava; mas não poderia continuar a iludir-se sobre o desinteresse da senhorita Bingley. Após ter, durante quinze dias, permanecido todas as manhãs em casa, e em cada manhã ter inventado uma nova desculpa para o fazer, a amiga dignou-se enfim a retribuir-lhe a visita; porém, o pouco tempo que ficou e, sobretudo, a alteração dos seus modos tiraram qualquer dúvida de Jane. A carta que, pela ocasião, escreveu à irmã demonstra o que ela sentiu:

Minha querida Lizzy, sei que será incapaz de uma atitude de triunfo quando lhe confessar que estava inteiramente iludida a respeito da estima da senhorita Bingley por mim. Contudo, minha querida irmã, se bem que o que aconteceu venha lhe dar razão, não me julgue obstinada ao continuar

a afirmar que, perante o comportamento dela no decorrer da nossa amizade, a minha fé era tão justificada quanto a sua reserva. Não entendo qual o intuito dela ao alimentar certa intimidade comigo, mas, se as mesmas circunstâncias voltassem a se repetir, estou certa de que me deixaria de

novo iludir.

Só ontem Caroline me retribuiu a visita, e até lá não recebi da sua parte uma palavrinha sequer. Quando, finalmente, apareceu, tornou bem evidente que não tinha qualquer prazer nisso. Deu uma desculpa ligeira e formal por não me visitar mais cedo, nada disse quanto a desejar me ver de novo e comportou-se de modo tão estranho e diferente que, quando ela saiu, eu estava perfeitamente decidida a não continuar como sua amiga. Tenho pena dela, mas não posso deixar de a censurar. Foi incorreta ao sacudir-me do modo como fez.

Posso, sem receio, afirmar que todas as iniciativas para uma maior intimidade partiram sempre dela. Contudo, lastimo, pois deve sentir que agiu mal e porque estou certa de que foi a sua ansiedade pelo irmão que lhe inspirou tal atitude. Não será necessário alongar-me no assunto. Embora saibamos que tal ansiedade é descabida, uma vez que ela a sente, vejo facilmente justificado o seu comportamento comigo. Além disso, o irmão devota-lhe tal ternura que qualquer que seja a ansiedade dela a seu respeito é sempre norteadada por sentimentos naturais e sãos. Não deixo, contudo, de estranhar que precisamente agora alimente esses receios, pois, se ele tivesse algum interesse por mim, há muito tempo que nos teríamos encontrado. Creio que ele sabe da minha presença na capital, pois foi, pelo menos, o que deduzi da conversa dela. Porém, pela sua maneira de falar, fiquei também com a impressão de que ela tentava persuadir-se a si própria de que o irmão de fato se interessava pela senhorita Darcy. Não compreendo. Se não receasse qualquer precipitação ou crueldade no meu juízo, ficaria tentada a dizer que existe em tudo isso uma forte aparência de duplicidade. Enfim, tentarei banir do meu pensamento tudo o que me atormenta e pensar naquilo que me fará verdadeiramente feliz, ou seja, na sua afeição e na infatigável bondade dos meus queridos tios. Não demore para me escrever. A senhorita Bingley falou em nunca mais voltarem a Netherfield e terem intenção de largar a casa, mas, por ora, nada é certo ainda. É melhor não dizer nada sobre isso

em casa. Alegria-me que tenha recebido notícias tão agradáveis dos nossos amigos em Hunsford. Por que não acompanha sir William e Maria? Estou certa de que acabaria por gostar.

A tua, etc.

A carta entristeceu Elizabeth, mas logo se tranquilizou ao pensar que Jane não continuaria sendo enganada, pelo menos pela senhorita Bingley. Quanto ao irmão, tinha ruído toda a expectativa que ela criara. Não desejava nem sequer que ele tentasse retomar com Jane. Quanto mais analisava o caráter dele, tanto maior era o seu desânimo. Como punição para ele, assim como possível vantagem para Jane, esperava que, em breve, ele se casasse com a irmã do senhor Darcy, pois, segundo o senhor Wickham, ela depressa o faria lastimar o que ele desdenhara.

A senhora Gardiner, entretanto, escrevera a Elizabeth, lembrando-a da sua promessa referente àquele cavalheiro e pedindo-lhe notícias, ao que Elizabeth prontamente acedeu, embora elas fossem motivo de maior regozijo para a tia do que para ela própria. Sua aparente inclinação acalmara, suas atenções tinham cessado, e ele era agora o admirador de uma outra. Elizabeth era suficientemente perspicaz para constatar tal fato, e, ao

observá-lo e escrever sobre ele, fazia sem grande mágoa. Seu coração tinha sido apenas um pouco afetado, e ela se envaidecia em acreditar que seria ela a eleita, tivesse a fortuna permitido. A súbita aquisição de dez mil libras constituía o principal encanto da jovem junto de quem ele presentemente se fazia valer de toda a sua amabilidade. Mas Elizabeth, menos sagaz nesse caso do que no de Charlotte, não criticou seu desejo de independência. Pelo contrário, nada poderia ter transcorrido de forma mais natural; e, tendo-lhe sido dado supor que representava para ele um doloroso esforço renunciar a ela, Elizabeth, por outro lado, prontificou-se a aceitar tal atitude como uma medida sensata e desejável para ambos, e muito sinceramente desejou-lhe felicidade.

De tudo isso a senhora Gardiner foi informada; e, após o relato das circunstâncias, ela continuou:

Estou agora convencida, querida tia, de que não cheguei a estar verdadeiramente apaixonada; pois, se acaso eu tivesse experimentado essa pura e elevada paixão, a essas horas não suportaria ouvir mencionar seu nome e lhe desejaria todo o mal. Acontece que, não só meus

sentimentos por ele são extremamente cordiais, como nada tenho contra a senhorita King. Não sinto em mim qualquer ódio por ela, nem má vontade, tampouco qualquer coisa que me impeça de ver nela uma boa garota. Nunca poderia ter se tratado de amor. Minha cautela foi providencial. E, embora eu tenha me tornado um objeto de maior interesse aos olhos dos outros, não posso dizer que lastime minha relativa insignificância. Kitty e Lydia ficaram mais sentidas do que eu mesma. Elas pouco conhecem do mundo e ainda não estão preparadas para admitir a ideia de que um jovem bonito necessita tanto de dinheiro para viver como qualquer outro.

Capítulo 27

Janeiro e fevereiro passaram sem outros grandes acontecimentos na família de Longbourn, apenas entrecortados pelos passeios a Meryton, algumas vezes com chuva, outras com frio. Em março, Elizabeth iria para Hunsford.

No começo, ela não tinha encarado com muita seriedade a possibilidade de ir, mas Charlotte contava com a amiga, e, aos poucos, Elizabeth se habituou a pensar na visita com mais interesse e certeza. O tempo aumentara o desejo de rever Charlotte e enfraquecia a sua repugnância pelo senhor Collins. Havia também o sabor da novidade. Com a mãe que tinha, e irmãs tão pouco camaradas, sua casa não seria um lugar muito divertido. Além disso, a viagem lhe daria a oportunidade de se avistar com Jane. Em suma, à medida que o dia se aproximava, menos desejava adiar a partida. Tudo ficou combinado de acordo com os planos de Charlotte. Elizabeth iria em companhia de *sir* William e da segunda filha dele. Ao plano inicial acrescentou-se um novo detalhe: eles passariam a noite em Londres.

Elizabeth lamentou apenas ter de deixar o pai, que certamente sentiria sua falta; e que, chegado o dia, se mostrou tão pouco satisfeito com sua partida que recomendou à filha que lhe escrevesse e quase prometeu responder a carta. A despedida entre Elizabeth e o senhor Wickham foi cordial. Da parte dele, ainda mais do que isso. Seus planos atuais não o faziam esquecer que Elizabeth fora a primeira a despertar e a merecer sua admiração. A primeira que o ouvira e se compadecera dele; e, quando disse adeus a Elizabeth, desejou-lhe todos os prazeres, lembrou-lhe a

descrição que fizera de lady Catherine de Bourgh e disse que esperava que a opinião de ambos a respeito daquela senhora, bem como sobre todas as outras pessoas, coincidissem. Em suas palavras transpareciam solicitude e interesse. Elizabeth sentiu que esses sentimentos sempre a uniriam a ela numa sincera afeição. E separou-se do senhor Wickham convencida de que, casado ou solteiro, ele sempre representaria a seus olhos o ideal de uma pessoa agradável e sedutora.

Seus companheiros de viagem não eram capazes de desfazer nela a boa impressão que Wickham lhe deixara. Tanto *sir* William como a filha Maria, uma jovem alegre, mas tão fútil quanto ele, nada tinham a dizer que valesse a pena ser ouvido. Elizabeth tinha uma predileção pelo absurdo, mas conhecia *sir* William há muito tempo. O relato maravilhoso da sua apresentação na corte e da sua investidura já não era novidade para ela; e suas delicadezas tinham sofrido um desgaste idêntico ao da sua conversa.

Não teriam, nesse dia, mais de quarenta quilômetros a percorrer, mas quando saíram ainda era madrugada, pois tinham a intenção de estar em Gracechurch Street por volta do meio-dia. Quando pararam à porta do senhor Gardiner, Jane estava a uma das janelas da sala aguardando sua chegada. Quando entraram em casa, ela os recebeu, e Elizabeth, olhando-a demoradamente, ficou feliz por vê-la tão saudável e encantadora como nunca. Ao topo das escadas, acotovelava-se um pequeno grupo de crianças, rapazes e garotas, cuja ânsia de ver a prima não lhes permitira esperar na sala de visitas, pois há um ano que a não viam, lhes impedia de descer ao seu encontro.

O ambiente era de alegria e afabilidade. O dia decorreu da forma mais agradável; a tarde passada no alvoroço das compras, e a noite, num dos teatros. Aí, Elizabeth se aproximou da tia. O primeiro assunto a ser abordado entre elas foi a respeito de sua irmã. Foi maior preocupação do que espanto ao ouvir, em resposta às suas minuciosas inquirições, que, embora Jane continuasse lutando por manter a boa disposição, tinha períodos de desânimo e melancolia. Era, contudo, de esperar que eles não durassem muito tempo.

A senhora Gardiner contou também todos os detalhes da visita da senhorita

Bingley à Gracechurch Street e repetiu as várias conversas que desde então

tivera com Jane, e que lhe davam a entender não existir da sua parte qualquer interesse em continuar tal amizade.

A senhora Gardiner referiu-se, repetidas vezes, à deserção de Wickham e felicitou a sobrinha por suportá-la com tanta dignidade.

– Mas, querida Elizabeth – acrescentou ela –, que tipo de garota é a senhorita King? Difícil ver que o nosso amigo, afinal, não passa de um interesseiro.

– Pelo amor de Deus, querida tia, qual a diferença no casamento por interesse e prudência? Onde acaba a prudência e começa a cobiça? No Natal, a tia receava que ele casasse comigo, pois seria uma imprudência; e agora, porque ele procura cativar uma garota que possui 10 mil libras, conclui que ele é um interesseiro.

– Basta que você me diga que tipo de garota é a senhorita King, e eu saberei o que pensar dele.

– Ela é uma boa garota, creio eu. Nunca ouvi dizer o contrário.

– Mas ele nunca lhe deu importância, senão quando o avô morreu e lhe deixou sua fortuna.

– Se não lhe era permitido conquistar minha afeição, já que eu não tinha dinheiro, por que razão haveria ele de se voltar para uma garota por quem não se interessava e que era tão pobre quanto eu?

– Mas parece pouco delicado da parte dele rodear de atenções essa moça após a morte tão recente do avô.

– Um homem em situação embaraçosa não tem tempo para considerações dessa ordem e que outros podem acatar. Se ela não tem objeções, por que nós teremos de ter?

– Não se justifica. Demonstra que também nela há ausência de algo: bom senso ou sentimentos.

– Pois bem – respondeu Elizabeth –, como queira, minha tia. Ele é um interesseiro e ela, uma tola.

– Não, Lizzy, não é isso que eu quero dizer. Lamentaria muito pôr defeito num jovem que durante tanto tempo viveu em Derbyshire.

– Se é só isso, tenho uma péssima opinião dos jovens que viveram ali em Derbyshire; e seus amigos íntimos que vivem em Hertfordshire não são melhores. Estou farta de todos eles. Graças a Deus! A partir de amanhã gozarei da companhia de um homem destituído de qualquer qualidade, bom senso ou distinção. Os estúpidos são, no fundo, os únicos que vale a

pena conhecer.

– Tome cuidado, Lizzy; o que acabaste de dizer encerra qualquer coisa de muito parecido com desilusão.

Pouco antes do fim da peça que viria finalizar sua conversa, Elizabeth teve a inesperada alegria de um convite para acompanhar os tios num passeio que eles planejavam para o verão. Disse a senhora Gardiner:

– Ainda não decidimos aonde iremos, mas uma das ideias é visitar a região dos Lagos.

– Minha querida, querida tia, que delícia! Que felicidade! É como se revivesse. Adeus, desilusão e melancolia. O que são os homens comparados com as rochas e as montanhas? Oh! Que horas de êxtase não serão as nossas! E, quando regressarmos, não acontecerá como com os outros viajantes, que não são capazes de dar uma ideia exata de nada. Nós saberemos onde fomos, descreveremos o que vimos. Lagos, montanhas e rios não se misturarão nas nossas imaginações; e, na nossa tentativa de descrever determinado cenário, não discutiremos quanto à sua situação relativa. Não deixaremos que as nossas primeiras efusões sejam tão insuportáveis como as da maioria dos viajantes! – exclamou ela animada.

Capítulo 28

Aos olhos de Elizabeth tudo era interessante. Ela estava bastante animada, pois não só a boa aparência da irmã afastara todas as preocupações a respeito da sua saúde como a perspectiva do passeio pelo Norte era para ela uma fonte de alegria constante.

Quando deixaram a estrada principal para tomar a trilha que os conduziria a Hunsford, esperaram a todo o momento e a cada curva do caminho deparar com a casa paroquial. A cerca do Parque Rosings limitava a estrada de um lado. Elizabeth sorriu ao recordar-se de tudo o que lhe tinham contado sobre seus habitantes.

Por fim avistaram a casa. O jardim descia em rampa suave até a estrada, a cerca verde, as sebes de loureiro, tudo indicava que estavam chegando. O senhor Collins e Charlotte apareceram à porta, e a carruagem, no meio de acenos e sorrisos, parou em frente a um pequeno portão que dava acesso à casa. Logo estavam todos exultantes pela alegria de tornarem a se ver.

A senhora Collins recebeu a amiga com uma manifestação de genuíno

prazer, e Elizabeth sentiu-se feliz pela recepção tão carinhosa. Ela imediatamente notou que os modos do primo não tinham sofrido qualquer modificação com o casamento. Mantinha aquela delicadeza formal que, durante alguns minutos, a deteve junto ao portão, enquanto perguntava sobre a família toda. Foram, em seguida, conduzidos para dentro de casa.

O senhor Collins chamou a atenção para a beleza da entrada, e, assim que chegaram à sala, tornou a dar as boas-vindas e repetiu todas as recomendações da esposa para que os visitantes ficassem à vontade.

Elizabeth percebeu que, ao apontar para a proporção ideal da sala, o aspecto e a mobília, ele estava falando particularmente com ela, como que desejando mostrar o que perdera ao recusá-lo. Contudo, embora a Elizabeth tudo parecesse belo e confortável, não estava dentro das suas possibilidades mostrar qualquer sinal de arrependimento. Ao contrário, olhou de relance a amiga com um espanto mal disfarçado, por vê-la tão animada junto ao companheiro.

Depois de terem permanecido na sala tempo suficiente para admirar todos os objetos de mobiliário, desde o aparador ao guarda-fogo, e para contarem os pormenores da viagem e tudo o que tinham feito em Londres, o senhor Collins convidou-os para um pequeno passeio pelo jardim, que era grande e muito bem cuidado pessoalmente por ele.

Do jardim, o senhor Collins preparava-se para conduzi-los através dos dois prados que também lhe pertenciam, mas as senhoras, que não dispunham de sapatos adequados para enfrentar uns restos de geada, preferiram voltar. Enquanto *sir* William o acompanhava no aludido passeio, Charlotte reconduziu a irmã e a amiga para casa, extremamente satisfeita por ter a oportunidade de mostrá-la sem a ajuda do marido.

A casa era pequena, porém bem construída e aconchegante. Tudo nela se harmonizava e estava disposto com arte e bom gosto, que Elizabeth atribuiu exclusivamente a Charlotte. Uma vez esquecido o senhor Collins, podiam ficar mais à vontade. Pela animação que transparecia no rosto de Charlotte, Elizabeth concluiu que ela o esquecia sempre que podia.

Já a haviam informado que lady Catherine ainda estava por ali. Durante o jantar tocaram novamente no assunto, e o senhor Collins observou:

– Sim, a senhorita Elizabeth terá a honra de ver lady Catherine de Bourgh no próximo domingo na igreja, e nem preciso lhe repetir que ficará encantada com ela. É de uma afabilidade e condescendência sem par. Ouso afirmar que a incluirá, bem como à minha irmã Maria, em todos os

convites que se digne a nos fazer durante a sua estada aqui.

– Lady Catherine é, na realidade, uma senhora muito respeitável e sensata – acrescentou Charlotte – e uma vizinha muito atenciosa.

O serão foi amplamente preenchido com a conversa suscitada pelas notícias de Hertfordshire e pela repetição dos assuntos já referidos. Depois, na intimidade do seu quarto, Elizabeth ficou meditando sobre o grau de contentamento de Charlotte, sua serenidade em suportar o marido, e reconheceu a perfeição com que ela desempenhava seu papel.

No dia seguinte, Elizabeth estava no quarto se preparando para um passeio, quando ouviu alguém disparando escadas acima e gritando pelo seu nome. Abriu a porta e encontrou Maria, que, sem fôlego, tal a sua agitação, exclamou:

– Oh! minha querida Eliza! Desça comigo à sala de jantar, você ficará deslumbrada com o que verá! Não lhe direi do que se trata. Depressa, venha comigo.

Elizabeth tentou em vão obter resposta às suas perguntas, mas Maria estava decidida a nada lhe dizer, e, em atropelo, desceram até a sala de jantar, que dava para a estradinha. Eram duas senhoras numa pequena carruagem parada em frente ao portão do jardim.

– É isso? – indagou Elizabeth. – Esperei, pelo menos, que fossem os porcos que tivessem invadido o jardim, mas, afinal, não passa de lady Catherine e da filha.

– Que ideia, minha querida – disse Maria, um pouco ofendida com o engano. – Não é lady Catherine. A senhora idosa é a senhora Jenkinson, que vive com elas. A outra é a senhorita de Bourgh. Repare nela. É tão franzininha. Nunca pensei que fosse tão frágil e pequena!

– Ela é de uma crueldade atroz por obrigar Charlotte a sair com uma ventania dessas. Por que não entra?

– Oh! Charlotte diz que ela raramente o faz. É uma honra quando a senhorita de Bourgh se digna a entrar nesta casa.

– Agrada-me a aparência dela – disse Elizabeth, lembrando-se subitamente de uma coisa. – Tem um aspecto doentio e de pessoa mal-humorada. Sim, parecem ter nascido um para o outro. Ela será a esposa ideal para ele.

O senhor Collins e Charlotte estavam ao portão conversando com as senhoras. *Sir William*, para regozijo de Elizabeth, conservava-se na soleira da porta, contemplando gravemente a grandeza perante os seus olhos e

fazendo repetidas reverências sempre que a senhorita de Bourgh olhava na sua direção.

Por fim, o assunto se esgotou, o carro partiu e os outros voltaram para casa. O senhor Collins, mal deparou com as duas garotas, começou a

felicita-las pela sua sorte. Charlotte explicou que todos tinham sido convidados para jantar em Rosings no dia seguinte.

Capítulo 29

A satisfação do senhor Collins diante do convite foi completa. A possibilidade de exibir a magnificência da sua benfeitora aos olhos maravilhados dos seus hóspedes e de os deixar entrever a delicadeza de Sua Excelência com ele próprio e sua mulher era o que mais desejava.

– Confesso – dizia ele – que não me surpreenderia se acaso no domingo Sua Excelência nos convidasse para tomar chá e passar a tarde em Rosings. Conhecendo sua afabilidade, acho natural que isso aconteça. Mas quem poderia prever uma prova de atenção como esta? Quem imaginaria que receberíamos um convite para jantar, um convite, aliás, que abrange todo o grupo, tão imediatamente após a sua chegada?

– Sou eu o menos surpreso de todos – replicou *sir* William. – Na corte são habituais tais manifestações, reveladoras de uma educação primorosa.

Pouco mais se falou durante o resto do dia e na manhã seguinte, senão na visita a Rosings. O senhor Collins teve a precaução de os esclarecer sobre as maravilhas que os esperavam, de modo a que a visão dos salões, dos inúmeros criados e do opulento jantar não os surpreendesse completamente.

Antes de as senhoras se retirarem, a fim de se prepararem, ele disse a Elizabeth:

– Não se preocupe demasiado com o seu traje, querida prima. Lady

Catherine está longe de exigir de nós a elegância que ela e a filha ostentam. Aconselho-a, portanto, a escolher seu vestido mais elegante, apenas, pois a ocasião pouco mais requer. Lady Catherine não levará a mal a simplicidade da sua aparência. Ela gosta de ver preservada a distinção das classes.

Enquanto elas se vestiam, o senhor Collins veio por duas ou três vezes

bater à porta dos quartos e recomendar que não se demorassem, pois lady Catherine não gostava que a fizessem esperar para jantar.

Como o tempo estava bom, o passeio pelo parque foi muito agradável. Elizabeth sentia-se satisfeita com o que via, embora não se entregasse às efusões que o senhor Collins esperava que o cenário nela suscitasse.

Enquanto subiam a escadaria da entrada, a emoção de Maria aumentava a cada momento, e o próprio *sir* William deixava transparecer o nervosismo. A coragem de Elizabeth, porém, não a abandonou. Ela nada ouvira a respeito de lady Catherine que a impressionasse, quer por quaisquer talentos extraordinários ou virtude miraculosa, e, quanto à pompa de que tanto o dinheiro como a classe a rodeavam, ela acreditava poder contemplar sem desfalecer.

Da sala de entrada, cujas belas proporções e ricos ornamentos o senhor Collins fez ressaltar com ar extático, seguiram os criados atravessando uma antecâmara até a sala onde se encontravam lady Catherine, a filha e a senhora Jenkinson.

Apesar de já ter sido recebido em St. James, *sir* William estava tão impressionado pelo esplendor que o rodeava que apenas teve ânimo para uma profunda reverência e sentou-se sem dizer uma só palavra. Sua filha, terrivelmente assustada, ocupou a borda de uma cadeira e não sabia para que direção olhar. Elizabeth sentia-se bastante à vontade e pôde observar com serenidade as três senhoras à sua frente.

Lady Catherine era uma mulher alta e forte, de feições muito carregadas e que teriam sido belas. Seu ar não cativava, e a atitude dela ao recebê-los não os fazia esquecer sua inferioridade. Quando em silêncio, nada tinha de terrível; mas suas palavras eram pronunciadas num tom tão autoritário que revelava toda a sua presunção, o que imediatamente trouxe o senhor Wickham ao espírito de Elizabeth. Pelo que observou no decorrer desse dia, ela acreditou na veracidade da imagem que ele lhe fez de lady Catherine.

Após o exame da mãe, descobriu semelhança com o senhor Darcy no semblante e no comportamento. Elizabeth voltou os olhos para a filha e partilhou do espanto de Maria ao considerá-la tão frágil e miudinha. Não existia, quer na figura como no rosto, qualquer semelhança entre as duas senhoras. A senhorita de Bourgh era pálida e de compleição doentia; suas feições, embora não fossem feias, eram insignificantes.

Após permanecerem alguns minutos sentados, foram todos levados para

junto de uma das janelas, a fim de admirarem o panorama. O senhor Collins encarregou-se de lhes indicar o que era digno de ser visto, e lady Catherine, amavelmente, observou que no verão é tudo muito mais belo.

O jantar foi magnífico, com muitos criados e a esplêndida baixela de prata de que o senhor Collins falara. Conforme ele adiantara, se sentou, por desejo expresso de lady Catherine, à cabeceira da mesa. Pela sua expressão radiante, era como se sentisse que, para ele, a vida nada tinha de mais grandioso para lhe oferecer. Lady Catherine, contudo, parecia satisfeita com aquela admiração excessiva e concedia a graça de um sorriso ou outro, sobretudo quando alguma das iguarias se revelava uma novidade para eles. O grupo, porém, não era de índole a permitir uma conversa generalizada. Elizabeth estava pronta a pronunciar-se sempre que via ocasião, mas estava sentada entre Charlotte e a senhorita de Bourgh. Enquanto a primeira tinha a sua atenção absorvida por lady Catherine, a segunda não lhe disse uma só palavra durante todo o jantar.

Em seguida, as senhoras voltaram para o salão e, até a hora do café, nada mais fizeram senão ouvir lady Catherine. Esta falava sem interrupção, dando sua opinião sobre cada assunto com uma segurança que mostrava bem não estar habituada a que lhe contestassem. Fez inúmeras perguntas a Charlotte a respeito de assuntos domésticos, com familiaridade e minúcia; e aconselhou-a generosamente. Disse como tudo deveria ser regulado numa família pequena como a sua e ensinou-a cuidar das vacas e das aves.

Elizabeth verificou que nenhum assunto, por mais humilde que fosse, escapava à atenção de lady Catherine, contanto que neles encontrasse uma oportunidade para doutrinar. Nos intervalos das suas recomendações à senhora Collins, fazia algumas perguntas a Maria e a Elizabeth, sobretudo a esta última, que conhecia menos e que, observou ela para a senhora Collins, era uma garota muito simpática e atraente. Perguntou várias vezes quantas irmãs ela tinha, se eram mais novas ou mais velhas, se alguma delas estava em vias de se casar, se eram bonitas, onde tinham sido educadas, qual a situação de seu pai e o nome de solteira de sua mãe. Elizabeth sentiu toda a impertinência contida nas perguntas, mas respondeu com grande simplicidade. Lady Catherine então observou:

– A propriedade de seu pai está destinada, pela sucessão, a cair nas mãos do senhor Collins. Alegro-me por sua causa – continuou ela, virando-se para Charlotte –, mas, de outro modo, não vejo por que privam a descendência feminina do direito de herdar propriedades. Na família de *sir*

Lewis de Bourgh não julgaram necessário tomar tal medida. Sabe tocar piano e cantar, senhorita Bennet?

– Um pouco.

– Oh, nesse caso, espero que um dia desses nos dê o prazer de ouvi-la. Nosso piano é maravilhoso, o que há de melhor. Provavelmente superior ao... Você tem de experimentá-lo. Suas irmãs também sabem tocar e cantar?

– Uma delas sabe.

– Por que as outras não aprenderam também? Todas deviam saber música. As senhoritas Webbs todas sabem tocar; e o pai delas não é mais rico que o seu. Sabe desenhar?

– Não, minha senhora.

– O quê, nenhuma de vocês?

– Nenhuma de nós.

– Que curioso. Mas com certeza não tiveram oportunidade. Sua mãe deveria tê-las levado na primavera para a capital, para receberem lições.

– Minha mãe não poria objeção, mas o meu pai detesta Londres.

– Sua preceptora foi despedida?

– Nunca tivemos preceptora.

– Nunca tiveram preceptora? Como isso é possível? Educar cinco filhas sem uma mestra! Nunca ouvi tal coisa! Sua mãe deve ter sido uma escrava da educação de vocês.

Elizabeth não pôde deixar de sorrir ao responder que esse não fora

o caso.

– Então, quem as ensinou? Quem se encarregou da sua educação? Sem a assistência de uma mestra, deve ter deixado a desejar.

– Em comparação com a de certas famílias, acredito que sim. Mas lá em casa, quem quis se instruir teve todos os meios. Sempre nos encorajaram a prática da leitura e tivemos todos os professores necessários. Porém, quem não quis estudar, também teve essa opção.

– Sem dúvida, mas seria isso justamente o que uma preceptora permanente teria evitado. Se acaso eu conhecesse sua mãe, teria aconselhado que contratasse uma preceptora. Para uma educação perfeita, é preciso uma instrução constante e regular, e isso só uma mestra pode garantir. É espantoso o número de famílias nas quais eu coloquei preceptoras.

Logo em seguida, lady Catherine prosseguiu:

– Alguma das suas irmãs mais novas já foi apresentada à sociedade, senhorita Bennet?

– Sim, minha senhora, todas elas.

– O quê? Todas as cinco de uma vez? É muito estranho. E a senhorita é apenas a segunda! As mais novas já frequentam a sociedade mesmo antes de as mais velhas se casarem! Suas outras irmãs são muito novinhas?

– A mais nova ainda não fez 16 anos. Talvez seja um pouco cedo demais para ter vida social, mas, realmente, minha senhora, considero uma

crueldade excluí-las de divertimentos e relações sociais apenas porque a mais velha não teve oportunidade ou inclinação para se casar mais cedo.

– Por Deus, a senhorita exprime a sua opinião de forma muito decidida para uma pessoa tão jovem. Diga-me, quantos anos tem? – indagou lady Catherine.

– Com três irmãs mais novas já adultas – replicou Elizabeth –, Vossa Excelência não pode esperar que eu lhe dê uma resposta.

Lady Catherine pareceu ficar atônita por não ter recebido uma resposta direta, e Elizabeth suspeitou que ela fora a primeira pessoa que jamais ousara ludibriar tão pomposa impertinência.

– A senhorita não pode ter mais de 20 anos, portanto, não precisa esconder sua idade.

– Ainda não fiz 21 anos.

Capítulo 30

A visita de uma semana de *sir* William em Hunsford bastou para convencê-lo de que a filha estava magnificamente instalada e de que tinha um marido e uma vizinha como poucos. Durante o tempo em que *sir* William permaneceu em Hunsford, o senhor Collins dedicava-lhe as suas manhãs. Levava-o a passear na sua charrete para conhecer a região. Quando ele partiu, a família voltou às suas ocupações habituais e Elizabeth ficou feliz por não tê-lo tão constantemente na sua companhia, pois a maior parte do tempo, entre o café da manhã e o almoço, ele passava trabalhando no jardim, lendo ou escrevendo e olhando pela janela da biblioteca, que dava para a estrada.

A sala das senhoras ficava nos fundos. Elizabeth, a princípio, estranhou que Charlotte não preferisse a salinha de jantar para uso comum, pois era maior e mais agradável. Em breve compreendeu que a amiga tinha um excelente motivo para a escolha. Sem dúvida, o senhor Collins passaria muito menos tempo na sua biblioteca se elas optassem por uma sala igualmente agradável.

Da salinha de estar não viam a estrada e cabia ao senhor Collins o relatório sobre carruagens que surgiam e o número de vezes que a senhorita de Bourgh passava no seu veículo, coisa que ele jamais deixava de anunciar, embora se tratasse de um acontecimento quase diário. Com frequência, a senhorita de Bourgh parava no presbitério e conversava alguns minutos com Charlotte, mas muito raramente descia. Poucos dias decorriam sem que o senhor Collins fosse a Rosings, e era frequente que sua mulher achasse seu dever acompanhá-lo.

Elizabeth só compreendeu o sacrifício de tantas horas quando se lembrou de que possivelmente existiam outros cargos eclesiásticos que dependiam da família. De vez em quando, lady Catherine honrava-os com uma visita, e, nessas ocasiões, nada do que se passava na sala escapava à sua atenção. Ela observava as várias ocupações das garotas, olhava para os seus trabalhos e aconselhava que os fizessem de modo diferente. Tinha sempre algum reparo a fazer sobre a disposição dos móveis ou descobria alguma negligência da criada. Se ficava para alguma refeição, não perdia a ocasião de observar que as porções da senhora Collins eram grandes demais para a família.

Elizabeth logo descobriu que essa grande senhora, embora não fosse investida dos poderes de juiz de paz para o condado, desempenhava na sua paróquia, muito ativamente, as funções de magistrado, e nada se passava sem que ela informasse o acontecido ao senhor Collins.

Os jantares em Rosings aconteciam duas vezes por semana, e, não fosse a ausência de *sir* William e o fato de apenas se formar uma mesa de jogo, não passariam da repetição exata do primeiro. Elizabeth se entretinha conversando com Charlotte e, como fazia um tempo excepcionalmente bom para aquela época do ano, encontrava grande prazer nos passeios ao ar livre.

Deste modo sereno passaram os primeiros quinze dias da sua visita. Aproximava-se a Páscoa, e a semana que a precedia traria uma pessoa a Rosings. Pouco depois da sua chegada, Elizabeth ouvira dizer que o senhor

Darcy era esperado em Rosings dali a poucas semanas. Embora ela preferisse qualquer outra pessoa que conhecia, a chegada do senhor Darcy contribuiria para o aparecimento de um rosto de certo modo novo nos jantares em Rosings. Além disso, ela teria a oportunidade de observar a atitude dele com a prima, a quem estava, evidentemente, destinado por lady Catherine, e até que ponto eram infundadas as esperanças da senhorita Bingley nele. Lady Catherine falava na sua vinda com a maior satisfação, referia-se a ele nos termos mais elogiosos e quase se zangou ao saber que a senhorita Lucas e Elizabeth já o conheciam.

A notícia da sua chegada logo alcançou o presbitério, pois o senhor

Collins passou a manhã inteira passeando perto dos portões do parque, a fim de não perder o acontecimento. Quando viu surgir a carruagem, fez uma reverência e correu para casa. Na manhã seguinte, tomou o caminho de Rosings a fim de ir apresentar cumprimentos, função esta que ele duplicou, pois eram dois os sobrinhos de lady Catherine.

O senhor Darcy tinha trazido consigo o coronel Fitzwilliam, o filho mais novo de seu tio, o lord. Para grande surpresa de todos, quando o senhor Collins voltou com os dois cavalheiros, Charlotte, que os avistara da janela do quarto do seu esposo, correu para perto das outras e avisou, acrescentando:

– Eliza, este gesto de amabilidade é por sua causa. O senhor Darcy não viria aqui tão cedo por minha causa.

Elizabeth ainda não tivera tempo para protestar contra tal homenagem quando o toque da campainha anunciou a chegada dos cavalheiros, que pouco depois fizeram sua aparição na sala. O coronel Fitzwilliam, que entrou primeiro, aparentava ter aproximadamente 30 anos de idade. Não era belo, mas nas atitudes e nos modos mostrava-se um verdadeiro senhor. O senhor Darcy não mudara. Apresentou seus cumprimentos à senhora Collins, com a reserva habitual, e, quaisquer que fossem os seus sentimentos para com a amiga da dona da casa, ele a cumprimentou de forma discreta.

Elizabeth respondeu com um ligeiro aceno, sem pronunciar uma só palavra. O coronel Fitzwilliam iniciou imediatamente a conversa, com a simplicidade de um homem bem-educado. Sua conversa era muito agradável; mas seu primo, após ter feito uma breve observação sobre a casa e o jardim, guardou silêncio durante algum tempo. Por fim, achou-se

na obrigação de perguntar pela família de Elizabeth. Esta respondeu com simplicidade e, após uma curta pausa, acrescentou:

– Minha irmã mais velha esteve em Londres estes últimos três meses. Por acaso não a encontrou?

Ela sabia perfeitamente que ele nunca a poderia ter encontrado, mas pretendia ver se Darcy revelaria algo que se passara entre os Bingley e Jane. O senhor Darcy respondeu não ter tido a felicidade de encontrar a senhorita Bennet. O assunto não tornou a ser mencionado e, pouco depois, os dois cavalheiros partiram.

Capítulo 31

Todas as senhoras concordaram que o coronel Fitzwilliam contribuiria muito para alegrar os jantares em Rosings. No entanto, alguns dias se passaram antes que recebessem novo convite, pois, havendo visitas em casa, eles não eram tão necessários. Só no domingo de Páscoa, quase uma semana depois da chegada dos cavalheiros, foram convidados a passar apenas a tarde com a família. Durante essa semana, raramente tiveram a ocasião de ver lady Catherine ou sua filha. O coronel Fitzwilliam visitou várias vezes o presbitério, mas o senhor Darcy apenas foi avistado na igreja.

O convite foi aceito e, na hora marcada, eles se reuniram ao grupo que já estava no salão de lady Catherine. Ela recebeu-os amavelmente, mas era evidente que a companhia deles não lhe agradava tanto como nos dias em que não tinha mais ninguém. Lady Catherine se deixava absorver pelos sobrinhos e falava com eles, sobretudo com Darcy, mais do que com qualquer outra pessoa na sala.

O coronel Fitzwilliam parecia realmente encantado por estar ali. Em Rosings, tudo o que apresentasse novidade era bem-vindo para ele, e a atraente amiga da senhora Collins o impressionava. Ele procurou um lugar perto dela e falou tão agradavelmente sobre Kent, Hertfordshire, viagens, livros e música que Elizabeth se divertiu muito. A conversa de ambos decorria tão animada que em breve atraiu a atenção de lady Catherine, bem como a do senhor Darcy. Os olhos deste volveram repetidas vezes naquela direção com uma expressão de curiosidade; e, dentro em pouco, se tornou evidente que lady Catherine partilhava dos sentimentos do

sobrinho, pois, sem reservas, ela indagou:

– O que diz, Fitzwilliam? Conversam sobre o quê? O que conta à senhorita Bennet? Quero saber o que é.

– Falamos de música, minha senhora – disse ele, quando não pôde mais evitar uma resposta.

– De música! Então fale em voz alta. É, de todos os assuntos, o meu preferido. Se estão falando de música, quero tomar parte na conversa. Creio que existem poucas pessoas na Inglaterra que apreciem música como eu, ou que tenham um gosto para ela mais natural do que o meu. Se tivesse aprendido convenientemente, seria uma grande intérprete. E Anne também, se a sua saúde o tivesse permitido. Estou certa de que ela tocaria de forma divina. Georgiana tem feito muitos progressos, Darcy?

O senhor Darcy louvou afetuosamente o talento da irmã.

– Fico muito satisfeita com o que me conta – disse lady Catherine.

– Diga-lhe que ela só poderá brilhar se estudar com afinco.

– Pode estar certa, minha senhora – replicou ele –, de que ela não precisará de tal conselho. Ela estuda e pratica com muita regularidade.

– Tanto melhor. Nunca será demais. Quando tornar a lhe escrever, recomendarei para que não descuide a prática do piano. Sempre repito às jovens que nenhuma distinção poderá ser alcançada na música sem uma prática constante. Por várias vezes disse à senhorita Bennet que ela nunca chegará a tocar realmente bem se não se dedicar mais ao instrumento; e, uma vez que o senhor Collins não possui piano em casa, torno a renovar o meu convite para diariamente vir a Rosings exercitar-se no piano no quarto da senhora Jenkinson. Naquela parte da casa, ela não correrá o risco de incomodar alguém.

O senhor Darcy pareceu um pouco embaraçado com a grosseria da tia e nada respondeu. Depois do café, o coronel Fitzwilliam lembrou a Elizabeth a promessa que ela lhe fizera de tocar para ele; e ela imediatamente se encaminhou ao piano. Ele aproximou sua cadeira. Lady Catherine ouviu metade de uma canção e de novo reatou a conversa com o outro sobrinho. Mas este logo se afastou dela e, resolutamente, encaminhou-se em direção ao piano, colocando-se de maneira a obter uma visão perfeita do rosto da bela executante. Elizabeth teve consciência da sua presença e, na primeira pausa, voltou-se para ele e disse, com um sorriso malicioso:

– É para me assustar, senhor Darcy, que se aproximou com toda essa imponência? Mas eu não ficarei alarmada, embora sua irmã toque tão bem. Existe em mim uma ousadia que a vontade dos outros é incapaz de intimidar. Nesses momentos, minha coragem não se faz ignorada.

– Não lhe direi que está enganada – replicou ele –, pois a senhorita nunca poderia realmente acreditar que eu tivesse a intenção de alarmá-la. Tenho o prazer de a conhecer já há bastante tempo para saber que gosta ocasionalmente de exprimir opiniões que não são as suas.

Elizabeth riu da imagem que ele oferecia dela e disse para o coronel Fitzwilliam:

– Seu primo lhe dará uma bela ideia a meu respeito e o ensinará a não acreditar numa palavra do que eu digo. É azar meu encontrar alguém capaz de expor meu verdadeiro caráter num lugar onde eu acalentara a esperança de deixar uma boa impressão. Realmente, senhor Darcy, é uma falta de generosidade da sua parte mencionar aqui tudo o que descobriu sobre as minhas fraquezas. Considero, além disso, sua atitude muito pouco delicada, pois me incita a represálias. Receio dizer coisas que escandalizem os seus parentes.

– Não tenho medo de você – comentou ele, sorrindo.

– Oh, deixe que eu ouça as acusações que tem para lhe fazer – disse o coronel Fitzwilliam. – Gostaria de saber como ele se comporta entre

estranhos.

– Eu lhe direi... mas prepare-se para ouvir coisas horríveis. A primeira vez que o vi em Hertfordshire foi num baile. E, nesse baile, que pensa o senhor que ele fez? Dançou apenas quatro danças! Dançou apenas quatro danças, embora os cavalheiros fossem escassos; e, de meu conhecimento, mais de uma garota ficou sentada por falta de par. Senhor Darcy, o senhor não pode negar isso.

– Na época não conhecia outras garotas no salão, além das do meu próprio grupo.

– É verdade; e ninguém pode ser apresentado a outro num salão de baile. Bem, coronel Fitzwilliam, o que devo tocar em seguida? Meus dedos esperam ordens suas.

– Talvez – disse Darcy – eu devesse ter solicitado uma apresentação, entretanto considero-me mal qualificado para me recomendar pessoalmente a pessoas estranhas.

– Deveremos perguntar a seu primo qual a explicação para tal atitude? – indagou Elizabeth, dirigindo-se sempre ao coronel Fitzwilliam. – Deveremos perguntar-lhe por que razão um homem bem-educado e sensato e que tem a experiência do mundo se considera mal qualificado para se recomendar a pessoas estranhas?

– Posso responder à sua pergunta sem consultá-lo – disse Fitzwilliam.

– É porque ele não quer ter esse trabalho.

– O que é certo é que eu não tenho o talento que muita gente tem

– rebateu Darcy – de falar facilmente com pessoas que nunca vi antes. Não sou capaz de entrar no estilo de conversa ou fingir que me interesso pelos problemas dos outros, como vejo acontecer.

– Meus dedos – disse Elizabeth – não se movem sobre este instrumento de modo tão magistral como os de muitas mulheres. Eles não têm a mesma força e a mesma rapidez, nem possuem a mesma força de expressão; mas disso eu culpo só a mim, pois nunca me dei ao trabalho de praticar.

Darcy sorriu e disse:

– Tem toda a razão. Empregou o seu tempo muito melhor. Nenhum dos que terão tido o privilégio de a ouvir poderão apontar qualquer erro. Nenhum de nós se mostra para estranhos.

Foram interrompidos por lady Catherine, que quis saber sobre o que conversavam. Elizabeth imediatamente recomeçou a tocar. Lady Catherine aproximou-se e, após ouvir durante alguns momentos, disse para Darcy:

– A senhorita Bennet não tocaria nada mal se praticasse mais e pudesse gozar as lições de um mestre londrino. Ela articula bem, mas não com tanta expressão como Anne. Anne seria uma pianista notável, se a sua saúde o permitisse.

Elizabeth olhou para Darcy, para ver como ele acolhia aquele elogio à sua prima. Mas não percebeu o mais leve sintoma de amor.

Lady Catherine continuou com suas observações sobre a execução de Elizabeth, alternando-as com conselhos sobre a técnica e a expressão. Elizabeth ouviu paciente e amavelmente. A pedido dos cavalheiros, permaneceu ao piano até a carruagem de lady Catherine ser chamada para os conduzir.

Capítulo 32

Na manhã seguinte, Elizabeth estava sozinha em casa, escrevendo para Jane, quando a campainha da porta a sobressaltou. Como não ouvira o ruído de qualquer carruagem, calculou que se tratasse de lady Catherine e, apreensiva, tratou de esconder a carta que escrevia, a fim de evitar perguntas indiscretas, quando a porta se abriu e, para sua grande surpresa, o senhor Darcy entrou na sala.

Ele pareceu igualmente surpreso por encontrá-la sozinha e desculpou-se pela intrusão, dizendo ter pensado encontrar todas as senhoras em casa.

Sentaram-se, então, e, após ela ter delicadamente informado sobre as moradoras de Rosings, pareciam recair num silêncio total. Era, pois,

absolutamente necessário introduzir qualquer assunto. Nessa emergência, Elizabeth se lembrou da última vez que o vira em Hertfordshire e disse:

– Com que rapidez todos partiram de Netherfield em novembro passado, senhor Darcy! Deve ter sido uma surpresa muito agradável para o senhor Bingley revê-los tão cedo depois que partiu. Se não me engano, ele saiu no dia anterior, não? Espero que o tenha deixado bem, a ele e a suas irmãs, agora quando deixou Londres.

– Perfeitamente, obrigado.

Elizabeth compreendeu que não receberia outra resposta; e, após uma curta pausa, acrescentou:

– Pelo que entendi, o senhor Bingley não pretende voltar a Netherfield?

– Nunca o ouvi dizer tal coisa; mas é provável que daqui para a frente ele lhe dedique menos tempo. Ele tem muitos amigos e está numa idade em que os amigos e os compromissos aumentam continuamente.

– Se ele pretende passar tão pouco tempo em Netherfield, seria preferível para a vizinhança que ele desistisse inteiramente do lugar, pois, nessa altura, se instalaria ali outra família. Contudo, talvez o senhor Bingley pense menos na conveniência dos vizinhos do que na sua própria.

– Não me surpreenderia que ele optasse pela desistência, se surgir uma oportunidade vantajosa – respondeu Darcy.

Elizabeth nada acrescentou. Receava continuar falando do amigo dele. Como nada mais tinha para lhe dizer, resolveu deixar para ele a tarefa de encontrar um novo assunto.

Darcy logo começou:

– Esta casa parece muito acolhedora. Lady Catherine, creio eu, reformou-a bastante para a vinda do senhor Collins para Hunsford.

– Sim, e estou certa de que ela não poderia ter dispensado sua bondade a uma pessoa mais reconhecida.

– O senhor Collins parece ter tido muita sorte com a esposa que escolheu.

– Sim, os seus parentes têm motivos para satisfação, pois ele encontrou uma das poucas mulheres sensatas que alguma vez o teriam aceitado. Minha amiga é muito compreensiva, e, embora não considere o seu casamento com o senhor Collins um dos seus atos mais ajuizados, reconheço que ela parece feliz. Sob o ponto de vista da prudência, ela realizou o casamento ideal.

– Deve ser bastante agradável para ela viver a tão curta distância de sua família e amigos.

– Curta distância? São quase cinquenta quilômetros!

– E o que são cinquenta quilômetros em uma boa estrada? Pouco mais de meio dia de viagem. Sim, é uma distância fácil de ser percorrida.

– Eu nunca deveria ter considerado a distância como uma das vantagens da união – falou Elizabeth. – Eu nunca deveria ter dito que o senhor Collins estava próximo da família dela.

– Essa é uma prova da sua ligação com Hertfordshire. O que quer que esteja além da vizinhança de Longbourn, suponho que pareça distante.

Enquanto falava, havia nele uma espécie de sorriso que Elizabeth julgou compreender. Ele devia supor que ela pensava em Jane e em Netherfield e enrubescera ao lhe responder:

– Não quis com isso dizer que uma mulher não deva morar um pouco longe da família. Depende de várias circunstâncias. Eu creio que a minha amiga só se consideraria perto da família se a distância fosse metade do que é.

O senhor Darcy aproximou um pouco a sua cadeira e disse:

– Mas a senhorita não pode alimentar sentimento tão bairrista. Não poderá viver sempre em Longbourn.

Elizabeth olhou-o surpresa. O senhor Darcy pareceu mudar de ideia; recuou a cadeira, pegou num jornal que se encontrava em cima da mesa e disse num tom de voz mais frio:

– Agrada-lhe Kent?

Seguiu-se um curto diálogo sobre o condado que a chegada de Charlotte e

de sua irmã interrompeu. A cena pareceu surpreendê-las. O senhor Darcy contou sobre o engano que ocasionara a intrusão e, após ter permanecido sentado mais alguns minutos num silêncio quase absoluto, foi-se embora.

– O que querará dizer isto? – disse Charlotte, após ele ter partido.

– Minha querida Eliza, ele deve estar apaixonado por você, ou nunca nos teria visitado tão sem cerimônia.

Mas, quando Elizabeth contou do seu silêncio, a ideia pareceu menos plausível. Após várias conjecturas, elas concluíram que a visita se devia apenas à dificuldade de encontrar qualquer outra coisa com que se ocupar, o que não era de estranhar para a época do ano. Todos os desportos ao ar livre estavam fora de questão. Dentro de casa havia lady Catherine, livros e uma mesa de bilhar, o que nunca entreteria um homem por muito tempo.

Os dois primos se sentiam tentados a percorrer aquela distância quase todas as manhãs. Chegavam a horas variadas, por vezes juntos, outras vezes separados e, de vez em quando, acompanhados pela tia. Tornava-se evidente a todos que o coronel Fitzwilliam vinha porque se sentia bem na companhia dos moradores de Hunsford, fato esse que por si só abonava em seu favor; e a satisfação que Elizabeth experimentava ao vê-lo.

Lembrava-lhe o seu antigo favorito George Wickham. Se comparasse, via que havia menos doçura cativante nas maneiras do coronel Fitzwilliam, mas ele era mais bem formado.

Mas por que o senhor Darcy viria com tanta frequência era mais difícil de compreender. Certamente não seria pelo prazer da companhia, pois ele permanecia a maior parte do tempo calado, por vezes durante dez minutos seguidos. Raramente se animava. A senhora Collins não sabia o que fazer. O coronel Fitzwilliam costumava trocar do ar sombrio do primo, o que indicava que, numa situação normal, ele não se comportaria assim. Como gostaria de ver nessa mudança o efeito do amor e, como objeto desse amor, sua amiga Eliza, Charlotte dispôs-se seriamente a procurar a causa. Observava-o sempre que o encontrava em Rosings, ou quando ele visitava Hunsford, mas sem grande sucesso. Ele olhava bastante para a sua amiga, mas era duvidosa a expressão daquele olhar. Era um olhar sério, fixo, mas Charlotte não estava certa de que se tratasse de um olhar admirativo. Parecia não passar de distração.

Algumas vezes insinuara a Elizabeth a possibilidade de o senhor Darcy estar interessado nela, mas ela sempre ria de tal ideia. Então a senhora

Collins achou mais prudente guardar para si suas suspeitas e não despertar esperanças que pudessem acabar em desapontamento. Na sua opinião, toda a relutância da amiga se acabaria quando o supusesse em seu poder.

Nos planos que arquitetava para Elizabeth, por vezes imaginava-a se casando com o coronel Fitzwilliam. Ele era, sem comparação, o mais atraente. Admirava-a, sem dúvida, e a sua situação na vida era de destaque; mas, a contrabalançar tais vantagens, enquanto o senhor Darcy tinha considerável influência na igreja, o primo não tinha nenhuma.

Capítulo 33

Durante seus passeios pelo parque, mais de uma vez Elizabeth teve a surpresa de se encontrar com o senhor Darcy. Ela estranhava a coincidência do acaso, que o levava aonde ninguém mais costuma aparecer. Para impedir que tal incidente voltasse a ocorrer, teve o cuidado de informá-lo de que aquele era o seu passeio favorito. Achou muito estranho, portanto, que o acaso se repetisse. Ele pouco falava e Elizabeth não se dava ao trabalho de escutá-lo com muita atenção.

Certo dia em que Elizabeth, no seu passeio habitual, se encontrava relendo a última carta de Jane, sobretudo determinado trecho em que a irmã se mostrava mais deprimida, viu, ao erguer os olhos, que se encontrava diante do coronel Fitzwilliam, e não do senhor Darcy, como ela supunha. Guardou imediatamente a carta, forçou um sorriso e disse:

– Não o tinha visto por estes lados ainda.

– Estava dando a volta no parque como costumo fazer todos os anos, e pretendia encerrar o passeio com uma visita à casa paroquial. Pretende continuar?

– Não, eu já ia voltar.

E, dizendo isto, ela tomou a direção oposta e, juntos trilharam o caminho da casa paroquial.

– Está mesmo decidido a deixar Kent no sábado? – perguntou Elizabeth.

– Sim, a menos que Darcy torne a adiar a partida. Mas estou ao seu inteiro dispor e ele que decida como bem entender.

– Se não for do seu agrado o programa, terá sempre, pelo menos, o deleite da escolha. Não conheço ninguém que pareça ter tanto prazer em fazer as suas vontades como o senhor Darcy.

– Tem razão, ele gosta muito de fazer o que quer – replicou o coronel Fitzwilliam. – Como todos nós, aliás. Só que ele tem meios para se dar a tal luxo, pois é rico e os outros, na sua maioria, são pobres. Falo com sinceridade. Na minha qualidade de filho mais novo, como sabe, tenho de estar preparado para o sacrifício e a obediência.

– Na minha opinião, o filho mais novo de um nobre nunca se familiarizará o bastante com tais aspectos da vida. Diga-me, seriamente, que sabe o senhor a respeito de sacrifício e obediência? Quando foi o senhor impedido, por falta de dinheiro, de se locomover livremente ou de obter as coisas que desejava?

– São perguntas de caráter privado, e talvez eu não possa dizer que tenha experimentado muitas dificuldades dessa ordem. Porém, em assuntos de maior importância, é possível que eu sofra pela falta de dinheiro. Os filhos mais novos nem sempre podem se casar segundo as suas inclinações.

– A não ser que simpatizem com mulheres ricas, o que não é raro.

– O hábito que temos de gastar dinheiro nos torna dependentes demais, e são poucos aqueles que, em situação idêntica à minha, se aventurem a se casar sem considerar a questão monetária.

“Estará ele pensando em mim?” – lembrou-se Elizabeth, que corou com a ideia; mas, dominando-se, falou, num tom alegre:

– E, diga-me, qual o preço habitual para o filho mais novo de um nobre? A não ser que o irmão mais velho seja muito doente, não creio que possam exibir para além de 50 mil libras.

Ele respondeu no mesmo tom e o assunto morreu. Para interromper um silêncio que poderia fazer crer ao coronel que ela se sentira afetada pelo que se passara, Elizabeth prosseguiu, pouco depois:

– Imagino que o seu primo o tenha trazido consigo apenas com o intuito de ter alguém à disposição. Sendo assim, não entendo por que não se casa. Teria, desse modo, o problema resolvido. Mas talvez a irmã, no momento, preencha esses requisitos, pois ela está inteiramente sob seu cuidado e ele pode fazer com ela o que quiser.

– Não – disse o coronel Fitzwilliam –, essa é uma vantagem que ele tem de partilhar comigo. Exerço, juntamente com ele, a tutela da senhorita Darcy.

– Ah, sim? Que espécie de tutores são os senhores? Essa tutela dá muito trabalho? As jovens da idade dela são, por vezes, difíceis de levar, e se ela possui o verdadeiro espírito dos Darcy, deve ser voluntariosa.

Enquanto assim falava, Elizabeth reparou que ele a olhava seriamente, e, pela maneira como lhe perguntou, pouco depois, por que ela supunha que a senhorita Darcy lhes pudesse causar preocupações, ficou convencida de que andara próximo da verdade. Ela imediatamente respondeu:

– Não se assuste. Nunca ouvi nada de mal a respeito dela. Tenho-a na conta de uma das pessoas mais maleáveis do mundo. Conheço duas

senhoras que a apreciam bastante, a senhora Hurst e a senhorita Bingley. Creio que já o ouvi dizer que as conhece também.

– Conheço vagamente. O irmão delas é muito simpático e bem-educado. É um grande amigo de Darcy.

– Ah, sim – disse Elizabeth, secamente –, o senhor Darcy é bastante atencioso com o senhor Bingley e tem com ele um cuidado muito prodigioso.

– Cuidado com ele! Sim, não me custa acreditar. Darcy cuida e vela por ele, sobretudo nas situações mais delicadas e que exigem cautela. Pelo que ele me contou na nossa viagem para cá, tenho razões para pensar que Bingley deve muito a Darcy. Contudo, ele terá de me desculpar, pois não tenho o direito de supor que Bingley seja o protagonista dessa história. É uma simples conjectura.

– O que quer dizer com isso?

– É uma coisa que Darcy não desejará com certeza que se espalhe, pois, se chegasse aos ouvidos da família da garota, seria bastante desagradável.

– Pode ter a certeza de que nada direi a tal respeito.

– E lembre-se de que não estou absolutamente certo de que isso se passe realmente com Bingley. O que ele me contou foi apenas o seguinte: que ele se felicitava a si mesmo por ter salvo um amigo dos inconvenientes de um casamento dos mais imprudentes, mas não mencionou nome ou qualquer detalhe. Suspeitei de que se tratasse de Bingley apenas porque o tenho na conta de um desses rapazes capazes de se meterem em tais apuros e porque sei que eles estiveram juntos todo o verão passado.

– E o senhor Darcy expôs os motivos dessa interferência?
– Compreendi que havia objeções muito fortes contra a garota.
– E que artifícios ele empregou para separá-los?
– Ele não me pôs a par da manobra – disse Fitzwilliam, sorrindo. – Apenas me disse o que acabei de lhe contar.

Elizabeth não respondeu e continuou a caminhar, o coração repleto de indignação. Após observá-la durante alguns instantes, Fitzwilliam perguntou por que estava tão pensativa.

– Pensava no que me contou. A conduta do seu primo não se coaduna com os meus sentimentos. Por que ele se achou no direito de julgar?

– Parece estar disposta a considerar a atitude dele inoportuna.

– Não entendo com que direito o senhor Darcy pode determinar de que maneira aquele amigo poderá ser feliz. Mas – continuou ela, voltando a si –, como não temos qualquer conhecimento das circunstâncias, não é justo condená-lo. Não deve existir grande amor no caso.

– A suposição não é improvável – disse Fitzwilliam –, porém, diminui bastante o triunfo do meu primo.

Essas palavras foram ditas em tom de gracejo, mas, para Elizabeth, pareceram um retrato tão fiel de Darcy que achou mais prudente calar-se, para não se trair na resposta. Mudaram repentinamente de assunto e falaram de coisas indiferentes até chegarem ao presbitério.

Fechada no seu quarto, mal o visitante a deixou, pôde pensar sem interrupção sobre tudo o que ouvira. Não havia dúvida de que se tratava da sua família. Não poderiam existir no mundo dois homens sobre os quais o senhor Darcy exercesse um domínio tão absoluto. Ela nunca imaginara que ele tivera influência nas medidas adotadas para separar o senhor Bingley de Jane. Sempre atribuíra à senhorita Bingley a iniciativa do plano e a parte mais importante da execução. Se a sua vaidade não o iludira, o senhor Darcy era, pelo seu orgulho e capricho, a causa de tudo o que Jane tinha sofrido. Ele arruinara por algum tempo todas as esperanças de felicidade para o coração mais afetuoso e mais generoso do mundo; e ninguém poderia prever quão duradouro era o mal por ele infligido.

“Havia fortes objeções contra a garota.” Foram essas as palavras do coronel Fitzwilliam; e essas fortes objeções eram, provavelmente, o fato de ela ter um tio advogado na província e outro comerciante em Londres.

“Contra a própria Jane não poderia haver qualquer possibilidade de objeção. Ela é extremamente doce e bondosa! É inteligente, educada e suas

maneiras são cativantes. Nada têm contra meu pai. É um pouco excêntrico, mas possui qualidades que nem o senhor Darcy pode desdenhar, acrescidas de uma respeitabilidade que ele provavelmente nunca alcançará” – refletiu.

Porém, quando pensou na mãe, sua confiança declinou um pouco; mas não admitia que quaisquer objeções nesse campo pesassem aos olhos do senhor Darcy. Por fim, ela concluiu que o senhor Darcy se deixara levar em parte pelo seu desmedido orgulho e em parte pelo desejo de guardar o senhor Bingley para sua irmã.

A agitação e as lágrimas que o assunto provocou trouxeram a Elizabeth uma dor de cabeça que, agravando-se pela tarde e aliada à sua aversão pelo senhor Darcy, a impediram de acompanhar os primos a Rosings, onde deviam ir tomar chá. A senhora Collins, vendo que ela realmente não estava bem, não insistiu e poupou-a à própria insistência do senhor Collins, que, apesar de tudo, não escondia seu receio de que lady Catherine se aborrecesse por Elizabeth ficar em casa.

Capítulo 34

Elizabeth, como se tivesse intenção de exasperar-se ainda mais contra o senhor Darcy, escolheu como ocupação a leitura de todas as cartas que Jane lhe enviara desde que ela, Elizabeth, estava em Kent. Elas não continham nenhuma queixa expressa, nem lembravam acontecimentos passados ou comunicavam sofrimentos presentes. Contudo, em todas elas, em quase cada linha, sentia-se a falta daquela animação que sempre caracterizara o estilo de Jane, e que procedia da serenidade de um espírito tranquilo e bem-disposto consigo mesmo e com todos. Com uma atenção maior do que na primeira leitura, notava agora a inquietude em algumas frases. A vergonhosa atitude do senhor Darcy a respeito dos sofrimentos que ele pudesse ter causado fazia com que ela sentisse mais dolorosamente os sofrimentos da irmã.

Ao pensar na partida de Darcy, lembrou-se de que o primo também o acompanharia. Embora o coronel Fitzwilliam fosse muito simpático, Elizabeth não estava disposta a sofrer por sua causa.

Enquanto assim pensava, foi subitamente despertada pelo som da campainha da porta. A princípio, ficou um pouco emocionada com a ideia

de que pudesse ser o coronel Fitzwilliam, que já uma vez aparecera bastante tarde, e que agora viesse saber notícias dela. Esta ideia, porém, foi logo banida, e a emoção inteiramente diversa quando viu, para sua imensa surpresa, o senhor Darcy avançar pela sala. Um pouco em atropelo, ele fez várias perguntas sobre sua saúde, atribuindo sua visita ao desejo de vir encontrá-la um pouco melhor. Ela respondeu com fria amabilidade. Darcy conservou-se sentado durante alguns instantes e depois, levantando-se, pôs-se a passear pela sala. Elizabeth estava espantada, mas nada disse. Após um silêncio de alguns minutos, aproximou-se, agitado e disse:

– Em vão tenho lutado, mas de nada serve. Meus sentimentos não podem ser reprimidos e permita-me dizer-lhe que a admiro e a amo

ardentemente.

Elizabeth ficou abismada. Olhou-o fixamente, corou, duvidou e não pronunciou palavra alguma. O senhor Darcy viu nisso um encorajamento e fez a confissão de tudo o que ele sentia e desde quando o sentia. Ele exprimiu-se bem, mas, em suas palavras, outros sentimentos podiam ser percebidos, além dos do coração, e ele não falava com maior eloquência da sua ternura do que do seu orgulho. O sentimento da inferioridade de Elizabeth, do rebaixamento que aquele amor representava, os obstáculos da família que a razão sempre opusera à inclinação, foram descritos com um ardor que provinha do triunfo da sua afeição, mas que recomendava pouco as suas pretensões.

Apesar da sua profunda antipatia, Elizabeth não poderia permanecer indiferente à paixão de tal homem, e, embora as suas intenções a tal respeito não mudassem por um só instante que fosse, a princípio sentiu pena por se ver obrigada a decepcioná-lo. Ressentida de novo com tudo o que ele lhe disse, ela perdeu toda a compaixão na sua cólera. Procurou, no entanto, dominar-se, para, com paciência, saber responder assim que ele acabasse de falar.

Ele concluiu descrevendo a força da sua afeição, que, apesar de todas as suas tentativas, não conseguira dominar; e exprimiu sua esperança de ver essa afeição recompensada pela aceitação de Elizabeth. Ela percebeu, assim, que ele não duvidava de que a sua resposta fosse positiva. Ele falava em apreensão e ansiedade, mas, no seu rosto, transparecia a certeza. Tal atitude só a exasperava ainda mais, e, quando terminou, o sangue subiu ao rosto de Elizabeth, que lhe disse:

– Em casos como este, creio que é costume exprimir nossa gratidão pelos sentimentos que nos são confessados, qualquer que seja a incapacidade

de os retribuir. É natural o sentimento de obrigação, e, se eu me sentisse de qualquer modo reconhecida, não deixaria de lhe agradecer. Mas nada disso me é possível. Nunca desejei sua boa opinião, que, aliás, o senhor me confere contra a sua vontade. Custa-me decepcionar alguém. Não é propositadamente que o faço e só me resta esperar que não dure muito. Os sentimentos que, segundo o senhor me disse, o impediram durante muito tempo de reconhecer seu amor hão de socorrê-lo facilmente após a minha explicação.

O senhor Darcy, que estava apoiado contra a cornija da lareira, com os olhos fixos no rosto de Elizabeth, pareceu receber a comunicação dela com um ressentimento não menor do que sua surpresa. Seu rosto tornou-se pálido de cólera e a perturbação era visível em cada um dos seus traços. Lutava por aparentar serenidade e não ousava pronunciar-se. A pausa era insuportável para Elizabeth. Por fim, numa voz que ele esforçava por manter calma, disse:

– E é esta a única resposta a que eu tinha direito e com a qual tenho de me contentar! Desejaria, talvez, ser informado da razão por que me rejeita assim, sem a menor tentativa de delicadeza da sua parte. Mas não tem

importância.

– Também eu poderia perguntar – replicou ela – por que, com o intuito tão evidente de me ofender e insultar, resolveu o senhor dizer-me que gostava de mim contra a sua vontade, contra a sua razão e mesmo contra o seu caráter? Não é essa desculpa suficiente para a minha falta de cortesia? Se é que realmente cometi tal falta. Mas tenho outros motivos para me sentir ferida. O senhor conhece bem. Se acaso os meus sentimentos não me indispussem contra o senhor, se eles fossem indiferentes ou mesmo favoráveis, está convencido de que qualquer consideração me inclinaria a aceitar um homem que arruinou talvez para sempre a felicidade da minha adorada irmã?

Ao ouvi-la pronunciar tais palavras, o senhor Darcy mudou de cor; mas a emoção pouco durou, e ele continuou a ouvir sem tentar interrompê-la.

– Tenho mil e uma razões para pensar mal do senhor – prosseguiu

Elizabeth. – Nenhum motivo poderá desculpar o ato injusto e mesquinho

que praticou. O senhor não ousará, não poderá negar que foi o principal, senão o único, agente na separação daquelas duas pessoas e em expô-las à censura e ao ridículo do mundo, uma delas por capricho e instabilidade e a outra pela decepção das suas esperanças, envolvendo os dois numa situação extremamente embaraçosa.

Ela fez uma pequena pausa e viu, com grande indignação, que ele a escutava com ar de quem não sentia remorso. Ele olhava, até, com um sorriso de incredulidade afetada.

– Acaso nega o que fez? – replicou ela.

Com uma fingida tranquilidade, ele então respondeu:

– Não desejo negar que fiz tudo o que pude para separar meu amigo da sua irmã; nem negarei que me alegro desse êxito. Fui mais precavido com ele do que comigo mesmo.

Elizabeth desdenhou mostrar que compreendera a delicadeza dessa observação, mas o seu sentido não lhe escapou, nem era de natureza a aplacá-la.

– Mas não é apenas daí que data a minha antipatia – continuou ela. – Muito antes disso já eu tinha opinião formada a seu respeito. Seu caráter foi revelado há alguns meses atrás pelo senhor Wickham. Que ato

imaginário de amizade poderá o senhor alegar para se justificar? Que falsos motivos poderá inventar para iludir os outros?

– A senhorita denota um ávido interesse por esse cavalheiro – disse Darcy, com uma voz menos firme e corando intensamente.

– Qual a pessoa que, conhecendo o seu infortúnio, pode deixar de se interessar por ele?

– O seu infortúnio! – repetiu Darcy, com desprezo. – Sim, o seu infortúnio foi realmente grande.

– E foi o senhor quem o infligiu! – exclamou Elizabeth, energicamente. – Foi o senhor quem o reduziu ao seu estado atual de relativa pobreza. O senhor quem lhe recusou as vantagens que lhe estavam destinadas.

Privou-o, durante os melhores anos da sua vida, da independência a que ele tinha direito, e aquela que, aliás, merecia. Tudo isto o senhor fez, e

atreve-se agora a ouvir o relato do seu infortúnio com desprezo e ironia.

– É, então, essa a opinião que tem de mim! – rebateu Darcy, caminhando agitado pela sala. – É esse o valor que me dá! Agradeço por ter se

mostrado tão explícita. Minhas faltas, tais como as representa, são realmente pesadas! Essas ofensas nunca teriam sido reveladas, acaso eu não tivesse ferido seu orgulho ao confessar-lhe com toda a sinceridade os escrúpulos que, durante tanto tempo, me impediram de tomar uma resolução. Poderia ter evitado suas amargas acusações se me tivesse mostrado mais hábil, escondendo minhas lutas e fazendo crer que era movido por uma inclinação a que nada opunha, nem a razão, nem a reflexão, nem qualquer outro motivo. Mas eu odeio toda a espécie de fingimento; nem me envergonham os sentimentos que lhe exprimi. São naturais e justos. Acaso esperava que me felicitasse pela inferioridade dos seus parentes? Ou que me alegrasse com a esperança de me relacionar com pessoas de condição tão decididamente inferior à minha?

Elizabeth sentia sua cólera crescer a todo o momento; contudo,

esforçou-se por responder serenamente:

– Está enganado, senhor Darcy. Sua atitude apenas me poupou qualquer sentimento de pena que eu pudesse alimentar ao ter de recusar o seu pedido, acaso ele tivesse sido feito de uma forma mais cavalheiresca.

Ela notou como ele se sobressaltara ao ouvir tais palavras, mas o senhor Darcy nada disse e ela continuou:

– Eu teria recusado de qualquer modo.

De novo o seu espanto se tornou evidente; ele olhou-a com incredulidade e mortificação. Ela prosseguiu:

– Desde o princípio, no primeiro instante em que o vi, posso afirmá-lo, que suas maneiras me convenceram de que era um homem arrogante, pretensioso e que devota a maior indiferença pelos sentimentos dos outros. Essa impressão foi tão profunda que constituiu, por assim dizer, o alicerce sobre o qual os acontecimentos subsequentes elevaram uma indestrutível antipatia; ainda não o conhecia há um mês e já estava convencida de que o senhor seria o último homem no mundo com quem me convenceriam a casar.

– Não precisa acrescentar mais nada, minha senhora. Compreendo perfeitamente seus sentimentos e nada me resta senão envergonhar-me dos meus. Perdoe-me ter tomado seu precioso tempo e aceite os meus mais sinceros votos de felicidade.

E, com estas palavras, ele abandonou apressadamente a sala e, após alguns minutos, Elizabeth ouviu-o abrir a porta da frente e sair. Incapaz de

se manter de pé, deixou-se cair sobre uma cadeira e chorou durante meia hora. Sua surpresa aumentava a cada recordação do que se passara. Recebera uma proposta de casamento do senhor Darcy! Há vários meses que ele estava apaixonado por ela! E amava-a tanto que desejava desposá-la apesar de todas as objeções que tinham contribuído para que ele impedisse o casamento do amigo. Era agradável saber que ela tinha inspirado uma afeição tão forte. Mas a piedade que, por momentos, a ideia de tal paixão suscitara em Elizabeth foi imediatamente sufocada pela do orgulho do senhor Darcy, seu abominável orgulho, pela cínica confissão da sua atitude com Jane, sua imperdoável tranquilidade ao reconhecer o que tinha feito, embora não o pudesse justificar, e pela maneira desapiedada com que se referira ao senhor Wickham, sem que tentasse negar a crueldade com que o tinha tratado.

Essas agitadas reflexões prosseguiram torturando-a, até ouvir o ruído da carruagem de lady Catherine, fato que a fez correr para o seu quarto, pois não se sentia em condições de enfrentar a perspicaz atenção de Charlotte.

Capítulo 35

Ao acordar na manhã seguinte, Elizabeth encontrou os mesmos problemas e reflexões. Ainda não havia se recuperado da surpresa. Logo após o café, foi se exercitar ao ar livre. Encaminhara-se para o seu passeio favorito quando se lembrou de que o senhor Darcy costumava aparecer por lá. Em vez de seguir para o parque, Elizabeth tomou a trilha em volta.

Depois de percorrer por duas ou três vezes aquele trecho, parou junto a um dos portões e contemplou o parque. Durante as cinco semanas que permanecera em Kent, uma grande transformação se operara, e cada dia as árvores ficavam mais verdes. Ela preparava-se para continuar o passeio quando, no pequeno bosque que limitava o parque, avistou de relance um homem caminhando na sua direção. Receando que se tratasse do senhor Darcy, Elizabeth tratou de se afastar, mas a pessoa já estava suficientemente perto para poder ver. Apressando o passo, essa pessoa aproximou-se e pronunciou seu nome. Estendendo-lhe uma carta, que ela instintivamente aceitou, disse com ar altivo:

– Andei pelo bosque na esperança de encontrá-la. Quer dar-me a honra de ler esta carta? – e, fazendo uma ligeira reverência, o senhor Darcy se virou

e partiu.

Sem qualquer expectativa de prazer, mas com grande curiosidade, Elizabeth abriu a carta e, com um espanto sempre crescente, viu que o envelope continha duas folhas de papel, preenchidas por uma letra apertada. Prosseguindo no seu passeio pela alameda, Elizabeth começou a ler. A carta estava datada de Rosings, das oito horas da manhã, e constava do seguinte:

Não fique alarmada, minha senhora, ao receber esta carta, pela apreensão de que ela contenha a repetição daqueles sentimentos ou a renovação das propostas que ontem à noite tanto a maçaram. Escrevo-lhe sem qualquer intenção de a aborrecer, ou de me humilhar, insistindo em exprimir esperanças de que, para a felicidade de ambos, não poderão ser esquecidas cedo demais. O esforço que esta carta poderá representar, para mim ao escrevê-la e para você ao lê-la, teria sido poupado, acaso o meu caráter não exigisse que ela fosse escrita e lida. Necessito, pois, que me perdoe a liberdade com que exijo sua atenção. Sei que os seus sentimentos serão de relutância, mas não posso deixar de o fazer.

Duas foram as acusações que ontem à noite me fez, diferentes tanto na natureza como na importância. Acusou-me, primeiro, de ter separado o senhor Bingley de sua irmã, indiferente aos sentimentos de ambos, e de ter arruinado a possibilidade imediata e as probabilidades futuras do senhor Wickham, desafiando abertamente quaisquer direitos, a própria honra e

a humanidade. Ter repudiado voluntária e gratuitamente o companheiro

da minha infância, o favorito declarado de meu pai, um rapaz que dependia exclusivamente da nossa proteção e a quem esta fora prometida, seria uma perversidade incomparavelmente mais grave do que a separação de duas pessoas cuja afeição, embora verdadeira, nunca poderia ter crescido tanto durante aquelas poucas semanas que estiveram juntas. Espero, no futuro, estar salvaguardado da severidade das censuras que me foram feitas com tanta veemência sobre estes dois casos, após a leitura da explicação dos meus atos e seus motivos. Se nesta minha exposição me vir na iminência de exprimir sentimentos que a possam ofender, apenas me resta comunicar-lhe o meu sincero pesar. A necessidade a isso me obriga – e quaisquer outras desculpas seriam absurdas. Pouco tempo depois da nossa chegada a Hertfordshire, percebi, juntamente com outras pessoas, que Bingley preferia a sua irmã mais

velha a qualquer outra moça na região. Porém, foi só por ocasião do baile em Netherfield que, pela primeira vez, receei que ele se apaixonasse de verdade. Já várias vezes o vira apaixonado. No baile, enquanto dançava com ela, soube, através da informação acidental de sir William, que as atenções de Bingley para com a sua irmã tinham causado um rumor geral acerca do casamento de ambos. Sir William fez-lhe referência como a um acontecimento positivo, do qual só a data era incerta. A partir desse momento dediquei toda a minha atenção à atitude do meu amigo e reparei que a inclinação dele pela senhorita Bennet era mais evidente do que qualquer uma das que lhe tinha visto anteriormente. Observei também a sua irmã. O olhar e as maneiras eram francos, alegres e atraentes como sempre, mas sem qualquer sintoma especial de afeição, o que definitivamente me convenceu de que, embora ela aceitasse as atenções de Bingley com prazer, nada indicava que partilhasse do mesmo sentimento. Aqui, se a garota não se enganou, enganei-me eu. Seu conhecimento íntimo de sua irmã tornará mais provável a última hipótese. Nesse caso, se o meu erro me levou a causar um desgosto à sua irmã, seu ressentimento não é injustificado. Porém, nada me impedirá de afirmar que a serenidade do rosto de sua irmã e a tranquilidade dos seus modos eram tais que trariam ao observador mais perspicaz a convicção de que, apesar de toda a amabilidade do seu temperamento, o coração não era dos mais fáceis de atingir. Desejava acreditar na indiferença dela, mas ousou afirmar que minhas investigações e decisões não são geralmente influenciadas pelas minhas esperanças ou meus receios. Não foi porque o desejasse que acreditei na indiferença da sua irmã, mas, simplesmente, porque cheguei a esta convicção imparcial, e ela é tão sincera quanto o meu desejo. Minhas objeções contra tal casamento não foram apenas aquelas que ontem à noite lhe expus e que, no meu caso, exigiram toda a força da paixão para serem vencidas. A desigualdade social não representaria um mal tão grande para o meu amigo como para mim. Mas existiam outras causas para a minha resistência. São causas que, embora ainda existentes e idênticas para ambos os casos, tentei esquecer porque não diziam imediatamente respeito a mim. Tais causas necessitam ser mencionadas, embora sumariamente. A situação da família de sua mãe, se bem que pouco recomendável, nada era em comparação com aquela falta total de delicadeza tão frequente e quase permanentemente demonstrada por tal senhora, pelas suas três irmãs mais jovens e, por vezes, até pelo seu pai.

Perdoe-me. Custa-me ofendê-la. Contudo, qualquer que seja o aborrecimento que seus parentes mais próximos lhe possam causar ou a tristeza que a presente descrição não deixará de lhe suscitar, espero que a seguinte reflexão lhe sirva de consolo: que o fato universalmente reconhecido de que tanto a senhorita como a sua irmã mais velha sempre se comportaram de modo a evitar uma censura semelhante é o melhor elogio que se poderá fazer à sensatez e ao caráter de ambas. Acrescentarei apenas que tudo o que se passou naquela noite veio confirmar a minha opinião sobre todas as pessoas em questão e fortalecer minha resolução de proteger o meu amigo de uma aliança que eu considerava altamente desastrosa. Ele deixou Netherfield no dia seguinte, como decerto está lembrada, com a intenção de regressar em breve. Devo agora explicar qual a minha interferência no caso. A inquietude das irmãs de Bingley fora igualmente despertada, e logo descobrimos a coincidência dos nossos sentimentos a tal respeito. Convencidos da urgência em afastar o irmão, decidimos acompanhá-lo a Londres. Foi o que fizemos, e não perdi tempo em revelar ao meu amigo os inconvenientes da sua escolha. Descrevi e frisei com toda a gravidade. No entanto, por mais que esta advertência possa ter abalado sua resolução, não creio que ela teria sido suficiente para impedir o casamento, se não tivesse sido apoiada pela afirmação, que não hesitei em fazer, de que a sua irmã lhe era indiferente. Ele acreditara até àquele momento que a senhorita Jane correspondia sinceramente à sua afeição, senão com igual intensidade. Mas Bingley, é por natureza, muito modesto e dependente da minha opinião. Convencê-lo, portanto, de que ele estava enganado, não foi tarefa difícil. Persuadi-lo de voltar a Herfordshire, após ter firmado o primeiro ponto, foi coisa de um instante. Não me arrependo de o ter feito. Existe apenas uma parte da minha conduta que não me satisfaz inteiramente. Condescendi em usar de certos artifícios para esconder de Bingley o fato de sua irmã se encontrar em Londres. Sabia dessa presença, bem como a senhorita Bingley, mas o irmão desta ainda agora o ignora. É, talvez, provável que eles se encontrassem sem outras consequências, mas seu afeto não me pareceu suficientemente extinto para que ele pudesse ver sua irmã sem correr algum perigo. Talvez tal encobrimento, tal subterfúgio, seja indigno de mim. Contudo, é um fato consumado e assistido das melhores intenções. Sobre este assunto nada mais se me oferece dizer-lhe, nem outras explicações a dar-lhe. Se acaso causei desgosto à sua irmã, foi sem saber

que o fiz, e, embora os motivos que inspiraram a minha conduta lhe pareçam naturalmente insuficientes, não vejo ainda razões para condená-los. Quanto à outra acusação que me foi feita, a mais grave e a que diz respeito ao senhor Wickham, só poderei refutá-la revelando-lhe a história da sua relação com a minha família. Ignoro se ele formulou alguma acusação particular à minha pessoa. Mas sobre a verdade do que vou relatar poderei indicar-lhe mais de uma testemunha insuspeita. O senhor Wickham é filho de um homem muito respeitável que, durante vários anos, geriu os bens da propriedade de Pemberley e cuja conduta irrepreensível no desempenho do seu cargo mereceu, naturalmente, a gratidão de meu pai, que se refletiu sobretudo em George Wickham, seu afilhado, para com o qual se mostrou de uma generosidade sem limites e lhe devotou grande afeição. Meu pai pagou-lhe os estudos num colégio e, mais tarde, em Cambridge, auxílio este deveras importante, pois o pai do senhor Wickham, que as extravagâncias da esposa privavam quase sempre do necessário, não estava em condições de dar ao filho uma educação liberal. Meu pai não só apreciava a companhia de George Wickham, cujas maneiras, aliás, eram sempre muito cativantes, como tinha por ele a maior admiração e, alimentando a esperança de que o rapaz abraçasse a carreira eclesiástica, pretendia reservar-lhe um lugar nela. Quanto a mim, desde há muito tempo que me desiludira a respeito dele. Suas más inclinações, a falta de escrúpulos, que ele tinha o cuidado de esconder do seu melhor amigo, não poderiam passar despercebidas a um rapaz da sua idade, que o observava e tinha a oportunidade de o ver em momentos de descuido, coisa que ao senhor Darcy era totalmente impossível. De novo, me vejo forçado a magoá-la – até que ponto, só a senhorita poderá dizer. Mas quaisquer que sejam os sentimentos que o senhor Wickham lhe possa ter inspirado, a suspeita que alimento acerca desses sentimentos não me impedirá de lhe revelar o verdadeiro caráter de tal pessoa, e apenas constituirá mais um motivo.

Meu estimado pai morreu há cerca de cinco anos, e sua afeição pelo senhor Wickham manteve-se tão firme até o fim que, nas suas últimas vontades, me recomendou que me encarregasse de velar pelo bem-estar do afilhado e, acaso ele se ordenasse, providenciasse para que fosse ocupar um importante posto, mal este vagasse. Deixou-lhe também um legado de mil libras. O pai dele não sobreviveu muito tempo ao meu e, meio ano após estes acontecimentos, recebi uma carta do senhor Wickham em que ele me

informava ter decidido não tomar ordens e me pedia o adiantamento da compensação pecuniária pelo lugar que ele nunca ocuparia. Tencionava, acrescentava ele, dedicar-se ao estudo de Direito e esperava que eu compreendesse que o rendimento de mil libras não bastariam para tal. Apesar do meu desejo em acreditar na sua sinceridade, não consegui. Mesmo assim, mostrei-me favorável à sua proposta. Eu sabia que o senhor Wickham nunca enveredaria pela carreira eclesiástica. O assunto foi em breve arrumado. Ele desistiu de toda a proteção relativa à sua entrada na igreja, mesmo se algum dia estivesse em situação de recebê-la, e aceitou em troca a quantia de três mil libras. A partir daí, nada tínhamos que dizer um ao outro. O que eu sabia a respeito dele era suficiente para não o desejar como amigo. Não o convidava para Pemberley nem procurava a sua companhia na capital. Aí instalado, creio que

praticamente sempre, sua pretensão de estudar Direito não passou de um subterfúgio e, achando-se nessa altura liberto de qualquer obrigação,

entregou-se a uma vida de indolência e dissipação.

Durante três anos, poucas notícias tive dele; mas, quando faleceu a pessoa que ocupava o posto que lhe fora destinado, ele tornou a escrever-me, solicitando sua apresentação para o dito lugar. Sua atual situação, dizia ele, e o que não me custou a acreditar, era bastante precária. Descobrira que o estudo de Direito era pouco proveitoso e estava agora absolutamente resolvido a tomar ordens, acaso eu o apresentasse para o posto que acabara de vagar, coisa que ele não duvidava, pois estava informado que não havia outro pretendente e confiava que eu tivesse presente as intenções do meu venerando pai. Creio que não me censurará por lhe ter recusado tal pretensão e rejeitado todas as suas tentativas no mesmo sentido. Seu ressentimento foi proporcional à situação desesperada em que se encontrava – e mostrou-se, sem dúvida, tão violento no ataque que à minha pessoa fez na opinião dos outros como nas recriminações que me fez. Após esse período, todas as relações de mera formalidade foram cortadas. Como ele viveu, não sei. Mas, no verão passado, tornou a atravessar-se no meu caminho, e da forma mais repugnante. Devo agora mencionar certas circunstâncias que eu mesmo desejaria esquecer e que apenas uma obrigação tão forte como a atual me levam a revelá-las a alguém.

Depois de ter dito isto, confio inteiramente na sua descrição. Minha irmã,

dez anos mais jovem do que eu, foi deixada em tutela ao sobrinho da minha mãe, o coronel Fitzwilliam, e a mim próprio. Há cerca de um ano, ela saiu do colégio e foi morar em Londres, na companhia de uma senhora encarregada de superintender na sua educação. No verão passado, ela e essa senhora foram para Ramsgate. O senhor Wickham, obedecendo sem dúvida a um plano, partiu para o mesmo lugar. Descobri depois que houvera um entendimento prévio entre ele e a senhora Younge, sobre cujo caráter nos enganamos desgraçadamente. Com o auxílio e a conivência de tal pessoa, George Wickham conseguiu captar de tal modo as boas graças de Georgiana, cujo coração extremamente afetivo conservava ainda viva a impressão da bondade com que ele a tratara quando criança, que ela se convenceu de que o amava realmente e consentiu em ser raptada. Ela tinha então apenas 15 anos, o que lhe servirá de desculpa. Após ter constatado sua imprudência, tenho o consolo de poder acrescentar que soube disto por ela própria. Cheguei a Ramsgate, inesperadamente, um ou dois dias antes da projetada fuga, e Georgiana, incapaz de suportar a ideia de desgostar e ofender um irmão que ela considerava quase como um pai, confessou-me tudo. Pode bem imaginar como me senti e como agi. A fim de não prejudicar a reputação da minha irmã e não ofender os sentimentos dela, absteve-me de qualquer ato de represália em público. Mas escrevi ao senhor Wickham, que partiu imediatamente. Quanto à senhora Younge, não hesitei em despedi-la. O principal objetivo do senhor Wickham era, sem dúvida, apoderar-se da fortuna de minha irmã, que é de 30 mil libras. Não posso deixar de pensar que o desejo de se vingar de mim tenha também influído fortemente nele. Sua vingança seria, de fato, completa.

Esta é a narrativa fiel dos acontecimentos que nos dizem respeito a ambos. Se não a rejeitar como absolutamente falsa, espero que me sirva de atenuante para a crueldade com que agi contra o senhor Wickham. Não sei de que modo, nem as falsidades de que ele usou para a atrair à sua causa, mas o êxito por ele alcançado não é de estranhar. Dada a sua ignorância total dos fatos e das personagens, não só não estava em seu poder desmascarar essas falsidades, como, além de tudo, seu temperamento não é dado à desconfiança. Talvez se surpreenda por eu não lhe ter contado tudo isto ontem à noite, mas, naquele momento, não tinha suficiente domínio sobre mim mesmo para decidir o que devia e o que não devia revelar. Quanto à verdade de tudo o que aqui ficou relatado, posso apelar

particularmente para o testemunho do coronel Fitzwilliam, que, dado o nosso parentesco e constante intimidade, e sobretudo a sua qualidade de executor testamentário de meu pai, foi posto necessariamente a par de todos os detalhes concernentes a esses acontecimentos. Se acaso a antipatia que por mim nutre a impedir de dar o devido valor às minhas asserções, o mesmo não acontecerá em relação ao meu primo, e, para que haja a possibilidade de consultá-lo, procurarei entregar-lhe esta carta logo de manhã.

Acrescentarei apenas: Deus a abençoe!

Fitzwilliam Darcy

Capítulo 36

Imagine com quanta avidez Elizabeth percorreu o conteúdo da carta, quantas emoções contraditórias aquela mensagem produziu em seu espírito. Ao receber a carta, ela não esperava que contivesse a repetição das propostas dele, tampouco tinha qualquer ideia sobre o que ela pudesse versar. Seus sentimentos durante a leitura eram indefinidos. Começou por constatar, com assombro, que ele acreditava poder desculpar-se, pois estava persuadida de que um justo pudor o impediria de dar qualquer explicação. Fortemente prevenida contra tudo o que ele pudesse dizer, começou a ler o relato do que tinha acontecido em Netherfield. Leu com uma ansiedade que quase a impedia de compreender; a impaciência de saber o que a próxima frase dizia a incapacitava de aprofundar o sentido daquela que tinha diante dos olhos. Elizabeth desde logo decidiu que era falsa a alegação do senhor Darcy de que ele acreditara na insensibilidade da sua irmã. Suas outras objeções contra o casamento, as mais difíceis de aceitar, enfureciam-na a tal ponto que aboliam todo o seu desejo de ser justa. As palavras de Darcy não exprimiam qualquer arrependimento. Seu estilo não era o de quem se queria desculpar. Era arrogante, orgulhoso e insolente.

Quando passou para o outro assunto, depois de ter lido, com mais atenção, o relato de acontecimentos que, se verdadeiros, deitariam por terra sua elevada opinião do senhor Wickham, e que, aliás, ofereciam uma semelhança alarmante com a história que o senhor Wickham contara a seu próprio respeito, seus sentimentos aumentaram de intensidade e

tornaram-se ainda mais difíceis de definir. Assombro, apreensão, e até horror, oprimiam-na. Recusando-se a acreditar em tal coisa, exclamava repetidamente: “É falso! Não pode ser! Trata-se de uma tremenda mentira!”. Após ter lido toda a carta, apesar de ter passado por alto e já não se lembrar do que lera nas duas últimas páginas, Elizabeth guardou-a precipitadamente, decidida a não tornar a olhar para ela.

Neste confuso estado de espírito, assaltada por pensamentos que não se concretizavam, ela continuou andando, sem rumo certo. Mas não era a solução. Em meio minuto, a carta foi de novo desdobrada, e, concentrando toda a sua atenção, ela retomou a mortificante leitura de tudo o que dizia respeito a Wickham e esforçou-se por pesar o sentido de cada frase. A história das suas relações com a família de Pemberley condiziam exatamente com o que ele próprio lhe contara. A bondade do falecido senhor Darcy, embora anteriormente não lhe conhecesse toda a sua extensão, concordava igualmente com as próprias palavras dele. Até aqui as duas narrativas coincidiam: mas, quando ela chegou ao testamento, a diferença era grande. Conservava ainda frescas na memória as palavras de Wickham, e, ao compará-las ao presente relato, tornava-se evidente a existência de uma grosseira duplicidade em qualquer dos lados; e, por alguns momentos, ela teve a esperança de que a verdade coincidissem com os seus desejos. Porém, depois de ler e reler com a maior atenção os detalhes que se seguiam imediatamente à desistência de Wickham de todos os direitos ao lugar que lhe fora destinado, recebendo em troca a soma considerável de três mil libras, novamente ela foi forçada a hesitar. Afastou a carta, pesou cada circunstância com aquilo que considerava imparcialidade, ponderou na probabilidade de cada testemunho, mas sem grande êxito. Tanto de um lado como do outro, havia apenas as afirmações em que se basear. Retomou a leitura. Mas cada linha provava mais claramente que a história, que a princípio achara

impossível interpretar de maneira a tornar a conduta do senhor Darcy menos infame, podia ser vista sob um prisma que o ilibava inteiramente.

A extravagância e a dissolução que o senhor Darcy não hesitava em atribuir ao caráter do senhor Wickham a feriam muito; tanto mais que ela não podia apresentar uma prova de que essas acusações eram injustas. Elizabeth nunca ouvira falar em Wickham antes da sua entrada no destacamento, no qual ele se incorporara por sugestão de um jovem que

ele acidentalmente encontrara em Londres. Nada se sabia em Hertfordshire

que dissesse respeito à vida anterior, a não ser o que ele próprio tornara público. Quanto ao seu verdadeiro caráter, mesmo que isso lhe fosse possível, Elizabeth nunca se sentira tentada a aprofundar-se e fazer investigações nesse sentido. Sua figura, voz e modos haviam bastado para que ela lhe atribuísse todas as virtudes. Ela buscou nas suas recordações algum exemplo de bondade, de algum traço marcante de integridade ou de benevolência que o pudesse imunizar dos ataques do senhor Darcy. Mas nada encontrou dessa natureza. Recordava-se perfeitamente dele, com todo o encanto das suas boas maneiras, mas não via forma de

atribuir-lhe um ato concreto de virtude que merecesse a aprovação geral. Após refletir muito sobre este ponto, voltou de novo a ler. Mas, infelizmente, a história que se seguia, relativa aos seus desígnios de raptar

a senhorita Darcy, era confirmada pela conversa que tivera com o coronel Fitzwilliam na manhã anterior; e, por fim, o senhor Darcy apelava para o testemunho do coronel Fitzwilliam, de modo que ela pudesse obter a confirmação de cada pormenor da sua versão. Sabia, por informação prévia do coronel, que este estava intimamente ligado a todas as circunstâncias da vida de seu primo e não tinha motivo algum para duvidar do seu caráter. Por momentos, ela esteve quase tentada a procurar o coronel, mas logo pôs a ideia de lado, pois não só tal atitude exigiria uma explicação embaraçosa, como também estava ciente de que o senhor Darcy jamais a teria sugerido se não tivesse a certeza absoluta da confirmação do seu primo.

Ela lembrava-se perfeitamente da conversa que tivera com o senhor Wickham, naquela primeira noite na casa da senhora Philips. Muitas das expressões que ele usara conservavam-se ainda frescas na sua memória. Ela compreendeu, então, de súbito, toda a impropriedade que havia naquelas confidências feitas a uma pessoa estranha e admirou-se de nunca haver pensado isso antes. Percebeu a indelicadeza daquela exibição e a incongruência entre suas afirmações e sua atitude. Lembrava-se de que ele se ufanara de não temer um encontro com o senhor Darcy, que o outro se afastasse, caso quisesse, mas que ele se manteria ali. Contudo, na semana seguinte ele encontrou maneira de fugir do baile em Netherfield.

Recordou-se também de que, até o momento da partida da família de Netherfield, ele se abstivera de contar sua história a outra pessoa, mas que, a partir daí, ela fora comentada em toda a parte; que ele não tivera então nenhum escrúpulo em denegrir o caráter do senhor Darcy, apesar de lhe ter declarado a ela que o respeito pela memória do pai sempre o impediria de acusar o filho.

Tudo lhe parecia agora tão diferente! Suas atenções com a senhorita King eram a consequência de odiosas intenções puramente mercenárias; e a reduzida fortuna da garota não provava tanto a moderação dos desejos do pretendente, como sua ansiedade em se agarrar à primeira oportunidade que lhe aparecesse. Quanto à atitude dele com ela própria, Elizabeth era levada a pensar que ou ele se enganara a respeito da sua fortuna, ou agira por pura vaidade, encorajando uma preferência que ela tivera a imprudência de revelar.

Todos os esforços de Elizabeth para justificar se tornaram cada vez mais tênues. E, como justificação adicional ao que dissera o senhor Darcy, ela não podia esquecer-se do que dissera o senhor Bingley, que, quando interrogado por Jane, respondera categoricamente pela inocência do amigo. Por mais orgulhosos e desagradáveis que fossem os modos do senhor Darcy, nunca Elizabeth, no decurso das suas relações com ele, encontrara algo que o definisse como uma pessoa sem escrúpulos ou injusta. Todos os seus amigos o prezavam, e até Wickham lhe havia reconhecido qualidades como irmão. Ouvira-o várias vezes falar afetuosamente da sua irmã, o que provava que ele era capaz de sentimentos ternos. Acaso os seus atos fossem tais como Wickham os descrevera, acaso houvesse violado de forma tão brutal todos os direitos, dificilmente ele poderia ocultar essa sua conduta aos olhos do mundo. E, se ele fosse capaz de tamanha injustiça, não se explicaria sua amizade com um homem tão estimável como o senhor Bingley.

Elizabeth sentiu então uma vergonha profunda. Não podia pensar em Darcy nem em Wickham sem ver que ela tinha sido cega, parcial, injusta e absurda.

“Como foi mesquinho o meu comportamento! Eu, que me orgulhava tanto do meu discernimento, das minhas capacidades! Eu, que tantas vezes desdenhei a generosa candura da minha irmã e gratifiquei minha vaidade com inúteis e censuráveis desconfianças. Como é humilhante esta descoberta! Mas como é justa esta humilhação! Não poderia ter agido

mais cegamente, se estivesse apaixonada! Mas foi a vaidade, e não o amor, a minha loucura! Lisonjeada pela preferência de um deles e ofendida com a negligência do outro, logo no início das nossas relações cortejei a parcialidade e a ignorância e expulsei a razão. Até este momento, eu não conhecia a minha verdadeira natureza” – refletiu.

Dela para Jane e de Jane para Bingley, seus pensamentos seguiram um curso que em breve lhe sugeriram a ideia original de que a explicação do senhor Darcy a esse respeito lhe parecera insuficiente, e ela voltou a lê-la. Que diferente foi o efeito desta segunda leitura. Como lhe seria possível dar valor às afirmações do senhor Darcy num ponto e negar em outro? Declarava ele que estava bem longe de suspeitar da afeição de sua irmã; e Elizabeth recordou-se da opinião de Charlotte. Nem tampouco poderia negar que fosse justa a sua descrição de Jane. Ela sabia que Jane, embora capaz de fervorosas afeições, pouco as exteriorizava; e reconhecia que havia nos seus modos uma placidez que raramente se encontra unida a uma grande sensibilidade.

Quando chegou àquela parte da carta em que sua família é mencionada, em termos mortificantes, mas merecidos, ela sentiu-se ainda mais envergonhada. No entanto, a justiça de tais afirmações era inegável, e as circunstâncias que ele mencionava, particularmente as que se referiam ao baile de Netherfield e que confirmavam suas primeiras impressões desfavoráveis, não haviam causado uma impressão mais forte no espírito dele do que no seu.

Elizabeth não ficou insensível ao elogio que Darcy lhe fizera, bem como à irmã. Tal elogio, porém, embora suavizasse sua mortificação, não compensava o desdém que o resto da sua família suscitava pela sua conduta. E, ao refletir que o desgosto de Jane tinha sido realmente causado pelos seus parentes mais próximos, cuja singularidade prejudicava o bem de ambas, ela sentiu-se tão deprimida como nunca antes estivera.

Após ter passeado durante duas horas, entregando-se a toda espécie de pensamentos, relembrando acontecimentos, determinando probabilidades e reconciliando-se como podia com uma mudança tão súbita e tão importante, o cansaço e a lembrança de que ficara muito tempo ausente fizeram com que ela voltasse para casa. Ao entrar, fez um esforço sobre si mesma, a fim de parecer alegre como de costume, reprimindo todas as reflexões que a incapacitassem de tomar parte na conversação.

Informaram-lhe que os dois cavalheiros de Rosings tinham aparecido

durante sua ausência, o senhor Darcy apenas por alguns minutos, mas que o coronel Fitzwilliam esperara pelo menos uma hora pelo seu regresso, quase decidindo-se a partir a pé em busca dela. Elizabeth fingiu sentir-se decepcionada; mas, na verdade, ficou feliz. Tinha perdido todo o interesse pelo coronel Fitzwilliam; ela só pensava na carta.

Capítulo 37

Os dois primos partiram na manhã seguinte, e o senhor Collins, que tinha ido se despedir deles, voltou trazendo a boa notícia de que eles pareciam estar com perfeita saúde e relativamente bem-dispostos, apesar da melancolia que parecia ter se abatido sobre Rosings. O senhor Collins foi então apressadamente para Rosings a fim de consolar lady Catherine e a filha e, quando regressou, trazia, com grande satisfação, um recado de lady Catherine, que, dizendo-se cheia de tédio, os convocava a todos para jantar em sua casa.

Elizabeth, de novo na presença de lady Catherine, não pôde deixar de pensar que, se o tivesse desejado, poderia agora ser-lhe apresentada como sua futura sobrinha, e sorriu ao imaginar a indignação com que Sua Excelência receberia tal notícia.

O primeiro assunto abordado foi a diminuição que sofrera o grupo de Rosings.

– Ninguém sente tanto a ausência dos amigos como eu. Tenho grande afeição por aqueles dois jovens e sei que eles também gostam muito de mim! Ficaram tristíssimos por partir! O coronel conseguiu dominar seus sentimentos até o fim, mas Darcy parecia consternado. Mais do que no ano passado. Vê-se que aprecia Rosings cada vez mais.

O senhor Collins aproveitou a ocasião para elaborar um elogio, que foi recebido com um sorriso pela mãe e pela filha. Lady Catherine constatou, após o jantar, que a senhorita Bennet parecia melancólica, e, atribuindo a tristeza à proximidade da sua partida, acrescentou:

– Escreva à sua mãe pedindo que a deixe ficar mais um pouco. Estou certa de que a senhora Collins terá o maior prazer em gozar por mais algum tempo da sua companhia.

– Agradeço tão amável sugestão – replicou Elizabeth –, mas,

infelizmente, não posso aceitar. Preciso estar em Londres no próximo sábado.

– Mas, sendo assim, só terá passado aqui seis semanas. Contava que permanecesse dois meses, pelo menos. Foi o que eu disse à senhora Collins, antes da sua vinda. Não pode haver motivo para uma partida tão prematura. A senhora Bennet passará bem sem você outros quinze dias.

– Mas o mesmo não poderei dizer de meu pai. Ele me escreveu na semana passada, pedindo que eu abreviasse minha estada.

– Se a sua mãe a dispensa, também o seu pai o fará. Uma filha nunca é muito necessária a um pai. E, se quiser ficar mais um mês, eu poderei levá-la comigo até Londres. Preciso ir para lá em princípios de junho. Demorarei uma semana, e na minha carruagem haverá espaço para uma de vocês. Se o tempo estiver fresco, poderão ir as duas, pois ambas são

magrinhas.

– É muita bondade sua, lady Catherine; mas creio que serei obrigada a seguir o meu plano anterior.

Lady Catherine pareceu resignar-se.

– Senhora Collins, deverá mandar uma criada com elas. Sabe como eu digo sempre o que penso e não suporto a ideia de duas jovens viajando sozinhas numa diligência. É deveras impróprio. Terá de tratar de mandar alguém com elas. As jovens devem ser sempre adequadamente acompanhadas e protegidas, de acordo com sua situação na vida. Quando minha sobrinha Georgiana se deslocou a Ramsgate no verão passado, fiz questão de que dois criados a acompanhassem. A senhorita Darcy, filha do senhor Darcy de Pemberley e de lady Anne, não poderia viajar de maneira diferente. Senhora Collins, providencie para que John acompanhe estas duas senhoritas. Alegra-me ter-me ocorrido tal pormenor.

– Meu tio combinou comigo de mandar-nos um criado para nos acompanhar.

– Oh, o seu tio! Ele tem um criado? Ainda bem que há alguém na sua família que pense nestas coisas. Onde mudarão de cavalos? Bromley, naturalmente. Se mencionarem o meu nome lá, serão muito bem servidas.

Lady Catherine fez ainda muitas perguntas a respeito da viagem, e, como ela própria não respondia a todas, era necessário prestar atenção, coisa que Elizabeth apreciou, pois, de outro modo, com as preocupações que a absorviam, ela correria o risco de se esquecer até do lugar onde se

encontrava. Suas reflexões deveriam ser reservadas para horas solitárias; e, quando se achava só, entregava-se a elas com alívio. Não passava um dia sem que fizesse um passeio sozinha, e nele podia dar-se ao consolo de recordar as coisas desagradáveis.

Sabia quase de cor a carta do senhor Darcy. Estudava cada frase e os seus sentimentos com o autor variavam frequentemente. Quando se recordava do seu estilo, enchia-se de indignação, mas, quando considerava a injustiça com que o tinha condenado e tratado, sua cólera voltava-se contra si mesma, e o desapontamento por ele sofrido tornava-o objeto da sua compaixão. O senhor Darcy despertava-lhe gratidão e o seu caráter, respeito. Mas Elizabeth não podia concordar com a conduta dele nem arrepender-se de o ter recusado, tampouco sentir sequer vontade de tornar a vê-lo.

Sua atitude era uma fonte constante de amargura e ressentimento, e os infelizes defeitos da própria família, um motivo ainda mais forte de aborrecimento. Seu pai, limitando-se a troçar, nunca faria um esforço para corrigir as leviandades das filhas mais jovens, e a mãe, cujas maneiras não eram muito melhores, continuava naturalmente insensível a esse mal. Elizabeth sempre reunia o seu esforço ao de Jane, numa tentativa de refrear as imprudências de Catherine e de Lydia; mas, uma vez que elas eram protegidas pela indulgência da própria mãe, que possibilidades teriam de se emendarem? Catherine, muito influenciável e fraca e completamente sob o domínio de Lydia, levava sempre a mal os conselhos das irmãs mais velhas; e Lydia, voluntariosa e descuidada, nem sequer lhes dava ouvidos. Ambas eram ignorantes, indolentes e vaidosas. Enquanto existisse um oficial em Meryton, elas continuariam namorando. Enquanto Meryton se conservasse àquela distância de Longbourn, elas viveriam caminhando para lá.

Outra das suas maiores preocupações era o futuro de Jane, e a explicação do senhor Darcy, inocentando Bingley, realçava o valor daquilo que Jane perdera. Sua afeição provava ter sido sincera e sua conduta ficara livre de toda a censura, a não ser, talvez, a de uma demasiada confiança no seu amigo. Como era triste, pois, pensar que Jane fora privada de uma situação tão desejável, tão rica em vantagens e promessas de felicidade, pela extravagância e insensatez da própria família!

Quando, a essas recordações, se acrescentava a decepção que sofrera com o senhor Wickham, era fácil acreditar que a coragem e o bom humor de

Elizabeth, tão difíceis de reprimir, estavam agora tão afetados que lhe era quase impossível manter na companhia das outras pessoas o mesmo tom alegre de outrora.

Os convites para Rosings durante a última semana sucederam-se com a mesma frequência com que foram feitos a princípio. A última noite foi passada ali; e Sua Excelência de novo se informou minuciosamente de todos os pormenores da viagem. Deu conselhos sobre a melhor maneira de fazer as malas e insistiu tanto nesse tema que Maria, ao regressar, se sentiu na obrigação de desfazer todo o trabalho da manhã e tornar a fazer novamente a mala.

Quando se despediram, lady Catherine, com grande amabilidade, desejou-lhes uma boa viagem e convidou-as a voltarem a Hunsford no ano seguinte. E a senhorita de Bourgh levou sua benevolência a ponto de fazer uma reverência e estender a mão para as duas.

Capítulo 38

Elizabeth e o senhor Collins encontraram-se para o café da manhã de sábado, momentos antes de os outros aparecerem, e ele aproveitou a oportunidade para apresentar suas despedidas com toda a formalidade que julgava indispensável:

– Não sei, senhorita Elizabeth, se a senhora Collins já teve a ocasião de lhe exprimir a gratidão pela visita que nos fez; mas estou certo de que não deixará esta casa sem receber todos os seus agradecimentos. Asseguro-lhe que o privilégio da sua companhia foi muito apreciado. Temos consciência dos reduzidos atrativos da nossa humilde habitação. Nossa vida simples, a exiguidade das dependências, o pequeno número de criados e o pouco que vemos do mundo devem tornar Hunsford extremamente aborrecido para uma jovem como a senhorita. Fizemos tudo ao nosso alcance para passar o seu tempo da forma mais agradável.

Elizabeth respondeu assegurando-o de que tinha passado uma temporada muito feliz. Tinham sido seis semanas muito agradáveis; e o prazer de estar com Charlotte, assim como as numerosas atenções de que ela fora alvo, faziam com que fosse ela quem devesse mostrar-se reconhecida. O senhor Collins ficou satisfeito, e, sorrindo, replicou com solenidade:

– Sinto enorme alegria por saber que não passou o seu tempo de modo desagradável. Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance; e tivemos a

felicidade de ter podido apresentá-la à mais alta sociedade. Graças às nossas relações com Rosings, tivemos a oportunidade de variar frequentemente a humilde cena doméstica, e creio podermos nos gabar de lhe termos proporcionado assim uma visita a Hunsford pouco enfadonha. É, é preciso reconhecer que, apesar de todos os inconvenientes deste humilde presbitério, seus hóspedes não são de modo algum objeto de compaixão, desde o momento em que compartilham da nossa intimidade com Rosings.

As palavras eram insuficientes para traduzir a elevação dos seus sentimentos; e, na sua agitação, ele pôs-se a caminhar de um lado para o outro na sala, enquanto Elizabeth procurava, servir simultaneamente a delicadeza e a verdade.

– Creio que poderá levar consigo para Hertfordshire um relato muito favorável a nosso respeito, minha cara prima – continuou ele. – Presenciou as atenções com que quase diariamente lady Catherine cumula a senhora Collins; e espero que se tenha tornado evidente que sua amiga não fez mal ao... Mas sobre este ponto prefiro guardar meu silêncio. Permita-me apenas, minha querida senhorita Elizabeth, que lhe deseje do fundo do coração uma felicidade igual no casamento. Minha adorável Charlotte e eu só temos um espírito e um pensamento. Existe sob todos os aspectos entre nós uma notável semelhança de caráter e de ideias. Tudo indica que nascemos um para o outro.

Elizabeth pôde afirmar que era essa uma grande felicidade e com igual sinceridade acrescentou que ela acreditava firmemente na sua harmonia doméstica, com o que muito se alegrava. Não a contrariou, contudo, ter sido interrompida no seu discurso pela entrada da pessoa cuja felicidade comentavam. Pobre Charlotte! Era triste deixá-la só em tal companhia. No entanto, era necessário reconhecer que ela escolhera de olhos abertos; e, embora aparentasse certa tristeza por vê-las partir, não parecia querer sua compaixão. A casa, as tarefas domésticas, a paróquia, a sua criação de aves e tudo o mais ainda não haviam perdido o seu encanto.

Finalmente, a carruagem chegou, as malas foram amarradas; os embrulhos, levados para o interior; e a partida, anunciada. Depois de afetuosa despedida, Elizabeth foi conduzida à carruagem pelo senhor

Collins, e, enquanto atravessavam o jardim, este encarregou-a de transmitir seus mais respeitosos cumprimentos a toda a sua família, não esquecendo seus agradecimentos pelas atenções que recebera em Longbourn quando ali estivera e suas saudações para o senhor e a senhora Gardiner, embora não tivesse o prazer de conhecê-los. Então, ele a ajudou a subir na carruagem. Maria imitou-a, e a porta estava a ponto de ser fechada quando, de repente, ele lembrou que elas tinham se esquecido de deixar qualquer mensagem para as senhoras de Rosings.

– Naturalmente – acrescentou ele – desejaria que eu transmita seus humildes respeitos, com os mais cordiais agradecimentos, pela bondade de que foram objeto enquanto aqui permaneceram?

Elizabeth não pôs objeção; a porta pôde ser enfim fechada e a carruagem se afastou.

– Meu Deus! – exclamou Maria, após alguns minutos de silêncio.

– Parece que chegamos ontem, e, no entanto, quanta coisa sucedeu!

– Muita coisa mesmo – concordou Elizabeth, com um suspiro.

– Jantamos nove vezes em Rosings, além das duas vezes que lá fomos tomar chá. Tenho tanta coisa para contar!

E Elizabeth pensou: “E eu tenho tanto a esconder!”.

A viagem decorreu praticamente em silêncio e sem qualquer incidente. Quatro horas depois de terem saído de Hunsford chegaram à casa do senhor Gardiner, onde deveriam passar alguns dias.

Jane parecia em perfeita saúde, e Elizabeth não teve oportunidade de observar as verdadeiras disposições da irmã, graças aos vários divertimentos que a tia tivera a bondade de organizar para elas. Mas Jane regressaria com ela, e, em Longbourn, teria a ocasião de observá-la mais detidamente. Não foi sem esforço, no entanto, que ela esperou até Longbourn para contar à irmã a resposta do senhor Darcy. Sabia ter em seu poder a possibilidade de fazer uma revelação que não só causaria grande assombro em Jane como despertaria agradavelmente em si o resto de vaidade que lhe restava. Era uma tentação a que nada se poderia opor, senão o estado de indecisão dela sobre o número exato de fatos que deveria revelar e o medo de ter de repetir certas coisas a respeito de Bingley que poderiam ferir Jane ainda mais.

Capítulo 39

As três jovens de Gracechurch Street partiram na segunda semana de maio com destino a uma cidade na região de Hertfordshire. Ao se aproximarem do lugar em que a carruagem do senhor Bennet deveria encontrá-las, elas avistaram, como garantia da pontualidade do cocheiro, Kitty e Lydia, numa das janelas superiores de uma hospedaria. Havia mais de uma hora que elas estavam naquela localidade fazendo visitas frequentes a uma modista em frente, olhando de soslaio e demoradamente a sentinela de plantão e preparando um molho para a salada.

Depois de darem as boas-vindas às irmãs, elas exibiram uma mesa posta com várias espécies de carnes frias, que tinham conseguido encontrar na dispensa da hospedaria:

– Que dizem disto? Não acham uma surpresa agradável?

– Queremos convidar vocês – acrescentou Lydia –, mas terão de nos emprestar dinheiro, pois gastamos o nosso naquela loja ali defronte.

Em seguida, mostrando as suas aquisições, prosseguiu:

– Olhem, comprei este chapéu. Não acho nada de especial, mas, em casa, vou desmanchá-lo e ver o que poderei fazer com ele.

E quando as irmãs lhe disseram que ele era muito feio, ela acrescentou:

– Oh, mas havia dois ou três ainda mais feios na loja. Quando eu comprar um cetim bonito para enfeitar, vão ver como ele ainda vai ficar. Além disso, não interessa muito o que podemos usar neste verão, pois o destacamento sai de Meryton dentro de quinze dias.

– Ah, sim? – indagou Elizabeth, com grande satisfação.

– Vão acampar perto de Brighton. Queria tanto que papai nos levasse até lá para passarmos o verão... Seria maravilhoso. Creio que não sairia caro, e a mamãe ficaria encantada de ir. Pensem só que verão mais enfadonho teremos, se ficarmos por aqui.

“Sim” – pensou Elizabeth. – “Imagem! Estas senhoritas à solta em Brighton, com um acampamento repleto de oficiais, quando aqui há apenas um reduzido destacamento e um baile mensal em Meryton”.

– Tenho ainda outra novidade – disse Lydia. – Trata-se de uma novidade formidável e importantíssima, e é sobre uma pessoa de quem todas gostamos muito.

Jane e Elizabeth olharam uma para a outra, e o criado foi informado de que podia ir embora. Lydia riu e disse:

– Acham que o criado não deve ouvir, como se ele se importasse! Estou certa de que ele terá ouvido coisas muito piores do que a que eu tenho para dizer. Bem, passemos agora à novidade: é acerca do nosso querido Wickham. Não há perigo de ele se casar com Mary King. Ela foi morar com um tio dela, em Liverpool, definitivamente. Wickham está salvo.

– E Mary King está salva! Salva de um casamento financeiramente imprudente – acrescentou Elizabeth.

– Ela é uma tola em partir, se gosta dele.

– Mas espero que não haja uma paixão muito forte em ambos os lados – disse Jane.

– De que não há do lado dele, estou certa. Aposto em como ele nunca se importou com ela. Quem se interessaria por uma insignificante daquelas? E cheia de sardas!

Elizabeth pensou, com certa amargura, que, embora ela fosse incapaz de se exprimir com tanta grosseria, aqueles sentimentos não eram menos brutais que os que anteriormente ela mesma abrigara em seu coração e considerara liberais.

Após todas terem comido, as mais velhas pagaram a despesa e elas pediram a carruagem. Instaladas todas as malas, caixas e embrulhos, além das aquisições de Kitty e Lydia, todas subiram e tomaram os respectivos lugares. Lydia comentou:

– Estou contente por ter comprado aquele chapéu, pois, de qualquer modo, terei mais uma caixa bem jeitosa. Bom! Vamos conversar e rir até chegarmos a casa. Em primeiro lugar, contem vocês o que se passou desde que daqui partiram. Conheceram rapazes simpáticos? Divertiram-se? Tive esperanças de que uma de vocês regressasse com promessas de um casamento. Jane, se não tomar providências, em breve será uma velha solteirona. Ela tem quase 23 anos! Sentirei uma vergonha imensa se eu não me casar antes disso! A tia Philips só pensa em vê-las casadas. Ela acha que Lizzy deveria ter aceito o senhor Collins. Mas ele deve ser muito chato. Meu Deus! Que graça eu acharia se me casasse antes de todas. Eu as acompanharia a todos os bailes. Nos divertimos tanto no outro dia na casa do coronel Forster. Kitty e eu tínhamos ido lá passar o dia, e a senhora Forster, que se tornou uma amiga inseparável, prometeu organizar uma pequena festa para essa noite. Convidou as duas Harrington, mas, como Harriet estava adoentada, Pen teve de ir sozinha. Sabem o que fizemos? Vestimos o Chamberlayne com roupas de mulher. Foi engraçadíssimo, e

que cara a dele! Ninguém sabia disso, fora o coronel e a mulher, Kitty e eu e a nossa tia, que foi quem emprestou o vestido. Quando Denny, Wickham e Pratt e mais dois ou três deles entraram, não o reconheceram. Como nós rimos! E a senhora Forster também. Eu estava quase sem ar de tanto rir. Claro que, àquela altura, os outros começaram a desconfiar e acabaram descobrindo toda a trama.

Com histórias deste gênero e diversos episódios divertidos, Lydia, auxiliada pelas sugestões de Kitty, distraiu as companheiras durante todo o caminho até Longbourn. Elizabeth tentava não ouvir, mas sua atenção era constantemente despertada pelas frequentes alusões ao nome do senhor Wickham.

A recepção em casa foi afetuosa. A senhora Bennet alegrava-se por constatar a beleza sempre igual de Jane; e, mais de uma vez durante o jantar, o senhor Bennet se voltou para Elizabeth e disse:

– Estou contente por você estar de volta, Lizzy.

O grupo que se sentou para jantar era numeroso, pois quase todos

os Lucas tinham vindo para rever Maria e ouvir as novidades. Foram vários os assuntos abordados; lady Lucas fazia várias perguntas a Maria, que estava do outro lado da mesa, acerca da prosperidade e criação de aves da sua filha mais velha. A senhora Bennet, duplamente ocupada, de um lado indagava qual era a última moda e do outro repetia essas informações para as filhas mais jovens dos Lucas; e Lydia, numa voz mais alta e estridente do que a de qualquer outra pessoa, enumerava os vários acontecimentos da manhã para todos.

– Oh, Mary – disse ela –, que pena não ter vindo conosco. Durante o caminho, Kitty e eu fechamos todas as cortinas da carruagem e fingimos que não havia ninguém dentro. Teríamos continuado assim até chegar, mas Kitty começou a sentir-se enjoada; e, quando chegamos à hospedaria, creio que nos portamos como devíamos, pois regalamos as outras três com o melhor almoço frio do mundo, e, se tivesse nos acompanhado, também a teríamos convidado. E, depois, a volta também foi muito divertida. Pensei que nunca caberíamos naquela carruagem. Quase morri de tanto rir. Falamos e rimos tão alto que qualquer pessoa nos ouviria a quinze quilômetros de distância.

Mary replicou, gravemente:

– Longe de mim menosprezar tais prazeres, minha querida irmã; são os

que sem dúvida se enquadram mais nos temperamentos femininos. Mas confesso que não me seduzem. Prefiro um bom livro.

Mas Lydia não ouviu uma só palavra dessa resposta. Ela não dava atenção a ninguém durante mais de meio minuto e nunca ouvia o que Mary dizia.

Lydia insistiu com as outras para que fossem todas a Meryton saber das novidades. Mas Elizabeth foi contra. Diriam que as senhoritas Bennet não aguentam meio dia em casa sem sair correndo atrás dos oficiais. Havia ainda outro motivo para essa oposição. Seria extremamente penoso encontrar-se com Wickham e estava resolvida a evitá-lo tanto quanto possível. A partida do destacamento causava-lhe grande

alívio. Dentro de quinze dias os oficiais partiriam, e ela esperava ficar livre deles para sempre.

Pouco depois de chegar em casa, Elizabeth descobriu que a viagem a Brighton, a que Lydia aludira na hospedaria, estava em constante discussão entre os pais. Percebeu imediatamente que o pai não tinha a menor intenção de ceder, mas suas respostas eram tão vagas e evasivas que a mãe, embora muitas vezes desanimada, não perdia a esperança de alcançar um triunfo.

Capítulo 40

Elizabeth não conseguiu segurar por mais tempo sua impaciência em contar a Jane o que tinha sucedido. Omitiu todos os detalhes a respeito da irmã e de Bingley e contou-lhe, na manhã seguinte, grande parte da cena que se passara entre o senhor Darcy e ela mesma.

No começo, Jane ficou assombrada, mas logo a forte afeição fraternal e a admiração que sentia por Elizabeth fizeram com que tudo parecesse perfeitamente natural. Era mesmo lamentável que o senhor Darcy tivesse manifestado sua afeição de forma tão pouco cativante; mas o que mais a entristeceu foi o desgosto que a recusa da irmã teria causado nele.

– A certeza que ele tinha do seu êxito foi despropositada – disse Jane –, e não deveria ter deixado transparecer. Isto torna ainda mais cruel seu

desapontamento.

– Tenho muita pena dele, mas o senhor Darcy tem outros sentimentos que logo expulsarão a admiração que ele possa ter por mim. Não me censura

por ter recusado, não é? – indagou Elizabeth.

– Censurar-te! Oh, não.

– Mas censura-me por ter aludido tão calorosamente a Wickham?

– Não, não tenho conhecimento de causa para apontar o mal naquilo que disse.

– Mas em breve o terá, quando lhe contar o que se passou na manhã seguinte.

Elizabeth falou então na carta, repetindo tudo o que ela continha na parte referente a Wickham.

Foi um grande choque para a pobre Jane, que, de bom grado, passaria pelo mundo sem se aperceber de que existia nele tanta maldade como a que se concentrava num só indivíduo. Com grande seriedade, Jane procurou ainda provar que havia uma chance de erro, tentando justificar um deles sem acusar o outro.

– Isso de nada adianta, minha querida Jane – disse Elizabeth –, nunca conseguirá descobrir um modo de provar que ambos são bons. Faça a sua escolha, mas terá que se contentar com apenas um deles. As qualidades dos dois reunidas dariam um homem bom, mas ultimamente as situações têm-se invertido várias vezes. Estou inclinada a acreditar no senhor Darcy, mas pode escolher quem quiser.

Passou-se algum tempo, contudo, antes que um sorriso aparecesse no rosto de Jane.

– Não me lembro de ter alguma vez sofrido tamanha desilusão – disse ela. – Wickham é assim tão mau?! É quase inacreditável. Coitado do senhor Darcy! Imagine só, Lizzy, o que ele não terá sofrido. Que decepção! E saber do mau conceito que você tinha dele! E ter de revelar tal coisa da sua própria irmã! É, realmente, muito triste. Creio que se sente como eu.

– Oh! Não! Toda a minha compaixão e meu remorso desaparecem ao ver você tão atormentada pelos mesmos sentimentos. Sua generosidade dispensa bem a minha. Se continuar se lamentando por muito mais tempo, meu coração ficará tão leve quanto uma pena.

– Pobre Wickham! O rosto dele parece exprimir tanta bondade! E seus modos são tão abertos e simpáticos.

– Houve, certamente, um grande erro na educação desses dois jovens. Um deles tem todas as qualidades e o outro, apenas a aparência.

– Para dizer a verdade, eu nunca achei que o senhor Darcy aparentasse aquilo que você via – comentou Jane.

– E eu me considerava tão perspicaz ao tomar tão violentamente partido contra ele, sem qualquer fundamento. Uma antipatia tão forte como a que eu tinha por ele abre o caminho para a ironia. Uma pessoa pode agradecer sem nada exprimir de justo, mas não pode rir a vida inteira de um homem sem volta e meia esbarrar com algo de espirituoso.

– Lizzy, estou certa de que, quando leu a carta pela primeira vez, não encarava as coisas como agora.

– É verdade, fiquei muito perturbada. Depois, não tinha ninguém com quem me abrir, não tinha uma Jane para me consolar e me mostrar como tinha sido fraca, leviana e insensata como agora sei que fui. Oh, como eu desejei ter você junto de mim!

– Foi pena ter usado expressões tão fortes ao falar de Wickham ao senhor Darcy, pois agora vê-se claramente quão imerecidas elas foram.

– Certamente. Mas a infelicidade de ter falado de forma tão amargurada foi uma consequência natural dos preconceitos que eu vinha alimentando dentro de mim. Há um ponto sobre o qual eu necessito do seu conselho. Devo ou não revelar aos nossos conhecidos qual o verdadeiro caráter do senhor Wickham?

Jane fez uma pequena pausa e respondeu:

– Acho que não há motivo para tão terrível denúncia. O que pensa sobre isso?

– Penso em não dar tal passo. O senhor Darcy não me autorizou a tornar públicas as suas revelações; pelo contrário, rogou-me que guardasse para mim todos os pormenores relativos ao episódio passado com sua irmã. E, se eu não mencionar este fato, quem acreditará em mim? A antipatia contra o senhor Darcy é de tal modo violenta que metade da população de Meryton preferiria morrer a vê-lo colocado sob uma luz mais favorável. Não me sinto com forças para luta tão feroz. Wickham em breve partirá. Depois disso, pouco importa que ninguém aqui saiba qual o seu verdadeiro caráter. Algum dia ele acabará por ser desmascarado, e, nessa altura, poderemos rir da estupidez dos outros por não o terem adivinhado há mais tempo. Por enquanto, nada direi.

– Está certa. Denunciar publicamente seus erros poderia representar para ele a ruína de toda a sua vida. Quem sabe se ele já não se arrependeu do que fez e vive ansioso por refazer sua reputação.

A conversa ajudou Elizabeth a colocar um pouco de ordem no tumulto dos seus pensamentos. Libertara-se de dois segredos que lhe pesavam há

quinze dias e encontrara em Jane uma ouvinte atenta e interessada, que não hesitaria em prestar-se de boa vontade a uma nova conversa sobre o assunto. Havia, porém, algo mais que se escondia na sombra e que a prudência de Elizabeth a impedia de desvendar. Não ousava relatar a Jane a outra metade da carta de Darcy, nem revelar quão sinceramente Bingley correspondera ao seu afeto. Esse segredo ela não poderia compartilhar com ninguém. Estava certa de que só se veria livre dele quando entre ambos se restabelecesse um entendimento perfeito.

Agora, em sua casa, ela tinha toda a oportunidade de observar os sentimentos da irmã. Jane não estava feliz. Ela conservava ainda muito viva a afeição por Bingley. Como nunca antes se julgara apaixonada, esses sentimentos tinham todo o calor e toda a frescura de um primeiro amor. Devido à sua personalidade e idade, havia maior firmeza do que essas primeiras paixões em geral possuem. Ela guardava em tão fervoroso culto a lembrança de Bingley e de tal modo o preferia a qualquer outro homem que precisava lançar mão de todo o seu bom senso e de toda a sua consideração dos sentimentos alheios para dominar aquelas tristezas, que corriam o risco de tornar-se prejudiciais à sua saúde e à tranquilidade das pessoas que a rodeavam. Um dia a senhora Bennet perguntou:

– Então, Lizzy, qual a sua opinião sobre o insucesso de Jane? Quanto a mim, estou decidida a não falar mais no assunto a ninguém. Foi o que disse à minha irmã Philips, no outro dia. Mas não sei se Jane se encontrou com ele em Londres. Bem, isso só revela que ele não a merece, e suponho que ela não terá qualquer possibilidade de revê-lo. Ninguém sabe dizer se vem passar o verão em Netherfield.

– Creio que ele nunca mais voltará a Netherfield.

– Oh, pois bem! Ele fará o que quiser. Ninguém lhe pede que volte. Mas eu continuarei dizendo que ele se portou de maneira muito desleal para com a minha filha. Jane morrerá de desgosto, e, nessa altura, ele se arrependerá do que fez.

Como Elizabeth não via consolação em tal prognóstico, preferiu não responder.

– Então, Lizzy – continuou a mãe –, os Collins vivem bem, não é? Muito bem, espero que isso dure. E que tal a comida da casa deles? Charlotte é uma excelente dona de casa, creio eu. Se ela é tão econômica como a mãe, devem estar guardando bastante dinheiro. Extravagância é coisa que não se ouve falar na casa deles, não?

– É verdade. Eles velam por uma boa administração dos seus bens, pode estar certa.

– Sim, sim, aqueles nunca correrão o risco de gastar mais do que aquilo que têm. Nunca terão dificuldades de dinheiro. E, é claro, estão constantemente arquitetando planos sobre Longbourn, depois da morte de teu pai, não? Já devem considerá-la propriedade sua.

– Nunca mencionaram esse assunto na minha frente.

– Claro! Era só o que faltava. Mas aposto que toda hora discutem o assunto entre eles. Pois bem, se não têm quaisquer escrúpulos em

apoderar-se dos bens que legalmente não lhes pertencem, tanto melhor para eles. Eu, no lugar deles, me esconderia de vergonha.

Capítulo 41

A primeira semana após o regresso delas se passou rápido e uma segunda começou. Era a última da estada do destacamento em Meryton, e todas as jovens das redondezas definhavam de desgosto. A melancolia era quase geral. Apenas as duas mais velhas da família Bennet conseguiam ainda comer, beber, dormir e passar seu tempo da forma habitual. Frequentemente eram acusadas de insensibilidade por Kitty e Lydia, cujo desgosto era profundo, e não compreendiam a indiferença em qualquer membro da família.

– O que vai ser de nós? Vamos nos ocupar com quem? – indagavam elas amarguradamente. – Como pode se mostrar tão sorridente, Lizzy?

A senhora Bennet, que era uma mãe afetuosa, compartilhava da tristeza das filhas. Ela recordava-se do que sofrera vinte e cinco anos antes, numa situação idêntica.

– Compreendo-as perfeitamente – dizia ela. – Chorei durante dois dias seguidos quando o regimento do coronel Miller partiu. Pensei que morreria de desgosto.

– Acho que é o que vai me acontecer – concordou Lydia.

– Se ao menos pudéssemos ir até Brighton! – observou a senhora

Bennet.

– Oh! Sim! Se ao menos nós pudéssemos ir até Brighton! Mas nosso pai é um desmancha-prazeres.

- Alguns banhos de mar me restabeleceriam para sempre.
- E a tia Philips disse que uma mudança de ares me faria muito bem
- acrescentou Kitty.

Eram muitas as lamentações que constantemente se ouviam em Longbourn. Elizabeth procurava rir delas, mas sua vergonha lhe roubava todo o prazer. Ela se lembrava da justiça das objeções do senhor Darcy e se sentia disposta a perdoar sua interferência na vida do amigo.

As perspectivas negativas de Lydia em breve foram dissipadas, pois a senhora Forster, a mulher do coronel do destacamento, convidou-a para acompanhá-la a Brighton. Essa inestimável amiga era bastante jovem e estava casada há muito pouco tempo. A boa disposição e a frivolidade de ambas recomendaram uma à outra e, após três meses, tinham se tornado grandes amigas.

O encantamento de Lydia, sua adoração pela senhora Forster, a alegria da senhora Bennet e a mortificação de Kitty eram impossíveis de descrever. Inteiramente indiferente aos sentimentos da irmã, Lydia corria pela casa expandindo sua enorme felicidade, exigindo as congratulações de todos, rindo e falando com uma estridência maior do que o costume. Enquanto isso, a desafortunada Kitty permanecia na sala, lamentando seu destino em termos despropositados e numa voz ressentida.

– Não compreendo por que a senhora Forster não me convidou também – dizia ela. – Embora eu não seja tão íntima dela, tenho tanto direito de ser convidada quanto Lydia, e mais até, pois sou dois anos mais velha.

Em vão, Elizabeth procurou incutir-lhe sentimentos mais sensatos; e Jane, maior resignação. Quanto a Elizabeth, esse convite estava longe de lhe produzir os mesmos sentimentos que em sua mãe e Lydia, pois ela considerava como uma espécie de sentença de morte para todas as possibilidades de sua irmã vir um dia a ter algum bom senso. Apesar da repugnância que isso lhe causava, não hesitou em aconselhar confidencialmente seu pai a não deixá-la ir. Chamou a atenção para todas as impropriedades da conduta de Lydia e para as poucas vantagens que lhe poderiam advir da intimidade com uma mulher como a senhora Forster e para a probabilidade de a irmã se tornar ainda mais imprudente na companhia de tal pessoa e num lugar onde as tentações seriam maiores que em casa. Após ouvir com atenção, ele

respondeu:

– Lydia não descansará enquanto não lhe acontecer alguma coisa. Nunca ela encontrará melhor ocasião para fazer uma tolice como a atual, em que não dará despesas ou trabalho à família.

– Se o senhor se desse conta – disse Elizabeth – dos grandes inconvenientes que o comportamento leviano de Lydia, em público, pode nos trazer, ou melhor, já nos trouxe, encararia a questão de modo diferente.

– Já trouxe? – repetiu o senhor Bennet. – Será que ela já afugentou algum dos seus apaixonados? Minha pobre Lizzy! Mas não desanime. Esses jovens difíceis, que não suportam a proximidade de um pouco de absurdo, não são dignos de consideração. Vamos, dê a lista dos pobres coitados que foram postos em fuga pelas tolices de Lydia.

– Está enganado, meu pai. Não tenho desgostos desses a lamentar. Não é de dissabores particulares, mas de inconvenientes que eu me queixo. Nossa reputação é necessariamente afetada pela leviandade, a imprudência e o desprezo de Lydia por qualquer restrição, características do seu caráter. Perdoe-me, mas preciso falar claramente. Se não for o pai a dar-se ao trabalho de reprimir a excessiva exuberância dela e a fazê-la enxergar que suas atuais ocupações não constituem a essência da vida, em breve perderá a possibilidade de alguma vez corrigi-la. Seu caráter está se definindo e, aos 16 anos, ela só pensará em namorar, expondo a si mesma e à família ao ridículo. E, quando falo em namorar, refiro-me a coisa bem pior, sem que ela não tenha outros atrativos que não sejam sua juventude e boa aparência. Sua ignorância e futilidade a tornarão incapaz de vencer o desprezo geral que seu apetite imoderado de admiração provocará. Kitty também corre o mesmo perigo. Ela acompanhará de olhos fechados os passos de Lydia. Vaidosa, ignorante, ociosa e absolutamente descontrolada! Oh, meu querido pai, como pode supor que elas não sejam censuradas e desprezadas em qualquer lugar que apareçam e que as suas irmãs se vejam frequentemente envolvidas em seu desprezo?

O senhor Bennet percebeu a profunda ansiedade da filha, e, tomando afetuosamente a mão dela, respondeu:

– Não te preocupes tanto, meu amor. Onde quer que você e Jane apareçam, serão sempre respeitadas e apreciadas; e não serão menos admiradas por terem duas, ou, melhor, três irmãs bastante tolas. Se Lydia não for a Brighton, não teremos um momento de sossego nesta casa. Deixemos ir, portanto. O coronel Forster é um homem sensato e tomará

precauções para que nada de mal lhe aconteça. Por sorte, ela é suficientemente pobre para não se tornar objeto de grandes cobiças. Em Brighton, ela passará mais despercebida do que aqui.

Elizabeth se contentou com tal resposta; mas sua opinião continuava inabalável e deixou o pai, desanimada e triste. Contudo, não estava em sua natureza remoer seus desgostos, tornando-os assim ainda maiores.

Se Lydia e a mãe tivessem alguma vez sabido da conversa que Elizabeth tivera com o senhor Bennet, toda a sua volubilidade conjunta não seria suficiente para exprimir a indignação que sentiriam. Na imaginação de Lydia, uma visita a Brighton compreendia todas as possibilidades de felicidade terrena. Ela via as ruas daquela alegre cidade balneária repletas de militares. Imaginava-se o centro das atenções de dezenas deles.

Se ela tivesse sabido que a irmã procurara arrancá-la de tais perspectivas e realidades, qual não seria a sua indignação? Ela apenas poderia ser compreendida pela mãe, cujos sentimentos se assemelhariam aos seus. Mas viviam na ignorância do que se passara; e seus êxtases continuaram com pequenos intervalos, até o dia da partida.

Elizabeth veria, então, o senhor Wickham pela última vez. Depois de seu regresso, haviam se visto frequentemente em sociedade. As emoções da sua antiga preferência tinham se desvanecido por completo. Conseguia, mesmo, distinguir uma certa afetação e monotonia nas gentilezas que, a princípio, a tinham deliciado. Além disso, na conduta atual de Wickham com Elizabeth, encontrava uma nova fonte de contrariedade, pois a vontade que ele manifestava em renovar aquelas atenções, que tinham caracterizado os primeiros tempos das suas relações, agora, após tudo o que se passara, apenas serviam para irritá-la ainda mais. Ela acabou por perder todo o respeito por ele, ao ver-se assim escolhida como objeto de tão fúteis galanteios.

No último dia em que o destacamento permaneceu em Meryton, Wickham juntou em Longbourn, juntamente com outros oficiais. Elizabeth estava tão pouco disposta a deixá-lo partir impune que, quando Wickham quis saber como ela passara o tempo em Hunsford, respondeu que o coronel Fitzwilliam e o senhor Darcy tinham passado três semanas em Rosings, e perguntou-lhe se conhecia o coronel.

Ele pareceu surpreso e alarmado, mas, após alguns minutos de concentração, respondeu, sorrindo, que outrora se encontrara frequentes vezes com ele. Depois de observar que ele era um autêntico cavalheiro,

perguntou se Elizabeth simpatizara com ele. Ela deu-lhe uma resposta calorosamente afirmativa. Com ar de perfeita indiferença, pouco depois ele acrescentou:

– Quanto tempo disse que eles passaram em Rosings?

– Perto de três semanas.

– E o viu com frequência?

– Sim, praticamente todos os dias.

– Suas maneiras diferem bastante das de seu primo.

– Sim, bastante. Mas sou agora de opinião de que o senhor Darcy ganha muito quando o conhecemos melhor.

– É mesmo?! – exclamou Wickham, com um olhar que não escapou a Elizabeth. Mas se refreou e acrescentou em tom mais alegre: – Terá sido na maneira de falar que ele melhorou? Terá se dignado a introduzir um pouco de cortesia em seu estilo habitual? Pois não ouse esperar que ele tenha melhorado no essencial.

– Oh, não! – disse Elizabeth – Quanto ao essencial, creio bem que ele continue exatamente como sempre foi.

Enquanto ela falava, Wickham, pela sua expressão, parecia hesitar se haveria de se mostrar alegre pelas suas palavras ou desconfiar do sentido das mesmas. Notava qualquer coisa no rosto de Elizabeth que o obrigava a seguir as palavras dela com ansiosa atenção. Elizabeth acrescentou:

– Quando eu disse que ele ganhava em ser conhecido, não queria dizer que seu espírito e suas maneiras estavam em vias de aperfeiçoamento, mas que, graças a um conhecimento mais íntimo, seu caráter se tornara mais compreensível.

A inquietude de Wickham transparecia agora no rubor que lhe subira ao rosto e no seu olhar pouco tranquilo. Durante alguns minutos não pronunciou uma palavra sequer, até que, finalmente, vencendo seu embaraço, voltou-se de novo para Elizabeth e disse, em tom muito grave:

– A senhorita, que conhece tão bem meus sentimentos para com o senhor Darcy, compreenderá quanto eu me alegro por vê-lo assumir, pelo menos, a aparência de justiça. Nesse sentido, o orgulho dele prestará o melhor dos serviços, pois o impedirá de cometer tão flagrantes injustiças como as de que eu fui vítima. Temo somente que essas precauções, às quais a senhorita acaba de aludir, sejam apenas adotadas durante as visitas a casa de sua tia, por cuja opinião e julgamento ele nutre o maior respeito. O temor que sua tia lhe inspira sempre atuou nele, quando se encontram

juntos, e grande parte se deve atribuir ao desejo que ele tem de favorecer seu projetado casamento com a senhorita de Bourgh, que ele há muito tempo planeja.

Elizabeth não pôde deixar de sorrir, mas respondeu apenas com um ligeiro aceno de cabeça. Compreendeu que ele desejava arrastá-la para o assunto das suas mágoas e não estava disposta a tolerá-lo. Durante o resto da noite, Wickham buscou mostrar-se alegre e despreocupado como sempre, mas cessou todas as suas atenções com Elizabeth. Separaram-se com mútua cortesia e, possivelmente, com o igual desejo de nunca mais se encontrarem.

Quando chegou a hora de as visitas se retirarem, Lydia seguiu com a senhora Forster para Meryton, de onde partiriam no dia seguinte, logo de madrugada. A separação dela do resto da família foi mais ruidosa do que patética. Kitty foi a única que chorou, mas suas lágrimas eram de humilhação e inveja. A senhora Bennet mostrou-se prolífica em seus desejos de felicidade para a filha e eloquente nas incitações para que ela não perdesse uma oportunidade de se divertir, conselho este que, como tudo levava a crer, seria seguido fielmente; e, no meio do clamor com que Lydia exprimia sua felicidade, os adeuses mais discretos das irmãs quase não foram ouvidos.

Capítulo 42

O conceito de felicidade conjugal e conforto doméstico não seria dos melhores se Elizabeth dependesse do exemplo dado pela própria família. Seu pai tinha se casado com uma pessoa cuja mediocridade intelectual e insensatez em breve o impediu de sentir por ela qualquer afeição. Ele foi cativado pela vivacidade, beleza e animação que a juventude em geral confere às mulheres. O respeito, a estima e a confiança tinham se desvanecido para sempre e todos os seus anseios de felicidade doméstica foram destruídos. Contudo, o senhor Bennet não era desses homens que procuram alívio para as suas desilusões, causadas pelas próprias imprevidências, entregando-se a esses prazeres em que os infelizes buscam uma compensação para as suas loucuras e para os seus vícios. Ele gostava do campo e dos livros, e daí tirava suas principais distrações.

Quanto à sua mulher, ele nada lhe devia, para além dos divertidos momentos que o espetáculo da sua

ignorância e a sua falta de senso lhe haviam proporcionado. Não é essa a espécie de felicidade que os homens em geral desejam encontrar no casamento, mas, na falta de outros dons, o verdadeiro filósofo se contenta com o pouco que lhe é concedido.

Elizabeth, no entanto, nunca fora cega aos defeitos do pai como marido. Mas admirava suas qualidades e era grata pela maneira afetuosa como ele a tratava. Porém, nunca, como agora, sentira tão fortemente qual seria a ameaça para os filhos dos inconvenientes causados por um casal tão pouco unido.

Após o alívio que lhe causara a partida de Wickham, Elizabeth encontrou menos prazer do que esperava com a saída do próprio destacamento. As festas eram menos frequentes; e em casa tinha uma mãe e uma irmã cujas contínuas lamentações sobre o tédio da vida que levavam projetavam uma nuvem negra sobre o círculo da família.

Ela se dava conta de que os acontecimentos por elas esperados com tanta impaciência não produziam, ao realizar-se, aquela satisfação tão prometida. Necessitava marcar um outro período para o começo da sua verdadeira felicidade, ter outros pontos de apoio para os seus desejos e suas esperanças. Sua viagem aos Lagos, por exemplo, constituía agora o objeto dos seus pensamentos mais felizes. Era o seu refúgio para os momentos desagradáveis que o descontentamento de Kitty e da mãe tornavam inevitáveis. Para tornar o seu plano perfeito, só faltava incluir Jane.

“Ainda bem que tenho alguma coisa a desejar pois, se tudo no meu plano fosse perfeito, a decepção seria mais do que certa. Sendo assim, levando comigo uma fonte de contínua tristeza, a saudade de minha irmã, poderei, de certo modo, esperar que todas as minhas expectativas de prazer se realizem. Um plano perfeito nunca tem realização” – pensava ela.

Lydia, na hora da partida, prometera escrever frequente e detalhadamente para a mãe e Kitty. Mas essas cartas, longamente esperadas, eram sempre muito curtas. Nas que escrevia à senhora Bennet, pouco mais lhe dizia do que terem acabado de regressar da biblioteca, onde tais e tais oficiais as haviam acompanhado e onde tinham visto trajes de enlouquecer; ter comprado um vestido novo ou uma nova sombrinha que ela desejaria

descrever com mais detalhes, mas não podia, pois a senhora Forster acabara precisamente de a chamar para irem dar um passeio para os lados do acampamento. As cartas para Kitty não eram muito mais esclarecedoras, embora mais longas. Boa parte do sentido vinha nas entrelinhas.

Após três semanas de ausência de Lydia, a saúde, o bom humor e a alegria recomeçaram a aparecer em Longbourn. Tudo tomou um aspecto mais agradável. As famílias que tinham ido passar o inverno em Londres começaram a regressar e recomeçaram os divertimentos de verão. A senhora Bennet voltou à sua exuberância habitual e, em meados de julho, Kitty havia melhorado tanto que já lhe era capaz de entrar em

Meryton sem derramar uma lágrima, acontecimento bastante promissor que deu a Elizabeth a esperança de que no próximo Natal ela tivesse juízo suficiente para não mencionar sequer o nome de um oficial mais de uma vez por dia, a não ser que, por uma ordem maliciosa e cruel do Departamento de Guerra, outro destacamento viesse acampar em Meryton.

A data fixada para sua viagem pelo Norte aproximava-se rapidamente. Faltavam apenas quinze dias quando chegou uma carta da senhora Gardiner, que não só adiava a partida como abreviava a duração do passeio. Os negócios impediam o senhor Gardiner de sair de Londres até quinze dias depois da data marcada e o obrigavam a regressar dentro de um mês. Não daria para irem tão longe quanto planejaram e impediria, pelo menos, que visitassem tudo com o vagar e o conforto que haviam idealizado. Viam-se, desse modo, obrigados a desistir de vez dos Lagos. Urgia fazer um circuito mais reduzido. De acordo com o novo plano, não iriam para além de Derbyshire. Naquele condado havia muito que ver e daria para preencher as três semanas de que dispunham. Para a senhora Gardiner, tal plano tinha um encanto particular; considerava aquela região, onde ela passara alguns anos da sua vida, tão digna de atenção quanto a célebre região dos Lagos.

Elizabeth ficou muito desapontada. Desejava ardentemente ver os Lagos e achava que teriam tempo suficiente para isso. Não tinha, porém, outra alternativa senão contentar-se, e em breve a sua decepção passou.

Muitas ideias se associavam a esse condado de Derbyshire. Era impossível ler a palavra sem pensar em Pemberley e em seu proprietário: “Decerto poderei penetrar naquela região e espriar por ela os meus olhos,

sem que ele dê por mim.”

O período de espera fora agora duplicado. Seriam quatro semanas até a chegada dos tios. Essas semanas, porém, em breve passaram, e o senhor e a senhora Gardiner apareceram finalmente em Longbourn, acompanhados dos quatro filhos. As crianças, duas garotas de seis e oito anos de idade

e dois rapazes mais novos, ficariam entregues aos cuidados da prima Jane, cujo bom senso, doçura e gênio pareciam destiná-la à missão de cuidar

das crianças.

Os Gardiners ficaram apenas uma noite em Longbourn e partiram na manhã seguinte com Elizabeth, em busca de aventuras. Um prazer, pelo menos, lhe estava garantido: o de ter bons companheiros de viagem, saudáveis e empreendedores para suportar os pequenos contratemplos, bem-humorados para realçar todos os prazeres e afetuosos e inteligentes de modo a sugerirem novas distrações, caso deparassem com decepções no caminho.

Não vamos fazer a descrição de Derbyshire, nem dos vários locais famosos pelos quais passaram. Oxford, Blenheim, Warwick, Kenilworth, Birmingham, etc. Apenas uma pequena parte de Derbyshire nos interessa, a cidade de Lambton, onde a senhora Gardiner residira e para onde eles se encaminharam. Descobrira recentemente que ali ainda se encontravam alguns dos seus velhos conhecidos, e aí Elizabeth soube, pela tia, que Pemberley estava a oito quilômetros de distância. Para lá chegar teriam de fazer um pequeno desvio de cinco quilômetros. Na véspera, ao conversarem sobre o itinerário, a senhora Gardiner tornou a manifestar seu desejo de rever a propriedade. O senhor Gardiner concordou e perguntaram a Elizabeth se ela aprovava a ideia. A tia questionou:

– Minha querida, não gostarias de ver esse lugar de que tanto ouviu falar? Um lugar onde muitos dos teus conhecidos já moraram. Wickham passou ali a sua mocidade.

Elizabeth ficou embaraçada. Ela não sentia qualquer interesse em ver Pemberley e foi obrigada a manifestar sua pouca disposição. Declarou que estava cansada de ver grandes casas e, após percorrer tantas, já não encontrava prazer nos belos tapetes ou nas cortinas de cetim.

A senhora Gardiner zombou da sua ingenuidade.

– Se Pemberley fosse apenas uma casa ricamente mobiliada, também eu não teria grande empenho em ir; mas o parque é lindo e os bosques são dos

mais belos do país.

Elizabeth não respondeu, mas, em seu íntimo, não concordava. Imediatamente lhe ocorrera a possibilidade de encontrar o senhor Darcy enquanto visitava o local, e isso seria horrível. A simples ideia a fazia corar. Talvez fosse preferível contar tudo à tia do que correr tal risco. Mas havia objeções. Decidiu, por fim, não recorrer a tais meios, caso as indagações particulares que fizessem lhes revelassem a presença da família em Pemberley.

Nesta ordem de ideias, à noite, quando se retirou para se deitar, perguntou à criada se era verdade que Pemberley era um local bonito, qual era o nome do proprietário e, com íntimo alarme, se a família ali se encontrava passando o verão. Por sorte, a última pergunta foi respondida negativamente. Ela sentiu agora grande curiosidade em ver a casa. Quando o assunto foi de novo abordado no dia seguinte e novamente lhe perguntaram sua opinião, ela respondeu, prontamente e com ar de indiferença, que não tinha objeções ao plano.

Capítulo 43

No caminho, Elizabeth esperava, emocionada, a primeira aparição dos bosques de Pemberley. Quando finalmente passaram os portões e entraram no parque, sua agitação cresceu ainda mais. O parque era imenso e tinha aspectos muito variados. Entraram nele pela parte mais baixa e, durante algum tempo, rodaram por um belo e extenso bosque.

Elizabeth via e admirava todas as vistas e recantos pitorescos. Durante quase um quilômetro, foram subindo suavemente, até que chegaram ao topo de um morro bastante alto, onde o bosque cessava.

No outro lado do parque avistava-se de imediato a casa de Pemberley, e a estrada, virando bruscamente, descia em direção a ela. Tratava-se de um belo e imponente edifício, situado na encosta de uma colina, por detrás da qual se elevava uma ou outra série de colinas arborizadas. Em frente à casa, corria um riacho regular que, represado, formava um pequeno lago. Suas margens não haviam sido adornadas pela mão do homem. Elizabeth estava encantada. Nunca vira lugar tão bem-dotado pela natureza. Ali, sua beleza natural não fora ainda adulterada por artifícios de um gosto duvidoso. Todos manifestavam sua admiração; e, naquela altura, Elizabeth

sentiu que ser proprietária de Pemberley significaria alguma coisa!

Desceram a colina, atravessaram a ponte e aproximaram-se da residência. Ao examiná-la de perto, Elizabeth foi de novo assaltada pelas suas apreensões de um possível encontro com o dono da casa. Receava que a criada tivesse se enganado. Depois de pedirem para ver a casa, foram introduzidos na sala de entrada. Enquanto esperavam pela governanta,

Elizabeth teve todo o tempo para se conscientizar a respeito do lugar em que estava.

Chegou a governanta, uma senhora idosa, de aspecto respeitável, muito mais simples e amável do que Elizabeth esperava. Seguiram-na até a sala de jantar. Tratava-se de uma dependência bastante grande, bem proporcionada e mobiliada com gosto e elegância.

Após examiná-la, Elizabeth foi até uma das janelas para apreciar a vista. A colina pela qual tinham descido, coroada pelas frondosas árvores, parecia mais abrupta e ganhava em beleza vista de longe. Tudo naquele local tinha as condições ideais; e ela contemplou toda a paisagem com encanto; o rio, as árvores espalhadas pelas suas margens e o vale serpenteando até se perder de vista.

À medida que passavam de quarto em quarto, a cena variava e, de todas as janelas, a vista era magnífica. Os quartos eram espaçosos e elegantes e a mobília revelava a riqueza do proprietário. Elizabeth reparou, enquanto admirava seu bom gosto, que os móveis não eram nem vistosos demais nem exageradamente rebuscados. Eram mais sóbrios e também mais elegantes que os de Rosings.

“E pensar que eu poderia ser a dona de tudo isto! A essas horas já estaria suficientemente familiarizada com todos esses quartos! Em vez de os percorrer como uma estranha, poderia alegrar-me de os possuir e receber neles, como visitantes, meu tio e minha tia” – pensou. Mas, voltando a si, continuou: “Mas não, isso nunca poderia acontecer. Meu tio e minha tia estariam perdidos para mim. Jamais me autorizariam a recebê-los”.

Essa foi uma lembrança oportuna, pois evitou sentir algo parecido com um arrependimento. Estava ansiosa para perguntar à governanta se acaso o senhor sempre se ausentava, mas não tinha coragem. Finalmente, a pergunta acabou sendo feita pelo tio. Ela afastou-se um pouco, alarmada, quando a senhora Reynolds respondeu que ele estava ausente, e acrescentou:

– Mas o esperamos amanhã com um grupo de amigos.

Elizabeth deu graças a Deus por terem vindo exatamente naquele dia, e não no dia seguinte. A tia chamou-a, então, para ver um quadro. Ela aproximou-se e viu sobre a lareira, entre várias miniaturas, um retrato do senhor Wickham. A senhora Gardiner perguntou, sorrindo, se Elizabeth gostava do quadro. A senhora Reynolds aproximou-se e disse que se tratava de uma gravura do filho do administrador do seu falecido patrão, que o tinha educado como se fosse seu filho:

– Ultimamente ingressou no Exército – acrescentou ela –, mas receio que ele não vá muito longe.

A senhora Gardiner olhou para a sobrinha com um sorriso que Elizabeth não pôde retribuir.

A senhora Reynolds apontou para uma outra miniatura e disse:

– Este é o meu atual patrão. O retrato é bastante fiel e foi feito ao mesmo tempo que o outro, há oito anos.

– Tenho ouvido dizer que seu patrão é um belo homem – a senhora Gardiner, olhando para o retrato. – Parece simpático. Mas, Lizzy, você é que nos poderá dizer se ele se parece ou não.

– Esta senhorita conhece o senhor Darcy?

Elizabeth corou e respondeu:

– Um pouco.

– E não o acha um belo tipo de homem?

– Sim, é mesmo.

– Creio que não conheço ninguém que o supere, mas, na galeria lá em cima, verão um outro retrato dele, maior e melhor. Esta sala era o lugar favorito do meu falecido patrão, e essas miniaturas estão exatamente no lugar onde estavam quando ele era vivo. Ele gostava muito delas.

A senhora Reynolds chamou, em seguida, a atenção dos visitantes para um retrato da senhorita Darcy, pintado quando ela tinha apenas oito anos de idade.

– E a senhorita Darcy também é bonita? – perguntou o senhor Gardiner.

– Oh, sim! É a moça mais bonita que eu já vi. É tão bem-dotada! Toca piano e canta o dia inteiro. Na sala contígua está um novo instrumento que acabou de chegar para ela. É um presente do meu patrão. Ela chega amanhã também.

O senhor Gardiner, com o seu modo agradável e comunicativo, encorajava a senhora Reynolds com perguntas e observações. Ela, por

orgulho ou afeição, demonstrava um prazer evidente em falar do patrão e da irmã dele.

– Seu patrão vem muitas vezes a Pemberley?

– Não tanto quanto eu desejaria, mas calculo que, ao todo, passe metade do ano aqui. A senhorita Darcy vem sempre todos os verões.

“Exceto” – pensou Elizabeth – “quando ela vai para Ramsgate”.

– Se o seu patrão se casasse, a senhora o teria mais vezes aqui.

– Sem dúvida, mas não sei quando isso acontecerá. Não conheço ninguém que esteja à altura dele.

O senhor e a senhora Gardiner sorriram, então Elizabeth não pôde evitar dizer:

– Esse é um grande elogio que está lhe fazendo.

– Mas é a pura verdade, e todos os que o conhecem dirão a mesma coisa – replicou a senhora Reynolds.

Elizabeth achou que ela exagerava, mas, com maior assombro ainda, ouviu a governanta acrescentar:

– Nunca o ouvi dizer uma palavra ríspida em toda a minha vida. E eu o conheço desde que ele tinha quatro anos de idade.

Era o elogio mais extraordinário de todos, mais oposto às ideias de Elizabeth. Ela considerava o senhor Darcy um homem mal-humorado. Sua curiosidade foi despertada. Queria mais informações, e intimamente ficou grata ao tio, pois este continuou:

– Tem muita sorte em ter um patrão assim.

– Sim, senhor, sei muito bem disso. Se eu saísse por esse mundo afora, estou certa de que não encontraria outro melhor. Mas já notei que as pessoas de bom caráter em criança também o são quando adultos. E o senhor Darcy, quando pequenino, tinha um temperamento de anjo e um coração de ouro.

Elizabeth ficou boquiaberta. “Será a mesma pessoa?” – pensou ela.

– O pai era um homem excelente – disse a senhora Gardiner. – Era mesmo, minha senhora. O filho não ficará atrás. É igualmente afável com os pobres.

Elizabeth ouvia espantada e duvidava, mas ficou impaciente. A senhora Reynolds não poderia interessá-la de outro modo. Em vão, ela falava sobre as personagens que os quadros representavam, as dimensões da sala e o preço dos móveis. O senhor Gardiner, a quem enternecia aquela afeição pela família, sentimento ao qual ele atribuía os excessivos louvores da

senhora Reynolds, voltou a introduzir o assunto. A senhora Reynolds discorreu, enérgica e calorosa, sobre as qualidades do patrão enquanto subiam a ampla escadaria.

– Ele é o proprietário mais bondoso e o melhor dos patrões que jamais

existiu – dizia ela. – Não é como os jovens de hoje, que só pensam em si. Não existe um só dos seus rendeiros ou criados que não fale dele com admiração. Há quem diga que ele é orgulhoso, mas nunca pensei isso. Deve ser porque ele é mais fechado que a maioria dos outros jovens.

“Sob que luz favorável ela o coloca” – pensou Elizabeth.

– Essas informações não condizem com o seu procedimento para com o nosso pobre amigo – sussurrou a tia enquanto caminhavam.

– Talvez estejamos enganadas.

– Não é provável. O testemunho é dos melhores.

Após chegarem ao espaçoso patamar, foram introduzidos numa linda sala de estar, decorada recentemente, e com maior elegância e graça. Informaram que tudo aquilo tinha sido feito em atenção à senhorita Darcy, que tinha manifestado preferência por aquela sala da última vez que estivera em Pemberley.

– Ele é, certamente, um bom irmão – comentou Elizabeth, enquanto se encaminhava para uma das janelas.

A senhora Reynolds antecipava a surpresa da senhorita Darcy ao entrar naquele aposento.

– Tudo o que ele possa fazer para agradar a irmã, manda imediatamente executar. E é sempre assim o seu modo de agir. Não existe nada que não faça para procurar deixá-la feliz.

A galeria de retratos e os dois ou três quartos de dormir principais

era tudo o que lhes restava para ver. A galeria continha muitos quadros interessantes, mas Elizabeth pouco entendia de pintura. Já quando lhe tinham mostrado os outros, no andar inferior, ela afastara-se para examinar uns desenhos a lápis, de autoria da senhorita Darcy, cujos assuntos eram, em geral, mais interessantes e também mais fáceis de entender.

Na galeria havia também muitos retratos da família. Esses quadros, porém, pouco interesse ofereciam a uma estranha. Elizabeth procurou neles, apenas, os traços que conhecia.

Por fim, um desses retratos despertou sua atenção. Tratava-se de alguém

cujo rosto se parecia notavelmente com o do senhor Darcy e no qual transparecia um sorriso que ela se lembrava de já ter visto nele, quando ele a contemplava. Parou durante vários minutos diante do quadro, olhando-o fixamente. Antes de sair da galeria, voltou para examiná-lo mais uma vez. A senhora Reynolds informou que o quadro do falecido senhor Darcy fora pintado ainda em vida.

Existia naquele momento, no coração de Elizabeth, um sentimento de ternura para com o atual proprietário de Pemberley como jamais tivera no período em que melhor o conhecera. Os elogios a ele tecidos pela senhora Reynolds não eram pouca coisa. Nenhum louvor é mais valioso do que o de um criado inteligente. Após terem terminado a visita, tornaram a descer as escadas e, ao despedirem-se da governanta, foram entregues aos cuidados do jardineiro, que os esperava na sala de entrada.

Enquanto atravessavam o gramado em direção ao riacho, Elizabeth voltou-se para ver novamente a casa. Sua tia também se detivera, e, enquanto a primeira fazia conjecturas sobre a data em que o edifício fora construído, o proprietário em pessoa surgiu de súbito na alameda que conduzia às cocheiras, do outro lado da casa.

Seu aparecimento fora tão repentino que fora impossível a Elizabeth esconder-se. Seus olhares imediatamente se cruzaram e ambos ficaram muito corados. Ele teve um sobressalto e, por momentos, a surpresa o paralisou. Voltando a si, adiantou-se para o grupo e falou com Elizabeth, senão com uma calma absoluta, pelo menos com uma amabilidade sem limites.

Elizabeth, que se virara de forma instintiva, ao vê-lo se aproximar, se deteve e recebeu seus cumprimentos com um embaraço impossível de dominar. Se sua aparência, a princípio, ou sua semelhança com o retrato que tinham acabado de examinar não bastassem para o senhor e a senhora Gardiner perceberem que se encontravam perante o senhor Darcy em pessoa, a expressão de surpresa do jardineiro ao ver o patrão teria sido suficiente para o revelar.

Conservaram-se um pouco afastados enquanto ele conversava com a sua sobrinha, e esta, atônita e embaraçada, mal ousava erguer os olhos, e respondia inconscientemente às perguntas de cortesia que ele lhe fazia sobre a sua família. Bastante surpresa com a alteração dos seus modos desde a última vez que o vira, cada frase que ele pronunciava aumentava ainda mais a confusão dentro dela. Tomando de novo consciência de toda a

inconveniência de ele a encontrar ali, os poucos minutos em que estiveram juntos tornaram-se os mais penosos da sua vida. Ele tampouco parecia estar à vontade. Enquanto falava, o tom da sua voz não aparentava a firmeza habitual. As perguntas, várias vezes repetidas, de quando ela saíra de Longbourn e por quanto tempo se demoraria em Derbyshire, assim como o atropelo com que ele as pronunciava, tornavam evidente quão distantes seus pensamentos andavam. Por fim, nada mais encontrou para dizer; e, após ter permanecido alguns momentos em silêncio, o senhor Darcy voltou de súbito a si e despediu-se.

Os outros, então, juntaram-se a ela e exprimiram toda a sua admiração por tão garbosa figura. Elizabeth, inteiramente absorta em seus pensamentos, não ouviu uma palavra sequer do que lhe disseram. Acompanhou-os em silêncio; sentia-se esmagada de vergonha e de contrariedade. Ir ali fora era a ideia mais irrefletida e infeliz do mundo. Como ele deveria estranhar tal encontro! E sob que luz não a colocaria aos olhos de homem tão vaidoso!

Poderia até parecer que ela se colocara no seu caminho de propósito! Oh, por que tinham vindo? Ou por que havia ele de vir na véspera do dia em que era esperado? Se tivessem saído dez minutos mais cedo de Pemberley, ele não a teria reconhecido de longe, pois era evidente que chegara naquele momento e que tinha acabado de se apear do cavalo ou da carruagem. Ela corou várias vezes ao recordar-se da perversidade daquele acaso. E o que significaria aquela alteração em seus modos? Era espantoso que ele lhe tivesse dirigido a palavra, sequer. E falar com tanta amabilidade e perguntar pela família dela! Elizabeth nunca lhe vira maneiras tão cordiais e tão pouco cerimoniais. Nunca ele lhe falara com tanta doçura como durante aquele inesperado encontro. Que diferença, desde aquela ocasião em que falara com ela em Rosings Park, a fim de lhe entregar a carta. Ela não sabia o que pensar nem como explicar tudo aquilo.

Tinham agora penetrado numa simpática vereda que acompanhava as margens do riacho e, a cada passo que davam, aproximavam-se cada vez mais de uma das mais belas partes do bosque. Só algum tempo depois é que Elizabeth despertou para o que a rodeava, e, embora respondesse mecanicamente aos repetidos apelos dos tios para que contemplasse os panoramas que lhe apontavam, não distinguia bem nenhum detalhe da paisagem. Seus sentimentos voltavam-se para a casa de Pemberley e procuravam adivinhar em que lugar o senhor Darcy se encontrava agora.

Adoraria saber o que lhe passava naquele momento pelo espírito, de que maneira pensava nela, e se, apesar de tudo, ainda tinha alguma afeição por ela. Talvez ele tivesse se mostrado tão amável porque se sentisse indiferente. No entanto, na voz dele havia transparecido certa insegurança. Elizabeth não sabia se ele sentira aborrecimento ou prazer ao vê-la, mas certamente não permanecera indiferente.

Por fim, as observações dos tios à sua distração acabaram por despertá-la e ela lembrou-se de que era necessário aparentar maior naturalidade.

Adentraram o bosque e, dizendo adeus ao riacho por algum tempo, subiram para uma região mais elevada. Ali, através de clareiras ocasionais, descobriram encantadoras vistas do vale, das colinas do outro lado, recobertas de extensos bosques, e do riacho. O senhor Gardiner exprimiu seu desejo de percorrer todo o parque, e, se possível, a pé, mas o jardineiro, triunfante, informou que o parque tinha mais de quinze quilômetros de extensão. Teriam, portanto, de se contentar com o circuito habitual. Elizabeth desejara explorar os meandros do riacho, mas, depois de atravessarem a ponte e perceberem a distância que estavam da casa, a senhora Gardiner, que não gostava muito de caminhar, declarou não poder avançar mais e desejar voltar para a carruagem o mais depressa possível. Elizabeth viu-se, assim, obrigada a submeter-se, e o grupo tomou de novo a direção da casa, do outro lado do rio, enveredando pelo caminho mais curto. A caminhada, porém, era lenta, pois o senhor Gardiner, que gostava muito de pescar, mas raramente tinha a oportunidade de o fazer, detinha-se a todo o instante para observar as trutas e fazer perguntas ao homem que os acompanhava.

Enquanto caminhavam, tiveram novamente a surpresa de avistar o senhor Darcy, que se aproximava deles a pequena distância. O espanto de Elizabeth por pouco ultrapassou aquele que sentira no primeiro encontro. A vereda pela qual seguiam, que era menos abrigada que a do outro lado, permitiu vê-lo antes de se encontrarem. Elizabeth, embora espantada, estava preparada para a entrevista. Resolveu que se exprimiria com calma, acaso o senhor Darcy pretendesse de fato abordá-los. Por um instante, ela pensou que ele iria virar para outro caminho, mas a ideia apenas prevaleceu enquanto uma curva da alameda o ocultava da sua vista, pois, feita a volta, ele surgiu diretamente diante deles. Elizabeth percebeu que o senhor Darcy nada tinha perdido da sua recente amabilidade; e, para o imitar na sua cortesia, após se encontrarem, ela começou a louvar as

belezas do sítio. Porém, ainda mal tinha pronunciado as palavras “lindo” e “encantador”, quando uma infeliz lembrança a assaltou, e, receando que seus elogios a Pemberley pudessem ser mal interpretados, empalideceu e nada mais disse.

A senhora Gardiner detivera-se um pouco atrás; e, quando Elizabeth se calou, o senhor Darcy pediu que ela lhe desse a honra de o apresentar aos seus amigos. Elizabeth não esperava tal demonstração de cortesia e não pôde deixar de sorrir, ao vê-lo agora procurar o conhecimento daquelas mesmas pessoas contra as quais seu orgulho se tinha revoltado quando lhe propusera casamento.

“Que surpresa a dele quando lhe disser quem eles são! Toma-os, naturalmente, por pessoas de elevada categoria” – pensou ela.

A apresentação foi feita; e, ao mencionar o parentesco que os unia, Elizabeth não pôde deixar de olhar de soslaio para o senhor Darcy, esperando vê-lo fugir o mais depressa que pudesse da companhia de gente tão modesta.

Sua surpresa foi evidente, contudo, ele suportou-a, e, longe de se voltar para partir, fez questão de regressar com eles e travou uma conversa com o senhor Gardiner. Elizabeth inevitavelmente sentiu-se lisonjeada. Porém, não experimentava nenhum sentimento de triunfo, e era consolador ter a certeza de que ele sabia agora que ela não precisava se envergonhar dos seus parentes. Ouvia com a maior atenção tudo o que se passava entre eles e ficava radiante cada vez que uma expressão ou uma frase do tio revelava sua inteligência, seu bom gosto e suas boas maneiras.

Em breve conversavam sobre a pesca. Ela ouviu o senhor Darcy convidar seu tio, com a maior delicadeza, para pescar no parque todas as vezes que quisesse. Ele ofereceu-lhe também os equipamentos necessários e indicou os trechos do riacho em que a pesca em geral era mais proveitosa.

A senhora Gardiner, que caminhava de braço dado com Elizabeth, lançou na direção da sua companheira um expressivo olhar de surpresa. Ela nada disse, mas sentiu-se muito satisfeita. Não havia dúvidas de que aquela galante atitude lhe era dirigida, mas seu espanto era ilimitado, e, frequentemente, ela repetia para consigo: “Por que razão estará ele tão modificado? Qual será o motivo de tudo isto? Não será por minha causa, pois tudo o que eu lhe disse em Hunsford não poderia causar nele tão grande alteração. É impossível que ele ainda nutra algum amor por mim”.

Após caminharem durante algum tempo naquela disposição – as duas senhoras à frente e os dois cavalheiros atrás –, ao chegarem à margem do rio onde esperavam examinar uma curiosa planta aquática, operou-se uma ligeira alteração. A senhora Gardiner, fatigada pelo exercício daquela manhã, achou o braço de Elizabeth inadequado para nele se apoiar e preferiu o do marido. O senhor Darcy tomou o lugar ao lado de Elizabeth e retomaram a caminhada. Após um curto silêncio, Elizabeth foi quem primeiro tomou a palavra. Desejava tornar do conhecimento do senhor Darcy o fato de ela ter feito as necessárias indagações e lhe terem assegurado que ele se encontraria ausente, condição essencial para sua decisão em visitar o local. Começou, portanto, por observar que sua chegada fora inesperada.

– Sua governanta – acrescentou ela – nos informou que o senhor apenas chegaria amanhã. Além disso, antes de sairmos de Backwell, disseram-nos que o senhor não era esperado tão cedo.

Ele confirmou a informação e respondeu que, por causa de alguns negócios a tratar com seu administrador, se vira forçado a adiantar-se algumas horas aos seus companheiros de viagem.

– Chegarão amanhã cedo – continuou ele – e entre eles virão algumas pessoas que a conhecem: o senhor Bingley e as irmãs.

Elizabeth respondeu com um leve aceno da cabeça. Seus pensamentos imediatamente a levaram para a ocasião em que, pela última vez, o nome do senhor Bingley fora pronunciado entre eles. A julgar pela expressão do rosto dele, seus pensamentos haviam tomado rumo semelhante.

– Do grupo faz parte, também, uma outra pessoa – continuou ele, após uma pausa – que deseja particularmente conhecê-la. Se me permite, lhe apresentarei minha irmã, durante a sua estada em Lambton, ou será que lhe peço muito?

A surpresa de Elizabeth diante de tal pedido foi grande. Na sua perturbação, ela concordou, mas sem saber de que maneira o fazia. Compreendeu imediatamente que esse desejo da senhorita Darcy só poderia ter sido inspirado pelo irmão, e não era preciso refletir muito para descobrir quanto isso a satisfazia. Era agradável saber que o ressentimento do senhor Darcy não o indispusera totalmente contra ela.

Continuaram caminhando em silêncio, ambos mergulhados nas próprias reflexões. Elizabeth não se sentia à vontade, pois isso era impossível; mas sentia-se lisonjeada e satisfeita. O desejo dele em lhe apresentar a irmã era

muito lisonjeador. Em breve se haviam distanciado bastante dos outros, e, quando chegaram perto da carruagem, o senhor e a senhora Gardiner estavam ainda a uns duzentos metros mais atrás.

O senhor Darcy convidou-a a entrar, mas Elizabeth declarou não estar cansada, e eles esperaram juntos no relvado. Numa ocasião como aquela, muitas coisas podiam ser ditas, e o silêncio era embaraçoso. Elizabeth gostaria de conversar, mas em quase todos os assuntos parecia haver um obstáculo. Por fim, ela lembrou-se de que estivera viajando, e então falaram de Matlock e de Dove Dale com grande insistência. Contudo, o tempo e a tia pareciam caminhar lentamente, e, antes que o diálogo terminasse, ela tinha esgotado a paciência e o assunto. Quando o senhor e a senhora Gardiner enfim chegaram, foram convidados a entrar; e, tendo recusado, todos se separaram com a maior cortesia. O senhor Darcy ajudou as senhoras a entrarem na carruagem e, quando esta se afastou, Elizabeth viu-o caminhando devagar em direção à casa.

As observações dos tios tiveram então início. Ambos declararam que o tinham achado infinitamente superior ao que esperavam.

– Ele é impecável de educação, afabilidade e modéstia – disse o senhor Gardiner.

– Existe um quê de frieza nos seus modos – replicou a senhora Gardiner.

– Mas, parafraseando a senhora Reynolds, embora haja quem o considere orgulhoso, nada notei dessa natureza.

– O que mais me surpreendeu foram suas maneiras conosco. Eram mais do que polidas, eram atenciosas. E, contudo, suas relações com Elizabeth são bastante recentes.

– Naturalmente, Lizzy – opinou a senhora Gardiner –, ele não será tão bonito quanto o senhor Wickham, embora seus traços sejam perfeitamente regulares. Não compreendo por que nos disse que ele era tão desagradável.

Elizabeth desculpou-se da melhor forma; falou que o achara mais simpático da última vez que estivera com ele em Kent e que nunca o vira tão amável como naquela manhã.

– Talvez ele seja um pouco excêntrico em suas amabilidades – replicou o senhor Gardiner. – É frequente nos homens importantes; por isso, não tomarei ao pé da letra seu convite para pescar, pois é possível que amanhã tenha mudado de ideia e me expulse do seu parque.

Elizabeth sentiu que eles se enganavam redondamente sobre o verdadeiro caráter do senhor Darcy, mas nada disse.

– Pelo que vimos dele – continuou a senhora Gardiner –, jamais poderia imaginar que fosse capaz de agir de maneira tão cruel contra alguém como o fez com o pobre Wickham. Sua expressão não revela mau-caráter, pelo contrário, ele tem um modo de mover os lábios quando fala que muito me agrada, e há uma dignidade no seu rosto que dificilmente daria a alguém uma ideia desfavorável do seu coração. Aliás, a boa mulher que nos mostrou a casa atribui-lhe as melhores qualidades. Creio que ele deva ser um patrão condescendente, e, aos olhos de um criado, isso resume todas as virtudes.

Elizabeth sentiu que era o momento de dizer alguma coisa para justificar o procedimento de Darcy em relação a Wickham, e deu a entender aos tios que, pelo que ouvira de seus parentes em Kent, os atos dele eram suscetíveis de uma interpretação totalmente diferente. Que, além disso, seu caráter não era de longe tão defeituoso quanto o tinham suposto em Hertfordshire, e que, por outro lado, o de Wickham estava longe de ser tão perfeito. E, para confirmar o que lhes dizia, relatou os detalhes de todas as transações monetárias em que ele se envolvera, sem revelar, no entanto, o nome da pessoa que a informara, acrescentando que ela era digna de todo

o crédito.

A senhora Gardiner mostrou-se surpreendida e preocupada; mas, como se aproximavam do lugar onde ela residira na mocidade, a tia entregou-se a todo o encanto das suas recordações, e estava tão ocupada em mostrar ao marido as maravilhas das redondezas que se esqueceu do resto.

Apesar de todas as fadigas da manhã, logo após o almoço tornaram a sair em busca dos conhecidos da senhora Gardiner, e esta passou a tarde entregue ao prazer de reatar antigos laços de amizade.

As ocorrências desse dia tinham sido muito interessantes para que Elizabeth viesse a prestar uma maior atenção a esses novos amigos; e não podia fazer outra coisa senão pensar e refletir com assombro nas amabilidades do senhor Darcy, e, sobretudo, no seu desejo de lhe apresentar

a irmã.

Capítulo 44

Elizabeth combinara com o senhor Darcy que ele traria a irmã para conhecê-la logo no dia seguinte ao da chegada dela a Pemberley, e decidiu não se afastar da hospedaria durante essa manhã. Porém, logo na manhã seguinte ao da sua chegada a Lambton, surgiram os visitantes. Elizabeth e os tios tinham andado passeando pela cidade com alguns dos seus novos amigos e acabavam de regressar à hospedaria, a fim de se vestirem para jantar com a mesma família, quando o ruído de uma carruagem os atraiu a uma janela. Elizabeth imediatamente reconheceu a libré e, compreendendo o que significava, informou, com grande surpresa dos seus parentes, a honra que estava esperando.

Seus tios ficaram estupefatos; e, tanto o embaraço de Elizabeth ao comunicar tal acontecimento como a circunstância em si, acrescida ainda à lembrança das muitas outras coisas do dia precedente, lhes deu uma nova visão do que realmente se passava. Nada o havia sugerido antes, mas sentiam agora não haver outra maneira de explicar as atenções do senhor Darcy sem supor um interesse dele pela sobrinha. Enquanto essas novas ideias lhes tomavam o pensamento, a perturbação de Elizabeth crescia a cada instante. Ela mesma se surpreendeu com seu nervosismo. Além de outras inquietações, ela temia que o senhor Darcy, com sua parcialidade, houvesse exagerado na apologia da sua pessoa; e, ansiosa como nunca por agradar, desconfiava naturalmente de que todos os seus recursos seriam escassos.

Elizabeth afastou-se da janela, receando ser vista; e, enquanto caminhava de um lado para o outro, procurando acalmar-se, reparou nos olhares curiosos dos tios, o que dificultou tudo ainda mais.

O senhor Darcy e a irmã apareceram, e aquela temível apresentação teve lugar. Com espanto, Elizabeth percebeu que a nova conhecida estava tanto ou mais embaraçada do que ela. Desde que se encontrava em Lambton, Elizabeth ouvira várias vezes dizer que a senhorita Darcy era extremamente orgulhosa. Mas aquele exame de alguns minutos bastou para constatar que ela era apenas bastante tímida. Foi muito difícil arrancar dela outras palavras que não fossem simples monossílabos.

A senhorita era alta e mais corpulenta do que Elizabeth, e, embora contasse pouco mais de 16 anos, suas formas eram bem desenvolvidas e sua aparência era graciosa. Seus traços eram menos regulares e belos do que os do irmão, mas transparecia neles o bom senso e a cordialidade, e seus modos eram perfeitamente simples e delicados. Elizabeth, que

receava encontrar nela uma observadora tão perspicaz e implacável como o senhor Darcy se mostrara, sentiu-se bastante aliviada ao discernir tamanha diferença de personalidade.

Poucos momentos depois de chegar, o senhor Darcy informou que Bingley também viria apresentar seus cumprimentos, e Elizabeth mal tivera tempo de exprimir sua satisfação quando ouviu na escada os passos rápidos de Bingley, e, no mesmo instante, ele surgiu na sala. Há muito que se tinha acalmado todo o ressentimento de Elizabeth contra ele. Mesmo que ainda conservasse um resto daqueles sentimentos, teria sido impossível resistir à singela cordialidade dele ao tornar a vê-la. Ele perguntou pela sua família, embora de um modo vago, falando com a mesma tranquilidade bem-humorada de sempre.

O senhor e a senhora Gardiner olharam para ele também com muito interesse. Há muito que desejavam conhecê-lo. O grupo todo, aliás, despertava neles a mais viva curiosidade. As suspeitas que neles brotaram em relação ao senhor Darcy e à Elizabeth fizeram com que os observassem atenta, mas reservadamente. Concluíram que um deles, pelo menos, sabia o que era o amor. Quanto aos sentimentos da sobrinha ficaram um pouco na dúvida, mas era evidente que o jovem tinha por ela uma fervorosa

admiração.

Elizabeth, por outro lado, tinha muito que fazer. Queria certificar-se dos sentimentos de cada um dos visitantes, dominar os seus e tornar-se agradável para todos. Em Bingley encontrou a melhor das disposições, Georgiana ansiava por satisfazê-la e Darcy estava ávido por suas atenções.

Diante de Bingley, Elizabeth lembrou-se naturalmente da irmã; e, naquele momento, ela teria dado tudo para saber se os pensamentos dele tinham tomado o mesmo rumo que os seus. Por vezes, ela tinha a sensação de que ele falava menos do que o costume; e outras vezes parecia que, ao olhar para ela, ele procurava encontrar em seu rosto a semelhança de outra pessoa. Mas, embora tudo isso não passasse de pura imaginação, Elizabeth não se iludia quanto ao comportamento dele com a senhorita Darcy, na qual certas pessoas tinham esperado encontrar uma rival de Jane. Nem de um lado nem de outro, um só olhar deixou transparecer qualquer interesse especial. Nada se passou entre eles que pudesse justificar as perspectivas da senhorita Bingley.

Antes de partirem, um ou dois pequenos fatos ocorreram que, segundo a

interpretação ansiosa de Elizabeth, denotavam uma recordação de Jane, não destituída de ternura, e um desejo de dizer algo mais que poderia conduzir à menção do seu nome, tivesse ele ousado. O senhor Bingley observou, numa dada altura, em que todos os outros estavam conversando, e num tom que demonstrava certa mágoa, que “há muito tempo ele não tinha o prazer de vê-la”. Antes que ela pudesse responder, acrescentou: “Há mais de oito meses. Não nos vemos desde o dia 26 de novembro, quando nos encontrávamos todos dançando em Netherfield”. Num outro momento ele lhe perguntou se todas as suas irmãs estavam em Longbourn. A pergunta nada

tinha de excepcional, assim, como a observação precedente, mas seu olhar e sua atitude eram significantes.

Elizabeth não teve muitas ocasiões de voltar os olhos para o senhor Darcy, mas, todas as vezes que o olhava de relance, surpreendia nele uma expressão de contentamento, e tudo o que ele dizia era num tom tão diferente da sua antiga altivez e desdém que Elizabeth se convenceu de que a melhoria nos modos dele que ela presenciara na véspera, por mais temporária que fosse, demorava pelo menos mais de um dia. Quando ela o via assim, ocupado em procurar a companhia e a boa opinião de pessoas com as quais, ainda há tão poucos dias, teria julgado desonroso manter relações, quando o ouvia tratar com a maior amabilidade não só a ela, Elizabeth, mas aos seus próprios parentes, que ele tão abertamente desdenhara durante aquela cena no presbitério de Hunsford, a mudança parecia tão radical e impressionava-a a tal ponto que só com o maior esforço ela conseguia esconder sua surpresa. Nunca o vira tão desejoso de agradar, tão livre de orgulhos e rígidas reservas como agora.

Os visitantes permaneceram com eles mais de meia hora; e, quando se levantaram para partir, o senhor Darcy dirigiu-se à irmã, pedindo que reiterasse o convite que ele fazia aos Gardiners e a Elizabeth para um jantar em Pemberley antes da sua partida. A senhorita Darcy logo concordou, embora com uma timidez que revelava o pouco hábito de fazer convites. A senhora Gardiner olhou para a sobrinha, desejosa de saber se Elizabeth, a quem o convite principalmente se destinava, estava disposta a aceitar, mas ela voltara o rosto. Presumindo, porém, que tal atitude exprimia mais um momentâneo embaraço do que qualquer desagrado na proposta, e percebendo que o marido, que apreciava a sociedade, estava

disposto a aceitar, ela deu seu consentimento, e o jantar foi marcado para dali a dois dias.

Bingley exprimiu então todo o seu prazer em tornar a ver Elizabeth, pois tinha ainda muito o que lhe dizer e perguntas a fazer sobre seus amigos de Hertfordshire. Elizabeth, notando nisso o seu desejo de ouvir falar em Jane, ficou satisfeita.

Depois que os visitantes partiram, ela ficou pensando naquela última meia hora com certa satisfação. Ansiosa por ficar sozinha e temendo as perguntas e alusões dos tios, permaneceu na companhia deles apenas o tempo necessário para ouvir suas opiniões favoráveis sobre Bingley, depois os deixou precipitadamente, pretextando ter de se vestir.

Entretanto, ela não tinha razão em temer a curiosidade do senhor e da senhora Gardiner, pois nenhum deles desejava forçar suas confidências. Ficou evidente que Elizabeth conhecia o senhor Darcy muito mais intimamente do que eles tinham suposto. E percebiam que ele estava apaixonado por ela. Sentiam por tudo aquilo um grande interesse, porém nada que justificasse perguntas.

Quanto ao senhor Darcy, ansiavam por imaginar as melhores coisas a respeito dele, e, tanto quanto o conheciam, não encontravam nele qualquer defeito. Não podiam deixar de se sentir impressionados pela sua delicadeza; e, se fossem julgar seu caráter pelas próprias impressões e pelas informações da governanta, sem qualquer referência a outro respeito, o círculo de pessoas de Hertfordshire no qual ele era conhecido não o teria reconhecido como sendo o do senhor Darcy. Viam agora certo interesse em acreditar nas palavras da governanta; e, em breve, concluíram que a opinião de uma criada, que o conhecera desde os quatro anos de idade e cuja aparência era a de uma pessoa digna e respeitável, não poderia ser sumariamente rejeitada. Seus amigos de Lambton, por outro lado, nada sabiam que pudesse diminuir o valor daquele testemunho. De nada o acusavam, a não ser do seu orgulho. Todos eram unânimes, no entanto, em ver nele um homem generoso e pródigo com os pobres.

Quanto a Wickham, os visitantes logo souberam que ele não era muito estimado no lugar, e, embora nada de preciso se soubesse sobre as suas relações com o filho do seu protetor, era, no entanto, sabido que, ao sair de Derbyshire, deixara muitas dívidas, que acabaram por ser saldadas pelo senhor Darcy.

Elizabeth pensou mais em Pemberley naquela noite do que na anterior.

Embora as horas lhe parecessem difíceis de passar, não foram suficientes para chegar a uma conclusão sobre seus sentimentos, e ficou duas horas acordada, tentando ler seu coração. Certamente não o odiava. Não, o ódio há muito se dissipara e há muito também que se envergonhava de ter alguma vez antipatizado com ele. O respeito que as suas valiosas qualidades lhe inspiravam, embora a princípio admitido com relutância, já há bastante tempo deixara de repugnar aos seus sentimentos. Tinha agora se transformado num sentimento mais cordial, graças aos testemunhos tão altamente favoráveis e à impressão positiva que Darcy lhe produzira na véspera. Mas, acima de tudo, encontrava em si mesma um motivo de boa vontade que não poderia ignorar: era a gratidão. Gratidão não só porque ele a amara, mas porque ele ainda a amava o bastante para esquecer toda a petulância com que ela o rejeitara e todas as acusações injustas que fizera ao rejeitá-lo. Ela chegara a imaginar que o senhor Darcy a evitaria como a pior inimiga. No entanto, durante aquele encontro acidental, ele mostrara-se ansioso por reatar relações. Sem exhibir qualquer indelicadeza de sentimentos ou excentricidade de maneiras que sugerisse aquilo que dizia respeito apenas a eles dois, ele procurava angariar a boa opinião dos amigos dela e insistira em apresentá-la à sua irmã. Uma tal mudança num homem tão orgulhoso suscitava não só espanto, mas também gratidão. Só ao amor, e a um amor ardente, é que ela poderia ser atribuída; e a impressão que esse amor sobre ela produzia não era de modo algum desagradável, embora não pudesse ser exatamente definido. Ela o respeitava, o estimava, era grata e sentia um real interesse pelo seu bem-estar; e queria apenas saber até que ponto ela desejava que aquele bem-estar dependesse dela e, para a felicidade de ambos, até que ponto ela deveria empregar o poder que imaginava ainda ter para fazer com que ele renovasse suas atenções.

Concluíram naquela noite, tia e sobrinha, que uma delicadeza tão decisiva como aquela manifestada pela senhorita Darcy, em vir visitá-las no dia da própria chegada a Pemberley, deveria ser retribuída por um esforço de cortesia da sua parte. Decidiram pela conveniência de uma visita a Pemberley na manhã seguinte. Elizabeth gostou da ideia, e, embora se perguntasse sobre o motivo desse contentamento, não encontrou resposta.

O senhor Gardiner deixou-as logo após o café da manhã. O convite para pescar fora renovado no dia anterior, e um encontro havia sido marcado

com alguns dos cavalheiros em Pemberley ao meio-dia.

Capítulo 45

Ciente de que a antipatia da senhorita Bingley era causada pelo ciúme, Elizabeth não podia deixar de antever quão desagradável seria a sua visita a Pemberley para ela, e sentia certa curiosidade em ver até que ponto ela se mostraria amável ao reatar relações.

Ao entrarem na casa, foram conduzidas, através da sala de entrada, ao salão, que, virado ao norte, se tornava muito agradável no verão. Descortinava-se uma vista encantadora das altas colinas cobertas de arvoredos e dos belos carvalhos e castanheiros.

Foram recebidas pela senhorita Darcy e pela senhora com quem ela morava em Londres. A senhora Hurst e a senhorita Bingley também estavam presentes. Georgiana recebeu-as com toda a amabilidade, embora transparecesse aquele embaraço da sua timidez e do seu medo de errar, que poderiam facilmente ser tomados por orgulho e reserva pelas pessoas que lhe eram inferiores. A senhora Gardiner e a sobrinha, no entanto, a compreendiam e tinham pena dela.

A senhora Hurst e a senhorita Bingley limitaram-se a cumprimentá-las de longe com um pequeno aceno de cabeça. Quando todas se sentaram, houve uma pausa embaraçosa durante alguns minutos, que foi quebrada pela senhora Annesley, uma pessoa muito gentil e simpática que, ao tentar introduzir um assunto de conversação, provava ser bem mais educada que qualquer uma das outras duas. Estabeleceu-se uma conversa entre essa senhora e a senhora Gardiner, com o apoio ocasional de Elizabeth. Quanto à senhorita Darcy, parecia desejar apenas certo encorajamento para participar, e, por vezes, arriscava uma frase curta, quando parecia não haver o perigo de ser ouvida.

Elizabeth logo notou que estava sendo atentamente observada pela senhorita Bingley e que não dizia uma só palavra, sobretudo quando se dirigia à senhorita Darcy, sem que a outra não se pusesse à escuta. Esse exame não teria impedido Elizabeth de procurar estabelecer uma conversa com a senhorita Darcy, não fosse esta encontrar-se a uma distância tão inconveniente dela. Esperava a cada momento a entrada dos cavalheiros. Desejava, e ao mesmo tempo temia, que o dono da casa aparecesse entre

eles; e não discernia qual dos seus sentimentos era o mais forte, se o desejo ou o temor. Após permanecerem assim durante um quarto de hora e sem ouvir a voz da senhorita Bingley, Elizabeth teve a sua atenção despertada por uma fria pergunta que aquela lhe fazia sobre a sua família. Ela respondeu com igual indiferença e concisão e a outra nada mais disse.

O acontecimento seguinte foi a entrada dos criados, que traziam travessas de carnes frias, bolos e uma grande variedade das melhores frutas da estação; mas isso só aconteceu após muitos olhares significativos e sorrisos da senhora Annesley para a senhorita Darcy, lembrando-lhe suas obrigações como dona da casa. Havia agora ocupação suficiente para o grupo inteiro, pois, embora nem todas pudessem conversar, todas podiam comer; e as pessoas presentes reuniram-se em volta da mesa, diante das apetitosas pirâmides de uvas, ameixas e pêssegos.

Assim ocupada, Elizabeth teve a oportunidade de refletir se ela realmente temia o aparecimento do senhor Darcy ou se, pelo contrário, o desejava; e, nessa altura, embora minutos antes fosse esse o desejo que predominara, começou a rezear que ele aparecesse.

O senhor Darcy conservara-se durante algum tempo junto do senhor Gardiner, que pescava na companhia de outros dois cavalheiros da casa, mas, ao receber a informação de que Elizabeth e a tia tinham resolvido fazer uma visita a Georgiana naquela manhã, voltou para casa. Assim que ele chegou, Elizabeth resolveu sensatamente fazer o possível para se mostrar bastante tranquila e à vontade; resolução essa mais fácil de ser tomada do que cumprida, pois ela percebeu que a atenção de todo o grupo fora despertada para ambos e, desde o momento em que ele entrou na sala, todos os olhares se voltaram para observar a atitude do senhor Darcy. Porém, em nenhuma fisionomia se espelhava curiosidade tão forte como na da senhorita Bingley, apesar dos seus derramados sorrisos sempre que lhe falava, pois o ciúme ainda não a fizera se desesperar e, de forma alguma, desistiria de encher o senhor Darcy de atenções. Com a chegada do irmão, a senhorita Darcy fez um esforço ainda maior para conversar. Elizabeth percebeu que ele ansiava que a irmã a conhecesse melhor, encorajando todas as tentativas de conversação entre elas. A senhorita Bingley também percebeu tal atitude. Na imprudência da sua cólera, aproveitou a primeira oportunidade para dizer, com um sarcasmo mal disfarçado:

– É verdade, senhorita Eliza, que o destacamento de milícia foi removido

de Meryton? Deve ter sido uma grande perda para a sua família.

Na presença de Darcy ela não ousava pronunciar o nome do senhor Wickham, mas Elizabeth compreendeu que era nele que a senhorita Bingley estava pensando. Por instantes, todas aquelas tristes recordações a lançaram numa certa confusão. Mas, incitando-se vigorosamente para responder a tão malévolo ataque, ela respondeu num tom indiferente. Enquanto falava, lançou um olhar involuntário para Darcy, e viu que este, com o rosto alterado, olhava fixamente para ela, e que a irmã dele, confusa, mantinha os olhos baixos. Se acaso a senhorita Bingley adivinhasse a perturbação que causaria em sua querida amiga, decerto teria evitado a alusão; mas sua intenção fora apenas perturbar Elizabeth, mencionando um homem por quem acreditava que ela nutria afeição, obrigando-a a mostrar uma suscetibilidade que poderia prejudicá-la aos olhos de Darcy, lembrando-lhe todas as loucuras e os absurdos de certos membros da

família de Elizabeth. A senhorita Bingley nada sabia a respeito do planejado rapto da senhorita Darcy. Ninguém sabia, além de Elizabeth; e Darcy desejaria esconder tal fato da família de Bingley, de acordo com aquela esperança que Elizabeth desde há muito lhe atribuía de que um dia aquela família se tornasse a de sua irmã. Ele deve ter formado esse plano, e, embora não admitisse que tal intenção tivesse pesado na sua tentativa de separar o amigo da senhorita Bennet, era provável que aumentasse seu interesse pela vida do amigo.

Contudo, a atitude digna de Elizabeth em breve acalmou aquela emoção. Como a senhorita Bingley, contrariada e desiludida, não ousasse fazer nenhuma menção mais direta a Wickham, Georgiana recompôs-se pouco a pouco, mas não ousou dizer mais uma palavra. Darcy, cujos olhos Elizabeth temia encontrar, já esquecera quase por completo o interesse que esta tivera por Wickham, e aquele ataque, cujo propósito fora afastar seus pensamentos de Elizabeth, pareceu ter efeito exatamente contrário.

Pouco depois terminou a visita. E, enquanto o senhor Darcy acompanhava as senhoras à carruagem, a senhorita Bingley dava expansão aos seus sentimentos, criticando Elizabeth, as suas maneiras e o seu traje. Georgiana, contudo, não a encorajava. Bastava-lhe a recomendação do irmão. Aos seus olhos, o julgamento dele era considerado infalível; e Darcy tinha lhe falado de Elizabeth em termos tão elogiosos que

Georgiana desde logo se dispusera a encontrar nela todos os encantos e as qualidades imagináveis. Quando Darcy voltou ao salão, a senhorita Bingley não se absteve de repetir uma parte do que momentos atrás dissera à irmã dele.

– Eliza Bennet pareceu muito indisposta esta manhã! – exclamou ela.

– Nunca vi uma pessoa mudar tanto em tão pouco tempo. Sua tez tornou-se tão escura e áspera! Louisa e eu estávamos precisamente dizendo que quase não a reconhecemos.

Por mais que essas palavras tivessem desagradado ao senhor Darcy, ele limitou-se a dizer que não notara nela qualquer alteração, a não ser que estava um pouco bronzeada, fato esse que nada tinha de espantoso numa pessoa que viaja no verão.

– Aliás – continuou a senhorita Bingley –, devo confessar que nunca a considere bonita. Seu rosto é fino demais, a pele não tem frescor e os traços não são nada belos. O nariz é insignificante e não tem nada de distinto em suas linhas, e os dentes são razoáveis, mas também nada têm de extraordinário. Quanto aos olhos, que há quem diga que são lindos, também nada encontro de excepcional. Seu olhar é duro e falso. E das suas maneiras desprende-se uma vaidade deselegante que considero intolerável.

A senhorita Bingley acreditava que Darcy admirava Elizabeth, e aquela não seria, portanto, a atitude mais adequada para se fazer valer aos seus olhos, mas o ciúme a fazia perder as estribeiras. Tudo que conseguiu foi vê-lo um pouco irritado. No entanto, ele permaneceu resolutamente calado. Decidida a fazê-lo falar, ela prosseguiu:

– Lembro-me perfeitamente de quando a vi pela primeira vez em Hertfordshire, e de como nós nos surpreendemos de que ela tivesse a fama de ser bonita. Recordo-me particularmente de ouvi-lo dizer, certa noite, depois de um jantar para o qual foram convidados em Netherfield: “Se ela é bonita, nesse caso a mãe dela é inteligente”. Mas, a partir daí, parece-me que mudou um pouco de opinião, pois já o ouvi declarar uma vez que a considerava muito bonita.

– Sim – replicou Darcy, incapaz de se conter por mais tempo –, isso foi quando a vi pela primeira vez, pois há muito tempo que a considero uma das mulheres mais belas que conheço.

Ele então afastou-se, e a senhorita Bingley se viu entregue à satisfação de o ter forçado a dizer uma coisa que não magoava a ninguém a não ser a ela

própria.

No regresso, a senhora Gardiner e Elizabeth conversaram a respeito de tudo o que acontecera durante a visita, exceto sobre seu principal interesse. Discutiram a atitude e as palavras de todos, exceto as da pessoa que mais fortemente havia atraído sua atenção. Falaram na irmã, nos amigos, na casa, nas frutas, em tudo, exceto nele próprio. Contudo, Elizabeth ansiava por saber a opinião da senhora Gardiner sobre ele; e a senhora Gardiner teria ficado muito satisfeita se Elizabeth tivesse introduzido o assunto.

Capítulo 46

Ao chegar a Lambton, Elizabeth ficou decepcionada por não encontrar uma carta de Jane. No terceiro dia, contudo, sua expectativa foi recompensada; e Jane, reabilitada, pois recebeu da irmã duas cartas ao mesmo tempo, numa das quais vinha assinalado o seu desvio. Elizabeth não se surpreendeu, pois Jane escrevera o endereço de maneira quase ilegível.

Preparavam-se para sair quando as cartas chegaram, e seus tios, querendo deixá-la à vontade com a correspondência, partiram sem ela. A carta extraviada deveria ser lida primeiro, pois fora escrita cinco dias antes. O começo continha o relato de todas as pequenas reuniões e divertimentos da família, assim como as últimas novidades da região; mas a segunda parte, que datava do dia subsequente e fora evidentemente escrita em grande agitação, traria notícias bem mais importantes:

Minha querida Lizzy,

Ocorreu um fato inesperado e de extrema gravidade. Para não

assustá-la, adianto que nos encontramos todos bem. O que eu tenho para contar diz respeito à nossa pobre Lydia. Um mensageiro chegou ontem à noite, quando já estávamos todos deitados. Veio da parte do coronel Forster e nos comunicou que Lydia tinha partido para a Escócia

com um dos seus oficiais, mais especificamente com o Wickham! Imagine a nossa surpresa. Kitty, porém, não pareceu tão surpreendida. Estou muito triste. Considero um casamento altamente imprudente para ambos. Mas pretendo esperar o melhor e faço o possível para crer que o caráter dele

foi incompreendido. Ele será um inconsciente e um insensato, mas um ato como este não me parece revelar um mau coração. Sua escolha por Lydia é desinteressada, pois ele não deve ignorar que o nosso pai nada tem para dar à filha. A mamãe, pobrezinha, está muito desgostosa, enquanto o papai suporta tudo isso muito melhor. Considero um feliz acaso nada lhes termos contado do que sabíamos contra ele. No momento, precisamos também esquecer tais coisas.

Partiram no sábado por volta da meia-noite, ao que parece, mas sua ausência só foi notada ontem de manhã, às oito. Imediatamente enviaram o mensageiro. Minha querida, eles devem ter passado a quinze quilômetros de distância daqui. O coronel Forster diz que tem motivos para esperar para breve o regresso de Wickham. Lydia deixou algumas linhas escritas à senhora Forster, informando sua decisão. Preciso concluir, pois não posso manter-me muito tempo afastada da nossa pobre mãe. Espero que compreendas esta carta, pois já nem sei bem o que escrevi.

Sem perder tempo a refletir e sem saber exatamente quais eram os seus sentimentos, Elizabeth, ao acabar a carta, abriu imediatamente a outra, com grande impaciência, e leu o que se segue (a carta fora escrita um dia depois da conclusão da primeira):

Quando receber esta carta, minha querida irmã, já terá em seu poder uma primeira. Faço votos para que a segunda seja mais inteligível, pois, embora dispondo de tempo suficiente, sinto a cabeça confusa e não me responsabilizo pela coerência das minhas palavras. Minha querida Lizzy, eu nem sei o que escrever. Tenho más notícias para dar e não posso

adiá-las. Por mais imprudente que seja o casamento do senhor Wickham com nossa pobre Lydia, vivemos agora na ânsia de obter a confirmação de que ele tenha sido realmente realizado, pois existem fortes motivos para acreditar que eles não foram para a Escócia. O coronel chegou aqui ontem, tendo saído de Brighton no dia anterior, poucas horas depois de ter enviado o expresso. Embora o bilhete de Lydia para a senhora Forster desse a entender que eles tinham ido para Gretna Green, Denny dissera que, na sua opinião, Wickham não pretendia de modo algum ir para a Escócia, nem casar com Lydia. Ao saber disso, o coronel Forster ficou muito alarmado e saiu imediatamente de Brighton, com o intuito de ir no encalço dos fugitivos. Conseguiu descobrir facilmente o caminho que

tinham tomado até Clapham, mas, a partir daí, não havia sinais dos dois, pois, nesse local, tomaram uma diligência e deixaram o carro que os trouxera de Epsom. Tudo o que se sabe deles depois disso é que foram vistos na estrada para Londres. Não sei o que pensar! Após ter feito todos os questionamentos possíveis daquele lado, o coronel Forster voltou para Hertfordshire, detendo-se em todas as encruzilhadas e hospedarias em Barnet e Hartfield mas sem qualquer resultado. Ninguém os tinha visto passar. Preocupado por nossa causa, ele veio atenciosamente a Longbourn e revelou-nos suas apreensões da forma mais delicada e honrosa para o seu caráter. Tenho uma pena sincera por ele e pela senhora Forster, mas ninguém os poderá acusar de nada. Nossa aflição é grande, minha querida Lizzy. Nossos pais acreditam no pior, mas eu não posso crer que ele seja assim tão perverso. É muito possível que Lydia e ele tenham julgado mais conveniente realizar o casamento em segredo, em Londres, e desistido do primeiro projeto. Mesmo que ele tenha planos tão perversos contra uma garota bem relacionada como Lydia, o que não é provável, não posso crer que ela tenha perdido todo o juízo. É impossível! Lamento, no entanto, dizer que o coronel Forster não acredita no casamento. Ele abanou a cabeça quando lhe exprimi minhas esperanças e disse que temia que Wickham não fosse um homem de confiança. Pobre mamãe, ela está realmente abatida e não quer abandonar o quarto. Seria preferível que ela se esforçasse por reagir, mas não é provável. Quanto ao papai, nunca na minha vida o vi tão perturbado. Ele zangou-se muito com a pobre Kitty por ela ter escondido aquele namoro, mas, como se tratava de um segredo, acho natural essa atitude da parte dela. Alegra-me, querida Lizzy, que tenha sido poupada dessas cenas penosas, mas agora não posso deixar de lhe dizer que anseio pelo seu regresso. Não serei, no entanto, egoísta a ponto de pedir muita pressa, se isso não lhe for conveniente. Até breve.

Tomo novamente a minha pena para fazer o contrário do que acabo de lhe dizer, mas as coisas estão de tal modo que lhe suplico que venham todos o mais depressa possível. Conheço os tios muito bem e não receio fazer tal pedido, apesar de eu ter ainda outra solicitação a fazer. O papai vai partir imediatamente para Londres com o coronel Forster, a fim de procurar os fugitivos. Numa circunstância como esta, os conselhos e o auxílio de meu tio seriam inestimáveis. Ele compreenderá imediatamente o que eu sinto. Confio na sua bondade.

– Oh, onde estará o meu tio? – indagou Elizabeth, dando um salto da

cadeira mal acabara de ler a carta, na ansiedade de ir falar com ele sem perda de um minuto.

Mas, ao chegar à porta, esta foi aberta por um criado e o senhor Darcy apareceu. A palidez do rosto de Elizabeth e seus gestos agitados o fizeram se sobressaltar, e, antes que ele pudesse voltar a si e falar, ela, que apenas pensava na situação aflitiva de Lydia, exclamou precipitadamente:

– Sinto muito, mas tenho que deixá-lo! Preciso encontrar o senhor Gardiner imediatamente. O assunto é urgente e não tenho um instante a perder.

– Meu Deus, mas que terá acontecido? – perguntou ele, com mais inquietude do que cortesia. Mas, recompondo-se, acrescentou: – Não a deterei um instante, mas deixe que eu próprio vá chamar o senhor e a senhora Gardiner ou mande lá um criado. No estado em que está, quem não poderá ir é a senhorita.

Elizabeth hesitou, mas os joelhos tremiam tanto que ela compreendeu que não poderia ir muito longe. Chamando o criado, ela encarregou-o de partir imediatamente em busca dos patrões e dizer-lhes que voltassem para casa.

Depois de o criado ter saído, Elizabeth sentou-se, incapaz de se manter de pé por mais tempo. Seu estado era tão lamentável que Darcy compreendeu ser impossível deixá-la; e, num tom doce e apiedado, disse:

– Deixe que eu chame a sua criada. Quer tomar alguma coisa? Posso oferecer-lhe algum reconstituente, um copo de vinho? Está indisposta.

– Não, obrigada – replicou ela, procurando dominar-se. – Nada tenho. Sinto-me perfeitamente bem. Estou apenas muito aflita por causa de más notícias que acabo de receber de Longbourn.

Ao aludir tal fato, ela começou a chorar e, durante alguns minutos, não conseguiu dizer palavra. Darcy, penalizado e aflito, pôde apenas exprimir vagamente sua preocupação e observá-la num silêncio de comiseração. Por fim, ela tornou a falar:

– Acabo de receber uma carta de Jane com terríveis notícias. Não é possível escondê-las de ninguém. Minha irmã mais nova abandonou todos os seus parentes... e fugiu; entregou-se a... Wickham. Partiram juntos de Brighton. Conheço-o bem demais para não ter dúvidas quanto ao resto da história. Ela não tem dinheiro, relações, nada que o possa tentar. Está perdida para sempre!

Darcy ficou imobilizado de espanto.

– E quando eu penso – acrescentou ela, num tom mais agitado – que eu poderia ter evitado isso, eu, que sabia quem ele era, se tivesse apenas revelado à minha própria família uma parte do que vim a saber. Se o caráter dele fosse conhecido, nada disso teria acontecido. Mas agora é tarde, demasiado tarde.

– Estou muito desgostoso! – exclamou Darcy, aflito. – Mas isso é certo, absolutamente certo?

– Oh, sim. Eles saíram de Brighton juntos, sábado à noite, e foram seguidos quase até Londres. Certamente não foram para a Escócia.

– E o que foi feito, o que foi tentado para recuperá-la?

– Meu pai seguiu para Londres e Jane escreveu pedindo o auxílio imediato do meu tio. Partiremos, assim o espero, dentro de meia hora. Enquanto isso, nada mais poderá ser feito. Sei muito bem que nada há a fazer. Como obrigar um homem como aquele a proceder corretamente? Como, ao menos, descobrir o seu paradeiro? Não tenho qualquer esperança. É horrível!

Darcy abanou a cabeça, numa silenciosa aquiescência.

– Quando descobri qual era o verdadeiro caráter daquele homem... Oh, se eu soubesse o que deveria fazer! Mas eu não sabia... tinha medo de ir demasiado longe. Que asneira, meu Deus!

Darcy não respondeu. Ele mal parecia ouvi-la, e caminhava de um lado para o outro na sala, em profunda meditação, as sobrancelhas franzidas e a expressão sombria. Elizabeth imediatamente compreendeu o que a sua ascendência sobre Darcy não sofreria. Nada poderia resistir a tal demonstração de fraqueza da parte de sua família, a tão grande escândalo. Não se surpreendia, nem o condenava. Considerou que ele exercia sobre si mesmo um grande domínio, mas isso não lhe trouxe qualquer consolação; e Elizabeth nunca sentira tão claramente como naquele momento, quando todo o amor era vão, que poderia tê-lo amado.

Mas as considerações pessoais, embora ocorressem, não a absorviam. Lydia, a humilhação e a desgraça que ela estava causando à família dominaram todos os pensamentos de caráter particular; e, cobrindo o rosto com o lenço, Elizabeth esqueceu tudo o mais. Após uma pausa de vários minutos, a voz do outro a fez voltar à realidade; e, no tom daquela voz, se transparecia a piedade, havia também constrangimento:

– Creio que há muito estará desejando a minha ausência – disse Darcy

– e, a não ser a minha simpatia sincera, porém, inútil, nada lhe posso oferecer que justifique minha presença. Quem dera eu pudesse fazer ou dizer algo que a consolasse; mas não a atormentarei mais, exprimindo meus vãos desejos e como que solicitando propositadamente sua gratidão. Receio bem que esse infeliz acontecimento impeça minha irmã de vê-la hoje à noite em Pemberley.

– Oh, sim, tenha a bondade de apresentar as nossas desculpas à

senhorita Darcy. Diga-lhe que assuntos urgentes nos obrigam a voltar imediatamente. Esconda a infeliz verdade por tanto tempo quanto puder. Sei que não poderá ser por muito tempo.

Ele assegurou que poderia contar com sua descrição, tornou a exprimir seu pesar por tão grande aflição, desejou que o caso tivesse uma conclusão mais favorável do que no momento era possível esperar e, deixando cumprimentos para o senhor e a senhora Gardiner, apenas com um grave olhar de despedida foi-se embora.

Após ele ter abandonado a sala, Elizabeth sentiu que era muito pouco provável que os dois tornassem a se encontrar em termos tão cordiais como os que tinham marcado os seus vários encontros em Derbyshire. Ao lançar um olhar retrospectivo sobre suas relações com Darcy, tão prenhe de contradições e surpresas, não pôde deixar de suspirar pela perversidade daqueles sentimentos que agora teriam promovido sua continuação, quando anteriormente rejubilariam pela sua cessação.

Se a gratidão e a estima são fundamentos suficientes para a afeição, a alteração no sentir de Elizabeth não seria nem improvável nem inadequada. Mas se, pelo contrário, a afeição oriunda de tais motivos é insensata e pouco natural, comparada com aquela que, em geral, dizem originar-se no próprio instante do encontro e mesmo antes de qualquer palavra ser trocada, nada poderá ser dito em defesa de Elizabeth, a não ser que ela experimentou esse último método com Wickham e que seu fracasso talvez a autorize a procurar a outra espécie menos interessante de afeição. Seja como for, foi com tristeza que ela o viu partir. E, ao refletir sobre esse infeliz acontecimento, encontrou um motivo adicional de angústia por pensar que esse era apenas um exemplo dos males que a levandade de Lydia poderia causar. Nem por um só instante, desde que lera a segunda carta de Jane, Elizabeth tivera a esperança de que Wickham pretendesse realmente casar-se com sua irmã. Ninguém, a não ser Jane,

poderia alimentar tais esperanças. A surpresa fora o que ela menos sentira naquela ocasião. Ao lembrar-se do conteúdo da primeira carta, surpreendia-se enormemente que Wickham pretendesse alguma vez casar com aquela garota sem meios de fortuna ou que Lydia estivesse sequer apaixonada por ele. Mas agora achava tudo bastante natural. Numa aventura daquelas, a irmã teria encontrado o encanto suficiente; e, embora Elizabeth não imaginasse que Lydia concordasse deliberadamente com uma fuga sem intenção de casamento, tinha razões para acreditar que nem a virtude nem o entendimento da irmã a preservariam de se tornar uma presa fácil.

Enquanto o destacamento permanecera em Hertfordshire, nunca vira que Lydia manifestasse qualquer preferência por Wickham; mas tinha, porém, a consciência perfeita de que a irmã se apegaria a quem quer que a encorajasse. Entre os oficiais, ela mudava constantemente de favorito, conforme as atenções de que eles a rodeavam. Seus entusiasmos sofriam contínuas flutuações, mas nunca sem motivo. Só agora Elizabeth compreendia o erro que cometera ao confiar demais numa garota daquela índole.

Elizabeth ansiava por estar em casa, para ver, ouvir e compartilhar com Jane os cuidados que, numa situação dessas, deveriam cair sobre ela, numa família tão desorganizada, com o pai ausente e a mãe incapaz de um esforço e exigindo constantes atenções. E, embora praticamente certa de que nada poderia ser feito por Lydia, a interferência do tio parecia-lhe ser da maior importância, e sua impaciência tornou-se intolerável enquanto não o viu entrar na sala. O senhor e a senhora Gardiner tinham regressado depressa, alarmados, supondo, pela versão do criado, que a sobrinha tivesse adoecido subitamente. Após tranquilizá-los sobre esse ponto, Elizabeth não perdeu tempo em revelar a verdadeira causa de tudo aquilo. Leu as duas cartas em voz alta e insistiu no *post scriptum* da última com trêmula veemência, embora Lydia nunca tivesse sido a favorita dos tios. O senhor e a senhora Gardiner mostraram-se muito afetados, e não apenas por causa de Lydia. Após as primeiras exclamações de surpresa e horror, o senhor Gardiner prontamente se pôs à disposição, prometendo fazer todo o possível. Elizabeth, embora nunca duvidando de tal atitude da parte dele, agradeceu com lágrimas de gratidão; e, como todos os três viviam na mesma tensão, os pormenores relativos à viagem foram logo combinados. Resolveram partir naquele mesmo instante.

– Mas o que faremos a respeito de Pemberley? – indagou a senhora

Gardiner. – John disse que o senhor Darcy estava aqui quando nos mandou chamar. É verdade?

– Sim, e eu lhe disse que não contasse conosco. Por esse lado, está tudo resolvido.

Dentro de uma hora tudo estava pronto; e como, entretanto, o senhor Gardiner tratara da conta da hospedaria, nada lhes restava fazer senão partir; e Elizabeth, depois de todas as aflições da manhã, encontrou-se, mais cedo do que esperava, instalada na carruagem e a caminho de Longbourn.

Capítulo 47

Quando já se afastavam da cidade, o tio revelou que estivera refletindo sobre o caso e disse que se sentia mais inclinado a encarar as coisas como a sua irmã mais velha:

– Parece-me muito pouco provável que qualquer rapaz possa formar um desígnio desses contra uma garota que não é de forma alguma desprotegida nem carece de relações, e que, além disso, residia com a família do coronel do próprio destacamento. Por tudo isso me inclino a acreditar no melhor. Poderia ele supor que os amigos dela não interviriam a seu favor? Poderia ele esperar ser novamente aceito pelo destacamento depois de tal afronta ao coronel Forster? O risco seria maior do que a tentação.

– Dou minha palavra de honra que eu também começo a ser da opinião do seu tio – disse a senhora Gardiner. – Tal ato representa tão grande violação da decência, da honra e do bom senso que não considero Wickham capaz de praticá-lo. E você, Lizzy, mudou tanto de opinião a respeito de Wickham que o julga agora capaz disso?

– Não o julgo capaz de descuidar os seus próprios interesses, mas, quanto ao resto, ponho as minhas dúvidas. Se, ao menos, eu pudesse acreditar no que acabam de me dizer! Mas não ousei esperar. Se tudo isso é verdade, por que eles não foram para a Escócia?

– Em primeiro lugar – replicou o senhor Gardiner –, não temos provas concludentes de que eles não tenham ido para a Escócia.

– Oh, mas o fato de eles terem tomado uma diligência indica claramente sua intenção. Além do mais, não encontraram sinais da passagem dos dois na estrada de Barnett.

– Bom, supondo que estejam em Londres; poderão ter ido lá apenas para se esconder. Não é provável que algum deles tenha dinheiro suficiente e é justo que tenham achado mais econômico se casarem em Londres do que na Escócia.

– Mas, então, por que todo esse mistério? Por que se escondem? Por que razão desejam casar em segredo?

– O mais íntimo amigo de Wickham, como puderam ver pela carta de Jane, acredita que ele nunca teve a intenção de se casar com ela. Wickham nunca se casará com uma mulher que não tenha meios de fortuna. Ele não poderá sustentá-la. E que atrativos possui Lydia, para além da frescura da sua mocidade, para que ele renuncie por sua causa a um casamento rico? Quanto à ofensa aos brios de um regimento que esse atentado contra a honra de uma garota possa produzir, não sei até que ponto isso lhe terá trazido qualquer hesitação, assim como também não sei quais as consequências de tal ato. Mas, quanto à sua outra objeção, não creio que ela tenha muito peso. Lydia não tem irmãos que a possam defender; e Wickham,

que conhece meu pai, terá julgado que, com a indolência e a pouca

atenção que ele parece dar à família, meu pai pouco faria e pensaria o menos possível no assunto.

– Mas você pensa que Lydia está tão perdidamente apaixonada por ele que consinta em viver com um homem sem serem casados?

– Tudo indica, e é bem triste – respondeu Elizabeth, com lágrimas nos olhos –, ter de pôr em dúvida o senso da decência e da virtude de uma irmã! Mas, realmente, não sei o que dizer. Talvez eu esteja sendo injusta; mas Lydia é muito jovem e inexperiente, nunca lhe ensinaram a pensar em coisas sérias. Durante os últimos seis meses, ou, melhor, durante todo o ano, ela não fez mais do que divertir-se e dar margem à sua vaidade. Desde que o destacamento militar foi para Meryton, ela não pensou em outra coisa senão em namorar os oficiais. Fez tudo o que estava em seu poder para, pensando ou falando sobre o assunto, dar maior... Como direi?...

Suscetibilidade aos sentimentos, já por natureza facilmente inflamáveis. E, como sabemos, a Wickham não faltam qualidades para cativar uma mulher.

– Mas como pode ver – disse-lhe a tia –, Jane não o julga capaz de tal procedimento.

– Haverá alguém de quem Jane possa alguma vez pensar mal? Mas Jane conhece esse Wickham tão bem quanto eu. Ambas sabemos que se trata de um dissoluto em todos os sentidos da palavra. Ele não tem integridade nem honra. É tão falso e perigoso como insinuante.

– E sabe realmente tudo isso? – indagou a senhora Gardiner, curiosa.

– Sim, sei! – replicou Elizabeth, corando. – Já no outro dia os pus a par da sua infame conduta com o senhor Darcy. E a própria tia, quando estive em Longbourn da última vez, ouviu de que maneira ele falou de um

homem que se mostrou tão generoso com ele. Existem ainda outras circunstâncias que não vale a pena mencionar. Mas as mentiras dele a respeito da família de Pemberley são inumeráveis. Pelo que ele me disse da senhorita Darcy, julgava encontrar nela uma garota orgulhosa, fechada e desagradável. No entanto, ele deve saber que, pelo contrário, ela é amável e modesta.

– Mas Lydia nada sabe de tudo isso? Será que ela ignora o que você e Jane parecem compreender tão bem?

– Oh, sim, e é isso que me amargura! Até ir para Kent e conhecer mais intimamente tanto o senhor Darcy como o coronel Fitzwilliam, seu primo, eu mesma ignorava toda a verdade. Ao voltar para casa, soube que o destacamento deixaria Meryton dentro de quinze dias, logo, nem eu nem Jane, a quem contei todo o caso, julgamos necessário tornar pública nossa descoberta, pois pensamos que a ninguém aproveitaria destruir a boa reputação de que ele gozava na vizinhança. E, mesmo quando ficou decidido que Lydia iria com a senhora Forster, nunca me ocorreu a necessidade de abrir seus olhos quanto ao caráter de Wickham. Não imaginei, nem por um instante, que ela corresse o risco de ser iludida; e, naturalmente, tampouco imaginava que pudesse sobrevir tal consequência.

– E, quando partiram todos para Brighton, você não tinha motivos para supor, então, que eles gostassem um do outro?

– Nem sombra disso. Não me lembro do menor sintoma de afeição, tanto de um lado como do outro. Quando ele apareceu, Lydia estava tão disposta

a admirá-lo como, aliás, todas as garotas das redondezas, que durante uns dois meses tiveram a cabeça perdida por ele. Mas Wickham nunca distinguiu Lydia com qualquer atenção particular, e, após um curto período de desvairado entusiasmo, ela voltou de novo a sua atenção para os outros oficiais.

Facilmente se compreenderá que, durante toda a viagem, embora nenhum fato novo viesse esclarecê-los acerca dos seus temores, suas esperanças e conjecturas, nenhum outro tópico tenha podido desviá-los por muito tempo daquele interessante assunto. Elizabeth pensava nele com frequência; e a mais aguda de todas as angústias, o remorso, a impedia de encontrar um só minuto de paz.

Viajaram o mais depressa possível; e, tendo dormido uma noite no caminho, chegaram a Longbourn no dia seguinte, na hora do jantar. Era um consolo para Elizabeth saber que, pelo menos, Jane não teria de esperar muito tempo. Quando a carruagem entrou no jardim e se aproximou da porta de casa, todos os pequenos Gardiner, atraídos pelo rumor, vieram se colocar nos degraus da escada; e, quando o carro finalmente parou, a alegria transpareceu nas suas carinhas e eles deram pulos e piruetas de alegria.

Elizabeth apeou-se de um salto, e, após ter dado um rápido beijo em cada um, correu para a entrada da casa, onde se encontrou com Jane, que momentos antes estava no quarto da mãe e tinha descido precipitadamente as escadas. Abraçaram-se com ternura e com os olhos marejados de lágrimas. Elizabeth, sem perda de tempo, perguntou-lhe se já sabiam alguma coisa dos fugitivos.

– Ainda não – replicou Jane –, mas agora que o nosso tio veio, espero que tudo corra melhor.

– Nosso pai está em Londres?

– Está. Foi para lá na terça-feira, conforme escrevi.

– Já receberam notícias dele?

– Sim, escreveu uma vez. Escreveu-me umas linhas na quarta-feira, dizendo que tinha chegado bem e dando seu endereço, como eu tinha lhe pedido. Acrescentava também que não tornaria a escrever enquanto não tivesse alguma coisa de positivo a comunicar.

– E a mamãe, como ela está? Como estão todos?

– Ela está razoavelmente bem, embora muito deprimida. Está lá em cima e terá um prazer imenso em ver a todos. Ainda não saiu do quarto. Mary e

Kitty, graças a Deus, estão bem.

– E você, minha querida, como está? – perguntou Elizabeth. – Parece pálida! Que momentos difíceis não terá passado!

Jane, no entanto, era categórica em afirmar que se sentia muito bem. O diálogo foi interrompido pela entrada do senhor e da senhora Gardiner, que, até aquele momento, tinham estado com as crianças. Jane correu para os tios e abraçou-os, agradecendo a ambos, entre sorrisos e lágrimas.

Quando entraram na sala, as perguntas que Elizabeth já tinha feito foram naturalmente repetidas pelos outros; mas logo se inteiraram de que não havia nada de novo para ser dito. No entanto, devido ao seu caráter indulgente, Jane não perdera ainda todas as esperanças. Seguia acreditando que tudo acabaria bem e que, numa das manhãs próximas, chegaria uma carta, de Lydia ou do pai, explicando o procedimento dos fugitivos e anunciando, talvez, o casamento dos dois.

Em seguida, subiram todos ao quarto da senhora Bennet, que os recebeu exatamente como era de esperar. Com lágrimas, lamentações contra a conduta infame de Wickham e queixas pelos padecimentos que lhe estavam infligindo, ela atirava as culpas para todos, esquecendo-se que fora ela mesma, com sua insensata indulgência, a principal causadora do que acontecera à filha.

– Se me tivessem feito a vontade – dizia ela –, se eu tivesse ido também para Brighton, com toda a família, nada disso teria acontecido. Mas minha pobre Lydia não tinha ninguém que tomasse conta dela. Por que é que os Forsters não olharam mais por ela? Estou certa de que houve um grande descuido da parte deles, pois Lydia nunca faria tal coisa se tivesse alguém a olhar por ela. Sempre pensei que eles nunca serviriam para tomar conta da minha filha. Mas, como sempre, ninguém quis ouvir minha opinião. Minha pobre filhinha... E o senhor Bennet lá foi. Sei que ele se vai bater em duelo com Wickham e decerto será morto. O que vai ser de nós, então? Os Collins nos expulsarão daqui antes de o corpo ter tido sequer tempo para esfriar. E, se não for você, meu irmão, não sei o que será.

Todos protestaram contra ideias tão sinistras; e o senhor Gardiner, após tranquilizá-la quanto à afeição que sentia por ela e pela sua família, disse que partiria para Londres no dia seguinte, a fim de prestar o auxílio devido ao senhor Bennet nas tentativas para encontrar Lydia.

– Não se entregue a receios exagerados – acrescentou ele. – Embora seja acertado uma pessoa preparar-se para o pior, não há motivo para

considerar uma certeza. Ainda não passou uma semana que saíram de Brighton. Dentro de poucos dias deveremos receber notícias deles. Assim que chegar a Londres vou encontrar seu marido e o levarei para Gracechurch Street e aí combinaremos o que deve ser feito.

– Oh, meu querido irmão – replicou a senhora Bennet –, é exatamente isso o que eu mais desejo. E, quando chegar a Londres, faça tudo para encontrar minha filha, onde quer que ela esteja. E, se eles não estiverem casados, faça com que se casem. Quanto ao enxoval, diga que não precisam esperar. Diga a Lydia que ela terá todo o dinheiro que quiser para comprá-lo depois de se casar. E, sobretudo, não deixe o senhor Bennet brigar com o senhor Wickham. Conte em que estado me viu, que estou terrivelmente assustada, e tenho tremores por todo o corpo, horríveis dores e tantas palpitações que não posso descansar nem de dia nem de noite. E diga à minha querida Lydia que nada decida sobre as roupas até ter falado comigo, pois ela não conhece as melhores lojas. Oh, meu querido irmão, estou certa de que arranjará tudo!

O senhor Gardiner, embora lhe assegurasse que faria todos os esforços possíveis, não pôde deixar de lhe recomendar moderação, tanto nas suas esperanças como nos seus receios; e, após a terem reconfortado até a hora do jantar, a deixaram entregue aos cuidados da governanta, que a servia na ausência das filhas.

Embora o senhor e a senhora Gardiner acreditassem que não havia motivo para tal reclusão, preferiram não se opor, pois sabiam que ela não tinha prudência suficiente para se abster de dizer algo diante dos criados. Era preferível, portanto, que a governanta apenas, aquela em quem mais confiavam, ficasse sabendo de todas as suas mágoas e seus temores.

Na sala de jantar, Mary e Kitty, que, até aquele momento, se tinham conservado nos seus respectivos quartos e não haviam ainda aparecido, juntaram-se finalmente ao resto da família. Uma vinha dos seus livros e a outra do toucador. Seus rostos, no entanto, aparentavam grande calma. Apenas Kitty parecia mais amuada do que o costume, mas não se sabia se seria por causa da perda da irmã ou da raiva que sentia por se ver envolvida no acontecimento. Quanto a Mary, o domínio sobre si mesma era perfeito; e, com uma expressão muito séria, sussurrou a Elizabeth, pouco depois de se sentar à mesa:

– É um acontecimento deveras desagradável; e, provavelmente, será muito comentado. Mas nós devemos nos opor à maledicência e derramar

sobre os nossos corações feridos o bálsamo do consolo fraternal.

Em seguida, vendo que Elizabeth não estava disposta a responder, acrescentou:

– Por mais infeliz que Lydia possa vir a ser, poderemos de tudo isso extrair uma útil lição: que a perda da virtude numa mulher é irreversível; que um só passo em falso acarreta uma série de desgraças sem fim; que sua reputação não é menos frágil que sua beleza; e que uma mulher nunca será cautelosa demais com as pessoas do sexo oposto, especialmente com aquelas que não merecem a sua confiança.

Elizabeth ergueu os olhos, atônita, mas sentia-se oprimida demais para responder. Mary, contudo, continuou consolando-se, extraíndo máximas morais da infelicidade da irmã.

Durante a tarde, as duas mais velhas conseguiram ficar meia hora sozinhas; e Elizabeth logo aproveitou a oportunidade para pedir a Jane que lhe contasse todos os pormenores do sucedido. Jane estava igualmente ansiosa por conversar com a irmã sobre o assunto. Começaram por lamentar as terríveis consequências daquele fato. Jane não podia afirmar que os prognósticos da irmã fossem de todo impossíveis. Em seguida, Elizabeth prosseguiu no assunto, dizendo:

– Conte tudo o que ainda não sei. Dê-me outros detalhes. O que diz o coronel Forster? Certamente desconfiaram de alguma coisa antes da fuga. Terão visto os dois frequentemente juntos.

– O coronel Forster confessou que muitas vezes desconfiara de que havia algo, ainda mais da parte de Lydia, mas que nunca nada se passou que lhe inspirasse alarme. Tenho muita pena dele. Mostrou-se extremamente bom e atencioso. Logo veio até aqui para nos comunicar suas preocupações, mesmo antes de saber que eles não tinham ido para a Escócia. Os rumores que começaram a circular apressaram sua partida.

– E Denny estava convencido de que Wickham não pretendia casar? Sabia que eles planejavam fugir? O coronel Forster falou com Denny pessoalmente?

– Falou; mas, ao ser interrogado pelo coronel, Denny negou saber qualquer coisa a respeito do plano deles. Não quis dar sua verdadeira opinião e não tornou a repetir que estava convencido de que os dois não se casariam. Por tudo isso, alimento certa esperança de que ele não tenha medido as palavras que anteriormente proferira.

– E, até o coronel Forster chegar, nenhuma de vocês suspeitou que eles

não tivessem realmente casados?

– Como é que tal ideia nos poderia passar pela cabeça? Eu me senti um pouco temerosa quanto à felicidade de minha irmã com aquele casamento, pois sabia que o comportamento dele nem sempre fora dos melhores. O pai e a mãe nada sabiam a respeito dos antecedentes do rapaz e sentiam apenas que o casamento era imprudente. Kitty então confessou, triunfante, que sabia mais do que nós, pois Lydia, na sua última carta, deixara entrever suas intenções. Deu a entender que há muitas semanas já sabia que os dois estavam apaixonados.

– Mas sabia disso antes de eles partirem para Brighton?

– Não, creio que não.

– E o coronel Forster mostrou que desconfiava de Wickham? Ele conhece seu verdadeiro caráter?

– Ele não falou tão bem de Wickham como anteriormente o fizera. Disse que o considerava imprudente e extravagante. E, desde que esse infeliz acontecimento teve lugar, soube-se que ele saiu de Meryton muito endividado; mas espero que isso seja falso.

– Oh, Jane, se não tivéssemos sido tão discretas, se tivéssemos dito o que sabíamos a respeito dele, nada disso teria acontecido!

– Talvez tivesse sido melhor – replicou Jane –, mas não me parecia justo denunciar os erros passados de uma pessoa sem saber quais os seus sentimentos naquele momento. Agimos com a melhor das intenções.

– E o coronel Forster sabia os termos da carta de Lydia para sua mulher?

– Ele a trouxe consigo.

Jane tirou então a carta do bolso e estendeu-a a Elizabeth. Seu conteúdo era o seguinte:

Minha querida Harriet,

Rirá quando souber que fugi, e eu não posso deixar de rir também ao pensar na sua surpresa quando amanhã de manhã der pela minha falta. Vou para Gretna Green; e, se não adivinha com quem, é uma tola. Só existe um homem no mundo que eu amo, e ele é um anjo. Nunca poderia ser feliz sem ele, por isso não vejo mal em partir. Não é preciso escrever para Longbourn a fim de comunicar minha partida se não quiser, pois isso tornará apenas maior a surpresa quando eu mesma lhes escrever e assinar meu nome: Lydia Wickham. Há de ser uma boa piada. Quase não consigo escrever, de tanto rir. Transmite minhas desculpas a Pratt por não poder cumprir minha palavra e dançar com ele hoje à noite. Diga que espero que

ele me perdoe quando souber o motivo e que terei o maior prazer em dançar com ele no próximo baile em que nos encontrarmos. Mandarei buscar minhas roupas quando chegar a Longbourn; mas gostaria que dissesse à Sally para coser o enorme rasgão do meu vestido de musselina antes de guardar tudo na mala. Até breve. Cumprimentos ao coronel Forster. Espero que bebam à nossa saúde, desejando-nos uma boa viagem.

Tua amiga afetuosa,

Lydia Bennet

– Oh! Que cabeça oca a sua, Lydia! – exclamou Elizabeth, depois de ler a carta. – Escrever uma carta dessas em tal momento! Pelo menos, mostra que suas intenções eram sérias. Não sei se ele depois a persuadiu a fazer outra coisa, mas, pelo menos da parte dela, a infâmia não foi premeditada. Pobre papai, como ele não deve ter sofrido!

– Nunca vi ninguém tão abalado. Durante dez minutos não conseguiu dizer palavra. A mãe adoeceu imediatamente e toda a casa ficou em alvoroço e confusão!

– Oh, Jane! – exclamou Elizabeth. – Terá havido algum criado nesta casa que, até o fim do dia, não ficasse a par de toda a história?

– Não sei, mas espero que sim. Porém, numa ocasião como essa, é muito difícil ser discreta. Nossa mãe ficou histérica; e, embora eu procurasse auxiliá-la da melhor maneira, creio que não fiz tanto quanto devia! Mas o horror do que poderia acontecer quase me privou do uso das minhas faculdades.

– Seus cuidados para com ela exigiram muito de você. Não parece tão bem de saúde. Gostaria de ter estado a seu lado. Teve de suportar tudo sozinha.

– Mary e Kitty mostraram-se muito prestativas, e estou certa de que fariam o possível para me ajudar, mas achei que não convinha a nenhuma delas. Kitty é muito sensível, e Mary estuda tanto que suas horas de repouso não devem ser interrompidas. Tia Philips apareceu aqui na terça-feira, após a partida do papai, e teve a bondade de ficar até quinta comigo. Seu auxílio foi precioso. Lady Lucas também tem sido muito delicada. Veio até aqui, pelos seus próprios meios, na quarta de manhã, para nos acompanhar na nossa mágoa e oferecer seus serviços e os de qualquer uma das suas filhas, caso necessitássemos.

– Seria melhor que ela tivesse ficado em casa! – exclamou Elizabeth. – Talvez a intenção fosse boa, mas, numa situação como esta, deve-se

procurar os vizinhos o menos possível. Qualquer auxílio é impossível.

As condolências são insuportáveis. Que elas se sintam vitoriosas de longe e se considerem satisfeitas.

Elizabeth quis saber, então, quais os planos do pai para a recuperação de Lydia.

– Creio que ele tinha a intenção de ir a Epsom, local onde os dois mudaram de cavalos pela última vez. Seu principal objetivo era descobrir o número da diligência tomada por eles e que os trouxe de Clapham. Ela acabara de chegar de Londres e é possível que alguém tenha reparado neles. Não sei se o pai tem outros projetos em mente. Ele estava com tanta pressa em partir, tão inquieto e deprimido, que foi com grande dificuldade que lhe consegui extrair o que acabo de te dizer.

Capítulo 48

Todos esperavam receber, no dia seguinte, uma carta do senhor Bennet, mas o correio chegou sem trazer quaisquer notícias dele. A família sabia que, em circunstâncias normais, ele era um correspondente negligente e desinteressado, mas, num momento daqueles, sempre esperavam que ele fizesse um esforço. Foram obrigados, portanto, a concluir que ele nada tinha de positivo a comunicar, mas, apesar disso, gostariam de ter uma certeza. O senhor Gardiner esperara pela carta, e, como esta não viesse, partiu sem demora.

Com sua partida, teriam, pelo menos, a certeza de receber informações mais frequentes do que se ia passando; e, ao despedir-se, o senhor Gardiner prometeu insistir com o senhor Bennet para que ele voltasse a Longbourn, o que muito consolou a irmã, pois ela via nesse regresso a única possibilidade do marido escapar de ser morto em duelo. A senhora Gardiner e as crianças permaneceriam em Hertfordshire durante mais alguns dias, pois achava ela que sua presença poderia ser de alguma utilidade para as sobrinhas. Ela ajudava-as junto da senhora Bennet, o que lhes permitia gozar de algumas horas de liberdade. Sua outra tia também aparecia com frequência, e sempre, como dizia, com o propósito de lhes infundir coragem e confiança, embora nunca chegasse sem trazer um novo exemplo da extravagância e da leviandade de Wickham, e raramente partia

sem deixá-las mais desanimadas do que quando chegara.

Meryton em peso parecia esforçar-se por denegrir o homem que, três meses antes, fora quase como um anjo de bondade. Diziam que ele devia dinheiro a todos os comerciantes da localidade e que suas aventuras, todas elas seduções, tinham se estendido às famílias dos vários comerciantes. Todos eram unânimes em declarar que ele era o homem mais perverso do mundo, e começaram a descobrir que sempre haviam desconfiado dele, apesar da sua aparência de distinção. Elizabeth, embora só desse crédito a metade do que diziam, achava aquilo suficiente para tornar ainda mais acertados os seus antigos prognósticos quanto à desgraça da irmã. E até a própria Jane, que acreditava ainda menos do que Elizabeth nas coisas que se diziam, perdeu quase todas as esperanças, sobretudo porque já era tempo de receber notícias ou cartas deles, caso tivessem ido para a Escócia.

O senhor Gardiner deixara Longbourn no domingo. Na terça-feira, a mulher recebeu uma carta dele. Contava que tinha imediatamente encontrado o cunhado e que o convencera a se instalar em Gracechurch Street. Que o senhor Bennet já estivera em Epsom e Clapham, mas nada soubera de concreto; e que ele estava agora decidido a procurar em todos os principais hotéis da cidade, pois achava possível que os dois tivessem se instalado em algum após sua chegada a Londres, antes de procurar novas acomodações. O senhor Gardiner, pessoalmente, não tinha muita fé no êxito de tal plano, mas, como o senhor Bennet insistira nele, estava resolvido a ajudá-lo. Acrescentava que, no momento, o senhor Bennet não estava disposto a deixar Londres e prometia escrever de novo muito em breve. Havia ainda um *post scriptum* que dizia o seguinte:

Escrevi igualmente para o coronel Forster, pedindo-lhe que perguntasse, se possível, entre os amigos mais íntimos de Wickham, no destacamento, se este teria quaisquer parentes ou relações que pudessem saber em que parte da cidade ele está. Se acaso entre essas pessoas houvesse alguém de quem se pudesse, com alguma probabilidade, obter tal informação, isso teria uma importância talvez principal. No momento, nada temos para nos guiar. Estou certo de que o coronel Forster fará de tudo para nos ajudar, mas, em última análise, talvez Lizzy, melhor do que ninguém, saiba se ele tem parentes vivos.

Elizabeth imediatamente compreendeu de onde vinha aquela deferência pela sua autoridade no assunto, mas, infelizmente, não tinha informações

que a justificassem.

Nunca ouvira dizer que ele tivesse quaisquer parentes, além do pai e da mãe, e ambos já haviam falecido há muitos anos. Era possível, no entanto, que alguns dos seus companheiros do regimento pudessem dar informações mais substanciais; e, embora não alimentasse grandes esperanças a esse respeito, não era algo a se deixar de lado.

Cada dia em Longbourn era agora um dia de ansiedade, e o momento mais angustiante era o da chegada do correio. Eram esperadas cartas todas as manhãs, com a maior impaciência; a cada dia que passava, aguardavam notícias importantes.

Porém, antes de tornarem a receber notícias do senhor Gardiner, chegou uma carta para o senhor Bennet da parte do senhor Collins; e, como Jane recebera instruções para abrir toda a correspondência destinada ao pai na sua ausência, ela leu a carta. Elizabeth, que sabia como as cartas do senhor Collins eram curiosas e singulares, debruçou-se sobre a irmã e leu também. Dizia o seguinte:

Meu caro senhor,

Sou chamado, pelo nosso parentesco e pela minha situação na vida, a apresentar-lhe minhas condolências pela grande aflição por que está passando e da qual fomos ontem informados por uma carta de Hertfordshire. Fique certo, meu caro senhor, de que tanto eu como a senhora Collins os acompanhamos a todos sinceramente no seu atual sofrimento, que deve ser dos mais dolorosos, pois provém de uma causa que jamais algum tempo poderá remover. Não faltarão argumentos da minha parte para lhe aliviar tão grande infelicidade ou trazer-lhe qualquer conforto num transe desses, que, entre todos, será o mais duro para o coração de um pai. A morte da sua filha seria uma bênção em comparação com o que lhe sucede agora. E tudo isso é ainda mais lamentável quando sabemos existirem razões para supor, como a minha Charlotte me informou, que esta licenciosidade de conduta da parte de sua filha se deve a uma excessiva e culposa indulgência; embora, para seu consolo e o da senhora Bennet, me sinta inclinado a acreditar na perversidade inata das tendências de sua filha, ou nunca ela teria perpetrado tão grande crime com tão pouca idade. Seja como for, o senhor merece toda a nossa compaixão, no que sou acompanhado não só pela senhora Collins, como também por lady Catherine e sua filha, as quais eu pus a par de tudo o que se passava. Todas concordaram comigo quanto às

minhas apreensões de que este mau passo de uma das suas filhas será prejudicial para o futuro de todas as outras. Na verdade, quem, como lady Catherine, ela própria, condescende em dizer, se quererá relacionar com tal família? E tal consideração me leva a refletir, com satisfação crescente, num certo acontecimento do mês de novembro passado, pois, de outro modo, me encontraria envolvido em todas essas tristezas e desgraças. Permita-me, pois, que o aconselhe, meu caro senhor, a consolar-se a si próprio o mais que puder, a expulsar para sempre sua filha indigna da sua afeição e deixá-la colher os frutos do seu odioso crime.

O senhor Gardiner não voltou a escrever senão quando recebeu uma resposta do coronel Forster; e, quando o fez, nada tinha de agradável a comunicar. Não se sabia de um só familiar com quem o senhor Wickham mantivesse relações, e era certo que ele não tinha nenhum parente próximo ainda vivo. Contava com numerosos conhecidos, mas, desde que entrara para a milícia, parecia não manter relações com qualquer um deles. Não havia ninguém, portanto, a quem pudessem se dirigir e obter informações sobre seu paradeiro. No estado precário das suas finanças, o casal tinha um motivo poderoso para a sua reclusão, além do medo de Wickham de ser descoberto pelos parentes de Lydia. Foram informados de que ele tinha contraído grandes dívidas no jogo, e o coronel Forster acreditava que seria preciso mais de mil libras para cobrir todas as despesas que o oficial deixara por pagar em Brighton. Devia muito na cidade, mas suas dívidas de honra eram ainda maiores. O senhor Gardiner não procurou esconder quaisquer detalhes da família de Longbourn. Jane ouviu com horror.

– Um jogador! – exclamou ela. – Isso eu não esperava.

O senhor Gardiner acrescentava ainda na carta que podiam contar com o regresso do senhor Bennet no dia seguinte, um sábado. Abatido pelo insucesso dos seus esforços, acabara por se render aos pedidos do cunhado para que voltasse para junto da família e deixasse a seu cargo tudo o que lhe parecesse aconselhável para a continuação das pesquisas. Ao ser informada do fato, a senhora Bennet não exprimiu a satisfação que as filhas esperavam, dada a ansiedade que manifestara pela vinda do marido.

– O quê?! – exclamou. – Ele volta sem me trazer a nossa Lydia? Certamente o senhor Bennet não vai abandonar Londres antes de ter encontrado os dois. Quem, na ausência dele, irá brigar com Wickham e forçá-lo a casar-se com ela?

Como a senhora Gardiner começava a sentir saudades de casa, ficou combinado que ela e as crianças voltariam para Londres no dia da chegada do senhor Bennet; e, de acordo com o plano, a carruagem que os levou até metade do caminho trouxe na volta o senhor Bennet para Longbourn.

A senhora Gardiner partiu, tão perplexa a respeito de Elizabeth e do seu singular amigo como viera, desde Derbyshire. Seu nome não fora mencionado pela sobrinha uma vez sequer na presença deles; e a vaga esperança acalentada pela senhora Gardiner de que Elizabeth em breve recebesse uma carta dele não fora correspondida. Elizabeth nada recebera até então proveniente de Pemberley.

Os atuais dissabores vividos na família tornavam desnecessária qualquer outra desculpa para a depressão de Elizabeth; nada, portanto, havia a conjecturar fundamentado nisso, embora Elizabeth, que atualmente conhecia bem os seus sentimentos, soubesse que, não tivesse ela encontrado de novo o senhor Darcy, teria suportado melhor a mágoa pela infâmia de Lydia. Pouparia uma noite de sono a cada dois dias.

Quando o senhor Bennet chegou, conservava a aparência da sua habitual serenidade filosófica. Falou muito pouco, como também era seu hábito. Não mencionou o assunto que o levara a Londres e só passado muito tempo suas filhas tiveram coragem de se referir a ele.

Apenas na parte da tarde, à hora do chá, é que Elizabeth se aventurou a falar sobre o assunto. Começou por se condoer das aflições pelas quais o pai passara, ao que o pai lhe respondeu:

– Não falemos mais nisso. Quem deveria sofrer, senão eu mesmo? Foi tudo minha culpa, sou obrigado a reconhecer.

– Não deve ser severo demais para consigo próprio – replicou Elizabeth.

– Por mais que me previnas contra esse erro, a natureza humana tem uma grande tendência a cair nele. Não, Lizzy, deixe que, pelo menos uma vez na vida, eu sinta o peso da minha responsabilidade. Não receio ser esmagado pela impressão. Tudo isso não tardará a passar.

– Acha que eles estão em Londres?

– Sim, pois em que outro local poderiam se esconder?

– E Lydia sempre desejou ir para Londres – acrescentou Kitty.

– Então, deve estar muito feliz – disse o pai, secamente – e, provavelmente, residirá aí durante algum tempo. – Em seguida, após um curto silêncio, continuou: – Lizzy, não guardo rancor pelo conselho que me deu no mês de maio passado; em vista do que aconteceu, demonstra bem a

sua capacidade.

Foram interrompidos pela senhorita Bennet, que vinha buscar o chá da mãe.

– Ora aí está uma atitude – opinou ele – que conforta uma pessoa; dá um toque de elegância ao infortúnio. Um dia desses farei o mesmo. Recolherei-me à minha biblioteca, de touca e camisa de dormir, e darei aos outros o maior trabalho possível, ou talvez aguarde até Kitty fugir também.

– Eu não vou fugir, pai – disse Kitty, inquieta. – Se tivessem me deixado ir para Brighton, eu teria me comportado melhor do que Lydia.

– Você, ir a Brighton! Não a deixarei ir nem a Eastborn, que fica aqui ao lado. Nem por cinquenta libras. Não, Kitty, pelo menos aprendi a ser prudente, e você vai sentir os seus efeitos. Daqui para a frente, nenhum oficial jamais entrará em minha casa, nem que esteja só de passagem pela localidade. Os bailes serão absolutamente proibidos, a não ser que permaneça o tempo todo junto de uma das suas irmãs. E nunca passará por essa porta sem primeiro provar que passa diariamente dez minutos de forma sensata.

Kitty, que levava todas aquelas ameaças a sério, pôs-se a chorar.

– Bom, bom – disse ele –, não fique triste, caso se porte bem durante os próximos dez anos, talvez a leve para ver uma parada militar.

Capítulo 49

Dois dias depois da chegada do senhor Bennet, Jane e Elizabeth estavam passeando no pequeno bosque atrás da casa quando viram a governanta caminhando na direção delas e, concluindo que vinha a mandado da senhora Bennet para as chamar, foram ao seu encontro. Mas, em vez da ordem esperada, assim que chegou, a governanta disse para a senhorita Bennet:

– Perdoem-me interrompê-las, senhoritas, mas, como pensei que tivessem recebido boas notícias da capital, tomei a liberdade de vir perguntar.

– Que diz, minha boa Hill? Nada soubemos ainda da capital.

– Minha querida senhorita! – exclamou a senhora Hill, espantada.

– Não sabe, então, que chegou um expresso da parte do senhor Gardiner para o patrão? Ele está aqui há meia hora e trouxe uma carta para o senhor Bennet.

As garotas não perderam tempo em responder e correram. Atravessaram a sala de entrada, a saleta e entraram na biblioteca, mas não encontraram o pai. Preparavam-se para subir e ir procurá-lo no quarto da mãe quando o mordomo disse:

– Se procuram o patrão, ele foi agora mesmo para o bosque.

Tendo recebido essa informação, as garotas passaram novamente pela saleta de entrada e atravessaram o gramado em busca do pai, que ia em direção a um dos pequenos bosques que havia de um dos lados do jardim.

Jane, que não era tão leve nem tinha tanta prática de exercício, ficou para trás, enquanto a irmã alcançava o senhor Bennet e indagava, quase sem fôlego:

– Oh, pai, diga depressa quais as notícias? Que diz o tio?

– Acabo de receber uma carta dele pelo expresso.

– E que notícias traz, boas ou más?

– Que é que se pode esperar de bom? – disse ele, extraíndo a carta do bolso. – Mas talvez a queira ler.

Elizabeth pegou a carta, ansiosa, enquanto Jane se aproximava.

– Leia em voz alta – pediu o senhor Bennet –, pois ainda não entendi bem do que se trata.

Gracechurch Street, segunda-feira, 2 de agosto

Caro cunhado,

Finalmente, tenho notícias da minha sobrinha para lhe enviar; notícias que, no seu conjunto, julgo não deixarem de lhe agradar. Pouco após sua partida, no sábado, tive a felicidade de descobrir em que parte de Londres o casal estava. Quanto aos detalhes, deixo para quando nos encontrarmos de novo. No momento, basta saber que os descobri e que estive com ambos.

– Então, tudo se passou como eu esperava! – exclamou Jane. – Eles estão casados!

Elizabeth continuou:

Eles não estão casados, nem encontrei neles a menor intenção de o fazer. Porém, se o senhor estiver disposto a cumprir com aquilo que eu tomei a liberdade de aceitar em seu nome, espero que em breve se casarão. Tudo o que lhe exigem é que assegure a Lydia parte das cinco mil libras destinadas a ser repartidas por todas após a sua morte e de sua mulher.

Além disso, comprometer-se, em vida, a dar à sua filha a quantia de cem libras por ano. E são essas as condições que não hesitei em aceitar, sentindo-me autorizado a fazê-lo. Enviarei esta minha comunicação por expresso, para que sua resposta me chegue sem perda de tempo. Facilmente compreenderá, por tudo o que aqui lhe digo, que a situação do senhor Wickham não é tão desesperada como se supunha. Quanto a isso, os rumores que corriam eram falsos; e alegra-me dizer que, sem considerarmos o dote de Lydia, ele ainda disporá, após pagas todas as dívidas, de um pouco de dinheiro para a sua instalação. Apenas necessito que delegue em mim plenos poderes para agir em seu nome, do que eu não duvido, e imediatamente darei instruções a

Haggerston para preparar um contrato. Não vejo qualquer vantagem em voltar de novo a Londres, por isso o aconselho que fique tranquilamente em Longbourn e conte com toda a minha colaboração e diligência.

Responda-me logo que possível e tenha cuidado de escrever claramente. Achamos preferível, minha mulher e eu, que a nossa sobrinha case em nossa casa, o que decerto terá a sua aprovação. Ela vem hoje para junto de nós. Voltarei a escrever-lhe assim que houver algo de novo a informar.

Seu, etc.

E. Gardiner

– Será possível? – perguntou Elizabeth, assim que terminou a carta.

– Será possível que ele se case com ela?

- Wickham não é, então, tão ruim como pensávamos – disse Jane.
- Meu pai, aceite os meus parabéns.
- Já respondeu à carta? – perguntou Elizabeth.
- Não, mas devo fazer isso imediatamente.
- Elizabeth suplicou-lhe, então, que não perdesse mais tempo.
- Oh, pai! – exclamou ela. – Volte para casa e escreva sem demora! Pense na importância que cada momento tem num caso destes.
- Eu mesma lhe escrevo a carta – disse Jane – se tal tarefa lhe desagrade.
- Desagrada-me muito, mas precisa ser feita. – replicou ele, e, com isso, virou-se e voltou com as filhas para casa.
- E posso saber qual é a resposta? – perguntou Elizabeth.
- Suponho que os termos devam ser aceitos.
- Aceitos? Só tenho vergonha de que ele peça tão pouco.
- E eles devem casar-se! Contudo, Wickham é tão ruim.
- Sim, sim, é preciso que eles se casem. Não há outra alternativa. Porém, há duas coisas que eu desejaria saber: a quantia que o seu tio pagou para conseguir tudo isso e como eu poderei reembolsá-lo.
- Que quantia? O nosso tio? O que quer dizer com isso? – indagou Jane.
- Quero dizer que nenhum homem no seu juízo perfeito se casaria com Lydia recebendo em troca uma compensação tão pequena. Cem libras anuais durante a minha vida e cinquenta depois de eu morrer!
- É verdade – disse Elizabeth. – Isso não tinha me ocorrido. Depois das dívidas a pagar, ele diz que ainda sobra dinheiro. Deve ter sido o nosso tio quem arranhou tudo isso. Como ele é generoso e bom! Receio que se vá ressentir disso. O dinheiro que gastou não deve ter sido pouco.
- Não – disse o senhor Bennet. – Wickham seria um idiota se aceitasse entrar no negócio com menos de dez mil libras. De outro modo, custaria ter tão má opinião dele logo no começo das nossas relações.
- Dez mil libras! Valha-nos Deus. Como poderemos alguma vez pagar tal soma?
- O senhor Bennet não respondeu; e todos, mergulhados em reflexões, continuaram em silêncio até chegarem à casa. O senhor Bennet seguiu então para a biblioteca, a fim de escrever ao cunhado, e as filhas foram para a saleta.
- Então, eles se casam! – exclamou Elizabeth, quando se encontrou a sós com Jane. – Como tudo isto é estranho! E, ainda por cima, temos de nos

dar por muito felizes! E dar graças a Deus que assim aconteça, embora sejam diminutas as possibilidades de Lydia em ser feliz já que Wickham tenha um caráter tão ruim. Oh, Lydia!

– Eu me consolo pensando que ele não se casaria se não tivesse afeição por Lydia – replicou Jane. – Embora acredite que o nosso tio tenha feito alguma coisa em relação a isso, não me parece que tenha rondado sequer as dez mil libras. Ele tem muitos filhos, além de outras preocupações possíveis. Como poderia dispor dessas dez mil libras?

– Se nos fosse possível saber quais as dívidas de Wickham – disse Elizabeth – e com quanto ele dotou nossa irmã, saberia exatamente o que nosso tio fez por eles, pois Wickham não tem um tostão. A bondade dos nossos tios é uma coisa que nunca poderá ser paga. O fato de eles a terem levado para casa e lhe terem dado proteção e apoio moral é um sacrifício que anos de gratidão não poderão compensar. Neste momento ela está na casa deles; e, se tamanha bondade não lhe der a consciência da falta que praticou, é porque ela não merece nunca ser feliz! Imagine a cara dela quando se vir na frente da nossa tia!

– Devemos nos esforçar para esquecer tudo o que se passou – opinou

Jane. – Confio e espero que os dois sejam felizes. O fato de ele concordar em casar com ela é uma prova de que ganhou um pouco de juízo. A afeição que nutrem um pelo outro lhes dará a estabilidade. E eu tenho a esperança de que em breve se estabeleçam em sua nova vida e procedam de forma tão ajuizada que, com o tempo, sua imprudência acabe por ser esquecida.

– O comportamento deles foi de tal ordem – replicou Elizabeth – que nem você, nem eu, nem ninguém, poderá jamais esquecer. É inútil falarmos nisso.

Nesse momento, ocorreu que talvez sua mãe permanecesse ainda na ignorância de tudo o que se passava. Foram, então, à biblioteca, e perguntaram ao pai se não desejava que elas lhe transmitissem a notícia. Ele estava escrevendo e, sem levantar a cabeça, respondeu friamente:

– Como queiram.

– Poderemos levar-lhe a carta do tio e ler?

– Levem o que quiserem e me deixem em paz.

Elizabeth pegou a carta de cima da mesa e as irmãs subiram juntas. Mary e Kitty estavam junto da mãe. A mesma comunicação serviria, portanto,

para todas. Após uma breve preparação para as notícias que traziam, a carta foi lida em voz alta. A senhora Bennet não pôde conter seus sentimentos.

Assim que Jane leu o trecho em que o senhor Gardiner falava na esperança de os ver em breve casados, a senhora Bennet demonstrou toda a sua alegria, e cada frase subsequente a tornava mais expansiva. Sua animação foi tão ruidosa e violenta como anteriormente tinham sido as apreensões e o desespero. Bastava saber que Lydia se casaria; não a atormentava qualquer receio quanto à felicidade da filha nem, tampouco, a lembrança da sua falta.

– Oh, minha querida Lydia! – exclamou ela. – Isso é realmente maravilhoso! Ela vai se casar! E eu tornarei a vê-la! Ela se casará com 16 anos! Meu querido e generoso irmão! Eu sabia que ele conseguiria resolver tudo! Que saudades tenho dela... e do meu querido Wickham também! Mas os vestidos, o enxoval! Vou já escrever para minha cunhada Gardiner para que trate de tudo isso. Lizzy, meu amor, corra lá embaixo e pergunte ao seu pai de quanto ele dispõe para o enxoval de Lydia. Não, espere, eu mesma o farei! Toque a campainha, Kitty, para chamar a Hill. Vou me vestir e correr. Oh, minha querida Lydia! Que alegria será quando nos virmos todos juntos outra vez!

Jane procurou refrear a violência de tais expansões, lembrando à mãe o que deviam ao senhor Gardiner pelo que ele tinha feito.

– Devemos, em grande parte, atribuir a feliz conclusão desta história à bondade do nosso tio – acrescentou Jane. – Estamos convencidas de que ele se empenhou para auxiliar financeiramente o senhor Wickham.

– É claro! – exclamou a senhora Bennet. – Mas quem o havia de fazer, senão o seu próprio tio? Se ele não tivesse família, todo o dinheiro dele viria para nós, bem sabe. É a primeira vez que recebemos alguma coisa dele, a não ser um presente ou outro de vez em quando. Oh, como me sinto feliz! Em breve terei uma filha casada! A senhora Wickham! Que soa tão bem... E fez apenas 16 anos em junho passado. Minha querida Jane, estou tão nervosa que creio que não vou conseguir escrever. Eu digo e você escreve por mim. Mais tarde combinaremos com o seu pai a respeito do dinheiro. Mas é preciso encomendar as coisas imediatamente.

A senhora Bennet logo começou a fazer uma lista de todas as peças de tecido estampado, musselina e cambraia, e teria feito dentro em pouco

uma grande encomenda se Jane não a tivesse convencido a aguardar até consultar o marido. Um dia de atraso, observou ela, não teria qualquer importância.

– Assim que me vestir, irei a Meryton dar as boas-novas à minha irmã Philips. Na volta, passarei pela casa de lady Lucas e da senhora Long. Kitty, corra lá embaixo e peça a carruagem. Um pouco de ar puro me fará muito bem. Senhoritas, desejam que eu lhes traga alguma coisa de Meryton? Oh, aí vem Hill! Minha querida Hill, já sabe da novidade? A senhorita Lydia vai se casar.

A senhora Hill exprimiu imediatamente sua alegria. Elizabeth recebeu os seus parabéns e, cansada de tanta loucura, foi refugiar-se em seu quarto, para poder refletir em paz.

Pobre Lydia, sua situação seria bastante ruim; mas ainda teria de dar graças por não ser pior. E, embora assim pensasse, não via para a irmã grandes possibilidades de uma vida feliz e próspera; mas, recordando-se dos momentos de aflição e de todos os seus receios de há duas horas apenas, ela viu que deram um grande passo para a frente.

Capítulo 50

O senhor Bennet lamentava ter desperdiçado todo o seu rendimento sem tomar as devidas precauções para garantir o futuro da mulher e das filhas. Agora, mais do que nunca, se arrependia de não o ter feito. Lydia estava em dívida com o tio, não só em dinheiro, como em honra e bom nome. Só a ele caberia a satisfação de obrigar um dos piores rapazes da Grã-Bretanha a se casar com a filha.

Preocupava-o seriamente que a solução tivesse sido conseguida apenas graças ao seu cunhado. Resolveu averiguar a importância exata do seu auxílio e arranjar uma maneira de saldar a dívida tão breve quanto possível.

Quando se casou, o senhor Bennet achava que não precisava economizar, pois teria naturalmente um filho. Esse filho seria herdeiro de seus bens, e desse modo veria garantido o futuro da viúva e dos filhos menores. Cinco filhas, sucessivamente, vieram ao mundo, mas nada de filho. Muitos anos após o nascimento de Lydia, a senhora Bennet ainda acreditava no filho. Por fim, teve de renunciar a tal esperança, mas, nessa altura, já era tarde

demais para poupar. A senhora Bennet não tinha feitio para economizar, e só a moderação do marido os impedia de exceder o rendimento.

Segundo o contrato de casamento, cinco mil libras seriam deixadas para a senhora Bennet e as filhas. A partilha deveria ser feita de acordo com a vontade dos pais. Em vista do que acontecera a Lydia, tal ponto deveria agora ser definido, e o senhor Bennet não hesitava em aceitar os termos da proposta que lhe tinha sido feita. Em termos precisos, mas cordiais, ele exprimiu sua gratidão pela bondade do cunhado. Em seguida, declarou sua plena aprovação a tudo o que tinha sido feito e a sua aceitação dos compromissos que o senhor Gardiner aceitara em seu nome. Nunca imaginara que fosse possível convencer Wickham a casar com sua filha em termos tão convenientes. As cem libras que deveria pagar anualmente não representavam um déficit real de mais de dez libras: o fim da mesada de que Lydia dispunha, assim como os belos presentes em dinheiro que continuamente lhe chegavam às mãos por intermédio da senhora Bennet cobririam grande parte das despesas que Lydia pudesse fazer.

A outra surpresa agradável, considerava ele, fora a facilidade com que tudo se resolvera sem lhe dar qualquer trabalho. Seu desejo era, agora, pensar o menos possível no assunto. O ímpeto com que se lançara na perseguição da filha fora apenas fruto momentâneo da sua cólera. Cessada esta, o senhor Bennet recaiu em sua indolência habitual. A carta fora desde logo despachada, pois, embora lento na elaboração dos seus projetos, ele era rápido na execução. Pedia ao senhor Gardiner que lhe desse uma relação detalhada das suas despesas, mas nada mandava dizer a Lydia, pois ainda estava ressentido com ela.

As boas notícias em breve se propagaram. Teria sido mais interessante se a própria senhorita Lydia tivesse regressado, ou a mandassem em reclusão para algum lugar distante, mas o casamento já era suficiente para mexericos. As velhas invejosas de Meryton continuaram a enviar seus votos de felicidade com o mesmo secreto contentamento com que antes exprimiam condolências, pois, embora a situação tivesse mudado, com um tal marido, a desgraça de Lydia era certa.

A senhora Bennet, que passara quinze dias sem sair do quarto, naquele grande dia tornou a ocupar seu lugar à cabeceira da mesa. Sua satisfação era extrema. Nenhum sentimento de vergonha atenuava seu triunfo.

Desde que Jane completara 15 anos de idade, o maior desejo da senhora Bennet fora ver uma das filhas casadas. Agora ele estava a ponto de se

realizar. Todos os seus pensamentos giravam em torno dos preparativos para um casamento no melhor estilo, tais como as musselinas finas, novas carruagens e criados. Procurava lembrar-se de uma casa nas redondezas que servisse para a filha e, desconhecendo as possibilidades do casal, recusava muitas das que lhe sugeriam por considerá-las modestas e simples demais.

– Haye Park talvez servisse – dizia ela –, se os Goulding consentirem em sair. E aquela casa grande em Stoke também daria. Pena que a sala

de visitas seja muito pequena. Ashworth é muito distante. Quanto à casa de Pulvis, os telhados são horríveis.

O senhor Bennet deixou-a falar sem interrupção enquanto havia criados por perto; mas, quando estes saíram, disse:

– Senhora Bennet, antes que tome alguma dessas casas, ou todas elas, para sua filha, considero indispensável chegarmos desde já a um acordo sobre tal assunto. Saiba que há, pelo menos, uma casa em que eles não serão admitidos. Não pretendo encorajar a imprudência de ambos ao

recebê-los em Longbourn.

A tal declaração seguiu-se uma longa polêmica; mas o senhor Bennet mostrou-se firme. O assunto em breve os conduziu a outro, e a senhora Bennet descobriu, com espanto e horror, que o marido não estava disposto a adiantar um só tostão para as despesas do enxoval. Declarou, intransigente, que não seria ele quem, por ocasião do casamento da filha, lhe daria o menor sinal da sua estima.

A senhora Bennet recusava-se a compreender e a aceitar tal atitude. Achava impossível que ele levasse seu ressentimento a ponto de recusar à filha um dos privilégios sem o qual o casamento dela pareceria quase que inválido. A senhora Bennet era muito mais sensível à vergonha de ter casado a filha sem roupas novas do que à desonra causada pela sua fuga e pelo fato de ter vivido quinze dias com Wickham sem ser casada.

Elizabeth, mais do que nunca, se arrependeu de ter se deixado levar pela aflição do momento e revelado ao senhor Darcy seus anseios quanto ao futuro da irmã. Com o casamento realizado em breve, talvez tivessem podido esconder tão vergonhoso fato de todos não diretamente relacionados à família.

Ela não receava que o caso se espalhasse por intermédio dele. Havia, atualmente, poucas pessoas em cuja discrição ela tivesse maior confiança;

mas, em contrapartida, não havia ninguém cujo conhecimento da levandade da irmã a mortificasse tanto. Não era que temesse qualquer desvantagem para si mesma, pois, de qualquer modo, parecia haver um abismo intransponível entre eles.

Mesmo que o casamento de Lydia tivesse se realizado da forma mais respeitável, não era possível que o senhor Darcy insistisse em se relacionar com uma família contra a qual tinha tantas objeções e às quais se vinha juntar uma outra, a de um parentesco íntimo com o homem que ele tão justamente desprezava.

Não era, pois, de estranhar que ele hesitasse. O desejo de obter a consideração de Elizabeth, por ele manifestado em Derbyshire, nunca sobreviveria a tal golpe. Ela sentia-se humilhada e ferida. Tinha remorsos, mas não sabia bem de quê. Ansiava pela estima dele quando acreditava não poder jamais gozar dela. Queria ter notícias dele, e não tinha a menor esperança de que ele lhe escrevesse. Agora que não via possibilidade de encontrá-lo, acreditava que poderia ter sido feliz com ele.

Que triunfo seria para ele se pudesse saber que as propostas que há quatro meses ela tão orgulhosamente recusara seriam recebidas agora com alegria e gratidão. Ele era generoso, disso Elizabeth não tinha a menor dúvida. Havia mesmo poucos homens mais generosos. Mas, para não sentir triunfo numa ocasião como esta, era preciso que não fosse humano.

Elizabeth começou a compreender, então, que o senhor Darcy era o homem que mais lhe convinha, tanto pelo seu temperamento como pelas suas qualidades. O temperamento dele, embora oposto do dela, vinha ao encontro dos seus desejos. Tal união apenas resultaria vantajosa para ambos. A espontaneidade e naturalidade de Elizabeth contribuiriam

para suavizar o temperamento e melhorar também as maneiras dele. Darcy, por outro lado, teria um benefício ainda maior a receber com a segurança do seu julgamento e a sua experiência do mundo.

Em breve o senhor Gardiner tornou a escrever ao cunhado. Aos pedidos do senhor Bennet, ele apenas respondeu que estava sempre disposto a dar do seu melhor para o bem de qualquer membro da família e concluiu rogando que não se mencionasse mais o assunto. A principal finalidade da carta era anunciar que o senhor Wickham decidira sair da milícia.

Desejaria muito que ele o fizesse assim que o casamento fosse marcado (acrescentava ele). E creio que concordará comigo em como esse passo é

desejável, tanto para ele como para a minha sobrinha. O senhor Wickham tem intenção de entrar no exército regular; e alguns dos seus antigos amigos estão dispostos a apoiá-lo. Prometeram-lhe um posto de tenente no regimento do general atualmente aquartelado no Norte. Há toda a vantagem em que ele permaneça longe daqui. Wickham parece cheio de boas intenções e espero que, uma vez entre pessoas estranhas, ambos se mostrarão prudentes e procurarão salvar as aparências. Escrevi ao coronel Forster, informando-o da nossa atual situação e pedindo-lhe que tranquilize os vários credores de Wickham em Brighton e arredores. Com promessas de rápido pagamento, assumi tal compromisso. Peço-lhe que faça o mesmo com os credores dele em Meryton,

dos quais lhe envio a lista, de acordo com as informações do senhor Wickham. Ele confessou todas as suas dívidas, e espero que, ao menos, não nos tenha enganado. Haggerton já recebeu nossas instruções e tudo ficará pronto dentro de uma semana. Eles partirão logo para a sede do regimento, a não ser que o senhor os convide primeiro a ir a Longbourn. A senhora Gardiner informou-me que a sobrinha ansiava por ver a todos antes de partir para o Norte. Ela está bem e pede-me que lhes envie, a ambos, toda a sua afeição.

Seu, etc.

E. Gardiner

O senhor Bennet e as filhas compreenderam, tão bem como o senhor Gardiner, quais as vantagens da saída do senhor Wickham do regimento da milícia. A senhora Bennet é que não se conformava com a ideia. Lydia iria morar no Norte justo quando a mãe teria todo o prazer e orgulho da sua companhia, pois não desistira nem por um só instante do plano de instalar a filha em Hertfordshire. Seu desapontamento foi grande. Além disso, era uma pena que Lydia fosse afastada de um local onde tinha tantas relações.

– Lydia simpatizava tanto com a senhora Forster! – dizia ela. – É uma pena que seja enviada para tão longe. Além disso, havia tantos rapazes que ela apreciava. Os oficiais do regimento do general podem não ser tão amáveis.

A insinuação do senhor Gardiner poderia ser tomada como um pedido formal para que Lydia tornasse a ser admitida na família antes da sua partida para o Norte. A princípio, o senhor Bennet mostrou-se intransigente a tal pedido, mas Jane e Elizabeth, que comungavam das

mesmas ideias, eram da opinião de que, para o bem da irmã, não lhe deveria ser negado o apoio dos pais. Pediram com tamanha insistência, e, ao mesmo tempo, com tanta doçura, que conseguiram demover o pai e obter dele a permissão para que os dois visitassem Longbourn logo após o casamento.

Quanto à senhora Bennet, era com satisfação que encarava aquela oportunidade de exibir nas redondezas sua filha casada, antes do exílio dela no Norte. O senhor Bennet escreveu, então, ao cunhado, informando-lhe sua anuência ao pedido. Elizabeth, contudo, não pôde deixar de se surpreender por Wickham ter concordado com o plano. Se tivesse consultado apenas seu coração, um encontro com ele seria a última coisa no mundo que ela mesma desejaria.

Capítulo 51

Finalmente, o dia do casamento chegou. Jane e Elizabeth pareciam mais emocionadas do que a própria Lydia. A carruagem foi enviada ao encontro dos noivos, que eram esperados para jantar. As duas irmãs mais velhas viam com apreensão a hora da chegada. Especialmente Jane, que atribuía a Lydia os sentimentos que ela sentiria em situação idêntica, afligia-se com a ideia do que a irmã iria sofrer. Quando chegaram,

a família estava reunida na saleta para recebê-los. A senhora Bennet desfez-se em sorrisos assim que a carruagem parou à porta. O marido conservava uma expressão grave e impenetrável. As filhas estavam alarmadas, ansiosas e inquietas.

Ouviram a voz de Lydia na entrada da casa. A porta foi aberta com violência, e ela entrou correndo na sala. A mãe adiantou-se e abraçou-a com grandes demonstrações de alegria. Sorrindo afetuosamente, ela estendeu a mão a Wickham, desejando felicidades a ambos com um alarde que demonstrava bem que ela não duvidava nem um minuto da realização do seu desejo.

O senhor Bennet recebeu-os de forma muito menos cordial. Seu rosto tornou-se ainda mais grave e mal abriu a boca. A atitude despreocupada do jovem casal era realmente uma provocação. Elizabeth ficou irritada e a própria Jane sentiu consternação. Lydia continuava a mesma; imprudente,

indomável, doida, ruidosa e temerária. Falou a cada uma das irmãs

exigindo-lhes os parabéns. Depois de todos se sentarem, pôs-se a olhar à sua volta com curiosidade, notando as pequenas alterações que tinham sido introduzidas naquela sala. Em seguida, observou, com uma risada, que há muito tempo que dali partira.

Wickham não se mostrava mais embaraçado do que ela, mas seus modos eram sempre tão agradáveis que, se o seu caráter não fosse manchado e o casamento tivesse sido realizado com todo o preceito, os seus sorrisos e suas atitudes teriam conquistado toda a família.

Elizabeth nunca o supusera capaz de tal cinismo, mas ela sentou-se, resolvendo em seu íntimo nunca mais estabelecer limites à imprudência de um homem sem escrúpulos. Ela corou e Jane também, mas os rostos daqueles que lhes causaram tal perturbação mantinham-se inalteráveis na cor.

A conversa era incessante. A noiva e a mãe competiam em exuberância. Wickham, que estava perto de Elizabeth, começou a perguntar pelos conhecidos na vizinhança, com uma tranquilidade bem-humorada que ela sentiu jamais poder imprimir nas suas respostas. Tanto Wickham como a esposa apenas pareciam ter recordações agradáveis na vida. Nenhum fato passado era lembrado com amargura.

– Imaginem, já fez três meses que fui embora! – exclamou Lydia.

– Não me parecem mais do que quinze dias. E, no entanto, tantas coisas aconteceram. Meu Deus! Quando daqui parti, quem me diria que havia de voltar casada! Mas pensei que seria engraçado se o fizesse.

O senhor Bennet ergueu os olhos, Jane ficou aflita e Elizabeth olhou significativamente para Lydia. Ela continuou:

– Oh, mãe, as pessoas daqui dos arredores sabem que me casei hoje? Receei que eles não soubessem. No caminho cruzamos com William Goulding na sua charrete. Para que ficasse sabendo, baixei o vidro, tirei a luva e apoiei a mão no rebordo da janela, para que ele visse bem a minha aliança. Só então o cumprimentei, e não pude conter por mais tempo o meu riso.

Elizabeth achou que tudo aquilo passava dos limites. Levantou-se, saiu e só voltou quando os ouviu passarem para a sala de jantar. Chegou ainda a tempo de ver Lydia, que, com uma expressão de ansiedade, se aproximara do lugar à direita da mãe e, dirigindo-se à irmã mais velha, lhe dizia:

– Ah, Jane, esse lugar me pertence agora por direito. Sou a mais importante, dada a minha situação de mulher casada.

A solenidade daquela hora não dava a Lydia o constrangimento que até aquele instante não demonstrara. Pelo contrário, parecia cada vez mais à vontade. Ansiava por voltar a ver a senhora Philips, a família Lucas e todos os outros vizinhos e ouvi-los chamá-la de senhora Wickham. Enquanto isso não acontecia, foi, logo após o jantar, mostrar a aliança à senhora Hill e às criadas.

– Bem, mãezinha – disse ela, quando voltou à sala –, o que acha do meu marido? Não é um homem encantador? Estou certa de que todas as minhas irmãs me invejam. Só lhes desejo tanta sorte quanto a minha. Precisam todas ir a Brighton. É o lugar ideal para se arranjar um marido. Que pena, mãe, não termos ido todas!

– É verdade, se tivessem me dado ouvidos, teríamos ido. Mas, minha querida Lydia, não gosto nada que vá para tão longe. Será mesmo necessário?

– Oh, mas é claro! Não vejo mal nenhum nisso. Até gosto muito. Vocês só terão de ir nos visitar. Passaremos em New Castle todo o inverno. Bailes não faltarão e eu arranjarei par para todas as que forem.

– Adoraria poder ir! – disse a mãe.

– E depois, quando regressassem, poderiam deixar comigo uma ou duas das minhas irmãs. Garanto que arranjarei maridos para todas elas antes do fim do inverno.

– Agradeço pela parte que me toca – disse Elizabeth –, mas não aprecio sua maneira de arranjar maridos.

Os visitantes não poderiam demorar mais de dez dias. O senhor Wickham fora nomeado antes de sair de Londres e apenas lhe haviam concedido quinze dias para se reunir ao seu regimento.

Exceto a senhora Bennet, ninguém mais lamentou que eles se demorassem tão pouco. Esse tempo foi por ela aproveitado da melhor forma possível, fazendo visitas com a filha e recebendo frequentemente convidados em sua casa. Tais reuniões vinham ao encontro do desejo de todos; pois escapar ao círculo da família era ainda mais desejável para aqueles que pensavam do que para aqueles que não o faziam.

A afeição de Wickham por Lydia era exatamente como Elizabeth supunha: inferior à que Lydia tinha por ele. Mesmo sem observar, dava para se concluir que a fuga se deveria mais à paixão dela do que ao

interesse dele. Se não fosse a certeza de que ele tinha fugido porque a situação no local se tornara insuportável, Elizabeth se surpreenderia ao saber que Wickham raptou sua irmã sem sentir por ela uma paixão ardente. Ele não resistira à oportunidade de ter uma companheira para a sua viagem.

Lydia gostava muito de Wickham. Ele continuava a ser o seu querido Wickham. Ninguém podia competir com ele no coração da irmã. Segundo ela, ele fazia tudo melhor do que ninguém. Certa manhã, pouco depois da sua chegada, Lydia disse para Elizabeth:

– Lizzy, ainda não lhe contei como foi o nosso casamento. Você não estava presente quando descrevi tudo à mamãe e às outras. Não tem curiosidade em saber como tudo isso se passou?

– Para dizer a verdade, não – replicou Elizabeth –, e penso que quanto menos se falar no assunto, melhor.

– Você é tão esquisita! Vou contar como tudo aconteceu. Nós nos casamos na Igreja de São Clement, pois Wickham pertence àquela paróquia. Combinamos de nos encontrarmos lá às onze horas. Os meus tios e eu iríamos juntos, e os outros nos encontrariam na igreja. Eu estava numa ansiedade que nem imagina! Receava que acontecesse algo que viesse a adiar o casamento. Teria ficado desesperada! Enquanto me vestia, nossa tia não parava de falar, como se estivesse me pregando um sermão. Quase não entendi palavra alguma, pois como deve calcular, só pensava no meu querido Wickham. Estava doida para saber se ele poria a casaca azul.

– Tomamos o café da manhã às dez, como de costume. Pensei que nunca mais teria fim. A propósito, nossos tios foram horivelmente severos comigo durante todo o tempo que estive com eles. Não me deixaram sair de casa uma só vez durante os quinze dias que ali passei. Nem uma festa, nem uma reunião, nada! Bem, quando a carruagem chegou, meu tio foi detido ainda por alguns instantes para tratar de quaisquer negócios com aquele horrível senhor Stone; e, como deve saber, quando ele se pôe a falar de negócios, nunca para. Eu estava tão assustada que não sabia o que havia de fazer, pois era o tio quem me serviria de padrinho, e, se não estivéssemos lá na hora certa, seríamos obrigados a deixar o casamento para o dia seguinte. Mas, felizmente, passados dez minutos, ele voltou e partimos todos. Nessa altura, porém, lembrei-me de que, se acaso ele não pudesse ter ido, seria o senhor Darcy quem o substituiria.

– O senhor Darcy? – repetiu Elizabeth com um grande espanto.

– Sim, ele tinha ficado de ir com Wickham. Oh, meu Deus, o que eu estou falando? Esqueci completamente! Nunca deveria ter mencionado tal coisa! Prometi que não o faria! Que é que Wickham não vai dizer? Era segredo!

– Se era segredo – falou Jane –, então não diga mais nada.

– Exato – disse Elizabeth, ardendo em curiosidade. – Nada lhe perguntaremos.

– Obrigada – agradeceu Lydia –, pois, se vocês me perguntassem, eu acabaria contando tudo. E depois Wickham ficaria muito zangado comigo.

Para resistir à tentação, Elizabeth foi obrigada a fugir. Mas era impossível viver na ignorância daquele detalhe ou pelo menos tentar se informar. O senhor Darcy assistir ao casamento da sua irmã parecia inacreditável. Não poderia suportar tal incerteza; e, tomando uma folha de papel, escreveu apressadamente uma curta missiva destinada à tia, pedindo a explicação para o fato:

Como deve compreender, tenho curiosidade em saber por que razão uma pessoa que não tem relações com qualquer uma de nós e é quase um estranho à nossa família estava presente no casamento de minha irmã. Peço que me escreva sem demora e me explique tudo, a não ser que haja motivos mais fortes para guardar o segredo que Lydia parece achar necessário. Nesse caso, terei de me resignar à minha ignorância.

“Jamais me resignarei” – pensou Elizabeth, enquanto terminava a carta.

Mas, minha querida tia, se não me contar, serei obrigada a lançar mão de estratégias para tentar descobrir.

Capítulo 52

Elizabeth recebeu a resposta à sua carta tão depressa quanto ela o poderia desejar. Assim que a carta chegou, correu para o pequeno bosque e, sentando-se num banco, preparou-se para a ler tranquilamente, sentindo-se feliz, pois, pelo número das páginas, era fácil deduzir que não continha uma simples negativa.

Gracechurch Street, 6 de setembro

Minha querida sobrinha,

Acabo de receber sua carta e dedicarei toda esta manhã a escrever a minha resposta, pois prevejo que, em poucas linhas, não poderei

transmitir tudo o que tenho para dizer. Devo confessar que seu interesse me surpreende. Não pense que estou zangada, pois o que eu quero dizer é que não esperava que essas informações fossem necessárias. Se prefere não compreender o que digo, desculpe a impertinência.

No próprio dia da minha chegada de Longbourn, seu tio recebeu uma visita inesperada. O senhor Darcy veio à nossa casa e permaneceu em conferência com ele durante várias horas. Quando entrei, já tudo isso se tinha passado, e por essa razão a minha curiosidade não foi tão intensamente despertada como a sua parece ter sido. Ele veio para dizer ao seu tio que tinha descoberto o paradeiro do senhor Wickham e de sua irmã e que já os tinha visto e conversado com ambos, com Wickham várias vezes e com Lydia apenas uma.

Ao que parece, ele deixou Derbyshire e partiu para Londres um dia após a nossa partida, decidido a procurar os fugitivos. O motivo alegado era a sua convicção de que fora por sua causa que o caráter de Wickham não tinha sido convenientemente revelado, de modo a impedir que uma garota decente o amasse e confiasse nele. De forma generosa, atribuiu tudo isso ao seu orgulho mal compreendido, pois julgava estar acima da necessidade de expor à opinião pública os seus atos particulares. Seu caráter respondia por ele. Ele considerava, portanto, seu dever vir a público e tentar reparar o mal que julgava ter causado. Passara alguns dias em Londres antes que conseguisse descobrir os fugitivos. Mas ele tinha um elemento para orientar sua busca, e que a nós nos fazia falta. E este era o motivo que justificava a sua vinda.

Existe uma certa senhora Younge, que, ao que parece, foi, durante algum tempo, a dama de companhia da senhorita Darcy e que fora despedida por motivos que ele não nos revelou. Depois disso, ela alugou uma grande casa na Edward Street e nela abriu uma pensão. O senhor Darcy sabia que a senhora Younge era íntima de Wickham. E, sem perda de tempo, logo a procurou em busca de informações. Porém, levou dois dias para obter dela o que desejava. Suponho que essa mulher não estava disposta a trair o segredo que lhe fora confiado sem receber com isso uma compensação, pois ela sabia perfeitamente onde estava o seu amigo.

Wickham a procurara assim que chegara a Londres, e, se ela tivesse vaga, seria em sua casa que ele se instalaria. Por fim, nosso bom amigo conseguiu obter o endereço desejado. O senhor Darcy esteve com Wickham e, em seguida, insistiu para ver Lydia. Seu primeiro objetivo

para com ela fora

persuadi-la a abandonar tão triste situação e voltar para junto da sua família assim que esta consentisse em recebê-la, oferecendo todo o seu auxílio nesse sentido. Mas ele encontrou Lydia absolutamente decidida a conservar-se onde estava. Ela não queria saber da família, não precisava do auxílio dele e por coisa alguma desta vida abandonaria Wickham. Estava certa de que se casariam mais cedo ou mais tarde e que a data não tinha importância. Visto isso, restava a Darcy apenas fazer com que se casassem o mais rápido possível. Logo na primeira conversa que tivera com Wickham, ele compreendera que nunca fora essa a sua intenção. Aquele confessara-lhe que tinha deixado o regimento devido a algumas dívidas de honra muito urgentes; e não hesitava em atribuir unicamente à sua própria levandade todas as más consequências da fuga de Lydia. Tinha também a intenção de deixar o cargo imediatamente. Quanto à sua futura situação, não sabia o que fazer. Precisava ir para algum lugar, mas não sabia para onde. Sabia apenas que não tinha dinheiro para viver. Darcy perguntou-lhe por que razão ele não tinha se casado logo com a sua irmã. Em resposta a essa pergunta, o senhor Darcy descobriu que Wickham acalentava ainda a esperança de fazer fortuna pelo casamento num outro condado. Perante isso, não seria prudente oferecer-lhe um auxílio imediato. Encontraram-se diversas vezes, pois havia muito que discutir. Wickham, naturalmente, queria mais do que poderia obter. Mas, por fim, ele rendeu-se à evidência e tudo ficou combinado entre eles. Foi nessa altura que o senhor Darcy procurou o seu tio para lhe informar

o que tinha feito. E, assim, ele esteve na nossa casa na noite anterior à minha chegada. Contudo, ele não se avistou com o meu marido, que estava ausente, e foi então que descobriu que o seu pai ainda estava aqui e que só partiria de Londres no dia seguinte. Considerando que seria melhor entender-se com seu tio do que com o seu pai, resolveu adiar a entrevista para depois da partida deste. Não deixou o nome, e, até voltar, no dia seguinte, sabia-se apenas que um cavalheiro tinha procurado o senhor Gardiner por causa de uns negócios. No sábado tornou a aparecer. Seu pai não estava aqui, seu tio estava em casa, e os dois conversaram durante muito tempo. Voltaram a se encontrar no domingo, e nesse dia também eu estive com ele. Só na segunda-feira é que tudo ficou definido. Imediatamente um expresso foi despachado para Longbourn. Mas o nosso

visitante mostrou-se muito obstinado. Creio, Lizzy, que, no fim das contas, a obstinação é o verdadeiro defeito do seu caráter. Já o acusaram de muita coisa, mas esta é a única que lhe diz realmente respeito. Insistia em ser ele o encarregado a fazer tudo; embora eu esteja certa (e não falo nisso para receber agradecimentos, portanto não diga a ninguém) de que o seu tio trataria de tudo rapidamente.

Discutiram um com o outro por muito tempo, mais do que as duas pessoas em questão o mereciam. Por fim, seu tio foi obrigado a ceder. Em vez

de ser realmente útil à sobrinha, teve de se contentar com a fama, o que não lhe agradou de forma alguma. Creio que a sua carta de hoje lhe deu um grande prazer, pois exigia uma explicação que o despojava de falsos méritos, restituindo a glória a quem merece. Mas, Lizzy, isso deve ficar entre nós... e, vá lá, também Jane. Suponho que saiba o que foi feito pelo jovem casal.

As dívidas de Wickham, que montam, creio eu, para além de mil libras, necessitavam ser pagas. Outras mil eram necessárias para o dote de Lydia. E a sua fiança ao cargo que pretende teria de ser paga também. O motivo alegado para fazer tudo isso foi o que eu mencionei acima. Fora devido a ele, aos seus escrúpulos excessivos, que os outros tinham se iludido a respeito do caráter de Wickham, depositando nele a confiança que não merecia. Talvez haja uma certa verdade em tudo isso, mas eu duvido que o seu silêncio ou o silêncio de qualquer outra pessoa possa ter sido a causa do sucedido.

Mas, apesar de todo esse belo discurso, minha querida Lizzy, pode estar certa de que o seu tio nunca teria cedido se não tivesse julgado que o senhor Darcy tinha um outro interesse no assunto. Quando tudo se resolveu, ele voltou de novo para junto dos amigos que o aguardavam em Pemberley, mas ficou combinado que voltaria a Londres no dia do casamento para dar um avanço nos assuntos de dinheiro. Creio que já a pus a par de toda a

história. É um relato que, pelo que vejo pela sua carta, a surpreenderá bastante. Espero, pelo menos, que não te cause qualquer dissabor.

Lydia veio para a nossa casa e Wickham vinha toda hora aqui. Achei-o exatamente como quando o conheci em Hertfordshire, mas a conduta de Lydia não poderia ter me desagradado mais. Segundo a carta de Jane,

condiz com o seu procedimento em Longbourn, portanto, não hesito em pensar que o que lhe conto não lhe causará um novo desgosto. Tentei muitas vezes tocar o coração dela, mostrando-lhe o mal que tinha feito e toda a infelicidade que causara à família. Se ela me ouviu, foi por acaso. Estou certa de que não prestou qualquer atenção ao que lhe disse. Por várias vezes me senti irritada. Nessas alturas lembrava-me das minhas queridas Elizabeth e Jane, e por vocês me enchi de toda a paciência.

O senhor Darcy voltou, como prometera, e, como Lydia lhe contou, assistiu ao casamento. Jantou conosco no dia seguinte e pretendia partir na quarta ou quinta-feira. Espero que não se zangue comigo, minha querida Lizzy, por aproveitar essa oportunidade para lhe dizer uma coisa que nunca antes tinha ousado dizer: é que eu simpatizo muito com ele. Sua atitude conosco foi tão amável como quando estivemos em Derbyshire.

Sua maneira de encarar as coisas, suas opiniões, tudo me agrada e encontra eco no meu coração. Só lhe falta um pouco de vivacidade, mas, se ele se casar com acerto, a sua mulher lhe emprestará. Achei-o muito astuto. Quase nunca mencionou o seu nome, mas a astúcia parece estar na moda. Espero que me perdoe se me mostrei muito ousada, ou, pelo menos, não me castigue a ponto de me excluir de P... Nunca me sentirei inteiramente feliz enquanto não tiver percorrido todo aquele parque. Não posso continuar, pois as crianças me esperam há meia hora.

A sua tia muito afetuosa, etc.,

M. Gardiner

A carta despertou em Elizabeth tantos sentimentos que era difícil determinar qual predominava, se o prazer ou a dor. As vagas suspeitas acerca do que o senhor Darcy poderia ter feito para auxiliar o casamento de sua irmã, suspeitas essas que ela receara encorajar, pois demonstravam uma grandeza de alma que dificilmente encontraria em alguém, suspeitas essas cuja confirmação, ao mesmo tempo, temia, pela obrigação que acarretariam, tinham se convertido em realidade além das suas expectativas.

Ele seguira-os até Londres por vontade própria. Assumira todos os incômodos e mortificações da tal investigação. Tivera de suplicar a uma mulher que ele naturalmente deveria abominar e desprezar. Fora obrigado a encontrar-se com frequência, a discutir, persuadir e enfim subornar o homem que mais do que ninguém desejava evitar e cujo simples nome

detesta. E ele tinha feito tudo isso por uma garota que não podia nem admirar nem estimar. O coração de Elizabeth lhe dizia que fora unicamente por sua causa. Mas essa esperança logo era sufocada por outras reflexões, e ela não se sentia vaidosa a ponto de julgar que Darcy nutriria qualquer afeição por uma mulher que o rejeitara, ou que ele fosse capaz de vencer um sentimento tão natural como a aversão em relacionar-se novamente com Wickham. Concunhado de Wickham! O orgulho mais elementar se voltaria contra isso. Certamente ele já havia feito muito.

Elizabeth se envergonhava ao pensar em tudo o que lhe devia. Mas Darcy tinha apresentado um motivo para a sua interferência, um motivo que não exigia sutilezas de interpretação. Não era natural que ele atribuísse a si próprio todas as culpas. Era generoso e tinha meios de exercer a sua generosidade. E, embora ela não se considerasse a causa principal da sua conduta, poderia talvez supor que um resto de afeição por ela tivesse contribuído para os seus esforços num assunto do qual dependia diretamente a sua paz de espírito.

Era doloroso, extremamente doloroso, saber que estavam em dívida com uma pessoa a quem nunca poderiam pagar. Deviam a reabilitação de Lydia e a sua restituição ao seio da família unicamente ao senhor Darcy. Elizabeth arrependeu-se de todos os dissabores que lhe causara, de todas as palavras duras que lhe dissera. Sentia-se humilhada, mas tinha orgulho por ele. Orgulho por, entre a compaixão e a honra, ele ter levado a melhor sobre si mesmo. Ela leu vezes sem conta os elogios que a tia lhe fazia. Não bastavam, mas traziam satisfação. Ela sentia até mesmo um certo prazer, embora misturado com mágoa, em descobrir como a tia e o marido tinham se convencido da existência de um amor entre o senhor Darcy e ela mesma.

Elizabeth foi arrancada das suas reflexões pela aproximação de alguém. Levantou-se, mas, antes de conseguir fugir pelo outro caminho, foi abordada por Wickham.

— Interrompo o seu passeio solitário, minha querida cunhada? — perguntou ele, ao aproximar-se dela. — Sempre fomos bons amigos. E agora mais do que nunca.

— É verdade. Os outros não vêm passear?

— Não sei. A senhora Bennet e Lydia vão a Meryton. Soube pelos nossos tios que visitou Pemberley.

Elizabeth respondeu afirmativamente.

– Quase lhe invejo tal prazer. No entanto, acho que seria demasiado para mim, senão iria até lá no caminho para New Castle. Naturalmente, estive com a velha governanta. Pobre senhora Reynolds, ela gostava muito de mim! Mas suponho que ela não tenha falado de mim.

– Falou, sim.

– E o que foi que ela disse?

– Que o senhor tinha entrado para o Exército e que parecia não ter dado grande coisa. Mas, compreenda, a uma tal distância há sempre o perigo de as coisas serem deturpadas.

– Certamente – replicou ele, mordendo os lábios.

Elizabeth supôs que o silenciara, mas pouco depois ele prosseguiu:

– Fiquei muito espantado por ver Darcy em Londres quando lá estive. Encontrei-o várias vezes por acaso, na rua. O que ele anda fazendo por lá?

– Talvez preparando o casamento dele com a senhorita de Bourgh

– respondeu Elizabeth. – Terá com certeza de ter um motivo especial para ir a Londres nesta época do ano.

– Sem dúvida. Viu Darcy alguma vez enquanto estive em Lambton? Se bem me lembro, os Gardiner me falaram disso.

– Sim, ele me apresentou à irmã.

– E que achou dela?

– Gostei muito.

– Ouvi dizer que ela melhorou bastante nesses últimos dois anos. Da última vez que a vi, não prometia muito. Espero que ela se torne uma senhora verdadeiramente completa.

– Estou certa disso, pois já passou a idade mais perigosa.

– Visitaram a aldeia de Kympton?

– Não me lembro.

– Falei disso apenas porque era essa a paróquia que me estava destinada. Um lugar encantador! E uma bela casa também!

– Pensa que gostaria de fazer sermões?

– Muito. Consideraria parte do meu dever, e o esforço não seria tão grande. Teria sido um lugar esplêndido para mim! A tranquilidade daquela vida teria correspondido a todas as minhas ideias de felicidade! Mas o destino não quis. Darcy lhe falou alguma vez sobre o caso enquanto estive em Kent?

– Houve alguém, que eu considero tão bem informado quanto ele, que me

disse que o presbitério lhe fora deixado apenas condicionalmente, ao arbítrio do atual proprietário.

– Ah, sim? De fato, existe alguma verdade nisso. Aliás, foi o que eu lhe disse desde o princípio, não se lembra?

– Também me contaram que, numa certa época da sua vida, a necessidade de fazer sermões não lhe era tão agradável como agora parece ser. Disseram-me, até, que o senhor desistira de se ordenar; e que, nesse sentido, chegou a haver mesmo um acordo.

– Ah, ouviu dizer isso? E não foi sem fundamento. Deve lembrar-se que mencionei também esse ponto quando falamos pela primeira vez no assunto.

Estavam quase à porta de casa, pois Elizabeth caminhara depressa para se ver livre dele.

Não querendo provocá-lo mais, em atenção à irmã, ela se limitou a responder com o melhor dos sorrisos.

– Acabemos com isso, senhor Wickham, agora somos parentes. Não devemos brigar por causa do passado. No futuro, espero que estejamos sempre de acordo.

Elizabeth estendeu-lhe a mão e ele beijou com galante cordialidade, embora não soubesse que expressão tomar ao entrar em casa.

Capítulo 53

O senhor Wickham ficou tão satisfeito com a conversa que nunca mais mencionou aquele assunto na presença de Elizabeth. E ela ficou contente por ter dito o suficiente para o silenciar.

O dia da partida de Lydia não demorou a chegar, e a senhora Bennet viu-se obrigada a resignar-se com a separação que, provavelmente, duraria, pelo menos, um ano, pois o senhor Bennet recusava-se a aderir ao plano de irem todos a New Castle.

– Oh, minha querida Lydia – resmungou ela –, quando nos tornaremos a ver?

– Não sei. Daqui a dois ou três anos, talvez.

– Não deixes de me escrever, meu amor.

– Escreverei sempre que puder; mas, como sabe, as mulheres casadas não têm muito tempo para escrever. Não é o caso das minhas irmãs, pois essas

não têm mais nada que fazer.

As despedidas do senhor Wickham foram muito mais afetuosas do que as de sua mulher. Ele sorria, cativava e exprimia-se agradavelmente.

– É um ótimo rapaz – disse o senhor Bennet, assim que o viu fora de casa. – Distribui sorrisos, gracinhas e faz a corte a todos nós. Tenho grande orgulho dele. Desafio o próprio *sir* William Lucas a apresentar um genro melhor do que o meu.

A partida da filha tornou a senhora Bennet muito melancólica durante vários dias.

Até ser despertada por uma notícia que começou a circular. A governanta de Netherfield recebera ordens do patrão para ter a casa pronta para recebê-lo dentro de um ou dois dias, pois ele pretendia demorar-se várias semanas ali para caçar. A senhora Bennet ficou muito agitada. Olhava constantemente para Jane e sorria ou abanava a cabeça.

Fora a senhora Philips quem lhe trouxera a notícia.

– Então o senhor Bingley está para chegar! Tanto melhor. Não é que isso me seja importante. No entanto, acho que faz muito bem em vir para Netherfield. Quem sabe o que pode acontecer? Mas, bem sabes, há tempos resolvemos não falar mais no assunto. Então, é mesmo certa a chegada dele?

– A senhora Nichols esteve em Meryton ontem à tarde. Vi-a passar e lhe perguntei o que havia de certo em tudo o que ouvira. Ela confirmou a verdade e disse que ele deve chegar na quinta-feira, o mais tardar, ou talvez mesmo na quarta. Ela estava indo encomendar carne para quarta-feira, e disse que tinha, além disso, três casais de patos prontos para matar.

Jane, ao ouvir a notícia, empalideceu. Fazia muitos meses desde a última vez em que pronunciara o nome de Bingley na presença de Elizabeth. Estando as duas a sós, ela disse-lhe:

– Reparei que olhou muito para mim, Lizzy, quando a tia nos informou a notícia. Fiquei perturbada, não pelo que parece pensar, mas porque senti que todas iam olhar para mim. Nada sinto com essa notícia, nem alegria nem outro sentimento qualquer. Ainda bem que ele não vem acompanhado, pois desse modo o veremos menos vezes. Não é que eu tenha medo de mim mesma, mas, acima de tudo, tenho horror às observações das outras pessoas.

Elizabeth não sabia o que pensar. Se ela não o tivesse visto em Derbyshire, poderia aceitar o motivo que alegavam para a sua vinda.

Porém, achava que Bingley ainda gostava de Jane; e hesitava perante duas outras explicações, que considerava muito mais prováveis; se ele vinha porque o amigo lhe permitira ou se ousara espontaneamente tomar essa resolução.

Por vezes, contudo, Elizabeth pensava: “Não vejo por que razão este pobre homem não haveria de visitar a casa que alugou, e que é dele, sem despertar toda a curiosidade. Não pensarei mais nele e o deixarei à sua própria sorte”.

Apesar do que a irmã lhe dissera, e que ela acreditava ter sido sincero, Elizabeth percebia facilmente que a perspectiva da chegada de Bingley tinha afetado-a muito. Jane andava perturbada e agitada, como poucas vezes a vira.

O assunto que, um ano antes, fora tão calorosamente discutido entre os pais, voltava agora a apresentar-se.

– Logo que o senhor Bingley chegue, meu caro – dizia a senhora Bennet –, espero que vá visitá-lo, naturalmente.

– Não, não. A senhora me obrigou a visitá-lo no ano passado e me disse que, se eu lá fosse, ele se casaria com uma das minhas filhas. Ora, isso não aconteceu, e eu não quero tornar a fazer figura de tolo.

A mulher procurou convencê-lo de que essa era uma obrigação a que todos os cavalheiros da região se deviam submeter, uma vez que ele estava de volta.

– É uma etiqueta que eu desprezo – respondeu o senhor Bennet. – Se deseja a nossa companhia, ele que a procure. Já sabe onde moramos. Não vou perder meu tempo correndo atrás dos vizinhos cada vez que eles vão e vêm.

– Pois bem, tudo o que eu sei é que praticará uma abominável grosseria se não for visitá-lo. Isso não me impedirá de convidá-lo para jantar conosco. Como necessito convidar a senhora Long e os Goulding, contando conosco, seremos treze à mesa, por isso haverá justamente um lugar para o senhor Bingley.

Poucos dias antes da chegada de Bingley, Jane disse para a irmã:

– Quase preferia que ele não viesse. Continuo indiferente, mas não suporto ouvir falar toda hora no assunto. A intenção da nossa mãe é boa, mas ela não sabe, ninguém sabe, como eu sofro com o que dizem.

O senhor Bingley chegou. A senhora Bennet, por intermédio dos criados, arranjou uma maneira de saber do fato o mais cedo possível. Ela contava

os dias que deveriam decorrer antes de o convite ser enviado, pois, durante esse período não poderia ter esperanças de vê-lo. Uma manhã, três dias após a chegada dele, a senhora Bennet, que estava à janela do seu quarto de vestir, viu o senhor Bingley entrar a cavalo pelo portão e

aproximar-se da casa.

As filhas foram imediatamente chamadas para participarem da sua alegria. Jane continuou sentada no lugar; mas Elizabeth, para contentar a mãe, foi até a janela. Ao ver que o senhor Darcy vinha na companhia de Bingley, voltou a sentar-se ao lado da irmã.

- Vem outro senhor com ele, mãezinha – disse Kitty. – Quem será?
- Deve ser alguém conhecido dele, meu amor, mas não sei quem é.
- Ora! – tornou Kitty. – Parece aquele senhor que já aqui esteve da

outra vez. – Aquele homem alto e muito orgulhoso...

– Meu Deus! O senhor Darcy! Qualquer amigo do senhor Bingley é sempre bem recebido nesta casa; mas devo confessar que o odeio, só de olhar para ele.

Jane olhou para Elizabeth com surpresa e inquietação. Ela pouco sabia a respeito dos encontros que a irmã tivera com o senhor Darcy em Derbyshire, e supunha, portanto, que ela se sentiria muito embaraçada em vê-lo depois da carta que recebera dele. Ambas as irmãs se sentiam pouco à vontade. Cada uma delas sentia pela outra e, naturalmente, por si mesma.

A senhora Bennet continuava falando da antipatia que tinha pelo senhor Darcy e repetia que estava disposta a tratá-lo educadamente apenas porque se tratava de um amigo do senhor Bingley. Mas suas palavras

não eram ouvidas por nenhuma das filhas. Elizabeth achava que a irmã não suspeitava, pois nunca tivera coragem de revelar a Jane a carta da senhora Gardiner, bem como a mudança radical dos seus sentimentos em relação ao senhor Darcy.

Para Jane, ele continuava a ser o homem cujas propostas a irmã recusara e cujas qualidades ela subestimara. Mas, para Elizabeth, que tinha outras informações, ele era a pessoa a quem toda a família devia o maior dos benefícios e por quem ela própria dedicava uma afeição, senão tão terna como a de Jane por Bingley, pelo menos tão razoável e tão justa. A surpresa da vinda dele a Netherfield e a visita a Longbourn para voltar a vê-la era tão forte como aquela que sentira ao dar pela transformação que

nele se tinha operado em Derbyshire.

As cores, que tinham desaparecido do seu rosto, tornaram a voltar com maior intensidade e um sorriso de prazer deu um novo brilho aos seus olhos durante alguns instantes; e pensou que, provavelmente, os sentimentos de Darcy continuavam inalterados. No entanto, não queria precipitar-se.

Continuou atenta ao seu trabalho, procurando acalmar-se e sem ousar levantar os olhos, até que uma curiosidade ansiosa a levou a fitar o rosto da irmã enquanto o criado se aproximava da porta da entrada. Jane parecia um pouco mais pálida do que o costume, porém, mais calma do que Elizabeth esperava. Quando os cavalheiros finalmente entraram, ela a viu enrubescer um pouco; no entanto, recebeu-os com tranquilidade.

Elizabeth, por outro lado, limitou-se a cumprimentá-los e a dizer estritamente o necessário, voltando ao seu trabalho com um afínco que ele nem sempre requeria. Arriscara apenas um olhar na direção de Darcy. A expressão dele mantinha-se grave, como de costume. A seu ver, mais do que em Hertfordshire ou em Pemberley. Mas talvez ele não conseguisse ser, na presença da sua mãe, o que fora na dos tios. Era uma conjectura bem dolorosa, embora nada improvável.

Para Bingley ela também só olhara de relance; e, naquele instante, sua expressão era ao mesmo tempo alegre e embaraçada. A senhora Bennet recebeu-o com uma tal cortesia e amabilidade que as filhas se sentiram envergonhadas, sobretudo quando viram a fria polidez com que ela cumprimentou o amigo.

Elizabeth, em particular, que sabia quanto a mãe devia a este último, cuja iniciativa salvara sua filha favorita de uma irremediável desonra, sentiu-se profundamente ferida e em agonia com aquela distinção tão mal aplicada.

Darcy, após perguntar pelo senhor e a senhora Gardiner, pergunta a que Elizabeth não pôde responder sem um certo embaraço, quase não falou. Ele não estava sentado perto de Elizabeth e talvez fosse esse o motivo do seu silêncio.

Contudo, em Derbyshire, ele não agira daquele modo. Conversou com os parentes de Elizabeth quando não o podia fazer com ela própria. Agora, decorriam vários minutos sem que se ouvisse o som da sua voz. E quando, por vezes, incapaz de resistir a um impulso de curiosidade, Elizabeth levantava os olhos e procurava o seu rosto, via que ele olhava tanto para Jane como para ela própria e, frequentemente, olhava apenas para o chão.

Era evidente que tal atitude exprimia maior despreocupação e menos ansiedade em agradecer do que da última vez em que tinham estado juntos. Ela ficou desiludida e depois zangada consigo mesma por ter cedido àquele sentimento.

“Eu poderia esperar que fosse de outro modo? Mas, sendo assim, por que ele veio?” – ela se perguntava.

Elizabeth não se sentia disposta a conversar com ninguém senão com ele; mas com ele ela mal tinha coragem para falar. Perguntou por Georgiana, mas não conseguiu ir mais longe.

– Passou uma eternidade, senhor Bingley, desde que o senhor foi embora – disse a senhora Bennet.

Ele concordou prontamente.

– Receava que o senhor não voltasse – continuou ela. – Disseram por aí que o senhor tinha intenção de abandonar Netherfield, por ocasião da festa de São Miguel; mas espero que não seja verdade. Muitas coisas aconteceram nas imediações desde que o senhor partiu. A senhorita Lucas está casada e uma das minhas filhas também. Creio que já terá ouvido falar nisso. Aliás, o senhor deve ter lido nos jornais. A notícia apareceu no *Times* e no *Courier*. Não apareceu como devia, mas enfim... Dizia apenas: “Casamentos: George Wickham com a senhorita Bennet”, sem acrescentar nem uma sílaba a respeito do pai dela, do lugar onde vivia, nada. O contrato foi feito pelo meu irmão Gardiner e a notícia também foi dada por ele. Não percebi o sentido em comunicar o casamento de forma tão destituída de graça. O senhor leu?

Bingley respondeu que não tinha lido e deu-lhe os parabéns. Elizabeth não ousou levantar os olhos e ficou sem saber a expressão no rosto

de Darcy.

– É muito agradável ter uma filha bem casada – continuou a senhora Bennet –, mas é tão duro, senhor Bingley, separarmo-nos dela. Eles foram para New Castle. Uma localidade lá para os confins do Norte, segundo parece. E terão de permanecer lá durante não sei quanto tempo. É a sede do atual regimento do meu genro. O senhor deve ter ouvido dizer que ele saiu da milícia e entrou no exército regular. Dou graças a Deus por ele ter alguns amigos, embora não tantos quanto merece.

Elizabeth, que percebeu que ela se dirigia indiretamente ao senhor Darcy, sentiu tamanha vergonha e confusão que por pouco não se levantou e

fugiu. Essas palavras, no entanto, conseguiram romper seu silêncio. Voltando-se para Bingley, perguntou-lhe se ele tinha intenção de ficar algum tempo na região. Ele respondeu que ficaria algumas semanas.

– Depois de matar todos os seus pássaros, senhor Bingley – continuou a senhora Bennet –, venha caçar em nossa propriedade e matar tantos quanto quiser. Estou certa de que o senhor Bennet terá todo o prazer nisso. E reservaremos os melhores postos para o senhor.

Todas essas atenções desnecessárias e exageradas faziam crescer o mal-estar de Elizabeth. Se agora surgissem para Jane as mesmas possibilidades do ano anterior, tudo se precipitaria para a mesma desastrosa confusão. Naquele instante ela sentiu que muitos anos de felicidade não poderiam compensar os momentos desagradáveis pelos quais ela e Jane estavam

passando.

“Meu maior desejo” – pensou ela – “é não tornar a encontrar estes dois. Por mais simpáticos que eles se mostrem, nunca atenuarão a minha miséria neste instante! Deus permita que eu nunca mais os veja!”

Contudo, a miséria, que anos de felicidade não poderiam compensar, foi pouco depois atenuada de maneira muito sensível, ao observar quão rapidamente a beleza da irmã levava a melhor sobre a admiração do seu antigo apaixonado. A princípio ele quase não lhe falou, mas, a cada minuto que passava, ele multiplicava as suas atenções para ela. Ele a achava tão bela como no ano anterior; tão simples e tão natural, embora menos comunicativa. Jane esforçava-se por não deixar perceber qualquer diferença na sua atitude e estava mesmo convencida de que conversava tão animadamente como sempre. Mas seus pensamentos absorviam-na tanto que ela nem percebia os momentos em que permanecia calada.

Quando os cavalheiros se levantaram para partir, a senhora Bennet lembrou-se do convite que tinha intenção de fazer e ficou acertado que os dois voltariam para jantar em Longbourn dali a uns dias.

Capítulo 54

Após a partida dos visitantes, Elizabeth saiu para tentar recuperar a serenidade. Em outras palavras, para refletir sem interrupção nesses assuntos que, na realidade, apenas a perturbariam ainda mais. A atitude do

senhor Darcy a surpreendera e a envergonhara.

“Ele continuou amável com os meus tios quando esteve em Londres, mas por que não comigo? Se tem medo de mim, por que veio aqui? Se já não gosta de mim por que permanece silencioso? Que homem misterioso! Não pensarei mais nele.”

A resolução foi, durante algum tempo, cumprida involuntariamente, graças à aproximação de sua irmã, que se acercara dela com uma expressão animada no rosto, sinal evidente de que a visita lhe trouxera maior satisfação do que a Elizabeth.

– Agora que o primeiro encontro passou, sinto-me mais à vontade. Conheço as minhas forças e não me sentirei embaraçada na presença dele. Alegro-me que ele venha jantar na terça-feira; pois, nessa altura, todos terão a ocasião de ver que nos damos apenas como bons amigos e indiferentes um ao outro – observou Jane.

– Oh, sim. Muito indiferente mesmo – disse Elizabeth, sorrindo.

– Tome cuidado, Jane!

– Minha querida Lizzy, não me julgará tão fraca que me considere em perigo agora.

– Considero que, mais do que nunca, está em perigo de ele se apaixonar irremediavelmente por você.

Não tornaram a ver os cavalheiros senão na terça. Enquanto isso, a senhora Bennet entregou-se a todos os planos felizes que o bom humor e a delicadeza habitual de Bingley haviam reavivado na meia hora de visita.

Na terça-feira um numeroso grupo se reuniu em Longbourn, e as duas pessoas que mais eram esperadas apareceram na hora combinada. Quando todos foram para a sala de jantar, Elizabeth observou ansiosamente se Bingley tomaria, como outrora, o lugar ao lado de sua irmã. A mãe, que era uma pessoa alerta e que estava pensando no mesmo, não o convidou para se sentar a seu lado. Quando entrou na sala, ele pareceu hesitar, mas, como por acaso, Jane olhou à sua volta e, também por acaso, sorriu. Foi o suficiente para que ele se decidisse e avançasse para se sentar ao lado dela.

Elizabeth, triunfante, olhou para o senhor Darcy. Este recebeu o fato com nobre indiferença, e ela teria imaginado que Bingley tinha finalmente licença para ser feliz, se não tivesse visto que também este olhava para o senhor Darcy com uma expressão entre sorridente e alarmada.

Durante o jantar, a atitude de Bingley com a sua irmã convenceu

Elizabeth de que a admiração dele por Jane, embora mais reservada, em breve resultaria na felicidade de ambos, caso não houvesse interferências alheias. E, mesmo que ela não confiasse cegamente nesse resultado, sentia um enorme prazer em observar a atitude dele, despertando nela toda a animação que lhe era possível sentir, pois não estava muito alegre. O senhor Darcy estava tão distante dela quanto o comprimento da mesa permitia. Sentou-se ao lado de sua mãe. Ela sabia que essa situação daria muito pouco prazer a qualquer um dos dois. Não podia ouvir o que eles diziam, mas via que raramente se falavam, e, quando isso acontecia, o faziam de forma muito cerimoniosa e fria. A hostilidade de sua mãe lembrava dolorosamente a Elizabeth tudo o que deviam ao senhor Darcy. Por vezes, ela se sentia capaz de tudo para ter o privilégio de lhe dizer que a sua bondade não era nem ignorada nem desdenhada pela totalidade da família.

Elizabeth tinha esperanças de que, no decorrer da noite, eles tivessem uma oportunidade de ficar perto um do outro e esperava trocar palavras mais significativas do que as simples saudações de cortesia.

Ansiosa e inquieta, o período decorrido na sala antes da entrada dos cavalheiros custou-lhe tanto a suportar que ela quase se tornou indelicada. Elizabeth concentrara todas as suas esperanças naquele momento.

“Se nessa altura ele não se encaminhar para mim, renunciarei a esse homem para sempre” – pensou ela.

Os cavalheiros entraram. Por um momento Elizabeth acreditou que as suas esperanças iriam se realizar, mas, infelizmente, todas as senhoras se tinham reunido em volta da mesa, onde Jane estava fazendo o chá e Elizabeth servindo café, não havendo lugar a seu lado nem para uma cadeira. E, quando os cavalheiros se aproximaram, uma das garotas acercou-se ainda mais dela e disse-lhe ao ouvido:

– Os homens não vão nos separar, estou decidida. Não queremos nenhum deles aqui, não é?

Darcy tinha se afastado para o outro lado da sala. Elizabeth seguiu-o com os olhos, invejando todas as pessoas com quem ele falava e servindo o café com incontida impaciência. Ficou irritada consigo mesma por se portar de forma tão idiota!

“Um homem que foi recusado uma vez! Que tolíce a minha, esperar que ele torne a se declarar! Haverá alguma pessoa do seu sexo que não se revolte contra tal fraqueza, como a de propor casamento duas vezes à

mesma mulher? Nenhuma indignidade é tão avessa aos sentimentos dos homens!”

Elizabeth ficou, no entanto, um pouco mais animada quando o viu trazer pessoalmente a sua xícara de café e aproveitou a oportunidade para lhe dizer:

– Sua irmã ainda está em Pemberley?

– Sim, ela ficará até o Natal.

– E está sozinha? Todos os amigos partiram?

– A senhora Annesley está com ela. Os outros foram para Scarborough passar as próximas três semanas.

Elizabeth nada mais encontrou para dizer, mas, se ele desejasse conversar com ela, teria sido mais bem-sucedido. Contudo, ele conservou-se a seu lado, em silêncio durante alguns minutos; e, por fim, quando a jovem de novo sussurrou ao ouvido de Elizabeth, ele tornou a afastar-se.

Quando o serviço de chá foi retirado e colocadas as mesas de jogo, todas as senhoras se levantaram, e Elizabeth teve de novo a esperança de vê-lo se aproximar, mas todos os seus planos se desmoronaram ao vê-lo cair vítima da capacidade de sua mãe em obter parceiros para o *whist*. Elizabeth desistiu de encontrar qualquer prazer. Seriam obrigados a passar o resto da noite sentados em mesas diferentes, e a única esperança que lhe restava era a de que Darcy voltasse frequentemente os olhos na sua direção e que, por isso, jogasse tão mal quanto ela.

A senhora Bennet decidira convidar os dois cavalheiros de Netherfield para cear, mas, desafortunadamente, a carruagem deles foi chamada antes que qualquer uma das outras e ela não descobriu maneira de os retardar.

– Então, senhoritas – disse a senhora Bennet, quando se viram sós –, o que acharam da festa? Penso que tudo correu da melhor maneira possível. O jantar foi excelente. O assado do cabrito estava no ponto e todos foram unânimes em declarar que nunca tinham visto uma perna tão gorda. A sopa estava incomparavelmente melhor do que a que serviram na casa dos Lucas na semana passada. E o próprio senhor Darcy reconheceu que as perdizes estavam especialmente boas, e creio que ele tem dois cozinheiros franceses, pelo menos.

A senhora Bennet, em suma, estava de excelente humor. O que observara na atitude de Bingley com Jane fora suficiente para convencê-la de que ele estava praticamente conquistado. E, quando a senhora Bennet estava de bom humor, suas expectativas matrimoniais eram tão ilimitadas que, no

dia seguinte, ficaria desapontada se não visse o jovem aparecer para fazer o seu pedido.

– Foi um dia bastante agradável – disse Jane para Elizabeth. – Os convidados foram muito bem escolhidos e pareciam se dar bem uns com os outros. Espero que nos tornemos a reunir com frequência.

Elizabeth sorriu.

– Lizzy, não seja assim. Não deve duvidar de mim. Apreendi a apreciar a conversa dele como a de um jovem simpático e inteligente, sem nada esperar além disso. Estou satisfeita com a presente atitude dele comigo e vejo agora que nunca desejou cativar minha afeição. É apenas dotado de uma grande simpatia e de um desejo de agradar muito mais forte do que qualquer outro homem.

– Que crueldade – disse Elizabeth. – Não me deixa sorrir e provoca-me o riso a cada palavra que fala.

– Como é difícil em certos casos uma pessoa se fazer acreditar!

– E como é impossível noutros!

– Mas por que insiste em me fazer crer que eu sinto mais do que aquilo que eu mesma reconheço?

– É essa uma pergunta à qual não sei bem como responder. Todos nós gostamos de ensinar, contudo, apenas ensinamos aquilo que não vale a pena ser sabido. Se persiste na sua indiferença, não me tome para tua

confidente.

Capítulo 55

Dias após aquela visita, o senhor Bingley apareceu novamente, só que sozinho. Darcy partira naquela manhã para Londres com a promessa de voltar dentro de dez dias. O senhor Bingley demorou-se mais de uma hora e estava de excelente humor. A senhora Bennet convidou-o para jantar, mas, desculpando-se amavelmente, ele declarou já estar comprometido para aquela tarde.

– Da próxima vez que nos visitar – disse a senhora Bennet –, espero que tenhamos mais sorte.

Ele respondeu-lhe que teria imenso prazer em vir em qualquer outra ocasião, etc., e que, se ela lhe desse licença, voltaria muito em breve.

– Poderá vir amanhã?

Respondeu que sim, pois não tinha compromissos para o dia seguinte, e o convite foi aceito com entusiasmo.

Veio tão pontualmente que as senhoras ainda não estavam prontas quando ele chegou. A senhora Bennet correu para o quarto das filhas enrolada no seu roupão e o cabelo meio por pentear, exclamando:

– Minha querida Jane, corra lá embaixo! Ele chegou, o senhor Bingley chegou. Ele já chegou. Vá, depressa! Sarah, venha ajudar a senhorita Bennet a se vestir. Deixe o cabelo da senhorita Lizzy para depois.

– Nós desceremos assim que pudermos – disse Jane –, mas Kitty é mais despachada que nós e já desceu há meia hora.

– Oh, que interessa, Kitty! O que tem ela a ver com isso? Vá, desça, desça! Cadê seu lenço, minha querida?

Mas, quando a mãe as deixou, Jane recusou-se a descer sem uma das irmãs. Durante a visita, a senhora Bennet mostrou a mesma ansiedade que de costume para deixar o senhor Bingley e Jane a sós. Após o chá, o senhor Bennet retirou-se para a biblioteca, como sempre fazia, e Mary subiu para estudar piano. Dos cinco obstáculos, dois estavam suprimidos. A senhora Bennet pôs-se, então, a olhar fixamente e a fazer sinais na direção de Kitty e Elizabeth, que pareciam determinadas a não entender nada. Elizabeth fingiu que não via e Kitty, de forma ingênua, disse:

– O que é, mãezinha? Por que está piscando para mim dessa maneira? O que quer de mim?

– Nada, minha filha, nada. Não pisquei os olhos.

Ela então permaneceu quieta durante mais cinco minutos. Mas, incapaz de ver desperdiçada ocasião tão preciosa, levantou-se de repente e disse para Kitty:

– Anda, meu amor, preciso conversar contigo – e levou-a da sala.

Jane imediatamente lançou um olhar para Elizabeth, em que exprimia sua contrariedade por tal manobra e lhe suplicava que, pelo menos ela, não se prestasse àquela comédia. Poucos minutos depois, a senhora Bennet entreabriu a porta e chamou:

– Lizzy, minha querida, preciso falar contigo.

Elizabeth foi forçada a ir.

– É melhor deixá-los a sós, sabe – disse a mãe assim que se encontraram no corredor. – Kitty e eu vamos lá para cima, para o meu quarto de vestir.

Elizabeth decidiu não argumentar com a mãe; contudo, permaneceu

tranquilamente no vestíbulo e, quando as duas subiram, voltou para a sala.

As manobras da senhora Bennet para aquele dia foram infrutíferas. Bingley era o encanto personificado, mas não o apaixonado de sua filha.

Ele quase não precisou de convite para ficar para jantar; e, antes de ir embora, foi feito um convite para voltar na manhã seguinte para caçar com o senhor Bennet.

A partir daquele dia, Jane não tornou a falar na sua indiferença. Nem uma palavra foi trocada entre as irmãs acerca de Bingley; mas Elizabeth foi para a cama contente, com a certeza de que tudo chegaria em breve a uma conclusão feliz, a menos que o senhor Darcy voltasse antes da data prometida. Contudo, ela estava de certo modo segura de que tudo aquilo acontecia com a aquiescência dele.

No dia seguinte, Bingley chegou pontualmente; e o senhor Bennet e ele passaram a manhã juntos, conforme haviam combinado. O senhor Bennet encontrou nele um companheiro muito mais agradável do que esperava. E o senhor Bingley nunca o achara mais comunicativo e menos excêntrico do que naquele dia. Naturalmente, Bingley voltou com ele para jantar, e, à noite, a senhora Bennet lançou mão de todos os recursos para deixá-lo a sós com a filha. Elizabeth, que tinha uma carta para

escrever, retirou-se logo após o chá; pois, uma vez que todos eles iam jogar cartas, ela não seria necessária para contrariar as manobras da mãe.

Mas, ao voltar à sala depois de terminar a carta, ela viu, com infinita surpresa, razão para temer que a mãe tivesse sido astuciosa demais para ela.

Ao abrir a porta, deparou com a irmã e Bingley perto um do outro e de pé, junto da lareira, como se conversassem sobre um assunto de extrema gravidade. A situação deles era bastante embaraçosa, mas a sua era pior ainda. Nenhum deles pronunciou uma palavra, e Elizabeth preparava-se para sair novamente quando Bingley, que, imitando o exemplo de Jane, havia se sentado, de repente se levantou e, sussurrando algumas palavras ao ouvido de Jane, saiu rápido da sala.

Jane não tinha reservas com Elizabeth quando o assunto da confidência era ocasião para comemoração. Abraçando a irmã, logo lhe confessou, com viva emoção, que ela era a criatura mais feliz do mundo.

– É demasiado para mim – acrescentou ela. – Não mereço tanto.

Elizabeth deu-lhe os parabéns com uma sinceridade, um calor e um

entusiasmo que as palavras não podiam exprimir. Cada uma das suas palavras era uma nova fonte de felicidade para Jane.

Mas esta não poderia demorar-se mais junto da irmã, nem tinha tempo para lhe dizer metade do que ainda lhe restava para contar.

– Preciso ir neste instante ver a mãe! – exclamou ela. – Não quero deixá-la por mais tempo em suspense depois de toda a sua carinhosa solicitude. Nem quero que ela saiba de tudo senão por meu intermédio. Ele já foi falar com o papai. Oh, Lizzy, quão contentes todos eles vão ficar com o que eu tenho para dizer! Como poderei suportar tamanha felicidade!

Jane correu, então, ao encontro da mãe, que propositadamente interrompera o jogo das cartas e se encontrava no andar de cima com Kitty.

Elizabeth, que ficara sozinha, sorriu da rapidez e da facilidade com que tinha sido resolvido o assunto que durante tantos meses lhes causara ansiedade e incerteza.

“E este” – pensou ela – “é o fim de todos os cuidados e precauções do amigo e das mentiras e ardis da irmã; o fim mais feliz, mais justo e mais razoável!”

Poucos minutos depois, Bingley, cuja entrevista com o senhor Bennet fora curta e decisiva, veio juntar-se a ela.

– Onde está a sua irmã? – perguntou ele ansiosamente ao abrir a porta.

– Lá em cima, com a minha mãe. Ela vem já.

Bingley então fechou a porta e, aproximando-se, reclamou-lhe os seus parabéns e a sua afeição fraterna. Elizabeth, sincera e cordialmente,

exprimiu-lhe toda a sua alegria, e apertaram-se as mãos. Em seguida, até sua irmã voltar, ela teve de ouvir tudo o que ele dizia sobre a própria felicidade e as perfeições de Jane; e, apesar de serem aquelas as expressões de uma pessoa apaixonada, Elizabeth acreditava realmente no bom fundamento das suas esperanças, pois elas tinham como base a excelente compreensão e o gênio incomparável de Jane e uma similaridade geral de sentimentos e gostos entre ambos.

Aquela foi uma noite de grande alegria para todos. A felicidade de Jane dava ao seu rosto um brilho e uma doçura que o tornava mais belo do que nunca. Kitty soltava risinhos e sorria, na esperança de que em breve chegaria a sua vez. A senhora Bennet não encontrava termos suficientemente calorosos para exprimir o seu consentimento e a sua

aprovação, pelo que se referiu ao acontecimento durante ao menos meia hora. E, quando o senhor Bennet apareceu, à hora da ceia, a sua voz e os seus modos mostravam claramente o contentamento.

Porém, não mencionou uma só vez o fato enquanto o convidado esteve presente. Assim que ele partiu, o senhor Bennet voltou-se para a filha e disse-lhe:

– Jane, dou os meus parabéns. Será uma mulher muito feliz.

Jane correu para ele, beijou-o e agradeceu sua bondade. Ele prosseguiu:

– É uma boa garota, e tenho enorme prazer em ver você bem casada. Vão se dar muito bem um com o outro. Têm temperamentos bastante semelhantes. Ambos são tão tolerantes que nunca tomarão decisões definitivas; tão fáceis de levar que todos os criados os enganarão. São tão generosos que vão sempre gastar mais do que têm.

– Espero bem que não. Imprudência ou imprevidência em matéria de dinheiro seriam imperdoáveis da minha parte.

– Gastar mais do que têm! Meu caro senhor Bennet – rebateu a sua mulher – que está o senhor a dizer? Ora, ele tem quatro ou cinco mil libras anuais, ou talvez mais ainda – e, em seguida, voltando-se para a filha: – Oh, minha querida e adorada Jane, sinto-me tão feliz que estou certa de que não conseguirei pregar os olhos esta noite! Eu sabia que isto haveria de acontecer. Eu sempre disse que tudo acabaria bem. Tinha a certeza de que a sua beleza acabaria por triunfar!

Wickham, Lydia e tudo o mais ficou esquecido. Jane era, de longe, sua filha favorita. Naquele instante, ela não pensava em nenhuma outra coisa. As suas irmãs mais novas começaram logo a imaginar as vantagens com o casamento dela.

Mary pediu para usar a biblioteca de Netherfield; e Kitty insistia para que ela desse vários bailes todos os invernos.

A partir daí, naturalmente, Bingley passou a vir todos os dias a Longbourn; chegando quase sempre antes do café da manhã e nunca partindo senão depois do jantar, exceto quando algum cruel vizinho o convidava para sua casa, o que ele não tinha coragem para recusar.

Elizabeth dispunha agora de muito pouco tempo para conversar com a irmã, pois, enquanto Bingley estava presente, Jane não podia dar atenção a mais ninguém; contudo, viu-se de considerável utilidade para ambos, durante aquelas pequenas separações que necessariamente ocorrem por vezes. Na ausência de Jane, ele procurava a companhia de Elizabeth, pelo

prazer de conversar com ela; e, depois de Bingley partir, Jane procurava constantemente idêntico consolo.

– Ele deu-me uma grande felicidade – disse Jane, certa noite – ao dizer-me que ignorara totalmente que eu tivesse estado em Londres na primavera passada. Não acreditava que isso fosse possível.

– Eu já suspeitava disso – replicou Elizabeth. – Mas como é que ele explicou o fato?

– Deve ter sido por culpa das irmãs. Naturalmente, elas não viam com bons olhos as suas relações comigo; coisa, aliás, que eu acho aceitável, pois ele poderia ter feito uma escolha muito mais vantajosa sob vários aspectos. Mas, quando elas virem a felicidade do irmão comigo, espero que se resignem e me aceitem, embora nunca mais possamos ter a mesma intimidade de antes.

– Essas suas palavras – comentou Elizabeth – são as mais severas que eu jamais a ouvi pronunciar. Minha valente! Custaria bastante vê-la de novo iludida com a falsa amizade da senhorita Bingley.

– Imagina, Lizzy, que, quando ele foi para Londres, em novembro, já gostava de mim; e só não voltou porque o convenceram de que eu lhe era totalmente indiferente.

– Ele cometeu um pequeno erro, mas isso só prova a sua modéstia.

Elizabeth ficou satisfeita por descobrir que ele não tinha revelado a interferência do amigo, pois, embora Jane tivesse o coração mais generoso do mundo, tal atitude seria considerada por ela imperdoável.

– Sou a criatura mais feliz que jamais existiu! – exclamou Jane. – Oh! Lizzy, porque, entre todas, fui eu a escolhida para receber tão grande graça! Se ao menos pudesse ver você tão feliz como eu! Se existisse outro homem igual para você!

– Mesmo que me arranjassem quarenta desses homens, nunca seria tão feliz quanto você. Para ter a sua felicidade, teria de ter também o seu temperamento e a sua bondade.

A nova situação na família de Longbourn não poderia permanecer por muito mais tempo em segredo. A senhora Bennet teve o privilégio de sussurrar a novidade ao ouvido da senhora Philips, e esta ousou, sem autorização, fazer o mesmo a todas as suas vizinhas em Meryton.

Os Bennet em breve foram considerados por todos como a família mais afortunada do mundo, embora, poucas semanas antes, quando Lydia fugira, tivessem sido apontados como pessoas marcadas pelo infortúnio.

Capítulo 56

Uma semana após o noivado de Bingley e Jane, estavam todos reunidos na sala de jantar quando a sua atenção foi, subitamente, despertada pelo ruído de uma carruagem. Um coche puxado por quatro cavalos se aproximava de casa. Era muito cedo para uma visita e, além disso, não era veículo de nenhum dos vizinhos. Tanto a carruagem como a libré do criado que a precedia eram desconhecidos. Como não se punham dúvidas de que se tratava de alguém que chegava, Bingley imediatamente propôs à senhorita Bennet que evitassem o intruso e fossem dar uma volta pelo bosque. Eles saíram e as três pessoas restantes continuaram conjecturando, sem sucesso, até que a porta se abriu e a visita entrou. Era lady Catherine de Bourgh.

Ela entrou na sala com um ar ainda menos afável do que o costume, respondeu à saudação de Elizabeth com breve movimento e sentou-se, sem dizer uma palavra. Elizabeth mencionara o nome da visitante à sua mãe, embora lady Catherine tivesse solicitado uma apresentação.

A senhora Bennet, assombrada e ao mesmo tempo envaidecida por receber uma visita tão importante, acolheu-a com demonstrações de grande delicadeza. Depois de permanecerem sentadas durante algum tempo em silêncio, lady Catherine disse, muito secamente, a Elizabeth:

– Espero que esteja de perfeita saúde, senhorita Bennet. Aquela senhora, suponho eu, é a sua mãe?

Elizabeth, concisamente, confirmou a suposição.

– E aquela deve ser uma das suas irmãs, não?

– Sim, minha senhora – respondeu a senhora Bennet, deliciada por falar com lady Catherine em pessoa. – É a minha penúltima filha. A mais jovem casou-se recentemente e a mais velha passeia neste momento pelo bosque com um jovem que em breve se tornará membro desta família.

– Seu jardim é ridiculamente pequeno – observou lady Catherine, após um curto silêncio.

– Nada é em comparação com o de Rosings, estou certa, minha senhora; mas é muito maior do que o de *sir* William Lucas.

– Esta sala de visitas deve ser muito inconveniente para passar as tardes durante o verão. As janelas estão todas viradas para o ocidente.

A senhora Bennet explicou que não costumava passar ali a tarde e

acrescentou:

– Se Vossa Excelência me permite, tomarei a liberdade de lhe perguntar se o senhor e a senhora Collins estão bem de saúde.

– Sim, eles estão muito bem. Estive com eles noite passada.

Elizabeth esperou então que ela lhe estendesse uma carta de Charlotte para ela, pois tal lhe parecia o motivo mais provável da sua visita. Porém, a carta não apareceu, e Elizabeth ficou ainda mais intrigada.

A senhora Bennet, com grande amabilidade, perguntou se lady Catherine desejaria tomar alguma coisa, mas esta, muito decidida e pouco delicadamente, recusou o oferecimento. Em seguida, levantando-se, disse para Elizabeth:

– Senhorita Bennet, segundo me pareceu, há um pequeno bosque bastante agradável de um dos lados da casa. Gostaria de dar uma volta por lá, se me quiser conceder o favor da sua companhia

– Vá, minha querida – disse sua mãe –, e mostre a Sua Excelência os

vários caminhos.

Elizabeth obedeceu e correu ao quarto para ir buscar a sua sombrinha, acompanhando pouco depois a ilustre visitante. Ao atravessarem o vestíbulo, lady Catherine abriu as portas que davam para a sala de jantar, declarou que se tratavam de compartimentos bastante agradáveis e continuou o seu caminho.

A carruagem permanecia parada à porta de casa, e Elizabeth viu que a dama de companhia estava dentro dela. Caminharam em silêncio pela rua de saibro que levava ao bosque. Elizabeth estava decidida a não fazer qualquer esforço para iniciar uma conversa com uma pessoa que, naquele momento, se mostrava ainda mais insolente e desagradável do que o

costume.

“Como pude alguma vez achá-la parecida com o sobrinho?” – pensou Elizabeth ao olhar de frente para o rosto de lady Catherine.

Assim que entraram no bosque, lady Catherine começou a falar:

– Não terá dificuldade em compreender, senhorita Bennet, a razão da minha viagem até aqui. Tanto o seu coração como a sua consciência lhe revelarão o motivo de minha visita.

Elizabeth olhou para ela com um espanto sincero.

– Está enganada, minha senhora. Ainda não fui capaz de descobrir qual o motivo para nos honrar com uma visita sua.

– Senhorita Bennet – replicou lady Catherine num tom irritado –, deve compreender que não sou de brincadeiras. E, já que prefere ser pouco sincera, saiba que eu não farei o mesmo. Meu caráter sempre foi célebre pela sinceridade e franqueza; e, num assunto de tamanha importância como o presente, não me mostrarei diferente do que sou. Chegou-me aos ouvidos, há dois dias, uma notícia muito alarmante. Disseram-me não só que a sua irmã estava em vésperas de realizar um casamento muito vantajoso, como também você, senhorita Elizabeth Bennet, estaria, provavelmente, muito em breve unida ao meu próprio sobrinho, o senhor Darcy! Embora eu esteja certa de que se trata de uma escandalosa falsidade, e apesar de que eu nunca fizesse ao meu sobrinho a injúria de supor que esta notícia seja verdadeira, imediatamente resolvi partir para cá, a fim de lhe deixar bem claro o que penso de tudo isso.

– Se a senhora considera impossível que seja verdade – disse Elizabeth, corando de espanto e de desdém –, não compreendo por que se deu ao trabalho de vir até tão longe. Qual o verdadeiro intento de Vossa Excelência?

– Insistir desde logo para que tal boato seja universalmente desmentido.

– Sua vinda a Longbourn para ver a mim e à minha família – disse Elizabeth friamente – será antes a confirmação dele; se, de fato, existe

tal boato.

– Se existe! Pretende, então, convencer-me de que ignora o boato? Acaso não foi ele artificialmente inventado pela sua própria família? Não sabe que não se fala de outra coisa por aí?

– Não sei nada sobre isso.

– E pode declarar, igualmente, que não existe fundamento para ele?

– Não tenho a pretensão de arvorar a mesma franqueza que Vossa Excelência. Poderá fazer-me todas as perguntas que quiser, mas reservo-me o direito de responder apenas àquelas que eu bem entender.

– Isso é inadmissível. Senhorita Bennet, exijo que me responda. Acaso o meu sobrinho lhe fez alguma proposta de casamento?

– Vossa Excelência mesma declarou que isso era impossível.

– Devia ser; deve ser, enquanto ele permanecer no uso da sua razão. Mas os seus artifícios e suas astúcias podem tê-lo levado a esquecer, num momento de fraqueza, qual o seu dever para com ele próprio e toda a família. É possível que o tenha seduzido.

- Se o fiz, serei a última pessoa a confessar.
- Senhorita Bennet, acaso sabe quem eu sou? Não estou acostumada a que me falem nesse tom. Sou praticamente o parente mais próximo que o senhor Darcy tem no mundo e tenho o direito de saber todos os seus assuntos mais íntimos.
- Mas não tem o direito de saber os meus; nem atitude idêntica me induzirá a explicar.
- Vamos ver se me faço entender. Essa união, a que tem a pretensão

de ambicionar, jamais se realizará. O senhor Darcy está noivo da minha filha. E, agora, o que vai dizer?

- Apenas isto: que, nesse caso, não terá de temer que ele me faça uma proposta.

Lady Catherine hesitou por um momento e, em seguida, replicou:

- O noivado entre eles é de natureza especial. Desde a infância, foram destinados um para o outro. Era esse o maior desejo da mãe dele, bem como o meu. Planejamos a união quando ainda estavam no berço; e agora, quando o desejo de ambas as irmãs poderia ser realizado, uma garota de classe inferior, sem qualquer renome na sociedade e totalmente estranha à família, ousa interpor-se entre eles! Não tem qualquer consideração pelos anseios da família dele? Será que é totalmente destituída do sentimento da propriedade e da delicadeza? Não me ouviu dizer que desde o seu nascimento ele foi destinado à prima?

- Sim, e já o tinha ouvido antes. Mas o que eu tenho a ver com isso? Se não existe outra objeção ao meu casamento com o seu sobrinho, o simples fato de saber que sua mãe e sua tia desejavam que ele casasse com a senhorita de Bourgh não me faria renunciar a ele. Ao planejar o seu casamento, ambas fizeram o que lhes era dado fazer. Sua realização, porém, depende de outras pessoas. Se o senhor Darcy não está comprometido com a prima nem pela honra nem pela inclinação, por que motivo ele não poderá escolher outra pessoa? E se essa escolha recair sobre mim, por que eu não hei de aceitar?

- Porque a honra, a decência, a prudência e também o interesse o

impedem. Sim, senhorita Bennet, o interesse; pois não esperará ser recebida pela família e pelos amigos dele se agir propositadamente contra a vontade de todos. Será censurada, humilhada e desprezada pelos parentes do senhor Darcy. Tal aliança será uma desonra; e o seu nome nunca será

mentado por qualquer um de nós.

– São graves infortúnios – replicou Elizabeth –, mas a esposa do senhor Darcy ocupará situação tão privilegiada e terá tantos motivos de felicidade que, no fim, não terá motivos para se arrepender.

– Teimosa e obstinada criatura! Envergonho-me de você! É esta a sua gratidão para as atenções que lhe dei quando estive na casa do senhor Collins? Acha que nada me deve por isso? Mas, sentemo-nos. Deve compreender, senhorita Bennet, que vim decidida a levar a minha missão avante. Nada poderá me dissuadir da minha resolução. Não fui habituada a submeter-me ao capricho dos outros. Não estou habituada a que

resistam aos meus desejos.

– Isso apenas tornará sua situação presente mais lamentável; entretanto, não terá qualquer efeito sobre mim.

– Não admito que me interrompam! Ouça-me em silêncio. A minha filha e o meu sobrinho foram feitos um para o outro. Ambos descendem, pelo lado materno, de uma nobre linhagem; e, do lado paterno, de famílias respeitáveis, honradas e antigas, embora sem título. As fortunas de ambos são esplêndidas. Eles estão destinados um ao outro por um unânime acordo de cada membro das respectivas famílias; e quem pretende separá-los? Uma garota ambiciosa, que não possui nem família, nem relações, nem fortuna. Pode-se tolerar tal coisa? Não se pode, nem o será! Se considerasse os seus próprios interesses, não desejaria sair da esfera em que foi criada.

– Não acho que, casando com o seu sobrinho, saia dessa mesma esfera. Ele é um cavalheiro e eu sou a filha de um cavalheiro; portanto, somos iguais.

– Tem razão. Você é filha de um cavalheiro. Mas quem é a sua mãe? Quem são os seus tios? Não julgue que ignoro a situação deles.

– Quem quer que sejam os meus parentes – disse Elizabeth –, se o seu sobrinho não se põe contra eles, a senhora não tem motivo para se

preocupar.

– Diga-me de uma vez: está noiva dele?

Embora Elizabeth não se sentisse tentada a responder a esta pergunta, pelo simples fato de não querer fazer a vontade a lady Catherine, ela não tinha outra solução senão fazê-lo, após alguns instantes de deliberação:

– Não, não estou.

Lady Catherine pareceu ficar satisfeita.

– E promete-me nunca aceitar tal compromisso?

– Não farei nenhuma promessa desse tipo.

– Senhorita Bennet, estou ofendida e atônita. Esperei encontrar em si uma pessoa mais sensata. Mas não se iluda pensando que desistirei tão facilmente. Não sairei daqui sem receber a garantia que exijo.

– E não serei eu quem lhe dará. A senhora não pode me intimidar nem me obrigar a fazer uma coisa tão pouco razoável. Vossa Excelência deseja que o senhor Darcy case com a sua filha; mas, acaso crê que a minha promessa tornaria o casamento deles mais provável? Suponha que ele tenha afeição por mim. Seria a minha recusa suficiente para que ele simplesmente transferisse essa afeição para a sua filha? Permita-me lhe dizer, lady Catherine, que os argumentos com que procurou justificar esse extraordinário pedido foram bastante frívolos. Enganou-se redondamente acerca do meu caráter se pensa que eu posso ser influenciada por argumentos dessa natureza. Não sei até que ponto o seu sobrinho lhe permite se intrometer nos assuntos dele, mas Vossa Excelência não tem o menor direito de interferir nos meus. Peço-lhe, portanto, que não me importune mais sobre esse assunto.

– Mais devagar, se não se importa. Ainda não acabei. A todas as objeções que até agora lhe apresentei, acrescentarei ainda uma outra. Sei tudo a respeito da infame conduta da sua irmã mais nova: que o casamento apenas se realizou graças ao seu tio e ao seu pai, que tiveram de pagar para isso. E é uma garota dessas que será a irmã do meu sobrinho? E é o marido dela, filho de um antigo intendente da casa Pemberley, que será cunhado dele? Deus do céu! Onde é que está com a cabeça! Serão as sombras de Pemberley a tal ponto poluídas?

– Creio que agora nada mais tem para me dizer – disse Elizabeth,

ressentida. – Insultou-me de todas as maneiras possíveis. Com a sua licença, voltarei para casa.

E, dizendo isto, ela levantou-se. Lady Catherine levantou-se também e regressaram juntas. Sua Excelência estava furiosa.

– Não tem, então, a menor consideração pela honra e pelo bom nome do meu sobrinho?! Insensível e egoísta criatura! Não vê que o seu casamento com ele o desonrará aos olhos do mundo?

– Lady Catherine, nada mais tenho a lhe dizer. Sabe qual é a minha

opinião.

– Está, então, resolvida a me atender?

– Nunca disse tal coisa. Estou apenas resolvida a agir de maneira a conquistar aquilo que, segundo a minha opinião, eu considero a minha felicidade, sem que admita a sua interferência ou a de qualquer outra pessoa que não me é nada.

– Muito bem, recusa-se então a atender o meu pedido. Recusa-se a reconhecer os direitos do dever, da honra e da gratidão? Está decidida a arruiná-lo na boa opinião da família e dos amigos e fazer dele um objeto de troça e de desdém de todo mundo.

– Nem o dever, nem a honra, nem a gratidão – replicou Elizabeth – têm quaisquer direitos sobre mim no presente caso. Nenhum desses princípios seria violado pelo meu casamento com o senhor Darcy. E, quanto ao ressentimento da sua família ou a indignação do mundo, se o primeiro acaso fosse provocado pelo meu casamento com ele, não lhe devotaria nem um minuto de atenção... O mundo, em geral, é suficientemente sensato para se unir no escárnio.

– É esta a sua verdadeira opinião! A sua decisão final! Muito bem, saberei agora como agir. Não imagine, senhorita Bennet, que a sua ambição seja alguma vez satisfeita. Vim aqui para avaliá-la. Esperei encontrá-la mais sensata, mas verá como a minha vontade prevalecerá.

E lady Catherine continuou falando do mesmo modo até chegarem perto da carruagem, quando de repente ela se voltou e acrescentou:

– Não me despeço, senhorita Bennet. Nem envio cumprimentos à sua mãe. Não merecem tal atenção. Estou muito ofendida.

Elizabeth não respondeu. Sem tentar convencer Sua Excelência a entrar em casa, voltou as costas e afastou-se calmamente. Quando subia a escadaria, ouviu a carruagem partindo. Sua mãe, que se impacientava, veio ao encontro dela à porta da sala, para indagar se lady Catherine não tornaria a entrar a fim de repousar um pouco.

– Ela não quis – respondeu Elizabeth. – Preferiu partir.

– É uma senhora muito elegante! E o fato de ter nos visitado diz muito da sua prodigiosa amabilidade, pois suponho que ela tenha vindo apenas para dizer que os Collins estão bem. Ela decerto veio de passagem e lembrou-se de nos fazer uma visita. Suponho que ela não tivesse nada de especial para dizer a você, Lizzy?

Elizabeth foi obrigada a inventar uma história qualquer, pois seria

impossível revelar o que realmente ocorrera.

Capítulo 57

A agitação que a inesperada visita provocou em Elizabeth não poderia ser facilmente dominada; e, durante várias horas, ela não pôde deixar de pensar naquilo. Lady Catherine, segundo parecia, tinha se dado ao trabalho de sair de Rosings e fazer aquela viagem com o único objetivo de desmanchar seu suposto noivado com o senhor Darcy. Não era mal pensado! Mas de onde poderia originar a notícia de tal noivado, Elizabeth não sabia determinar. Por fim, lembrou que o fato de ele ser um íntimo amigo de Bingley, e ela irmã de Jane, talvez fosse suficiente para, num momento em que a expectativa de um casamento alerta o espírito das pessoas para o próximo, motivar tal ideia. Provavelmente seus vizinhos Lucas (pois fora, decerto, por intermédio dos Collins que a notícia chegara aos ouvidos de lady Catherine) tinham apresentado como coisa quase certa e imediata aquilo que ela mesma encarava como uma remota possibilidade num futuro longínquo.

Refletindo sobre as expressões de lady Catherine, ela não era estranha a uma certa inquietude quanto às possíveis consequências de tal interferência. Ocorreu a Elizabeth que ela devia ter em mente uma entrevista com o sobrinho; e como ele reagiria à sua representação das consequências funestas ligadas a tal ato, ela não ousava pronunciar-se. Elizabeth não sabia qual a afeição do senhor Darcy pela tia nem a confiança que ele depositava nas opiniões dela. Era natural que ele tivesse maior consideração por Sua Excelência do que ela própria, e era certo que, ao enumerar as misérias de um casamento com uma pessoa cujos parentes eram tão inferiores aos seus, ela o atacaria pelo seu lado mais fraco. Com os seus preconceitos de classe, Darcy provavelmente sentiria que os argumentos da tia, que a Elizabeth tinham parecido fracos e ridículos, continham bastante bom senso e um raciocínio sólido.

Se ele antes já hesitara quanto ao que devia fazer, o que sua atitude frequentemente a dera a entender, os conselhos e as exortações de uma pessoa que lhe era tão chegada poderiam destruir todas as suas dúvidas e convencê-lo, de uma vez, a procurar a sua felicidade sem ofender os

brasões de família. Sendo assim, ele já não voltaria. Lady Catherine o encontraria em Londres e a promessa dele a Bingley de voltar a Netherfield seria

esquecida.

“Se ele enviar qualquer desculpa ao amigo nos próximos dias dizendo que está impossibilitado de vir, saberei então o que pensar” – pensou Elizabeth. “Nessa altura desistirei de tudo. E, se ele se limitar a lamentar a minha perda, quando está nas suas mãos obter o meu afeto, renunciarei a ele sem mágoa.”

A surpresa dos outros membros da família quando souberam quem tinha sido a visitante foi ilimitada. Contentaram-se, no entanto, com as mesmas suposições que haviam aplacado a curiosidade da senhora Bennet, e Elizabeth não foi mais incomodada com o assunto.

No dia seguinte, de manhã, Elizabeth descia as escadas quando seu pai, saindo da biblioteca, veio ao seu encontro com uma carta na mão:

– Lizzy – disse ele –, ia à sua procura. Venha à biblioteca.

Ela seguiu-o, e sua curiosidade em saber o que ele tinha para lhe dizer era aumentada pela suposição de que se relacionasse com a carta que tinha na mão. Ocorreu de súbito que ela proviesse de lady Catherine e, com horror, anteviu todas as consequentes explicações. Ela seguiu o pai até a lareira, sentaram-se diante dela e o senhor Bennet então disse:

– Recebi esta manhã uma carta que me surpreendeu extraordinariamente. Como ela se refere sobretudo à sua pessoa, é necessário que seja informada do seu conteúdo. Não sabia que tinha duas filhas à beira do matrimônio. Felicito-a pela sua conquista de grande envergadura.

O sangue afluiu ao rosto de Elizabeth e, por um instante, ela supôs que a carta viesse do sobrinho, e não da tia, e hesitava se devia sentir-se contente por ele se ter finalmente explicado ou ofendida porque a carta não era dirigida a ela, quando seu pai prosseguiu:

– Parece compreender do que se trata. As jovens mostram grande penetração em assuntos desta natureza; no entanto, acho que posso até desafiar sua sagacidade em descobrir qual o nome do seu admirador. A carta é do senhor Collins.

– Do senhor Collins! E que poderá ele dizer?

– Algo que vem muito a propósito. Começa congratulando-me pelo próximo casamento da minha filha mais velha, sobre o que, segundo tudo

leva a crer, foi informado por alguma das bem-intencionadas e mexeriqueiras senhoritas Lucas. Não vou ler essa parte, para não atentar contra a sua paciência. Aquela que lhe diz respeito versa assim:

Tendo lhe apresentado deste modo as sinceras congratulações da senhora Collins, bem como as minhas, pelo feliz acontecimento, permita-me

acrescentar uma ligeira alusão a outro assunto, do qual fomos advertidos pela mesma autoridade. Sua filha Elizabeth, ao que parece, não usará por muito mais tempo o nome Bennet, depois de sua irmã mais velha ter renunciado ao mesmo, e o eleito pode, com toda a justiça, ser nem mais nem menos considerado como uma das pessoas mais ilustres deste país.

– Imaginará de quem se trata?

Esse jovem foi aquinhado com tudo o que um coração mortal pode desejar: esplêndidas propriedades, nobre linhagem e considerável influência. Contudo, apesar de todas essas vantagens, permita-me que eu previna a minha prima Elizabeth, como a si próprio, dos males que poderão advir de um consentimento precipitado às propostas daquele cavalheiro, propostas das quais, naturalmente, se sentirão inclinados a tirar o proveito imediato.

– Faz ideia, Lizzy, de quem possa ser? Mas agora surge a revelação:

A razão pela qual a prevenimos é a seguinte: temos motivos para acreditar que lady Catherine de Bourgh não vê com bons olhos este casamento.

– Como vê, trata-se do senhor Darcy! E agora, Lizzy, creio que a surpreendi. Poderiam o senhor Collins ou os Lucas ter feito suposição mais absurda? O senhor Darcy, que não olha para uma mulher senão para criticar e que provavelmente nunca olhou para você em toda a sua vida! É espantoso!

Elizabeth tentou fazer coro com o pai na sua jocosidade, mas pôde apenas sorrir com relutância. Nunca o espírito do pai fora direcionado de maneira tão pouco agradável para ela.

– Não acha divertido?

– Oh! Claro. Continue a ler.

Tendo eu mencionado a possibilidade deste casamento a lady Catherine ontem à noite, ela imediatamente exprimiu o que sentia acerca desse assunto, com sua usual condescendência, proclamando que, devido a certas objeções de família, ela jamais daria o seu consentimento para o

que, usando as suas próprias palavras, era um péssimo casamento. Considerei ser meu dever comunicar tudo isto à minha prima, para que ela e o seu nobre admirador saibam o que estão fazendo e não se precipitem num casamento que nunca será convenientemente sancionado.

– O senhor Collins, mais adiante, acrescenta:

Causa-me muita alegria saber que o triste caso da minha prima Lydia foi rapidamente abafado, preocupando-me apenas que se tenha tornado do domínio público o fato de eles terem vivido juntos antes de se casarem. Não posso, contudo, esquecer os deveres do meu estado nem deixar de manifestar meu espanto ao saber que o senhor recebeu o jovem casal em sua casa logo após o matrimônio. Considero tal atitude um encorajamento ao vício, e pode estar certo de que, se eu fosse o pastor de Longbourn, teria me oposto terminantemente a isso. É certo que, como cristão, devia tê-los perdoado, porém, jamais deveria admiti-los na sua presença nem permitir que os seus nomes fossem mencionados.

– Essa é a noção que ele tem do perdão cristão! O resto da carta trata apenas da situação da sua querida Charlotte e das suas esperanças de um rebento. Mas, Lizzy, parece que não gostou. Tão cedo não será “senhora, dona”, espero eu, nem se fingirá de ofendida por causa de um boato tão tolo. Para que vivemos nós, senão para nos tornarmos objeto de troça dos nossos vizinhos, e, por nossa vez, rirmos à custa deles?

– Oh! – exclamou Elizabeth. – É até muito divertido. Mas acho tudo isso tão estranho!

– Sim, mas é isso, precisamente, que lhe dá toda a graça. Se tivessem escolhido outro homem qualquer, não teria interesse nenhum; mas a perfeita indiferença do senhor Darcy e sua manifesta antipatia tornam essa suposição tão absurda! Abomino escrever, mas por nada neste mundo desistiria da minha correspondência com o senhor Collins! Quando leio uma carta dele, não posso deixar até de preferi-lo a Wickham, por mais que eu preze a imprudência e a hipocrisia do meu genro. – O senhor Bennet então perguntou: – Conte-me agora, Lizzy, que disse lady Catherine acerca deste boato? Ela veio visitá-la para lhe recusar seu consentimento?

A esta pergunta, a filha respondeu apenas com uma gargalhada. Como ele lhe fizera a pergunta sem suspeitar de nada, Elizabeth não ficou embaraçada, nem mesmo quando ele a repetiu. Jamais sentira tamanha dificuldade em esconder seus sentimentos. Era necessário rir, quando ela

teria preferido chorar. Seu pai mortificara-a cruelmente com o que dissera a respeito da indiferença do senhor Darcy e ela nada podia fazer senão admirar-se da sua falta de observação ou recluir que, quem sabe, se em vez de ele ver pouco não fora ela que imaginara muito.

Capítulo 58

O senhor Bingley não recebeu nenhuma carta do amigo, como Elizabeth recebera, e, em vez disso, trouxe Darcy em visita a Longbourn, poucos dias depois da vinda de lady Catherine. Os cavalheiros chegaram cedo e, antes que a senhora Bennet tivesse tempo para lhe contar que tinham recebido a visita de sua tia, o que Elizabeth receava a todo momento, Bingley, que queria ficar a sós com Jane, propôs um passeio. Todos concordaram. A senhora Bennet não tinha o hábito de caminhar e Mary não tinha tempo a perder, mas os cinco restantes partiram juntos. Bingley e Jane, contudo, em breve deixaram que os outros se distanciassem. Foram ficando para trás, enquanto Elizabeth, Kitty e Darcy teriam de se bastar uns aos outros. Os três pouco conversavam; Kitty tinha medo de Darcy; Elizabeth estava intimamente formando uma resolução desesperada; e ele talvez estivesse fazendo o mesmo.

Caminhavam em direção a casa dos Lucas, pois Kitty queria fazer uma visita a Maria; e, quando Kitty os deixou, Elizabeth continuou resolutamente com Darcy. Chegara agora o momento de pôr em prática o seu plano, e, antes que a sua coragem fraquejasse, disse:

– Senhor Darcy, sou uma criatura muito egoísta; e, a fim de aliviar as incertezas dos meus sentimentos, vou talvez ferir os seus. Não posso adiar por mais tempo os agradecimentos que lhe devo pela sua inestimável intervenção a favor de minha irmã. Desde que tomei conhecimento de tal atitude, tenho ansiado por uma ocasião para lhe manifestar toda a minha gratidão. E, se todas as outras pessoas da minha família o soubessem, não lhe falaria apenas em meu nome.

– Sinto imensamente – replicou Darcy, num tom de surpresa e emoção – que tenha sido informada de um fato que, mal interpretado, poderia

tê-la contrariado. Julguei poder confiar na discrição da senhora Gardiner.

– Não deve culpar a minha tia. Foi por um descuido de Lydia que eu

soube que o senhor tinha se envolvido no caso. Naturalmente, não descansei enquanto não soube de tudo o que se passara. Deixe-me agradecer-lhe de novo, em meu nome e no da minha família, pela generosa compaixão que o levou a dar-se a todos os incômodos e a suportar tantas mortificações na busca que fez.

– Se insiste em me agradecer – replicou ele –, faça-o apenas por você. Não nego que o desejo de lhe agradar também tenha contribuído para o que fiz. Mas a sua família nada me deve. Respeito-a muito, mas creio que foi só em você que pensei.

Elizabeth ficou tão embaraçada que não soube o que responder. Após uma pequena pausa, ele acrescentou:

– Sei que é generosa demais para fazer pouco de mim. Se os seus sentimentos ainda são os mesmos que manifestou em abril passado, diga imediatamente. O meu amor e os meus desejos permanecem inalterados, mas basta uma única palavra sua para que nunca mais lhe fale no assunto.

Elizabeth, sentindo, além do mais, a difícil e aflitiva situação em que Darcy estava, esforçou-se então por falar; e, imediatamente, embora de forma hesitante, lhe deu a entender que seus sentimentos tinham sofrido uma transformação tão substancial desde o período que ele mencionara, que a levavam agora a aceitar as suas declarações com prazer e gratidão. A felicidade que esta resposta causou em Darcy foi a maior que até então conhecera. Ele a exprimiu nos termos mais calorosos que o seu coração de apaixonado conseguiu encontrar. Se Elizabeth tivesse podido erguer os olhos, teria visto toda a felicidade refletida no rosto dele, com uma animação que o tornava belíssimo. Se ela não podia olhar, podia ouvir, e ele contou tudo o que sentia; a importância que ela tinha para ele valorizava a cada instante o seu amor aos olhos de Elizabeth.

Continuaram a caminhar ao acaso. Profundamente absorvidos nos próprios pensamentos, tinham muito que sentir e muito para dizer. Elizabeth em breve soube que deviam o seu atual entendimento aos esforços da tia de Darcy, que fora visitá-lo no seu regresso e, de passagem por Londres, lhe relatara a sua viagem a Longbourn, a sua causa e a conversa que tivera com Elizabeth, repetindo enfaticamente cada uma das expressões desta última, expressões essas que aos olhos de lady Catherine denotavam a perversidade e o cinismo da garota, com o intuito de desacreditá-la perante o sobrinho. Mas, infelizmente para Sua Excelência, o efeito tinha sido o exato oposto.

– Deu-me esperanças – disse ele – que eu nunca antes me permitira alimentar. Conhecia suficientemente bem o seu caráter para saber que, se estivesse absoluta e irrevogavelmente decidida a recusar-me, não hesitaria em dizer a lady Catherine com toda a franqueza.

Elizabeth corou e sorriu ao replicar:

– Sim, conhecia suficientemente a minha franqueza para saber-me capaz disso. Após tê-lo tratado de forma tão abominável na sua frente, não teria escrúpulos em fazê-lo perante toda a sua família.

– O que me disse que eu não tivesse merecido? Pois, embora suas acusações assentassem sobre premissas falsas, minha atitude naquele tempo merecia as mais severas censuras. Era imperdoável. Não posso lembrar-me dela sem horror.

– Não discutiremos a quem cabe a maior culpa na desavença daquele dia – disse Elizabeth. – Se analisarmos bem, nenhum de nós se conduziu irrepreensivelmente; mas, desde então, creio bem que progredimos em delicadeza.

– Não me poderei reconciliar tão facilmente comigo mesmo. A recordação do que na altura disse, do meu comportamento, dos meus modos e das minhas expressões, tem sido durante todos estes meses, e ainda agora, indizivelmente dolorosa. Nunca esquecerei aquele seu reparo, tão bem aplicado: “Acaso ele tivesse sido feito de uma forma mais cavalheiresca”. Foram estas as suas palavras. Não sabe, nem poderá imaginar, como elas me torturaram, embora, confesso, só algum tempo depois lhes tenha reconhecido a justiça.

– Estava muito longe de esperar que elas lhe produzissem uma impressão tão forte. E nunca pensei que pudessem ser sentidas de tal modo.

– Acredito perfeitamente. Considerava-me naquela altura destituído de todos os sentimentos humanos, tenho certeza. Nunca esquecerei a expressão do seu rosto ao me dizer que nada poderia convencê-la a aceitar meu pedido.

– Oh! Não repita o que eu disse! Tais coisas não devem ser lembradas. Acredite, há muito tempo que me envergonho profundamente delas.

Darcy mencionou a sua carta e perguntou:

– Acaso ela me reabilitou aos seus olhos? Acaso acreditou no que eu lhe dizia?

Ela explicou os efeitos que a carta tinha lhe produzido e como, aos poucos, sua antipatia foi se dissipando.

– Eu sabia – disse ele – que o que tinha para lhe escrever iria feri-la, mas era necessário. Espero que tenha destruído a carta. Não descansarei enquanto não tiver a certeza de que não a lerá de novo, sobretudo o começo. Lembro-me de certas expressões que poderiam justificadamente provocar seu ódio contra mim.

– A carta será queimada, se acredita que isso seja essencial para a preservação da minha estima; mas, embora ambos tenhamos razões para pensar que as minhas opiniões não são inteiramente inalteráveis, não creio, por outro lado, que sejam influenciáveis com tanta facilidade como parece supor.

– Quando escrevia aquela carta – replicou Darcy – pensava que estava num estado de espírito perfeitamente calmo e frio, mas, desde então, descobri que a escrevi bastante amargurado e triste.

– Talvez no princípio a carta denotasse certa amargura, mas ela não persistiu até final. A despedida era caridosa. Mas não pense mais na carta. Os sentimentos da pessoa que a recebeu e da pessoa que a escreveu são agora muito diferentes do que eram. Todas as circunstâncias dolorosas relativas a ela devem ser esquecidas. É preciso que aprenda um pouco da minha filosofia. Lembre-se apenas daquilo que lhe causa prazer.

– Não creio que necessite de qualquer filosofia do gênero na sua vida. Suas retrospectões devem ser tão totalmente desprovidas de mancha que o contentamento que delas extrai se deve não a uma filosofia, mas à ignorância, o que é muito melhor. Comigo, porém, não se passa o mesmo. Quando penso no passado, sou assaltado por dolorosas recordações que não podem, nem devem, ser repelidas. Toda a minha vida fui uma criatura egoísta, se não na prática, pelo menos nos meus princípios. Em criança ensinaram-me o que era certo, mas não me ensinaram a corrigir o meu gênio.

Deram-me bons princípios, mas deixaram-me segui-los baseado no meu orgulho e no meu conceito. Desafortunadamente filho único (durante muitos anos fui o único filho), fui mimado pelos meus pais, que, embora fossem bons (meu pai, sobretudo, era a benevolência e a afabilidade em pessoa), permitiram, encorajaram e quase me ensinaram a ser egoísta e tirânico, a não me interessar por ninguém para além do círculo da família,

a desprezar todo o resto do mundo e a minimizar o seu bom senso e o seu valor comparados ao meu. Assim agi dos 8 aos 28; e assim permaneceria se não fosse por você, minha querida e encantadora Elizabeth! Deu uma lição, dura a princípio, mas muito vantajosa. Fui devidamente humilhado. Fui até você sem duvidar de que me aceitaria. Foi então que me revelou a insuficiência de todas as minhas pretensões para agradar a uma mulher digna de ser amada.

– Estava mesmo convicto de que eu me sentiria lisonjeada?

– Confesso que estava. O que pensa da minha vaidade? Acreditei mesmo que desejava e esperava a minha proposta.

– A culpa talvez caiba aos meus modos, mas não agi intencionalmente, asseguro. Nunca tive a intenção de iludi-lo. Como deve ter me odiado a partir daquele dia!

– Odiá-la? Fiquei furioso, talvez, a princípio, mas a minha fúria em breve tomou a direção acertada.

– Quase não ousei perguntar o que pensou de mim quando me encontrou em Pemberley. Censurou-me intimamente por ter ido lá?

– Não, de modo algum, fiquei apenas surpreso.

– Sua surpresa não foi menor do que a minha ao ser notada. Minha consciência me dizia que eu não merecia nenhuma delicadeza extraordinária e confesso que não contava receber mais do que o que me era devido.

– O meu objetivo naquela ocasião – replicou Darcy – era mostrar-lhe, por toda a delicadeza ao meu alcance, que não era tão mesquinho que guardasse rancor pelo passado; e esperava obter o seu perdão e apagar a má opinião que tinha de mim, dando-lhe a entender que tinha acatado as censuras que me fizera. Em que momento outros desejos se introduziram, não posso lhe precisar, mas creio que meia hora depois de a ter visto.

Darcy contou-lhe então o prazer que Georgiana tivera em conhecê-la e o desapontamento que sentira com a súbita interrupção da sua visita. Passou, naturalmente, a falar nas causas dessa interrupção, e Elizabeth soube que a resolução dele em partir em busca da sua irmã fora tomada ainda na hospedaria, e que, se naquela ocasião se mostrava grave e pensativo, era porque debatia no seu espírito tal ideia e tudo o que ela acarretava. Ela tornou a exprimir a sua gratidão, mas o assunto era penoso demais para ambos para que insistissem nele.

Após caminharem vários quilômetros sem destino e ocupados demais

para se preocuparem com isso, enfim descobriram, ao olharem para o relógio, que já tinha passado a hora de regressarem.

– Que será feito de Bingley e de Jane? – essa foi a observação que os introduziu na discussão do seu caso. Darcy estava encantado com o noivado; o amigo lhe informara sem demora.

– Devo lhe perguntar se ficou surpreso? – indagou Elizabeth.

– Não, de modo algum. Quando parti, já sabia que isso ia acontecer.

– Quer dizer, deu-lhe o seu consentimento. Foi o que pensei – e, embora ele protestasse contra o termo, ela percebeu que a sua suposição não estava muito longe da verdade.

– Na noite da minha partida para Londres – disse ele – fiz a Bingley uma confissão que há muito tempo lhe devia ter feito. Conte-lhe como tudo ocorrera, tornando absurda e impertinente a minha interferência na vida dele. Ele ficou muito surpreso. Nunca suspeitara de nada. Disse-lhe, além disso, que tinha motivos para acreditar ter me enganado em relação à indiferença da sua irmã; e como, nessa altura, pude ver que a sua afeição por ela continuava inalterada, não duvidei da sua felicidade juntos.

Elizabeth não pôde deixar de sorrir pela facilidade com que ele conduzia o amigo.

– Baseou-se na sua própria observação quando eu lhe disse que a minha irmã gostava dele ou apenas na minha informação da primavera passada?

– Na minha observação. Durante as duas últimas visitas que fiz aqui, observei-a atentamente e fiquei convencido de que ela o amava de verdade.

– E a sua certeza, suponho eu, em breve convenceu a ele também.

– Sim. Bingley é extraordinariamente modesto. Foi isso que o impediu de confiar no próprio julgamento, mas a confiança que ele deposita em mim tornou tudo fácil. Fui obrigado a confessar-lhe uma coisa que durante vários dias o indispôs contra mim. Precisei lhe dizer que tinha sabido da presença da sua irmã em Londres durante aqueles meses de inverno e que propositadamente omitira o fato dele. Bingley ficou furioso, mas acredito que a sua fúria durou apenas enquanto ainda duvidava dos sentimentos de sua irmã. Ele já me perdoou.

Elizabeth sentiu-se tentada a observar que o senhor Bingley tinha sido um amigo encantador, tão fácil de conduzir que o seu valor era incalculável, mas conteve-se. Ao prever a felicidade que esperava Bingley, que seria apenas menor que a sua, ele continuou a conversa até chegarem à

casa. Na saleta de entrada da casa, se separaram.

Capítulo 59

– Minha querida Lizzy, por onde andaram? – foi a pergunta que Elizabeth recebeu de Jane quando ela entrou no cômodo e de todos os outros quando se sentaram à mesa. Limitou-se a responder que tinham se distraído e caminhado mais longe do que esperavam, e, embora tivesse ficado corada, ninguém suspeitou da verdade.

A tarde passou calmamente, sem que nada de extraordinário ocorresse. Os noivos assumidos falaram e riram; os não assumidos permaneceram calados. Darcy não era daquelas pessoas em que a felicidade transborda em alegria; e Elizabeth, agitada e confusa, tinha consciência da sua felicidade, mas não a sentia propriamente; pois, para além dos obstáculos imediatos, ainda existiam outros à sua frente. Ela antecipava a reação da família quando tomassem conhecimento da sua situação; sabia que ninguém gostava dele a não ser Jane; e receava mesmo que a antipatia deles fosse de tal ordem que toda a fortuna e importância de Darcy não pudessem dissipar.

À noite, ela abriu-se com Jane. Embora a suspeita não fizesse parte dos hábitos da senhorita Bennet, dessa vez Elizabeth esbarrou com a sua

incredulidade.

– Está brincando, Lizzy. Não pode ser! Noiva do senhor Darcy! Não, não pense que me engana. Sei que tal coisa é impossível.

– Isso não é muito animador! Você era a única pessoa com a qual eu contava para acreditar em mim, e, se não acredita, ninguém mais o fará. Porém, é verdade o que digo. Ele ainda me ama e vamos ficar noivos.

Jane olhou para ela, em dúvida:

– Oh, Lizzy! Não pode ser. Sei bem como você o detesta.

– Não sabe absolutamente nada. Tudo isso é para esquecer. Talvez outrora eu não soubesse apreciá-lo como agora, mas, em casos como estes, a boa memória é imperdoável. Essa é a última vez que recordarei tais coisas.

Jane continuava atônita, e Elizabeth, de novo e com mais seriedade, assegurou-a da verdade.

– Deus do Céu! Será possível? Porém vejo-me obrigada a acreditar em

você – comentou Jane. – Minha querida Lizzy! Eu gostaria... eu dou meus parabéns... mas tem certeza? Desculpe a pergunta... tem certeza absoluta de que poderá ser feliz com ele?

– Quanto a isso, não pode haver a menor dúvida. Ficou decidido entre nós que seremos o casal mais feliz do mundo. Mas está contente, Jane? Gostará que ele seja seu cunhado?

– Muitíssimo. Nada nos poderia causar maior prazer, a Bingley e a mim. Conversamos sobre isso, mas achamos impossível. E você gosta realmente dele? Oh, Lizzy! Faça o que bem entender, exceto casar sem amor. Está certa da sinceridade e da força do seu amor?

– Oh, sim! Quando eu lhe contar tudo, até achará que eu o amo demais.

– O que quer dizer com isso?

– Quero dizer que, se disser que gosto mais dele do que você de Bingley, receio que se zangue.

– Minha querida irmã, não brinque e falemos a sério. Conte, sem demora, tudo o que acha que eu devo saber. Desde quando gosta dele?

– Isso aconteceu tão gradualmente que não sei bem quando começou. Contudo, devo situar esse meu amor desde aquela primeira vez que vi o belo parque de Pemberley.

Seguiu-se outra súplica para que ela falasse seriamente, e Elizabeth

acatou-a, dando à irmã as garantias mais solenes da sua afeição por Darcy. Tranquilizada sob esse aspeto, Jane nada mais tinha a desejar.

– Agora sinto-me duplamente feliz – disse ela –, pois será tão feliz quanto eu. Sempre o apreciei. Bastava, aliás, o amor dele por você para que eu o estimasse para sempre, mas agora, como amigo de Bingley e seu marido, só Bingley e você mesma terão a sua precedência na minha afeição. Mas, Lizzy, foi muito astuta e reservada comigo. Não me contou quase nada do que se passou em Pemberley e Lambton! Tudo o que sei devo a outro e não a você.

Elizabeth explicou a razão do seu segredo. Não quisera mencionar o nome de Bingley, e a incerteza dos seus próprios sentimentos fazia com que ela ocultasse também o nome do amigo. Mas agora Elizabeth não podia esconder por mais tempo de sua irmã a participação de Darcy no caso de Lydia. Pôs a irmã a par de tudo e passaram metade da noite conversando.

– É demais! – exclamou a senhora Bennet quando estava à janela na

manhã seguinte. – Então não é aquele desagradável senhor Darcy que torna a vir na companhia do nosso querido Bingley? Que desejará ele com todas essas visitas? Não percebe que nos importuna? Por que ele não vai caçar ou fazer qualquer outra coisa em vez de nos impor sua presença? O que faremos com ele? Lizzy, será melhor levá-lo de novo a passear, para que ele não atravesse o caminho de Bingley.

Elizabeth por pouco não conteve o riso perante proposta tão conveniente. Contudo, ficou contrariada pela mãe insistir em tão desagradável qualificação.

Assim que entraram, Bingley olhou para Elizabeth de forma tão significativa e apertou-lhe as mãos com tanto afeto que não deixava dúvidas de que estava bem informado. Pouco depois ele disse em voz alta:

– Senhora Bennet, não tem no seu parque outros caminhos por onde Lizzy possa se perder de novo hoje?

– Aconselho o senhor Darcy, Lizzy e Kitty a darem um passeio até Oakham Mount. É um belo e longo passeio e o senhor Darcy nunca viu a vista – sugeriu a senhora Bennet.

– Será perfeito para os outros – replicou o senhor Bingley –, mas creio que demasiado distante para Kitty. Não acha, Kitty?

Kitty confessou que preferia ficar em casa. Darcy declarou que tinha toda a curiosidade em ver a vista e Elizabeth consentiu em silêncio. Enquanto subia as escadas para ir se aprontar, a mãe acompanhou-a, dizendo:

– Sinto muito, Lizzy, por obrigá-la a suportar a companhia daquele homem tão desagradável. Mas espero que não se importe muito: é tudo para o bem de Jane, como deve perceber; e depois, não precisará conversar muito com ele, apenas de vez em quando. Portanto, não se exponha e não se torne inconveniente.

Durante o passeio, decidiram entre eles que o consentimento do senhor Bennet seria solicitado naquela mesma noite. Elizabeth encarregou-se pessoalmente de informar a mãe. Não sabia como a senhora Bennet reagiria, e, por vezes, duvidava de que toda a fortuna e importância de Darcy não fossem suficientes para vencer a antipatia que a mãe tinha por ele. Porém, quer a senhora Bennet se declarasse violentamente contra o casamento, ou violentamente a favor, a filha estava certa de que a sua atitude seria pouco conveniente e sensata, e ela não estava disposta a tolerar que o senhor Darcy assistisse às primeiras manifestações da sua alegria ou à veemência da sua desaprovação.

À noite, pouco depois de o senhor Bennet se recolher à sua biblioteca, Elizabeth viu o senhor Darcy levantar-se e segui-lo, e ela ficou numa agitação extrema. Não receava a oposição do pai, mas sabia que iria lhe causar um desgosto. A ideia de que ela, a sua filha favorita, lhe causaria uma grande decepção com sua escolha, enchendo-o de preocupações quanto ao seu futuro, fez com que ela aguardasse, em profunda angústia e aflição, o momento em que o senhor Darcy tornou a aparecer. Este sorriu, e ela sentiu-se um pouco aliviada. Poucos minutos depois, ele aproximou-se da mesa onde Elizabeth estava sentada com Kitty e, fingindo admirar o trabalho que ela executava, sussurrou-lhe ao ouvido:

– Vá até a biblioteca. O seu pai quer lhe falar.

Elizabeth partiu no mesmo instante. Seu pai caminhava de um lado para o outro, com uma expressão grave e ansiosa.

– Lizzy – disse ele –, o que faz? Estará no seu juízo perfeito aceitando esse homem? Não o odiava?

Naquele momento Elizabeth desejou ardentemente ter manifestado suas opiniões anteriores com menos ênfase! Teria poupado as explicações embaraçosas que agora se via obrigada a fazer. Era necessário. E, um tanto confusa, assegurou ao pai sua afeição pelo senhor Darcy.

– Ou, por outras palavras, está decidida a tê-lo para você. Ele é rico e poderá ter roupas e carruagens ainda mais belas do que as de Jane, mas tudo isso a fará feliz?

– Não tem outra objeção a fazer senão a sua suposição de que eu lhe seja indiferente? – indagou Elizabeth.

– Nenhuma. Todos sabemos que ele é um homem orgulhoso e desagradável, mas nada disso contaria aos nossos olhos se gostar mesmo dele.

– Gosto, gosto muito dele – replicou ela, com lágrimas nos olhos.

– Amo-o de verdade. Seu orgulho não é injustificado e ele é um homem bom e generoso. O senhor não o conhece bem, por isso, não me magoe falando dessa forma a respeito dele.

– Lizzy – respondeu o senhor Bennet –, eu já lhe dei o meu consentimento. Ele é realmente um daqueles homens a quem eu nunca recusaria coisa alguma. E agora torno a dá-lo a você, se está verdadeiramente decidida a obtê-lo. Mas eu a aconselho a refletir mais sobre o assunto. Conheço o seu gênio, Lizzy, e sei que jamais poderá ser

feliz sem que estime verdadeiramente o seu marido, sem que o considere seu superior. Sua vivacidade e inteligência a colocariam numa situação de grande perigo num casamento desigual.

Elizabeth, ainda mais emocionada, respondeu solene e gravemente. Após repetidas vezes afirmar que o senhor Darcy era de fato o homem da sua vida, explicar a mudança gradual pela qual tinha passado a sua estima por ele, relatar a absoluta certeza que possuía da sua afeição, que não era coisa de momento, mas que resistira à experiência de muitos meses de incerteza, e enumerar com energia todas as qualidades do futuro marido, acabou por conquistar a incredulidade do pai e reconciliá-lo com a ideia do casamento.

– Pois bem, minha querida – disse ele, quando Elizabeth acabou de falar.
– Nada mais tenho para dizer. Se é esse o caso, ele a merece. Nunca me poderia separar de você, minha querida Lizzy, entregando-a a alguém menos digno da sua estima.

Para completar a impressão favorável do pai, ela então relatou-lhe o que o senhor Darcy voluntariamente fizera por Lydia. Ele ouviu-a com um espanto ilimitado.

– Esta é mesmo uma noite de surpresas! E assim, Darcy tratou de tudo! Fez o casamento, deu dinheiro, pagou as dívidas do outro e arranjou-lhe um novo cargo? Tanto melhor. Poupa-me inúmeros incômodos e avultada soma em dinheiro. Se tudo tivesse sido feito pelo teu tio, me sentiria na obrigação de lhe pagar, mas esses jovens apaixonados hão de querer tudo a seu modo. Oferecerei, amanhã, para lhe pagar, mas ele protestará com veemência, alegando o seu amor por você, e porá um ponto final no assunto.

O senhor Bennet lembrou-se, então, do embaraço de Elizabeth a propósito da carta do senhor Collins; e, após brincar com ela sobre o assunto, deixou-a enfim partir, dizendo, quando ela já ia perto da porta:

– Se chegarem alguns jovens para Mary e para Kitty, mande-os entrar, pois estou à disposição.

Elizabeth sentia-se aliviada de um grande peso; e, após refletir sossegada no seu quarto durante meia hora, voltou para junto dos outros com um rosto calmo e sereno. Tudo ainda era muito recente para que a sua alegria transbordasse. A noite passou tranquilamente, nada mais havia a temer e a calma voltaria aos poucos.

Quando a mãe subiu para o quarto, Elizabeth acompanhou-a e fez a importante comunicação. O efeito foi extraordinário, pois, ao ouvi-la, a senhora Bennet permaneceu completamente imóvel, incapaz de pronunciar uma palavra. Só passados longos minutos ela pôde compreender o que ouvira, embora estivesse sempre atenta a tudo o que redundasse em proveito para a família ou que lhe apresentasse sob o aspecto de um noivo para qualquer uma das suas filhas. Por fim, ela começou a voltar a si e a mexer-se na cadeira; levantou-se, tornou a sentar-se, abriu a boca de espanto e persignou-se.

– Deus do céu! Deus me abençoe! Imagine só! Quem poderia supor? O senhor Darcy! É mesmo verdade? Oh, minha querida Lizzy! Como será rica e importante! Que mesadas, que joias e que carruagens não terá! O casamento de Jane não é nada em comparação com o seu! Sinto-me tão feliz, tão contente! Que homem encantador! Tão belo! Tão alto! Oh, minha querida Lizzy, perdoe-me ter antipatizado com ele no princípio! Estou certa de que ele me perdoará. Minha querida Lizzy... Uma casa em Londres! Tudo o que há de melhor! Três filhas casadas! Dez mil libras por ano! Meu Deus do céu, o que será de mim? Vou enlouquecer.

Tais exclamações foram suficientes para mostrar que não havia dúvidas quanto à sua aprovação; e Elizabeth, felicitando-se por ser a única testemunha daquela efusão, em breve se retirou.

Porém, ela não estava nem há três minutos no quarto quando a mãe de novo lhe apareceu:

– Minha querida filha! – exclamou ela. – Não posso pensar em outra coisa! Dez mil libras por ano, e talvez mais! É tão bom como se se tratasse de um lorde! É necessário obter uma licença especial! Mas, meu amor, diga qual o prato preferido do senhor Darcy para eu oferecer amanhã.

Era um triste prenúncio de como poderia ser o comportamento da mãe com o próprio cavalheiro. Elizabeth descobriu que, embora de posse dos mais calorosos dos afetos e tranquila quanto ao consentimento dos pais, havia ainda algo a desejar. Mas o dia seguinte passou-se muito melhor do que ela esperara, pois a senhora Bennet, afortunadamente, tinha tanto respeito pelo seu futuro genro que só se atreveu a dirigir-lhe a palavra para lhe dizer alguma amabilidade ou manifestar a sua deferência pelas opiniões dele.

Elizabeth viu com satisfação o seu pai fazer esforços para conhecer melhor o senhor Darcy; e o senhor Bennet em breve lhe assegurou de que a

sua estima por ele crescia a todo o momento.

– Tenho grande admiração pelos meus três genros – disse ele.

– Wickham é talvez o meu preferido, mas creio que gostarei tanto do teu marido quanto do de Jane.

Capítulo 60

Readquirida a tranquilidade de espírito e, com ela, o seu bom humor, Elizabeth exigiu do senhor Darcy que ele lhe contasse como se apaixonara por ela.

– Como começou? – indagou ela. – Compreendo que tenha progredido gradualmente, após o primeiro passo, mas o que foi que o impulsionou?

– Não posso determinar a hora ou o lugar, o olhar ou as palavras

que alicerçaram o meu amor. Já estava no meio e ainda não entendera

por que havia começado.

– Quanto à minha beleza, foi desde logo classificada por você, e, quanto aos meus modos, o meu comportamento andou perto da má educação, e quando falava com você era quase sempre com o intuito de feri-lo. Agora, seja sincero: foi pela minha impertinência que me admirou?

– Admirei-a pela vivacidade do seu espírito.

– Ou impertinência, como queira. Pouco menos era do que isso. O que é certo é que estava farto de amabilidades, deferências e atenções. Desdenhava todas aquelas mulheres que falavam, agiam e pensavam com o único objetivo de conquistá-lo. Despertei sua atenção porque eu era diferente delas. Se não fosse tão amável, teria odiado. Mas apesar do trabalho que teve para disfarçar os seus sentimentos, estes sempre foram nobres e justos. E no seu coração sempre desprezou as pessoas que tanto o cortejavam. Pronto, já lhe poupei o trabalho de uma explicação, e, realmente, pensando bem, acho a minha hipótese bastante razoável. Para falar a verdade, não conhecia nenhuma boa qualidade em mim. Mas ninguém pensa nisto quando se apaixona.

– E não havia bondade na afetuosa atitude que teve com Jane quando ela esteve doente em Netherfield?

– Querida Jane! Quem não teria feito o mesmo por ela? Mas faça disso

uma virtude, se quiser; minhas boas qualidades ficam ao seu cuidado, e pode exagerá-las como melhor lhe convier. Em troca, cabe-me o direito de provocá-lo e discutir consigo todas as vezes que me apetecer; e, para começar, diga-me por que razão à última hora se mostrou tão indeciso.

– Porque você se mantinha grave e silenciosa e não me deu nenhum encorajamento.

– Mas eu estava confusa.

– E eu também.

– Podia ter procurado conversar mais comigo quando veio jantar.

– Um homem menos apaixonado que eu talvez o tivesse feito.

– Pena que encontre para tudo uma resposta razoável e que eu tenha o bom senso de aceitar! Mas pergunto a mim mesma quanto tempo ainda levaria para se declarar se eu não tivesse interferido!

– Não se preocupe. A moral está a salvo. As injustificadas tentativas de

lady Catherine para nos separar foram um meio de remover todas as minhas dúvidas.

– Lady Catherine foi de imensa utilidade, e isso deverá torná-la feliz, pois ela gosta de ser útil. Mas, diga-me, por que veio a Netherfield? Foi apenas para passear até Longbourn e ficar envergonhado? Ou terá pensado na possibilidade de consequências mais sérias?

– Meu verdadeiro objetivo foi vê-la e verificar se poderia ter esperanças de que viesse a gostar de mim. O motivo declarado, ou pelo menos aquele que confessei a mim mesmo, foi verificar se a sua irmã ainda gostava de Bingley e, acaso ainda gostasse, fazer ao meu amigo a confissão que mais tarde realmente lhe fiz.

– Terá alguma vez a coragem de informar o nosso noivado a lady Catherine?

– É mais fácil faltar-me o tempo do que a coragem. Mas, uma vez que tem de ser feito, dê-me uma folha de papel e escreverei neste mesmo instante.

– E, se eu não tivesse também uma carta a escrever, sentaria a seu lado e admiraria a regularidade da sua caligrafia, como certa jovem, um dia, já o fez; mas acontece que também tenho uma tia e estou em falta com ela.

Elizabeth, que até então evitara ter de dizer aos tios que eles tinham exagerado a intimidade entre o senhor Darcy e ela, ainda não respondera à carta da senhora Gardiner, mas, atualmente, sabendo que eles receberiam

da melhor maneira o comunicado que tinha a fazer, ela sentiu-se quase envergonhada ao refletir que os tios já tinham perdido três dias de felicidade, e imediatamente respondeu o seguinte:

Eu já lhe teria escrito, minha querida tia, para lhe agradecer, como devia, a sua longa e carinhosa carta, tão rica em pormenores, se, para lhe dizer a verdade, não me sentisse aborrecida demais para o fazer. A senhora supôs mais do que aquilo que realmente existia. Mas, agora, sinta-se livre para tudo o que quiser; dê largas à fantasia e entregue-se à sua imaginação, para os voos mais arrojados, e, a menos que me imagine já casada, não errará por muito. Escreva-me tão depressa quanto puder e elogie-o ainda mais do que na sua última carta. Não me canso de lhe agradecer por não me terem levado até os Lagos. Não sei como pude ser tola a ponto de desejar tal passeio! A sua ideia dos pôneis é encantadora. Percorreremos o parque todos os dias. Sou a criatura mais feliz do mundo. Talvez outras pessoas já o tenham dito antes, mas nunca com tanta justiça. Sou mais feliz até do que Jane; ela apenas sorri, eu rio. O senhor Darcy envia-lhe todo o seu amor, aquele que ainda lhe resta. Contamos com todos em Pemberley para passar o Natal.

A sua, etc.

A carta do senhor Darcy para lady Catherine foi escrita em estilo bem diferente. Diferente também de ambas foi a carta que o senhor Bennet escreveu ao senhor Collins, em resposta à última daquele cavalheiro.

Caro senhor,

Venho incomodá-lo mais uma vez para novas informações. Elizabeth será em breve a esposa do senhor Darcy. Console lady Catherine como puder. Mas, se eu fosse o senhor, tomaria o partido do sobrinho. Ele tem mais para dar.

Sinceramente, etc.

Os parabéns que a senhorita Bingley mandou ao irmão pelo seu próximo casamento foram tudo o que havia de mais afetuoso e menos sincero. Ela escreveu também a Jane, nessa ocasião, a fim de exprimir o seu contentamento e repetir todas as suas anteriores declarações de estima. Jane não se deixou iludir, mas ficou enternecida; e, embora não tendo confiança nela, não pôde deixar de lhe escrever uma carta muito mais amável e carinhosa do que ela sabia que a outra merecia.

A alegria que a senhorita Darcy exprimiu ao receber informação semelhante foi tão sincera quanto a do irmão ao enviá-la. Quatro páginas

foram insuficientes para exprimir todo o seu sentir e o seu sincero desejo de ser estimada pela futura cunhada.

Antes de receber uma resposta do senhor Collins ou parabéns de Charlotte para Elizabeth, a família de Longbourn soube que os Collins em pessoa tinham chegado a Hertfordshire. O motivo dessa súbita viagem tornou-se logo evidente. Lady Catherine ficara tão exasperada com a carta do sobrinho que Charlotte, que na realidade se alegrava com o casamento, desejou ir-se embora até a tempestade passar. Num momento como aquele, a chegada da amiga causou um sincero prazer a Elizabeth, muito embora esse prazer tivesse de ser pago a alto preço, quando via o senhor Darcy exposto às delicadezas obsequiosas e fatigantes do senhor Collins.

Darcy, no entanto, suportava tudo aquilo com uma calma admirável. Ouviu até com serenidade as palavras de *sir* William Lucas, que o congratulou por ter conquistado a mais bela joia do país e exprimiu a esperança de todos eles se encontrarem frequentemente em St. James. Se ele chegou a encolher os ombros, foi apenas quando *sir* William se afastou.

A vulgaridade da senhora Philips foi outra sobrecarga, talvez maior do que qualquer outra, para a paciência dele; e, embora ela, tal como a irmã, a senhora Bennet, se sentisse atemorizada diante de Darcy, que não tinha o bom humor de Bingley, todas as vezes que abria a boca era para dizer coisas vulgares. Elizabeth fazia tudo o que podia para protegê-lo das frequentes atenções de ambas, atraindo-o constantemente para junto de si ou dos outros membros da sua família com quem ele poderia conversar sem se torturar.

Capítulo 61

A senhora Bennet ficou imensamente feliz quando se viu livre de duas das filhas mais queridas. É fácil imaginar com que orgulho ela visitava, mais tarde, a senhora Bingley e falava da senhora Darcy. Seria muito bom se a realização do seu maior desejo, de ver as filhas mais velhas casadas, tivesse o efeito de transformá-la numa mulher sensata, discreta e interessante para o resto da vida. Contudo, para sorte do seu marido, que talvez não acreditasse em uma felicidade doméstica tão grande, ela continuou ocasionalmente nervosa e invariavelmente tola.

O senhor Bennet sentiu muito a falta da segunda filha. Sua afeição por ela foi um dos motivos pelos quais, daí por diante, passou a sair mais de casa. Adorava ir a Pemberley, sobretudo quando não era esperado. O senhor Bingley e Jane ficaram em Netherfield apenas mais um ano.

Tamanha proximidade da senhora Bennet e dos conhecidos de Meryton não era desejável, mesmo levando em conta o temperamento brando de Bingley e o coração afetuoso de Jane. O grande desejo das irmãs de Bingley foi finalmente satisfeito, e ele comprou uma propriedade nas proximidades de Derbyshire. Jane e Elizabeth moravam agora a cinquenta quilômetros uma da outra.

Kitty passava a maior parte do tempo com as duas irmãs mais velhas, o que foi de grande vantagem para ela. Numa sociedade tão superior à que ela conhecera, em breve fez grandes progressos. Kitty não tinha o gênio rebelde de Lydia. Longe da influência e do exemplo da irmã e graças a certos cuidados e atenções, tornou-se menos irritável, menos ignorante e menos insípida. Era cuidadosamente preservada de qualquer nova influência da parte de Lydia e, embora a senhora Wickham frequentemente a convidasse a ir passar um tempo em sua casa, com promessas de bailes e rapazes, o pai jamais consentia que ela fosse.

Mary era a única que permanecia em casa. Como a senhora Bennet não suportasse a solidão, ela viu-se necessariamente impedida de prosseguir no aperfeiçoamento dos seus talentos. Obrigada a participar das reuniões da sociedade com mais frequência, continuou, no entanto, a tirar conclusões morais de cada visita que fazia. Como Mary já não sentia a mortificação

da comparação da beleza das irmãs com a dela própria, seu pai desconfiou que ela aceitava sem muita relutância essa alteração dos seus hábitos.

Quanto a Wickham e Lydia, o casamento pouco os modificou. Wickham resignou-se filosoficamente à convicção de que Elizabeth estava agora a par de todas as suas ingratidões e mentiras. Apesar disso, continuava a alimentar a esperança de que ela um dia pudesse convencer Darcy a fazer a sua fortuna. A carta que Elizabeth recebeu de Lydia por ocasião do seu casamento revelou que tal esperança era acalentada pela mulher, se não pelo próprio marido. A carta dizia o seguinte:

Minha querida Lizzy,

Desejo-lhe grande felicidade. Se o seu amor pelo senhor Darcy é apenas

metade do que eu sinto pelo meu marido Wickham, então é decerto muito feliz. É um consolo saber que é tão rica, e, quando não tiver nada para fazer, espero que se lembre de nós. Wickham gostaria muito de enveredar pela carreira jurídica, mas não creio que tenhamos dinheiro suficiente para vivermos sem auxílio. Qualquer lugar de trezentas ou quatrocentas libras por ano serviria; mas, se prefere, não mencione o assunto ao senhor Darcy.

A tua, etc.

Elizabeth preferiu não mencionar o assunto; procurou, na sua resposta, acabar com todos os pedidos dessa natureza. No entanto, ela passou a enviar à Lydia tudo o que economizava das suas despesas particulares. Sempre lhe parecera evidente que a renda de que eles gozavam, dirigida por pessoas tão extravagantes nos seus desejos e imprevidentes quanto ao futuro, seria insuficiente para o seu sustento. Todas as vezes que o casal mudava de residência, Jane e Elizabeth podiam estar certas de receber um pedido de auxílio, pois havia sempre contas a pagar. Sua maneira de viver, mesmo quando tinham uma casa, era sempre muito irregular. Estavam constantemente em mudança, em busca de uma situação barata, e gastavam mais do que tinham. A afeição de Wickham por Lydia em breve se transformou em indiferença. A de Lydia resistiu por mais um tempo. Apesar da sua mocidade e das suas maneiras, ela conservou intacta a reputação que o casamento lhe havia assegurado.

Embora Darcy não admitisse a ideia de receber Wickham em Pemberley, em consideração a Elizabeth, ajudou-o em sua carreira. Lydia visitava-os ocasionalmente, quando o marido ia a Londres ou a Bath. Na casa dos Bingley, no entanto, eles demoravam-se mais tempo, a ponto de esgotar toda a paciência e o bom humor de Bingley, que chegou a dar a entender que desejaria ver os dois fora de sua casa.

A senhorita Bingley ficou profundamente mortificada com o casamento do senhor Darcy, mas, como achou melhor conservar o direito de frequentar Pemberley, sufocou todo o seu ressentimento. Continuou a gostar de Georgiana, mostrou-se quase tão atenciosa com Darcy como antigamente e pagou com juro todas as cortesias que devia a Elizabeth.

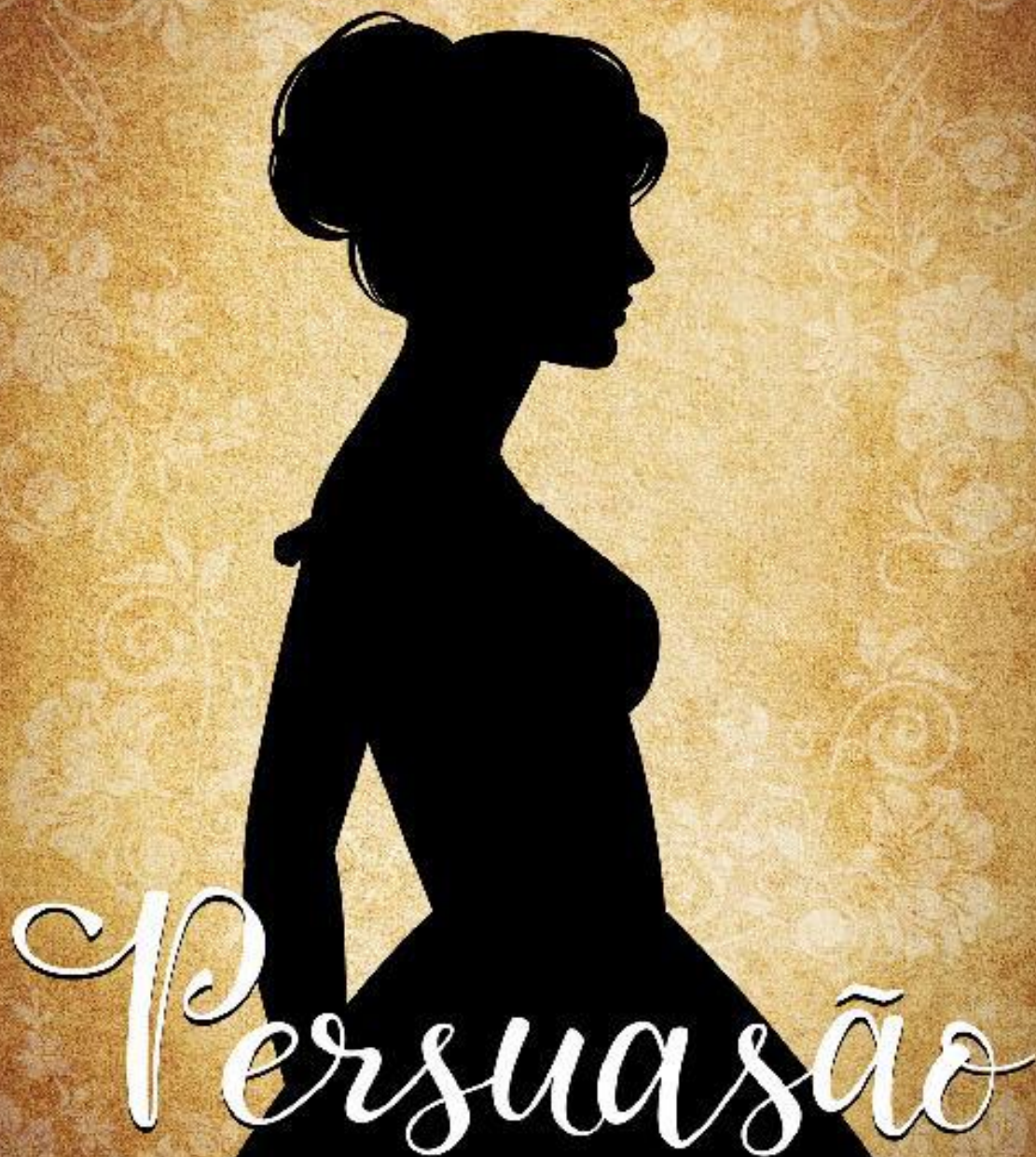
Georgiana foi residir em Pemberley. A afeição entre as duas cunhadas correspondeu a todas as expectativas de Darcy. Georgiana tinha uma grande admiração por Elizabeth. No começo, estranhou os gracejos e as brincadeiras de Elizabeth com o marido. O irmão sempre lhe inspirara um

respeito que quase sufocava a sua afeição. Começou, então, a saber coisas que ignorava. E Elizabeth lhe explicou que uma esposa pode ter com o marido liberdades que um irmão nem sempre poderia tolerar na irmã dez anos mais jovem do que ele.

Lady Catherine ficou muito indignada com o casamento do sobrinho. Respondeu a carta que comunicava sobre a união com termos tão violentos, sobretudo contra Elizabeth, que, durante algum tempo, as relações foram totalmente cortadas. Contudo, Elizabeth convenceu o marido a perdoar a ofensa e fez com que ele procurasse a reconciliação. Após alguma resistência, o ressentimento de lady Catherine cedeu, quer pela afeição que tinha pelo sobrinho, quer pela curiosidade em ver como a esposa dele se conduzia, e concordou em ir visitá-los em Pemberley.

O casal manteve grande contato com os Gardiner. Darcy, a exemplo de Elizabeth, tinha a maior afeição por eles, pois, além de tudo o mais, nunca se esqueceram da gratidão que deviam às pessoas por cujo intermédio eles tinham reatado as suas relações, durante aquele passeio por Derbyshire.

Jane Austen



Persuasão



Principis

Jane Austen

Tradução:
Marcelo Barbão

Persuasão



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto

Jane Austen

Tradução

Marcelo Barbão

Revisão

Casa de ideias

Produção e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ebook

Jarbas C. Cerino

Imagens

Lukasz Szwaj/Shutterstock.com; Flower design sketch gallery/Shutterstock.com;

KateChe/Shutterstock.com; Yurchenko Yulia/Shutterstock.com;

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A933p Austen, Jane

Persuasão [recurso eletrônico] / Jane Austen ; traduzido por
Marcelo Barbão. - 2. ed. - Jandira, SP : Principis, 2020.

240 p. ; ePub ; 5,7 MB. – (Literatura Clássica Mundial)

Tradução de: Persuasion

Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-046-0 (Ebook)

1. Literatura inglesa. 2. Romance. I. Barbão, Marcelo. II.
Título. III. Série.

CDD 823

2020-1251

CDU 821.111-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Romance 823
2. Literatura inglesa : Romance 821.111-31

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira

distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



Livro I



Capítulo 1

Sir Walter Elliot, de Kellynch Hall, em Somersetshire, era um homem que, para espairer, nunca pegava nenhum livro além de *Baronetage*. Nele, encontrava distração para os momentos ociosos e consolo para os de angústia. Era lá que sentia admiração e respeito, contemplando os poucos remanescentes dos primeiros títulos. Ali, quaisquer sensações indesejadas, decorrentes de assuntos domésticos, mudavam naturalmente para lástima e desprezo enquanto folheava a lista quase interminável de títulos concedidos no século anterior. E ali, se todas as outras folhas não causassem nenhum efeito, ele poderia ler sua própria história com um interesse que nunca falhava. A página em que sempre abria seu livro favorito começava assim:

ELLIOT, DE KELLYNCH HALL

Walter Elliot, nascido em 1º de março de 1760, casado em 15 de julho de 1784 com Elizabeth, filha de James Stevenson, cavalheiro de South Park, no condado de Gloucester, com a qual (falecida em 1800) teve Elizabeth, nascida em 1º de junho de 1785; Anne, nascida em 9 de agosto de 1787; um filho natimorto em 5 de novembro de 1789; e Mary, nascida em 20 de novembro de 1791.

Este fora o parágrafo originalmente entregue nas mãos do impressor, mas *sir* Walter o aprimorara, acrescentando, após a data do nascimento de Mary, para sua própria informação e a de sua família, as seguintes palavras: “Casada em 16 de dezembro de 1810 com Charles, filho e

herdeiro de Charles Musgrove, distinto cavalheiro de Uppercross, no condado de Somerset”; e a indicação do dia do mês em que este havia perdido a esposa.

Seguia-se, então, nos termos habituais, a história e a ascensão da antiga e respeitável família. Como se instalara inicialmente em Cheshire. Como era mencionada na genealogia de Dugdale – servira no gabinete do xerife, tivera representantes municipais em três parlamentos sucessivos e demonstrara lealdade e dignidade condizentes com o título de baronete durante o primeiro ano de reinado de Carlos II, incluindo todas as Marys e Elizabeths que haviam desposado. O texto ocupava o total de duas belas páginas *in duodecimo* e concluía com as armas e o lema da família – “Sede principal, Kellynch Hall, condado de Somerset” – e, novamente, na caligrafia de *sir* Walter: “Herdeiro presumível

– William Walter Elliot, bisneto do segundo *sir* Walter.”

A vaidade era o traço principal do caráter de *sir* Walter Elliot. Vaidade pessoal e de sua situação. Ele fora notavelmente bonito em seus tempos de juventude e, aos 54 anos, ainda era um homem muito vistoso. Poucas mulheres davam tanta importância à aparência pessoal quanto ele, e nem mesmo o valete de um lorde recém-nomeado poderia se mostrar mais satisfeito com o lugar que ocupava na sociedade. Ele considerava a bênção da beleza como inferior apenas à de um baronato. Por isso, uma vez que reunia essas duas bênçãos, tinha calorosos respeito e devoção por si mesmo.

A beleza física e a posição social de *sir* Walter mereciam sua grande estima em, pelo menos, um aspecto, pois a elas devia uma esposa de caráter muito superior a qualquer coisa que seu próprio pudesse merecer. *Lady* Elliot havia sido uma excelente mulher, sensata e amável, cujos julgamento e conduta, perdoada a paixão juvenil que a transformara em *lady* Elliot, não haviam mais necessitado de qualquer indulgência. Ela havia relevado, atenuado ou ocultado as falhas do marido, e mantido o respeito dele por 17 anos. Embora não fosse a pessoa mais feliz do mundo, encontrara o suficiente em seus afazeres, amigos e filhas para prender-se à

vida e para não ser motivo de indiferença quando chegasse o momento de abandoná-

-los. Três meninas, as duas mais velhas com 16 e 14 anos, constituíam um legado terrível para uma mãe deixar, um fardo terrível a se confiar à autoridade e à orientação de um pai tolo e vaidoso. *Lady* Elliot tinha, no entanto, uma amiga muito íntima, uma mulher sensata e digna, que trouxera, pelo forte apego que sentia, para viver perto da família, na vila de Kellynch. E era na sua bondade e nos seus conselhos que *lady* Elliot confiava quando a questão eram os bons princípios e a educação que vinha se esforçando para transmitir às filhas.

Essa amiga e *sir* Walter não se casaram, apesar das muitas suposições criadas pela amizade entre os dois. Treze anos tinham se passado desde a morte de *lady* Elliot; e eles ainda eram vizinhos e amigos íntimos, os dois viúvos.

Uma mulher madura em idade e caráter, extremamente bem provida, como *lady* Russell, não requer nenhuma justificativa à opinião pública quanto a não pensar em um segundo casamento. Na verdade, tende-se a ficar mais descontente quando uma viúva volta a se casar do que ao contrário. Mas a persistência de *sir* Walter em permanecer solteiro requer explicação. Saibam, então, que *sir* Walter, como bom pai (tendo tido uma ou duas decepções pessoais em tentativas muito pouco sensatas), se orgulhava de continuar solteiro pelo bem de suas queridas filhas. Por uma delas, a mais velha, ele teria aberto mão de qualquer coisa, algo que não lhe parecia muito tentador. Elizabeth, aos 16 anos, herdara todos os direitos e a autoridade da mãe e, sendo muito bonita e muito parecida com o pai, sempre tivera grande influência sobre ele, e conviviam muito bem. Suas outras duas filhas tinham valor bem menor. Mary havia adquirido uma importância um tanto artificial, ao tornar-se a senhora Charles Musgrove. Mas Anne, com uma elegância de espírito e uma doçura de caráter que deviam tê-la destacado para qualquer pessoa de verdadeiro entendimento, não era ninguém para o pai nem para a irmã. Sua palavra não tinha peso; ela sempre cedia – era apenas Anne.

Para *lady* Russell, no entanto, ela era a afilhada mais querida e valorizada, favorita e amiga. *Lady* Russell amava todas, mas somente Anne a fazia recordar sua falecida amiga *lady* Elliot.

Alguns anos antes, Anne Elliot fora uma bela jovem, mas sua beleza murchara cedo; e, mesmo em seu auge, seu pai havia encontrado pouco para admirar nela (tão diferentes eram suas feições delicadas e seus olhos escuros e suaves dos dele). Não existia nada em seu aspecto físico, agora que ela estava melancólica e magra, capaz de despertar sua estima. Ele nunca havia tido muita esperança, e agora não tinha nenhuma, de ler o nome de Anne em alguma outra página de seu livro favorito. Todas as possibilidades de alianças estavam em Elizabeth, pois Mary tinha apenas se conectado com uma velha e respeitável família de grande fortuna, sendo, portanto, a provedora de toda a honra sem receber nenhuma em troca. Elizabeth, em algum momento, faria um casamento adequado.

Às vezes acontece de uma mulher ser mais bonita aos 29 anos do que há uma década, e, de modo geral, se não sofreu de problemas de saúde nem de ansiedade, quase nenhum encanto está perdido nesse período da vida. Foi assim com Elizabeth, ainda a mesma bela senhorita Elliot que tinha começado a despontar 13 anos antes. E *sir* Walter pode ser desculpado, portanto, por esquecer sua idade ou, pelo menos, ser considerado apenas meio tolo por pensar que ele e Elizabeth estavam florescendo como sempre, em meio à ruína da aparência de todos os outros. Pois ele podia ver claramente como todo o resto de sua família e os conhecidos estavam ficando velhos. Anne, prostrada; Mary, embrutecida; todos os rostos dos vizinhos, em mau estado; e o rápido aumento das rugas no rosto de *lady* Russell, tudo isso o angustiava.

Elizabeth não se igualava ao pai em contentamento pessoal. Fazia 13 anos que era a senhora de Kellynch Hall, comandando a casa com segurança e autoridade, jamais dando a impressão de ser mais jovem do que realmente era. Durante 13 anos, ela fizera as honras e estabelecera a ordem doméstica, liderando o caminho para a carruagem e saindo imediatamente depois de *lady* Russell de todos os salões e salas de jantar da região. As geadas de 13 invernos viram-na abrir todos os bailes mais

importantes que uma vizinhança escassa permitia, e os botões de 13 primaveras tinham florescido enquanto ela viajava para Londres com o pai para desfrutar algumas semanas anuais na cidade grande. Ela lembrava tudo isso, e a consciência de ter 29 anos causava-lhe certa inquietude e apreensão. Estava plenamente satisfeita por continuar tão bonita quanto antes, mas sentia que se aproximava da idade perigosa e gostaria de

ter a certeza de ser solicitada por algum pretendente com sangue

de barão nos próximos 12 ou 24 meses. Nesse caso, talvez pudesse voltar a abrir o livro dos livros com tanto prazer quanto em sua juventude, algo que agora já não apreciava tanto. Olhar sempre a data de seu aniversário e não ver a de um casamento ao lado, como havia no de sua irmã mais nova, transformava o livro em um tormento. E mais de uma vez, quando seu pai o deixou aberto na mesa perto dela, ela o fechou, sem querer olhar, afastando-o.

Além disso, ela tivera uma decepção que aquele livro e, especialmente, a história de sua própria família sempre a fariam lembrar. Fora desapontada pelo herdeiro pressuposto do título, aquele mesmo William Walter Elliot cujos direitos haviam sido tão generosamente defendidos por seu pai.

Quando era muito jovem, assim que soubera que ele, caso a moça não tivesse nenhum irmão homem, seria o futuro baronete, Elizabeth havia decidido desposá-lo, e seu pai sempre quis o mesmo. Não conheceram William quando menino, mas, logo após a morte de *lady* Elliot, *sir* Walter procurou estreitar os laços e, embora suas iniciativas não tenham sido bem acolhidas, continuou a fazer tentativas de se aproximar, presumindo que a frieza fosse motivada pela timidez da juventude. Assim, em uma de suas excursões de primavera a Londres, quando Elizabeth estava em todo seu esplendor, o senhor Elliot fora forçado a conhecer a família.

Na época, ele era muito jovem, apenas iniciando os estudos de Direito, e Elizabeth achou-o muito agradável, confirmando todos os planos a favor do rapaz. O jovem foi convidado a Kellynch Hall. Houve

muitas conversas, e esperaram todo o resto do ano, mas ele nunca

apareceu. Na primavera seguinte, viram William novamente na cidade, sendo considerado igualmente agradável, mais uma vez encorajado, convidado e esperado, e novamente não apareceu. E as notícias seguintes foram de que estava casado. Em vez de deixar que seu destino seguisse o caminho traçado como herdeiro da casa de Elliot, ele conquistara independência ao se unir a uma mulher rica de origem inferior.

Sir Walter ressentiu-se. Como chefe da casa, achava que deveria ter sido consultado, sobretudo depois de apresentar o rapaz publicamente: “Pois devemos ter sido vistos juntos”, observou, “uma vez no Tattersall’s e duas vezes no saguão da Câmara dos Comuns”. Ele expressou seu desagrado, mas foi aparentemente pouco considerado. O senhor Elliot não pediu desculpas e mostrou-se indiferente ao fato de ser ignorado pela família, pois *sir* Walter o considerava indigno dela. Todo o contato entre eles foi cortado.

Esse episódio constrangedor com o senhor Elliot ainda causava, mesmo depois de vários anos, muita raiva em Elizabeth, que tinha gostado do rapaz pelo que era, e mais ainda por ser herdeiro de seu pai, e cujo forte orgulho familiar só conseguia ver nele um par adequado para a filha mais velha de *sir* Walter Elliot. Não havia nenhum baronete de A a Z que pudesse despertar nela sentimentos iguais. No entanto, ele tinha se comportado de forma tão lamentável que, embora Elizabeth estivesse nesse momento (era o verão de 1814) usando fitas pretas em luto pela morte da jovem senhora Elliot, sequer cogitava tornar a agraciá-lo com sua consideração. A desgraça daquele primeiro casamento, que não fora perpetuado por filhos, já poderia talvez ter sido superada, não tivesse ele feito algo ainda pior. Conforme informaram gentis amigos, falara de maneira desrespeitosa de toda a família, menosprezando e desdenhando o próprio sangue, e as honrarias que seriam suas no futuro. Isso não poderia ser perdoado.

Eram esses os sentimentos e as sensações de Elizabeth Elliot. Eram essas as inquietações que animavam a mesmice e a elegância, a prosperidade e o vazio de sua vida. Tais eram os atrativos que davam colorido à vida monótona do campo, que preenchiam as horas mortas, a falta de hábitos

úteis fora da casa, nenhum talento ou realizações com os quais se ocupar dentro dela.

No entanto, outra preocupação vinha se somar a essas. Seu pai começava a ter problemas financeiros. Elizabeth sabia que, quando ele abria o *Baronetage*, era para deixar de pensar nas pesadas contas de seus fornecedores e nas incômodas insinuações do senhor Shepherd, seu administrador. A propriedade de Kellynch era sólida, mas não condizia com o estilo de vida de seu dono. Enquanto *lady* Elliot viveu, houve método, moderação e economia, que terminavam por mantê-los dentro da renda. Mas, com a esposa, morrera toda a mentalidade correta, e, a partir daí, ele sempre excedera suas posses. Não havia sido possível gastar menos. Era apenas o que seu bom nome e sua posição exigiam. Por mais inocente que fosse, suas dívidas não só estavam crescendo muito como ele ouvia falar do assunto com tanta frequência que era um esforço inútil tentar esconder da filha por mais tempo a situação, mesmo em parte. Ele lhe dera alguns indícios na última primavera na cidade, chegando ao ponto de dizer o seguinte: “Será que não podemos reduzir os gastos? Não haverá alguma coisa em que possamos economizar?”. E Elizabeth, justiça seja-lhe feita, nos primeiros momentos de alarme feminino, começou seriamente a pensar no que poderia ser feito e, finalmente, propôs duas formas de economia: cortar algumas doações de caridade desnecessárias e abster-se de novos móveis para a sala de visitas, posteriormente acrescentando a ideia de não levarem nenhum presente para Anne, como era o costume anual. Mas essas medidas, por mais importantes que fossem, não bastavam para sanar o mal, algo que *sir* Walter se viu obrigado a confessar logo depois. Elizabeth não tinha nada a propor de eficácia mais profunda. Ela se sentia agoniada e infeliz, assim como o pai. E os dois não eram capazes de pensar em qualquer meio de diminuir as despesas sem comprometer a dignidade ou abrir mão do conforto em que viviam de modo que pudessem tolerar.

Havia apenas uma pequena parte de sua propriedade que *sir* Walter poderia dispor, mas, mesmo que fosse possível alienar todos os seus hectares, não teria feito diferença. Aceitaria hipotecar o máximo que

pudesse, mas jamais concordaria em vender. Nunca, jamais desgraçaria o próprio nome desse jeito. A propriedade de Kellynch deveria ser transmitida íntegra e completa, como ele a tinha recebido.

Seus dois principais confidentes, o senhor Shepherd, que morava na cidade vizinha, e *lady* Russell, foram chamados para aconselhá-los. E ambos, pai e filha, pareciam esperar que um dos dois tivesse a solução para o problema de reduzir gastos sem prejuízo ao nível de vida de que gozavam.



Capítulo 2

Independentemente da opinião sobre *sir* Walter, o senhor Shepherd – um educado e cauteloso advogado – preferia que as coisas desagradáveis fossem ditas por outras pessoas; assim, absteve-se de dizer o que pensava e pediu licença para recomendar o excelente juízo de *lady* Russell, em cujo notório bom senso tinha plena confiança para o aconselhamento sobre as medidas a serem adotadas.

Lady Russell era muito zelosa quanto ao assunto e considerou-o seriamente. Era uma mulher de qualidades mais sólidas do que rápidas, mas teve dificuldade para chegar a uma decisão neste caso, devido à oposição de dois princípios fundamentais. Era uma pessoa muito íntegra, com uma sensível noção de honra, mas queria muito evitar os desgostos de *sir* Walter, preocupava-se muito com a reputação da família; era muito nobre na avaliação do que eles mereciam quanto qualquer pessoa sensata e honesta deveria ser. Era uma mulher benevolente, caridosa e boa, capaz de fortes vínculos, muito correta em sua conduta, com rígidas concepções de decoro. Seus modos eram considerados uma referência de boa educação. Dispunha de um espírito culto e, de modo geral, era sempre racional e lógica. Mas tinha preconceitos com relação à hereditariedade. Valorizava demais a posição social e o prestígio, o que a cegava um pouco para as falhas de quem os possuía. Viúva de um reles cavalheiro, dava ao título de baronete todo o valor que este merecia. E *sir* Walter, apenas por ser *sir* Walter, independentemente de ser um velho amigo, vizinho atencioso, senhorio prestativo, marido de sua muito querida amiga, pai de Anne e

suas irmãs, fazia por merecer, em sua concepção, toda compaixão e consideração em meio às suas dificuldades atuais.

Precisavam economizar, não havia dúvida. Mas estava muito ansiosa para que isso causasse o mínimo de desconforto possível para ele e Elizabeth. Elaborou planos para conter gastos; fez cálculos exatos e o que mais ninguém pensou: consultou Anne, a qual nunca parecia ser considerada pelos outros como interessada na questão. Consultou e, em certo grau, foi influenciada por ela na criação do esquema de economia que terminou submetendo a *sir* Walter. Cada emenda de Anne tinha sido do lado da honestidade contra a importância. Ela queria medidas mais vigorosas, uma reforma mais completa, uma quitação mais rápida da dívida, com indiferença completa por tudo o que não fosse justiça e equidade.

– Se conseguirmos persuadir seu pai de tudo isso, muito pode ser feito – disse *lady* Russell, olhando para o papel. – Se ele adotar essas regras, em sete anos estará sem dívidas. E espero que consigamos convencer Elizabeth e seu pai de que Kellynch Hall tem uma respeitabilidade intrínseca que não pode ser afetada por esses cortes. E de que a verdadeira dignidade de *sir* Walter Elliot estará muito longe de ser diminuída aos olhos de pessoas sensatas se ele agir como um homem de princípios. Ele não estará fazendo, na verdade, nada que já não fizeram muitas de nossas melhores famílias. Não haverá nada de singular no caso dele. E é a singularidade que, muitas vezes, é responsável pela pior parte do nosso sofrimento, como sempre acontece em nossa conduta. Tenho muita esperança de convencê-los. Devemos ser sérios e decididos. Afinal, uma pessoa que contrai dívidas deve pagá-las. E, embora os sentimentos de um cavalheiro e chefe de família como seu pai devam ser levados em conta, deve ser ainda mais valorizado o caráter de um homem honesto.

Era segundo esse princípio que Anne desejava que o pai se comportasse, e os amigos o incentivassem a agir. Para ela, era um dever indispensável quitar as dívidas com os credores com toda a rapidez que o mais amplo corte de despesas pudesse permitir; e não considerava digno nada menos do que isso. Era preciso aceitar esse critério e considerá-lo uma obrigação.

Ela valorizava muito a influência de *lady* Russell e, quanto ao severo grau de abnegação que sua própria consciência ditava, acreditava que poderia haver um pouco mais de dificuldade em persuadi-los de uma reforma completa do que de uma parcial. Seu conhecimento do pai e de Elizabeth a fez pensar que o sacrifício de um par de cavalos não seria menos doloroso do que o de todos, e, assim por diante, ao repassar toda a lista de cortes excessivamente brandos de *lady* Russell.

Pouco importa saber como as requisições mais rígidas de Anne poderiam ter sido vistas. *Lady* Russell não teve sucesso algum: seus planos não podiam, não deveriam, ser tolerados. “O quê!? Todo o conforto da vida será eliminado! Viagens, Londres, criados, cavalos, comida... Reduções e restrições em toda parte! Não teria nem mesmo direito às decências típicas de um cavalheiro! Não: melhor deixar Kellynch Hall imediatamente do que permanecer ali em termos tão vergonhosos.”

“Deixar Kellynch Hall.” A sugestão foi imediatamente aceita pelo senhor Shepherd, que tinha interesse em concretizar as economias de *sir* Walter e estava perfeitamente convencido de que isso não seria possível sem uma mudança de domicílio. Como a ideia fora da própria pessoa encarregada de dar as ordens, ele não teve problemas, confessando que era essa a sua opinião. Não lhe parecia que *sir* Walter pudesse alterar materialmente seu estilo de vida em uma casa que precisava sustentar tamanhas hospitalidade e dignidade. Em qualquer outro lugar, *sir* Walter poderia ordenar o dia a dia segundo seus próprios critérios e estabelecer seu estilo de vida da maneira que julgasse melhor.

Sir Walter deixaria Kellynch Hall; e, depois de mais alguns dias de dúvida e indecisão, a grande questão de para onde ir foi resolvida, concretizando o primeiro esboço dessa importante mudança.

Havia três alternativas: Londres, Bath ou outra casa no campo. Todos os desejos de Anne estavam voltados para a última. Uma pequena casa em sua própria vizinhança, onde poderiam ter a companhia de *lady* Russell, estar perto de Mary e ainda ter o prazer de ver, às vezes, os gramados e bosques de Kellynch, era tudo o que sua ambição desejava. Mas seu destino iria impor, como sempre, algo totalmente oposto a seus desejos.

Não gostava de Bath e não achava que a cidade fosse boa para ela, mas Bath seria sua casa.

A princípio, *sir* Walter pensara em Londres, mas o senhor Shepherd achava que não podia confiar nele na cidade, e mostrara-se hábil o suficiente para dissuadi-lo e fazer com que preferisse Bath. Era um lugar muito mais seguro para um cavalheiro com seus problemas. Ele poderia manter sua posição a um custo muito menor. Duas das vantagens materiais de Bath sobre Londres tinham, é claro, pesado bastante: a distância mais conveniente de Kellynch, de apenas 80 quilômetros, e o fato de *lady* Russell passar parte de todos os invernos ali. E, para grande satisfação de *lady* Russell, cujas primeiras opiniões sobre a mudança prevista tinham favorecido Bath, *sir* Walter e Elizabeth foram convencidos de que não perderiam nem prestígio ou prazer ao se estabelecerem ali.

Lady Russell sentiu-se obrigada a opor-se aos conhecidos desejos de sua querida Anne. Seria demais esperar que *sir* Walter se rebaixasse a viver em uma pequena casa em sua própria vizinhança. A própria Anne sofreria as humilhações mais do que previa, e, para *sir* Walter, teria sido terrível. E, com relação à antipatia de Anne por Bath, ela a considerava um preconceito e um erro oriundos, em primeiro lugar, do fato de ela ter ali estudado três anos após a morte da mãe, e, em segundo, de não ter se mostrado bem-disposta no único inverno passado na cidade com ela.

Resumindo, *lady* Russell gostava de Bath e achava que seria melhor para todos. Quanto à saúde de sua jovem amiga, não haveria perigo se ela viesse passar todos os meses quentes com ela em Kellynch Lodge. Seria, de fato, uma mudança que faria bem à saúde e ao espírito. Anne saía muito pouco de casa, conhecia pouco o mundo. Estava sempre indisposta. Um círculo social maior poderia lhe fazer bem. Queria que a menina fosse mais conhecida.

Sir Walter não queria nenhuma outra casa na mesma região por uma questão muito importante que fora decidida logo no começo. Ele não ia apenas deixar sua casa, mas teria que vê-la nas mãos de outros: uma prova de fortaleza, que cabeças mais fortes que as de *sir* Walter não teriam aguentado. Kellynch Hall deveria ser deixada. Isso, no entanto, era um

segredo profundo, que não devia ser discutido fora de seu próprio círculo.

Sir Walter não poderia suportar a degradação de ser conhecido por ter alugado a própria casa. Certa vez, o senhor Shepherd mencionara a palavra “anunciar”, mas nunca ousou repeti-la. *Sir* Walter rejeitava a ideia de oferecê-la de qualquer maneira. Proibiu a menor sugestão disso, dizendo que a alugaria apenas se fosse espontaneamente procurado por algum candidato irrecusável, em seus próprios termos, e como um grande favor.

Com que rapidez surgem as razões para aprovar o que gostamos! *Lady* Russell tinha outro excelente motivo para estar feliz por *sir* Walter e sua família se afastarem daquela região. Elizabeth vinha desenvolvendo uma amizade que ela desejava ver interrompida. Era com a filha do senhor Shepherd, que tinha voltado, depois de um casamento malsucedido, à casa do pai, com o fardo adicional de dois filhos. Era uma jovem esperta, que entendia a arte de agradar – a arte de agradar, pelo menos, em Kellynch Hall, e que se tornara tão aceitável para a senhorita Elliot. Esta já tinha se hospedado lá mais de uma vez, apesar de *Lady* Russell, que considerava aquela amizade bastante equivocada, ter sugerido cautela e reserva.

Lady Russell, na verdade, quase não tinha influência sobre Elizabeth, e a amava embora ela pouco merecesse esse amor. Nunca recebera da jovem mais do que uma atenção superficial, nada além do respeito formal. Nunca conseguia convencê-la de nada quando ela já tinha tomado uma decisão. Fora repetidamente muito enfática em tentar incluir Anne na viagem a Londres, muito sensível a toda a injustiça e todo o descrédito dos arranjos egoístas que a excluía. Em muitas ocasiões menores, esforçara-se para ajudar e aconselhar Elizabeth, mas sempre em vão: ela fazia o que queria e nunca demonstrara uma oposição mais decidida contra *lady* Russell do que nesta amizade com a senhora Clay, virando as costas para a amizade com uma irmã merecedora para dar seu afeto e sua confiança a alguém com quem não deveria ter mais do que uma relação de civilidade distante.

Na opinião de *lady* Russell, a desigualdade na relação entre as duas e o caráter da senhora Clay tornavam-na uma companhia muito perigosa. Assim, uma mudança que deixasse a senhora Clay para trás e permitisse a escolha de amizades mais adequadas para senhorita Elliot era um objetivo

de primordial importância.



Capítulo 3

– Devo observar, *sir* Walter, que a atual conjuntura é muito favorável para nós – disse o senhor Shepherd certa manhã em Kellynch Hall, ao deixar o jornal. – Esta paz trará de volta todos os nossos ricos oficiais da Marinha. Eles estarão todos à procura de uma casa. Não poderia ser um momento melhor, *sir* Walter, para escolher inquilinos bem responsáveis. Muitas respeitáveis fortunas foram feitas durante a guerra. Se um almirante rico cruzasse nosso caminho, *sir* Walter...

– Ele seria um homem de muita sorte, Shepherd – respondeu *sir* Walter. – É tudo o que tenho a dizer. Kellynch Hall seria mesmo um prêmio para alguém assim. Na verdade, o maior prêmio de todos, mesmo sendo alguém que já tenha recebido muitos antes, não é, senhor Shepherd?

O senhor Shepherd riu, pois sabia que era sua obrigação, e, em seguida, acrescentou:

– Permita-me observar, *sir* Walter, que, no mundo dos negócios, os cavalheiros da Marinha sabem lidar bem com isso. Tenho um pouco de conhecimento de seus métodos de fazer negócios e devo confessar que eles têm ideias muito liberais e são excelentes inquilinos. Portanto, *sir* Walter, o que eu gostaria de sugerir é que algum boato de suas intenções pode se espalhar, algo a ser contemplado como algo possível, pois sabemos como é difícil manter as ações e os projetos de uma parte do mundo longe do conhecimento e da curiosidade da outra. O prestígio tem seu preço. Eu, John Shepherd, poderia esconder qualquer assunto familiar que escolhesse, pois ninguém pensaria que valeria a pena me observar, mas todos os olhos

estão voltados para *sir* Walter Elliot, algo muito difícil de impedir. Portanto, arrisco-me a dizer que não me surpreenderia muito se, mesmo com toda a nossa cautela, algum rumor da verdade chegasse ao exterior. Caso isso aconteça, como eu estava prestes a observar, e uma vez que as candidaturas serão inevitáveis, penso que qualquer um de nossos ricos comandantes navais seria um candidato particularmente digno de atenção. E peço licença para acrescentar que posso estar aqui em duas horas a qualquer momento. Assim, o senhor não teria que se preocupar em responder.

Sir Walter apenas assentiu. Mas, logo depois, levantando-se e andando pela sala, observou sarcasticamente:

– Há poucos cavalheiros na Marinha, imagino, que não ficariam surpresos de se verem dentro de uma casa como esta.

– Sem dúvida, olhariam em volta e abençoariam a própria sorte

– disse a senhora Clay, pois ela estava presente: o pai a trouxera, uma vez que nada fazia tão bem à sua saúde quanto uma visita a Kellynch.

– Mas eu concordo com meu pai quando diz que um membro da Marinha pode ser um inquilino muito desejável. Eu conheci um pouco da profissão, e, além da liberalidade, eles são tão limpos e cuidadosos! Esses seus quadros valiosos, *sir* Walter, se optar por deixá-los, estarão perfeitamente seguros. Tudo dentro e ao redor da casa será muito bem cuidado! Os jardins e arbustos seriam mantidos em quase tão boa ordem quanto estão agora. Não precisa ter medo, senhorita Elliot, de que seus jardins de flores fiquem abandonados.

– Quanto a tudo isso, supondo que fosse obrigado a deixar minha casa, não estou convencido de maneira alguma sobre as propriedades ao redor dela – respondeu *sir* Walter friamente. – Não tenho a intenção de favorecer um inquilino. O parque estaria aberto para ele, é claro, e poucos oficiais da Marinha, ou homens de qualquer outra descrição, podem ter algo assim ao alcance. Mas as restrições que vou impor sobre o uso dos terrenos são outra coisa. Não gosto da ideia de que meus arbustos estejam sempre acessíveis e recomendo à senhorita Elliot tomar suas precauções com

relação a seu jardim de flores. Estou pouco disposto a conceder a algum inquilino de Kellynch Hall qualquer favor extraordinário, seja marinheiro ou soldado.

Após uma breve pausa, o senhor Shepherd disse:

– Em todos esses casos, existem usos estabelecidos que tornam tudo claro e fácil entre o senhorio e o inquilino. Seu interesse, *sir* Walter, está em boas mãos. Confie em mim e cuidarei para que nenhum inquilino exija mais do que o justo. Atrevo-me a dizer que *sir* Walter Elliot não dedica a seus próprios assuntos nem a metade do que dedica John Shepherd.

Então Anne interveio:

– Acho que a Marinha, que fez tanto por nós, pelo menos, tem tanto direito quanto qualquer outro grupo de homens a todos os confortos e privilégios que qualquer casa pode dar. Os marinheiros trabalham muito duro por nós. Acredito que, nesse ponto, estamos todos de acordo.

– É verdade, é verdade. O que a senhorita Anne está dizendo é a

mais pura verdade – foi a resposta do senhor Shepherd.

– Ah! Certamente – concordou sua filha.

Mas logo se seguiu o comentário de *sir* Walter:

– A profissão tem sua utilidade, mas eu lamentaria ver qualquer amigo dedicando-se a ela.

– É mesmo? – ecoaram todos, com uma expressão de espanto.

– Sim, em dois pontos ela me desagrada. Tenho dois fortes motivos para me objetar a ela. Primeiro, é um meio de fazer com que pessoas de nascimento obscuro tenham uma distinção indevida, proporcionando aos homens honrarias que seus pais e avós nunca sonharam. E, em segundo lugar, destrói a juventude e o vigor de um homem de maneira terrível. Um marinheiro envelhece mais cedo que qualquer outro homem. Observei isso a vida inteira. Na Marinha, um homem corre mais risco do que em qualquer outra profissão de ser insultado por alguém vindo de uma família bem inferior e de se tornar ele próprio prematuramente um objeto de repulsa. Certo dia, na primavera passada, na cidade, encontrei-me com dois homens, exemplos impressionantes do que estou falando: lorde St.

Ives, cujo pai, todos sabemos, foi um cura que não tinha onde cair morto. Precisei dar passagem a lorde St. Ives e a um certo almirante Baldwin, o personagem de aparência mais deplorável que se possa imaginar. Seu rosto era da cor do mogno, áspero e maltratado até o último grau, cheio de linhas e vincos, nove fios de cabelo grisalhos para um lado e nada além de um pouco de pó de arroz no rosto. “Em nome do céu, quem é esse velhote?”, perguntei a um amigo que estava perto (*sir* Basil Morley). “Velhote!”, exclamou *sir* Basil. “É o almirante Baldwin. Quantos anos acha que ele tem?” “Sessenta”, disse eu, “ou talvez sessenta e dois.” “Quarenta.”, respondeu *sir* Basil. “Quarenta e não mais.” Imagine a minha surpresa. Não esquecerei facilmente o almirante Baldwin. Nunca vi um exemplo tão infeliz do que a vida no mar é capaz de fazer, mas, até certo ponto, sei que é o mesmo com todos eles: estão todos envelhecidos e expostos a todos os climas, até não conseguirmos mais olhar para eles. É uma pena não receberem um golpe na cabeça de uma vez, antes que alcancem a idade do almirante Baldwin.

– Não, *sir* Walter! – exclamou a senhora Clay. – O senhor está sendo muito severo. Tenha um pouco de misericórdia pelos pobres homens. Nem todos nascem para ser bonitos. O mar não deixa ninguém mais belo, certamente. Os marinheiros envelhecem antes do tempo. Eu observei isso: eles logo perdem a aparência da juventude. Mas, então, não acontece o mesmo com várias outras profissões, talvez a maioria? Soldados no serviço ativo não estão exatamente em melhor situação. E, mesmo nas profissões mais calmas, há dificuldades e um esforço mental, quando não do corpo, que raramente deixa a aparência de um homem de acordo com o efeito natural do tempo. O advogado agita-se, muito preocupado, o médico está acordado todas as horas e viaja a qualquer momento e, até mesmo, o sacerdote... – ela parou por um momento para considerar o que poderia ser o problema do sacerdote. – E, até mesmo, o sacerdote, o senhor sabe que é obrigado a entrar em quartos infectos, expor a saúde e verificar todos os problemas de uma atmosfera venenosa. De fato, como há muito tempo estou convencida, embora toda profissão seja necessária e honrosa, apenas aqueles que têm a sorte de não serem obrigados a seguir nenhuma

podem ter uma vida regrada, no campo, donos do próprio tempo, de acordo com suas próprias atividades e vivendo em sua própria propriedade, sem o tormento de serem obrigados a conquistar mais. É apenas essa sorte, eu digo, que mantém as bênçãos da saúde e uma boa aparência ao máximo. Não conheço nenhum outro grupo de homens que não perca algo de sua elegância quando deixa de ser jovem.

Parecia que o senhor Shepherd, nessa ansiedade de ganhar a boa vontade de *sir* Walter em relação a um oficial da Marinha como inquilino, fora dotado com o dom da vidência. Pois a primeira candidatura para a casa foi de um certo almirante Croft, a quem conhecera durante as sessões trimestrais do tribunal de Taunton, já tendo sido avisado das intenções do almirante por um conhecido de Londres. Pelo relatório levado para Kellynch, o almirante Croft era natural de Somersetshire e, depois de adquirir uma grande fortuna, desejava se estabelecer em sua terra natal, tendo vindo a Taunton para ver alguns lugares anunciados naquela vizinhança que, no entanto, não haviam agradado. Por acaso, tinha ouvido falar (foi exatamente como previra, observou o senhor Shepherd; as preocupações de *sir* Walter não podiam ser mantidas em segredo) da possibilidade de que Kellynch Hall estivesse sendo alugada. Sabendo da sua (do senhor Shepherd) conexão com o dono, apresentara-

-se para saber mais detalhes, tendo expressado, no decorrer de uma conversa bastante longa, um forte interesse pelo lugar, tanto quanto possível para alguém que conhecia a casa apenas pela descrição. E dera ao senhor Shepherd, ao falar sobre si mesmo, todas as provas de ser um inquilino responsável e satisfatório.

– E quem é o almirante Croft? – foi a pergunta fria e desconfiada de *sir* Walter.

O senhor Shepherd respondeu que era de uma família respeitável e mencionou um lugar. Anne, depois da pequena pausa que se seguiu, acrescentou:

– Ele é um contra-almirante do esquadrão branco. Lutou em Trafalgar e encontra-se nas Índias Orientais desde essa época. Acho que já serve lá há

vários anos.

– Então, posso garantir que tem um rosto tão laranja quanto os punhos e as capas da libré dos meus criados – observou *sir* Walter.

O senhor Shepherd apressou-se em assegurar que o almirante Croft era um homem muito saudável, bem-apessoado, um pouco castigado pelo clima, certamente, mas não muito, e um perfeito cavalheiro em todas as suas ideias e no comportamento. Não era provável que criasse a menor dificuldade quanto aos termos. Só queria uma casa confortável para ocupar o mais rápido possível. Sabia que deveria pagar por sua conveniência. Sabia o que significava alugar uma casa mobiliada. Não ficaria surpreso se *sir* Walter tivesse pedido mais. Tinha perguntado sobre o proprietário, disse que gostaria de se apresentar, como era o correto, mas não insistiu muito nisso. Disse que, às vezes, saía para atirar, mas nunca matava. Era um ótimo cavalheiro.

O senhor Shepherd foi muito eloquente, apontando todas as circunstâncias da família do almirante, o que o tornava peculiarmente desejável como inquilino. Era casado e sem filhos. O melhor estado desejado. Uma casa nunca era bem cuidada, observou o senhor Shepherd, sem uma dama. Não sabia se a mobília corria mais riscos quando não havia nenhuma senhora ou quando havia muitas crianças. Uma mulher, sem filhos, era a melhor conservadora de móveis do mundo. Também tinha visto a senhora Croft. Ela estava em Taunton com o almirante e estivera presente durante quase todo o tempo em que haviam conversado sobre o assunto.

– E parecia ser uma senhora bem-educada, gentil e perspicaz – continuou ele. – Fez mais perguntas sobre a casa, o aluguel e as taxas do que o próprio almirante. E parecia mais familiarizada com os negócios. Além do mais, *sir* Walter, descobri que ela tem um vínculo com esta região, mais do que o marido. É irmã de um cavalheiro que viveu entre nós certa vez, ela mesma me contou: irmã do cavalheiro que viveu há alguns anos em Monkford. Meu Deus! Qual era o nome dele? No momento, não consigo lembrar o nome, embora o tenha ouvido há pouco tempo. Penélope minha querida, pode me ajudar a lembrar o nome do cavalheiro que morava em

Monkford, o irmão da senhora Croft?

Mas a senhora Clay estava tão concentrada na conversa com a senhorita Elliot que não ouviu o pedido.

– Não tenho ideia de quem o senhor está falando, Shepherd. Não me lembro de nenhum cavalheiro residente em Monkford desde a época do antigo governador Trent.

– Meu Deus! Que estranho! Devo esquecer meu próprio nome em breve. Um nome com o qual estou muito bem familiarizado. Conheci o cavalheiro tão bem de vista. Eu o vi uma centena de vezes. Veio me consultar uma vez, eu me lembro, sobre uma transgressão de um de seus vizinhos. Um dos funcionários do fazendeiro invadiu seu pomar, derrubou um muro, roubou maçãs. Ele foi pego no ato e depois, contrariando meu conselho, submetido a um acordo amigável. Muito estranho mesmo!

Depois de esperar alguns instantes:

– Está falando do senhor Wentworth? – disse Anne.

O senhor Shepherd ficou muito grato.

– Wentworth! Era esse o nome! Wentworth era o homem. Ele foi vigário em Monkford, o senhor sabe, *sir* Walter, algum tempo atrás, por dois ou três anos. Chegou lá no ano de 1805, acredito. Tenho certeza de que se lembra dele.

– Wentworth? Ah, sim! O senhor Wentworth, cura de Monkford. O senhor me confundiu usando o termo “cavalheiro”. Pensei que estivesse falando de algum homem de propriedade: o senhor Wentworth não era ninguém, eu me lembro, muito pouco conectado, nada a ver com a família Strafford. Pergunto-me como os nomes de tantos da nossa nobreza se tornaram tão comuns...

Quando o senhor Shepherd percebeu que essa conexão dos Croft não ajudava *sir* Walter, não a mencionou mais. Voltou, com todo zelo, a insistir nas circunstâncias mais indiscutivelmente favoráveis a eles. A idade, o fato de serem apenas dois, sua fortuna, como tinham gostado de Kellynch Hall e o extremo interesse em alugá-la. Parecia que não queriam nada mais do que a felicidade de serem os inquilinos de *sir* Walter Elliot. Seria uma felicidade extraordinária, sem dúvida, caso pudessem supor que

soubessem o segredo da remuneração que *sir* Walter julgava adequada por parte de um inquilino.

Tudo deu certo, no entanto, e, embora *sir* Walter visse com maus olhos qualquer um que pretendesse habitar aquela casa, e os achasse afortunados por terem a permissão de alugá-la ao mais alto preço, foi convencido a autorizar o senhor Shepherd a seguir adiante com as negociações. Então, autorizou-o a encontrar almirante Croft, que ainda estava em Taunton, para organizar um dia de visita à casa.

Sir Walter não era muito esperto, mas ainda assim tinha experiência suficiente do mundo para sentir que dificilmente poderia encontrar um locatário menos irrepreensível, em todos os aspectos essenciais, do que o almirante Croft. Até este ponto chegava seu entendimento, e sua vaidade encontrava um pouco mais de conforto na posição social do almirante, que era alta o suficiente, mas não demais. “Aluguei minha casa para o almirante Croft” soaria muito bem, muito melhor do que para um senhor qualquer... Um senhor (com a exceção de uma meia dúzia no país) requer sempre uma nota explicativa. Um almirante fala por si mesmo e, ao mesmo tempo, nunca poderia diminuir um barão. Em todos os seus negócios e relações, *sir* Walter Elliot deveria ter sempre a precedência.

Nada poderia ser feito sem a participação de Elizabeth, mas ela estava cada vez mais decidida a se mudar e feliz por ter tudo resolvido e agilizado em relação ao inquilino. Por isso, não falou nenhuma palavra para suspender a decisão.

O senhor Shepherd estava autorizado a prosseguir, e, assim que um acordo foi fechado, Anne, que tinha sido a ouvinte mais atenta a tudo, abandonou a sala, buscando o conforto do ar fresco para suas faces coradas. E, enquanto caminhava por seu bosque predileto, disse com um leve suspiro:

– Mais alguns meses e talvez ele esteja andando por aqui...



Capítulo 4

Não era o senhor Wentworth, o ex-cura de Monkford, por mais suspeitas que fossem as aparências, mas o capitão Frederick Wentworth, seu irmão, que chegara a capitão de fragata em razão dos combates de Santo Domingo e, sem ter recebido outra missão, viera a Somersetshire no verão de 1806. Não tendo pais vivos, encontrou Monkford como lar durante seis meses. Naquela época, era um jovem muito vistoso, muito inteligente, espirituoso e brilhante, e Anne era uma menina extremamente bonita, gentil, modesta, com bom gosto e sentimento. Metade da soma desses atrativos, de ambos os lados, poderia ter sido suficiente, pois ele não tinha nada para fazer, e ela, quase ninguém para amar. O encontro de qualidades tão copiosas não poderia falhar. Foram se conhecendo aos poucos e, quando viraram amigos, apaixonaram-se rápida e profundamente. Seria difícil dizer qual tinha visto a mais alta perfeição no outro, ou qual tinha ficado mais feliz: a moça, ao receber as declarações e propostas dele, ou o rapaz, quando ela as aceitou.

Seguiu-se um período de grande felicidade, mas foi curto. Logo surgiram problemas. *Sir* Walter, ao ser consultado, sem realmente recusar seu consentimento, ou dizer que nunca o daria, reagiu negativamente com grande espanto, muita frieza, forte silêncio e uma decisão professa de nada fazer pela filha. Ele achava que seria um casamento muito degradante, e *lady* Russell, embora com orgulho mais moderado e compassivo, julgava a decisão de Anne um grande infortúnio.

Anne Elliot, com todos os seus atributos de berço, beleza e espírito,

arruinar tudo isso aos 19 anos, envolvendo-se com um jovem que não tinha nada para recomendá-lo além de si mesmo, e nenhuma esperança de alcançar riqueza, a não ser a sorte em uma das profissões mais incertas, e nenhuma conexão para assegurar até mesmo sua ascensão nesta carreira, seria, de fato, um desperdício que a entristecia só de pensar! Anne Elliot, tão jovem. Tão pouco conhecida, arrebatada por um estranho sem relações ou fortuna, ou melhor, afundada por ele

em um estado de dependência tão desgastante, aflitivo e destruidor da juventude! Aquilo não poderia acontecer, não se pudesse ser evitado pela interferência justa de uma amiga, alguém que tivesse quase o amor e os direitos de mãe.

O capitão Wentworth não tinha fortuna. Tivera sorte na profissão, mas gastara livremente o que viera livremente, não conseguira acumular nada. Mas estava confiante de que logo seria rico. Cheio de vida e ardor, sabia que logo teria um navio e estaria em um posto que lhe traria tudo o que desejava. Sempre tivera sorte e sabia que continuaria assim. Expressava essa certeza com tal confiança que isso fora o bastante

para Anne, mas *lady* Russell via as coisas de maneira bem distinta.

O temperamento otimista e o espírito destemido do capitão Wentworth exerciam um impacto muito diferente sobre ela, que só via exemplos de um caráter perigoso. Ele era brilhante e teimoso, e *lady* Russell tinha pouco gosto pela inteligência e horror por qualquer coisa que se aproximasse da imprudência. Desprezava a relação de todas as formas.

A oposição que esses sentimentos produziam era mais do que Anne poderia combater. Embora fosse jovem e de caráter gentil, ainda assim poderia ter resistido ao pai, que contava com o apoio de sua irmã. Mas *lady* Russell, a quem ela sempre amara e em quem sempre confiara, com sua opinião tão firme e imensa ternura, não a poderia estar aconselhando em vão. Acabou persuadida a acreditar que a relação era um erro: indiscreta, imprópria, dificilmente capaz de ser bem-sucedida e indigna. Mas não foi uma cautela meramente egoísta que a fez agir e terminar com

tudo. Se não tivesse imaginado que estava pensando no bem dele, ainda mais do que em seu próprio, dificilmente poderia ter

desistido. A convicção de estar sendo prudente e abnegada, principalmente para o bem dele, era seu principal consolo para a infelicidade que aquela separação definitiva causava. E todo consolo era necessário, pois precisou enfrentar toda a dor causada pelas opiniões dele, que não estava convencido e mostrou-se inflexível, muito contrariado pela decisão de Anne. O rapaz havia partido por causa disso.

Foram alguns meses entre o começo e o fim do relacionamento dos dois, mas o sofrimento de Anne não terminara tão depressa. Seu apego e seu arrependimentos tinham, por um longo tempo, obscurecido todo o prazer da juventude, e uma perda prematura de vigor e espírito havia sido o efeito duradouro.

Mais de sete anos se passaram desde que essa pequena história dolorosa chegara ao fim, e o tempo abrandara muito, talvez quase todo, o apego que tinha por ele, mas ela confiara demais no tempo. Nenhuma ajuda havia sido dada por uma mudança de ares (exceto uma visita a Bath logo após a ruptura), quaisquer novidades ou amizades. Ninguém que se comparasse a Frederick Wentworth, tal como este sobrevivia em sua lembrança, adentrara o círculo de Kellynch. Nenhum outro relacionamento, a única cura completamente natural, eficaz e suficiente, nesta fase da vida, era possível pelo refinamento de sua mente e a delicadeza de seu gosto, nos estreitos limites da sociedade à sua volta. Fora pedida em casamento, quando tinha cerca de 22 anos, pelo jovem que, pouco tempo depois, encontrara maior receptividade em sua irmã mais nova. E *lady* Russell lamentou sua recusa, pois Charles Musgrove era o filho mais velho de um homem cujas propriedade e importância geral eram as segundas naquela região, abaixo apenas de *sir* Walter. Ele também tinha bom caráter e aparência, e, mesmo *lady* Russell esperando algo melhor quando Anne tinha 19 anos, ficaria alegre em vê-la aos 22 tão honradamente afastada das desigualdades e injustiças da casa de seu pai e estabelecida permanentemente perto dela. Mas, neste caso, Anne não dera ouvidos a

seus conselhos. E embora *lady* Russell, tão satisfeita como sempre com sua descrição, nunca tivesse desejado que o passado fosse desfeito, tinha começado a sentir uma aflição, beirando a desesperança, de Anne ser tentada por algum homem de talento e independência a entrar em um estado ao qual achava que a moça estava peculiarmente ajustada por sua afetuosidade e seus hábitos caseiros.

Elas não conheciam a opinião uma da outra, nem sua constância ou sua mudança, sobre o ponto principal da conduta de Anne, pois o assunto nunca era mencionado. Mas Anne, aos 27 anos, pensava de maneira muito diferente do que aos 19. Não culpava *lady* Russell, não se culpava por ter sido guiada por ela, mas achava que qualquer jovem, em circunstâncias semelhantes, se a procurasse por conselhos, jamais receberia algum que pudesse levar a tanta infelicidade, nem a um futuro tão incerto. Estava convencida de que, apesar de toda a desvantagem da desaprovação em casa e de toda a ansiedade em relação à profissão dele, todos os seus prováveis temores, demoras e decepções, ainda teria sido uma mulher mais feliz se tivesse mantido o noivado do que tendo sacrificado tudo. E isso apesar da infinidade de contrariedades e dilações possíveis, sem contar os resultados reais que lhes teriam proporcionado prosperidade mais cedo do que poderia ter sido razoavelmente calculado. Todas as expectativas otimistas do rapaz, toda a confiança dele tinham sido justificadas. Seu gênio e seu ardor pareciam prever e comandar um caminho próspero. Logo após o fim do relacionamento, ele obtivera uma nova missão: e tudo o que dissera que aconteceria realmente aconteceu. Distinguiu-se e logo subira outro degrau, e agora já deveria ter conseguido, por sucessivas capturas, uma bela fortuna. Anne tinha apenas os registros da Marinha e os jornais para provar isso, mas não podia duvidar de que fosse rico, e, considerando a constância dele, não tinha motivos para acreditar que estivesse casado.

Como Anne Elliot poderia ter sido eloquente! Como eram eloquentes sua defesa de um apego precoce e caloroso e sua alegre confiança no futuro, contra aquela cautela excessivamente aflita que parecia desdenhar o esforço e desconfiar da Providência! Tinha sido forçada a ser prudente em sua juventude, aprendera o que era ser romântica à medida que crescia: a

sequência natural de um começo antinatural.

Com todas essas circunstâncias, lembranças e sentimentos, não podia ouvir que a irmã do capitão Wentworth, provavelmente, viveria em Kellynch sem um renascimento da dor anterior. E muitos passeios e muitos suspiros foram necessários para dissipar a inquietude despertada por essa ideia. Costumava dizer a si mesma que isso era loucura, antes de conseguir acalmar os nervos o suficiente para ouvir as conversas sobre os Croft e seus negócios sem sofrer. Foi ajudada, no entanto, pela perfeita indiferença e pela aparente inconsciência das três únicas pessoas que conheciam o segredo do passado, e que pareciam quase negar qualquer lembrança. Podia compreender a superioridade das motivações de *lady* Russell, com relação às do pai e de Elizabeth, para agir assim. Podia entender todos os sentimentos nobres que motivavam a calma dela. Caso o almirante Croft realmente viesse a alugar Kellynch Hall, Anne se alegraria novamente com a reconfortante convicção de que, entre todas as suas relações, o passado só era conhecido por essas três pessoas, e que nenhuma delas jamais diria qualquer palavra a respeito. Da parte dele, apenas o irmão com quem morava na época havia tido qualquer informação sobre o breve noivado entre os dois. Aquele irmão estava há muito tempo fora do país, e, sendo um homem sensato e solteiro na época, ela acreditava que nenhuma pessoa teria ouvido a história de sua boca.

A irmã dele, a senhora Croft, morava fora da Inglaterra na ocasião, acompanhando o marido em um posto no exterior. E sua irmã, Mary, estava na escola quando tudo aconteceu e nunca ficara sabendo, pelo orgulho de alguns e pela delicadeza dos outros, de nada dessa história.

Com essas garantias, esperava que a amizade entre ela e os Croft, que supunha provável, com *lady* Russell ainda morando em Kellynch e Mary a menos de cinco quilômetros de distância, não envolveria nenhum constrangimento específico.



Capítulo 5

Na manhã marcada para a visita do almirante e da senhora Croft, a Kellynch Hall, Anne achou mais natural fazer sua quase diária caminhada até a casa de *lady* Russell e manter-se fora até tudo terminar. No entanto, lamentou-se por ter perdido a oportunidade de vê-los.

O encontro das duas famílias foi muito satisfatório e decidiu todo o negócio de uma só vez. Cada dama já estava predisposta a um acordo, e, portanto, uma nada viu na outra a não ser boas maneiras. Quanto aos cavalheiros, havia um bom humor tão cordial, uma generosidade tão aberta e confiante do lado do almirante, que isso não pôde deixar de influenciar *sir* Walter. Além do mais, este fora influenciado a se portar melhor e de maneira mais refinada pelas garantias do senhor Shepherd de que o almirante era um modelo de boa criação.

A casa, o terreno e os móveis foram aprovados, os Croft também; os termos, os prazos, tudo estava certo. E os funcionários do senhor Shepherd estavam prontos para trabalhar, sem que houvesse uma única diferença preliminar a modificar no contrato de aluguel.

Sir Walter, sem hesitação, declarou que o almirante era o marinheiro mais bem-apessoado que já conhecera e chegou a dizer que, se seu próprio lacaios pudesse ter lhe arrumado os cabelos, não teria vergonha em ser visto com ele em lugar algum. E o almirante, com uma cordialidade compreensiva, observou à esposa enquanto voltavam pelo parque:

– Achei que chegaríamos logo a um acordo, minha querida, apesar do que nos contaram em Taunton. O baronete não inventou a roda, mas parece

inofensivo.

Elogios recíprocos, que teriam sido estimados de igual para igual.

Os Croft mudariam-se no fim de setembro, e, como *sir* Walter tinha proposto a mudança para Bath no mês anterior, não havia tempo a perder para fazer todos os arranjos necessários.

Lady Russell, convencida de que Anne não poderia ter qualquer utilidade, ou importância, na escolha da casa em que iriam morar, não estava muito disposta a deixá-la ir. Desejava que ela ficasse e a acompanhasse até Bath depois do Natal. Mas, tendo seus próprios compromissos, que deveriam afastá-la de Kellynch por várias semanas, foi incapaz de organizar o convite como desejava. E Anne, mesmo temendo o possível calor de setembro em Bath e lamentando não aproveitar os doces e tristes meses outonais no campo, não achava que, no fim das contas, queria permanecer ali. Seria mais correto e mais sensato – portanto, menos sofrido – ir com os outros.

Algo ocorreu, no entanto, que acabou obrigando-a a assumir um dever diferente. Mary, muitas vezes indisposta, sempre se lamentando muito por problemas, tinha o hábito de recorrer a Anne quando não se sentia bem. Prevendo que estaria mal durante todo o outono, pediu, ou melhor, exigiu, pois não foi realmente um pedido, que ela viesse a Uppercross Cottage e lhe fizesse companhia o tempo necessário, em vez de ir para Bath.

– Não posso ficar sem Anne – era o raciocínio de Mary. E a resposta de Elizabeth foi:

– Então tenho certeza de que é melhor Anne ficar, porque ninguém a quer em Bath.

Ser reivindicada como algo bom, embora em um estilo impróprio, é melhor do que ser rejeitada como totalmente inútil. E Anne, feliz por ser considerada de alguma utilidade, feliz por ter algo parecido a um dever, e com certeza nada infeliz por continuar no campo, seu querido campo, prontamente concordou em ficar.

O convite de Mary eliminou todas as dificuldades de *lady* Russell, e logo ficou resolvido que Anne não deveria ir a Bath enquanto não a chamasse, passando todo esse período entre Uppercross Cottage e Kellynch Lodge.

Até o momento, tudo estava indo bem, mas *lady* Russell surpreendeu-se com o erro de uma parte do plano elaborado em Kellynch Hall. Foi o fato de a senhora Clay ter sido convidada para ir a Bath com *sir* Walter e Elizabeth, como importante e valiosa assistente nas tarefas que ainda teriam adiante. *Lady* Russell lamentava profundamente que tal medida tivesse sido imaginada e adotada. E a afronta que isso representava para Anne, o fato de a senhora Clay ser tão útil, enquanto ela própria não tinha utilidade alguma, agravou em muito a situação.

Anne ficou ofendida com essa afronta, sentindo a imprudência do arranjo tão intensamente quanto *lady* Russell. Com uma grande dose de observação discreta, e conhecendo o caráter do pai, algo que muitas vezes preferia não conhecer, era sensato imaginar que os resultados daquela intimidade poderiam ser muito sérios para sua família. Não imaginava que *sir* Walter estivesse pensando nisso no momento. A senhora Clay tinha sardas, um dente saliente e um pulso muito grosso, sobre o qual ele fazia muitas observações severas, quando a tal mulher não estava presente. Mas era jovem e, sem dúvida, de bom aspecto, além de possuir, graças a um raciocínio veloz e a modos agradáveis, atrativos bem mais perigosos do que qualquer outro encanto. Anne ficou tão impressionada com o grau de perigo que isso representava que não deixou de tentar mostrá-lo à irmã. Não tinha muita esperança de ser bem-

-sucedida, mas pensou que Elizabeth, em caso de tal reviravolta, sofreria muito mais do que ela. Jamais deveria ter motivos para repreendê-la por não ter soado o alerta.

Ela falou e pareceu apenas ofender. Elizabeth não entendia como a irmã podia nutrir tal absurda suspeita e, indignada, respondeu cada frase como se soubesse perfeitamente a situação deles.

— A senhora Clay nunca se esquece de quem é — disse ela, enfática. — E eu, como estou mais familiarizada com os sentimentos dela do que você, posso assegurar que, em relação ao casamento, estes são especialmente agradáveis, e ela reprova toda desigualdade de condição e de posição mais

do que a maioria das pessoas. Quanto a meu pai, realmente não acho que ele, que se manteve solteiro por tanto tempo para nosso bem, deva ser agora alvo de suspeitas. Se a senhora Clay fosse uma mulher muito bonita, garanto que, talvez, fosse errado solicitar sua companhia. Não que qualquer coisa no mundo, tenho certeza, induziria meu pai a aceitar um casamento desigual, mas ele poderia sofrer. Mas a pobre senhora Clay, que, com todos os seus méritos, nunca poderia ser considerada bonita, pode ficar hospedada aqui em perfeita segurança. Até parece que você nunca ouviu meu pai mencionar os defeitos físicos dela, embora eu

saiba que deve ter ouvido umas 50 vezes. Aquele dente dela e as sardas... As sardas não me desagradam tanto, mas ele odeia. Já vi alguns rostos que não ficam tão feios com sardas, mas ele nunca acha bonito. Você deve ter ouvido como ele fala das sardas da senhora Clay.

– Não há quase nenhum defeito físico que não possa ser compensado gradualmente com modos agradáveis – respondeu Anne.

– Eu penso muito diferente – replicou Elizabeth, seca. – Modos agradáveis podem desencadear traços bonitos, mas nunca alterar os mais feios. De qualquer forma, como tenho muito mais em jogo no tocante a essa questão do que qualquer outra pessoa, acho desnecessário você me aconselhar.

Anne não tinha mais nada a acrescentar. Sentia-se contente com o fim da conversa e ainda nutria esperanças de ter feito algo bom. Elizabeth, embora ressentida com a suspeita, talvez ficasse mais atenta, graças a ela.

A última viagem da carruagem com quatro cavalos levaria *sir* Walter, a senhorita Elliot e a senhora Clay até Bath. O grupo partiu de muito bom ânimo. *Sir* Walter ensaiou mesuras condescendentes para saudar qualquer arrendatário ou camponês aflito que pudesse aparecer, ao mesmo tempo da partida de Anne, em uma espécie de tranquilidade desolada, para Kellynch Lodge, onde passaria a primeira semana.

Sua amiga não estava com o humor muito melhor. *Lady* Russell sentiu profundamente essa divisão da família. Estimava a respeitabilidade deles tanto quanto a sua própria, e o intercâmbio diário que mantinham havia se

tornado um hábito precioso. Era doloroso olhar para os terrenos desertos e, ainda pior, pensar que cairiam em novas mãos. Para

escapar da solidão e da melancolia de um vilarejo tão mudado, e

para não atrapalhar quando o almirante e a senhora Croft chegassem, ela decidira sair da casa tão logo chegasse o momento de transferir Anne. Assim, a mudança das duas foi feita ao mesmo tempo, e Anne foi para Uppercross Cottage na primeira parada da viagem de *lady* Russell.

Uppercross era um vilarejo de tamanho médio, que até alguns anos atrás conservara intacto o velho estilo inglês, tendo apenas duas casas de aparência superior às dos pequenos proprietários rurais e trabalhadores: a mansão do distinto cavalheiro da cidade, com seus muros altos, portões imponentes e árvores ancestrais, construção sólida e desprovida de confortos modernos; e a casa paroquial, compacta e fechada, cercada por seu próprio jardim, com uma videira e uma pereira emoldurando suas janelas. Após o casamento do jovem e distinto cavalheiro, foi construído um chalé para sua residência, e Uppercross Cottage, com sua varanda, janelas francesas e outros mimos, chamava a atenção do

viajante tanto quanto o aspecto respeitável da Casa Grande, cerca

de 400 metros adiante.

Anne já havia se hospedado ali muitas vezes. Conhecia bem os hábitos tanto de Uppercross quanto de Kellynch. As duas famílias estavam sempre reunidas, acostumadas a entrar e sair da casa uma da outra a qualquer hora. Por isso, ficou surpresa ao encontrar Mary sozinha. Mas, por estar sozinha, era quase certo de que estivesse doente e desanimada. Embora mais bem-dotada do que a irmã mais velha, Mary não tinha nem a compreensão nem o temperamento de Anne. Quando estava bem, feliz e adequadamente atendida, mostrava ótimo humor e excelente ânimo, mas qualquer indisposição a fazia afundar completamente. Ela não aguentava a solidão e, tendo herdado uma parcela considerável da vaidade dos Elliot, era muito propensa a exagerar seu sofrimento quando se via negligenciada e maltratada. Fisicamente, era inferior às duas irmãs e, mesmo no auge da

beleza, só chegara a ser considerada “uma boa moça”. Naquele momento, estava deitada no sofá desbotado da linda sala de visitas, cuja mobília outrora elegante ia aos poucos ficando surrada, por conta da influência de quatro verões e dois filhos. Ao ver Anne surgir, cumprimentou-a:

– Você finalmente chegou! Eu já estava pensando que nunca mais iria vê-la. Estou tão doente que mal posso falar. Não vi ninguém a manhã inteira!

– Sinto muito por encontrá-la doente – respondeu Anne. – Você me enviou boas notícias na quinta-feira!

– Sim, fiz o melhor que pude. É o que sempre faço. Mas eu estava longe de estar bem, e acho que nunca estive tão doente na vida quanto hoje de manhã. Não poderia de modo algum ter sido ser deixada sozinha. Imagine se eu sofresse algum mal súbito e terrível e fosse incapaz de tocar a campainha! Então, *lady* Russell não quis entrar? Acho que ela não esteve nem três vezes nesta casa durante o verão.

Anne disse as palavras apropriadas e perguntou pelo marido da irmã.

– Ah! Charles saiu para caçar. Não o vejo desde as sete. Ele saiu mesmo depois que mencionei estar muito doente. Ele disse que não ficaria fora muito tempo, mas ainda não voltou, e agora é quase uma da tarde. Juro que não vi uma alma sequer esta manhã.

– Seus meninos estiveram com você?

– Sim, enquanto consegui aguentar o barulho deles, mas são tão incontroláveis que me fazem mais mal do que bem. O pequeno Charles não se importa com nada do que digo. E Walter está indo pelo mesmo caminho.

– Bem, você logo estará melhor – respondeu Anne, tentando alegrá-la. – Sabe que eu sempre a curo quando venho. Como estão seus vizinhos na Casa Grande?

– Não sei dizer. Não vi nenhum deles hoje, exceto o senhor Musgrove, que passou por aqui rapidamente e falou comigo pela janela, mas não chegou a descer do cavalo. E, embora eu tenha dito a ele que estava doente, ninguém veio me visitar. Não era conveniente para as senhoritas

Musgrove, suponho, e elas nunca se preocupam com os outros.

– Você ainda as verá, talvez, antes do fim da manhã. É cedo.

– Não faço a menor questão de vê-las, garanto. Elas falam e riem demais para o meu gosto. Ah, Anne, estou tão indisposta! Foi muito indelicado da sua parte não vir na quinta-feira.

– Mary, querida, lembre-se do relato positivo que você me enviou! Você escreveu em tom mais animado. Disse que estava perfeitamente bem e que eu não precisava ter pressa. Assim, devia estar ciente de que meu desejo era ficar com *lady* Russell até o fim. Além do que eu sinto por ela, estive mesmo muito ocupada. Tinha tanta coisa para fazer que não seria conveniente deixar Kellynch mais cedo.

– Meu Deus! O que você tinha para fazer?

– Muitas coisas, eu lhe garanto. Mais do que consigo me lembrar neste momento, mas posso citar algumas. Fiz uma cópia do catálogo dos livros e quadros do meu pai. Estive várias vezes no jardim com Mackenzie, tentando entender e explicar a ele quais das plantas de Elizabeth são para *lady* Russell. Tive que organizar todas as minhas poucas coisas, separar livros e partituras e arrumar novamente todos os meus baús, porque não entendi a tempo como seriam transportados. Além disso, Mary, precisei fazer algo de uma natureza mais difícil: ir a quase todas as casas da paróquia, como uma espécie de despedida. Disseram-me que as pessoas assim o desejavam. E tudo isso me tomou muito tempo.

– Ah, que bem seja! – disse Mary. E, depois de uma pausa: – Mas você não perguntou nada sobre nosso jantar nos Poole ontem à noite.

– Você foi, então? Não perguntei nada porque concluí que tivesse sido obrigada a desistir da festa.

– Ah, sim! Eu fui. Eu estava muito bem ontem. Não tinha nada até hoje de manhã. Teria sido estranho se eu não fosse.

– Fico feliz por você estar bem o suficiente e espero que tenha sido uma festa agradável.

– Nada notável. Sempre sabemos de antemão como será o jantar e quem estará lá, e é tão desconfortável não ter uma carruagem própria... O senhor e a senhora Musgrove me levaram, e estávamos tão apertados! Os dois são

muito corpulentos e ocupam muito espaço. E o senhor Musgrove sempre se senta na frente. Então, lá estava eu, apertada no banco de trás com Henrietta e Louisa, e acho muito provável que esteja doente hoje por causa disso.

Um pouco mais de perseverança de Anne para se mostrar paciente e animada operou quase uma cura em Mary. Ela logo se sentou no sofá e começou a ter esperanças de poder se levantar na hora de comer. Então, esquecendo-se do assunto, foi até o outro lado da sala ajeitar um ramallete de flores. Depois, comeu uma porção de frios. Por fim, sentiu-se bem o suficiente para propor uma pequena caminhada.

– Para onde vamos? – perguntou ela, quando estavam prontas. – Suponho que você não gostaria de aparecer na Casa Grande antes de elas virem visitá-la.

– Não tenho a menor objeção quanto a isso – respondeu Anne.

– Jamais faria tanta cerimônia com pessoas que conheço tão bem, como a senhora e as senhoritas Musgrove.

– Ah! Mas elas deveriam vir visitá-la o mais rápido possível. Deveriam ter isso como uma obrigação, por você ser minha irmã. No entanto, podemos ir passar algum tempo com elas e, depois disso, aproveitar nosso passeio.

Anne sempre achara esse tipo de relação muito imprudente, mas deixara de tentar impedir esse tipo de coisa, por acreditar que, embora

gerasse muitas queixas e incômodos dos dois lados, nenhuma das duas famílias conseguiria passar sem aquela relação. Assim, seguiram as duas para a Casa Grande, e durante meia hora ficaram sentadas na antiquada sala quadrada, com um pequeno tapete e assoalho brilhante, ao qual as jovens da casa iam aos poucos conferindo o adequado ar de confusão, com o acréscimo de um piano de cauda e de uma harpa, de vasos de flores e mesinhas espalhadas por todos os lados. Ah, se os originais dos retratos na parede, os senhores de veludo marrom e as damas de cetim azul pudessem ver o que estava acontecendo, se estivessem conscientes do fim de toda ordem e limpeza! Os próprios retratos pareciam estar espantados.

Assim como suas casas, os Musgrove estavam atravessando um período de mudanças, talvez melhorias. O pai e a mãe seguiam o antigo estilo inglês e as jovens, o novo. O senhor e a senhora Musgrove eram pessoas muito boas: amigáveis e hospitaleiras, não muito cultas e nada elegantes. Seus filhos tinham mentes e maneiras mais modernas. Eram uma família numerosa, mas os dois únicos adultos, com exceção de Charles, eram Henrietta e Louisa, moças de 19 e 20 anos, que tinham trazido da escola de Exeter todo o estoque costumeiro de habilidades e se tornaram como milhares de outras moças a viver de andar na moda, felizes e contentes. Seus vestidos eram de qualidade; seus rostos, bastante bonitos. Elas estavam sempre animadas e tinham modos diretos e agradáveis. Eram amadas dentro de casa e estimadas fora dela. Anne sempre achara que eram as pessoas mais felizes que conhecia, mas, ainda assim, como todos, impedida por um sentimento confortável de superioridade, de não desejar nenhuma mudança, não teria trocado sua mente mais elegante e cultivada por todos os prazeres das irmãs Musgrove. E somente invejava aquelas aparentes perfeitas compreensão e concordância entre as duas; aquele bem-humorado afeto mútuo, que ela conhecera tão pouco com suas próprias irmãs.

Elas foram recebidas com grande cordialidade. Nada parecia errado do lado da família da Casa Grande, que era, em geral, como Anne sabia muito bem, a menos culpada. A meia hora foi passada em agradáveis conversas, e ela não ficou nem um pouco surpresa, afinal, por terminar sendo acompanhada, na caminhada, pelas senhoritas Musgrove, a convite especial de Mary.



Capítulo 6

Anne não precisava fazer aquela visita a Uppercross, pois sabia que passar de um grupo de pessoas para outro, embora a uma distância de apenas cinco quilômetros, incluía muitas vezes uma mudança total

de conversas, opiniões e ideias. Nunca tinha ficado ali antes sem se impressionar com esse fato ou sem desejar que outros membros da família Elliot pudessem ter, como ela, o privilégio de constatar como eram desconhecidos, ou desconsiderados, os assuntos tratados em Kellynch Hall com tanta importância e interesse. No entanto, a essa experiência, ela agora deveria acrescentar outra lição, que tinha a ver com compreender nossa própria insignificância fora de nosso círculo de origem. Pois certamente, ao ali chegar, como ela havia chegado, com o coração tomado pelos assuntos que por várias semanas ocuparam inteiramente as duas casas em Kellynch, ela esperava encontrar um pouco mais de curiosidade e simpatia do que encontrou nos comentários distintos, mas muito semelhantes, do senhor e da senhora Musgrove: “Quer dizer, então, senhorita Anne, que *sir* Walter e sua irmã já viajaram? E que parte de Bath a senhorita acha que eles vão escolher para morar?”. Isso sem sequer esperar por uma resposta. Ou contribuição das moças: “Espero que possamos ir a Bath no inverno. Mas, papai, lembre-se de que, se formos, devemos ficar em um lugar bom; nada daqueles Queen Squares!”. Ou o aflito complemento de Mary: “Dou a minha palavra. Ficarei muito contente quando vocês todos tiverem ido se divertir em Bath!”.

Tudo o que Anne podia fazer era evitar essa ilusão no futuro, pensando

com mais gratidão na extraordinária bênção de ter uma amiga verdadeiramente simpática como *lady* Russell.

Os senhores da família Musgrove tinham seus próprios animais de caça para manter e matar, seus próprios cavalos, cachorros e jornais para distraí-los. E as mulheres estavam muito ocupadas com todos os outros assuntos comuns da casa, vizinhos, roupas, dança e música. Ela reconhecia que era muito apropriado que cada pequena comunidade social escolhesse os assuntos que a interessavam e esperava, em breve, tornar-se um membro digno de apreço daquela para a qual fora levada. Com a perspectiva de passar, pelo menos, dois meses em Uppercross, era muito necessário que sua imaginação, sua memória e todas as suas ideias, tanto quanto possível, fossem parecidas com as de Uppercross.

Não temia esses dois meses. Mary não era tão detestável e pouco fraternal quanto Elizabeth; nem tão inacessível sua influência. E a casa era bastante confortável. Ela sempre tivera boas relações com o cunhado e as crianças, que a amavam também e a respeitavam muito mais do que à mãe, constituindo um objeto de interesse, diversão e exercício salutar.

Charles Musgrove era educado e agradável. Em bom senso e temperamento, era certamente superior à esposa, mas não possuía faculdades intelectuais, conversa ou graça que tornassem o passado e a ligação que haviam tido em uma contemplação perigosa. Por outro lado, ao mesmo tempo, Anne acreditava, como *lady* Russell, que um casamento mais equilibrado poderia tê-lo feito melhorar muito, e que uma mulher de verdadeira compreensão poderia ter dado mais solidez a seu caráter, e mais utilidade, racionalidade e elegância a seus hábitos e atividades. Na atual situação, ele não se dedicava muito a nada, exceto a caçar. Afora isso, seu tempo era desperdiçado sem o benefício de livros ou qualquer outra coisa. Tinha uma excelente disposição, que nunca parecia afetada pelo mau humor ocasional da esposa. Anne admirava a maneira como aquele homem suportava a irracionalidade de Mary, e, em geral, embora com frequência houvesse pequenos desentendimentos (dos quais às vezes participava mais do que desejava, pois ambos apelavam a ela), os dois podiam passar por um casal feliz. Estavam sempre em perfeita sintonia

quanto a querer mais dinheiro, e com a forte expectativa de receber qualquer belo presente do pai dele; mas aqui, como na maior parte dos temas, Charles era superior. Embora Mary achasse uma grande vergonha que tal presente não fosse dado, ele sempre argumentava que o pai tinha muitos outros usos para o próprio dinheiro e o direito de gastá-lo como quisesse.

Quanto à criação de seus filhos, a teoria de Charles era muito melhor do que a da esposa, e sua prática não se mostrava tão ruim. “Eu poderia criá-los muito bem, não fosse pela interferência da Mary”, era o que Anne costumava ouvi-lo dizer, e concordava. Mas, ao ouvir a crítica de Mary (“Charles mima as crianças, e eu não consigo impor nenhuma ordem”), nunca tinha a menor tentação de dizer “É verdade”.

Uma das circunstâncias menos agradáveis de sua estadia em Uppercross era o fato de ser tratada com muita confiança por todos e conhecer muito bem as reclamações de cada casa. Conhecida por ter alguma influência sobre a irmã, era sempre solicitada a exercê-la além de qualquer limite praticável, ou pelo menos ouvia insinuações nesse sentido. “Gostaria de que você pudesse persuadir Mary a não pensar que está sempre doente”, era o que Charles falava. De mau-humor, Mary dizia: “Acho que, se Charles me visse morrendo, talvez não notasse nada de errado comigo. Se você quisesse, Anne, tenho certeza de que poderia convencê-lo de que estou realmente muito doente, mais do que jamais estive”.

Mary também declarava: “Odeio mandar as crianças para a Casa Grande, embora a avó sempre queira vê-las, porque ela lhes faz todas as vontades, e lhes dá tantas bobagens e doces, que elas sempre voltam enjoadas e contrariadas pelo resto do dia”. E a senhora Musgrove aproveitava a primeira oportunidade em que ficava sozinha com Anne para dizer: “Ah! Senhorita, não posso deixar de desejar que a senhora Charles tivesse um pouco do seu método com essas crianças. Com a senhorita, elas são criaturas tão diferentes! Mas, em geral, são tão mimadas! É uma pena que a senhorita não possa ensinar sua irmã a maneira correta de criá-las. São as crianças mais saudáveis que já vi, pobrezinhas! Mas a senhora Charles não sabe como devem ser tratadas! Deus me perdoe! Às vezes, são tão

indóceis... Eu lhe garanto, senhorita Anne, que isso me impede de querer vê-las em nossa casa com maior frequência. Acredito que a senhora Charles não esteja muito contente com o fato de eu não os convidar com tanta regularidade. Mas a senhorita sabe como é ruim ter crianças por perto e ser obrigado a cuidar delas o tempo todo. ‘Não faça isso’ e ‘não faça aquilo’ ou só conseguir manter um nível de ordem aceitável dando mais bolo a elas do que seria bom para a saúde”.

Além disso, costumava ouvir de Mary: “A senhora Musgrove acha que todos os criados dela são tão confiáveis que seria uma alta traição questioná-los. Mas tenho certeza, sem exagero, de que a criada do quarto principal e a lavadeira, em vez de cuidarem de seus afazeres, passam o dia todo perambulando pela vila. Eu as encontro aonde quer que vá e garanto que nunca entro duas vezes na ala de minha casa reservada aos meninos sem cruzar com elas. Se Jemima não fosse a criatura mais confiável e leal do mundo, isso seria suficiente para estragá-la, pois ela me conta que as duas estão sempre a chamando para ir com elas”. E da senhora Musgrove ela escutava: “Tenho por regra jamais interferir em qualquer assunto da minha nora, pois sei que não devo, mas preciso dizer, senhorita Anne, porque a senhorita talvez seja capaz de colocar as coisas em ordem, que não tenho uma boa opinião sobre a babá da senhora Charles. Ouço histórias estranhas a respeito. Ela vive perambulando por aí, e posso declarar, por conhecimento próprio, que se trata de uma mulher muito bem-apanhada, o que basta para estragar qualquer outro criado. Sei que a senhora Charles confia plenamente nela, mas estou lhe dando apenas uma dica, para que a senhorita possa ficar de olho e, caso veja algo errado, não tenha medo de mencioná-lo”.

Havia, ainda, a queixa de Mary de que a senhora Musgrove não era muito propensa a lhe dar a devida primazia quando jantavam na Casa Grande com outras famílias, e ela não via motivo algum para que a consideração dos seus chegasse ao ponto de fazê-la perder sua posição social. E certo dia, quando Anne caminhava apenas com as duas irmãs Musgrove, uma das jovens, depois de falar sobre posição social, pessoas com boa posição social e inveja da posição social alheia, disse: “Não tenho escrúpulos em

observar para a senhorita como certas pessoas se comportam de maneira insensata no tocante à questão da posição social, porque todo mundo sabe como a senhorita é indiferente com relação a isso, mas eu gostaria que alguém dissesse a Mary que seria muito melhor se ela não fosse tão tenaz; e, sobretudo, se não

ficasse o tempo todo se adiantando para tomar o lugar de mamãe. Ninguém duvida do direito de primazia dela, mas seria melhor se não ficasse insistindo nisso o tempo inteiro. Não é que a mamãe se importe com essas coisas, mas sei que muitas pessoas já perceberam”.

Como Anne poderia resolver todas essas questões? Tudo o que ela podia fazer era ouvir com paciência, abrandar as queixas de cada um e desculpar uns com os outros, sugerindo a necessidade de indulgência entre vizinhos tão próximos e tornando essas sugestões mais amplas quando destinadas à irmã.

Sob todos os demais aspectos, sua estada começou e prosseguiu muito bem. Seu próprio ânimo melhorou com a mudança de lugar e ambiente, nesses cinco quilômetros que separavam Uppercross de Kellynch. As indisposições de Mary diminuíram, pela presença de uma companhia constante, e o convívio diário com a outra família, uma vez que não havia no chalé nenhum afeto, confiança ou ocupação importante o suficiente para ser por ele interrompido, era uma vantagem, na verdade. Certamente, esse convívio foi levado o mais longe possível, pois as famílias se encontravam todas as manhãs e quase nunca passavam uma noite separadas. No entanto, Anne acreditava que ela e a irmã não teriam passado tão bem sem a visão das formas respeitáveis do senhor e da senhora Musgrove nos lugares habituais, ou sem as conversas, os risos e as cantorias de suas filhas.

Anne tocava piano bem melhor que as duas irmãs Musgrove, mas, como não tinha voz, nem conhecimento da harpa, nem pais afetuosos que se sentassem e falassem que estavam encantados, ninguém ligava muito para suas apresentações mais do que por civilidade, ou enquanto as outras descansavam. E ela sabia muito bem disso. Sabia que, quando tocava, dava

prazer mais para si mesma, mas essa não era uma sensação nova. Com exceção de um breve período em sua vida, ela nunca, desde os 14 anos, desde quando perdera sua querida mãe, experimentara a felicidade de ter alguém a escutá-la ou de ser encorajada por uma apreciação justa ou um verdadeiro bom gosto. Em matéria de música, sempre estivera acostumada a se sentir sozinha no mundo, e a afetuosa predileção do senhor e da senhora Musgrove pela apresentação das próprias filhas, bem como sua total indiferença com relação a qualquer outra, causava-lhe muito mais prazer por eles do que tristeza por si mesma.

Por vezes, as reuniões na Casa Grande eram incrementadas por outras companhias. A vizinhança não era grande, mas os Musgrove eram os mais frequentados por todos, e tinham mais jantares e mais visitantes, por meio de convite e por acaso, do que qualquer outra família. Eles eram muito populares.

As moças adoravam dançar; e as noites, ocasionalmente, terminavam em um baile improvisado. Havia uma família de primos perto de Uppercross, não tão ricos, que dependiam dos Musgrove para todos os seus prazeres: vinham a todo momento e participavam de todas as festas. Anne preferia assumir o posto atrás do piano nessa ocasião, tocando músicas para que eles dançassem por várias horas. Uma gentileza que sempre chamava a atenção do senhor e da senhora Musgrove para seu talento musical, mais do que qualquer outra coisa, e muitas vezes atraía um elogio: “Muito bem, senhorita Anne! Muito bom! Deus a abençoe! Como esses pequenos dedos voam!”.

Assim, passaram-se as três primeiras semanas. Chegou o fim do mês e, então, o coração de Anne foi levado de volta a Kellynch. Aquele lar amado já era de outros. Todos os preciosos quartos, móveis, bosques e paisagens já eram admirados por outros olhos! Não conseguia pensar em mais nada no dia 29 de setembro, e Mary fez um comentário simpático naquela noite, pois, ao notar o dia do mês, exclamou:

– Querida, não é hoje o dia em que os Croft se mudam para Kellynch? Fico feliz por não ter pensado nisso antes. Como isso me deixa triste!

Os Croft ocuparam a casa com agilidade tipicamente naval, e era preciso

visitá-los. Mary lamentou a necessidade de ir. “Ninguém sabia o quanto isso a faria sofrer. Ela tentaria adiar o máximo que pudesse.” No entanto, não descansou até convencer Charles a levá-la até lá certo dia bem cedo, e estava muito animada quando voltou. Anne sinceramente se alegrou em não poder fazer parte da visita. Queria, no entanto, ver os Croft, e ficou feliz por estar em Uppercross quando a visita foi retribuída. Na ocasião, o chefe da casa não estava, mas eles foram recebidos pelas duas irmãs. Como Anne precisou entreter a senhora Croft, enquanto o almirante se sentava perto de Mary e fazia comentários bem-humorados sobre seus dois meninos, teve toda a oportunidade de procurar uma semelhança que, embora ausente nos traços, era perceptível na voz ou no estilo dos sentimentos e expressões.

A senhora Croft, embora nem alta nem gorda, tinha uma silhueta quadrada, ereta e vigorosa que dava à sua pessoa um ar de importância. Possuía olhos escuros brilhantes, bons dentes e um rosto bastante agradável, embora sua pele avermelhada e castigada pelo clima, consequência de ter estado quase tanto tempo no mar quanto o marido, fizessem-na parecer mais velha do que os seus 38 anos. Tinha modos francos, espontâneos e decididos, como os de alguém confiante e sem dúvidas sobre o que fazer. Não havia quaisquer indícios de rispidez, no entanto, ou falta de bom humor. Anne ficou realmente grata pela grande consideração que ela parecia ter por tudo o que dizia respeito a Kellynch. Gostou dela, especialmente, por ter percebido no

primeiro instante, quando foram apresentadas, que não havia o menor indício de qualquer conhecimento ou suspeita por parte dela sobre o que havia acontecido. Estava bastante tranquila e, portanto, cheia de força e coragem, até que sentiu um arrepio pelo corpo quando a senhora Croft disse, de repente:

– Vejo agora que foi a senhorita, e não sua irmã, que meu irmão teve o prazer de conhecer quando morou nesta região.

Anne torceu para ter passado da idade de corar-se, mas da idade de ficar emocionada, certamente, não havia passado.

– Talvez não tenha ficado sabendo que ele se casou – acrescentou a senhora Croft.

Ela pôde, assim, responder da forma devida, e, quando as palavras seguintes da senhora Croft explicaram que estava se referindo ao senhor Wentworth, ficou feliz ao constatar que não dissera nada que não pudesse se aplicar a qualquer um dos irmãos. Então, deu-se conta de como era razoável que a senhora Croft estivesse pensando e falando de Edward, não de Frederick. Envergonhada do próprio esquecimento, dedicou-se a inquirir com o devido interesse sobre o estado atual de seu antigo vizinho.

O resto correu com tranquilidade até que, já de partida, ela ouviu o almirante dizer a Mary:

– Esperamos para breve a chegada de um irmão da senhora Croft. Acho que a senhora o conhece de nome.

O almirante foi interrompido pelos ferozes ataques de dois garotinhos, que se agarravam a ele como se fosse um velho amigo, pedindo para não ir embora. E, como ficou entretido demais com a sugestão de levá-los consigo dentro do bolso do casaco para ter tempo de recordar ou terminar o que começara a dizer, Anne teve de se convencer sozinha, o melhor que pôde, de que se tratava do mesmo irmão. Não tinha certeza, porém, e ficou ansiosa para saber se alguma coisa havia sido dita sobre o assunto na outra casa, que os Croft tinham visitado anteriormente.

Estava combinado que os moradores da Casa Grande iriam jantar naquela noite em Uppercross Cottage, e, como nessa época do ano já fazia frio demais para que as visitas fossem feitas a pé, os ouvidos estavam apurados à espera da carruagem quando a mais jovem das irmãs Musgrove entrou. A primeira ideia que lhes ocorreu foi que tinha vindo pedir desculpas e dizer que deveriam jantar sozinhas, e Mary já estava pronta para se mostrar ofendida quando Louisa explicou que só tinha vindo a pé para deixar mais lugar para a harpa trazida na carruagem.

– E vou contar a razão – acrescentou ela. – E todos os detalhes. Cheguei para avisar que papai e mamãe estão tristes esta noite, especialmente mamãe. Ela está pensando muito no pobre Richard! E concordamos que seria melhor trazer a harpa, pois ela parece mais divertida do que o piano.

Vou contar por que está triste. Quando os Croft nos visitaram hoje de manhã (vieram aqui depois, não foi?), por acaso disseram que o irmão dela, o capitão Wentworth, tinha acabado de voltar para a Inglaterra, ou tinha desembarcado, algo assim, e está vindo para visitá-los. E, infelizmente, mamãe lembrou, quando eles foram embora, que Wentworth, ou algo muito parecido, era o nome de um capitão que o pobre Richard teve. Não sei quando ou onde, mas foi

um bom tempo antes de sua morte, coitado! E, depois de olhar suas cartas e seus pertences, descobriu que estava certa, que deve ser, de fato, o mesmo homem. Agora, só pensa nisso e no pobre Richard! Portanto, devemos nos alegrar o máximo possível para que ela não fique pensando em coisas tão sombrias.

As verdadeiras circunstâncias desse lamentável episódio da história da família eram que os Musgrove haviam tido a má sorte de ter um filho problemático, incorrigível, e a sorte de perdê-lo antes de chegar aos 20 anos; que ele fora enviado para o mar por ser estúpido e incontrolável em terra; que sempre tivera muito pouco apreço por parte da família, mesmo merecendo isso; e que raramente era mencionado, e sua morte quase não fora sentida quando da chegada da notícia a Uppercross, dois anos antes.

Embora suas irmãs estivessem fazendo todo o possível para reabilitá-lo, chamando-o de “pobre Richard”, tratava-se apenas do insensível e imprestável Dick Musgrove, um rapaz que nunca realizara nada para ser visto como mais do que a abreviação do próprio nome.

Richard havia passado vários anos no mar. No curso dessas transferências às quais todos os aspirantes estão sujeitos, sobretudo aqueles dos quais todos os capitães desejam se livrar, passara seis meses a bordo da fragata do capitão Frederick Wentworth, chamada *Laconia*. E fora a bordo do *Laconia* que escrevera, estimulado por seu capitão, as duas únicas cartas que seu pai e sua mãe receberam durante toda a sua ausência. Isto é, as únicas duas cartas desinteressadas: todas as outras tinham sido apenas solicitações de dinheiro.

Em cada carta, falava bem de seu capitão, mas eles prestavam tão pouca

atenção em tais assuntos, eram tão desatentos e desprovidos de curiosidade em relação a nomes de homens ou navios, que isso na época não causara quase nenhuma impressão. Se a senhora Musgrove fosse repentinamente tocada, hoje, por uma lembrança do nome de Wentworth associada ao filho, seria um daqueles rompantes extraordinários do espírito que, por vezes, acontecem.

Ela havia consultado as cartas e constatado tudo como imaginara. A releitura dessas missivas, depois de tanto tempo, seu pobre filho morto e toda a força de seus defeitos esquecida, tudo havia afetado muito seu ânimo, mergulhando-a em uma tristeza que parecia maior do que a de quando ficara sabendo de sua morte. O senhor Musgrove, em menor grau, fora afetado da mesma forma, e, quando chegaram ao chalé, os dois precisavam muito, primeiro, que os ouvissem mais uma vez sobre esse assunto, e, depois, de todo o alívio que os alegres companheiros pudessem lhes proporcionar.

Ouvi-los falar tanto do capitão Wentworth, repetir seu nome com tanta frequência, perguntar sobre seus últimos anos e, enfim, imaginar que poderia ser que, provavelmente, fosse o mesmo capitão Wentworth encontrado uma ou duas vezes depois de voltarem de Clifton – um rapaz muito agradável –, há sete ou oito anos, tudo isso foi um novo tipo de teste para os nervos de Anne. Descobriu, no entanto, que teria de se acostumar a isso. Como ele era aguardado ali no campo, precisava aprender a ser insensível a tais assuntos. E não só parecia que era aguardado em breve, os Musgrove eram gratos pela gentileza que o rapaz tinha mostrado por Dick e respeitavam muito seu caráter. Isso foi confirmado pelo fato de o pobre ter passado seis meses sob seus cuidados e referido-se a ele em termos muito elogiosos, embora não desprovidos de erros de ortografia, como “um homem elegante, apenas *esigente* demais com o mestre”. Estavam empenhados em encontrá-lo assim que ficassem sabendo de sua chegada.

Essa resolução ajudou a confortá-los naquela noite.



Capítulo 7

Alguns dias mais tarde, ficaram sabendo que o capitão Wentworth estava em Kellynch, e que o senhor Musgrove tinha feito uma visita e voltado com elogios calorosos. Ele fora convidado, com os Croft, para jantar em Uppercross dali a uma semana. Tinha sido uma grande decepção para o senhor Musgrove descobrir que o capitão não poderia vir antes, pois estava muito impaciente por mostrar sua gratidão, vê-lo sob seu teto e recebê-lo com tudo o que possuía de melhor e mais forte em sua adega. Mas seria preciso esperar uma semana, apenas uma semana, no cálculo de Anne, e então, supôs, iriam se encontrar. E, logo, ela começou a desejar poder se sentir segura nem que fosse por uma semana.

O capitão Wentworth retribuiu prontamente o gesto educado do senhor Musgrove, e Anne quase chegou na mesma hora. Ela e Mary estavam, na verdade, saindo para a Casa Grande, onde, como soube depois, inevitavelmente teriam se encontrado com ele, quando foram impedidas pelo fato de o filho mais velho de Mary ter sido trazido para casa naquele momento, vítima de uma queda. A situação da criança fez com que esquecessem totalmente a visita, mas ela não ficou indiferente ao perigo sofrido, mesmo em meio à preocupação séria que depois sentiram por causa da situação do menino.

Ele deslocara a clavícula, e o ferimento nas costas despertara muito alarme. Foi uma tarde de angústia, e Anne tinha muitas coisas para fazer: chamar o médico, procurar e informar o pai, apoiar e tranquilizar a mãe, controlar os criados, tirar o filho mais novo do quarto e acalmar e cuidar

do pobre acidentado. Além de enviar, assim que se lembrou, a devida notificação à outra casa, que trouxe um grupo de pessoas assustadas e curiosas, em vez de auxiliares úteis.

O retorno de seu cunhado foi o primeiro conforto; ele poderia cuidar melhor da esposa. E a segunda bênção foi a chegada do médico. Até ele chegar e examinar a criança, as apreensões de todos eram as piores, por serem vagas. Eles suspeitavam de feridas profundas, mas não sabiam onde. No entanto, a clavícula logo foi recolocada no lugar, e, embora o senhor Robinson sentisse, apertasse, esfregasse, parecesse sério e falasse baixo tanto para o pai quanto para a tia, ainda assim todos esperavam o melhor. Desse modo, poderiam voltar para casa e jantar com paz de espírito. Então, pouco antes de se separarem, as duas jovens tias conseguiram deixar de pensar um pouco no estado de saúde do sobrinho e dar informações sobre a visita do capitão Wentworth. Ficaram um pouco mais que seus pais, esforçando-se para expressar como haviam gostado do rapaz, como era mais bonito e mais agradável do que qualquer outro indivíduo entre os conhecidos que pudesse ter sido o favorito delas antes. Também ficaram felizes ao ouvir o pai convidá-lo para jantar; e ficaram tristes quando ele disse que não poderia aceitar, e voltaram a ficar contentes quando o moço prometeu, em resposta à insistência do pai e da mãe, que viria jantar com a família no dia seguinte. E fez isso de uma maneira muito agradável, como se estivesse muito lisonjeado pela atenção. Em suma, tinha feito e dito tudo com tanta graça que as duas podiam assegurar a todos os presentes que ele havia lhes virado a cabeça. Dito isso, as duas saíram correndo, tão cheias de alegria quanto de amor, e aparentemente mais preocupadas com o capitão Wentworth do que com o pequeno Charles.

A mesma história e os mesmos deleites foram repetidos quando as moças vieram com o pai, à noite, para verificar o estado do menino. E o senhor Musgrove, já não tão preocupado com seu herdeiro, pôde contribuir com sua confirmação e seus elogios, além de esperar que não houvesse mais motivo para cancelar a visita do capitão Wentworth, e só lamentava pensar que os moradores do chalé talvez achassem melhor não deixar o menino

sozinho para ir jantar com eles. “Ah, não, não podemos deixar o pobrezinho.” Tanto o pai quanto a mãe estavam ainda muito assustados, e tudo era recente demais para cogitarem a ideia. E Anne, alegre por poder escapar, não pôde deixar de acrescentar seus calorosos protestos aos deles.

Charles Musgrove, na verdade, depois, mostrou-se mais aberto à ideia:

– O menino está indo tão bem, e deseja tanto ser apresentado ao capitão Wentworth, que talvez pudesse se juntar a eles mais tarde. Não para o jantar, mas para uma visita de meia hora.

Mas Mary se opôs fortemente à ideia.

– Ah, não! De jeito nenhum, Charles. Não suporto que você vá embora. E se algo acontecer?

A criança teve uma noite tranquila e estava bem no dia seguinte. Seria preciso um pouco de tempo para ter certeza de que a coluna não havia sofrido nenhum dano, mas o senhor Robinson não via, a princípio, nenhum outro problema preocupante. Assim, Charles Musgrove começou a não sentir necessidade de continuar confinado. A criança deveria ser mantida na cama e entretida o mais silenciosamente possível. O que mais um pai poderia fazer? Aquele era um trabalho de mulheres, e seria muito absurdo que ele, inútil em casa, ficasse trancado. Seu pai desejava muito que ele conhecesse o capitão Wentworth e, como não havia motivo que o impedisse, deveria ir. E tudo terminou com uma declaração ousada e pública de sua parte, quando voltou da caçada, afirmando sua intenção de se vestir imediatamente e jantar na outra casa.

– O menino não poderia estar melhor – afirmou ele. – Então, eu disse ao meu pai, agora mesmo, que iria, e ele gostou muito da ideia. Sua irmã está com você, meu amor. Não vejo nenhum problema. Você não gostaria de deixá-lo sozinho, mas entende que não ajudo em nada. Anne mandará me buscar se acontecer alguma coisa.

Maridos e esposas geralmente entendem quando é inútil demonstrar oposição. Mary sabia, pela maneira de falar de Charles, que ele estava determinado a ir e que não adiantaria contrariá-lo. Ela não disse nada, portanto, enquanto ele estava no quarto, mas tão logo ficou a sós com Anne...

– Então ficamos nós, sozinhas, para cuidar desta pobre criança doente, e ninguém virá nos ver a noite toda! Eu sabia que seria assim. Esta sempre foi a minha sorte. Se há algo desagradável acontecendo, os homens sempre conseguem escapar, e Charles não é nenhuma exceção. Muito insensível! Devo dizer que é preciso ser muito frio para querer se afastar de seu pobre filho. Ele diz que o menino está muito bem! Como ele sabe que o menino está bem ou que as coisas não podem mudar repentinamente daqui a meia hora? Não achei que Charles pudesse ser tão insensível. E, agora, ele está saindo para se divertir, enquanto eu, que sou a pobre mãe, não posso me mexer daqui, mesmo sendo a pessoa menos indicada do mundo para estar com a criança. O fato de ser a mãe é a razão pela qual meus sentimentos deveriam ser poupados. Não sou capaz de cuidar dele. Você viu como eu estava histérica ontem.

– Mas isso foi apenas o efeito do seu alarme repentino... Do choque. Você não vai ficar histérica de novo. Ouso dizer que nada irá nos angustiar. Compreendi perfeitamente as instruções do senhor Robinson e não tenho medo. E, na verdade, Mary, não me espanta a atitude do seu marido. Cuidar de doentes não é trabalho dos homens. Não faz parte das funções deles. Uma criança doente deve ser sempre cuidada pela mãe: seus próprios sentimentos geralmente fazem isso.

– Gosto tanto do meu filho quanto qualquer mãe, mas não sei se sou mais útil com um doente do que Charles, pois não posso estar repreendendo e importunando uma pobre criança quando ela está doente. E você viu, esta manhã, quando eu dizia para ele ficar quieto... Sempre começava a fazer bagunça. Não tenho paciência para esse tipo de coisa.

– Mas você se sentiria confortável se ficasse a noite inteira longe do pobre menino?

– Sim. Se o pai dele fica, por que eu não poderia? Jemima é muito cuidadosa, e poderia mandar notícias a cada hora do estado dele. Realmente acho que Charles poderia ter dito a seu pai que iríamos todos. Não estou mais preocupada com o pequeno Charles do que ele. Eu estava terrivelmente preocupada ontem, mas hoje é diferente.

– Bem, se você não acha que é tarde demais para avisar de sua presença,

suponho que deva ir com seu marido. Deixe o pequeno Charles aos meus cuidados. O senhor e a senhora Musgrove não vão poder achar ruim se eu ficar com ele.

– Está falando sério?! – exclamou Mary, com os olhos iluminando-se. – Minha querida! Essa é mesmo uma excelente ideia. Tanto faz ir quanto não ir, pois não sou muito útil em casa, não é? E isso só me atormenta. Você, que não tem sentimentos maternos, é a pessoa mais apropriada. O pequeno Charles a obedece. Ele sempre escuta tudo o que você diz. Será muito melhor do que deixá-lo apenas com Jemima. Ah! Eu vou com certeza. Claro que devo ir, se puder, tanto quanto Charles, pois eles querem que eu conheça o capitão Wentworth, e sei que você não se importa em ficar sozinha. Uma excelente ideia, realmente, Anne. Vou falar com Charles e me preparar agora mesmo. Você pode mandar nos chamar, sabe, a qualquer momento, se houver alguma coisa, mas ousou dizer que não haverá nada para alarmá-la. Eu não iria, você pode ter certeza, se não sentisse que meu querido filho está bem.

No momento seguinte, ela estava batendo na porta do quarto do marido, e, como Anne subia as escadas atrás dela, chegou a tempo de ouvir toda a conversa, que começou com Mary, em um tom exultante:

– Quero dizer que pretendo acompanhá-lo, Charles, pois não tenho mais serventia em casa do que você. Se eu ficasse trancada para sempre com o menino, não conseguiria persuadi-lo a fazer nada que ele não quisesse. Anne vai ficar. Ela quer ficar em casa e cuidar do menino. Foi ela mesma quem propôs. Assim, irei com você, o que será muito melhor, pois já não janto na outra casa desde terça-feira.

– É muito gentil da parte de Anne – foi a resposta de Charles. – E eu ficaria muito feliz se você fosse comigo, mas parece duro demais deixá-la em casa sozinha, cuidando do nosso filho doente.

Anne agora estava perto o bastante para defender sua proposta, e a sinceridade de seus modos foram suficientes para convencê-lo. Charles não teve mais qualquer escrúpulo em deixá-la sozinha para ir jantar, embora ainda quisesse que fosse se juntar a eles à noite, quando a criança estivesse dormindo, e gentilmente propôs que viessem buscá-la. No

entanto, ela não concordou e, assim, logo teve o prazer de vê-los partir juntos muito animados. Queria que eles passassem algumas horas felizes, por mais estranha que tal felicidade pudesse parecer. Quanto a si mesma, estava se sentindo muito confortável, como talvez nunca antes. Sabia que poderia ajudar muito a criança, e o que importava para ela se Frederick Wentworth estava a menos de um quilômetro de distância, divertindo-se com os outros?

Anne gostaria de saber como ele se sentiria quando se encontrassem. Talvez indiferente, se a indiferença pudesse existir sob tais circunstâncias. Ou ele era indiferente ou não estava disposto a encontrá-la. Se quisesse vê-la novamente, não precisaria ter esperado até então. Teria feito o que ela acreditava que faria no lugar dele quando houvesse conquistado a independência tão desejada.

Charles e Mary voltaram encantados com seu novo conhecido e a visita em geral. Houve música, canto, conversas, risos, tudo o mais agradável. Os modos do capitão Wentworth eram encantadores, sem timidez ou reserva. Todos pareciam se conhecer perfeitamente, e ele viria na manhã seguinte para caçar com Charles. Viria tomar o café da manhã, mas não no chalé, embora isso tivesse sido proposto a princípio. Em vez disso, Charles fora pressionado a ir à Casa Grande, pois o capitão parecia ter medo de incomodar a senhora Charles Musgrove por causa da criança. Portanto, de alguma forma, mal sabiam como, Charles é que iria encontrá-lo para o café da manhã na casa do pai.

Anne entendeu. Ele queria evitar vê-la. Havia perguntado por ela, ficou sabendo, de modo casual, como cabia a um antigo conhecido. Demonstrou o mesmo interesse que ela, movido, talvez, pela mesma intenção de escapar a uma apresentação quando se encontrassem.

As atividades matinais do chalé sempre ocorriam mais tarde do que na outra casa. No dia seguinte, a diferença era tão grande que Mary e Anne estavam apenas começando o café da manhã quando Charles entrou para dizer que estava partindo, que ele tinha vindo buscar seus cães e as irmãs estavam vindo com o capitão Wentworth. As irmãs queriam visitar Mary e a criança, e o capitão Wentworth propôs também uma visita de alguns

minutos, se não fosse inconveniente. E, embora Charles tivesse respondido que não seria inconveniente para o filho, o capitão Wentworth não ficaria satisfeito se ele não viesse antes avisar.

Mary, muito satisfeita por essa atenção, ficou encantada em recebê-lo, enquanto mil sentimentos passaram pela cabeça de Anne, dos quais o mais consolador era que tudo logo terminaria. E logo acabou. Dois minutos depois do aviso de Charles, os outros apareceram. Estavam na sala de visitas. Seus olhos encontraram-se com os do capitão Wentworth, que fez uma reverência. Ela ouviu a voz dele; ele conversou com Mary, disse tudo o que era apropriado, falou alguma coisa para as irmãs Musgrove, o suficiente para marcar uma relação amigável. A sala parecia cheia de pessoas e vozes, mas, em poucos minutos, tudo terminou. Charles apareceu na janela, estava tudo pronto, o visitante curvou-se e foi embora, e as irmãs Musgrove também, pois, de repente, tinham resolvido caminhar até o fim da aldeia com os caçadores. A sala ficou vazia, e Anne pôde terminar seu café da manhã.

“Acabou! Acabou!”, repetiu para si mesma várias vezes, com tensa gratidão. “O pior já passou!”

Mary disse alguma coisa, mas ela não conseguia prestar atenção. Ela o vira. Tinham se encontrado, estado mais uma vez na mesma sala.

Logo, porém, começou a tentar se tranquilizar. Oito anos, quase oito anos haviam se passado desde que o relacionamento deles terminara. Que absurdo seria retomar a agitação que o tempo deveria ter eliminado! O que oito anos não eram capazes de fazer? Eventos de todos os tipos, mudanças, distanciamentos, partidas, tudo, tudo podia estar contido nesse tempo, além do esquecimento do passado... O que é natural e correto também! Significava quase um terço de sua vida.

Nossa! Com todo esse raciocínio, descobriu que, para os sentimentos tenazes, oito anos podem ser pouco mais do que nada.

Agora, quais seriam os sentimentos dele? Talvez desejasse evitá-la? E, no momento seguinte, ela estava se odiando pela tolice de ter-se feito esta pergunta.

Outra pergunta que talvez, mesmo sendo mais sábia, ela tivesse evitado,

logo foi poupada de todo suspense, pois, assim que as irmãs Musgrove voltaram e concluíram a visita ao chalé, recebeu uma informação espontânea de Mary:

– O capitão Wentworth não foi muito galante com você, Anne, embora tenha sido muito atencioso comigo. Henrietta perguntou o que tinha achado de você, quando saíram, e ele disse que “você estava tão mudada que ele não a teria reconhecido”.

Mary não tinha sensibilidade para respeitar a da irmã de uma maneira comum, mas nem sequer desconfiou de que pudesse estar abrindo uma ferida.

“Irreconhecível.” Anne caiu, silenciosamente, em profunda tristeza. Devia ser mesmo assim, e não podia revidar, pois ele não estava diferente, ou pelo menos não havia piorado. Já havia reconhecido isso para si mesma e não podia pensar de outra forma, independentemente de como ele a tivesse visto. Não... Os anos que haviam destruído a juventude e a beleza de Anne só tinham feito dar a ele uma aparência ainda mais vistosa, viril e franca, de modo algum diminuindo suas vantagens pessoais. Ela viu o mesmo Frederick Wentworth.

“Tão mudada que ele não a teria reconhecido!” eram palavras que ela não podia esquecer. No entanto, logo começou a se alegrar por tê-las ouvido. Traziam sobriedade, aliviavam a agitação, serenavam e, conseqüentemente, deveriam deixá-la mais feliz.

Frederick Wentworth tinha usado essas palavras, ou algo parecido, mas sem saber que ela iria ouvi-las. Achara a moça muito mudada e, quando perguntado a respeito, dissera o que tinha sentido. Não perdoara Anne Elliot. Ela o havia maltratado, abandonado e desapontado. Pior: demonstrara uma fraqueza de caráter ao fazer tudo isso, algo que o temperamento decidido e confiante dele não podia suportar. Desistira dele para agradar outras pessoas. Cedera à persuasão. Fora fraca e

acanhada.

Ele tinha muita afeição por Anne e nunca conhecera uma mulher igual; contudo, exceto por uma questão de curiosidade natural, não desejava

encontrá-la novamente. O poder de Anne sobre ele tinha desaparecido para sempre.

O objetivo dele agora era se casar. Era rico e tinha voltado para a terra firme com a intenção de se estabelecer assim que encontrasse alguém digno. Realmente estava procurando, pronto para se apaixonar a toda a rapidez que uma mente alerta e um gosto veloz pudessem permitir. Poderia ser atraído por qualquer uma das irmãs Musgrove, se elas fossem capazes de capturá-lo. Seu coração poderia ser fêgado, em suma, por qualquer jovem agradável que surgisse em seu caminho, com exceção de Anne Elliot. Foi o único segredo que guardou, quando disse para a irmã, em resposta às suposições desta:

– Sim, aqui estou eu, Sophia, pronto para um casamento tolo. Qualquer mulher entre 15 e 30 anos serviria. Um pouco de beleza, alguns sorrisos, alguns elogios à Marinha, e sou um homem perdido. Isso não deveria bastar para um marinheiro, que não teve convívio suficiente entre as mulheres para se tornar exigente?

Frederick dizia isso para ser contrariado, ela sabia. Seu olhar brilhante e orgulhoso mostrava a convicção de que ele era, sim, exigente. E Anne Elliot não estava fora de seus pensamentos quando descreveu com seriedade a mulher que gostaria de encontrar.

– Uma mente decidida e modos gentis – foi tudo o que disse. – Essa é a mulher que eu quero. É claro que posso me contentar com alguém um pouco inferior, mas não muito. Se eu estiver sendo tolo, então sou mesmo um tolo, pois pensei mais no assunto do que a maioria dos homens.



Capítulo 8

Desse momento em diante, o capitão Wentworth e Anne Elliot encontraram-se várias vezes. Logo, estavam jantando juntos em companhia do senhor Musgrove, pois o estado do menino não podia mais fornecer à tia desculpas para se ausentar. E isso foi apenas o começo de outros jantares e outras reuniões.

Se os antigos sentimentos iriam renascer era algo que ainda restava ver, pois os velhos tempos, sem dúvida, deviam ter voltado à lembrança de ambos. Era impossível que não ressurgissem; e o ano de seu noivado não podia deixar de ser citado pelo capitão nas pequenas narrativas e descrições suscitadas pela conversa. Sua profissão qualificava-o para falar, e sua disposição levava-o a tal. “Isso foi no sexto ano” e “Isso aconteceu antes de eu partir para o mar, no sexto ano” foram coisas que ele disse no decorrer da primeira noite que passaram juntos. E, apesar da firmeza na voz do capitão, e embora a moça não tivesse razão para supor que os olhos dele vagavam na direção dela enquanto falava, Anne sentia a absoluta impossibilidade, por saber o que Frederick pensava, de não ter o mesmo tipo de lembranças que ela. Deveria haver a mesma associação imediata de ideias, embora ela, nem de longe, imaginasse que a dor fosse igual.

Eles não conversaram nada em particular, nenhuma troca de frases além do que a boa educação exigia. Antes, eram tudo um para o outro! Agora, nada! Houve um tempo em que, mesmo com todo o grande grupo atual que ocupava a sala de visitas em Uppercross, teriam achado muito difícil deixar de conversar um com o outro. Com a exceção, talvez, do almirante

e da senhora Croft, que pareciam particularmente próximos e felizes (Anne não permitia outras exceções, mesmo entre os casais), não poderia haver dois corações tão abertos, nem gostos tão similares, sentimentos tão harmoniosos, comportamentos tão adoráveis. Agora, eram como estranhos. Não, mais do que estranhos, pois nunca poderiam voltar a se aproximar. Era um afastamento perpétuo.

Quando ele falava, Anne ouvia a mesma voz e discernia a mesma mente. Havia uma ignorância generalizada de todos os assuntos navais entre o grupo, e Frederick foi alvo de muitos questionamentos, especialmente por parte das irmãs Musgrove, que pareciam ter olhos apenas para o rapaz. Perguntavam como era a vida a bordo, sobre as regras diárias, a comida, os horários etc. A surpresa das duas pelo que ele contava, ao serem informadas sobre o grau de conforto possível a bordo, provocou nele um divertimento agradável que fez Anne recordar seus próprios dias de ignorância, quando também foi acusada de imaginar que os marinheiros viajavam sem nada para comer, nem qualquer cozinheiro para preparar a comida que houvesse, nem qualquer criado para servir, nem qualquer faca e garfo para usar.

Enquanto escutava e refletia, Anne foi despertada por um sussurro da senhora Musgrove, que, dominada por pesarosos arrependimentos, não se conteve:

– Ah, senhorita Anne! Se os céus tivessem poupado meu pobre filho, ousou dizer que ele seria outra pessoa hoje.

Anne deteve o riso e ouviu gentilmente, enquanto a senhora Musgrove aliviava um pouco mais seu coração. Por alguns minutos, não conseguiu acompanhar a conversa dos outros.

Quando pôde voltar a dirigir sua atenção para seu rumo natural, viu que as irmãs Musgrove tinham ido buscar o Registro da Marinha (seu próprio registro, o primeiro de Uppercross) e sentado-se para examiná-lo, com a intenção de descobrir os navios que o capitão Wentworth havia comandado.

– Lembro que seu primeiro navio foi o *Asp*. Vamos procurar o *Asp*.

– Não vão encontrá-lo aí. Já estava bastante desgastado e quebrado. Fui o

último homem a comandá-lo. Já não servia naquela época. Foi considerado apto apenas para o serviço costeiro por um ou dois anos, e então me enviaram para as Índias Ocidentais.

As moças pareciam maravilhadas.

– O Almirantado de vez em quando se diverte, enviando algumas centenas de homens ao mar em um navio sem condições de uso – continuou ele. Mas eles têm sempre muita gente para cuidar, e, assim, dá no mesmo que se afoguem ou não, sendo impossível selecionar qual tripulação pode fazer mais falta.

– Que horror! – exclamou o almirante. – As coisas que esses jovens falam! Nunca houve, na época, um navio melhor que o *Asp*. Para uma velha chalupa, não havia igual. Sorte do homem que teve a oportunidade

de comandá-la! Pois ele sabe que deve ter havido, pelo menos, outros 20 candidatos ao posto melhores do que ele. Homem de sorte o que consegue algo assim tão depressa, sem contar senão com seus próprios méritos.

– Eu sei que tive sorte, almirante, posso garantir – respondeu o capitão Wentworth, sério. – Fiquei tão satisfeito com meu posto o quanto poderia desejar. Na época, estar no mar era um grande objetivo, um objetivo muito grande. Eu queria estar fazendo alguma coisa.

– Sem dúvida. O que um jovem como o senhor poderia fazer em terra por meio ano? Quando o homem não tem uma esposa, logo quer voltar ao mar.

– Mas, capitão Wentworth! – exclamou Louisa. – O senhor deve ter ficado irritado quando chegou ao *Asp* e viu a velharia que tinham lhe dado.

– Eu já sabia muito bem como ele era – disse ele, sorrindo. – Não tinha mais descobertas a fazer do que a senhorita com relação ao modelo e à resistência de qualquer velha peliça que tivesse visto ser emprestada a metade de suas conhecidas até que, finalmente, em um dia muito chuvoso, chegasse às suas mãos. Ah! Era o querido velho *Asp* para mim. Fez tudo o que eu queria. E eu sabia que faria. Sabia que iríamos afundar juntos ou que ele seria responsável por meu sucesso. E nunca tive dois dias de mau tempo enquanto estávamos no mar. Depois de enfrentar tantos corsários a ponto de isso se tornar uma diversão, tive a boa sorte, em minha volta para

casa no outono seguinte, de encontrar a fragata francesa que eu tanto queria. Eu trouxe o *Asp* para Plymouth, e aqui houve outro exemplo de sorte. Tínhamos chegado há seis horas no canal Sound quando começou um vendaval que durou quatro dias e noites, e que teria destruído o pobre *Asp* na metade desse tempo, pois nosso contato com os franceses não melhorou em nada nossa condição. Vinte e quatro horas depois, eu seria apenas um galante capitão Wentworth, em

um pequeno parágrafo no canto dos jornais. Tendo desaparecido

em uma chalupa, ninguém mais se lembraria de mim.

Apenas Anne sentiu os próprios tremores, mas as exclamações de piedade e horror das irmãs Musgrove foram tão francas quanto

sinceras.

– Então, suponho... – disse a senhora Musgrove, em voz baixa, como se estivesse falando sozinha. – Ele assumiu o *Laconia*, e lá se encontrou com nosso pobre menino. Charles, meu querido... – continuou ela, puxando-o para perto. – Pergunte ao capitão Wentworth onde ele se encontrou pela primeira vez com seu pobre irmão. Eu sempre me esqueço...

– Foi em Gibraltar, mãe, disso eu sei. Dick tinha sido deixado ali

doente, com uma recomendação do antigo capitão ao capitão Wentworth.

– Ah! Mas, Charles, diga ao capitão Wentworth que ele não precisa ter medo de mencionar o pobre Dick na minha frente, pois seria um prazer ouvir um amigo tão bom falando dele.

Charles, agora um pouco mais atento às probabilidades de que isso acontecesse, apenas balançou a cabeça em resposta e afastou-se.

As moças foram procurar o *Laconia* no registro. O capitão Wentworth não conseguiu evitar o prazer de tomar o precioso volume nas próprias mãos para livrá-las do problema, e mais uma vez ler em voz alta a pequena declaração do nome e da categoria do navio, e seus oficiais atuais, com a observação de que também fora um dos melhores amigos que o homem pôde ter.

– Ah! Como foram felizes aqueles dias em que comandeí o *Laconia* !

Como ganhei dinheiro fácil com ele. Eu e um amigo fizemos um adorável cruzeiro pelas Ilhas Ocidentais. Pobre Harville, irmã! Você sabe o quanto ele era ávido por dinheiro: pior do que eu. Tinha uma esposa. Excelente companheiro. Jamais me esquecerei de sua felicidade. Toda a alegria que sentia era por ela. Desejei que estivesse comigo novamente no verão seguinte, quando tive a mesma sorte no Mediterrâneo.

– E tenho certeza, senhor, de que foi um dia de sorte para nós quando foi indicado como capitão daquele navio. Nunca nos esqueceremos do que o senhor fez – disse a senhora Musgrove.

Suas emoções obrigavam-na a falar baixo, e o capitão Wentworth, ouvindo apenas em parte, e provavelmente sem pensar em Dick Musgrove, parecia esperar algo mais.

– Meu irmão... – sussurrou uma das moças. – Mamãe está pensando no pobre Richard.

– Pobre rapaz! – continuou a senhora Musgrove. – Ele ficou tão estável e escreveu tanto enquanto estava sob seus cuidados! Ah! Teria sido tão bom se ele nunca tivesse se separado do senhor. Posso garantir, capitão Wentworth, que lamentamos muito que ele tenha deixado sua companhia.

Diante daquele discurso, houve uma expressão momentânea no rosto do capitão Wentworth, um certo brilho em seu olhar, uma contração em sua bela boca, que convenceu Anne de que, longe de compartilhar os desejos da senhora Musgrove em relação ao filho, ele provavelmente se esforçara para se livrar do rapaz. Mas fora uma expressão muito rápida para ser detectada por qualquer um que o entendesse menos que ela. No instante seguinte, já estava perfeitamente sério e controlado. Quase na mesma hora, veio até o sofá em que ela e a senhora Musgrove estavam sentadas, acomodou-se perto desta e, em voz baixa, falou sobre seu filho, fazendo-o com empatia e graça naturais. Mostrou a mais gentil consideração por tudo o que havia de real e sensato nos sentimentos da mãe.

Na verdade, estavam sentados no mesmo sofá, pois a senhora Musgrove havia aberto espaço para ele; estava separada de Frederick apenas por ela. Não era uma barreira insignificante, na verdade.

A senhora Musgrove tinha um tamanho generoso, substancial, infinitamente mais bem adaptado pela natureza para expressar boa disposição e bom humor do que ternura e emoção. Enquanto as agitações da forma esbelta e do rosto pensativo de Anne podiam ser consideradas completamente ocultas, o capitão Wentworth merecia algum crédito pelo autocontrole com que ouvia os longos e profundos suspiros sobre o destino de um filho que não causava nenhuma preocupação quando estava vivo.

Porte físico e tristeza mental, certamente, não precisam ser proporcionais. Uma pessoa grande e volumosa tem o mesmo direito de estar em profunda aflição quanto a mais graciosa criatura. Mas, justo ou não, existem conjunções impróprias que a razão tentará em vão defender, pois o gosto não poderá tolerar, e o ridículo irá colocar em evidência.

O almirante, depois de dar duas ou três voltas ao redor da sala com as mãos nas costas, e de ter a atenção chamada pela esposa,

aproximou-se do capitão Wentworth, sem nenhuma consideração pelo que pudesse estar interrompendo. Pensando apenas no que tinha em mente, começou a falar:

– Frederick, se você tivesse chegado uma semana mais tarde em Lisboa, na primavera passada, teriam pedido que transportasse *lady* Mary Grierson e as filhas.

– É mesmo? Ainda bem que não cheguei uma semana depois.

O almirante repreendeu-o por sua falta de galanteria. Ele se defendeu, embora professando que jamais admitiria de bom grado nenhuma mulher a bordo de seu navio, exceto no caso de um baile ou de uma visita de curta duração.

– Mas, se bem me conheço, não é por falta de galanteria a elas. É mais por saber como é impossível, mesmo com todos os esforços e sacrifícios, prover a bordo as acomodações de que as mulheres precisam – disse ele. – Não pode ser falta de galanteria, almirante, classificar como altas as exigências das mulheres por conforto pessoal. E é isso que eu faço. Odeio ouvir falar de mulheres a bordo ou vê-las a bordo. E nenhum navio sob meu comando jamais levará uma família de mulheres a lugar algum, se eu

puder evitar.

Isso fez sua irmã brigar com ele.

– Ah! Frederick! Não posso acreditar em você. Isso não passa de um refinamento sem importância! As mulheres podem ter tanto conforto a bordo quanto na melhor casa da Inglaterra. Acredito ter passado mais tempo a bordo do que a maioria das mulheres, e digo que não conheço nada superior às acomodações de um barco de guerra. Afirmo que não tenho conforto, mesmo em Kellynch Hall, maior do que sempre tive na maioria dos navios em que vivi. E foram cinco no total – disse, com uma espécie de reverência a Anne.

– Não é a mesma coisa – respondeu o irmão. – Você estava vivendo com seu marido e era a única mulher a bordo.

– Mas você mesmo trouxe a senhora Harville, a irmã, a prima e os três filhos dela de Portsmouth a Plymouth. Onde, então, estava essa sua galanteria superfina e extraordinária?

– Inteiramente misturada na minha amizade, Sophia. Eu ajudaria a esposa de qualquer oficial que precisasse e traria qualquer coisa de Harville do fim do mundo, se ele quisesse. Mas não pense que não senti estar fazendo algo errado.

– Pode acreditar: elas se sentiram muito confortáveis durante a viagem.

– Isso talvez não aumente meu respeito por elas. Uma quantidade tão grande assim de mulheres e crianças não tem o direito de se sentir confortável a bordo.

– Meu querido Frederick, você está falando da boca para fora. Veja... O que seria de nós, pobres esposas de marinheiros, que muitas vezes temos de passar de um quebra-mar a outro, seguindo nossos maridos, se todos pensassem como você?

– Minhas ideias, veja, não impediram que eu levasse a senhora Harville e toda a sua família até Plymouth.

– Mas eu odeio ouvi-lo falando desse modo, como se as mulheres fossem todas lindas damas, em vez de criaturas racionais. Nenhuma de nós espera

estar em águas calmas todos os dias.

– Ah, minha querida... – disse o almirante. – Quando ele tiver uma esposa, vai cantar uma música diferente. Quando estiver casado, se tivermos a boa sorte de viver para testemunhar outra guerra, vamos vê-lo fazer o que você e eu, e muitos outros, fizemos. Ele ficará muito grato a qualquer um que lhe traga a esposa.

– Ah, veremos mesmo.

– Então eu desisto! – exclamou o capitão Wentworth. – Quando pessoas casadas começam a me atacar dizendo: “Ah! Você vai pensar muito diferente quando estiver casado”, só consigo dizer: “Não, não vou”. E, assim, elas dizem novamente: “Sim, é claro que vai”, e não há como avançar.

Ele se levantou e se afastou.

– Que grande viajante a senhora deve ter sido! – disse a senhora Musgrove à senhora Croft.

– Viajei muito, senhora, nos 15 anos do meu casamento, embora muitas mulheres tenham viajado mais. Cruzei o Atlântico quatro vezes, fui e voltei uma vez das Índias Orientais e estive também em alguns lugares mais perto de casa: Cork, Lisboa e Gibraltar. Mas nunca fui além do estreito e nunca estive nas Índias Ocidentais. Bermuda e Bahamas, como a senhora bem sabe, não são consideradas parte das Índias Ocidentais.

A senhora Musgrove não tinha uma palavra a dizer em discordância. Nunca antes tivera qualquer consideração a fazer sobre esses lugares.

– E posso garantir à senhora que nada é superior às acomodações de um navio de guerra – prosseguiu a senhora Croft. – Quer dizer, estou falando dos melhores. Quando falamos de uma fragata, é claro, estamos mais confinados, embora qualquer mulher razoável possa ser perfeitamente feliz em uma delas. Na verdade, posso dizer, com segurança, que a época mais feliz da minha vida transcorreu a bordo de um navio. Enquanto estivéssemos juntos, não havia nada a temer. Graças a Deus! Sempre tive a bênção de uma excelente saúde e nenhum clima me desagrada. Sempre fiquei um pouco enjoada nas primeiras 24 horas no mar, mas nunca tive problemas com enjoos depois. A única vez em que realmente sofri, seja no

corpo ou na mente, a única vez em que me senti mal ou tive qualquer sensação de perigo, foi no inverno que passei sozinha em Deal, quando o almirante (então capitão Croft) estava nos mares do norte. Naquela época, eu vivia com medo o tempo todo, cheia de temores imaginários por não saber o que fazer, ou quando voltaria a ouvir falar dele, mas, quando estávamos juntos, nada me incomodava e nunca fiquei indisposta.

– Sim, com certeza. Sim, claro, sim! Concordo com sua opinião, senhora Croft – foi a resposta sincera da senhora Musgrove. – Não há nada pior do que uma separação. Concordo com sua opinião. Sei como é isso, porque o senhor Musgrove sempre assiste às audiências do tribunal do condado e fico feliz quando acabam, e ele volta em segurança.

A noite terminou com um baile. Quando a proposta foi feita, Anne ofereceu seus serviços, como de hábito, e, embora seus olhos por vezes se enchessem de lágrimas diante do instrumento, sentia-se muito feliz por estar tocando, e não desejava nada em troca, a não ser passar despercebida.

Foi uma festa divertida e alegre, e ninguém parecia mais animado do que o capitão Wentworth. Anne sentia que ele tinha todos os motivos para estar animado, sobretudo pela atenção geral que recebia e pela deferência especial de todas as jovens. As irmãs Hayter, moças da já mencionada família de primos, aparentemente tinham a ilusão de que poderiam se apaixonar por ele. Quanto a Henrietta e Louisa, ambas pareciam tão entretidas com ele que nada, a não ser demonstrações do mais perfeito entendimento entre as duas, poderia ter feito pensar que não eram fortes rivais. Quem poderia se surpreender que ele estivesse um pouco lisonjeado por tamanha admiração universal?

Esses eram alguns dos pensamentos que ocupavam Anne enquanto seus dedos se mexiam mecanicamente, prosseguindo por meia hora juntos, igualmente sem erros e sem consciência. Uma vez, sentiu o olhar dele sobre si, observando suas feições alteradas, talvez, tentando encontrar ali as ruínas do rosto que certa vez o haviam encantado. E, em outra ocasião, não teve dúvidas de que havia mencionado seu nome. Mal percebera até ouvir a resposta, mas, então, teve certeza de que ele perguntara a seu par se a senhorita Elliot nunca dançava. “Ah, não; nunca, ela desistiu de

dançar. Preferia tocar. Ela nunca se cansa de tocar” foi a resposta. Uma vez, também, ele falou com ela. Anne havia deixado o instrumento ao fim do baile, e ele se sentou na banquetta para tentar mostrar uma melodia às irmãs Musgrove. Sem querer, ela voltou para aquela parte da sala. Ele a viu e, levantando-se na mesma hora, disse com polidez estudada:

– Desculpe, senhora, este é seu lugar – e, embora Anne imediatamente recuasse com uma negativa decidida, ele não voltou a se sentar.

Anne não desejava mais esses olhares e conversas. A polidez fria e a graça cerimoniosa de Frederick eram piores do que qualquer coisa.



Capítulo 9

O capitão Wentworth via Kellynch como sua própria casa, para ficar o tempo que quisesse, sendo o objeto da bondade fraterna irrestrita tanto do almirante quanto da esposa deste. Tinha pensado, logo ao chegar, em ir sem demora para Shropshire e visitar o irmão ali instalado, mas as atrações de Uppercross o levaram a desistir da ideia. Havia tanta simpatia e adulação, tinha ficado tão encantado com a recepção que recebera, os velhos eram tão hospitaleiros, os jovens tão agradáveis, que ele não pôde senão decidir permanecer onde estava, e aceitar um pouco mais de todos os encantos e perfeições da esposa de Edward.

Logo estava indo a Uppercross quase todos os dias. Os Musgrove não poderiam estar mais dispostos a convidá-lo para vir, especialmente

de manhã, quando não tinham companhia em casa. Isso porque

almirante e a senhora Croft geralmente saíam juntos para investigar

a nova propriedade, seus gramados e ovelhas, passeando com um

vagar insuportável para uma terceira pessoa, ou então saindo no

cabriolé recém-acrescentado a seu patrimônio.

Até então, a opinião dos Musgrove e seus dependentes sobre o capitão Wentworth era unânime. A admiração era invariável e calorosa em toda parte, mas essa relação familiar estava apenas começando a se estabelecer quando um certo Charles Hayter voltou ao convívio do grupo e

ficou muito perturbado com a situação, tendo sobre o capitão Wentworth uma opinião muito diferente.

Charles Hayter era o mais velho dos primos, um jovem muito afável e cortês. Entre ele e Henrietta, sempre houvera um considerável vínculo anterior à chegada do capitão Wentworth. Ele era sacerdote e, sendo vigário em uma região próxima, onde não era necessário residir, morava na casa do pai, a apenas três quilômetros de Uppercross. Uma curta ausência de casa deixara sua bela desguarnecida de suas atenções naquele período crítico. Quando voltou, teve o desgosto de ver os modos de Henrietta muito alterados, além de encontrar o capitão Wentworth.

A senhora Musgrove e a senhora Hayter eram irmãs. As duas tinham dinheiro, mas seus casamentos tinham representado uma diferença material no grau de prestígio. O senhor Hayter tinha algumas propriedades, porém insignificantes se comparadas com as do senhor Musgrove. Enquanto os Musgrove ocupavam o primeiro escalão da sociedade local, os jovens da família Hayter, devido ao modo de vida inferior, isolado e pouco refinado dos pais, e à sua própria educação deficiente, dificilmente poderiam ser enquadrados em alguma classe, a não ser por sua relação com Uppercross. Esse filho mais velho constituía uma exceção, pois escolhera ser um erudito e distinto cavalheiro, sendo muito superior em intelecto e boas maneiras a todos os demais.

As duas famílias sempre haviam tido uma excelente relação, uma vez que não havia orgulho de um lado nem inveja do outro, apenas uma certa consciência de superioridade de parte das irmãs Musgrove que as fazia ter prazer em ajudar seus primos. As atenções de Charles para com Henrietta eram vistas por seu pai e sua mãe sem qualquer desaprovação.

– Não seria um grande casamento para ela, mas, se Henrietta gosta dele... – e ela parecia realmente gostar.

A própria Henrietta tinha certeza disso antes da chegada do capitão Wentworth, mas, a partir daquele momento, o primo Charles ficou praticamente esquecido.

Até onde Anne podia observar, ainda pairavam dúvidas sobre qual das duas irmãs era a preferida do capitão Wentworth. Henrietta talvez fosse a

mais bonita; Louisa, a mais alegre; e ela não sabia se ele gostava mais de um temperamento mais suave ou mais agitado.

Fosse por pouco notarem ou pela total confiança no comportamento de suas filhas e de todos os jovens que se aproximavam delas, o senhor e a senhora Musgrove pareciam deixar tudo ao acaso. Não havia o menor indício de preocupação ou comentário sobre eles na Casa Grande, mas em Uppercross Cottage era diferente. O jovem casal que ali residia estava mais propenso a especular e questionar, e bastou o capitão Wentworth encontrar as irmãs Musgrove quatro ou cinco vezes, e Charles Hayter reaparecer, para Anne ter de ouvir as opiniões de seu cunhado e sua irmã sobre de qual delas o rapaz gostava mais. Charles apostava em Louisa; Mary, em Henrietta, mas ambos concordavam que uma união com qualquer uma das duas seria excelente.

Charles “jamais conhecera um homem tão agradável e, pelo que ouvira certa vez da boca do próprio capitão Wentworth, tinha certeza de que ele não havia acumulado menos que 20 mil libras na guerra. Uma fortuna repentina. Além disso, havia a perspectiva de ganhar ainda mais em uma guerra futura, e ele estava certo de que o capitão Wentworth tinha tanta chance de se destacar quanto qualquer outro oficial da Marinha.

Ah! Seria um casamento excelente para qualquer uma das duas irmãs”.

– Pode ter certeza disso – respondeu Mary. – Meu Deus! Imagine se ele algum dia recebe uma grande honraria! Ele poderia ser baronete! “*Lady Wentworth*” soa muito bem. Seria mesmo maravilhoso para Henrietta! Ela teria primazia sobre mim. E ia gostar bastante disso. *Sir* Frederick e *lady* Wentworth! Mas seria um título recém-criado, e nunca gosto muito de títulos assim.

Era mais conveniente para Mary pensar que Henrietta fosse a preferida, justamente por causa de Charles Hayter, cujas pretensões ela desejava eliminar. Tinha total desprezo pelos Hayter e achava que seria uma grande desgraça ver a ligação entre as famílias renovada. Seria uma tristeza para ela e seus filhos.

– Sabe... – disse ela. – Não consigo considerá-lo um partido adequado

para Henrietta, e, considerando as alianças que os Musgrove fizeram, ela não tem o direito de jogar tudo isso fora. Não acho que nenhuma jovem tenha o direito de fazer uma escolha que possa ser desagradável e inconveniente para a parte mais importante da família e criar conexões ruins para quem não está acostumado com elas. E, por Deus, quem é Charles Hayter? Nada mais do que um cura do campo. Um enlace muito inadequado para a senhorita Musgrove, de Uppercross.

O marido, porém, não concordava, pois, além de ter consideração pelo primo, Charles Hayter era o filho mais velho. E Charles via as coisas também da perspectiva do primogênito.

– Agora você está falando bobagem, Mary – foi, portanto, sua resposta. – Não seria um bom casamento para Henrietta, mas Charles tem uma boa chance, por meio dos Spicer, de conseguir algo do bispo em um ou dois anos, e não esqueça que ele é o primogênito: quando meu tio morrer, herdará bens consideráveis. A propriedade em Winthrop não tem menos de 100 hectares – isso para não falar da fazenda perto de Taunton, que tem uma das melhores terras do país. Concordo que qualquer outro primo que não Charles seria uma ligação muito chocante para Henrietta. E, de fato, isso não poderia acontecer: ele é o único par possível, mas um rapaz de boa natureza, e, quando tomar posse de Winthrop, mudará completamente o lugar e viverá ali de uma maneira muito diferente. Com essa propriedade, jamais será digno de desprezo... É uma bela propriedade. Não, não. Henrietta poderia fazer coisa muito pior do que se casar com Charles Hayter. E, se ela terminar com ele e Louisa com o capitão Wentworth, ficarei muito satisfeito.

– Charles pode dizer o que quiser! – exclamou Mary para Anne, assim que o marido saiu da sala. – Mas seria chocante que Henrietta se casasse com Charles Hayter, algo muito ruim para ela e, ainda pior, para mim. Portanto, é muito desejável que o capitão Wentworth possa, em breve, tirá-lo completamente da cabeça dela, e tenho poucas dúvidas de que já não tenha tirado. Ela quase não notou Charles Hayter ontem. Queria que você estivesse lá para ver o comportamento dela. E, quanto ao fato de o capitão Wentworth gostar tanto de Louisa quanto de Henrietta, é um absurdo dizer

isso, pois ele certamente gosta mais de Henrietta. Mas Charles é tão otimista! Gostaria que você tivesse estado conosco ontem, pois, assim, poderia ter decidido essa disputa. Tenho certeza de que teria pensado como eu, a menos que estivesse determinada a me contrariar.

Um jantar na casa do senhor Musgrove fora a ocasião em que todas essas coisas poderiam ter sido vistas por Anne, mas ela havia ficado em casa, sob o pretexto de uma dor de cabeça e do retorno da indisposição do pequeno Charles. Na verdade, apenas desejava evitar o capitão Wentworth, mas escapar de ser usada como árbitro se somava às vantagens de uma noite tranquila.

Quanto aos pontos de vista do capitão Wentworth, considerava mais importante que ele tomasse sua própria decisão cedo o bastante, para não pôr em risco a felicidade de uma das irmãs ou prejudicar sua própria honra, do que o fato de preferir uma ou a outra. Qualquer uma delas, com toda a probabilidade, seria uma esposa afetuosa e agradável para ele. No que dizia respeito a Charles Hayter, sentia a dor que podia causar a conduta irrefletida de uma jovem, e seu coração simpatizava com qualquer sofrimento que esta ocasionasse. Mas, se Henrietta estivesse equivocada quanto à natureza dos próprios sentimentos, essa mudança deveria ser comunicada.

Charles Hayter havia se deparado com muitas mudanças no comportamento da prima, a ponto de ficar preocupado. O afeto entre eles era muito antigo para morrer em apenas dois encontros, a ponto de extinguir todas as suas esperanças e não lhe deixar outra alternativa que não ir embora de Uppercross. Mas a mudança nela ocorrida tornava-se preocupante quando um homem como o capitão Wentworth poderia ser considerado a provável causa. Charles Hayter estivera ausente por apenas dois domingos, e, quando se separaram, ela se mostrava interessada em sua perspectiva de logo abandonar seu curato atual e obter o de Uppercross. Parecia, então, que seu maior desejo era que doutor Shirley, o reitor, que há mais de 40 anos cumpria

zelosamente todos os deveres de seu cargo, mas agora estava muito enfermo para tantas exigências, solicitasse os serviços de um cura, nos melhores termos possíveis, e promettesse o posto para Charles Hayter. A vantagem de ter de ir apenas até Uppercross, em vez de percorrer dez quilômetros na outra direção, de ter um curato melhor, de trabalhar para o querido doutor Shirley, de poder aliviá-lo dos deveres que já não podia mais cumprir sem se cansar, tinham interessado

até mesmo Louisa, mas, sobretudo, como era lógico, Henrietta. Quando ele voltou, ai! O interesse no negócio tinha desaparecido. Louisa não conseguiu ouvir nada sobre o relato de uma conversa que ele acabara

de ter com o doutor Shirley: estava na janela, esperando o capitão Wentworth. E mesmo Henrietta tinha, no máximo, uma atenção dividida para dar, parecendo ter perdido todo o interesse na questão.

– Bem, estou muito feliz, de verdade, mas sempre soube que o senhor conseguiria. Sempre estive certo disso. Não me pareceu que... Em suma, o senhor sabe, o doutor Shirley precisa de um cura, e o senhor já havia obtido sua promessa. Ele está chegando, Louisa?

Certa manhã, logo depois do jantar nos Musgrove, ao qual Anne não estivera presente, o capitão Wentworth entrou na sala de visitas do chalé, ocupada apenas por ela e o pequeno acidentado Charles, que estava deitado no sofá.

A surpresa de se encontrar quase sozinho com Anne Elliot alterou a habitual compostura de seus modos. Tudo o que conseguiu dizer foi: “Achei que as irmãs Musgrove estivessem aqui. A senhora Musgrove disse-me que as encontraria aqui”, antes de se dirigir à janela para se recompor e pensar em como se comportar. “Elas estão no andar

de cima com a minha irmã; acho que já vão descer”, respondera Anne, com natural confusão. E, se a criança não a tivesse chamado para

ajudar com algo, teria saído da sala no momento seguinte e libertado

o capitão Wentworth, assim como ela mesma, do embaraço.

Ele continuou na janela. Depois de dizer calma e educadamente “Espero que o menino esteja melhor”, ficou em silêncio.

Foi obrigada a se ajoelhar ao lado do sofá e permanecer ali para satisfazer seu paciente. Assim, continuaram por alguns minutos, quando, para sua grande satisfação, ela ouviu outra pessoa cruzando o pequeno vestíbulo. Esperava, ao se virar, ver o dono da casa, mas acabou sendo alguém que não iria facilitar nada as coisas... Charles Hayter, provavelmente tão contrariado ao ver o capitão Wentworth quanto este havia ficado ao ver Anne.

Ela só conseguiu dizer:

– Como está? Não quer se sentar? Os outros virão em breve.

O capitão Wentworth, no entanto, afastou-se da janela, aparentemente com disposição para conversar. Mas Charles Hayter logo pôs fim a qualquer possibilidade disso, sentando-se perto da mesa e pegando o jornal, e o capitão Wentworth voltou para a janela.

Passado um minuto, mais um visitante chegou. O menino mais novo, um garotinho robusto e expansivo de 2 anos de idade, após alguém do lado de fora lhe abrir a porta, veio de modo determinado até eles e foi direto até o sofá para ver o que se passava, pedindo qualquer coisa boa que pudessem estar comendo.

Não havendo nada para comer, só poderia dedicar-se a brincar, e, como a tia não o deixava provocar o irmão doente, começou a mexer com ela, enquanto estava ajoelhada, de tal maneira que, ocupada como estava com Charles, não conseguia afastá-lo. Anne falou com o menino, ordenou, suplicou e insistiu em vão. Esforçou-se para afastá-lo, mas o menino ficou muito feliz subindo nas costas dela de novo.

– Walter, desça agora. Você está se comportando mal. Estou muito zangada com você.

– Walter! – exclamou Charles Hayter. – Por que você não faz o que pedem? Você não ouviu sua tia falar? Vem até aqui, Walter. Vem com o primo Charles.

Mas Walter não se mexeu.

Mais um momento, no entanto, e viu-se livre dele. Alguém o estava

tirando de cima dela, separando as pequenas e robustas mãos de seu pescoço. O garoto foi levantado antes de ela perceber que tinha sido o capitão Wentworth.

Nesse momento, suas sensações deixaram-na totalmente sem palavras. Ela não conseguiu sequer lhe agradecer. Tudo o que conseguiu fazer foi se curvar sobre o pequeno Charles com os sentimentos totalmente desordenados. A gentileza dele ao adiantar-se para aliviá-la, a maneira e o silêncio com que o tinha feito, os pequenos detalhes da circunstância, a convicção, pelo barulho que ele produzia deliberadamente com a criança, de que não queria ouvir o agradecimento de Anne e que conversar com ela era a última coisa que desejava produziram uma mistura de emoções cambiantes, mas muito dolorosas. Não conseguiu se recuperar destas até a entrada de Mary e das irmãs Musgrove, o que lhe permitiu deixar seu pequeno paciente aos cuidados delas e sair da sala. Não podia ficar. Talvez tivesse sido uma boa oportunidade de observar os amores e ciúmes dos quatro agora que estavam todos reunidos, mas ela não conseguiu ficar para nada disso. Era evidente que Charles Hayter não gostava do capitão Wentworth. Pensava tê-lo ouvido dizer, em um tom de voz exaltado, depois da interferência do capitão Wentworth: “Você deveria ter me obedecido, Walter. Eu falei para não importunar sua tia”. E compreendeu que ele lamentava que o capitão Wentworth tivesse feito o que cabia a ele. Mas nem os sentimentos de Charles Hayter nem os de mais ninguém podiam interessá-la até que fosse capaz de entender um pouco melhor os seus próprios. Estava sentindo vergonha de si mesma, de estar tão nervosa, tão abalada por algo tão insignificante. Mas estava assim, e isso exigiu um longo período de solidão e reflexão para que se recuperasse.



Capítulo 10

Não faltariam oportunidades para que fizesse suas observações. Em pouco tempo, Anne estivera em companhia de todos os quatro juntos com uma frequência suficiente para ter uma opinião, embora fosse sensata demais para mencionar o assunto em casa, onde sabia que não agradaria nem marido nem esposa. Pois, embora considerasse Louisa a preferida, não podia deixar de pensar, atrevendo-se a julgar pela memória e pela experiência, que o capitão Wentworth não estava apaixonado por nenhuma das duas. Elas estavam muito apaixonadas por ele, mas aquilo não era amor. Era uma pequena febre de paixão que poderia, e provavelmente iria, se transformar em amor. Charles Hayter parecia consciente de ser menosprezado. No entanto, às vezes, Henrietta tinha o ar de estar dividida entre os dois. Anne queria poder conversar com eles sobre tudo o que estavam fazendo e apontar alguns dos males aos quais estavam se expondo. Não achava que nenhum deles estivesse sendo malicioso. Sentiu grande satisfação ao perceber que o capitão Wentworth não estava nem um pouco ciente da dor que estava causando. Não demonstrava em seus modos nenhum triunfo mesquinho. Provavelmente, nunca tinha ouvido falar nem levado em consideração qualquer interesse por parte de Charles Hayter. Seu único erro estava em aceitar as atenções (pois aceitar era a palavra certa) de duas moças ao mesmo tempo.

Após um breve combate, Charles Hayter parecia ter desistido. Passaram-se três dias sem que ele tivesse vindo uma vez sequer a Uppercross; uma mudança e tanto. Ele até mesmo recusara um convite de praxe para jantar,

e, depois de ser flagrado em certa ocasião pelo senhor Musgrove com alguns livros grandes abertos diante de si, este e a senhora Musgrove tiveram certeza de que havia alguma coisa errada. Com o semblante sério, advertiram Charles de que ele morreria de tanto estudar. Mary acreditava e torcia para que ele tivesse recebido uma recusa clara de Henrietta, enquanto seu marido vivia sob a constante expectativa de vê-lo no dia seguinte. Anne, por sua vez, pensava apenas que Charles Hayter era um homem muito sensato.

Certa manhã, quando Charles Musgrove e o capitão Wentworth saíram juntos para caçar, e as irmãs estavam sentadas em silêncio trabalhando no chalé, as duas moças da Casa Grande apareceram na janela.

Era um belo dia de novembro, e as irmãs Musgrove tinham atravessado o campo, parando apenas para dizer que dariam uma longa caminhada e, portanto, imaginavam que Mary não gostaria de acompanhá-las. Mary retrucou de imediato, um pouco ofendida por acharem que ela não gostava de caminhar:

– Ah, sim, eu gostaria muito de me juntar a vocês. Gosto muito de uma longa caminhada.

Anne convenceu-se, pelo olhar das irmãs, de que aquilo era precisamente o oposto do que desejavam. Então, admirou mais uma vez o tipo de necessidade que os hábitos familiares pareciam produzir de que tudo deveria ser comunicado e ser feito em conjunto, por mais indesejável e inconveniente que isso fosse. Ela tentou dissuadir Mary de ir, mas em vão. Assim, achou melhor aceitar o cordial convite das irmãs Musgrove para ir também, pois desse modo poderia voltar com a irmã e diminuir a interferência em qualquer plano que as duas pudessem ter.

– Não consigo imaginar por que elas acham que não gosto de longas caminhadas – disse Mary, enquanto subiam as escadas. – Todo mundo está sempre achando que não sou uma boa caminhante, mas acho que elas não teriam ficado muito contentes se eu tivesse me recusado a acompanhá-las. Quando as pessoas vêm dessa maneira de propósito para nos convidar, como é possível dizer não?

Logo que elas saíram, os cavalheiros voltaram. Havia levado consigo

um cão jovem que estragara a caçada e os obrigara a voltar mais cedo. Portanto, o horário, a força e a disposição dos homens eram perfeitos para uma caminhada, de modo que se juntaram às moças com prazer. Se Anne pudesse ter previsto tal situação, teria ficado em casa, porém, sentindo algum interesse e curiosidade, imaginou que fosse tarde demais para recuar. Os seis partiram juntos na direção escolhida pelas irmãs Musgrove, que se consideravam as guias da caminhada.

O objetivo de Anne era não atrapalhar ninguém e, nos trechos estreitos a cruzar os campos, que obrigava a muitas separações, manter-se com o cunhado e a irmã. Seu prazer em caminhar vinha do exercício e do dia ensolarado, da visão dos últimos sorrisos do ano sobre as folhas amareladas e as sebes murchas, e de repetir para si mesma algumas das milhares de descrições poéticas do outono, estação de influência peculiar e inesgotável na mente de pessoas frágeis e refinadas, que inspirara em todo poeta digno de ser lido algumas descrições ou versos sensíveis. Ela ocupava a mente ao máximo com esses devaneios e citações, mas, por vezes, não conseguia, pois, quando estava perto, era impossível não ouvir a conversa do capitão Wentworth com qualquer uma das irmãs Musgrove. No entanto, ouviu pouca coisa importante. Era uma conversa animada, como a que quaisquer jovens, em um ambiente íntimo, poderiam ter. Estava mais envolvido com Louisa, que certamente chamava mais a atenção dele do que Henrietta. Essa distinção pareceu aumentar. Então, uma fala de Louisa chamou a atenção de Anne. Depois de um dos muitos elogios do dia, que eram ditos o tempo todo, o capitão Wentworth acrescentou:

– Que clima glorioso para o almirante e minha irmã! Eles queriam dar um longo passeio hoje de manhã. Talvez possamos saudá-los de alguma dessas colinas. Eles disseram que viriam para este lado do campo. Eu me pergunto onde irão capotar hoje. Ah! Isso acontece com muita frequência, eu lhes garanto, mas para minha irmã tanto faz ser ou não arremessada da carruagem.

– Ah, sei que o senhor está exagerando! – exclamou Louisa. – Mas, se o caso for mesmo esse, eu faria o mesmo no lugar dela. Se eu amasse um

homem, como ela ama o almirante, estaria sempre com ele, nada jamais iria nos separar. E eu preferiria ser derrubada por ele a ser conduzida em segurança por qualquer outra pessoa.

Disse isso com entusiasmo.

– É mesmo?! – exclamou o capitão Wentworth, usando o mesmo tom. – Eu a admiro!

E ficaram em silêncio por um tempo.

Anne não pôde se refugiar em nenhum dos versos de que tentava se lembrar. As belas cenas do outono foram deixadas de lado por um tempo, a não ser por algum delicado soneto repleto de analogias sobre o ano que declinava junto com a felicidade, e as imagens de juventude, esperança e primavera, todas juntas, abençoando sua memória. Quando eles enveredaram por outro caminho, ela perguntou:

– Esse não é um dos caminhos para Winthrop? – mas ninguém ouviu, ou, pelo menos, respondeu.

Seu destino, no entanto, era mesmo Winthrop, ou seus arredores

– pois, às vezes, era possível encontrar jovens passeando perto de casa. Depois de uma subida leve de quase um quilômetro através de grandes sebes, onde os arados em atividade e as trilhas recém-abertas mostravam o esforço do fazendeiro contra a doçura da poesia e sua intenção de trazer de volta a primavera, chegaram ao topo da mais alta das colinas, que separava Uppercross e Winthrop, e logo tiveram uma visão completa da última, ao pé da colina do outro lado.

Winthrop, sem beleza e sem dignidade, estendia-se diante deles: uma casa indiferente, baixa e cercada pelos celeiros e construções de uma fazenda.

– Meu Deus! – exclamou Mary. – Aqui está Winthrop. Juro que não tinha ideia! Bem, agora acho que é melhor voltarmos. Estou muito cansada.

Henrietta, constrangida e envergonhada, não vendo o primo Charles em trilha alguma, nem encostado em qualquer portão, estava pronta para fazer o que Mary desejava, porém:

– Não! – disse Charles Musgrove.

– Não, não! – exclamou Louisa, aflita, e, puxando a irmã de lado, pareceu discutir o assunto calorosamente.

Charles, enquanto isso, estava inteiramente decidido a visitar a tia, agora que estava tão perto, e tentava, embora mais temeroso, convencer a esposa a ir também. Mas este foi um dos pontos em que a senhora se mostrou decidida. Quando ele mencionou a vantagem que seria descansar 15 minutos em Winthrop, pois ela se sentia cansada, Mary respondeu resolutamente:

– Ah! Não, de jeito nenhum! Subir aquela colina novamente faria mais mal do que qualquer bem que esse tempo sentada poderia fazer

– em resumo, seu olhar e seu jeito mostravam que ela não iria.

Após uma pequena sucessão de debates e consultas, ficou resolvido entre Charles e suas duas irmãs que ele e Henrietta deviam simplesmente descer por alguns minutos, para ver a tia e os primos, enquanto o resto do grupo esperaria por todos no topo da colina. Louisa parecia a principal organizadora do plano, e, enquanto seguia a pequena trilha com eles, descendo a colina, ainda conversando com Henrietta, Mary aproveitou a oportunidade para olhar em volta com desdém e dizer ao capitão Wentworth:

– É muito desagradável ter parentes assim! Mas posso lhe assegurar que nunca estive naquela casa mais que duas vezes na vida.

Mary não recebeu nenhuma resposta além de um sorriso artificial de assentimento, seguido por um olhar de desprezo, quando ele se virou, algo que Anne sabia perfeitamente o que significava.

O topo da colina, onde ficaram, era um lugar agradável. Louisa voltou, e Mary, depois de encontrar um lugar confortável onde se sentar, no degrau de uma passagem na sebe, mostrou-se muito satisfeita enquanto os outros permaneceram de pé ao seu redor. No entanto, quando Louisa se afastou com o capitão Wentworth para tentar colher avelãs em uma sebe próxima, ficando, aos poucos, fora de alcance da vista e dos ouvidos, revelou-se insatisfeita. Começou a reclamar do lugar em que estava

sentada. Tinha certeza de que Louisa encontrara um local melhor, e nada poderia impedi-la de fazer o mesmo. Ela se virou e atravessou a mesma passagem na sebe, mas não conseguiu vê-los. Anne encontrou um bom lugar para a irmã, sobre um aclive ensolarado e seco, sob a fileira de arbustos, e não tinha dúvidas de que os dois ainda estavam por ali, em algum lugar. Mary sentou-se por um momento, mas de nada adiantou. Ela tinha certeza de que Louisa havia encontrado um local melhor e continuaria até encontrá-la.

Anne, realmente cansada, ficou feliz em se sentar e logo ouviu o capitão Wentworth e Louisa na fileira de arbustos logo atrás, como se estivessem voltando pelo túnel selvagem e acidentado que corria no centro. Estavam conversando ao se aproximar. Ela percebeu primeiro a voz de Louisa. Parecia estar fazendo um acalorado discurso. O que Anne ouviu primeiro foi:

– Então, eu a mandei ir. Não pude suportar a ideia de desistir da visita por uma bobagem dessas. O quê! Eu deixaria de fazer algo que estava decidida a fazer, e que sabia ser correto, por causa da atitude e da interferência de uma pessoa assim, ou aliás de qualquer pessoa? Não, não sou tão facilmente persuadida. Quando me decido, estou decidida. E Henrietta também parecia inteiramente decidida a visitar Winthrop hoje, mas quase desistiu por conta de uma complacência absurda!

– Ela teria voltado então, se não fosse pela senhorita?

– Teria, sim. Quase tenho vergonha de dizer isso.

– Que sorte a dela ter uma mente como a sua por perto! Depois do que a senhorita me contou agora, o que apenas confirmou minhas próprias observações na última vez em que estive na companhia dele, percebo o que está acontecendo. Constató que se tratava de mais do que uma simples visita matinal de obrigação à sua tia. E pobre dele, e dela também, quando se tratar de coisas importantes, quando as circunstâncias exigirem coragem e força de caráter, se a moça não tiver a força de vontade necessária para resistir a uma interferência fútil em uma questão tão insignificante quanto essa. Sua irmã é adorável, mas vejo que é a senhorita que possui um caráter firme e decidido. Se valoriza a conduta ou a

felicidade dela, deve lhe transmitir ao máximo essa sua determinação. Mas isso, sem dúvida, a senhorita vem fazendo desde sempre. O pior dos males de um caráter maleável e indeciso é que não se pode confiar em ter influência sobre ele. Nunca podemos ter a certeza de que uma boa impressão será durável. Todos são capazes de influenciá-lo. Quem deseja ser feliz deve ser firme. Veja esta avelã, por exemplo – disse ele, pegando um fruto de um dos galhos mais altos. – Uma bela e reluzente avelã que, abençoada com uma força original, sobreviveu a todas as tempestades do outono. Nenhuma mácula, nenhum defeito em lugar algum. Esta avelã, enquanto muitas de suas irmãs caíram e foram pisoteadas, ainda contém toda a felicidade de que uma avelã é supostamente capaz – continuou ele, com divertida solenidade. Em seguida, retornou ao tom sincero: – Meu primeiro desejo em relação a todos por quem me interessa é que sejam firmes. Se Louisa Musgrove quiser ser bela e feliz no outono da vida, deve cuidar agora mesmo do espírito.

Ele terminara, e não houve resposta. Teria surpreendido Anne se Louisa pudesse responder prontamente a tal discurso: palavras que demonstravam tanto interesse, ditas com um fervor tão sério! Ela podia imaginar o que Louisa estava sentindo. Temia se mexer por medo de ser vista. Enquanto permanecesse onde estava, um arbusto de azeviche a protegia, e os dois foram se afastando. Antes que estivessem longe o suficiente, no entanto, Louisa voltou a falar.

– Mary tem muito boa índole em muitos aspectos – disse. – Mas, às vezes, irrita-me com suas bobagens e orgulho... O orgulho dos Elliot. Ela tem muito do orgulho dos Elliot. Gostaríamos tanto que Charles tivesse se casado com Anne no lugar dela... Suponho que o senhor saiba que ele queria se casar com Anne.

Depois de um momento de pausa, o capitão Wentworth falou:

– Quer dizer que ela recusou?

– Ah! Sim, claro.

– Quando isso aconteceu?

– Não sei exatamente, porque Henrietta e eu estávamos na escola na época, mas acredito que um ano antes do casamento dele com Mary.

Gostaria que ela o tivesse aceitado. Todos nós gostamos muito dela, e papai e mamãe sempre acharam que a culpa foi da amiga, *lady Russell*, o que não era. Acreditam que Charles não é instruído o

suficiente para agradar *lady Russell* e que, portanto, ela convenceu Anne a recusá-lo.

Os sons estavam diminuindo e Anne não conseguia mais ouvir. Suas próprias emoções deixaram-na imóvel. Ela precisava se recuperar de muitas coisas, antes que pudesse se mover. Não tinha sido exatamente uma bisbilhoteira, não ouvira nada de ruim, mas ouvira coisas importantes e dolorosas. Viu como seu caráter era considerado pelo capitão Wentworth, e havia um grau de sentimento e curiosidade sobre ela nos modos dele que lhe causava agitação.

Assim que conseguiu, foi atrás de Mary, e, ao encontrá-la e voltar com ela para onde estavam todos, ao lado da sebe, sentiu algum conforto quando todo o grupo se reuniu e retomou a caminhada. Ela queria a solidão e o silêncio que só um número grande de pessoas era capaz de dar.

Charles e Henrietta voltaram, trazendo, como era de esperar, Charles Hayter. Anne não conseguia entender muito bem o que tinha acontecido. Nem mesmo o capitão Wentworth parecia conhecer os pormenores, mas não havia dúvidas de que houvera uma retratação por parte do cavalheiro, e uma reaproximação por parte da dama, e os dois pareciam contentes por estarem juntos de novo. Henrietta parecia um pouco envergonhada, mas muito satisfeita. Charles Hayter parecia muito feliz, e eles se dedicaram um ao outro quase desde o primeiro instante em que partiram para Uppercross.

Tudo agora abria o caminho de Louisa para o capitão Wentworth. Nada poderia estar mais claro, e, nos pontos do caminho onde muitas separações eram necessárias, ou até onde não eram, andavam lado a lado quase tanto quanto o outro casal. Em uma longa faixa de prado, onde havia amplo espaço para todos, caminhavam divididos, formando três grupos distintos. E, dos três grupos, Anne decidiu participar do que demonstrava menos animação e menos complacência, claro. Ela se juntou a Charles e Mary e,

como estava bastante cansada, ficou muito feliz com o outro braço de Charles, mas este, embora muito bem-humorado com ela, estava zangado com a esposa. Mary tinha se comportado mal e agora ia sofrer as consequências, que eram largar o braço dela a quase todo momento para arrancar urtigas na cerca com o graveto que carregava. E, quando Mary começou a protestar, lamentando a forma como ele a tratava, como de hábito, por ter de caminhar junto à sebe, enquanto Anne nunca era incomodada do outro lado, ele largou os braços das duas para ir atrás de uma doninha, e elas quase não conseguiram alcançá-lo.

Esse longo prado ladeava uma estrada, que eles deviam atravessar no fim. Quando o grupo chegou ao portão de saída, deparou-se com uma carruagem que vinha na mesma direção, e já ouvida ao longe. Era o almirante Croft. Ele e a esposa haviam feito o passeio pretendido e voltavam para casa. Ao saber que os jovens já caminhavam há muito tempo, gentilmente ofereceram um assento para alguma dama que, porventura, estivesse cansada: isso a pouparia de caminhar mais um quilômetro e meio, e eles passariam por Uppercross de qualquer maneira. O convite foi feito a todos, e todos recusaram. As irmãs Musgrove não estavam nem um pouco cansadas, e Mary ficou ofendida por não ser convidada antes das outras, ou pelo que Louisa chamou de orgulho dos Elliot, pois não suportaria ser a terceira passageira em uma carruagem.

O grupo tinha cruzado a estrada e atravessava, naquele momento, uma passagem na sebe, enquanto o almirante punha em marcha sua carruagem, quando o capitão Wentworth voltou pela cerca para dizer alguma coisa à irmã. O que ele disse pode ser adivinhado pelos efeitos que produziu.

– Senhorita Elliot, tenho certeza de que está cansada! – exclamou a senhora Croft. – Dê-nos o prazer de levá-la para casa. Aqui, há muito espaço para três, posso garantir. Se fôssemos todos como a senhorita, acredito que caberiam quatro. Venha! Aceite!

Anne ainda estava na estrada e, embora instintivamente tenha começado a recusar, não conseguiu prosseguir. A insistente gentileza do almirante veio em apoio da esposa. Não aceitariam uma recusa. Apertaram-se no menor espaço possível para deixar um canto para ela, e o capitão

Wentworth, sem dizer uma palavra, virou-se para Anne e, silenciosamente, ajudou-a a subir na carruagem.

Sim, fez isso. Anne estava na carruagem e sentiu que Frederick a havia colocado lá, que a vontade e as mãos dele tinham feito isso, que devia ter percebido seu cansaço, e decidira descansar. Ficou muito abalada por essa consideração da parte dele, que se fazia ver por todas essas coisas. Aquela pequena circunstância parecia a conclusão de tudo o que tinha acontecido antes. Ela o entendia. Não podia perdoá-la, mas não podia ser insensível. Embora condenando-a pelo passado, ressentido e sentindo-se vítima de uma injustiça, embora não se importasse com ela, e embora estivesse começando a gostar de outra, ainda assim não podia vê-la sofrer sem o desejo de aliviá-la. Era um resquício de um sentimento anterior, um impulso de amizade pura, mesmo não reconhecida. Era uma prova de seu coração doce e afetuoso, que ela não podia contemplar sem emoções misturadas de prazer e dor, a ponto de não saber qual dos dois sentimentos prevalecia.

Suas primeiras respostas à gentileza e aos comentários de seus companheiros de viagem foram dadas de forma inconsciente. Já tinham percorrido metade do caminho quando ela começou a prestar atenção no que diziam. E percebeu, então, que estavam falando de “Frederick”.

– Certamente, ele pretende escolher uma daquelas duas moças, Sophy – disse o almirante. – Mas não há como dizer qual. Já está com elas há tempo suficiente e deveria tomar uma decisão. Ah, isso tudo é por causa da paz! Se houvesse uma guerra agora, ele já teria resolvido o assunto há muito tempo. Nós, marinheiros, senhorita Elliot, não podemos nos dar ao luxo de longos cortejos em tempo de guerra. Quantos dias se passaram, minha querida, entre a primeira vez que a vi até sentarmos juntos em nossos alojamentos em North Yarmouth?

– É melhor não falarmos sobre isso, querido – respondeu a senhora Croft, carinhosa. – Se a senhorita Elliot ouvisse com que rapidez tomamos uma decisão, nunca seria persuadida de que poderíamos ser felizes juntos. Eu já tinha ouvido falar de seu caráter, no entanto, muito antes de conhecê-lo.

– Bem... eu tinha ouvido falar que você era uma moça muito bonita. E o

que mais precisamos saber? Não gosto de demorar muito com essas coisas. Queria que Frederick soltasse um pouco mais as velas e nos trouxesse uma dessas jovens para Kellynch. Lá, sempre haveria companhia. E as duas moças são muito simpáticas. Mal consigo distinguir uma da outra.

– De fato, são moças muito bem-dispostas e desprovidas de afetação – disse a senhora Croft, em um tom de elogio mais moderado, que fez Anne desconfiar que talvez sua percepção mais aguçada, na realidade, não considerasse nenhuma delas digna de seu irmão. – E de uma família muito respeitável. Não se poderia estar ligado a pessoas melhores. Meu querido almirante, o poste! Vamos acabar batendo nesse poste!

Mas, puxando ela mesma as rédeas, passaram pelo perigo. Um pouco depois, estendendo a mão na hora certa, evitou que caíssem em uma vala ou batessem em uma carroça de esterco. Anne, divertindo-se com aquele estilo de direção, que imaginava refletir a forma como eles, em geral, levavam a vida, terminou em segurança no chalé.



Capítulo 11

Aproximava-se a hora do retorno de *lady* Russell. A data já estava até marcada, e Anne, comprometida em se juntar a ela assim que voltasse, ansiava por uma partida antecipada para Kellynch e começava a pensar em como sua paz, provavelmente, seria afetada por isso.

Isso a colocaria no mesmo vilarejo do capitão Wentworth, a menos de um quilômetro de distância dele. Teriam que frequentar a mesma igreja; e as duas famílias certamente se encontrariam. Isso seria ruim para ela, mas, por outro lado, ele passava tanto tempo em Uppercross que, quando se mudasse de lá, era de se pensar que Anne na verdade o estaria deixando para trás, e não se aproximando dele. E, no geral, ela acreditava que, de sua parte, sairia ganhando, ao trocar a companhia da pobre Mary pela de *lady* Russell.

Queria evitar encontrar-se com o capitão Wentworth em Kellynch Hall. Aqueles cômodos haviam testemunhado encontros anteriores que seriam dolorosos se lembrados. Mas torcia mais ainda para que *lady* Russell e o capitão Wentworth jamais se encontrassem. Não gostavam um do outro, e nenhuma tentativa de reaproximação agora poderia fazer qualquer bem. E, se *lady* Russell os visse juntos, poderia pensar que ele estava muito seguro de si e ela, muito pouco.

Foram esses pontos que a levaram a querer se mudar de Uppercross, onde sentia que já estava há tempo suficiente. Ter sido útil para o pequeno Charles sempre traria certa doçura à lembrança dessa visita de dois meses, mas ele estava recobrando as forças depressa e ela não tinha mais nenhum

motivo para ficar.

A conclusão da visita, no entanto, foi inteiramente diferente do que havia imaginado. O capitão Wentworth, que por dois dias inteiros não dera o ar de sua graça em Uppercross, reapareceu para explicar o motivo de seu afastamento.

Uma carta de um amigo, o capitão Harville, chegara às suas mãos, trazendo informações de que este havia se instalado com a família em Lyme para passar o inverno. Portanto, sem que soubessem, estavam a pouco mais de 30 quilômetros um do outro. Desde um grave ferimento dois anos antes, o capitão Harville nunca mais gozara de boa saúde, e a ansiedade do capitão Wentworth em vê-lo o impelira a ir imediatamente para Lyme, onde ficou por 24 horas. Assim, viu-se redimido por completo: sua amizade foi calorosamente elogiada, um vivo interesse pelo amigo foi despertado, e a descrição por ele feita da bela região de Lyme foi tão apreciada que provocou em todos um forte desejo de ver a cidade com os próprios olhos.

Os jovens ansiavam por conhecer a cidade. O capitão Wentworth mencionou a possibilidade de voltar lá. Afinal, ficava a apenas 27 quilômetros de Uppercross, e o tempo em novembro não era, de modo algum, ruim. E, para resumir, Louisa, que era a mais animada de todos, havia decidido ir, e, além do prazer de fazer o que desejava, agora convencida do mérito de manter as próprias decisões, resistiu a todos os desejos de seus pais de adiar a viagem até o verão. E ficou decidido que, para Lyme, iriam Charles, Mary, Anne, Henrietta, Louisa e o capitão Wentworth.

O primeiro impensado plano fora ir de manhã e voltar à noite, mas nisso o senhor Musgrove não consentiu, por conta de seus cavalos. E,

de fato, um dia em meados de novembro não deixaria muito tempo para conhecer um lugar novo, depois de deduzidas as sete horas, como exigia a natureza da região, para ir e voltar. Portanto, deveriam passar a noite lá, e não voltariam até o jantar do dia seguinte. A mudança foi considerada sensata, e, embora tivessem todos se encontrado na Casa Grande bem cedo

para o café da manhã e partido pontualmente, já passava do meio-dia quando as duas carruagens – a do senhor Musgrove, trazendo as quatro senhoritas, e a de Charles, na qual ia também o capitão Wentworth – desceram a longa colina até Lyme e entraram na rua íngreme da cidade. Era muito evidente que teriam pouco tempo

para olhar em volta antes que a luz e o calor do dia desaparecessem.

Uma vez resolvida a questão da acomodação e encomendado o jantar em uma das hospedarias, a próxima coisa a ser feita era ir ver logo o mar. Haviam chegado tarde demais, nessa época do ano, para aproveitar qualquer diversão ou atração pública que Lyme pudesse oferecer. Os quartos das hospedarias estavam todos fechados, os hóspedes quase todos já tinham partido, não havia quase famílias, a não ser as dos moradores. E, como não existia nada para admirar nos edifícios em si, restava apreciar a notável localização da cidade, a rua principal quase terminando na água, e o caminho até o quebra-mar, dando a volta na pequena e aprazível enseada que, no verão, fica repleta de gente; o quebra-mar em si, com suas antigas maravilhas e novas melhorias, com a bela linha de colinas a se estender para o leste da cidade; e os encantos nos arredores de Lyme, que levam qualquer forasteiro a querer conhecê-la melhor. As paisagens a seu redor: Charmouth, com seus terrenos altos e amplos bosques, sua graciosa e protegida enseada precedida por escuros penhascos, que fragmentos de rocha despontando da areia transformam no melhor lugar para observar o movimento das marés; a diversidade dos bosques da alegre vila de Up Lyme; e, acima de tudo, Pinny, com seus desfiladeiros verdes entre românticos rochedos, onde as árvores espaçadas e os pomares luxuriantes mostram que muitas gerações devem ter transcorrido desde o desmoronamento parcial da colina, deixando o terreno no estado atual. Um cenário de esplendor e beleza, capaz de rivalizar com paisagens semelhantes da famosa ilha de Wight: todos esses lugares devem ser visitados e revisitados, para que se possa dar a Lyme seu devido valor.

O grupo de Uppercross passou pelas hospedarias agora desertas e melancólicas, continuou a descer e viu-se logo à beira do mar. Pararam

para observá-lo, pois é isso que devem fazer aqueles que voltam para perto do mar, que sempre merece ser olhado. Depois, continuaram

para o quebra-mar, tanto porque queriam conhecê-lo quanto pelo capitão Wentworth. Pois, em uma pequena casa, aos pés de um velho cais de idade desconhecida, moravam os Harville. O capitão Wentworth entrou para ver seu amigo; os outros continuaram, e ficou combinado que todos se encontrariam no quebra-mar.

Não estavam, de modo algum, cansados de olhar e admirar. Nem mesmo Louisa parecia sentir que tinham se separado do capitão Wentworth por muito tempo quando o viram chegando com três acompanhantes, reconhecidos, pela descrição feita, como o capitão e a senhora Harville, e o capitão Benwick, que estava hospedado com eles.

O capitão Benwick fora, algum tempo antes, o primeiro-tenente do *Laconia*. O que o capitão Wentworth contara sobre ele, antes de voltar de Lyme, a forma como o elogiara, dizendo que era um excelente jovem e oficial, que sempre apreciara muito, o que já garantiria a estima de todos os ouvintes, foi seguido de um pouco de sua história, o que o tornou muito interessante aos olhos de todas as mulheres. Fora noivo da irmã do capitão Harville e agora estava de luto por sua morte. Passaram um ano ou dois esperando fortuna e promoção. A fortuna veio; seu prêmio em dinheiro como tenente foi grande. A promoção também acabou por chegar, mas Fanny Harville não viveu para saber disso. Fanny morrera no verão anterior enquanto ele estava no mar.

O capitão Wentworth acreditava que era impossível que um homem fosse mais ligado a uma mulher do que o pobre Benwick tinha sido com Fanny Harville, ou alguém ficar mais afetado pela terrível tragédia. Ele achava que o jovem era do tipo que sofria muito, unindo sentimentos muito fortes com maneiras serenas, sérias e reservadas, e um gosto pronunciado por leitura e atividades sedentárias. Para resumir a história, a amizade entre ele e os Harville parecia ter aumentado pelo evento que encerrava todas as possibilidades de uma aliança, se é que isso era possível. E o capitão Benwick agora vivia com eles em tempo integral. O capitão Harville já

ocupava sua atual casa há seis meses. Seu gosto, sua saúde e sua fortuna, tudo o direcionava para uma residência barata e à beira-mar, e a beleza da região e o isolamento

de Lyme no inverno pareciam bem adaptados ao estado de espírito

do capitão Benwick. A simpatia e a boa vontade que todos sentiram em relação a este foi muito grande.

“Apesar disso, ele talvez não tenha um coração mais triste do que o meu. Não posso acreditar que suas perspectivas sejam tão ruins para sempre. Ele é mais jovem do que eu, mais jovem em sentimento, se não em anos, mais jovem como homem. Ele vai se recuperar e será feliz com outra” – pensou Anne, enquanto caminhavam na direção do grupo.

Todos se encontraram e foram apresentados. O capitão Harville era um homem alto e moreno, com um semblante sensível e benevolente. Um pouco manco, com traços fortes e saúde fraca. Parecia muito mais velho que o capitão Wentworth. O capitão Benwick parecia e era o mais novo dos três, e o mais baixo. Tinha um rosto agradável e um ar melancólico, como deveria ser, e não falou muito.

O capitão Harville, embora não se igualasse às boas maneiras do capitão Wentworth, era um perfeito cavalheiro, pouco afetado, caloroso e prestativo. A senhora Harville, um pouco menos polida que o marido, parecia, no entanto, ter os mesmos sentimentos bons, e nada poderia ser mais agradável do que seu desejo de considerar todo o grupo como amigos, por serem amigos do capitão Wentworth, nem mais gentil do que seu convite para que fossem todos jantar com eles. Como o jantar já havia sido encomendado na estalagem, o casal aceitou a desculpa, embora a contragosto. Mas parecia quase magoado pelo fato de o capitão Wentworth ter trazido tal grupo a Lyme sem considerar como algo natural que deviam jantar com eles.

Havia tamanho afeto pelo capitão Wentworth, um encanto tão fascinante e um grau de hospitalidade tão incomum, tão diferente do estilo usual de convites meramente formais e jantares chatos apenas para se exhibir, que Anne sentiu que, provavelmente, sua disposição não seria beneficiada com

a amizade dos colegas oficiais dele.

“Esses teriam sido todos meus amigos” – pensou ela, tendo que lutar contra uma forte propensão a sentir-se deprimida.

Ao deixarem o quebra-mar, todos foram para a casa de seus novos amigos, que era tão pequena que ninguém, a não ser aqueles que convidam do fundo do coração, poderia pensar em acomodar tantas pessoas. Anne teve um momento de espanto ao pensar no assunto, mas logo se perdeu nos sentimentos mais agradáveis que surgiram ao perceber todas as engenhosas artimanhas e os arranjos do capitão Harville para aproveitar da melhor forma o espaço disponível, suprindo as deficiências da mobília, e para proteger as janelas e portas contra as tempestades de inverno que eram esperadas. A variedade na decoração dos aposentos, onde os móveis comuns fornecidos pelo proprietário contrastavam com alguns poucos artigos de uma espécie rara de madeira, muito bem trabalhada e com algo curioso e valioso de todos os países distantes que o capitão Harville tinha visitado, deixou Anne muito interessada. Por estar ligado à sua profissão, ao fruto de seus trabalhos, ao efeito de sua influência sobre seus hábitos, o retrato de tranquilidade e felicidade doméstica que isso representava provocava nela um sentimento

gratificante.

O capitão Harville não gostava muito de ler, mas tinha criado excelentes acomodações e construído estantes muito bonitas, para uma coleção razoável de volumes bem encadernados, propriedade do capitão Benwick. Seu problema na perna impedia-o de fazer muito exercício, mas ele tinha uma mente útil e engenhosa, que parecia estar sempre em atividade. Ele desenhava, envernizava, cortava, colava. Fazia brinquedos para as crianças, criava novas agulhas e alfinetes, e, se não houvesse mais nada a fazer, sentava-se para trabalhar em sua grande rede de pesca em um canto da sala.

Anne achou que estavam deixando para trás muita felicidade quando saíram da casa, e Louisa, que veio andando a seu lado, explodiu em êxtase de admiração e deleite pelo caráter da Marinha, pela amizade, pela

fraternidade, pela abertura e pela retidão de seus membros. Afirmava estar convencida de que os marinheiros eram mais dignos e calorosos do que qualquer outro grupo de homens na Inglaterra, que só eles sabiam viver, e apenas eles mereciam ser respeitados e amados.

Voltaram para se vestir e jantar, e tudo estava funcionando tão bem que ninguém encontrou nenhum defeito. Apesar de estarem “tão fora da temporada”, “com Lyme tão vazia” e “sem expectativa de companhia”, que foram as muitas desculpas dos donos da hospedaria.

Anne encontrava-se, a essa altura, cada vez mais acostumada à companhia do capitão Wentworth do que tinha imaginado a princípio. O fato de se sentarem agora na mesma mesa e trocarem gentilezas comuns que a ocasião pedia (nunca foram além disso) não a incomodava em nada.

As noites estavam muito escuras para que as damas se reunissem novamente antes do dia seguinte, mas o capitão Harville prometera uma visita à noite, e ele apareceu na companhia do amigo. Isso foi um pouco inesperado, pois todos concordavam que o capitão Benwick parecera oprimido pela presença de tantos estranhos. No entanto, ele se aventurou entre eles novamente, embora sua disposição certamente não parecesse adequada para a alegria do grupo.

Enquanto os capitães Wentworth e Harville conduziam a conversa de um lado da sala e, lembrando o passado, contavam muitas histórias para ocupar e entreter os demais, coube a Anne sentar-se um pouco afastada na companhia do capitão Benwick. E a bondade de sua natureza obrigou-a a iniciar uma conversa com ele. O rapaz era tímido e dado a pensamentos abstratos, mas os modos gentis de Anne e a suavidade de seu semblante logo surtiram efeito. E ela foi gratificada por seu esforço inicial. Evidentemente, um jovem de considerável gosto pela leitura, sobretudo de poesia. E, além de estar convencida de ter-lhe proporcionado ao menos uma noite de discussão sobre temas que, provavelmente, não interessavam às suas companhias habituais, esperava ser realmente útil para ele em algumas sugestões quanto à necessidade e às vantagens de lutar contra a tristeza, algo que, naturalmente, terminou surgindo na conversa. Pois, embora tímido, ele não era reservado, e parecia, na verdade, feliz por

poder extrapolar suas restrições habituais. Falou de poesia, da riqueza da época atual, fez uma breve comparação de opiniões sobre os poetas de primeira linha, tentou averiguar qual era o melhor, se *Marmion* ou *A dama do lago*, como o *Giaour* se comparava com a *Noiva de Abydos*, e até como *Giaour* deveria ser pronunciado. Mostrava-se muito familiarizado com todas as canções mais ternas de um poeta e todas as descrições apaixonadas de desesperada agonia do outro. Repetiu, com sentimento trêmulo, as várias estrofes que representavam um coração partido, ou uma mente destruída pela miséria. Parecia tanto querer ser compreendido que ela se aventurou a desejar que ele não lesse apenas poesia, e a dizer que era uma infelicidade que a poesia raramente fosse desfrutada com segurança por aqueles que a usufruíam completamente. Pois os fortes sentimentos que eram os únicos capazes de avaliá-la eram justamente aqueles que só deveriam prová-la com moderação.

Não pareceu irritado, mas satisfeito com essa alusão à sua situação, o que a encorajou a continuar. E, sentindo que possuía mais experiência, aventurou-se a recomendar maior quantidade de prosa nos estudos diários dele. Quando ele pediu sugestões, mencionou obras de nossos melhores moralistas, como as coleções das melhores cartas, memórias de personagens de grande valor e sofrimento que lhe ocorreram no momento e que seriam capazes de despertar e fortalecer o espírito pelos mais altos preceitos e os exemplos mais fortes de valores morais e religiosos.

O capitão Benwick ouviu atentamente e pareceu grato pelo interesse implícito. Embora com um aceno de cabeça e suspiros que declaravam sua pouca fé na eficácia de qualquer livro sobre um sofrimento como o dele, anotou os nomes daqueles que ela recomendara e prometeu adquiri-los e lê-los.

Quando a noite foi encerrada, Anne não pôde deixar de se divertir com a ideia de que tinha vindo a Lyme para pregar paciência e resignação a um rapaz que nunca vira antes. Nem poderia deixar de temer, depois de uma reflexão mais séria, que, como muitos outros grandes moralistas e

pregadores, fora eloquente em um ponto em que sua própria conduta não poderia ser aprovada.



Capítulo 12

Anne e Henrietta, as primeiras do grupo a acordar na manhã seguinte, concordaram em caminhar até o mar antes do café da manhã. Foram até a areia para observar a maré, que uma brisa suave do sudeste fazia subir com toda a grandiosidade que uma praia tão plana admitia. Elas elogiaram a manhã, glorificaram o mar, deleitaram-se com a brisa fresca... e ficaram em silêncio. Até que Henrietta, de repente, começou a falar:

– Ah! Sim, estou bastante convencida de que, com pouquíssimas exceções, a brisa do mar sempre é boa. Não resta dúvida de que ela foi de grande ajuda para o doutor Shirley, depois de sua doença na primavera do ano passado. Ele afirmou que vir a Lyme por um mês fez mais bem do que todos os remédios que tomou. E que ficar perto do mar sempre o faz se sentir jovem de novo. Por isso, não posso deixar de pensar que é uma pena que o doutor Shirley não viva o tempo todo perto do mar. Acho que ele deveria deixar Uppercross de vez e estabelecer-se em Lyme. Não acha, Anne? Não concorda que seria a melhor coisa que poderia fazer, tanto para ele quanto para a senhora Shirley? Ela tem primos aqui, sabe, e muitos conhecidos. Isso seria muito bom para ela, e tenho certeza de que ficaria feliz em morar em um lugar onde pudesse ter atendimento médico à disposição, caso ele tenha outro ataque. Na verdade, acho bastante melancólico ter pessoas tão excelentes quanto o doutor e a senhora Shirley, que praticaram o bem a vida toda, desperdiçando os últimos dias em um lugar como Uppercross onde, com exceção de nossa família, parecem excluídos do resto do mundo. Gostaria que os amigos propusessem isso a

ele. Realmente, acho que deveriam. E, quanto a obter uma dispensa, não poderia haver dificuldade nessa altura da vida e com o caráter dele. Minha única dúvida é se alguma coisa poderia persuadi-lo a deixar sua paróquia. Ele é muito rigoroso e escrupuloso em suas ideias, escrupuloso até demais, devo dizer. Você não acha que ele é muito escrupuloso, Anne? Não acha que é um erro um clérigo sacrificar a saúde por causa dos deveres, que podem ser igualmente realizados por outra pessoa? E em Lyme também, a apenas 27 quilômetros de distância, ele estaria perto o suficiente para ficar sabendo, se as pessoas achassem que havia motivo para reclamar.

Anne sorriu mais de uma vez para si mesma, enquanto Henrietta falava, e entrou no assunto tão disposta a fazer o bem discorrendo sobre os sentimentos de uma jovem quanto tinha feito com o rapaz antes, embora aqui fosse menos importante, pois o que poderia oferecer, a não ser concordar? Ela disse tudo o que era razoável e adequado sobre o assunto. Concordou com a ideia de que o doutor Shirley deveria repousar. Afirmou como era desejável que ele tivesse algum jovem ativo e respeitável como cura residente. Foi até mesmo cortês o suficiente para sugerir que seria uma vantagem se tal cura estivesse casado.

– Eu gostaria – disse Henrietta, muito satisfeita com a companhia. –

Gostaria que *lady* Russell morasse em Uppercross e fosse íntima do doutor Shirley. Sempre ouvi falar que *lady* Russell era uma mulher de muita influência sobre todos! Sempre a enxerguei como alguém capaz

de persuadir uma pessoa a qualquer coisa! Tenho medo, muito medo dela, como já lhe disse antes, porque é muito inteligente, mas tenho

grande respeito por ela e gostaria que fosse nossa vizinha em Uppercross.

Anne divertia-se com a maneira de Henrietta ser grata e também com o fato de que o desenrolar dos acontecimentos e os novos interesses da jovem tivessem colocado a amiga sob as boas graças de toda a família Musgrove. No entanto, ela só teve tempo para uma resposta geral, e um desejo de que essa outra mulher estivesse em Uppercross, antes de interromperem todos os assuntos, ao verem Louisa e o capitão Wentworth vindo na direção delas. Os dois também vieram dar um passeio antes de o

café da manhã estar pronto. Porém, Louisa lembrou-se imediatamente de que tinha algo a comprar em uma loja e convidou todos a voltarem para a cidade. Eles concordaram.

Quando chegaram aos degraus, subindo da praia, um cavalheiro que se preparava para descer recuou com educação e parou para abrir caminho. Todos subiram e passaram por ele e, ao fazerem isso, Anne chamou a atenção do cavalheiro, que a olhou com um grau de admiração sincera, impossível de ignorar. Ela estava radiante; seus traços muito regulares e muito bonitos, tendo a flor e a frescura da juventude restaurada pela brisa que soprava em sua pele e pelo olhar animado que também havia produzido. Era evidente que o cavalheiro (de fato, um cavalheiro em suas maneiras) a admirava muito. O capitão Wentworth encarou-a na mesma hora demonstrando que havia percebido tudo. Olhou um instante para ela, um olhar claro que parecia dizer “Aquele homem está impressionado com a senhorita, e até eu, neste momento, vejo algo parecido com a Anne Elliot de antes”.

Após ajudar Louisa nas compras, e demorando-se um pouco mais, voltaram para a pousada. E Anne, depois de passar depressa pelo quarto e ir para a sala de jantar, deparou-se com o mesmo cavalheiro, que estava saindo do quarto ao lado. Já havia pensado que era um visitante, como eles, e tinha determinado que um joventinho bem-arrumado, que estava passeando perto das duas estalagens quando voltaram, deveria ser o criado. O fato de tanto o mestre quanto o jovem estarem de luto corroborava a ideia. Provou-se, então, que ele estava na mesma hospedaria que seu grupo. E este segundo encontro, por mais breve que tenha sido, também provou de novo, pela forma como o cavalheiro atuava, que ele a considerava adorável, e pela prontidão e pela propriedade de suas desculpas, que era um homem de excelentes maneiras. Parecia ter cerca de 30 anos e, embora não fosse bonito, era agradável. Anne sentiu que gostaria de saber quem ele era.

Tinham quase terminado o café da manhã, quando o som de uma carruagem (quase a primeira vez que ouviram uma desde que entraram em Lyme) atraiu metade do grupo para a janela. Era uma carruagem de

cavalheiro, um cabriolé de dois cavalos, que vinha do pátio de estábulos para a porta da frente. Alguém deveria estar indo embora. Era dirigido por um criado enlutado.

A palavra cabriolé fez Charles Musgrove saltar da cadeira para compará-la com a sua. O criado com roupas de luto despertou a

curiosidade de Anne, e todos os seis estavam olhando no momento em que o dono do cabriolé foi visto saindo da porta entre as mesuras e despedidas dos donos da pousada, sentando-se na carruagem para partir.

– Ah! – exclamou o capitão Wentworth na mesma hora e com um breve olhar para Anne. – É o mesmo homem com quem cruzamos antes.

As senhoritas Musgrove concordaram e, depois de acompanharem com atenção o cavalheiro se afastar colina acima o máximo que podiam, voltaram para a mesa do café da manhã. O garçom entrou na sala logo depois.

– Por favor... – disse o capitão Wentworth em seguida. – Você pode nos dizer o nome do cavalheiro que acabou de partir?

– Sim, senhor, um senhor Elliot, cavalheiro de grande fortuna, chegou ontem à noite de Sidmouth. Imagino que ouviu a carruagem enquanto estava jantando, senhor. Ele partiu agora para Crewkerne, a caminho de Bath e Londres.

– Elliot!

Muitos se entreolharam e repetiram o nome antes mesmo que todas as informações tivessem sido dadas, apesar da rapidez do esperto

garçom.

– Meu Deus! – exclamou Mary. – Deve ser nosso primo. Deve ser nosso senhor Elliot, de fato! Charles, Anne, não deve? De luto, vejam

só, como nosso senhor Elliot deve estar. Que coisa extraordinária! Na mesma pousada que nós! Anne, não deve ser nosso senhor Elliot, o herdeiro do meu pai? Diga, senhor... – acrescentou, virando-se para o garçom. – Não ouviu, o criado não disse, se ele pertencia à família Kellynch?

– Não, senhora, ele não mencionou nenhuma família em particular, mas também disse que seu mestre era um cavalheiro muito rico e que seria barão um dia.

– Aí está! Viram? – gritou Mary, em êxtase. – Como eu disse! Herdeiro de *sir* Walter Elliot! Tinha certeza de que iríamos descobrir, se fosse ele. Essa é uma circunstância que os criados gostam de contar aonde quer que ele vá. Mas, Anne, pense como isso é extraordinário! Gostaria de ter olhado mais para ele. Gostaria que tivéssemos descoberto a tempo quem ele era. Assim, poderia ter sido apresentado a nós. É uma pena não termos sido apresentados! Você acha que ele tinha o semblante dos Elliot? Mal olhei para ele, estava prestando atenção nos cavalos, mas acho que tinha algo do semblante dos Elliot. Que estranho eu não ter reparado no brasão! Ah! O casaco estava pendurado no painel e escondia o brasão. Caso contrário, tenho certeza de que teria notado, e também a libré. Se o criado não estivesse de luto, teria reconhecido pela libré.

– Juntando todas essas circunstâncias extraordinárias, devemos considerar que é um ato do destino que a senhora não tenha sido apresentada a seu primo – disse o capitão Wentworth.

Quando conseguiu chamar a atenção de Mary, Anne tentou

convencê-la de que o pai delas e o senhor Elliot não tinham, há muitos anos, uma relação que tornasse a tentativa de apresentação desejável. Porém, ao mesmo tempo, era uma gratificação secreta para ela ter visto o primo e saber que o futuro dono de Kellynch era, sem dúvida, um cavalheiro e tinha um ar sensato. Ela não iria, de forma alguma, mencionar que tinha se encontrado com ele uma segunda vez. Por sorte, Mary não prestou muita atenção ao fato de terem passado perto dele na caminhada pela manhã, mas teria ficado muito chateada por Anne ter esbarrado naquele homem no corredor, e recebido suas desculpas educadas, enquanto ela nunca estivera perto. Não... Aquele breve

encontro entre os primos deveria permanecer em segredo.

– É claro que você mencionará o fato de termos visto o senhor Elliot na próxima vez em que escrever para Bath – comentou Mary. – Acho que meu

pai, com certeza, deveria ouvir isso. Mencione tudo sobre ele.

Anne evitou uma resposta direta, mas era exatamente a circunstância que ela considerava não apenas desnecessária de ser comunicada, mas também algo que deveria ser suprimido. Ela sabia a ofensa que o pai recebera, muitos anos antes. Suspeitava que Elizabeth era culpada pelo ocorrido. E sabia, sem sombra de dúvida, que a referência ao senhor Elliot sempre produzia irritação em ambos. A própria Mary nunca escrevia para Bath. Todo o trabalho de manter uma correspondência lenta e insatisfatória com Elizabeth recaía sobre Anne.

Após o café da manhã, não demorou muito para que o capitão e a senhora Harville, e o capitão Benwick, se juntassem a eles. Tinham combinado de dar o último passeio por Lyme. Deveriam partir para Uppercross à uma da tarde e, enquanto isso, queriam estar todos juntos e ao ar livre o máximo que pudessem.

Anne viu o capitão Benwick se aproximar dela assim que todos foram para a rua. A conversa deles na noite anterior não o impediu de procurá-la outra vez, e caminharam juntos por um tempo, conversando como antes sobre o senhor Scott e Lord Byron, e ainda tão incapazes, quanto antes e quanto quaisquer outros dois leitores, de pensar exatamente da mesma forma sobre os méritos de ambos. Até que algo ocasionou uma mudança quase geral no grupo, e, em vez do capitão Benwick, ela estava com o capitão Harville a seu lado.

– Senhorita Elliot... – disse ele, bem baixo. – A senhorita fez uma boa ação ajudando aquele pobre sujeito a falar tanto. Gostaria que ele pudesse ter tal companhia com mais frequência. Ser tão calado é

ruim para ele, eu sei. Mas o que podemos fazer? Não podemos nos separar dele.

– Não – respondeu Anne. – Acredito que isso seja impossível. Mas, com o tempo, talvez. Sabemos o que o tempo faz em todos os casos de sofrimento, e o senhor deve se lembrar, capitão Harville, que o luto

de seu amigo ainda é recente... Pelo que sei, aconteceu no verão passado.

– Sim, é verdade, foi em junho – comentou com um suspiro profundo.
– E ele demorou para receber a notícia, talvez.
– Só na primeira semana de agosto, quando chegou em casa do Cabo como capitão do *Grappler*. Eu estava em Plymouth temendo notícias dele. Ele enviou cartas, mas o *Grappler* tinha ordens de ir para Portsmouth. Ali deveria receber ficar a par das coisas, mas quem iria contar? Eu não. Preferia enfrentar a força. Ninguém poderia fazer

isso, a não ser este bom sujeito – falou, apontando para o capitão Wentworth. – O *Laconia* tinha atracado em Plymouth na semana anterior, sem perigo de ser mandado de novo para o mar. Ele se arriscou em nome de todos, pediu uma licença, mas, sem esperar resposta, viajou dia e noite até chegar a Portsmouth, foi remando até o *Grappler* no mesmo instante e não saiu do lado do pobre homem por uma semana. Foi o que ele fez, e ninguém mais poderia ter salvado o pobre James. Pode imaginar, senhorita Elliot, como ele é querido por nós!

Anne sabia bem o que pensava sobre o assunto. Disse o que seus sentimentos foram capazes de expressar, ou o que o capitão parecia capaz de suportar, porque ele parecia muito afetado para retomar o assunto. Quando falou de novo, foi sobre algo completamente diferente.

A senhora Harville afirmou que o marido já teria andado demais quando chegassem em casa. Por isso, determinou a direção do grupo no que seria a última caminhada. Iriam acompanhá-los até a porta da casa e, então, voltariam sozinhos. Pelos cálculos deles, havia tempo para isso, mas, quando se aproximavam do quebra-mar, houve um desejo geral tão forte de percorrê-lo mais uma vez, e Louisa mostrou tanta determinação, que todos concordaram. Quinze minutos a mais não faria nenhuma diferença. Assim, com despedidas educadas e todo o intercâmbio amável de convites e promessas possível, separaram-se do capitão e da senhora Harville na porta da casa destes e, ainda acompanhados pelo capitão Benwick, que parecia querer acompanhá-los até o último minuto, foram fazer uma despedida apropriada do quebra-mar.

Anne percebeu que o capitão Benwick se aproximava dela mais uma vez.

O “mar azul-escuro” de Lord Byron não podia deixar de ser lembrado por causa da paisagem que estavam vendo. E ela lhe concedia toda a atenção possível com alegria. Mas sua atenção logo foi atraída, forçosamente, por outra coisa.

Havia muito vento para que a parte alta do novo quebra-mar fosse agradável para as damas, e concordaram em descer os degraus para a parte mais baixa. Todos concordaram em descer a íngreme escada com calma e cautela, com exceção de Louisa. Ela quis pular, ajudada pelo capitão Wentworth. Em todas as suas caminhadas, ele a ajudara a pular as sebes. Essa sensação tinha sido deliciosa para ela. A dureza do pavimento para os pés de Louisa fez com que ele hesitasse nessa ocasião. Mesmo assim, concordou. Conseguiu descer em segurança, e no mesmo instante, para demonstrar seu prazer, subiu correndo os degraus para pular outra vez. Ele a aconselhou a não fazer isso. Achou que o choque poderia ser muito forte. Mas não. Ele argumentou e falou em vão. Ela sorriu e disse:

– Estou determinada a pular.

O capitão Wentworth estendeu as mãos. Ela pulou meio segundo antes, caiu no chão da parte inferior do quebra-mar e foi levantada já desmaiada! Não havia ferida nem sangue, nem hematoma visível, mas os olhos de Louisa estavam fechados. Ela não respirava, seu rosto estava branco como a morte. Foi um momento de horror para todos que estavam por perto!

O capitão Wentworth, que a levantara, ajoelhou-se com ela nos braços, olhando-a com um rosto tão pálido quanto o da moça, em uma agonia de silêncio.

– Ela está morta! Ela está morta! – gritou Mary, apoiando-se no marido e contribuindo com o próprio horror dele para deixá-lo imóvel.

Um momento depois, Henrietta, assumindo a suposição como uma certeza, também perdeu os sentidos e teria caído nos degraus se o capitão Benwick e Anne não tivessem conseguido agarrá-la.

– Não há ninguém para me ajudar? – foram as primeiras palavras que explodiram do capitão Wentworth, em um tom de desespero, como se toda a sua força tivesse desaparecido.

– Vá ajudá-lo, vá ajudá-lo! – gritou Anne. – Pelo amor de Deus, vá ajudá-

lo! Eu posso segurá-la sozinha. Deixe-me e vá ajudá-lo. Esfregue as mãos dela. Esfregue as têmporas. Aqui estão alguns sais. Leve-os, leve-os.

O capitão Benwick obedeceu e, no mesmo instante, Charles, afastando-se da esposa, aproximou-se dele. E Louisa foi levantada e apoiada mais firmemente entre todos, e foi feito tudo o que Anne mandou, mas em vão. Enquanto isso, o capitão Wentworth, cambaleando contra a

parede para se apoiar, exclamou na mais amarga agonia:

– Ah, meu Deus! O pai e a mãe dela!

– Um médico! – disse Anne.

Ele escutou a palavra. Pareceu despertá-lo de imediato e disse:

– É verdade, é verdade! Um médico agora!

Já estava se afastando, quando Anne sugeriu, convicta:

– Não seria melhor se o capitão Benwick fosse? Ele sabe onde encontrar um médico.

Todos que estavam conseguindo raciocinar viram que era uma excelente ideia, e em um instante (tudo foi feito em rápidos momentos) o capitão Benwick deixou a jovem figura que parecia um cadáver inteiramente aos cuidados do irmão e foi para a cidade com a máxima velocidade.

Quanto ao infeliz grupo deixado para trás, era difícil dizer qual dos três, entre os que estavam completamente racionais, sofria mais: o capitão Wentworth, Anne ou Charles, que, sendo um irmão muito afetuoso, estava curvado sobre Louisa soluçando de tristeza. Só conseguia desviar os olhos de uma irmã para ver a outra desmaiada ou testemunhar as agitações histéricas da esposa, pedindo uma ajuda que ele não podia dar.

Anne, cuidando de Henrietta com toda força, zelo e atenção que o instinto fornecia, tentava, a intervalos, consolar os outros. Lutava para acalmar Mary, animar Charles, aplacar os sentimentos do capitão Wentworth. Os dois homens pareciam olhar para ela em busca de orientação.

– Anne, Anne! – gritou Charles. – O que devemos fazer agora? O que, em nome de Deus, devemos fazer agora?

Os olhos do capitão Wentworth também estavam concentrados nela.

– Não seria melhor levá-la para a hospedaria? Sim, tenho certeza.

Levem-na até lá com cuidado.

– Sim, sim, para a hospedaria – repetiu o capitão Wentworth, comparativamente recuperado e ansioso por estar fazendo alguma coisa. – Eu mesmo a carregarei. Musgrove, cuide das outras.

A essa altura, a notícia sobre o acidente havia se espalhado entre os trabalhadores e pescadores do quebra-mar, e muitos estavam aglomerados perto deles – para ajudarem, se fosse preciso, ou, pelo menos, para ver uma jovem morta, ou melhor, duas. Porque isso era duas vezes mais interessante do que as primeiras notícias. Henrietta ficou aos cuidados dos espectadores mais bem- apessoados, pois, embora tivesse recuperado parcialmente a consciência, não conseguia caminhar sem ajuda. E, dessa maneira, com Anne andando ao lado dela e Charles com a esposa, eles avançaram, retomando, com sentimentos indizíveis, o caminho que tinham cruzado há tão pouco tempo e com tanta felicidade.

Ainda não tinham saído do quebra-mar quando os Harville os encontraram. O capitão Benwick fora visto passando correndo perto da casa deles, com um semblante que mostrava haver algo errado. Eles saíram no mesmo instante, informados e dirigidos enquanto passavam, em direção ao local. Apesar de muito chocado, o capitão Harville trouxe bom senso e sangue-frio que poderiam ser úteis. E, ao trocar um olhar com a esposa, decidiram o que deveria ser feito. Louisa deveria ser levada para a casa deles. Todos deveriam ir para lá e esperar a chegada do médico. Eles não queriam ouvir desculpas. Suas ordens foram obedecidas; e, logo, todos estavam sob seu teto. Enquanto Louisa, de acordo com as ordens da senhora Harville, foi levada escada acima e deitada na cama da própria dona, o marido fornecia ajuda, bebidas estimulantes e fortificantes a todos que precisavam.

Louisa abriu os olhos uma vez, mas logo os fechou de novo, aparentemente sem consciência. Porém, isso tinha sido uma prova de vida para sua irmã, e Henrietta, embora incapaz de ficar no quarto com Louisa, não desmaiou outra vez, apesar da agitação da esperança e do medo. Mary também estava ficando mais calma.

O médico juntara-se a eles tão rápido que parecia impossível. Estavam

bastante horrorizados enquanto ele a examinava, mas o médico parecia tranquilo. A cabeça havia recebido uma contusão severa, mas ele já vira pacientes se recuperarem de ferimentos mais graves. Não parecia estar sem esperanças e falou de um jeito alegre.

Ele não a considerava um caso perdido, mas não diria que tudo terminaria em algumas horas, e isso foi, a princípio, um alívio para a maioria. E pode-se imaginar o êxtase de tal alívio; a profunda e silenciosa alegria após algumas frases fervorosas de graças aos céus.

Anne tinha certeza de que nunca esqueceria o tom, o olhar, com o qual “Graças a Deus!” foi proferido pelo capitão Wentworth. Nem a visão dele depois, quando se sentou em uma mesa, inclinando-se sobre ela de braços cruzados escondendo o rosto, como se estivesse dominado pelos vários sentimentos de sua alma e tentando acalmá-los pela oração e reflexão.

Os membros de Louisa haviam escapado. Não houve lesão, apenas na cabeça.

Então, tornou-se necessário que o grupo pensasse o melhor a ser feito em relação à situação geral. Assim, eram capazes de falar uns com os outros e consultar. Não havia dúvidas de que Louisa deveria permanecer onde estava, por mais angustiante que fosse para seus amigos precisar envolver os Harville em tais problemas. Tirá-la dali era impossível. Os Harville silenciaram todos os protestos e, tanto quanto puderam, todos os agradecimentos. Tinham previsto e arrumado tudo antes que os outros tivessem começado a pensar. Decidiu-se que o capitão Benwick iria abrir mão do quarto para eles e procurar uma cama em outro lugar. E foi tudo arranjado. Só estavam preocupados de que a casa não pudesse acomodar mais pessoas e, no entanto, talvez “colocando as crianças no quarto da empregada ou providenciando uma cama em algum lugar”, não conseguissem pensar em não encontrar espaço para mais duas ou três pessoas, supondo que desejassem ficar. No entanto, no que diz respeito ao estado da senhorita Musgrove, não havia nenhum problema em deixá-la inteiramente aos cuidados da senhora Harville. Era uma enfermeira muito experiente, assim como sua criada, que morava com ela há muito tempo e nunca a deixava. Entre as duas, ela não ficaria sem atendimento dia ou

noite. E tudo isso foi dito com uma verdade e uma sinceridade irresistíveis.

Charles, Henrietta e o capitão Wentworth foram consultados, e por um tempo houve apenas uma troca de perplexidade e terror. “Uppercross, havia a necessidade de alguém ir para Uppercross! As notícias a serem transmitidas... Como contá-las ao senhor e a senhora Musgrove... O atraso da manhã... Uma hora já tinha se passado desde que deveriam ter partido... Era impossível chegar em um horário tolerável.” No começo, não foram capazes de nada mais do que proferir tais exclamações, mas, depois de um tempo, o capitão Wentworth fez um esforço e disse:

– Devemos tomar uma decisão e não perder nem mais um segundo. Cada minuto é valioso. Alguém deve partir para Uppercross agora mesmo. Musgrove, ou você ou eu devemos ir.

Charles concordou, mas declarou que não iria embora. Ele seria o menor incômodo possível para o capitão e a senhora Harville, mas não podia, nem iria, deixar a irmã no estado em que estava. Então foi decidido, e Henrietta declarou o mesmo, a princípio. Porém, ela logo foi persuadida a mudar de ideia. Sua permanência não ajudaria! Não tinha conseguido ficar no quarto de Louisa, nem olhar para ela, sem sofrimentos, o que a tornava pior que inútil! Foi forçada a reconhecer que

não podia fazer nada, mas ainda não estava disposta a partir até

que, tocada pelo pensamento do pai e da mãe, desistiu. Henrietta consentiu e estava ansiosa para estar em casa.

O plano chegara a esse ponto quando Anne, saindo do quarto de Louisa em silêncio, não pôde deixar de ouvir o que se seguiu, pois a porta da sala estava aberta.

– Então está resolvido, Musgrove – falou o capitão Wentworth.

– Você fica, e eu levo sua irmã para casa. Mas, quanto ao resto, quanto aos outros, se alguém deve ficar para ajudar a senhora Harville, acho que só pode ser uma pessoa. A senhora Charles Musgrove irá querer, é claro, voltar para os filhos, mas Anne deve ficar, pois não há ninguém tão

apropriado nem tão capaz quanto ela.

Anne parou por um momento para se recuperar da emoção de ouvir esse elogio. Os outros dois concordaram com as palavras do capitão Wentworth, e só então ela apareceu.

– A senhorita ficará. Tenho certeza. Ficaré e cuidará dela! – exclamou ele, voltando-se para ela e falando com um brilho e uma gentileza que pareciam quase reviver o passado.

Anne enrubescceu-se, e ele se acalmou e se afastou. Respondeu que estava disposta, pronta e até feliz em ficar. Era o que ela estava pensando e querendo fazer. Uma cama no chão do quarto da Louisa seria suficiente para ela, se a senhora Harville concordasse.

Mais uma coisa e tudo parecia arranjado. Embora fosse bastante desejável que o senhor e a senhora Musgrove ficassem alarmados com certo atraso, no entanto, o tempo exigido para que os cavalos de Uppercross os levassem de volta seria um terrível tempo de suspense. Então, o capitão Wentworth propôs, e Charles Musgrove concordou, que seria muito melhor que ele pegasse uma carruagem da hospedaria. Deixaria que a carruagem e os cavalos de Musgrove fossem enviados para casa na manhã seguinte, quando haveria a vantagem de enviar informações sobre a noite de Louisa.

O capitão Wentworth foi se apressar para preparar tudo de sua parte e, logo, foi seguido pelas duas damas. Porém, quando se informou o plano a Mary, toda a paz foi destruída. Ficou muito infeliz e queixou-se tanto da injustiça de acharem que ela devia ir embora em vez de Anne. Anne, que não era nada para Louisa, enquanto Mary era sua cunhada e tinha todo o direito de ficar no lugar da Henrietta! Por que ela não era tão útil quanto Anne? E ir para casa sem Charles também, sem o marido! Não... Era muito indelicado. Resumindo, ela disse mais do que seu marido poderia suportar por muito tempo. Como nenhum dos outros poderia se opor quando ele cedeu, não havia como impedir: a troca de Mary por Anne foi inevitável.

Anne nunca tinha se submetido com mais relutância às alegações invejosas e imprudentes de Mary, mas assim devia ser, e o grupo partiu

para a cidade. Charles ficou cuidando da irmã; e o capitão Benwick, cuidando de Anne. Ela teve uma recordação momentânea, enquanto se apressavam para partir, das pequenas circunstâncias que os mesmos lugares haviam testemunhado no início da manhã. Ali, ela tinha ouvido os planos de Henrietta para a aposentadoria do doutor Shirley de Uppercross. Mais adiante, tinha visto o senhor Elliot pela primeira vez. Um momento parecia tudo o que agora podia ser dedicado a qualquer coisa, exceto Louisa, ou aqueles envolvidos em seu bem-estar.

O capitão Benwick foi muito atencioso com ela. Unidos como todos pareciam pela angústia do dia, Anne sentiu um grau de simpatia cada vez maior por ele, além de um prazer até em pensar que talvez fosse a ocasião de retomar a amizade entre os dois.

O capitão Wentworth aguardava-os em uma carruagem com quatro cavalos, estacionada na parte mais baixa da rua para a conveniência deles. Mas as evidentes surpresa e irritação dele com a substituição de uma irmã pela outra, a mudança em seu semblante, o espanto, as expressões iniciadas e suprimidas, com as quais ouviu as palavras de Charles, fizeram com que a recepção fosse um pouco constrangedora para Anne. Ou deve, pelo menos, tê-la convencido de que era valorizada apenas por ser útil para Louisa.

Esforçou-se para ficar calma e ser justa. Sem imitar os sentimentos de uma Emma com relação a seu Henry, teria cuidado de Louisa com um zelo acima das reivindicações comuns de consideração, por causa dele. E esperava que ele não fosse tão injusto por muito tempo a ponto de supor que ela iria se eximir dos deveres de amiga.

Nesse meio-tempo, entrou na carruagem. Depois de ajudá-las a subir, o capitão Wentworth colocou-se entre as duas. E foi sob essas circunstâncias que Anne, cheia de espanto e emoção, deixou Lyme. Como seria a longa viagem, como iria afetar os modos dos dois, qual seria o tipo de conversa, ela não podia prever. Porém, tudo foi bastante natural. Foi muito atencioso com Henrietta, sempre se voltando para ela quando falava, sempre com o objetivo de apoiar suas esperanças e elevar seu ânimo. Em geral, sua voz e seus modos eram calmos de uma forma cautelosa. Poupar Henrietta da

agitação parecia ser o princípio que o governava. Só uma vez, quando sofreu pela última caminhada terrível e malfadada até o quebra-mar, lamentando amargamente que tivessem pensado naquilo, ele explodiu, como se estivesse derrotado:

– Não fale sobre isso! Não fale sobre isso! – ele exclamou. – Ah, Deus! Se eu não tivesse cedido às vontades de Louisa naquele momento! Se eu tivesse feito o que deveria! Mas ela estava tão ansiosa e tão decidida! Querida e doce Louisa!

Anne perguntava-se se já ocorrera ao capitão Wentworth se questionar se era correta sua opinião anterior quanto à felicidade e vantagem universais da firmeza de caráter. E se não parecia que, como todas as outras qualidades da mente, deveria ter suas proporções e limites. Anne achava que ele dificilmente poderia deixar de sentir que um temperamento maleável, às vezes, poderia ajudar tanto a felicidade quanto um caráter muito decidido.

Iam rápido. Anne ficou surpresa ao reconhecer as mesmas colinas e os mesmos objetos tão cedo. A velocidade real deles, aumentada por algum temor da conclusão, fez a estrada ter a metade da extensão do dia anterior. Entretanto, já escurecia antes que estivessem nos arredores de Uppercross, e houve um silêncio total entre eles por um tempo. Henrietta, recostada no canto, com um xale sobre o rosto, dava a esperança de ter chorado até dormir. Até que, ao subirem a última colina, o capitão Wentworth falou com Anne. Em voz baixa e cautelosa, ele disse:

– Estive pensando no que é melhor fazermos. Henrietta não deve aparecer no começo. Ela não aguentaria. Seria melhor se permanecesse na carruagem com ela, enquanto eu entro e dou a notícia para o senhor e a senhora Musgrove. Acha que é um bom plano?

Ela achava. Ficou satisfeito e não disse mais nada. Mas a lembrança do apelo a deixou muito feliz, como uma prova de amizade e de deferência por sua opinião, um grande prazer. E mesmo uma espécie de reconhecimento de que, mesmo separados, o valor dela não tinha

diminuído.

Quando a notícia angustiante foi contada em Uppercross, e viu o pai e a mãe de Louisa tão tranquilos dentro das possibilidades, e a filha, ainda melhor por estar com eles, anunciou sua intenção de voltar na mesma carruagem para Lyme. E partiu logo depois que os cavalos foram alimentados.

FIM DO LIVRO I



Livro II



Capítulo 1

Anne passou o resto do tempo que teve que ficar em Uppercross – apenas dois dias – na Casa Grande. Gostou de se sentir útil ali, tanto como companhia dos moradores quanto ajudando nos preparativos para o futuro, já que a inquietação do senhor e da senhora Musgrove não permitia que tomassem decisões.

Bem cedo, na manhã seguinte, receberam notícias de Lyme. Louisa permanecia igual. Nenhum sintoma sério havia aparecido. Horas depois, Charles chegou para dar notícias mais detalhadas. Estava de bom humor. Não deveriam esperar uma recuperação rápida, mas tudo andava tão bem quanto a natureza do caso permitia. E, por falar nos Harville, achava incrível a bondade daquelas pessoas, sobretudo o zelo da senhora Harville como enfermeira. Na verdade, ela não tinha deixado nada para Mary fazer. Ela e Charles foram persuadidos a voltar cedo para a hospedaria na noite anterior. Mary tinha ficado histérica pela manhã outra vez. Quando saiu, estava preparando-se para dar um passeio com o capitão Benwick, o que achava que poderia lhe fazer bem. Charles estava quase feliz por ela não ter voltado para casa no dia anterior, mas a verdade era que a senhora Harville cuidava de tudo.

Charles planejava voltar a Lyme na mesma tarde, e o pai pensou por um momento em acompanhá-lo, mas as senhoras não permitiram. Isso só aumentaria os incômodos dos outros e o deixaria mais nervoso. Um plano muito melhor foi proposto e seguido. Foi enviado um carro a Crewkerne para buscar uma pessoa que seria bem mais útil na opinião de Charles: a

antiga criada da família que, tendo educado todas as crianças até ver o mimado e delicado Harry na escola, vivia, então, no quarto deserto dos pequenos, remendando meias, cuidando de todos os machucados e inflamações que apareciam. Naturalmente, ela ficou muito feliz em ajudar e atender à querida senhorita Louisa. A senhora Musgrove e Henrietta já haviam pensado em mandar Sarah para lá, mas, sem a presença de Anne, nada teria sido resolvido, muito menos de maneira tão rápida.

No dia seguinte, ficaram em dívida com Charles Hayter pela minuciosa atualização de Louisa, que era tão essencial de obter a cada dia. Ele foi para Lyme por conta própria e as notícias que trouxe foram ainda mais animadoras. Os momentos em que Louisa recuperava a consciência pareciam mais frequentes. Todas as notícias informavam que o capitão Wentworth continuava inabalável em Lyme.

Anne devia deixá-los no dia seguinte, e todos receavam este acontecimento. O que fariam sem ela? Mal podiam consolar um ao outro. E tanto falaram nesse sentido que Anne não teve escolha senão contar a eles o que achava melhor: que todos fossem a Lyme de imediato. Não foi preciso muito para persuadi-los. Decidiram partir na manhã seguinte, ficar em alguma hospedaria e esperar ali até que Louisa pudesse viajar. Deveriam evitar todo o desconforto para as pessoas boas que cuidavam dela. Deveriam, pelo menos, aliviar a senhora Harville do cuidado da própria filha. No geral, ficaram tão felizes com a decisão, que Anne se alegrou do que fizera e achou que a melhor maneira de passar a última manhã em Uppercross era ajudando nos preparativos para poderem partir cedo, embora a consequência imediata fosse ficar sozinha na

casa deserta.

Ela era a última, exceto pelas crianças no chalé, de todo o grupo que tinha animado e enchido as duas casas, dando a Uppercross seu caráter alegre. Grande mudança, de fato, em poucos dias!

Se Louisa se recuperasse, tudo ficaria bem de novo. Haveria ainda mais felicidade do que antes. Não havia dúvida, pelo menos para ela, do que viria depois da recuperação. Dali a alguns meses, o quarto, agora deserto e

habitado apenas pelo silêncio e pelos pensamentos de Anne, seria outra vez ocupado pela alegria, pela felicidade e pelo brilho do amor. Por tudo aquilo que era tão diferente de Anne Elliot!

Uma hora submersa nessas reflexões, em um dia escuro de novembro, com uma garoa embaçando os poucos objetos que podiam ser vistos da janela, foi o suficiente para fazer com que o som da carruagem de *lady* Russell fosse mais do que bem-vindo. Apesar do desejo de partir, Anne não conseguiu deixar a Casa Grande ou despedir-se de longe do chalé, com seu terraço escuro e desconfortável, ou olhar pelas janelas embaçadas para as humildes casas do vilarejo, sem sentir tristeza no coração. Os momentos passados em Uppercross tinham tornado o lugar importante. Tinha a lembrança de muitas dores, intensas uma vez, mas silenciadas naquele instante, e também alguns episódios de sentimentos mais doces, vislumbres de amizade e reconciliação, que não voltariam mais e nunca deixariam de ser uma lembrança preciosa. Estava deixando tudo isso para trás, exceto as lembranças de tais momentos.

Anne não tinha voltado a Kellynch desde sua partida da casa de *lady* Russell em setembro. Não fora necessário, e evitou as poucas ocasiões em que a visita seria possível. Seu primeiro retorno era para retomar seu lugar nos quartos modernos e elegantes de Kellynch Lodge e alegrar os olhos da dona da casa.

Lady Russell sentia um misto de ansiedade e alegria quando voltou a encontrá-la. Ela sabia quem havia frequentado Uppercross. Mas, por sorte, Anne tinha melhorado seu aspecto e sua aparência, ou essa era a opinião da senhora. Ao receber o elogio, Anne divertiu-se, comparando-

-o com a silenciosa admiração do primo, e esperou ser abençoada com o milagre de uma segunda primavera de juventude e beleza.

Durante a conversa, entendeu que havia também uma mudança em seu espírito. Os assuntos que tinham dominado seu coração quando deixou Kellynch, e os quais sentira desprezados e se vira forçada a reprimir na presença dos Musgrove, eram de interesse secundário agora. Nos últimos tempos, havia até negligenciado o pai, a irmã e Bath. A preocupação com

relação a eles fora minimizada se comparada com Uppercross. E quando *lady* Russell voltou às suas antigas esperanças e medos, e expressou sua satisfação com a casa em Camden Place que alugaram e a tristeza de que a senhora Clay ainda estivesse com eles, Anne sentiu vergonha da importância que Lyme e Louisa Musgrove tinham para ela, e todos os que conhecera ali. Como era mais interessante para ela a amizade dos Harville e do capitão Benwick, do que a casa do próprio pai em Camden Place ou a intimidade da irmã com a senhora Clay. Precisou fazer um esforço enorme para aparentar para *lady* Russell uma atenção em assuntos que, obviamente, deveriam interessá-la mais.

Houve alguma dificuldade, a princípio, em tratar de outro assunto. Elas deveriam falar sobre o acidente de Lyme. Não fazia nem cinco minutos da chegada de *lady* Russell, no dia anterior, quando foi informada em detalhes sobre tudo o que havia acontecido. Mas o episódio ainda precisava ser abordado, ela devia conhecer os detalhes, lamentar a imprudência e o resultado fatal; e, claro, o nome do capitão Wentworth devia ser mencionado pelas duas. Anne sabia que não ia tão bem nessa última parte como *lady* Russell. Não podia pronunciar o nome dele nem olhar para a amiga até tê-la informado brevemente sobre o que achava que existia entre o capitão e Louisa. Depois que contou, conseguiu falar com mais calma.

Lady Russell não podia fazer mais do que ouvir tranquilamente e desejar felicidade aos dois. Mas, no fundo do coração, sentia um prazer rancoroso e desdenhoso ao pensar que o homem que, aos 23, parecia entender o valor de Anne Elliot, estivesse, oito anos depois, encantado por Louisa Musgrove.

Os primeiros três ou quatro dias transcorreram de modo tranquilo, sem nenhuma circunstância excepcional, a não ser um ou dois bilhetes de Lyme, enviados a Anne, ela não sabia como, que informavam satisfatoriamente sobre a saúde de Louisa. No fim desse período, a passividade silenciosa de *lady* Russell não podia continuar por mais tempo, e o ligeiro tom ameaçador do passado voltou em uma fala decidida:

– Preciso ver a senhora Croft. Preciso vê-la logo, Anne. Você teria a coragem de me acompanhar até aquela casa para uma visita? Será um teste para nós duas.

Anne não recusou. Pelo contrário, foi sincera ao responder.

– Acho que a senhora sofrerá mais. Seus sentimentos são mais difíceis de mudar do que os meus. Por ter permanecido no local, já me acostumei com a situação.

Poderia ter dito algo mais sobre o assunto. Mas tinha tão grande estima pelos Croft e considerava o pai tão afortunado com os inquilinos, acreditava tanto no bom exemplo que toda a paróquia receberia, assim como as atenções e o alívio que os pobres teriam, que, embora triste e envergonhada pela necessidade da mudança, não podia deixar de pensar que quem tinha ido embora eram aqueles que não mereciam ficar e, na verdade, Kellynch estava em melhores mãos. Essa convicção, é claro, era dolorosa e muito difícil, mas serviria para impedir a mesma dor que *lady Russell* experimentaria ao entrar na casa outra vez e percorrer as dependências tão conhecidas.

Em tais momentos, Anne não tinha forças para dizer para si mesma: “Estes quartos deveriam ser nossos! Ah, como seu destino foi desvalorizado! Como estão ocupados de forma indigna! Uma família tão antiga descartada dessa maneira! Estranhos em um lugar que não lhes pertence!” Não... Isso só acontecia quando se lembrava da mãe e do lugar em que ela costumava se sentar e administrar a casa. Certamente, não poderia pensar assim.

A senhora Croft sempre a tratou com uma gentileza que a fez suspeitar de uma simpatia secreta. Dessa vez, ao recebê-la em sua casa, as atenções foram especiais.

O infeliz acidente de Lyme foi logo o centro da conversa. Ao comparar o que sabiam sobre a paciente, ficou claro que as senhoras estavam falando das notícias recebidas no dia anterior. Então, Anne ficou

sabendo que o capitão Wentworth estivera em Kellynch na véspera (pela primeira vez desde o acidente) e dali tinha despachado para Anne a nota

cuja origem ela não conseguira explicar. Retornara para Lyme, sem intenção de sair de lá de novo. Tinha perguntado especialmente por Anne. Havia falado que esperava que a senhorita Elliot não estivesse cansada de seus esforços, e mencionou que tais esforços foram grandes. Isso foi lindo... E causou mais prazer a Anne do que qualquer outra coisa.

Quanto à catástrofe em si, era deliberada apenas de um modo pelas calmas senhoras, cujos julgamentos deviam ser dados apenas com base nos fatos. Concordavam que fora o resultado da negligência e da imprudência. As consequências tinham sido alarmantes, e era ainda mais assustador pensar por quanto tempo a recuperação poderia ser duvidosa. E por quanto tempo, depois de curada, ainda poderia sofrer com o golpe. O almirante concretizou tudo dizendo:

– É mesmo uma história terrível! É uma nova maneira de cortejar. Um jovem quebrando a cabeça de sua pretendida! Não é mesmo, senhorita Elliot? Isso, sim, que é quebrar uma cabeça e consertar com argamassa!

Os modos do almirante Croft não eram do agrado de *lady* Russell, mas encantavam Anne. A bondade de seu coração e a simplicidade de seu caráter eram irresistíveis.

– Na verdade, deve ser muito ruim para a senhorita vir nos encontrar aqui – disse ele, de repente, como se estivesse acordando de um sonho. – Não tinha pensado nisso antes, confesso, mas deve ser muito ruim. Vamos, não faça cerimônias. Levante-se e ande por todos os cômodos da casa, se desejar.

– Em outra ocasião, senhor. Muito obrigada, mas não agora.

– Bem, quando for mais conveniente para a senhorita. Pode entrar pela porta do lado dos arbustos a qualquer momento. E irá encontrar nossos guarda-chuvas pendurados atrás da porta. É um bom lugar, não? Bem, a senhorita não vai julgar que este é um bom lugar, porque antes os guardavam sempre no quarto do criado – prosseguiu, recuperando-

-se. – É sempre assim, eu acho. A maneira como uma pessoa faz as

coisas pode ser tão boa quanto qualquer outra, mas todo mundo quer fazer do próprio jeito. Por isso, a senhorita é que deve dizer se seria melhor

andar pela casa ou não.

Anne, sentindo que tinha que recusar, fez isso de forma muito grata.

– Fizemos poucas mudanças – continuou o almirante, depois de pensar por um momento. – Pouquíssimas. Já informamos sobre a porta da lavanderia, em Uppercross. Foi uma grande melhora. O que me surpreende é que uma família tenha conseguido suportar a inconveniência da maneira como ela se abria por tanto tempo! A senhorita dirá a *sir* Walter o que fizemos, e que o senhor Shepherd acha que foi a melhora mais acertada feita até agora. De fato, faço justiça ao dizer que as poucas mudanças que fizemos serviram para melhorar o lugar. Foi minha esposa que organizou tudo. Eu fiz muito pouco, exceto remover alguns grandes espelhos do meu quarto de vestir, que era o de seu pai. Um bom homem e um verdadeiro cavalheiro, é verdade, mas, senhorita Elliot, acho que... – fez uma pausa e olhou para Anne de forma pensativa. – Acho que ele deve ter sido um homem muito cuidadoso com as roupas para sua idade. Quantos espelhos! Meu Deus, não era possível fugir de si mesmo! Então, pedi para a Sophy me ajudar e, logo, tiramos todos. Agora, estou muito confortável com meu pequeno espelho de barbear em um canto e outro grande do qual nunca me aproximo.

Anne, divertida apesar de tudo, ficou pensando com alguma angústia em uma resposta, e o almirante, temendo não ter sido muito gentil, voltou ao mesmo assunto.

– Da próxima vez que escrever para seu bom pai, senhorita Elliot, transmita meus cumprimentos e os da senhora Croft, e diga que estamos muito cômodos aqui e que não encontramos nenhum defeito no lugar. A lareira na sala de jantar solta um pouco de fumaça, para dizer a verdade, mas apenas quando o vento norte sopra forte, o que só ocorre três vezes no inverno. Na verdade, agora que estivemos na maioria das casas daqui e foi possível julgar, nenhuma nos agrada mais do que esta. Diga isso e envie meus cumprimentos. Ele ficará muito feliz.

Lady Russell e a senhora Croft estavam encantadas uma com a outra, mas a relação iniciada por esta visita não poderia continuar por muito tempo. Isso porque, quando a visita foi devolvida, os Croft anunciaram que iriam

se ausentar por algumas semanas para visitar os parentes no norte do condado, e que era provável que não voltassem antes da partida de *lady* Russell para sua temporada em Bath.

Foi eliminado, assim, o perigo de que Anne encontrasse o capitão Wentworth em Kellynch ou de vê-lo na companhia de sua amiga. Tudo estava seguro, e ela sorriu ao se lembrar da ansiedade que desperdiçou no assunto.



Capítulo 2

Embora Charles e Mary tenham permanecido em Lyme muito depois da partida dos Musgrove, tanto que Anne chegou a pensar se seriam mesmo necessários lá, eles foram, no entanto, os primeiros da família a voltar para Uppercross. Assim que possível, foram para Kellynch Lodge. Tinham partido quando Louisa começava a se sentar, mas sua mente, embora lúcida, estava muito fraca, e seus nervos necessitavam do máximo de cuidado. Embora fosse possível dizer que estava indo muito bem, ainda era impossível dizer quando poderia ser levada para casa, e o pai e a mãe, que deviam retornar a tempo de receber os filhos mais novos durante as férias de Natal, tinham pouca esperança de levá-la com eles.

Todos tinham ficado em alojamentos. A senhora Musgrove havia cuidado das crianças Harville o máximo possível, e tudo o que conseguiram levar de Uppercross para facilitar a tarefa dos Harville fora levado, enquanto estes convidavam os Musgrove para jantar todos os dias. Resumindo, parecia ter havido uma luta dos dois lados para ver qual era mais desinteressado e hospitaleiro.

Mary tivera seus males, mas, no geral, como também ficou evidente em sua longa estada, havia encontrado mais diversão do que sofrimento. Charles Hayter ficou em Lyme mais do que ela julgou adequado. Nos jantares com os Harville, havia apenas uma empregada para atender. A princípio, a senhora Harville sempre dera preferência à senhora Musgrove, mas depois tinha pedido desculpas sinceras a Mary ao descobrir de quem era filha. Mary tinha feito tantas coisas todos os dias, tantas idas e vindas

entre a pousada e a casa dos Harville, e havia pegado livros da biblioteca e trocado com tanta frequência, que o saldo final estava a favor de Lyme. Também fora levada a Charmouth, onde havia tomado banhos e ido à igreja, que era frequentada por muito mais pessoas para ver do que em Uppercross. Tudo isso, aliado à sensação de estar sendo muito útil, contribuiu para uma permanência muito agradável.

Anne perguntou pelo capitão Benwick. O rosto de Mary ficou sombrio, e Charles soltou uma risada.

– Ah, o capitão Benwick está bem, eu acho, mas é um jovem muito estranho. Não sei o que é, para dizer a verdade. Nós o convidamos para que viesse nos visitar por um dia ou dois, Charles tinha intenções de sair para caçar e ele pareceu encantado. E, da minha parte, eu achava que estava tudo combinado. Até que, na terça-feira à noite, ele deu uma desculpa muito esfarrapada, dizendo que “nunca caçava”, que fora “mal interpretado” e que havia prometido isso e aquilo. Resumindo, não pensava em vir. Imaginei que teria medo de ficar entediado, mas acho mesmo que somos pessoas muito alegres para um homem com o coração tão partido quanto o capitão Benwick.

Charles riu outra vez e disse:

– Vamos, Mary, você sabe o que realmente aconteceu. Foi por sua causa – falou, virando-se para Anne. – Ele pensou que, se aceitasse, estaria muito perto da senhorita. Imaginava que todos viviam em Uppercross, e, quando descobriu que *lady* Russell vive a cinco quilômetros de distância, ficou desanimado. Não teve coragem de vir. Foi isso que aconteceu e Mary sabe.

Mary não gostou nada da explicação, fosse porque não considerava o capitão Benwick bem-nascido o suficiente para se apaixonar por uma Elliot ou porque não estava convencida de que Anne fosse uma atração maior para ir a Uppercross do que ela. Era difícil adivinhar. Porém, a boa vontade de Anne não diminuiu pelo que ouvia. Afirmou que estava lisonjeada e continuou fazendo perguntas.

– Ah, ele fala da senhorita... – disse Charles. – De uma maneira...

Mary interrompeu:

– Confesso, Charles, que nunca o ouvi mencionar o nome de Anne duas

vezes durante todo o tempo que estive lá. Confesso, Anne, que ele nunca falou de você.

– Não – admitiu Charles. – Sei que nunca fez isso, de maneira

específica, mas, de qualquer forma, é óbvio que ele a admira muito. Ele está com a cabeça cheia de livros que lê por sua recomendação e deseja discuti-los com a senhorita. Encontrou algo em um desses

livros e pensou... Ah, não pretendo me lembrar, mas foi algo muito bom... Ouvi quando disse a Henrietta sobre isso. E, nesse momento, a “senhorita Elliot” foi mencionada com muitos elogios. Afirmo que foi assim, Mary, eu ouvi e você estava na outra sala. “Elegância, suavidade, beleza.” Ah, os encantos da senhorita Elliot eram infinitos!

– Na minha opinião, isso não vai muito a favor do capitão Benwick, se falou mesmo essas coisas – disse Mary. A senhorita Harville morreu apenas em junho passado. Tal coração não vale a pena ter. A senhora não acha, *lady* Russell? Tenho certeza de que compartilha de minha opinião.

– Preciso ver o capitão Benwick antes de me pronunciar – respondeu *lady* Russell, sorrindo.

– E logo terá a ocasião, eu garanto, senhora – falou Charles. – Embora não tenha se animado a nos acompanhar e depois vir até aqui para uma visita formal, ele virá a Kellynch por sua própria iniciativa, a senhora pode ter certeza. Mostrei-lhe o caminho, expliquei a distância e disse que a igreja era digna de ser vista. Como gosta dessas coisas, pensei que seria uma boa desculpa, e ele me ouviu com toda atenção e sinceridade. Tenho certeza, pelos seus modos, de que a senhora o verá aqui em breve. Então, já fique avisada, *lady* Russell.

– Qualquer conhecido de Anne será sempre bem-vindo por mim

– respondeu *lady* Russell de modo gentil.

– Ah, quanto a ser conhecido da Anne, acho que é mais conhecido meu, porque eu o vi todos os dias – comentou Mary.

– Bem, como seu conhecido, também terei grande prazer em ver o capitão Benwick.

– Não encontrará nada particularmente agradável nele, minha senhora. É um dos jovens mais tediosos que já conheci. Andou comigo às vezes, de uma ponta à outra da praia, sem dizer uma palavra. Não é muito educado. Posso garantir que não irá gostar dele.

– Não concordo, Mary – rebateu Anne. – Acho que *lady* Russell simpatizará com ele e ficará tão encantada com sua inteligência que logo não encontrará deficiência em suas maneiras.

– Também acho – disse Charles. – Tenho certeza de que *lady* Russell o achará muito agradável e irá simpatizar com ele. Dê-lhe um livro e o capitão Benwick o lerá o dia todo.

– Isso é verdade! – exclamou Mary, com sarcasmo. – Irá se sentar com o livro e não prestará atenção quando uma pessoa falar com ele, ou quando uma das tesouras cair, ou qualquer outra coisa que aconteça a seu redor. Acham que *lady* Russell vai gostar disso?

Lady Russell não conseguiu conter o riso. Em seguida, falou:

– Palavra de honra, nunca pensei que minha opinião sobre alguém pudesse ser objeto de tanta conjectura, tendo em vista que sou equilibrada e realista. Estou muito curiosa para conhecer a pessoa que desperta essas diferenças. Gostaria que fosse convidado para vir aqui. E, quando vier, Mary, com certeza lhe darei minha opinião. Mas estou determinada a não julgar antes da hora.

– Ele não vai agradá-la. Tenho certeza.

Lady Russell começou a falar sobre outra coisa. Mary relatou, animada, de como era extraordinário terem encontrado, ou quase encontrado, o senhor Elliot.

– É um homem a quem não desejo encontrar – disse *lady* Russell. – Sua recusa em manter boas relações com o chefe de sua família me causou uma impressão muito desfavorável com relação a ele.

Essa frase acalmou o ardor de Mary e a deteve de repente no meio de sua defesa da beleza dos Elliot.

Quanto ao capitão Wentworth, embora Anne não tivesse se atrevido a fazer nenhuma pergunta, as informações espontâneas foram suficientes. Seu ânimo tinha melhorado muito nos últimos dias, como era de se

esperar. À medida que Louisa melhorava, ele também parecia melhor. Era agora um indivíduo muito diferente do que fora na primeira semana. Não tinha visto Louisa, e temia que um encontro prejudicasse a jovem, razão pela qual não tinha insistido em visitá-la. Pelo contrário, parecia ter planejado viajar por uma semana ou dez dias até que a cabeça dela estivesse mais forte. Havia falado de ir a Plymouth por uma semana e queria convencer o capitão Benwick a acompanhá-lo. Mas, como Charles continuou afirmando, o capitão Benwick parecia muito mais disposto a vir para Kellynch.

Não há dúvida de que, a partir daí, tanto Anne quanto *Lady Russell* ficaram pensando no capitão Benwick de vez em quando.

Lady Russell não podia ouvir a campainha na porta de entrada sem imaginar que seria um mensageiro do jovem, e Anne não podia voltar de alguma caminhada solitária pelos terrenos que tinham sido de seu pai ou de qualquer visita de caridade na vila sem se perguntar se o veria ou se ouviria dele. No entanto, o capitão Benwick não apareceu. Ou ele estava menos disposto do que Charles imaginava ou era muito tímido. E, após uma semana, *lady Russell* julgou que era indigno da atenção que dispensara a ele no início.

Os Musgrove vieram esperar os meninos e as meninas, que estavam voltando da escola acompanhados pelas crianças dos Harville, para aumentar o alvoroço em Uppercross e diminuí-lo em Lyme. Henrietta ficou com Louisa, mas o resto da família tinha voltado.

Lady Russell e Anne fizeram uma visita de retribuição uma vez, e Anne encontrou em Uppercross a animação de antes. Embora faltassem Henrietta, Louisa, Charles Hayter e o capitão Wentworth, a sala apresentava um contraste marcante com a última vez que a vira.

Ao redor da senhora Musgrove, estavam os pequenos Harville, que ela tentava proteger da tirania dos meninos do chalé de Uppercross, vindos especialmente para entretê-los. De um lado, havia uma mesa, ocupada por garotinhas tagarelas, cortando seda e papel dourado; e, de outro, havia fontes e bandejas, dobradas com o peso de tortas pesadas e frias, com as

quais os meninos barulhentos brincavam. Tudo isso com o ruído de uma lareira de Natal, que parecia disposta a ser ouvida apesar do tumulto de todos. Charles e Mary, como esperado, estavam presentes, e o senhor Musgrove julgou ser sua obrigação prestar seus respeitos a *lady* Russell, sentando-se ao lado dela por dez minutos, falando em voz muito alta, por causa dos gritos das crianças que subiam nos joelhos dele, mas em vão. Era uma linda cena familiar.

Anne, julgando de acordo com o próprio temperamento, teria presumido que aquele furacão doméstico seria ruim para os tão afetados nervos de Louisa. No entanto, a senhora Musgrove, que se sentou ao lado de Anne para agradecer mais uma vez pelas atenções, terminou considerando o quanto tinha sofrido e, com um olhar alegre ao redor da sala, enfatizou que, depois do que tinha acontecido, nada poderia ser melhor do que a calma alegria do lar.

Louisa recuperava-se com tranquilidade. A mãe achava até que seria possível que voltasse para casa antes de os irmãos e as irmãs voltarem para a escola. Os Harville tinham prometido vir com ela e ficar em Uppercross. O capitão Wentworth fora visitar o irmão em Shropshire.

– Espero lembrar-me no futuro de não visitar Uppercross nas festas de Natal – disse *lady* Russell, quando estavam sentadas na carruagem para voltar.

Todos têm seus gostos particulares, tanto em matéria de barulho quanto em qualquer outra coisa. E os ruídos são inofensivos ou irritantes, dependendo mais do tipo do que da intensidade. *Lady* Russell não reclamou quando, pouco tempo depois, estava entrando em Bath em uma tarde chuvosa, indo da ponte Velha até Camden Place, pelas ruas cheias de carruagens e carroças pesadas, tomadas pelos gritos dos

anunciantes, vendedores e leiteiros, além dos incessantes rumores

dos tamancos. Não... Esses barulhos faziam parte da diversão de

inverno. Ela se animava sob a influência deles e, como a senhora

Musgrove, embora sem dizer, julgava que, depois de uma temporada no

campo, nada poderia fazer tão bem quanto um pouco de alegria.

Anne não compartilhava da opinião de *lady* Russell. Continuava sentindo uma antipatia silenciosa, mas segura, por Bath. Recebeu a visão nebulosa dos grandes edifícios, embaçados pela chuva, sem nenhum desejo de vê-los melhor. Sentiu que o avanço que faziam pelas ruas, apesar de desagradável, era muito rápido, pois quem ficaria alegre com sua chegada? E lembrava-se, com tristeza, da agitação de Uppercross e da reclusão de Kellynch.

A última carta de Elizabeth tinha comunicado notícias de algum interesse. O senhor Elliot estava em Bath. Tinha ido a Camden Place. Havia retornado uma segunda vez, uma terceira, e fora muito atencioso. Se Elizabeth e o pai não estavam enganados, o senhor Elliot esforçava-se para estabelecer uma relação e declarar a importância dela, tanto quanto antes se esforçara para negligenciá-la. Isso seria maravilhoso se fosse verdade, e *lady* Russell ficou em um estado de agradável curiosidade e perplexidade sobre o senhor Elliot, quase se retratando pelo sentimento que havia expressado a Mary, falando dele como um homem que “não desejava ver”. Sentia muita vontade de conhecê-lo. Se ele quisesse mesmo cumprir seu dever como um bom galho, deveria ser perdoado por ter se afastado da árvore genealógica.

Anne não se sentia tão animada com essas circunstâncias, mas preferia rever o senhor Elliot do que não voltar a vê-lo, algo que poderia dizer de poucas pessoas em Bath. Desceu em Camden Place, e *lady* Russell dirigiu-se para sua hospedagem na rua River.



Capítulo 3

Sir Walter havia alugado uma boa casa em Camden Place, em um lugar alto e digno, como merece um homem igualmente digno e elevado. E, com Elizabeth, tinham se instalado ali muito satisfeitos.

Anne entrou na casa com o coração apertado, antecipando uma reclusão de vários meses e perguntando-se ansiosamente: “Quando irei deixá-los de novo?” No entanto, uma inesperada cordialidade em sua chegada fez-lhe muito bem. O pai e a irmã ficaram felizes em vê-la, queriam mostrar a casa e os móveis, e receberam-na com bondade. O fato de serem quatro nas refeições também era uma vantagem.

A senhora Clay estava muito amigável e sorridente, mas as cortesias e os sorrisos que oferecia eram apenas isto: cortesia. Anne sentiu

que ela sempre faria o que julgasse mais conveniente, mas a boa

vontade dos outros era surpreendente e genuína. Estavam de excelente

humor e logo soube por quê. Não estavam interessados em ouvi-la. Após forçar alguns elogios de que estavam fazendo falta na antiga vizinhança, elogios que Anne não pôde deixar de tecer, fizeram poucas perguntas, e a conversa foi dominada por eles. Uppercross não despertava interesse. Kellynch, muito pouco. O mais importante era Bath.

Tiveram o prazer de assegurar-lhe que Bath havia excedido suas expectativas em vários aspectos. A casa deles era, sem dúvida, a melhor de Camden Place. As salas tinham todas as vantagens possíveis sobre as

outras que tinham sido visitadas ou de que ouviram falar, e a superioridade consistia, além disso, no estilo da arrumação e no bom gosto da mobília. Todos queriam se relacionar com eles e visitá-los.

O pai e a irmã tinham rejeitado muitas apresentações e, mesmo assim, viviam assediados por cartões deixados por desconhecidos.

Quantas razões para se alegrar! Anne poderia duvidar de que o pai e a irmã eram felizes? Não poderia duvidar, mas se lamentava que o pai não se sentisse rebaixado com a mudança. Tampouco não sentisse falta dos deveres e da dignidade de um proprietário de terras e de encontrar muitos motivos para ser vaidoso na pequenez de uma cidade. Anne suspirou, sorriu e espantou-se enquanto Elizabeth ia mostrando todos os cômodos, andando exultante, gabando-se sobre o tamanho. Anne ficou surpresa em notar que aquela mulher, que tinha sido a dona de Kellynch Hall, encontrava orgulho no espaço daquelas duas paredes, distantes uma da outra por cerca de dez metros.

Mas também havia outras coisas que os faziam felizes. Eles também tinham o senhor Elliot. Anne teve que ouvir muito sobre ele.

Não só tinha sido perdoado, como o pai e a irmã estavam encantados com ele. Estivera em Bath há 15 dias, mais ou menos (havia passado por ali em novembro, a caminho de Londres, quando recebeu a informação de que *sir* Walter estava instalado ali, então, embora não tivesse ficado mais de 24 horas, não conseguiu aproveitar a situação). No entanto, dessa vez, estava passando uns 15 dias em Bath, e a primeira medida que tomou foi deixar seu cartão em Camden Place, seguido pelos maiores desejos de retomar relações. Quando se encontraram, seu comportamento foi tão franco, tão pronto para se desculpar pelo passado, tão ansioso por estreitar os laços, que, logo no primeiro

encontro, o contato restaurou-se completamente.

Não viram nenhum defeito nele. O senhor Elliot havia explicado tudo o que parecia descuido de sua parte. O que logo deu lugar a mal-entendidos. Nunca teve a intenção de afastar-se deles. Estava com medo de eles terem

se afastado, embora não soubesse por quê, e a delicadeza obrigou-o a se manter em silêncio. Frente à suspeita de que ele havia falado de forma desrespeitosa ou leviana sobre a família ou a honra dela, ficou indignado. Ele, que sempre se orgulhou de ser um Elliot, e cujas ideias, no que dizia respeito à família, eram rígidas demais para o tom democrático dos tempos atuais. Na verdade, sentia-se chocado, mas seu caráter e seu comportamento refutariam tal suspeita. *Sir* Walter podia averiguar entre as pessoas que o conheciam. Na verdade, o esforço que teve na primeira oportunidade de reconciliação, para retomar a relação e a provável herança, foi evidência suficiente de suas opiniões sobre o assunto.

As circunstâncias de seu casamento também poderiam ser desculpadas. Esse tema não devia ser colocado por ele, mas um amigo íntimo, o coronel Wallis, um homem muito respeitável e cavalheiro (e nada mal em termos de aparência, acrescentou *sir* Walter). Este vivia em grande estilo nas casas de Marlborough e havia, a seu próprio pedido, travado conhecimento com eles através do senhor Elliot. Foi quem mencionou uma ou duas coisas sobre o casamento, que ajudaram a reduzir a perda de prestígio.

O coronel Wallis conhecia o senhor Elliot há muito tempo. Tinha conhecido muito bem sua esposa e entendeu perfeitamente o problema. Ela não era uma mulher de boa família, mas era bem-educada, culta, rica e muito apaixonada por seu amigo. Ali residia o encanto. Ela procurou por ele. Sem essa condição, todo o dinheiro dela não teria sido suficiente para tentar Elliot e, além disso, *sir* Walter estava convencido de que fora uma mulher muito honrada. Tudo isso tornou o casamento atraente. Uma mulher muito boa, de grande fortuna e apaixonada por ele! *Sir* Walter admitia tudo isso como uma desculpa e, embora Elizabeth não pudesse ver o assunto sob uma luz tão favorável, foi forçada a admitir que tudo era de grande extenuação.

O senhor Elliot fizera visitas frequentes, tinha jantado com eles uma vez e se mostrado encantado ao receber o convite, já que eles não davam jantares em geral. Em uma palavra, ficou encantado com qualquer demonstração de afeto familiar, e mostrava que sua felicidade dependia de

estar intimamente ligado à casa de Camden.

Anne ouvia, mas não entendia muito bem. Precisava ter muito bom senso com relação às opiniões daqueles que falavam. Ela ouvia tudo de forma embelezada. O que parecia extravagante ou irracional no progresso da reconciliação poderia ter sua origem apenas no modo de falar dos narradores. No entanto, tinha a sensação de que havia algo mais do que era aparente no desejo do senhor Elliot, após um intervalo de tantos anos, de ser bem recebido por eles. Do ponto de vista mundano, não ganharia nada com a amizade de *sir* Walter, nem perderia se as coisas continuassem como estavam. Com certeza, devia ser o mais rico dos dois, e a propriedade Kellynch seria dele algum dia, assim como o título. Um homem sensato, e parecia ser, de fato, muito sensato, por que iria querer se aproximar? Ela poderia apresentar apenas uma solução. Talvez fosse por causa de Elizabeth. Talvez, em algum momento, tenha havido alguma atração, embora a conveniência e os acidentes tivessem separado os dois; e, agora que o senhor Elliot podia se dar ao luxo de fazer o que quisesse, talvez sua intenção fosse cortejá-la. Elizabeth era muito bonita, elegante e culta, e seu jeito de ser não era conhecido pelo senhor Elliot, que a tinha encontrado algumas vezes, em público, quando era muito jovem. Como a sensibilidade e a inteligência da irmã iriam suportar a análise de um homem já maduro era outra preocupação muito dolorosa. Na verdade, Anne desejava que ele não fosse muito gentil ou obsequioso se Elizabeth fosse a causa de seus esforços. Enquanto discutiam as frequentes visitas do senhor Elliot, ficou muito claro, por um ou dois olhares entre Elizabeth e a senhora Clay, que a irmã estava inclinada a acreditar em tal coisa e que a amiga encorajava a ideia.

Anne mencionou os encontros que teve com ele em Lyme, mas sem que prestassem muita atenção nela.

– Ah, sim, talvez fosse o senhor Elliot. Eles não sabiam. Talvez tenha sido ele.

Não podiam ouvir a descrição que fazia dele. Eles mesmos queriam descrevê-lo, sobretudo *sir* Walter. Fez jus à sua aparência de cavalheiro, ao seu ar elegante e estiloso, ao bom formato do rosto, ao olhar grave, mas,

ao mesmo tempo, “era lamentável ter o maxilar tão proeminente, um defeito que o tempo parecia ter aumentado. Nem poderia ser escondido que dez anos haviam mudado suas feições de forma desfavorável. O senhor Elliot parecia pensar que ele (*sir* Walter) tinha a mesma aparência de quando se separaram”. Contudo, *sir* Walter “não conseguiu devolver o elogio completamente, e isso o deixara constrangido. De qualquer forma, não pensava em reclamar. O senhor Elliot tinha melhor aparência do que a maioria dos homens, e ele não se oporia a ser visto em sua companhia onde quer que fosse”.

O senhor Elliot e os amigos das casas de Marlborough foram o principal tema da conversa a tarde toda. O coronel Wallis parecia tão ansioso em ser apresentado a eles! E o senhor Elliot estava tão ansioso para apresentá-lo! Havia também uma senhora Wallis, que só conheciam de nome, pois estava esperando um bebê a qualquer momento. Mas o senhor Elliot a descrevia como “uma mulher encantadora, digna de ser conhecida em Camden Place”. Assim que se restabelecesse, eles a conheceriam. *Sir* Walter tinha altas expectativas com relação à senhora Wallis. Diziam que era uma mulher extraordinariamente linda. Ele desejava muito vê-la. Seria uma compensação para os rostos feios que via a cada dia na rua. A pior coisa de Bath era o extraordinário número de mulheres feias. Isso não quer dizer que não havia mulheres bonitas, mas a quantidade de feias era esmagadora. Em suas caminhadas, muitas vezes tinha observado que um belo rosto era seguido por 30 ou 35 espantalhos. Certa vez, quando estava em uma loja da rua Bond, havia contado 87 mulheres, uma após a outra, sem encontrar um rosto aceitável entre elas. Claro que tinha sido uma manhã gelada, de um frio cortante que só uma mulher entre 1.000 poderia ter suportado. Mas, ainda assim, o número de feias era incalculável. Quanto aos homens, eram infinitamente piores! As ruas estavam apinhadas de espantalhos! Era evidente, pelo efeito que um homem de aparência decente produzia, que as mulheres não estavam muito acostumadas à visão de alguém tolerável. Nunca havia andado de braço dado com o coronel Wallis (que tinha um belo porte, embora o cabelo fosse louro-escuro), sem que todos os olhares femininos se voltassem para

ele. Na verdade, todas as mulheres olhavam para o coronel Wallis. Ah, a modéstia de *sir* Walter! Porém, ele não podia escapar. Sua filha e a senhora Clay afirmaram que o acompanhante do coronel Wallis tinha uma figura tão bela quanto a dele, sem a desvantagem da cor do cabelo.

– Como está a Mary? – perguntou *sir* Walter, com o melhor humor. – Na última vez em que a vi, estava com o nariz vermelho, mas espero que isso não aconteça todos os dias.

– Deve ter sido puro acaso. Em geral, desfruta de boa saúde e aparência desde o fim de setembro.

– Se eu julgasse que ela não ficaria tentada a sair com ventos fortes e estragar a pele, mandaria um novo chapéu e outro casaco de pele para ela.

Anne considerava se seria conveniente sugerir que um casaco ou um chapéu não ajudariam nessa situação, quando uma batida na porta interrompeu tudo. “Uma batida na porta a essa hora, tão tarde! Já deve passar das dez! Será que é o senhor Elliot?” Eles sabiam que o senhor Elliot iria jantar em Lansdown Crescent. Era possível que tivesse parado no caminho de volta para cumprimentá-los. Não conseguiam pensar em mais ninguém. A senhora Clay acreditava que sim, que era a “maneira como o senhor Elliot batia na porta”. A senhora Clay estava certa. Com toda a cerimônia que um criado e um garoto de recados podem fazer, o senhor Elliot entrou na sala.

Era o mesmíssimo homem, sem outra diferença senão a roupa. Anne recuou um pouco enquanto os outros recebiam os cumprimentos; e a irmã, as desculpas por se apresentar em um horário tão incomum. Mas “não podia passar tão perto sem entrar para perguntar se ela ou a amiga tinham ficado com frio no dia anterior” etc. Tudo isso foi dito e ouvido com cortesia. Mas a vez de Anne se aproximava. *Sir* Walter falou sobre a filha caçula:

– Senhor Elliot, quero apresentá-lo à minha filha mais nova.

Não se lembrou de Mary, e Anne, sorrindo e corando de um modo que a realçava, apresentou ao senhor Elliot as belas feições que ele não havia esquecido de maneira nenhuma, e viu, no mesmo segundo, divertida, a surpresa que demonstrou, que não tinha suspeitado antes quem ela era.

Pareceu muito surpreso, mas também muito satisfeito. Seus olhos iluminaram-se e, com o maior entusiasmo, celebrou a reunião, aludindo ao passado e dizendo que poderia ser considerado um velho conhecido. Era tão bonito quanto havia parecido em Lyme, e suas feições melhoraram quando falou. Suas maneiras eram apropriadas, tão educadas, tão fáceis, tão agradáveis, que só podiam ser comparadas às de outra pessoa. Eles não eram iguais, mas eram igualmente bons.

Sentou-se com eles, e a conversa melhorou de imediato. Não havia dúvida de que era um homem inteligente. Dez minutos foram suficientes para confirmar isso. Seu tom, sua expressão, a escolha do assunto, seu conhecimento de até onde deveria chegar eram o resultado de uma mente inteligente e esclarecida. Assim que pôde, começou a falar com ela sobre Lyme, querendo trocar opiniões sobre o lugar, mas, sobretudo, ansioso para comentar o fato de terem sido hóspedes da mesma pousada e ao mesmo tempo. Falou sobre o caminho que percorreu, quis conhecer um pouco do dela e lamentou ter perdido tamanha oportunidade de prestar seus respeitos naquela ocasião. Ela resumiu sua estadia e seus assuntos em Lyme. A tristeza dele aumentou quando soube os detalhes. Tinha passado uma tarde solitária no quarto ao lado do deles. Ouvira vozes alegres. Havia pensado que deveriam ser pessoas encantadoras e quis conversar com eles. E tudo isso sem a menor suspeita de que tinha o direito de ser apresentado. Se tivesse perguntado quem eram! O nome Musgrove teria sido suficiente! “Bem, isso serviria para curá-lo do terrível hábito de nunca fazer perguntas em uma pousada, um costume que tinha adotado desde muito jovem, achando que não era gentil ser curioso”.

– Acredito que as noções de um jovem de 21 ou 22 anos, em termos de boas maneiras para ser um perfeito cavalheiro, são mais absurdas do que as de qualquer outra pessoa no mundo. A estupidez dos meios que costumam empregar só pode ser igualada pela tolice dos fins que perseguem.

Mas não podia transmitir os pensamentos somente para Anne, ele sabia disso, e logo estava perdido entre os outros. Só às vezes pôde voltar para Lyme.

No entanto, as perguntas do senhor Elliot logo trouxeram à tona a história do que havia acontecido depois de sua partida. Tendo ouvido algo sobre “um acidente”, quis saber o resto. Quando perguntou, *sir* Walter e Elizabeth também quiseram saber, mas a diferença na maneira como faziam era muito evidente. Ela só poderia comparar o senhor Elliot com *lady* Russell, por seu desejo de entender o que havia acontecido e pelo grau em que também parecia entender o quanto sofrera ao presenciar o acidente.

O senhor Elliot ficou uma hora com eles. O pequeno e elegante relógio sobre a lareira bateu as “onze horas com seus toques de prata”. O vigia da rua podia ser ouvido ao longe, gritando a mesma informação, antes que o senhor Elliot ou qualquer um na sala achasse que havia passado tanto tempo.

Anne nunca poderia imaginar que a primeira noite em Camden Place seria tão agradável!



Capítulo 4

Havia algo que Anne, voltando para perto da família, teria ficado mais grata em descobrir, ainda mais do que se o senhor Elliot estivesse apaixonado por Elizabeth, e era o que o pai sentia pela senhora Clay. Depois de ter ficado em casa por algumas horas, estava mais apreensiva com relação a isso. Ao descer para o desjejum na manhã seguinte, descobriu que havia uma intenção razoável da senhora de deixá-los. Achou que a senhora Clay tinha dito algo:

– Agora que Anne está de volta, não sou mais necessária.

Pois Elizabeth sussurrava:

– Não há nenhuma razão, na verdade. Garanto que não encontro nenhuma. Ela não é nada para mim, em comparação com você.

E teve tempo de ouvir o pai dizer:

– Minha cara senhora, isso não pode ser. A senhora ainda não viu nada de Bath. Esteve aqui apenas porque foi necessário. Não deve nos deixar agora. Deve ficar para conhecer a senhora Wallis, a linda senhora Wallis. Por seu refinamento, tenho certeza de que a beleza é sempre um prazer.

Falou com tamanha sinceridade que Anne não ficou surpresa em ver a senhora Clay olhar de relance para Elizabeth e, depois, para ela própria. Poderia parecer um pouco cautelosa, mas Elizabeth certamente não via problema no elogio ao refinamento da senhora Clay. Esta, diante de tais pedidos, não poderia fazer nada senão ceder e prometer ficar.

No decorrer da mesma manhã, Anne ficou sozinha com o pai, que começou a parabenizá-la por seu melhor aspecto. Ele a via “menos magra

de corpo, de bochechas. Sua pele, sua aparência melhoraram...

O semblante estava mais claro, mais fresco. Estava usando algum produto em especial?”.

– Não, nada.

– Nada além de Gowland – supôs o pai.

– Não, absolutamente nada.

Isso o surpreendeu muito, e ele acrescentou:

– Não pode fazer nada melhor do que continuar como está. Está muito bem. Mas eu recomendo o uso de Gowland constantemente durante os meses da primavera. A senhora Clay usou depois da minha recomendação e veja como ela melhorou. Todas suas sardas foram apagadas.

Se Elizabeth tivesse ouvido isso! Tal elogio a teria chocado, ainda mais quando, na opinião de Anne, as sardas estavam no mesmo lugar. Mas é preciso dar oportunidade a tudo. O mal de tal casamento diminuiria se Elizabeth também se casasse. Quanto a Anne, sempre teria a possibilidade de ir morar com *lady* Russell.

A compostura de *lady* Russell e a gentileza de suas maneiras foram submetidas a um teste durante sua permanência em Camden Place. A visão da senhora Clay gozando de tantos favores e de Anne tão negligenciada eram uma provocação sem fim para ela. E a situação incomodava-a muito quando não estava lá, quando tinha tempo para se sentir incomodada, por ser uma pessoa em Bath que bebe água local, lê todas as novas publicações e tem um grande número de conhecidos.

Quando conheceu o senhor Elliot, tornou-se mais caridosa ou mais indiferente com os outros. Aprovou os modos dele de imediato e, ao conversar com o senhor Elliot, logo avistou características sólidas sustentando as superficialidades. Então, a princípio, sentiu-se inclinada a exclamar, como disse a Anne:

– Esse é mesmo o senhor Elliot?

De fato, não conseguia imaginar um homem mais agradável ou digno de estima. Ele reunia tudo: boa compreensão, opiniões corretas, conhecimento do mundo e um coração amoroso. Tinha fortes sentimentos

de união e honra familiares, sem qualquer fraqueza ou orgulho. Vivia com a liberalidade de um homem de fortuna, mas sem desperdício. Fazia julgamentos próprios em todas as coisas essenciais sem desafiar a opinião pública em qualquer ponto do decoro mundano. Era calmo, observador, moderado, sincero. Nunca agiria por impulso ou egoísmo acreditando que o fazia por causa de sentimentos poderosos. Ainda assim, possuía uma sensibilidade para tudo o que fosse gentil ou encantador, e uma admiração por tudo o que pudesse ser estimável na vida doméstica, que pessoas falsamente entusiastas ou de agitações violentas raramente possuem. Estava certa de que o senhor Elliot não tinha sido feliz no casamento. O coronel Wallis disse isso, e *lady* Russell conseguia perceber, mas seu caráter não tinha azedado nem (ela logo começou a suspeitar) o impedia de pensar em uma segunda esposa. A satisfação que o senhor Elliot trazia atenuava a irritação causada pela senhora Clay.

Já fazia alguns anos que Anne soubera que ela e sua excelente amiga podiam discordar às vezes. Por isso, não ficou surpresa que *lady* Russell não tivesse visto nada suspeito ou inconsistente, nada por trás dos motivos aparentes, no grande desejo de reconciliação do senhor Elliot. *Lady* Russell considerava a coisa mais natural do mundo que, em uma fase madura da vida, o senhor Elliot sentisse que seu objeto de maior desejo, e o que a maioria das pessoas sensatas recomendaria, seria uma reconciliação com o chefe da família. Era a coisa mais natural com a passagem do tempo em uma cabeça lúcida e que só tinha errado durante o auge da juventude. Porém, Anne permaneceu sorrindo e, enfim, mencionou Elizabeth. *Lady* Russell ouviu, olhou e respondeu apenas:

– Elizabeth! Bem, o tempo dirá.

Era uma referência ao futuro, e Anne, depois de uma breve observação, entendeu que também deveria se limitar a esperar. Não poderia definir nada por enquanto. Naquela casa, Elizabeth vinha primeiro, e ela estava tão acostumada à reverência geral à “senhorita Elliot” que qualquer atenção particular lhe parecia impossível. Além disso, não deveria ser esquecido que o senhor Elliot era viúvo há apenas sete meses. Uma pequena demora da parte dele era muito perdoável. De fato, Anne não

podia ver a fita negra de luto em volta do chapéu dele sem temer que ela era a que agia de forma indesculpável, atribuindo-lhe tais suposições. Porque o casamento dele, embora infeliz, havia durado tantos anos que ela não conseguia compreender a recuperação tão rápida da terrível impressão de vê-lo terminado para sempre.

Sem importar como tudo aquilo ia acabar, não havia dúvida de que o senhor Elliot era a pessoa mais agradável que conheceram em Bath. Anne não via ninguém como ele, e era uma ótima indulgência conversar sobre Lyme de vez em quando, um lugar que ele, assim como Anne, aparentava ter um desejo vívido de rever, e de conhecer melhor. Comentaram os detalhes de seu primeiro encontro várias vezes. Ele deu a entender que tinha olhado para ela com interesse. Anne lembrava-se bem disso e também do olhar de uma terceira pessoa.

Eles nem sempre estavam de acordo. O respeito do senhor Elliot por posição e parentesco era maior que o dela. Não era apenas complacência, mas uma identificação com o assunto, que fez com que ele pedisse que *sir* Walter e Elizabeth prestassem atenção em assuntos que Anne julgava indigno de entusiasma-los. Certa manhã, o jornal matinal de Bath anunciou a chegada da viscondessa viúva de Dalrymple e sua filha, a respeitável senhorita Carteret, e toda a comodidade de Camden Place número... desapareceu por vários dias. Porque os Dalrymple (infelizmente, na opinião de Anne) eram primos dos Elliot, e as angústias surgiram ao pensarem em uma apresentação apropriada.

Anne nunca vira o pai e a irmã em contato com a nobreza, e ficou um pouco desanimada. Esperava coisas melhores da alta ideia que eles tinham da própria posição social, e limitou-se a desejar algo que nunca previra: de que tivessem mais orgulho, porque “nossas primas *lady* Dalrymple e a senhorita Carteret”, “nossos parentes, os Dalrymple”, eram frases que se repetiam todo dia em seu ouvido.

Sir Walter já estivera uma vez em companhia do falecido visconde, mas nunca tinha conhecido o resto da família. As dificuldades surgiram no momento de uma completa interrupção na troca de cartas de cortesia, desde a morte do visconde mencionado, que ocorreu ao mesmo tempo em

que uma doença perigosa de *sir* Walter tinha feito com que os moradores de Kellynch não enviassem quaisquer condolências. Nenhuma carta de pêsames foi mandada para a Irlanda. O pecado havia sido pago, já que, com a morte de *lady* Elliot, nenhuma carta de condolências chegou a Kellynch e, como resultado, existiam muitas razões para supor que os Dalrymple consideravam a amizade terminada. A questão era como consertar essa situação chata, e serem admitidos como primos outra vez. E era algo que, de forma muito sensata, nem *lady* Russell nem o senhor Elliot consideravam trivial.

– É bom sempre conservar as relações familiares. A boa companhia é sempre digna de ser procurada.

Lady Dalrymple havia alugado uma casa em Laura Place por três meses e viveria em grande estilo. Estivera em Bath no ano anterior, e *lady* Russell tinha ouvido falar dela como uma mulher adorável. Seria muito bom se as relações fossem restabelecidas e, se possível, sem qualquer falta de decoro por parte dos Elliot.

Porém, *sir* Walter preferiu usar os próprios procedimentos e, por fim, escreveu uma carta muito boa dando uma explicação ampla, expressando pesar e fazendo uma súplica à honrada prima. Nem *lady* Russell nem o senhor Elliot puderam ler a carta, mas ela serviu a seu propósito, trazendo de volta uma nota rabiscada da viscondessa viúva. “Teria muito prazer e honra em encontrá-los”. As preocupações acerca do assunto tinham terminado, e era hora de trocar as gentilezas. Visitaram Laura Place e receberam os cartões da viscondessa viúva de Dalrymple e da respeitável senhorita Carteret, que colocaram no local onde ficassem mais visíveis. E “nossas primas em Laura Place”, “nossas parentes *lady* Dalrymple e a senhorita Carteret” foram o assunto de todos os comentários.

Anne ficou envergonhada. Mesmo que *lady* Dalrymple e a filha fossem extremamente agradáveis, ainda teria se envergonhado da agitação que criavam, mas elas não eram. Não tinham superioridade de maneiras, de cultura ou de compreensão. *Lady* Dalrymple tinha adquirido a fama de “mulher encantadora” por causa do sorriso gentil e por ser cortês com todo mundo. A senhorita Carteret, de quem se poderia dizer ainda menos, era

tão feia e desagradável que nunca teria sido recebida em Camden Place se não fosse por sua posição.

Lady Russell confessou que esperava mais, no entanto, “era uma relação que valia a pena ter”. Quando Anne ousou emitir sua opinião sobre as duas ao senhor Elliot, ele concordou que, por si mesmas, não valiam muito, mas seguiu afirmando que, como conexão familiar, como boa companhia, como pessoas que conseguem reunir outras boas companhias ao redor, valiam a pena. Anne sorriu e rebateu:

– Minha ideia de boa companhia, senhor Elliot, é a companhia de pessoas inteligentes, bem informadas e que tenham muito a dizer. É o que entendo por boa companhia.

– A senhorita está errada – respondeu ele, de forma gentil. – Essa não é boa companhia. É a melhor. A boa companhia exige apenas berço, educação e boas maneiras, e, no que diz respeito à educação, é necessário muito pouco. O nascimento e as boas maneiras são essenciais, mas um pouco de conhecimento não faz mal a ninguém. Pelo contrário, fazem bem. Minha prima Anne balança a cabeça. Não está satisfeita. Está aborrecida. Minha querida prima, a senhorita tem mais direito de ser desdenhosa do que qualquer outra mulher que eu conheço – acrescentou, sentando-se ao seu lado. – Mas o que ganha com isso? Isso a fará feliz? Não é mais sábio aceitar a companhia dessas senhoras de Laura Place e aproveitar as vantagens dessa relação enquanto for possível? A senhorita pode ter certeza de que os setores de mais alta classe estarão com elas em Bath neste inverno, e posição social é sempre bom. O fato de serem parentes contribuirá para colocar sua família, nossa família, no lugar que ela merece.

– Sim – afirmou Anne. – Todos vão saber que somos parentes delas! – então, recompondo-se e não querendo uma resposta, acrescentou:

– A verdade é que acho que tem sido muito incômodo correr atrás desse relacionamento. Acho que tenho mais orgulho do que qualquer um de vocês, mas confesso que me incomoda que tenhamos desejado tanto esse relacionamento, quando somos perfeitamente indiferentes para elas –

acrescentou com um sorriso.

– Desculpe, minha querida prima, mas a senhorita é injusta em suas suposições. Talvez em Londres, com seu modo de vida tranquilo, a senhorita poderia afirmar isso, mas em Bath, *sir* Walter Elliot e sua família sempre serão dignos de serem conhecidos. Sempre serão uma companhia muito apreciada.

– Bem, sou orgulhosa, orgulhosa demais, para desfrutar de uma amizade que depende do lugar em que estamos – disse Anne.

– Aprovo sua indignação – concordou ele. – É natural. Mas vocês estão em Bath, e o que importa é possuir todo o crédito e a dignidade que *sir* Walter Elliot merece. A senhorita fala de orgulho. Eu sou considerado orgulhoso, e gosto de ser, porque nosso orgulho, no fundo, é igual, não duvido, embora nas aparências pareçam diferentes. Em uma coisa, minha querida prima... – continuou, falando baixo, apesar de não ter mais ninguém na sala. – Em uma coisa tenho certeza: de que nossos sentimentos se assemelham. Sentimos que qualquer nova amizade para seu pai, entre seus pares ou superiores, que possa distrair seus pensamentos de quem está abaixo dele, deve ser bem-vinda.

Enquanto falava, olhou para o lugar que a senhora Clay vinha ocupando. Era uma perfeita explicação para o que ele queria dizer. E, embora Anne não achasse que tinham o mesmo orgulho, ficou satisfeita por ele também não gostar da senhora Clay. E sua consciência admitiu que o desejo do senhor Elliot de que seu pai conhecesse novas pessoas era mais do que aceitável para derrotar aquela mulher.



Capítulo 5

Enquanto *sir* Walter e Elizabeth frequentemente tentavam a sorte em Laura Place, Anne renovava um relacionamento antigo e muito diferente. Tinha visitado a antiga tutora e soube, por meio dela, que uma antiga colega da escola estava em Bath, algo que chamou sua atenção por ter sido gentil com ela no passado e por estar sofrendo neste momento.

A senhorita Hamilton, agora senhora Smith, tinha sido carinhosa com ela em um daqueles momentos em que esse tipo de gesto é mais apreciado. Anne tinha chegado muito triste ao colégio, angustiada pela perda da tão amada mãe, sofrendo por estar longe de casa e pela grande sensibilidade e falta de animação de uma menina de 14 anos em um momento como aquele. E a senhorita Hamilton, que era três anos mais velha que ela e iria permanecer na escola por mais um ano, devido à falta de parentes e um lar estável, havia sido prestativa e gentil com Anne, mitigando sua dor de uma maneira que nunca poderia esquecer.

A senhorita Hamilton havia deixado a escola e se casado pouco depois – dizia-se, com um homem rico. E isso era tudo o que Anne sabia dela, até o relato da tutora trazer à tona a história de maneira mais decidida, mas também bastante diferente.

Agora, ela era viúva e pobre. O marido fora extravagante e, quando morreu, o que tinha acontecido dois anos antes, deixara os negócios em má situação. Ela passou por dificuldades de todo tipo e, além desses inconvenientes, foi acometida por uma febre reumática severa, que, por

fim, instalou-se em suas pernas, deixando-a, por ora, aleijada. Tinha vindo a Bath por esse motivo, e estava hospedada perto dos banhos quentes, vivendo de maneira muito modesta, sem poder pagar nem mesmo o conforto de uma empregada e, é claro, quase à margem da sociedade.

A amiga em comum garantiu que uma visita da senhorita Elliot daria muita satisfação à senhora Smith. Por isso, Anne não demorou em fazê-la. Em casa, não disse nada do que tinha ouvido e do que pensava em fazer. Não despertaria ali o interesse que devia. Só consultou *lady* Russell, que entendeu perfeitamente seus sentimentos e teve o prazer de levá-la o mais próximo possível da casa da senhora Smith em Westgate Buildings.

A visita foi feita, as relações foram restabelecidas, o interesse foi recíproco. Os primeiros dez minutos foram embaraçosos e emocionantes. Doze anos tinham se passado desde a separação das duas, e cada uma era uma pessoa diferente do que a outra imaginava. Doze anos tinham transformado Anne da promissora e silenciosa moça de 15 anos em uma elegante mulher de 27, com toda a beleza, apesar da falta de frescor, e as maneiras corretas e gentis. E 12 anos haviam feito da bela e já adulta senhorita Hamilton, na época em todo o auge de saúde e confiança de sua superioridade, em uma viúva pobre, fraca e abandonada, que recebia a visita da antiga protegida como um favor. Mas tudo o que foi desconfortável no encontro terminou logo e só restou o encanto de lembrar e falar sobre os tempos passados.

Anne encontrou na senhora Smith o bom julgamento e as maneiras agradáveis já conhecidas, e uma vontade de falar e ser alegre, que realmente a surpreenderam. Nem os desperdícios do passado – e ela gastara muito – nem as restrições do presente, nem a doença nem a tristeza pareciam ter entorpecido seu coração ou arruinado seu espírito.

No decorrer de uma segunda visita, a senhora Smith falou com grande franqueza, e o espanto de Anne aumentou. É difícil imaginar uma situação menos agradável do que a da senhora Smith. Tinha amado muito o marido e o vira morrer. Tinha conhecido a opulência. Agora, não restava mais nada. Não tinha filhos para estar unida à vida e à felicidade outra vez. Não tinha parentes para ajudá-la na organização dos negócios complexos, nem

saúde para tornar tudo isso mais suportável. Seus aposentos eram uma sala barulhenta e um quarto escuro atrás. Não podia passar de um ao outro sem ajuda, e só havia uma empregada na casa que pudesse pagar. Nunca saía da casa, exceto para ser levada aos banhos quentes. Apesar disso, Anne não se enganava ao acreditar que tinha poucos momentos de tristeza e desânimo no meio de horas agitadas e felizes. Como isso poderia ser possível? Ela olhou, observou, refletiu e, enfim, concluiu que aquilo não passava de um caso de força ou resignação. Um espírito submisso pode ser paciente. Uma forte compreensão pode dar resolução, mas aqui havia outra coisa. Aqui, havia um pensamento leve, vontade de consolar-se, poder de transformar rapidamente o mal em bem e de se interessar por tudo o que vinha como um presente da natureza, o que a distraía de si. Era este o presente mais precioso do céu, e Anne viu na amiga um daqueles exemplos maravilhosos que parecem servir para mitigar qualquer frustração.

A senhora Smith confessou que seu espírito só havia vacilado uma vez. Não podia ser chamada de inválida agora, se comparada com o estado em que estava quando chegou a Bath. Naquele momento, de fato, alguém digno de compaixão, porque tinha contraído um resfriado na viagem e mal tomara posse de seus aposentos quando ficou confinada à cama com dores fortes e constantes. Tudo isso entre estranhos, precisando muito de uma enfermeira, e não conseguindo, porque as finanças daquele momento eram bastante impróprias para atender a qualquer despesa fora do comum. De alguma forma, havia suportado, e poderia afirmar que o episódio lhe fizera bem. Tinha aumentado seu bem-estar ao sentir-se em boas mãos. Conhecia muito do mundo para esperar uma ajuda súbita ou desinteressada de alguém, mas sua doença havia mostrado o caráter da dona do

alojamento, e que ela não se aproveitaria de sua enfermidade. Também teve a sorte de que a irmã da dona, enfermeira por profissão e sempre em casa quando suas obrigações permitiam, estava livre nos momentos em que ela precisou de ajuda.

– Além de cuidar de mim muito bem, ensinou-me coisas inestimáveis – disse a senhora Smith. – Assim que pude usar as mãos, ela me ensinou a

tecer, o que tem sido um grande entretenimento. Ensinou-me a fazer essas caixas para guardar agulhas, almofadas de alfinetes, porta-cartões, coisas que sempre me deixarão ocupada, e me garantem os meios para ser útil para uma ou duas famílias pobres deste bairro. Por causa de sua profissão, ela conhece muita gente. Conhece quem tem condição de comprar, então vende minha mercadoria. Escolhe sempre o momento certo. O coração de todos está mais aberto depois de ter escapado de grandes dores e adquirido a bênção da saúde outra vez, e a enfermeira Rooke sabe bem quando é hora de falar. É uma mulher sagaz, inteligente e sensível. Sua profissão permite conhecer a natureza humana e tem uma base de bom senso e o dom da observação que a tornam uma companhia infinitamente superior à de muitas pessoas que receberam apenas “a melhor educação do mundo”, mas, na verdade, não sabem de nada que valha a pena saber. Chame de fofoca, se quiser, mas, quando a enfermeira Rooke vem passar meia hora comigo, sempre tem algo útil e divertido para me contar. Algo que me faz pensar melhor sobre as pessoas. Queremos saber o que está acontecendo, estar ciente das novas maneiras de ser tola e trivial usadas no mundo. Para mim, que vivo tão sozinha, a conversa dela é um presente.

Anne, querendo saber mais sobre esse prazer, disse:

– Acredito na senhora. Mulheres deste tipo têm muitas oportunidades e, se forem inteligentes, vale a pena ouvi-las. Elas testemunham tantas manifestações da natureza humana! E sua experiência não se limita às besteiras, pois elas a veem também sob circunstâncias que podem ser interessantes ou comoventes. Quantos exemplos devem ver de abnegação ardente e altruísta, de heroísmo, de força, de paciência, de resignação! Todo conflito e todo sacrifício que mais nos enobrecem. O quarto de uma pessoa doente pode, com frequência, valer mais do que muitos livros.

– Sim, acontece, às vezes, embora eu tema que a maioria dessas manifestações não seja tão elevada quanto a senhorita imagina – disse, duvidando, a senhora Smith. – Algumas horas, a natureza humana pode ser grande nos momentos de provação, mas, no geral, as fraquezas tendem a prevalecer em vez da força no quarto de uma pessoa doente. É o egoísmo e a impaciência, mais que a generosidade e a força, que são vistos. Tão

incomum é a amizade verdadeira no mundo! E, infelizmente, há tantos que se esquecem de pensar de forma séria antes de ser tarde demais – acrescentou baixinho, com a voz trêmula.

Anne entendeu a infelicidade desses sentimentos. O marido não tinha sido o que devia e deixara a esposa entre aquelas pessoas que a faziam pensar o pior do mundo do que ela achava que este merecia. Porém, esse momento de emoção foi passageiro. A senhora Smith mudou de assunto e logo acrescentou em um tom diferente:

– Duvido de que a situação que minha amiga, a senhora Rooke, enfrenta no presente sirva de entretenimento ou de lição para mim.

Ela apenas atende à senhora Wallis de Marlborough Buildings. Uma mera mulher bonita, boba, gastadora e elegante, eu acho, e, é claro,

nada poderá me contar de importante, a não ser coisas sobre rendas e bugigangas. No entanto, talvez eu possa obter algum benefício

da senhora Wallis. Ela tem muito dinheiro, e pretendo que compre todas as coisas caras que tenho agora em minhas mãos.

Anne visitou a amiga várias vezes antes de que suspeitassem de sua existência em Camden Place. Por fim, foi necessário falar sobre ela. *Sir* Walter, Elizabeth e a senhora Clay voltavam certa manhã de Laura Place com um súbito convite da senhora Dalrymple para aquela mesma noite, mas Anne já estava comprometida a ir para Westgate Buildings. Ela não se lamentava de ter uma desculpa. Tinha certeza de que só tinham sido convidados porque *lady* Dalrymple, que não podia sair de casa por um sério resfriado, pensava em usar a amizade daqueles que tanto haviam procurado por ela. Por isso, Anne apressou-se em recusar com grande entusiasmo:

– Prometi passar a noite com uma velha colega de escola.

Eles não estavam interessados em nada relacionado com Anne, mas ainda assim fizeram perguntas mais do que suficientes para descobrir quem era essa antiga colega. Elizabeth expressou desdém e *sir* Walter ficou sério.

– Westgate Buildings! – exclamou. – E quem a senhorita Anne Elliot poderia visitar em Westgate Buildings?

– A senhora Smith, uma viúva chamada senhora Smith.

– E quem foi o marido dela?

– Um dos milhares de senhores Smith encontrados em todo lugar.

– Quais atrativos ela tem?

– Está velha e doente.

– Palavra de honra, senhorita Anne Elliot... A senhorita é dona dos gostos mais peculiares. Tudo o que as outras pessoas não gostam, como gente inferior, aposentos medíocres, ar viciado, relacionamentos desagradáveis, a senhorita aprecia. Mas talvez possa adiar a visita a essa senhora até amanhã. Acredito que ela não esteja tão perto de morrer que a senhorita não possa deixar a visita para outro dia. Qual a idade dela? Quarenta?

– Não, senhor. Ainda não tem 31 anos. Mas não acho que posso adiar meu compromisso, porque é a única noite em muito tempo conveniente para as duas. Ela tomará seus banhos quentes amanhã e nós, bem, o senhor sabe, já estamos comprometidos pelo resto da semana.

– Mas o que *lady* Russell acha desse relacionamento? – perguntou Elizabeth.

– Não vê nada de repreensível nele – respondeu Anne. – Pelo contrário, ela o aprova, e quase sempre me levou quando fui visitar a senhora Smith.

– Westgate Buildings deve se surpreender ao ver uma carruagem passando pela rua – observou *sir* Walter. – A viúva de *sir* Henry Russell, de fato, não tem armas para enfeitar o brasão, mas, apesar disso, é uma bela carruagem, sem dúvida digna de levar a senhorita Elliot. Uma viúva chamada senhora Smith, que mora em Westgate Buildings! Uma pobre viúva com poucos recursos, que tem entre 30 e 40 anos! Uma simples e comum senhora Smith, entre todas as pessoas e todos os nomes no mundo, escolhida como amiga da senhorita Anne Elliot e preferida por esta às suas relações familiares da nobreza inglesa e irlandesa! A senhora Smith! Que nome!

A senhora Clay, que havia testemunhado toda a cena, julgou prudente

deixar a sala naquele momento, e Anne, em defesa da amiga, teria desejado fazer alguns comentários sobre a grande semelhança entre as reivindicações da senhora Smith e a deles próprios, mas a noção de respeito natural pelo pai a conteve. Não respondeu. Deixou que ele entendesse sozinho que a senhora Smith não era a única viúva em Bath entre 30 e 40 anos de idade, com poucos meios e nenhum nome distinto.

Anne honrou seu compromisso, os outros honraram o deles e, é claro, ela teve de ouvir na manhã seguinte que tinham passado uma noite adorável. Anne tinha sido a única ausente. *Sir* Walter e Elizabeth não só se colocaram ao dispor de *lady* Dalrymple, como ainda se alegraram em ser designados por ela para buscar outras pessoas, incomodando-se em convidar *lady* Russell e o senhor Elliot. E este tinha deixado cedo o coronel Wallis, e *lady* Russell havia terminado os compromissos mais cedo para comparecer. Anne ficou sabendo, por meio de *lady* Russell, de todos os detalhes que tal noite poderia proporcionar. Para Anne, o mais importante foi ter sido grande objeto de conversa entre a amiga e o senhor Elliot, sua presença ter sido desejada; sua ausência, lamentada; e, ao mesmo tempo, honrada por não ir em tal situação. As amáveis e compassivas visitas à antiga colega de escola, doente e aleijada, pareciam ter encantado o senhor Elliot. Este acreditava que era uma jovem extraordinária, em suas maneiras, seu caráter e sua alma, um excelente modelo de feminilidade. Ele poderia até se desentender com *lady* Russell em uma discussão sobre os méritos de Anne; e ela não conseguia ouvir tanto da amiga, não era capaz de se reconhecer sendo tão bem avaliada por um homem sensato, sem muitas daquelas agradáveis sensações que a amiga pretendia criar.

Lady Russell já tinha uma opinião muito firme sobre o senhor Elliot. Estava convencida de que ele desejava conquistar Anne e não duvidava de que a merecia. Por isso, começou a calcular a quantidade de semanas que ele demoraria para se livrar dos laços de viuvez e luto, para poder usar abertamente seus atrativos e conquistar a jovem. Não disse para Anne tão abertamente como via o assunto. Só fez algumas insinuações do que aconteceria em breve, isto é, de que ele se apaixonaria e, como tal aliança

era conveniente, supondo que fosse real e recíproca. Anne ouviu-a sem fazer nenhuma exclamação imoderada. Apenas sorriu, corou e assentiu um pouco com a cabeça.

– Não sou casamenteira, como você bem sabe, pois conheço muito bem a incerteza de todos os eventos e cálculos humanos – disse *lady* Russel. – Só estou dizendo que, se alguma vez o senhor Elliot se declarar e você aceitar, eu acho que terão a possibilidade de serem felizes juntos. Será uma união desejada por todos, e, na minha opinião, será uma união feliz.

– O senhor Elliot é um homem muito agradável e, em muitos aspectos, tenho uma boa opinião sobre ele – disse Anne. – Mas acho que não temos gostos parecidos.

Lady Russell não disse nada sobre isso e continuou:

– Gostaria de vê-la como a futura *lady* Elliot, a senhora de Kellynch, ocupando a mansão que foi de sua mãe, herdando todos seus direitos, sua popularidade, assim como todas as suas virtudes. Isso seria uma grande recompensa para mim. Você é idêntica à sua mãe, no caráter e no físico. Se pudesse imaginá-la ocupando o lugar dela, o nome dela, a casa dela... Dirigindo e abençoando o mesmo lugar, só superior a ela por ser mais apreciada... Minha querida Anne, isso me deixaria mais feliz do que qualquer outra coisa no mundo.

Anne foi forçada a se levantar, caminhar até uma mesa distante e fingir estar ocupada com algo para esconder os sentimentos que aquela imagem despertara nela. Por alguns momentos, seu coração e sua imaginação ficaram fascinados. A ideia de se tornar o que a mãe tinha sido, de ter o belo nome de “*Lady* Elliot” revivido nela, de voltar para Kellynch, de chamá-lo de lar outra vez, sua casa para sempre, tinha um charme inegável para ela. *Lady* Russell não disse mais nada, deixando que a questão se resolvesse sozinha e imaginando se o senhor Elliot pudesse, naquele momento, falar o que sentia com propriedade! Resumindo, ela acreditava no que Anne não acreditava. A mesma imagem do senhor Elliot confessando o que sentia trouxe Anne para a realidade. O encanto de Kellynch e de “*lady* Elliot” desapareceram. Nunca poderia aceitá-lo. E não era só devido ao fato de seus sentimentos serem avessos a todos os

homens, com exceção de um. Seu julgamento, ao considerar friamente as possibilidades desse caso, condenava o senhor Elliot.

Apesar de conhecê-lo há mais de um mês, não podia afirmar que conhecia bem seu caráter. Que era um homem inteligente e agradável, que falava bem, que suas opiniões eram sensatas, que seus julgamentos eram corretos e que tinha princípios, tudo isso era indiscutível. Certamente, sabia o que era bom, e Anne não podia encontrar defeitos nele em nenhum aspecto de seus deveres morais. Apesar disso, não poderia garantir sua conduta. Desconfiava do passado, já que não

podia desconfiar do presente. Os nomes de antigos conhecidos, mencionados de passagem, as alusões a costumes e propósitos antigos sugeriam opiniões desfavoráveis sobre o que ele havia sido. Estava claro que tivera maus hábitos: as viagens de domingo foram comuns. Houve um período em sua vida (provavelmente, nada curto) em que fora negligente em todos os assuntos sérios e, embora agora pensasse de outra maneira, quem poderia responder pelos verdadeiros sentimentos de um homem hábil e cauteloso, maduro o suficiente para apreciar um belo caráter? Como poderia ter certeza de que sua alma estava mesmo limpa?

O senhor Elliot era racional, discreto, cortês, mas não era franco. Nunca transpareceu nenhum sentimento, seja de indignação ou de prazer, pela boa ou pela má conduta dos outros. Isso, para Anne, era um grande defeito. Suas primeiras impressões eram duradouras. Ela apreciava a franqueza, o coração aberto, o caráter impaciente, antes de tudo. O calor e o entusiasmo ainda a cativavam. Ela sentia que podia confiar muito mais na sinceridade daqueles que, em alguma ocasião, podiam dizer algo descuidado ou precipitado do que naqueles cuja presença de espírito nunca sofria alterações, cuja língua nunca escorregava.

O senhor Elliot era agradável demais com todos. Apesar do caráter variado das pessoas que moravam na casa de seu pai, todos gostavam dele. Ele se dava muito bem, entendia-se maravilhosamente com todo mundo. Tinha falado com ela com alguma franqueza sobre a senhora Clay. Parecia entender as intenções daquela mulher e havia expressado seu desprezo por

ela. No entanto, a senhora Clay estava encantada com ele.

Lady Russell enxergava algo a menos ou a mais que a jovem amiga, pois não observava nada que pudesse inspirar desconfiança. Não conseguia encontrar um homem mais perfeito do que o senhor Elliot, e seu maior desejo era vê-lo receber a mão de sua amada Anne Elliot, na capela de Kellynch, no próximo outono.



Capítulo 6

Era início de fevereiro, e Anne, depois de um mês em Bath, estava ficando impaciente para receber notícias de Uppercross e Lyme. Queria saber mais do que as comunicações de Mary podiam informar. Não sabia quase nada há três semanas. Só sabia que Henrietta estava em casa de novo e que Louisa, embora se recuperasse depressa, ainda se encontrava em Lyme. E, certa tarde, pensava intensamente nelas quando uma carta de Mary, mais pesada do que o habitual, foi entregue a ela e, para aumentar o prazer e a surpresa, com as saudações do almirante e da senhora Croft.

Os Croft deviam estar em Bath! Uma situação que a interessava. Eles eram pessoas pelas quais seu coração se sentia naturalmente atraído.

– O que é isso? – indagou *sir* Walter. – Os Croft chegaram a Bath? Os Croft que alugaram a propriedade de Kellynch? O que lhe entregaram?

– Uma carta de Uppercross, senhor.

– Ah, essas cartas são passaportes convenientes... Garantem uma apresentação. De qualquer forma, eu deveria ter visitado o almirante Croft. Sei o que devo a meu inquilino.

Anne não conseguia mais ouvir, nem sequer saberia dizer o que o pai falou, sobre a pele do pobre almirante. A carta era o centro de suas atenções. Tinha sido começada vários dias antes:

1º de fevereiro

Minha querida Anne,

Não peço desculpas por meu silêncio, porque sei como as pessoas menosprezam as cartas em um lugar como Bath. Você deve estar muito

feliz para se preocupar com Uppercross. Afinal, sobre isso, como você bem sabe, há muito pouco a ser dito. Tivemos um

Natal muito chato. O senhor e a senhora Musgrove não deram

um único jantar durante todo o período de festas. Não considero muito

os Hayter. Mas as festas, enfim, terminaram: acho que nenhuma

criança teve férias tão longas. Tenho certeza de que eu não tive. A casa ficou vazia ontem, com exceção dos pequenos Harville. Ficaré surpresa ao saber que, durante todo esse tempo, eles não foram para casa. A senhora Harville deve ser uma mãe muito estranha para se separar deles por tanto tempo assim. Não consigo compreender isso. Na minha opinião, essas crianças não são nada agradáveis, mas a senhora Musgrove parece gostar deles tanto ou talvez mais do que de seus netos. Que clima terrível tivemos! Talvez não tenham sentido isso em Bath, devido à pavimentação agradável, mas, no campo, foi bastante ruim. Nem uma única alma veio me visitar desde a segunda semana de janeiro, com exceção de Charles Hayter, que veio mais do que o desejado. Entre nós, acho uma pena que Henrietta não tenha ficado em Lyme tanto tempo quanto Louisa. Isso a teria mantido um pouco longe dele. A carruagem partiu para amanhã trazer Louisa e os Harville. Mas só vamos jantar com eles um dia depois, porque a senhora Musgrove teme que a viagem seja muito cansativa para Louisa. Isso é improvável, considerando os cuidados que terão com ela. Por outro lado, teria sido muito melhor para mim jantar com eles amanhã. Estou feliz que tenha gostado do senhor Elliot e eu também gostaria de conhecê-lo. Mas minha sorte é assim: estou sempre longe quando há algo interessante acontecendo. Sou sempre a última da família a saber! Quanto tempo a senhora Clay está passando com Elizabeth! Será que ela pretende ir embora algum dia? No entanto, se ela fosse deixar o quarto vazio, provavelmente não seríamos convidados. Diga o que acha disso. Não espero que meus filhos sejam convidados, sabe? Posso deixá-los perfeitamente na Casa Grande por um mês ou seis semanas. Neste momento, ouço que os Croft vão agora mesmo para Bath. Eles acham que

o almirante tem gota. Charles ficou sabendo disso por acaso. Não tiveram a delicadeza de me avisar ou se oferecer para levar algo. Não acho que melhoraram como vizinhos. Raramente os vemos, e esse é um exemplo sério de negligência. Charles une suas afeições às minhas. Com todo nosso carinho,

Mary M.

Lamento dizer que estou muito longe de estar bem, e Jemima acabou de me contar que o açougueiro lhe disse que há muita dor de garganta se espalhando por aqui. Imagino que vou pegá-la, e você bem sabe que sofro da garganta mais do que qualquer outra pessoa.

Assim terminava a primeira parte, que fora colocada em um envelope contendo muito mais:

Deixei a carta aberta, para poder contar como Louisa chegou, e estou feliz por ter feito isso, porque tenho muito mais coisas para lhe contar. Em primeiro lugar, recebi um bilhete da senhora Croft ontem, oferecendo-se para levar o que eu quisesse mandar para você. Na verdade, um bilhete muito cortês e amigável, dirigido a mim, como correspondia. Por isso, posso escrever tanto quanto gostaria. O almirante não parece muito doente, e faço os sinceros votos de que Bath faça bem a ele. Realmente, ficarei feliz em vê-los de volta. Nossa vizinhança não pode perder essa família tão agradável. Vamos falar agora sobre a Louisa. Tenho que comunicar algo que irá

surpreendê-la, e não é pouco. Ela e os Harville chegaram na terça-feira perfeitamente bem, e à tarde fomos perguntar como ela estava, pois ficamos surpresos de não encontrar o capitão Benwick na comitiva. Afinal, ele fora convidado, assim como os Harville. E você sabe qual é o motivo? Nem mais nem menos porque se apaixonou por Louisa e não quer vir a Uppercross sem ter uma resposta do senhor Musgrove, já que, entre os dois, já estava tudo resolvido antes da volta dela, e ele escreveu ao pai dela por meio do capitão Harville. Tudo isso é verdade, palavra de honra! Você está atordoada? Eu ficaria surpresa se alguma vez você tiver suspeitado de algo, porque eu nunca suspeitei. A senhora Musgrove

afirma que nunca soube nada a respeito. Mas estamos muito satisfeitos porque, embora não seja o mesmo que casar com o capitão Wentworth, é infinitamente melhor do que Charles Hayter. O senhor Musgrove escreveu dando seu consentimento e estamos esperando o capitão Benwick hoje. A senhora Harville diz que o marido está muito sentido pela pobre irmã dele, mas, de qualquer forma, Louisa é muito querida por ambos. Na verdade, eu e a senhora Harville concordamos que guardamos ainda mais carinho por Louisa pelo fato de termos cuidado dela. Charles pergunta-se sobre o que o capitão Wentworth dirá, mas, se tiver memória, você lembrará que nunca achei que ele estivesse apaixonado por Louisa. Nunca consegui ver nada parecido. E você pode imaginar que também é o fim de qualquer dúvida se o capitão Benwick tinha sido um admirador seu. Como Charles pôde acreditar em tal coisa é algo que não entendo. Espero que ele seja um pouco mais gentil agora. Com certeza, não será um grande casamento para Louisa Musgrove, mas, mesmo assim, é um milhão de vezes melhor do que se casar com um dos Hayter.

Mary tinha acertado ao imaginar que a irmã não estava nem um pouco preparada para essa notícia. Nunca em sua vida ficou tão chocada. O capitão Benwick e Louisa Musgrove! Era maravilhoso demais para acreditar. E foi com muito esforço que conseguiu permanecer no quarto, manter um ar calmo e responder às perguntas do momento. A sorte de Anne é que foram poucas. *Sir* Walter queria saber se os Croft estavam viajando com quatro cavalos e se ficariam em algum lugar em Bath que permitisse a visita dele e da senhorita Elliot. Era o único que parecia interessá-lo.

– Como está Mary? – perguntou Elizabeth. E, sem esperar pela resposta, acrescentou: – E o que traz os Croft a Bath?

– Eles vêm por causa do almirante. Está com suspeita de gota.

– Gota e decrepitude – comentou *sir* Walter. – Pobre cavalheiro!

– Eles têm algum conhecido aqui? – indagou Elizabeth.

– Não sei, mas imagino que um homem da idade e da profissão do almirante Croft tenha poucos conhecidos em um lugar como este.

– Suspeito de que o almirante Croft deva ser mais conhecido em Bath

como o inquilino de Kellynch – disse *sir* Walter, em um tom frio. – Elizabeth, acha que podemos nos aventurar a apresentar o almirante e a esposa em Laura Place?

– Ah, não! Acho que não. Em nossa situação de primos de *lady* Dalrymple, devemos tomar muito cuidado para não apresentar ninguém que ela possa desaprovar. Se não fôssemos parentes dela, não importaria, mas, como somos primos, ela seria escrupulosa quanto a qualquer proposta que fizemos. É melhor deixarmos os Croft encontrarem sozinhos pessoas do nível deles. Há muitos idosos desagradáveis que, segundo ouvi dizer, são marinheiros. Os Croft poderão se relacionar com eles.

Esse era todo o interesse que o pai e a irmã tiveram pela carta. Depois que a senhora Clay também interveio, mas de forma mais atenciosa, perguntando pela senhora Charles Musgrove e seus lindos filhos, Anne libertou-se.

Quando estava sozinha em seu quarto, tentou entender o que havia acontecido. Claro que podia imaginar Charles perguntando-se sobre o que o capitão Wentworth iria sentir! Talvez tivesse abandonado o campo de batalha, desistido de Louisa, desistido de amá-la. Talvez tivesse descoberto que não a amava. Não podia suportar a ideia de traição, leviandade ou algo parecido entre ele e o amigo. Não podia imaginar que uma amizade como a deles poderia dar lugar a qualquer comportamento injusto.

O capitão Benwick e Louisa Musgrove! A alegre e faladeira Louisa Musgrove e o leitor abatido, pensativo e sentimental, capitão Benwick, pareciam as pessoas menos indicadas uma para a outra. Dois temperamentos tão diferentes! Em que pode ter consistido a atração? A resposta logo surgiu: foi a situação. Estiveram juntos por várias semanas, vivendo no mesmo pequeno círculo familiar. Desde o retorno de Henrietta, devem ter dependido quase exclusivamente um do outro, e Louisa, recuperando-se de sua doença, estaria mais interessante, e o capitão Benwick não estava inconsolável. Disso, Anne já tinha suspeitado antes e, em vez de tirar dos atuais eventos a mesma conclusão que Mary, estes só serviram para confirmar a ideia de que Benwick havia sentido certa

ternura por ela. No entanto, não pretendia extrair muito mais da situação para satisfazer sua vaidade do que Mary teria permitido. Estava convencida de que qualquer jovem agradável que o tivesse ouvido e entendido teria despertado nele os mesmos sentimentos. O capitão Benwick tinha um coração afetuoso, e era natural que amasse alguém.

Não via nenhum motivo para que não fossem felizes. Para começar, Louisa tinha entusiasmo por coisas navais, e logo seus gostos se tornariam mais parecidos. Ele iria adquirir alegria, e ela aprenderia a apreciar Lord Byron e Walter Scott. Não, isso já tinha acontecido, sem dúvida. Com certeza, tinham se apaixonado lendo versos. A ideia de que Louisa Musgrove pudesse se tornar uma pessoa reflexiva e de refinado gosto literário era, de fato, bastante cômica, mas não havia dúvidas de que isso aconteceria. Aquele dia em Lyme e a queda no quebra-mar poderiam ter influenciado sua saúde, seus nervos, sua coragem e seu caráter até o fim de sua vida, tanto quanto pareciam ter influenciado em seu destino.

Pode-se concluir que, se a mulher que se mostrara sensível aos méritos do capitão Wentworth pudesse se permitir preferir outro homem, não haveria nada no noivado a causar surpresa duradoura. E, se o capitão Wentworth não havia perdido um amigo, com certeza não havia nada a lamentar. Não, não era o lamento que fazia o coração de Anne bater mais forte e o rosto ficar vermelho ao pensar em um capitão Wentworth descompromissado e livre. Sentia certas coisas que estava com vergonha de examinar. Elas pareciam ser uma alegria grande e insensata!

Queria ver os Croft, mas, quando os encontrou, percebeu que eles ainda não sabiam das novidades. A visita cerimonial foi feita e devolvida, e Louisa Musgrove e o capitão Benwick foram mencionados, mas sem nem um sorriso.

Os Croft tinham se hospedado na rua Gay, para a grande satisfação de *sir* Walter. Ele não estava nem um pouco envergonhado de tal relacionamento. E, de fato, falava e pensava mais no almirante do que este jamais pensou ou falou sobre ele.

Os Croft conheciam tantas pessoas em Bath quanto desejavam, e consideravam a relação com os Elliot uma questão de pura cerimônia, o

que não lhes proporcionava nenhum prazer. Tinham o hábito camponês de estar quase sempre juntos. O almirante fora aconselhado a caminhar para lutar contra a gota, e a senhora Croft parecia compartilhar tudo com ele. Caminhar com a esposa parecia fazer bem ao almirante. Anne via-os em todos os lugares. *Lady Russell* levava-a em sua carruagem quase todas as manhãs, e Anne nunca parava de pensar neles e de encontrá-los. Conhecendo os sentimentos que nutriam um pelo outro, considerava os Croft como a imagem mais atraente da felicidade. Ela os contemplava o máximo possível e se deliciava imaginando entender o que os dois estavam falando enquanto caminhavam sozinhos e livres. Da mesma forma, amava o caloroso aperto de mão do almirante quando encontrava um velho amigo, e observava a veemência da conversa até formar um pequeno grupo de oficiais da Marinha, no qual a senhora Croft parecia tão inteligente e sagaz quanto qualquer um deles.

Anne estava muito ocupada com *lady Russell* para fazer caminhadas por conta própria, mas, apesar disso, aconteceu que, certa manhã, cerca de uma semana ou dez dias depois da chegada dos Croft, ela decidiu deixar a amiga e a carruagem na parte baixa da cidade e voltar a pé para Camden Place. Caminhando pela rua Milsom, teve a sorte de encontrar o almirante. Estava parado em frente a uma vitrine, com as mãos para trás, observando uma gravura com atenção, e não só poderia passar despercebida como teve de tocá-lo e falar para que reparasse nela. Quando a viu e a reconheceu, exclamou com seu bom humor habitual:

– Ah, é a senhorita! Obrigado, obrigado. Isto é me tratar como um amigo. Aqui estou, veja a senhorita, contemplando um quadro. Não consigo passar em frente a esta vitrine sem parar. O que expuseram aqui é um tipo de navio! Veja a senhorita... Já viu algo parecido? Que indivíduos curiosos devem ser os pintores para imaginar que alguém arriscaria a vida naquele barquinho velho e disforme! Mesmo assim, há dois cavalheiros presos ali, e parecem muito confortáveis olhando para as rochas e as montanhas, sem se preocupar com nada, o que é obviamente absurdo. Onde será que esse barco foi construído? – indagou, rindo. – Não ousaria navegar nele nem em um lago. Bem... – acrescentou, virando-se. – Para onde está indo?

Posso fazer algo pela senhorita ou talvez acompanhá-la? Como posso ser útil?

– Em nada. Obrigada. A menos que queira me dar o prazer de caminhar comigo o curto trecho que falta. Vou para casa.

– Farei com muito prazer. E, se quiser, posso acompanhá-la mais longe também. Sim, juntos vamos tornar o caminho mais agradável. Além disso, tenho algo para lhe contar. Tome meu braço. Assim está bom. Não me sinto confortável se não estou de braços dados com uma mulher. Meu Deus, que barco! – acrescentou, lançando um último olhar para o quadro enquanto partiam.

– O senhor disse que tinha algo a me dizer?

– Isso mesmo. Exato. Mas ali vem um amigo: o capitão Bridgen. Não farei mais do que dizer “Como está o senhor?”, quando cruzarmos.

Não vamos parar. “Como está o senhor?”. Bridgen ficará surpreso ao me ver com uma mulher diferente da minha esposa. Pobrezinha... Teve que ficar em casa. Tem uma ferida no calcanhar maior que uma moeda de três xelins. Se a senhorita olhar para a calçada em frente, verá o almirante Brand e o irmão. São uns esfarrapados! Fico feliz que não estejam neste lado da calçada. Sophy os detesta. Eles foram sujos comigo uma vez. Levaram alguns dos meus melhores homens. Contarei essa história em outra oportunidade. Lá vem o velho *sir* Archibald Drew e o neto. Olha! Ele nos viu. Beijou sua mão, ele a confundiu com minha esposa. Ah, a paz chegou rápido demais para esse jovem cavalheiro! Pobre *sir* Archibald! Gosta de Bath, senhorita Elliot? É muito conveniente para nós. Sempre encontramos algum velho amigo. As ruas estão cheias deles todas as manhãs. Há sempre alguém com quem conversar, e então nos afastamos de todos e nos trancamos em nossos quartos, puxamos nossas cadeiras e nos sentimos tão confortáveis quanto se estivéssemos em Kellynch ou até quando estávamos no norte de Yarmouth ou em Deal. Posso afirmar que nossos aposentos aqui nos agradam porque nos fazem lembrar do que tínhamos em Yarmouth. O vento entra furtivamente por um dos armários da mesma maneira que acontecia lá.

Quando tinham andado um pouco, Anne ousou perguntar outra vez o que ele queria contar. Ela esperava que, deixando a rua Milsom, sua curiosidade fosse satisfeita. Mas teve de esperar ainda mais, porque o almirante só resolveu começar a contar até chegarem à grande e espaçosa tranquilidade de Belmont e, como não era a senhora Croft, não tinha escolha a não ser deixá-lo fazer sua vontade. Assim que começaram a subida de Belmont, o senhor Croft falou:

– Bem, agora a senhorita ouvirá algo que irá surpreendê-la. Mas,

primeiro, deve me dizer o nome da jovem da qual vou falar. Aquela jovem que nos manteve ocupados por tanto tempo. A senhorita Musgrove, a que sofreu o acidente... Seu primeiro nome, sempre esqueço seu primeiro nome.

Anne sentiu vergonha de entender tão depressa o que estava acontecendo, mas agora poderia facilmente sugerir o nome de “Louisa”.

– É isso aí: senhorita Louisa Musgrove. Esse é o nome. Gostaria de que as meninas não tivessem tantos nomes bonitos. Nunca esqueceria se todas se chamassem Sophy ou algum outro nome assim. Bem, todos pensaram que essa jovem, a senhorita sabe, iria se casar com Frederick. Ele a cortejou por várias semanas. A única coisa que nos surpreendeu foi a demora em se declarar até que ocorreu o acidente de Lyme. Então, é claro, sabíamos que ele devia esperar até ela se recuperar. Mas, mesmo assim, havia algo curioso em sua maneira de proceder. Em vez de ficar em Lyme, ele foi para Plymouth e, de lá, foi visitar Edward. Quando voltamos de Minehead, ele tinha ido visitar Edward e ficou lá desde o acontecido. Não o vemos desde o mês de novembro. Nem Sophy conseguiu entender. Mas agora a situação tomou o rumo mais estranho, porque essa jovem, a senhorita Musgrove, em vez de se casar com Frederick, irá casar-se com James Benwick. A senhorita conhece

James Benwick.

– Um pouco. Conheço o capitão Benwick um pouco.

– Bem, ela se casará com ele. Na verdade, é bem provável que já estejam casados, porque não sei o que estão esperando.

– Considero o capitão Benwick um jovem muito agradável – opinou Anne. – E entendo que ele é dono de um excelente caráter.

– Ah, claro que sim! Não há nada a dizer contra James Benwick. É apenas capitão, é verdade, promovido no verão passado, e esses são tempos ruins para progredir, mas é a única desvantagem que conheço. Um indivíduo excelente, de grande coração, posso afirmar. Muito ativo e zeloso de sua carreira, algo que a senhorita, com certeza, não terá suspeitado, porque seus gestos gentis não revelam seu caráter.

– Quanto a isso, o senhor está errado. Nunca encontrei qualquer falta de entusiasmo nas maneiras do capitão Benwick. Acho que são bastante agradáveis e posso assegurar-lhe que seus modos agradam

a todos.

– Bem, as senhoras são melhores juízes do que nós. Mas James Benwick é tranquilo demais na minha opinião, e, embora possa ser um viés nosso, Sophy e eu não podemos deixar de pensar que Frederick tem melhores maneiras. E acho que há algo em Frederick que está mais de acordo com nosso gosto.

Anne estava encurralada. Só tinha a intenção de se opor ao senso comum de que o entusiasmo e a gentileza eram incompatíveis, não dizer que os modos do capitão Benwick eram os melhores possíveis. Após um momento de hesitação, falou:

– Não quis comparar os dois amigos...

Então, o almirante a interrompeu e disse:

– O assunto é muito claro. Não se trata de simples boatos. Soubemos pelo próprio Frederick. Sophy recebeu uma carta dele ontem

informando-nos de tudo, e ele, por sua vez, soube por uma carta dos Harville, escrita imediatamente de Uppercross. Acho que estão todos

em Uppercross.

Esta foi uma oportunidade a que Anne não pôde resistir. Então, ela disse:

– Espero, almirante, que não haja nada na carta do capitão Wentworth que

tenha deixado os senhores intranquilos. Realmente parecia, no outono passado, que havia algo entre o capitão e Louisa Musgrove. Mas confio que isso tenha se desgastado em ambos os lados da mesma maneira e sem violência. Espero que a carta não tenha transmitido um tom de amargura.

– Não, de forma alguma. Não há nenhum protesto ou queixa do começo ao fim.

Anne virou o rosto para esconder o sorriso. O almirante prosseguiu:

– Não, não, Frederick não é homem de se queixar e reclamar. Ele tem muito espírito para isso. Se a moça gosta mais de outro homem, então é claro que deveria ficar com este.

– Não há dúvida disso, mas o que quero dizer é que espero que não haja nada na maneira de escrever do capitão Wentworth que os faça pensar que ele guarda algum rancor do amigo. Isso bem poderia acontecer, o senhor sabe, mesmo que não tenha sido dito. Lamentaria muito que uma amizade como a deles fosse destruída ou até danificada por uma circunstância como essa.

– Sim, sim, entendo. Mas não há nada dessa natureza na carta. Ele não faz a menor provocação contra Benwick, nem diz “Estou surpreso, tenho minhas razões para ficar surpreso”. Não, a senhorita não iria imaginar, pelo jeito de escrever, que ele poderia ter considerado a ideia de ficar com a senhorita... (Qual é o nome dela?). Ele deseja de coração que sejam felizes juntos, e não há nada de rancoroso nisso, na minha opinião.

Anne não tinha a mesma convicção do almirante, mas era inútil continuar perguntando. Então, ficou satisfeita em dizer alguma frase comum ou ficar calada e prestar atenção, e o almirante continuou falando como era de sua vontade.

– Pobre Frederick! – disse, por fim. – Agora, deve começar tudo de novo com outra pessoa. Acho que devemos trazê-lo a Bath. Sophy deve escrever para ele e implorar-lhe que venha a Bath. Há muitas moças bonitas aqui, tenho certeza. Acredito que seja inútil voltar a Uppercross por causa da outra senhorita Musgrove, porque, até onde sei, ela está prometida ao primo, o jovem pastor. Não acha, senhorita Elliot, que é melhor tentarmos trazê-lo a Bath?



Capítulo 7

Enquanto o almirante Croft passeava com Anne e expressava seu desejo de trazer o capitão Wentworth a Bath, ele já estava a caminho. Antes que a senhora Croft tivesse escrito, ele já tinha chegado. E, na próxima vez que Anne foi passear, ela o viu.

O senhor Elliot acompanhava as duas primas e a senhora Clay. Eles estavam na rua Milsom quando começou a chover, não muito forte, mas o suficiente para que as senhoras quisessem se refugiar. E também o suficiente para fazer com que a senhorita Elliot quisesse ter a vantagem de ser transportada para casa na carruagem de *lady* Dalrymple, que fora vista aguardando um pouco mais longe. Por isso, ela, Anne e a senhora Clay entraram na Molland's, enquanto o senhor Elliot foi até a carruagem pedir ajuda. Logo, voltou para perto delas. Sua tentativa, como era de se esperar, tinha sido bem-sucedida. *Lady* Dalrymple teria prazer em levá-las para casa e chegaria em alguns instantes.

A carruagem de sua senhoria era uma barouche e não acomodava mais de quatro pessoas de forma confortável. A senhorita Carteret acompanhava a mãe e, por isso, não se podia esperar que as três damas de Camden Place coubessem ali. A senhorita Elliot iria, sem dúvida. Quem quer que sofresse alguma inconveniência, não seria ela, mas demorou um pouco para se estabelecer qual das outras duas damas deveria ir na carruagem. A chuva era muito fina, de maneira que Anne foi sincera em preferir continuar andando na companhia do senhor Elliot. Mas a senhora Clay também achava que a chuva era inofensiva. Estava apenas choviscando e,

por outro lado, suas botas eram tão grossas! Muito mais grossas que as da senhorita Anne. Resumindo, estava ansiosa para caminhar com o senhor Elliot quanto Anne, e as duas discutiram de forma tão polida e decidida que os outros tiveram que resolver o assunto. A senhorita Elliot afirmou que a senhora Clay já estava com um leve resfriado e, ao ser consultado, o senhor Elliot decidiu que as botas da prima Anne eram as mais grossas.

Por isso, ficou resolvido que a senhora Clay iria voltar na carruagem, e tinham acabado de chegar a essa conclusão quando Anne, do seu lugar perto da janela, viu clara e distintamente o capitão Wentworth andando pela rua.

Ninguém, exceto ela mesma, notou sua própria surpresa. E, no mesmo instante, também se sentiu a pessoa mais simplória, estranha e absurda do mundo. Por alguns minutos, não conseguiu ver nada do que acontecia a seu redor. Tudo era confusão. Sentia-se perdida. Quando voltou a si, viu que os outros ainda estavam esperando a carruagem, e o senhor Elliot, sempre gentil, tinha ido até a rua Union por uma pequena encomenda da senhora Clay.

Anne sentiu um intenso desejo de ir até a porta externa: queria ver se chovia. Como poderia pensar que tinha outro motivo para sair? O capitão Wentworth já devia estar muito longe. Deixou seu lugar. Metade dela nem sempre deveria ser tão mais sábia que a outra metade, ou sempre suspeitar que a outra seria pior do que, de fato, era. Queria ver se chovia. Mas teve de se sentar de novo, devido à entrada do próprio capitão Wentworth com um grupo de amigos e damas, sem dúvida conhecidos que havia encontrado um pouco mais adiante na rua Milsom. Ele ficou visivelmente embaraçado e confuso ao vê-la, muito mais do que ela observara em qualquer ocasião anterior.

Ficou muito vermelho. Pela primeira vez, desde que tinham se encontrado novamente, ela se sentia mais no controle do que ele. É verdade que tinha a vantagem de tê-lo visto poucos segundos antes. Todos os primeiros efeitos dominantes, ofuscantes e desconcertantes de uma grande surpresa puderam ser notados nele. Mas, mesmo assim, Anne ainda sentia muita

coisa! Agitação, dor, prazer e um misto de felicidade e desespero.

O capitão dirigiu-lhe a palavra e, então, afastou-se. Estava muito constrangido. Anne não podia dizer que os gestos dele eram frios nem amigáveis nem qualquer outra coisa diferente de perturbado.

Depois de um momento, voltou e falou de novo com ela. Fizeram perguntas um ao outro sobre temas comuns. Nenhum deles prestava muita atenção ao que o outro dizia, e Anne permanecia atenta ao fato de que o embaraço dele aumentava. Por se conhecerem tanto, tinham aprendido a falar com aparente calma e indiferença, mas, naquela ocasião, ele não conseguiu adotar esse tom. O tempo ou Louisa provocaram uma mudança nele. Algo tinha ocorrido. Ele tinha bom aspecto e não parecia ter sofrido nem física ou moralmente, e falava de Uppercross, dos Musgrove e até de Louisa – e chegou a falar nela com certa ironia. Ainda assim, o capitão Wentworth não estava calmo nem confortável. Nem era quem costumava ser.

O fato de a irmã fingir não o cumprimentar não a surpreendeu, porém magoou Anne. Wentworth viu Elizabeth, Elizabeth viu Wentworth e ambos se reconheceram. Anne tinha certeza de que o capitão Wentworth estava pronto para ser cumprimentado, e esperava por isso, e teve a dor de ver a irmã se afastar com uma frieza inabalável.

A carruagem de *lady* Dalrymple, pela qual a senhorita Elliot ansiava

cada vez mais impaciente, chegou naquele momento. Um criado entrou para anunciá-la. Tinha começado a chover de novo, e houve um atraso, um murmúrio e algumas conversas que deixaram claro que todo

o pequeno grupo sabia que a carruagem de *lady* Dalrymple estava

vindo buscar a senhorita Elliot. Por fim, ela e a amiga, ajudadas apenas pelo criado (porque o primo ainda não tinha voltado), partiram. O capitão Wentworth observou-as e, então, voltou-se para Anne e, por suas maneiras, mais do que pelas palavras, estava oferecendo seus serviços.

– Agradeço muito, mas não vou com elas – respondeu Anne. – Não há lugar para tantas pessoas na carruagem. Vou a pé. Prefiro caminhar.

– Mas está chovendo.

– Ah, muito pouco. Garanto que isso não me incomoda.

Depois de uma pausa, ele disse:

– Embora só tenha chegado ontem, já me preparei para o clima de Bath, veja a senhorita – falou, apontando para um guarda-chuva. – Gostaria que a senhorita fizesse uso dele, já que está determinada a caminhar. No entanto, acho que seja mais prudente permitir que eu encontre uma carruagem para a senhorita.

Ela ficou muito grata pela atenção, mas recusou e repetiu que a chuva não tinha importância:

– Estou só esperando pelo senhor Elliot. Tenho certeza de que já

voltará.

Não tinha terminado de dizer isso quando o senhor Elliot entrou. O capitão Wentworth o reconheceu na mesma hora. Não havia nenhuma diferença entre ele e o homem que tinha parado nos degraus em Lyme admirando Anne enquanto ela passava, exceto nos gestos e nos modos de uma relação privilegiada e de amizade. Entrou apressado e pareceu estar ocupado apenas com Anne e pensar apenas nela. Desculpou-se pelo atraso, lamentou tê-la feito esperar e estava ansioso em levá-la sem perder mais tempo e antes que a chuva apertasse. Pouco depois, saíram juntos, de braços dados; Anne, com um olhar gentil e perturbado. Mal teve tempo para dizer, depressa, “Bom dia para o senhor”, enquanto se afastava.

Assim que saíram de vista, as damas que acompanhavam o capitão Wentworth começaram a falar sobre os dois.

– Parece que o senhor Elliot não desgosta da prima, não é?

– Ah, não! Isso é evidente. Já podemos adivinhar o que irá acontecer ali. O senhor Elliot está sempre com eles. Quase vive com a família. Que homem bem-apegoado!

– É verdade. A senhorita Atkinson, que jantou com ele uma vez na casa dos Wallis, diz ser o homem mais encantador que já conheceu.

– Ela é muito bonita. Sim, Anne Elliot é muito bonita quando olhamos bem para ela. Não é correto dizer isso, mas confesso que é muito mais

bonita que a irmã.

– Eu também acho!

– Também compartilho dessa opinião. Nem se comparam. Mas os homens enlouquecem com a senhorita Elliot. Anne é muito delicada para o gosto deles.

Anne teria sido muito grata ao primo se este tivesse caminhado até Camden Place sem dizer uma palavra. Nunca achara tão difícil prestar atenção nele, embora nada superasse suas atenções e seus cuidados, e embora os temas de sua conversa fossem, como sempre, interessantes: elogios calorosos, justos e sensatos a *lady* Russell e insinuações bastante racionais contra a senhora Clay. Mas, naquele momento, ela só conseguia pensar no capitão Wentworth. Não conseguia entender o que ele sentia, se estava mesmo desapontado ou não. Não conseguiria se acalmar até esclarecer esse ponto.

Esperava, com o tempo, ser sábia e razoável, mas meu Deus, meu Deus! Anne precisava confessar que não era sábia ainda.

Outra coisa muito importante era saber quanto tempo ele pensava em ficar em Bath. O capitão Wentworth não havia mencionado ou ela não conseguia se lembrar. Talvez estivesse apenas de passagem. Mas era mais provável que tivesse vindo para ficar. Nesse caso, como era tão fácil encontrar-se em Bath, era muito provável que *lady* Russell o visse em algum lugar. Ela o reconheceria? Como seria o encontro?

Já fora forçada a contar a *lady* Russell que Louisa Musgrove planejava se casar com o capitão Benwick. Custara-lhe algo encontrar a

surpresa de *lady* Russell, e agora, se ela por acaso fosse colocada em

companhia com o capitão Wentworth, seu conhecimento imperfeito sobre o assunto poderia acrescentar outro tom de preconceito contra ele.

Na manhã seguinte, Anne saiu com a amiga e, durante a primeira hora, procurou por ele de forma incessante e amedrontada, mas foi em vão. Por fim, quando já estavam voltando pela rua Pulteney, ela o viu na calçada direita a certa distância. Por isso, conseguiu observá-lo durante a maior parte do trecho da rua. Havia muitos homens ao redor dele, muitos grupos

andando na mesma direção, mas não tinha como confundi-lo. Olhou de forma instintiva para *lady* Russell, mas não porque tivesse a ideia maluca de que a amiga o reconheceria tão depressa quanto ela havia feito. Não, era pouco provável que *lady* Russell o visse enquanto não cruzassem com ele. No entanto, Anne olhava para ela cheia de ansiedade.

E, quando chegava o momento em que necessariamente deveria vê-lo, Anne não se atreveu a olhar de novo (porque sabia que portava um semblante inadequado), mas tinha perfeita consciência de que o olhar de *lady* Russell estava virado bem na direção dele, que a dama o observava com muita atenção. Anne entendia muito bem a espécie de fascinação que ele exercia sobre a mulher. A dificuldade que ela devia ter para afastar o olhar. A surpresa que sentiu ao pensar que ele havia passado oito ou nove anos em climas estrangeiros e em serviço ativo sem ter perdido nada de sua graça pessoal.

Por fim, *lady* Russell virou o rosto. Como falaria dele agora?

– Você deve estar se perguntando o que me deixou absorta por tanto tempo – disse a amiga. – Mas estava procurando umas cortinas de que *lady* Alicia e a senhora Frankland me falaram ontem à noite. Elas me descreveram as cortinas na sala de estar de uma das casas deste lado da rua e nesta parte da calçada como uma das mais bonitas e mais bem colocadas de Bath. Mas não consigo me lembrar do número exato da casa e estive procurando qual poderia ser. Mas não vi cortina nenhuma aqui que poderia corresponder à descrição que ela fez.

Anne assentiu, corou e sorriu com pena e desdém, tanto pela amiga quanto por si mesma. Porém, o que mais a incomodava era que, em todo esse desperdício de previsão e cautela, ela perdera o momento certo de notar se o capitão tinha visto as duas ou não.

Um ou dois dias se passaram sem que acontecesse nada de novo. Os teatros ou lugares que ele devia frequentar não eram elegantes o suficiente para os Elliot, cuja diversão noturna limitava-se à estupidez de festas particulares, às quais estavam cada vez mais envolvidos. E Anne, cansada desse tipo de estagnação, cansada de não saber nada, e acreditando ser forte porque sua força não fora posta à prova, esperava, impaciente, a noite

do concerto. Era um concerto em benefício de uma pessoa patrocinada por *lady* Dalrymple. É claro que os Elliot deveriam ir. Na verdade, esperava-se que fosse um bom concerto, e o capitão Wentworth gostava muito de música. Se conseguisse falar com ele de novo por alguns minutos, ficaria satisfeita. Quanto a tomar a iniciativa para essa conversa, sentia-se cheia de coragem se a oportunidade se apresentasse. Elizabeth tinha virado as costas para ele, *lady* Russell o ignorou, e essas circunstâncias davam-na coragem: ela sentia que lhe devia alguma atenção.

Em uma ocasião, havia prometido à senhora Smith que passaria a noite com ela, mas, em uma rápida visita, desculpou-se e adiou o compromisso, prometendo uma longa visita no dia seguinte. A senhora Smith concordou de bom humor.

– É claro! – disse ela. – Mas me conte todos os detalhes quando vier. Quem irá com a senhorita ao concerto?

Anne deu o nome de todos. A senhora Smith não respondeu, mas, quando Anne estava indo embora, comentou, com uma expressão meio séria e meio zombeteira:

– Bem, espero de coração que seu concerto valha a pena. E não falte amanhã, se puder. Começo a ter o pressentimento de que não terei muito mais visitas suas.

Anne ficou surpresa e confusa. Mas, após um momento de espanto, foi forçada, e sem muito arrependimento, a partir.



Capítulo 8

Sir Walter, as duas filhas e a senhora Clay foram os primeiros a chegar naquela noite. E, como tinham de esperar por *lady* Dalrymple, decidiram se sentar na Sala Octogonal, perto de uma das lareiras. Mal tinham se instalado quando a porta se abriu de novo e o capitão Wentworth entrou sozinho. Anne era quem estava mais próxima e, com um pequeno avanço, falou com ele na mesma hora. O capitão estava disposto a apenas cumprimentar e passar por ela, mas seu gentil “Como vai o senhor?” tirou-o da linha reta e o fez parar perto e fazer algumas perguntas de volta, apesar do pai e da irmã formidáveis que estavam atrás. O fato de estes dois estarem atrás era uma ajuda para Anne. Como não via os rostos deles, poderia dizer qualquer coisa que parecesse correto para ela.

Enquanto conversavam, um rumor de vozes entre o pai e Elizabeth chegou a seus ouvidos. Não distinguiu com clareza, mas imaginou do que se tratava e, vendo a distante saudação do capitão Wentworth, entendeu que o pai achou por bem reconhecê-lo e, ainda teve tempo, em uma rápida olhada, de ver também uma ligeira cortesia de Elizabeth. Tudo isso, embora tardio, relutante e pouco gracioso, era melhor do que nada, e a deixou animada.

Depois de falar sobre o tempo, Bath e o concerto, a conversa deles começou a enfraquecer, e tão pouco foi dito por fim que Anne achou que ele fosse embora a qualquer momento. Mas ele não fez isso. Parecia não ter pressa em deixá-la e, então, com renovado entusiasmo, um leve sorriso e um brilho no olhar, o capitão Wentworth disse:

– Eu mal a vi desde aquele dia em Lyme. Receio que tenha sofrido muito por causa do choque e, mais ainda, por não ter deixado o choque dominá-la naquele momento.

Ela o assegurou de que não tinha sido assim.

– Foi um momento terrível – disse ele. – Um dia terrível! – passou a mão pelos olhos, como se a lembrança ainda fosse muito dolorosa. Mas, no momento seguinte, sorrindo de novo, acrescentou: – Porém, aquele dia deixou seus efeitos... E teve consequências que devem ser consideradas o oposto de terríveis. Quando a senhorita teve a presença de espírito de sugerir que Benwick era a pessoa certa para buscar um médico, mal poderia imaginar que ele viria a se tornar um dos mais preocupados na recuperação dela.

– Realmente, não poderia ter imaginado isso. Mas ao que parece... Espero que seja uma união muito feliz. Os dois têm bons princípios e bom caráter.

– Sim... – disse ele, sem olhar direto para ela. – Mas acho que a semelhança entre os dois termina por aí. Com toda a minha alma, desejo felicidade ao casal e fico feliz por qualquer circunstância que possa contribuir para isso. Eles não têm dificuldades em casa, nenhuma oposição, nenhum capricho nem qualquer outro motivo para demora. Os Musgrove estão se comportando, como sempre, de forma honrosa e gentil, apenas ansiosos em promover o bem-estar da filha, como um bom pai e uma boa mãe fariam. Tudo isso já é muito a favor da felicidade

deles, mais talvez do que...

Ele parou. Uma súbita lembrança pareceu ocorrer-lhe, e deu-lhe um pouco da emoção que fez as bochechas de Anne enrubescerem e seus olhos se virarem para o chão. Mas ele pigarreou e prosseguiu:

– Confesso que acredito haver certa disparidade, muito grande, e em algo tão essencial quanto o caráter. Considero Louisa Musgrove uma jovem agradável, doce e nada boba, mas Benwick é muito mais. É um homem inteligente, instruído, e confesso que fiquei um pouco surpreso por ter se apaixonado por ela. Se foi o efeito da gratidão, se aprendeu a amá-la

porque achou que era preferido por ela, é algo muito diferente. Mas não tenho motivos para supor isso. Parece, pelo contrário, ter sido um sentimento genuíno e espontâneo da parte dele, e isso me surpreende. Um homem como ele e na situação em que se encontrava! Com o coração dilacerado, ferido, quase despedaçado! Fanny Harville era uma mulher superior, e o amor que sentia por ela era verdadeiro. Um homem não se recupera após dedicar o coração a uma mulher assim. Não deve... Não pode.

Mas, fosse pela consciência de que o amigo tinha se recuperado ou pela consciência de outra coisa, ele não continuou. E Anne que, apesar do tom agitado com que o capitão Wentworth falou a última parte, e apesar de todos os rumores da sala, a porta que era aberta e fechada sem parar, o barulho das pessoas passando de um ponto para outro, não tinha perdido uma única palavra. Ficou surpresa, agradecida, confusa, e começou a respirar muito rápido e a sentir várias coisas ao mesmo tempo. Não conseguia falar sobre esse assunto. Ainda assim, depois de um momento, sentindo a necessidade de dizer algo e não desejando de forma alguma mudar de tema completamente, desviou apenas um pouco:

– O senhor ficou em Lyme por um longo tempo, presumo.

– Cerca de 15 dias. Não podia ir embora sem ter certeza de que Louisa se recuperaria. O dano causado me preocupava demais para ficar calmo. Tinha sido minha culpa, só minha. Ela não teria sido teimosa se eu não tivesse sido fraco. A paisagem de Lyme é muito bonita. Caminhei e cavalguei muito; e, quanto mais coisas vi, mais motivos encontrei para me admirar.

– Gostaria muito de ver Lyme de novo – comentou Anne.

– É mesmo? Não achei que tivesse encontrado nada em Lyme que lhe pudesse inspirar esse desejo. O horror e a aflição em que se viu envolvida, o estado mental, o desgaste emocional! Teria pensado que suas últimas impressões de Lyme fossem de forte aversão.

– As últimas horas foram, de fato, muito dolorosas – respondeu Anne. –

Mas, quando a dor passa, muitas vezes a lembrança do lugar traz prazer. Não gostamos menos de um lugar por ter sofrido nele, a menos que só

tenha existido sofrimento, puro sofrimento, o que não é, de forma alguma, o caso de Lyme. Só ficamos ansiosos e angustiados nas últimas duas horas. Antes tínhamos nos divertido muito. Tanta novidade e tanta beleza! Viajei tão pouco que acho qualquer lugar novo que vejo muito interessante. Mas há uma verdadeira beleza em Lyme. Em suma, minhas impressões sobre Lyme, no geral, são muito boas

– falou, com um leve rubor ao lembrar algumas coisas.

Ao terminar de falar, a porta da sala abriu-se, e o grupo que eles estavam à espera entrou. “*Lady Dalrymple, lady Dalrymple*” era o murmúrio de júbilo, e, com toda a impaciência compatível à ansiosa elegância, *sir* Walter e as duas damas deram um passo à frente para cumprimentá-la. *Lady Dalrymple* e a senhorita Carteret, escoltada pelo senhor Elliot e o coronel Wallis, que tinham acabado de entrar naquele exato momento, avançaram pela sala. Os outros se juntaram a eles e formaram um grupo no qual Anne foi incluída à força. Acabou separada do capitão Wentworth. Sua conversa interessante, talvez interessante demais, teve de ser interrompida por um tempo, mas a tristeza que experimentou foi leve comparada com a felicidade que a conversa havia trazido. Nos últimos dez minutos, soube mais sobre os sentimentos dele com relação a Louisa, mais sobre todos os sentimentos dele, do que teria ousado pensar. Entregou-se às atenções da reunião, às necessárias cortesias do momento, com sensações requintadas e agitadas. Estava de bom humor com todos. Tinha ouvido coisas que a dispunham a ser cortês e gentil com todo mundo, e a ter pena de todos, por serem menos felizes do que ela.

As deliciosas emoções apagaram-se um pouco quando, separando-se do grupo para se juntar de novo ao capitão Wentworth, viu que ele havia desaparecido. Só teve tempo de vê-lo entrar na sala de concertos. Tinha ido embora... Havia desaparecido... Anne sentiu um momento de tristeza. Mas eles se encontrariam outra vez. Ele iria procurá-la. Iria encontrá-la antes que a noite acabasse. Na atual conjuntura, um momento de separação era o melhor. Ela precisava de uma pausa para se recompor.

Com a chegada de *lady Russell* pouco depois, o grupo ficou completo, e,

então, só tinham que se organizar e ir para o salão de concertos.

E exibir as consequências em seu poder, atrair o máximo de olhares, estimular o máximo de sussurros e perturbar o maior número de pessoas possível.

Elizabeth e Anne Elliot estavam muito felizes quando entraram. Elizabeth, de braços dados com a senhorita Carteret e caminhando atrás da viscondessa viúva de Dalrymple, não tinha nada a desejar que não parecesse a seu alcance. E Anne também se sentia assim, mas seria um insulto comparar a natureza da felicidade de Anne com a da irmã. Uma era de vaidade egoísta; a outra, de amor generoso.

Anne não viu nada, não pensou no luxo do salão. Sua felicidade era interior. Seus olhos brilhavam e suas bochechas estavam coradas, mas ela não sabia disso. Pensava apenas na última meia hora e, enquanto ocupavam os lugares, repassava os detalhes em sua mente. A escolha do tema de conversa pelo capitão Wentworth, suas expressões e, mais ainda, seus gestos e sua fisionomia eram algo que ela podia interpretar apenas de uma forma. A opinião dele sobre a inferioridade de Louisa Musgrove, que tinha dado de forma espontânea, era seu espanto diante dos sentimentos do capitão Benwick, os sentimentos deste por seu primeiro e verdadeiro amor. As sentenças que ele não conseguiu concluir, seu olhar um tanto esquivo e mais de um olhar rápido e furtivo, tudo isso provava que, por fim, o coração dele voltava a considerá-la. A raiva, o ressentimento, o desejo de evitar sua companhia tinham desaparecido. E foram substituídos não apenas pela amizade e pela consideração, mas também pela ternura do passado. Sim, havia algo da antiga ternura. A mudança não poderia significar outra coisa. Ele devia amá-la.

Tais pensamentos e as visões que carregavam ocupavam e agitavam demais sua mente para que pudesse perceber o que estava acontecendo a seu redor. Assim, passou pelo salão sem um vislumbre dele, sem sequer tentar encontrá-lo. Quando seus lugares foram determinados e todos se acomodaram, Anne olhou em volta para checar se, por acaso, ele estava na mesma parte do salão, mas não o viu. Como o concerto estava começando,

teve de se contentar por um tempo com uma felicidade mais modesta.

O grupo foi dividido, e ocuparam dois bancos contíguos. Anne estava na frente, e o senhor Elliot – com a ajuda de seu amigo, o coronel Wallis – conseguiu fazer uma manobra para se sentar perto dela. A senhorita Elliot, cercada pelas primas e, como principal objeto das atenções do coronel Wallis, estava muito satisfeita.

Em sua mente, Anne estava favoravelmente disposta a aproveitar o entretenimento da noite: era distração suficiente. Emocionou-se com as partes ternas, animou-se nas partes alegres, prestou atenção na técnica e teve paciência para os momentos chatos. Nunca tinha gostado tanto de um concerto, pelo menos durante o primeiro ato. Quando este terminou, e enquanto uma música italiana era tocada no intervalo, ela explicou ao senhor Elliot a letra da música. Havia um programa entre os dois.

– Este é quase o sentido, ou melhor, o significado das palavras, pois é claro que não se deve falar em sentido literal no caso de uma canção de amor italiana – explicou ela. – Mas é o sentido que posso dar porque não pretendo entender o idioma. Fui má estudante de italiano.

– Sim, já percebi. Vejo que a senhorita não sabe nada de italiano. Tem apenas conhecimento suficiente para traduzir essas linhas italianas invertidas, transpostas e curtas em um inglês claro, compreensível e elegante. Não precisa dizer mais nada sobre sua ignorância. Eu me atenho às provas.

– Não irei me opor a um comentário tão gentil, mas não gostaria de ser examinada por um verdadeiro conhecedor do idioma.

– Não tive o prazer de visitar Camden Place por muito tempo sem ter aprendido algo sobre a senhorita Anne Elliot – respondeu ele. – Eu a considero modesta demais para que o mundo conheça metade de seus talentos, e muito bem-dotada pela modéstia, fazendo com que tal atributo, tão natural para a senhorita, soe exagerado em qualquer outra mulher.

– Que vergonha! Que vergonha! Isso é bajulação demais! Esqueci o que teremos em seguida – acrescentou, voltando ao programa.

– Talvez eu tenha um conhecimento maior de seu caráter do que a senhorita supõe – disse o senhor Elliot, em voz baixa.

– É mesmo? Mas como? O senhor só me conhece desde que cheguei a Bath, a menos que esteja pensando em considerar o que ouviu minha família falar sobre mim.

– Ouvi falar da senhorita muito antes de que viesse para Bath. Eu a ouvi descrita por pessoas que a conhecem muito bem. Conheço seu caráter há muitos anos. Sua aparência, sua disposição, seus talentos, suas maneiras, tudo me foi apresentado.

O senhor Elliot não ficou desapontado com o interesse que pretendia despertar. Ninguém poderia resistir ao encanto daquele mistério. Ter sido descrita há muito tempo para um novo conhecido, sem saber por quem, era irresistível. E Anne estava repleta de curiosidade. Ela se perguntava e o questionava com interesse, mas foi tudo em vão. Ele ficou muito feliz em ser questionado, mas não diria nada.

– Não, não. Talvez em outra ocasião, mas não agora.

Não diria nenhum nome. Mas tinha assegurado a prima de que isso tinha acontecido de fato. Vários anos antes, ouvira tal descrição da senhorita Anne Elliot e, a partir daí, criara a mais alta ideia sobre seus méritos. Assim, teve o desejo mais ardente de conhecê-la.

Anne não conseguia pensar em mais ninguém que, tantos anos atrás, falasse tão a favor dela além do senhor Wentworth de Monkford, o irmão do capitão Wentworth. Elliot devia ter estado na companhia dele alguma vez, mas Anne não teve coragem de perguntar.

– Desde a ocasião, o nome de Anne Elliot exerce um poderoso fascínio sobre mim – continuou ele. – Por muito tempo, foi um extraordinário impulso para a minha fantasia. Se me atrevesse, expressaria o desejo de que este nome encantador nunca mudasse.

Anne acredita que essas foram as palavras dele, mas, assim que as ouviu, sua atenção foi desviada de imediato por outras palavras que escutou atrás de si e que fizeram todo o resto parecer irrelevante. O pai e *lady* Dalrymple estavam conversando.

– Um homem muito bonito, muito bem-apessoado – dizia *sir* Walter.

– Um homem bonito, de fato – concordava *lady* Dalrymple. – Mais do que a maioria das pessoas que encontramos em Bath. Julgo dizer que é

irlandês.

– Não, conheço seu nome. É apenas um conhecido. Wentworth, o capitão Wentworth da Marinha. Sua irmã está casada com meu inquilino em Somersetshire, Croft, que aluga Kellynch.

Antes que o pai terminasse de falar, Anne seguiu o olhar dele e distinguiu o capitão Wentworth em um grupo de cavalheiros a certa distância. Quando seus olhos pousaram naquele homem, os dele pareceram se desviar. Era o que a situação dava a entender. Parecia que Anne tinha olhado um segundo depois do que deveria e, enquanto continuou a observar, ele não olhou de volta. Mas o concerto recomeçou, e ela foi obrigada a prestar atenção na orquestra e a olhar para a frente.

Quando conseguiu olhar de novo, ele já tinha se retirado. Não poderia ter se aproximado dela nem que quisesse – Anne estava cercada por muitas pessoas –, mas preferia ter chamado a atenção do capitão Wentworth.

O discurso do senhor Elliot também a perturbou. Já não tinha a menor inclinação para falar com ele. Gostaria que não estivesse tão perto dela.

O primeiro ato acabou, e Anne ansiava por uma mudança bem-vinda. Depois de um momento de silêncio no grupo, alguns decidiram ir pedir chá. Anne foi uma das poucas que preferiram não se mexer. Permaneceu em seu lugar, assim como *lady* Russel, mas teve o prazer de se livrar do senhor Elliot. De modo algum, pretendia evitar, por causa de *lady* Russell, conversar com o capitão Wentworth se viesse falar com ela. Pelo semblante de *lady* Russell, Anne estava convencida de que a amiga o vira.

Mas ele não se aproximou. Às vezes, Anne julgava conseguir vê-lo à distância, mas o capitão Wentworth não se aproximou. O longo intervalo passou sem que nada de novo acontecesse. Os outros voltaram, o salão encheu-se outra vez, os assentos foram ocupados, e outra hora de prazer ou de castigo começou. Uma hora de música que daria prazer ou tédio, dependendo se o amor pela música fosse sincero ou fingido. Para Anne, a perspectiva seria de uma hora de agitação. Não conseguiria sair do salão em paz sem ver o capitão Wentworth mais uma vez, sem trocar um olhar amigável com ele.

Quando se acomodaram de novo, houve muitas mudanças nos lugares, e o

resultado a favoreceu. O coronel Wallis não quis se sentar de novo e o senhor Elliot foi convidado por Elizabeth e a senhorita Carteret para ocupar o lugar entre as duas de uma maneira que não deixava margem para recusa. E, por algumas outras remoções e um pouco de diligência de sua parte, Anne viu-se muito mais próxima da extremidade do banco do que antes, muito mais próxima dos que passavam. Não podia fazer isso sem se comparar com a senhorita Larolles, a incomparável senhorita Larolles. Mas mesmo assim o fez, com efeitos tão infelizes quanto. No entanto, no que pareceu prosperidade em forma de uma abdicação precoce dos vizinhos, Anne viu-se bem na beirada do banco antes do fim do concerto.

Lá estava ela, com um lugar vazio a seu lado, quando viu o capitão Wentworth outra vez, não muito longe. Também a viu, mas parecia sério e indeciso, e só com passadas lentas enfim chegou perto o suficiente para falar com ela. Anne entendeu que havia algo errado. A mudança nele era inegável. A diferença entre seus modos naquele momento e os da Sala Octogonal era evidente. O que havia acontecido? Pensou no pai, em *lady* Russell. Seria possível que tivessem trocado alguns olhares desagradáveis? Ele começou a falar muito sério sobre o concerto. Parecia o capitão Wentworth de Uppercross. Ficara desapontado com a representação. Esperava mais dos cantores. Em suma, confessava que não lamentaria o fim do concerto. Anne respondeu e defendeu a apresentação tão bem, ainda de forma a respeitar os sentimentos dele de forma tão gentil, que o semblante do rapaz melhorou, e o capitão Wentworth voltou a responder com um meio sorriso. Conversaram por mais alguns minutos, e a melhora no semblante dele permaneceu. O capitão Wentworth até olhou para o banco, como se visse um assento que valia a pena ocupar, quando, no mesmo instante, um tapinha no ombro fez Anne se virar. Era o senhor Elliot. Pediu desculpas, mas precisava dela para outra tradução do italiano. A senhorita Carteret estava muito ansiosa para ter uma ideia geral da música que seria cantada a seguir. Anne não podia recusar, mas nunca fez algo com tanta má vontade em benefício da boa educação.

Poucos minutos, embora o mínimo possível, foram inevitavelmente consumidos, e quando recuperou o controle outra vez, quando foi capaz de

se virar e olhar, como fizera antes, viu-se abordada pelo capitão Wentworth, em uma espécie de despedida reservada e apressada. Desejava-lhe um boa-noite, tinha de ir embora, precisava chegar em casa o mais rápido possível.

– Não vale a pena esperar por esta música? – perguntou Anne, de repente tomada por uma ideia que lhe deixava mais ansiosa para ser corajosa.

– Não... – respondeu ele, de forma enfática. – Não há nada pelo qual valha a pena ficar.

E se retirou sem mais delongas.

Estava com ciúme do senhor Elliot! Era o único motivo possível. O capitão Wentworth com ciúme dela! Poderia ter imaginado isso três semanas antes, três horas antes? Por um momento, seus sentimentos foram deliciosos. Mas, infelizmente, foram logo sucedidos por pensamentos muito distintos. Como acalmaria aquele ciúme? Como fazê-lo conhecer a verdade? Como, no meio de todas as desvantagens de suas respectivas situações, ele poderia conhecer seus verdadeiros sentimentos? Era doloroso pensar nas atenções do senhor Elliot. O mal que tinham causado era incalculável.



Capítulo 9

Anne lembrou-se, satisfeita, na manhã seguinte, de sua promessa de visitar a senhora Smith. Isso a tiraria de casa quando o senhor Elliot seria mais capaz de aparecer. Evitá-lo era, no momento, a coisa mais importante.

Ela sentia uma grande boa vontade em relação a ele. Apesar dos danos causados por sua atenção, ela lhe devia gratidão e consideração, e talvez compaixão. Não podia deixar de pensar nas circunstâncias incomuns em que se encontraram pela primeira vez, no direito que parecia ter de interessá-la, por todas as circunstâncias, por seus próprios sentimentos e por sua predisposição anterior. Tudo isso era único: lisonjeiro, mas doloroso. Havia muito a lamentar. Não valia a pena pensar em como ela se sentiria se não houvesse o capitão Wentworth. Mas o capitão Wentworth, de fato, existia e, quer a conclusão do atual suspense fosse boa ou má, os sentimentos de Anne seriam dele para sempre. Acreditava que uma união com ele não a afastaria mais de todos os outros homens do que uma separação definitiva.

Meditações mais profundas de amor e eterna constância nunca poderiam ter passado antes pelas ruas de Bath, e Anne foi pensativa de Camden Place a Westgate Buildings. Era quase suficiente para espalhar ar puro e perfume por todo o caminho.

Tinha certeza de que teria uma recepção agradável. A amiga parecia muito grata pela visita aquela manhã. Não parecia ter esperado por ela, embora Anne tivesse prometido ir.

No mesmo instante, pediu a Anne que fizesse uma descrição do concerto, e as lembranças de Anne eram animadas o suficiente para alegrar seu semblante e deixá-la contente em falar sobre o assunto. Tudo o que pôde dizer foi contado de muito bom grado. Mas o que poderia dizer era pouco para quem tinha estado lá e também pouco para satisfazer

uma curiosidade como a da senhora Smith, que já sabia, por meio de um garçom e uma lavadeira, mais do sucesso geral e da produção da noite do que ela podia relatar. E, agora, pedia em vão por vários detalhes dos participantes. A senhora Smith conhecia de nome todo mundo com alguma fama ou notoriedade em Bath.

– As pequenas Durand estavam lá, imagino, com as bocas abertas para escutar a música, como pequenos pardais esperando para serem alimentados. Nunca perdem um concerto – disse a senhora Smith.

– É verdade. Eu não as vi, mas ouvi o senhor Elliot comentar que estavam no salão.

– Os Ibbotson também estavam? E as duas novas beldades, com o oficial irlandês alto que dizem estar interessado em uma delas?

– Não sei. Não acho que estavam lá.

– E a velha *lady* Maclean? É inútil perguntar por ela. Nunca falta, eu sei. E a senhorita deve tê-la visto. Deveria até estar no mesmo círculo que a senhorita, pois, como estavam com *lady* Dalrymple, é provável terem ocupado os lugares de honra ao redor da orquestra, é claro.

– Não, era o que eu temia. Isso teria sido muito desagradável para mim em todos os aspectos. Mas, por sorte, *lady* Dalrymple sempre prefere ficar um pouco mais distante. Estávamos maravilhosamente bem localizadas para ouvir bem a música. Não digo a mesma coisa quanto a ver, porque, de fato, pude ver bem pouco.

– Ah, a senhorita viu o suficiente para se divertir. Entendo bem. Há certa alegria em ser conhecida, mesmo no meio de um grupo, e a senhorita conseguiu desfrutar dessa alegria. Vocês eram um grupo grande, e a senhorita não precisava de mais ninguém.

– Mas eu deveria ter olhado em volta um pouco mais – disse Anne,

consciente de que não queria realmente olhar ao redor, e que apenas não tinha encontrado o objetivo de sua busca.

– Não, não, seu tempo foi melhor ocupado do que isso. Não precisa me dizer que teve uma noite agradável. É fácil notar isso. Vejo perfeitamente como as horas passaram, como sempre teve algo agradável para ouvir. Nos intervalos do concerto, havia conversa.

Anne sorriu um pouco e perguntou:

– A senhora pode ver isso nos meus olhos?

– Posso, sim. Vejo pelo seu semblante que, ontem à noite, estive na companhia da pessoa que julga ser a mais agradável do mundo, a pessoa que mais lhe interessa neste momento, mais do que o resto do mundo reunido.

Anne corou e não pôde dizer nada.

– E sendo este o caso... – continuou a senhora Smith, após uma breve pausa. – A senhorita pode julgar o quanto aprecio sua gentileza ao vir me ver esta manhã. É mesmo muito gentil de sua parte vir e ficar comigo quando poderia passar o tempo com outras pessoas mais agradáveis.

Anne não ouviu nada disso. Ainda estava confusa e perplexa com a observação contundente da amiga e não conseguia imaginar como qualquer relato sobre o capitão Wentworth pudesse ter chegado até ela.

Após outro breve silêncio, a senhora Smith falou:

– Por favor, o senhor Elliot sabe de sua amizade comigo? Sabe que estou em Bath?

– O senhor Elliot? – repetiu Anne, surpresa. Um momento de reflexão mostrou o erro que a amiga tinha cometido. Entendeu no mesmo instante e, recuperando a coragem com a sensação de segurança, acrescentou, mais controlada: – A senhora conhece o senhor Elliot?

– Eu o conheci muito bem – respondeu a senhora Smith, bem séria. – Mas isso já parece ter desaparecido. Nós nos conhecemos há muito tempo.

– Não sabia de nada disso. A senhora nunca mencionou. Se soubesse, teria tido o prazer de conversar com ele sobre a senhora.

– Para falar a verdade, este é um prazer que desejo que a senhorita tenha – disse a senhora Smith, com seu bom humor habitual. – Desejo que fale

sobre mim com o senhor Elliot. Quero que faça isso. Ele pode ser muito útil para mim. E, claro, minha querida senhorita Elliot, se tiver a bondade de fazer disso seu objetivo, é claro que será bem-

-sucedida.

– Terei muito prazer. Espero que a senhora não duvide do meu desejo de ser útil – respondeu Anne. – Mas acho que supõe que tenho mais influência sobre o senhor Elliot, um direito maior de influenciá-lo, do que é o caso. Não duvido de que, de uma forma ou de outra, esta versão chegou até a senhora. Mas deve me considerar apenas como uma parente do senhor Elliot. Se, desse modo, acha que há algo que seja justo uma prima pedir a um primo, peço que não hesite em contar com meus serviços.

A senhora Smith lançou-lhe um olhar penetrante e, sorrindo, falou:

– Percebi que fui um pouco prematura. Rogo que me perdoe. Deveria ter esperado uma informação oficial. Mas agora, minha querida senhorita Elliot, como uma velha amiga, diga quando podemos discutir o assunto. Na semana que vem? Certamente na próxima semana tudo estará resolvido e poderei me dedicar a meus planos egoístas com base na fortuna do senhor Elliot.

– Não – disse Anne –, nem na próxima semana, nem na seguinte, nem na outra. Asseguro que nada do que imagina será resolvido no futuro. Não vou me casar com o senhor Elliot. Gostaria de saber por que a senhora teve essa ideia.

A senhora Smith olhou fixamente para ela, sorriu e balançou a cabeça.

– Como eu gostaria de compreendê-la! Como gostaria de conhecer seu ponto de vista! Mas creio que não pretende ser cruel quando chegar a hora certa. Até lá, a senhorita sabe que nós, mulheres, nunca temos a intenção de ter alguém. É óbvio, entre nós, que todo homem é recusado até se declarar. Mas por que a senhorita deveria ser cruel? Deixe que defenda... Não posso chamá-lo de amigo agora... Meu velho amigo. Onde poderá encontrar um casamento mais vantajoso? Onde encontrará um homem mais cavalheiro ou mais gentil? Deixe-me recomendar o senhor Elliot.

Estou convencida de que a senhorita não ouvirá nada além de elogios dele por parte do coronel Wallis, e quem pode conhecê-lo melhor do que o coronel Wallis?

– Minha querida senhora Smith, a esposa do senhor Elliot morreu há pouco mais de meio ano. Ele não deveria estar cortejando ninguém.

– Ah, sim. Se essa é sua única objeção... – disse a senhora Smith, com veemência. – O senhor Elliot está seguro e não vou mais me preocupar com ele. Não se esqueça de mim quando tiver se casado. É tudo o que peço. Diga a ele que sou sua amiga e, então, pensará pouco do esforço necessário, o que é muito natural para ele agora, com tantos negócios e compromissos como ele tem, para evitar e se livrar de tudo o que puder. Talvez seja muito natural. Noventa e nove por cento dos homens faria o mesmo. É claro que ele não pode saber a importância que isso tem para mim. Bem, minha querida senhorita Elliot, quero e espero que seja muito feliz. O senhor Elliot é um homem que irá entender o quanto a senhorita vale. Sua paz não será perturbada como a minha foi. A senhorita estará a salvo de todas as questões mundanas e poderá confiar no caráter dele. Não será um homem que se deixará levar pelos outros até a ruína.

– Sim – disse Anne. – Acredito muito em tudo o que a senhora diz sobre meu primo. Ele parece ter um temperamento sereno e determinado, pouco aberto a impressões perigosas. Tenho muito respeito por ele. Não tenho motivos para pensar o contrário, de acordo com o que observei. Mas eu o conheço muito pouco, e não é um homem, pelo

que me parece, que se possa conhecer com facilidade. Minha maneira de falar do senhor Elliot não a convence de que ele não significa nada para mim? Meu discurso é bastante calmo. E dou minha palavra de honra de que ele não é nada para mim. Caso se declare (e tenho poucas razões para pensar que o fará), não aceitarei. Asseguro que não

aceitarei. Asseguro que o senhor Elliot não teve nada a ver com a conversa que a senhora supôs, com qualquer tipo de prazer que o concerto na noite passada me proporcionou. Não, não é o senhor Elliot que...

Ela parou e arrependeu-se com um profundo rubor de ter falado tanto.

Mas, se falasse menos, isso dificilmente teria sido suficiente. A senhora Smith não teria acreditado tão cedo no fracasso do senhor Elliot caso não imaginasse que havia outra pessoa. Quando entendeu isso, não falou mais nada nem fez outras suposições. Mas Anne, ansiosa para ignorar o incidente, estava impaciente para saber de onde a senhora Smith tinha tirado a ideia de que ela deveria se casar com o senhor Elliot ou de quem ouvira falar aquilo.

– Por favor, conte-me como pensou uma coisa dessas.

– No começo, foi ao saber quanto tempo vocês passavam juntos, e pareceu-me que também era o mais desejável do mundo pelas pessoas relacionadas aos dois – respondeu a senhora Smith. – E pode ter certeza de que todos os seus conhecidos pensam a mesma coisa. Mas ninguém me falou sobre isso até dois dias atrás.

– E isso foi, de fato, falado?

– Notou a mulher que abriu a porta para a senhorita quando veio ontem?

– Não. Não era a senhora Speed, como de costume, ou então a empregada? Não vi ninguém em especial.

– Era a minha amiga senhora Rooke, a enfermeira Rooke, que, claro, estava muito curiosa para vê-la e ficou encantada em abrir a porta para a senhorita. Ela voltou de Marlborough no domingo e foi ela quem me disse que a senhorita iria se casar com o senhor Elliot. Ouviu isso da própria senhora Wallis, que deve estar bem informada. Esteve aqui na segunda-feira por uma hora e contou-me a história toda.

– A história toda! – disse Anne, e riu. – Não pode ter feito uma história tão longa de um assunto tão pequeno e infundado.

A senhora Smith não respondeu.

– Mas... – continuou Anne. – Mesmo que não seja verdade que me casarei com o senhor Elliot, ficaria muito feliz em fazer o que estiver a meu alcance para ajudar a senhora. Devo dizer a ele que está em Bath? A senhora quer que eu lhe dê algum recado?

– Não, obrigada. Não, é claro que não. No calor do momento e sob uma impressão errada, posso ter solicitado seu interesse em certos assuntos. Mas agora não mais. Eu lhe agradeço, mas não se incomode com isso.

– Acho que a senhora disse que conhece o senhor Elliot há muitos anos, certo?

– É verdade.

– Não antes de se casar, imagino.

– Não estava casado quando o conheci.

– E... Eram muito amigos?

– Íntimos.

– É mesmo? Diga-me, então, que tipo de pessoa ele era naquela época. Estou muito curiosa para saber como era o senhor Elliot na juventude. Era parecido com o que é hoje?

– Não vejo o senhor Elliot há três anos – foi a resposta da senhora Smith.

Falou com tanta seriedade que foi impossível continuar o assunto, e Anne sentiu que sua curiosidade só tinha aumentado. As duas ficaram em silêncio, e a senhora Smith ficou muito pensativa. Por fim, falou:

– Peço perdão pelas respostas curtas que dei, senhorita Elliot, mas duvidei do que tinha de fazer. Duvidei se deveria dizer algo à senhorita. Há muitas coisas que devem ser levadas em conta. É horrível ser intrometida, causar más impressões, prejudicar os outros. Até a aparência tranquila de uma reunião familiar merece ser preservada, embora não haja nada duradouro embaixo dela. De qualquer forma, estou determinada e acho que faço bem. Acho que a senhorita deveria conhecer o verdadeiro caráter do senhor Elliot. Embora eu acredite plenamente que, no momento, a senhorita não parece ter a menor intenção de aceitá-lo, ninguém é capaz de dizer o que pode acontecer. Talvez seus sentimentos com relação a ele mudem. Então, escute a verdade, agora que nenhum preconceito atrapalha sua mente. O senhor Elliot é um homem sem coração nem consciência. Um ser manipulador, cauteloso, de sangue frio, que só pensa em si mesmo e que, para seu próprio bem, não hesitaria em cometer qualquer crueldade, qualquer traição, qualquer coisa que não arrisque seu caráter. Não tem sentimentos pelos outros. Pode levar os outros à ruína, negligenciá-

-los e abandoná-los sem o menor peso na consciência. Não possui nenhum sentimento de justiça ou compaixão. Ah, o coração dele é negro! Negro e

vazio!

A surpresa de Anne e suas exclamações de espanto fizeram-na parar. Com um ar mais calmo, continuou:

– Minhas expressões a surpreendem. A senhorita irá pensar que sou uma mulher enfurecida e insultada, mas tentarei me controlar: não vou caluniá-lo. Vou contar apenas o que descobri sobre ele. Os fatos falam por si. Ele era o amigo íntimo do meu falecido marido, em quem confiava, a quem amava e acreditava ser tão bom quanto ele próprio. Essa intimidade já estava formada antes do nosso casamento. Ao perceber que eram amigos tão íntimos, também comecei a simpatizar muito com o senhor Elliot, e o tinha em altíssima estima. Aos 19 anos, a senhorita sabe que não pensamos muito seriamente. Mas o senhor Elliot parecia tão bom quanto qualquer outro e mais agradável do que muitos, e estávamos quase sempre juntos. Passávamos muito tempo na cidade e vivíamos em grande estilo. Naquela época, ele era inferior a nós. Era o mais pobre, tinha quartos no Temple, e isso era o

melhor que podia fazer para manter a aparência de cavalheiro. Podia ficar em nossa casa sempre que quisesse. Era sempre bem-vindo; era como um irmão para nós. Meu pobre Charles, que tinha o coração mais bondoso e generoso do mundo, dividiria com ele até o último centavo. Eu sei que seus bolsos estavam sempre abertos para o amigo. Tenho certeza de que o ajudou várias vezes.

– Este deve ser o período da vida do senhor Elliot que sempre despertou minha curiosidade – disse Anne. – Deve ter sido nessa época que conheceu meu pai e minha irmã. Eu não o conhecia então. Só ouvia falar dele, mas houve algo em sua conduta naquela época, com relação a meu pai e minha irmã, e logo depois, ao se casar, que nunca consegui conciliar com seu comportamento atual. Parecia que era um homem diferente.

– Eu sei, eu sei! – exclamou a senhora Smith. – Ele foi apresentado a *sir* Walter e sua irmã antes que eu o conhecesse, mas eu o ouvi falar muito sobre eles. Sei que foi convidado e solicitado, e também que decidiu não visitá-los. Posso lhe dar, talvez, detalhes que nem suspeita. Por exemplo,

com relação a seu casamento, sei de todas as circunstâncias. Conheço todos os prós e contras. Eu era a amiga em quem ele depositava as esperanças e os planos e, embora não conhecesse sua esposa antes, já que a situação inferior dela na sociedade tornava isso impossível, eu a conheci muito depois, nos últimos dois anos de sua vida, e assim posso responder qualquer pergunta que queira me fazer.

– Não – disse Anne. – Não tenho nenhuma pergunta específica sobre ela. Sempre soube que não foi um casamento feliz. Mas gostaria de saber por que motivo, naquele momento, ele evitou o relacionamento com meu pai, que com certeza estava disposto a lhe conceder as mais gentis e apropriadas atenções. Por que o senhor Elliot se afastou?

– O senhor Elliot tinha, naquele momento, apenas um objetivo: fazer fortuna, e por um processo mais rápido do que a lei – respondeu a senhora Smith. – Estava disposto a enriquecer por meio do casamento. Pelo menos, estava determinado a não arruinar seu objetivo com um casamento imprudente. E sei que acreditava, com razão ou não, não posso dizer, que seu pai e sua irmã, com seus convites e suas cortesias, queriam uma união entre o herdeiro e a jovem. E era impossível que este casamento fosse de encontro às suas aspirações de bem-estar e independência. Esta foi a razão pela qual ele se afastou, posso assegurar. Ele mesmo me contou. Não tinha segredos comigo. É curioso que, depois de tê-la deixado em Bath, o primeiro e mais importante amigo que tive depois de casada tenha sido seu primo. E, por ele, tive notícias constantes de seu pai e de sua irmã. Ele me descrevia uma senhorita Elliot, e eu pensava na outra com muito carinho.

– É possível que a senhora tenha falado de mim, às vezes, com o senhor Elliot? – disse Anne, tomada por uma ideia repentina.

– É claro, e com muita frequência. Eu costumava elogiar minha Anne Elliot e garantir que era uma pessoa muito diferente do que...

Parou a tempo.

– Isso tem a ver com algo que o senhor Elliot disse ontem à noite! – exclamou Anne. – Isso explica tudo. Descobri que tinha ouvido falar sobre mim. Não sabia como ou por quem. Que imaginação maluca temos quando se trata de qualquer coisa relacionada a nós mesmos! Quantos erros

podemos cometer! Mas imploro que me perdoe. Eu a interrompi. Então, o senhor Elliot casou-se apenas por dinheiro? Foi essa circunstância, imagino, que fez a senhora vislumbrar o verdadeiro caráter dele pela primeira vez.

A senhora Smith hesitou por um momento.

– Ah, essas coisas costumam acontecer... Quando se vive no mundo, não é surpreendente encontrar homens e mulheres que se casam por dinheiro. É corriqueiro demais para nos chocar como deveria. Eu era muito jovem. Éramos um grupo feliz e imprudente, sem nenhuma regra séria de conduta. Vivíamos para nos divertir. Penso muito diferente agora. O tempo, a doença e a tristeza deram-me outras noções das coisas. Mas, naquele momento, devo confessar que não vi nada reprovável na conduta do senhor Elliot. ‘Fazer o melhor para si’ era o nosso lema.

– Mas ela não era uma mulher muito inferior?

– Sim, e eu levantei algumas objeções quanto a isso, mas ele não levou em conta. Dinheiro, dinheiro, era tudo o que ele queria. O pai dela tinha sido fazendeiro e o avô, açougueiro, mas de que isso importava? Ela era uma boa mulher, tinha educação. Havia sido criada por

uns primos. Conheceu o senhor Elliot por acaso e apaixonou-se

por ele. E, da parte dele, não houve nem hesitação nem escrúpulo quanto à origem dela. Seu único interesse era saber quanto era a fortuna dela antes de se comprometer. Se julgarmos por isso, seja qual for a opinião sobre a posição social que o senhor Elliot tem agora, quando era jovem, não dava nenhum valor a isso. A possibilidade de herdar Kellynch era importante, talvez, mas, no que dizia respeito à honra da família, ele a reduzia a algo sem importância. Muitas vezes, ouvi-o declarar que, se os títulos de barão pudessem ser vendidos, venderia o seu por 50 libras, com as armas, o lema, o nome e a terra incluídos. Mas não pretendo repetir metade das coisas que ele disse sobre esse assunto. Não seria justo. E, no entanto, a senhorita precisa ter provas, pois não estou apresentando nada além de palavras. Mas a senhorita terá provas.

– Na verdade, minha querida senhora Smith, não preciso de nenhuma –

rebateu Anne. – A senhora não disse nada que pareça contraditório com o que o senhor Elliot era naquele tempo. Essa é a confirmação do que costumávamos acreditar e ouvir. Estou mais curiosa em saber por que está tão diferente agora.

– Mas, para minha satisfação, a senhorita teria a bondade de chamar Mary? Ou melhor, estou certo de que terá a bondade ainda maior de ir até meu quarto e trazer uma pequena caixa que está na prateleira mais alta do meu guarda-roupas.

Anne, vendo que a amiga queria muito isso, fez o que lhe foi pedido. Pegou e colocou a caixa na frente dela, e a senhora Smith, curvando-se e abrindo-a, disse:

– Isso está cheio de papéis que pertencem a ele, a meu marido. Só uma pequena parte do que encontrei quando fiquei viúva. A carta que estou procurando foi escrita pelo senhor Elliot a meu marido antes de nosso casamento, e, por sorte, consegui salvá-la. Como? Não saberia dizer. Mas meu marido era descuidado e negligente, como muitos outros homens, nesse assunto. E, quando fui examinar seus documentos, encontrei uma porção de coisas sem importância, de diferentes pessoas aqui e ali, quando muitas cartas e memorandos valiosos foram destruídos. Aqui está. Não queimei porque já estava bastante insatisfeita na época com o senhor Elliot e decidi guardar qualquer prova da amizade que existia entre nós. Agora, tenho outro motivo para estar feliz por ter feito isso.

A carta estava endereçada ao “Cavalheiro Charles Smith. Tunbridge Wells”, e tinha sido enviada de Londres em julho de 1803.

Meu caro Smith,

Recebi sua carta. Sua bondade quase me domina. Gostaria que a natureza tivesse feito mais corações como o seu, mas vivi 23 anos no mundo sem encontrar ninguém que se iguale ao senhor. Nestes momentos, garanto que não preciso de seus serviços porque tenho fundos de novo. Pode me felicitar: consegui me livrar de *sir* Walter e da filha. Eles voltaram para Kellynch e quase me fizeram prometer ir visitá-los neste verão. Mas minha primeira visita a Kellynch será com um

agrimensor que me dirá como obter o máximo de lucro da propriedade. Mas não é improvável que o barão se case outra vez. É um imbecil. Porém, caso ele se case, me deixariam em paz, o que seria uma troca justa pela perda. *Sir* Walter está ainda pior do que no ano passado.

Gostaria de ter qualquer nome, menos Elliot. Estou cansado desse nome. Posso abandonar o nome de Walter, graças a Deus! E gostaria que nunca mais me insultasse usando meu segundo W. também.

Para sempre seu,

Wm. Elliot.

Anne não conseguiu ler a carta sem se exaltar, e a senhora Smith, observando a cor de seu rosto, disse:

– A linguagem, bem entendo, é muito desrespeitosa. Embora tenha esquecido as palavras exatas, tenho uma perfeita impressão do tom geral. Mas aí está o homem. Mostra também o grau de amizade que tinha com meu falecido marido. Pode haver algo mais forte que isso?

Anne não conseguia se recuperar do choque e do sofrimento causado pelas palavras dirigidas a seu pai. Precisou recordar que ter visto esta carta era, em si, uma violação das leis da honra, que ninguém deveria ser julgado ou conhecido por testemunhos dessa natureza, que nenhuma correspondência privada deveria ser vista, exceto por aqueles a quem está dirigida. Precisou se lembrar de tudo isso antes de poder recuperar calma suficiente para devolver a carta que a deixou em um estado de meditação e dizer:

– Obrigada. Esta é uma prova completa do que a senhora estava dizendo. Mas por que a amizade dele conosco agora?

– Também posso explicar isso – respondeu a senhora Smith, sorrindo.

– Pode mesmo?

– Posso. Mostrei para a senhorita como era o senhor Elliot há 12 anos e irei mostrar agora qual é seu caráter atual. Não posso entregar provas escritas de novo, mas meu testemunho oral será tão autêntico quanto a senhorita quiser. Vou informá-la sobre o que o senhor Elliot deseja e

procura agora. Não é hipócrita no presente. É verdade que quer se casar com a senhorita. Suas atenções para com sua família agora são sinceras, vêm mesmo do coração. Vou dizer quem me afirmou isso: o amigo dele, o coronel Wallis.

– O coronel Wallis! Também o conhece?

– Não, não o conheço. As notícias não chegam a mim de forma tão direta assim. Dão algumas voltas: nada de grande consequência. A fonte de informação é tão boa quanto no começo, e os pequenos detalhes que podem ter sido adicionados são fáceis de discernir. O senhor Elliot fala com o coronel Wallis sem nenhuma reserva sobre o que pensa com relação à senhorita. Imagino que o coronel Wallis seja um homem sensato, cuidadoso e inteligente, mas tem uma esposa bonita e tonta a quem conta coisas que deveria guardar para si. Esta, com a energia de sua recuperação, contou tudo à enfermeira, e a enfermeira, sabendo de sua amizade comigo, logo me trouxe a notícia. Na segunda-feira à noite, minha boa amiga, a senhora Rooke, inteirou-me dos segredos de Marlborough. Então, quando eu lhe contei a história toda, a senhorita pode ter certeza de que eu não estava romantizando tanto quanto

supunha.

– Minha querida senhora Smith, receio que sua fonte de informação não seja suficiente neste caso. O fato de o senhor Elliot ter certas pretensões ou não com relação a mim não é suficiente para justificar os esforços que fez para se reconciliar com meu pai. Estes foram antes da minha chegada em Bath. Descobri que ele já estava muito próximo da minha família quando cheguei.

– Eu sei, eu sei muito bem, mas...

– Na verdade, senhora Smith, não acho que possamos esperar informações confiáveis por esse caminho. Fatos ou opiniões que tenham que passar pela boca de tantos podem ser deturpados pela tolice de um ou ignorância de outro e, dificilmente, podem trazer muita verdade.

– Peço que me escute. Logo, poderá julgar se pode ou não dar crédito a tudo isso quando souber de alguns detalhes que a senhorita pode confirmar

ou negar. Ninguém assume que a senhorita fosse o objetivo do senhor Elliot no começo. É verdade que o senhor Elliot a tinha visto e admirado antes de que viesse para Bath, mas não sabia quem era a senhorita. Pelo menos, é o que minha informante diz. É verdade? É verdade que a viu no verão ou no outono passado “em algum lugar do oeste” para usar suas palavras, sem saber quem era a senhorita?

– Certo. Isso é verdade. Foi em Lyme. Tudo isso aconteceu em Lyme.

– Bem... – continuou a senhora Smith, triunfante. – Conceda à minha amiga o devido crédito pela confirmação do primeiro ponto. Ele a viu em Lyme e gostou tanto que ficou muito feliz ao vê-la de novo em Camden Place e saber que era a senhorita Anne Elliot e, a partir de então, não tenho dúvida de que teve um duplo interesse em visitar sua casa. Mas, antes, houve uma razão que explicarei para a senhorita agora. Se encontrar na minha história algo que parece falso ou improvável, peço que não me deixe continuar. Meu relato diz que a amiga de sua irmã, aquela senhora que é hóspede das senhoritas atualmente e da qual ouvi a senhorita falar, veio para Bath com seu pai e sua irmã aqui no mês de setembro, quando eles chegaram, e está na casa das senhoritas desde a ocasião. É uma mulher inteligente, insinuante, bonita, pobre e plausível. E, de modo geral, tanto pela situação quanto pelas maneiras, dá a entender aos conhecidos de *sir* Walter de que poderia aspirar a ser *lady* Elliot, e há uma surpresa geral pelo fato de que sua irmã esteja tão cega e não veja esse perigo.

Aqui, a senhora Smith parou, mas Anne não tinha nada a dizer. Então, prosseguiu:

– Essa era a opinião daqueles que conheciam a família, muito antes de sua chegada. O coronel Wallis já prestava atenção em seu pai para ser sensato com relação ao assunto, embora na época não visitasse Camden Place. Mas a consideração que tinha pelo amigo, o senhor Elliot, conferiu-lhe interesse para observar tudo o que acontecia lá, e, quando o senhor Elliot veio a Bath por um ou dois dias, pouco antes do Natal, o coronel Wallis lhe contou sobre o andamento das coisas e os rumores que começavam a surgir. A senhorita precisa entender que o tempo gerou grandes mudanças nas opiniões do senhor Elliot sobre o valor de um título

do barão. Em tudo o que se relaciona com os laços de sangue e os relacionamentos, é um homem completamente diferente. Como há muito tempo o senhor Elliot tem todo o dinheiro de que precisa, e nada mais a desejar com relação à avareza e à indulgência, tem aprendido aos poucos a depositar a felicidade no título que irá herdar. Isso eu já tinha pressentido antes de nossa amizade ter terminado, mas agora é fato evidente. O senhor Elliot não pode suportar a ideia de não se chamar *sir* William. Por isso, a senhorita pode entender que as notícias comunicadas pelo amigo não foram agradáveis para ele, e também imagina os resultados que produziram. A intenção de voltar a Bath o mais rápido possível, instalar-se aqui por um tempo, com a possibilidade de restabelecer as antigas relações, e recuperar tal posição na família que poderia lhe fornecer os meios de averiguar o grau de perigo e de impedir os planos da dama em questão se acreditasse que fosse necessário. Isso foi combinado entre os dois amigos como a única coisa a ser feita, e o coronel Wallis concordou em ajudar o amigo de todas as formas possíveis. Ele e a senhora Wallis seriam apresentados à família. O senhor Elliot voltou, de acordo com o plano, pediu uma reconciliação e foi perdoado, como a senhorita sabe, e readmitido na família. E, assim, seu motivo principal e único propósito (até sua chegada adicionar um novo interesse às suas visitas) era observar seu pai e a senhora Clay. Esteve com eles em todas as oportunidades que pôde. Ficou entre eles, fez visitas a toda hora... Mas não tenho por que lhe dar detalhes sobre isso. Pode imaginar todas as artimanhas de um homem habilidoso. E talvez a senhorita, de posse dessa informação, se lembre de algo que já o tenha visto fazer.

– Sim – disse Anne. – A senhora não me disse nada que não estivesse de acordo com o que sabia e imaginava. Há sempre algo ofensivo nos meios empregados pela astúcia. As manobras do egoísmo e da duplicidade são repulsivas, mas a senhora não me disse nada que, de fato, me surpreenda. Sei que algumas pessoas ficariam chocadas com esse retrato do senhor Elliot e que lhes custaria acreditar nisso. Mas eu nunca fiquei satisfeita. Sempre suspeitei que havia algum motivo oculto em seu comportamento. Gostaria de conhecer a atual opinião do senhor Elliot quanto à

probabilidade do assunto que tanto teme. Se considera que o perigo está diminuindo ou não.

– O senhor Elliot acha que o perigo está diminuindo, até onde sei – respondeu a senhora Smith. – Acha que a senhora Clay tem medo dele e que ela sabe que ele adivinha suas intenções e não se atreve a agir como faria se não estivesse por perto. Mas, como o senhor Elliot terá de ir embora em algum momento, não sei de que maneira poderá estar seguro enquanto a senhora Clay conservar sua atual influência. A senhora Wallis tem uma ideia muito engraçada, como minha amiga enfermeira me informou: consiste em colocar nos artigos do contrato de casamento entre a senhorita e o senhor Elliot que seu pai não se case com a senhora Clay. É uma ideia digna em todos os aspectos da inteligência da senhora Wallis, mas a sensata senhora Rooke vê claramente como é absurda. “Certamente, senhora, isso não impediria que se casasse com outra pessoa”, disse-me. E, para ser sincera, não acho que minha amiga enfermeira seja totalmente contra um segundo casamento de *sir* Walter. Ela é uma defensora do casamento, e, como cada um tem as próprias motivações, quem poderia dizer que ela não tem aspirações de servir uma futura *lady* Elliot graças a uma recomendação da senhora Wallis?

– Estou feliz em saber tudo isso – disse Anne, depois de refletir um momento. – Será mais doloroso para mim em alguns aspectos estar na companhia do senhor Elliot, mas agora saberei melhor o que fazer. Minha linha de conduta será mais direta. Evidentemente, o senhor Elliot é um hipócrita, falso e mundano, que nunca teve nenhum princípio melhor para guiá-lo além do egoísmo.

Mas a senhora Smith ainda não tinha terminado. Distraída da história original, e Anne já tinha se esquecido, interessada como estava em tudo relacionado à sua família, de quanto havia sido originalmente implicado contra ele. Mas agora a atenção de Anne era exigida para uma

explicação das primeiras pistas da amiga. E teve, então, que escutar

uma narrativa que, embora não justificasse completamente o atual rancor da amiga, provava que a conduta do senhor Elliot com ela fora insensível e

injusta.

Soube, assim, que (sem que a amizade tivesse sido alterada pelo casamento do senhor Elliot) a intimidade das famílias havia continuado e que o senhor Elliot levava o amigo a gastar quantias que iam muito além do que suas posses permitiam. A senhora Smith não queria assumir a culpa por isso e sentia grande ternura pelo marido. Por isso, tampouco queria culpá-lo. Mas Anne podia perceber que sua renda nunca tinha sido igual a seus gastos e que, desde o início, houve grandes extravagâncias gerais e conjuntas. Da perspectiva da esposa, Anne imaginava que o senhor Smith era um homem de sentimentos generosos, caráter calmo, hábitos descuidados, não muito inteligente, muito mais amável que o amigo e muito diferente dele. Tinha sido influenciado e, provavelmente, desprezado por ele. O senhor Elliot, que ficou rico por seu casamento e se dava todas as vaidades e os prazeres que podia sem se comprometer (pois, apesar de sua autoindulgência, tinha se tornado um homem prudente), e se encontrando rico no exato momento em que o amigo começava a perceber sua pobreza, parecia não ter se importado com as finanças do amigo. Pelo contrário, havia incentivado despesas que só poderiam levá-lo à falência. E, conseqüentemente, os Smith ficaram arruinados.

O marido morreu a tempo de ser poupado da verdade completa. Já tinham enfrentado dificuldades suficientes antes para pôr à prova a amizade dos amigos, e para provar que a amizade do senhor Elliot era daquelas que não convinha pôr à prova. Mas foi só depois da morte do senhor Smith que o estado desastroso de seus negócios ficou conhecido

completamente. Confiando na consideração do senhor Elliot mais

do que nos próprios critérios de julgamento, o senhor Smith havia-o indicado como executor de seu testamento. Mas o senhor Elliot se recusou, e as dificuldades e os transtornos que essa recusa causaram à viúva, junto com o inevitável sofrimento em sua nova situação, foram tais que não podiam ser contados sem angústia ou ouvidos sem indignação.

Anne viu algumas cartas do senhor Elliot nessa ocasião, respostas a pedidos urgentes da senhora Smith, que demonstravam a mesma intenção

decidida de não se dedicar a inconveniências desnecessárias, e, sob uma cortesia fria, a mesma indiferença a tudo de ruim que pudesse acontecer a ela. Era um retrato horrível de ingratidão e desumanidade. E, em alguns momentos, Anne sentiu que nenhum crime verdadeiro poderia ter sido pior. Tinha muito a ouvir: todos os pormenores das tristes cenas passadas, todas as minúcias de uma angústia após a outra. Tudo o que só havia sido insinuado em conversas anteriores era agora relatado com uma indulgência natural. Anne podia entender muito bem o grande alívio que isso proporcionava à amiga, e ficou ainda mais inclinada a estranhar a postura do comportamento habitual dela.

Havia uma circunstância no relato de seus arrependimentos que era bastante irritante. Anne tinha boas razões para acreditar que uma propriedade do marido nas Índias Ocidentais, que por muito tempo esteve confiscada para o pagamento dos próprios encargos, poderia ser recuperada caso as medidas adequadas fossem empregadas. Essa propriedade, embora não fosse muito grande, era suficiente para tornar a senhora Smith comparativamente rica. Mas não havia ninguém para se encarregar disso. O senhor Elliot não faria nada, e a senhora Smith tampouco, incapacitada para se ocupar da questão, devido à sua fraqueza física e por não ter recursos para pagar os serviços de outra pessoa. Ela não tinha relações que pudessem ajudá-la nem mesmo com bons conselhos e não podia pagar um advogado. Esse era um agravante cruel da situação já limitada. Saber que a amiga deveria estar em melhores condições, que um pequeno esforço poderia melhorar sua situação e que a demora poderia enfraquecer seus direitos, era difícil de suportar.

Queria que Anne a ajudasse com o senhor Elliot nesse assunto. Antes, a senhora Smith temia que aquele casamento a fizesse perder a amiga. Mas sabia, então, que o senhor Elliot não faria nada desta natureza, já que nem sabia que a senhora Smith estava em Bath. Nesse momento, logo lhe ocorreu a ideia de que algo poderia ser feito a seu favor por influência da mulher que ele amava. Por isso, apressou-se a buscar a simpatia de Anne, tanto quanto seu conhecimento do caráter do senhor Elliot poderia permitir. Até que a recusa de Anne com relação ao suposto casamento

mudou tudo. E, embora a esperança recém-formada de ser bem-sucedida no objetivo que mais ansiava tenha desaparecido, tinha pelo menos o consolo de ter conseguido contar a história toda à sua maneira.

Depois de ouvir a descrição completa do caráter do senhor Elliot, Anne não pôde deixar de ficar surpresa com os termos favoráveis feitos a ele pela senhora Smith no começo da conversa. Parecia que o elogiava e recomendava.

– Minha querida amiga, não poderia fazer outra coisa – respondeu a senhora Smith. – Considerava seu casamento com o senhor Elliot como uma coisa certa, mesmo que ele ainda não tivesse se declarado. E não podia mais contar a verdade sobre ele, considerando que seria seu futuro marido. Meu coração estava sangrando pela senhorita enquanto falava sobre felicidade. E, apesar de tudo, ele é inteligente, é agradável e, com uma mulher como a senhorita, a união não seria completamente desesperadora. O senhor Elliot foi muito indelicado com a primeira esposa. Foi um casamento desastroso. Mas ela era muito ignorante e grosseira para inspirar respeito, e ele nunca a amou. Eu estava torcendo que, talvez com você, as coisas fossem diferentes.

Anne sentiu um arrepio no fundo do coração ao pensar na possibilidade de ter sido induzida a se casar com o senhor Elliot e no sofrimento que tal união causaria nela. Era possível que *lady* Russell pudesse ter conseguido convencê-la! Nesse caso, qual das duas teria ficado ainda mais infeliz quando o tempo revelasse tudo e fosse tarde demais?

Era necessário que *lady* Russell não fosse enganada por mais tempo. E um dos acordos dessa importante conversa, que ocupou boa parte da manhã, foi que Anne teria total liberdade para contar à *lady* Russell qualquer coisa sobre a senhora Smith que estivesse relacionada com a conduta do senhor Elliot.



Capítulo 10

Anne foi para casa refletir sobre o que ouvira. De certa forma, sentiu-se mais calma ao conhecer o caráter do senhor Elliot. Já não sentia nenhuma ternura com relação a ele. Era o oposto do capitão Wentworth, com todas suas intromissões mal-intencionadas. E o mal causado por suas atenções da noite anterior, o dano irreparável que cometera, foi considerado com sensações desqualificadas e indiferentes. Não sentia mais pena dele. Mas só nisso ela se sentiu aliviada. Em todos os outros aspectos, quanto mais olhava ao redor e mais se aprofundava, mais razões encontrava para temer e desconfiar. Estava preocupada com a decepção e a dor que *lady* Russell teria, com a tristeza que o pai e a irmã sofreriam e com todas as angústias prever tanto males sem saber como evitar nenhum deles. Agradecia muito por conhecê-lo bem. Nunca havia considerado o direito de esperar nenhuma recompensa pelo tratamento que tinha dedicado a uma velha amiga como a senhora Smith e, apesar disso, fora recompensada! A senhora Smith fora capaz de contar algo que mais ninguém poderia ter contado. Deveria comunicar tudo para sua família? Mas era uma ideia boba. Deveria falar com *lady* Russell, contar tudo a ela, consultá-la e, tendo agido da melhor forma, esperar com a maior compostura possível. Afinal, onde ela precisava de mais compostura era naquela parte da alma que não podia ser aberta para *lady* Russell, naquele fluxo de ansiedades e temores que deveria guardar para si.

Ao chegar em casa, comprovou que fora capaz de evitar o senhor Elliot, como era sua intenção. Ele estivera lá e fizera uma longa visita pela

manhã. Mas mal começou a se parabenizar e se sentir segura até que descobriu que o senhor Elliot voltaria à tarde.

– Não tinha a menor intenção de convidá-lo – disse Elizabeth com um descuido afetado. – Mas ele lançou muitas indiretas. Pelo menos, foi o que a senhora Clay disse.

– Mas é verdade. Nunca vi ninguém esperar com tanto interesse por um convite. Pobre homem! Eu estava, realmente, com pena do senhor Elliot, porque o coração frio de sua irmã, senhorita Anne, parece inclinado à crueldade.

– Ah! – exclamou Elizabeth. – Estou muito acostumada a esse tipo de jogo para me surpreender com as indiretas de um cavalheiro. Mas, quando descobri o quanto lamentava não ter encontrado meu pai esta manhã, eu cedi na mesma hora, porque nunca vou evitar uma oportunidade de reunir o senhor Elliot e *sir* Walter. Os dois parecem beneficiar-se tanto da companhia um do outro! São tão amáveis! O senhor Elliot olha para nosso pai com tanto respeito!

– É mesmo maravilhoso! – exclamou a senhora Clay, mas sem se atrever a olhar para Anne. – Como pai e filho. Minha querida senhorita Elliot, não posso chamá-los de pai e filho?

– Ah, eu não impeço as palavras de ninguém. Se a senhora acha que sim... Mas, para ser sincera, não acho que suas atenções são superiores às dos outros homens.

– Minha querida senhorita Elliot! – exclamou a senhora Clay, erguendo as mãos e os olhos para o céu e guardando o resto de seu espanto em um silêncio conveniente.

– Bem, minha querida Penélope, não deveria ficar tão alarmada – disse Elizabeth. – Eu o convidei para vir, a senhora sabe. Mande-o embora com sorrisos, mas, quando soube que amanhã passaria o dia todo com os amigos em Thornberry Park, tive compaixão por ele.

Anne admirou a boa atuação da senhora Clay, que era capaz de mostrar tanto prazer e expectativa pela chegada da pessoa cuja presença era uma grande interferência em seu objetivo principal. Era impossível que a senhora Clay sentisse algo com relação ao senhor Elliot diferente de ódio,

e, ainda assim, podia adotar uma expressão plácida e caridosa, e parecer bastante satisfeita em dedicar a *sir* Walter apenas metade das atenções que teria dado a ele em outras circunstâncias.

Para Anne, era inquietante ver o senhor Elliot entrar no salão. E muito doloroso vê-lo se aproximar e conversar com ela. Já tinha se acostumado a julgar as ações dele como nem sempre sinceras, mas, naquele momento, enxergava a falsidade em cada gesto. A deferência atenta que demonstrava com relação ao pai, em contraste com sua linguagem anterior, era odiosa. Quando Anne pensava como o primo fora cruel com a senhora Smith, mal podia suportar a visão de seus sorrisos e sua doçura ou o som de seus falsos sentimentos bons.

Anne pretendia evitar que qualquer mudança em suas maneiras provocasse um comentário dele. Seu maior objetivo era escapar de todos os questionamentos e as atenções, mas tinha a intenção de ser tão fria com ele quanto a cortesia da relação permitisse e recuar, da forma mais silenciosa possível, dos poucos graus de intimidade que aos poucos havia concedido. Como resultado, ficou mais retraída e em guarda do que na noite anterior.

Ele quis despertar a curiosidade de Anne mais uma vez sobre como e onde ouvira elogios anteriores com relação à prima. Queria muito que ela fizesse mais perguntas, mas o encanto estava quebrado. O senhor Elliot entendeu que o calor e a animação do salão de concerto eram necessários para despertar a vaidade da modesta prima. Entendeu que, por ora, nada seria feito por nenhum dos meios habituais que poderia arriscar entre as excessivas necessidades de atenção das outras pessoas. Não imaginou que era um assunto que agora agia contra seu interesse, trazendo na mesma hora à mente de Anne a lembrança de todas aquelas partes de sua conduta que eram as mais imperdoáveis.

Anne ficou satisfeita em saber que o senhor Elliot ia, de fato, partir de Bath na manhã seguinte, bem cedo, e que só voltaria dali a dois dias. Foi convidado, de novo, a Camden Place na mesma noite de seu retorno, mas, de quinta-feira a sábado, sua ausência era certa. Já era ruim o suficiente que a senhora Clay estivesse sempre na frente dela, mas que um hipócrita

ainda maior fizesse parte de seu grupo era o que faltava para destruir toda a paz e o bem-estar. Era humilhante pensar no constante engano em que viviam o pai e Elizabeth considerando os sofrimentos que estavam sendo preparados para eles. O egoísmo da senhora Clay não era tão complicado nem tão revoltante quanto o do senhor Elliot, e Anne aceitaria de bom grado o casamento dela com o pai imediatamente, apesar de todos os inconvenientes, se isso a livrasse de todas as sutilezas do senhor Elliot para evitar tal união.

Na manhã de sexta-feira, Anne decidiu visitar *lady* Russell bem cedo e contar o que achava necessário. E teria ido logo depois do café da manhã, mas a senhora Clay também iria sair para realizar uma tarefa cujo objetivo era evitar algum desconforto para Elizabeth. Por isso, Anne decidiu esperar até se ver livre de tal companhia. Já via a senhora Clay a distância antes de mencionar o desejo de passar a manhã na rua River.

– Muito bem – disse Elizabeth. – Não posso enviar nada além de meu carinho. Ah, também pode levar o livro chato que me emprestou e fingir que já o li. Não posso me atormentar para sempre com todos os novos poemas e ensaios que são publicados no país. *Lady* Russell aborrece-me bastante com suas novas publicações. Não conte isso a ela, mas achei seu vestido detestável na outra noite. Achei que tivesse certo gosto ao se vestir, mas fiquei com vergonha dela no concerto. Às vezes, *lady* Russell é tão formal e composta em suas roupas! E se senta tão ereta! Mande a ela meu carinho, é claro.

– E também o meu – disse *sir* Walter. – Minhas melhores saudações. Também pode dizer que pretendo visitá-la em breve. Mande uma mensagem cortês. Mas só vou deixar meu cartão. As visitas matutinas nunca são agradáveis para as mulheres dessa idade, que se arrumam tão pouco quanto ela. Se, ao menos, usasse ruje, não teria medo de ser vista. Mas, na última vez em que apareci, notei que as persianas foram fechadas no mesmo instante.

Enquanto o pai falava, bateram na porta. Quem podia ser? Anne, lembrando as visitas inesperadas do senhor Elliot a qualquer hora, teria presumido que era ele se não soubesse que estava a 11 quilômetros de

distância, em outro compromisso. Após os minutos habituais de espera, foram ouvidos ruídos de aproximação, e o senhor e a senhora Charles Musgrove entraram na sala.

A surpresa foi o principal sentimento provocado pela chegada dos dois, mas Anne ficou muito feliz em vê-los, e os outros não lamentaram tanto a visita que não puderam mostrar um ar agradável de boas-vindas. E, assim que ficou claro que eles, seus parentes mais próximos, não tinham nenhuma intenção de se hospedar ali, *sir* Walter e Elizabeth sentiram-se mais cordiais e fizeram as honras de rigor muito bem. Tinham vindo a Bath por uns dias com a senhora Musgrove, e estavam hospedados em White Hart. Isso foi entendido de imediato, mas, só quando *sir* Walter e Elizabeth foram com Mary à outra sala e deliciaram-se com a admiração desta, Anne pôde obter de Charles uma história completa dos detalhes da viagem ou uma explicação de alguns indícios sorridentes do que vieram fazer ali, algo que foi bastante insinuado por Mary, assim como uma aparente confusão com relação às pessoas que faziam parte de seu grupo.

Descobriu, então, que estavam lá, além do casal, a senhora Musgrove, Henrietta e o capitão Harville. Charles fez um breve relato, uma narrativa natural dos acontecimentos, na qual ela pôde notar uma grande parte dos comportamentos mais característicos. No começo, tinha sido o capitão Harville que precisava fazer uma viagem de negócios a Bath. Tinha começado a falar sobre isso há uma semana, e, para fazer algo, já que a temporada de caça tinha terminado, Charles propôs acompanhá-lo, e a senhora Harville parecia ter gostado muito da ideia, que considerava vantajosa para o marido. Mas Mary não suportava ser deixada sozinha, e ficou tão infeliz que, por um dia ou dois, tudo ficou em suspenso ou, aparentemente, em abandono. Mas, depois, o pai e a mãe de Charles insistiram na ideia outra vez. A mãe tinha alguns velhos amigos em Bath, que desejava ver. Era uma boa oportunidade para que Henrietta também fosse comprar o enxoval de casamento para ela e para a irmã. No fim, a mãe organizou o grupo e tudo terminou sendo fácil e simples para o capitão Harville.

E ele e Mary também foram incluídos para conveniência geral. Tinham chegado na noite anterior, bem tarde. A senhora Harville, os filhos e o capitão Benwick ficaram com o senhor Musgrove e Louisa em Uppercross.

A única surpresa de Anne foi que as coisas tivessem andado tão depressa a ponto de já estarem falando no enxoval de Henrietta. Ela imaginara que as dificuldades econômicas não iriam permitir que o casamento acontecesse tão em breve. No entanto, descobriu por Charles que, recentemente – depois da carta que tinha recebido de Mary –, Charles Hayter fora requisitado por um amigo para ocupar o lugar de um jovem que não poderia tomar posse de seu cargo antes de alguns anos e isso, aliado à sua renda atual e à certeza de obter uma posição permanente antes do fim daquele período, fez com que as duas famílias concordassem com os desejos dos jovens de se casar em poucos meses, quase ao mesmo tempo que Louisa.

– E é um lugar muito bom – acrescentou Charles. – A apenas 40 quilômetros de Uppercross e em uma bela paisagem, perto de Dorsetshire, no centro de uma das melhores regiões do reino, cercado por três grandes proprietários, um mais cuidadoso e invejoso que o outro. E, com dois deles, Charles Hayter poderia obter uma recomendação especial. Não que vá dar às terras o valor devido – observou. – Charles é muito pouco amante da vida ao ar livre. Este é seu maior defeito.

– Estou mesmo muito feliz por tudo isso – disse Anne. – E que as duas irmãs, que merecem igualmente e sempre foram tão boas amigas, saibam que as alegrias de uma não devem ofuscar as da outra, e que disfrutem de igual prosperidade e bem-estar. Espero que seu pai e sua mãe estejam igualmente contentes com os casamentos.

– Ah, sim! Meu pai ficaria mais feliz se os dois jovens fossem mais ricos, mas essa é a única falha que encontra neles. O dinheiro, a senhorita sabe, ter que contar com dinheiro para casar duas filhas ao mesmo tempo, é um grande problema que preocupa meu pai de muitas maneiras. No entanto, não quero dizer que não tenham direito a isso. É lógico que elas devem ganhar os dotes. Ele sempre foi um pai generoso e liberal comigo. Mary está insatisfeita com o casamento de Henrietta. Sabe que ela nunca

aprovou. Mas ela não faz justiça a Hayter nem considera o valor de Winthrop. Não consegui fazê-la entender como a propriedade é valiosa. Nos tempos atuais, é um bom casamento. Sempre gostei de Charles Hayter, e não vou mudar de opinião agora.

– Pais tão excelentes quanto os senhores Musgrove devem se alegrar com o casamento das duas filhas – comentou Anne. – Os dois fazem de tudo para que sejam felizes, tenho certeza. Que bênção para os jovens estarem em tais mãos! Seu pai e sua mãe parecem estar livres desses sentimentos ambiciosos que provocaram muitas ações erradas e infortúnios, tanto entre os jovens quanto entre os mais velhos. Espero que Louisa já esteja completamente recuperada.

Ele respondeu, com certa hesitação:

– Sim, acho que está. Mas mudou: não corre nem salta mais, nem dança ou ri. Está muito diferente. Se uma porta é fechada de repente, ela estremece como um passarinho na água. Benwick senta-se ao lado dela lendo versos o dia todo ou sussurrando baixinho.

Anne não pôde deixar de rir.

– Ele não é muito do seu agrado, entendo – falou Anne. – Mas acho que Benwick é um excelente jovem.

– Com certeza, ninguém duvida disso. E espero que não pense que sou tão pouco liberal a ponto de desejar que todos os homens encontrem gosto e prazer nas mesmas coisas que eu. Aprecio muito Benwick e, quando alguém consegue fazê-lo falar, ele tem muito a dizer. A leitura não o prejudicou porque ele também lutou tanto quanto lê. É um homem valente. Eu o conheci melhor na segunda-feira passada do que em qualquer outra ocasião anterior. Fizemos uma famosa caçada de ratos naquela manhã nos grandes celeiros de meu pai, e ele foi tão bem que gosto ainda mais dele desde a ocasião.

Foram interrompidos aqui por causa da absoluta necessidade de Charles acompanhar os outros para admirar os espelhos e a porcelana, mas Anne tinha ouvido o suficiente para entender a atual situação em Uppercross e se alegrar com a felicidade que reinava ali. E, embora suspirasse um pouco em meio a essa felicidade, eles não continham nenhum ar de inveja. Anne

adoraria conhecer essa sensação, mas não queria diminuir a alegria dos outros.

A visita aconteceu em meio a uma boa disposição geral. Mary estava de excelente humor, desfrutando da alegria e da mudança, e tão satisfeita com a viagem na carruagem de quatro cavalos da sogra e com sua completa independência de Camden Place, que se sentia encorajada a admirar tudo como devia. No mesmo instante, entendeu todas as vantagens da casa assim que foram detalhadas. Não tinha nada a pedir ao pai e à irmã e toda a sua boa vontade aumentou ao ver os belos salões.

Elizabeth sofreu bastante por um curto período de tempo. Sentia que a senhora Musgrove e todo o grupo deveriam ser convidados a jantar com eles, mas não suportaria que pessoas que sempre foram inferiores aos Elliot de Kellynch vissem a diferença de estilo e a redução dos criados, que seria evidente na refeição. Foi uma luta entre a educação e a vaidade. No entanto, a vaidade ganhou e Elizabeth ficou feliz de novo. Estas foram suas persuasões internas: *“Velhos costumes... Hospitalidade camponesa... Não damos jantares... Poucas pessoas em Bath fazem isso... Lady Alicia nunca fez isso, nem mesmo convida a família da irmã, embora tenham ficado aqui por um mês, e acho que será um inconveniente para a senhora Musgrove... Vai atrapalhar bastante seus planos. Tenho certeza de que prefere não vir... Não se sentiria confortável conosco. Vou pedir que venham à noite. Isso será muito melhor. Será inovador e cortês. Eles nunca viram dois salões como estes antes. Ficarão felizes em vir amanhã à noite. Será uma reunião bastante regular... Pequena, mas elegante”*. O pensamento satisfez Elizabeth e, quando o convite foi endereçado aos dois presentes, com votos de também incluir os ausentes, Mary pareceu muito satisfeita. Estava bastante interessada em conhecer o senhor Elliot e ser apresentada a *lady* Dalrymple e à senhorita Carteret, que já tinham prometido vir aquela noite. E, para Mary, não poderia ter recebido uma atenção mais gratificante. A senhorita Elliot teria a honra de visitar a senhora Musgrove pela manhã, e Anne foi com Charles e Mary ver Henrietta e a mãe na mesma hora.

Sua ideia de visitar *lady* Russell teve de ser adiada por enquanto. Os três

fizeram uma parada na casa da rua River por alguns minutos, mas Anne se convenceu de que o atraso de um dia na comunicação com *lady* Russell não faria muita diferença, e estava com pressa de chegar a White Hart para ver, de novo, os amigos e companheiros do outono passado, com a impaciência e a boa vontade advindas das muitas lembranças.

Encontraram a senhora Musgrove e a filha sozinhas, e ambas receberam Anne de forma muito amável. Henrietta estava naquele estado de aumento de perspectivas e felicidade recente que a deixavam repleta de consideração e interesse pelas pessoas de que já gostava antes. E Anne havia obtido o carinho verdadeiro da senhora Musgrove por sua ajuda quando a família estava com problemas. Havia ali uma generosidade, um calor e uma sinceridade que Anne apreciava muito mais pela triste falta de tais virtudes em casa. Ela foi convidada a passar com eles todos os momentos livres que tivesse, a vir todos os dias e passar o dia todo. Resumindo, foi convidada a ser como da família. E, em troca, ela sentiu que deveria dedicar toda atenção e assistência a eles, e, assim que Charles as deixou sozinhas, ouviu a senhora Musgrove contar a história de Louisa e Henrietta contar sua própria. Deu sua opinião sobre vários assuntos e recomendou algumas lojas. Houve intervalos em que devia ajudar Mary, que pedia conselhos sobre o tipo de fita que deveria usar até sobre como fazer uma conta, de encontrar suas chaves e organizar as bugigangas até tentar convencê-la de que ninguém estava sendo antipático com ela. Algo que Mary imaginava enquanto se distraía sentada perto da janela observando a entrada do Pump Room.

Era de se esperar uma manhã de muita confusão. Um grande grupo em um hotel significa uma cena de alvoroço e desordem. A certa altura, chega um bilhete; no seguinte, um pacote; e não fazia nem meia hora que Anne se encontrava ali quando a sala de jantar, apesar de espaçosa, estava quase cheia. Um grupo de velhas amigas estava sentado em volta da senhora Musgrove, e Charles voltou com os capitães Harville e Wentworth. A aparição do segundo foi a surpresa do momento. Era impossível para Anne não sentir que a presença dos velhos amigos, em breve, os aproximaria outra vez. O último encontro dos dois fora o mais

importante por ter revelado os sentimentos dele. Ela extraíra do encontro uma deliciosa convicção, mas teve medo, ao ver sua expressão, que a mesma infeliz persuasão que o afastara do salão de concertos ainda o dominasse. Parecia pouco disposto a se aproximar e conversar com ela.

Anne tentou acalmar-se e deixar as coisas seguirem seu curso. Tentou refletir neste argumento razoável: “É claro que, se nossa afeição é recíproca, nossos corações se entenderão. Não somos duas crianças para nos irritar com bobagens, nos enganar com algum acaso ou brincar de forma descuidada com nossa própria felicidade”. E, no entanto, um momento depois, sentiu que a companhia mútua naquelas circunstâncias iria apenas expô-los a descuidos e interpretações equivocadas do pior tipo.

– Anne, ali está a senhora Clay, tenho certeza, parada debaixo da colunata, e está acompanhada por um cavalheiro – chamou Mary, ainda da janela. – Vejo que estão indo pela rua Bath neste momento. Parecem muito entretidos na conversa. Quem é ele? Venha e me diga. Meu Deus! Eu o reconheço! É o senhor Elliot!

– Não – rebateu Anne, depressa. – Não pode ser o senhor Elliot, garanto. Ele ia deixar Bath esta manhã, às nove, e não estará de volta até amanhã.

Enquanto falava, sentiu o olhar do capitão Wentworth pousado nela, e a constatação a deixou perturbada e envergonhada, e arrependeu-se de ter falado demais, apesar das poucas palavras.

Mary, ofendida com a suspeita da irmã de que não conhecia o próprio primo, começou a falar de forma calorosa sobre os traços familiares e a afirmar de maneira ainda mais categórica de que se tratava do senhor Elliot, e chamou Anne mais uma vez para que se aproximasse e comprovasse por si mesma. Mas Anne não tinha a intenção de se mexer. Assim, tentou mostrar frieza e indiferença. Porém, seu desconforto retornou ao perceber olhares significativos e sorrisos entre as senhoras visitantes, como se julgassem estar cientes do segredo. Era evidente que

a notícia sobre ela havia se espalhado. Seguiu-se uma breve pausa,

o que poderia garantir que agora a notícia se espalharia ainda mais.

– Venha, Anne – disse Mary. – Venha e veja. Será tarde demais se

não se apressar. Estão se despedindo, apertando as mãos. Ele está

se afastando. Senão, irei reconhecer o senhor Elliot! Você parece ter esquecido tudo o que aconteceu em Lyme.

Para tranquilizar Mary e talvez também para esconder o próprio embaraço, Anne aproximou-se da janela em silêncio. Chegou a tempo de se certificar de que, de fato, era o senhor Elliot – o que nem por um instante havia imaginado – antes que este desaparecesse por um lado e a senhora Clay pelo oposto. E, reprimindo a surpresa que sentiu ao ver uma reunião amigável entre duas pessoas de interesses tão díspares, falou com calma:

– Sim, na verdade, trata-se mesmo do senhor Elliot. Deve ter mudado a hora da partida. Suponho que isso seja tudo. Ou talvez eu tenha me equivocado. Talvez tenha ouvido errado – e voltou para sua cadeira, recomposta e com a esperança de ter se justificado direito.

Os visitantes começaram a se retirar, e Charles, depois de acompanhar cada um educadamente até a porta e logo depois fazer careta e zombar da presença deles, disse:

– Bem, mãe, fiz algo por você que, sem dúvida, aprovará. Fui ao teatro e consegui um camarote para a noite de amanhã. Não sou um bom menino? Sei que gosta do teatro, e há lugar para todos nós. Há lugar para nove. Incluí também o capitão Wentworth. Tenho certeza de que Anne não se arrependerá de nos acompanhar. Todos gostamos de teatro. Não fiz bem, mãe?

A senhora Musgrove começou a falar de forma bem-humorada e expressou seu prazer em assistir a uma peça, se Henrietta e os outros concordassem, quando Mary de repente a interrompeu e exclamou:

– Meu Deus, Charles! Como pôde fazer isso? Reservar um camarote para amanhã à noite! Já esqueceu de que temos um compromisso em Camden Place a essa hora? E que fomos especialmente convidados para conhecer *lady* Dalrymple e a filha, e o senhor Elliot, e todos os principais laços familiares, com a intenção de sermos apresentados a eles? Como pôde esquecer?

– Pff! – respondeu Charles. – De que importa uma reunião noturna? Nunca valem nada. Acho que seu pai poderia ter nos convidado para jantar, se quisesse nos ver. Você pode fazer o que quiser, mas eu vou ao teatro.

– Ah! Charles, isso seria imperdoável. Você prometeu comparecer!

– Não, eu não prometi nada. Sorri, fez um aceno com a cabeça e disse algo como “encantado”, mas isso não é prometer.

– Mas você deve ir, Charles. Seria uma grosseria faltar. Nossa presença foi expressamente solicitada para sermos apresentados. Sempre houve uma grande ligação entre os Dalrymple e nós. Nunca aconteceu nada entre as duas famílias que não tenha sido comunicado de imediato. Somos parentes muito próximos, você sabe. E há também o senhor Elliot, alguém que você deveria muito conhecer. Devemos toda atenção ao senhor Elliot. Você se esquece de que é o herdeiro de nosso pai, o futuro representante da família?

– Não fale comigo de representantes e herdeiros! – exclamou Charles. –

Não sou daqueles que negligenciam o poder atual para saudar o sol nascente. Se eu não iria em consideração ao pai, seria estúpido comparecer por causa do herdeiro. De que importa para mim o senhor Elliot?

A expressão descuidada despertou a atenção de Anne, que observava que o capitão Wentworth era todo ouvidos, e olhava e ouvia com toda sua alma. E as últimas palavras desviaram seu olhar questionador de Charles para ela.

Charles e Mary ainda estavam falando da mesma maneira, ele meio de brincadeira, meio sério, argumentando que deviam ver a peça; e ela, muito séria, resistindo tenazmente e deixando claro a todos que, embora estivesse determinada a ir a Camden Place a qualquer custo, consideraria muito errado que todos fossem ao teatro sem ela. A senhora Musgrove interveio.

– É melhor adiarmos isso. Charles, é melhor você voltar e mudar o camarote para terça-feira. Seria uma pena nos separarmos e, além disso, perderíamos a companhia da senhorita Anne, já que é uma reunião do pai dela. E tenho certeza de que nem Henrietta nem eu vamos apreciar a peça

se a senhorita Anne não nos acompanhar.

Anne sentiu-se muito grata pela bondade e, aproveitando a oportunidade que lhe era apresentada, falou decidida:

– Se dependesse da minha inclinação, senhora, a reunião em casa, tirando o desejo de Mary, não seria nenhum impedimento. Não desfruto desse tipo de reunião e a trocaria, com prazer, por uma peça de teatro e por estar em sua companhia. Mas talvez seja melhor não fazermos isso.

Anne tremia quando terminou de falar, consciente de que suas palavras estavam sendo ouvidas e não ousando observar o efeito que provocariam.

Por fim, chegaram ao consenso de que deveriam ver a peça na terça-feira. E só Charles continuou brincando com a esposa, insistindo que iria ao teatro sozinho se ninguém quisesse acompanhá-lo.

O capitão Wentworth saiu de seu assento e foi até a lareira, possivelmente com a ideia de se afastar logo depois e sentar-se perto de Anne sem chamar muita atenção.

– Sem dúvida, a senhorita não está há tempo suficiente em Bath para aprender a desfrutar das reuniões daqui – comentou ele.

– Ah, não! A natureza dessas reuniões não me atrai. Não sou boa jogadora de cartas.

– Já sabia que a senhorita não era antes. Não gostava das cartas, mas o tempo provoca muitas mudanças.

– Eu não mudei tanto assim! – exclamou Anne.

Depois parou na mesma hora, temendo algum mal-entendido sem nem saber qual. Depois de esperar alguns momentos, ele disse, como se respondesse a sentimentos imediatos:

– Muito tempo mesmo! Oito anos e meio é muito tempo!

Só restou à imaginação de Anne refletir, em momento mais tranquilo, se ele iria continuar a falar. Isso porque, enquanto ainda ouvia suas palavras, a atenção de Anne foi atraída por Henrietta, que desejava aproveitar o momento para sair, e pedia aos amigos que não perdessem tempo antes que algum novo visitante chegasse.

Foram obrigados a sair. Anne disse que estava pronta e tentou transparecer isso, mas achava que, se Henrietta conhecesse a tristeza e a

relutância de seu coração ao se levantar daquela cadeira, ao se preparar para sair da sala, teria encontrado, além dos sentimentos de Anne pelo primo e da segurança da afeição recíproca dele, um motivo para sentir pena da moça.

Mas os preparativos foram interrompidos de repente. Ruídos alarmantes foram ouvidos. Outras visitas aproximavam-se, e a porta abriu-se para dar lugar ao *sir* Walter e à senhorita Elliot, cuja entrada pareceu deixar todos congelados. Anne sentiu uma opressão instantânea e, para todos os lados que olhou, encontrou sintomas semelhantes. O bem-estar, a alegria, a liberdade do salão tinham desaparecido, afastados por uma fria formalidade, um estudado silêncio, uma conversa insípida para estar à altura da fria elegância do pai e da irmã. Que torturante era constatar isso!

Seu olhar ciumento teve uma satisfação. *Sir* Walter e Elizabeth reconheceram de novo o capitão Wentworth, e Elizabeth foi ainda mais amável do que na vez anterior. Até dirigiu-se a ele certa vez e olhou para ele mais de uma vez. Elizabeth, de fato, estava preparando uma grande jogada, e o que aconteceu em seguida explicou sua atitude. Após perder alguns poucos minutos com formalidades, fez o convite que cancelaria todos os outros compromissos dos Musgrove:

– Amanhã à noite nos encontraremos com alguns poucos amigos, nada muito formal – disse Elizabeth, com muita graciosidade.

Deixou sobre uma mesa, com um sorriso cortês e compreensivo para todos, os cartões que havia trazido e que diziam: “Na casa da senhorita Elliot”. Entregou um cartão especial com um sorriso ao capitão Wentworth. A verdade era que Elizabeth tinha vivido em Bath tempo suficiente para entender a importância de um homem com sua atitude e seu físico. O passado não importava. O importante, naquele momento, era que o capitão Wentworth decoraria seu salão. Ao terminarem de entregar os cartões, *sir* Walter e Elizabeth levantaram-se para sair.

A interrupção foi breve, mas severa, e a alegria e a descontração voltaram para quase todos os presentes quando ficaram sozinhos outra vez, com exceção de Anne. Só podia pensar, espantada, no convite que havia testemunhado e na maneira como fora recebido: com desconfiança, com

surpresa, mais do que com gratidão, com cortesia mais do que com franca aceitação. Ela o conhecia e tinha visto o desdém em seus olhos, e não se atrevia a supor que o capitão Wentworth concordaria em aceitar tal convite como uma expiação depois de toda a insolência do passado. Sentiu-se fraca. Ele ainda estava com o cartão na mão, como se o considerasse com atenção.

– Quem diria que Elizabeth ia convidar todo mundo...! – Mary murmurou para que todos pudessem ouvi-la. – Não me surpreende que o capitão Wentworth esteja encantado. Não consegue parar de olhar o cartão.

Anne olhou para ele, viu como ficava corado, e os lábios formaram uma expressão momentânea de desprezo. Depois, ela se afastou, para não ver nem ouvir mais coisas desagradáveis.

A reunião terminou. Os cavalheiros tinham seus interesses, as senhoras precisavam continuar com seus assuntos, e os dois não voltaram a se encontrar enquanto Anne ficou lá. Pediram-lhe encarecidamente para voltar e jantar, e passar o resto do dia com eles, mas Anne estava tensa por seu ânimo ter sido colocado tanto à prova e, naquele momento, só queria estar em casa, onde poderia, com certeza, ficar em silêncio tanto quanto quisesse.

Prometendo estar com elas na manhã seguinte inteira, terminou as fadigas daquela manhã com uma longa caminhada até Camden Place, onde teve de passar a tarde ouvindo os preparativos de Elizabeth e da senhora Clay para o dia seguinte, a frequente enumeração dos convidados e os detalhes contínuos e aprimorados de embelezamento que tornariam essa reunião uma das mais elegantes de Bath, enquanto se atormentava tentando imaginar se o capitão Wentworth iria ou não comparecer. As duas davam sua participação como certa, mas, para Anne, era uma preocupação persistente, nunca satisfeita por mais de cinco minutos. No geral, pensava que ele viria, pois achava que ele devia, mas esse era um caso que Anne não sabia encaixar entre um ato positivo de dever ou discrição, de modo a provocar inevitavelmente as insinuações de sentimentos tão opostos.

Só saiu da reflexão dessa agitação incansável para contar à senhora Clay que ela fora vista na companhia do senhor Elliot três horas depois que ele

supostamente tinha saído de Bath. Tendo esperado em vão que a senhora Clay fizesse alguma indicação sobre o encontro, decidiu mencioná-

-lo ela mesma, e o rosto da senhora pareceu ter sido tomado pela culpa ao ouvir as palavras de Anne. Aconteceu muito rápido e desapareceu logo em seguida, mas Anne imaginou ter lido nessa expressão a consciência de que esta, por alguma intriga compartilhada ou pela autoridade que ele exercia sobre ela, fora forçada a ouvir (talvez durante meia hora) os discursos e as repreensões do senhor Elliot com relação às intenções da senhora Clay com *sir* Walter. Mas ela exclamou com uma naturalidade afetada:

– Isso mesmo, querida! Imagine só minha surpresa quando encontrei o senhor Elliot na rua Bath, senhorita Elliot! Nunca me surpreendi tanto. Ele deu a volta e me acompanhou até Pump Yard. Foi impedido de partir para Thornberry, mas não me lembro bem por qual motivo, porque eu estava com pressa e não prestei muita atenção, e só posso responder pela determinação do senhor Elliot de não se atrasar em seu retorno. Ele queria saber quão cedo poderia vir amanhã. Só falava sobre “amanhã”, e é evidente que eu também só falo nisso desde que entrei em casa e ouvi os planos das senhoritas e tudo o que havia acontecido. Por isso, meu encontro com o senhor Elliot se apagou completamente da minha cabeça.



Capítulo 11

Apenas um dia se passara desde a conversa com a senhora Smith, mas, então, Anne tinha um interesse mais imediato e se sentia pouco afetada pela má conduta do senhor Elliot, exceto quanto às consequências com relação a um assunto. Então, na manhã seguinte, foi natural adiar de novo a visita de explicação a *lady* Russell. Havia prometido ficar com os Musgrove do café da manhã até o jantar. Já tinha compromisso. Por isso, o caráter do senhor Elliot, assim como a cabeça da sultana Scheherazade, seria poupado por mais um dia.

No entanto, não conseguiu ser pontual. O tempo estava ruim, e ela lamentou a chuva por causa dos amigos, e ficou muito contrariada, até poder arriscar a caminhada. Quando chegou a White Hart e foi até o aposento certo, descobriu que não só havia chegado tarde como também não fora a primeira a chegar. Antes, já estavam presentes a senhora Musgrove, que conversava com a senhora Croft, e o capitão Harville, que conversava com o capitão Wentworth. Anne soube na mesma hora que Mary e Henrietta, muito impacientes para esperar, tinham aproveitado para sair no momento em que a chuva havia cessado, mas logo voltariam, e haviam pedido que a senhora Musgrove não deixasse Anne ir embora antes que as duas voltassem. Ela não teve escolha senão concordar, sentar-se, aparentar calma e sentir que afundava de uma vez por todas em todas as agitações que esperava apenas experimentar antes de a manhã terminar. Não havia demora, não havia perda de tempo. No mesmo instante, estava afogada na felicidade de tal miséria, ou na miséria de tal felicidade. Dois

minutos depois de ter chegado, o capitão Wentworth disse:

– Vamos escrever a carta de que estávamos falando agora, Harville, se você me der os meios para isso.

Os materiais estavam à mão, em uma mesa separada. Ele foi para lá e, quase de costas para todo mundo, ficou absorto pela escrita.

A senhora Musgrove contava para a senhora Croft a história do compromisso da filha mais velha com aquele tom de voz inconveniente que quer ser um murmúrio, mas que todos conseguem ouvir. Anne sentia que não fazia parte daquela conversa e, no entanto, como o capitão Harville parecia pensativo e pouco disposto a falar, não pôde deixar de ouvir uma série de detalhes indiscretos, a exemplo de: “Como o senhor Musgrove e meu cunhado Hayter encontraram-se várias vezes para finalizar os detalhes; o que meu cunhado Hayter disse um dia e o que o senhor Musgrove propôs no seguinte; e o que aconteceu com minha irmã Hayter; e o que os jovens queriam; e como disse no primeiro momento que nunca daria meu consentimento, mas como mais tarde pensei que a união seria muito boa”, e muito mais coisas nesse estilo de comunicação sincera. Detalhes que, mesmo com a vantagem de todo o gosto e a delicadeza da boa senhora Musgrove, não deviam ser contados. Coisas que só interessavam aos protagonistas do assunto. A senhora Croft escutava muito interessada e, quando dizia algo, era sempre sensata. Anne esperava que os cavalheiros estivessem ocupados demais para ouvir.

– E então, senhora, considerando todas essas coisas... – dizia a senhora Musgrove em seu murmúrio alto. – Embora tivéssemos desejado outra coisa, não achamos justo nos opor mais, porque Charles Hayter está muito empolgado, e Henrietta está tanto quanto ele. Por isso, achamos melhor que se casem o mais rápido possível e sejam felizes, como muitos já fizeram antes deles. Em todo caso, isso é melhor do que um longo compromisso.

– Justo o que eu ia dizer! – exclamou a senhora Croft. – Prefiro que os jovens se estabeleçam logo com uma pequena renda e passem por algumas dificuldades juntos do que se envolvam um longo compromisso. Sempre pensei que...

– Minha querida senhora Croft – interrompeu a senhora Musgrove. – Não há nada que eu abomine mais nos jovens do que um longo compromisso. Sempre fui contra isso com relação aos meus filhos. É muito bom estar comprometido se temos a certeza de que vamos nos casar em seis meses, ou até em um ano, mas é um longo compromisso...

– Sim, senhora – disse a senhora Croft. – Ou um compromisso incerto, que pode ser muito longo. Começar tal compromisso sem saber quando terão condições de se casar é pouco seguro e pouco sensato. Acho que todos os pais deveriam evitar isso o máximo possível.

Anne encontrou um súbito interesse nessa parte. Sentiu que isso poderia se aplicar a ela e estremeceu da cabeça aos pés. E, no mesmo instante em que seus olhos se voltaram instintivamente para a mesa ocupada pelo capitão Wentworth, este parou de escrever e ergueu a cabeça, ficou estático, escutando, e virou a cabeça no instante seguinte para lançar a Anne um olhar rápido e consciente.

As duas senhoras continuaram a falar, a reiterar as mesmas verdades já estabelecidas e a reforçá-las com exemplos dos males de uma prática contrária que pudessem ter a oportunidade de observar. No entanto, Anne não conseguiu ouvir bem. Havia apenas um zumbido de palavras em seu ouvido, e sua mente dava voltas.

O capitão Harville, que na verdade não ouvira nada, levantou-se da cadeira naquele momento e foi até a janela. Anne parecia observá-lo, mas a verdade é que seu pensamento estava distante. Por fim, entendeu que Harville a estava convidando a se sentar ao lado dele. O capitão sorria para ela e fazia um breve movimento de cabeça que parecia dizer: “Venha! Tenho algo para lhe dizer”. E sua maneira simples e natural, que parecia corresponder a uma relação bem mais antiga ao que de fato era, reforçava o convite. Ela se levantou e se aproximou dele. A janela onde capitão Harville se encontrava estava no lado oposto da sala onde as damas estavam sentadas e mais perto da mesa ocupada pelo capitão Wentworth, embora ainda estivesse longe. Quando ela chegou, o gesto do capitão Harville tornou-se sério e pensativo como de costume.

– Veja... – disse ele, desembulhando um pacote e tirando uma pequena

pintura em miniatura. – Você sabe quem é este?

– É claro. É o capitão Benwick.

– Sim, e você também pode adivinhar para quem se destina. Mas... – prosseguiu, em tom profundo. – Não foi feita para ela. Senhorita Elliot, lembra-se da nossa caminhada em Lyme, quando nos apiedamos dele? Mal pensei nisso na época, mas não vem ao caso. Isso foi feito na Cidade do Cabo. Lá, o capitão Benwick encontrou-se com um talentoso artista alemão e, cumprindo uma promessa feita à minha pobre irmã, posou para ele e trouxe a pintura de presente para ela. E, agora, estou encarregado de emoldurá-la para outra mulher! Foi uma tarefa dura para mim! Mas a quem mais ele poderia pedir isso? Espero conseguir compreender as motivações dele. De fato, eu não me incomodo de passar a incumbência a outro. Ele aceitou – comentou, apontando para o capitão Wentworth. – E está escrevendo sobre isso agora mesmo.

– E, com os lábios trêmulos, concluiu o pensamento dizendo: – Pobre Fanny, ela não teria esquecido o capitão Benwick tão cedo!

– Não – respondeu Anne, com a voz baixa e cheia de sentimentos. – Acredito facilmente nisso.

– Não estava em sua natureza. Ela o adorava.

– Não estaria na natureza de nenhuma mulher que realmente amasse.

O capitão Harville sorriu e disse:

– A senhorita faz essa reivindicação em nome das mulheres?

E ela, também sorrindo, respondeu:

– Sim. É claro que não nos esquecemos tão rápido de vocês quanto vocês se esquecem de nós. Talvez este seja o nosso destino, e não um mérito da nossa parte. Não podemos evitar. Vivemos em casa, quietas, retraídas e nossos sentimentos nos dominam. Vocês são forçados a andar. Têm sempre uma profissão, propósitos, negócios de um tipo ou outro que os levam de volta ao mundo sem demora, e a ocupação contínua e a mudança logo enfraquecem os sentimentos.

– Supondo que o mundo faça tudo isso com os homens, o que, na minha opinião, não é verdade, isso não se aplica a Benwick. Ele não se ocupava

de nada. A paz devolveu-o à terra na mesma hora, e, a partir daí, ele viveu conosco em um pequeno círculo familiar.

– É verdade – comentou Anne. – É mesmo. Não me lembrava. Mas o que podemos dizer, capitão Harville? Se a mudança não vier de circunstâncias externas, deve vir de dentro, deve ser a natureza, a natureza masculina, que operou essa mudança no capitão Benwick.

– Não, não é a natureza masculina. Não vou acreditar que a natureza masculina seja mais inconstante que a feminina para esquecer quem ama ou amou. Pelo contrário, acredito em uma verdadeira analogia entre nossos corpos e nossas almas. Se nossos corpos são fortes, nossos sentimentos também são capazes de resistir ao tratamento mais rude e à mais forte tempestade.

– Seus sentimentos podem ser mais fortes – respondeu Anne. – Mas a própria analogia me autoriza a afirmar que os sentimentos das mulheres são mais delicados. O homem é mais robusto que a mulher, mas não vive mais tempo, e isso explica meu ponto de vista com relação à natureza de suas relações. Não, seria muito difícil para vocês se fosse diferente. Têm dificuldades, perigos e privações suficientes contra os quais devem lutar. Trabalham sempre e estão expostos a todos os riscos e toda a dureza. A casa, a terra natal, os amigos, devem abandonar tudo. Não possuem tempo, saúde nem vida para chamar de seus. Seria difícil, de fato... – nesse ponto sua voz vacilou um pouco. – Se os sentimentos de uma mulher se somassem a tudo isso.

– Nunca vamos concordar nesse ponto... – começou a dizer o capitão Harville.

Mas, nessa hora, um ligeiro ruído fez com que olhassem para o local até então silencioso ocupado pelo capitão Wentworth. Sua pluma tinha caído, mas Anne ficou surpresa ao encontrá-lo mais perto do que esperava. Então, suspeitou que a pluma só tinha caído porque ele queria ouvir o que estavam falando, e colocava todo seu esforço nisso. Mas ela achava que pouco ou nada poderia ter entendido.

– O senhor terminou a carta? – perguntou o capitão Harville.

– Ainda não. Faltam algumas linhas. Vou terminar em cinco minutos.

– Não tenho pressa. Estarei pronto quando o senhor estiver. Tenho aqui uma boa âncora – falou, sorrindo para Anne. – Não quero mais nada. Não tenho pressa de receber nenhum sinal. Bem, senhorita Elliot... – prosseguiu, falando mais baixo. – Como eu dizia, acho que nunca concordaremos nesse ponto. Nenhum homem e nenhuma mulher, provavelmente, concordarão quanto a isso. Mas permita-me dizer que todas as histórias estão contra a opinião da senhorita. Todas, em prosa ou verso. Se eu tivesse uma memória tão boa quanto Benwick, diria em pouco tempo 50 citações para reforçar meu argumento, e acho que nunca abri um livro em minha vida que não dissesse algo sobre a inconstância feminina. Canções e provérbios, tudo fala da fragilidade feminina. Mas talvez a senhorita diga que todos foram escritos por homens.

– Talvez eu diga. Sim, por favor, não vamos falar de exemplo de livros. Os homens têm toda a vantagem sobre nós porque são eles que contam a história. A educação do homem é bem mais completa, a pluma sempre esteve nas mãos de vocês. Não vou permitir que os livros provem nada para mim.

– Mas como podemos provar algo?

– Nunca poderemos. Nunca podemos esperar provar nada sobre esse assunto. É uma diferença de opinião que não admite provas. Nós dois, provavelmente, começaríamos com um pequeno viés a favor do nosso sexo, e, a partir dele, construiríamos cada circunstância a seu favor ocorrida dentro dos nossos círculos. E muitas dessas circunstâncias, talvez as que mais tenham chamado nossa atenção, não poderiam ser ditas sem trair uma confiança ou dizer o que não deveria ser dito.

– Ah! – exclamou o capitão Harville, em um tom de profunda emoção. –

Se eu pudesse fazê-la entender o quanto sofre um homem quando olha pela última vez para a esposa e os filhos e vê o navio que os levou para longe se afastar, vira-se e diz “Só Deus sabe se alguma vez voltarei a vê-los!”. E depois, se pudesse mostrar a alegria da alma deste homem quando volta a encontrá-los... Quando, voltando da ausência de um ano e talvez forçado a parar em outro porto, calcula quanto ainda falta para que venham se encontrar com ele e se engana dizendo “Não vão conseguir

chegar antes de tal dia”... Mas esperando o tempo todo que cheguem umas 12 horas antes, e quando enfim os vê chegar, como se o céu tivesse lhes dado asas, muito mais cedo do que o esperado! Se pudesse descrever tudo isso, e tudo o que um homem pode suportar e fazer, e as glórias que pode obter por esses tesouros de sua existência! A senhorita sabe que me refiro a homens com coração – e levou a mão ao próprio coração com emoção.

– Ah! – disse Anne. – Espero fazer justiça aos sentimentos do senhor e a todos aqueles que se assemelham ao senhor. Que Deus não permita que eu desconsidere os sentimentos calorosos e fiéis de meus semelhantes. Eu deveria merecer total desprezo se ousasse supor que o verdadeiro afeto e a constância são conhecidos apenas pelas mulheres. Não... Acho que os homens são capazes de coisas grandes e boas em suas vidas de casados. Acho que são capazes de lidar com qualquer esforço importante e qualquer problema doméstico, desde que... Se me permite a expressão, desde que tenham um objetivo. Ou seja, enquanto a mulher que vocês amam viver, e viver para vocês. O único privilégio que reivindico para meu sexo, não muito invejável, não precisa cobiçá-lo, é o de amar por mais tempo, quando a existência ou a esperança desapareceram.

Não conseguiu dizer mais nada. O coração estava prestes a explodir, e a respiração estava entrecortada.

– A senhorita tem um grande coração – comentou o capitão Harville, posicionando a mão no braço dela de forma afetuosa. – Não há como discutir com a senhorita. E, quando penso em Benwick, minha língua está atada.

Tiveram que prestar atenção aos outros. A senhora Croft estava se retirando.

– Aqui devemos nos separar, Frederick – disse ela. – Eu vou para casa, e você tem um compromisso com seu amigo. Hoje à noite, teremos o prazer de nos encontrar de novo em sua casa – prosseguiu, dirigindo-se a Anne. –

Recebemos o cartão de sua irmã ontem, e acho que Frederick também tem um convite, embora eu não o tenha visto. Você está livre, Frederick, não é?

O capitão Wentworth dobrava uma carta com pressa e não pôde ou não quis dar uma resposta como deveria.

– Sim – respondeu ele. – Isso mesmo. Nós nos separamos aqui, mas Harville e eu vamos logo atrás de você. Ou seja, Harville, se estiver pronto, não preciso de mais do que meio minuto. Sei que não lamentará partir. Estarei à sua disposição em meio minuto.

A senhora Croft deixou-os, e o capitão Wentworth, tendo dobrado sua carta depressa, estava, de fato, pronto, e até tinha um ar apressado e agitado, e demonstrava impaciência para partir. Anne não sabia como interpretar isso. Recebeu o mais carinhoso “Bom dia. Fique com Deus”, do capitão Harville, mas, de Frederick, nem um gesto ou um olhar! Saiu da sala sem nem mesmo olhar para ela!

Mal teve tempo de se aproximar da mesa onde ele estivera escrevendo quando passos foram ouvidos. A porta abriu-se. Era ele. Pediu desculpas, pois tinha esquecido as luvas e, cruzando a sala até a escrivaninha, de costas para a senhora Musgrove, tirou uma carta do meio dos papéis espalhados e colocou-a diante dos olhos de Anne com um olhar ansiosamente fixo nela por um tempo. E, então, pegou as luvas depressa e deixou a sala outra vez, quase antes que a senhora Musgrove tivesse notado seu retorno. Tudo aconteceu em um instante!

A revolução que esse instante provocou em Anne era quase inexplicável. A carta, com um endereço pouco legível para “Senhorita A. E.”, era evidentemente a que ele havia dobrado com tanta pressa. Enquanto fingia estar escrevendo apenas para o capitão Benwick, também escrevia para ela! Tudo o que o mundo poderia lhe oferecer dependia do conteúdo daquela carta! Tudo era possível, tudo devia ser enfrentado, menos aquela dúvida! A senhora Musgrove tinha algumas pequenas tarefas em sua mesa. Anne precisava confiar na segurança proporcionada por tais tarefas, e, deixando-se cair na cadeira que ele havia ocupado, ficando no exato ponto em que se debruçava e escrevia, os olhos dela devoraram as seguintes palavras:

Não posso mais suportar o silêncio. Devo falar com a senhorita por qualquer meio a meu alcance. A senhorita rasga minha alma. Estou entre a agonia e a esperança. Não me diga que é tarde demais, que esses

preciosos sentimentos desapareceram para sempre. Eu me ofereço de novo à senhorita com um coração que é ainda mais seu do que quando quase o destruiu oito anos e meio atrás. Não se atreva a dizer que o homem esquece mais depressa do que a mulher, que o amor dele morre antes. Não amei ninguém além da senhorita. Posso ter sido injusto, fraco e rancoroso, mas nunca inconstante. Só pela senhorita vim a Bath. Só pela senhorita penso e faço planos. Não tinha percebido? Por acaso falhou em interpretar meus desejos? Não teria esperado esses dez dias se eu pudesse ler seus sentimentos como a senhorita deve ter lido os meus. Mal posso escrever. A cada momento, ouço algo que me domina. A senhorita abaixa a voz, mas posso perceber os tons dela quando deveria estar perdida entre as outras. A senhorita é boa demais, excelente criatura! E realmente nos faz justiça. Acredita que também existe verdadeiro afeto e constância entre os homens. Há coisas muito fervorosas e constantes em mim.

F. W.

P. S.: Devo ir, incerto de meu destino. Mas voltarei, ou me reunirei com seu grupo, assim que puder. Uma palavra, um olhar será suficiente para entender se devo ir à casa de seu pai hoje à noite ou nunca mais.

Não era fácil se recuperar do efeito de tal carta. Meia hora de solidão e reflexão a teria acalmado, mas os dez minutos que se passaram antes de ser interrompida, com todos os inconvenientes de sua situação, só serviram para agitá-la mais. Sua inquietação crescia a cada momento. O que sentia era uma felicidade esmagadora. E, antes de transpor o primeiro degrau das sensações, Charles, Mary e Henrietta já estavam de volta.

A absoluta necessidade de se recuperar produziu certo desafio. Mas depois de um momento não conseguiu fazer mais nada. Começou não entendendo uma palavra do que estavam dizendo. E, alegando uma indisposição, desculpou-se. Eles, então, puderam notar, chocados e preocupados, que Anne parecia muito doente e não a teriam deixado por nada no mundo. Isso era terrível. Se apenas tivessem ido embora e a deixassem sozinha naquela sala, teria se sentido melhor. Mas ter todo

mundo parado a seu redor, ou esperando, era insuportável. Em sua angústia, ela disse que queria ir para casa.

– É claro, querida – disse a senhora Musgrove. – Vá já para casa e cuide-se, para estar bem esta noite. Queria que Sarah estivesse aqui para cuidar da senhorita, pois não sei fazer isso. Charles, chame uma carruagem. A senhorita Elliot não deve ir caminhando.

Não era uma carruagem de que precisava! Seria a pior coisa! Perder a oportunidade de conversar duas palavras com o capitão Wentworth em sua tranquila volta para casa (e estava quase certa de encontrá-lo) era insuportável. Protestou energicamente contra a carruagem. E a senhora Musgrove, que só podia imaginar um tipo de doença, tendo se assegurado com certa ansiedade de que Anne não havia sofrido nenhuma queda, que não tinha escorregado e que não tinha nenhum golpe na cabeça, despediu-se de forma alegre e esperou encontrá-la bem à noite.

Ansiosa para evitar qualquer mal-entendido, Anne, com certa resistência, disse:

– Receio, senhora, que isso não esteja perfeitamente claro. Tenha a amabilidade de dizer aos outros cavalheiros que esperamos ver o grupo todo esta noite. Temo que haja ocorrido algum mal-entendido e desejo que assegure, sobretudo ao capitão Harville e ao capitão Wentworth, de que queremos ver os dois.

– Ah, minha querida, está tudo muito claro! Eu garanto. O capitão Harville está determinado a não faltar.

– A senhora tem certeza? Pois tenho minhas dúvidas e lamentaria muito. Promete mencionar isso quando os vir de novo? Eu me atrevo a dizer que verá os dois esta manhã. Prometa-me.

– Claro, se esse é o seu desejo. Charles, se vir o capitão Harville em algum lugar, não se esqueça de dar a mensagem da senhorita Anne. Mas, de verdade, minha querida, pode ficar tranquila. O capitão Harville está bastante comprometido, e ousou dizer o mesmo do capitão Wentworth.

Anne não podia fazer mais nada, mas seu coração pressentia que algo mancharia sua felicidade. De qualquer forma, o mal-entendido não duraria muito tempo. Mesmo que ele não fosse a Camden Place, Anne ainda

conseguiria enviar uma mensagem por meio do capitão Harville. Surgiu outro inconveniente momentâneo: Charles, com sua verdadeira preocupação e sua bondade natural, queria acompanhá-la à casa. Não havia como dissuadi-lo. Isso foi quase cruel. Mas não podia ser ingrata. Estava sacrificando um compromisso no armeiro para ser útil a ela. Por isso, foi com ele sem demonstrar outro sentimento além de gratidão.

Estavam na rua Union quando alguns passos apressados atrás, de sons familiares, deram a ela apenas alguns instantes para se preparar para ver o capitão Wentworth. Ele se juntou aos dois, mas, como duvidava se deveria ficar ou seguir em frente, não disse nada e apenas olhou. Anne controlou-se o suficiente para conter aquele olhar sem retirar o dela. As pálidas bochechas dele coraram, e seus movimentos, antes de dúvida, tornaram-se determinados. Ficou ao lado dela. Naquele momento, tomado por uma ideia repentina, Charles disse:

– Capitão Wentworth, para onde vai? Até a rua Gay ou mais longe?

– Não saberia dizer – respondeu o capitão Wentworth, surpreso.

– O senhor vai até Belmont? Vai para perto de Camden Place? Porque, se for esse o caso, não terei nenhum inconveniente em lhe pedir que assumo meu lugar e acompanhe a senhorita Anne até a casa do pai dela. Ela não está muito bem e não deve ir tão longe sem companhia. Eu tenho um compromisso na praça do mercado. Prometeram me mostrar uma escopeta antes de ser despachada. Dizem que não vão empacotá-la até o último momento. E eu devo vê-la. Se não for agora, não terei chance. Pela descrição, é muito semelhante à minha de dois canos, como a que o senhor atirou um dia perto de Winthrop.

Nenhuma objeção poderia ser feita. Houve apenas muita prontidão e uma conduta bastante apropriada para o espaço público. E os sorrisos reinaram, e os corações alegraram-se em um arrebatamento privado. Em meio minuto, Charles estava de novo ao final da rua Union, e os outros dois seguiram o caminho juntos. Logo, palavras suficientes foram trocadas para direcionar seus passos para o caminho de cascalho, que era mais tranquilo e protegido, onde o poder da conversa conseguiu converter o presente em uma bênção e prepará-lo para toda a imortalidade sobre as quais suas vidas

futuras seriam geradas. Ali, trocaram de novo aqueles sentimentos e aquelas promessas que, certa vez, pareciam ter assegurado tudo, mas que foram seguidas por tantos anos de separação e estranhamento. Ali, voltaram ao passado novamente, mais felizes, talvez, no reencontro do que na primeira vez. Tinham mais ternura, mais experiência, mais segurança no caráter um do outro, da sinceridade e do amor. Atuavam mais de acordo, e seus atos eram mais justificados. E ali, enquanto lentamente deixavam outros grupos para trás, sem prestar atenção em nada do que diziam, sem ouvir as novidades políticas, o rumor das casas, o flerte das moças, as babás e as crianças, pensavam em episódios e acontecimentos antigos e explicavam, sobretudo, os que tinham precedido o momento presente, coisas tão cheias de significado e interesse. Comentaram todas as pequenas variações da semana passada. E, dificilmente, poderiam parar de falar sobre o dia anterior e o dia atual.

Anne não tinha se equivocado. O ciúme pelo senhor Elliot atrasara tudo, produzindo dúvidas e tormentos. Isso tinha começado a acontecer na hora de seu primeiro encontro em Bath. Tinham reaparecido, após uma breve pausa, para arruinar o concerto, e influenciado tudo o que ele havia falado e feito ou deixado de dizer ou fazer nas últimas 24 horas. Havia destruído todas as esperanças que os olhares, as palavras ou as ações dela davam a entender às vezes. Fora finalmente vencido pelos sentimentos e pelo tom de voz na conversa com o capitão Harville, e, sob o comando irresistível destas, ele pegou um papel e escreveu seus sentimentos.

O conteúdo da carta era verdadeiro, e não havia nada a retratar ou mudar. Insistia que não tinha amado ninguém além dela. Anne nunca havia sido substituída. Nunca tinha achado possível encontrar alguém que pudesse ser como ela. A verdade é que – devia reconhecer – sua perseverança fora inconsciente e não intencional. Quis esquecê-la e achou que poderia conseguir. Tinha se julgado indiferente, quando estava apenas zangado, e foi injusto com seus méritos, porque tinha sofrido por eles. Agora, o caráter dela era a própria perfeição para ele, mantendo a encantadora junção de força e gentileza. Mas tinha de admitir que, só em Uppercross, havia feito justiça a ela, e somente em Lyme começara a entender os

próprios sentimentos. Em Lyme, tinha recebido mais de uma lição. A admiração do senhor Elliot deixara-o exaltado, e as cenas no quebra-mar e na casa do capitão Harville tinham provado a superioridade dela.

Quando tentou se apaixonar por Louisa Musgrove (por orgulho ressentido), afirmou que nunca tinha acreditado que fosse possível, que nunca tinha se importado ou se importaria com Louisa. Até aquele dia em que, refletiu mais tarde, entendeu a superioridade de um exemplo perfeito de caráter com o qual Louisa não podia ser nem um pouco comparada. E o domínio que o poder forte e incomparável de tais qualidades exerciam sobre si. A partir daí, aprendera a distinguir entre a firmeza dos princípios e a obstinação da teimosia, entre os perigos do desnorreamento e a resolução de uma mente serena. Ali, tinha visto que tudo exaltava a mulher que havia perdido e começou a lamentar o orgulho, a loucura, a estupidez do ressentimento, que o impediram de tentar reconquistar Anne quando ela reapareceu em sua vida.

A partir daí, começou a sofrer intensamente. Mal tinha se livrado do horror e do remorso dos primeiros dias após o acidente de Louisa, estava apenas começando a se sentir vivo de novo, quando percebeu que, embora vivo, não estava mais livre.

– Descobri que Harville me considerava um homem comprometido – disse ele. – Que nem Harville nem a esposa duvidavam de nosso afeto mútuo. Fiquei surpreso e chocado. De certa forma, poderia desmentir isso no mesmo instante, mas, quando comecei a pensar que os outros podiam imaginar a mesma coisa... A própria família dela, ou talvez a própria Louisa... Não me sentia mais livre. Para honrá-la, estava disposto a ser dela. Não estava preparado. Nunca considere isso com seriedade. Nunca imaginei que minha intimidade excessiva pudesse causar tantos danos, e que não tinha o direito de tentar me apaixonar por nenhuma das moças, correndo o risco de não ficar com uma boa reputação ou causar males piores. Tinha errado muito e devia pagar pelas consequências.

Para resumir, ele percebeu tarde demais que havia, de certa maneira, se comprometido. O que aconteceu justamente quando descobriu que não sentia nada por Louisa. Deveria se considerar amarrado a Louisa se os

sentimentos dela fossem o que os Harville supunham ser. Isso o levou a se afastar de Lyme e a esperar em outro lugar pela recuperação da jovem. Ficaria feliz em enfraquecer, por qualquer meio justo, quaisquer sentimentos ou inclinações que pudessem existir com relação a ele. E, assim, foi ver o irmão, esperando depois voltar a Kellynch e agir de acordo com as circunstâncias.

– Passei três semanas com Edward e o vi feliz. Não poderia ter nenhum outro prazer. Não merecia nenhum. Ele me perguntou pela senhorita com grande interesse. Perguntou se tinha mudado muito, sem suspeitar de que sempre será a mesma para mim.

Anne sorriu e deixou isso passar. Era um absurdo muito lisonjeiro para censurá-lo. É agradável para uma mulher de 28 anos ouvir que não perdeu nenhum dos encantos da primeira juventude, mas o valor desse elogio também aumentava para Anne ao compará-lo com palavras anteriores e sentir que eram o resultado, e não a causa, do ressurgimento de seus calorosos sentimentos.

O capitão Wentworth permanecera em Shropshire lamentando a cegueira de seu orgulho e os erros de seus cálculos, até certo dia se ver livre de Louisa pela noção surpreendente e feliz de seu noivado com Benwick.

– Aí acabou o pior do meu pesadelo. Porque, então, pelo menos, poderia procurar a felicidade de novo. Poderia me mover, fazer alguma coisa. Mas esperar tanto tempo e não ter outra perspectiva a não ser o sacrifício era assustador. Nos primeiros cinco minutos, falei para mim mesmo: “Estarei em Bath na quarta-feira”. E aqui estava eu. Seria imperdoável pensar que minha vinda valeria a pena? E ter chegado com certas esperanças? A senhorita estava solteira. Era possível que também conservasse os sentimentos do passado, como eu. Também havia outras coisas que me encorajavam. Nunca duvidei de que a senhorita tinha sido amada e cortejada por outros, mas, com certeza, sabia que havia recusado, pelo menos, um homem com mais méritos para aspirar à senhorita do que eu, e não podia deixar de me perguntar: “Será que foi por minha causa?”.

Tiveram muito a dizer sobre seu primeiro encontro na rua Milsom, e ainda mais sobre o concerto. Aquela noite parecia ter sido feita de

momentos deliciosos. O momento em que Anne se aproximou para falar com ele no Salão Octogonal, o momento da aparição do senhor Elliot, que a levou, e um ou dois momentos mais marcados pela esperança ou pelo desânimo, foram comentados com entusiasmo.

– Vê-la no meio daqueles que não poderiam desejar o meu bem! Ver seu primo ao seu lado, conversando e sorrindo, e ver todas as terríveis desigualdades e inconveniências de tal casamento! Saber que esse era o desejo íntimo de qualquer um que tivesse influência sobre a senhorita! Embora seus sentimentos fossem de relutância ou indiferença, apenas considero quantos apoios poderosos ele tinha! Tudo aquilo não era suficiente para me transformar no idiota que parecia ser? Como poderia olhar e não sofrer? A visão de sua amiga, sentada atrás da senhorita, suficiente para lembrar a poderosa influência dela, a impressão indelével e imutável do que a persuasão já foi capaz uma vez... Tudo isso não estava contra mim?

– O senhor deveria ter entendido – respondeu Anne. – Não deveria ter duvidado de mim agora. O caso é muito diferente, e minha idade também. Se fiz mal em ceder à persuasão uma vez, lembre-se de que foi por causa da segurança, não do risco. Quando cedi, achei que estava fazendo por dever, mas nenhum dever poderia ser alegado aqui. Ao me casar com um homem indiferente a mim, teria corrido todos os riscos. E todos os meus deveres teriam sido violados.

– Talvez devesse ter pensado assim – respondeu ele. – Mas não consegui. Não podia esperar nenhum benefício do conhecimento que tinha agora do seu caráter. Não conseguia pensar que essas suas qualidades estavam enterradas, perdidas entre os sentimentos que tinham me feito sofrer por tantos anos. Só podia pensar na senhorita como alguém que tinha cedido, que tinha me abandonado, que fora influenciada por alguém que não eu. Eu a vi ao lado da pessoa que causou aquela dor. Não tinha motivos para acreditar que agora exercia menos autoridade com relação à senhorita. Além disso, a força do hábito deveria ser adicionada.

– Eu pensei que meus modos com o senhor o poupariam de grande parte ou de tudo isso – disse Anne.

– Não... Seus modos tinham a tranquilidade de quem já estava comprometida com outro homem. Eu a deixei acreditando nisso e, ainda assim, estava determinado a vê-la outra vez. Meu espírito recuperou-se esta manhã, e senti que ainda tinha um motivo para permanecer aqui.

Por fim, Anne chegou em Candem Place, mais feliz do que qualquer pessoa da casa poderia imaginar. Toda a surpresa, a dúvida e qualquer outro sentimento doloroso da manhã tinham se dissipado com essa conversa, e entrou na mansão tão feliz, com uma alegria em que estava misturado o leve medo de que aquilo não durasse para sempre. Após um intervalo de reflexão sério e gratificante, toda ideia de perigo desapareceu para dar lugar à extrema felicidade e, dirigindo-se a seu quarto, entregou-se completamente a dar graças por sua felicidade sem nenhum medo.

A noite chegou, os salões foram iluminados e os convidados juntaram-se. Era uma reunião para jogar cartas, uma mistura de pessoas que nunca se encontraram antes com outras que se viam com muita frequência. Muito banal, com gente demais para ser algo íntimo e pequeno demais para que houvesse variedade, mas, para Anne, a noite nunca fora tão curta. Brilhante e repleta de felicidade e sensibilidade, e mais admirada do que acreditava ou procurava ser, demonstrou felicidade e afeto a todas as pessoas a seu redor. O senhor Elliot estava lá, ela o evitou, mas chegou a sentir pena dele. Os Wallis: era divertido entendê-los. *Lady* Dalrymple e a senhorita Carteret logo seriam primas inócuas para ela. Não se importava com a senhora Clay. Nem os modos do pai e da irmã a fizeram corar. Com os Musgrove, a conversa era leve e fácil; com o capitão Harville, havia um relacionamento amoroso de irmão e irmã. Com *lady* Russell, houve tentativas de conversa que uma deliciosa culpa

impedia. Com o almirante e com a senhora Croft, uma cordialidade peculiar e um fervoroso interesse que a própria consciência parecia querer

esconder. E, com o capitão Wentworth, houve alguns momentos de comunicação sempre com a esperança de outros e a consciência de que ele estava lá.

Em um desses breves momentos em que pareciam admirar um grupo de belas plantas, Anne disse:

– Estive pensando no passado e tentei, de forma imparcial, julgar o bem e o mal no que me diz respeito. E cheguei à conclusão de que fiz bem, apesar do que sofri por isso. Que eu estava certa em me deixar ser guiada pela amiga que o senhor aprenderá a amar mais do que ama agora. Para mim, ela era como uma mãe. Mas não me interprete mal. Não digo que ela não tenha errado em seu conselho. Talvez tenha sido um daqueles casos nos quais os conselhos são bons ou ruins de acordo com o que acontece depois. E eu, da minha parte, nas mesmas circunstâncias, nunca darei tal conselho. Mas digo que estava certa em obedecê-la e que, se agisse de outro modo, sofreria mais em continuar o compromisso do que em rompê-lo, porque minha consciência teria sofrido. Agora, na medida em que tal sentimento é permitido na natureza humana, não tenho nada para me reprovar. E, se não me engano, um grande senso de dever é uma boa qualidade em uma mulher.

Olhou para ela, olhou para *lady Russell* e, olhando para Anne de novo, rebateu de forma fria e deliberada:

– Ainda não. Mas há chances de ser perdoada com o tempo. Espero ter piedade dela em breve. Mas também estive pensando no passado. E ocorreu-me que talvez eu tivesse um inimigo pior do que aquela dama: eu mesmo. Diga-me uma coisa: quando voltei para a Inglaterra no oitavo ano, com alguns milhares de libras, e fui designado para o *Laconia*, se tivesse escrito para a senhorita, teria respondido à minha carta? Teria renovado o compromisso?

– Teria – respondeu Anne, e sua ênfase foi decisiva.

– Meu Deus! – disse ele. – A senhorita teria renovado! Não é que eu não quisesse nem desejasse, como coroamento de todos os meus outros sucessos. Mas eu era orgulhoso, muito orgulhoso para fazer o pedido outra vez. Não a compreendia. Tinha os olhos fechados e não queria fazer-lhe

justiça. Essa lembrança faz-me perdoar qualquer um antes que a mim mesmo. Seis anos de separação e sofrimento poderiam ter sido evitados. Esse é um novo tipo de dor. Tinha me acostumado a sentir-me credor de toda a felicidade de que poderia desfrutar. Havia julgado que merecia trabalhos honrosos e recompensas justas. Como outros grandes homens diante do infortúnio, devo aprender a me humilhar perante minha boa sorte – acrescentou, sorrindo. – Devo entender que sou mais feliz do que mereço.



Capítulo 12

Quem não adivinha o que aconteceu depois? Quando dois jovens decidem se casar, podem ter certeza de que a perseverança os conduzirá ao triunfo, mesmo que sejam muito pobres, ou imprudentes, ou tão diferentes que pouco poderão satisfazer um ao outro. Essa pode ser uma moral triste para concluir a história, mas acredito que seja verdade. E, se tais casamentos acontecem às vezes, como poderia um capitão Wentworth e uma Anne Elliot, com a vantagem da maturidade, da consciência do direito e com uma fortuna independente, encontrar alguma oposição? De fato, teriam superado obstáculos bem maiores do que os que tiveram de enfrentar, porque havia pouco a lamentar ou perder, exceto a falta de calor e bondade. *Sir* Walter não fez nenhuma objeção, e Elizabeth não fez nada mais do que agir de forma fria e indiferente. O capitão Wentworth, com 25 mil libras e um posto tão alto em sua profissão quanto o mérito e a atividade poderiam permitir, não era mais um “ninguém”. Era agora considerado bastante digno de dirigir-se à filha de um barão tolo e esbanjador que não tivera princípios nem bom senso suficientes para se manter na posição em que a providência o havia colocado, e que naquele momento só podia dar à filha uma pequena parte da herança de dez mil libras que, mais tarde, ela deveria herdar.

Sir Walter, embora não tivesse grande afeto por Anne, e sua vaidade não encontrasse nenhuma razão para sentir qualquer contentamento naquela ocasião, estava longe de considerar o casamento da filha como desvantajoso. Ao contrário, quando reparou mais no capitão Wentworth,

viu-o repetidas vezes à luz do dia e o examinou bem. Ficou bastante impressionado com seus dotes físicos e achou que a superioridade de sua aparência talvez compensasse a superioridade social de Anne. E tudo isso, aliado ao bom nome do capitão, possibilitou que *sir* Walter registrasse o casamento no livro de honra de bom grado.

A única pessoa cujos sentimentos hostis poderiam causar alguma séria ansiedade era *lady* Russell. Anne compreendia que a amiga deveria estar sofrendo para compreender e renunciar ao senhor Elliot, e esforçando-se para criar verdadeiros laços com o capitão Wentworth e fazer-lhe justiça. *Lady* Russell devia admitir que estava errada sobre os dois, que as aparências a haviam enganado em ambos os casos, que, como as maneiras do capitão Wentworth não estavam de acordo com suas ideias, tinha se apressado a suspeitar que indicavam um perigoso temperamento impulsivo. E, como as maneiras do senhor Elliot tinham lhe agradado por sua propriedade, sua correção, sua cortesia geral e sua suavidade, tinha sido rápida demais em julgá-las como resultado de opiniões corretas e uma mente bem regulada. *Lady* Russell não tinha mais nada a fazer além de admitir que havia errado em tudo e mudar suas opiniões e crenças.

Em algumas pessoas, existe uma rapidez de percepção, uma precisão no discernimento de um caráter, uma penetração natural, que a experiência de outras pessoas nunca alcança, e *lady* Russell tinha sido menos bem-dotada nesse terreno do que sua jovem amiga. Mas era uma boa mulher. E, se seu segundo objetivo era ser inteligente e boa juíza das pessoas, o primeiro era ver Anne feliz. Ela amava Anne mais do que apreciava as próprias qualidades. E, quando o desagrado do primeiro momento passou, não foi difícil sentir afeição materna pelo homem que assegurava a felicidade daquela que considerava sua filha.

De toda a família, Mary foi, provavelmente, a que ficou mais satisfeita com a união. Era conveniente ter uma irmã casada, e iria se lisonjear por ter sido de grande ajuda para essa conexão, pois Anne havia passado o outono com ela. E, como a irmã devia ser melhor que as cunhadas, também era agradável pensar que o capitão Wentworth era mais rico que o capitão Benwick ou Charles Hayter. Mas talvez tenha tido um motivo para

lamentar: quando se reencontraram, viu Anne restituída aos direitos da mansão e como dona de uma bela propriedade. Mas Mary também tinha um futuro a aspirar, um de poderosa consolação: Anne não tinha Uppercross diante dela. Não tinha terras nem era a cabeça de uma família. E, se o capitão Wentworth nunca virasse barão, Mary não teria motivo para querer trocar de lugar com Anne.

Teria sido bom para a irmã mais velha ficar contente da mesma maneira, mas pouca mudança poderia ser esperada dela. Elizabeth logo sentiu a humilhação de ver o senhor Elliot se afastar. A partir daí, ninguém em situação aceitável apareceu para salvar as esperanças que desapareceram quando este cavalheiro se retirou.

A notícia do noivado da prima caiu inesperadamente sobre o senhor Elliot. Isso destruía sua ilusão de felicidade doméstica, suas esperanças de manter *sir* Walter solteiro em favor dos direitos de seu suposto genro. Mas, apesar de aborrecido e desiludido, ainda podia fazer algo por seus próprios interesses e sua própria satisfação. Logo deixou Bath. Pouco depois, a senhora Clay também foi embora. Logo se soube que ela se instalara em Londres sob a proteção do cavalheiro, e ficou evidente até que ponto ele havia se dedicado a um jogo duplo e quão determinado estava a não ser vencido pelas artimanhas de uma mulher habilidosa.

O afeto da senhora Clay tinha se sobreposto a seu interesse, e havia sacrificado, em nome de um cavalheiro mais jovem, a possibilidade de manipular *sir* Walter por mais tempo. Aquela senhora, no entanto, tinha habilidades que eram tão grandes quanto seus afetos, e não era fácil dizer qual dos dois astutos triunfaria ao final. Quem sabe, se impedindo que a senhora Clay se tornasse a esposa de *sir* Walter, não preparava o caminho para que ela se tornasse a esposa de *sir* William?

Não há dúvida de que *sir* Walter e Elizabeth sofreram um terrível desgosto por perder a companheira e se decepcionar com ela. Eles tinham as primas para se consolar, é verdade, mas logo entenderiam que continuar correndo atrás e lisonjeando os outros sem receberem recíproca nenhuma é apenas um prazer pela metade.

Anne, muito satisfeita desde o início da união com a intenção de *lady*

Russell de amar o capitão Wentworth como deveria, não tinha nenhuma outra sombra em sua felicidade além da sensação de que não havia ninguém em sua família com méritos suficientes para ser apresentado a um homem de bom senso. Ali, sentiu muito sua inferioridade. A desproporção de suas fortunas não tinha a menor importância. Não sentiu isso em nenhum momento, mas não ter uma família que o recebesse e o estimasse como merecia, nenhuma respeitabilidade, harmonia, boa vontade para oferecer em troca do acolhimento digno e imediato de seus cunhados e cunhadas, era uma eterna fonte de tristeza em meio a circunstâncias, por outro lado, extremamente felizes. Só podia apresentá-

-lo a duas amigas: *lady* Russell e senhora Smith. Mas ele parecia

disposto a dedicar afeição imediata às duas. Sentia uma estima sincera por *lady* Russell, apesar de seus ressentimentos anteriores. Desde que não fosse forçado a confessar que ela teve razão em separá-los no começo, estava pronto a fazer grandes elogios à dama. Quanto à senhora Smith, houve várias circunstâncias que o levaram logo e para sempre a apreciá-la como merecia.

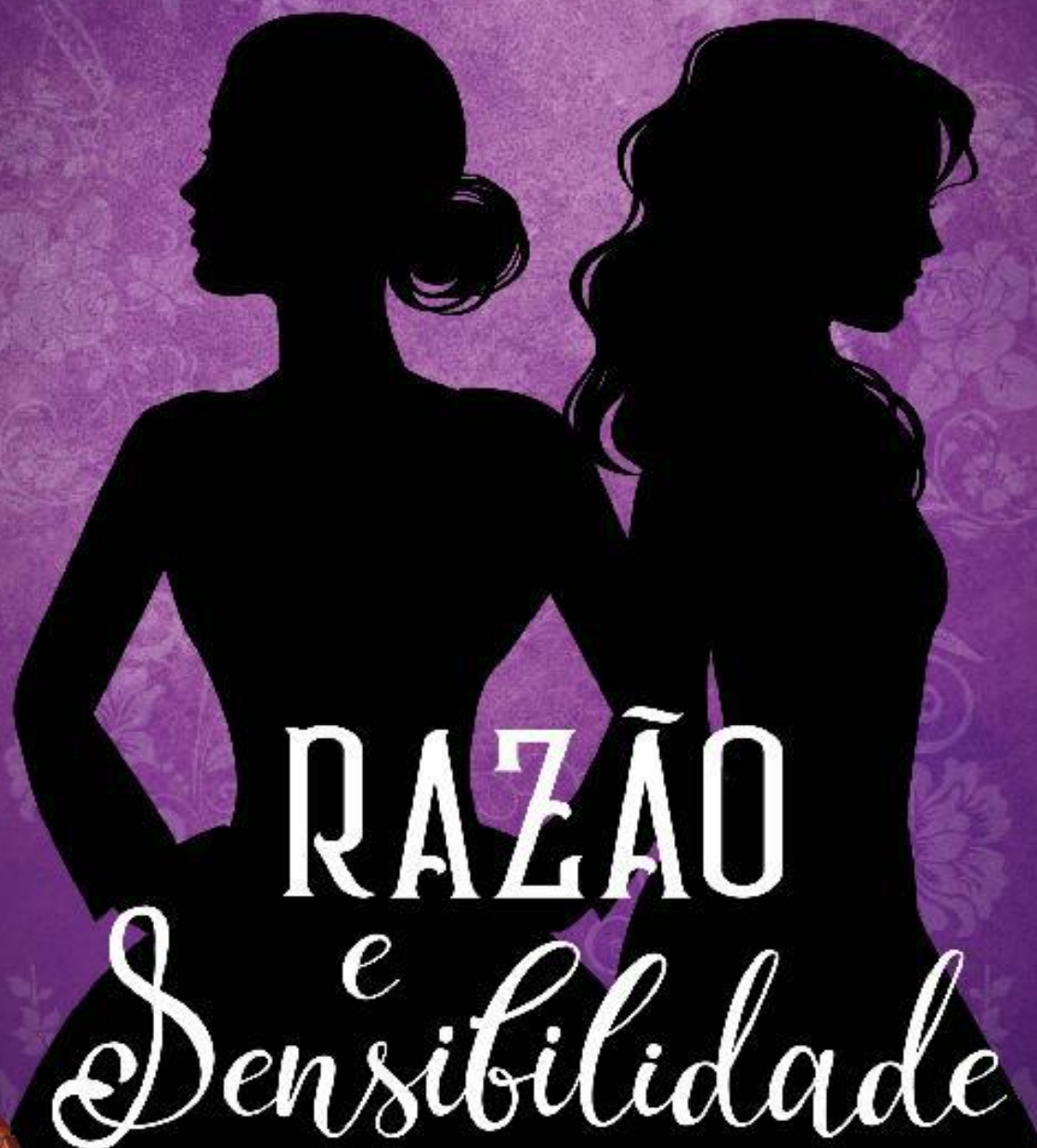
Os recentes bons conselhos dados a Anne já eram mais que suficientes, e o casamento dela, em vez de privá-la de uma amizade, garantiu-lhe duas. Ela foi a primeira a visitá-los assim que se instalaram. E o capitão Wentworth foi encarregado de recuperar a propriedade do falecido marido da senhora Smith nas Índias Ocidentais, escrevendo por ela, agindo e ocupando-se de todas as dificuldades do caso, com a presteza e o interesse de um homem corajoso e um amigo solícito. Devolveu toda a ajuda que ela fizera ou tentara fazer por sua esposa.

As boas qualidades da senhora Smith não diminuíram com o aumento de sua renda. Teve a saúde recuperada e adquiriu amigos que podia ver com frequência, pois não lhe faltava boa disposição e alegria. E, tendo essas fontes primárias de bem-estar, teria enfrentado qualquer prosperidade material. Poderia estar mais saudável e ser mais rica, sem deixar de ser feliz. A fonte de sua felicidade estava em seu espírito, assim como a da amiga Anne residia no calor de seu coração. Anne era a ternura em pessoa

e tinha encontrado algo digno dela no afeto do capitão Wentworth. A profissão do marido era a única coisa que fazia com que as amigas desejassem que essa ternura não fosse tão intensa, pelo medo de uma guerra futura que pudesse perturbar tamanha felicidade. Anne orgulhava-se de ser a esposa de um membro da Marinha, mas devia pagar o preço de um alarme repentino, porque seu marido pertencia àquela profissão que é, se isso for possível, mais notável por suas virtudes domésticas do que por sua importância nacional.

FIM

Jane Austen



RAZÃO

e
Sensibilidade



Principis

Jane Austen

Tradução Marcelo Barbão



RAZÃO
e
Sensibilidade



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês

Sense and Sensibility

Texto

Jane Austen

Tradução

Marcelo Barbão

Revisão

Mariane Genaro

Agnaldo Alves

Produção editorial e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ebook

Jarbas C. Cerino

Imagens

Studio DMM Photography, Designs & Art/Shutterstock.com;

Apostrophe/Shutterstock.com;

Lollitta M-A/Shutterstock.com;

oksart1/Shutterstock.com;

KateChe/Shutterstock.com;

Flower design sketch gallery/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

G963e Guimarães, Bernardo

A escrava Isaura [recurso eletrônico] / Bernardo Guimarães. -
Jandira, SP : Principis, 2021.

176 p. ; ePUB ; 1,9 MB. - (Clássicos da literatura)

Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-355-3 (Ebook)

1. Literatura brasileira. 2. Romance. I. Título. II. Série.

CDD 869.89923

2021-498

CDU 821.134.3(81)-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Romance 869.89923

2. Literatura brasileira : Romance 821.134.3(81)-31

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



Capítulo 1

A família Dashwood estabelecera-se há tempos em Sussex. A propriedade era grande e a residência ficava em Norland Park, no centro das terras, onde, por muitas gerações, tinham vivido de maneira tão respeitável que conquistaram uma boa reputação entre os vizinhos. O antigo proprietário era um homem solteiro, que vivera até uma idade muito avançada e que por muitos anos de sua vida teve a irmã como companheira fiel e governanta. Mas a morte dela, que aconteceu dez anos antes da sua, produziu uma grande alteração em seu lar; e para suportar a perda, ele convidou e acolheu em casa a família do sobrinho, o senhor Henry Dashwood, herdeiro legal da propriedade de Norland e a pessoa a quem ele pretendia deixar seus bens. Na companhia do sobrinho e da sobrinha, e dos filhos destes, o velho cavalheiro passava dias confortáveis. Seu apego a todos eles foi aumentando com o tempo. A atenção constante do senhor e da senhora Henry Dashwood aos desejos dele, a qual ocorria não apenas por interesse, mas por fruto da bondade no coração, garantiu o sólido conforto que sua idade poderia receber, e a alegria das crianças acrescentou prazer à sua existência.

De um primeiro casamento, o senhor Henry Dashwood teve um filho; com a atual esposa, três filhas. O filho, um jovem calmo e respeitável, era sustentado pela fortuna da mãe, que fora grande, metade da qual recebera ao atingir a maioridade. Com seu próprio casamento, que aconteceu pouco depois, ele aumentou a fortuna. Para ele, portanto, receber a propriedade de Norland não era tão importante como para as irmãs; já que a fortuna delas, independentemente do que receberiam se o pai herdasse a propriedade, só poderia ser pequena. A mãe delas não tinha nada, e o pai contava com apenas 7 mil libras à sua disposição. A metade restante da

fortuna da primeira esposa também estava assegurada ao filho, e ele apenas tinha direito a usá-la em vida.

O velho cavalheiro morreu: seu testamento foi lido e, como quase qualquer testamento, gerou tanta decepção quanto alegria. Ele não foi nem injusto nem ingrato, deixando sua propriedade para o sobrinho. Mas deixou para ele sob certas condições que anularam metade do valor do legado. O senhor Dashwood desejava o lugar mais por causa da esposa e das filhas do que para si mesmo ou seu filho, mas a herança foi deixada para o filho e o neto, um menino de 4 anos, de tal modo que ele não tinha como assegurar o sustento das quatro mulheres que mais amava e que mais necessitavam de um sustento como titulares da propriedade ou por meio das vendas de sua floresta valiosa. Tudo estava feito para que o neto fosse o beneficiário, pois, nas visitas ocasionais com os pais a Norland, o menino tinha conquistado a afeição do velho tio, por meio dos atrativos que não são incomuns em crianças de 2 ou 3 anos de idade; uma articulação imperfeita, um desejo sincero de fazer as coisas do seu jeito, muitos truques astutos e muito barulho, os quais superaram todo o valor da atenção que, durante anos, ele tinha recebido da sobrinha e das filhas. Ele não quis ser indelicado, no entanto, e, como demonstração de seu carinho pelas três garotas, deixou mil libras para cada uma.

A decepção do senhor Dashwood foi grande no começo, mas seu temperamento era alegre e otimista, e ele poderia razoavelmente ter a esperança de viver muitos anos de maneira econômica, podendo juntar uma soma considerável da produção de uma propriedade bastante grande e capaz de melhorias quase imediatas. Mas a sorte, que demorou tanto para chegar, só durou 12 meses. Ele sobreviveu pouco tempo ao tio, e dez mil libras, incluindo os legados posteriores, foi tudo que restou para a viúva e suas filhas.

O filho do senhor Dashwood foi chamado logo que a saúde do pai piorou, e este pediu a ele, com toda a força e urgência que a doença poderia exigir, que cuidasse da madrasta e das meias-irmãs.

O senhor John Dashwood não tinha fortes sentimentos pelo resto da família, mas foi afetado por um pedido dessa natureza em tal momento, e prometeu fazer tudo que estivesse ao seu alcance para mantê-las confortáveis. Seu pai ficou mais tranquilo com essa garantia e o senhor John Dashwood teve então a calma para considerar com prudência o quanto poderia fazer por elas.

Ele não era um jovem com más intenções, a não ser que ter o coração bastante frio e ser um tanto egoísta seja ter más intenções, mas ele era, em geral, respeitado, pois atuava com propriedade no cumprimento de seus deveres. Se tivesse se casado com uma mulher mais amável, poderia ter se tornado ainda mais respeitável do que era. Poderia até ter se tornado agradável também, pois era muito jovem quando se casou e gostava muito de sua esposa. Mas a senhora John Dashwood era uma forte caricatura dele, mais tacanha e egoísta.

Quando fez a promessa a seu pai, ele ponderou que aumentaria a fortuna de suas irmãs dando um presente de mil libras a cada uma. E sentiu-se satisfeito com isso. A perspectiva de quatro mil por ano, além da renda atual, mais a metade remanescente da fortuna da mãe, aqueceu seu coração e o fez se sentir capaz de tal generosidade. “Sim, ele lhes daria três mil libras: seria generoso e bonito! Seria suficiente para que vivessem bem. Três mil libras! Ele poderia dispendir uma quantia tão considerável com poucos inconvenientes”. Pensou nisso o dia todo e por muitos dias seguidos, e não mudou de ideia.

Assim que terminou o funeral de Henry Dashwood, a senhora John Dashwood, sem avisar suas intenções para a sogra, chegou com o marido e os empregados. Ninguém poderia contestar seu direito de vir, a casa era do marido desde o momento da morte do pai, mas a indelicadeza de sua conduta foi muito grande, e para uma mulher na situação da senhora Dashwood, com sentimentos delicados, deve ter sido muito desagradável. Em sua mente, no entanto, havia uma sensação de honra tão forte, uma generosidade tão romântica, que qualquer ofensa do tipo, dada ou recebida por quem quer fosse, era para ela uma fonte de desgosto irreparável. A senhora John Dashwood nunca fora uma das favoritas da família do marido, mas ela não tivera oportunidade, até então, de mostrar como poderia ter pouca consideração com o conforto das outras pessoas quando a ocasião exigisse.

A senhora Dashwood sentiu com tanta intensidade esse comportamento desagradável e com tanto fervor desprezava sua nora por isso que, na chegada do senhor Dashwood, teria deixado a casa para sempre, não fosse o pedido da filha mais velha, que a fez refletir sobre a conveniência de partir, e seu amor por suas três filhas, que determinou que ela ficasse, e, pelo bem delas, evitasse um rompimento com o irmão.

Elinor, a filha mais velha, cujo conselho foi tão eficaz, tinha uma

capacidade de compreensão e uma serenidade de julgamento que a qualificavam, embora tivesse apenas 19 anos, a ser a conselheira da mãe, e permitia que atuasse com frequência, em benefício das quatro, contra a impetuosidade da senhora Dashwood, que em geral levava à imprudência. Ela possuía um coração excelente, era afetuosa e seus sentimentos eram fortes, mas sabia como governá-los: era um conhecimento que a mãe ainda não havia aprendido e que uma das irmãs tinha resolvido nunca aprender.

As habilidades de Marianne eram, em muitos aspectos, bastante iguais às de Elinor. Ela era sensata e inteligente, mas ansiosa em tudo: seus sofrimentos e suas alegrias não tinham moderação. Ela era generosa, amável, interessante: era tudo, menos prudente. A semelhança entre ela e a mãe era muito grande.

Elinor via com preocupação o excesso de sensibilidade da irmã, mas isso era muito valorizado e apreciado pela senhora Dashwood. Agora, elas se encorajavam de maneira mútua diante da violência de sua aflição. A agonia do sofrimento que as dominou no início foi voluntariamente renovada, procurada, recriada diversas vezes. Elas se entregavam por completo à tristeza, buscando aumentar a infelicidade em cada reflexão que poderiam ter e estavam decididas a nem mesmo admitir qualquer consolo no futuro. Elinor também estava bastante aflita; mas ainda podia lutar, podia se esforçar. Ela conseguia conversar com o irmão, conseguiu receber a cunhada em sua chegada e tratá-la com a devida atenção, o e empenhou-se em convencer a mãe a realizar um esforço semelhante e encorajá-la a conquistar a mesma tolerância.

Margaret, a outra irmã, era uma garota bem-humorada e bem-disposta; mas, como já havia se embriagado com uma boa dose do romantismo de Marianne, sem ter muito de seu juízo, aos 13 anos não parecia provável que se igualasse às irmãs em um estágio mais adiantado da vida.

Capítulo 2

A senhora John Dashwood, agora instalada como senhora de Norland, relegou a sogra e as cunhadas à condição de visitantes. Como tal, no entanto, elas eram tratadas com uma civilidade tranquila e, pelo marido, com tanta bondade quanto ele conseguia demonstrar por outra pessoa além de si mesmo, da esposa e do filho. Ele realmente as incentivava, com

alguma franqueza, a considerar Norland como a casa delas e, como não apareceu nenhum plano viável para a senhora Dashwood além de permanecer lá até que pudesse se acomodar em outra casa na região, o convite foi aceito.

Continuar em um lugar onde tudo lhe lembrava da felicidade anterior era o mais apropriado para sua mente. Nas épocas de alegria, nenhum temperamento poderia ser mais alegre do que o dela, ou ter, em maior grau, essa predisposição otimista pela felicidade que é a própria felicidade. Mas no sofrimento, ela era também carregada por seus caprichos e, tanto no consolo quanto na alegria, era exagerada.

A senhora John Dashwood não aprovava o que o marido pretendia fazer por suas irmãs. Tirar três mil libras da fortuna de seu querido menino seria empobrecê-lo ao grau mais terrível. Ela implorou para que ele repensasse o assunto. Como poderia pensar em roubar de seu filho, seu único filho, uma quantia tão grande? E que possível direito poderiam ter as Dashwood, que eram apenas meias-irmãs dele, algo que ela nem considerava parentes, para receber uma quantia tão grande por mera generosidade dele? Era bem sabido que nenhum afeto deveria existir entre os filhos nascidos de diferentes casamentos, e por que ele deveria se arruinar, e a seu pobre Harry, dando todo seu dinheiro para suas meias-irmãs?

– Foi o último pedido do meu pai – respondeu o marido – que eu deveria ajudar sua viúva e filhas.

– Ele não sabia o que estava falando, ousou dizer. Aposto que não estava bem da cabeça no momento. Se estivesse em seu juízo, não teria pensado em algo como pedir que desse metade da fortuna do próprio filho.

– Ele não estipulou nenhuma soma em especial, minha querida Fanny, só me pediu, em termos gerais, para ajudá-las e tornar sua situação mais confortável do que ele foi capaz. Talvez daria no mesmo se não tivesse me pedido nada. Ele nunca imaginaria que eu as negligenciaria. Mas como me fez prometer, não pude recusar, pelo menos foi o que pensei no momento. A promessa, portanto, foi dada e deve ser cumprida. Algo deve ser feito por elas quando deixarem Norland e se instalarem em uma nova casa.

– Bem, então, deixe que algo seja feito por elas, mas esse algo não precisa ser três mil libras. Considere – ela acrescentou – que, quando se abre mão de dinheiro, ele não volta mais. Suas irmãs se casarão e o dinheiro vai desaparecer para sempre. Se, de fato, houvesse como devolvê-lo a nosso pobre menino...

– Bom, na verdade – disse seu marido, muito sério –, isso faria uma grande diferença. Pode chegar o momento em que Harry vai lamentar ter se separado de uma quantia tão grande. Se ele tiver uma família numerosa, por exemplo, esse dinheiro poderia ser um acréscimo muito conveniente.

– Certamente seria.

– Talvez, então, seria melhor, para todas as partes, se a soma fosse diminuída pela metade. Quinhentas libras seria um aumento prodigioso para as fortunas delas!

– Ó! Mais do que prodigioso. Que irmão na Terra daria metade disso para suas irmãs, mesmo que fossem legítimas! E elas são apenas meias-irmãs! Mas você tem um espírito tão generoso!

– Eu não gostaria de fazer nada mesquinho – ele respondeu. – É preferível, em tais ocasiões, fazer muito a fazer pouco. Ninguém, pelo menos, poderá dizer que não fez o suficiente por elas. Nem mesmo elas podem esperar mais.

– Não há como saber o que elas podem esperar – disse a senhora –, mas não devemos pensar nas expectativas delas: a questão é o que você pode se dar ao luxo de fazer.

– Certamente. E acho que posso dar 500 libras a cada uma. Dessa forma, sem nenhum acréscimo meu, elas terão cerca de três mil libras caso a mãe morra. Uma fortuna muito confortável para qualquer jovem mulher.

– Sim, e, na verdade, penso que podem nem querer mais do que isso. Elas terão dez mil libras divididas entre si. Se se casarem, com certeza será um bom casamento, e se não o fizerem, todas poderão viver juntas de maneira muito confortável com os rendimentos das dez mil libras.

– Isso é muito verdadeiro e, portanto, não sei se, levando tudo em consideração, não seria mais aconselhável fazer algo pela mãe enquanto estiver viva, e não para elas. Algo como uma anuidade, quero dizer. Minhas irmãs sentiriam os bons efeitos disso, tanto quanto a própria mãe. Cem libras por ano fariam com que se sentissem perfeitamente confortáveis.

A esposa hesitou um pouco, no entanto, em dar seu consentimento a esse plano.

– Com certeza – disse ela –, é melhor do que abrir mão de 1.500 libras de uma vez. Mas, então, se a senhora Dashwood viver mais do que 15 anos, teremos um grande prejuízo.

– Quinze anos! Minha querida Fanny, a vida dela não vale nem a metade

disso.

– Certamente não, mas, se você observar, as pessoas sempre vivem muito mais quando há uma pensão a receber, e ela é muito forte e saudável e nem chegou aos 40. Uma anuidade é um negócio muito sério. É preciso pagar todos os anos e não há como se livrar disso. Você não tem consciência do que está fazendo. Conheço muito o problema das anuidades, pois minha mãe estava sobrecarregada com o pagamento de três para empregadas aposentadas pela vontade do meu pai, e é incrível como achava isso desagradável. Duas vezes por ano, essas pensões deveriam ser pagas, e havia o problema de levar o dinheiro até elas. Uma vez disseram que uma delas tinha morrido e depois descobrimos que não foi assim. Minha mãe estava bastante cansada disso. Sua renda não era dela, dizia, com tais pensões perpétuas, e foi muito indelicado por parte do meu pai, porque, caso contrário, o dinheiro teria estado à inteira disposição da minha mãe, sem nenhuma restrição. Isso me causou tanta aversão às pensões que tenho certeza de que nunca prometeria o pagamento de uma por nada neste mundo.

– É com certeza desagradável – respondeu o senhor Dashwood – ter esse tipo de redução anual da renda de alguém. A fortuna de uma pessoa, como sua mãe diz com justiça, acaba não sendo própria. Estar preso ao pagamento regular de tal soma, a cada ano, não é desejável de nenhuma maneira: tira a independência de qualquer pessoa.

– Sem dúvida, e depois de tudo, você não recebe nem um obrigado por isso. Elas acham que estão seguras, que você não faz mais do que sua obrigação, e isso não gera nenhuma gratidão. Se eu fosse você, tudo o que fizesse deveria ser feito a seu exclusivo critério. Não me comprometeria a pagar nada anualmente. Pode ser muito inconveniente em alguns anos diminuir cem ou mesmo cinquenta libras das nossas próprias despesas.

– Acredito que esteja certa, meu amor, será melhor que não haja anuidade neste caso, o que eu puder dar em algumas ocasiões será uma assistência muito maior do que uma mesada anual, pois elas apenas elevariam seu estilo de vida se sentissem a segurança de uma renda maior, e não seriam nem um pouco mais ricas por isso no final do ano. Com certeza será a melhor maneira. Um presente de cinquenta libras, de vez em quando, impedirá que fiquem angustiadas por dinheiro e, na minha opinião, estarei cumprindo a promessa a meu pai.

– Com certeza estará. Para dizer a verdade, estou convencida de que seu

pai não queria que você desse dinheiro a elas. A assistência que ele pensou, ousou dizer, era apenas o que poderia ser razoavelmente esperado de você. Por exemplo, procurar uma casa pequena confortável para elas, ajudá-las a levar suas coisas e enviar peixes, carne e produtos da estação. Aposto minha vida que ele não quis dizer mais nada. Na verdade, seria muito estranho e irracional se tivesse feito isso. Considere, meu querido senhor Dashwood, como madrasta e filhas podem viver com excesso de conforto com os juros de sete mil libras, além das mil libras que são de cada uma das meninas, o que rende cinquenta libras por ano para cada uma e, é claro, elas pagarão à mãe pela moradia com este dinheiro. No total, terão quinhentas libras por ano entre elas, e que mais podem querer quatro mulheres? Elas viverão muito bem! Os cuidados da casa serão pouquíssimos. Não possuirão carruagens nem cavalos e terão poucos criados. Não receberão visitas nem terão despesa! Apenas imagine como elas ficarão confortáveis! Quinhentas libras por ano! Tenho certeza de que não consigo imaginar como gastarão metade disso, e quanto a dar mais, é bastante absurdo pensar nisso. Elas é que poderão dar algo para você.

– Dou minha palavra – disse o senhor Dashwood – que acredito que você está certa. Meu pai com certeza não poderia querer dizer outra coisa, em seu pedido para mim, do que o que você está dizendo. Entendo com clareza agora e vou cumprir estritamente meu compromisso com esses atos de assistência e gentileza que você descreveu. Quando minha madrasta se mudar para outra casa, meus serviços devem estar prontos para acomodá-la o máximo que puder. Também poderá ser aceitável presenteá-las com alguns móveis.

– Certamente – respondeu a senhora John Dashwood –, mas, no entanto, *uma* coisa deve ser considerada. Quando seu pai e sua madrasta se mudaram para Norland, venderam todos os móveis de Stanhill, mas guardaram a porcelana, a prataria e as roupas finas, e agora é tudo da sua madrasta. Sua casa, portanto, estará equipada quase por completo assim que ela se mudar.

– Essa é uma consideração importante, sem dúvida. Um legado valioso, decerto! E, no entanto, uma parte das louças seria um lindo acréscimo para a que temos aqui.

– Sim, e o conjunto de café da manhã é duas vezes mais bonito do que o que pertence a esta casa. Bonito demais, na minha opinião, para qualquer lugar que elas possam ter condições de vir a morar. No entanto, é assim.

Seu pai pensou apenas nelas . E devo dizer isso: que você não deve nenhuma gratidão especial a ele nem atenção aos seus desejos, pois sabemos muito bem que, se pudesse, ele teria deixado quase tudo no mundo para elas .

Este argumento era irresistível. Deu às intenções dele qualquer poder de decisão que estivesse faltando, e por fim ele resolveu que seria absolutamente desnecessário, se não inadequado por completo, fazer mais pela viúva e as filhas de seu pai do que algum tipo de ato de gentileza, como a própria esposa tinha mencionado.

Capítulo 3

A senhora Dashwood permaneceu em Norland por vários meses. Não por qualquer falta de desejo de se mudar, quando a visão de cada ponto bem conhecido da casa deixou de aumentar a emoção violenta que outrora produzira. Quando seu ânimo começou a voltar ao normal e sua mente tornou-se capaz de algum outro esforço que não o de aumentar sua aflição por meio de lembranças melancólicas, ela ficou impaciente para ir embora e começou uma infatigável busca por uma casa adequada na vizinhança de Norland. Afinal, mudar-se para longe daquele local amado era impossível. Mas ela não encontrou nenhum lugar que de uma só vez lhe fosse agradável e cômodo, e aceitou a prudência da filha mais velha, cujo julgamento mais firme rejeitou várias casas que a mãe teria aprovado, por serem grandes demais para a renda delas.

A senhora Dashwood tinha sido informada pelo marido da solene promessa feita pelo filho de que cuidaria delas, o que deu conforto a ele em seus últimos pensamentos antes de morrer. Ela não duvidava da sinceridade dessa promessa, assim como o marido não tinha duvidado, e ficou satisfeita pelas filhas, embora acreditasse que uma provisão muito menor do que sete mil libras seria mais do que suficiente para elas. Ficou satisfeita pelo irmão de suas filhas, também, por ter demonstrado possuir um bom coração, e se censurou por ter sido injusta com ele antes, ao acreditar que era incapaz de tal generosidade. A atenção dele a ela e às irmãs convenceu-a de que seu bem-estar era muito importante para ele e, por muito tempo, acreditou firmemente na generosidade de suas intenções.

O desprezo que sentira pela nora desde quando a conhecera aumentou

muito com um conhecimento maior de seu caráter, o qual fora proporcionado durante meio ano de residência conjunta. E talvez, apesar de toda cortesia ou afeição maternal demonstrada pela senhora Dashwood, as duas senhoras poderiam ter achado impossível ter vivido juntas por tanto tempo, se não houvesse ocorrido uma circunstância particular que diminuiu ainda mais a possibilidade, segundo a opinião da senhora Dashwood, de permanência de suas filhas em Norland.

Essa circunstância foi um crescente apego entre a filha mais velha e o irmão da senhora John Dashwood, um jovem e agradável cavalheiro que foi apresentado à família logo após o estabelecimento da irmã em Norland, e que desde então passava lá a maior parte do tempo.

Algumas mães poderiam ter incentivado a intimidade por motivos de interesse, pois Edward Ferrars era o filho mais velho de um homem que morrera muito rico, enquanto outras poderiam reprimi-la por questão de prudência, pois, exceto uma quantia insignificante, toda a fortuna dele dependia do testamento da mãe. Mas a senhora Dashwood não foi influenciada por nenhuma das duas considerações. Era suficiente para ela que ele parecesse gentil, que amasse sua filha e que Elinor correspondesse. Ia contra todas as ideias dela que a diferença de fortuna deveria manter distante um casal que estivesse atraído pela semelhança de sentimentos, e ela não conseguia compreender que o mérito de Elinor não fosse reconhecido por todos que a conheciam.

Edward Ferrars não caiu no agrado da família por nenhum charme especial. Ele não era bonito e suas maneiras exigiam intimidade para torná-las agradáveis. Ele era muito tímido para fazer justiça a si mesmo, mas, quando sua timidez natural era superada, seu comportamento dava todas as indicações de um coração aberto e afetuoso. Era inteligente e sua educação havia lhe proporcionado um sólido desenvolvimento. Mas ele não tinha habilidades nem disposição para responder aos desejos de sua mãe e sua irmã, que queriam vê-lo em alguma posição de destaque... que elas próprias mal sabiam qual era. Queriam que ele se destacasse no mundo de uma maneira ou de outra. Sua mãe desejava que tivesse interesse em questões políticas, para levá-lo ao parlamento ou vê-lo conectado com alguns dos grandes homens da época. A senhora John Dashwood também desejava o mesmo, mas, enquanto isso, até que uma dessas bênçãos superiores pudesse ser alcançada, teria acalmado sua ambição vê-lo dirigindo uma carruagem. Mas Edward não tinha nenhum

interesse em grandes homens ou carruagens. Todos seus desejos concentravam-se no conforto doméstico e no silêncio da vida privada. Felizmente, ele tinha um irmão mais novo que era mais promissor.

Edward já estava hospedado havia várias semanas na casa antes de chamar a atenção da senhora Dashwood, pois ela estava, naquela época, tão aflita que não prestava atenção a quase nada ao redor. Ela viu apenas que ele era quieto e discreto, e gostou dele por isso. Ele não perturbava seus pensamentos infelizes com conversas inoportunas. A primeira vez que ela o observou com mais atenção e o aprovou foi após uma reflexão que Elinor arriscou fazer um dia sobre a diferença entre ele e a irmã. Era um contraste que obrigou sua mãe a vê-lo com bons olhos.

– Isso basta – disse ela. – Dizer que ele é diferente de Fanny é o bastante. Isto sugere todos os tipos de coisa agradável. Já o amo por isso.

– Acho que vai gostar dele – disse Elinor – quando o conhecer melhor.

– Gostar dele! – respondeu a mãe com um sorriso. – Não tenho sentimento de admiração inferior ao amor.

– A senhora pode estimá-lo.

– Eu nunca soube separar a estima do amor.

A senhora Dashwood começou a se esforçar para conhecê-lo melhor. Ela o tratava com carinho e logo eliminou as reservas do jovem. Ela compreendeu com rapidez todos seus méritos; a persistência de sua estima por Elinor talvez tenha ajudado sua compreensão, mas ela realmente se sentiu segura do valor dele. E mesmo aquele jeito quieto, que ia contra todas suas ideias estabelecidas de como um jovem deveria se comportar, deixou de parecer desinteressante, pois ela sabia que seu coração era bom e seu temperamento, afetuoso.

Assim que ela percebeu o primeiro sintoma de amor no comportamento dele em relação a Elinor, considerou como certo o vínculo entre eles e esperava que um casamento ocorresse com rapidez.

– Em alguns meses, minha querida Marianne – disse ela –, Elinor estará, com toda certeza, encaminhada na vida. Sentiremos falta dela, mas ela será feliz.

– Ah! Mamãe, como viveremos sem ela?

– Meu amor, dificilmente será uma separação. Viveremos a poucos quilômetros de distância e nos encontraremos todos os dias de nossa vida. Você ganhará um irmão – um irmão real e afetuoso. Tenho a melhor opinião do mundo sobre o coração do Edward. Mas você parece triste,

Marianne; desaprova a escolha de sua irmã?

– Talvez – disse Marianne – eu a considere com alguma surpresa. Edward é muito amável e eu o amo com ternura. Mesmo assim, ele não é o tipo certo de rapaz, há algo faltando. Sua aparência não é impressionante, não tem nada daquela graça que eu deveria esperar no homem que poderia seriamente agradar à minha irmã. Falta em seus olhos toda aquela vivacidade, aquele fogo, que anuncia de imediato virtude e inteligência. E, além disso, infelizmente, mamãe, ele não tem bom gosto. A música parece atraí-lo pouco, e embora admire muito os desenhos de Elinor, não é a admiração de uma pessoa capaz de compreender o valor deles. É evidente, apesar de prestar muita atenção nela enquanto está desenhando, que, de fato, ele não entende nada do assunto. Ele admira como um apaixonado, não como um conhecedor. Para me satisfazer, essas duas características devem estar unidas. Eu não poderia ser feliz com um homem cujo gosto não coincida em todos os aspectos com os meus. Ele deve compartilhar todos os meus sentimentos; os mesmos livros, a mesma música devem encantar os dois. Ah, mãe, como Edward leu ontem à noite de forma apática e monótona! Senti muito por minha irmã. Mas ela aguentou com muita compostura, parecia nem notar. Eu quase não consegui ficar sentada. Ouvir aqueles lindos versos que muitas vezes quase me fizeram perder o juízo pronunciados com uma calma tão impenetrável, uma indiferença tão terrível!

– Ele certamente teria feito mais justiça a uma prosa simples e elegante. Pensei isso naquele momento; mas você tinha que dar Cowper a ele.

– Não, mãe, se ele não se anima com Cowper! Mas devemos permitir a diferença de gosto. Elinor não sente o mesmo que eu e, portanto, pode ignorar isso e ser feliz com ele. Mas teria partido o *meu* coração, se eu o amasse, ouvi-lo ler com tão pouca sensibilidade. Mamãe, quanto mais eu conheço o mundo, mais estou convencida de que nunca encontrarei um homem que eu realmente possa amar. Eu exijo tanto! Ele deve ter todas as virtudes do Edward, e sua aparência e modos devem ornamentar sua bondade com todos os encantos possíveis.

– Lembre-se, meu amor, que você não tem nem 17 anos. Ainda é muito cedo na vida para desistir de tal felicidade. Por que você deve ser menos afortunada do que sua mãe? Só em uma circunstância, minha Marianne, poderá seu destino ser diferente do dela!

Capítulo 4

– Que pena, Elinor – disse Marianne –, que Edward não tenha gosto pelo desenho.

– Não tem gosto pelo desenho! – respondeu Elinor. – Por que você acha isso? Ele não desenha, é verdade, mas sente grande prazer em ver outras pessoas desenhando, e asseguro que não é de forma alguma desprovido de gosto natural, embora não tenha tido a oportunidade de melhorá-lo. Se tivesse tido a possibilidade de aprender, acho que desenharia muito bem. Ele desconfia tanto do próprio julgamento em tais assuntos que nunca está disposto a dar sua opinião sobre qualquer desenho, mas tem uma decência inata e um gosto simples, os quais, de modo geral, o orientam muito bem.

Marianne tinha medo de ofender e não falou mais sobre o assunto, mas o tipo de aprovação pelos desenhos de outras pessoas que Elinor descreveu como animada nele estava muito longe do entusiasmo arrebatador que, na opinião de Marianne, era a única coisa que poderia ser chamada de bom gosto. No entanto, mesmo sorrindo para si mesma pelo erro, ela louvou a irmã pela parcialidade cega em relação a Edward.

– Espero, Marianne – continuou Elinor –, que você não o considere alguém sem bom gosto. Na verdade, acho que posso dizer que você não pode fazê-lo, pois seu comportamento com ele é perfeitamente cordial, e se essa fosse sua opinião, tenho certeza de que nunca poderia ser cortês com ele.

Marianne mal sabia o que dizer. Ela não feriria os sentimentos da irmã de nenhuma maneira, mas afirmar o que ela não acreditava era impossível. Por fim, respondeu:

– Não se ofenda, Elinor, se minha opinião sobre ele não for igual em tudo à sua visão de seus méritos. Não tive tantas oportunidades de avaliar as propensões mais detalhadas da sua mente, suas inclinações e gostos, como você teve. Mas tenho a melhor opinião do mundo sobre a bondade e sensatez dele. Acho que tudo nele é digno e amável.

– Tenho certeza – respondeu Elinor, com um sorriso – de que seus amigos mais queridos não poderiam ficar insatisfeitos com tal elogio. Não vejo como você poderia se expressar com maior ternura.

Marianne se alegrou por ter agradado à irmã tão facilmente.

– De sua sensatez e sua bondade – continuou Elinor – ninguém pode, na

minha opinião, duvidar, se já estabeleceram uma conversa sem reservas com ele. A excelência de seu discernimento e seus princípios pode ficar escondida apenas por aquela timidez que muitas vezes o mantém em silêncio. Você o conhece o suficiente para fazer justiça ao seu grande valor. Mas de suas propensões mais detalhadas, como as chama, por circunstâncias peculiares você teve menos conhecimento do que eu. Nós passamos um bom tempo juntos, enquanto você esteve por inteiro dedicada afetuosamente à mamãe. Eu o observei muito, estudei seus sentimentos e ouvi sua opinião sobre assuntos de literatura e bom gosto; e, em geral, me arrisco a pronunciar que sua mente é bem informada, o prazer causado pelos livros é muito grande, sua imaginação é vívida, sua observação justa e correta e seu bom gosto, delicado e puro. Suas habilidades, em todos os aspectos, melhoram quanto mais o conhecemos, assim como seus modos e sua aparência. À primeira vista, seu temperamento decerto não é impressionante e sua aparência dificilmente pode ser chamada de bonita, antes de percebermos a expressão de seus olhos, que é incomumente bondosa, e a doçura geral de seu semblante. No momento, eu o conheço tão bem que o considero muito bonito ou, pelo menos, quase. O que você acha, Marianne?

– Eu o julgarei logo muito bonito, Elinor, se já não acho isso agora. Quando você me disser para amá-lo como a um irmão, não vou mais ver a imperfeição em seu rosto, como não vejo agora em seu coração.

Elinor se espantou com essa declaração e se arrependeu da ternura que havia demonstrado ao falar dele. Ela sentia que tinha uma opinião muito positiva de Edward. Acreditava que a consideração era mútua, mas exigia maior certeza disso para que a convicção de Marianne sobre seu apego fosse agradável para ela. Sabia que, quando Marianne e sua mãe conjecturavam algo, começavam a acreditar nisso logo em seguida; para elas, desejar era ter esperança, e ter esperança, querer. Ela tentou explicar a verdadeira situação para sua irmã.

– Não tento negar – disse ela – que tenho grande estima por ele, que o aprecio muito, que gosto dele.

Marianne explodiu com indignação,

– Estima! Gosta! Elinor insensível! Ó! Pior do que insensível! Envergonhada por ser outra coisa. Use essas palavras mais uma vez e sairei da sala agora.

Elinor não conseguiu conter o riso.

– Desculpe – disse ela –, e tenha certeza de que não quis ofendê-la, falando de maneira tão tranquila dos meus próprios sentimentos. Acredite que são mais fortes do que declarei. Acredite que eles, em resumo, são tantos quantos os méritos, e a suspeita, a esperança de que o afeto dele por mim seja justificado, sem imprudência ou insensatez. Porém, você não deve acreditar mais do que isso. Não estou de modo algum segura do afeto dele por mim. Há momentos em que duvido disso, e até que os sentimentos dele sejam plenamente conhecidos, você não pode achar estranho meu desejo de evitar qualquer encorajamento da minha própria parcialidade, acreditando ou dizendo que se trata de mais do que realmente é. No meu coração, sinto pouca, talvez nenhuma, dúvida de sua preferência. Mas há outros pontos a serem considerados além de seu interesse. Ele está longe de ser independente. O que a mãe dele é de verdade não podemos saber; mas, pela ocasional menção de Fanny sobre suas atitudes e opiniões, nunca estivemos dispostas a pensar que seja uma pessoa amável; e eu estaria muito enganada se o próprio Edward não estivesse ciente de que haveria muitas dificuldades em seu caminho, se quisesse se casar com uma mulher que não tenha nem uma grande fortuna nem uma posição social elevada.

Marianne ficou atônita ao descobrir o quanto a imaginação de sua mãe e a sua tinham se afastado da verdade.

– E você não está realmente comprometida com ele! – disse ela. – Apesar de que, com certeza, isso acontecerá em breve. Mas há duas vantagens nesse adiamento. Não perderei você tão cedo e Edward terá a oportunidade de melhorar esse bom gosto natural por sua ocupação favorita, algo que deve ser tão indispensável para sua felicidade futura. Ah! Se ele fosse estimulado pelo seu talento a aprender a desenhar, como isso seria bom!

Elinor tinha dado sua opinião verdadeira para a irmã. Ela não podia considerar sua predileção por Edward em um estado tão avançado como Marianne acreditava. Havia, às vezes, uma falta de ânimo nele que, se não significasse indiferença, falava de algo quase tão pouco promissor. Uma dúvida do seu interesse por ela, supondo que ele tivesse algum, não precisaria provocar mais do que inquietudes. Não seria provável que produzisse aquele desânimo mental que com frequência o dominava. Uma causa mais razoável poderia ser encontrada na situação de dependência que proibia a indulgência de seu carinho. Ela sabia que a mãe dele não tornava sua vida confortável no presente, nem lhe dava nenhuma garantia

de que poderia formar um lar próprio no futuro, sem que obedecesse estritamente aos pontos de vista dela sobre seu crescimento. Sabendo disso, era impossível que Elinor se sentisse tranquila sobre o assunto. Ela estava longe de confiar no resultado do interesse dele por ela, o qual sua mãe e irmã ainda consideravam certo. Não, quanto mais tempo passavam juntos, mais duvidosa parecia a natureza do interesse dele; e às vezes, por alguns poucos minutos dolorosos, ela acreditava que não passava de amizade.

Mas, quaisquer que fossem os limites desse sentimento, era o bastante, quando percebido pela irmã de Edward, para preocupá-la e, ao mesmo tempo (o que era ainda mais comum), fazer com que fosse indelicada. Fanny aproveitou a primeira oportunidade para enfrentar a sogra, conversando com ela de maneira tão expressiva sobre as grandes expectativas do irmão, da decisão da senhora Ferrars de que ambos os filhos deveriam se casar bem e do perigo de prestar atenção em qualquer jovem que tentasse atraí-lo, que a senhora Dashwood não conseguiu nem fingir não ter entendido nem se esforçou para ficar calma. Ela deu-lhe uma resposta que deixou claro seu mal-estar e saiu da sala imediatamente, resolvendo que, não importasse o inconveniente ou o custo de uma saída tão repentina, sua amada Elinor não deveria ser exposta mais uma semana a tais insinuações.

Ela estava neste estado de espírito quando uma carta chegou para ela pelo correio contendo uma proposta bastante oportuna. Era a oferta de uma casa pequena, em termos muito convenientes, que pertencia a um parente seu, um cavalheiro importante e de boa reputação em Devonshire. A carta fora enviada pelo próprio cavalheiro e escrita no verdadeiro espírito de hospitalidade amigável. Ele sabia que ela precisava de uma moradia e, embora a casa que oferecia agora fosse apenas um chalé, assegurava que seria feito tudo que ela achasse necessário, se a situação lhe agradasse. Ele a pressionava com firmeza, depois de ter dado os detalhes da casa e do jardim, para que viesse com suas filhas a Barton Park, o lugar de sua própria residência, de onde ela poderia julgar, por si mesma, se o chalé Barton, pois as casas estavam na mesma paróquia, poderia, depois de qualquer alteração, ser confortável para ela. Ele parecia realmente ansioso para acomodá-las e toda a carta foi escrita em um estilo tão amigável que não tinha como não proporcionar muito prazer à sua prima, mais especialmente em um momento no qual estava sofrendo tanto pelo

comportamento frio e insensível de seus parentes mais próximos. Ela não precisou de tempo para deliberação ou consulta. Tomou a decisão enquanto lia. A localização de Barton, em um condado tão distante de Sussex quanto Devonshire, que, apenas algumas horas antes, já teria sido motivo para uma objeção suficiente para superar todas as possíveis vantagens do lugar, agora era seu principal atributo. Sair da vizinhança de Norland não era mais um mal, era um desejo, uma bênção, em comparação com o sofrimento de continuar como hóspede da sua nora. E mudar-se para sempre daquele lugar amado seria menos doloroso do que habitá-lo ou visitá-lo enquanto tal mulher fosse sua dona. Ela escreveu imediatamente para *sir* John Middleton agradecendo sua bondade e indicando a aceitação da proposta; em seguida, apressou-se para mostrar as duas cartas às filhas, para ter certeza da aprovação delas antes que sua resposta fosse enviada.

Elinor sempre pensara que seria mais prudente para elas morar a certa distância de Norland do que entre seus parentes atuais. Nesse sentido, portanto, não lhe cabia se opor à intenção da mãe de se mudar para Devonshire. A casa, também, como descrita por *sir* John, era tão modesta, e o aluguel era tão incrivelmente baixo que não lhe dava nenhum direito de objetar sobre nenhum ponto. Assim, embora não fosse um plano que trouxesse algum encanto para sua fantasia, e mudar da vizinhança de Norland não fosse seu desejo, ela não tentou dissuadir a mãe de enviar uma carta de aceitação.

Capítulo 5

Assim que a resposta foi enviada, a senhora Dashwood entregou-se ao prazer de anunciar ao enteado e à sua esposa que tinha encontrado uma casa, e que só iria incomodá-los até que tudo estivesse pronto para a mudança. Eles ouviram-na com surpresa. A senhora John Dashwood não disse nada, mas seu marido esperava civilizadamente que elas não fossem viver longe de Norland. Ela sentiu grande satisfação ao responder que estava indo para Devonshire. Ao ouvir isso, Edward virou-se de maneira apressada para ela e, com uma voz de surpresa e preocupação, que não exigia nenhuma explicação para ela, repetiu:

– Devonshire! Estão indo mesmo para lá? É tão longe daqui! E para que

parte?

Ela explicou-lhe a situação. Ficava a menos de seis quilômetros ao norte de Exeter.

– É apenas um chalé – continuou ela –, mas espero ver muitos dos meus amigos nele. Um quarto ou dois podem ser facilmente adicionados, e se meus amigos não tiverem dificuldades para viajar para tão longe para me ver, tenho certeza de que não encontrarei nenhuma dificuldade em acomodá-los.

Ela concluiu com um convite muito gentil ao senhor e à senhora John Dashwood para visitá-la em Barton, e por Edward ela demonstrou um carinho ainda maior. Embora a última conversa com a nora tivesse sido o que a fizera tomar a decisão de permanecer em Norland apenas o tempo necessário, ela não produzira o menor efeito no que dizia respeito ao ponto principal. Separar Edward e Elinor estava mais longe do que nunca de ser seu objetivo, e ela desejava mostrar à senhora John Dashwood, com este convite direto ao irmão, como desconsiderava por completo a desaprovação do relacionamento.

O senhor John Dashwood disse várias vezes à madrastra o quanto ficava triste por ela ter aceitado uma casa a uma distância tão grande de Norland, o que impedia que ele fosse de qualquer utilidade na mudança de seus móveis. Ele se sentiu mesmo abalado pelo acontecimento, pois até o mínimo esforço com o qual tinha limitado o desempenho de sua promessa ao pai terminava sendo impraticável com a mudança. Os móveis foram enviados por barco. Consistiam principalmente das roupas, louças, porcelanas e livros, além do bonito piano de Marianne. A senhora John Dashwood viu os pacotes partirem com um suspiro: ela não podia deixar de sentir-se mal, pois, como a renda da senhora Dashwood seria tão insignificante em comparação com a sua, ela é que deveria ter ficado com todos os móveis mais bonitos.

A senhora Dashwood alugou a casa por um ano; já estava mobiliada, e ela poderia se instalar de imediato. Nenhuma dificuldade surgiu em nenhum lado do acordo; ela esperou apenas pelo envio dos pertences de Norland e determinou o que era necessário em seu futuro lar, antes de partir para o oeste. E isso, como ela era extremamente rápida na execução de tudo que a interessava, logo foi feito. Os cavalos que tinham sido deixados pelo marido haviam sido vendidos logo após a morte dele, e como surgiu a oportunidade de vender sua carruagem, ela acabou concordando, seguindo

o conselho sincero da filha mais velha. Para o conforto das filhas, caso seguisse apenas o próprio desejo, não a teria vendido, mas prevaleceu o critério de Elinor. A sabedoria da filha também limitava o número de seus criados a três: duas criadas e um homem, que foram logo escolhidos entre aqueles que trabalhavam em Norland.

O homem e uma das empregadas foram rapidamente enviados para Devonshire, para preparar a casa para a chegada da dona, pois, como a senhora Dashwood não conhecia lady Middleton, ela preferia ir diretamente ao chalé e não se hospedar em Barton Park. E ela confiava tanto na descrição da casa feita por *sir* John que não sentiu nenhuma curiosidade de examiná-la antes de se instalar. Sua vontade de se afastar de Norland não diminuiu pela evidente satisfação da nora com a perspectiva de sua mudança, uma satisfação que mal tentou esconder sob um frio convite para que adiasse a partida. Agora era o momento em que a promessa feita pelo enteado ao pai poderia ser cumprida com particular idoneidade pelo senhor Dashwood. Como ele a negligenciara, antes de mais nada, ao mudar-se para Norland, a mudança delas poderia ser considerada como o momento mais apropriado para sua realização. Mas a senhora Dashwood começou logo a abandonar todas as esperanças desse tipo e a se convencer, pelo tom geral do discurso dele, de que sua assistência não ia além da manutenção delas durante os seis meses em Norland. Ele vivia falando sobre o aumento das despesas da casa e sobre as exigências perpétuas sobre a renda às quais um cavalheiro respeitável estava exposto, de maneira que parecia ter mais necessidade de dinheiro do que estava disposto a dar.

Poucas semanas após a primeira carta de *sir* John Middleton ter chegado a Norland, tudo estava tão resolvido na futura residência que a senhora Dashwood e suas filhas puderam começar sua jornada.

Muitas foram as lágrimas derramadas por elas em seu último adeus a um lugar tão amado.

— Querida, querida Norland! — disse Marianne, enquanto caminhava sozinha na frente da casa, na última noite em que passariam lá. — Quando vou parar de sentir saudades! Quando aprenderei a sentir-me em casa em outro lugar! Ó! Casa feliz, se pudesse saber o quanto sofro agora, olhando para você deste local, de onde talvez eu não a veja mais! E vocês, árvores tão conhecidas! Continuarão as mesmas. Nenhuma folha vai cair porque nos mudamos, nenhum galho ficará imóvel, embora não possamos mais os

observar! Não, vocês continuarão as mesmas. Inconscientes do prazer ou da tristeza que ocasionam e insensíveis a qualquer mudança naqueles que caminham sob suas sombras! Mas quem ficará para desfrutar de vocês?

Capítulo 6

A primeira parte da viagem foi feita com uma disposição melancólica demais para que fosse outra coisa que não tediosa e desagradável. Mas, à medida que se aproximavam do destino, o interesse pelo condado no qual iriam morar superou o abatimento, e uma visão do Vale de Barton, quando entraram, encheu-as de alegria. Era um local agradável e fértil, bem arborizado e rico em pastagens. Depois de terem percorrido quase dois quilômetros, chegaram à casa. Um pequeno jardim verde tomava toda a frente e um elegante portão gradeado marcava a entrada.

Como residência, o chalé Barton, embora pequeno, era confortável e compacto, mas como chalé tinha problemas, pois a construção era simétrica, o telhado era de telhas, as persianas não estavam pintadas de verde, e tampouco eram as paredes cobertas de madressilvas. Um corredor estreito atravessava a casa até o jardim nos fundos. De cada lado da entrada havia uma sala de estar, com cerca de cinco metros quadrados, e além delas ficavam as dependências de serviço e as escadas. Quatro dormitórios e dois sótãos completavam o resto da casa. Ela não fora construída há muitos anos e estava em boas condições. Em comparação com Norland, era mesmo pobre e pequena! Mas as lágrimas despertadas pelas lembranças quando entraram na casa logo estavam secas. Elas ficaram animadas com a alegria dos criados, e cada uma, pelo bem das outras, resolveu parecer feliz. Era o começo de setembro. O clima estava agradável, e como viram o lugar pela primeira vez com um bom tempo, elas tiveram uma impressão favorável, a qual foi essencial para uma aprovação final.

A localização da casa era boa. As colinas altas apareciam na parte de trás e a pouca distância de cada lado. Algumas delas eram abertas, as outras cultivadas e arborizadas. A aldeia de Barton ficava ao pé de uma dessas colinas e formava uma vista agradável das janelas do chalé. O horizonte na parte da frente era mais aberto. Alcançava todo o vale e chegava aos campos mais além. As colinas que rodeavam a casa terminavam no vale

naquela direção; sob outro nome, e em outra forma, ele ramificava-se de novo entre duas das colinas mais íngremes.

A senhora Dashwood estava bastante satisfeita com o tamanho e os móveis da casa, pois, apesar de seu antigo estilo de vida ter tornado indispensável muitos acréscimos, reformar e melhorar eram um prazer para ela, tendo nesse momento dinheiro suficiente para fornecer tudo o que queria de elegante para os quartos.

– Quanto à casa em si, com certeza – disse ela –, é muito pequena para a nossa família, mas ficaremos toleravelmente confortáveis por enquanto, já que é muito tarde no ano para fazer reformas. Talvez na primavera, se eu tiver dinheiro, como ousar dizer que terei, poderemos pensar em reformas. Essas salas são ambas pequenas demais para os grupos de amigos que espero ver reunidos aqui, e tenho ideias de talvez usar a entrada de uma delas para aumentar a outra, deixando o restante como um hall. Isso, com uma nova sala de estar que pode ser acrescentada com facilidade, além de mais um quarto e um sótão acima, vai torná-la uma casa bastante confortável apesar de pequena. Gostaria que a escada fosse mais bonita. Mas não devemos esperar tudo, embora acredite que não seria difícil ampliá-la. Vou ver quanto terei na primavera e planejaremos as mudanças de acordo.

Nesse meio-tempo, até que todas as alterações pudessem ser feitas com a economia de uma renda de quinhentas libras por ano por uma mulher que nunca economizou em sua vida, elas foram sábias o suficiente para se contentar com a casa como estava. E cada uma delas se ocupou de organizar suas próprias coisas e se esforçou para arrumar livros e outros objetos, criando um lar. O piano de Marianne foi desembalado e devidamente instalado, e os quadros de Elinor foram pendurados nas paredes da sala de estar.

Elas estavam envolvidas nessas tarefas quando foram interrompidas logo após o café da manhã no dia seguinte pela entrada de seu senhorio, que as visitou para dar-lhes as boas-vindas a Barton e ofereceu todas as acomodações de sua própria casa e jardim enquanto o chalé delas ainda não estivesse organizado. *Sir John Middleton* era um homem bonito, com cerca de 40 anos. Ele já tinha visitado Stanhill, mas fazia tanto tempo que suas primas não se lembravam dele. Seu semblante era bem-humorado e os modos eram tão amigáveis quanto o estilo de sua carta. A chegada delas pareceu-lhe proporcionar uma satisfação autêntica, e o conforto de todas

era realmente importante para ele. Falou muito de seu desejo sincero de viver nos termos mais sociáveis com sua família e pressionou-as com tanta cordialidade a jantar em Barton Park todos os dias até que tivessem se estabelecido melhor em casa que, embora sua insistência demonstrasse uma perseverança que ia além da civilidade, elas não poderiam se ofender. Sua gentileza não se limitava às palavras, pois, apenas uma hora depois que as deixou, uma grande cesta cheia de hortaliças e frutas chegou de Barton Park, seguida antes do final do dia por carne de caça. Ele insistiu, além disso, em levar e em pegar todas as cartas delas no correio, e não aceitou recusas para a satisfação de enviar-lhes seu jornal todos os dias.

Lady Middleton enviara uma mensagem muito educada por ele, mostrando a intenção de visitar a senhora Dashwood assim que pudesse ter certeza de que sua visita não seria inconveniente, e como esta mensagem foi respondida por um convite igualmente educado, sua senhoria foi apresentada a elas no dia seguinte.

Elas estavam, é claro, muito ansiosas para conhecer a pessoa de quem dependeria boa parte do conforto delas em Barton, e a elegância de sua aparência satisfez seus desejos. Lady Middleton não tinha mais do que 26 ou 27 anos, seu rosto era bonito, sua figura alta e imponente, e seu temperamento, gracioso. Seus modos tinham toda a elegância que faltava no marido, mas teriam sido melhorados com um pouco da franqueza e ternura dele, mas sua visita foi longa o suficiente para prejudicar um pouco a admiração inicial, mostrando que, embora muito bem-educada, ela era reservada, fria e não tinha nada a dizer além das perguntas ou observações mais banais.

A conversa, no entanto, fluíu normalmente, pois *sir* John era muito falante, e lady Middleton tomara a sábia precaução de trazer consigo o filho mais velho, um pequeno menino de cerca de seis anos de idade, o que significava que sempre havia um assunto a ser levantado pelas senhoras caso a conversa se esgotasse, pois perguntaram seu nome e idade, admiraram sua beleza e fizeram perguntas que a mãe respondia por ele, enquanto o menino se agarrava nela e abaixava a cabeça, para grande surpresa da dama, que se perguntava como ele podia ser tão tímido na frente de outras pessoas, quando fazia tanto barulho em casa. Em todas as visitas formais, uma criança sempre deve fazer parte, para criar assunto para a conversa. No presente caso, demoraram dez minutos para determinar se o menino era mais parecido com o pai ou com a mãe, e em

que característica ele lembrava cada um deles, pois é claro que as opiniões variavam, e todos ficavam atônitos com as opiniões dos outros.

Logo houve uma oportunidade para que as Dashwood conversassem sobre as outras crianças, pois *sir* John não deixou a casa sem que prometessem jantar em Barton Park no dia seguinte.

Capítulo 7

Barton Park ficava a menos de um quilômetro do chalé. As senhoras tinham passado perto da casa ao cruzar o vale, mas a visão do chalé era obstruída por uma colina. A casa era grande e bonita e os Middleton viviam em um estilo de igual hospitalidade e elegância. A hospitalidade era por parte de *sir* John, e a elegância, por parte de sua esposa. Eles quase sempre tinham amigos hospedados na casa e recebiam mais visitas de todos os tipos do que qualquer outra família na vizinhança. Era necessário para a felicidade dos dois. Pois, por mais diferentes no temperamento e no comportamento, eram parecidos na falta total de talento e bom gosto, o que limitava suas atividades não relacionadas às produzidas pela vida em sociedade a um horizonte muito estreito. *Sir* John era um esportista, lady Middleton era mãe. Ele caçava e praticava tiro, e ela cuidava dos filhos. E estes eram seus únicos afazeres. Lady Middleton tinha a vantagem de poder mimar os filhos durante todo o ano, enquanto as atividades independentes de *sir* John só podiam ser realizadas metade do tempo. Os compromissos constantes em casa e fora, no entanto, supriam todas as deficiências da natureza e da educação; mantinham o bom humor de *sir* John e permitiam que sua esposa exercitasse a boa criação dos filhos.

Lady Middleton cuidava pessoalmente da elegância de sua mesa e de todos seus arranjos domésticos, e esse tipo de vaidade era seu maior prazer em qualquer das suas festas. Mas a satisfação de *sir* John pela vida em sociedade era muito mais real, ele ficava encantado em reunir ao redor de si mais jovens do que a casa podia hospedar, e quanto mais barulhentos fossem, mais ele ficava satisfeito. Ele era uma bênção para todos os jovens das redondezas, pois no verão sempre organizava festas para comer presunto frio e frango ao ar livre, e no inverno seus bailes privados eram numerosos o suficiente para qualquer jovem dama que não estivesse sofrendo com o insaciável apetite dos 15 anos.

A chegada de uma nova família no condado sempre era uma alegria para ele e, de todos os pontos de vista, ele ficou encantado com as moradoras que tinha conseguido para sua casa em Barton. As senhoritas Dashwood eram jovens, bonitas e simples. Era o suficiente para garantir sua boa opinião, pois ser simples era tudo que uma garota bonita poderia querer para que sua personalidade fosse tão cativante quanto sua aparência. A amabilidade do caráter delas fez com que se sentisse feliz em acomodá-las, já que estavam em uma situação infeliz, se comparada com o passado. Ao ser bondoso com as primas, portanto, ele sentia a verdadeira satisfação de um bom coração e, ao acolher uma família somente de mulheres em sua casa, sentia toda a satisfação de um esportista, pois um esportista, embora só tenha consideração por pessoas de seu sexo que sejam também esportistas, nem sempre tem o desejo de estimular que eles vivam em sua propriedade.

A senhora Dashwood e as filhas foram recebidas na porta da casa por *sir* John, que as acolheu em Barton Park com uma sinceridade espontânea e, ao levá-las à sala de estar, repetiu para as jovens a preocupação que já havia mencionado no dia anterior, a de não ter conseguido nenhum jovem interessante para apresentar a elas. Elas encontrariam, ele contou, apenas um cavalheiro além dele mesmo; um amigo íntimo que estava hospedado em sua casa, mas que não era nem muito jovem nem muito alegre. Ele esperava que todos desculpassem a pequena reunião e poderia assegurar que isso nunca mais iria acontecer. Ele tinha visitado muitas famílias naquela manhã na esperança de convidar mais pessoas, mas era noite de lua cheia e todo mundo tinha compromissos. Felizmente, a mãe de lady Middleton chegou a Barton na última hora, e como ela era uma mulher muito alegre e agradável, ele esperava que as jovens não achassem tudo tão entediante quanto poderiam imaginar. As jovens, assim como a mãe, estavam totalmente satisfeitas por terem apenas dois desconhecidos na festa e não desejavam mais nada.

A senhora Jennings, mãe de lady Middleton, era uma mulher bem-humorada, alegre, gorda e de meia-idade, que falava muito, parecia muito feliz e era bastante vulgar. Ela contava muitas piadas e gargalhava, e antes de o jantar ter terminado tinha dito muitas coisas espirituosas sobre o assunto de amantes e maridos. Ela esperava que as garotas não tivessem deixado o coração em Sussex e fingiu vê-las corar independentemente de ser verdade. Marianne ficou irritada com isso por causa da irmã, e voltou

os olhos com tanta seriedade para Elinor para ver como ela estava suportando essas brincadeiras, que deixou Elinor muito mais perturbada do que as brincadeiras bobas da senhora Jennings.

O coronel Brandon, o amigo de *sir* John, parecia tão pouco adequado, pela diferença de caráter, a ser amigo dele, quanto lady Middleton era de ser sua esposa, ou a senhora Jennings de ser a mãe de lady Middleton. Ele era silencioso e sério. Sua aparência, no entanto, não era desagradável, apesar de, na opinião de Marianne e Margaret, ser um velho solteirão convicto, pois já tinha passado dos 35. Mas, embora seu rosto não fosse bonito, seu semblante era sensível, e seu temperamento era o de um cavalheiro.

Não havia nada em ninguém do grupo que pudesse recomendá-los como companhia das Dashwood, mas a insipidez fria de lady Middleton era tão particularmente repulsiva que, em comparação, a seriedade do coronel Brandon e até mesmo a alegria barulhenta de *sir* John e sua sogra eram interessantes. Lady Middleton parecia ter sentido prazer apenas com a entrada de suas quatro crianças barulhentas após o jantar, que puxaram suas roupas e terminaram com todo tipo de conversa, exceto as que se relacionavam a elas.

À noite, quando descobriram que Marianne tinha talento musical, convidaram-na a tocar piano. O instrumento foi aberto, todo mundo se preparou para se encantar, e Marianne, que cantava muito bem, cantou, a pedido deles, as principais partituras que lady Middleton trouxera para a família em seu casamento e que talvez estivessem lá desde então na mesma posição sobre o piano, pois a senhora celebrara o acontecimento desistindo da música, embora, pelo que falava sua mãe, ela tocasse muito bem e, segundo ela mesma, gostasse muito de tocar.

O desempenho de Marianne foi muito aplaudido. *Sir* John a elogiava muito no final de cada música e falava com os outros em um volume igualmente alto durante as canções. Lady Middleton com frequência pedia que se comportasse, afirmando não entender como a atenção de qualquer pessoa poderia ser desviada da música ainda que apenas por um momento, e pediu que Marianne cantasse uma música em particular, a qual ela acabara de cantar. Só o coronel Brandon, de todo o grupo, ouviu-a sem ficar exultante. Ele só deu a ela o elogio da atenção, e ela sentiu um respeito por ele na ocasião, a qual os outros tinham negligenciado pela evidente falta de gosto. O prazer dele com a música, embora não fosse

aquele êxtase que era a única coisa capaz de se igualar ao dela, era digno de estima quando contrastado com a horrível insensibilidade dos outros; e ela era razoável o suficiente para admitir que um homem de 35 anos pudesse ter mantido toda a agudeza de sentimento e todo o poder requintado da diversão. Ela estava perfeitamente disposta a fazer toda concessão à idade avançada do coronel que a compaixão exigia.

Capítulo 8

A senhora Jennings era uma viúva com uma boa fortuna deixada pelo marido. Tinha apenas duas filhas e vivera para vê-las casadas de maneira respeitável, e agora não tinha mais o que fazer além de casar todo o resto do mundo. Na tentativa de cumprir esse objetivo, ela era zelosamente ativa, até onde alcançava sua habilidade, e não perdia nenhuma oportunidade de planejar casamentos entre todos os jovens que conhecia. Era muito rápida na descoberta de afinidades e tinha desfrutado a vantagem de provocar os rubores e a vaidade de muitas jovens por insinuações de seu poder sobre algum cavalheiro. Foi esse tipo de discernimento que permitiu a ela, logo após sua chegada a Barton, que pronunciasse de forma decisiva que o coronel Brandon estava muito apaixonado por Marianne Dashwood. Ela suspeitou disso logo na primeira noite em que se juntaram, pela forma como ele ouviu com tanta atenção enquanto ela cantava para eles; e quando a visita foi retribuída, jantando no chalé das Middleton, o fato foi determinado pela maneira como ele a escutou de novo. Deveria ser assim. Ela estava absolutamente convencida disso. Seria um excelente casal, pois ele era rico e ela era bonita. A senhora Jennings estava ansiosa para ver o coronel Brandon bem casado, desde quando o conhecera por intermédio de *sir* John, e sempre estava ansiosa para conseguir um bom marido para todas as garotas bonitas.

A vantagem imediata para si mesma não era de modo algum insignificante, pois teria infinitas piadas para usar contra os dois. Em Barton Park, ela riu do coronel, e no chalé, de Marianne. Para o primeiro, suas brincadeiras eram, se fossem dirigidas apenas contra ele, perfeitamente indiferentes, mas Marianne não entendeu no começo e, quando compreendeu, ela quase não sabia se deveria rir desse absurdo ou censurar a impertinência da senhora Jennings, pois considerou como

insensível um comentário sobre a idade avançada do coronel e sua condição desolada de velho solteirão.

A senhora Dashwood, que não achava um homem cinco anos mais novo do que ela tão excessivamente velho como parecia para os caprichos juvenis da filha, arriscou-se a defender a senhora Jennings da acusação de que estaria ridicularizando a idade dele.

– Mas, pelo menos, mamãe, a senhora não pode negar o absurdo da acusação, embora não imagine que seja intencionalmente maldosa. O coronel Brandon com certeza é mais novo do que a senhora Jennings, mas tem idade suficiente para ser meu pai; e se ele alguma vez já se sentiu animado o bastante para estar apaixonado, deve ter enterrado há muito tempo qualquer sensação desse tipo. É ridículo demais! Quando um homem estará a salvo dessas provocações, se a idade e a enfermidade não o protegerem?

– Enfermidade! – disse Elinor. – Acha que o coronel Brandon é doente? Posso com facilidade supor que sua idade possa parecer muito maior para você do que para minha mãe, mas você dificilmente pode se enganar quanto à capacidade dele de usar seus membros!

– Não o ouviu se queixar do reumatismo? E esta não é a doença mais comum da velhice?

– Minha querida filha – disse a mãe, rindo –, neste ponto você deve estar em terror constante pela minha decadência e deve lhe parecer um milagre que minha vida tenha se estendido até a idade avançada de 40 anos.

– Mamãe, a senhora não está me fazendo justiça. Eu sei muito bem que o coronel Brandon não é velho demais para já deixar seus amigos apreensivos pela possibilidade de perdê-lo pelo curso da natureza. Ele ainda pode viver mais de 20 anos. Mas 35 não tem nada a ver com matrimônio.

– Talvez – disse Elinor. – Pode ser que 35 e 17 não tenham nada a ver entre si com matrimônio. Mas se houver alguma chance de que haja uma mulher solteira aos 27 anos, eu não deveria pensar que o coronel Brandon, tendo 35 anos, represente qualquer objeção a se casar com ela .

– Uma mulher de 27 – disse Marianne, depois de pensar um momento – nunca pode esperar sentir ou inspirar carinho novamente, e se sua casa for desconfortável, ou sua fortuna pequena, posso supor que poderia se submeter ao ofício de enfermeira, em troca da provisão e segurança de ser esposa. Casar-se com essa mulher, portanto, não seria nada impróprio.

Seria um conjunto de conveniências e o mundo ficaria satisfeito. Aos meus olhos, não seria casamento, mas não seria um problema. Para mim, pareceria apenas um acordo comercial, no qual cada um deseja ser beneficiado à custa do outro.

– Seria impossível, eu sei – respondeu Elinor –, convencê-la de que uma mulher de 27 anos poderia sentir por um homem de 35 algo suficientemente próximo do amor, para torná-lo um companheiro desejável para ela. Mas devo me opor à condenação do coronel Brandon e sua esposa ao confinamento constante de um lar de doentes, apenas porque ele se queixou ontem (um dia úmido e muito frio) de uma leve sensação reumática em um dos ombros.

– Mas ele falou de coletes de flanela – disse Marianne –, e para mim um colete de flanela está invariavelmente ligado a dores, câibras, reumatismos e toda espécie de doença que pode afligir os velhos e os fracos.

– Se ele tivesse apenas uma febre violenta, você não o teria desprezado tanto. Confesse, Marianne, não há algo interessante para você na bochecha corada, no olho vazio e no pulso rápido de uma pessoa febril?

Logo depois disso, quando Elinor saiu da sala:

– Mamãe – disse Marianne –, tenho uma preocupação sobre o tema da doença que não consigo esconder da senhora. Tenho certeza de que Edward Ferrars não está bem. Já chegamos há quase 15 dias e ele ainda não veio nos visitar. Nada além de uma forte indisposição poderia ocasionar esse atraso extraordinário. O que mais pode detê-lo em Norland?

– Você achava que ele viria tão cedo? – perguntou a senhora Dashwood. – Eu não. Pelo contrário, se senti alguma ansiedade sobre o assunto, foi ao lembrar que ele às vezes mostrou falta de prazer e prontidão em aceitar meu convite, quando falei de sua vinda a Barton. Elinor já está esperando por ele?

– Nunca mencionei isso a ela, mas é claro que deve estar.

– Creio que esteja enganada, pois, quando estava falando com ela ontem sobre obter uma nova grade para a lareira do quarto de hóspedes, ela observou que não havia pressa imediata para isso, pois não era provável que o quarto fosse necessário por algum tempo.

– Que estranho! Qual pode ser o significado disso? Mas o conjunto do comportamento dos dois tem sido inexplicável! Como foi frio e controlado o último adeus deles! Como foi lânguida a conversa na última noite juntos! Na despedida de Edward, não havia distinção entre Elinor e mim:

eram os bons desejos de um irmão afetuoso para nós duas. Duas vezes, deixei-os juntos de propósito no decorrer da última manhã e, cada vez, ele inexplicavelmente saiu da sala comigo. E Elinor, ao deixar Norland e Edward, não chorou como eu. Mesmo agora, seu autocontrole é invariável. Quando ela está abatida ou melancólica? Quando tenta ficar sozinha ou parece se sentir inquieta e insatisfeita na companhia de outras pessoas?

Capítulo 9

As Dashwood estavam agora instaladas em Barton com um conforto razoável. A casa e o jardim, com todos os objetos que os rodeavam, agora se tornavam familiares, e as atividades cotidianas que deram a Norland metade dos seus encantos eram novamente desenvolvidas com um prazer muito maior do que antes, na antiga residência, desde a perda do pai. *Sir John Middleton*, que as visitou todos os dias durante a primeira quinzena e que não tinha o hábito de ver tanta movimentação em casa, não conseguiu esconder sua admiração ao encontrá-las sempre trabalhando.

Os visitantes, exceto os de Barton Park, não eram muitos, pois, apesar dos urgentes pedidos de *sir John* de que elas deveriam conhecer mais a região, e repetidas garantias de que sua carruagem estava sempre disponível, a independência do espírito da senhora Dashwood superou o desejo de convívio social de suas filhas. E ela estava decidida a recusar visitar qualquer família que estivesse além da distância de uma caminhada. Havia poucas que pudessem entrar nesta classificação, e nem todas eram tão acessíveis. A pouco mais de dois quilômetros do chalé, ao longo do sinuoso e estreito vale de *Allenham*, que era continuação do de Barton, como já descrito, as meninas tinham, em uma das primeiras caminhadas, descoberto uma antiga mansão de aspecto respeitável que, por lembrá-las um pouco de Norland, atizou a imaginação delas e fez com que desejassem conhecê-la melhor. Mas descobriram, ao consultar, que sua proprietária, uma senhora idosa de muito bom caráter, infelizmente estava muito doente para receber visitas e nunca saía de casa.

Todo o condado ao redor delas abundava de belos caminhos. As colinas que as convidavam de quase todas as janelas do chalé a procurar o prazer do ar em seus cumes eram uma alternativa feliz quando a sujeira dos vales abaixo escondia suas belezas superiores. E, em uma manhã memorável,

Marianne e Margaret dirigiram seus passos para uma dessas colinas, atraídas pelo sol fraco de um céu chuvoso e incapazes de continuar aguentando o confinamento que a chuva dos dois dias anteriores tinha ocasionado. O tempo não era suficientemente tentador para afastar as outras duas de seu pincel e seu livro, apesar da declaração de Marianne de que o dia seria bastante claro e que cada nuvem ameaçadora desapareceria de suas colinas. Assim, as duas meninas partiram juntas.

Elas subiram alegres as colinas, desfrutando a caminhada com cada vislumbre do céu azul, e quando sentiram no rosto os ventos estimulantes do sudoeste, lamentaram os medos que impediram que a mãe e Elinor compartilhassem sensações tão deliciosas.

– Existe felicidade no mundo maior do que esta? – indagou Marianne. – Margaret, vamos caminhar aqui pelo menos duas horas.

Margaret concordou e elas seguiram o caminho contra o vento, resistindo a ele com risos de prazer por mais uns 20 minutos, quando de repente as nuvens se uniram sobre a cabeça delas e uma chuva forte atingiu-as em cheio no rosto. Decepcionadas e surpresas, elas foram obrigadas a voltar, pois não havia nenhum abrigo mais perto do que a própria casa. No entanto, houve um consolo para elas, pois a exigência do momento era mais forte do que o decoro: era preciso correr com toda a velocidade possível colina abaixo, pelo lado íngreme que levava diretamente ao portão do jardim.

E elas partiram. Marianne levou a vantagem no começo, mas um passo em falso derrubou-a de repente no chão e Margaret, incapaz de parar para ajudá-la, passou involuntariamente em disparada e chegou ao fim da colina em segurança.

Um cavaleiro carregando uma arma, com dois pointers brincando ao redor dele, estava passando pela colina a poucos metros de Marianne quando o acidente aconteceu. Ele colocou a arma no chão e correu para ajudá-la. Ela levantara do chão, mas torcera o pé na queda e mal conseguia ficar de pé. O cavaleiro ofereceu ajuda; e percebendo que a modéstia dela negava o que a situação exigia, tomou-a em seus braços sem demora e carregou-a colina abaixo. Depois, atravessando o jardim, cujo portão Margaret deixara aberto, ele carregou-a diretamente para dentro da casa, onde Margaret acabara de entrar, e não a soltou até que a tivesse sentado em uma poltrona na sala de estar.

Elinor e a mãe levantaram-se espantadas com a entrada deles, e enquanto

os olhos das duas estavam fixos no homem com um espanto evidente e uma admiração secreta que surgiram também em função de sua aparência, ele se desculpou pela invasão contando os motivos, de uma maneira tão franca e tão graciosa que sua aparência, que era extraordinariamente bela, recebeu encantos adicionais por conta da sua voz e expressão. Se ele fosse velho, feio e vulgar, a gratidão e a gentileza da senhora Dashwood teriam sido garantidas por qualquer ato de atenção à filha, mas a influência da juventude, da beleza e da elegância despertaram um interesse na ação que a deixou muito comovida.

Ela o agradeceu muitas vezes e, com uma doçura de temperamento que sempre a acompanhava, convidou-o a se sentar. Mas ele recusou, pois estava sujo e molhado. A senhora Dashwood então lhe pediu que dissesse a quem ela devia sua gratidão. Seu nome, ele respondeu, era Willoughby, e sua casa atual ficava em Allenham, de onde ele esperava que ela lhe permitisse voltar amanhã para perguntar pela senhorita Dashwood. A honra foi logo concedida e ele então partiu, para se tornar ainda mais interessante, no meio de uma forte chuva.

Sua beleza masculina e maneiras refinadas incomuns foram logo o tema da admiração geral, e as risadas de provocação contra Marianne despertadas pela galanteria dele ganharam um significado especial devido aos seus atributos físicos. Marianne tinha visto menos dele do que o resto, pois a confusão que enrubescou seu rosto, quando ele a levantou, eliminara a possibilidade de observá-lo depois que entraram na casa. Mas ela vira o suficiente dele para se juntar à admiração das outras, e com um entusiasmo que sempre adornava seus elogios. A aparência e o ar dele eram iguais aos que sua fantasia já havia desenhado para o herói de uma história favorita e, ao carregá-la para a casa com tão pouca formalidade prévia, revelou uma rapidez de pensamento e de ação que tornou a atitude particularmente agradável a ela. Toda circunstância em relação a ele era interessante. O nome soava bem, sua residência ficava na aldeia favorita delas, e ela logo descobriu que, de todas as roupas masculinas, um casaco de caça era o mais atraente. Sua imaginação estava ocupada, seus pensamentos eram agradáveis e a dor de um tornozelo torcido foi ignorada.

Sir John visitou-as assim que um intervalo de tempo bom naquela manhã permitiu que saísse ao ar livre; e, tendo sido informado do acidente de Marianne, perguntaram-lhe com ansiedade se ele conhecia algum

cavalheiro de nome Willoughby em Allenhurst.

– Willoughby! – exclamou *sir* John. – Como? Ele está no condado? Essa é uma excelente notícia. Vou até lá amanhã para convidá-lo para jantar na quinta-feira.

– Então o senhor o conhece – disse a senhora Dashwood.

– Se o conheço! Com certeza sim. Ora, ele vem para cá todos os anos.

– E que tipo de jovem é ele?

– O melhor rapaz que existe, asseguro-lhe, com uma pontaria bem decente. Não há um cavaleiro mais ousado na Inglaterra.

– E isso é tudo que pode dizer sobre ele? – exclamou Marianne, indignada. – Mas quais são suas maneiras em uma amizade mais íntima? Quais são seus interesses, talentos e habilidades?

Sir John estava bastante confuso.

– Minha nossa! – disse ele. – Não sei muito sobre ele quanto a tudo isso. Mas é um sujeito agradável e bem-humorado, e tem a mais bela pointer fêmea preta que já vi. Ela estava com ele hoje?

Mas Marianne era tão incapaz de satisfazer sua curiosidade sobre a cor da cadela do senhor Willoughby quanto ele poderia descrever os detalhes do caráter do jovem.

– Mas quem é ele? – perguntou Elinor. – De onde ele veio? Ele tem uma casa em Allenhurst?

Sobre essas questões, *sir* John poderia dar mais informações, e disse a elas que o senhor Willoughby não tinha uma propriedade no condado, que morava ali apenas quando visitava a velha senhora em Allenhurst Court, de quem era parente e cujas propriedades herdaria, acrescentando:

– Sim, sim, vale muito a pena atraí-lo, posso dizer, senhorita Dashwood; ele tem uma pequena propriedade excelente em Somersetshire, além disso, e se eu fosse a senhorita, não o entregaria para minha irmã mais nova, apesar de todas essas quedas nas colinas. A senhorita Marianne não deve esperar ter todos os homens para si. Brandon ficará com ciúmes, se ela não for cuidadosa.

– Não acredito – disse a senhora Dashwood, com um sorriso bem-humorado – que o senhor Willoughby será incomodado pelas tentativas de qualquer uma das minhas filhas sobre o que o senhor chama de atraí-lo. Não é algo que fez parte da educação delas. Os homens estão muito seguros conosco, mesmo sendo ricos. Fico feliz por saber, no entanto, pelo que o senhor diz, que ele é um jovem respeitável, cuja amizade não deve

ser recusada.

– Acredito que ele seja um dos melhores rapazes que já conheci – repetiu *sir John*. – Lembro-me do último Natal em um pequeno baile em Barton Park, ele dançou das oito às quatro, sem se sentar uma única vez.

– É mesmo? – exclamou Marianne com olhos cintilantes. – E com elegância, com graça?

– Sim, e estava de pé às oito para cavalgar até a floresta para caçar.

– É isso que eu gosto, é assim que um jovem deve ser. Quaisquer que sejam suas atividades, sua vontade de realizá-las não deve ter qualquer moderação e não demonstrar nenhuma fadiga.

– Sim, sim, eu vejo como será – disse *sir John* –, eu vejo como será. A senhorita o seduzirá agora e nunca mais pensará no pobre Brandon.

– Essa é uma expressão, *sir John* – disse Marianne, acalorada – que eu particularmente não gosto. Abomino toda frase comum cuja intenção é ser maliciosa; e “seduzir um homem” ou “conquistá-lo” são as mais odiosas de todas. A tendência delas é rude e tacanha; e se sua construção já foi considerada inteligente, o tempo há muito destruiu toda sua engenhosidade.

Sir John não entendeu muito essa reprovação; mas riu tão forte como se tivesse, e então respondeu:

– Ai, a senhorita vai conquistar muita coisa, ousou dizer, de uma maneira ou de outra. Pobre Brandon! Ele já está bastante apaixonado e vale muito a pena seduzi-lo, apesar dessa queda e dos tornozelos torcidos.

Capítulo 10

O salvador de Marianne, como Margaret, com mais elegância do que precisão, definiu Willoughby, veio ao chalé bem cedo na manhã seguinte para ter notícias pessoalmente. Ele foi recebido pela senhora Dashwood com mais do que cortesia, com uma gentileza propiciada pelo relato de *sir John* sobre ele e a própria gratidão dela, e tudo o que aconteceu durante a visita serviu para assegurá-lo da sensibilidade, da elegância, do afeto mútuo e do conforto doméstico da família que conhecera em razão do acidente. Ele não precisava de uma segunda visita para ficar convencido dos encantos pessoais delas.

A senhorita Dashwood tinha uma compleição delicada, feições regulares

e era muito bonita. Marianne era ainda mais linda. Sua silhueta, embora não tão perfeita quanto a da irmã, por ter a vantagem da altura, era mais marcante; e seu rosto era tão adorável que, quando no linguajar hipócrita dos elogios, diziam que era uma menina linda, a verdade era menos ultrajada do que em geral acontece. Sua pele era muito morena, mas, por sua transparência, a compleição era brilhante de uma maneira incomum; seus traços eram belos, o sorriso era doce e atraente e, em seus olhos, que eram muito escuros, havia uma vida, um espírito e uma vivacidade que não podiam ser vistos sem admiração. No começo, ela conteve a expressão deles para Willoughby, em função do constrangimento criado pela lembrança da ajuda dele. Mas, quando isso passou, quando recuperou a coragem, quando viu que além da boa criação do cavalheiro, ele também tinha franqueza e vivacidade e, acima de tudo, quando o ouviu declarar que era apaixonado por música e dança, lançou-lhe um olhar de aprovação que assegurou a maior parte da atenção dele para si durante o resto da visita.

Era apenas necessário mencionar alguma diversão favorita para fazê-la falar. Ela não conseguia ficar em silêncio quando essas questões eram mencionadas, e não teve timidez nem reserva na conversa. Eles logo descobriram que o prazer da dança e da música era mútuo, o que era fruto de uma afinidade geral de opinião em tudo relacionado às duas questões. Encorajada por isso a um exame mais profundo das opiniões dele, ela passou a questioná-lo sobre livros. Seus autores favoritos foram apresentados e analisados com um prazer tão entusiasmado que qualquer jovem de 25 anos deveria ser muito insensível, realmente, para não aceitar de imediato a excelência de tais obras, mesmo que tivessem sido desconsideradas antes. O gosto dos dois era surpreendentemente parecido. Os mesmos livros, as mesmas passagens eram idolatradas por ambos; ou se alguma diferença aparecesse, qualquer objeção surgisse, só durava até que a força dos argumentos e o brilho dos olhos de Marianne fossem exibidos. Ele aceitava todas as decisões dela, absorvia todo seu entusiasmo e, muito antes do fim da visita, eles já conversavam com a familiaridade de uma amizade há muito estabelecida.

– Bem, Marianne – disse Elinor, assim que ele foi embora –, para uma manhã, acho que você se saiu muito bem. Você já constatou a opinião do senhor Willoughby sobre quase todas as questões importantes. Sabe o que ele pensa de Cowper e Scott; tem certeza de que estima suas belezas como

deveria, e recebeu garantias apropriadas de sua admiração por Pope. Mas em que se baseará essa amizade ao longo do tempo, com um relatório tão extraordinário de todo assunto a ser conversado? Em breve terão esgotado todo tópico favorito. Outra reunião será suficiente para que ele explique seus sentimentos sobre a beleza pitoresca e os segundos casamentos, e então você não terá nada mais para perguntar.

– Elinor – exclamou Marianne –, isso é justo? É correto? Minhas ideias são tão escassas? Mas entendo o que quer dizer. Fiquei muito à vontade, muito feliz, muito franca. Agi contra toda noção comum de decoro, fui aberta e sincera, enquanto deveria ter sido reservada, desanimada, aborrecida e enganadora. Se tivesse falado apenas do tempo e das estradas, e apenas a cada dez minutos, teria sido poupada dessa reprovação.

– Meu amor – disse a mãe –, você não deve se ofender com Elinor, ela estava apenas brincando. Eu mesma a repreenderia, se ela fosse capaz de desejar controlar o prazer da sua conversa com nosso novo amigo.

Marianne acalmou-se em pouco tempo.

Willoughby, por sua vez, deu todas as provas do prazer de conhecê-las, o que era proporcionado por um desejo evidente de aprofundar a amizade. Ele veio visitá-las todos os dias. Perguntar por Marianne foi a primeira desculpa, mas o encorajamento da recepção delas, que era mais gentil a cada dia, tornou a desculpa desnecessária antes que deixasse de ser plausível, em função da recuperação perfeita de Marianne. Ela ficou confinada por alguns dias em casa, mas nunca houve um confinamento menos irritante. Willoughby era um jovem habilidoso, de imaginação rápida, espírito vivaz, modos abertos e afetuosos. Era perfeito para conquistar o coração de Marianne, pois, com tudo isso, juntava não só uma aparência cativante, mas um ardor natural da mente que agora se animava e crescia pelo exemplo dela, o que aumentava ainda mais o afeto que ela sentia por ele.

Sua companhia tornou-se aos poucos a satisfação mais deliciosa para Marianne. Eles liam, conversavam e cantavam juntos; os talentos musicais de Willoughby eram consideráveis, e ele lia com toda a sensibilidade e ânimo que infelizmente faltavam em Edward.

Na opinião da senhora Dashwood, como na de Marianne, ele era impecável, e Elinor não via nada a ser censurado no jovem, apenas uma propensão, na qual ele se assemelhava bastante e era algo que particularmente deleitava sua irmã, de manifestar demais o que pensava

em todas as ocasiões, sem atenção às pessoas ou circunstâncias. Ao formar e dar sua opinião sobre outras pessoas de maneira apressada, ao sacrificar a cortesia geral pelo prazer de uma atenção total no que interessava ao seu coração e, com uma facilidade grande de desprezar a polidez humana, mostrava uma falta de cautela que Elinor não podia aprovar, apesar de tudo que ele e Marianne poderiam dizer em sua defesa.

Marianne começava agora a perceber que o desespero que a dominara aos 16 anos e meio, ao pensar que nenhum homem poderia satisfazer suas ideias de perfeição, fora precipitado e injustificado. Willoughby era tudo que sua fantasia havia delineado naquela hora infeliz, e em cada período mais brilhante, como capaz de conquistá-la. E seu comportamento declarava que seus desejos a esse respeito eram tão sérios quanto suas habilidades eram grandes.

A mãe dela também, em cuja mente não havia aparecido nenhum pensamento especulativo de casamento, por causa de sua futura riqueza, foi conduzida antes do fim de uma semana a ter esperança e expectativa; bem como a se felicitar em segredo por ter ganhado dois genros como Edward e Willoughby.

O interesse do coronel Brandon por Marianne, que fora descoberto tão cedo por seus amigos, tornou-se perceptível para Elinor, embora não tenha sido pelos outros. A atenção e o sarcasmo deles foram atraídos para seu rival mais afortunado, e as brincadeiras das quais o primeiro fora vítima antes que qualquer interesse surgisse acabaram quando seus sentimentos começaram realmente a merecer essas zombarias ligadas de maneira tão apropriada à sensibilidade. Elinor viu-se obrigada, embora de maneira involuntária, a reconhecer que os sentimentos que a senhora Jennings tinha atribuído ao coronel, para sua própria satisfação, eram agora despertados por sua irmã, e que por mais que uma semelhança geral de temperamentos pudesse favorecer o afeto dela pelo senhor Willoughby, uma oposição de caráter do mesmo modo impressionante não era um obstáculo para o coronel Brandon. Ela via isso com preocupação, pois o que um homem silencioso de 35 anos esperaria, em comparação com um jovem cheio de vida de 25? E como não podia sequer desejar que ele fosse bem-sucedido, desejava com ardor que ele fosse indiferente. Ela gostava do coronel – apesar de sua seriedade e reserva, via nele um objeto de interesse. Seus modos, embora sérios, eram comedidos, e sua reserva parecia ser o resultado de alguma opressão do espírito mais do que de alguma tristeza

natural. *Sir John* insinuara mágoas e decepções no passado, o que justificou a convicção de Elinor de que ele era um homem infeliz, e ela o via com respeito e compaixão.

Talvez ela sentisse pena e o estimasse ainda mais porque ele era desprezado por Willoughby e Marianne, que, cheios de preconceitos contra ele por não ser nem animado nem jovem, pareciam decididos a subestimar seus méritos.

– Brandon é justamente o tipo de homem – disse Willoughby um dia, quando estavam falando dele – de quem todo mundo fala bem, mas com quem ninguém se importa; que todos ficam encantados de ver e nunca se lembram de falar com ele.

– Isso é exatamente o que eu penso dele – exclamou Marianne.

– Não se vangloriem disso, no entanto – disse Elinor –, pois é uma injustiça de vocês dois. Ele é muito estimado por toda a família em Barton Park e nunca o vejo sem aproveitar a oportunidade de conversar com ele.

– Que você o defenda – respondeu Willoughby –, fala muito bem dele, mas, quanto à estima dos outros, é uma censura por si só. Quem se submeteria à indignidade de ser aprovado por mulheres como lady Middleton e a senhora Jennings, que são capazes de invocar a indiferença de qualquer outra pessoa?

– Mas talvez o desprezo de pessoas como você e Marianne possa compensar a visão de lady Middleton e sua mãe. Se o elogio delas é censura, a censura de vocês pode ser um elogio, pois elas não são menos perspicazes do que vocês são preconceituosos e injustos.

– Em defesa de seu *protégé*, você pode até ser insolente.

– Meu *protégé*, como você o chama, é um homem sensato, e sensatez sempre me atrairá. Sim, Marianne, mesmo em um homem entre 30 e 40. Ele viu muito do mundo, esteve no exterior, leu bastante e é um pensador. Descobri que é capaz de me dar muitas informações sobre vários assuntos, e ele sempre respondeu às minhas perguntas com a prontidão da boa educação e da boa vontade.

– Ou seja – exclamou Marianne com desprezo –, ele contou a você que, nas Índias Orientais, o clima é quente e os mosquitos são um problema.

– Ele teria me contado isso, sem dúvida, se eu tivesse feito tais perguntas, mas acontece que sobre isso eu tinha informações prévias.

– Talvez – disse Willoughby – as observações dele possam ter se estendido à existência de nababos, moedas de ouro e palanquins.

– Ouso dizer que as observações dele foram muito além da sua franqueza. Mas por que antipatiza com ele?

– Não antipatizo com ele. Considero-o, pelo contrário, um homem muito respeitável, que tem boa reputação entre todos e não recebe atenção de ninguém. Que tem mais dinheiro do que pode gastar, mais tempo do que sabe empregar e dois novos casacos todos os anos.

– Adicione a isso – exclamou Marianne – que ele não tem genialidade, gosto ou espírito. Que sua inteligência não é brilhante, seus sentimentos não são ardentes e sua voz não é expressiva.

– Você decide que ele possui tantas imperfeições – respondeu Elinor –, e com tanta força da sua própria imaginação que o elogio que posso fazer dele é comparativamente frio e insípido. Só posso dizer que é um homem sensato, bem-educado, bem informado, de temperamento gentil e, acredito, de coração amável.

– Senhorita Dashwood – exclamou Willoughby –, agora você está me usando de maneira indelicada. Está tentando me desarmar pela razão e me convencer contra minha vontade. Mas não vai conseguir. Você deve me achar tão teimoso quanto pode ser habilidosa. Tenho três razões irrefutáveis para não gostar do coronel Brandon: ele me ameaçou com chuva quando eu queria que o tempo estivesse bom, encontrou falhas na suspensão da minha carruagem e não consigo persuadi-lo a comprar minha égua marrom. Se for satisfatório para você, no entanto, ouvir que acredito que o caráter dele seja, em outros aspectos, irrepreensível, estou pronto para confessar isso. E, em troca desse reconhecimento, que me causa um pouco de dor, não pode me negar o privilégio de não simpatizar com ele tanto quanto eu quiser.

Capítulo 11

A senhora Dashwood e suas filhas nunca poderiam ter imaginado, quando chegaram a Devonshire, que tantos compromissos surgiriam para ocupar o curto tempo delas, ou que receberiam convites e visitas tão frequentes que lhes restaria tão pouco tempo para trabalhos sérios. No entanto, foi assim. Quando Marianne se recuperou, os planos de diversão em casa ou ao ar livre planejados anteriormente por *sir* John começaram a ser implementados. Logo iniciaram os bailes em Barton Park e as festas no

lago foram realizadas com a frequência permitida por um outubro chuvoso. Em cada uma dessas reuniões, Willoughby foi incluído e a descontração e familiaridade que caracterizavam essas festas foram minuciosamente calculadas para aumentar sua intimidade com as Dashwood, para dar-lhe a oportunidade de observar as qualidades de Marianne, de expressar sua exaltada admiração por ela e de receber, pelo comportamento dela em relação a ele, a segurança mais evidente de sua afeição.

Elinor não se surpreendia com o apego dos dois. Apenas desejava que fosse demonstrado menos abertamente, e uma ou duas vezes tentou sugerir a decência de algum autocontrole a Marianne. Mas a irmã abominava esconder algo se não houvesse nenhuma verdadeira desgraça que pudesse justificar a falta de franqueza. E tentar reprimir sentimentos que não eram motivo de censura parecia para ela não só um esforço desnecessário, mas uma deplorável sujeição da razão às opiniões comuns e equivocadas. Willoughby pensava o mesmo, e o comportamento deles, em todos os momentos, era uma demonstração das suas opiniões.

Quando ele estava presente, ela não tinha olhos para mais ninguém. Tudo o que ele fazia estava certo. Tudo o que ele dizia era inteligente. Se as noites em Barton Park terminassem com cartas, ele trapaceava a si mesmo e a todo o resto do grupo para conseguir uma boa mão para ela. Se um baile fosse a diversão da noite, eram parceiros pela metade do tempo, e quando eram obrigados a se separar durante um par de músicas, tinham o cuidado de não se afastar e mal falavam uma palavra com qualquer outra pessoa. Essa conduta provocava muitas risadas, naturalmente, mas o ridículo não conseguia envergonhá-los e parecia incomodá-los muito pouco.

A senhora Dashwood concordava com os sentimentos dos dois com uma afeição que a levava a não controlar o comportamento exagerado deles. Para ela, era apenas a consequência natural de um forte sentimento em corações jovens e ardentes.

Foi uma época de felicidade para Marianne. Seu coração estava entregue a Willoughby, e o apego afetuoso a Norland, que trouxera consigo de Sussex, tinha mais chance de diminuir do que ela imaginara possível antes, em função do encanto que a amizade com ele conferia ao seu lar atual.

A felicidade de Elinor não era tão grande. Seu coração não estava tão à

vontade, nem sua satisfação com os entretenimentos era tão pura. Eles não proporcionavam nenhuma companhia que pudesse compensar o que deixara para trás, tampouco poderiam ensiná-la a pensar em Norland com menos pesar do que antes. Nem lady Middleton nem a senhora Jennings podiam oferecer a conversa de que tanto sentia falta, embora a última falasse sem parar e tivesse gostado muito de Elinor desde o começo, o que lhe assegurava grande parte de suas conversas. Ela já repetira a história de sua vida três ou quatro vezes e, se a memória de Elinor conseguisse acompanhar a maneira como a senhora Jennings aumentava suas lembranças, saberia desde o começo todos os detalhes da última doença do senhor Jennings e o que ele disse para a esposa poucos minutos antes de morrer. Lady Middleton era mais agradável que a mãe apenas por ser mais quieta. Elinor precisou de pouca observação para perceber que sua reserva era uma mera calma que não tinha nada a ver com a razão. Ela agia do mesmo modo com o marido e a mãe, e a intimidade, portanto, não era algo a ser buscado ou desejado. Ela não tinha nada para dizer em um dia que já não tivesse dito no anterior. Sua insipidez era invariável, pois até seu ânimo era sempre o mesmo. E embora não se opusesse às festas organizadas pelo marido, desde que todas as coisas fossem conduzidas com estilo e os dois filhos mais velhos a acompanhassem, nunca parecia sentir mais prazer do que poderia ter experimentado sentada em casa. Sua presença aumentava tão pouco o prazer dos outros, quando participava da conversa, que às vezes só se lembravam que estava presente em função da atenção que dedicava aos filhos irrequietos.

Apenas no coronel Brandon, de todos seus novos amigos, Elinor encontrava uma pessoa que, de algum modo, poderia afirmar que respeitava suas capacidades, despertava o interesse da amizade ou dava prazer como companhia. Willoughby estava fora de questão. Ele tinha toda a admiração e consideração fraternal dela, mas estava apaixonado. Toda sua atenção estava voltada para Marianne, e até um homem muito menos agradável poderia ser mais amável. O coronel Brandon, infelizmente para si mesmo, não tinha tal encorajamento para pensar apenas em Marianne e, conversando com Elinor, encontrou o maior consolo para a indiferença da irmã mais nova.

A compaixão de Elinor por ele aumentou, pois tinha motivos para suspeitar que ele já conhecera o sofrimento de uma decepção amorosa. Esta suspeita fora levantada por algumas palavras que ele acidentalmente

deixou escapar uma noite em Barton Park, quando estavam sentados juntos de comum acordo enquanto os outros dançavam. Os olhos dele estavam fixos em Marianne e, depois de um silêncio de alguns minutos, ele falou, com um sorriso fraco:

– Sua irmã, pelo que entendo, não concorda que alguém se apaixone uma segunda vez.

– Não – respondeu Elinor –, suas opiniões são todas românticas.

– Ou melhor, como acredito, ela considera impossível que tal coisa possa existir.

– Acredito que sim. Mas não sei como ela pensa isso sem refletir sobre o caráter do próprio pai, que teve duas esposas. Em alguns anos, no entanto, ela terá mudado de opinião com uma base razoável de bom senso e observação, e então poderão ser mais fáceis de definir e justificar do que agora, por qualquer outra pessoa a não ser ela mesma.

– Será provavelmente assim – ele respondeu – e, no entanto, há algo tão encantador nos preconceitos de uma mente jovem que sinto pena de vê-los dar lugar à recepção de opiniões mais gerais.

– Não posso concordar com o senhor nesse ponto – disse Elinor. – Há inconveniências em sentimentos como os da Marianne que todos os encantos do entusiasmo e da ignorância do mundo não podem compensar. Seu modo de pensar tem a desafortunada tendência de eliminar as boas maneiras, e espero que um melhor conhecimento do mundo proporcione grandes vantagens para ela.

Depois de uma breve pausa, ele retomou a conversa dizendo:

– Sua irmã faz distinção em suas objeções a um segundo amor ou isso é igualmente criminoso em todos os casos? Aqueles que se decepcionaram com sua primeira escolha, seja pela inconstância da pessoa amada, seja pela perversidade das circunstâncias, devem permanecer também indiferentes durante o resto da vida?

– Dou minha palavra de que não conheço as minúcias dos seus princípios. Apenas sei que nunca a ouvi admitir qualquer indulgência para uma segunda paixão.

– Isto – disse ele – não pode durar, mas uma mudança, uma mudança total de sentimentos? Não, não, não deseje isso, pois quando os refinamentos românticos de uma jovem alma são obrigados a ceder, com que frequência são substituídos por opiniões totalmente comuns e perigosas! Falo por experiência. Uma vez, conheci uma senhora que, em

termos de temperamento e ânimo, se parecia muito com sua irmã, que pensava e julgava como ela, mas que, por causa de uma mudança forçada, advinda de uma série de circunstâncias infelizes...

Aqui ele parou de repente, pareceu pensar que falara demais, e por seu semblante deu origem a conjecturas que de outro modo nunca teriam surgido na cabeça de Elinor. A menção da dama provavelmente teria passado sem suspeita, se ele não tivesse convencido a senhorita Dashwood de que aquilo não sairia de seus lábios. Da maneira como aconteceu, exigia apenas um ligeiro esforço de raciocínio para conectar sua emoção com a terna lembrança de um amor do passado. Elinor não insistiu mais. Mas Marianne, no lugar dela, não teria feito tão pouco. Uma história completa teria sido rapidamente criada por sua imaginação ativa, e tudo estabelecido na mais melancólica ordem de um amor desastroso.

Capítulo 12

Quando Elinor e Marianne estavam caminhando juntas na manhã seguinte, esta contou à irmã algo que, apesar de tudo que Elinor já conhecia da imprudência e falta de ideias de Marianne, surpreendeu-a pela demonstração extravagante de ambas. Marianne contou, com grande alegria, que Willoughby lhe dera um cavalo de presente, um que ele mesmo criara em sua propriedade em Somersetshire, e que fora treinado para ser montado por uma mulher. Sem considerar que não estava nos planos da mãe manter algum cavalo e que, se ela alterasse essa resolução por causa deste presente, deveria conseguir um cavaleiro e comprar outro cavalo para o criado e, no final, construir um estábulo para abrigá-los, Marianne aceitara o presente sem hesitação e, extasiada, contou isso para a irmã.

– Ele pretende enviar imediatamente seu cavaleiro para Somersetshire para trazê-lo – ela acrescentou –, e quando chegar vamos cavalgar todos os dias. Você também poderá usá-lo. Imagine, minha querida Elinor, o prazer de galopar por essas colinas.

Ela não estava disposta a despertar deste sonho de felicidade para compreender todas as verdades infelizes relacionadas ao caso e, por algum tempo, recusou-se a aceitá-las. Quanto a um criado adicional, a despesa seria pouca. Mamãe, ela tinha certeza, nunca se oporia a isso, e qualquer

cavalo seria suficiente para o criado . Ele poderia conseguir um em Barton Park. Quanto a um estábulo, o galpão mais simples seria suficiente. Elinor então se arriscou a duvidar se era correto receber esse presente de um homem que ela conhecia tão pouco, ou pelo menos por tão pouco tempo. Aquilo era demais.

– Você está errada, Elinor – ela disse de forma acalorada –, ao supor que conheço muito pouco a respeito de Willoughby. Não o conheço há muito tempo, é verdade, mas o conheço melhor do que qualquer outra pessoa do mundo, exceto você e mamãe. Não é tempo ou oportunidade que determinam a intimidade, é apenas a disposição. Sete anos seriam insuficientes para que algumas pessoas se conhecessem bem, e sete dias são mais que suficientes para outros. Eu deveria ser culpada de uma maior falta de decoro ao aceitar um cavalo de meu irmão do que de Willoughby. Eu conheço John muito pouco, apesar de termos vivido juntos por anos. Mas meu julgamento sobre Willoughby está formado há muito tempo.

Elinor achou mais sensato não voltar a tocar no assunto. Ela conhecia o temperamento da irmã. A oposição em um assunto tão delicado apenas a levaria a se aferrar mais à própria opinião. Mas com um apelo a seu amor pela mãe, apresentando os inconvenientes que essa mãe indulgente deveria aceitar, se (como seria provavelmente o caso) ela consentisse com esse aumento de gastos, Marianne foi logo subjugada e prometeu não forçar a mãe a concordar com um presente tão imprudente ao mencionar a oferta, e dizer a Willoughby, na próxima vez que o encontrasse, que deveria recusar o presente.

Ela foi fiel à sua palavra, e quando Willoughby veio até o chalé, no mesmo dia, Elinor ouviu como ela expressou em voz baixa sua decepção por ser obrigada a renunciar ao presente. Os motivos da recusa foram relatados naquele momento e foram manifestados de tal maneira a impossibilitar que ele insistisse. Contudo, a decepção dele ficou muito aparente e, depois de expressá-la com seriedade, ele acrescentou, com a mesma voz baixa:

– Mas, Marianne, o cavalo ainda é seu, mesmo que não possa tê-lo agora. Vou apenas guardá-lo até que você possa cuidar dele. Quando deixar Barton para se estabelecer em uma casa mais permanente, Queen Mab acompanhará você.

Tudo isso foi entreouvido pela senhorita Dashwood, e em toda a frase, na maneira que ele a pronunciou, e ao tratar sua irmã apenas pelo primeiro

nome, ela viu instantaneamente uma intimidade tão decidida, um significado tão direto, que marcava um acordo perfeito entre eles. A partir daquele momento, não duvidou que estavam comprometidos e apenas ficou surpresa que ela ou qualquer um dos amigos deles só descobrissem aquilo por acaso, levando em conta o temperamento tão franco dos dois.

Margaret contou algo a ela no dia seguinte que esclareceu ainda mais o assunto. Willoughby passara a noite anterior com elas, e Margaret, por ter ficado algum tempo no salão apenas com ele e Marianne, teve a oportunidade de observar algo que, com um rosto muito sério, comunicou à irmã mais velha, quando estavam sozinhas.

– Ah, Elinor! – ela falou, chorosa. – Tenho um segredo para contar sobre Marianne. Tenho certeza de que ela vai se casar com o senhor Willoughby em breve.

– Você disse isso – respondeu Elinor – quase todos os dias desde que eles se conheceram na Colina da Igreja do Alto, e não havia se passado nem uma semana, acredito, antes de você ter certeza de que Marianne levava o retrato dele em volta do pescoço, mas acabou sendo apenas a miniatura do nosso tio-avô.

– Mas, na verdade, isso é outra coisa. Estou certa de que estarão casados muito em breve, pois ele tem um cacho do cabelo dela.

– Cuidado, Margaret. Pode ser apenas o cabelo de algum tio-avô dele .

– Mas, Elinor, é realmente da Marianne. Tenho quase certeza de que é, pois vi quando ele o cortou. Na noite passada, depois do chá, quando você e a mamãe saíram da sala, eles estavam cochichando e conversando juntos muito rápido, e ele parecia estar implorando alguma coisa a ela, e de repente ele pegou a tesoura dela e cortou um longo cacho de cabelo que caía pelas costas. E ele o beijou, dobrou em um pedaço de papel branco e o colocou em sua carteira.

Diante de tais indícios, declarados com tamanha autoridade, Elinor não tinha como duvidar; tampouco estava disposta a isso, pois as circunstâncias estavam em perfeita consonância com o que ela própria vira e ouvira.

A sagacidade de Margaret nem sempre foi exibida de forma tão satisfatória para a irmã. Quando a senhora Jennings a assediou uma noite em Barton Park, pedindo que desse o nome do favorito de Elinor, algo que era há tempos uma grande curiosidade para a senhora, Margaret respondeu olhando para a irmã:

– Não devo dizer ou devo, Elinor?

Isso, obviamente, fez todo mundo rir, e Elinor tentou rir também. Mas o esforço foi doloroso. Ela estava convencida de que Margaret havia pensado em alguém cujo nome não poderia suportar com compostura caso virasse uma brincadeira constante da senhora Jennings.

Marianne sentiu uma pena sincera de Elinor, mas fez mais mal do que bem à causa, ficando muito vermelha e falando de maneira um tanto irritada para Margaret:

– Lembre-se de que, independentemente de suas conjecturas, você não tem o direito de repeti-las.

– Nunca conjecturei sobre isso – respondeu Margaret. – Foi você mesma que me contou.

Isso fez com que todos rissem mais ainda, e Margaret foi pressionada a dizer algo mais.

– Ah! Diga, senhorita Margaret, conte-nos tudo que sabe – pediu a senhora Jennings. – Qual é o nome do cavalheiro?

– Não devo contar, senhora. Mas eu sei muito bem qual é e também sei onde ele está.

– Sim, sim, podemos adivinhar onde ele está; na sua casa em Norland, com certeza. Ele é o responsável pela paróquia, ousa dizer.

– Não, isso ele não é. Ele não tem nenhuma profissão.

– Margaret – disse Marianne com veemência –, você sabe que tudo isso é invenção sua e que tal pessoa não existe.

– Bem, então, ele deve ter morrido recentemente, Marianne, pois tenho certeza de que já houve tal homem, e seu nome começa com F.

Elinor sentiu-se muito grata a lady Middleton por ter observado, naquele momento, “que chovia muito”, embora acreditasse que a interrupção viesse menos de qualquer atenção para ela do que do grande desagrado de sua senhoria com essas provocações tão deselegantes que deleitavam o marido e a mãe. A ideia, no entanto, iniciada por ela, foi imediatamente continuada pelo coronel Brandon, que estava sempre atento aos sentimentos dos outros. E muito foi dito por ambos sobre a chuva. Willoughby abriu o piano e pediu a Marianne que o tocasse. Assim, em meio aos vários esforços de diferentes pessoas para abandonar o tema, este foi deixado de lado. Mas Elinor não se recuperou com tanta facilidade da inquietação que o assunto havia despertado nela.

Naquela noite, um grupo foi formado para visitar no dia seguinte um

lugar muito bonito a cerca de 20 quilômetros de Barton, pertencente a um cunhado do coronel Brandon, sem cuja presença não poderia ser visitado, segundo ordens explícitas do proprietário, que estava no exterior. Disseram que a propriedade era muito bonita, e *sir* John, que era particularmente caloroso em seus elogios, poderia ser um juiz tolerável, pois tinha formado grupos para visitá-lo pelo menos duas vezes por verão nos últimos dez anos. Tinha uma boa quantidade de água e um passeio de barco seria uma grande parte da diversão da manhã. Provisões frias deveriam ser levadas, apenas carruagens abertas deveriam ser usadas e todas as coisas seriam conduzidas no estilo usual de um passeio muito prazeroso.

Para algumas pessoas do grupo, parecia um empreendimento ousado, considerando a época do ano, e que chovera todos os dias durante a última quinzena, e a senhora Dashwood, que já estava resfriada, foi convencida por Elinor a ficar em casa.

Capítulo 13

A excursão planejada a Whitwell acabou sendo muito diferente do que Elinor esperara. Ela estava preparada para ficar molhada, cansada e assustada. Mas o evento foi ainda mais infeliz, pois eles nem foram.

Às dez horas, todo o grupo estava reunido em Barton Park, onde tomaram o café da manhã. A manhã indicava que o clima seria bom, embora tivesse chovido a noite toda, já que as nuvens se dispersavam pelo céu e o sol aparecia com frequência. Todos estavam animados e com bom humor, ansiosos para se divertir e determinados a se submeter às maiores inconveniências e dificuldades para que não se sentissem de outra maneira.

Enquanto estavam tomando o café da manhã, chegaram as cartas. Entre elas, havia uma para o coronel Brandon. Ele pegou-a, olhou o remetente, mudou de cor e saiu imediatamente da sala.

– Qual é o problema com Brandon? – perguntou *sir* John.

Ninguém sabia.

– Espero que não tenha recebido nenhuma má notícia – disse lady Middleton. – Deve ser algo extraordinário para obrigar o coronel Brandon a deixar minha mesa de café tão de repente.

Em cerca de cinco minutos, ele voltou.

– Nenhuma má notícia, coronel, espero – disse a senhora Jennings, assim que ele entrou na sala.

– Nenhuma, senhora, obrigado.

– Era de Avignon? Espero que não seja para dizer que sua irmã piorou.

– Não, senhora. Veio da cidade e é apenas uma carta de negócios.

– Mas por que o deixou tão abalado, se é apenas uma carta de negócios? Vamos lá, isso não está certo, coronel, conte-nos a verdade.

– Querida senhora – disse lady Middleton –, perceba o que está dizendo.

– Talvez seja para lhe dizer que sua prima Fanny se casou? – perguntou a senhora Jennings, sem prestar atenção à repreensão da filha.

– Não, realmente, não é.

– Bem, então, eu sei de quem é, coronel. E espero que ela esteja bem.

– De quem está falando, senhora? – disse ele, ruborizando-se.

– Ah, o senhor sabe de quem estou falando.

– Sinto muito, madame – disse ele, dirigindo-se a lady Middleton –, que eu tenha recebido esta carta hoje, pois é um assunto que exige minha presença imediata na cidade.

– Na cidade! – exclamou a senhora Jennings. – O que o senhor precisaria fazer na cidade nesta época do ano?

– Minha perda é grande – continuou ele – sendo obrigado a deixar um grupo tão agradável, mas estou ainda mais preocupado, pois temo que minha presença seja necessária para que sejam admitidos em Whitwell.

Que golpe foi aquilo sobre todos!

– Mas se o senhor escrever um bilhete para o caseiro, coronel – disse Marianne, ansiosa –, não será suficiente?

Ele balançou a cabeça.

– Precisamos ir – disse *sir* John. – Não devemos adiar quando estamos prestes a partir. Não vá à cidade antes de amanhã, Brandon. Está decidido.

– Gostaria que isso pudesse ser resolvido tão facilmente. Mas não está em meu poder adiar minha viagem por um dia!

– Se o senhor ao menos nos contasse que negócio é esse – disse a senhora Jennings –, poderíamos ver se pode ser adiado ou não.

– O senhor não se atrasaria nem seis horas – disse Willoughby – se adiasse sua viagem até nosso retorno.

– Não posso perder nem uma hora.

Então, Elinor ouviu Willoughby dizer, em voz baixa, para Marianne:

– Algumas pessoas não aguentam a diversão. Brandon é uma delas. Ele estava com medo de se resfriar, ousou dizer, e inventou esse truque para escapar. Aposto cinquenta guinéus que ele mesmo escreveu a carta.

– Não tenho dúvida disso – respondeu Marianne.

– Não há como persuadi-lo a mudar de ideia, Brandon – disse *sir John* –, quando você está determinado a fazer algo, sei disso há muito tempo. No entanto, espero que você pense melhor. Considere que aqui estão as duas senhoritas Carey, que vieram de Newton, as três senhoritas Dashwood, que caminharam do chalé, e o senhor Willoughby, que se levantou duas horas antes do horário habitual, com o propósito de ir para Whitwell.

O coronel Brandon repetiu sua tristeza por ser o motivo da decepção do grupo, mas, ao mesmo tempo, declarou que era inevitável.

– Bem, então, quando você voltará?

– Espero que possamos vê-lo em Barton – acrescentou lady Middleton – assim que lhe for conveniente deixar a cidade. E devemos adiar a visita para Whitwell até o senhor retornar.

– Vocês são muito amáveis. Mas é tão incerto, não sei quando vou retornar e não me atrevo a prometer nada.

– Ah! Ele deve e vai voltar – exclamou *sir John*. – Se ele não estiver aqui no final da semana, irei atrás dele.

– Sim, faça isso, *sir John* – falou a senhora Jennings –, e então talvez o senhor descubra que negócio é esse.

– Não quero me intrometer nos assuntos de outro homem. Imagino que seja algo de que ele tenha vergonha.

Foi anunciado que os cavalos do coronel Brandon estavam prontos.

– Você não vai à cidade a cavalo, não é? – acrescentou *sir John*.

– Não. Somente até Honiton. Lá, devo pegar uma diligência postal.

– Bem, como está decidido a ir, desejo-lhe uma boa viagem. Mas seria melhor se mudasse de ideia.

– Asseguro que não está em meu poder.

Ele então se despediu do grupo.

– Não há chance de ver a senhorita e suas irmãs na cidade neste inverno, senhorita Dashwood?

– Infelizmente, nenhuma.

– Então devo me despedir por mais tempo do que desejaria.

Para Marianne, ele apenas fez uma reverência e não disse nada.

– Por favor, coronel – disse a senhora Jennings –, antes de ir, conte-nos

por que está partindo.

Ele desejou-lhe um bom-dia e, acompanhado por *sir* John, saiu da sala.

As queixas e lamentações que a cortesia até então tinham impedido explodiram agora entre eles e todos concordaram várias vezes o quanto era irritante ficarem tão decepcionados.

– Posso adivinhar qual é o negócio dele – disse a senhora Jennings, de maneira exultante.

– Pode, senhora? – disse quase todo mundo.

– Posso. Tem a ver com a senhorita Williams, tenho certeza.

– E quem é a senhorita Williams? – perguntou Marianne.

– O quê, a senhorita não sabe quem é a senhorita Williams? Estou certa de que já ouviu falar dela. É uma parente do coronel, minha querida, uma parente muito próxima. Não diremos a proximidade, por medo de chocar as jovens damas – então, baixando um pouco a voz, disse a Elinor: – É a filha natural dele.

– É mesmo!

– Ah, sim, e é muito parecida com ele. Ouso dizer que o coronel vai deixar a fortuna toda para ela.

Quando *sir* John voltou, ele juntou-se com grande entusiasmo à tristeza geral por um evento tão infeliz, observando, no entanto, que, como todos já estavam ali, deveriam fazer algo para se alegrarem. E depois de algum debate, concordaram que, apesar de só poderem ficar felizes se fossem a Whitwell, poderiam encontrar um estado de espírito tolerável fazendo um passeio pelo campo. As carruagens foram então pedidas. A de Willoughby chegou primeiro e Marianne nunca pareceu mais feliz do que quando subiu nela. Ele a conduziu muito rápido por Barton Park, e logo desapareceram. Só foram vistos quando voltaram, o que ocorreu depois que todos os outros já tinham retornado. Ambos pareciam encantados com o passeio, mas disseram apenas em termos gerais que tinham permanecido nas estradas, enquanto os outros tinham passeado pelas colinas.

Foi decidido que deveria haver um baile à noite e todos deveriam ficar muito alegres durante todo o dia. Mais alguns dos Carey vieram para jantar, e os Middleton tiveram o prazer de sentar quase 20 pessoas à mesa, o que *sir* John observou com grande satisfação. Willoughby sentou-se em seu lugar habitual entre as duas senhoritas Dashwood mais velhas. A senhora Jennings sentou-se à direita de Elinor; e não estavam sentados havia muito tempo quando a senhora se inclinou por trás de Elinor e de

Willoughby e disse para Marianne, alto o suficiente para que os dois ouvissem:

– Eu descobri, apesar de todos os seus truques. Sei onde vocês passaram a manhã.

Marianne ficou vermelha e respondeu muito apressadamente:

– Onde, ora?

– A senhora não sabia – disse Willoughby – que estávamos na minha carruagem?

– Sim, sim, senhor Insolente, sei muito bem, e estava decidida a descobrir onde vocês estiveram. Espero que goste da sua casa, senhorita Marianne. É muito grande, eu sei, e quando eu for visitá-la, espero que a tenha redecorado, pois ela já precisava muito de mudanças quando estive lá há seis anos.

Marianne virou-se, muito confusa. A senhora Jennings riu muito e Elinor descobriu que, em sua determinação em saber onde eles tinham ido, ela realmente fizera sua criada consultar o criado do senhor Willoughby e que, por esse método, fora informada de que os dois tinham ido até Allenhurst e passaram um tempo considerável ali, caminhando pelo jardim e visitando toda a casa.

Elinor não podia acreditar que aquilo fosse verdade, pois parecia muito improvável que Willoughby pudesse propor, ou que Marianne aceitasse, que eles entrassem na casa enquanto a senhora Smith, justo com quem Marianne não tinha nenhuma relação, estava nela.

Assim que saíram da sala de jantar, Elinor indagou a Marianne sobre isso, e grande foi sua surpresa quando descobriu que tudo que a senhora Jennings relatara era verdade. Marianne estava bastante brava com ela por duvidar disso.

– Por que você deveria imaginar, Elinor, que não fomos para lá ou que não vimos a casa? Não é o que você mesma sempre quis fazer?

– Sim, Marianne, mas eu não iria enquanto a senhora Smith estivesse lá, e sem outra companhia a não ser o senhor Willoughby.

– No entanto, o senhor Willoughby é a única pessoa que pode ter o direito de mostrar aquela casa, e como estávamos em uma carruagem aberta, era impossível ter outra companhia. Nunca passei uma manhã mais agradável na minha vida.

– Infelizmente – respondeu Elinor – o prazer de uma ação nem sempre evidencia sua correção.

– Pelo contrário, nada pode ser uma prova mais forte disso, Elinor, pois se houvesse alguma incorreção real no que fiz, eu deveria ter sentido isso na hora, pois sempre sabemos quando estamos agindo de maneira errada, e com tamanha convicção que não poderia ter sentido nenhum prazer.

– Mas, minha querida Marianne, já que isso a expôs a algumas observações muito impertinentes, não começa agora a duvidar da descrição de sua própria conduta?

– Se as observações impertinentes da senhora Jennings devem ser a prova da incorreção na conduta, somos todos pecadores em todos os momentos de nossa vida. Eu não valorizo a censura dela mais do que deveria valorizar seu elogio. Não sinto que fiz nada de errado ao caminhar pelos jardins da senhora Smith ou em visitar sua casa. Um dia, eles serão do senhor Willoughby, e...

– Mesmo se um dia eles forem seus, Marianne, isso não justificaria o que você fez.

A jovem corou com essa sugestão, mas era algo visivelmente gratificante para ela, e depois de um intervalo de dez minutos de reflexão séria, voltou a falar com a irmã e disse com muito bom humor:

– Talvez, Elinor, tenha sido equivocado ir a Allenhurst, mas o senhor Willoughby queria muito me mostrar o lugar, e é uma casa encantadora, posso assegurar. Há uma sala de estar bastante bonita subindo as escadas, de um tamanho agradável e confortável para uso diário, e com móveis modernos ela seria encantadora. É uma sala de canto e tem janelas dos dois lados. De um lado você vê um gramado para jogos, que se estende atrás da casa até um lindo bosque, e do outro lado temos uma visão da igreja e da vila e, além delas, daquelas colinas bem altas que admiramos tantas vezes. Não gostei muito da sala, pois nada poderia ser mais desanimador do que os móveis, mas, se fosse redecorada, algumas centenas de libras – diz Willoughby – fariam dela um dos mais agradáveis salões de verão de toda Inglaterra.

Se Elinor pudesse ouvi-la sem a interrupção dos outros, Marianne teria descrito cada quarto na casa com o mesmo prazer.

Capítulo 14

O fim súbito da visita do coronel Brandon a Barton Park, somado à

firmeza com que ocultou sua causa, encheu a mente e alimentou a imaginação da senhora Jennings por dois ou três dias. Ela era uma grande questionadora, como devem ser todos que tenham um interesse vivo nas idas e vindas de todos os conhecidos. Ela se perguntava o tempo todo qual poderia ser o motivo daquilo; tinha certeza de que havia alguma má notícia e pensava em todo tipo de desgraça que poderia ter acontecido com ele, com a determinação fixa de que o coronel não escaparia de todas.

– Algo muito triste deve ter acontecido, tenho certeza – disse ela. – Pude ver isso em seu rosto. Pobre homem! Receio que a situação dele seja ruim. A propriedade em Delaford nunca rendeu mais de 2 mil libras por ano, e seu irmão deixou tudo tristemente complicado. Acho que ele deve ter sido chamado por questões de dinheiro, o que mais pode ser? Fico pensando se é isso. Eu daria qualquer coisa para saber a verdade. Talvez tenha a ver com a senhorita Williams e, diga-se de passagem, ele pareceu muito consciencioso quando a mencionei. Talvez ela esteja doente na cidade. É o mais provável de tudo, pois sei que ela está sempre bastante doente. Apostaria qualquer coisa que isso tem a ver com a senhorita Williams. Não é muito provável que ele tenha problemas financeiros agora, pois é um homem muito prudente, e tenho certeza de que já teria resolvido o problema da propriedade a essa altura. Pergunto-me o que pode ser! Pode ser que sua irmã esteja pior em Avignon e o tenha chamado. Sua partida tão apressada parece ter a ver com isso. Bem, desejo com todo meu coração que ele resolva todos seus problemas e ainda encontre uma boa esposa.

Era o que pensava e dizia a senhora Jennings. A opinião dela variava com cada nova conjectura, e todas pareciam igualmente prováveis à medida que surgiam. Elinor, apesar de se sentir interessada no bem-estar do coronel Brandon, não podia pensar tanto em sua partida tão repentina quanto a senhora Jennings desejava que fizesse; pois, apesar de, em sua opinião, a circunstância não justificar tanto espanto ou variedade de especulação, ela deixou os questionamentos de lado. Sua curiosidade estava mais voltada para o extraordinário silêncio de sua irmã e Willoughby sobre o que acontecia entre os dois, que deveriam perceber que interessava muito a todos. À medida que o silêncio continuava, parecia a cada dia mais estranho e mais incompatível com a disposição de ambos. Elinor não conseguia imaginar por que eles não reconheciam abertamente para a mãe e para ela o que o constante comportamento entre

eles já demonstrava.

Ela poderia entender com facilidade que eles não podiam se casar imediatamente, pois se Willoughby era independente, não havia motivo para acreditar que fosse rico. Sua renda tinha sido avaliada por *sir* John em cerca de seiscentas ou setecentas libras por ano, mas as despesas dele eram muito superiores a tal renda, e o próprio jovem já havia se queixado de sua pobreza. No entanto, Elinor não podia explicar esse estranho sigilo mantido por eles em relação ao compromisso entre os dois, pois na verdade ele não escondia coisa alguma e era tão completamente contraditório com suas opiniões e práticas gerais que às vezes duvidava se estavam mesmo comprometidos, e essa dúvida era suficiente para impedir que fizesse qualquer pergunta a Marianne.

Nada poderia ser mais expressivo da prova do compromisso para todos eles do que o comportamento de Willoughby. Ele demonstrava por Marianne toda a ternura distinta que o coração de um namorado poderia dar, e para o resto da família era a atenção carinhosa de um filho e de um irmão. O chalé parecia ser considerado e amado por ele como sua casa; ele passava mais horas lá do que em Allenhurst, e se nenhum compromisso os levasse a Barton Park, a cavalgada que fazia pela manhã quase certamente terminava no chalé, onde passava o resto do dia ao lado de Marianne, com o cão de caça favorito aos pés dela.

Uma noite em particular, cerca de uma semana depois que o coronel Brandon partiu, seu coração parecia mais aberto do que o normal a todo sentimento de apego aos objetos ao seu redor, e quando a senhora Dashwood mencionou seu desejo de fazer melhorias no chalé na primavera, ele se opôs fortemente a todas as alterações de um lugar que o afeto havia estabelecido como perfeito para ele.

– O quê! – ele exclamou. – Melhorar este querido chalé! Não. Nunca consentirei isso. Nem uma pedra deve ser adicionada a essas paredes, nem um centímetro ao seu tamanho, se meus sentimentos forem considerados.

– Não se assuste – disse a senhorita Dashwood –, nada do tipo será feito, pois minha mãe nunca terá dinheiro suficiente para tentar fazer isso.

– Fico muito feliz – ele exclamou. – Que ela sempre seja pobre, se não puder usar suas riquezas em algo melhor.

– Obrigada, Willoughby. Mas pode ter certeza de que eu não sacrificaria um sentimento de apego seu por esta casa ou de qualquer pessoa que amo, por todas as reformas no mundo. A reforma depende do que restará quando

eu fizer minhas contas na primavera. E preferiria deixar o dinheiro sem uso a gastá-lo em algo tão doloroso para o senhor. Mas sente-se mesmo tão ligado a este lugar a ponto de não ver nenhum defeito nele?

– Sinto – respondeu ele. – Para mim, é perfeito. Não, mais do que isso, considero-o como a única forma de construção na qual a felicidade pode ser alcançada, e se eu fosse rico o bastante, derrubaria imediatamente Combe e a reconstruiria exatamente como esse chalé.

– Com escadas escuras e estreitas e uma cozinha que fica cheia de fumaça, suponho – disse Elinor.

– Sim – exclamou com o mesmo tom ansioso –, com tudo e cada coisa que pertence a ele, com todos os convenientes e inconvenientes, sem a menor variação perceptível. Então, e só então, sob um telhado como este, eu talvez me sentisse tão feliz em Combe como tenho sido em Barton.

– Fico lisonjeada – respondeu Elinor – que, mesmo sob a desvantagem de melhores salas e uma escada mais ampla, o senhor considerará, a partir de agora, sua própria casa tão impecável quanto acha o nosso chalé.

– Certamente, há circunstâncias – disse Willoughby – que poderiam deixá-lo ainda mais encantador, mas este lugar sempre terá uma parcela do meu carinho que nenhum outro pode compartilhar.

A senhora Dashwood olhou com prazer para Marianne, cujos belos olhos estavam fixos de forma tão expressiva em Willoughby, mostrando claramente como ela o entendia.

– Com que frequência eu desejei – acrescentou ele –, quando estava em Allenhurst no ano passado, que o chalé de Barton estivesse habitado! Nunca passei por perto sem admirar sua localização e lamentava por ninguém morar aqui. Nunca pensei, então, que a primeira novidade que iria ouvir da senhora Smith, quando cheguei ao condado, seria que a casa de Barton estava ocupada. E senti uma satisfação e um interesse imediatos, os quais só podem ser explicados por alguma espécie de premonição da felicidade que experimentaria aqui. Não deve ter sido assim, Marianne? – falando com ela em uma voz baixa. Então, continuando com o tom normal: – E, ainda assim, a senhora estragaria essa casa, senhora Dashwood? A senhora roubaria sua simplicidade por uma melhoria imaginária! E esta querida sala, na qual nossa amizade começou e na qual tantas horas felizes passamos juntos desde então, a senhora degradaria à condição de uma entrada comum, e todos ficariam ansiosos por atravessar a sala que até então contivera dentro de si mais conforto e

acolhimento do que qualquer outro aposento de dimensões muito mais amplas jamais poderia proporcionar.

A senhora Dashwood assegurou mais uma vez que nenhuma alteração do tipo seria feita.

– A senhora é uma boa mulher – ele respondeu calorosamente. – Sua promessa me deixa mais tranquilo. Estenda-a um pouco mais e isso me deixará feliz. Diga-me que não só a sua casa permanecerá a mesma, mas que eu sempre a encontrarei, assim como sua família, inalterada como sua residência, e que sempre me tratará com a bondade que fez com que tudo que é seu seja tão amado por mim.

A promessa foi prontamente feita, e o comportamento de Willoughby durante toda a noite demonstrou seu afeto e sua felicidade.

– Vamos vê-lo amanhã para jantar? – perguntou a senhora Dashwood quando ele estava indo embora. – Não peço que venha pela manhã, pois devemos caminhar até Barton Park, para visitar lady Middleton.

Ele se comprometeu a estar com elas às quatro horas.

Capítulo 15

A visita da senhora Dashwood a lady Middleton aconteceu no dia seguinte, e duas de suas filhas a acompanharam, mas Marianne pediu licença de se juntar ao grupo com o pretexto banal de alguma atividade; e sua mãe, que concluiu que uma promessa fora feita por Willoughby, na noite anterior, de visitá-la enquanto o resto da família estivesse ausente, ficou perfeitamente satisfeita com que ela ficasse em casa.

Ao voltar de Barton Park, elas encontraram a carruagem e o criado de Willoughby esperando no chalé, e a senhora Dashwood ficou convencida de que sua conjectura tinha sido correta. Até agora, tudo estava como ela previra, mas, ao entrar em casa, ela viu algo que nunca teria esperado. Assim que chegaram ao corredor, Marianne saiu da sala com pressa, aparentemente com uma aflição violenta, com o lenço nos olhos; e, sem notá-las, subiu correndo a escada. Surpresas e alarmadas, elas entraram diretamente na sala da qual Marianne acabara de sair, onde encontraram apenas Willoughby, que estava recostado na lareira, de costas para elas. Ele virou-se quando elas chegaram, e seu semblante mostrava que compartilhava da mesma forte emoção que dominava Marianne.

– Ela está com algum problema? – perguntou a senhora Dashwood quando entrou. – Está doente?

– Espero que não – ele respondeu, tentando parecer alegre, e acrescentou com um sorriso forçado: – Sou eu que posso esperar ficar doente, pois estou sofrendo agora com uma decepção muito forte.

– Decepção?

– Sim, pois não posso manter meu compromisso com vocês. A senhora Smith, nesta manhã, exerceu o privilégio dos ricos sobre um primo pobre e dependente, enviando-me a negócios para Londres. Acabei de receber minhas incumbências e me despedi de Allenham. E, agora, venho sem nenhuma satisfação me despedir de vocês.

– Para Londres! E você vai nesta manhã?

– Quase imediatamente.

– Isso é muito triste. Mas a senhora Smith deve ter suas razões, e os negócios dela não impedirão que fique longe de nós por muito tempo, espero.

Ele corou ao responder:

– A senhora é muito gentil, mas não sei se poderei voltar logo para Devonshire. Minhas visitas à senhora Smith só ocorrem a cada doze meses.

– E a senhora Smith é sua única amiga? Allenham é a única casa na região em que você é bem-vindo? Que vergonha, Willoughby, pensar que precisa de um convite para nos visitar aqui!

Ele ficou ainda mais corado e, com os olhos fixos no chão, respondeu:

– A senhora é muito boa.

A senhora Dashwood olhou para Elinor com surpresa. Elinor sentiu o mesmo espanto. Por alguns instantes, todos ficaram em silêncio. A senhora Dashwood falou primeiro.

– Só posso acrescentar, meu querido Willoughby, que você sempre será muito bem-vindo no chalé de Barton. Não vou pressioná-lo a retornar de imediato, pois só você pode julgar o quanto isso poderia agradar a senhora Smith, e por isso não questionarei seu julgamento mais do que duvidarei de seu interesse.

– Meus compromissos no presente – respondeu Willoughby, confuso – são de tal natureza... que... não me atrevo a me lisonjear...

Ele parou. A senhora Dashwood estava atônita demais para falar, e outra pausa aconteceu. Foi interrompida por Willoughby, que falou com um leve

sorriso:

– É loucura continuar dessa maneira. Não vou me atormentar mais permanecendo entre amigas cuja companhia não posso aproveitar agora.

Ele então se despediu de todas e saiu da sala. Elas viram-no entrar em sua carruagem que, em um minuto, desapareceu.

A senhora Dashwood estava emocionada demais para falar e deixou a sala imediatamente para, sozinha, pensar na preocupação e no alarme que essa súbita partida havia ocasionado.

A inquietação de Elinor era no mínimo igual à da mãe. Ela pensou no que acabara de acontecer com ansiedade e desconfiança. O comportamento de Willoughby ao deixá-las, seu constrangimento e alegria fingida e, acima de tudo, a falta de vontade de aceitar o convite de sua mãe, uma hesitação tão pouco comum em um jovem apaixonado, tão diferente de como ele normalmente agia, a perturbaram muito. Por um momento, temeu que ele não tivesse nenhuma intenção séria e, no seguinte, que houvesse ocorrido uma briga infeliz entre ele e sua irmã. A angústia com que Marianne tinha deixado a sala era tamanha que uma briga séria poderia explicar a situação, embora, quando ela considerava o amor de Marianne por ele, uma discussão parecia quase impossível.

Mas, não importavam quais fossem os detalhes da separação deles, a aflição da irmã era indubitável, e ela pensou com a mais terna compaixão na tristeza violenta à qual Marianne provavelmente não se entregava apenas por alívio, mas à qual alimentava e estimulava como um dever.

A mãe reapareceu meia hora depois e, apesar de seus olhos estarem vermelhos, não aparentava tristeza.

– Nosso querido Willoughby está agora a alguns quilômetros de Barton, Elinor – disse ela, enquanto se sentava para trabalhar – e com que coração pesado deve estar viajando?

– É tudo muito estranho. Ir embora tão de repente! Parece ter sido algo de última hora. Ontem à noite ele estava conosco tão feliz, tão alegre, tão afetuoso... E agora, avisando-nos apenas dez minutos antes, partiu sem a intenção de retornar! Algo mais do que ele nos contou deve ter acontecido. Ele não falou, não se comportou como sempre. A senhora deve ter visto a diferença tanto quanto eu. O que pode ser? Eles podem ter brigado? Por qual outro motivo ele teria mostrado tanta falta de disposição para aceitar seu convite para que ficasse aqui?

– Não era falta de disposição, Elinor, pude ver isso de maneira clara. Ele

não tinha o poder de aceitar. Eu pensei muito nisso, lhe asseguro, e posso explicar perfeitamente tudo que, a princípio, me pareceu tão estranho quanto para você.

– Pode mesmo?

– Posso. Expliquei para mim mesma de uma maneira muito satisfatória; mas você, Elinor, que ama duvidar sempre que pode, não vai ficar satisfeita, eu sei, mas não vai me convencer de que não estou certa. Estou convencida de que a senhora Smith suspeita dos sentimentos dele por Marianne, desaprova (talvez porque tenha outras intenções para ele) e, por essa razão, está ansiosa para tirá-lo daqui; e que os negócios que ela o mandou fazer foram inventados como uma desculpa para mandá-lo embora. Isto é o que acredito que tenha acontecido. Ele, além disso, sabe que ela não aprova a união, não ousando, portanto, confessar no momento seu compromisso com Marianne, e sente-se obrigado, por sua situação de dependência, a aceitar os planos dela e se ausentar de Devonshire por um tempo. Você vai me dizer, eu sei, que isso pode ou não pode ter acontecido, mas não ouvirei nenhuma crítica, a menos que você possa indicar qualquer outra compreensão tão satisfatória do caso. E agora, Elinor, o que tem a dizer?

– Nada, pois a senhora antecipou minha resposta.

– Então você teria me dito que isso poderia ou não ter acontecido. Ah, Elinor, seus sentimentos são tão incompreensíveis! Você prefere dar crédito ao mal do que ao bem. Você prefere procurar a desgraça de Marianne e a culpa do pobre Willoughby a achar uma desculpa para ele. Está decidida a achá-lo culpado, porque ele se despediu de nós com menos carinho do que o demonstrado por seu comportamento habitual. E não se deve fazer concessões a inadvertências ou aos espíritos deprimidos pela decepção recente? Não há probabilidades a serem aceitas, apenas por que não são certezas? Não devemos dar crédito ao homem que temos todas as razões para amar e nenhuma no mundo para pensar mal? À possibilidade de motivos sem resposta, ainda que inevitavelmente secretos por algum tempo? E, afinal, o que você suspeita em relação a ele?

– Eu mesma quase não consigo entender. Mas a suspeita de algo desagradável é a consequência inevitável de tal alteração que acabamos de presenciar nele. Há grande verdade, no entanto, nas concessões que a senhora pediu que fossem feitas, e é meu desejo ser amável em meu julgamento das pessoas. Willoughby pode, sem dúvida, ter razões

suficientes para sua conduta, e espero que tenha. Mas teria sido mais do feitiço dele que as reconhecesse de imediato. O sigilo pode ser aconselhável mas, ainda assim, não posso deixar de me questionar por que ele o praticou.

– Não o culpe, no entanto, por se afastar de seu caráter, quando o desvio é necessário. Mas você admite mesmo a justiça do que eu disse em defesa dele? Estou feliz, e ele foi absolvido.

– Não por completo. Pode ser apropriado esconder o compromisso deles (se estão mesmo comprometidos) da senhora Smith e, se for este o caso, deve ser muito conveniente para Willoughby ficar pouco tempo em Devonshire no momento. Mas não é uma desculpa para esconder essa questão de nós.

– Esconder isso de nós! Minha querida filha, você acusa Willoughby e Marianne de dissimulação? Isso é realmente estranho, quando seus olhos os reprovaram todos os dias pela falta de cautela.

– Não quero nenhuma prova da afeição deles – disse Elinor –, mas, sim, do compromisso.

– Estou bastante satisfeita com ambos.

– No entanto, nenhum dos dois falou uma palavra sobre o assunto com a senhora.

– Não quero palavras quando as ações falaram de maneira tão clara. O comportamento dele com Marianne e com todas nós, pelo menos durante a última quinzena, não declarou que ele a amava e a considerava sua futura esposa, e que sentia por nós o apego da relação mais próxima? Nós não nos entendemos perfeitamente? O meu consentimento não foi pedido por ele todos os dias por seu olhar, seus modos, seu respeito atencioso e afetuoso? Minha Elinor, é possível duvidar do compromisso entre eles? Como poderia pensar nisso? Como supõe que Willoughby, convencido como deve estar do amor de sua irmã, deveria deixá-la, e deixá-la talvez por meses, sem lhe contar de seu afeto? Acha que iriam se separar sem uma troca mútua de confidências?

– Confesso – respondeu Elinor – que todas as circunstâncias, exceto uma, estão a favor do compromisso entre eles, mas essa circunstância é o total silêncio de ambos sobre o assunto, e para mim, ela quase supera todas as outras.

– Que estranho! Você deve pensar muito mal de Willoughby, se, depois de tudo que aconteceu abertamente entre eles, ainda pode duvidar da

natureza dos termos que os unem. Ele estava enganando sua irmã todo esse tempo? Acha que ele é mesmo indiferente a ela?

– Não, não posso pensar isso. Ele a ama, com certeza.

– Mas com um tipo estranho de ternura, se ele pode deixá-la com tanta indiferença, tanto descuido em relação ao futuro, como você atribui a ele.

– Você deve se lembrar, querida mãe, de que nunca considerei esse assunto como certo. Tive minhas dúvidas, devo confessar, mas elas são mais fracas do que antes e podem ser completamente extintas em breve. Se descobrirmos que estão trocando correspondências, todos meus medos serão eliminados.

– Uma concessão poderosa, de fato! Se os visse no altar, você iria imaginar que estariam se casando. Garota indelicada! Mas não exijo tal prova. Nada na minha opinião jamais justificou a dúvida, eles não tentaram manter nenhum sigilo, os dois foram igualmente abertos e sem reservas. Você não pode duvidar dos desejos da sua irmã. Deve suspeitar do Willoughby, portanto. Mas por quê? Ele não é um homem de honra e sentimento? Houve alguma inconsistência da parte dele para causar apreensão? Ele pode ser um enganador?

– Espero que não, acredito que não – exclamou Elinor. – Amo Willoughby, amo-o sinceramente, e a suspeita de sua integridade não pode ser mais dolorosa para a senhora do que para mim. Foi involuntário e não vou encorajar tal sentimento. Fiquei chocada, confesso, com a alteração em suas maneiras nesta manhã, ele não falou da maneira habitual e não retribuiu sua gentileza com qualquer cordialidade. Mas tudo isso pode ser explicado pela situação das questões que a senhora supôs. Ele acabara de se despedir da minha irmã, vira como ela o deixou na maior aflição, e caso tenha se sentido obrigado, por medo de ofender a senhora Smith, a resistir à tentação de voltar aqui em breve, mesmo sabendo que ao recusar seu convite, dizendo que iria embora por algum tempo, que pareceria estar fazendo um papel mesquinho e suspeito para nossa família, ele poderia muito bem estar apenas envergonhado e perturbado. Neste caso, creio que uma declaração simples e aberta de suas dificuldades teria feito mais pela sua honra e também seria mais consistente com seu caráter geral. Mas não levantarei objeções contra a conduta de ninguém com uma base tão injustificada como uma diferença no meu julgamento ou um desvio do que eu possa pensar como correto e consistente.

– O que você fala está correto. Willoughby certamente não merece a

suspeita. Apesar de não o conhecermos há muito tempo, ele não é um estranho nesta parte do mundo; e quem já falou mal dele? Se estivesse em condições de agir de maneira independente e se casar logo, poderia ter sido estranho que ele nos deixasse sem reconhecer tudo isso para mim. Mas este não é o caso. É um compromisso que, em alguns aspectos, não começou bem, pois o casamento deve estar a uma distância incerta, e até mesmo o sigilo, na medida do possível, pode ser agora muito aconselhável.

Elas foram interrompidas pela entrada de Margaret, e Elinor viu-se livre para pensar sobre os argumentos da mãe, para reconhecer a probabilidade de muitos e esperar a justiça de todos.

Não viram Marianne até a hora do jantar, quando ela entrou na sala e tomou seu lugar na mesa sem dizer uma palavra. Seus olhos estavam vermelhos e inchados, e parecia que, ainda naquele momento, as lágrimas eram reprimidas com dificuldade. Ela evitou os olhares de todas, não conseguiu comer nem falar, e depois de algum tempo, com o aperto de mão terno e silencioso da mãe, sua pequena fortaleza foi superada. Ela explodiu em lágrimas e saiu da sala.

Essa opressão violenta do ânimo continuou a noite toda. Ela não tinha nenhuma força, pois não tinha nenhum desejo de se controlar. A menor menção de qualquer coisa relativa a Willoughby a dominava em um instante, e embora sua família estivesse ansiosamente atenta ao seu conforto, era impossível para elas, caso conversassem, evitar todos os assuntos que os sentimentos dela ligavam a ele.

Capítulo 16

Marianne nunca teria se perdoado se tivesse conseguido dormir a primeira noite depois de se separar de Willoughby. Teria ficado com vergonha de olhar na cara da sua família na manhã seguinte se não tivesse saído da cama com mais necessidade de repouso do que quando se deitou. Mas os sentimentos que tornaram tal atitude uma desgraça não a deixaram em perigo de incorrer nesse problema. Ela ficou acordada a noite toda e chorou a maior parte do tempo. Levantou-se com dor de cabeça, incapaz de falar e sem apetite para comer, deixando a mãe e as irmãs muito tristes e proibindo todas as tentativas de consolá-la. Estava muito sensibilizada!

Quando terminaram o café da manhã, ela saiu sozinha e perambulou pela aldeia de Allenham, entregando-se às lembranças de prazeres passados e chorando o revés no presente durante a maior parte da manhã.

A noite passou com a mesma indulgência de sentimentos. Ela repetia as canções favoritas que costumava tocar para Willoughby, cada momento em que suas vozes se juntavam mais frequentemente, e sentou-se ao instrumento olhando cada linha de música que ele escrevera para ela, até que seu coração estivesse tão pesado que não fosse possível ficar mais triste. E esse modo de alimentar a tristeza se repetia todos os dias. Ela passava muitas horas sentada ao piano cantando e chorando alternadamente, sua voz muitas vezes totalmente afogada pelas lágrimas. Nos livros também, assim como na música, ela cortejava o sofrimento proporcionado pelo contraste entre o passado e o presente. Não lia nada além do que eles costumavam ler juntos.

Tal aflição violenta não poderia continuar para sempre, assim, ela mergulhou depois de alguns dias em uma melancolia mais calma. Mas essas atividades, às quais recorria diariamente, suas caminhadas solitárias e meditações silenciosas, ainda produziam efusões ocasionais de tristeza tão vívidas como antes.

Willoughby não mandou nenhuma carta, e Marianne parecia não estar esperando nada. Sua mãe ficou surpresa e Elinor voltou a se sentir desconfortável. Mas a senhora Dashwood podia encontrar explicações sempre que quisesse, o que pelo menos a deixava satisfeita.

– Lembre-se, Elinor – disse ela –, com que frequência *sir* John pega e leva nossas cartas no correio. Já concordamos que o segredo pode ser necessário e devemos reconhecer que isso não poderia ser mantido se a correspondência passasse pelas mãos de *sir* John.

Elinor não podia negar a verdade daquilo e tentou encontrar aí um motivo suficiente para o silêncio entre os dois. Mas havia um método tão direto, tão simples e, em sua opinião, tão apropriado para conhecer o estado real do caso e remover instantaneamente todo o mistério que não pôde deixar de sugeri-lo à mãe.

– Por que não pergunta para a Marianne de uma vez – disse – se ela está ou não comprometida com Willoughby? Vindo da senhora, a mãe, e uma mãe tão boa e tão indulgente, a pergunta não poderia ser ofensiva. Seria o resultado natural da sua afeição por ela. Ela costumava ser bastante aberta, ainda mais com a senhora.

– Eu não faria tal pergunta por nada nesse mundo. Supondo que seja possível que eles não estejam comprometidos, que aflição essa pergunta não poderia causar! De qualquer modo, seria extremamente mesquinho. Eu nunca voltaria a ter a confiança dela depois de forçar uma confissão de algo que, no momento, ela decidiu que não deve ser conhecido por ninguém. Conheço o coração de Marianne: sei que ela me ama muito e que não serei a última a saber sobre o caso, quando as circunstâncias tornarem sua revelação possível. Eu não tentaria forçar a confiança de ninguém, muito menos de uma filha, pois uma sensação de dever impediria a negação que seus desejos poderiam querer manifestar.

Elinor achou que tal generosidade era exagerada, considerando a juventude da irmã, e insistiu mais no assunto, mas foi em vão. Bom senso, cuidados, prudência, tudo isso naufragava na delicadeza romântica da senhora Dashwood.

Demorou vários dias para que o nome de Willoughby fosse mencionado na frente de Marianne por alguém da família. *Sir John* e a senhora Jennings, certamente, não foram tão gentis. O sarcasmo deles aumentou muito o sofrimento em um momento já tão doloroso, mas uma noite a senhora Dashwood, pegando acidentalmente um volume de Shakespeare, afirmou:

– Nunca terminamos *Hamlet*, Marianne, nosso querido Willoughby foi embora antes de conseguirmos terminar. Vamos deixá-lo assim, para quando ele voltar... Mas pode demorar meses, talvez, antes que isso seja possível.

– Meses! – exclamou Marianne, com forte surpresa. – Não, tampouco muitas semanas.

A senhora Dashwood arrependeu-se do que dissera. Mas Elinor ficou feliz, pois a mãe produziu uma resposta de Marianne que expressava claramente sua confiança em Willoughby e o conhecimento de suas intenções.

Uma manhã, cerca de uma semana depois da partida de Willoughby, Marianne foi convencida a se juntar às irmãs em sua caminhada habitual, em vez de perambular sozinha. Até então, ela evitara cuidadosamente toda companhia em suas caminhadas. Se as irmãs tinham a intenção de caminhar pelas colinas, ela ia diretamente às planícies, se elas falavam em ir pelo vale, ela era rápida em escalar as colinas, e nunca era encontrada quando as outras partiam. Mas, por fim, acabou convencida pelos esforços

de Elinor, que reprovava muito essa reclusão contínua. Elas caminharam pela estrada cruzando o vale, na maior parte em silêncio, pois a mente de Marianne não podia ser controlada, e Elinor, satisfeita por conseguir uma vitória, não tentaria mais nada. Além da entrada do vale, onde o campo, embora ainda viçoso, era menos selvagem e mais aberto, abriu-se na frente delas um longo trecho da estrada pela qual tinham passado na primeira visita a Barton e, chegando a esse ponto, elas pararam para olhar ao redor e examinar a paisagem formada pela vista do chalé a distância, de um ponto que nunca tinham alcançado em nenhum dos passeios anteriores.

Entre os objetos da cena, logo descobriram um que se movia; era um homem a cavalo aproximando-se delas. Em poucos minutos, conseguiram distinguir que era um cavalheiro, e um momento depois, Marianne exclamou extasiada:

– É ele, de verdade. Eu sei que é! – e saiu correndo para encontrá-lo, quando Elinor gritou:

– Na verdade, Marianne, acho que está enganada. Não é Willoughby. A pessoa não é tão alta e não tem o porte dele.

– Tem sim, tem sim – gritou Marianne –, estou certa de que é ele. Sua aparência, seu casaco, seu cavalo. Eu sabia que ele viria logo.

Ela caminhou ansiosa enquanto falava e Elinor, para dar apoio a Marianne, já que tinha quase certeza de que não era Willoughby, acelerou o passo e a acompanhou. Logo estavam a 30 metros do cavalheiro. Marianne olhou novamente e seu coração afundou dentro dela. Virando-se bruscamente, começou a correr de volta, quando as vozes das duas irmãs se levantaram para detê-la. Uma terceira, quase tão conhecida quanto a de Willoughby, juntou-se a elas para implorar que parasse, e ela virou-se com surpresa para ver e receber Edward Ferrars.

Ele era a única pessoa no mundo que poderia ser perdoado naquele momento por não ser Willoughby, o único que poderia ganhar um sorriso dela. Então ela secou as lágrimas para sorrir para ele e, na felicidade de sua irmã, esqueceu por um tempo a própria decepção.

Ele desmontou, deu o cavalo ao criado e voltou caminhando com elas para Barton, onde viera para visitá-las.

Ele foi recebido por todos com grande cordialidade, mas especialmente por Marianne, que mostrou mais calor em sua recepção do que a própria Elinor. Para Marianne, de fato, o encontro entre Edward e a irmã era apenas a continuidade daquela frieza inexplicável que ela observara

frequentemente no comportamento dos dois em Norland. Do lado de Edward, especialmente, faltava tudo o que alguém apaixonado deveria fazer e dizer em tal ocasião. Ele estava confuso, parecia sentir pouco prazer em vê-las, não parecia nem entusiasmado nem alegre, falou pouco mais do que foi obrigado pelas perguntas e não dedicou a Elinor nenhum ato de afeto especial. Marianne via e ouvia tudo com crescente surpresa. Quase começou a sentir antipatia por Edward e terminou, como todos os sentimentos devem terminar com ela, pensando novamente em Willoughby, cujos modos formavam um contraste muito grande com os de seu irmão escolhido.

Depois de um breve silêncio que acompanhou a surpresa inicial e as perguntas do encontro, Marianne perguntou a Edward se ele vinha diretamente de Londres. Não, ele passara quinze dias em Devonshire.

– Quinze dias! – ela repetiu, surpresa por ele ter ficado tanto tempo no mesmo condado que Elinor sem tê-la visitado antes.

Ele parecia bastante constrangido quando acrescentou que ficara com alguns amigos perto de Plymouth.

– Esteve recentemente em Sussex? – perguntou Elinor.

– Eu estive em Norland há cerca de um mês.

– E como está a querida Norland? – perguntou Marianne.

– A querida Norland – disse Elinor – provavelmente está como sempre nesta época do ano: com os bosques e caminhos cobertos de folhas mortas.

– Oh – exclamou Marianne –, com que sensação de êxtase eu via todas caírem! Como me encantava, quando dava meus passeios, vê-las caindo sobre mim por causa do vento! Que sensações as folhas, a estação, o ar, tudo junto, me inspiravam! Agora, não há ninguém para contemplá-las. São vistas apenas como um incômodo, varridas com pressa e afastadas o mais rápido possível do olhar.

– Não são todos – disse Elinor – que têm sua paixão pelas folhas mortas.

– Não, meus sentimentos não costumam ser compartilhados, tampouco compreendidos. Mas, às vezes, eles são. – Quando disse isso, caiu em um devaneio por alguns momentos, mas se recuperou e continuou: – Então, Edward – disse ela, chamando a atenção dele para a paisagem –, aqui é o vale de Barton. Olhe para ele e fique indiferente, se puder. Olhe essas colinas! Já viu algo igual? À esquerda está Barton Park, entre as árvores e as plantações. Dá para ver um pedaço da casa. E ali, debaixo da colina mais distante, que sobe com tanta grandeza, está a nossa casa.

– É um lindo condado – ele respondeu –, mas esses vales devem ficar sujos no inverno.

– Como pode pensar em sujeira, com essas maravilhas na sua frente?

– Porque – respondeu ele, sorrindo – entre as maravilhas na minha frente, vejo uma estrada muito suja.

– Que estranho! – disse Marianne para si mesma enquanto caminhava.

– Vocês têm uma vizinhança agradável aqui? Os Middleton são gentis?

– Não, de forma alguma – respondeu Marianne – Não poderíamos estar mais mal localizadas.

– Marianne – exclamou sua irmã –, como pode dizer isso? Como pode ser tão injusta? É uma família muito respeitável, senhor Ferrars, cujos membros se comportaram de maneira amigável conosco. Você esqueceu, Marianne, quantos dias agradáveis devemos a eles?

– Não me esqueci – disse Marianne, em voz baixa – nem quantos momentos dolorosos.

Elinor não deu importância a isso e, voltando a atenção ao visitante, tentou manter algum tipo de diálogo com ele, falando sobre a residência atual, suas conveniências, etc., obtendo dele algumas perguntas e observações ocasionais. A frieza e reserva de Edward deixavam-na profundamente mortificada; ela chegou a ficar um pouco irritada, mas resolvendo guiar seu comportamento em relação a ele baseando-se mais no passado do que no presente, evitou toda aparência de ressentimento ou desagrado e tratou-o como achava que devia, levando em conta a conexão familiar.

Capítulo 17

A senhora Dashwood ficou apenas momentaneamente surpresa ao ver o senhor Ferrars, pois sua chegada a Barton era, para ela, algo bastantenatural. A alegria e as manifestações de afeto afastaram sua surpresa. Ele recebeu a mais gentil acolhida dela, e sua timidez, frieza e reserva não podiam competir com tal recepção. Elas começaram a fraquejar antes de sua entrada na casa, e foram vencidas pelo modo cativante da senhora Dashwood. Na verdade, um homem não poderia estar apaixonado por nenhuma das suas filhas sem estender a paixão a ela, e Elinor teve a satisfação de vê-lo agir como de costume. Sua afeição por

todas parecia estar de volta, e seu interesse no bem-estar delas tornou-se novamente perceptível. Mesmo sem estar muito animado, ele elogiou a casa, admirou a vista, mostrou-se atento e amável, mas, mesmo assim, era evidente que não estava muito à vontade. Toda a família percebeu, e a senhora Dashwood, atribuindo aquilo a alguma falta de generosidade da mãe dele, sentou-se à mesa indignada com todos os pais egoístas.

– Quais são os planos da senhora Ferrars para você no momento, Edward? – disse ela, quando o jantar terminou e estavam reunidos ao redor da lareira. – Você ainda precisa ser um ótimo orador contra sua vontade?

– Não. Espero que minha mãe esteja convencida de que não tenho nem talento nem inclinação para uma vida pública!

– Mas como vai conseguir a fama? Pois deve se tornar famoso para satisfazer toda a sua família, e sem inclinação para a vida luxuosa, sem interesse por estranhos, sem profissão e sem futuro garantido, pode ser uma questão difícil.

– Não vou tentar. Não desejo ser distinto e tenho todas as razões para esperar que nunca serei. Graças a Deus! Não posso ser forçado a ter genialidade e eloquência.

– Você não tem ambição, eu sei bem. Seus desejos são todos moderados.

– Tão moderados quanto os do resto do mundo, acredito. Desejo, assim como todo mundo, ser feliz. Mas, como todos, quero ser feliz à minha maneira. A grandeza não me fará feliz.

– Seria estranho se fizesse! – exclamou Marianne. – O que têm riqueza ou grandeza a ver com a felicidade?

– Grandeza tem pouco – disse Elinor –, mas a riqueza tem muito a ver.

– Elinor, que vergonha! – disse Marianne – O dinheiro só pode dar felicidade onde não há mais nada que a proporcione. Além de certo bem-estar, não dá nenhuma satisfação real, no que diz respeito à vida interior.

– Talvez – disse Elinor, sorrindo – possamos chegar à mesma conclusão. Seu bem-estar e minha riqueza são muito parecidos, ousar dizer, e sem eles, como o mundo anda agora, nós duas concordaremos que todo tipo de conforto externo poderá faltar. Suas ideias são apenas mais nobres do que as minhas. Vamos, quanto vale o seu bem-estar?

– Cerca de 1.800 ou duas mil libras por ano, não mais do que isso.

Elinor riu.

– Duas mil por ano! Mil é minha ideia de riqueza! Adivinhei como isso iria acabar.

– E, ainda assim, duas mil libras por ano é uma renda muito moderada – disse Marianne. – Uma família não pode ser mantida com menos. Estou certa de que não sou extravagante nas minhas exigências. Um número adequado de empregados, uma carruagem, talvez duas, e cães de caça não podem ser mantidos com menos.

Elinor sorriu novamente ao ouvir a irmã descrevendo com tanta precisão suas despesas futuras em Combe Magna.

– Cães de caça! – Edward repetiu. – Mas por que você precisa de cães de caça? Nem todo mundo caça.

Marianne ficou corada ao responder:

– Mas a maioria das pessoas, sim.

– Eu gostaria – disse Margaret, manifestando um pensamento inovador – que alguém deixasse uma grande fortuna para cada uma de nós!

– Ah, isso sim! – exclamou Marianne, os olhos brilhando de animação e as bochechas coradas com o prazer de uma felicidade tão imaginária.

– Somos unânimes nesse desejo, suponho – disse Elinor –, apesar de que a riqueza por si só não é suficiente.

– Ah, querida! – exclamou Margaret. – Como eu seria feliz! Fico imaginando o que faria com tamanha riqueza!

Marianne parecia não ter dúvidas sobre esse ponto.

– Eu ficaria confusa em gastar uma fortuna tão grande – disse a senhora Dashwood – se minhas filhas fossem todas ricas sem minha ajuda.

– A senhora pode começar a melhorar esta casa – observou Elinor – e suas dificuldades desaparecerão em um instante.

– Que encomendas magníficas seriam feitas por essa família para Londres – disse Edward – nesse caso! Que dia feliz para os livreiros, vendedores de partituras e lojas de quadros! Você, senhorita Dashwood, daria uma comissão geral para cada novo quadro bonito que lhe fosse enviado, e quanto a Marianne, conheço sua grandeza de alma, não haveria partituras suficientes em Londres para contentá-la. E livros! Thomson, Cowper, Scott, ela compraria todos várias vezes. Compraria todas as cópias, acredito, para evitar que caíssem em mãos indignas, e teria todos os livros que lhe dissessem como admirar uma velha árvore retorcida. Não seria assim, Marianne? Perdoe-me se sou muito atrevido. Mas queria mostrar que não tinha esquecido nossas antigas discordâncias.

– Adoro ser lembrada do passado, Edward, seja melancólico ou alegre, adoro lembrá-lo, e você nunca me ofenderá falando de tempos passados. Você está muito certo em supor como meu dinheiro seria gasto. Pelo menos uma parte menor, meus trocados, certamente seria empregada na melhoria da minha coleção de partituras e de livros.

– E a maior parte da sua fortuna seria usada em pensões para os autores ou seus herdeiros.

– Não, Edward, eu teria outra coisa para fazer com esse dinheiro.

– Talvez, então, você o conceda como uma recompensa para aquela pessoa que escrevesse a mais ampla defesa de sua máxima favorita, a de que ninguém pode se apaixonar mais de uma vez na vida. Pois sua opinião sobre esse ponto continua inalterada, presumo?

– Sem dúvida. Na minha idade, as opiniões estão razoavelmente fixas. Não é provável que agora eu veja ou ouça qualquer coisa que possa mudá-las.

– Marianne está firme como sempre, está vendo – disse Elinor. – Não mudou em nada.

– Só ficou um pouco mais séria do que era.

– Não, Edward – disse Marianne –, você não precisa me censurar. Você tampouco está muito alegre.

– Porque você pensaria isso! – respondeu ele com um suspiro. – Mas a alegria nunca foi parte do meu caráter.

– Tampouco acho que seja parte do caráter da Marianne – disse Elinor. – Eu dificilmente a chamaria de moça alegre. Ela é muito séria, muito determinada em tudo que faz. Às vezes, fala muito e sempre com animação, mas nem sempre está realmente feliz.

– Acredito que esteja certa – ele respondeu –, e ainda assim eu sempre a vi como uma moça alegre.

– Muitas vezes percebi-me cometendo esse tipo de erro – disse Elinor – em uma má interpretação absoluta do caráter em algum ponto ou outro. Imaginei pessoas mais alegres ou sérias, ou inteligentes ou estúpidas do que realmente são, e é difícil saber o motivo ou a origem do engano. Às vezes, somos guiados pelo que elas dizem de si mesmas, e muitas vezes pelo que outras pessoas dizem delas, sem nos dar tempo para deliberar e julgar.

– Mas pensei que fosse correto, Elinor – disse Marianne –, ser guiado totalmente pela opinião de outras pessoas. Pensei que recebíamos nossa capacidade de julgamento apenas para subordiná-lo ao dos vizinhos. Esta sempre foi sua doutrina, tenho certeza.

– Não, Marianne, nunca. Minha doutrina nunca teve o objetivo de subjugar a sabedoria. Tudo que jamais tentei influenciar foi o comportamento. Você não deve confundir a minha intenção. Sou culpada, confesso, de ter desejado muitas vezes que você tratasse nossos amigos em geral com maior atenção, mas quando a aconselhei a adotar os sentimentos deles ou a submeter-se às opiniões de outros em assuntos sérios?

– Você não conseguiu trazer a sua irmã para seu plano de civilidade geral – disse Edward a Elinor. – Não conseguiu avançar nesse sentido?

– Muito pelo contrário – respondeu Elinor, olhando expressivamente para Marianne.

– Meu julgamento – ele disse – está ao seu lado nessa questão, mas receio que minhas ações sejam muito mais parecidas com as da sua irmã. Nunca quis ofender, mas sou tão tolamente tímido que muitas vezes pareço ser negligente, quando sou apenas retraído pela minha falta de jeito natural. Muitas vezes, pensei que a natureza me levou intencionalmente a

gostar de pessoas mais simples, fico tão pouco à vontade entre estranhos com modos refinados!

– Marianne não tem a timidez como desculpa para qualquer desatenção dela – disse Elinor.

– Ela conhece bem o próprio valor para sentir falsa vergonha – respondeu Edward. – A timidez é apenas o efeito de uma sensação de inferioridade de uma maneira ou de outra. Se eu pudesse me convencer de que meus modos são perfeitamente naturais e graciosos, não deveria ser tímido.

– Mas você ainda seria reservado – disse Marianne –, e isso é pior.

Edward se espantou.

– Reservado! Sou reservado, Marianne?

– Sim, muito.

– Não entendo você – respondeu ele, corando. – Reservado! Como, de que maneira? O que devo lhe dizer? O que você deve supor?

Elinor pareceu surpresa com a emoção dele, mas tentando encerrar o assunto com uma risada, falou:

– Você não conhece minha irmã o suficiente para entender o que ela quis dizer? Você não sabe que ela chama de reservado todos que não falam tão rápido e admiram o que ela admira de forma tão entusiasmada?

Edward não lhe respondeu. Sua seriedade e reflexão o fecharam em si mesmo com toda a força, e ele ficou sentado por algum tempo, silencioso e aborrecido.

Capítulo 18

Elinor via com grande tristeza o desânimo do amigo. A visita dele deixou-a apenas parcialmente satisfeita, pois ele parecia a estar desfrutando tão pouco. Era evidente que ele estava infeliz, e ela desejava que fosse igualmente evidente que ainda a distinguisse com o mesmo afeto que, antes, ela não duvidava que inspirava nele. Mas, até então, a continuidade da afeição dele parecia muito incerta e suas maneiras reservadas em relação a ela contradiziam em um momento o que um olhar mais animado insinuara no anterior.

Ele se juntou a ela e a Marianne no café da manhã do dia seguinte antes que os outros descessem. E Marianne, que sempre ansiava por promover a felicidade dos dois o máximo que pudesse, logo os deixou sozinhos. Mas

antes que tivesse subido metade da escada, ouviu a porta da sala se abrir e, virando-se, ficou atônita ao ver o próprio Edward saindo.

– Vou até a aldeia ver meus cavalos – disse ele –, já que ainda não estão prontas para o café da manhã. Volto logo.

Edward voltou com uma forte admiração pela região. Em sua caminhada até a aldeia, conseguira ver bem muitas partes do vale, e a vila propriamente dita, que ficava em um local mais elevado do que o chalé, propiciava uma visão geral de toda a região, a qual o agradara muito. Esse era um assunto que interessava muito a Marianne, e ela estava começando a descrever sua admiração por essas paisagens e a questioná-lo mais detalhadamente sobre o que chamara sua atenção, quando Edward a interrompeu dizendo:

– Você não deve me questionar muito, Marianne. Lembre-se de que não tenho conhecimentos sobre o pitoresco e posso ofendê-la com minha ignorância e falta de bom gosto se discutirmos os detalhes. Digo que os montes são íngremes, o que deve ser ousado; superfícies estranhas e grosseiras, que deveriam ser irregulares e acidentadas; além de objetos distantes fora de vista que só devem ser indistintos através do meio suave de uma atmosfera nebulosa. Você deve estar satisfeita com esta admiração que posso dar honestamente. Considerarei a região muito bonita – as colinas são íngremes, as madeiras parecem de qualidade e o vale parece confortável e cômodo, com prados ricos e várias casas de fazenda bem cuidadas espalhadas aqui e ali. Isso corresponde exatamente à minha ideia de um belo condado, pois une beleza à utilidade – e ousar dizer que é pitoresco também, pois você admira isso. Posso facilmente acreditar que esteja cheio de rochas e promontórios, musgo cinzento e mato fechado, mas isso não significa nada para mim. Não sei o que é pitoresco.

– Infelizmente, acho que isso é verdade – disse Marianne. – Mas por que deveria se vangloriar disso?

– Suspeito – disse Elinor – que, para evitar um tipo de afetação, Edward cai em outro. Por acreditar que muitas pessoas fingem mais admiração pelas belezas da natureza do que realmente sentem, e ao sentir desagrado por tal pretensão, ele finge maior indiferença e menos discriminação ao vê-las do que de fato sente. Ele é meticoloso e tem uma afetação própria.

– É verdade – disse Marianne – que essa admiração pela paisagem se tornou um mero jargão. Todos fingem sentir e tentam descrever com o gosto e a elegância de quem definiu primeiro o que era a beleza pitoresca.

Detesto jargões de todos os tipos, e às vezes guardei meus sentimentos para mim mesma, pois não consegui encontrar nenhuma linguagem para descrevê-los, a não ser por palavras que já foram usadas e vulgarizadas até perderem todo sentido e significado.

– Estou convencido – disse Edward – de que você realmente sente todo o prazer que afirma sentir quando observa uma linda vista. Mas, por outro lado, sua irmã deve me permitir não sentir mais do que demonstro. Gosto de uma boa paisagem, mas não por motivos pitorescos. Não gosto de árvores retorcidas, tortas e quebradas. Admiro-as muito mais se forem altas, retas e floridas. Não gosto de casas arruinadas e aos pedaços. Não gosto de urtigas, cardos ou flores de brejo. Tenho mais prazer em uma casa de fazenda confortável do que em uma torre de vigia e um grupo de camponeses felizes e arrumados me agrada mais do que os melhores bandidos do mundo.

Marianne olhou com espanto para Edward, sentindo compaixão pela irmã. Elinor apenas riu.

O assunto não continuou mais e Marianne permaneceu pensativa e silenciosa, até que um novo assunto atraiu sua atenção de repente. Ela estava sentada junto a Edward e, ao pegar a xícara de chá oferecida pela senhora Dashwood, a mão dele passou na frente dela, tornando um anel com uma trança de cabelo no centro muito evidente em um de seus dedos.

– Nunca o vi usar um anel antes, Edward – ela exclamou. – É o cabelo da Fanny? Lembro-me de quando ela prometeu que lhe daria um cacho. Mas eu achava que o cabelo dela era mais escuro.

Marianne falou o que realmente sentia sem pensar, mas quando viu quanta dor causara em Edward, a vergonha pela sua falta de consideração não foi menor que a dele. Ele ficou muito corado e, depois de um rápido olhar para Elinor, respondeu:

– Sim, é o cabelo da minha irmã. Dependendo do lugar, a cor sempre muda um pouco, você sabe.

Elinor encontrara o olhar dele e parecia igualmente perturbada. Ela estava tão convencida quanto Marianne de que o cabelo era dela própria; a única diferença em suas conclusões era que, enquanto Marianne o considerava um presente voluntário da irmã, Elinor sabia que era fruto de um roubo ou alguma artimanha que ela desconhecia. No entanto, não considerou aquilo uma afronta e, fingindo não ter se dado conta do que ocorrera falando imediatamente de outra coisa, decidiu, a partir de então,

aproveitar todas as oportunidades de olhar o cabelo e se convencer, além de toda dúvida, de que era exatamente da cor do dela.

O constrangimento de Edward durou algum tempo e causou uma distração ainda mais profunda. Ele ficou especialmente sério toda a manhã. Marianne censurou severamente a si mesma pelo que dissera, mas seu próprio perdão poderia ter sido mais rápido se ela soubesse que a irmã não se sentira ofendida.

Antes do meio-dia, receberam a visita de *sir* John e da senhora Jennings, que, tendo ouvido sobre a chegada de um cavalheiro no chalé, vieram investigar o convidado. Com a ajuda da sogra, *sir* John não demorou para descobrir que o nome de Ferrars começava com um “F”, e isso forneceu munição para futuras provocações contra a dedicada Elinor, as quais só foram impedidas de começar de imediato pelo fato de os dois terem acabado de conhecer Edward. Mas, da forma como aconteceu, ela percebeu, a partir de alguns olhares muito significativos, até que ponto eles tinham compreendido as indicações de Margaret.

Sir John nunca visitava as Dashwood sem convidá-las a jantar em Barton Park no dia seguinte ou a tomar chá naquela mesma tarde. Naquela ocasião, para o melhor entretenimento do visitante, ao qual se sentia obrigado a contribuir, ele queria fazer as duas coisas.

– Vocês precisam tomar chá com a gente à noite – disse ele –, pois estaremos completamente sozinhos, e amanhã devem jantar conosco, pois seremos um grande grupo.

A senhora Jennings reforçou a necessidade.

– E quem sabe podemos até dar um baile – disse ela. – E isso vai tentá-la, senhorita Marianne.

– Um baile! – exclamou Marianne. – Impossível! Quem vai dançar?

– Quem? Ora, vocês mesmas, os Carey e os Whitaker, com certeza. O quê! A senhorita acha que ninguém pode dançar porque uma certa pessoa que não deve ser nomeada foi embora!

– Desejaria com toda a minha alma – falou *sir* John – que Willoughby estivesse entre nós novamente.

Isso e o rubor de Marianne levantaram as suspeitas de Edward.

– E quem é Willoughby? – perguntou ele, em voz baixa, para a senhorita Dashwood, que estava sentada ao seu lado.

Ela deu uma resposta rápida. O semblante de Marianne era mais comunicativo. Edward viu o suficiente para compreender não só o que os

outros diziam, mas também as expressões de Marianne que o haviam deixado confuso antes. E quando os visitantes foram embora, ele se aproximou dela imediatamente e disse, em um sussurro:

– Acho que adivinhei. Devo dizer o meu palpite?

– O que quer dizer?

– Devo contar?

– Claro.

– Bem, então, acho que o senhor Willoughby caça.

Marianne ficou surpresa e confusa, mas não podia deixar de sorrir pela sutileza de suas maneiras e, depois de um momento de silêncio, disse:

– Ah, Edward! Como você pode? Mas chegará o dia, espero... Tenho certeza de que vai gostar dele.

– Não duvido – respondeu ele, bastante atônito com a seriedade e a intensidade de Marianne, pois, se não tivesse imaginado como uma brincadeira entre as pessoas reunidas, tendo como base apenas a possibilidade de existir algo entre o senhor Willoughby e ela, nunca teria se atrevido a mencioná-lo.

Capítulo 19

Edward ficou apenas uma semana no chalé. Foi muito pressionado pela senhora Dashwood a ficar mais tempo, mas, como se tivesse uma queda pelo sofrimento autoimposto, parecia decidido a ir embora quando a diversão entre suas amigas estava no auge. O ânimo dele, durante os últimos dois ou três dias, embora ainda bastante desigual, melhorara muito. Ele estava gostando cada vez mais da casa e dos arredores e nunca falava em ir embora sem um suspiro. Afirmava que não tinha compromisso algum e até duvidava para onde deveria ir quando as deixasse. Mas, ainda assim, precisava partir. Nunca uma semana passara com tanta rapidez, ele mal podia acreditar que já estivesse acabando. Repetiu isso várias vezes; também disse outras coisas, as quais marcavam a mudança em seus sentimentos e contradiziam suas ações. Afirmou que não sentia prazer em Norland; detestava ficar em Londres, mas deveria ir para um dos dois lugares. Valorizava a bondade de toda a família acima de tudo e sua maior felicidade era estar com elas. No entanto, deveria deixá-las no final de uma semana, apesar dos desejos delas e dele próprio e de

não haver qualquer restrição a seu tempo.

Elinor culpou a mãe dele por esta estranha atuação de Edward e estava feliz por ele ter uma mãe cujo caráter ela conhecia tão pouco, pois podia ser a desculpa geral por tudo estranho que o filho fazia. Decepcionada, no entanto, e irritada como estava, e às vezes infeliz com o comportamento incerto dele em relação a ela, Elinor estava de maneira geral muito bem disposta a considerar as ações de Edward com a mesma boa vontade e o generoso carinho que a mãe extraíra dela de modo tão doloroso em relação a Willoughby. A falta de ânimo, de abertura e de consistência de Edward era geralmente atribuída à sua falta de independência e seu melhor conhecimento sobre a disposição e os projetos da senhora Ferrars. A curta visita e a firmeza em sua decisão de deixá-las tinham origem na mesma inclinação restrita, na mesma inevitável necessidade de aceitar os caprichos da mãe. A antiga e bem estabelecida disputa entre dever e desejo, entre mãe e filho, era a causa de tudo. Ela gostaria de saber quando essas dificuldades acabariam, quando essa oposição terminaria, quando a senhora Ferrars mudaria e seu filho teria liberdade para ser feliz. Mas desses vãos desejos, ela foi forçada a passar, por conforto, para a renovação de sua confiança no carinho de Edward, para a lembrança de cada marca de respeito em olhar ou palavra vindos dele enquanto estava em Barton e, acima de tudo, daquela prova lisonjeira que ele usava o tempo todo em torno de seu dedo.

– Acho, Edward – disse a senhora Dashwood, enquanto tomavam o café na última manhã –, que você seria um homem mais feliz se tivesse alguma profissão para ocupar seu tempo e proporcionar um interesse para seus planos e ações. Isso poderia causar alguma inconveniência para seus amigos, é verdade... você não seria capaz de dedicar-lhes tanto do seu tempo. Mas – ela falou com um sorriso – você seria materialmente beneficiado pelo menos em um ponto: saberia para onde ir quando os deixasse.

– Eu lhe asseguro – ele respondeu – que há muito penso sobre este ponto, como a senhora agora. Foi e é, e provavelmente sempre será, uma grande tristeza para mim que eu não tenha nenhum negócio necessário com que me envolver, nenhuma profissão à qual possa me dedicar, ou que permita algo como a independência. Mas, infelizmente, minha própria delicadeza e a de meus amigos me fizeram o que sou, um ser ocioso e incapaz. Nunca pudemos concordar em nossa escolha de uma profissão. Sempre preferi a

Igreja, como ainda prefiro. Mas isso não era elegante o bastante para a minha família. Eles recomendaram o Exército. Isso era elegante demais para mim. O Direito foi visto como refinado o suficiente; muitos jovens que possuíam gabinetes no Templo tiveram uma ótima repercussão nos primeiros círculos e passeavam pela cidade em lindas carruagens. Mas não tinha nenhuma inclinação para o Direito, mesmo no estudo menos confuso dele, o qual minha família aprovava. Quanto à Marinha, ela tinha a moda a seu favor, mas eu estava muito velho quando propuseram meu ingresso e, finalmente, como não havia necessidade de ter nenhuma profissão, pois poderia ser elegante e sofisticado com ou sem a farda vermelha, a ociosidade foi vista no geral como mais vantajosa e honrada, e um jovem de 18 anos não está em geral tão fervorosamente inclinado a se ocupar para resistir às solicitações de seus amigos para não fazer nada. Entrei, portanto, em Oxford e estou devidamente ocioso desde então.

– A consequência disso, suponho, será – disse a senhora Dashwood –, uma vez que o ócio não promoveu sua própria felicidade, que seus filhos serão criados para ter tantas atividades, empregos, profissões e negócios como os filhos de Columella.

– Eles serão criados – disse ele, em um tom sério – para serem tão diferentes de mim quanto possível. Em sentimento, em ação, em condição, em tudo.

– Mas o que é isso? Tudo isso é consequência desse seu ânimo, Edward. Você está melancólico e imagina que alguém diferente de você seja feliz. Mas lembre-se de que todo mundo sentirá alguma vez a dor de se separar dos amigos, seja qual for sua educação ou estado. Conheça sua própria felicidade. Você só precisa de paciência, ou se quiser um nome mais fascinante, chame isso de esperança. Sua mãe vai dar, com o tempo, essa independência pela qual você tanto anseia. É o dever dela, e em pouco tempo será a felicidade dela evitar que sua juventude seja desperdiçada com descontentamentos. Mais alguns meses não podem fazer isso?

– Acho – respondeu Edward – que vai demorar muitos meses até que aconteça alguma coisa boa comigo.

Essa infeliz mudança de pensamento, embora não pudesse ser comunicada à senhora Dashwood, criou mais dor a todos na separação, que ocorreu logo depois e deixou uma impressão desconfortável especialmente sobre os sentimentos de Elinor, que exigiram algum tempo e esforços para serem subjugados. Mas como estava determinada a se recuperar, e para

evitar que parecesse sofrer mais do que toda sua família com a partida dele, ela não adotou o método usado tão judiciosamente por Marianne, em uma ocasião similar, de aumentar e fixar sua tristeza buscando o silêncio, a solidão e a ociosidade. Seus meios eram tão diferentes quanto seus objetivos, e igualmente adequados para o desenvolvimento de cada uma.

Elinor sentou-se à mesa de desenho assim que Edward saiu da casa, ocupando-se durante todo o dia, sem procurar ou evitar a menção do nome dele, parecendo quase tão interessada como sempre nas preocupações gerais da família, e se, por esta conduta, ela não diminuiu a própria dor, pelo menos impediu que ela aumentasse de forma desnecessária, e sua mãe e as irmãs foram poupadas de se preocupar com ela.

Esse comportamento, exatamente o oposto do dela, não pareceu mais meritório para Marianne do que o seu próprio pareceria equivocado para Elinor. Ela resolveu o problema do autocontrole muito facilmente: para uma pessoa de gênio forte era impossível, para uma de gênio fraco, não haveria nenhum mérito. Que os sentimentos da irmã eram tranquilos, ela não ousava negar, embora corasse ao reconhecer isso. Da força dos seus, ela deu uma prova muito impressionante ao continuar amando e respeitando essa irmã, apesar dessa convicção mortificante.

Sem se isolar da família, ou deixar a casa em uma solidão determinada para evitá-las, ou ficar acordada durante toda a noite para se dedicar à meditação, Elinor encontrava todos os dias tempo suficiente para pensar em Edward e no comportamento dele, em todas as variedades possíveis que os muitos estados de seu ânimo em diferentes momentos poderiam produzir, com ternura, piedade, aprovação, censura e dúvida. Houve muitos momentos quando, se não pela ausência da mãe e das irmãs, pelo menos pela natureza das tarefas delas, a conversa era proibida entre elas e todos os efeitos da solidão eram produzidos. Sua mente estava inevitavelmente livre, seus pensamentos não poderiam estar presos em outro lugar, e o passado e o futuro, com referências a assuntos tão interessantes, deveriam estar diante dela, forçando sua atenção, absorvendo sua memória, sua reflexão e sua imaginação.

De um devaneio desse tipo, enquanto estava sentada à mesa de desenho, ela despertou uma manhã, logo após a partida de Edward, pela chegada de visitas. Ela estava sozinha. O fechamento do pequeno portão na entrada do jardim verdejante em frente à casa atraiu seus olhos para a janela, e ela viu um grande grupo caminhando até a porta. Entre eles estavam *sir* John, lady

Middleton e a senhora Jennings, mas havia outras duas pessoas, um cavalheiro e uma senhora, que ela não conhecia. Elinor estava sentada perto da janela, e assim que *sir* John a notou, ele deixou o resto do grupo na cerimônia de bater na porta e, atravessando a grama, obrigou-a a abrir a janela para falar com ele, apesar de o espaço ser tão pequeno entre a porta e a janela que era impossível falar em uma sem ser ouvido na outra.

– Bem – disse ele –, trouxemos alguns desconhecidos. Gosta deles?

– Silêncio! Eles vão ouvir o senhor.

– Não importa se eles ouvirem. São apenas os Palmer. Charlotte é muito bonita, posso dizer. A senhorita poderá vê-la se olhar para cá.

Como Elinor estava certa de que a veria em alguns minutos, sem tomar tal liberdade, ela recusou.

– Onde está Marianne? Ela fugiu porque chegamos? Vejo que o piano está aberto.

– Ela foi dar um passeio, acredito.

A senhora Jennings juntou-se a eles, pois não teve paciência suficiente para esperar até que a porta se abrisse antes de contar sua história. Ela veio até a janela, cumprimentando Elinor:

– Como você está, minha querida? Como está a senhora Dashwood? E onde estão suas irmãs? O quê! Sozinha! Você ficará feliz com um pouco de companhia para se sentar com você. Trouxe meu outro genro e minha filha. E pensar que chegaram tão de repente! Pensei ter ouvido uma carruagem na noite passada, enquanto estávamos tomando nosso chá, mas nunca passou pela minha cabeça que pudessem ser eles. Não pensei em nada, apenas que poderia ser o coronel Brandon voltando; então disse a *sir* John, que achei ter ouvido uma carruagem, e talvez fosse o coronel Brandon voltando...

Elinor foi obrigada a se afastar dela, no meio da história, para receber o resto do grupo; lady Middleton apresentou os dois desconhecidos. A senhora Dashwood e Margaret desceram as escadas nesse momento e todos se sentaram para se conhecer, enquanto a senhora Jennings continuava sua história ao entrar na sala, acompanhada por *sir* John.

A senhora Palmer era muitos anos mais nova do que lady Middleton e totalmente diferente dela em todos os aspectos. Era baixa e gorda, tinha um rosto muito bonito e a melhor expressão de bom humor que se poderia ter. Seus modos não eram tão elegantes quanto os da irmã, mas eram muito mais simpáticos. Ela entrou com um sorriso, manteve o sorriso o tempo

todo da visita, exceto quando gargalhava, e sorriu quando foi embora. Seu marido era um jovem de 25 ou 26 anos, com um rosto sério, um ar de mais estilo e razão do que a esposa, mas de menor disposição para agradar ou ser agradado. Ele entrou na sala com um olhar de autoimportância, curvou-se ligeiramente para as senhoras, sem dizer uma palavra, e, depois de examinar rapidamente a casa e suas moradoras, pegou um jornal da mesa e dedicou-se a lê-lo enquanto ficou ali.

A senhora Palmer, ao contrário, que era dotada pela natureza a ser uniformemente educada e feliz, mal se sentara antes de manifestar sua admiração pela sala e tudo que havia nela.

– Bem, que sala maravilhosa! Nunca vi nada tão encantador! Veja, mamãe, como está melhor desde que estive aqui na última vez! Sempre achei que era um lugar tão doce, senhora! – virando-se para a senhora Dashwood: – Mas a senhora o deixou tão encantador! Veja só, irmã, como tudo é adorável! Como eu gostaria de ter uma casa assim para mim! O senhor não gostaria, senhor Palmer?

O senhor Palmer não respondeu e sequer levantou os olhos do jornal.

– O senhor Palmer não me ouve – disse ela, rindo. – Às vezes, nunca ouve. É tão ridículo!

Era uma ideia muito nova para a senhora Dashwood; ela não estava acostumada a ver graça na desatenção de alguém e não podia deixar de olhar com surpresa para os dois.

Enquanto isso, a senhora Jennings falava o mais alto que conseguia e continuou o relato da sua surpresa, na tarde anterior, ao ver os recém-chegados, sem parar até contar tudo. A senhora Palmer riu muito com a lembrança do espanto deles e todos concordaram, duas ou três vezes, que tinha sido uma surpresa bastante agradável.

– Você pode imaginar o prazer que todos nós sentimos ao vê-los – acrescentou a senhora Jennings, inclinando-se para Elinor e falando em voz baixa, como se não quisesse ser ouvida por mais ninguém, apesar de estarem sentadas em lados opostos da sala. – No entanto, não posso deixar de desejar que não tivessem viajado tão rápido, nem feito uma viagem tão longa, pois vieram de Londres por conta de algum negócio, pois você sabe – assentindo significativamente e apontando para sua filha –, foi algo ruim no estado em que ela se encontra. Queria que ela ficasse em casa e descansasse nessa manhã, mas ela quis vir conosco, pois queria muito conhecê-las!

A senhora Palmer riu e disse que aquilo não lhe faria nenhum mal.

– Ela espera o bebê para fevereiro – continuou a senhora Jennings.

Lady Middleton já não aguentava tal conversa e, portanto, esforçou-se para perguntar ao senhor Palmer se havia alguma novidade no jornal.

– Não, nenhuma – respondeu ele, e continuou lendo.

– Aí vem a Marianne – exclamou *sir* John. – Agora, Palmer, o senhor vai ver uma garota incrivelmente linda.

Ele foi rapidamente para o corredor, abriu a porta da frente e conduziu-a para dentro. A senhora Jennings perguntou a ela, assim que apareceu, se não tinha estado em Allenham. E a senhora Palmer riu forte com a pergunta, para mostrar que tinha entendido. O senhor Palmer olhou para ela por alguns minutos depois de sua entrada na sala e, em seguida, voltou ao jornal. O olhar da senhora Palmer estava agora voltado para os desenhos pendurados nas paredes da sala. Ela levantou-se para examiná-los.

– Ó céus, como são lindos! Bem! Que beleza! Mas olhe, mãe, que doce! Acho que são charmosos, poderia olhar para eles para sempre. – E então, sentando-se novamente, logo esqueceu que havia qualquer coisa na sala.

Quando lady Middleton levantou-se para ir embora, o senhor Palmer levantou-se também, largou o jornal, espreguiçou-se e olhou para todos ali ao redor.

– Meu amor, você estava dormindo? – perguntou a esposa, rindo.

Ele não respondeu e só observou, depois de examinar novamente a sala, que ela era baixa e o teto estava rachado. Então, fez uma reverência e partiu com o resto.

Sir John insistira com todos para que passassem o dia seguinte em Barton Park. A senhora Dashwood, que escolheu não jantar com eles com mais frequência do que eles jantavam no chalé, recusou totalmente por conta própria. As filhas poderiam fazer o que quisessem. Mas elas não estavam curiosas para ver como o senhor e a senhora Palmer jantavam, e não havia nenhuma outra expectativa de diversão com eles. Tentaram, portanto, também criar uma desculpa; o clima estava instável e era provável que não ficasse bom. Mas *sir* John não se deu por satisfeito, a carruagem seria enviada para buscá-las e elas deveriam vir. Lady Middleton também insistiu, embora não tenha pressionado a mãe, mas sim as garotas. A senhora Jennings e a senhora Palmer juntaram-se às súplicas, todos pareciam igualmente ansiosos para evitar uma festa familiar, e as jovens

foram obrigadas a ceder.

– Por que eles nos convidaram? – perguntou Marianne, assim que eles se foram. – Dizem que o aluguel deste chalé é baixo, mas há termos muito duros, se tivermos que jantar em Barton Park sempre que alguém se hospedar com eles ou conosco.

– Eles não querem ser menos educados e gentis com a gente agora – disse Elinor – com esses convites frequentes, do que por aqueles que recebemos deles há algumas semanas. A alteração não está neles, se suas festas estão ficando mais tediosas e aborrecidas. Devemos procurar a mudança em outro lugar.

Capítulo 20

Quando as senhoritas Dashwood entraram na sala de estar de Barton Park no dia seguinte, por uma porta, a senhora Palmer entrou correndo pela outra, parecendo tão bem-humorada e feliz quanto antes. Ela apertou a mão de todas com carinho e expressou grande prazer em revê-las.

– Estou tão feliz em vê-las! – disse ela, sentando-se entre Elinor e Marianne – porque o dia está tão feio que achei que as senhoritas não viriam, o que seria terrível, pois vamos embora amanhã. Precisamos ir, pois os Weston nos visitarão na próxima semana, vocês sabem. Foi uma coisa súbita, nossa vinda, e eu não sabia nada até que a carruagem chegou à porta e o senhor Palmer perguntou-me se eu iria com ele para Barton. Ele é tão divertido! Nunca me diz nada! Desculpe por não ficarmos mais tempo. Mas espero que nos encontremos de novo na cidade muito em breve.

Elas foram obrigadas a eliminar tal expectativa.

– Não vão para a cidade! – exclamou a senhora Palmer, com uma risada. – Ficarei bastante decepcionada se não forem. Eu conseguiria a melhor casa do mundo para vocês, ao lado da nossa, na praça Hanover. Vocês precisam ir, de verdade. Tenho certeza de que ficaria muito feliz em acompanhá-las em qualquer momento, até o parto, se a senhora Dashwood não quiser passear em público.

Elas agradeceram, mas foram obrigadas a resistir a todas as súplicas.

– Ah, meu amor – exclamou a senhora Palmer para o marido, que entrava na sala –, você deve me ajudar a convencer as senhoritas Dashwood a irem

para a cidade neste inverno.

O amor dela não respondeu e, depois de uma leve reverência às damas, começou a reclamar do tempo.

– Como isso tudo é horrível! – disse ele. – Esse tempo torna tudo e todo mundo repugnante. Aborrecimento é produzido tanto dentro como fora de casa, pela chuva. Faz com que detestemos todos os conhecidos. Como é que *sir* John não tem uma sala de bilhar em sua casa? Poucas pessoas sabem o que é conforto! *Sir* John é tão burro quanto o clima.

O resto do grupo logo entrou.

– Infelizmente, senhorita Marianne – disse *sir* John –, você não conseguiu fazer sua caminhada habitual até Allenhams hoje.

Marianne ficou muito séria e não disse nada.

– Ah, não seja tão dissimulada na nossa frente – disse a senhora Palmer –, pois sabemos tudo a respeito, posso assegurar. E admiro muito o seu gosto, pois acho que ele é extremamente bonito. Não moramos muito longe dele no campo, você sabe. Menos de 15 quilômetros, eu diria. – Está mais para 50 – disse o marido.

– Ah, bem! Não é tão diferente. Nunca estive na casa dele, mas dizem que é um lugar muito bonito.

– Um dos piores lugares que já vi em toda a minha vida – disse o senhor Palmer, com sinceridade.

Marianne permaneceu totalmente em silêncio, embora seu semblante traísse o interesse no que era dito.

– É muito feia? – continuou a senhora Palmer. – Então deve ser outro lugar que é bonito, suponho.

Quando estavam todos sentados na sala de jantar, *sir* John observou com desgosto que eles eram apenas oito.

– Minha querida – disse ele para sua senhora –, é muito desagradável que sejamos tão poucos. Por que você não convidou os Gilbert para vir?

– Não lhe contei, *sir* John, quando o senhor me falou sobre isso antes, que não pude convidar? Eles jantaram conosco por último.

– Você e eu, *sir* John – disse a senhora Jennings –, não deveríamos aguentar tanta cerimônia.

– Então a senhora seria muito mal-educada! – disse com vigor o senhor Palmer.

– Meu amor, você contradiz todo mundo – disse a esposa com a risada habitual. – Sabia que você é bastante grosseiro?

– Não tinha ciência de que eu contradizia alguém ao chamar a mãe de mal-educada.

– Sim, pode me insultar como quiser – disse a velha senhora bem-humorada. – Você tirou Charlotte das minhas mãos e não pode devolvê-la. Por isso a vantagem é minha.

Charlotte riu calorosamente ao pensar que o marido não podia se livrar dela; e disse exultante que não se importava com o quanto ele era bravo com ela, pois teriam que viver juntos. Era impossível que alguém fosse mais bem-humorado ou mais determinado a ser feliz do que a senhora Palmer. A indiferença estudada, a insolência e o descontentamento do marido não causavam sofrimento nela; e quando ele a repreendia ou a tratava mal, ela divertia-se muito.

– O senhor Palmer é tão divertido! – dizia ela, num sussurro, para Elinor. – Está sempre mal-humorado.

Elinor não estava inclinada, depois de uma breve observação, a dar-lhe crédito por ser tão genuína e insensivelmente hostil ou mal-educado quanto queria aparentar. Seu temperamento talvez estivesse um pouco amargado por descobrir, como muitos outros de seu gênero, que, por meio de algum viés inexplicável em favor da beleza, ele era o marido de uma mulher muito tola – mas ela sabia que esse tipo de erro era muito comum para que qualquer homem sensato ficasse magoado por muito tempo. Era mais um desejo de distinção, ela acreditava, o que produzia o tratamento desdenhoso que dedicava a todos e seu abuso geral de tudo que estivesse à sua frente. Era o desejo de parecer superior às outras pessoas. O motivo era muito comum para causar surpresa; mas os meios, por mais que fossem bem-sucedidos em estabelecer sua superioridade em má educação, provavelmente não atrairiam ninguém além da própria esposa.

– Ah, minha querida senhorita Dashwood – disse a senhora Palmer logo depois –, tenho um favor a pedir a você e à sua irmã. Poderiam passar algum tempo em Cleveland neste Natal? Por favor, venham, e que seja enquanto os Weston estiverem conosco. Não podem imaginar o quanto eu ficaria feliz! Será um prazer! Meu amor – dirigindo-se ao marido –, você não gostaria de receber as senhoritas Dashwood em Cleveland?

– Certamente – ele respondeu, com uma risada desdenhosa –, vim a Devonshire apenas para isso.

– Então – disse sua senhora –, as senhoritas podem ver que o senhor Palmer espera por vocês, então não podem recusar.

As duas recusaram o convite com avidez e determinação.

– Mas vocês realmente devem vir. Tenho certeza de que vão gostar de tudo. Os Weston estarão conosco e será muito agradável. Não podem imaginar como Cleveland é lindo; e estamos tão alegres agora, pois o senhor Palmer está sempre a percorrer o condado angariando votos para as eleições e tantas pessoas vêm jantar com a gente, como nunca vi antes, é bastante charmoso! Mas coitado! É muito cansativo para ele! Pois é forçado a fazer com que todos gostem dele.

Elinor mal conseguiu manter a expressão ao concordar com as dificuldades de tal obrigação.

– Como será charmoso – disse Charlotte – quando ele estiver no Parlamento! Não? Como eu vou rir! Será tão ridículo ver todas as cartas dirigidas a ele com a sigla MP. Mas sabem que ele diz que nunca franqueará minhas cartas? Afirma que não. Não é, senhor Palmer?

O senhor Palmer não deu importância a ela.

– Ele não aguenta escrever, sabe – ela continuou –, diz que é uma tarefa bastante desagradável.

– Não – disse ele –, nunca disse nada tão irracional. Não dirija todos esses abusos da linguagem contra mim.

– Então, vejam como ele é engraçado. É sempre assim com ele! Às vezes, não fala comigo durante metade do dia, e então fala algo tão engraçado... sobre qualquer coisa no mundo.

Ela surpreendeu Elinor quando voltaram para a sala de estar, perguntando se ela não gostava muito do senhor Palmer.

– Certamente – disse Elinor –, ele parece muito agradável.

– Bem, eu estou tão feliz que ache isso. Achei que pensaria isso, ele é tão agradável, e o senhor Palmer está muito satisfeito com você e suas irmãs, posso dizer, e você não pode imaginar o quanto ele ficará decepcionado se não vierem a Cleveland. Não posso imaginar por que recusariam o convite.

Elinor foi obrigada novamente a recusar o convite e a interromper as súplicas, mudando de assunto. Ela achou provável que, como viviam no mesmo condado, a senhora Palmer pudesse dar uma descrição mais particular do caráter geral de Willoughby do que poderia ser obtido por meio da amizade parcial dos Middleton com ele, e estava ansiosa para conseguir de qualquer um a confirmação dos méritos dele, que pudesse afastar os temores por Marianne. Começou por indagar se viam o senhor Willoughby com frequência em Cleveland e se estavam intimamente

familiarizados com ele.

– Ó, querida, sim, conheço-o muito bem – respondeu a senhora Palmer. – Não que eu já tenha falado com ele, na verdade, mas o vejo sempre na cidade. De qualquer modo, nunca fiquei hospedada em Barton enquanto ele estava em Allenham. Mamãe o viu aqui uma vez antes, mas eu estava com meu tio em Weymouth. No entanto, ousa dizer que deveríamos ter encontrado muito com ele em Somersetshire, se não tivesse acontecido a infelicidade de que nunca estávamos juntos no campo. Ele passa muito pouco tempo em Combe, acredito, mas mesmo que estivesse sempre lá, não acho que o senhor Palmer o visitaria, pois ele é da oposição, você sabe, e além disso vive muito afastado. Sei muito bem por que está perguntando sobre ele, sua irmã deve se casar com Willoughby. Estou muito feliz por isso, pois então a terei como vizinha.

– Dou minha palavra – respondeu Elinor – que a senhora sabe muito mais sobre o assunto do que eu, se tiver algum motivo para esperar tal compromisso.

– Não finja negar, pois você sabe que todo mundo está falando disso. Garanto que ouvi alguém comentar quando passei pela cidade.

– Minha querida senhora Palmer!

– Juro pela minha honra. Encontrei o coronel Brandon na manhã de segunda-feira na Rua Bond, pouco antes de sairmos da cidade, e ele me contou diretamente.

– A senhora me surpreende muito. O coronel Brandon contou isso! Certamente deve estar enganada. Divulgar essa informação a uma pessoa quenão poderia estar interessada nela, mesmo que fosse verdade, não é o que eu esperaria que o coronel Brandon fizesse.

– Mas asseguro que foi assim e vou contar como aconteceu. Quando nos encontramos, ele deu meia-volta e caminhou conosco. Então começamos a falar do meu cunhado e de minha irmã, uma coisa levou a outra, e eu disse a ele: “Então, coronel, há uma nova família no chalé de Barton, ouvi dizer, e mamãe me contou que elas são muito bonitas, e que uma delas vai se casar com o senhor Willoughby de Combe Magna. É verdade? Pois é claro que o senhor deve saber, já que estive em Devonshire ultimamente”.

– E o que o coronel disse?

– Ah, ele não disse muito, mas parecia saber que era verdade, então, a partir daquele momento, estabeleci como algo certo. Será maravilhoso, tenho certeza! Quando vai acontecer?

– O senhor Brandon estava bem, espero?

– Ah, sim, bastante bem. E com muitos elogios para a senhorita, ele só falou coisas boas sobre você.

– Fico lisonjeada por seus elogios. Parece ser um excelente homem e acho que é muito agradável.

– Eu também. É um homem tão encantador, é uma pena que seja tão sério e apático. Mamãe diz que ele também estava apaixonado por sua irmã. Garanto que seria um grande elogio se estivesse, pois ele quase nunca se apaixona por ninguém.

– Então, o senhor Willoughby é muito conhecido em sua parte de Somersetshire? – perguntou Elinor.

– Ah, sim, muito bem; isto é, não acredito que muitas pessoas o conheçam, pois Combe Magna fica tão longe, mas asseguro que todos o consideram muito agradável. Ninguém é mais apreciado do que o senhor Willoughby, onde quer que ele vá, pode contar para sua irmã. Ela é uma garota de muita sorte por conquistá-lo, eu garanto. Não que ele também não tenha muita sorte em conquistá-la, pois ela é muito bonita e agradável, que nada pode ser bom o suficiente para ela. No entanto, não acho que ela seja mais bonita do que você, pois acho que as duas são muito bonitas, e o senhor Palmer também pensa isso, tenho certeza, embora não tenhamos conseguido que admitisse ontem à noite.

A informação da senhora Palmer sobre Willoughby não era muito concreta, mas qualquer testemunho a favor dele, por menor que fosse, era agradável para Elinor.

– Estou tão feliz que tenhamos finalmente nos conhecido – continuou Charlotte. – E agora espero que sempre sejamos boas amigas. Não pode imaginar o quanto eu queria conhecer você! É tão maravilhoso que tenha vindo morar no chalé! Nada se compara a isso, com certeza! E fico tão feliz que sua irmã se casará tão bem! Espero que visitem bastante Combe Magna. É um lugar encantador, em todos os sentidos.

– Você conhece o coronel Brandon há muito tempo, não é?

– Sim, há muito tempo. Desde quando minha irmã se casou. Era um amigo de *sir* John. Acredito – ela acrescentou com a voz baixa – que ele teria ficado muito feliz de se casar comigo, se pudesse. *Sir* John e lady Middleton quiseram muito. Mas mamãe não achou que seria bom para mim, caso contrário *sir* John teria mencionado isso ao coronel e teríamos nos casado imediatamente.

– O coronel Brandon não soube da proposta de *sir* John para sua mãe antes que fosse feita? Ele nunca manifestou seu afeto por você?

– Ah, não, mas se mamãe não tivesse sido contra, ousou dizer que ele teria gostado de tudo. Ele não tinha me visto nem duas vezes, pois eu ainda não tinha saído da escola. No entanto, estou muito mais feliz assim. O senhor Palmer é o tipo de homem de que eu gosto.

Capítulo 21

Os Palmer voltaram para Cleveland no dia seguinte e ficaram novamente só as duas famílias em Barton para entreter uma à outra. Mas isso não durou muito. Elinor não tirava da cabeça os últimos visitantes. Não conseguia parar de se espantar com a maneira como Charlotte era tão feliz sem uma causa aparente, como o senhor Palmer podia agir de modo tão tolo com tanta simplicidade, e com a estranha inadequação que muitas vezes existia entre marido e esposa, antes que o zelo ativo de *sir* John e da senhora Jennings pela causa da sociedade fizesse com que procurassem outro grupo de conhecidos para ver e observar.

Em uma excursão matutina a Exeter, eles tinham encontrado duas jovens damas, as quais a senhora Jennings teve a satisfação de descobrir que eram suas parentes, e isso foi suficiente para que *sir* John as convidasse para Barton Park, assim que seus compromissos atuais em Exeter tivessem acabado. Seus compromissos em Exeter imediatamente perderam importância diante de um convite como aquele, e lady Middleton ficou alarmada com o retorno de *sir* John, ao saber que receberia em breve a visita de duas moças que ela nunca vira na vida, e de cuja elegância e até mesmo de cujo refinamento tolerável ela não tinha provas, pois as garantias do marido e da mãe sobre esse assunto não serviram de nada. O fato de serem parentes piorava muito mais a situação, e as tentativas da senhora Jennings de consolá-la eram infelizmente infundadas, pois ela aconselhou a filha a não se preocupar com o fato de serem elegantes demais, já que eram todas primas e deviam se tolerar. No entanto, como agora era impossível impedir que viessem, lady Middleton resignou-se, com toda a filosofia de uma mulher bem-educada, contentando-se em repreender amavelmente o marido sobre o assunto cinco ou seis vezes todos os dias.

As jovens damas chegaram: sua aparência não era, de modo algum, pouco refinada ou fora de moda. Os vestidos delas eram muito elegantes, seus modos muito civilizados, ficaram encantadas com a casa e extasiadas com os móveis, e gostavam tanto de crianças que lady Middleton já tinha uma boa opinião delas antes de terem passado uma hora em Barton. Afirmou que eram moças realmente muito agradáveis, o que, para ela, era uma admiração entusiasmada. A confiança de *sir* John no próprio julgamento aumentou com esse elogio animado e ele partiu diretamente para o chalé para contar às senhoritas Dashwood sobre a chegada das senhoritas Steele e para assegurá-las de que eram as meninas mais doces do mundo. Com um elogio como este, no entanto, não havia muito mistério. Elinor sabia muito bem que as meninas mais doces do mundo podiam ser encontradas em todas as partes da Inglaterra, sob todas as variações possíveis de forma, rosto, temperamento e inteligência. *Sir* John queria que toda a família caminhasse imediatamente para Barton Park para conhecer as convidadas. Que homem benevolente e filantropo! Era doloroso para ele manter até mesmo um primo em terceiro grau para si mesmo.

– Venham agora – disse ele –, venham, por favor. Vocês devem vir. Afirmo que devem vir. Não podem imaginar o quanto gostarão delas. Lucy é incrivelmente bonita, tão bem-humorada e agradável! As crianças já estão penduradas nela, como se fosse uma velha amiga. E as duas desejam muito conhecê-las, acima de tudo, pois ouviram em Exeter que as senhoritas são as criaturas mais bonitas do mundo. E eu disse que é tudo verdadeiro e muito mais. Vocês ficarão encantadas com elas, tenho certeza. Trouxeram a carruagem cheia de brinquedos para as crianças. Como podem ser tão avessas a vir? Pois são suas primas, vocês sabem, de certo modo. Vocês são minhas primas, e elas são da minha esposa, então devem estar relacionadas.

Mas *sir* John não conseguiu convencê-las. Só conseguiu uma promessa de que iriam a Barton Park dentro de um ou dois dias e, deixando-as espantado com tal indiferença, voltou para casa e reforçou o quanto elas eram atraentes para as senhoritas Steele, pois já tinha elogiado as senhoritas Steele para elas.

Quando a visita prometida a Barton Park e a consequente apresentação às jovens damas ocorreu, elas não acharam nada admirável na aparência da mais velha, que tinha quase 30 anos e um rosto muito simples e sem

expressividade. Mas na outra, que não tinha mais do que 22 ou 23 anos, reconheceram uma beleza considerável. Seus traços eram bonitos e ela tinha um olhar vivo e penetrante, um ar inteligente que, embora não proporcionasse exatamente elegância ou graça, atribuía distinção à sua pessoa. Suas maneiras eram especialmente educadas e Elinor logo deu crédito a elas por algum tipo de bom senso, quando viu com que atenção constante e criteriosa agradavam a lady Middleton. Estavam sempre maravilhadas com as crianças, exaltando a beleza delas, cortejando sua atenção e satisfazendo seus caprichos. Durante o tempo que lhes podia ser poupado das exigências inoportunas que tal polidez impunha, as jovens passavam admirando o que quer que lady Middleton estivesse fazendo, caso estivesse fazendo algo, ou copiando o modelo de algum vestido elegante que ela tivesse usado no dia anterior e causado a admiração de todos. Felizmente, para aqueles que querem bajular por meio de tais fraquezas, uma mãe apaixonada, embora seja o mais ganancioso dos seres humanos quando se trata de procurar elogios aos seus filhos, também é igualmente o mais crédulo. Suas exigências são exorbitantes; mas ela acreditará em qualquer coisa, e o excessivo carinho e tolerância das senhoritas Steele em relação à sua prole foram aceitos por lady Middleton, portanto, sem a menor surpresa ou desconfiança. Ela via com complacência maternal todas as intromissões impertinentes e travessuras às quais as primas eram submetidas. Via como seus cintos eram desamarrados, seus cabelos puxados sobre as orelhas, suas bolsas de trabalho remexidas e suas facas e tesouras roubadas, e não tinha nenhuma dúvida de que era um prazer recíproco. A única surpresa para ela era que Elinor e Marianne se sentassem tão controladas, sem querer participar no que estava acontecendo.

– John está tão animado hoje! – disse ela, ao vê-lo pegar o lenço de bolso da senhorita Steele e jogá-lo pela janela. – Não para de fazer travessuras.

E logo depois, quando o segundo menino beliscou violentamente um dos dedos da mesma dama, ela observou com carinho:

– Como o William é brincalhão!

– E aqui está minha pequena e doce Annamaria – acrescentou, acariciando com ternura uma menina de 3 anos que não fizera nenhum barulho nos últimos dois minutos. – E ela é sempre tão gentil e silenciosa. Nunca houve uma criança tão tranquila!

Mas, infelizmente, ao dar esses abraços, um alfinete no chapéu da

senhoria arranhou levemente o pescoço da criança, produzindo por meio desse modelo de meiguice gritos tão violentos que dificilmente poderiam ser superados por qualquer criatura professadamente barulhenta. A consternação da mãe foi excessiva, mas não conseguiu superar o alarme das senhoritas Steele, e as três fizeram tudo, em uma emergência tão crítica, que o afeto pudesse sugerir para aliviar a agonia da pequena sofredora. Ela estava sentada no colo da mãe, coberta de beijos, sua ferida banhada com água de lavanda por uma das senhoritas Steele, que estava de joelhos para atendê-la, enquanto sua boca era recheada com balas pela outra. Com tantas recompensas por suas lágrimas, a criança era esperta o suficiente para não parar de chorar. Ela ainda gritava e soluçava vigorosamente, chutava os dois irmãos por quererem tocar nela, e não conseguiram acalmá-la até que lady Middleton felizmente lembrou que, em um momento de sofrimento parecido na semana anterior, uma geleia de damasco fora aplicada com sucesso em uma têmpora arranhada, e o mesmo remédio foi proposto com entusiasmo para este arranhão infeliz, e um ligeiro intervalo dos gritos da menina ao ouvir isso deu-lhes motivos para esperar que não seria rejeitado. Ela foi levada para fora da sala, portanto, nos braços da mãe, em busca do remédio, e como os dois meninos decidiram segui-la, embora a mãe tivesse pedido para que ficassem ali, as quatro jovens foram deixadas em um silêncio que a sala desconhecida havia muitas horas.

– Pobres criaturinhas! – disse a senhorita Steele, assim que eles saíram. – Poderia ter sido um acidente bem grave.

– Não sei como – exclamou Marianne –, a menos que tivesse acontecido em circunstâncias totalmente diferentes. Mas esta é a maneira habitual de aumentar a preocupação quando não há nada com que se preocupar.

– Que mulher doce é lady Middleton! – disse Lucy Steele.

Marianne ficou em silêncio. Era impossível para ela dizer o que não sentia, por mais trivial que fosse a ocasião; portanto, sempre recaía sobre Elinor a tarefa de contar mentiras quando a cortesia exigia. Ela fazia o melhor que podia quando era necessário, falando de lady Middleton com mais carinho do que sentia, embora com muito menos do que a senhorita Lucy.

– E *sir* John também – exclamou a irmã mais velha –, que homem encantador ele é!

Aqui também o elogio da senhorita Dashwood, sendo apenas simples e

justo, foi feito sem nenhum brilho. Ela só observou que ele era muito bem-humorado e amigável.

– E que pequena família encantadora eles têm! Nunca vi crianças tão boas na minha vida. Digo que já estou apaixonada por eles e na verdade já gostava profundamente de crianças.

– Imagino que sim – disse Elinor, com um sorriso –, pelo que presenciei nessa manhã.

– Tenho a opinião – disse Lucy – de que você acha que os pequenos Middleton são mimados. Talvez possam ser um pouco demais, mas é tão natural em lady Middleton e, de minha parte, adoro ver as crianças cheias de vida e ânimo, não consigo suportar quando são mansas e silenciosas.

– Confesso – respondeu Elinor – que enquanto estou em Barton Park, nunca penso em crianças mansas e silenciosas com qualquer aversão.

Houve uma breve pausa depois dessas palavras, interrompida pela senhorita Steele, que parecia muito disposta a conversar e disse de maneira bastante abrupta:

– E o que acha de Devonshire, senhorita Dashwood? Imagino que tenha ficado triste por deixar Sussex.

Com alguma surpresa pela familiaridade desta pergunta ou ao menos pela maneira que foi feita, Elinor respondeu que ficara.

– Norland é um lugar incrivelmente lindo, não é? – acrescentou a senhorita Steele.

– Ouvimos dizer que *sir* John admira muito o lugar – disse Lucy, que parecia pensar que era necessária alguma desculpa para a liberdade tomada pela irmã.

– Acho que todos que já viram o lugar devem admirá-lo – respondeu Elinor –, embora imagino que ninguém possa estimar suas belezas mais do que nós.

– E você tinha muitos admiradores por lá? Suponho que não tenha tantos por aqui. Na minha opinião, acho que nunca são demais.

– Mas por que você pensaria – disse Lucy, com vergonha da irmã – que não há tantos jovens distintos em Devonshire quanto em Sussex?

– Não, minha querida, com certeza não quis dizer isso. Estou certa de que há muitos rapazes galanteadores em Exeter, mas como poderia saber quantos galanteadores há em Norland? E só estava com medo que as senhoritas Dashwood pudessem achar que Barton era um lugar aborrecido, se não tivessem tantos rapazes galanteadores como antes. Mas talvez

vocês, senhoritas, não se preocupem com os homens bonitos, e para vocês não faça diferença estarem acompanhadas por eles ou não. De minha parte, acho que eles são muito agradáveis, desde que se vistam bem e se comportem civilizadamente. Mas não aguento vê-los sujos e desleixados. Vejam, por exemplo, o senhor Rose de Exeter, um jovem inteligente e prodigioso, muito simpático, empregado do senhor Simpson, vocês sabem, e ainda assim, se o virem de manhã, ele não estará muito apresentável. Suponho que seu irmão era galanteador, senhorita Dashwood, antes de se casar, por ser tão rico?

– Dou minha palavra – respondeu Elinor – que não posso responder, pois não compreendo perfeitamente o significado da palavra. Mas isso posso dizer, se ele já era galanteador antes de se casar, continua sendo, pois não mudou em nada.

– Querida! Nunca se pensa que os homens casados sejam galanteadores, eles têm mais coisas a fazer.

– Por Deus, Anne – exclamou sua irmã –, você só sabe falar de rapazes galanteadores. Vai fazer a senhorita Dashwood acreditar que não pensa em mais nada.

E então, para mudar de assunto, começou a admirar a casa e os móveis.

Essa amostra das senhoritas Steele era suficiente. A liberdade vulgar e a estupidez da mais velha não a recomendavam, e como Elinor não se deixou influenciar pela beleza ou o olhar perspicaz da mais jovem a ponto de ignorar sua falta de verdadeira elegância e sinceridade, deixou a casa sem o desejo de conhecê-las melhor.

Não foi o mesmo com as senhoritas Steele. Elas vieram de Exeter cheias de admiração por *sir* John Middleton, sua família e todas as suas relações, e não foram mesquinhas com os elogios às suas belas primas, que declararam ser as moças mais lindas, elegantes, prendadas e agradáveis que já tinham visto, e queriam muito conhecê-las melhor. E não havia, Elinor logo descobriu, como escapar disso, pois, como *sir* John concordava plenamente com as senhoritas Steele, seria muito difícil se opor ao grupo formado por eles, sendo obrigadas a se submeter a esse tipo de intimidade que consiste em uma ou duas horas juntas na mesma sala quase todos os dias. *Sir* John não poderia fazer mais nada, mas não sabia que era necessário algo mais: estar juntos era, em sua opinião, ser íntimo, e como seus esquemas contínuos para que elas se reunissem eram eficientes, não tinha dúvidas de que elas já eram amigas.

Para ser justo com *sir* John, ele fez tudo ao seu alcance para eliminar as reservas delas, fazendo com que as senhoritas Steele soubessem tudo que ele conhecia ou achava que conhecia sobre suas primas nos detalhes mais delicados. E Elinor não as tinha visto mais do que duas vezes quando a mais velha a felicitou por sua irmã ter tido a sorte de conquistar um jovem tão bonito, desde que tinham chegado a Barton.

– Seria uma coisa boa casá-la tão jovem, com certeza – disse ela –, e ouvi dizer que é um jovem muito bonito. E espero que você também tenha a mesma sorte em breve, mas talvez já tenha um pretendente na manga.

Elinor não podia supor que *sir* John fosse mais discreto ao proclamar suas suspeitas em relação a Edward do que fora em relação a Marianne. Na verdade, entre as duas, ele gostava mais de brincar com ela, pois era uma história mais nova e menos certa e, desde a visita de Edward, eles nunca tinham jantado juntos sem que ele fizesse um brinde à saúde dela com tanto significado, tantos acenos e piscadelas, o que chamava a atenção de todos. A letra F fora invariavelmente mencionada, e piadas incontáveis tinham sido criadas, insinuando que Elinor escolhera há muito tempo sua letra favorita do alfabeto.

As senhoritas Steele, como ela esperava, já conheciam todas essas piadas e, na mais velha delas, causavam curiosidade para saber o nome do cavalheiro aludido, o que, apesar de muitas vezes expresso de forma impertinente, combinava perfeitamente com sua curiosidade geral em relação aos assuntos da família Dashwood. Mas *sir* John não brincou muito com a curiosidade que ele gostava de criar, pois sentiu pelo menos tanto prazer em contar o nome quanto a senhorita Steele sentiu em ouvi-lo.

– O nome é Ferrars – disse ele, em um sussurro muito audível. – Mas cuidado, não conte a ninguém, pois é um grande segredo.

– Ferrars! – repetiu a senhorita Steele. – O senhor Ferrars é o felizardo, é mesmo? O quê! O irmão da sua cunhada, senhorita Dashwood? Um jovem muito agradável, tenho certeza. Conheço-o muito bem.

– Como pode dizer isso, Anne? – exclamou Lucy, que geralmente corrigia todas as afirmações da irmã. – Embora o tenhamos visto uma ou duas vezes na casa do meu tio, é demais fingir que o conhece muito bem.

Elinor ouviu tudo isso com atenção e surpresa. “E quem era esse tio? Onde ele morava? Como eles se conheceram?” Ela desejava muito que o assunto tivesse continuado, embora tenha preferido não se juntar à conversa. Porém, nada mais foi dito, e pela primeira vez na vida, ela achou

que a senhora Jennings teve pouca curiosidade diante de tão pouca informação ou pouca disposição para manifestá-la. A maneira como a senhorita Steele falou de Edward aumentou a curiosidade dela, pois Elinor interpretou-a como sendo maliciosa e que levantava a suspeita de que aquela senhorita sabia, ou imaginava saber, alguma coisa ruim a respeito dele. Mas sua curiosidade foi inútil, pois o nome do senhor Ferrars não foi mais citado pela senhorita Steele quando aludido, ou até mesmo mencionado abertamente por *sir* John.

Capítulo 22

Marianne, que nunca tolerara nada parecido com impertinência, vulgaridade, inferioridade de sentimentos, nem mesmo gostos diferentes dos seus, estava naquele momento especialmente indisposta, pelo estado de seu ânimo, a ser agradável com as senhoritas Steele ou incentivar a aproximação delas, e mediante a incansável frieza de seu comportamento em relação a elas, a qual comprometia todos os esforços de intimidade por parte das irmãs, Elinor atribuiu a si a preferência delas, algo que logo se tornou evidente nos modos de ambas, mas especialmente nos de Lucy, que não perdia a oportunidade de conversar com ela ou de estreitar a amizade por meio de uma comunicação simples e franca de seus sentimentos.

Lucy era naturalmente inteligente, suas observações eram muitas vezes justas e divertidas, e como companhia por meia hora, Elinor a achava agradável. Mas suas capacidades não tinham recebido nenhum reforço da educação: ela era ignorante e iletrada e não havia como esconder da senhorita Dashwood sua deficiência em todos os refinamentos intelectuais, sua falta de informação nos detalhes mais comuns, apesar de seu constante esforço para mostrar alguma superioridade. Elinor via isso, e sentia pena do desperdício de habilidades que a educação poderia ter tornado tão respeitáveis. Mas percebeu, com menos ternura de sentimento, a total falta de delicadeza, de retidão e integridade de opiniões que suas atenções, suas dissimulações e seus elogios em Barton Park traíam. E não poderia sentir nenhuma satisfação duradoura na companhia de uma pessoa que juntava falta de sinceridade com ignorância, cuja falta de instrução impedia sua participação em conversas em pé de igualdade, e cuja conduta com os outros tornava cada demonstração de atenção e deferência em relação a ela

totalmente sem valor.

– Você achará minha pergunta estranha, ousou dizer – disse Lucy a ela um dia, enquanto caminhavam juntas de Barton Park para o chalé –, mas você conhece pessoalmente a mãe da sua cunhada, a senhora Ferrars?

Elinor realmente achou a pergunta muito estranha, e seu semblante expressou isso, quando respondeu que nunca vira a senhora Ferrars.

– É mesmo! – respondeu Lucy. – Eu me perguntava isso, pois achei que você deveria tê-la visto em Norland às vezes. Então, talvez você não possa me dizer que tipo de mulher ela é?

– Não – respondeu Elinor, cautelosa em dar sua opinião real sobre a mãe de Edward e não muito desejosa de satisfazer o que parecia uma curiosidade impertinente. – Não sei nada sobre ela.

– Tenho certeza de que você acha muito estranho que eu pergunte sobre ela desse jeito – disse Lucy, observando Elinor atentamente enquanto falava. – Mas talvez eu tenha minhas razões. Eu gostaria de me atrever a indagar, no entanto, espero que você me faça a justiça de acreditar que não quero ser impertinente.

Elinor deu uma resposta educada e elas caminharam por alguns minutos em silêncio, o qual foi quebrado por Lucy, que retomou o assunto dizendo, com alguma hesitação:

– Não posso suportar que você me ache curiosa de forma impertinente. Saiba que prefiro fazer qualquer coisa no mundo a ser vista desse jeito por uma pessoa cuja boa opinião vale a pena ter, como a sua. E estou certa de que não devo ter o menor medo de confiar em você. Na verdade, eu ficaria muito feliz com seu conselho sobre como lidar com uma situação tão desconfortável quanto a minha. No entanto, não tenho o direito de incomodá-la. Lamento que não conheça a senhora Ferrars.

– Lamento que eu não a conheça – disse Elinor, com grande espanto – se minha opinião sobre ela é tão importante para você. Mas, na verdade, nunca soube que estava conectada com aquela família e, portanto, estou um pouco surpresa, confesso, com um questionamento tão sério sobre o caráter dela.

– Sei que está surpresa e tenho certeza de que não me admira seu espanto. Mas se ousasse contar tudo a você, não ficaria tão surpresa. A senhora Ferrars certamente não é nada para mim no momento, mas poderá chegar o dia, depende dela em quanto tempo, em que poderemos estar muito intimamente conectadas.

Ela abaixou a cabeça enquanto falava, amigavelmente tímida, com apenas um olhar de relance para observar o efeito sobre sua companhia.

– Deus do céu! – exclamou Elinor. – O que quer dizer? Você conhece o senhor Robert Ferrars? Pode conhecer? – e não se sentiu muito feliz com a ideia de tê-la como cunhada.

– Não – respondeu Lucy –, não o senhor Robert Ferrars, nunca o vi na minha vida – fixando os olhos em Elinor. – Conheço seu irmão mais velho.

O que Elinor sentiu naquele momento? Espanto, que seria tão doloroso quanto forte, se não tivesse sido acompanhado por uma descrença imediata de tal afirmação. Ela se virou para Lucy com um espanto silencioso, incapaz de adivinhar o motivo ou objetivo de tal declaração, e embora seu rosto tenha ficado branco, ela permaneceu firme na incredulidade e não sentiu nenhum perigo de algum ataque histérico ou desmaio.

– Você pode estar surpresa – continuou Lucy –, já que, com certeza, não poderia ter nenhuma ideia disso antes, pois ousou dizer que ele nunca deu a menor sugestão disso para você ou para qualquer pessoa da sua família, uma vez que sempre foi um grande segredo, o qual tenho certeza que foi fielmente mantido por mim até este momento. Ninguém entre todos os meus conhecidos sabe disso, a não ser a Anne, e eu nunca deveria ter mencionado isso para você, se não tivesse confiança de que poderia manter o segredo. E realmente pensei que meu comportamento ao fazer tantas perguntas sobre a senhora Ferrars deve ter parecido muito estranho, por isso deveria ser explicado. E não penso que o senhor Ferrars ficará descontente quando souber que confiei em você, pois sei que ele tem uma excelente opinião sobre você e as outras senhoritas Dashwood e as vê praticamente como irmãs dele – ela fez uma pausa.

Elinor permaneceu em silêncio por alguns minutos. Seu espanto com o que tinha ouvido foi inicialmente grande demais para colocar em palavras, mas, finalmente se forçando a falar, e a falar com cautela, disse com uma calma que conseguia ocultar de maneira razoável sua surpresa e ansiedade:

– Posso perguntar se estão comprometidos há muito tempo?

– Estamos comprometidos há quatro anos.

– Quatro anos!

– Sim.

Elinor, embora muito chocada, ainda não era capaz de acreditar.

– Eu só soube outro dia que vocês se conheciam – disse ela.

– Nós nos conhecemos, no entanto, há muitos anos. Ele esteve sob os

cuidados do meu tio, você sabe, por um bom tempo.

– Seu tio!

– Sim, o senhor Pratt. Você nunca o ouviu falar sobre o senhor Pratt?

– Acho que sim – respondeu Elinor, com um esforço de ânimo, ainda maior devido ao aumento da sua emoção.

– Ele ficou quatro anos com meu tio, que mora em Longstaple, perto de Plymouth. Foi lá que nos conhecemos, pois eu e minha irmã sempre estávamos com meu tio, e foi lá que nosso compromisso começou, apesar de só ter acontecido um ano depois que ele deixou de ser pupilo do meu tio. Mas, depois disso, ele estava quase sempre conosco. Eu não estava nada disposta a iniciar essa relação, como você pode imaginar, sem o conhecimento e a aprovação da mãe dele. Mas eu era muito jovem e o amava demais para ser tão prudente quanto deveria ter sido. Embora você não o conheça tão bem como eu, senhorita Dashwood, deve ter visto o suficiente para saber que é ele muito capaz de deixar uma mulher sinceramente apaixonada.

– Certamente – respondeu Elinor, sem saber o que dizia. Mas depois de um momento de reflexão, acrescentou, com a segurança revivida na honra e no amor de Edward, e na falsidade da senhorita Steele. – Comprometida com o senhor Edward Ferrars! Eu me confesso totalmente surpresa com o que você me contou, que realmente... Desculpe-me, mas certamente deve haver algum erro de pessoa ou nome. Não podemos estar falando do mesmo senhor Ferrars.

– Não podemos estar falando de nenhum outro – exclamou Lucy, sorrindo. – O senhor Edward Ferrars, filho mais velho da senhora Ferrars, de Park Street, e irmão de sua cunhada, a senhora John Dashwood, é a pessoa de quem estou falando. Você deve reconhecer que seja pouco provável que eu esteja enganada quanto ao nome do homem de quem depende toda minha felicidade.

– É estranho – respondeu Elinor, com uma perplexidade dolorosa – que nunca o tenha ouvido sequer mencionar seu nome.

– Não, considerando nossa situação, não é estranho. Nosso primeiro cuidado foi manter o assunto em segredo. Você não sabia nada de mim, nem da minha família e, portanto, não poderia haver ocasião para mencionar meu nome a você. E como Edward sempre teve medo de que a irmã suspeitasse de qualquer coisa, isso foi motivo suficiente para que ele não me mencionasse.

Ela ficou em silêncio. A segurança de Elinor afundou, mas seu autocontrole não afundou junto.

– Há quatro anos estão comprometidos – disse ela com uma voz firme.

– Sim, e Deus sabe quanto tempo teremos que esperar. Pobre Edward! Isso o deixa muito triste – então, tirando um pequeno porta-retratos do bolso, acrescentou: – Para evitar a possibilidade de erro, faça a gentileza de olhar para esse rosto. Não faz justiça a ele, mas acho que não pode se enganar quanto à pessoa que foi retratada. Tenho isso há mais de três anos.

Ela colocou o porta-retratos nas mãos de Elinor enquanto falava, e quando esta viu o desenho, desapareceram todas as dúvidas de que sua conclusão pudesse ser apressada ou seu desejo de que tudo fosse mentira, diante do rosto de mais ninguém do que o de Edward. Ela devolveu-o quase imediatamente, reconhecendo a semelhança.

– Nunca consegui – continuou Lucy – dar meu retrato em troca, o que me chateia muito, pois ele sempre quis muito um! Mas estou determinada a entregar na primeira oportunidade.

– Faça isso – respondeu calmamente Elinor. Elas seguiram alguns passos em silêncio. Lucy falou primeiro.

– Tenho certeza – disse ela –, não tenho a menor dúvida, de que você manterá este segredo, pois deve saber como é importante para nós que não chegue ao conhecimento da mãe dele, pois ela nunca aprovaria esse compromisso, ousar dizer. Não tenho fortuna e acho que ela é uma mulher extremamente orgulhosa.

– Eu certamente não procurei suas confidências – disse Elinor –, mas você não me faz mais do que justiça ao imaginar que pode confiar em mim. Seu segredo está seguro comigo, mas perdoe-me se eu expressar alguma surpresa em uma confissão tão desnecessária. Você deveria, pelo menos, ter sentido que meu conhecimento disso poderia diminuir sua segurança.

Ao dizer isso, ela olhou séria para Lucy, esperando descobrir algo em seu semblante. Talvez a falsidade da maior parte do que havia dito. Mas o semblante de Lucy não sofreu nenhuma mudança.

– Tinha medo de que você pensasse que eu estava tomando liberdade demais com você – disse ela – contando tudo isso. Não a conheço há muito tempo, é claro, pelo menos pessoalmente, mas ouço sobre você e toda sua família há muito tempo e, assim que a vi, senti quase como se fosse uma velha conhecida. Além disso, neste caso, realmente pensei que alguma

explicação era devida depois de fazer tais indagações particulares sobre a mãe do Edward. E sou tão infeliz que não tenho ninguém para pedir conselhos. Anne é a única pessoa que sabe disso e ela não tem nenhum juízo. Na verdade, ela me faz muito mais mal do que bem, pois sinto um medo constante de que possa trair meu segredo. Ela não sabe como calar a boca, como você deve ter percebido, e pode ter certeza de que fiquei com muito medo no outro dia, quando o nome do Edward foi mencionado por *sir* John. Medo de que ela contasse tudo. Não sabe o quanto penso em tudo isso. Fico espantada por estar viva depois de tudo que sofri pelo bem de Edward nos últimos quatro anos. Tanto suspense e incerteza; e vendo-o tão raramente. Dificilmente podemos nos encontrar mais do que duas vezes por ano. É estranho que meu coração não esteja destruído.

Nesse momento, ela pegou seu lenço. Mas Elinor não sentiu muita compaixão.

– Às vezes – continuou Lucy, depois de enxugar os olhos –, penso se não seria melhor para nós dois terminarmos com tudo isso de uma vez. – Ao dizer isso, ela olhou diretamente para sua companhia. – Mas, em outras ocasiões, não tenho coragem suficiente para isso. Não consigo suportar a ideia de deixá-lo tão triste, como sei que a simples menção de tal coisa faria. E por mim mesma também, já que gosto tanto dele, não acho que conseguiria me levar a fazer isso. O que me aconselha a fazer nesse caso, senhorita Dashwood? O que você faria?

– Perdoe-me – respondeu Elinor, assustada com a pergunta –, mas não posso lhe dar nenhum conselho em tais circunstâncias. Seu próprio julgamento deve guiá-la.

– Com certeza – continuou Lucy, depois de alguns minutos de silêncio de ambos os lados – a mãe dele deve deixar algum dinheiro para ele em algum momento, mas o pobre Edward está tão triste por isso! Você não achou que ele estava com um péssimo humor quando esteve em Barton? Estava tão triste quando nos deixou em Longstaple, ao ir visitá-las, que eu temia que vocês achassem que ele estava doente.

– Ele vinha do seu tio, então, quando nos visitou?

– Ah, sim, ele ficou quinze dias conosco. Você achou que ele veio diretamente da cidade?

– Não – respondeu Elinor, mais sensível com cada nova circunstância da veracidade do que Lucy dizia. – Lembro que ele nos contou que ficara quinze dias com alguns amigos perto de Plymouth.

Ela se lembrou também da própria surpresa naquele momento, por ele não ter dito muito sobre esses amigos, permanecendo em silêncio absoluto até mesmo em relação aos seus nomes.

– Você não o achou deploravelmente desanimado? – repetiu Lucy.

– Achamos, de fato, especialmente quando chegou.

– Implorei para que ele se esforçasse, por temor de que vocês suspeitassem qual era o problema. Mas ele se sentia tão melancólico por não poder ficar mais de quinze dias conosco e por me ver tão afetada. Coitado! Receio que esteja exatamente igual agora; pois escreveu com um ânimo terrível. Recebi notícias dele logo antes de deixar Exeter – ela tirou uma carta do bolso e mostrou-a para Elinor. – Você conhece a letra dele, ousou dizer, e ela é charmosa, mas não está escrita tão bem como de costume. Ele estava cansado, ousou dizer, pois acabara de preencher a folha de papel o máximo possível para mim.

Elinor viu que era a letra dele e não pôde duvidar mais. O retrato, ela permitiu-se acreditar, poderia ter sido obtido acidentalmente. Talvez não tivesse sido um presente de Edward, mas uma correspondência entre eles só poderia existir mediante um envolvimento verdadeiro, não poderia ser explicada por nada mais. Por alguns momentos, ela quase perdeu o controle. Seu coração afundou dentro dela, e ela mal conseguiu permanecer de pé. Mas o esforço era absolutamente necessário, e ela lutou tão decididamente contra a opressão de seus sentimentos que seu sucesso foi rápido e, ao menos por aquele momento, completo.

– Trocar cartas – disse Lucy, guardando a carta no bolso – é o único conforto que temos em separações tão longas. Sim, tenho outro conforto no retrato, mas o pobre Edward não tem nem isso. Se ao menos tivesse o meu retrato, ele diz que seria mais fácil. Dei-lhe um cacho do meu cabelo em um anel quando ele estava em Longstaple na última vez, e isso lhe deu um pouquinho de conforto, foi o que disse, mas não é igual a um retrato. Talvez tenha notado o anel quando o viu?

– Notei – disse Elinor, com a voz serena, sob a qual estava escondida uma emoção e uma dor maior do que qualquer coisa que ela já sentira. Estava mortificada, chocada, confusa.

Felizmente para ela, tinham chegado ao chalé, e a conversa não poderia continuar mais. Depois de se sentarem com elas alguns minutos, as senhoritas Steele voltaram a Barton Park, e Elinor ficou livre para pensar e sofrer.

Capítulo 23

Por menor que fosse a confiança de Elinor na veracidade do que dissera Lucy, após refletir com seriedade, ela decidiu que era impossível suspeitar dela naquele caso, pois nenhuma tentação poderia explicar a tolice de inventar uma falsidade tão grande. Portanto, Elinor não podia, não ousava continuar duvidando do que Lucy afirmara ser verdade, apoiada como estava de todos os lados por tais probabilidades e provas, e negada apenas por seus próprios desejos. A maneira como se conheceram na casa do senhor Pratt era a base para o resto, totalmente indiscutível e alarmante. E a visita de Edward perto de Plymouth, seu estado melancólico, sua insatisfação com as próprias perspectivas, seu comportamento incerto em relação a ela, o conhecimento íntimo das senhoritas Steele sobre Norland e suas conexões familiares, algo que a surpreendera muitas vezes, o retrato, a carta, o anel, formavam em conjunto tal evidência que superava todo o medo de condená-lo injustamente, e definiam como um fato, que nenhuma parcialidade poderia deixar de lado, a maneira desconsiderada como ele a tratara. Seu ressentimento diante de tal comportamento, sua indignação por ter sido enganada, fizeram por um curto período de tempo com que pensasse apenas em si mesma, mas outras ideias, outras considerações, logo surgiram. Edward estivera enganando-a intencionalmente? Teria ele fingido um afeto por ela que não sentia? Seu compromisso com Lucy era por amor? Não; o que quer que pudesse ter acontecido no passado, ela não podia acreditar que continuava no presente. O carinho dele era todo para ela. Não podia estar enganada sobre isso. Sua mãe, as irmãs, Fanny, todos reconheciam a consideração que ele tinha por ela em Norland. Não fora uma ilusão da sua própria vaidade. Ele certamente a amava. Como essa convicção amaciava seu coração! Quanto aquilo a tentava a perdoá-lo! Fora condenável, muito condenável por parte dele permanecer em Norland após sentir que a influência dela sobre ele era maior do que deveria ser. Nisso, ele não podia ser defendido, mas se a tinha machucado, ferira muito mais a si mesmo. Se o caso dela dava pena, o dele não tinha esperança. A imprudência dele a deixara triste por algum tempo, mas parecia tê-lo privado de todas as chances de se sentir de outra maneira. Ela conseguiria, com o tempo, recuperar a tranquilidade, mas ele, o que poderia esperar? Ele poderia ser feliz o suficiente com Lucy Steele? Ele poderia, se a

afeição por ela estivesse fora de questão, com sua integridade, sua delicadeza e inteligência, ficar satisfeito com uma esposa como Lucy: iletrada, astuciosa e egoísta?

A paixão juvenil dos 19 anos naturalmente o cegaria a tudo, exceto à beleza e boa natureza dela, mas os quatro anos seguintes – anos que, se gastos racionalmente, melhoram a compreensão – deveriam ter aberto os olhos dele para os defeitos da educação dela, pois o mesmo período de tempo, gasto por ela em uma sociedade inferior e em atividades mais frívolas, talvez tivesse roubado aquela simplicidade que antes poderia ter dado um caráter interessante à sua beleza.

Se com a hipótese de querer se casar com Elinor as dificuldades com sua mãe pareciam grandes, quanto maiores seriam agora, quando a pessoa com quem estava comprometido era indubitavelmente inferior em relações e provavelmente em riqueza em comparação com ela mesma? De fato, tais dificuldades, diante de um coração tão alienado como o de Lucy, poderiam não pressionar muito a paciência dele, mas a melancolia, para uma pessoa que se encontrava na expectativa da oposição e da má vontade familiar, poderia ser sentida como um alívio!

À medida que essas considerações lhe ocorreram em uma dolorosa sucessão, ela chorou por ele, mais do que por si mesma. Apoiada pela convicção de não ter feito nada para merecer sua infelicidade atual e consolada pela crença de que Edward não fizera nada para perder sua estima, ela pensou que poderia mesmo agora, após esse primeiro golpe, controlar-se o suficiente para evitar que a mãe e as irmãs suspeitassem da verdade. E conseguiu tão bem corresponder às próprias expectativas que, quando se juntou a elas no jantar apenas duas horas depois de ter sofrido pela primeira vez o fim de todas suas mais queridas esperanças, ninguém poderia imaginar pela aparência das irmãs que Elinor estava secretamente de luto pelos obstáculos que a afastariam para sempre do objeto de seu amor, e que Marianne estivesse se torturando internamente pelas perfeições de um homem cujo coração ela sentia que possuía completamente e a quem esperava ver em cada carruagem que passava perto de sua casa.

A necessidade de ocultar da mãe e de Marianne o que lhe fora confiado, apesar de obrigá-la a um esforço incessante, não piorava a angústia de Elinor. Pelo contrário, era um alívio para ela ser poupada da comunicação do que teria causado forte aflição nelas e também ser poupada de ouvir a

condenação de Edward, que provavelmente resultaria do excesso de afeto que sentiam por ela e era mais do que se sentia capaz de aguentar.

Ela sabia que não poderia receber nenhuma ajuda dos conselhos ou das conversas com elas, a ternura e tristeza delas aumentariam sua angústia, enquanto seu autocontrole não receberia incentivo ou elogios delas. Ela era mais forte sozinha, e seu próprio bom senso a apoiava tão bem que sua firmeza permaneceu tão inabalável e sua aparência de alegria tão invariável quanto era possível com arrependimentos tão pungentes e tão recentes.

Por mais que tivesse sofrido com a primeira conversa com Lucy sobre o assunto, ela logo sentiu um desejo sincero de renová-la, e tinha mais que um motivo para isso. Ela queria ouvir mais uma vez os detalhes do noivado deles, queria compreender com mais clareza o que Lucy realmente sentia por Edward, se havia alguma sinceridade em sua declaração de terno respeito por ele, e queria especialmente convencer Lucy, pela disposição a retomar o assunto e sua calma ao conversar a respeito, que estava interessada apenas como amiga, pois temia que sua agitação involuntária durante a conversa pela manhã pudesse ter deixado alguma dúvida. Que Lucy estava disposta a ficar com ciúmes dela, parecia muito provável: estava claro que Edward sempre a elogiara muito, não apenas pela confirmação de Lucy, mas por ela ter arriscado confiar a Elinor um segredo confessada e evidentemente tão importante, apesar de conhecê-la há tão pouco tempo, e até mesmo o espírito brincalhão de *sir* John deve ter tido algum peso. Mas, na verdade, enquanto Elinor permanecia tão segura em si mesma de ser de fato amada por Edward, não era necessário nenhum cálculo de probabilidades para aceitar naturalmente que Lucy deveria estar com ciúmes, e sua própria confiança era uma prova disso. Que outro motivo ela teria para a divulgação do caso, a não ser que Elinor deveria ser informada das reivindicações superiores de Lucy sobre Edward, e aprender a evitá-lo no futuro? Ela teve pouca dificuldade em entender as intenções da rival, e apesar de estar firmemente decidida a agir com ela como ditavam todos os princípios de honra e honestidade, a lutar contra o próprio carinho por Edward e a vê-lo o mínimo possível, ela não podia se negar o conforto de tentar convencer Lucy de que seu coração não estava magoado. E como agora não podia ouvir nada mais doloroso sobre o assunto do que o que já fora dito, ela não desconfiava da própria capacidade de ouvir com calma a repetição de

todos os detalhes.

Mas Elinor não conseguiu uma oportunidade imediata para fazê-lo, embora Lucy estivesse tão disposta quanto ela para que acontecesse. O tempo não estava suficientemente bom para permitir que elas saíssem para caminhar, onde poderiam se separar dos outros, e apesar de se encontrarem quase todas as noites em Barton Park ou no chalé, principalmente na casa de *sir* John, não era esperado delas que se encontrassem para conversar. Tal pensamento jamais ocorreria a *sir* John ou lady Middleton e, portanto, muito pouco tempo era dedicado a uma conversa geral, e nenhum para algo em particular. Eles se encontravam para comer, beber e rir juntos, jogar cartas, conseqüências ¹ ou qualquer outro jogo que fosse barulhento o suficiente.

Uma ou duas reuniões desse tipo tinham ocorrido sem que Elinor conseguisse ficar sozinha com Lucy quando *sir* John veio até o chalé uma manhã para implorar, em nome da caridade, que todas fossem jantar com lady Middleton naquele dia, pois ele precisava ir ao clube em Exeter, e de outro modo ela ficaria sozinha, exceto pela mãe e as duas senhoritas Steele. Elinor, que previu uma possibilidade maior para o que tinha em mente em uma reunião como essa, mais à vontade entre elas sob a direção tranquila e bem-educada de lady Middleton do que quando seu marido as reunia para alguma atividade barulhenta, aceitou imediatamente o convite. Margaret, com a permissão da mãe, também concordou, e Marianne, embora sempre pouco disposta a se juntar às reuniões deles, foi convencida pela mãe, que não suportava que ela se isolasse de qualquer tipo de diversão, a também ir.

As jovens foram para o jantar e lady Middleton foi felizmente preservada da assustadora solidão que a ameaçara. A insipidez da reunião era exatamente como Elinor esperara: não produzia nenhuma novidade de pensamento ou expressão, e nada podia ser menos interessante do que toda a conversa tanto na sala de jantar quanto na de estar. Nesta última, foram acompanhadas pelas crianças e, enquanto ficaram lá, ela estava tão convencida da impossibilidade de atrair a atenção de Lucy que nem chegou a tentar. As crianças saíram somente com a retirada do chá. A mesa de cartas foi então montada e Elinor começou a se perguntar como tivera a esperança de encontrar tempo para a conversa em Barton Park. Todas se levantaram para uma partida de cartas.

– Estou feliz – disse lady Middleton para Lucy – que a senhorita não

terminará a cesta da pequena Annamaria nesta noite, pois tenho certeza de que iria cansar seus olhos ao trabalhar nas filigranas à luz de velas. E vamos fazer algo amanhã para compensar a decepção da nossa pequena amada, então espero que ela não se importe muito.

A dica foi suficiente. Lucy lembrou-se imediatamente e respondeu:

– Na verdade, a senhora está muito enganada, lady Middleton. Só estou esperando para saber se podem jogar sem mim, ou já estaria trabalhando na filigrana. Não desapontaria aquele anjinho por nada no mundo e, se quiser minha presença da mesa de jogos agora, estou decidida a terminar a cesta depois da ceia.

– Você é muito boa, espero que isso não canse seus olhos. Poderia tocar o sino para pedir algumas velas de trabalho? Minha pobre menina ficaria muito decepcionada, eu sei, se a cesta não estivesse terminada amanhã, pois, embora eu tenha dito que certamente não estaria, tenho certeza de que ela acha que estará pronta.

Lucy puxou a mesa de trabalho para perto de si e voltou a se sentar com uma alegria e animação que pareciam indicar que não sentia prazer maior do que fazer uma cesta de filigrana para uma criança mimada.

Lady Middleton propôs uma rodada de casino ² para as outras. Ninguém fez nenhuma objeção, a não ser Marianne, que, com sua desatenção habitual às formalidades da boa educação em geral, exclamou:

– Sua senhoria terá a bondade de me desculpar, a senhora sabe que detesto jogar cartas. Vou para o piano, não o toquei desde que foi afinado.

E sem mais cerimônia, virou-se e caminhou até o instrumento.

Lady Middleton olhou como se agradecesse aos céus por ela nunca ter falado algo tão rude.

– Marianne nunca consegue ficar longe desse instrumento, a senhora sabe – disse Elinor, tentando suavizar a ofensa –, e não me espanto muito com isso, pois é o piano mais bem afinado que já ouvi.

As cinco restantes começaram a jogar cartas.

– Talvez – continuou Elinor – se eu sáísse, poderia ser útil para a senhorita Lucy Steele, enrolando os papéis para ela. Ainda há muito a ser feito na cesta, deve ser impossível para ela trabalhar sozinha, se quiser terminar nesta noite. Eu gostaria muito de ajudar, se ela me permitir participar.

– Na verdade, ficaria muito grata por sua ajuda – exclamou Lucy –, pois acho que há mais a fazer do que eu pensava e seria muito triste

decepcionar a querida Annamaria, afinal de contas.

– Ah, seria terrível, realmente – disse a senhorita Steele. – Pequena querida, como a amo!

– A senhorita é muito gentil – disse lady Middleton a Elinor – e como gosta do trabalho, talvez também fique satisfeita em esperar outra partida, ou vai tentar a sorte agora?

Elinor concordou alegremente com a primeira proposta e, assim, com um pouco da cortesia que Marianne nunca poderia concordar em praticar, conquistou seu objetivo e agradou lady Middleton ao mesmo tempo. Lucy abriu espaço para ela com atenção e as duas belas rivais ficaram sentadas lado a lado na mesma mesa e, com a máxima harmonia, começaram a fazer o mesmo trabalho. O piano de Marianne que, envolvida por sua própria música e seus próprios pensamentos, já se esquecera naquela altura de que havia mais alguém na sala além dela mesma, estava felizmente tão perto delas que a senhorita Dashwood julgava agora que poderia, sob a proteção do som, falar com segurança sobre o assunto de interesse das duas sem nenhum risco de ser ouvida na mesa de cartas.

Capítulo 24

Em um tom firme, embora cauteloso, Elinor começou.

– Eu deveria ser indigna da confiança com que você me honrou se não sentisse nenhum desejo de continuar ou não tivesse mais curiosidade sobre o assunto. Não vou pedir desculpas, portanto, por levantá-lo novamente.

– Obrigada – exclamou Lucy calorosamente – por quebrar o gelo. Você acalmou meu coração com isso, pois, de algum modo, tive medo de tê-la ofendido pelo que disse na segunda-feira.

– Ofender-me! Como poderia imaginar algo assim? Acredite em mim – e Elinor falou com a maior sinceridade –, nada poderia estar mais longe da minha intenção do que lhe dar tal ideia. Se você teve um motivo para a confiança, isso não seria uma honra e um elogio para mim?

– E, no entanto, eu asseguro – respondeu Lucy, seus olhos pequenos e alertas cheios de significado –, parece que houve uma frieza e um desagrado em sua maneira que me deixaram bastante desconfortável. Tive certeza de que estava brava comigo e me censuro desde então por ter tomado a liberdade de incomodá-la com meus assuntos. Mas estou feliz

por saber que foi apenas uma impressão minha e que você não me culpa. Se soubesse que consolo foi para mim aliviar meu coração contando o que estou sempre pensando em cada momento da minha vida, sua compaixão faria com que negligenciasse todas as outras coisas, tenho certeza.

– Na verdade, posso acreditar que foi um grande alívio para você revelar sua situação para mim, e pode estar certa de que nunca terá motivo para se arrepender. Seu caso é muito infeliz. Para mim, você parece cercada de dificuldades e necessitará de toda a afeição entre vocês dois para aguentá-las. O senhor Ferrars, acredito, é totalmente dependente da mãe.

– Ele tem apenas duas mil libras de renda própria. Seria loucura se casar apenas com isso, embora, da minha parte, eu poderia desistir de todas as perspectivas demais sem um suspiro. Sempre estive acostumada a uma renda muito pequena e poderia enfrentar qualquer pobreza por ele. Mas eu o amo muito para ser o motivo egoísta que termine o privando, talvez, de tudo que a mãe poderia lhe dar se ele se casasse com alguém que a agrade. Devemos esperar, talvez por muitos anos. Com quase qualquer outro homem do mundo, seria uma perspectiva alarmante, mas nada pode me privar do carinho e da fidelidade de Edward, eu sei.

– Essa convicção deve ser tudo para você e, sem dúvida, ele também é apoiado pela mesma confiança em você. Se a força do apego recíproco falhar, como acontece entre muitas pessoas e, sob muitas circunstâncias, falharia naturalmente durante um compromisso de quatro anos, sua situação teria sido lastimável, sem dúvida.

Lucy levantou a cabeça; mas Elinor teve cuidado de proteger seu semblante de todas as expressões que pudessem levantar suspeitas quanto às suas palavras.

– O amor de Edward por mim – disse Lucy – já foi posto à prova por nossa ausência longa, muito longa, desde nosso compromisso, e passou tão bem no teste que, para mim, seria imperdoável duvidar dele agora. Posso dizer com segurança que, desde o começo, ele nunca me causou nenhuma preocupação em relação a isso.

Elinor mal sabia se sorria ou suspirava com essa afirmação.

Lucy continuou.

– Eu também tenho um temperamento ciumento por natureza, e por causa de nossas situações diferentes na vida, por ele ter uma posição superior à minha no mundo, e nossa separação contínua, eu estaria bastante inclinada a suspeitar, a descobrir a verdade em um instante se houvesse a menor

alteração em seu comportamento quando nos encontramos, ou qualquer tristeza que eu não pudesse explicar, ou se ele tivesse falado mais de uma dama do que de outra, ou parecesse em qualquer aspecto menos feliz em Longstaple do que costumava ser. Não quero dizer que sou particularmente observadora ou perspicaz em geral, mas, nesse caso, tenho certeza de que não poderia ser enganada.

“Tudo isso” – pensou Elinor – “é muito bonito, mas não engana nenhuma das duas.”

– Mas quais – disse ela depois de um breve silêncio – são seus planos? Ou você não tem nenhum a não ser esperar a morte da senhora Ferrars, que é algo extremo, melancólico e terrível? O filho dela está decidido a se submeter a isso e ao tédio dos muitos anos de suspense nos quais você pode estar envolvida, em vez de correr o risco de descontentar a mãe por algum tempo revelando a verdade?

– Se pudéssemos ter certeza de que seria apenas por um tempo! Mas a senhora Ferrars é uma mulher orgulhosa e obstinada, e em seu primeiro ataque de raiva ao ouvir isso, provavelmente não daria nada para Robert. Essa ideia, pelo bem de Edward, afasta toda minha inclinação por qualquer medida precipitada.

– E por seu próprio bem também, ou está levando seu desinteresse para além do razoável.

Lucy olhou para Elinor novamente e ficou em silêncio.

– Você conhece o senhor Robert Ferrars? – perguntou Elinor.

– De forma alguma. Nunca o vi, mas acho que ele é muito diferente do irmão, bobo e um grande dândi.

– Um grande dândi! – repetiu a senhorita Steele, cujo ouvido captara essas palavras em uma pausa repentina na música de Marianne. – Ah, elas estão falando de seus galanteadores favoritos, ousa dizer.

– Não, irmã – exclamou Lucy –, você está enganada, nossos galanteadores favoritos não são grandes dândis.

– Posso garantir que o da senhorita Dashwood não é – disse a senhora Jennings, rindo muito –, pois ele é um dos jovens mais modestos e mais bem-comportados que já vi, mas, quanto à Lucy, ela é uma criatura tão dissimulada, não há como descobrir de quem ela gosta.

– Ah – exclamou a senhorita Steele, olhando de forma significativa para elas –, ousa dizer que o pretendente de Lucy é tão modesto e bem-comportado quanto o da senhorita Dashwood.

Elinor corou mesmo sem querer. Lucy mordeu o lábio e olhou com raiva para a irmã. Houve um silêncio mútuo por algum tempo. Lucy falou primeiro em um tom mais baixo, embora Marianne tivesse voltado a dar a elas a proteção poderosa de um concerto magnífico.

– Vou contar honestamente sobre um esquema que comecei a pensar ultimamente, para resolver o assunto. Na verdade, contarei o segredo, pois você tem interesse nele. Ouso dizer que já viu o suficiente de Edward para saber que ele preferiria a Igreja a qualquer outra profissão. Meu plano é que ele deve ser ordenado assim que puder e então, por meio de sua intervenção, a qual tenho certeza de que você seria gentil o suficiente de fazer pela amizade com ele, e espero que por alguma consideração por mim, seu irmão poderia ser convencido a dar o benefício eclesiástico de Norland para que ele viva lá, já que entendo que é um lugar muito bom e o titular atual não deve viver por muito tempo. Isso seria o suficiente para que nos casássemos, e podemos confiar no tempo e na sorte para o resto.

– Eu ficaria feliz – respondeu Elinor – em mostrar qualquer sinal da minha estima e amizade pelo senhor Ferrars, mas você não percebe que minha intervenção nesse caso seria perfeitamente desnecessária? Ele é irmão da senhora John Dashwood... isto deve ser uma recomendação suficiente para o marido dela.

– Mas a senhora John Dashwood não aprovaria muito a entrada de Edward na Igreja.

– Então suspeito que minha participação não ajudaria muito.

Elas ficaram novamente em silêncio por vários minutos. Finalmente, Lucy exclamou com um profundo suspiro:

– Acredito que o mais sábio seria pôr fim ao assunto de uma vez, dissolvendo o compromisso. Parecemos tão assolados por dificuldades de todos os lados que, embora possamos sofrer por um tempo, talvez fiquemos mais felizes no final. Mas não vai me dar seu conselho, senhorita Dashwood?

– Não – respondeu Elinor, com um sorriso que dissimulava sentimentos muito agitados –, sobre tal assunto, certamente não vou. Você sabe muito bem que minha opinião não teria peso com você, a menos que estivesse de acordo com seus desejos.

– Na verdade, está sendo injusta – respondeu Lucy, com grande solenidade. – Não conheço ninguém cuja opinião eu respeite tanto quanto a sua, e acredito realmente que se você me dissesse: “Eu a aconselho, sem

dúvida, a terminar seu compromisso com Edward Ferrars, será melhor para a felicidade dos dois”, eu faria isso imediatamente.

Elinor corou pela falta de sinceridade da futura esposa de Edward e, então, respondeu:

– Este elogio me daria medo de manifestar qualquer opinião sobre o assunto, caso eu tivesse formado alguma. Ele valoriza demais a minha influência. O poder de separar duas pessoas tão ternamente ligadas é demais para uma pessoa alheia à situação.

– Justamente porque você é uma pessoa alheia à situação – disse Lucy, com algum ressentimento, e colocando ênfase especial nessas palavras – que seu julgamento poderia ter tanto peso para mim. Se você pudesse ser tendenciosa em qualquer aspecto por seus próprios sentimentos, sua opinião não teria valor.

Elinor achou mais sensato não responder, para não provocar um aumento inadequado da liberdade e da falta de reserva, e estava até mesmo parcialmente determinada a nunca mais tocar no assunto. Outra pausa de muitos minutos de duração veio depois dessa fala e Lucy foi de novo a primeira a quebrá-lo.

– Você estará na cidade neste inverno, senhorita Dashwood? – perguntou ela com toda a amabilidade habitual.

– Com certeza, não.

– Que pena – respondeu a outra, enquanto seus olhos se iluminavam com a informação –, teria me dado tanto prazer encontrá-la lá! Mas ousou dizer que você acabará indo. Certamente seu irmão e sua cunhada virão convidá-la para uma visita, caso façam a viagem.

– Eu não poderia aceitar o convite, caso eles o fizessem.

– Que pena! Eu tinha muita esperança de encontrá-la lá. Anne e eu devemos ir no final de janeiro visitar alguns conhecidos que pedem nossa presença há vários anos! Mas vou apenas para ver Edward. Ele estará lá em fevereiro, do contrário Londres não teria nenhum encanto para mim. Não tenho ânimo para isso.

Elinor logo foi chamada para a mesa de cartas após a conclusão da primeira partida, e a conversa confidencial das duas damas chegou ao fim, o qual ambas aceitaram sem nenhuma relutância, pois nada fora dito por nenhum dos lados que as fizesse gostar menos uma da outra do que antes. Elinor sentou-se à mesa de cartas com a melancólica convicção de que Edward não só não tinha afeição pela pessoa que seria sua esposa, como

nem sequer tinha a chance de ser razoavelmente feliz no casamento, algo que o afeto sincero do lado dela teria dado, pois só um interesse egoísta poderia induzir uma mulher a manter um homem em um compromisso do qual ela parecia tão consciente que ele já se cansara.

Desse dia em diante, o assunto nunca foi revivido por Elinor e, quando era mencionado por Lucy, que raramente perdia a oportunidade de fazê-lo e tinha o cuidado particular de informar sua confidente sobre sua felicidade sempre que recebia uma carta de Edward, ele era tratado pela primeira com calma e cautela e desconsiderado assim que a educação permitia, pois Elinor sentia que tais conversas eram uma indulgência que Lucy não merecia, além de perigosas para si mesma.

A visita das senhoritas Steele a Barton Park se estendeu muito além do que o convite inicial implicava. O afeto que a família sentia por elas foi aumentando, não podiam deixar que fossem embora. *Sir John* nem queria ouvir falar da partida delas e, apesar de seus numerosos compromissos em Exeter, agendados há tempos, apesar da necessidade absoluta de retornar para cumpri-los imediatamente, a qual se tornava imperativa no final de cada semana, elas foram convencidas a permanecer quase dois meses em Barton e a ajudar na celebração daquele festival que exige uma parcela mais do que comum de bailes e grandes jantares para proclamar sua importância.

Capítulo 25

Embora a senhora Jennings tivesse o hábito de passar uma grande parte do ano nas casas dos filhos e de amigos, ela possuía residência própria. Desde a morte do marido, que fora comerciante bem-sucedido em uma parte menos elegante da cidade, passava todos os invernos em sua residência em uma das ruas perto de Portman Square. Ela começou a pensar nessa casa com a aproximação de janeiro e um dia, abruptamente e sem que ninguém esperasse, convidou as senhoritas Dashwood mais velhas para acompanhá-la. Elinor, sem notar a mudança no rosto da irmã e o olhar animado que não demonstrava indiferença ao plano, imediatamente recusou de forma absoluta, porém grata em nome das duas, pois imaginava estar representando a opinião de ambas. O motivo alegado era a resolução decidida de não deixar a mãe sozinha naquela época do

ano. A senhora Jennings recebeu a recusa com alguma surpresa e repetiu o convite.

– Ó, Senhor! Tenho certeza de que sua mãe pode ficar muito bem sem vocês, e imploro que me façam companhia, pois já estou decidida. Não imaginem que serão algum inconveniente para mim, pois não me atrapalharão nem um pouco. Só teremos que mandar Betty pela diligência, e acho que posso pagar isso. Nós três poderemos muito bem ir na minha carruagem e, quando estivermos na cidade, se não quiserem ir onde eu for, tudo bem, sempre poderão ir com uma das minhas filhas. Estou certa de que sua mãe não se oporá a isso, pois tive tanta sorte ao casar minhas próprias filhas que ela vai me achar uma pessoa muito apta para cuidar de vocês, e se não conseguir que pelo menos uma de vocês se case bem antes de seu retorno, não será minha culpa. Vou falar bem de vocês para todos os jovens, podem ter certeza disso.

– Imagino – disse *sir* John – que a senhorita Marianne não se oporia a tal esquema, se sua irmã mais velha concordasse. É muito duro que não possa se divertir um pouco, só porque a senhorita Dashwood não deseja. Portanto, aconselho que vocês duas partam para a cidade, quando estiverem cansadas de Barton, sem dizer uma palavra à senhorita Dashwood.

– Não! – exclamou a senhora Jennings. – Tenho certeza de que ficaria muito alegre com a companhia da senhorita Marianne, com ou sem a senhorita Dashwood, mas ficaria ainda mais feliz e acho que seria mais confortável para elas estarem juntas, pois, caso fiquem cansadas de mim, poderão conversar uma com a outra e rir dos meus velhos hábitos pelas minhas costas. Mas preciso de uma ou outra comigo, se não as duas. Deus me abençoe! Como acha que posso viver sozinha, eu que sempre estive acostumada, até este inverno, a ter Charlotte comigo. Vamos, senhorita Marianne, aceite o convite, e se a senhorita Dashwood mudar de ideia depois de um tempo, melhor ainda.

– Agradeço, senhora, agradeço sinceramente – disse Marianne, calorosa. – Seu convite garantiu minha gratidão para sempre, e me daria tanta felicidade, sim, quase a maior felicidade que sou capaz de sentir, se pudesse aceitá-lo. Mas minha mãe, minha querida e bondosa mãe, sinto a justiça do que Elinor falou, e se ela ficasse menos feliz, menos confortável com nossa ausência... Ah! Não, nada deve me tentar a deixá-la. Não deveria, não pode ser uma dificuldade.

A senhora Jennings voltou a afirmar que a senhora Dashwood ficaria perfeitamente bem, e Elinor, que agora entendia a irmã e via como ela era indiferente a quase todo o resto quando tomada pela ansiedade de estar novamente com Willoughby, não se opôs mais diretamente ao plano e simplesmente disse que a decisão caberia à mãe, sabendo, no entanto, que dificilmente receberia qualquer apoio em seu esforço para evitar uma visita que não achava conveniente para Marianne e que, para seu próprio bem, tinha motivos particulares para evitar. Tudo que quisesse Marianne, sua mãe estaria ansiosa para aceitar – ela não podia esperar influenciar cautela na irmã em um caso no qual ela nunca tinha sido capaz de lhe inspirar desconfiança. E não ousava explicar o motivo da sua própria falta de vontade de ir a Londres. Que Marianne, melindrosa como era, conhecendo os costumes da senhora Jennings e invariavelmente indignada com eles, ignorasse todas essas inconveniências, desconsiderasse tudo que ferisse mais intensamente seus sentimentos irritáveis, apenas para atingir tal objetivo, era uma prova muito forte e completa da importância de tal objetivo para ela, que Elinor, apesar de tudo o que tinha ocorrido, não estava preparada para testemunhar.

Ao ser informada do convite, a senhora Dashwood, convencida de que a viagem seria produtiva e muito divertida para as duas filhas, e percebendo, por trás da atenção afetuosa demonstrada a ela, o quanto o coração de Marianne queria aquilo, não iria aceitar a recusa da oferta por causa dela. Ela insistiu para que as duas aceitassem imediatamente e então começou a prever, com a alegria habitual, as várias vantagens que todas teriam com essa separação.

– Estou muito satisfeita com o plano – ela exclamou. – É exatamente o que eu poderia desejar. Margaret e eu seremos tão beneficiadas por ele quanto vocês. Quando vocês e os Middleton partirem, continuaremos muito silenciosas e felizes em companhia de nossos livros e nossa música! Vocês encontrarão Margaret tão crescida quando voltarem! Também tenho um pequeno plano de alteração para o quarto de vocês que agora poderá ser realizado sem nenhum inconveniente para ninguém. É certo que vocês devem ir para a cidade, toda jovem mulher de sua condição deveria estar familiarizada com as maneiras e diversões de Londres. Vocês estarão sob o cuidado de uma mulher boa e maternal, de cuja bondade em relação a vocês não posso duvidar. Com toda a probabilidade, verão seu irmão, e sejam quais forem os defeitos dele, ou de sua esposa, quando considero o

filho de quem é, não posso suportar ter vocês tão afastadas dele.

– Apesar de, com sua ansiedade habitual por nossa felicidade – disse Elinor –, a senhora ter evitado todos os impedimentos que lhe ocorreram à continuidade desse plano, ainda há uma objeção que, na minha opinião, não pode ser tão facilmente vencida.

O rosto de Marianne se fechou.

– E o que – disse a senhora Dashwood – a minha querida e prudente Elinor vai sugerir? Que obstáculo formidável vai apresentar agora? Deixe-me ouvir uma palavra sobre isso.

– Minha objeção é esta: embora eu tenha em alto conceito as intenções da senhora Jennings, ela não é uma mulher cuja companhia pode nos oferecer prazer ou cuja proteção ajudará nossa posição.

– Isso é muito verdadeiro – respondeu a mãe –, mas vocês quase nunca estarão sozinhas com ela sem outras pessoas presentes e quase sempre aparecerão em público com lady Middleton.

– Se Elinor está com medo por não gostar da senhora Jennings – disse Marianne –, pelo menos não precisa impedir que eu aceite o convite. Não tenho tantos escrúpulos e estou segura de que poderia suportar todas as coisas desagradáveis desse tipo com pouco esforço.

Elinor não pôde evitar sorrir com essa mostra de indiferença em relação aos costumes de uma pessoa com quem ela muitas vezes tivera dificuldade em convencer Marianne a se comportar com uma cortesia tolerável. Elinor resolveu que, se a irmã insistisse em ir, ela também iria, pois não achava apropriado que Marianne fosse deixada sob a orientação do próprio julgamento ou que a senhora Jennings fosse abandonada à mercê de Marianne durante as horas domésticas. Ela aceitou mais facilmente essa determinação, lembrando que Edward Ferrars, pelo que Lucy falara, não deveria estar na cidade antes de fevereiro, e que a visita delas, sem nenhuma interrupção pouco razoável, estaria concluída antes disso.

– Vou mandar vocês duas para lá – disse a senhora Dashwood – essas objeções são absurdas. Vão se divertir muito em Londres, especialmente juntas. E se Elinor se permitir prever algum divertimento, verá como a cidade pode oferecer muitas fontes para isso. Inclusive, poderia esperar uma melhora na aproximação com a família de sua cunhada.

Elinor sempre desejara uma oportunidade de tentar enfraquecer a certeza da mãe em relação ao compromisso entre Edward e ela, assim o choque poderia ser menor quando toda a verdade fosse revelada. Mas agora, diante

daquele ataque, apesar de quase sem esperança de sucesso, ela se forçou a começar essa tarefa, dizendo com a máxima calma que podia:

– Gosto muito de Edward Ferrars e sempre me alegrarei em vê-lo, mas quanto ao resto da família, é totalmente indiferente para mim se eu chegar a conhecê-la ou não.

A senhora Dashwood sorriu e não disse nada. Marianne levantou os olhos com espanto e Elinor pensou que poderia ter ficado calada.

Depois de uma pequena discussão, finalmente chegaram à conclusão de que o convite deveria ser aceito. A senhora Jennings recebeu a notícia com muita alegria e muitas garantias de generosidade e cuidado. E não foi a única a ficar feliz. *Sir* John ficou encantado, pois para um homem cuja ansiedade predominante era o medo de ficar sozinho, acrescentar duas pessoas ao número de moradores de Londres era algo significativo. Mesmo lady Middleton se deu ao trabalho de ficar encantada, o que era se desviar muito de seus modos habituais. Quanto às senhoritas Steele, especialmente Lucy, nunca tinham sentido tanta felicidade na vida como no momento em que ouviram a notícia.

Elinor submeteu-se à combinação que ia contra seus desejos com menos relutância do que esperara sentir. Quanto a ela, ir ou não para a cidade era uma questão que não importava mais, e quando viu a mãe tão satisfeita com o plano, e a irmã com o olhar, a voz e as maneiras extasiadas, sua animação habitual restaurada e elevada além de sua felicidade de sempre, não podia ficar insatisfeita com tudo aquilo, e dificilmente se permitira desconfiar das consequências.

A alegria de Marianne estava quase um grau acima da felicidade, tão grandes eram sua agitação e impaciência por partir. Sua falta de vontade de abandonar a mãe era a única coisa que lhe restaurava a calma e, no momento de partir, seu sofrimento foi excessivo. A tristeza da mãe não era menor, e Elinor era a única das três que parecia considerar a separação como algo que não duraria para sempre.

A partida aconteceu na primeira semana de janeiro. Os Middleton seguiriam cerca de uma semana depois. As senhoritas Steele continuaram em Barton Park e só partiriam com o resto da família.

Capítulo 26

Elinor não conseguia se ver na carruagem com a senhora Jennings, começando uma viagem a Londres sob sua proteção, e como sua convidada, sem pensar em sua própria situação. Conhecia há tão pouco tempo essa senhora, eram tão diferentes em idade e temperamento, e tantas tinham sido suas objeções contra tal viagem apenas alguns dias antes! Mas todas essas objeções, com aquele feliz ardor da juventude que Marianne e sua mãe compartilhavam igualmente, tinham sido superadas ou negligenciadas, e Elinor, apesar de toda dúvida ocasional sobre a constância de Willoughby, não podia testemunhar o arrebatamento de expectativas deliciosas que enchiam a alma e faziam os olhos de Marianne cintilarem, sem que sentisse como sua própria perspectiva era vazia, como seu estado de espírito era infeliz em comparação e como gostaria de estar na mesma situação de Marianne tendo o mesmo objetivo animador em vista, a mesma possibilidade de esperança. Em pouco tempo, muito pouco tempo, no entanto, deveriam conhecer quais eram as intenções de Willoughby, pois era provável que ele já estivesse na cidade. A ansiedade de Marianne por partir mostrava sua intenção de encontrá-lo lá, e Elinor estava decidida não somente a descobrir qualquer novidade quanto ao seu caráter por meio da própria observação ou de informações que outras pessoas poderiam fornecer, mas também a observar com muita atenção o comportamento dele em relação à irmã, para determinar quem ele era e quais eram suas intenções, antes que se encontrassem muitas vezes. Se o resultado de suas observações fosse desfavorável, ela estava determinada, de qualquer maneira, a abrir os olhos da irmã. Caso contrário, seus esforços seriam de uma natureza diferente, ela deveria então aprender a evitar toda comparação egoísta e banir todos os arrependimentos que pudessem diminuir sua satisfação com a felicidade de Marianne.

Foram três dias de viagem e o comportamento de Marianne durante todo o caminho foi uma amostra feliz da futura complacência e companheirismo que se poderia esperar em relação à senhora Jennings. Ela ficou em silêncio quase todo o caminho, envolvida nas próprias meditações, e quase nunca falava voluntariamente, exceto quando algum objeto de beleza pitoresca surgia em sua visão, arrancando dela uma exclamação de deleite dirigida exclusivamente à irmã. Para corrigir essa conduta, portanto, Elinor assumiu imediatamente o posto de companhia agradável ao qual se atribuía, dedicando muita atenção à senhora Jennings, conversando e rindo com ela e escutando-a sempre que possível.

E a senhora Jennings, por sua parte, tratou-as com todas as gentilezas possíveis, foi solícita em todas as ocasiões, visando à tranquilidade e ao prazer das irmãs, e só ficou perturbada que não pudesse fazê-las escolher o próprio jantar na pousada nem arrancar uma confissão do que preferiam: salmão ou bacalhau, frango cozido ou costeletas de vitela. Chegaram à cidade às três horas do terceiro dia, felizes por estarem livres, depois de tão longa viagem, do confinamento de uma carruagem e prontas para desfrutar todo o luxo de uma boa lareira.

A casa era bonita e com lindos móveis, e as jovens foram imediatamente levadas a um quarto muito confortável. Anteriormente, fora de Charlotte, e sobre a lareira ainda havia um quadro com uma paisagem colorida que ela pintara em seda, provando que ter passado sete anos em uma ótima escola na cidade surtira algum efeito.

Como o jantar só estaria pronto duas horas depois da chegada, Elinor decidiu empregar o intervalo escrevendo para a mãe e sentou-se para esse propósito. Pouco depois, Marianne fez o mesmo.

– Estou escrevendo para casa, Marianne – disse Elinor. – Não seria melhor adiar sua carta por um ou dois dias?

– Eu não vou escrever para mamãe – respondeu Marianne apressadamente, como se desejasse evitar mais perguntas. Elinor não disse mais nada. Soube imediatamente que deveria estar escrevendo para Willoughby, e a conclusão que se seguiu de imediato foi que, por mais misteriosamente que pudessem desejar conduzir o caso, deveriam estar noivos. Essa convicção, embora não inteiramente satisfatória, deu-lhe prazer, e ela continuou a carta com maior entusiasmo. Marianne terminou em poucos minutos. Não era mais do que um bilhete. Ela então o dobrou, selou e escreveu o endereço com uma rapidez ansiosa. Elinor achou que distinguira um grande W no endereço. Assim que terminou, Marianne, tocando a sineta, pediu ao criado que levasse a carta ao correio. Isso resolveu o assunto de imediato.

O humor de Marianne permanecia animado, mas uma oscilação nele impediu-a de proporcionar muito prazer à irmã, e essa agitação aumentou à medida que a noite se aproximava. Ela quase não conseguiu jantar e, mais tarde, quando voltaram para a sala de estar, parecia ouvir ansiosa o som de todas as carruagens.

Foi uma grande satisfação para Elinor que a senhora Jennings, tendo ficado no próprio quarto, pudesse ver pouco do que estava se passando. O

chá foi servido, e Marianne já ficara decepcionada mais de uma vez com uma batida em uma porta vizinha quando, de repente, ouviram um barulho alto que não podia ser confundido como vindo de outra casa. Elinor sentiu-se segura de que era o anúncio da chegada de Willoughby, e Marianne, levantando-se, correu para a porta. Tudo estava em silêncio. Ela não aguentaria por muitos segundos. Abriu a porta, avançou alguns passos em direção às escadas e, depois de ouvir por meio minuto, voltou para a sala com toda a agitação que a convicção de tê-lo ouvido produziria naturalmente. No êxtase de seus sentimentos naquele instante, ela não pôde deixar de exclamar:

– Oh, Elinor, é realmente o Willoughby! – e parecia quase pronta para se atirar nos braços dele, quando o coronel Brandon apareceu.

Foi um choque muito grande para manter a calma, e ela saiu da sala imediatamente. Elinor também ficou decepcionada, mas, ao mesmo tempo, seu respeito pelo coronel Brandon garantiu que o recebesse; e sentiu-se particularmente triste ao ver que um homem que gostava tanto de sua irmã percebesse que ela sentia apenas tristeza e decepção ao vê-lo. Ela reparou instantaneamente que ele notara tudo isso, que até observara Marianne quando esta saiu da sala, com tanto espanto e preocupação que quase não se lembrou do que a civilidade exigia em relação a Elinor.

– Sua irmã está doente? – ele perguntou.

Elinor respondeu com alguma angústia que estava e depois falou de dores de cabeça, desânimo e cansaço, e de tudo que pudesse explicar decentemente o comportamento da irmã.

Ele ouviu-a com uma atenção sincera, mas pareceu se recompor, não tocou mais no assunto e começou a falar de seu prazer em vê-las em Londres, fazendo as perguntas habituais sobre a viagem e os amigos que tinham deixado para trás.

Dessa forma calma, com muito pouco interesse dos dois lados, os dois continuaram a conversar, ambos desanimados, com seus pensamentos voltados para outras coisas. Elinor desejava muito perguntar se Willoughby estava na cidade, mas tinha medo de magoá-lo por fazer perguntas sobre seu rival e, finalmente, para dizer algo, perguntou se ele estivera em Londres desde quando o vira pela última vez.

– Estive – ele respondeu, com um certo constrangimento – quase o tempo todo desde então; fui uma ou duas vezes a Delaford por alguns dias, mas nunca consegui voltar a Barton.

Isso e o modo como foi dito fizeram-na lembrar imediatamente todas as circunstâncias da partida dele daquele local, com a inquietação e as suspeitas que tinham despertado na senhora Jennings, e ela temia que seu questionamento sugerisse muito mais curiosidade sobre o assunto do que jamais sentira.

A senhora Jennings logo entrou.

– Ó! Coronel – disse ela, com sua alegria barulhenta habitual –, estou imensamente feliz em vê-lo. Desculpe, não pude vir antes, me perdoe, mas fui forçada a resolver alguns assuntos, pois faz tempo desde que estive em casa e o senhor sabe que sempre há um mundo de pequenas coisas a fazer depois que ficamos ausentes por algum tempo; portanto, estava com Cartwright resolvendo tudo. Deus, estive ocupada como uma abelha desde o jantar! Mas, coronel, como soube que eu estaria na cidade hoje?

– Tive o prazer de saber na casa do senhor Palmer, onde jantei.

– Ah, é mesmo. Bem, e como estão todos lá? Como está Charlotte? Garanto que ela deve estar ótima.

– A senhora Palmer parece bastante bem e fui encarregado de avisar que a senhora certamente a verá amanhã.

– Sim, com certeza, pensei nisso. Bem, coronel, trouxe duas jovens comigo, como pode ver. Quero dizer, o senhor vê apenas uma delas agora, mas há outra em algum lugar. Sua amiga, a senhorita Marianne, o senhor deve ficar feliz em saber. Não sei como o senhor e o senhor Willoughby resolverão a situação com ela. Sim, é uma coisa boa ser jovem e bonita. Bem! Já fui jovem uma vez, mas nunca fui muito bonita, que azar o meu. No entanto, consegui um marido muito bom e não acho que uma grande beleza pode fazer mais do que isso. Ah! Pobre homem! Está morto há mais de oito anos. Mas, coronel, onde o senhor esteve desde que nos separamos? E como andam seus negócios? Vamos, não devemos ter segredos entre amigos.

Ele respondeu às perguntas dela com a calma de sempre, porém sem satisfazê-la em nenhuma. Elinor começou a preparar o chá e Marianne foi obrigada a reaparecer.

Após sua entrada, o coronel Brandon ficou mais pensativo e silencioso do que antes, e a senhora Jennings não conseguiu o convencer a ficar mais. Nenhum outro visitante apareceu naquela noite, e as damas concordaram em ir cedo para a cama.

Marianne levantou-se na manhã seguinte com o ânimo recuperado e uma

aparência feliz. A decepção da noite anterior parecia esquecida na expectativa do que aconteceria naquele dia. Mal tinham terminado o café da manhã quando a carruagem da senhora Palmer parou na porta e, em poucos minutos, ela entrou rindo na sala. Estava tão encantada em vê-las que era difícil dizer se estava mais feliz por encontrar a mãe ou as senhoritas Dashwood novamente. Ela ficara tão surpresa por terem vindo para a cidade, embora fosse o que esperara o tempo todo, e tão brava por terem aceitado o convite de sua mãe depois de recusar o dela, apesar de que, ao mesmo tempo, nunca teria perdoado as duas se não tivessem vindo!

– O senhor Palmer ficará tão feliz em vê-las – disse ela. – O que acham que ele disse quando ouviu falar da chegada de vocês com a mamãe? Esqueci o que foi agora, mas foi tão divertido!

Depois de uma ou duas horas passadas no que a mãe chamava de conversa confortável, ou em outras palavras, em toda a variedade de perguntas sobre todos os conhecidos do lado da senhora Jennings, com gargalhadas sem motivo da senhora Palmer, foi proposto por esta que todas deveriam acompanhá-la em algumas lojas às quais precisava ir naquela manhã, ao que a senhora Jennings e Elinor concordaram prontamente, pois também tinham algumas compras para fazer, e Marianne, embora se recusando no início, acabou convencida a ir.

Onde quer que fossem, Marianne estava evidentemente sempre procurando algo. Especialmente na Rua Bond, onde se encontrava a maior parte das lojas, seus olhos estavam em uma busca constante, e em todas as lojas que o grupo entrava, sua mente permanecia distraída de tudo que estava na frente delas, de tudo que interessava e ocupava as outras. Inquieta e insatisfeita em todos os lugares, Elinor nunca conseguia obter a opinião da irmã sobre qualquer artigo de compra, por mais que pudesse ser de interesse para as duas. Ela não estava interessada em nada. Só estava impaciente para voltar para casa e conseguia, com dificuldade, controlar sua irritação diante do tédio causado pela senhora Palmer, cujo olho era atraído por tudo que era bonito, caro ou novo, queria comprar tudo e não conseguia se decidir por nada, perdendo tempo entre a empolgação e a indecisão.

Já era o fim da manhã quando voltaram para casa, e assim que entraram Marianne subiu as escadas correndo, ansiosa. Quando Elinor a seguiu, encontrou-a afastando-se da mesa com um semblante doloroso, que

mostrava que Willoughby não estivera ali.

– Não chegou nenhuma carta aqui para mim desde que saímos? – ela perguntou ao criado que entrava com os pacotes. A resposta foi negativa. – Tem certeza? – ela insistiu. – Tem certeza de que nenhum criado, nenhum portador deixou nenhuma carta ou bilhete?

O homem respondeu que nada fora entregue.

– Que estranho! – disse ela, com uma voz baixa e decepcionada, ao se virar para a janela.

“Que estranho, realmente!” – repetiu Elinor para si mesma, vendo a irmã inquieta. “Se ela não soubesse que ele estava na cidade, não teria escrito para ele, como fez; teria escrito para Combe Magna; e se ele estiver na cidade, que estranho que não tenha respondido nem passado por aqui! Ah! Minha querida mãe, você deve estar errada ao permitir que um noivado entre uma filha tão jovem e um homem tão pouco conhecido tenha acontecido de forma tão duvidosa e misteriosa! Desejo indagar, mas como a minha interferência será vista?”

Ela determinou, depois de alguma consideração, que se a situação continuasse tão desagradável quanto agora por muitos dias, ela tentaria convencer a mãe, nos termos mais fortes possíveis, sobre a necessidade de alguma investigação séria sobre o assunto.

A senhora Palmer e duas senhoras idosas íntimas da senhora Jennings, que ela encontrara e convidara pela manhã, comeram com elas. A senhora Palmer deixou-as logo após o chá para atender seus compromissos da tarde e Elinor foi obrigada a jogar uíste com as outras. Marianne era inútil nessas ocasiões, pois nunca aprendera a jogar, mas, embora tivesse o tempo livre, a noite não foi mais agradável para ela do que para Elinor, pois foi gasta com toda a ansiedade da expectativa e a dor da decepção. Às vezes, tentava ler por alguns minutos, mas o livro logo era deixado de lado, e ela voltava à atividade mais interessante de caminhar de um lado para o outro pela sala, parando por um momento sempre que chegava perto da janela, na esperança de ouvir a tão esperada batida na porta.

Capítulo 27

– Se esse tempo bom continuar – disse a senhora Jennings, quando se encontraram no café da manhã seguinte –, *sir* John não vai querer deixar

Barton na semana que vem; é triste para os esportistas perderem um dia de prazer. Pobres coitados! Sempre tenho pena deles quando isso acontece, eles parecem levar essa perda muito a sério.

– Isso é verdade – exclamou Marianne, com uma voz alegre, caminhando até a janela para examinar o dia. – Não tinha pensado nisso. Esse clima manterá muitos esportistas no campo.

Foi uma lembrança afortunada, a qual restaurou todo seu bom humor.

– É um clima encantador para *elas*, de fato – continuou, enquanto se sentava à mesa do café com um rosto feliz. – Devem apreciar muito! Mas – com um pequeno retorno da ansiedade – não se pode esperar que dure muito tempo. Nesta época do ano e depois de uma série de dias chuvosos, certamente este clima não durará muito tempo. As geadas chegarão em breve e, com toda a probabilidade, serão severas. Mais um ou dois dias, talvez. Essa temperatura branda dificilmente poderá durar mais e talvez faça muito frio nesta noite!

– De qualquer modo – disse Elinor, desejando evitar que a senhora Jennings visse os pensamentos da irmã de maneira tão clara quanto ela –, ouse dizer que teremos *sir* John e lady Middleton na cidade até o final da semana que vem.

– Sim, minha querida, garanto que teremos. Mary sempre consegue o que quer.

“E agora” – Elinor conjecturou silenciosamente – “ela vai escrever para Combe Magna no correio de hoje”.

Mas se Marianne fez isso, a carta foi escrita e enviada com uma discrição que evitou toda sua vigilância para ter certeza do fato. Seja qual fosse a verdade e por mais que Elinor não se sentisse plenamente satisfeita com isso, ao ver Marianne mais contente, não conseguia se sentir muito desconfortável. E Marianne estava contente. Feliz com o bom tempo e ainda mais feliz na expectativa de uma geada.

A manhã foi passada principalmente deixando cartões nas casas dos conhecidos da senhora Jennings para informá-los de que ela estava na cidade. E Marianne estava sempre ocupada observando a direção do vento, as variações do céu e imaginando uma alteração no ar.

– Não acha que está mais frio do que de manhã, Elinor? Parece-me que há uma diferença muito marcante. Quase não consigo esquentar minhas mãos, nem com meu regalo de peles. Não estava assim ontem, eu acho. As nuvens também parecem estar se abrindo, o sol sairá daqui a pouco e

teremos uma tarde clara.

Elinor alternava entre o divertimento e a tristeza. Mas Marianne perseverava e via todas as noites, no brilho do fogo da lareira, e todas as manhãs, na aparência da atmosfera, os sintomas certos de que uma geada se aproximava.

As senhoritas Dashwood não tinham grandes motivos para estar insatisfeitas com o estilo de vida da senhora Jennings e seu grupo de conhecidos, nem com o comportamento dela em relação às duas, que era invariavelmente gentil. Tudo em seus arranjos domésticos era conduzido no plano mais liberal e, exceto alguns velhos amigos da cidade, que, para desgosto de lady Middleton, ela nunca abandonara, a senhora Jennings não visitou ninguém a quem uma apresentação pudesse desagradar suas jovens companhias. Feliz em se encontrar mais confortavelmente situada do que esperava neste ponto em particular, Elinor estava muito disposta a aceitar a falta de prazer real das festas noturnas, as quais, fossem em casa ou fora, consistiam apenas de jogos de cartas, o que a divertia pouco.

O coronel Brandon, que tinha um convite permanente para a casa, estava com elas quase todos os dias. Ele vinha para ver Marianne e conversar com Elinor, que muitas vezes sentia mais satisfação conversando com ele do que em qualquer outra atividade diária, mas que via ao mesmo tempo com muita preocupação que o interesse dele pela irmã continuava. Ela temia que estivesse crescendo. Ficava aflita ao ver a seriedade com que ele olhava para Marianne e sua tristeza estava pior do que quando estava em Barton.

Cerca de uma semana após a chegada delas, ficou claro que Willoughby também chegara. Seu cartão estava na mesa quando elas voltaram do passeio matinal.

– Bom Deus! – exclamou Marianne. – Ele passou por aqui enquanto estávamos fora.

Elinor, feliz por ter certeza da presença dele em Londres, arriscou-se agora a dizer:

– Pode ter certeza de que ele voltará amanhã.

Mas Marianne quase não a ouviu e, com a entrada da senhora Jennings, escapou com o cartão precioso.

Esse evento, apesar de deixar Elinor mais animada, restaurou em sua irmã, ainda mais do que antes, a antiga agitação. A partir daquele momento, sua mente nunca ficava quieta. A expectativa de vê-lo a cada

hora do dia incapacitou-a de realizar qualquer outra atividade. Ela insistiu em ficar para trás, na manhã seguinte, quando as outras saíram.

Os pensamentos de Elinor estavam tomados pelo que poderia estar se passando na Rua Berkeley durante sua ausência, mas um olhar para a irmã quando voltou bastou para informá-la que Willoughby não fizera uma segunda visita. Um bilhete foi trazido e colocado sobre a mesa.

– Para mim! – gritou Marianne, avançando apressadamente.

– Não, senhorita, para a madame.

Mas Marianne, não convencida, pegou-o rapidamente.

– É mesmo para a senhora Jennings. Que irritante!

– Você está esperando uma carta, então? – perguntou Elinor, incapaz de ficar quieta.

– Sim, um pouco... não muito.

Após uma pequena pausa.

– Você não tem confiança em mim, Marianne.

– Não, Elinor, essa censura, vinda de você... Você que não confia em ninguém!

– Eu! – respondeu Elinor, um pouco confusa – Realmente, Marianne, não tenho nada para falar.

– Nem eu – respondeu Marianne com energia. – Nossas situações são semelhantes. Não temos nada para contar uma para a outra. Você, porque não se comunica, e eu porque não escondendo nada.

Elinor, angustiada pelo segredo que carregava e que não tinha liberdade para contar, não sabia como, em tais circunstâncias, pressionar para conseguir maior franqueza de Marianne.

A senhora Jennings logo apareceu e, ao receber o bilhete, leu-o em voz alta. Era de lady Middleton, anunciando sua chegada na Rua Conduit na noite anterior e solicitando a companhia da mãe e das primas na noite seguinte. Alguns negócios da parte de *sir* John e um forte resfriado dela impediram que fossem à Rua Berkeley. O convite foi aceito, mas conforme a hora da visita se aproximava, apesar da civilidade com a senhora Jennings exigir que a acompanhassem, Elinor teve alguma dificuldade em convencer a irmã a ir, pois ela ainda não vira Willoughby, portanto não estava disposta a sair para se divertir e correr o risco de que ele voltasse em sua ausência.

Elinor descobriu, quando a noite terminou, que a disposição de uma pessoa não é alterada por uma mudança de residência, pois, embora mal

acabara de chegar na cidade, *sir* John tivera a ideia de reunir ao seu redor cerca de 20 jovens e de organizar um baile para diverti-los. Era algo, no entanto, que lady Middleton não aprovava. No campo, um baile improvisado era permitido, mas em Londres, onde a reputação de elegância era mais importante e conseguida com menos facilidade, era arriscado demais, para a gratificação de algumas poucas moças, que lady Middleton desse um pequeno baile de oito ou nove pares, com dois violinos e uma pequena mesa com bufê.

O senhor e a senhora Palmer estavam na festa. Do primeiro, a quem não viam desde sua chegada à cidade, pois ele teve o cuidado de evitar demonstrar qualquer atenção à sogra e, portanto, nunca se aproximou dela, elas não receberam nenhuma mostra de reconhecimento ao entrarem. Ele olhou para elas um pouco, sem parecer saber quem eram, e simplesmente assentiu para a senhora Jennings do outro lado da sala. Marianne olhou ao redor do salão quando entrou: foi suficiente, pois ele não estava lá e sentou-se, igualmente indisposta para receber ou dar atenção a qualquer pessoa. Depois de estarem reunidos por cerca de uma hora, o senhor Palmer dirigiu-se para as senhoritas Dashwood para manifestar sua surpresa ao vê-las na cidade, embora o coronel Brandon tivesse sido informado pela primeira vez da chegada delas quando estava na casa dele, e ele mesmo dissera algo muito divertido quando soube que elas compareceriam.

– Pensei que as senhoritas estavam em Devonshire – disse ele.

– É mesmo? – respondeu Elinor.

– Quando vão voltar?

– Não sei – e assim terminou a conversa.

Nunca Marianne esteve tão indisposta a dançar na vida como naquela noite, e nunca se sentiu tão cansada pelo exercício. Ela se queixou quando voltaram para a Rua Berkeley.

– Sim, sim – disse a senhora Jennings –, nós sabemos o motivo de tudo isso muito bem. Se uma certa pessoa cujo nome não deve ser mencionado estivesse lá, você não estaria nem um pouco cansada. E para dizer a verdade, não foi muito elegante por parte dele não ter aparecido mesmo tendo sido convidado.

– Convidado! – exclamou Marianne.

– Foi o que minha filha Middleton me disse, pois parece que *sir* John o encontrou na rua nessa manhã.

Marianne não disse mais nada, mas parecia extremamente magoada. Impaciente por fazer algo que poderia aliviar sua irmã, Elinor resolveu escrever na manhã seguinte para a mãe na esperança de despertar seus medos pela saúde de Marianne, para obter as respostas há tanto tempo adiadas, e ficou ainda mais determinada a tomar tal medida ao perceber, depois do café da manhã no dia seguinte, que Marianne estava novamente escrevendo para Willoughby, pois não podia imaginar que fosse para qualquer outra pessoa.

Em torno do meio-dia, a senhora Jennings saiu sozinha para resolver alguns negócios e Elinor começou sua carta imediatamente, enquanto Marianne, inquieta demais para fazer qualquer coisa, ansiosa demais para poder conversar, andava de uma janela para a outra ou se sentava perto da lareira em uma meditação melancólica. Elinor foi muito sincera na explicação para a mãe, relatando tudo que tinha se passado, suas suspeitas da inconstância de Willoughby, apelando ao dever e ao carinho maternal para que exigisse de Marianne um esclarecimento de sua situação real em relação a ele.

Ela mal terminara a carta quando uma batida na porta trouxe um visitante, e o coronel Brandon foi anunciado. Marianne, que o vira da janela e não queria nenhum tipo de companhia, deixou a sala antes que ele entrasse. O coronel parecia mais sério do que o normal, e embora expressasse satisfação por encontrar a senhorita Dashwood sozinha, como se tivesse algo especial para lhe contar, sentou-se por algum tempo sem dizer uma palavra. Elinor, convencida de que ele tinha algo para contar que envolvia sua irmã, esperava com impaciência que comesse a falar. Não era a primeira vez que pressentia algo assim. Mais de uma vez, começando com a observação de que “sua irmã parece estar mal hoje” ou “sua irmã parece triste”, ele fora direto ao assunto, fosse revelando ou perguntando algo específico sobre ela. Depois de uma pausa de vários minutos, o silêncio foi quebrado quando ele perguntou com uma voz agitada quando lhe deveria felicitar por ganhar um cunhado. Elinor não estava preparada para tal pergunta e, não tendo nenhuma resposta pronta, foi obrigada a adotar o expediente simples e comum de perguntar o que ele queria dizer. Ele tentou sorrir quando respondeu:

- O noivado da sua irmã com o senhor Willoughby é muito conhecido.
- Não pode ser muito conhecido – falou Elinor –, pois sua própria família não sabe disso.

Ele pareceu surpreso e disse:

– Peço seu perdão, receio que minha pergunta tenha sido impertinente, mas não imaginei que houvesse a intenção de qualquer sigilo, já que eles se correspondem abertamente e todos falam do casamento.

– Como isso pode ser possível? Quem mencionou isso ao senhor?

– Muitas pessoas, algumas que a senhorita não conhece, outras com quem é mais íntima, a senhora Jennings, a senhora Palmer e os Middleton. Mas ainda assim eu não teria acreditado, pois onde a mente talvez não esteja disposta a se convencer, sempre encontrará algo para apoiar suas dúvidas, se eu não tivesse, quando o criado me deixou entrar hoje, visto acidentalmente uma carta na mão dele, dirigida ao senhor Willoughby com a letra da sua irmã. Vim perguntar, mas fui convencido antes que pudesse fazer a pergunta. Tudo está finalmente resolvido? É impossível que...? Mas não tenho direito e não poderia ter chances de ter sucesso. Desculpe-me, senhorita Dashwood. Acredito ter me equivocado falando tanto, mas quase não sei o que fazer e confio muito na sua prudência. Diga-me que está tudo completamente resolvido, que qualquer tentativa... que, em resumo, a dissimulação, se for possível, é tudo que me resta.

Essas palavras, que transmitiram a Elinor uma confissão direta do amor dele pela irmã, deixaram-na muito abalada. Ela não conseguiu dizer nada de imediato e, mesmo quando se recuperou, debateu por um curto período de tempo sobre qual seria a resposta mais apropriada. Ela conhecia tão pouco a situação real entre Willoughby e sua irmã que, ao tentar explicá-la, poderia acabar dizendo demais ou muito pouco. No entanto, como estava convencida do afeto de Marianne por Willoughby, não podia deixar que o coronel Brandon tivesse qualquer esperança de sucesso, independentemente da natureza daquele afeto, e ao mesmo tempo desejava evitar que a conduta de Marianne pudesse ser censurada, por isso achou mais prudente e gentil, depois de alguma consideração, dizer mais do que realmente sabia ou acreditava. Reconheceu, portanto, que, embora nunca tivesse sido informada por eles dos termos em que se encontravam um com o outro, não tinha dúvida do afeto mútuo e não se espantava da correspondência entre eles.

Ele ouviu-a com uma atenção silenciosa e, quando ela parou de falar, levantou-se imediatamente, pedindo licença e partindo depois de dizer com voz emocionada:

– Para sua irmã, eu desejo toda felicidade imaginável, e para Willoughby,

que se esforce para merecê-la.

A conversa não proporcionou a Elinor nenhum conforto que diminuísse o seu mal-estar quanto a outros pontos. Pelo contrário, ficou com uma impressão melancólica da infelicidade do coronel Brandon e nem sequer conseguiu desejar eliminá-la, por conta da ansiedade causada pelo evento que a deveria confirmar.

Capítulo 28

Nada ocorreu nos três ou quatro dias seguintes que fizesse Elinor se arrepender de escrever para sua mãe, pois Willoughby não veio, tampouco escreveu um bilhete. No final desse período, elas deveriam acompanhar lady Middleton a uma festa, a qual a senhora Jennings não pôde ir por conta da indisposição da filha mais nova; e para esta festa, Marianne, totalmente desanimada, descuidada de sua aparência e parecendo igualmente indiferente se fosse ou ficasse, arrumou-se sem um olhar de esperança ou uma expressão de prazer. Sentou-se junto à lareira na sala de estar depois do chá até o momento da chegada de lady Middleton, sem levantar uma única vez da poltrona, nem alterar sua atitude, perdida nos próprios pensamentos e insensível à presença da irmã. E quando enfim lhes disseram que lady Middleton esperava por elas na porta, ficou espantada como se tivesse esquecido de que esperavam alguém.

Chegaram na hora certa ao local de destino e, assim que a fila de carruagens na frente delas permitiu, desembarcaram, subiram as escadas, ouviram seus nomes anunciados ao passarem de uma sala para outra e entraram em uma sala esplendidamente iluminada, bastante cheia de pessoas e insuportavelmente quente. Depois de cumprirem os deveres de cortesia cumprimentando a dona da casa, foram autorizadas a se misturar com os convidados, recebendo seu quinhão de calor e desconforto, necessariamente aumentados por sua chegada. Depois de algum tempo falando pouco ou fazendo ainda menos, lady Middleton sentou-se para jogar casino e, como Marianne não estava com vontade de caminhar pela festa, ela e Elinor conseguiram encontrar cadeiras vagas não muito distantes da mesa.

Não estavam sentadas havia muito tempo quando Elinor viu Willoughby, parado a poucos metros delas, conversando seriamente com uma jovem

muito elegante. Ele logo a viu e curvou-se imediatamente, mas sem tentar falar com Marianne nem se aproximar dela, embora certamente a tivesse visto, e continuou a conversa com a mesma dama. Elinor virou-se involuntariamente para Marianne para ver se ela não o vira. Naquele momento, Marianne o notou pela primeira vez e, com todo seu semblante brilhando com um prazer repentino, teria corrido para ele instantaneamente, se a irmã não a tivesse segurado.

– Deus do céu! – ela exclamou. – Ele está ali, ele está ali. Ah, por que não olha para mim, por que não posso falar com ele?

– Calma, calma, contenha-se – exclamou Elinor – e não mostre o que sente a todos os presentes. Talvez ele ainda não a tenha visto.

Isso, no entanto, era mais do que ela poderia acreditar ser capaz de fazer. E conter-se em tal momento não só estava além do alcance de Marianne, estava além de seu desejo. Ela se sentou em uma agonia de impaciência que tomava conta do seu rosto.

Por fim, ele virou-se de novo e olhou para as duas. Ela se levantou e, pronunciando seu nome com um tom de carinho, estendeu a mão para ele. Ele se aproximou e, falando para Elinor em vez de Marianne, como se desejasse evitar o olhar dela, e determinado a não observar sua atitude, indagou de maneira apressada pela senhora Dashwood e perguntou há quanto tempo estavam na cidade. Tal atitude fez com que Elinor perdesse toda a presença de espírito, e ela não conseguiu dizer uma palavra. Mas os sentimentos da irmã foram expressos instantaneamente. Seu rosto ficou vermelho e ela exclamou, com uma voz cheia de emoção:

– Bom Deus! Willoughby, qual é o significado disso? Você não recebeu minhas cartas? Não vai apertar minha mão?

Ele não pôde evitar o aperto, mas o toque de Marianne parecia doloroso e ele segurou a mão dela apenas por um momento. Durante todo esse tempo, ele estava evidentemente lutando para manter a compostura. Elinor observou seu semblante e viu sua expressão se tornar mais tranquila. Depois de um momento de pausa, ele falou com calma.

– Concedi-me a honra de ir à Rua Berkeley na terça-feira passada e lamentei muito não ter tido a sorte de encontrar vocês e a senhora Jennings em casa. Meu cartão não foi perdido, espero.

– Mas você não recebeu meus bilhetes? – exclamou Marianne com uma ansiedade descontrolada. – Houve algum engano aqui, tenho certeza, um engano terrível. Qual pode ser o significado disso? Diga-me, Willoughby.

Pelo amor de Deus, diga-me, qual é o problema?

Ele não respondeu. Sua expressão mudou e todo seu constrangimento voltou. Mas, ao encontrar o olhar da moça com quem estava conversando anteriormente, fez um esforço e recuperou-se novamente, dizendo:

– Sim, tive o prazer de receber as informações da sua chegada na cidade, que a senhorita foi tão gentil de me enviar. – Depois, virou-se apressadamente com uma leve reverência e voltou para a amiga.

Marianne, agora terrivelmente branca e incapaz de ficar de pé, afundou na cadeira, e Elinor, esperando um desmaio a qualquer momento, tentou protegê-la da observação dos outros, reanimando-a com água de lavanda.

– Vá até ele, Elinor – ela exclamou, assim que conseguiu falar –, e force-o a voltar aqui. Diga que preciso vê-lo novamente, preciso falar com ele imediatamente. Não poderei descansar, não terei um momento de paz até que isso seja explicado. Deve ser algum mal-entendido terrível. Oh, vá até ele neste momento.

– Como posso fazer isso? Não, querida Marianne, você deve esperar. Este não é o lugar para explicações. Espere ao menos até amanhã.

Com dificuldade, porém, ela conseguiu evitar que Marianne o seguisse. E era impossível convencê-la a controlar sua agitação, a esperar, pelo menos com aparente compostura, até que pudesse conversar com ele com mais privacidade, pois Marianne continuou incessantemente a manifestar, com exclamações infelizes em voz baixa, seu sofrimento. Pouco tempo depois, Elinor viu Willoughby sair da sala pela porta em direção à escada e, dizendo a Marianne que ele havia partido, afirmou que era impossível conversar com ele novamente naquela noite, como um novo argumento para que ela ficasse calma. Marianne implorou para a irmã que pedisse a lady Middleton para levá-las para casa, já que estava muito triste para ficar mais um minuto sequer.

Lady Middleton, apesar de estar no meio de uma partida de *rubber*, ao ser informada de que Marianne estava indisposta, foi muito educada para se opor por um momento ao desejo dela de ir embora e, passando as cartas para uma amiga, partiram assim que a carruagem pôde ser encontrada. Quase nada foi dito durante a volta à Rua Berkeley. Marianne estava em uma agonia silenciosa, oprimida demais até mesmo para chorar. Mas como a senhora Jennings, por sorte, não voltara para casa, elas puderam ir diretamente para o quarto, onde um pouco de sal de amônio fez com que se sentisse melhor. Ela logo estava de roupa trocada e na cama, e como parecia querer ficar sozinha, Elinor a deixou, e enquanto esperava o retorno da senhora Jennings, teve tempo suficiente para pensar sobre o passado.

Ela não podia duvidar que algum tipo de compromisso existira entre

Willoughby e Marianne, e parecia igualmente claro que Willoughby estava insatisfeito com aquilo. Pois, por mais que Marianne ainda pudesse alimentar os próprios desejos, ela não poderia atribuir esse comportamento a qualquer tipo de engano ou mal-entendido. Nada, além de uma mudança profunda de sentimento, poderia explicar o que acontecera. A indignação de Elinor teria sido ainda mais forte se ela não tivesse testemunhado o constrangimento dele, o qual parecia manifestar uma consciência de sua conduta imprópria e a impediu que acreditasse que ele tivesse tão poucos princípios a ponto de ter brincado com as afeições de sua irmã desde o começo, sem nenhum objetivo que justificasse tal comportamento. A distância poderia ter enfraquecido sua estima e a conveniência poderia ter lhe proporcionado a determinação para superá-la, mas ela não podia duvidar que tal estima existira anteriormente.

Quanto a Marianne, ela não conseguia pensar sem a mais profunda preocupação nas dores que um encontro tão infeliz já devia ter lhe causado, e naquelas ainda mais severas que poderiam esperá-la pelas suas prováveis consequências. Sua própria situação parecia melhor se comparada, pois, apesar de ela poder estimar Edward tanto quanto antes, por mais que pudessem ser separados no futuro, seu espírito sempre poderia suportar. Mas todas as circunstâncias que poderiam tornar mais amargo o sofrimento de Marianne pareciam se unir para aumentar sua tristeza, com uma separação definitiva de Willoughby, uma ruptura imediata e irreconciliável com ele.

Capítulo 29

Antes que a criada tivesse acendido a lareira no dia seguinte ou o sol tivesse conseguido superar a manhã fria e sombria de janeiro, Marianne, apenas parcialmente vestida, estava ajoelhada em frente à bancada da janela para obter toda a luz que pudesse usar e escrevia tão rápido quanto o fluxo contínuo de lágrimas permitia. Foi nessa situação que Elinor, despertada por sua agitação e soluços, viu-a inicialmente; e depois de observá-la por alguns instantes em uma ansiedade silenciosa, disse, no tom mais gentil e atencioso:

- Marianne, posso perguntar...
- Não, Elinor – ela respondeu –, não pergunte nada. Logo você saberá.

O tipo de calma desesperada com a qual isso foi dito só durou enquanto ela falava e foi seguido imediatamente pela volta da mesma aflição excessiva. Demorou alguns minutos para ela conseguir continuar com a carta, e os frequentes suspiros de tristeza que ainda a obrigavam, em intervalos, a parar eram provas suficientes de que sentia que o mais provável fosse que estivesse escrevendo pela última vez para Willoughby.

Elinor prestou toda atenção silenciosa e discreta que podia, e teria tentado acalmá-la e tranquilizá-la ainda mais se Marianne não tivesse pedido, com toda a sinceridade da mais nervosa irritação, para que não falasse com ela em hipótese alguma. Naquelas circunstâncias, era melhor para ambas que não ficassem muito tempo juntas; e o estado inquieto damente de Marianne não só a impediu de ficar no quarto um segundo depois de se vestir, como também exigia ao mesmo tempo solidão e uma mudança contínua de lugar, fazendo-a caminhar pela casa até o horário do café da manhã, evitando encontrar qualquer pessoa.

No café da manhã, ela não comeu nem tentou comer nada, e a atenção de Elinor foi então toda empregada, não para encorajá-la, nem para sentir pena dela, nem para observá-la, mas em se empenhar em atrair toda a atenção da senhora Jennings para si.

Como aquela era a refeição favorita da senhora Jennings, durava um tempo considerável, e elas tinham acabado de se sentar, depois do café, em volta da mesa de trabalho comum, quando uma carta foi entregue a Marianne, a qual ela pegou ansiosa da mão do criado e, adquirindo uma palidez cadavérica, saiu correndo da sala de imediato. Elinor, que entendeu tão claramente quanto se tivesse visto o remetente que deveria ser de Willoughby, sentiu de imediato uma dor no coração. Quase não conseguia levantar a cabeça e sentou-se tremendo tanto que era impossível esconder da senhora Jennings. Aquela boa senhora, no entanto, só viu que Marianne recebera uma carta de Willoughby, o que parecia para ela uma boa piada, e tratou-a assim, esperando, com uma risada, que ela gostasse do que estava escrito. Ela não percebeu a angústia de Elinor, pois estava ocupada demais medindo fios de lã para seu tapete para ver qualquer coisa. Continuando de maneira calma a conversa, assim que Marianne desapareceu, ela disse:

– Dou minha palavra, nunca vi uma jovem tão desesperadamente apaixonada na minha vida! Minhas filhas não eram nada em comparação com ela e, ainda assim, eram bastante tolas. Mas a senhorita Marianne é

uma criatura bastante alterada. Espero que, do fundo do meu coração, ele não a deixe esperando muito mais, pois é bastante doloroso vê-la com essa aparência tão doente e desamparada. Afinal, quando eles vão se casar?

Elinor, embora nunca menos disposta a conversar do que naquele momento, obrigou-se a responder a tal provocação, tentando sorrir.

– E a senhora realmente está convencida de que minha irmã está comprometida com o senhor Willoughby? Achei que fora apenas uma piada, mas uma pergunta tão séria parece implicar mais. E devo implorar, portanto, que não se engane mais. Asseguro que nada me surpreenderia mais do que ouvir que eles vão se casar.

– Que vergonha, que vergonha, senhorita Dashwood! Como pode falar isso? Não sabemos todos que eles vão se casar, que estavam completamente apaixonados um pelo outro desde o primeiro momento em que se conheceram? Não os vi juntos em Devonshire todos os dias, o dia todo, e não sei que sua irmã veio para a cidade comigo com o objetivo de comprar o enxoval? Ora, ora, isto não funcionará. Porque você é tão dissimulada, acha que ninguém mais percebe nada. Mas não é assim, posso dizer, pois isso é conhecido em toda a cidade há muito tempo. Conto para todos sobre esse fato e a Charlotte também.

– Na verdade, senhora – disse Elinor, muito séria –, está enganada. Na verdade, está fazendo uma coisa muito desagradável divulgando essa notícia e vai descobrir isso, mesmo que não acredite em mim agora.

A senhora Jennings riu novamente, mas Elinor não tinha ânimo para falar mais nada, e ansiosa para saber o que Willoughby havia escrito, correu para o quarto delas, onde, ao abrir a porta, viu Marianne esticada na cama, quase sufocada pelo sofrimento, uma carta na mão, e duas ou três outras caídas ao lado dela. Elinor aproximou-se, mas sem dizer uma palavra, e sentando-se na cama, pegou a mão dela, beijou-a carinhosamente várias vezes, e então foi tomada pelas lágrimas, que no começo foram quase tão violentas quanto as de Marianne. Esta, embora incapaz de falar, parecia sentir toda a ternura desse gesto, e depois de algum tempo assim, em uma aflição conjunta, colocou todas as cartas nas mãos de Elinor. Depois, cobrindo o rosto com seu lenço, quase gritou de agonia. Elinor, que sabia que tal sofrimento, por mais chocante de se testemunhar, devia seguir seu curso, observou-a até que esse excesso de sofrimento diminuísse um pouco e depois se virou ansiosa para a carta de Willoughby, a qual dizia:

Rua Bond, janeiro.

Minha querida senhorita,

Acabei de ter a honra de receber sua carta, pela qual agradeço sinceramente. Fico muito preocupado por saber que houve algo em meu comportamento na noite passada que não recebeu sua aprovação, e apesar de não entender de que maneira pude ser tão infeliz a ponto de ofendê-la, peço seu perdão pelo que lhe asseguro que foi totalmente sem intenção. Nunca posso pensar sobre minha antiga amizade com sua família em Devonshire sem o prazer mais grato e espero que não seja rompida por qualquer erro ou incompreensão das minhas ações. Minha estima por toda sua família é muito sincera, mas se fui infeliz e alimentei uma crença em mais do que sentia ou pretendia expressar, devo me censurar por não ter sido mais resguardado nas minhas declarações dessa estima. Você reconhecerá que nunca manifestei mais do que isso quando entender que meu afeto estava comprometido há muito tempo com outra pessoa, e não demorarão muitas semanas, acredito, para que este compromisso seja cumprido. É com grande pesar que obedeça a seu pedido dedever as cartas com as quais fui honrado por você, e o cacho de cabelo, que me concedeu de forma tão amável.

Sou, querida senhorita,

Seu mais humilde e obediente servo,

John Willoughby.

É possível imaginar com que indignação uma carta como essa foi lida pela senhorita Dashwood. Embora ciente, antes de começar, que ela deveria trazer uma confissão da inconstância de Willoughby e confirmar a separação deles para sempre, ela não sabia que tal linguagem poderia ser usada para este anúncio. Nem poderia ter imaginado que Willoughby seria capaz de se afastar tanto de todos os sentimentos honestos e delicados – tão longe do decoro comum de um cavalheiro, para enviar uma carta tão insolentemente cruel: uma carta que, em vez de trazer qualquer declaração de arrependimento, não reconhecia nenhuma quebra de palavra, negava qualquer afeto especial, uma carta na qual cada linha era um insulto e proclamava que seu autor estava mergulhado profundamente em uma vilania bastante insensível.

Ela fez uma pausa por algum tempo com um assombro indignado, depois leu novamente várias vezes, mas todas as leituras apenas serviram para aumentar sua aversão ao homem, e tão amargos eram seus sentimentos

contra ele que não ousava confiar em si mesma para falar, pois poderia ferir Marianne ainda mais fundo tratando o fim do compromisso não como uma perda de algo bom, mas como uma fuga do pior e mais irremediável de todos os males, uma conexão, para toda a vida com um homem sem princípios, como a maior das libertações, a mais importante bênção.

Nas suas meditações sinceras sobre o conteúdo da carta, sobre a depravação daquela mente capaz de ditá-la, e, provavelmente, sobre a mente muito diferente de uma pessoa muito diferente, que não tinha nenhuma outra conexão com o caso além do que o coração de Marianne lhe atribuíra, Elinor esqueceu o sofrimento imediato da irmã, esqueceu que tinha três cartas em seu colo ainda não lidas, e esqueceu tão completamente há quanto tempo estava no quarto que, quando ouviu uma carruagem chegar na porta, foi até a janela para ver quem poderia chegar tão absurdamente cedo. Ficou admirada ao ver a carruagem da senhora Jennings, a qual ela sabia que só tinha sido pedida para a uma da tarde. Determinada a não abandonar Marianne, embora sem esperança de ajudar, no momento, a diminuir sua dor, ela apressou-se a se desculpar com a senhora Jennings, explicando que não poderia sair porque a irmã não se sentia bem. Demonstrando uma bem-humorada preocupação com o mal-estar da jovem, a senhora aceitou a desculpa prontamente, e Elinor, depois de vê-la partir em segurança, voltou para Marianne, a quem encontrou tentando se levantar da cama, chegando bem a tempo de impedir que ela caísse no chão, enfraquecida e tonta por uma longa falta de descanso e alimentação adequados, pois fazia muitos dias que ela não tinha nenhum apetite e muitas noites desde que dormira realmente. E agora, quando sua mente não era mais mantida pela febre do suspense, a consequência de tudo isso era sentida em uma cabeça dolorida, um estômago debilitado e uma fraqueza nervosa geral. Uma taça de vinho, que Elinor fez com que ela bebesse, deixou-a mais confortável e, finalmente, Marianne conseguiu expressar um pouco do reconhecimento pelo afeto da irmã, dizendo:

– Pobre Elinor, como a deixo infeliz!

– Eu só gostaria – respondeu a irmã – que houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer para lhe confortar.

Isso, como se daria com qualquer outra coisa, foi demais para Marianne, que só conseguiu exclamar, na angústia do seu coração:

– Ah! Elinor, estou muito triste, realmente – antes que sua voz se perdesse em meio aos soluços.

Elinor não podia mais testemunhar em silêncio a torrente de tristeza à qual a irmã se entregava sem nenhuma resistência.

– Faça um esforço, querida Marianne – ela exclamou –, se não quiser se matar e também todos que a amam. Pense em sua mãe, pense na tristeza dela enquanto você sofre: pelo bem dela, você deve se esforçar.

– Não consigo, não consigo – gritou Marianne –, deixe-me, deixe-me, se eu a atormento; deixe-me, odeie-me, esqueça-me, mas não me torture tanto. Ah! Como é fácil para aqueles que não sentem tristeza falar de esforço! Feliz, feliz Elinor, você não pode ter ideia do quanto estou sofrendo.

– Você me chama de feliz, Marianne? Ah! Se você soubesse! E como pode acreditar que sou feliz ao vê-la tão triste!

– Perdoe-me, perdoe-me – colocando os braços ao redor do pescoço da irmã –, sei que sofre por mim, sei que tem um bom coração, mas ainda assim você é... você deve ser feliz, Edward a ama. O que, ah, o que pode matar essa felicidade?

– Muitas circunstâncias – disse Elinor, solenemente.

– Não, não, não – gritou Marianne descontrolada –, ele a ama, e só você. Você não pode sentir tristeza.

– Não posso ser feliz enquanto a vejo neste estado.

– E você nunca me verá de outra maneira. A minha é uma tristeza que nada pode eliminar.

– Não deve falar assim, Marianne. Você não tem conforto? Não tem amigos? Sua perda é tal que não deixa nenhuma abertura para consolo? Por mais que sofra agora, pense no que teria sofrido se a descoberta do caráter dele tivesse acontecido depois. Se o compromisso tivesse continuado por meses e meses, como poderia ter sido, antes que ele tivesse decidido acabar com tudo. Cada dia adicional de confiança infeliz, ao seu lado, tornaria o golpe ainda mais terrível.

– Compromisso! – exclamou de forma contundente Marianne. – Não havia nenhum compromisso.

– Não havia compromisso!

– Não, ele não é tão indigno quanto você acredita. Ele não quebrou nenhum compromisso comigo.

– Mas ele disse que a amava.

– Sim... não... nunca absolutamente. Estava implícito todos os dias, mas ele nunca declarou abertamente. Às vezes, eu pensava que tinha, mas

nunca o fez.

– Mas você escreveu para ele?

– Sim... Isso poderia ser errado depois de tudo que acontecera? Mas não posso falar.

Elinor não disse mais nada e, voltando-se para as três cartas que agora provocavam uma curiosidade muito mais forte do que antes, leu todas. A primeira, que era a que a irmã tinha enviado para ele ao chegarem à cidade, dizia:

Rua Berkeley, janeiro.

*Como você ficará surpreso, Willoughby, ao receber este bilhete, e acho que sentirá algo mais do que surpresa quando souber que estou na cidade. Uma oportunidade de vir para cá, embora com a senhora Jennings, foi uma tentação à qual não conseguimos resistir. Espero que possa receber isso a tempo de vir aqui nesta noite, mas não sei se será possível. De qualquer forma, espero você amanhã. Por enquanto, adieu .
M.D.*

A segunda carta, que fora escrita na manhã seguinte ao baile nos Middleton, continha as seguintes palavras:

*Não consigo expressar minha decepção por não ter encontrado você anteontem, nem meu espanto ao não ter recebido nenhuma resposta a uma carta que mandei há mais de uma semana. Fico ansiosa para ter notícias suas e ainda mais para vê-lo, a cada hora do dia. Por favor, venha aqui novamente o mais rápido possível e explique o motivo de minha espera ter sido em vão. É melhor você vir mais cedo na próxima vez, pois geralmente saímos à uma hora. Estivemos ontem à noite na casa de lady Middleton, onde houve um baile. Disseram que você foi convidado para a festa. Mas como pode ser? Você deve estar bastante mudado desde que nos separamos, caso seja este o caso, e não esteve presente. Mas não vou supor que isso seja possível e espero muito receber em breve sua garantia pessoal de que tenha sido outra coisa.
M.D.*

O conteúdo da última carta para ele era:

O que devo imaginar, Willoughby, pelo seu comportamento ontem à noite? Mais uma vez, exijo uma explicação. Estava preparada para encontrá-lo com o prazer que a nossa separação naturalmente

provocou, com a familiaridade que a nossa intimidade em Barton me pareceu justificar. Fui realmente repelida! Passei uma noite miserável tentando encontrar uma desculpa para uma conduta que dificilmente pode ser classificada como menos do que insultante, mas, embora ainda não tenha sido capaz de formular nenhuma desculpa razoável para seu comportamento, estou perfeitamente pronta para ouvir sua justificativa. Você talvez tenha sido mal informado, ou deliberadamente enganado, quanto a algo a meu respeito, o que pode ter diminuído sua opinião sobre mim. Diga-me o que foi, explique os motivos para sua atitude e ficarei satisfeita em poder lhe dar explicações. De fato, seria muito triste ser obrigada a pensar mal de você, mas se devo fazê-lo, se eu souber que você não é o que até agora acreditávamos que era, que o seu respeito por nós era insincero, que seu comportamento comigo tinha o objetivo apenas de enganar, peço que me informe o quanto antes. Meus sentimentos estão no presente em um estado de terrível indecisão. Desejo absolvê-lo, mas a certeza de qualquer lado amenizará o que estou sofrendo agora. Se os seus sentimentos não são mais o que eram, peço que devolva minhas cartas e o cacho do meu cabelo que está em sua posse.

M.D.

Pelo bem de Willoughby, Elinor não queria acreditar que tais cartas, tão cheias de carinho e confiança, não tivessem sido respondidas. Mas sua condenação dele não a cegou contra a impropriedade de terem sido escritas, e ela estava silenciosamente triste pela imprudência que arriscara tais provas não solicitadas de ternura, não garantidas por qualquer coisa precedente, e mais severamente condenadas pelo que ocorrera, quando Marianne, percebendo que ela terminara as cartas, observou que não continham nada além do que qualquer um teria escrito na mesma situação.

– Eu senti – ela acrescentou – que estava tão solenemente comprometida com ele quanto se o pacto legal mais estrito nos tivesse unido.

– Posso acreditar – disse Elinor –, mas, infelizmente, ele não tinha o mesmo sentimento.

– Ele tinha, Elinor. Por semanas e semanas ele sentiu isso. Sei que sim. O que quer que possa ter mudado agora (e nada mais do que um trabalho contra mim pode ter feito isso), já fui tão querida por ele como minha própria alma poderia desejar. Esse cacho de cabelo, do qual agora abriu mão tão prontamente, ele me implorou com a súplica mais sincera. Se

tivesse visto seu olhar, sua maneira, se tivesse ouvido sua voz naquele momento! Você esqueceu a última noite que estivemos juntos em Barton? A manhã em que nos separamos também! Quando ele me disse que talvez se passassem muitas semanas antes de nos encontrarmos novamente... A angústia dele... Como poderei esquecer a angústia dele?

Por um momento ou dois, ela não conseguiu falar mais nada, mas quando essa emoção passou, ela acrescentou, num tom mais firme:

– Elinor, fui cruelmente usada, mas não por Willoughby.

– Querida Marianne, por quem, senão por ele? Por quem ele pode ter sido instigado?

– Por todo mundo, não pelo próprio coração. Prefiro acreditar que todas as pessoas que conheço se juntaram para arruinar a opinião que ele tinha sobre mim a acreditar que sua natureza seja capaz de tal crueldade. Essa mulher que ele menciona... quem quer que seja... ou qualquer um, em suma, exceto você, mamãe e Edward, poderia ter sido cruel o suficiente para mentir sobre mim. Exceto vocês três existe qualquer outra pessoa no mundo de quem eu não preferiria suspeitar de fazer o mal em vez de Willoughby, cujo coração eu conheço tão bem?

Elinor não queria contestar e apenas respondeu:

– Quem quer que tenha sido seu tão detestável inimigo, deixe-o ser traído pelo próprio triunfo maligno dele, querida irmã, ao ver com que nobreza a consciência da sua própria inocência e boas intenções sustentam seu espírito. É um orgulho razoável e louvável que resiste a essa malevolência.

– Não, não – exclamou Marianne –, miséria como a minha não tem orgulho. Eu não me importo com quem saiba que estou infeliz. O triunfo de me ver assim pode estar visível a todo o mundo. Elinor, Elinor, os que sofrem pouco podem se sentir tão orgulhosos e independentes quanto quiserem, podem resistir ao insulto ou retribuir a mortificação, mas eu não posso. Devo sentir... devo ficar infeliz... e eles podem desfrutar do que conseguiram fazer.

– Mas pelo bem da minha mãe e pelo meu...

– Eu faria qualquer coisa. Mas parecer feliz quando estou tão triste... Ó, quem pode exigir isso?

Mais uma vez, ficaram em silêncio. Elinor ficou caminhando pensativamente da lareira para a janela, da janela para a lareira, sem perceber que recebia calor de uma, ou que discernia objetos por causa da outra. E Marianne, sentada aos pés da cama, com a cabeça apoiada em

uma de suas colunas, voltou a pegar a carta de Willoughby e, depois de estremecer com a leitura de cada uma das frases, exclamou:

– É demais! Ah, Willoughby, Willoughby, como pôde escrever isso? Cruel, cruel, nada poderá absolvê-lo. Elinor, nada pode desculpá-lo. O que quer que ele possa ter ouvido contra mim, não deveria ter duvidado? Não deveria ter me falado disso, ter me dado a possibilidade de me explicar? “O cacho de cabelo – repetindo o que estava na carta – que você me concedeu de forma tão amável”. Isso é imperdoável. Willoughby, onde estava seu coração quando escreveu estas palavras? Seu bárbaro insolente! Elinor, ele pode ser justificado?

– Não, Marianne, de nenhuma maneira possível.

– E, no entanto, essa mulher, quem sabe qual pode ter sido sua artimanha? Por quanto tempo ela pode ter premeditado e o quanto a deve ter elaborado! Quem é ela? Quem pode ser? Quem ele citou como sendo jovem e atraente entre suas amigas? Ninguém, ninguém. Ele só me falava de mim.

Outra pausa se seguiu. Marianne estava muito agitada e terminou da seguinte maneira:

– Elinor, devo ir para casa. Preciso ir e confortar mamãe. Não podemos ir embora amanhã?

– Amanhã, Marianne!

– Sim, por que eu deveria ficar aqui? Vim apenas por Willoughby, e agora quem se importa comigo? Quem tem consideração por mim?

– Seria impossível ir amanhã. Devemos à senhora Jennings muito mais que a boa educação. E a do tipo mais comum deve evitar uma partida tão precipitada como essa.

– Bem, então, mais um ou dois dias, talvez, mas não posso ficar aqui por muito tempo, não posso ficar para suportar as perguntas e observações de todas essas pessoas. Os Middleton e os Palmer. Como posso suportar a pena deles? A piedade de uma mulher como lady Middleton! Ah, o que ele diria disso!

Elinor aconselhou-a a se deitar novamente, e por um momento ela concordou, mas nada a deixava tranquila e, na dor irrequieta da mente e do corpo, movia-se de um lado para outro, até que, ficando cada vez mais histérica, sua irmã não conseguia mantê-la na cama, e por algum tempo receou que seria obrigada a pedir ajuda. Algumas gotas de lavanda, no entanto, as quais Marianne foi enfim convencida a tomar, foram úteis; e

desse momento até a volta da senhora Jennings, ela ficou na cama, calma e imóvel.

Capítulo 30

A senhora Jennings veio imediatamente para o quarto delas ao voltar e, sem esperar que respondessem a seu pedido de licença, abriu a porta e entrou com um olhar de preocupação autêntica.

– Como você está, minha querida? – perguntou com uma voz de grande compaixão por Marianne, que virou o rosto sem tentar responder.

– Como ela está, senhorita Dashwood? Coitadinha, parece muito mal. Não me espanta. Sim, é bem verdade. Ele vai se casar muito em breve... um sujeito imprestável! Não tenho paciência com ele. A senhora Taylor contou-me tudo há meia hora, e ela foi informada por uma amiga particular da própria senhorita Grey, do contrário eu não teria acreditado, com certeza. E quase desmaiei. Bem, eu disse, tudo que posso dizer é que, se isso for verdade, ele usou de forma abominável uma jovem que eu conheço, e desejo com toda a minha alma que sua esposa o faça infeliz. E como sempre digo, minha querida, você pode contar com isso. Não aceito que os homens façam isso, e se alguma vez eu o reencontrar, vou lhe dar uma bronca como poucas que recebeu na vida. Mas há um conforto, querida senhorita Marianne. Ele não é o único jovem do mundo que vale a pena, e com seu rosto bonito nunca faltarão admiradores. Bem, coitadinha! Não a incomodarei mais, pois é melhor que chore de uma vez e termine com isso. Felizmente os Parry e os Sanderson virão hoje à noite, sabe, e a visita deles vai diverti-la.

Ela então saiu do quarto, caminhando na ponta dos pés, como se achasse que a aflição de sua jovem amiga pudesse aumentar com o barulho.

Marianne, para a surpresa da irmã, decidiu jantar com as visitas. Elinor até aconselhou-a contra isso. Mas “não, ela iria descer; poderia aguentar muito bem a situação e a agitação em torno dela seria menor”. Elinor, feliz por ela ter encontrado um motivo para se controlar, embora acreditando que não fosse possível que ela conseguisse chegar ao final do jantar, não disse mais nada. Ajeitando o vestido de Marianne o máximo que podia, enquanto ela permanecia na cama, estava pronta para ajudá-la a ir para a sala de jantar assim que fossem chamadas.

Uma vez lá, embora parecendo muito triste, Marianne comeu mais e estava mais calma do que a irmã esperara. Se ela tivesse tentado falar ou tivesse tido consciência da metade das boas atenções, apesar de inoportunas, da senhora Jennings, essa calma não poderia ter sido mantida. Mas nenhuma palavra escapou de seus lábios e a abstração de seus pensamentos a manteve alheia a tudo o que acontecia ao seu redor.

Elinor, que fez justiça à gentileza da senhora Jennings, embora suas efusões fossem muitas vezes angustiantes e, às vezes, quase ridículas, agradeceu e retribuiu aquelas demonstrações de educação, o que a irmã não conseguia fazer ou retribuir por conta própria. Sua boa amiga viu que Marianne estava infeliz e sentia que deveria fazer de tudo para deixá-la menos triste. Ela tratou-a, portanto, com todo o carinho indulgente de uma mãe com a filha favorita no último dia de férias. Marianne deveria ter o melhor lugar junto à lareira, ser tentada a comer todas as iguarias na casa e ser distraída com todas as notícias do dia. Se Elinor, no rosto triste da irmã, não tivesse visto uma contenção para todos os prazeres, poderia ter se divertido com os esforços da senhora Jennings para curar uma decepção amorosa com uma variedade de doces e azeitonas, além de uma boa lareira. No entanto, assim que a consciência de tudo isso lhe foi imposta pelo excesso de insistência, Marianne não conseguiu ficar mais. Com uma exclamação rápida de tristeza e um sinal para que a irmã não a seguisse, ela levantou-se de imediato e saiu correndo da sala.

– Pobre alma! – exclamou a senhora Jennings, assim que ela saiu. – Como me aflige vê-la assim! E ela foi embora sem terminar seu vinho! E as cerejas secas também! Senhor! Nada parece fazer bem a ela. Tenho certeza de que se eu soubesse o que ela quer, mandaria procurar por toda a cidade. Bem, é a coisa mais estranha para mim que um homem use umamenina tão bonita dessa maneira! Mas quando há muito dinheiro de um lado e nenhum do outro, Deus lhe ajude! Eles não se importam mais com esse tipo de coisa!

– A dama então... senhorita Grey, acho que era o nome dela... é muito rica?

– Cinquenta mil libras, querida. Você já a viu? Uma moça inteligente e elegante, dizem, mas não é bonita. Lembro-me bem de sua tia, Biddy Henshawe. Ela casou-se com um homem muito rico. Mas a família é toda abastada. Cinquenta mil libras! E até onde sei, vai chegar bem a tempo, pois dizem que ele está na ruína. Não é de admirar! Passeando por aí com

sua carruagem e cães de caça! Bem, não vale a pena falar disso. Mas quando um jovem, seja quem for, vem e se apaixona por uma garota linda e promete casamento, ele não deve abandonar sua palavra apenas porque fica pobre e uma garota mais rica está pronta para ele. Por que ele, nesse caso, não vende seus cavalos, deixa sua casa, despede seus criados e faz uma reforma completa em sua vida? Asseguro a você que a senhorita Marianne estaria pronta para esperar até que ele tivesse condições. Mas isso não serve. Os jovens de hoje não abandonam os prazeres por nada deste mundo.

– Sabe que tipo de moça é a senhorita Grey? Dizem que ela é agradável?

– Nunca ouvi nada ruim sobre ela. Na verdade, quase nunca a ouvi ser mencionada, exceto que a senhora Taylor disse nessa manhã que um dia a senhorita Walker insinuou para ela que acreditava que o senhor e a senhora Ellison não lamentariam se a senhorita Grey se casasse, pois ela e a senhora Ellison nunca se entenderam muito bem...

– E quem são os Ellison?

– Os tutores dela, minha querida. Mas agora ela é maior de idade e pode escolher por si mesma, e que linda escolha ela fez! E agora – depois de pausar por um momento – sua pobre irmã foi para seu quarto, suponho, para chorar sozinha. Não há nada que alguém possa conseguir para confortá-la? Coitada, parece bem cruel deixá-la sozinha. Bem, de vez em quando teremos alguns amigos, e isso a divertirá um pouco. O que podemos jogar? Ela odeia uíste, eu sei. Mas não há um jogo que ela goste?

– Querida senhora, essa bondade é bastante desnecessária. Marianne, ouse dizer, não vai sair do quarto novamente nesta noite. Eu devo persuadi-la, se puder, a ir cedo para a cama, pois tenho certeza de que gostaria de descansar.

– Sim, acredito que será melhor para ela. Deixe que escolha sua ceia e vá para a cama. Senhor! Não é de admirar que ela estivesse com uma aparência tão ruim e triste essas últimas semanas, pois este assunto, suponho, esteve em sua cabeça nesse tempo todo. E então, a carta que recebeu hoje terminou com tudo! Pobre alma! Estou certa de que, se tivesse noção disso, não teria brincado com ela por nada desse mundo. Mas, sabe, como adivinharia algo assim? Tinha certeza de que não era mais do que uma carta de amor comum, e você sabe que os jovens gostam que riem delas. Senhor! Como *sir* John e minhas filhas ficarão preocupados quando ouvirem isso! Se eu estivesse com a cabeça no lugar,

poderia ter passado pela Rua Conduit no caminho para casa e contado tudo. Mas vou vê-los amanhã.

– Seria desnecessário que você avisasse à senhora Palmer e ao *sir* John para que não mencionem o senhor Willoughby, e que nem façam a menor alusão ao que passou, na frente da minha irmã. A própria boa natureza deles deve indicar a crueldade que seria demonstrar que sabem qualquer coisa a respeito quando ela estiver presente. E quanto menos eu tiver que falar sobre o assunto, mais meus sentimentos serão poupados, como a querida senhora facilmente entenderá.

– Ó! Senhor! Sim, claro. Deve ser terrível para você ouvir falar disso, e quanto à sua irmã, tenho certeza de que não mencionaria uma palavra a ela por nada desse mundo. Viu que não falei nada durante o jantar. Tampouco o faria *sir* John, nem minhas filhas, pois são todos atenciosos e gentis. Especialmente se eu os avisar, como certamente farei. De minha parte, penso que, quanto menos essas coisas forem mencionadas, melhor e mais cedo será esquecido. E de que serve falar disso?

– Neste caso, só pode prejudicar, talvez mais do que em muitos casos parecidos, pois foi cercado por circunstâncias que, por causa de todos os envolvidos, é impróprio que seja comentado em público. É preciso fazer justiça nesse sentido ao senhor Willoughby. Ele não quebrou nenhum compromisso com minha irmã.

– Minha querida! Não tente defendê-lo. Nenhum compromisso! Depois de levá-la até Allenhurst House e mostrar os quartos em que iriam morar!

Elinor, pelo bem da irmã, não podia forçar mais o assunto e esperava que não fosse obrigada a isso pelo bem de Willoughby, já que, embora Marianne pudesse perder muito, ele não ganharia nada com a defesa da verdade. Depois de um breve silêncio de ambos os lados, a senhora Jennings, com toda sua hilariante naturalidade, voltou ao assunto.

– Bem, querida, há males que vêm para o bem, pois será melhor para o coronel Brandon. Ele finalmente conseguirá conquistá-la. Sim, vai mesmo. Ouça o que digo, eles estarão casados até o meio do verão. Senhor! Como ele vai ficar feliz com essa notícia! Espero que venha nesta noite. Será realmente um par melhor para sua irmã. Duas mil libras por ano sem dívidas ou desvantagens, exceto a filha, na verdade. Sim, eu esquecera dela, mas ela pode ser enviada para ser aprendiz de alguém a um custo baixo, e o que isto significará então? Delaford é um lugar agradável, posso dizer, exatamente o que chamo de um bom lugar à moda antiga, cheio de

confortos e conveniências. É bem fechado, com um jardim cercado por grandes muros e coberto pelas melhores árvores frutíferas do país. E que amoreira em um canto! Senhor! Como Charlotte e eu comemos amoras na única vez em que estivemos lá! Então, há um pombal, alguns tanques deliciosos e um canal muito bonito. Resumindo, tudo que se poderia desejar. E, além disso, fica perto da igreja, e apenas a quatrocentos metros da estrada, de modo que nunca é tedioso, pois se você se sentar debaixo de um dos teixos atrás da casa, poderá ver todas as carruagens que passam. Ah! É um lugar agradável. Há um açougue na aldeia, e a casa da paróquia fica muito perto. Para mim, é mil vezes mais bonito do que Barton Park, onde as pessoas precisam viajar quase cinco quilômetros para comprar carne, e não há nenhum vizinho mais próximo do que sua mãe. Bem, vou animar o coronel assim que puder. E você sabe, rei morto, rei posto. Se pudermos tirar Willoughby da cabeça dela!

– Ah, se pudermos fazer isso, senhora – disse Elinor –, passaremos muito bem, com ou sem o coronel Brandon. – Então, levantando-se, foi se juntar a Marianne, a quem encontrou, como esperava, em seu quarto, deitada em uma tristeza silenciosa na frente dos restos do fogo da lareira que, até a entrada de Elinor, fora sua única luz.

– É melhor me deixar – foi tudo que a irmã ouviu dela.

– Deixarei você – disse Elinor –, se você for para a cama.

Mas, levada pela má vontade momentânea causada pelo sofrimento impaciente, Marianne se recusou. Entretanto, a persuasão sincera, mas delicada da irmã logo a tranquilizou e fez com que concordasse, e Elinor viu-a pousar a cabeça dolorida no travesseiro e, como esperava, prestes a descansar tranquilamente antes de deixá-la.

Na sala de estar, para onde foi, Elinor logo recebeu a companhia da senhora Jennings, com uma taça de vinho na mão.

– Minha querida – disse ela, entrando –, acabei de me lembrar que tenho na casa um dos melhores vinhos de Constantia jamais provados, então trouxe uma taça para a sua irmã. Meu pobre marido! Como ele gostava desse vinho! Sempre que tinha um ataque de gota, dizia que isso ajudava mais do que qualquer outra coisa no mundo. Leve para sua irmã.

– Querida senhora – respondeu Elinor, sorrindo para a diversidade dos males para os quais o vinho era recomendado –, quanta bondade! Mas acabo de deixar Marianne na cama e, espero, quase dormindo. E como acho que nada a ajudará mais do que descansar, se me permitir, eu mesma

beberei o vinho.

A senhora Jennings, embora lamentando que não tivesse vindo cinco minutos antes, ficou satisfeita com o acordo. E Elinor, assim que tomou um gole, refletiu que, embora seus efeitos sobre a gota fossem, no momento, de pouca importância para ela, seus poderes de cura sobre um coração decepcionado poderiam ser testados tanto no dela quanto no da irmã.

O coronel Brandon entrou quando tomavam chá, e pela maneira que olhou ao redor da sala procurando por Marianne, Elinor imaginou imediatamente que ele não esperava nem desejava vê-la ali e, em suma, que já estava ciente do motivo de sua ausência. A senhora Jennings não teve o mesmo pensamento, pois logo após a entrada dele, atravessou a sala até a mesa de chá onde estava Elinor e sussurrou:

– O coronel parece tão sério como sempre. Ele não sabe de nada. Conte a ele, querida.

Pouco depois, ele puxou uma cadeira perto dela e, com um olhar que assegurava perfeitamente que já sabia tudo, perguntou pela irmã de Elinor.

– Marianne não está bem – disse ela. – Esteve indisposta o dia todo e a convencemos a ir para a cama.

– Talvez, então – ele respondeu hesitante –, o que ouvi nessa manhã pode ser... pode haver mais verdade nisso do que eu poderia acreditar.

– O que o senhor ouviu?

– Que um cavaleiro, que eu tinha motivos para pensar... resumindo, que um homem, que eu sabia que estava comprometido... Mas como devo contar? Se já sabe disso, como deve com certeza, posso ser poupado.

– Está falando – respondeu Elinor, com uma calma forçada – do casamento do senhor Willoughby com a senhorita Grey. Sim, nós sabemos de tudo isso. Este parece ter sido um dia de elucidação geral, pois nessa mesma manhã ficamos sabendo de tudo. O senhor Willoughby é insondável! Onde ouviu isso?

– Em um bazar no Pall Mall, onde eu tinha negócios. Duas senhoras estavam esperando sua carruagem, e uma delas contava à outra sobre o casal, sem nem tentar esconder o que falava que foi impossível não ouvir tudo. O nome de Willoughby, John Willoughby, frequentemente repetido, chamou minha atenção. E o que se seguiu foi uma afirmação positiva de que tudo estava finalmente resolvido sobre seu casamento com a senhorita Grey. Não era mais um segredo e ocorreria mesmo dentro de algumas

semanas. As damas falaram com muitos detalhes sobre os preparativos e outros assuntos. Uma coisa, especialmente, eu me lembro, pois serviu para identificar o homem ainda mais: assim que a cerimônia terminasse, eles deveriam ir para Combe Magna, a casa dele em Somersetshire. Que espanto! Mas seria impossível descrever o que senti. A senhora comunicativa, fiquei sabendo por perguntar, pois fiquei na loja depois que elas saíram, era a senhora Ellison, que, como fui informado, é o nome da tutora da senhorita Grey.

– É mesmo. Mas o senhor também ouviu que a senhorita Grey tem cinquenta mil libras? Disso, mais que em qualquer outra coisa, podemos encontrar uma explicação.

– Pode ser, mas Willoughby é capaz, pelo menos eu acho... – ele parou um momento, depois acrescentou com uma voz que parecia desconfiar de si mesma. – E sua irmã, como ela...

– Seu sofrimento tem sido muito intenso. Só espero que seja proporcionalmente curto. Tem sido uma aflição muito cruel. Até ontem, acredito, ela nunca duvidou da consideração dele. E mesmo agora, talvez, mas estou quase convencida de que ele nunca esteve realmente apaixonado por ela. Ele agiu com muita falsidade! E, em alguns pontos, parece ter um coração muito frio.

– Ah! – exclamou o coronel Brandon. – Sem dúvida! Mas sua irmã não... Acho que a senhorita disse isso... Ela não pensa exatamente como a senhorita?

– O senhor conhece a disposição dela e pode acreditar o quanto ela gostaria de justificá-lo, se pudesse.

Ele não respondeu e, logo depois, pela retirada do chá e pelo arranjo da mesa de cartas, o assunto foi necessariamente deixado de lado. A senhora Jennings, que os observou com prazer enquanto conversavam, e esperava ver uma alegria instantânea no coronel Brandon devido à comunicação da senhorita Dashwood, deixando-o como um homem na flor da juventude, esperançoso e feliz, viu com espanto como ele ficou a noite toda: ainda mais sério e pensativo do que o habitual.

Capítulo 31

Após uma noite em que dormiu mais do que esperava, Marianne acordou

na manhã seguinte com a mesma sensação de tristeza com que fechara os olhos.

Elinor a encorajou o máximo possível para que falasse sobre o que sentia, e antes que o café da manhã estivesse pronto, elas repassaram o assunto várias vezes. Elinor manteve a mesma convicção constante e conselhos carinhosos, enquanto Marianne continuou com os mesmos sentimentos impetuosos e opiniões variadas. Às vezes, ela conseguia acreditar que Willoughby era tão infeliz e inocente quanto ela, e, em outras, perdia todo consolo ao concluir que era impossível absolvê-lo. Em um momento, ela era absolutamente indiferente à observação do mundo, em outro ela se isolava dele para sempre, e em um terceiro podia resistir a ele com determinação. Em uma coisa, no entanto, ela continuava igual, quando a questão era evitar, o máximo possível, a presença da senhora Jennings e, quando isso era impossível, fechava-se em um silêncio absoluto. Seu coração estava endurecido contra a ideia de que a senhora Jennings pudesse sentir qualquer compaixão por seu sofrimento.

– Não, não, não, não pode ser – ela exclamou –, ela não pode sentir nada. Sua bondade não é simpatia. Sua boa vontade não é ternura. Tudo que ela quer é uma fofoca, e só gosta de mim agora, pois sou uma fonte para ela.

Elinor não precisava disso para ter certeza da injustiça que sua irmã cometia em relação aos outros, tanto pelo irritante refinamento de sua própria mente quanto pela excessiva importância que atribuía às delicadezas de uma grande sensibilidade e a graça das boas maneiras. Como metade do mundo, se mais da metade for esperta e boa, Marianne, com excelentes habilidades e disposição, não era nem razoável nem justa. Ela esperava de outras pessoas as mesmas opiniões e sentimentos que os seus, e julgava os motivos dos demais pelo efeito imediato das ações deles sobre ela. Assim, ocorreu uma circunstância, enquanto as irmãs estavam juntas em seu quarto após o café da manhã, que piorou ainda mais a opinião de Marianne sobre a senhora Jennings, pois, por sua própria fraqueza, acabou sendo uma nova fonte de dor, embora a senhora estivesse agindo com a máxima boa vontade.

Com uma carta na mão estendida e um olhar sorridente, por imaginar que estava trazendo consolo, ela entrou no quarto, dizendo:

– Aqui, minha querida, trago algo que estou certa de que lhe fará bem.

Marianne ouviu o suficiente. Em um instante, sua imaginação colocou diante dela uma carta de Willoughby, cheia de ternura e remorso,

explicando tudo que acontecera de maneira satisfatória e convincente, seguida imediatamente pelo próprio Willoughby, entrando ansioso no quarto para reforçar, aos pés dela, pela eloquência de seus olhos, o que dizia sua carta. A ilusão de um momento foi destruída pelo momento seguinte. A letra de sua mãe, nunca antes indesejável, estava diante dela. E, na decepção profunda que seguiu àquele êxtase que era mais do que uma esperança, ela sentiu como se nunca sofrera até aquele instante.

Não havia palavras para expressar a crueldade da senhora Jennings, mesmo em seus momentos de mais expressiva eloquência. E agora ela só conseguia censurá-la por meio das lágrimas que caíam de seus olhos com uma violência apaixonada. Uma censura, no entanto, tão absolutamente incompreendida pela senhora Jennings que, depois de muitas expressões de piedade, ela se retirou, ainda recomendando que Marianne lesse a carta reconfortante. Mas a carta, quando estava calma o suficiente para lê-la, trouxe pouco conforto. Willoughby preenchia todas as páginas. Sua mãe, ainda confiante no compromisso, e acreditando com a firmeza de sempre na lealdade dele, havia recebido a carta de Elinor e pedia a Marianne que fosse sincera com as duas. E isso era dito com tanta ternura por ela, tanto carinho por Willoughby, e tal convicção da felicidade futura dos dois, que ela chorou de agonia durante toda a leitura.

Toda sua impaciência em voltar para casa voltou nesse instante. Sua mãe era mais querida do que nunca, mais ainda pelo excesso de sua confiança equivocada em Willoughby, e Marianne foi imperiosa quanto a ir embora. Elinor, incapaz de determinar se era melhor para Marianne ficar em Londres ou ir para Barton, não ofereceu nenhum conselho, exceto paciência até que os desejos da mãe pudessem ser conhecidos. E, por fim, obteve o consentimento da irmã para aguardar.

A senhora Jennings saiu mais cedo do que o habitual, pois só ficaria tranquila quando os Middleton e os Palmer estivessem sofrendo tanto quanto ela. E, recusando-se a aceitar a companhia oferecida por Elinor, saiu sozinha pelo resto da manhã. Elinor, com o coração muito pesado, ciente da dor que ia comunicar, e percebendo, pela carta para Marianne, que não conseguira preparar a mãe para o que acontecera, sentou-se para escrever para a mãe sobre um relato do que ocorrera e pedir suas orientações para o futuro. Enquanto isso, Marianne, que entrou na sala de estar quando a senhora Jennings saiu, ficou sentada na mesa em que Elinor escrevia, observando o avanço da pena, afligindo-se por causa da

dificuldade de uma tarefa como aquela, e ainda mais pelo efeito que causaria em sua mãe.

Elas permaneceram assim por cerca de quinze minutos, quando Marianne, cujos nervos não podiam suportar nenhum ruído súbito, foi surpreendida por uma batida na porta.

– Quem pode ser? – exclamou Elinor. – Tão cedo também! Pensei que estávamos seguras.

Marianne foi até a janela.

– É o coronel Brandon! – disse ela, com certa irritação. – Nunca estamos a salvo dele.

– Ele não entrará, pois a senhora Jennings não está em casa.

– Não tenho confiança nisso – indo para seu quarto. – Um homem que não tem nada a fazer com o próprio tempo não tem consciência de como se intromete no dos outros.

O que aconteceu em seguida provou que a conjectura estava correta, embora fundada em injustiça e erro, pois o coronel Brandon realmente entrou. E Elinor, que estava convencida de que ele viera por preocupação com Marianne, e que viu aquela atenção em seu olhar perturbado e melancólico e em suas perguntas ansiosas, embora breves, sobre a irmã, não conseguia perdoá-la por não dar valor àquele homem.

– Encontrei a senhora Jennings na Rua Bond – disse ele, depois de cumprimentá-la – e ela me encorajou a vir. Senti-me mais encorajado pois achei provável que poderia encontrá-la sozinha, o que era meu desejo. Meu objetivo... meu desejo... meu único desejo ao querer isso... espero, acredito que seja... é ser um meio de dar conforto... não, não devo dizer conforto... não conforto real... mas convicção, uma convicção duradoura para a mente da sua irmã. Minha consideração por ela, por você, pela sua mãe... você me permitirá provar isso, relatando algumas circunstâncias que nada além de uma consideração muito sincera... nada além de um desejo sincero de ser útil... acho que estou justificado... embora tenha passado muitas horas tentando me convencer de que estou certo, existe algum motivo para temer que eu esteja errado? – Ele parou.

– Eu o entendo – disse Elinor. – O senhor tem algo para me contar sobre o senhor Willoughby que revelará ainda mais seu caráter. Contar isso será o maior ato de amizade que pode ser demonstrado por Marianne. Asseguro minha imediata gratidão por qualquer informação que cumpra com esse objetivo, e a dela será conquistada com o tempo. Por favor, conte-me.

– Certo. E, para ser breve, quando deixei Barton em outubro passado... mas isso não lhe ajudará a entender, devo voltar mais no tempo. Vai descobrir que sou um narrador muito desajeitado, senhorita Dashwood. Quase não sei por onde começar. Um resumo de minha história, acredito, será necessário, e será breve. Não fico muito tentado – suspirando pesado – a falar sobre esse assunto.

Entretanto, ele parou um momento para se recompor e, então, com outro suspiro, prosseguiu.

– A senhorita provavelmente já se esqueceu por completo de uma conversa, a qual não devo supor que possa ter causado qualquer impressão sobre a senhorita... Uma conversa entre nós uma noite em Barton Park... foi a noite de um baile, na qual mencionei uma senhora que conheci uma vez que lembrava, em alguma medida, sua irmã Marianne.

– Na verdade – respondeu Elinor –, não esqueci.

Ele pareceu satisfeito com essa lembrança e acrescentou:

– Se não me engano pela incerteza, pela parcialidade dessa tenra lembrança, há uma semelhança muito forte entre elas, tanto em espírito como em termos físicos. O mesmo coração bondoso, a mesma força de imaginação e veemência de espírito. Essa dama era uma parente muito próxima, uma órfã desde a infância, sob a tutela de meu pai. Nossas idades eram quase as mesmas e fomos amigos e brincávamos juntos desde nossos primeiros anos. Não me lembro do tempo em que não ameí Eliza, e meu carinho por ela, quando crescemos, era tal que, talvez, julgando pela minha atual tristeza e seriedade, você pode me achar incapaz de já ter sentido. O amor dela por mim, era, acredito, fervoroso como o apego de sua irmã pelo senhor Willoughby e, apesar de ter uma causa diferente, não menos infeliz. Aos 17 anos, perdi-a para sempre. Ela casou... contra a vontade com meu irmão. A fortuna dela era grande e nossa propriedade familiar, muito onerosa. E isso, receio, é tudo que pode ser dito sobre a conduta daquele que foi ao mesmo tempo seu tio e tutor. Meu irmão não a merecia; nem sequer a amava. Eu esperava que a consideração dela por mim pudesse ser um apoio em todas as dificuldades, e por algum tempo funcionou assim. Mas, por fim, a tristeza da situação dela, pois aguentava grandes indelicadezas, superou toda sua determinação e, apesar de ela ter me prometido que nada... Mas estou contando mal! Nunca contei como isso foi provocado. Estávamos a poucas horas de fugir juntos para a Escócia. A perfídia ou a loucura da criada da minha prima nos traiu. Fui

banido para a casa de um parente muito distante, e ela não teve direito à liberdade, nem companhia, nem diversão, até que o desejo do meu pai fosse cumprido. Eu confiara demais na fortaleza dela, e o golpe foi severo, mas se o seu casamento terminasse sendo feliz, eu era tão jovem que em alguns meses teria aceitado isso, ou pelo menos não deveria lamentá-lo agora. Isso, contudo, não foi o caso. Meu irmão não tinha nenhuma consideração por ela. Seus prazeres não eram os que deveriam ser, e desde o começo tratou-a com crueldade. A consequência disso, para uma mente tão jovem, tão viva, tão inexperiente como a da senhora Brandon, foi apenas natural. Ela se resignou primeiro a todo o sofrimento da sua situação, a qual teria sido feliz se não tivesse superado a tristeza que sentia sempre que pensava em mim. Mas como não imaginar que, com um marido que só provocava inconstância, e sem um amigo que lhe desse conselhos ou amparo (pois meu pai viveu apenas mais alguns meses depois do casamento e eu estava com meu regimento nas Índias Orientais), ela iria desabar? Se eu tivesse ficado na Inglaterra, talvez... mas queria promover a felicidade dos dois afastando-me dela, e por esse motivo pedi minha transferência. O choque que seu casamento me causou – ele continuou, com a voz muito agitada – foi até leve... não foi nada em comparação com o que senti quando, cerca de dois anos depois, soube de seu divórcio. Foi isso que me jogou nessa tristeza... até agora, a lembrança do que sofri...

Ele não podia dizer mais nada e, levantando-se rapidamente, caminhou por alguns minutos pela sala. Elinor, afetada por sua narrativa, e ainda mais por sua angústia, não conseguia falar. Ele viu a preocupação dela e, aproximando-se, pegou sua mão, pressionou-a e beijou-a com um respeito grato. Mais alguns minutos de esforço silencioso permitiram que continuasse com compostura.

– Quase três anos depois desse período infeliz, eu voltei à Inglaterra. Meu primeiro cuidado, quando cheguei, foi, naturalmente, procurar por ela. Mas a busca foi tão infrutífera quanto melancólica. Não consegui localizá-la além do primeiro sedutor, e havia todo motivo para temer que ela tivesse se afastado dele só para afundar ainda mais em uma vida de pecado. Sua pensão legal não era adequada à sua fortuna, nem suficiente para mantê-la de forma confortável, e descobri por meio do meu irmão que o direito de recebê-la tinha sido transferido alguns meses antes para outra pessoa. Ele imaginou, e com que calma fazia isso, que sua

extravagância e consequente sofrimento a obrigaram a vender seus direitos para ter algum alívio imediato. Por fim, no entanto, e depois de estar há seis meses na Inglaterra, consegui encontrá-la. Preocupado com um antigo criado meu, que desde então caíra na desgraça, fui visitá-lo em uma casa de detenção onde ele estava confinado por dívidas. E lá, no mesmo lugar, pelo mesmo motivo, estava minha infeliz cunhada. Tão alterada, tão pálida, desgastada por todo tipo de sofrimento profundo! Mal consegui acreditar que a figura melancólica e doentia na minha frente era os restos da menina adorável, linda e saudável que eu amara um dia. O quanto sofri ao vê-la... mas não tenho o direito de ferir seus sentimentos tentando descrever... já a fiz sofrer muito. Que ela estivesse, ao que parecia, na última etapa de seu sofrimento, era... sim, em tal situação, era o meu maior consolo. A vida não podia fazer nada por ela, além de lhe dar tempo para se preparar melhor para a morte, e isso foi feito. Coloquei-a em acomodações confortáveis e com cuidados apropriados. Visitei-a todos os dias durante o resto de sua curta vida. E estive ao seu lado nos últimos momentos.

Mais uma vez, ele parou para se recuperar, e Elinor, com uma exclamação de ternura preocupada, manifestou seus sentimentos pelo destino de sua infeliz amiga.

– Sua irmã, eu espero, não ficará ofendida – disse ele – pela semelhança que imaginei entre ela e minha parente pobre e desafortunada. Os destinos delas, suas sinas, não podem ser iguais, e se o temperamento naturalmente doce da minha prima tivesse sido protegido por uma mente mais firme ou um casamento mais feliz, ela poderia ter sido tudo o que a senhorita deseja que sua irmã seja. Mas ao que tudo isso leva? Parece que a estou incomodando por nada. Ah! Senhorita Dashwood, um assunto como este, intocado por 14 anos. É perigoso trazê-lo à tona! Serei mais contido... mais conciso. Ela deixou aos meus cuidados sua única filha, uma menina, fruto de sua primeira conexão proibida, que tinha cerca de três anos de idade na época. Ela amava a criança e sempre a manteve ao seu lado. Foi uma demonstração de confiança valiosa e preciosa para mim, e com prazer eu teria me encarregado de satisfazê-la no sentido mais estrito, cuidando eu mesmo da sua educação, se minha condição permitisse. Mas eu não tinha família e nem um lar, e minha pequena Eliza foi, portanto, colocada na escola. Eu a visitava sempre que podia, e depois da morte do meu irmão (que aconteceu há cerca de cinco anos e me deixou a posse da propriedade

da família), ela me visitava em Delaford. Eu dizia que era uma parente distante, mas estou ciente de que, em geral, todos suspeitam de uma conexão muito mais próxima com ela. Agora, faz três anos (ela acabara de completar 14 anos) que a retirei da escola para colocá-la sob a responsabilidade de uma mulher muito respeitável, residente em Dorsetshire, que tinha sobre sua tutela quatro ou cinco outras meninas da mesma idade. E por dois anos tive todas as razões para ficar satisfeito com a situação dela. Mas em fevereiro passado, quase um ano atrás, ela desapareceu de repente. Eu permitira (de forma imprudente, como agora sei) que ela fosse a Bath com uma de suas jovens amigas, que fora para lá fazer companhia ao pai por motivos de saúde. Eu sabia que ele era um homem muito bom, e gostava de sua filha... mais do que ela merecia, pois, com o sigilo mais obstinado e imprudente, não contou nada, não deu nenhuma pista, embora decerto soubesse de tudo. Ele, o pai dela, um homem bem-intencionado, mas não muito inteligente, não tinha por certo, acredito, nenhuma informação, pois em geral estava confinado em sua casa, enquanto as meninas caminhavam pela cidade e se relacionavam com quem quisessem. E ele tentou me convencer, tanto quanto ele próprio estava convencido, de que a filha não tinha nada a ver com a questão. Resumindo, não descobri nada além de que ela desaparecera. O resto, por oito longos meses, foram apenas conjecturas. O que eu pensava, o que eu temia, pode ser imaginado. E também o quanto sofri.

– Deus do céu! – exclamou Elinor – pode ter sido... poderia Willoughby...

– A primeira notícia que recebi dela – continuou o coronel – veio em uma carta da própria Eliza, em outubro passado. Foi enviada para mim de Delaford e a recebi na manhã do nosso passeio frustrado a Whitwell. E essa foi a razão para eu ter deixado Barton de modo tão repentino, o que tenho certeza de que, na época, pareceu estranho para todo mundo, e acredito que tenha ofendido algumas pessoas. O senhor Willoughby não imaginou, suponho, quando seus olhares me censuraram pela falta de educação ao deixar o passeio, que fui chamado para aliviar alguém que ele tinha deixado triste e abandonada. Mas se soubesse, que bem resultaria disso? Ele teria ficado menos alegre ou menos feliz com os sorrisos de sua irmã? Não, ele já fizera aquilo, algo que nenhum homem capaz de sentir compaixão por outro faria. Ele deixara a menina cuja juventude e inocência seduzira em uma situação de profundo sofrimento, sem casa digna, sem ajuda, sem amigos, sem saber onde ele estava! Ele a deixara,

prometendo voltar. Mas não voltou, nem escreveu, nem a ajudou.

– Isso é inconcebível! – exclamou Elinor.

– O caráter dele está agora diante de você. Gastador, depravado e pior ainda. Sabendo de tudo, como já sei há várias semanas, imagine o que devo ter sentido ao ver sua irmã tão apaixonada por ele e ao ouvir a confirmação de que iriam se casar: imagine o que devo ter sentido por todas vocês. Quando vim até aqui na semana passada e a encontrei sozinha, cheguei decidido a descobrir a verdade, embora sem saber o que faria quando a soubesse. Meu comportamento deve ter parecido estranho naquele momento, mas agora a senhorita vai entender. Permitir que vocês fossem tão enganadas, ver a sua irmã... mas o que eu poderia fazer? Não tinha esperança de interferir com sucesso e cheguei a pensar, às vezes, que a influência de sua irmã ainda poderia recuperá-lo. Mas agora, depois de um ato tão desonroso, quem pode dizer quais eram as intenções dele com ela? No entanto, seja lá quais tenham sido, ela pode agora e, sem dúvida, de agora em diante, irá se sentir grata pela condição em que está quando a comparar com a situação da minha pobre Eliza, quando considerar a situação miserável e sem esperança desta pobre menina, e quando a imaginar sentindo um carinho tão forte por aquele homem, que permanece tão forte quanto o dela, e com uma mente atormentada pelo remorso, a qual deve acompanhá-la por toda a vida. Decerto essa comparação deve ser útil para ela. Ela sentirá que seu próprio sofrimento não é nada. Não é resultado de nenhuma má conduta e não pode trazer nenhuma desgraça. Pelo contrário, todo amigo se tornará ainda mais amigo por conta dele. A preocupação com sua infelicidade e o respeito por sua força diante dele devem aumentar todo apego. Use seu próprio critério, no entanto, ao comunicar a ela o que lhe contei. A senhorita deve saber melhor qual será seu efeito. Mas se eu não tivesse acreditado com seriedade, do fundo do coração, que poderia ser útil, que poderia diminuir os arrependimentos dela, não teria me obrigado a incomodá-la com esse relato das minhas aflições familiares, com uma narrativa que pode parecer intencionada a me vangloriar à custa dos outros.

Este discurso foi seguido pelos agradecimentos sinceros de Elinor, acompanhados também pela garantia de que ela achava que ajudaria Marianne, quando esta soubesse o que ocorrera.

– Sinto mais dor – disse ela – pelos esforços de Marianne para absolvê-lo do que por todo o resto, pois isso a perturba muito mais do que a

convicção absoluta da indignidade dele. Agora, embora no início ela possa sofrer muito, estou certa de que logo se tornará mais fácil. O senhor – ela continuou, depois de um breve silêncio – chegou a ver o senhor Willoughby desde que o deixou em Barton?

– Sim – ele respondeu sério –, uma vez. Um encontro com ele foi inevitável.

Elinor, assustada pelos modos dele, olhou-o ansiosamente, dizendo:

– O quê? Você o encontrou para...

– Não poderia encontrá-lo de outra maneira. Eliza confessara para mim, embora com relutância, o nome de seu amante. E quando ele voltou para a cidade, quinze dias depois de mim, marcamos um duelo, ele para se defender, eu para punir sua conduta. Retornamos sem feridas, e o encontro, portanto, não chegou ao conhecimento de ninguém.

Elinor suspirou diante da necessidade daquilo, mas como falava com um homem e um soldado, presumiu que não o deveria censurar.

– Essa – disse o coronel Brandon, depois de uma pausa – foi a semelhança infeliz entre o destino da mãe e da filha! E falhei por completo na obrigação que ela me confiara!

– Ela ainda está na cidade?

– Não, assim que se recuperou do repouso, pois a encontrei próxima do parto, levei-a, com o bebê, para o interior, onde permanece.

Lembrando, logo depois, que provavelmente estava afastando Elinor da irmã, ele encerrou a visita, recebendo de novo os mesmos agradecimentos e deixando-a cheia de compaixão e estima por ele.

Capítulo 32

Quando os detalhes desta conversa foram repetidos pela senhorita Dashwood para a irmã, como logo aconteceu, o efeito sobre esta não foi inteiramente o esperado. Não que Marianne parecesse desconfiar da verdade de qualquer parte dela, pois ouviu tudo com a atenção mais firme e submissa, não fez nenhuma objeção ou observação, não tentou defender Willoughby e pareceu mostrar com suas lágrimas que achava aquilo impossível. Mas, apesar de tal comportamento ter assegurado a Elinor que Marianne fora convencida da culpa dele, embora visse com satisfação tal efeito, ao ver a irmã não evitar mais o coronel Brandon quando as visitava,

conversando e até mesmo tomando a iniciativa de falar com ele, com uma espécie de respeito compassivo, e embora também visse seu ânimo menos irritado do que antes, não a via menos triste. A mente dela ficou mais calma, mas com um triste abatimento. Ela sentiu a perda do caráter de Willoughby de maneira ainda mais do que sentira a perda de seu coração. A forma como ele seduzira e abandonara a senhorita Williams, o sofrimento da pobre garota, e a dúvida sobre quais poderiam ter sido as intenções dele em relação a ela atacaram tanto seu estado de espírito, que ela não conseguia descrever o que sentia nem mesmo para Elinor. Remoendo em silêncio suas dores, causou mais sofrimento à irmã do que poderia ser transmitido por meio da confissão mais aberta e mais frequente delas.

Expressar os sentimentos ou as palavras da senhora Dashwood ao receber e responder a carta de Elinor seria apenas uma repetição do que suas filhas já tinham sentido e dito. Uma decepção dificilmente menos dolorosa que a de Marianne, e uma indignação ainda maior que a de Elinor. Longas cartas dela chegaram rapidamente, de maneira sucessiva, contando tudo o que estava sofrendo e pensando, expressando sua ansiosa preocupação com Marianne e rogando para que ela mantivesse a fortaleza diante de tal desgraça. De fato, a natureza do sofrimento de Marianne deveria ser terrível para que a mãe falasse de fortaleza! Mortificante e humilhante devia ser a origem desses lamentos, aos quais ela desejava que não se entregasse!

Contra o interesse do próprio conforto individual, a senhora Dashwood determinara que seria melhor para Marianne estar em qualquer lugar, naquele momento, menos em Barton, onde tudo que veria traria de volta o passado da maneira mais forte e sofrida, colocando com frequência Willoughby na frente dela, como sempre o vira lá. Ela recomendou para as filhas, portanto, que não encurtassem de forma alguma a visita à senhora Jennings, cuja duração, apesar de nunca ter sido exatamente determinada, era esperada por todos que fosse de pelo menos cinco ou seis semanas. Uma variedade de ocupações, de objetivos e de companhias, que não poderiam ser encontradas em Barton, seria inevitável na cidade e até poderia, ela esperava, enganar Marianne em algumas ocasiões, deixando-a interessada em algo, e até diverti-la, por mais que ela rejeitasse essas ideias agora.

Quanto ao perigo de ver Willoughby de novo, a mãe considerou que

estaria tão segura na cidade quanto no campo, já que a amizade com ele deveria ser abandonada por todos que se diziam seus amigos. O destino nunca poderia colocar um no caminho do outro, a negligência nunca poderia deixá-los expostos a uma surpresa e o acaso tinha menos chances na multidão de Londres do que na reclusão de Barton, onde poderia impor uma aparição dele diante dela quando fizesse uma visita a Allenhurst quando se casasse, algo que a senhora Dashwood, achando no começo que seria um evento provável, passara a considerar como certo.

Ela tinha mais uma razão para desejar que as filhas permanecessem onde estavam. Uma carta de seu enteado informara que ele e a esposa deveriam estar na cidade antes de meados de fevereiro, e ela julgou que deveriam ver o irmão de vez em quando.

Marianne prometera ser orientada pela opinião da mãe e, portanto, aceitou-a sem nenhuma oposição, embora fosse o contrário daquilo que desejava e esperava. Ela a considerava totalmente errada, elaborada com base em fundamentos equivocados, e pensava que exigir sua permanência em Londres a privava do único alívio possível para sua tristeza, o conforto da mãe, e a condenava a companhias e cenas que não lhe impediriam de conseguir um momento sequer de descanso.

Mas era um grande consolo para ela que aquilo que trazia o mal para si mesma traria o bem para a irmã. E Elinor, por outro lado, suspeitando que não conseguiria evitar Edward, confortou-se pensando que, embora ficar mais tempo prejudicaria sua própria felicidade, então seria melhor para Marianne do que um retorno imediato a Devonshire.

Seu cuidado em proteger a irmã de ouvir até mesmo uma menção ao nome de Willoughby não foi em vão. Marianne, embora sem saber disso, foi muito beneficiada, pois nem a senhora Jennings, nem *sir* John, nem mesmo a própria senhora Palmer voltaram a falar dele na frente dela. Elinor desejava que o mesmo cuidado fosse estendido a ela, mas aquilo era impossível, e era obrigada a ouvir dia após dia a indignação de todos.

Sir John não podia acreditar. Um homem de quem sempre teve tanta razão para pensar bem! Um sujeito com uma natureza tão boa! Não acreditava que havia um cavaleiro mais ousado na Inglaterra! Foi algo inexplicável. Ele desejou com todo coração que fosse para o inferno. Não falaria mais nenhuma outra palavra com ele, onde quer que o encontrasse, de jeito nenhum! Não, nem se estivessem lado a lado no abrigo de caçadores de Barton e fossem mantidos juntos vigiando por duas horas.

Um canalha! Um cão enganador! Na última vez que se encontraram, ele lhe oferecera um dos filhotes da Folly! E isso foi a gota d'água!

A senhora Palmer estava igualmente brava. Estava determinada a cortar todo contato de imediato e sentia-se muito agradecida de nunca ter sido amiga dele. Desejava com todo o coração que Combe Magna não ficasse tão perto de Cleveland, mas não significava muito, pois estava longe demais para visitas. Odiava-o tanto que estava determinada a nunca mais mencionar o nome dele e contaria a todos que encontrasse como ele era um imprestável.

O resto da simpatia da senhora Palmer foi demonstrada na obtenção de todos os detalhes que conseguia sobre o futuro casamento, e em comunicá-los a Elinor. Em pouco tempo, sabia até qual empresa estava construindo a carruagem nova, que pintor estava fazendo o retrato do senhor Willoughby e em qual loja o vestido da senhorita Grey podia ser visto.

A despreocupação calma e educada de lady Middleton, na ocasião, foi um feliz alívio para o ânimo de Elinor, muitas vezes oprimido pela bondade ruidosa dos outros. Foi um grande conforto para ela saber que pelo menos *uma* pessoa entre seu círculo de amigos não ficara interessada, um grande conforto saber que havia *uma* pessoa que a encontraria sem sentir nenhuma curiosidade por detalhes da história ou qualquer ansiedade pela saúde da irmã.

Toda qualificação é por vezes avaliada, pelas circunstâncias do momento, acima do seu valor real. E, às vezes, ela se via forçada pelas condolências intrometidas a considerar a boa criação como mais indispensável para o consolo do que uma boa índole.

Lady Middleton expressava sua visão do caso uma vez por dia, ou duas vezes, se o assunto aparecesse com frequência, dizendo: “É muito chocante, realmente!”. E por meio desse desabafo contínuo e gentil, conseguiu não só ver as senhoritas Dashwood desde o começo sem a menor emoção, como em pouco tempo conseguia vê-las sem se lembrar de uma palavra sobre a questão. E tendo assim apoiado a dignidade do próprio sexo e mostrado sua censura decidida do que estava errado no outro, pensou que já estava livre para atender aos próprios interesses e, portanto, decidiu (embora contra a opinião de *sir* John) que, como a senhora Willoughby seria ao mesmo tempo uma mulher de elegância e fortuna, levaria seu cartão de visita para ela assim que se casasse.

As perguntas delicadas e discretas do coronel Brandon nunca eram mal

recebidas pela senhorita Dashwood. Ele conquistara plenamente o privilégio de uma conversa íntima sobre a decepção de sua irmã, pelo zelo amigável com o qual tentara suavizá-la, e eles sempre conversavam com confiança. A principal recompensa pelo doloroso esforço de revelar as dores passadas e as humilhações presentes era dada pelo olhar piedoso com que Marianne às vezes o observava, e a gentileza de sua voz sempre que (embora não acontecesse com frequência) ela era obrigada ou se obrigava a falar com ele. Isso lhe assegurava que seus esforços tinham produzido um aumento da boa vontade em relação a ele, e isso dava a Elinor a esperança de que ela poderia aumentar com o tempo, mas a senhora Jennings, que não sabia nada de tudo isso, que só sabia que o coronel continuava tão sério como sempre, e que não podia convencê-lo a fazer a proposta, tampouco a aceitar que ela o fizesse em seu nome, começou a pensar que, depois de dois dias, que em vez de em meados do verão, eles não estariam casados antes da Festa de São Miguel, e no final de uma semana, que nunca formariam um par. O bom entendimento entre o coronel e a senhorita Dashwood parecia antes declarar que todas as honras da amoreira, do canal e das árvores seriam feitas para ela, e a senhora Jennings, por algum tempo, deixou completamente de pensar na senhora Ferrars.

No início de fevereiro, uma quinzena depois da chegada da carta de Willoughby, Elinor teve a dolorosa tarefa de contar para a irmã que ele estavacasado. Teve cuidado para providenciar que a notícia fosse comunicada a ela assim que souberam que a cerimônia estava encerrada, pois desejava que Marianne não ficasse sabendo da novidade pelos jornais que ela examinava com ansiedade todas as manhãs.

Marianne recebeu a notícia com uma compostura firme, não fez nenhuma observação a respeito e, no começo, não derramou nenhuma lágrima. Mas, depois de um curto período de tempo, elas transbordaram e, durante o resto do dia, ela ficou em um estado nada menos lamentável do que quando descobrira pela primeira vez sobre o evento.

Os Willoughby deixaram a cidade assim que se casaram, e Elinor agora esperava, como não podia haver nenhum perigo de que visse nenhum deles, conseguir convencer a irmã, que não saíra da casa desde quando recebera o golpe, a começar aos poucos a sair de novo, como fizera antes.

Por volta desta época, as duas senhoritas Steele chegaram à casa dos primos em Bartlett's Buildings, Holborn, e apresentaram-se novamente

para os parentes mais nobres nas ruas Conduit e Berkeley, sendo recebidas por todos com grande cordialidade.

Só Elinor ficou triste ao vê-las. A presença delas sempre lhe causava dor, e ela quase não soube como responder de maneira graciosa à alegria avassaladora que Lucy demonstrou ao encontrá-la ainda na cidade.

– Eu teria ficado bastante decepcionada se não encontrasse você ainda aqui – disse ela repetidas vezes, com uma forte ênfase na palavra “ainda”.

– Mas sempre achei que a encontraria, tinha quase certeza de que você não deixaria Londres tão cedo, embora, como sabe, tenha me dito em Barton que não ficaria mais do que um mês. Mas pensei, na época, que era provável que você mudasse de ideia quando estivesse aqui. Seria uma grande pena ter ido embora antes da chegada de seu irmão e sua cunhada. E agora tenho certeza de que você não terá nenhuma pressa em ir embora. Estou muito feliz por não ter mantido sua palavra.

Elinor compreendeu-a perfeitamente, e foi obrigada a usar todo seu autocontrole para parecer que não a compreendera.

– Bem, minha querida – disse a senhora Jennings –, como foi a viagem?

– Não numa diligência, asseguro – respondeu a senhorita Steele, com um júbilo repentino. – Fizemos a viagem inteira na carruagem do correio e tivemos um jovem muito elegante para nos entreter. O doutor Davies estava vindo para a cidade então pensamos em nos unir a ele na carruagem postal, e ele se comportou como um cavalheiro e pagou dez ou doze xelins mais do que nós.

– Uau! – exclamou a senhora Jennings. – Muito bonito, de fato! E o doutor é um homem solteiro, aposto.

– Aí está – disse a senhorita Steele, sorrindo afetadamente –, todos riem tanto de mim quando falo sobre o doutor, e não consigo entender por quê. Minhas primas dizem que têm certeza de que fiz uma conquista. Mas, de minha parte, declaro que nunca penso nele a todo momento. “Deus! Aqui vem seu pretendente, Nancy”, minha prima disse outro dia, quando o viu atravessando a rua para a casa. Meu pretendente, até parece, eu disse... não sei de quem você está falando. O doutor não é meu pretendente.

– Sim, sim, é tudo muito bonito. Mas não me convence. O doutor é o homem, estou vendo.

– Não, realmente! – respondeu sua prima, com uma sinceridade afetada. – E imploro que negue, se ouvir alguém falar isso.

A senhora Jennings deu-lhe a gratificante garantia de que decerto não

faria isso e deixou a senhorita Steele completamente feliz.

– Suponho que você ficará com seu irmão e sua cunhada, senhorita Dashwood, quando eles vierem para a cidade – disse Lucy, voltando ao ataque, após uma pausa nas insinuações hostis.

– Não, acho que não vamos.

– Ah, sim, ouse dizer que vão.

Elinor não a estimularia com mais oposição.

– Que coisa encantadora que a senhora Dashwood possa ficar longe de vocês duas por tanto tempo!

– Tanto tempo! Honestamente! – interrompeu a senhora Jennings. – A visita delas apenas começou!

Lucy ficou em silêncio.

– Pena que não podemos ver sua irmã, senhorita Dashwood – disse a senhorita Steele. – Lamento que ela não esteja bem – pois Marianne deixara a sala quando elas chegaram.

– Você é muito gentil. Minha irmã também ficará chateada por perder a chance de vê-la. Mas ela tem sofrido muito ultimamente com dores de cabeça fortes, o que a deixa incapacitada para companhia ou conversa.

–Puxa, querida, é uma grande pena! Mas velhas amigas como Lucy e eu! Acho que ela poderia nos ver, e com certeza não falaríamos uma palavra.

Elinor, com bastante educação, recusou a proposta. Sua irmã talvez estivesse deitada na cama, ou de camisola e, portanto, não poderia descer para vê-las.

– Se for isso – exclamou a senhorita Steele –, podemos subir para vê-la.

Elinor começou a achar essa impertinência irritante, mas foi salva de ter que pôr fim a ela pela repreensão enfática de Lucy, que agora, como em muitas ocasiões, apesar de não atribuir muita doçura aos modos de uma irmã, tinha a vantagem de governar as da outra.

Capítulo 33

Depois de alguma oposição, Marianne cedeu às súplicas da irmã e concordou em sair com ela e a senhora Jennings uma manhã durante meia hora. Ela condicionou expressamente, no entanto, que não fossem feitas visitas e que apenas acompanharia as duas até a joalheria Gray, na Rua Sackville, onde Elinor estava negociando a venda de algumas joias antigas

da mãe.

Quando pararam na porta, a senhora Jennings lembrou que havia uma dama no final da rua a quem deveria visitar, e como não tinha nada para fazer na joalheira, decidiu que, enquanto suas jovens amigas resolvessem seus assuntos, ela faria a visita e voltaria para encontrar com elas.

Ao subir a escada, as senhoritas Dashwood encontraram tantas pessoas antes delas na loja que não havia nenhum funcionário livre para atendê-las e foram obrigadas a esperar. Tudo que podiam fazer era se sentar na extremidade do balcão que parecia prometer um atendimento mais rápido. Só havia um cavalheiro parado ali, e era provável que Elinor tivesse a esperança de despertar seu cavalheirismo para que ele resolvesse seu caso mais rápido e elas pudessem ser atendidas. Mas a precisão do seu olhar e a delicadeza de seu gosto provaram estar além da cortesia. Ele estava encomendando um paliteiro, e até que tamanho, formato e ornamentos fossem determinados, após cada paliteiro da loja ter sido examinados e debatidos por quinze minutos, todos eles foram por fim organizados segundo a imaginação criativa do cavalheiro, não teve tempo de dedicar às duas senhoritas mais do que três ou quatro olhares nada sutis; uma espécie de observação que despertou em Elinor a lembrança de uma pessoa de grande, natural e notável insignificância, apesar de vestido de acordo com a última moda.

Marianne foi poupada dos sentimentos incômodos de desprezo e ressentimento em relação ao exame impertinente que ele fez delas e da futilidade de sua maneira de discutir todos os diferentes horrores que eram os paliteiros apresentados à sua inspeção permanecendo alheia a tudo aquilo, pois era capaz de se perder em seus pensamentos e ignorar o que estava ocorrendo ao seu redor, tanto na joalheria como em seu próprio quarto.

Finalmente, uma decisão foi tomada. O marfim, o ouro e a madreperla, todos foram escolhidos, e o cavalheiro, depois de informar qual era o último dia em que sua existência poderia continuar sem a posse do paliteiro, colocou suas luvas de maneira despreocupada e, dirigindo outro olhar para as senhoritas Dashwood, que parecia mais exigir que manifestar admiração, saiu com um ar feliz de presunção real e indiferença afetada.

Elinor não perdeu tempo para falar o que a trouxera ali e estava a ponto de concluir quando outro cavalheiro parou ao seu lado. Ela olhou para o rosto dele e ficou surpresa ao ver que era seu irmão.

O carinho e o prazer de se encontrarem foram suficientes para valer a pena terem ido até a loja do senhor Gray. John Dashwood estava longe de sentir-se mal por ver as irmãs novamente. Esse carinho e o afeto deram a elas satisfação, e as perguntas que ele fez sobre a mãe delas foram bastante respeitosas e atentas.

Elinor descobriu que ele e Fanny estavam na cidade havia dois dias.

– Quis muito visitá-las ontem – disse ele –, mas foi impossível, pois fomos obrigados a levar Harry para ver os animais selvagens na Exeter Exchange e passamos o resto do dia com a senhora Ferrars. Harry ficou muito satisfeito. Nessa manhã, eu tinha a intenção de visitá-las, se pudesse encontrar uma meia hora livre, mas sempre há tanta coisa a se fazer quando se chega na cidade. Vim aqui para encomendar um sinete para Fanny. Mas, amanhã, acho que certamente poderei ir até a Rua Berkeley e ser apresentado à sua amiga, senhora Jennings. Sei que é uma mulher de grande fortuna. E os Middleton também, vocês devem me apresentar a eles. Como estão relacionados com minha madrastra, ficarei feliz em mostrar-lhes todo meu respeito. São vizinhos excelentes de vocês no campo, fiquei sabendo.

– Excelentes, de fato. A atenção pelo nosso conforto, sua simpatia em cada detalhe, é maior do que posso expressar.

– Fico muito feliz em ouvir isso, dou minha palavra, extremamente feliz. Mas deveria ser assim. Eles são pessoas de grande fortuna, são parentes seus e era esperado que oferecessem todas as demonstrações de cortesia e acomodações para tornar sua situação agradável. Portanto, estão confortáveis no seu chalé e não falta nada! Edward nos disse que o lugar é encantador, o mais completo que poderia existir, e que vocês pareciam gostar do lugar mais do que qualquer outra coisa. Asseguro que foi uma grande satisfação para nós ouvir isso.

Elinor sentiu um pouco de vergonha do irmão e não lamentou o fato de ser poupada de respondê-lo pela chegada do criado da senhora Jennings, que veio dizer que a patroa as esperava na porta.

O senhor Dashwood acompanhou-as descendo a escada, foi apresentado à senhora Jennings à porta de sua carruagem e, repetindo seu desejo de poder visitá-las no dia seguinte, partiu.

A visita foi devidamente realizada. Ele veio com um pedido de desculpas da cunhada delas por não ter vindo também.

– Ela estava tão envolvida com a mãe que não tinha mesmo tempo para ir

a lugar algum.

A senhora Jennings, no entanto, assegurou-o que ela não faria tanta cerimônia, pois eram todos primos, ou algo parecido, e ela decerto visitaria a senhora John Dashwood em breve e levaria as cunhadas para vê-la. Os modos dele com as irmãs, apesar de calmos, eram perfeitamente gentis. Com a senhora Jennings, foi muito educado, e no momento em que o coronel Brandon chegou, logo depois, olhou para ele com uma curiosidade que parecia dizer que só queria saber se era rico, para ser também educado com ele.

Depois de ficar meia hora com eles, o senhor Dashwood pediu a Elinor que o acompanhasse à Rua Conduit e o apresentasse a *sir* John e lady Middleton. O clima estava notavelmente bom e ela aceitou de imediato. Assim que saíram da casa, as perguntas começaram.

– Quem é o coronel Brandon? É um homem rico?

– Sim, tem uma excelente propriedade em Dorsetshire.

– Fico feliz por isso. Ele parece um verdadeiro cavalheiro, e imagino, Elinor, que posso felicitá-la pela perspectiva de uma situação muito respeitável na vida.

– Eu, irmão! O que quer dizer?

– Ele gosta de você. Observei-o bem e estou convencido disso. De quanto é sua fortuna?

– Acredito que cerca de duas mil libras por ano.

– Duas mil libras por ano – e então, esforçando-se para chegar a uma generosidade entusiasmada, acrescentou: – Elinor, queria com todo meu coração que fosse o dobro disso, para seu bem.

– Agradeço muito – respondeu Elinor –, mas tenho certeza de que o coronel Brandon não tem o menor desejo de casar comigo.

– Você está enganada, Elinor, está muito enganada. Muito pouco de esforço de sua parte bastaria para assegurá-lo. Talvez, no momento, ele possa estar indeciso. A limitação da sua fortuna pode desencorajá-lo. Os amigos dele podem o aconselhar contra isso. Mas algumas dessas pequenas atenções e encorajamentos que as jovens podem dar com facilidade irão convencê-lo, apesar de suas dúvidas. E não há razão para que você não tente. Não se deve supor que algum afeto anterior do seu lado... Em suma, você sabe que um afeto como esse está completamente fora de questão, as objeções são insuperáveis... Você é muito inteligente para não ver tudo isso. O coronel Brandon deve ser o escolhido, e não

faltará nenhuma civilidade de minha parte para deixá-lo satisfeito com você e sua família. É uma combinação que deve satisfazer a todos. Resumindo, é o tipo de coisa que – baixando a voz até um sussurro importante – será muito bem recebida por todas as partes. – Recompondo-se, no entanto, acrescentou: – Isto é, quero dizer, seus amigos estão ansiosos para vê-la bem estabelecida, em especial Fanny, pois ela quer muito o seu bem, asseguro-lhe. E a mãe dela também, a senhora Ferrars, uma mulher muito boa, tenho certeza de que isso lhe daria grande prazer. Ela disse isso outro dia.

Elinor não queria dar nenhuma resposta.

– Seria algo notável, na verdade – continuou ele –, um pouco divertido, se Fanny tivesse um irmão e eu tivesse uma irmã que se casassem ao mesmo tempo. E, no entanto, não é muito improvável.

– O senhor Edward Ferrars – perguntou Elinor, com determinação – vai se casar?

– Na verdade, não está resolvido, mas está sendo cogitado. Ele tem uma mãe excelente. A senhora Ferrars, com a máxima generosidade, lhe dará mil libras por ano se o casamento for realizado. A dama é a honorável senhorita Morton, única filha do falecido lord Morton, com um dote de trinta mil libras. Uma união muito desejada pelos dois lados, e não tenho dúvida de que será concretizada no devido tempo. Mil libras por ano é uma quantia considerável para uma mãe, mas a senhora Ferrars tem um espírito nobre. Para dar outro exemplo de sua generosidade: outro dia, assim que chegamos à cidade, ciente de que o dinheiro não poderia ser muito abundante para nós agora, ela colocou duzentas libras nas mãos da Fanny. E foi extremamente bem-vindo, pois teremos muitas despesas enquanto estivermos aqui.

Ele fez uma pausa esperando aprovação e simpatia, e ela se forçou a dizer:

– Suas despesas, tanto na cidade como no campo, decerto devem ser consideráveis, mas sua renda é grande.

– Não é tão grande, ousou dizer, quanto muitas pessoas supõem. Não quero reclamar, no entanto. É, sem dúvida, confortável, e espero que, com o tempo, seja melhor. Estamos cercando a área de Norland Common e isso aumenta muitos os gastos. E fiz uma pequena compra neste semestre. A fazenda East Kingham, você deve se lembrar do lugar, onde o velho Gibson costumava morar. A terra era tão conveniente para mim, em todos

os aspectos, tão adjacente à minha propriedade, que senti o dever de comprá-la. Não poderia ter ficado com a consciência tranquila se a tivesse deixado cair em outras mãos. Um homem deve pagar por sua conveniência, e isso custou muito caro.

– Mais do que você considera ser o seu valor real.

– Ah, espero que não. Eu poderia ter vendido de novo, no dia seguinte, por mais do que paguei: mas, no que diz respeito ao dinheiro, poderia ter sido muito infeliz, pois as ações estavam tão baixas na época que, se eu não tivesse a soma necessária nas mãos do meu banqueiro, teria sido obrigado a vendê-las com grande prejuízo.

Elinor só podia sorrir.

– Tivemos outras despesas grandes e inevitáveis quando nos mudamos para Norland. Nosso respeitado pai, como você sabe, legou todos os pertences de Stanhill que permaneciam em Norland (e que eram muito valiosos) para sua mãe. Longe de mim me queixar por ele ter feito isso. Tinha o direito inquestionável de dispor de seus bens como quisesse, mas, como consequência disso, fomos obrigados a fazer grandes compras de roupas de cama e mesa, porcelana, etc., para suprir o que foi levado do lugar. Você pode adivinhar, depois de todas essas despesas, o quanto estamos longe de sermos ricos e como é bem-vinda a bondade da senhora Ferrars.

– Certamente – disse Elinor. – E ajudado por sua generosidade, espero que ainda possam viver em melhores circunstâncias.

– Mais um ou dois anos e podemos chegar a isso – ele respondeu sério. – No entanto, ainda há muito a ser feito. Nem mesmo um tijolo foi colocada para a estufa da Fanny, e o projeto do jardim de flores só foi demarcado.

– Onde será a estufa?

– Sobre a colina atrás da casa. As velhas nogueiras serão todas cortadas para abrir espaço para ela. Será um objeto muito bonito visto de muitas partes do parque, e o jardim de flores descera logo na frente dele e ficará extremamente bonito. Removemos todos os velhos espinheiros que cresciam sobre o cume.

Elinor escondeu sua preocupação e sua revolta, e agradeceu muito que Marianne não estivesse presente para compartilhar a provocação.

Tendo dito o suficiente para deixar sua pobreza clara e eliminar a necessidade de comprar um par de brincos para cada uma das irmãs, na visita seguinte à joalheria do senhor Gray ele pensou em coisas mais

alegres e começou a felicitar Elinor por ter uma amiga como a senhora Jennings.

– Ela parece uma mulher de grande valor, realmente. Sua casa, seu estilo de vida, tudo indica uma renda muito boa, e é uma amizade que não apenas tem sido de muita utilidade até agora, mas que também, no final, pode ser materialmente vantajosa. O convite dela para vir à cidade é decerto uma grande coisa a seu favor e, de fato, demonstra uma grande consideração por vocês, assim, com toda probabilidade, quando ela morrer, não serão esquecidas. Ela deverá deixar uma boa herança.

– Não deixará nada, prefiro supor, pois ela tem apenas a sua pensão, que ficará para as filhas.

– Mas não se deve imaginar que ela gaste toda sua renda. Poucas pessoas prudentes fazem isso, e ela poderá dispor do que guarda.

– E você não acha que é mais provável que ela deixe para as filhas do que para nós?

– Suas filhas estão muito bem casadas e, portanto, não entendo a necessidade de que deixe mais para elas. Ao mesmo tempo que, na minha opinião, ela teve tanta consideração por vocês, e tratando-as desta forma, ela concedeu a vocês uma espécie de direito de reivindicação sobre os planos futuros dela, o que uma mulher conscienciosa não negligenciaria. Nada pode ser mais amável do que o comportamento dela, e ela dificilmente pode fazer isso sem estar ciente da expectativa que gera.

– Mas ela não gera nada entre as pessoas mais interessadas. Na verdade, irmão, sua ansiedade por nosso bem-estar e prosperidade vai longe demais.

– Ora, com certeza – disse ele, parecendo se recompor. – Algumas pessoas têm pouco, muito pouco em seu poder. Mas, querida Elinor, qual é o problema com Marianne? Ela parece muito mal, perdeu a cor e está bastante magra. Ela está doente?

– Ela não está bem, tem um problema nervoso há várias semanas.

– Sinto muito por isso. Em sua idade, qualquer doença atrapalha a jovialidade para sempre! A dela não durou muito! Ela era uma menina tão bonita em setembro passado, como nunca tinha visto, e com grandes probabilidades de atrair os homens. Havia algo em seu estilo de beleza que os agradaria particularmente. Lembro que Fanny costumava dizer quese casaria mais cedo e melhor do que você. Não que ela não gostasse muito de você, mas era o que pensava na época. No entanto, ela se enganou. Eu

me pergunto se Marianne *agora* vai se casar com um homem com mais de quinhentas ou seiscentas libras por ano, no máximo, e estarei muito enganado se *você* não conseguir algo melhor. Dorsetshire! Conheço muito pouco de Dorsetshire, mas, querida Elinor, ficarei muito feliz em conhecer mais e acho que posso afirmar que Fanny e eu estaremos entre os primeiros e mais satisfeitos visitantes.

Elinor tentou convencê-lo com muita seriedade de que não havia a menor possibilidade de se casar com o coronel Brandon, mas era uma expectativa muito agradável para que ele a abandonasse, e estava decidido a conquistar a intimidade daquele cavalheiro e promover o casamento de qualquer maneira. Sentia remorso suficiente por não ter feito nada pelas irmãs, por isso estava muito ansioso para que os outros fizessem algo, e uma proposta do coronel Brandon, ou um legado da senhora Jennings, era o meio mais fácil de compensar sua própria negligência.

Eles tiveram a sorte de encontrar lady Middleton em casa, e *sir* John chegou antes que a visita terminasse. Houve uma abundância de boa educação dos dois lados. *Sir* John estava sempre disposto a gostar de qualquer um e, embora o senhor Dashwood não parecesse entender muito de cavalos, ele logo decidiu que era um homem muito simpático, enquanto lady Middleton observou que ele era suficientemente elegante para que valesse conquistar sua amizade, e o senhor Dashwood partiu encantado com os dois.

– Tenho boas novidades para contar a Fanny – disse ele, enquanto caminhava de volta com a irmã. – Lady Middleton é uma mulher muito elegante! Tenho certeza de que Fanny ficará feliz em conhecer uma mulher como ela. E a senhora Jennings também, uma mulher de excelentes modos embora não tão elegante quanto a filha. Sua cunhada não precisa ter nenhum escrúpulo em visitá-la, o que, para dizer a verdade, foi uma preocupação muito natural. Pois só sabíamos que a senhora Jennings era a viúva de um homem que ganhou todo seu dinheiro de uma maneira indigna, e Fanny e a senhora Ferrars estavam muito predispostas a pensar que nem ela nem suas filhas eram o tipo de mulheres com as quais Fanny gostaria de estar associada. Mas agora posso falar muito bem das duas para ela.

Capítulo 34

A senhora John Dashwood tinha tanta confiança no julgamento de seu marido que, no dia seguinte, visitou tanto a senhora Jennings quanto a filha dela. E sua confiança foi recompensada por descobrir que mesmo a primeira, a mulher com quem suas cunhadas estavam hospedadas, não era uma pessoa indigna. Quanto a lady Middleton, considerou-a uma das mulheres mais encantadoras do mundo!

Lady Middleton também ficou satisfeita com a senhora Dashwood. Havia uma espécie de egoísmo frio dos dois lados que as atraía mutuamente, e elas simpatizaram uma com a outra graças a uma insípida decência de comportamento e uma falta geral de compreensão.

Os mesmos modos, no entanto, que recomendaram a senhora John Dashwood para a boa opinião de lady Middleton não se adequavam ao gosto da senhora Jennings, e para ela, a senhora John Dashwood pareceu apenas uma mulher orgulhosa e antipática, que não demonstrou nenhum carinho pelas cunhadas, e parecia não ter nada a dizer para elas. Durante os quinze minutos passados na Rua Berkeley, ela permaneceu pelo menos sete minutos e meio sentada em silêncio.

Elinor queria muito saber, embora decidisse não perguntar, se Edward estava na cidade, mas nada teria induzido Fanny a mencionar de maneira voluntária o nome dele na frente dela até que pudesse dizer que o casamento com a senhorita Morton estava decidido, ou até que as expectativas do marido em relação ao coronel Brandon fossem confirmadas, pois ela acreditava que os dois ainda estavam muito apegados um ao outro, de modo que nenhum esforço deveria ser poupado para mantê-los separados em todas as ocasiões. No entanto, a informação que ela não daria logo chegou de outra fonte. Lucy veio muito rapidamente solicitar a compaixão de Elinor por não poder ver Edward, embora ele tivesse chegado à cidade com o senhor e a senhora John Dashwood. Ele não ousou ir a Bartlett's Buildings por medo de ser visto e, apesar da impaciência mútua em se encontrar, eles não podiam fazer nada no momento além de se corresponder.

Em pouco tempo, o próprio Edward assegurou a elas que estava na cidade, visitando duas vezes a Rua Berkeley. Duas vezes seu cartão foi encontrado sobre a mesa, quando elas voltaram dos compromissos da manhã. Elinor ficou satisfeita por ele ter vindo e ainda mais satisfeita por não terem se encontrado.

Os Dashwood estavam tão encantados com os Middleton que, embora

não tivessem o hábito de receber ninguém, decidiram convidá-los para um jantar, e logo depois do começo da amizade, convidaram todos para jantar na Rua Harley, onde tinham alugado uma casa muito boa por três meses. Suas irmãs e a senhora Jennings também foram convidadas, e John Dashwood teve o cuidado de incluir o coronel Brandon, que, sempre feliz por estar onde estavam as senhoritas Dashwood, recebeu esta civilidade sincera com alguma surpresa, mas muito mais prazer. Eles conheceriam a senhora Ferrars, mas Elinor não conseguiu descobrir se os filhos dela estariam na festa. A expectativa de vê-la, no entanto, era suficiente para deixá-la interessada no compromisso, pois apesar de que agora poderia conhecer a mãe de Edward sem aquela forte ansiedade que antes prometia acompanhar tal apresentação, totalmente indiferente quanto à opinião que ela teria a seu respeito, seu desejo de estar na companhia da senhora Ferrars, a curiosidade de saber como ela era, era mais forte do que nunca.

O interesse com que esperou a festa aumentou logo depois, de maneira mais angustiante do que agradável, ao saber que as senhoritas Steele também estariam presentes.

Elas tinham agradado tanto lady Middleton, tão admiráveis tinham sido seus esforços que, embora Lucy decerto não fosse tão elegante e sua irmã nem mesmo fosse educada, a senhora estava tão disposta quanto *sir* John a convidá-las a passar uma ou duas semanas na Rua Conduit. E aconteceu que foi particularmente conveniente para as senhoritas Steele, quando o convite dos Dashwood foi conhecido, que a visita deveria começar alguns dias antes da festa.

Para a senhora John Dashwood, o fato de serem as sobrinhas do cavalheiro que durante muitos anos cuidara de seu irmão talvez não tivesse feito muito, no entanto, para conseguir um lugar à sua mesa. Mas como convidadas de lady Middleton, deveriam ser bem-vindas. E Lucy, que há muito queria conhecer pessoalmente a família, ter uma visão mais próxima do caráter deles e de suas próprias dificuldades, e ter uma oportunidade de se esforçar para agradá-los, raramente ficara mais feliz em sua vida do que ao receber o cartão da senhora John Dashwood.

Em Elinor o efeito foi muito diferente. Ela de imediato começou a pensar que Edward, que morava com a mãe, deveria ser convidado, assim como a mãe, para uma festa dada pela irmã. E vê-lo pela primeira vez, depois de tudo que acontecera, na companhia de Lucy! Ela não sabia como poderia suportar aquilo!

Essas apreensões, talvez, não fossem fundadas inteiramente na razão, e decerto de modo algum na verdade. No entanto, foram aliviadas, não por sua própria lembrança, mas pela boa vontade de Lucy, que acreditava estar causando uma decepção severa quando lhe disse que Edward com certeza não estaria na Rua Harley na terça-feira, e até esperava estar infligindo ainda mais dor convencendo-a de que ele era mantido afastado pelo extremo carinho que sentia por ela, algo que não conseguia ocultar quando estavam juntos.

A importante terça-feira chegou e as duas jovens foram apresentadas à formidável sogra.

– Tenha pena de mim, querida senhorita Dashwood! – disse Lucy, enquanto subiam as escadas juntas, pois os Middleton chegaram logo depois da senhora Jennings e todos seguiram o criado ao mesmo tempo. – Não há ninguém aqui além de você que possa sentir pena de mim. Digo que dificilmente posso aguentar. Meu Deus! Em um momento, verei a pessoa de quem depende a minha felicidade. Que será minha sogra!

Elinor poderia ter proporcionado alívio imediato a ela, sugerindo a possibilidade de que era a sogra da senhorita Morton, e não dela, que estavam prestes a conhecer. Mas, em vez de fazer isso, disse, com grande sinceridade, que se compadecia dela – para o espanto absoluto de Lucy que, mesmo sentindo-se muito desconfortável, esperava pelo menos ser objeto da inveja irreprimível de Elinor.

A senhora Ferrars era uma mulher pequena e magra, ereta, muito formal em sua aparência, e séria, até mesmo amarga, em seu aspecto. Sua pele era pálida e seus traços pequenos, sem beleza e naturalmente sem expressão; mas uma contração afortunada da testa evitava que seu semblante parecesse insípido, dando-lhe os fortes traços de orgulho e mau humor. Não era uma mulher de muitas palavras, pois, ao contrário das pessoas em geral, ela as distribuía de acordo com o número de suas ideias. E das poucas palavras que escaparam dela, nenhuma foi dirigida à senhorita Dashwood, a quem olhou com a determinação de não gostar dela de nenhuma maneira.

Elinor não podia se sentir infeliz agora com esse comportamento. Alguns meses antes, isso a teria machucado muito, mas a senhora Ferrars não tinha mais o poder de magoá-la agora, e a diferença de suas maneiras com as senhoritas Steele, uma diferença que pareceu feita de propósito para humilhá-la mais, apenas a divertiu. Ela pôde apenas sorrir ao ver a graça

da mãe e da filha justamente em relação à pessoa – pois Lucy foi tratada de forma especial – que, entre todas as outras, se soubessem tanto quanto Elinor, estariam ansiosas para afligir; enquanto ela, que comparativamente não tinha nenhum poder para feri-las, era claramente desprezada por ambas. Mas enquanto sorria diante de uma amabilidade tão mal aplicada, não podia pensar na loucura perversa que a originava, nem observar as atenções estudadas com que as senhoritas Steele bajulavam a senhora Ferrars e a senhora John Dashwood, sem desprezar as quatro por completo.

Lucy estava exultante por ser tratada de maneira tão distinta, e a senhorita Steele apenas precisava ser provocada sobre o doutor Davies para ficar perfeitamente feliz.

O jantar foi suntuoso, os criados eram numerosos e tudo indicava a inclinação da dona da casa para a ostentação e a capacidade do senhor de pagar por isso. Apesar das reformas e ampliações que estavam fazendo em Norland, e apesar de seu proprietário ter ficado a poucos milhares de libras de ser obrigado a vendê-la com prejuízo, não havia nenhum sintoma dessa indigência que ele tentou insinuar. Nenhuma pobreza de qualquer tipo, exceto de conversa, apareceu. Mas, nesse ponto, a deficiência foi considerável. John Dashwood não tinha muito a dizer que valesse a pena ouvir, e sua esposa menos ainda. Mas não havia nenhuma desgraça especial nisso, pois era também o caso da maioria dos visitantes. Quase todos incorriam em uma ou outra dessas desqualificações para ser agradável: falta de sensatez, natural ou por educação, falta de elegância, falta de ânimo ou falta de caráter.

Quando as senhoras se retiraram para a sala de estar depois do jantar, esta pobreza ficou particularmente evidente, pois os cavalheiros tinham dado alguma variedade à conversa falando sobre política, as terras vizinhas às suas propriedades e sobre o adestramento de cavalos. Mas tudo acabou, e um único assunto dominou a conversa das senhoras até a chegada do café: a comparação da altura de Harry Dashwood com a do segundo filho de lady Middleton, William, que tinham quase a mesma idade.

Se as duas crianças estivessem lá, o caso poderia ter sido determinado com facilidade medindo-os de uma vez, mas como só Harry estava presente, havia apenas conjecturas de ambos os lados. E todas tinham o direito de serem igualmente categóricas em sua opinião e repeti-la quantas vezes quisessem.

Os lados ficaram assim: as duas mães, embora cada uma estivesse

convencida de que seu próprio filho era o mais alto, decidiram educadamente a favor do outro. As duas avós, com não menos parcialidade, mas maior sinceridade, eram do mesmo modo firmes no apoio dos próprios descendentes.

Lucy, que não queria agradar uma das mães mais do que a outra, achava que os meninos eram incrivelmente altos para sua idade e não podia conceber que houvesse a menor diferença entre eles. E a senhorita Steele, com ainda mais determinação falava, o mais rápido que podia, ora a favor de um, ora do outro.

Elinor, ao dar sua opinião a favor de William, ofendendo a senhora Ferrars e Fanny ainda mais, não viu a necessidade de reforçá-la dizendo mais nada. E Marianne, quando convocada a se manifestar, ofendeu a todos, declarando que não tinha opinião para dar, pois nunca pensara a respeito.

Antes de deixar Norland, Elinor pintara um par de telas muito bonitas para a cunhada, que tendo acabado de ser emolduradas e trazidas para casa, ornamentavam sua sala de estar atual. E esses quadros, chamando a atenção de John Dashwood quando seguiu os outros cavalheiros até a sala, foram entregues oficiosamente ao coronel Brandon para que os admirasse.

– Foram feitos pela minha irmã mais velha – disse ele –, e você, como um homem de bom gosto, ousou dizer, saberá apreciá-los. Não sei se você já viu algum de seus quadros antes, mas ela é, em geral, vista como uma excelente pintora.

O coronel, apesar de renunciar a todas as pretensões de conhecedor, admirou com fervor as telas, como teria feito com qualquer coisa pintada pela senhorita Dashwood. E tendo obviamente despertado a curiosidade dos outros, todos se entregaram a uma inspeção geral. A senhora Ferrars, sem saber que eram o trabalho de Elinor, pediu para vê-las, e depois de terem recebido a aprovação de lady Middleton, Fanny entregou-os para a mãe, informando-a, ao mesmo tempo, que tinham sido feitos pela senhorita Dashwood.

– Hum – disse a senhora Ferrars –, muito bonitos – e sem olhá-los, devolveu-os à filha.

Talvez Fanny tivesse pensado por um momento que a mãe fora bastante rude, pois, ficando um pouco vermelha, disse de imediato:

– São muito bonitos, senhora, não são? – Mas, novamente, o medo de ter sido muito educada, muito encorajadora, decerto a tomou, pois

acrescentou: – A senhora não acha que são parecidos com o estilo de pintura da senhorita Morton? Ela pinta da forma mais encantadora! Como é linda a sua última paisagem!

– Realmente linda! Mas ela faz tudo bem.

Marianne não podia suportar aquilo. Já estava muito descontente com a senhora Ferrars, e esses elogios tão inoportunos a outra pessoa, à custa de Elinor, embora ela não tivesse nenhuma noção dos motivos, fizeram com que logo falasse com veemência:

– Esta é uma admiração de um tipo muito especial! O que é a senhorita Morton para nós? Quem conhece ou se importa com ela? É sobre Elinor que estamos pensando e falando.

E, assim dizendo, tirou as telas das mãos da cunhada para admirá-las como mereciam.

A senhora Ferrars parecia extremamente irritada e, ficando mais rígida do que nunca, deu esta resposta amarga:

– A senhorita Morton é a filha de lord Morton.

Fanny também parecia muito irritada, e seu marido estava com medo da audácia da irmã. Elinor ficou muito mais ferida pela veemência de Marianne do que ficara com o fato que a provocara. Mas os olhos do coronel Brandon, que estavam fixos em Marianne, demonstravam que ele só notava o que havia de amável na atitude dela, o coração afetuoso que não podia suportar ver uma irmã minimamente desprezada.

Os sentimentos de Marianne não pararam ali. A fria insolência do comportamento geral da senhora Ferrars em relação à sua irmã parecia prever as mesmas dificuldades e angústias para Elinor que seu coração dolorido lhe ensinara a temer. E encorajada por um forte impulso de sensibilidade afetuosa, aproximou-se da cadeira da irmã depois de um momento e, colocando um braço em volta do pescoço dela e aproximando seu rosto do dela, disse em voz baixa, mas firme:

– Querida Elinor, não se importe com elas. Não deixe que elas a façam infeliz.

Ela não podia dizer mais nada, seu humor fora totalmente derrotado, e escondendo o rosto no ombro de Elinor, começou a chorar. A atenção de todos se voltou para ela, e quase todos ficaram preocupados. O coronel Brandon levantou-se e foi até elas sem saber o que estava fazendo. A senhora Jennings, com um “Ah! Pobrezinha” muito inteligente, entregou-lhe de imediato seus saís, e *sir* John sentiu-se tão desesperadamente

enfurecido contra o autor dessa angústia nervosa que no mesmo instante mudou de lugar para perto de Lucy Steele e deu-lhe, num sussurro, uma breve descrição de todo o caso chocante.

Em poucos minutos, no entanto, Marianne estava recuperada o suficiente para acabar com a agitação e sentar-se entre os demais, embora, durante toda a noite, seu humor mantivesse a impressão do que acontecera.

– Pobre Marianne! – disse o irmão dela ao coronel Brandon, em voz baixa, assim que conseguiu chamar sua atenção. – Ela não está em tão boa saúde quanto a irmã, está muito nervosa, não tem a constituição de Elinor. E deve-se reconhecer que é muito perturbador para uma jovem que já foi uma beleza perder seus atrativos pessoais. Você não pensaria, talvez, mas Marianne era notavelmente bonita alguns meses atrás. Tão bonita quanto Elinor. Agora, você vê que tudo desapareceu.

Capítulo 35

A curiosidade de Elinor em conhecer a senhora Ferrars foi satisfeita. Ela vira nela tudo que poderia tender a tornar indesejável uma ligação maior entre as famílias. Ela vira o bastante do seu orgulho, da sua maldade e de seu preconceito resolutivo contra ela para compreender todas as dificuldades que atrapalhariam o compromisso e atrasariam o casamento entre Edward e ela, caso ele estivesse livre. E vira quase o suficiente para agradecer, pelo seu próprio bem, que um obstáculo maior tivesse evitado que sofresse com qualquer ato da senhora Ferrars, preservando-a de toda dependência de seus caprichos ou de qualquer necessidade de conquistar sua boa opinião. Ou, pelo menos, se não conseguia se alegrar por Edward estar comprometido com Lucy, ela determinou que, se Lucy fosse mais amável, ela deveria ter se alegrado.

Ela se perguntou se o ânimo de Lucy teria sido muito aumentado pela civilidade da senhora Ferrars, se o seu interesse e sua vaidade iriam cegá-la a ponto de considerar um elogio a atenção dedicada a ela apenas porque não era Elinor ou que permitisse que ela se sentisse encorajada por uma preferência que só lhe fora concedida porque sua situação real era desconhecida. Mas foi assim, o que fora demonstrado não apenas pelos olhos de Lucy no momento, mas novamente declarado de maneira mais aberta na manhã seguinte, pois lady Middleton, atendendo o desejo da

jovem, levou-a para a Rua Berkeley na esperança de encontrar Elinor sozinha para lhe dizer o quanto estava feliz.

A esperança não foi em vão, pois uma mensagem da senhora Palmer, logo depois de sua chegada, tirou a senhora Jennings de casa.

– Minha querida amiga – exclamou Lucy, assim que elas estavam sozinhas –, venho contar a você minha felicidade. Alguma coisa poderia ser mais lisonjeira do que a maneira como a senhora Ferrars me tratou ontem? Foi amável até demais! Você sabe como eu temia a ideia de vê-la, mas no instante em que fui apresentada, houve tanta amabilidade em seu comportamento que até era possível dizer que ela gostou bastante de mim. Não foi assim? Você viu tudo e não ficou impressionada com isso?

– Ela realmente foi muito educada com você.

– Educada! Você não viu nada além de educação? Eu vi muito mais. Tanta bondade dedicada a mais ninguém além de mim! Sem orgulho, sem altivez, e sua cunhada exatamente o mesmo, toda doçura e afabilidade!

Elinor desejava falar de outra coisa, mas Lucy ainda a pressionou para que concordasse que havia motivos para sua felicidade e Elinor foi obrigada a continuar.

– Sem dúvida, se elas soubessem sobre seu compromisso com Edward – disse ela –, nada poderia ser mais lisonjeiro do que o tratamento dedicado a você, mas como não era o caso...

– Achei que você diria isso – respondeu Lucy rapidamente –, mas não havia nenhuma razão no mundo para que a senhora Ferrars fingisse gostar de mim, caso não gostasse, e é maravilhoso que ela goste de mim. Você não vai estragar minha satisfação. Estou certa de que tudo acabará bem e não haverá nenhuma dificuldade, ao contrário do que costumava pensar. A senhora Ferrars é uma mulher encantadora, e sua cunhada também. São mulheres adoráveis, sem dúvida! Pergunto-me por que nunca a ouvi dizer o quanto a senhora John Dashwood é agradável!

Elinor não tinha resposta para isso e nem tentou inventar uma.

– Você está doente, senhorita Dashwood? Parece triste, não fala nada... Com certeza não está bem.

– Nunca estive melhor de saúde.

– Estou feliz com isso de todo meu coração, mas na verdade você não parece bem. Eu ficaria muito triste se você ficasse doente. Você, que tem sido o maior conforto para mim no mundo! Só Deus sabe o que eu teria feito sem sua amizade...

Elinor tentou dar uma resposta educada, embora duvidando do próprio sucesso. Mas pareceu satisfazer Lucy, pois ela respondeu de imediato:

– Na verdade, estou plenamente convencida da sua consideração por mim e, ao lado do amor de Edward, isso é o maior conforto que tenho. Pobre Edward! Mas agora há uma coisa boa: poderemos nos encontrar, e com mais frequência, pois lady Middleton está encantada com a senhora Dashwood, então estaremos sempre na Rua Harley, ousou dizer, e Edward passa a metade do tempo com a irmã. Além disso, lady Middleton e a senhora Ferrars vão se visitar a partir de agora, e a senhora Ferrars e sua cunhada foram tão boas ao dizer mais de uma vez que sempre estariam felizes em me ver. São mulheres tão encantadoras! Tenho certeza de que, se você contar à sua cunhada o que penso dela, não seria capaz de demonstrar o quanto a aprecio.

Mas Elinor não lhe daria nenhum incentivo para esperar que ela falaria algo para a cunhada. Lucy continuou.

– Tenho certeza de que teria percebido de imediato se a senhora Ferrars não tivesse gostado de mim. Se ela tivesse me feito apenas uma cortesia formal, por exemplo, sem dizer uma palavra, nem me notado depois e nunca me olhado de maneira agradável... você sabe o que quero dizer... se eu tivesse sido tratada dessa forma intimidante, desistiria de tudo, em desespero. Eu não suportaria. Pois quando ela não gosta de algo, sei que é bem violenta.

Elinor foi impedida de dar qualquer resposta a esse triunfo civilizado, pois a porta se abriu, o criado anunciou o senhor Ferrars, e Edward entrou imediatamente.

Foi um momento embaraçoso, e a fisionomia de todos mostrou isso. Nenhum deles sabia o que fazer, e Edward parecia tão inclinado a sair quanto a entrar na sala. A própria circunstância, da maneira mais desagradável, que cada um deles queria muito evitar, estava acontecendo. Não só estavam os três juntos, mas estavam juntos sem o alívio de qualquer outra pessoa. As senhoritas se recuperaram primeiro. Lucy não tomaria a iniciativa, e a aparência de sigilo ainda deveria ser mantida. Ela poderia, portanto, apenas olhar seu amado, e depois de cumprimentá-lo brevemente, não disse mais nada.

Elinor, no entanto, tinha mais a fazer, e estava tão ansiosa para atuar bem, pelo bem dele e de si mesma, que se obrigou, depois de um momento de indecisão, a dar-lhe as boas-vindas, com um olhar e uma maneira que

eram quase naturais e espontâneos, os quais conseguiu melhorar com mais um pouco de empenho e esforço. Ela não permitiria que a presença de Lucy, nem a consciência de alguma injustiça contra ela própria, a impedisse de dizer que estava feliz em vê-lo e que era uma pena que não estivesse em casa quando ele visitara a Rua Berkeley anteriormente. Ela não se sentiria ameaçada de dedicar a ele as atenções que, como amigo e quase parente, eram devidas, por causa dos olhos observadores de Lucy, apesar de logo ter percebido que eles a vigiavam muito atentamente.

Seus modos deram certa tranquilidade a Edward, e ele teve coragem suficiente para se sentar. Mas seu constrangimento ainda era maior que o das senhoritas, o que era algo compreensível, embora fosse mais raro nos homens. Pois seu coração não tinha a indiferença do de Lucy, nem sua consciência poderia ter a tranquilidade da de Elinor.

Lucy, com um ar recatado e acomodado, parecia determinada a não contribuir para o conforto dos outros e não dizia uma palavra. Quase tudo que foi dito veio de Elinor, que foi obrigada a oferecer todas as informações sobre a saúde da mãe, sua chegada à cidade, etc., sobre o que Edward deveria ter perguntado, mas nunca o fez.

Seus esforços não pararam ali, pois logo depois ela se sentiu tão heroicamente disposta a ponto de decidir, sob a pretensão de buscar Marianne, deixar os outros sozinhos; e fez mesmo isso, e da maneira mais elegante, pois demorou vários minutos no patamar escada, com a mais generosa força de espírito, antes de ir buscar a irmã. Quando isso foi feito, no entanto, era hora de cessar os arrebatamentos de Edward, pois a alegria de Marianne fez com que ela corresse de imediato para a sala de estar. O prazer dela em vê-lo era como todos seus outros sentimentos: fortes em si mesmos e expressos abertamente. Ela o encontrou, apertou sua mão e falou com uma voz que expressava o carinho de uma cunhada.

– Caro Edward! – ela exclamou. – Este é um momento de grande felicidade! Isso quase compensaria tudo!

Edward tentou retribuir a gentileza como merecia, mas, na frente de tais testemunhas, não ousava dizer metade do que realmente sentia. Mais uma vez, todos se sentaram, e por um momento ou dois todos ficaram em silêncio enquanto Marianne olhava com muita ternura, algumas vezes para Edward e outras para Elinor, lamentando apenas que o prazer mútuo fosse comprometido pela presença indesejada de Lucy. Edward foi o primeiro a falar, e foi para notar que Marianne estava diferente e expressar seu medo

de que Londres não tivesse sido boa para ela.

– Ah, não pense em mim! – ela respondeu com uma sinceridade animada, apesar de seus olhos estarem cheios de lágrimas quando falou isso. – Não pense na minha saúde. Elinor está bem, você vê. Isso deve ser suficiente para nós.

Esta observação não foi calculada para acalmar Edward ou Elinor, nem conciliar a boa-vontade de Lucy, que olhou para Marianne com uma expressão nada bondosa.

– Você gosta de Londres? – perguntou Edward, disposto a dizer qualquer coisa que pudesse introduzir outro assunto.

– De jeito nenhum. Esperava me divertir muito, mas não aconteceu nada disso. Sua visita, Edward, é o único conforto que tive. E graças aos céus, você continua exatamente o mesmo!

Ela fez uma pausa – ninguém falou.

– Eu acho, Elinor – ela acrescentou –, que podemos pedir que Edward nos acompanhe em nosso retorno a Barton. Em uma semana ou duas, suponho, vamos partir. E, eu confio, Edward não estará muito relutante em aceitar a incumbência.

O pobre Edward murmurou algo, mas ninguém soube o que falou, nem ele mesmo. Mas Marianne, que viu sua agitação, e poderia explicá-la facilmente com qualquer motivo que mais a agradasse, estava bastante satisfeita e logo falou de outra coisa.

– Mas que dia tivemos ontem, Edward, na Rua Harley! Tão maçante, tão abominavelmente maçante! Mas tenho muitas coisas a lhe dizer a respeito que não podem ser ditas agora.

E com essa admirável discrição, ela adiou a confirmação de que achava seus parentes em comum mais desagradáveis do que nunca, e de que estava particularmente desgostosa com a mãe dele, até que estivessem em um momento mais privado.

– Mas por que você não estava lá, Edward? Por que não foi?

– Eu tinha outro compromisso.

– Compromisso! Mas o que poderia ser, se seus grandes amigos estavam lá?

– Talvez, senhorita Marianne – exclamou Lucy, ansiosa para se vingar dela –, você ache que os jovens nunca assumem compromissos quando não têm interesse em cumpri-los, tanto os pequenos quanto os grandes.

Elinor ficou muito brava, mas Marianne pareceu inteiramente insensível

ao ataque, pois respondeu com calma:

– Não é assim, de fato, pois, falando sério, tenho certeza de que apenas a consciência evitou que Edward estivesse na Rua Harley. E realmente acredito que ele tem a consciência mais delicada do mundo, a mais escrupulosa em manter todos os seus compromissos, por menores que sejam, e por mais que possam se opor ao seu interesse ou prazer. Ele é quem mais teme causar dor, ferir expectativas, e é o mais incapaz de ser egoísta, entre todas as pessoas que jamais conheci. Edward, essa é a verdade, e é o que direi. O quê! Você nunca foi elogiado assim! Então não deve ser meu amigo, pois aqueles que aceitam meu amor e minha estima devem aceitar meus elogios sinceros.

A natureza de seu elogio, no presente caso, no entanto, foi particularmente inadequada para os sentimentos de dois terços dos ouvintes, e foi tão incômoda para Edward que ele logo se levantou para ir embora.

– Ir embora tão cedo! – disse Marianne. – Meu querido Edward, não pode ser.

E, afastando-o um pouco, sussurrou sua certeza de que Lucy não poderia ficar muito mais tempo. Mas mesmo esse encorajamento fracassou, pois ele foi embora, e Lucy, que teria ficado mais tempo do que Edward, mesmo que sua visita durasse duas horas, foi embora logo depois.

– O que pode trazê-la aqui com tanta frequência? – perguntou Marianne quando Lucy as deixou. – Será que ela não viu que queríamos que fosse embora?! É uma provocação para Edward!

– Por quê? Éramos todos amigos dele e Lucy é quem o conhece há mais tempo. É natural que ele goste de vê-la tanto quanto gosta de nos ver.

Marianne olhou para ela com firmeza e disse:

– Sabe, Elinor, esse é o tipo de conversa que não aguento. Se você só espera ter sua afirmação contrariada, como devo supor ser o caso, deve lembrar que serei a última pessoa no mundo a fazê-lo. Não posso me rebaixar a ponto de ser enganada por afirmações que não são desejadas.

Ela então saiu da sala e Elinor não ousou segui-la para falar mais, pois como estava presa por sua promessa de sigilo a Lucy, não podia dar nenhuma informação que convencesse Marianne. E por mais dolorosas que fossem as consequências de continuar insistindo em um erro, ela era obrigada a se submeter a ele. Tudo que poderia esperar era que Edward não expusesse com frequência nem a ela e nem a si próprio ao sofrimento

de ouvir o carinho equivocado de Marianne, nem à repetição de qualquer outra parte da dor que acompanhara seu encontro recente e ela tinha todas as razões para esperar isso.

Capítulo 36

Poucos dias depois do encontro, os jornais anunciaram ao mundo que a esposa do excelentíssimo senhor Thomas Palmer dera à luz, em segurança, um filho e herdeiro. Um parágrafo muito interessante e satisfatório, pelo menos para todos os amigos íntimos que já sabiam disso.

Esse evento, muito importante para a felicidade da senhora Jennings, produziu uma alteração temporária na disponibilidade de seu tempo e influenciou, de modo semelhante, os compromissos de suas jovens amigas, pois, como desejava estar o máximo que pudesse com Charlotte, ia ao encontro dela todas as manhãs assim que estava vestida e não voltava até o final da tarde. E as senhoritas Dashwood, a pedido dos Middleton, passavam todo o dia na Rua Conduit. Para o próprio conforto, elas prefeririam permanecer, pelo menos durante toda a manhã, na casa da senhora Jennings, mas não podiam ir contra os desejos de todos. Suas horas, portanto, foram transferidas para lady Middleton e as duas senhoritas Steele, para quem sua companhia, de fato, era tão pouco apreciada quanto declaradamente procurada.

Elas eram muito inteligentes para serem companhias desejáveis para a primeira. E eram consideradas pelas últimas com um olhar invejoso, como se estivessem se intrometendo no território delas, compartilhando a bondade que elas queriam monopolizar. Embora nada pudesse ser mais educado do que o comportamento de lady Middleton com Elinor e Marianne, ela realmente não gostava delas. Como nunca a elogiavam, nem seus filhos, ela não podia acreditar que eram boas pessoas. E como gostavam de ler, achava-as satíricas, talvez sem saber muito bem o que era ser satírica, mas isso não importava. Era uma censura de uso comum e fácil de ser usada.

A presença delas era uma restrição tanto para lady Middleton quanto para Lucy. Mostrava a ociosidade de uma e as ocupações da outra. Lady Middleton tinha vergonha de não fazer nada na frente delas, e Lucy temia ser desprezada por elas por conta dos elogios que tinha orgulho de pensar e

demonstrar em outros momentos. A senhorita Steele era a menos perturbada das três pela presença das Dashwood, e estava no poder delas fazê-la com que a aceitasse. Bastaria que alguma delas lhe fizesse um relato completo e minucioso de todo o caso entre Marianne e o senhor Willoughby e ela pensaria que estaria amplamente recompensada pelo sacrifício de ceder o melhor lugar junto à lareira após o jantar, o que a chegada delas ocasionou. Mas essa reconciliação não era garantida, pois, apesar de ter demonstrado a Elinor a piedade que sentia por sua irmã, e mais de uma vez refletido sobre a inconstância dos galanteadores na frente de Marianne, isso não produziu nenhum efeito, apenas um olhar de indiferença da primeira e de desgosto da segunda. Um esforço ainda mais leve das senhoritas Dashwood poderia ter feito que se tornassem amigas. Se apenas rissem com ela sobre o doutor! Mas elas estavam tão pouco dispostas, assim como os outros, a agradá-la, que se *sir* John jantasse fora de casa, ela poderia passar um dia inteiro sem ouvir nenhuma provocação referente ao assunto, exceto aquelas que ela própria tinha a gentileza de fazer com si mesma.

Todos esses ciúmes e descontentamentos, no entanto, não eram percebidos pela senhora Jennings, que achava ótimo para as meninas estarem juntas e geralmente parabenizava todas as noites suas jovens amigas por terem escapado por tanto tempo da companhia de uma velha estúpida. Ela as encontrava algumas vezes na casa de *sir* John, outras na própria casa, mas onde quer que fosse, sempre chegava muito animada, cheia de alegria e importância, atribuindo o bem-estar de Charlotte aos seus próprios cuidados, e pronta para fazer um relato tão exato e tão minucioso da situação de sua filha que apenas a senhorita Steele tinha curiosidade o suficiente para desejar. Uma coisa conseguia perturbá-la e ela se queixava disso todos os dias. O senhor Palmer mantinha a opinião comum entre os homens, mas pouco paternal, de que todos os bebês são iguais. E embora ela pudesse perceber, em momentos diferentes, a semelhança marcante entre o bebê, o pai e a mãe, não havia como convencer o pai disso. Não conseguia convencê-lo a acreditar que não era exatamente como qualquer outro bebê da mesma idade, nem poderia levá-lo a reconhecer a simples proposição de que era a criança mais linda do mundo.

Venho agora contar um infortúnio, que nesse tempo acometeu a senhora John Dashwood. Aconteceu que, enquanto suas duas cunhadas a visitaram

pela primeira vez na Rua Harley com a senhora Jennings, uma conhecida de Fanny havia chegado, uma circunstância que, por si só, aparentemente não causaria nenhum mal a ela. Mas enquanto a imaginação de outras pessoas as levar a fazer julgamentos errados sobre nossa conduta e a tomar decisões baseados em aparências superficiais, a felicidade de alguém sempre estará, em certa medida, à mercê do acaso. Na atual situação, essa mulher, que chegou por último, permitiu que sua imaginação fosse tão além da verdade e da probabilidade que, apenas por ouvir o nome das senhoritas Dashwood, e compreendendo que eram as irmãs do senhor Dashwood, concluiu de imediato que estavam hospedadas na Rua Harley, e essa conclusão incorreta produziu, um ou dois dias depois, cartões de convite para elas, bem como para seu irmão e cunhada, para uma pequena festa musical em sua casa. A consequência disso foi que a senhora John Dashwood foi obrigada a se submeter não só à grande inconveniência de enviar sua carruagem para as senhoritas Dashwood, mas, o que ainda era pior, a se submeter a todo o incômodo de manter a aparência de tratá-las com atenção. E quem poderia dizer que elas talvez não esperassem sair com ela uma segunda vez? O poder de decepcioná-las, era verdade, sempre seria de Fanny. Mas isso não foi o suficiente, pois quando as pessoas estão determinadas a adotar um modo de conduta que sabem ser errado, sentem-se feridas pela expectativa de qualquer coisa melhor delas.

Naquela altura, Marianne fora levada aos poucos a recuperar o hábito de sair todos os dias, mas era indiferente para ela se saísse ou não. E ela se arrumava silenciosa e mecanicamente para todos os eventos noturnos, embora sem esperar a menor diversão de qualquer um deles, e muitas vezes sem saber, até o último momento, para onde seria levada.

Ela tornara-se tão indiferente em relação à própria roupa e aparência que, durante todo tempo gasto em se arrumar, dava a elas metade da atenção que recebiam da senhorita Steele nos primeiros cinco minutos em que estavam juntas, depois de estar pronta. Nada escapava à observação minuciosa e à curiosidade geral dela, que via tudo e perguntava sobre tudo. Só parava quando sabia o preço de cada peça do vestuário de Marianne, sabia o número dos vestidos dela melhor do que a própria Marianne e não perdia a esperança de descobrir, antes de se separarem, quanto custava a lavagem das roupas por semana e quanto ela gastava consigo mesma todos os anos. A impertinência desse tipo de questionamento, além do mais, era em geral concluída com um elogio que, apesar da intenção de manifestar

doçura, era considerado por Marianne como a maior impertinência de todas, já que depois de se submeter a um exame do valor e de como o vestido fora feito, da cor dos sapatos e do arranjo dos cabelos, ela tinha praticamente certeza de que ouviria “dou minha palavra que está muito elegante e ousa dizer que fará muitas conquistas”.

Com tal encorajamento, Marianne se despediu e seguiu para a carruagem do irmão, na qual estavam prontas para embarcar cinco minutos depois de ter parado na porta, uma pontualidade não muito agradável para sua cunhada, que fora antes delas para a casa de sua conhecida, e esperava que houvesse algum atraso que pudesse ser um inconveniente para ela ou para seu cocheiro.

Os acontecimentos daquela noite não foram muito notáveis. A festa, como outras noites musicais, incluía um grande número de pessoas que tinham um gosto real pelo espetáculo, e muitas mais que não tinham nenhum. E os próprios artistas eram, como de costume, em sua própria opinião e na de seus amigos próximos, os melhores artistas amadores em toda a Inglaterra.

Como Elinor não tinha talento musical, nem fingia ter, não teve nenhum escrúpulo de desviar a atenção do piano de cauda sempre que quisesse, nem mesmo contida pela presença de uma harpa e um violoncelo, prestando atenção com mais prazer em qualquer outro objeto na sala. Em uma dessas digressões, ela reparou, entre um grupo de jovens, no homem que dera uma aula sobre paliteiros na joalheria. Percebeu logo depois que ele olhava para ela e conversava com seu irmão com familiaridade. E mal acabara de decidir descobrir o nome dele quando ambos vieram em sua direção e o senhor Dashwood apresentou-o como o senhor Robert Ferrars.

Ele dirigiu-se a ela com uma educação tranquila e abaixou a cabeça em uma saudação que assegurou a Elinor de maneira tão clara quanto as palavras poderiam ter feito que ele era exatamente o dândi que Lucy descrevera. Ela teria ficado feliz se seu afeto por Edward dependesse menos de seu próprio mérito do que do mérito de seus parentes próximos! Pois a saudação de seu irmão seria o golpe final no mau humor que sua mãe e irmã ainda tivessem. Mas enquanto pensava nas diferenças entre os dois irmãos, não achou que o vazio da presunção de um ofuscava tanto a modéstia e o valor do outro. O próprio Robert disse para ela o quanto eram diferentes nos quinze minutos que conversaram, pois, falando do irmão, e lamentando a *gaucherie* extrema que ele realmente acreditava que o

impedia de se inserir na sociedade, ele atribuiu, com franqueza e generosidade, muito menos a qualquer deficiência natural do que ao infortúnio de uma educação privada. Enquanto ele, embora provavelmente sem nenhuma superioridade particular e importante por natureza, apenas com a vantagem de uma escola pública, estava tão bem preparado para se inserir no mundo como qualquer outro homem.

– Palavra de honra – acrescentou ele. – Acredito que não é nada mais que isso, e é o que costumo dizer à minha mãe quando ela está sofrendo com isso. “Minha querida senhora”, sempre digo a ela, “acalme-se. O mal é agora irremediável, e foi tudo culpa sua. Por que foi convencida por meu tio, *sir* Robert, contra seu próprio julgamento, a colocar Edward sob um tutor privado, no momento mais crítico de sua vida? Se o tivesse enviado para Westminster como eu, em vez de enviá-lo para o senhor Pratt, tudo isso teria sido evitado”. Esta é a maneira pela qual sempre considero o assunto e minha mãe está perfeitamente convencida de seu erro.

Elinor não se oporia à opinião dele, porque, qualquer que fosse sua consideração sobre a vantagem de uma escola pública, ela não podia pensar com satisfação em Edward morando com a família do senhor Pratt.

– A senhorita mora em Devonshire, se não me engano – foi a observação seguinte dele – em um chalé perto de Dawlish.

Elinor corrigiu essa informação, e pareceu bastante surpreendente para ele que alguém pudesse viver em Devonshire sem viver perto de Dawlish. Contudo, ele deu sua aprovação, independentemente do tipo de casa em que moravam.

– De minha parte – disse ele –, gosto muito de um chalé. Há sempre tanto conforto, tanta elegância neles. E afirmo, se tivesse algum dinheiro sobrando, compraria um pouco de terra e construiria um para mim, a uma curta distância de Londres, para onde poderia ir a qualquer momento, levar alguns amigos comigo e ser feliz. Aconselho a todo mundo que vai construir a erguer um chalé. Meu amigo lord Courtland me procurou outro dia com o propósito de pedir meu conselho e colocou na minha frente três plantas diferentes de Bonomi. Eu deveria decidir qual era a melhor. “Querido Courtland”, eu disse, jogando de imediato todas na lareira, “não escolha nenhuma delas, mas construa um chalé, por favor”. E acredito que, com isso, tenha encerrado o assunto. Algumas pessoas imaginam que não pode haver acomodações nem espaço em um chalé, mas isso é um erro. Estive no mês passado no chalé do meu amigo Elliott, perto de Dartford.

Lady Elliott queria dar um baile. “Mas como pode ser feito?”, perguntou ela. “Querido Ferrars, diga-me como pode ser organizado. Não há uma sala neste chalé onde caibam dez casais e onde a ceia possa ser servida?” Imediatamente, vi que não havia dificuldade nisso, então disse: “Querida lady Elliott, não fique preocupada. A sala de jantar admite dezoito casais com facilidade, as mesas de cartas podem ser colocadas na sala de estar. A biblioteca pode ser aberta para o chá e outros refrescos, e a ceia pode ser organizada no salão.” Lady Elliott ficou encantada com minha ideia. Medimos a sala de jantar e descobrimos que caberiam exatamente dezoito casais, e a festa foi organizada segundo meu plano. De modo que, de fato, você vê, se as pessoas souberem como organizar, todo conforto pode ser desfrutado tanto em um chalé quanto em uma casa mais espaçosa.

Elinor concordou com tudo, pois não achava que ele merecia o elogio da oposição racional.

Como John Dashwood não sentia mais prazer com a música do que a irmã, sua mente estava também livre para pensar em qualquer outra coisa, e ele teve uma ideia naquela noite, a qual comunicou à esposa, para aprovação dela, quando chegaram em casa. A consideração do erro da senhora Dennison, ao supor que suas irmãs eram suas convidadas, sugerira o decore de que fossem realmente convidadas para ficar na casa deles, enquanto os compromissos da senhora Jennings a mantivessem fora de casa. Os gastos seriam poucos, a inconveniência seria ainda menor, e era uma atenção que a delicadeza de sua consciência apontou como um requisito para sua completa emancipação da promessa ao pai. Fanny ficou espantada com a proposta.

– Não vejo como isso pode ser feito – disse ela – sem ofender lady Middleton, pois suas irmãs passam todos os dias com ela. Do contrário, eu ficaria extremamente feliz. Sabe que estou sempre pronta para prestar-lhes qualquer atenção em meu poder, como demonstrei levando-as à festa hoje. Mas são hóspedes de lady Middleton. Como posso pedir que a deixem?

Seu marido, mesmo com grande humildade, não conseguiu enxergar a força de sua objeção.

– Elas já passaram uma semana desta maneira na Rua Conduit, de modo que lady Middleton não poderia ficar ofendida se dedicassem o mesmo número de dias a parentes tão próximos.

Fanny parou um momento e, revigorada, disse:

– Meu amor, eu gostaria de convidá-las, do fundo do coração, se

estivesse no meu poder. Mas tinha acabado de decidir convidar as senhoritas Steele a passar alguns dias conosco. Elas são muito bem comportadas, boas moças, e acho que devemos lhes dedicar atenção, já que seu tio cuidou tão bem de Edward. Podemos convidar suas irmãs um outro ano, sabe, mas as senhoritas Steele podem não estar mais na cidade. Tenho certeza de que você gostará delas. Na verdade, você gosta delas, sabe, assim como minha mãe, e Harry gosta tanto delas!

O senhor Dashwood foi convencido. Ele logo viu a necessidade de convidar as senhoritas Steele, e sua consciência foi pacificada pela resolução de convidar as irmãs outro ano. Ao mesmo tempo, no entanto, suspeitava em segredo que outro ano tornaria o convite inútil, pois Elinor viria para a cidade como a esposa do coronel Brandon, e Marianne como hóspede deles.

Fanny, regozijando-se com sua manobra e orgulhosa da astúcia rápida que a concretizara, escreveu na manhã seguinte para Lucy, solicitando sua companhia e a da sua irmã, por alguns dias, na Rua Harley, assim que lady Middleton pudesse liberá-las. Isso foi suficiente para deixar Lucy real e adequadamente feliz. A senhora John Dashwood parecia estar mesmo trabalhando a favor dela; estimando as todas suas esperanças e promovendo suas intenções! Tal oportunidade de estar com Edward e sua família era, acima de tudo, extremamente importante para seu interesse, e esse convite, o mais gratificante para seus sentimentos. Era uma oportunidade que não poderia ser reconhecida com gratidão suficiente, nem utilizada com muita rapidez. E a visita a lady Middleton, que antes não tinha limites precisos, logo passou a ser vista como se sempre estivesse destinada a terminar em dois dias.

Quando o bilhete foi mostrado a Elinor, dez minutos após sua chegada, ele fez com que, pela primeira vez, ela compartilhasse parte das expectativas de Lucy, pois tal sinal de gentileza incomum, concedida a uma amizade tão recente, parecia declarar que a boa vontade com Lucy era fruto de algo mais do que apenas um rancor contra Elinor, e que o tempo e a dedicação poderiam fazer com que Lucy conquistasse tudo que desejava. Seus elogios já tinham suavizado o orgulho de lady Middleton e deixado uma marca no coração fechado da senhora John Dashwood, e tais efeitos abriam a possibilidade de algo maior.

As senhoritas Steele se mudaram para a Rua Harley, e tudo que chegou aos ouvidos de Elinor sobre a influência delas ali reforçou suas

suposições. *Sir John*, que as visitou mais de uma vez, trazia para casa relatos do favoritismo que gozavam, algo impressionante para todos. A senhora John Dashwood nunca ficara tão satisfeita com outras jovens em sua vida, como estava com elas. Ela dera a cada uma delas um portagalhas feito por alguma imigrante, chamava Lucy pelo nome de batismo e não sabia se poderia se separar delas algum dia.

Capítulo 37

A senhora Palmer estava tão bem depois de quinze dias que então sua mãe sentiu que não era mais necessário dedicar todo seu tempo a ela e, contentando-se em visitá-la uma ou duas vezes por dia, voltou para a própria casa e a própria rotina, encontrando as senhoritas Dashwood muito dispostas a retomar a antiga convivência.

Na terceira ou quarta manhã depois de terem voltado para a Rua Berkeley, a senhora Jennings, ao retornar de sua visita diária à senhora Palmer, entrou com um ar de importância tão urgente na sala de estar, onde Elinor estava sentada sozinha, que parecia prepará-la para ouvir algo maravilhoso e, dando-lhe tempo apenas para que essa ideia se formasse, começou a justificá-la prontamente, dizendo:

– Meu Deus! Querida senhorita Dashwood! Já ouviu a novidade?

– Não, senhora. O que foi?

– Algo tão estranho! Mas você ouvirá tudo. Quando cheguei à casa do senhor Palmer, encontrei Charlotte muito preocupada com a criança. Ela tinha certeza de que estava muito doente... Ela chorava irritada e estava cheia de manchas vermelhas. Então, olhei bem para a criança e disse: “Por Deus! Minha querida, isso não é nada, ela está apenas com a gengiva inflamada”, e a babá disse o mesmo. Mas Charlotte não ficou satisfeita, então o senhor Donavan foi chamado e, por sorte, ele acabara de voltar da Rua Harley, de modo que entrou de imediato. Quando ele examinou a criança, disse o mesmo que nós, que não era nada sério, apenas uma inflamação da gengiva, então Charlotte se acalmou. E assim, quando ele estava indo embora, me ocorreu perguntar, tenho certeza de que não sei como pensei nisso, mas ocorreu-me perguntar se havia alguma novidade. Ele sorriu malicioso, riu e ficou sério, parecia saber de algo, e por fim contou em um sussurro: “Por medo de que qualquer notícia desagradável

chegue às jovens sob seu cuidado quanto à indisposição da cunhada delas, acho aconselhável dizer que acredito que não há grandes motivos para alarme. Creio que a senhora Dashwood ficará muito bem.”

– O quê? Fanny está doente?

– Isso foi exatamente o que eu perguntei, minha querida. “Meu Deus!”, falei, “a senhora Dashwood está doente?” Então, foi tudo esclarecido e o assunto, por tudo que fiquei sabendo, parece ser esse. O senhor Edward Ferrars, justamente o jovem sobre quem eu costumava brincar com você (mas, na verdade, estou muito feliz de saber que nunca houve nada de verdade), o senhor Edward Ferrars, ao que parece, está comprometido há mais de um ano com minha prima Lucy! Para você ver, minha querida! E ninguém sabia nada sobre o assunto, exceto Nancy! Você poderia acreditar em algo assim? Não me admira que gostem um do outro, que o assunto já estivesse tão adiantado entre eles, e sem que ninguém suspeitasse! Isso é estranho! Nunca os vi juntos, ou tenho certeza de que teria descoberto de imediato. Bem, portanto, isso foi mantido como um grande segredo, por medo da senhora Ferrars, e nem ela nem seu irmão ou sua cunhada suspeitavam de nada: até esta manhã, a pobre Nancy, que, você sabe, é uma criatura bem-intencionada, mas nenhuma prestidigitadora, deixou escapar tudo. “Meu Deus!” – ela pensou – “todos gostam tanto da Lucy, com certeza não criarão problemas em relação a isso”. Então, ela aproximou-se da sua cunhada, que estava sentada sozinha bordando um tapete, sem suspeitar o que estava por vir, pois acabara de dizer ao seu irmão, apenas cinco minutos antes, que estava pensando em casar Edward com a filha de algum lorde, de quem não consigo me lembrar. Então, você pode imaginar o golpe que isto foi para toda sua vaidade e orgulho. Ela logo ficou histérica, gritando tão alto que chegou aos ouvidos do seu irmão, quando ele estava sentado no vestiário no andar de baixo, pensando em escrever uma carta para o administrador de sua propriedade no campo. Ele subiu correndo e aconteceu uma terrível cena, pois Lucy também apareceu naquele momento, sem imaginar o que estava acontecendo. Pobre alma! Tenho pena dela. E devo dizer que acho que recebeu uma censura muito forte, pois sua cunhada a repreendeu com tal fúria que logo a fez desmaiar. Nancy caiu de joelhos e chorou amargamente. E seu irmão ficou andando pela sala e disse que não sabia o que fazer. A senhora Dashwood declarou que não deveriam ficar um minuto a mais na casa, e seu irmão também foi obrigado a se ajoelhar para convencê-la a deixá-las

ficar até que tivessem arrumado suas roupas. Então ela ficou histérica de novo, e ele ficou tão assustado que mandou chamar o senhor Donavan, e o médico encontrou a casa no meio de todo esse alvoroço. A carruagem estava na porta, pronta para levar embora minhas pobres primas, e elas estavam embarcando quando o médico saiu da casa. A pobre Lucy, em tal condição, disse ele, mal podia andar, e Nancy estava quase tão mal quanto ela. Devo dizer que não tenho paciência com sua cunhada. E espero, do fundo do coração que o casamento ocorra contra a vontade dela. Meu Deus! Em que estado ficará o pobre senhor Edward quando souber disso! Ter seu amor tratado tão desdenhosamente! Pois dizem que ele gosta muito dela, e pode ser verdade. Não me admiraria se ele estivesse muito apaixonado! E o senhor Donavan pensa da mesma maneira. Conversamos muito sobre isso, e o melhor de tudo é que ele voltou para a Rua Harley, para estar por perto quando contarem para a senhora Ferrars, pois ela foi chamada assim que minhas primas saíram da casa, uma vez que sua cunhada tinha certeza de que ela também ficaria histérica; e pode ser que fique, mas não me importa. Não tenho pena de nenhuma delas. Não entendo por que as pessoas fazem tanto alarde por causa de dinheiro e grandeza. Não há motivo na terra pelo qual o senhor Edward e Lucy não devam se casar, pois tenho certeza de que a senhora Ferrars pode se dar ao luxo de ajudar bastante o filho, e embora Lucy não tenha quase nada, ela sabe melhor do que qualquer um como tirar o máximo de tudo. Ouso dizer que se a senhora Ferrars só concedesse a ele quinhentas libras por ano, ela faria tanto quanto qualquer outro faria com oitocentas. Meu Deus! Como eles viveriam confortáveis em um chalé como o de vocês, ou um pouco maior, com duas criadas e dois empregados. E acredito que poderia ajudá-los com uma empregada, pois minha Betty tem uma irmã desempregada, que seria perfeitamente adequada para eles.

Aqui a senhora Jennings parou, e como Elinor teve tempo suficiente para organizar seus pensamentos, conseguiu dar a resposta e fazer com naturalidade as observações que o assunto deveria produzir. Feliz por descobrir que não era suspeita de ter nenhum interesse extraordinário no assunto, que a senhora Jennings (como esperara muitas vezes recentemente que fosse o caso) deixara de imaginá-la comprometida com Edward. E feliz acima de tudo que, na ausência de Marianne, sentiu-se muito capaz de falar do caso sem constrangimento e dar sua opinião com imparcialidade, como acreditava, sobre a conduta de todos os envolvidos.

Ela com dificuldade conseguia determinar qual era sua própria expectativa em relação ao ocorrido, embora tivesse tentado sinceramente afastar a ideia de que por fim poderia terminar com algo que não fosse o casamento de Edward e Lucy. Ela estava ansiosa para ouvir o que diria e faria a senhora Ferrars, apesar de não haver dúvida de sua natureza, e ainda mais ansiosa para saber como Edward se comportaria. Sentia muita compaixão por ele, por Lucy muito pouca, e era necessário algum esforço até mesmo para isso, e pelo resto do grupo, nenhuma.

Como a senhora Jennings não falava de nenhum outro assunto, Elinor logo viu a necessidade de preparar Marianne para a discussão. Não havia tempo a perder para contar tudo a ela, mostrar a verdade real e tentar conseguir que ouvisse os comentários dos outros sem trair que sentia alguma inquietação pela irmã ou algum ressentimento contra Edward.

A tarefa de Elinor era dolorosa. Ela removeria o que realmente acreditava ser o principal consolo da irmã, daria detalhes sobre Edward, os quais temia que arruinariam para sempre a boa opinião que a irmã tinha sobre ele e corria o risco de que Marianne, pela semelhança da situação de ambas, que seria muito reforçada em sua fantasia, voltaria a sentir toda sua decepção. Mas, por mais indesejável que fosse tal tarefa, era necessária, portanto Elinor teve pressa em realizá-la.

Ela estava longe de querer se debruçar sobre os próprios sentimentos ou mostrar que estava sofrendo muito. Qualquer coisa diferente do autocontrole que mantivera desde quando soubera do noivado de Edward poderia indicar a Marianne como ela poderia se comportar. Sua narrativa foi clara e simples, e embora não pudesse ser feita sem emoção, não foi acompanhada por nenhuma agitação violenta ou sofrimento profundo. Isso pertencia à ouvinte, pois Marianne ouviu com horror e chorou muito. Elinor deveria confortar os outros tanto nas próprias angústias quanto nas deles. E ofereceu todo o conforto que poderia ser dado pela sua força interior, além de uma defesa muito sincera de qualquer acusação contra Edward, exceto a de imprudência.

Mas Marianne, por algum tempo, não deu nenhum crédito a isso. Edward parecia ser um segundo Willoughby, e reconhecendo, como Elinor, que ela o *amara* com sinceridade, como poderia sentir menos do que ela! Quanto a Lucy Steele, ela a considerava tão totalmente desagradável, tão absolutamente incapaz de conquistar um homem sensato que de início não podia ser convencida a acreditar, e depois a perdoar, qualquer afeto

anterior de Edward por ela. Marianne nem sequer queria admitir que fora algo natural, e Elinor não conseguiu convencê-la disso, pois só um melhor conhecimento da humanidade poderia fazê-lo.

A primeira vez que tentou contar o ocorrido, Elinor não conseguiu ir além de falar sobre o noivado e há quanto tempo ele existia. Neste ponto, os sentimentos de Marianne foram arrasados e impediram que ela explicasse os detalhes. Por algum tempo, tudo que conseguiu fazer foi acalmar a angústia da irmã, diminuir seus temores e combater seu ressentimento. A primeira pergunta feita por Marianne, que invocou mais detalhes, foi:

– Há quanto tempo você sabe disso, Elinor? Ele escreveu para você?

– Eu sei há quatro meses. Quando Lucy veio pela primeira vez a Barton Park em novembro passado, ela me contou sobre seu noivado, em segredo.

Com essas palavras, os olhos de Marianne expressaram a perplexidade que seus lábios não conseguiram pronunciar. Depois de uma pausa espantada, ela exclamou:

– Quatro meses! Você sabe disso há quatro meses?

Elinor confirmou.

– O quê! Enquanto me acudia em todo meu sofrimento, isso tem estado em seu coração? E eu a censurava por ser feliz!

– Não ajudaria que você soubesse o quanto era o contrário!

– Quatro meses! – exclamou Marianne de novo. – Tão calma! Tão alegre! Como conseguiu suportar?

– Sentindo que estava cumprindo o meu dever. Minha promessa a Lucy me obrigou a manter o segredo. Eu devia isso a ela, portanto, para evitar dar qualquer indício da verdade. E devia à minha família e amigos não criar neles nenhuma preocupação comigo, algo que eu não poderia satisfazer.

Marianne parecia muito chocada.

– Muitas vezes desejei contar para você e para minha mãe – acrescentou Elinor – e tentei fazê-lo uma ou duas vezes. Mas sem trair minha palavra, nunca conseguiria convencê-las.

– Quatro meses! E ainda assim você o amava!

– Sim. Mas não amava apenas ele e, apesar do conforto dos outros ter sido importante para mim, fiquei feliz por poupá-los de saber como me sentia. Agora, posso pensar e falar sobre isso com menos emoção. Não gostaria que você sofresse por minha causa, pois asseguro que não sofro

muito mais. Tenho várias coisas em que me apoiar. Não estou consciente de ter provocado a decepção por qualquer imprudência minha, aguentei o máximo possível sem contar a ninguém. Absolvo Edward de má conduta. Desejo que seja muito feliz, e tenho tanta certeza de que ele sempre cumprirá seu dever que, embora possa sentir agora algum arrependimento, no final ele será feliz. Lucy não necessita de juízo, e essa é a base sobre a qual tudo de bom pode ser construído. E, afinal de contas, Marianne, apesar de tudo que é fascinante na ideia de um amor único e constante, e de tudo que se pode dizer da felicidade de alguém dependendo inteiramente de uma pessoa específica, não quer dizer... não é adequado... não é possível que deva ser assim. Edward vai se casar com Lucy. Ele se casará com uma mulher superior, em aspecto e inteligência, à metade das outras mulheres. O tempo e o hábito vão ensiná-lo a esquecer que jamais considerou algum dia que outra fosse superior a ela.

– Se esta é sua maneira de pensar – disse Marianne –, se a perda daquilo que é mais valorizado é com facilidade compensado por outra coisa, sua determinação e seu autocontrole talvez sejam menos espantosos. Estão mais próximos da minha compreensão.

– Eu a entendo. Você acha que nunca senti muita coisa. Durante quatro meses, Marianne, tive tudo isso na minha mente, sem ter a liberdade de falar a respeito com ninguém, sabendo que você e minha mãe ficariam muito infelizes quando soubessem, mas incapaz de prepará-las para isso, de maneira alguma. Contaram a mim... De certo modo foi uma informação imposta pela própria pessoa, cujo compromisso anterior arruinou todas as minhas perspectivas. E ela me contou isso, como pensei, com triunfo. Portanto, precisei evitar que essa pessoa suspeitasse de qualquer coisa, esforçando-me para parecer indiferente, quando estava profundamente interessada, e não foi apenas uma vez. Tive que ouvir suas esperanças e exultações repetidas vezes. Sei que estou afastada de Edward para sempre, sem ter ouvido uma única circunstância que pudesse me fazer desejar menos esta ligação. Nada nele provou ser indigno, tampouco indicou que fosse indiferente a mim. Tive que enfrentar a crueldade da irmã e a insolência da mãe dele, e sofri o castigo de uma ligação sem desfrutar de suas vantagens. E tudo isso aconteceu em um momento no qual, como você sabe muito bem, esta não era minha única infelicidade. Se você consegue achar que sou de sentir, decerto pode imaginar agora o quanto sofri. A tranquilidade que tenho no momento para considerar o assunto e o

consolo que tenho aceitadosão resultados de um empenho constante e doloroso. Eles não surgiram sozinhos, não surgiram para aliviar meu ânimo no início. Não, Marianne. Na época, se eu não tivesse jurado permanecer em silêncio, talvez nada teria me impedido, nem mesmo o que devia aos meus queridos amigos, de mostrar abertamente que eu estava muito infeliz.

Marianne ficou bastante consternada.

– Ah! Elinor – ela exclamou –, você me fez me odiar para sempre. Como fui má com você! Você, que tem sido meu único conforto, que me apoiou durante todo meu sofrimento, que parecia sofrer apenas por mim! Essa é a minha gratidão? É a única recompensa que posso oferecer? Você deve chorar nos meus ombros, assim como eu fiz!

O carinho mais delicado seguiu-se a essa confissão. No estado de espírito que Marianne estava, Elinor não teve dificuldade em obter a promessa que queria e, a seu pedido, Marianne se comprometeu a nunca falar sobre o caso com ninguém demonstrando qualquer amargura, a encontrar-se com Lucy sem trair que sentia uma aversão minimamente maior por ela e mesmo a ver o próprio Edward, se o acaso os reunisse, sem qualquer diminuição de sua cordialidade habitual. Eram grandes concessões, mas, quando Marianne sentia que tinha feito algum mal, nenhuma reparação poderia ser demais para ela.

Marianne cumpriu de modo admirável a promessa de ser discreta. Ela ouviu com uma expressão imutável tudo o que a senhora Jennings tinha a dizer sobre o assunto, não discordou de nada e foi ouvida falando três vezes: “Sim, senhora.” Ela ouviu seus elogios a Lucy apenas mudando de uma cadeira para outra, e quando a senhora Jennings falou sobre o carinho de Edward, isso lhe custou apenas um espasmo na garganta. Tais avanços heroicos da irmã fizeram com que Elinor se sentisse igualmente forte.

A manhã seguinte trouxe um desafio ainda maior, com a visita de seu irmão, que veio com um aspecto muito sério conversar sobre o terrível caso e trazer notícias da esposa.

– Vocês já ouviram, suponho – disse ele com grande solenidade, assim que se sentou –, a descoberta de algo muito chocante que ocorreu na nossa casa ontem.

Todas assentiram. Parecia um momento muito horrível para falar.

– Sua cunhada – ele continuou – sofreu terrivelmente. A senhora Ferrars também. Resumindo, foi uma cena de angústia muito complicada, mas

espero que a tempestade possa ser superada sem que fiquemos abalados demais. Pobre Fanny! Ela ficou histérica o dia inteiro ontem. Mas não precisam se alarmar. Donavan afirmou que não há nada físico a temer, a constituição dela é boa e sua determinação pode enfrentar qualquer coisa. Ela suportou tudo com a fortaleza de um anjo! Diz que nunca mais acreditará em ninguém, e é fácil entender isso, depois de ter sido tão enganada! Encontrar tanta ingratidão, depois de demonstrar tanta gentileza, de depositar tanta confiança! Foi por benevolência de seu coração que ela convidara essas jovens para nossa casa, apenas porque achava que mereciam alguma atenção, eram meninas inofensivas e bem-comportadas, e seriam companhias agradáveis, pois, do contrário, nós dois desejávamos convidar você e Marianne para ficar conosco enquanto sua amável amiga estava cuidando da filha. E veja que recompensa! “Desejaria, do fundo do coração”, disse a pobre Fanny de maneira afetuosa, “que tivéssemos convidado suas irmãs em vez das duas”.

Neste ponto, ele parou para ser agradecido, o que foi feito, e continuou.

– O que a pobre senhora Ferrars sofreu, quando Fanny contou a ela, não deve ser descrito. Enquanto ela, com o afeto mais verdadeiro, planejava uma conexão mais conveniente para ele, Edward estava o tempo todo comprometido secretamente com outra pessoa! Ela nunca poderia ter suspeitado disso! Se suspeitasse de qualquer ligação com outra pessoa, não poderia ser *dali*. “Ali, com certeza”, disse ela, “eu achava que estava segura”. Ficou bastante agoniada. Pensamos juntos, no entanto, o que deveria ser feito, e por fim ela determinou que Edward deveria ser chamado. Ele veio. Mas lamento contar o que aconteceu. Tudo o que a senhora Ferrars poderia ter dito para convencê-lo a terminar com o compromisso, auxiliada também, como podem supor, por meus argumentos e pelas súplicas de Fanny, foi inútil. Dever, carinho, tudo foi desconsiderado. Eu nunca pensara que Edward fosse tão teimoso, tão insensível. A mãe lhe explicou suas intenções generosas, caso se casasse com a senhorita Morton. Disse que o estabeleceria na propriedade de Norfolk, a qual, depois de pagos os impostos, rende boas mil libras por ano. Até mesmo ofereceu, quando as coisas ficaram desesperadas, 1.200 libras. E, ao contrário, se ele ainda persistisse nessa união pouco vantajosa, descreveu a penúria certa que resultaria da união. As duas mil libras que são dele, ela afirmou, seriam tudo que ganharia. Ela nunca mais o veria e estaria tão determinada a não lhe oferecer o menor auxílio que,

caso ele entrasse em qualquer profissão com o objetivo de melhorar sua renda, ela faria tudo em seu poder para impedir que fosse bem-sucedido.

Neste ponto, Marianne, demonstrando um êxtase de indignação, bateu as mãos e exclamou:

– Deus misericordioso! Como pode ser possível?

– Você pode muito bem se surpreender, Marianne – respondeu seu irmão –, com a obstinação que poderia resistir a argumentos como esses. Sua exclamação é muito natural.

Marianne ia responder, mas se lembrou de suas promessas e desistiu.

– Tudo isso, no entanto – ele continuou –, foi em vão. Edward disse muito pouco, mas o que disse, foi da maneira mais determinada. Nada o convenceria a desistir do compromisso. Ele o manteria, não importava a que custo.

– Então – exclamou a senhora Jennings com uma sinceridade direta, não conseguindo mais ficar quieta – ele atuou como um homem honesto! Perdoe-me, senhor Dashwood, mas, se ele tivesse feito outra coisa, eu pensaria que era um patife. Tenho uma pequena preocupação nessa situação, assim como o senhor, pois Lucy Steele é minha prima, e acredito que não há melhor moça no mundo, tampouco alguma que seja mais merecedora de um bom marido.

John Dashwood ficou atônito, mas sua natureza era calma e não estava aberta a provocações, e ele nunca desejava ofender ninguém, especialmente alguém de boa fortuna. Ele respondeu, portanto, sem demonstrar nenhum ressentimento:

– De maneira alguma eu falaria de maneira desrespeitosa de qualquer parente da senhora. A senhorita Lucy Steele é, ousado dizer, uma jovem muito merecedora, mas no presente caso, a senhora sabe, o casamento deve ser impossível. E ter entrado em um compromisso secreto com um jovem sob o cuidado de seu tio, o filho de uma mulher de tão grande fortuna como a senhora Ferrars, talvez seja um pouco extraordinário. Resumindo, não quero refletir sobre o comportamento de qualquer pessoa que seja de sua consideração, senhora Jennings. Todos desejamos que ela seja extremamente feliz, e a conduta da senhora Ferrars em todo esse assunto foi a mesma que toda mãe consciente e boa, em circunstâncias semelhantes, adotaria. Foi digna e generosa. Edward jogou com a sorte e temo que não será bom para ele.

Marianne suspirou, manifestando a mesma apreensão, e o coração de

Elinor se contorceu pelos sentimentos de Edward, enquanto enfrentava as ameaças da mãe, por uma mulher que não podia recompensá-lo.

– Bem, senhor – disse a senhora Jennings –, e como terminou?

– Lamento dizer, madame, em uma ruptura muito infeliz: Edward foi afastado para sempre da mãe. Ele deixou a casa dela ontem, mas para onde foi, ou se ainda está na cidade, eu não sei, pois nós, é claro, não podemos fazer nenhuma pergunta.

– Pobre jovem! E o que será dele?

– O quê, de fato, senhora? É uma consideração melancólica. Nascido com a perspectiva de tal riqueza! Não posso pensar em uma situação mais deplorável. Os juros de duas mil libras: como um homem pode viver com isso? E quando acrescentarmos a isso a lembrança de que ele poderia, se não fosse sua loucura, em três meses receber 2.500 libras por ano (pois a senhorita Morton possui trinta mil libras), não consigo imaginar uma condição mais miserável. Todos sentimos por ele, e ainda mais por estar totalmente fora de nosso poder ajudá-lo.

– Pobre jovem! – exclamou a senhora Jennings. – Garanto que ele será muito bem-vindo para dormir e se hospedar na minha casa. E falaria isso a ele se pudesse encontrá-lo. Não é adequado que esteja vivendo sozinho agora, em alojamentos e tavernas.

O coração de Elinor agradeceu a ela por essa bondade em relação a Edward, embora não pudesse deixar de sorrir diante da maneira que fora manifestada.

– Se ele ao menos tivesse se saído tão bem por conta própria – disse John Dashwood – quanto todos os seus amigos estavam dispostos a fazer por ele, poderia agora estar em uma situação adequada e não precisaria de nada. Mas, como escolheu outro caminho, está fora do poder de qualquer um ajudá-lo. E há mais uma coisa preparada contra ele, que deve ser a pior: sua mãe determinou, com um espírito muito natural, passar de imediato aquela propriedade para Robert, a qual deveria ser de Edward em condições apropriadas. Eu a deixei nessa manhã com seu advogado, para discutir o assunto.

– Bem! – disse a senhora Jennings. – Essa é a vingança dela. Todo mundo tem uma maneira própria. Mas não acho que a minha seria tornar um filho independente porque outro me atormentou.

Marianne levantou-se e caminhou pela sala.

– Pode algo ser mais vergonhoso para o espírito de um homem –

continuou John – do que ver o irmão mais novo em posse de uma propriedade que poderia ter sido sua? Pobre Edward! Sinto por ele, sinceramente.

Mais alguns minutos foram gastos no mesmo tipo de lamentação e a visita foi concluída. E com repetidas garantias às irmãs de que realmente acreditava que não havia perigo real na indisposição de Fanny e que não precisavam, portanto, ficar preocupadas com isso, ele foi embora, deixando as três damas com opiniões unânimes sobre o que ocorrera, pelo menos em relação à conduta da senhora Ferrars, dos Dashwood e de Edward.

A indignação de Marianne explodiu assim que ele saiu da sala e, como sua veemência tornava a reserva impossível para Elinor e desnecessária para a senhora Jennings, todas se juntaram em uma crítica muito animada sobre os envolvidos.

Capítulo 38

A senhora Jennings foi muito calorosa em seu elogio à conduta de Edward, mas apenas Elinor e Marianne entenderam seu verdadeiro mérito. Só elas sabiam o quão pouco ele tivera para tentá-lo a ser desobediente, e o quanto o consolo era pequeno, além da consciência de fazer a coisa certa, que poderia lhe restar após a perda de amigos e fortuna. Elinor glorificou sua integridade e Marianne perdoou todas as suas ofensas por compaixão pelo seu castigo. Embora a confiança entre elas tivesse sido restaurada à condição apropriada por esta revelação pública, não era um assunto sobre o qual gostassem de falar quando estavam sozinhas. Elinor evitava por princípio, tendendo a fixar-se ainda mais em seus pensamentos, pois preferia que desaparecessem as certezas calorosas e positivas de Marianne, que ainda achava que Edward gostava dela. E a coragem de Marianne logo desapareceu, ao tentar falar sobre um assunto que sempre a deixava mais insatisfeita do que nunca consigo mesma, pela comparação que necessariamente produzia entre a conduta de Elinor e a dela.

Ela sentiu toda a força dessa comparação, mas não como esperava a irmã, de uma maneira que a obrigasse a se esforçar agora. Ela a sentia com toda a dor da autorreprovação contínua, lamentando com mais amargura do que

nunca ter se esforçado antes, mas isso trouxe apenas a tortura da penitência, sem a esperança da reparação. Sua mente estava tão enfraquecida que ainda achava que qualquer esforço no momento era impossível, de modo que isso apenas a desanimava mais.

Por um ou dois dias, não ficaram sabendo de mais nada dos assuntos na Rua Harley ou em Bartlett's Buildings. Mas, embora já soubessem tanto sobre o assunto que a senhora Jennings poderia ter bastante o que fazer para espalhar o que sabia sem precisar averiguar mais nada, ela decidira desde o começo fazer uma visita de conforto e perguntas às primas assim que possível. E nada além de uma quantidade maior de visitantes do que o habitual a impediria que fosse até elas.

O terceiro dia depois de tomarem conhecimento dos detalhes foi um domingo tão agradável, tão lindo, que atraiu muitas pessoas para os Jardins de Kensington, embora fosse apenas a segunda semana de março. A senhora Jennings e Elinor juntaram-se à multidão, mas Marianne, que sabia que os Willoughby estavam novamente na cidade, e tinha um medo constante de encontrá-los, preferiu ficar em casa a se aventurar em um lugar tão público.

Uma amiga íntima da senhora Jennings juntou-se a elas logo após entrarem nos jardins, e Elinor não lamentou que continuasse com elas, pois concentrando toda a conversa da senhora Jennings, permitiu que se dedicasse à reflexão. Ela não viu os Willoughby nem Edward e, por algum tempo, ninguém que, por algum acaso, sério ou alegre, a interessasse. Mas, por fim, com alguma surpresa, foi abordada pela senhorita Steele, que, apesar de parecer um pouco tímida, expressou grande satisfação em encontrá-las e, encorajada pela bondade singular da senhora Jennings, deixou seu grupo por algum tempo para se juntar ao delas. A senhora Jennings sussurrou de imediato para Elinor:

– Tire o máximo dela, minha querida. Ela lhe dirá qualquer coisa se você perguntar. Você vê que não posso deixar a senhora Clarke.

Contudo, foi um golpe de sorte para a curiosidade da senhora Jennings, e também a de Elinor, que ela contou tudo sem ser perguntada, pois de outra maneira não saberiam de nada.

– Estou tão feliz em encontrá-la – disse a senhorita Steele, tomando-a familiarmente pelo braço –, pois o que mais desejava era ver vocês. – E então, baixando a voz: – Suponho que a senhora Jennings já saiba de tudo. Ela está brava?

– De jeito nenhum, acredito, com você.
– Isto é bom. E lady Middleton, ela está brava?
– Não posso supor que estaria.
– Fico muito feliz por isso. Bom Deus! Tenho passado por tantas coisas! Nunca vi Lucy tão furiosa na minha vida. Inicialmente, jurou que nunca mais decoraria um chapéu meu, nem voltaria a fazer nada por mim, enquanto vivesse. Mas agora ela recobrou a razão e somos boas amigas como sempre. Veja, ela fez esse laço no meu chapéu, e colocou a pena na noite passada. Agora, você também vai rir de mim. Mas por que eu não deveria usar fitas cor-de-rosa? Não me importa se é a cor favorita do doutor. Garanto que nunca saberia que ele gosta mais de uma cor do que de outra se ele não tivesse dito por acaso. Minhas primas têm me irritado tanto! Afirmo que, às vezes, não sei para onde olhar quando estou com elas.

Ela tinha divergido para um assunto sobre o qual Elinor não tinha nada para dizer, de modo que logo julgou oportuno encontrar o caminho de volta para o primeiro assunto.

– Bem, mas, senhorita Dashwood – falando triunfante –, as pessoas podem dizer o que quiserem sobre o senhor Ferrars, declarando que não se casaria com Lucy, pois posso lhe dizer que não é este o caso, e é uma pena que comentários tão mal-intencionados sejam espalhados por aí. Ninguém tem o direito de definir com precisão o que quer que Lucy esteja pensando sobre o assunto, você sabe.

– Nunca ouvi nenhuma insinuação desse tipo, posso lhe assegurar – disse Elinor.

– Ah, não? Mas foi dito, sei muito bem, e por mais de uma pessoa. A senhorita Godby disse à senhorita Sparks que ninguém em seu bom juízo poderia esperar que o senhor Ferrars desistisse de uma mulher como a senhorita Morton, com uma fortuna de trinta mil libras, por Lucy Steele, que não tem nada. E ouvi isso da própria senhorita Sparks. Além disso, meu primo Richard disse que estava com medo de que o senhor Ferrars viesse a desistir quando chegasse a hora. E quando Edward não nos visitou por três dias, fiquei sem saber o que pensar. E acredito do fundo do coração que Lucy achava que tudo estava perdido, pois saímos na quarta-feira da casa do seu irmão e não vimos Edward na quinta-feira, na sexta-feira e no sábado, e não sabíamos o que acontecera com ele. Em um momento, Lucy pensou em escrever, mas depois seu ânimo fez com que

desistisse. No entanto, nesta manhã, ele apareceu justamente quando chegamos em casa da igreja e explicou tudo, como fora chamado na quarta-feira até a Rua Harley, como fora duramente repreendido pela mãe e por todos os outros, como declarara diante deles que não amava mais ninguém além de Lucy e que se casaria apenas com ela. E como ficara tão preocupado com o que aconteceu que pegou seu cavalo assim que saiu da casa da mãe e cavalgara para algum lugar no campo, e como passara toda a quinta-feira e sexta-feira em uma pousada, com o propósito de pensar melhor. E depois de pensar muito, ele contou, parecia que, agora que não tinha fortuna, nem nenhuma outra coisa, seria muito indelicado obrigá-la a manter o compromisso, pois seria uma perda para ela, já que ele só tinha duas mil libras, e nenhuma esperança de conseguir mais nada. Se ele fosse ordenado, como chegara a cogitar, não poderia conseguir nenhuma posição além de assistente de paróquia, e como poderiam viver com isso? Ele não podia suportar a ideia de que ela poderia conseguir algo melhor, e então implorou para que ela, caso tivesse o mínimo de bom senso, terminasse o assunto de uma vez, permitindo que ele seguisse seu caminho sozinho. Eu o ouvi dizer tudo isso tão claro como poderia ser. E foi inteiramente pelo bem dela, e por consideração por ela, que ele falou em desistir, e não por ele. Juro que Edward nunca disse uma palavra sobre estar cansado dela ou querer casar-se com a senhorita Morton ou qualquer coisa do gênero. Mas, com certeza, Lucy não daria ouvidos a esse tipo de conversa, então ela disse (com muito doçura e amor, você sabe, e tudo o mais. Ah! Não se pode repetir esse tipo de coisa, você sabe), ela falou sem vacilar que não tinha nenhuma intenção de terminar o compromisso, pois poderia viver com ele com uma ninharia, e que ficaria muito feliz com o que quer que ele tivesse, você sabe, ou algo do gênero. Então, ele ficou muito feliz e falou por algum tempo sobre o que eles deveriam fazer, e concordaram que ele deveria ser ordenado de imediato e deveriam esperar para se casar até que ele tivesse uma posição. E então, não consegui ouvir mais nada, pois minha prima me chamou do andar de baixo para me dizer que a senhora Richardson chegara com sua carruagem e nos levaria para os Jardins de Kensington. Com isso, fui forçada a entrar na sala e interrompê-los para perguntar a Lucy se gostaria de ir, mas ela não queria deixar Edward, então subi as escadas, coloquei um par de meias de seda e saí com os Richardson.

– Não entendo o que quer dizer com interrompê-los – disse Elinor. – Você

estava na mesma sala que eles, não estava?

– Não, na verdade, não estava. Ah! Senhorita Dashwood, você acha que as pessoas falam palavras de amor quando tem alguém por perto? Ah, que vergonha! Tenho certeza de que você deve saber disso – ela riu com afetação. – Não, não. Eles estavam fechados na sala de estar sozinhos, e tudo o que ouvi foi só por escutar atrás da porta.

– Como! – exclamou Elinor. – Você está me repetindo o que descobriu ouvindo atrás da porta? Lamento não ter sabido antes disso, pois decerto não teria permitido que você me desse detalhes de uma conversa que você mesma não deveria ter ouvido. Como pode se comportar tão injustamente com sua irmã?

– Ah! Não há nada de mal nisso. Só estava à porta e ouvi o que podia. E tenho certeza de que Lucy teria feito o mesmo por mim, pois há um ou dois anos, quando Martha Sharpe e eu tínhamos tantos segredos juntas, ela não fez a menor questão de ocultar que se escondia em um armário ou atrás da grade da lareira, com o propósito de ouvir o que dizíamos.

Elinor tentou falar de outra coisa, mas a senhorita Steele só podia ficar uns poucos minutos sem falar do que mais a preocupava.

– Edward fala de ir para Oxford em breve – disse ela –, mas agora está hospedado no número... na Pall Mall. Que mãe desnaturada é a dele, não? E seu irmão e sua cunhada não foram muito gentis! No entanto, não devo dizer nada contra eles para você, e saiba que eles nos enviaram para casa em sua própria carruagem, que era mais do que eu esperava. E de minha parte, eu estava com medo de que sua cunhada nos pedisse de volta as caixas de costura que nos deu um dia ou dois antes. No entanto, nada foi dito sobre elas, e tomei o cuidado de me manter fora de vista. Edward disse que tinha algum assunto a tratar em Oxford, então precisa ir para lá por algum tempo. E depois disso, assim que encontrar um bispo, será ordenado. Pergunto-me que paróquia ele vai conseguir! Bom Deus! – rindo enquanto falava. – Eu daria tudo para saber o que minhas primas dirão quando ouvirem isso. Vão me dizer que eu deveria escrever para o doutor, para que Edward consiga a paróquia onde levará sua nova vida. Sei que dirão isso, mas estou certa de que não faria tal coisa por nada do mundo. “Ah!”, serei bem direta, “Como podem pensar em tal coisa? Escrever para o doutor, francamente!”

– Bem – disse Elinor –, é um conforto estar preparado para o pior. Você já tem sua resposta pronta.

A senhora Steele ia falar sobre isso, mas a aproximação de seu grupo a obrigou a mudar de assunto.

– Oh! Aí vêm os Richardson. Tinha muito mais a lhe dizer, mas não devo ficar mais tempo longe deles. Garanto que são pessoas muito gentis. O marido ganha muito dinheiro, e possuem a própria carruagem. Não tenho tempo para falar com a senhora Jennings pessoalmente sobre este assunto, mas, por favor, diga a ela que estou muito feliz por saber que ela não está irritada conosco, e o mesmo para lady Middleton. E caso aconteça algo que faça com que você e sua irmã tenham que ir embora, e a senhora Jennings quiser companhia, asseguro que ficaríamos muito felizes em ficar com ela pelo tempo que ela quiser. Imagino que lady Middleton não nos pedirá mais nada desta vez. Adeus. Lamento que a senhorita Marianne não esteja aqui. Dê minhas saudações a ela. Ah! Você está com seu vestido de musselina de bolinhas! Pergunto-me se não está com medo de rasgá-lo.

Essa era sua preocupação na despedida, pois, depois disso, apenas teve tempo para cumprimentar a senhora Jennings, antes que sua companhia fosse reivindicada pela senhora Richardson. E Elinor foi deixada em posse de informações que poderiam alimentar suas reflexões por algum tempo, embora tivesse descoberto pouco mais do que já previra ou imaginara. O casamento de Edward com Lucy estava tão decidido, e o momento de sua realização permanecia tão incerto quanto ela concluía que aconteceria: tudo dependia, exatamente como era sua expectativa, de que ele conseguisse alguma posição, algo que, no presente, não parecia haver a menor chance.

Assim que voltaram para a carruagem, a senhora Jennings estava bastante ansiosa por informações, mas como Elinor desejava divulgar o mínimo possível daquilo que, em primeiro lugar, fora obtido tão injustamente, ela limitou-se à breve repetição de simples detalhes, aqueles que sabia que Lucy, devido aos próprios interesses, gostaria de divulgar. Tudo que comunicou foi a continuidade do compromisso deles e os meios que poderiam ser tomados para que se casassem, o que produziu a seguinte observação da senhora Jennings:

– Esperar que ele tenha uma posição! Sim, todos sabemos como isso vai acabar: eles esperarão por um ano e, quando descobrirem que isso não vai funcionar, vão se estabelecer em uma paróquia de cinquenta libras por ano, com os juros das duas mil libras dele e o pouco que o senhor Steele e o senhor Pratt puderem dar a ela. E terão uma criança todos os anos! E que Deus os ajude! Como serão pobres! Devo ver o que posso dar para ajudar a mobiliar a casa deles. Duas criadas e dois empregados, na verdade! Como falei outro dia. Não, não, eles devem ter uma menina robusta para todos os trabalhos. A irmã da Betty nunca serviria para eles agora.

A manhã seguinte trouxe a Elinor uma carta da própria Lucy, por meio do correio expresso. Ela dizia:

Bartlett's Building, março.

Espero que a querida senhorita Dashwood perdoe minha liberdade de escrever-lhe, mas sei que sua amizade por mim fará com que fique satisfeita ao ouvir boas notícias de mim e do meu querido Edward depois de todos os problemas que enfrentamos ultimamente. Portanto, não pedirei mais desculpas e contarei que, graças a Deus, apesar de termos sofrido tanto, ambos estamos bem agora e tão felizes como sempre devemos estar com o amor um do outro. Tivemos grandes

provações e grandes perseguições, entretanto, ao mesmo tempo, reconhecemos com gratidão muitos amigos, e você não é a menor entre eles, de cuja grande bondade sempre me lembrarei, assim como Edward, com quem falei a respeito. Tenho certeza de que você ficará contente em saber, assim como a querida senhora Jennings, que passei duas horas felizes com ele na tarde de ontem. Ele não queria ouvir falar da nossa separação, embora eu, como achava que meu dever exigia, insisti ansiosamente por causa da prudência, e teria me separado dele para sempre no ato, se ele consentisse. Mas ele disse que isso nunca aconteceria, que não se importava com a raiva da mãe enquanto pudesse ter minha afeição. Nossas perspectivas não são muito brilhantes, com certeza, mas devemos aguardar e esperar o melhor. Ele será ordenado em breve, e se estiver em seu poder recomendá-lo a alguém que tenha um trabalho a oferecer, tenho certeza de que não se esquecerá de nós. E também a querida senhora Jennings, confio que falará bem de nós para sir John ou o senhor Palmer, ou para qualquer amigo que possa nos ajudar. A pobre Anne foi muito culpada pelo que fez, mas fez por bem, então não digo nada. Espero que a senhora Jennings não ache muito complicado nos visitar, caso venha para cá alguma manhã, seria uma grande gentileza, e minhas primas ficariam orgulhosas de conhecê-la. O papel me lembra que devo concluir, e imploro que transmita minhas lembranças respeitosas e gratas a ela, sir John, lady Middleton e seus queridos filhos, quando você tiver a chance de vê-los, e carinho para a senhorita Marianne, Sua, etc., etc.

Assim que Elinor terminou, ela fez o que concluiu que fosse o objetivo real da remetente, colocando a carta nas mãos da senhora Jennings, que a leu em voz alta com muitos comentários de satisfação e louvor.

– Muito bem, de fato! Como escreve de maneira graciosa! Sim, foi muito correto permitir que ele desistisse do casamento se assim desejasse. Lucy é exatamente assim. Pobre alma! Gostaria de poder conseguir um trabalho para ele, de todo meu coração. Ela me chama de querida senhora Jennings, como pode ver. Ela é a jovem de melhor coração que já viveu. Muito bem, na minha opinião. Essa frase está muito bem colocada. Sim, sim, vou vê-la, com certeza. Como ela é atenciosa, pensando em todo mundo! Obrigada, minha querida, por me mostrar. É a carta mais bonita que já vi, e a cabeça e o coração de Lucy possuem grande mérito.

Capítulo 39

As senhoritas Dashwood já estavam havia mais de dois meses na cidade, e a impaciência de Marianne para partir aumentava todos os dias. Ela suspirava pelo ar, pela liberdade, pelo silêncio do campo e achava que, se algum lugar pudesse aliviá-la, deveria ser Barton. Elinor não estava menos ansiosa do que ela para partir e apenas menos inclinada a realizá-la de imediato, pois estava consciente das dificuldades de uma jornada tão longa, algo que Marianne não conseguia entender. Começou, contudo, a pensar seriamente na realização da viagem, e já mencionara seus desejos para sua amável anfitriã, que resistiu com toda a eloquência de sua boa vontade quando foi sugerido um plano que, apesar de atrasar a ida delas para casa por ainda mais algumas semanas, pareceu para Elinor muito melhor do que qualquer outro. Os Palmer iam para Cleveland no final de março, para a Páscoa, e a senhora Jennings, com suas duas hóspedes, recebeu um convite muito caloroso de Charlotte para acompanhá-los. Isso não seria suficiente, por si só, para a delicadeza da senhorita Dashwood, mas foi reforçado com tanta polidez autêntica pelo próprio senhor Palmer que, somada ao quanto ele corrigira sua atitude em relação a elas desde que soube que sua irmã estava infeliz, a induziu a aceitar o convite com prazer.

Quando disse a Marianne o que fizera, no entanto, a primeira resposta não foi muito auspiciosa.

– Cleveland! – ela exclamou, com grande agitação. – Não, não posso ir para Cleveland.

– Você esquece – disse Elinor gentilmente – que sua localização não é... que não fica perto de...

– Mas fica em Somersetshire. Não posso ir para Somersetshire. Lá, para onde eu esperava ir... Não, Elinor, você não pode esperar que eu vá para lá.

Elinor não discutiria a conveniência de superar tais sentimentos, apenas tentava enfraquecê-los, despertando outros. Portanto, apresentava a viagem como uma medida que diminuiria o tempo de sua volta para aquerida mãe, a quem tanto desejava ver, de uma maneira mais possível, mais confortável, do que qualquer outro plano poderia fazer, e talvez sem um grande atraso. De Cleveland, que ficava a poucos quilômetros de Bristol, a distância para Barton não era mais do que um dia, embora um

longo dia de viagem. E o criado de sua mãe poderia com facilidade chegar lá para ajudá-las. E como não haveria nenhum motivo para ficarem mais do que uma semana em Cleveland, agora poderiam estar em casa em pouco mais de três semanas. Como o amor de Marianne pela mãe era sincero, ele deveria triunfar com pouca dificuldade sobre os males imaginários que a ida a Cleveland tinham despertado nela.

A senhora Jennings encontrava-se tão longe de estar cansada das convidadas que as pressionou com sinceridade para que voltassem com ela novamente de Cleveland. Elinor estava agradecida pela atenção, mas ela não podia alterar seu plano, e tendo logo obtido a aprovação da mãe, tudo relativo ao retorno delas foi organizado na medida do possível. E Marianne encontrou um pouco de alívio calculando as horas que ainda a separavam de Barton.

– Ah! Coronel, sinceramente não sei o que você e eu faremos sem as senhoritas Dashwood – foi como a senhora Jennings se dirigiu a ele quando veio visitá-la pela primeira vez depois que a partida delas estava resolvida –, pois estão decididas a ir para casa depois da viagem com os Palmer, e como ficaremos solitários quando eu voltar! Senhor! Vamos nos sentar e olhar um para o outro tão aborrecidos quanto dois gatos.

Talvez a senhora Jennings tivesse a esperança, com este esboço vigoroso de seu futuro tédio, de provocá-lo a fazer o pedido que poderia livrá-lo desse destino. E, em caso afirmativo, pouco depois ela teve boas razões para pensar que seu objetivo fora alcançado, pois, quando Elinor foi até a janela para calcular melhor as dimensões de um quadro que copiaria para sua amiga, ele a seguiu com um olhar cheio de significado e conversou com ela por vários minutos. O efeito dessa conversa sobre Elinor não podia escapar da observação da senhora Jennings, pois, embora fosse muito honrada para escutar, e até tivesse mudado de cadeira, para que não pudesse ouvir, para perto do piano que Marianne estava tocando, não conseguiu evitar ver que Elinor mudou de cor, ficou agitada e estava atenta demais ao que ele dizia para continuar tirando as medidas do quadro. Confirmando ainda mais suas esperanças, no intervalo que Marianne mudou de uma partitura para outra, algumas palavras do coronel inevitavelmente chegaram ao ouvido dela, nas quais ele parecia se desculpar pelo mau estado de sua casa. Isso colocou a questão acima de qualquer dúvida. Ela perguntou-se, na verdade, por que ele considerara necessário fazer aquilo, mas supôs que era apropriado de acordo com a

etiqueta. O que Elinor respondeu, ela não conseguia distinguir, mas julgando pelo movimento de seus lábios, não achava que fosse alguma objeção e a senhora Jennings elogiou-a em seu coração por ser tão honesta. Eles então conversaram por mais alguns minutos sem que ela ouvisse uma palavra, quando outra parada de Marianne no ponto exato trouxe essas palavras na voz calma do coronel:

– Tenho medo de que não possa acontecer tão em breve.

Surpreendida e chocada com um discurso tão pouco carinhoso, ela estava quase pronta para gritar: “Senhor, o que o impede?”, mas contendo seu desejo, limitou-se a esta exclamação silenciosa:

– Isso é bastante estranho! Claro que ele não precisa esperar ficar mais velho.

Este atraso do lado do coronel, no entanto, não parecia ofender ou envergonhar nem um pouco sua bela companhia, pois, ao terminarem com a conversa logo depois e indo para lados diferentes, a senhora Jennings ouviu muito bem Elinor dizer e com uma voz que mostrava que sentia o que estava falando:

– Sempre serei muito grata ao senhor.

A senhora Jennings ficou encantada com a gratidão dela e só estranhou que depois de ouvir tal frase o coronel pudesse, com o máximo de sangue frio, despedir-se delas, como fez de imediato, sem dar nenhuma resposta a Elinor. Não achava que seu velho amigo pudesse se mostrar um pretendente tão indiferente.

O que na realidade acontecera entre eles foi o seguinte:

– Ouvi dizer – ele falou com grande compaixão – sobre a injustiça que seu amigo, o senhor Ferrars, sofreu da própria família, pois, se entendi bem o assunto, ele foi totalmente rejeitado por perseverar no compromisso com uma jovem muito merecedora. Fui informado de maneira correta? Foi isso?

Elinor contou que foi.

– A crueldade, a crueldade insensível – ele respondeu, com grande sentimento – de separar, ou tentar separar, dois jovens ligados um ao outro é terrível. A senhora Ferrars não sabe o que está fazendo, o que pode obrigar seu filho a fazer. Vi o senhor Ferrars duas ou três vezes na Rua Harley, e gostei muito dele. Ele não é um jovem com quem alguém possa ficar íntimo em pouco tempo, mas já vi o suficiente dele para desejar seu bem, e como é seu amigo, desejo ainda mais. Entendo que ele pretende se

ordenar. A senhorita faria a gentileza de dizer a ele que a paróquia de Delaford, que acabou de ficar vaga, como fui informado pelo correio de hoje, é dele, se achar que vale a pena aceitá-la, mas acho que não haverá dúvida quanto a isso, considerando a situação tão infeliz em que ele se encontra. Só gostaria que o valor fosse maior. É uma casa paroquial, mas pequena. O antigo incumbente, acredito, não ganhava mais de duzentas libras por ano, e embora seja decerto capaz de melhorar, receio que não melhore o suficiente para uma quantia que lhe dê uma renda muito confortável. No entanto, terei muito prazer em oferecê-la a ele. Por favor, assegure-o disso.

O espanto de Elinor com esse pedido dificilmente poderia ter sido maior, mesmo se o coronel tivesse de fato pedido sua mão em casamento. A posição, que apenas dois dias antes ela considerara impossível para Edward, já fora concedida para permitir que ele se casasse e ela, entre todas as pessoas no mundo, estava encarregada de concedê-la! Sua emoção foi tanta que a senhora Jennings a atribuiu a uma causa muito diferente, mas, ainda que sentimentos menores e menos puros, menos agradáveis, pudessem ter uma participação naquela emoção, a estima que sentiu pela benevolência geral e a gratidão pela amizade, que somadas levaram o coronel Brandon a este ato, foram intensas e calorosamente expressadas. Ela o agradeceu com todo seu coração, falou sobre os princípios e a disposição de Edward com o louvor que sabia que mereciam e prometeu transmitir com prazer a oferta, se fosse desejo do coronel incumbir outra pessoa de uma tarefa tão agradável. Mas, ao mesmo tempo, não podia deixar de pensar que ninguém poderia executá-la tão bem quanto ele próprio. Era um encargo, resumindo, do qual, não querendo dar a Edward o constrangimento de receber uma obrigação dela, ela ficaria muito feliz de ser poupada, mas o coronel Brandon, por motivos de igual delicadeza, também recusando-a, parecia tão desejoso que a notícia fosse transmitida por ela que ela não iria, em nenhuma circunstância, se opor a isso. Edward, ela acreditava, ainda estava na cidade e, felizmente, Elinor fora informada do endereço dele pela senhorita Steele. Ela poderia se comprometer, portanto, a informá-lo sobre a oferta no decorrer do dia. Depois de decidido isso, o coronel Brandon começou a falar das vantagens de ter um vizinho tão respeitável e agradável, e então ele mencionou com desagrado que a casa era pequena e simples; um mal ao qual Elinor, como a senhora Jennings supôs, não deu muita importância, pelo menos em relação ao seu

tamanho.

– Quanto a ser uma casa pequena – disse ela –, não consigo imaginar nenhum inconveniente para eles, pois será proporcional à sua família e sua renda.

Dessa forma, o coronel ficou surpreso ao descobrir que ela estava considerando o casamento do senhor Ferrars como a consequência certa de sua proposta, pois ele não achava possível que o benefício de Delaford pudesse proporcionar uma renda que alguém acostumado ao estilo de vida dele se arriscasse a aceitar, e disse isso.

– Esta pequena paróquia não pode fazer mais do que deixar o senhor Ferrars confortável como solteiro; não pode permitir que ele se case. Lamento dizer que meu patrocínio termina com isso e não posso fazer muito mais. Se, no entanto, por um acaso imprevisto, estiver em meu poder servi-lo melhor, teria de pensar de modo muito diferente em relação a ele do que penso agora, para não estar pronto a ser-lhe útil no futuro, como sinceramente gostaria de poder ser no presente. De fato, o que estou fazendo agora não parece nada, já que pode ajudá-lo tão pouco no que deve ser seu objetivo de felicidade principal e único. Seu casamento ainda deverá ser algo distante... Pelo menos, receio que não possa acontecer tão em breve.

Tal foi a frase que, quando incompreendida, ofendeu com justiça os delicados sentimentos da senhora Jennings. Mas depois do relato da verdadeira conversa entre o coronel Brandon e Elinor, enquanto estavam na janela, a gratidão expressa por ela quando se separaram talvez possa parecer não menos razoavelmente empolgada nem menos apropriadamente manifestada do que se tivesse surgido de uma proposta de casamento.

Capítulo 40

– Bem, senhorita Dashwood – disse a senhora Jennings, com um sorriso sagaz, assim que o cavalheiro se retirou –, não vou perguntar o que o coronel esteve falando com você, mas juro pela minha honra que, embora tenha tentado não ouvir, não pude evitar capturar o suficiente para entender o que ele queria. E asseguro que nada me agradou mais na vida e desejo-lhe a felicidade com todo o meu coração.

– Obrigada, senhora – disse Elinor. – É uma grande alegria para mim e

sinto profundamente a bondade do coronel Brandon. Não há muitos homens que agiriam como ele. Poucas pessoas têm um coração tão compassivo! Nunca fiquei tão surpresa na minha vida.

– Por Deus! Minha querida, você é muito modesta. Não estou nem um pouco surpresa, pois tenho pensado muito nisso ultimamente, e não havia nada mais provável de acontecer.

– A senhora julgou pelo seu conhecimento da benevolência geral do coronel, mas pelo menos não poderia prever que a oportunidade surgiria tão cedo.

– Oportunidade! – repetiu a senhora Jennings – Oh! Quanto a isso, quando um homem já se decidiu por tal coisa, de alguma forma ele encontrará uma oportunidade. Bem, minha querida, desejo-lhe mais uma vez muita felicidade, e se alguma vez houver um casal feliz no mundo, acho que logo vou saber onde procurar por eles.

– A senhora quer dizer ir para Delaford visitá-los, suponho – disse Elinor com um leve sorriso.

– Ah, minha querida, estou falando disso. E quanto à má qualidade da casa, não sei o que o coronel quis dizer, pois é muito boa, como eu mesma vi.

– Ele falou que precisava ser reformada.

– Bem, e de quem é a culpa? Por que ele não a reforma? Quem deveria fazer isso, a não ser ele mesmo?

Elas foram interrompidas pela entrada do criado para anunciar que a carruagem estava na porta, e a senhora Jennings, preparando-se naquele instante para ir, disse:

– Bem, minha querida, devo ir antes de falar a metade do que queria dizer. No entanto, podemos terminar à noite, pois estaremos completamente sozinhas. Não peço que venha comigo, pois ousar dizer que sua mente está ocupada demais com esse assunto para se preocupar com companhia. Além disso, você deve estar ansiosa para contar tudo para sua irmã.

Marianne deixara a sala antes que a conversa começasse.

– Certamente, senhora, contarei à Marianne. Mas, por enquanto, não mencionarei para mais ninguém.

– Ah, muito bem – disse a senhora Jennings, bastante decepcionada. – Então você não quer que eu conte para a Lucy, pois penso em ir até Holborn hoje.

– Não, senhora, nem mesmo para Lucy, por favor. O atraso de um dia não será muito sério, e até que eu escreva para o senhor Ferrars, acho que não deve ser mencionado para mais ninguém. Farei isso de imediato. É importante não perder tempo para contar a ele, pois terá, naturalmente, muito a fazer em relação à sua ordenação.

No início, estas palavras intrigaram muito a senhora Jennings. Ela não compreendeu de imediato por que Elinor deveria escrever sobre aquilo para o senhor Ferrars com tanta pressa. Alguns momentos de reflexão, no entanto, produziram uma ideia muito feliz, e ela exclamou:

– Ah, sim! Eu entendo. O senhor Ferrars deve ser a pessoa indicada. Bem, tanto melhor para ele. Com certeza, ele deve ser ordenado de imediato, e estou muito feliz pelas coisas estarem tão avançadas entre vocês. Mas, minha querida, isso não é um pouco estranho? Não deveria o próprio coronel escrever? Tenho certeza de que ele é a pessoa adequada.

Elinor não entendeu bem as primeiras palavras da senhora Jennings, tampouco pensou que valesse a pena indagar e, portanto, apenas respondeu à sua conclusão.

– O coronel Brandon é um homem tão delicado que preferiu que outra pessoa anunciasse suas intenções ao senhor Ferrars.

– E então você é forçada a fazer isso. Bem, isso é um tipo estranho de delicadeza! No entanto, não vou incomodá-la – vendo que ela se preparava para escrever. – Você conhece seus assuntos melhor que ninguém. Então, até logo, minha querida. Não ouvi falar de nada que me alegrasse tanto desde quando Charlotte teve o bebê.

E ela saiu, mas voltando novamente um momento depois, disse:

– Acabei de pensar na irmã da Betty, minha querida. Eu ficaria muito feliz por conseguir uma patroa tão boa para ela. Mas se ela seria uma boa dama de companhia, não posso dizer. É uma excelente criada e trabalha muito bem com a agulha. No entanto, você pensará sobre isso quando quiser.

– Certamente, senhora – respondeu Elinor, sem ouvir muito o que ela dizia e mais ansiosa para estar sozinha e cumprir sua obrigação.

Como deveria começar, como deveria se expressar em seu bilhete para Edward, era agora toda sua preocupação. As circunstâncias particulares entre eles criaram uma dificuldade naquilo que, para qualquer outra pessoa, teria sido a coisa mais fácil do mundo. Mas ela também temia dizer demais ou muito pouco, e se sentou deliberando sobre o papel, com a

pena na mão, até que foi interrompida pela entrada do próprio Edward.

Ele encontrara a senhora Jennings na porta quando ela seguia para a carruagem, pois viera deixar seu cartão de despedida, e ela, depois de se desculpar por não voltar, obrigou-o a entrar, dizendo que a senhorita Dashwood estava em casa e queria falar com ele sobre questões bastante particulares.

Elinor acabava de se parabenizar, em meio à própria perplexidade, dizendo-se que, por mais difícil que fosse se expressar de maneira correta por carta, era pelo menos preferível do que dar a informação pessoalmente, quando seu visitante entrou, obrigando-a a um dos maiores esforços de sua vida. Seu espanto e confusão foram muito grandes diante dessa aparição tão repentina. Ela ainda não o vira depois que seu compromisso se tornara público e, portanto, não depois que ele soube que a informação era de conhecimento dela. Isso, com a consciência do que estivera pensando e o que ela tinha para lhe dizer, fez com que se sentisse particularmente desconfortável por alguns minutos. Ele também estava muito angustiado, e sentaram-se juntos em um estado que prometia muito constrangimento. Ele não conseguia lembrar se pedira perdão a ela por sua intromissão quando entrara na sala, mas determinado a sentir-se mais seguro, reiterou a desculpa formal assim que conseguiu dizer qualquer coisa, depois de se sentar.

– A senhora Jennings me contou – disse ele – que você queria falar comigo, pelo menos foi o que entendi, ou decerto não teria lhe incomodado de tal maneira. Contudo, ao mesmo tempo, eu ficaria muito triste de partir de Londres sem ter visto a senhorita e sua irmã, em especial porque, provavelmente, levará algum tempo... Não é provável que eu tenha o prazer em vê-las de novo tão cedo. Vou para Oxford amanhã.

– Mas o senhor não partiria – disse Elinor, recuperando-se e determinada a superar o que tanto temia o mais rápido possível –, sem antes receber nossos melhores votos, mesmo se não fôssemos capazes de dá-los pessoalmente. A senhora Jennings estava certa no que disse. Tenho algo importante para informá-lo e estava a ponto de comunicar por escrito. Estou encarregada de informar algo muito agradável – respirando mais rápido do que o habitual enquanto falava. – O coronel Brandon, que estava aqui havia apenas dez minutos, pediu-me para dizer que, sabendo que você pretende se ordenar, ele teria grande prazer em oferecer-lhe a paróquia de Delaford, recentemente vaga, e só desejaria que o benefício fosse melhor.

Permita-me felicitá-lo por ter um amigo tão respeitável e de bom julgamento e juntar-me ao desejo dele de que a remuneração, cerca de duzentas libras por ano, fosse muito mais considerável e que, se fosse, pudesse capacitá-lo mais, uma vez que pode vir a ser uma acomodação mais do que temporária para você... Resumindo, que pudesse satisfazer todos os seus desejos de felicidade.

O que Edward sentiu, como ele mesmo não podia dizer, não se podia esperar que alguém dissesse por ele. Ele parecia sentir todo o espanto que uma informação tão inesperada, tão impensável, não poderia deixar de despertar, mas disse apenas estas duas palavras:

– Coronel Brandon!

– Sim – continuou Elinor, reunindo mais determinação, já que um pouco do pior já tinha passado –, o coronel Brandon quer que isso seja um testemunho da sua preocupação com o que aconteceu recentemente, com a situação cruel em que a conduta injustificável de sua família o colocou... Uma preocupação que estou certa de que Marianne, eu e todos os seus amigos devemos compartilhar. E também como prova da alta estima que ele tem pelo seu caráter geral e a particular aprovação de seu comportamento no presente caso.

– O coronel Brandon me ofereceu uma posição! Pode ser possível?

– A crueldade de seus próprios parentes faz com que fique atônito ao encontrar amizade em qualquer lugar.

– Não – ele respondeu, com súbita consciência –, não de encontrar isso em você, pois não posso ignorar que devo tudo isso a você, à sua bondade. Eu sinto, gostaria de expressar se pudesse, mas, como você sabe, não sou um orador.

– O senhor está muito enganado. Garanto que deve isso inteiramente, pelo menos quase inteiramente, ao seu próprio mérito e ao discernimento do coronel Brandon. Não tive nada a ver com isso. Eu nem sabia, até que ele me contou seus planos, que a paróquia estava vazia. Nem me ocorreu que ele pudesse lhe conceder esse trabalho. Como meu amigo, da minha família, ele pode, talvez... de fato, sei que ele sente grande prazer em ajudá-lo. Mas dou minha palavra de que não deve nada a algum pedido meu.

A verdade a obrigou a reconhecer uma pequena participação no caso, mas ela estava ao mesmo tempo tão pouco disposta a aparecer como a benfeitora de Edward que reconheceu com hesitação, o que, de maneira

provável, contribuiu para sedimentar a suspeita que surgira recentemente na cabeça dele. Por um curto período de tempo, ele ficou sentado pensativo, depois que Elinor parou de falar. Por fim, e como se fosse um esforço, ele disse:

– O coronel Brandon parece um homem de grande valor e respeito. Sempre ouvi todos falarem disso, e seu irmão, eu sei, tem grande estima por ele. Sem dúvida, ele é um homem sensato e um perfeito cavalheiro em suas maneiras.

– Realmente – respondeu Elinor –, acredito que você descobrirá, ao se tornarem mais íntimos, que ele é tudo que ouviu falar dele, e como serão vizinhos tão próximos, pois entendo que a paróquia fica perto da mansão, é especialmente importante que ele seja tudo isso.

Edward não respondeu, mas quando ela virou a cabeça, lançou-lhe um olhar tão sério, tão sincero, tão infeliz, que parecia estar dizendo que poderia desejar a partir de agora que a distância entre a paróquia e a mansão fosse muito maior.

– O coronel Brandon, acredito, está hospedado na Rua St. James – disse ele logo depois, levantando-se da cadeira.

Elinor informou-lhe o número da casa.

– Devo me apressar então, para agradecê-lo, já que a senhorita não quer permitir que eu agradeça a você. Quero afirmar que ele me fez um homem muito, extremamente feliz.

Elinor não quis detê-lo e eles se separaram, depois que ela declarou seus desejos mais profundos de felicidade em cada mudança que pudesse acontecer com ele. Do lado dele, com uma tentativa de retribuir os mesmos desejos, sem o mesmo poder de expressão.

– Quando eu voltar a vê-lo – disse Elinor para si mesma, quando a porta se fechou –, será como o marido da Lucy.

E com essa antecipação agradável, ela sentou-se para reconsiderar o passado, lembrar as palavras e se esforçar para compreender todos os sentimentos de Edward. Além disso, claro, para refletir sozinha sobre o próprio descontentamento.

Quando a senhora Jennings chegou em casa, embora voltasse de um encontro com pessoas que nunca vira antes, e de quem, portanto, deveria ter muitas coisas para contar, sua mente estava muito mais preocupada com o importante segredo em sua posse do que com qualquer outra coisa. Portanto, voltou a falar sobre o assunto assim que Elinor apareceu.

– Bem, minha querida – ela exclamou –, mandei o jovem subir. Não fiz a coisa certa? E suponho que você não teve grande dificuldade. Você não o encontrou indisposto a aceitar sua proposta?

– Não, senhora, isso não seria muito provável.

– Bem, e em quanto tempo ele estará pronto? Pois parece que tudo depende disso.

– Na verdade – disse Elinor –, conheço tão pouco desse tipo de formalidade que dificilmente consigo conjecturar o tempo ou a preparação necessária, mas suponho que dentro de dois ou três meses poderá completar sua ordenação.

– Dois ou três meses! – exclamou a senhora Jennings. – Meu Deus, minha querida, como você fala disso com calma, e o coronel pode esperar dois ou três meses! Deus me abençoe! Tenho certeza de que isso me deixaria impaciente! E embora eu ficaria muito feliz em fazer uma gentileza ao pobre senhor Ferrars, acho que não vale a pena aguardar dois ou três meses por ele. Com certeza, poderia encontrar outra pessoa que faria tão bem quanto ele. Alguém que já seja ordenado.

– Minha querida senhora – disse Elinor –, de que pode estar pensando? Afinal, o único objetivo do coronel Brandon é ser útil ao senhor Ferrars.

– Deus a abençoe, minha querida! Claro que você não quer me convencer de que o coronel só se casa com você para dar dez guinéus ao senhor Ferrars!

A farsa não poderia continuar depois disso, e uma explicação logo foi dada, a qual deixou as duas muito espantadas por um momento, sem nenhuma diminuição considerável de felicidade, pois a senhora Jennings apenas trocou uma forma de alegria por outra, sem abandonar a expectativa da primeira.

– Sim, sim, a paróquia é pequena – disse ela, depois que a primeira ebulição de surpresa e satisfação terminou – e muito provavelmente pode estar precisando de reformas. Mas ouvir um homem se desculpendo, como pensei, por uma casa que, até onde me lembro, tem cinco salas de estar no piso térreo e acho que a governanta me disse que poderia acomodar até quinze camas! E para você também, que estava acostumada com o chalé de Barton! Parece bastante ridículo. Mas, minha querida, devemos falar com o coronel para fazer alguma coisa na paróquia e torná-la confortável para eles antes de Lucy ir para lá.

– Mas o coronel Brandon não parece achar que a remuneração seja

suficiente para permitir que eles se casem.

– O coronel é um tolo, minha querida. Como tem duas mil libras por ano só para ele, acha que ninguém pode se casar com menos. Aceite quando digo que, se eu estiver viva, vou fazer uma visita à Paróquia de Delaford antes da Festa de São Miguel, e tenho certeza de que não irei se Lucy não estiver lá.

Elinor concordava com sua opinião quanto à probabilidade de que eles não esperaríamos mais nada.

Capítulo 41

Edward, depois de agradecer ao coronel Brandon, seguiu com sua felicidade ao encontro de Lucy, e tal sentimento era tão excessivo quando chegou a Bartlett's Buildings que Lucy pôde afirmar à senhora Jennings, que a visitou de novo no dia seguinte para lhe dar os parabéns, que nunca o vira tão animado em sua vida.

A felicidade dela e seu próprio ânimo eram no mínimo inquestionáveis. E ela se juntou muito calorosamente à senhora Jennings na expectativa de que estariam muito confortáveis juntos na paróquia de Delaford antes da Festa de São Miguel. Ela estava tão longe, ao mesmo tempo, de qualquer constrangimento em atribuir a Elinor o crédito que Edward queria lhe dar, que falou da amizade por ambas com a gratidão mais calorosa, e estava pronta a reconhecer toda a dívida que tinham em relação a ela, e declarou de maneira aberta que não se surpreenderia com nenhum esforço por parte da senhorita Dashwood, no presente ou no futuro, para ajudá-los, pois acreditava que ela era capaz de fazer qualquer coisa pelas pessoas que realmente valorizava. Quanto ao coronel Brandon, ela não estava apenas preparada para adorá-lo como um santo, mas, além disso, estava mesmo ansiosa para tratá-lo como tal em todas as preocupações mundanas, ansiosa para que seus dízimos aumentassem ao máximo e secretamente decidida a se aproveitar, em Delaford, tanto quanto pudesse, de seus criados, sua carruagem, suas vacas e suas galinhas.

Já passara mais de uma semana desde que John Dashwood visitara a Rua Berkeley, e desde então não tinham recebido nenhuma notícia sobre a indisposição de sua esposa, a não ser indiretamente, e Elinor começou a achar necessário visitá-la. Era uma obrigação, no entanto, que não só se

opunha à sua própria vontade, mas que não tinha nenhum encorajamento de suas companhias. Marianne, não satisfeita com a recusa absoluta de acompanhá-la, empenhou-se em impedir que a irmã fosse, e a senhora Jennings, embora sua carruagem sempre estivesse à disposição de Elinor, não gostava nada da senhora John Dashwood, tanto que nem a curiosidade de ver como ela estava depois da última descoberta, nem seu forte desejo de afrontá-la ficando do lado de Edward poderiam superar sua falta de vontade de estar novamente em sua companhia. A consequência foi que Elinor saiu sozinha para a visita, já que na verdade ninguém poderia estar menos inclinado a acompanhá-la e correr o risco de um *tête-à-tête* com uma mulher que nenhum dos outros tinha tantos motivos para desgostar.

A senhora John Dashwood não podia recebê-la, mas, antes que a carruagem fosse embora, seu marido saiu de casa por acaso. Então, ele expressou grande prazer em encontrar Elinor, disse-lhe que estava indo à Rua Berkeley e, assegurando que Fanny ficaria muito feliz em vê-la, convidou-a a entrar.

Subiram as escadas para a sala de estar. Não havia ninguém lá.

– Fanny está em seu quarto, suponho – disse ele. – Vou buscá-la, pois tenho certeza de que ela não terá a menor objeção no mundo em vê-la. Muito ao contrário, na verdade. Agora, especialmente, de qualquer maneira, você e Marianne sempre foram as favoritas. Por que Marianne não veio também?

Elinor inventou a desculpa que conseguiu.

– Não estou infeliz por vê-la sozinha – ele respondeu –, pois tenho muito a lhe dizer. Essa posição do coronel Brandon pode ser verdade? Ele realmente a deu a Edward? Ouvi isso ontem, por acaso, e estava indo visitá-la com a intenção de indagar mais sobre isso.

– É a mais pura verdade. O coronel Brandon deu a posição de Delaford para Edward.

– É mesmo! Bem, isso é muito surpreendente! Nenhum relacionamento! Nenhuma conexão entre eles! E agora que as posições aumentaram! Qual era o valor?

– Cerca de duzentas libras por ano.

– Muito bem... e para a próxima oferta de uma posição desse valor... Supondo que o antigo incumbente estivesse velho e doente, e provavelmente ficasse desocupada em breve, ele poderia ter conseguido, ousou dizer, 1.400 libras. E como ele não resolveu essa questão antes da

morte dessa pessoa? Agora, de fato, seria tarde demais para vendê-la, mas um homem razoável como o coronel Brandon! Pergunto-me se ele é tão negligente em um assunto tão comum, tão natural! Bem, estou convencido de que existe muita inconsistência em quase todos os seres humanos. Suponho, no entanto, em retrospecto, que o caso provavelmente seja esse. Edward manterá a posição apenas até que a pessoa a quem o coronel realmente vendeu a nomeação tenha idade suficiente para assumi-la. Sim, sim, foi isso que aconteceu, tenho certeza.

Elinor negou, contudo, com bastante veemência, e relatando que ela própria fora encarregada de transmitir a oferta do coronel Brandon a Edward, de modo que, portanto, sabia bem os termos sob os quais fora feita, obrigou-o a se submeter à sua autoridade.

– É verdadeiramente surpreendente! – ele exclamou, depois de ouvir o que ela disse. – Qual poderia ser o motivo do coronel?

– Um muito simples: ser útil ao senhor Ferrars.

– Bem, bem, seja qual for o motivo do coronel Brandon, Edward é um homem muito sortudo. Você não vai mencionar o assunto para Fanny, no entanto, pois apesar de eu já ter lhe contado, e ela ter aceitado muito bem, acho que não gostaria de ouvir falar muito disso.

Elinor teve alguma dificuldade para se abster de observar que achava que Fanny poderia aguentar com compostura um aumento da renda para seu irmão, por meio da qual nem ela nem seu filho poderiam ser possivelmente empobrecidos.

– A senhora Ferrars – acrescentou ele, baixando a voz para o tom apropriado para um assunto tão importante – não sabe nada sobre isso no momento, e acredito que será melhor mantê-lo em segredo pelo tempo que for possível. Quando o casamento ocorrer, receio que ela precisará saber de tudo.

– Mas por que essa precaução? Embora não devamos supor que a senhora Ferrars possa ter a menor satisfação em saber que o filho tem dinheiro suficiente para se sustentar, pois isso deve estar completamente fora de questão, ainda assim, por que, depois de seu comportamento recente, ela deveria sentir algo? Ela rompeu com o filho, expulsou-o para sempre e obrigou todos aqueles sobre os quais tinha alguma influência a fazerem o mesmo. Decerto, depois de fazer isso, ninguém pode imaginar que ela sinta a menor tristeza ou alegria pelo filho mais velho. Ela não pode se interessar por nada que lhe aconteça. Não seria tão fraca a ponto de jogar

fora o conforto de um filho e ainda assim manter a ansiedade de uma mãe!

– Ah! Elinor – disse John –, seu raciocínio é muito bom, mas é baseado na ignorância da natureza humana. Quando o infeliz casamento de Edward ocorrer, tenho certeza, sua mãe sentirá tanto quanto se nunca o tivesse banido e, portanto, todas as circunstâncias que possam acelerar esse terrível evento devem ser escondidas dela o máximo possível. A senhora Ferrars nunca poderá esquecer que Edward é seu filho.

– Você me surpreende. Eu pensaria que ele deve quase ter escapado da lembrança dela a essa altura.

– Está sendo extremamente injusta com ela. A senhora Ferrars é uma das mães mais afetuosas do mundo.

Elinor ficou em silêncio.

– Pensamos agora – disse o senhor Dashwood, depois de uma pequena pausa – que Robert poderia se casar com a senhorita Morton.

Elinor, sorrindo diante da seriedade e importância decisiva do tom de seu irmão, respondeu com calma:

– A senhorita, suponho, não tem escolha no caso.

– Escolha! Como assim?

– Só quero dizer que suponho, pela sua maneira de falar, que deve dar no mesmo para a senhorita Morton casar-se com Edward ou Robert.

– Certamente, não pode haver diferença, pois Robert será agora, para todos os efeitos, considerado o filho mais velho, e em relação a qualquer outra coisa, ambos são jovens muito agradáveis. Não creio que um seja superior ao outro.

Elinor não disse mais nada e John também ficou por um instante em silêncio. Suas reflexões terminaram assim:

– De uma coisa, querida irmã – pegando a mão dela com gentileza e falando num sussurro horrível –, posso lhe assegurar e o farei, pois sei que deve satisfazê-la. Tenho bons motivos para pensar... Na verdade, soube por uma fonte muito confiável, ou não repetiria isso, pois de outro modo seria muito errado dizer qualquer coisa a respeito, mas soube pela fonte mais confiável de todas... não que tenha ouvido a senhora Ferrars dizer isso exatamente, mas a filha dela ouviu, e ouvi isso dela... que, resumindo, quaisquer que fossem as objeções que poderia existir contra uma certa... uma certa conhecida, você me entende... teria sido muito preferível para ela, pois não teria causado metade da irritação que isso causou. Fiquei muito satisfeito ao saber que a senhora Ferrars pensava isso. Uma

circunstância muito gratificante para todos nós, você sabe. “Teria sido sem comparação”, disse ela, “dos males o menor, e ela ficaria feliz em conseguir agora o mal menor”. Mas no entanto, está tudo fora de questão, não deve ser pensado ou mencionado. Quanto a qualquer compromisso, você sabe, nunca poderia acontecer. Tudo isso ficou para trás. Mas pensei que deveria contar isso, pois sabia o quanto iria agradá-la. Não que você tenha algum motivo para se arrepender, querida Elinor. Não há dúvida de que está indo muito bem, ou até melhor, talvez, considerando tudo. O coronel Brandon esteve com você recentemente?

Elinor ouvira o suficiente, se não para satisfazer sua vaidade e aumentar sua autoestima, para mexer com seus nervos e ocupar sua cabeça. Portanto, ficou feliz em ser poupada da necessidade de responder e do perigo de ouvir algo mais do irmão, pela entrada do senhor Robert Ferrars. Depois de alguns momentos de conversa, John Dashwood, lembrando que Fanny ainda não fora informada sobre a presença da irmã, saiu da sala em busca dela e Elinor foi deixada para melhorar sua amizade com Robert. Assim, pôde confirmar a opinião desfavorável que tinha sobre sua mente e seu coração, pela despreocupação alegre, a autocomplacência feliz de seus modos, desfrutando de uma divisão tão injusta do amor e da generosidade da mãe em detrimento do irmão banido, um privilégio conquistado apenas por sua vida degenerada, sem se preocupar nem um pouco com a integridade do irmão.

Mal tinham passado dois minutos a sós quando ele começou a falar sobre Edward, pois também ouvira falar do emprego e estava muito curioso sobre o assunto. Elinor repetiu os detalhes, como os contara ao irmão, e seu efeito sobre Robert, embora muito diferente, não foi menos impressionante do que fora para John. Ele riu sem nenhuma moderação. A ideia de Edward como clérigo e vivendo em uma pequena casa de paróquia divertiu-o muito, e quando foi adicionada a imagem fantasiosa de Edward lendo orações com uma sobrepeliz branca e publicando os proclamas de casamento entre John Smith e Mary Brown, ele não conseguiu conceber nada mais ridículo.

Elinor, enquanto esperava em silêncio e com uma seriedade impassível a conclusão de tal zombaria, não conseguia impedir que seus olhos ficassem fixos nele com um olhar que mostrava todo o desprezo que sentia. Era um olhar, no entanto, muito bem direcionado, pois aliviou seus próprios sentimentos sem que ele percebesse suas intenções. Robert foi obrigado a

abandonar a ironia e mais uma vez ficar sério, não por alguma repreensão dela, mas por sua própria sensibilidade.

– Podemos tratar como uma piada – disse ele, por fim, recuperando-se do riso afetado que se estendera consideravelmente além da alegria genuína do momento –, mas, dou minha palavra, é um negócio muito sério. Pobre Edward! Está arruinado para sempre. Sinto muito por isso, pois sei que é uma criatura de bom coração, além de ser um homem bem-intencionado, talvez como nenhum outro no mundo. Você não deve julgá-lo, senhorita Dashwood, por conhecê-lo tão pouco. Pobre Edward! Seus modos decerto não são os mais finos. Mas nós não nascemos, você sabe, com o mesmo dom, os mesmos poderes, a mesma postura. Pobre homem! Vê-lo em um círculo de estranhos! Certamente isso já provoca muita pena, mas dou minha palavra, acredito que ele tem um coração tão bom quanto qualquer outro no reino, e afirmo e protesto que nunca fiquei tão chocado na minha vida como quando tudo veio à tona. Não conseguia acreditar. Minha mãe foi a primeira pessoa que me contou. E eu, sentindo-me chamado a agir com determinação, disse a ela de imediato: “Minha querida senhora, não sei o que pode pretender fazer na ocasião, mas quanto a mim, devo dizer que, se Edward se casar com essa jovem, nunca mais o verei”. Isso foi exatamente o que eu disse. Fiquei muito chocado, na verdade! Pobre Edward! Ele mesmo se prejudicou, se afastou para sempre de toda a sociedade decente! Mas, como eu disse para minha mãe, não estou nem um pouco surpreso. Pelo seu estilo de educação, era algo a se esperar. Minha pobre mãe estava meio frenética.

– Você já conheceu a senhorita?

– Sim, uma vez, enquanto estava hospedada nesta casa, por acaso passei aqui por dez minutos e vi o suficiente dela. Uma menina simples e desajeitada do interior, sem estilo ou elegância, e quase sem beleza. Lembro-me dela perfeitamente. Bem o tipo de moça que eu deveria supor que poderia cativar o pobre Edward. Ofereci-me de imediato, assim que minha mãe me contou sobre o assunto, para falar com ele e dissuadi-lo do casamento, mas já era tarde demais, descobri, para fazer qualquer coisa, pois, desafortunadamente, eu não cheguei aqui até depois do rompimento, quando não havia mais, você sabe, como interferir. Mas se tivesse sido informado algumas horas antes, acho que seria muito provável que pudesse ter feito algo. Eu decerto teria argumentado com Edward em um tom muito forte. “Meu querido”, eu teria dito, “considere o que você está

fazendo. Está se comprometendo a uma união muito vergonhosa e que toda sua família é unânime em desaprovar”. Não posso deixar de pensar, resumindo, que poderia encontrar alguma maneira de convencê-lo. Mas agora é tarde demais. Ele deve estar morrendo de fome, você sabe, muita fome.

Ele mal acabara de dizer aquilo com grande compostura quando a entrada da senhora John Dashwood encerrou o assunto. Mas, embora ela nunca falasse sobre isso fora da própria família, Elinor podia ver como o assunto influenciava sua mente pelo ar de certa confusão no rosto e por uma tentativa de cordialidade em seu comportamento em relação a ela. Até chegou a ficar triste ao descobrir que Elinor e a irmã partiriam logo da cidade, pois esperava vê-las mais vezes. Falou isso com um esforço que seu marido, que a trouxera do quarto e acompanhava fascinado o que ela falava, parecia perceber como a maior manifestação de afeto e graça.

Capítulo 42

Outra breve visita à Rua Harley, na qual Elinor recebeu os parabéns do irmão por viajarem até Barton sem nenhuma despesa, e pelo fato de que o coronel Brandon as seguiria até Cleveland em um ou dois dias, encerrou o contato entre os irmãos na cidade. E um convite vago de Fanny para que fossem a Norland sempre que estivessem de passagem, que era uma das coisas mais improváveis de acontecer, com uma garantia mais calorosa, apesar de menos pública, de John para Elinor, de que logo iria vê-la em Delaford, era tudo que anunciava qualquer reunião no campo.

Ela divertiu-se ao observar que todos os seus amigos pareciam determinados a enviá-la para Delaford – um lugar que, entre todos, era o que ela agora menos gostaria de visitar ou residir, pois não só era considerado como seu futuro lar pelo seu irmão e pela senhora Jennings, como até mesmo a própria Lucy, quando se despediram, fez o convite para que a visitasse lá.

Nos primeiros dias de abril, e toleravelmente cedo, os dois grupos da Praça de Hanover e da Rua Berkeley partiram de suas respectivas casas para se encontrarem, como tinham marcado, na estrada. Para a conveniência de Charlotte e seu filho, demoraram mais de dois dias na viagem, e o senhor Palmer, viajando mais rapidamente com o coronel

Brandon, deveria se juntar a elas em Cleveland pouco depois que chegassem.

Marianne, apesar das poucas horas de felicidade que teve em Londres, e ansiosa há muito tempo para ir embora logo, não conseguiu, quando chegou a hora, despedir-se sem grande dor da casa na qual, pela última vez, desfrutara da esperança e da confiança em Willoughby, que agora estavam extintas para sempre. Nem poderia deixar a cidade em que Willoughby ficaria, ocupado com novos compromissos e novos planos, dos quais *ela* não tomaria parte, sem derramar muitas lágrimas.

A satisfação de Elinor, no momento da partida, era mais positiva. Ela não tinha nenhum motivo para pensar na cidade, não deixava ninguém para trás de quem estivesse se separando para sempre e que pudesse lhe despertar algum momento de arrependimento, ficou satisfeita por se livrar da perseguição da amizade de Lucy, sentia-se grata por ter evitado que a irmã fosse vista por Willoughby depois de seu casamento e tinha esperança de que alguns meses de tranquilidade em Barton poderiam restaurar a paz de espírito de Marianne e fortalecer a sua própria.

A viagem foi realizada com segurança. O segundo dia trouxe-os para o querido, ou proibido, condado de Somerset, de acordo com as mudanças na imaginação de Marianne. E na manhã do terceiro, chegaram enfim a Cleveland.

Cleveland era uma casa espaçosa, de construção moderna, situada numa encosta gramada. Não tinha parque, mas o espaço verde era bastante extenso e, como todas as propriedades de igual importância, tinha muitos arbustos e uma trilha na floresta próxima, uma estrada de cascalho liso que circundava uma plantação e levava até a entrada. O gramado era pontuado por árvores, a casa era guardada por abetos, eucaliptos e acácias, e uma área espessa com estas árvores, intercaladas por grandes álamos da Lombardia, cobria a área de serviço.

Marianne entrou na casa com o coração cheio de emoção por saber que estava a apenas 130 quilômetros de Barton, e a menos de 50 de Combe Magna. E antes que passasse cinco minutos dentro de suas paredes, enquanto as outras estavam ocupadas ajudando Charlotte a mostrar o filho à governanta, ela saiu de novo, correndo entre os arbustos sinuosos, que agora começavam a revelar sua beleza, até chegar a um monte distante, onde havia um templo grego. Dali, seus olhos, vagando por uma grande extensão de campo para o sudeste, poderiam descansar com carinho na

serra mais distante das colinas no horizonte e imaginar que, de seus cumes, Combe Magna poderia ser vista.

Em tais momentos de tristeza preciosa e inestimável, ela regozijou em lágrimas de agonia por estar em Cleveland. E quando voltou por um caminho diferente para a casa, sentindo todo o privilégio feliz da liberdade do campo, de vagar de um lado para outro com uma solidão livre e luxuosa, ela resolveu passar quase todas as horas dos dias enquanto estivesse com os Palmer dedicando-se a essas caminhadas solitárias.

Ela voltou bem a tempo de se juntar às outras, que saíam da casa em uma excursão pelos arredores, e o resto da manhã passou rápido, enquanto caminhavam ao redor do quintal, examinando a floração em suas paredes e ouvindo as lamentações do jardineiro pelas pragas, passando pela estufa, onde a perda de suas plantas favoritas, indevidamente expostas e atacadas pela geada persistente, causou riso em Charlotte, e ao visitar o galinheiro, onde, nas esperanças decepcionadas da criada pelas galinhas abandonando os ninhos ou sendo comidas por uma raposa, ou na rápida diminuição de uma ninhada promissora, encontrou outros motivos para rir.

A manhã estava agradável e seca, e Marianne, em seu plano de passar bastante tempo ao ar livre, não calculara nenhuma mudança no clima durante a permanência em Cleveland. Com grande surpresa, portanto, foi impedida por uma forte chuva de sair de novo depois do jantar. Ela queria dar uma caminhada ao entardecer até o templo grego, e talvez por todo o jardim, e uma noite simplesmente fria ou úmida não a teria dissuadido, mas com uma chuva pesada, nem mesmo ela poderia fingir que aquele era um clima seco e agradável para caminhar.

O grupo era pequeno e as horas passavam silenciosamente. A senhora Palmer tinha seu filho e a senhora Jennings fazia um tapete. Eles falaram dos amigos que deixaram para trás, organizaram os compromissos de lady Middleton e perguntaram se o senhor Palmer e o coronel Brandon iriam mais longe do que a Reading naquela noite. Elinor, apesar de pouco preocupada com isso, juntou-se à conversa, e Marianne, que tinha o dom de encontrar o caminho em todas as casas até a biblioteca, por mais que fosse evitada pela família em geral, logo se enterrou em um livro. A senhora Palmer não deixava nada a desejar no que dizia respeito ao que seu bom humor constante e amigável pudesse fazer para que se sentissem bem-vindas. A abertura e a generosidade de suas maneiras mais do que reparavam aquela falta de compostura e elegância que a tornavam quase

mal-educada. Sua bondade, endossada por um rosto tão bonito, era envolvente. Sua superficialidade, embora evidente, não era repulsiva, pois não era presunçosa, e Elinor poderia ter perdoado tudo menos sua risada.

Os dois cavalheiros chegaram no dia seguinte já tarde para o jantar, proporcionando uma agradável ampliação do grupo e uma variedade muito bem-vinda de assuntos, a qual uma longa manhã da mesma chuva contínua reduzira muito.

Elinor vira tão pouco o senhor Palmer, e nesse pouco vira tanta variedade no modo como tratava sua irmã e ela própria, que não sabia o que esperar ao encontrá-lo na própria família. No entanto, ele se comportou como um perfeito cavalheiro com todos os seus visitantes, e apenas ocasionalmente rude com a esposa e a sogra. Ela considerou-o muito capaz de ser uma companhia agradável, e a única coisa que o impedia de ser sempre assim era sua grande habilidade de se imaginar muito superior às pessoas em geral, como deveria se sentir em relação à senhora Jennings e Charlotte. O resto de seu caráter e hábitos eram marcados, até onde Elinor podia perceber, por traços nada incomuns em homens de sua idade. Ele tinha boas maneiras à mesa, apesar de não ser pontual, gostava do filho, apesar de fingir ignorá-lo, e passava as manhãs jogando bilhar, sendo que deveria dedicá-las aos negócios. Ela gostava dele, no entanto, de modo geral, muito mais do que esperara, e em seu coração não se arrependia de não poder gostar mais dele. Não lamentava que a observação de seu epicurismo, seu egoísmo e sua presunção a levasse a lembrar com complacência do temperamento generoso de Edward, seu gosto simples e sentimentos modestos.

De Edward, ou pelo menos de algumas de suas preocupações, Elinor recebia agora informações do coronel Brandon, que estivera recentemente em Dorsetshire, e que, tratando-a ao mesmo tempo como uma amiga desinteressada do senhor Ferrars e uma confidente amável, contou muito sobre a paróquia em Delaford, descreveu suas deficiências e disse o que queria fazer para solucioná-las. Seu comportamento em relação a ela, assim como em todos os outros aspectos, seu prazer evidente ao reencontrá-la após uma ausência de apenas dez dias, sua prontidão para conversar com ela e o respeito por sua opinião poderiam muito bem justificar a ideia da senhora Jennings sobre a existência de um afeto por parte dele, e teriam sido suficientes para levantar suspeitas nela mesma, se Elinor não soubesse, desde o começo que Marianne era a verdadeira

favorita do coronel. No entanto, como pensava desse modo, tal ideia quase nunca entrava na sua cabeça, exceto pela sugestão da senhora Jennings, e ela não podia deixar de acreditar que era a melhor observadora das duas, pois reparava no olhar dele, enquanto a senhora Jennings pensava apenas em seu comportamento. E como seu desvelo ansioso quando Marianne começou a sentir o início de um forte resfriado com dores de cabeça e de garganta escapou inteiramente à observação da senhora Jennings, Elinor pôde perceber nos olhos dele os sentimentos precipitados e a preocupação desnecessária de um homem apaixonado.

Duas caminhadas deliciosas durante o crepúsculo na terceira e na quarta noites em que ela estava lá, não apenas no cascalho seco dos arbustos, mas por todo o terreno, e em especial nas partes mais distantes, onde havia algo mais selvagem do que no resto, onde as árvores eram mais antigas e a grama era mais alta e mais úmida, auxiliadas pela imprudência ainda maior de ficar com seus calçados e meias molhadas, provocaram em Marianne um resfriado tão violento que, embora por um ou dois dias ela o tivesse menosprezado ou negado, o mal-estar cada vez maior deixou todos preocupados, inclusive ela mesma. As prescrições vieram de todos os lados e, como de costume, foram todas recusadas. Embora pesada e febril, com dor nas pernas e nos braços, tosse e dor de garganta, uma boa noite de sono deveria curá-la completamente. E foi com dificuldade que Elinor a convenceu, quando ela foi para a cama, a experimentar um ou dois remédios mais simples.

Capítulo 43

Marianne se levantou na manhã seguinte no horário de sempre. A cada pergunta, respondia que estava melhor e tentava provar, dedicando-se a seus trabalhos habituais. Mas um dia sentada tremendo perto da lareira com um livro na mão, o qual não conseguia ler, ou deitada, cansada e sem forças, em um sofá, não falava muito em favor de sua melhora. E quando, por fim, ela foi cedo para a cama, cada vez mais indisposta, o coronel Brandon ficou espantado com a tranquilidade de sua irmã, que, embora atendendo e cuidando dela o dia todo, contra a vontade de Marianne, e forçando-a a tomar os medicamentos adequados à noite, confiava, como Marianne, na certeza e eficácia do sono, e não se sentia alarmada.

Uma noite muito inquieta e febril, no entanto, decepcionou a expectativa das duas, e quando Marianne, depois de insistir em se levantar, confessou-se incapaz de se sentar e voltou voluntariamente para a cama, Elinor estava pronta para aceitar o conselho da senhora Jennings de chamar o farmacêutico dos Palmer.

Ele veio, examinou a paciente e, embora tenha encorajado a senhorita Dashwood a esperar que alguns dias restaurassem a saúde da irmã, acabou falando que a doença dela era uma tendência infecciosa. Quando deixou escapar a palavra “infecção”, ativou um alarme instantâneo na senhora Palmer, por causa do bebê. A senhora Jennings, que desde o começo achava, mais que Elinor, que a doença de Marianne era algo sério, agora parecia muito preocupada com o relatório do senhor Harris, e confirmando os medos e a cautela de Charlotte, exortou a necessidade de que partisse de imediato com o bebê. O senhor Palmer, embora tratando suas apreensões com desdém, achou a ansiedade e a insistência de sua esposa grandes demais para que fossem ignoradas. A partida dela, portanto, foi organizada, e uma hora depois da chegada do senhor Harris, ela partiu, com seu garotinho e a babá, para a casa de uma parente próxima da senhora Palmer, que morava alguns quilômetros do outro lado de Bath, para onde o marido prometeu, por causa da insistência ansiosa dela, ir em um dia ou dois. E ela também pediu que sua mãe a acompanhasse. A senhora Jennings, no entanto, com uma bondade de coração que fez Elinor realmente amá-la, declarou sua resolução de não partir de Cleveland enquanto Marianne estivesse doente e de se esforçar, com o máximo de seus cuidados, para cumprir o papel da mãe de quem a afastara. E Elinor considerou-a em todas as ocasiões uma ajudante disposta e ativa, desejosa de compartilhar todo seu cansaço, e muitas vezes pela maior experiência em cuidar de pessoas doentes, o que tinha grande utilidade.

A pobre Marianne, lânguida e abatida pela natureza de sua doença, e sentindo-se muito indisposta, não podia mais ter a esperança de que estaria recuperada no dia seguinte, e a ideia do que teria acontecido nesse dia seguinte, se não fosse por aquela doença desafortunada, aumentou ainda mais sua indisposição, pois naquele dia deveriam ter começado a viagem para casa e, acompanhadas durante todo o trajeto por um criado da senhora Jennings, teriam pego a mãe de surpresa na manhã seguinte. O pouco que disse foi só para lamentar esse atraso inevitável, embora Elinor tenha tentado levantar seu ânimo fazendo-a acreditar, como ela própria

realmente acreditava naquele momento, que seria um atraso muito curto.

No dia seguinte, houve pouca ou nenhuma alteração no estado da paciente. Ela claramente não estava melhor e, exceto pelo fato de que não houvera nenhuma mudança, não parecia pior. O grupo estava agora ainda mais reduzido, pois o senhor Palmer, embora muito pouco disposto a partir por verdadeiro espírito humanitário e bom coração, além de não querer que pensassem que a esposa o amedrontara, foi por fim convencido pelo coronel Brandon a cumprir a promessa de segui-la, e enquanto se preparava para partir, o próprio coronel, com um esforço muito maior, começou a falar em também ir embora. Aqui, no entanto, a gentileza da senhora Jennings se interpôs de forma muito aceitável, pois mandar o coronel embora enquanto sua amada sofria tanto por conta da irmã seria privar os dois, pensou ela, de todo o conforto. Então, dizendo que sua permanência em Cleveland era necessária para ajudá-la, que ela poderia querer que ele jogasse piquet à noite, enquanto a senhorita Dashwood estivesse cuidando da irmã, etc., insistiu tanto para que ficasse que ele, cumprindo exatamente o que desejava seu coração ao aceitar, não poderia nem mesmo fingir uma objeção. Em especial porque a súplica da senhora Jennings foi calorosamente apoiada pelo senhor Palmer, que afirmou que ficaria mais aliviado ao partir se deixasse ali uma pessoa tão capaz de ajudar ou aconselhar a senhorita Dashwood em qualquer situação de emergência.

Marianne não ficou sabendo, é claro, de todos esses arranjos. Não sabia que obrigara os donos de Cleveland a partir sete dias depois de terem chegado. Não lhe surpreendeu que não visse a senhora Palmer e, como não ficou preocupada com isso, nunca mencionou o nome dela.

Dois dias depois da partida do senhor Palmer, a condição dela continuava, com pouca variação, a mesma. O senhor Harris, que a atendia todos os dias, ainda falava com firmeza de uma recuperação rápida, e a senhorita Dashwood também estava otimista, mas a expectativa dos outros não era tão boa. A senhora Jennings convencera-se desde o começo da crise que Marianne nunca se recuperaria, e o coronel Brandon, que era obrigado a ouvir os pressentimentos da senhora Jennings, não estava em um estado de espírito no qual pudesse resistir à sua influência. Ele tentou eliminar seus medos com a razão, temores estes que o julgamento do farmacêutico parecia mostrar que eram absurdos, mas as muitas horas de cada dia que passava inteiramente sozinho foram muito favoráveis para a

admissão de toda ideia melancólica, e ele não conseguia expulsar de sua mente a convicção de que não voltaria a ver Marianne.

Na manhã do terceiro dia, no entanto, as previsões sombrias de ambos foram quase eliminadas, pois, quando o senhor Harris chegou, ele declarou que sua paciente estava muito melhor. Seu pulso estava muito mais forte e todos os sintomas mais favoráveis do que na visita anterior. Elinor, com todas as esperanças agradáveis confirmadas, era toda alegria. Estava satisfeita por, em suas cartas para a mãe, ter incluído seu próprio juízo e não o de sua amiga, fazendo pouco caso da indisposição que as mantinha em Cleveland e quase marcando a data em que Marianne poderia viajar.

Mas o dia não terminou tão auspicioso quanto tinha começado. Ao anoitecer, Marianne piorou outra vez, ficou mais febril, inquieta e desconfortável do que antes. Sua irmã, no entanto, ainda estava otimista e disposta a atribuir a mudança a nada mais que o cansaço de ter se sentado para que a cama dela fosse arrumada. E administrando com cuidado os remédios prescritos, viu, com satisfação, como ela por fim dormia, algo que esperava que trouxesse efeitos mais benéficos. Seu sono, embora não tão calmo quanto Elinor desejava ver, durou um tempo considerável. E ansiosa para observar o resultado, ela resolveu ficar ao seu lado até a hora que despertasse. A senhora Jennings, sem saber nada de qualquer mudança na paciente, foi inusitadamente cedo para a cama. Sua criada, que era uma das principais enfermeiras, estava descansando no quarto da governanta e Elinor permaneceu sozinha com Marianne.

O sono de Marianne foi ficando cada vez mais agitado, e a irmã, que assistia com uma atenção incessante à sua contínua mudança de posição e ouvia os sons queixosos frequentes, mas inarticulados que passavam por seus lábios, estava quase desejando despertá-la de um sono tão doloroso quando Marianne, acordada de repente por algum barulho acidental na casa, levantou-se apressada e, com uma agitação febril, exclamou:

– A mamãe está vindo?

– Ainda não – respondeu a outra, escondendo seu terror e ajudando Marianne a deitar-se novamente –, mas ela estará aqui logo, espero. É longo o caminho, você sabe, daqui até Barton.

– Mas ela não deve passar por Londres – exclamou Marianne, da mesma forma inquieta. – Eu nunca mais a verei, se ela for por Londres.

Elinor percebeu com preocupação que ela estava delirando e, enquanto tentava acalmá-la, sentiu ansiosamente seu pulso. Estava mais fraco e

rápido do que nunca! E como Marianne continuava falando de maneira descontrolada sobre a mãe, Elinor ficou ainda mais alarmada, o que a fez decidir mandar chamar de imediato o senhor Harris e enviar um mensageiro a Barton para avisar sua mãe, e assim que tomou a decisão, pensou em consultar o coronel Brandon sobre os melhores meios para realizar a segunda tarefa. E, assim que chamou a empregada para tomar seu lugar ao lado de sua irmã, correu até a sala de estar, onde sabia que ele seria encontrado até muito mais tarde.

Não havia tempo para hesitar. Seus medos e suas dificuldades foram logo apresentadas a ele. Ele não teve coragem nem confiança para tentar eliminar os medos de Elinor. Ouviu-os em um desespero silencioso, mas as dificuldades dela foram logo abreviadas, pois, com uma prontidão que parecia certa para a ocasião, e o serviço pré-organizado em sua mente, ele se ofereceu para ser o mensageiro que buscaria a senhora Dashwood. Elinor não opôs nenhuma resistência que não tenha sido facilmente superada. Ela agradeceu com palavras breves, embora fervorosas, e enquanto ele foi apressar o criado a levar uma mensagem para o senhor Harris, e uma ordem para selar os cavalos imediatamente, ela escreveu algumas linhas para a mãe.

Como se sentiu grata pelo consolo de ter um amigo como o coronel Brandon naquele momento – e tal acompanhante para sua mãe! Uma companhia cujo julgamento guiaria, cuja ajuda aliviaria e cuja amizade poderia acalmá-la! A presença dele, suas maneiras e sua ajuda *poderiam* diminuir o choque para ela, na medida do possível.

Ele, enquanto isso, independentemente do que estava sentindo, agiu com toda a firmeza de uma mente tranquila, fez todos os arranjos necessários com a máxima rapidez e calculou com exatidão em quanto tempo ela poderia esperar seu retorno. Nem um minuto foi perdido. Os cavalos chegaram antes do esperado, e o coronel Brandon apenas apertou sua mão com um olhar solene, disse poucas palavras com uma voz tão baixa que quase não chegaram ao seu ouvido e correu para a carruagem. Era quase meia-noite, e ela voltou para o quarto da irmã para aguardar a chegada do farmacêutico e observá-la pelo resto da noite. Foi uma noite de sofrimento quase igual para as duas. As horas foram passando com Marianne acordada em sua dor e delírio, enquanto Elinor sentia a ansiedade mais cruel, até a chegada do senhor Harris. As suas apreensões, uma vez aumentadas, pagaram pelo excesso de toda sua segurança anterior, e a

criada que a acompanhava, pois não permitiu que a senhora Jennings fosse chamada, apenas a torturou mais, insinuando o que sua patroa sempre pensara.

Os pensamentos de Marianne permaneciam fixados incoerentemente na mãe, e sempre que mencionava seu nome, o coração da pobre Elinor sentia um aperto, que, acusando a si mesma de não ter dado importância a tantos dias de doença e sofrendo por algum alívio imediato, imaginava que um restabelecimento poderia em breve ser em vão, que tudo fora adiado por muito tempo, e imaginava sua sofrida mãe chegando tarde demais para ver a filha querida ou vê-la lúcida.

Ela estava a ponto de chamar novamente o senhor Harris, ou se *ele* não pudesse vir, algum outro auxílio, quando o farmacêutico, só depois das cinco da manhã, chegou. Sua opinião, no entanto, compensou a demora, pois, embora reconhecesse uma alteração muito inesperada e desfavorável em sua paciente, afirmou que não havia perigo e contou sobre um novo tratamento que deveria causar alívio, com uma confiança que, em menor grau, foi transmitida a Elinor. Ele prometeu voltar no decorrer de três ou quatro horas, e deixou a paciente e sua ansiosa irmã mais calmas do que no momento em que as encontrara.

Com forte preocupação e com muitas reprovações por não ter sido chamada para ajudar, a senhora Jennings ouviu de manhã o que ocorrera. Suas antigas apreensões, agora restauradas com maior razão, não deixaram dúvidas sobre o evento e, apesar de tentar confortar Elinor, sua convicção do perigo que a irmã corria não permitia oferecer nenhum tipo de esperança. Seu coração estava realmente triste. O rápido declínio, a morte precoce de uma menina tão jovem, tão adorável como Marianne, afetaria até mesmo uma pessoa menos próxima. Mas a compaixão da senhora Jennings era muito mais profunda. Ela fora sua companheira por três meses, ainda estava sob seus cuidados e todos sabiam que fora muito magoada e estava infeliz havia muito tempo. O sofrimento da irmã também, a quem se apegara muito nos últimos tempos, estava ali na sua frente. E quanto à mãe delas, quando a senhora Jennings considerou que Marianne talvez fosse para ela o que Charlotte era para ela própria, sua simpatia com o sofrimento dela era muito sincera.

O senhor Harris foi pontual em seu retorno, mas a esperança com a qual deixara a visita anterior foi frustrada. Seus remédios haviam falhado, a febre não baixava e Marianne, apenas mais calma, sem recuperar

consciência, permanecia em um estupor pesado. Elinor, percebendo todos os receios do farmacêutico, e ainda mais, propôs que pedissem conselhos a outros médicos. Ele, no entanto, julgou desnecessário: ainda tinha algo a tentar, uma aplicação mais nova, de cujo sucesso ele estava tão confiante quanto o último, e sua visita terminou com garantias encorajadoras que chegaram ao ouvido, mas não conseguiram entrar no coração da senhorita Dashwood. Ela estava calma, exceto quando pensava na mãe, mas quase sem esperanças, e continuou nesse estado até o meio-dia, quase sem sair da cabeceira da cama, com os pensamentos vagando por uma imagem de tristeza, de uma amiga sofrendo para outra, e com a alma oprimida ao máximo pela conversa da senhora Jennings, que não se esquivou de atribuir a gravidade e o perigo desta doença às muitas semanas de indisposição anterior causadas pela decepção de Marianne. Elinor achou a ideia razoável e isso fez piorar seu sofrimento.

Por volta do meio-dia, no entanto, ela começou (mas com cautela, com um medo de decepcionar-se que, durante algum tempo, a manteve em silêncio, até para sua amiga) a sentir, a ter esperança de que percebia uma leve melhora no pulso da irmã. Ela esperou, observou e examinou-o outra vez e, por fim, com uma agitação mais difícil de disfarçar sob a calma exterior do que toda a angústia anterior, arriscou-se a comunicar suas esperanças. A senhora Jennings, apesar de forçada, depois de examiná-la, a reconhecer uma recuperação temporária, tentou evitar que sua jovem amiga pensasse que aquilo continuaria. E Elinor, rejeitando todas as admoestações para que desconfiasse, disse a si mesma para também não alimentar esperanças. Mas era tarde demais. A esperança já entrara em seu coração, e sentindo todo seu alvoroço ansioso, curvou-se sobre a irmã para observar... ela mal sabia o quê. Meia hora passou e o sintoma favorável ainda a abençoava. Outros até surgiram para confirmá-lo. Sua respiração, sua pele, seus lábios, todos transmitiam a Elinor sinais de melhora, e Marianne fixou os olhos nela com um olhar racional, embora cansado. A ansiedade e a esperança agora a oprimiam em graus iguais e não permitiram nenhum momento de tranquilidade até a chegada do senhor Harris, às quatro horas, quando suas garantias, suas felicitações pela recuperação da irmã, mesmo superando suas expectativas, deram-lhe confiança, conforto e lágrimas de alegria.

Marianne estava melhor em todos os aspectos e ele a declarou completamente fora de perigo. A senhora Jennings, talvez satisfeita com a

justificativa parcial de seus pressentimentos que tinham sido expressos na preocupação recente delas, permitiu-se confiar no julgamento dele e admitiu, com alegria verdadeira, e em seguida eufórica, a probabilidade de uma recuperação completa.

Elinor não podia se sentir eufórica. Sua alegria era de um tipo diferente que causava qualquer coisa menos euforia. Marianne recuperada para a vida, a saúde, os amigos e sua mãe dedicada era uma ideia que preenchia seu coração com intenso conforto e o expandia em uma gratidão fervorosa, mas não levou a demonstrações externas de alegria, tampouco palavras ou sorrisos. Tudo dentro do peito de Elinor era satisfação, silenciosa e forte.

Ela continuou ao lado da irmã, com poucas interrupções durante toda a tarde, aplacando cada medo, satisfazendo todas as perguntas de seu espírito enfraquecido, fornecendo toda ajuda e observando quase todos os olhares e cada respiração. A possibilidade de uma recaída, naturalmente, em alguns momentos, ocorreu para lembrá-la do que era a ansiedade, mas quando viu, em seu exame frequente e minucioso, que todos os sintomas de recuperação continuavam, e viu Marianne mergulhar às seis horas em um sono calmo, pesado e, ao que parecia, confortável, todas as dúvidas foram silenciadas.

Aproximava-se a hora em que a volta do coronel Brandon era esperada. Às dez horas, ela acreditava, ou pelo menos não muito depois disso, sua mãe seria aliviada do terrível suspense com o qual agora deveria estar viajando até eles. O coronel também! Ele não era menos merecedor de compaixão! Ah! Como passava lentamente o tempo que ainda os mantinha sem informações!

Às sete horas, deixando Marianne ainda entregue a um sono tranquilo, Elinor juntou-se à senhora Jennings na sala de estar para o chá. Ela não tomara o café da manhã devido à sua angústia e não comera muito no jantar por causa da mudança súbita. O chá, portanto, com sentimentos tão felizes quanto os que sentia, era particularmente bem-vindo. A senhora Jennings quis convencê-la, depois do chá, a descansar um pouco antes da chegada da mãe e permitir que ela tomasse seu lugar ao lado de Marianne. Mas Elinor não sentia cansaço nem tinha capacidade de dormir naquele momento, e não queria ficar longe da irmã por um instante desnecessário. A senhora Jennings acompanhou-a até o quarto da enferma para ter certeza de que tudo continuava bem, depois a deixou mais uma vez sozinha com

seus pensamentos e cuidados, e se retirou para seu próprio quarto para escrever cartas e dormir.

A noite estava fria e chuvosa. O vento rugia em volta da casa e a chuva batia contra as janelas, mas Elinor, com toda sua felicidade interior, não prestava atenção nisso. Marianne dormia apesar de todos os trovões, e os viajantes teriam uma rica recompensa lhes aguardando para compensar os inconvenientes que estavam enfrentando.

O relógio marcou oito horas. Se fossem dez, Elinor teria se convencido de que, naquele momento, ouvia uma carruagem aproximando-se da casa. E tão forte foi a certeza de que realmente a ouviu, apesar da quase impossibilidade de já terem chegado, ela foi até o quarto de vestir ao lado e abriu a cortina de uma janela para se convencer da verdade. Viu prontamente que seus ouvidos não a haviam enganado. As lamparinas incandescentes de uma carruagem foram logo vistas. Por causa da luz fraca, pensou que poderia estar sendo puxada por quatro cavalos. E isso, apesar de mostrar o excesso de preocupação da sua pobre mãe, deu uma explicação àquela rapidez inesperada.

Nunca na vida Elinor achou tão difícil ficar calma como naquele momento. O conhecimento do que sua mãe deveria estar sentindo quando a carruagem parou na porta – de sua dúvida – seu medo, e talvez seu desespero! E do que ela tinha que contar! Com tal conhecimento, era impossível ficar calma. Tudo o que restava a ser feito era se apressar e, portanto, depois de esperar apenas até que pudesse deixar a criada da senhora Jennings com a irmã, desceu correndo as escadas.

A agitação no saguão, ao passar pela antessala interior, assegurou-a de que já estavam na casa. Ela correu para a sala de estar, entrou e deparou-se apenas com Willoughby.

Capítulo 44

Elinor, recuando com um olhar de horror ao vê-lo, obedeceu ao primeiro impulso de seu coração, virando-se para sair da sala de imediato, e sua mão já estava na maçaneta quando sua ação foi suspensa pelo rápido avanço dele, dizendo, em uma voz mais de comando do que de súplica:

– Senhorita Dashwood, por meia hora, por dez minutos, imploro a você que fique.

– Não, senhor – respondeu ela com firmeza –, não vou ficar. Seus assuntos não podem ser comigo. Os criados, suponho, esqueceram-se de lhe dizer que o senhor Palmer não estava em casa.

– Se tivessem me dito – ele exclamou com veemência – que o senhor Palmer e todos os seus parentes estavam com o diabo, não teriam me afastado da porta. Meu assunto é com a senhorita e apenas com a senhorita.

– Comigo! – com o maior espanto. – Bom, senhor, seja rápido e, se puder, menos violento.

– Sente-se, e serei as duas coisas.

Ela hesitou, não sabia o que fazer. Pensou na possibilidade de o coronel Brandon chegar e encontrá-la ali. Mas ela prometera ouvi-lo, e sua curiosidade, não menos que sua honra, estava envolvida. Depois de um momento de reflexão, portanto, concluindo que era necessário ter prudência, e que seu consentimento seria a melhor maneira de praticá-la, caminhou silenciosamente em direção à mesa e sentou-se. Ele tomou a cadeira oposta e, por meio minuto, nenhuma palavra foi dita.

– Seja rápido, senhor – disse Elinor com impaciência. – Não tenho tempo de sobra.

Ele estava sentado em uma atitude de meditação profunda e parecia não escutá-la.

– Sua irmã – disse ele, abruptamente, um momento depois – está fora de perigo. O criado me disse. Deus seja louvado! Mas é mesmo verdade?

Elinor não falou nada. Ele repetiu a pergunta com maior ansiedade.

– Pelo amor de Deus, diga-me, ela está fora de perigo ou não está?

– Esperamos que esteja.

Ele se levantou e caminhou pela sala.

– Se eu soubesse há meia hora... mas já que estou aqui – falando com uma vivacidade forçada quando voltou ao seu lugar. – O que isso significa? Por uma vez, senhorita Dashwood, e talvez seja a última vez, vamos ficar alegres juntos. Estou disposto para isso. Diga-me honestamente: – um brilho mais profundo se espalhou por seu rosto – você me acha mais um patife ou um idiota?

Elinor olhou para ele com mais espanto do que nunca. Começou a pensar que ele deveria estar alcoolizado, a estranheza de tal visita e de tais maneiras não parecia compreensível de outro modo e, com essa impressão, ela se levantou de imediato, dizendo:

– Senhor Willoughby, aconselho-o que volte agora para Combe. Não tenho tempo para ficar mais tempo aqui com o senhor. Seja o que for que quiser me dizer, será melhor se recompor e me explicar amanhã.

– Eu a entendo – ele respondeu, com um sorriso expressivo e uma voz perfeitamente calma. – Sim, estou muito bêbado. Uma caneca de cerveja escura com rosbife em Marlborough foi o suficiente para me deixar um tanto confuso.

– Em Marlborough! – exclamou Elinor, cada vez entendendo menos o que ele queria.

– Sim. Deixei Londres esta manhã às oito horas, e os únicos dez minutos que passei fora da minha carruagem desde então foram quando parei para uma refeição em Marlborough.

A firmeza de sua atitude e a inteligência de seus olhos enquanto falava convenceram Elinor de que qualquer que fosse a loucura imperdoável que o trouxera a Cleveland, não fora a intoxicação, e ela disse, depois de um momento de reflexão:

– Senhor Willoughby, você deveria saber, e decerto sabe, que, depois do que aconteceu, sua vinda aqui dessa maneira, e forçando-me a recebê-lo, exige um bom motivo. O que você realmente quer?

– Eu quero – ele falou, sério e enérgico –, se eu puder, que me odeie um grau a menos do que odeia agora. Quero oferecer algum tipo de explicação, algum tipo de desculpa, pelo passado. Abrir todo meu coração para você e, convencendo-a de que, apesar de ter sido sempre um tolo, nem sempre fui um patife, para obter algo como o perdão de Ma..., de sua irmã.

– Esse é o verdadeiro motivo de sua vinda?

– Juro pela minha alma que é – foi sua resposta, com uma força que a fez lembrar do velho Willoughby e, a contragosto, acreditou que ele estava sendo sincero.

– Se isso é tudo, já pode estar satisfeito, pois Marianne já... ela já o perdoou há muito tempo.

– Ela perdoou? – ele exclamou, com o mesmo tom ansioso. – Então ela me perdoou antes de saber por que deveria. Mas ela me perdoará novamente e por motivos mais razoáveis. Agora a senhorita vai me ouvir?

Elinor assentiu.

– Eu não sei – disse ele, depois de uma pausa de expectativa por parte dela e de ponderação por parte dele – como a senhorita pode ter explicado

meu comportamento em relação à sua irmã ou que motivo diabólico pode ter me imputado. Dificilmente a senhorita vai pensar o melhor de mim, mas vale a pena tentar e você deve ouvir tudo. Quando fiquei íntimo de sua família, não tive outra intenção, nenhum outro objetivo na amizade do que passar meu tempo de maneira agradável enquanto era obrigado a ficar em Devonshire, mais agradável do que nunca antes. A adorável personalidade de sua irmã e seus modos encantadores não podiam deixar de me agradar. E seu comportamento comigo quase desde o princípio, era de um tipo... é surpreendente, quando reflito sobre como ela me tratava e o que ela era, como meu coração pôde ter sido tão insensível! Mas, primeiro, devo confessar, minha vaidade só aumentou com aquilo. Despreocupado com a felicidade dela, pensando apenas no meu próprio prazer, dando lugar a sentimentos que sempre tive o costume de cultivar, procurei, por todos os meios ao meu alcance, tornar-me agradável a ela, sem qualquer vontade de retribuir seu carinho.

A senhorita Dashwood, neste momento, voltando os olhos para ele com o desprezo mais irritado, interrompeu-o, dizendo:

– Não vale a pena, senhor Willoughby, que continue relatando ou que eu ouça mais. Um começo como esse não levará a lugar algum. Não me deixe sofrer ao ouvir qualquer outra coisa sobre o assunto.

– Insisto que ouça tudo – ele respondeu. – Minha fortuna nunca foi grande e sempre gastei muito, sempre tive o hábito de me associar com pessoas de melhor renda do que a minha. Todos os anos, desde a minha maioridade, ou mesmo antes, acredito, fui acumulando dívidas. E embora a morte de minha velha prima, a senhora Smith, pudesse me libertar, ainda que esse evento fosse incerto e, possivelmente, distante, já havia algum tempo minha intenção era restabelecer minha situação casando-me com uma mulher de fortuna. Unir-me com sua irmã, portanto, era algo impensável, e eu estava agindo dessa maneira mesquinha, egoísta e cruel, que nenhum olhar indignado ou desdenhoso, até mesmo o seu, senhorita Dashwood, poderia me censurar o suficiente, tentando conquistar a consideração dela, sem pensar em correspondê-la. Mas uma coisa pode ser dita a meu favor: mesmo naquele estado horrível de vaidade egoísta, eu não sabia a extensão do dano que causaria, pois não sabia então o que era amar. Mas será que soube algum dia? Pode-se duvidar muito disso, pois, se realmente amei, poderia ter sacrificado meus sentimentos pela vaidade, pela avareza? Ou, mais ainda, poderia ter sacrificado os dela? Mas foi o

que fiz. Para evitar uma pobreza relativa, cujos horrores teriam sido eliminados pelo afeto e a companhia dela, eu, ao preferir a riqueza, perdi tudo o que poderia tornar este amor uma bênção.

– O senhor realmente – disse Elinor, um pouco mais suave – sentiu-se em algum momento atraído por ela?

– Ter resistido a tais atrativos, ter resistido a tal ternura! Existe um homem na Terra que poderia ter feito isso? Sim, gradual e inconscientemente comecei mesmo a gostar dela, e as horas mais felizes da minha vida foram as que passei com ela quando senti que minhas intenções eram honradas e meus sentimentos, irrepreensíveis. Mesmo, no entanto, quando determinado em cortejá-la, eu me permiti, de forma imprópria, adiar, todos os dias, o momento de fazer isso, provavelmente levado pela hesitação de assumir um compromisso enquanto minha situação era tão complicada. Não vou argumentar aqui, nem vou parar para que a senhorita fale sobre o absurdo, e pior do que o absurdo, o escrúpulo de envolver minha fé onde minha honra já estava comprometida. O evento provou que eu era um idiota astuto, seriamente voltado a conseguir uma possível oportunidade de me tornar desprezível e miserável para sempre. Por fim, no entanto, minha decisão foi tomada, e resolvi que, assim que pudesse me encontrar a sós com sua irmã, justificaria as atenções que invariavelmente dediquei a ela e de maneira clara garantiria meu carinho que tanto sofrera para demonstrar. Mas, neste ínterim, em um intervalo de poucas horas, antes que eu pudesse ter uma oportunidade de falar com ela em particular, aconteceu algo... algo infeliz... que arruinou toda minha resolução e, com ela, todo meu conforto. Uma descoberta ocorreu – aqui ele hesitou e abaixou a cabeça. – A senhora Smith, de alguma forma, fora informada, imagino por algum parente distante, cujo interesse era me privar de seu favor, de um caso, uma relação... mas não preciso me explicar mais – acrescentou, olhando para ela com o rosto vermelho e inquisitivo –, você provavelmente já ouviu toda a história há muito tempo por seu amigo íntimo.

– Ouvi – respondeu Elinor, ficando vermelha também, e endurecendo seu coração novamente contra qualquer compaixão por ele. – Ouvi tudo. E como você explicará qualquer parte da sua culpa naquele assunto terrível, confesso que está além da minha compreensão.

– Lembre-se – exclamou Willoughby – de quem contou tudo à senhorita. Poderia ser imparcial? Reconheço que eu deveria ter respeitado a situação

e o caráter da moça. Não quero me justificar, mas, ao mesmo tempo, não posso deixá-la supor que não tenho nada a dizer, que, por ter sido machucada ela era irrepreensível e porque, como eu fui um libertino, ela deveria ser uma santa. Se a violência da paixão daquela jovem, a fraqueza de seu caráter... Não quero, no entanto, me defender. O carinho dela por mim merecia um tratamento melhor, e muitas vezes, com grande remorso, lembro a ternura que, por um curto espaço de tempo, teve o poder de criar uma correspondência em mim. Eu gostaria, gostaria mesmo que nunca tivesse ocorrido. Mas me feriu mais do que ela, e feriu alguém cujo carinho por mim (posso dizer?) era pouco menor do que o dela. E cuja mente! Ah! Como era infinitamente superior!

– Sua indiferença, no entanto, em relação àquela infeliz moça... Devo dizer, por mais desagradável que possa ser para mim a discussão de tal assunto... sua indiferença não é desculpa para sua cruel negligência com ela. Não se considere desculpado por qualquer fraqueza, qualquer defeito natural de compreensão por parte dela, com a crueldade desleixada tão evidente na sua maneira de ver a situação. Você deve ter sabido que, enquanto estava se divertindo em Devonshire procurando novos ambientes alegres, ela estava reduzida à extrema indigência.

– Mas, juro por minha alma, *não* sabia disso – ele respondeu calorosamente. – Eu não me lembro de não ter dado a ela meu endereço, e o bom senso poderia ter lhe dito como descobri-lo.

– Bem, senhor, e o que disse a senhora Smith?

– Ela me puniu de imediato pela ofensa, e minha confusão pode ser adivinhada. A pureza da vida dela, a formalidade de suas ideias, sua ignorância do mundo, tudo estava contra mim. Eu não podia negar a questão em si, e todo esforço para suavizá-la era inútil. Ela já estava previamente disposta, acredito, a duvidar da moralidade da minha conduta em geral e, além disso, estava descontente com a pouca atenção, a pouca parcela do meu tempo que concedera a ela na minha visita. Resumindo, terminou em um rompimento total. Eu só poderia me salvar tomando uma única medida. No auge de sua moralidade... que boa mulher!... ela se ofereceu para perdoar o passado se me casasse com Eliza. Isso não poderia acontecer, e fui formalmente afastado de seu favor e de sua casa. A noite seguinte a este caso (eu deveria partir na manhã seguinte) passei deliberando qual deveria ser minha futura conduta. A luta foi grande, mas terminou cedo demais. Meu afeto por Marianne, minha profunda

convicção de seu apego por mim: tudo era insuficiente para superar aquele pavor da pobreza ou se sobressair àquelas falsas ideias sobre a necessidade de riquezas, as quais eu estava naturalmente inclinado a ter e foram aumentadas pela companhia de pessoas ricas. Tive motivos para acreditar que ficaria em segurança com minha atual esposa, se eu escolhesse casar com ela, e me convenci a pensar que não havia nada mais prudente a fazer. No entanto, uma cena dolorosa me aguardava, antes que eu pudesse deixar Devonshire: eu deveria jantar com vocês naquele mesmo dia. Alguma desculpa era, portanto, necessária para romper esse compromisso. Mas se eu deveria mandar a desculpa por escrito, ou ir pessoalmente, foi um ponto de longo debate. Ver Marianne, eu senti, seria terrível, e até duvidava se poderia voltar a vê-la e manter minha resolução. Nesse ponto, no entanto, subestimei minha própria capacidade, como os fatos demonstraram. Pois eu fui, eu a vi, sei que ficou muito triste e a deixei mesmo assim... Parti com a esperança de que nunca mais voltaria a vê-la.

– Por que foi até nossa casa, senhor Willoughby? – perguntou Elinor, censurando-o. – Um bilhete teria sido o suficiente. Por que era necessário vir?

– Era necessário para meu próprio orgulho. Não podia suportar a ideia de deixar o campo de uma maneira que poderia levar a senhorita, ou o resto dos vizinhos, a suspeitar de qualquer parte do que realmente se passara entre a senhora Smith e eu, então resolvi passar no chalé, a caminho de Honiton. A visão de sua querida irmã, no entanto, foi mesmo terrível e, para piorar a situação, encontrei-a sozinha. Vocês todas tinham saído, não sei para onde. Eu deixara-a na noite anterior tão plena e firmemente resolvido dentro de mim de que deveria fazer a coisa certa! Em algumas horas eu teria me comprometido com ela para sempre, e lembro-me como estava feliz, como estava animado, enquanto caminhava do chalé para Allenham, satisfeito comigo mesmo, encantado com todo mundo! Mas naquele nosso último encontro como amigos, aproximei-me dela com uma sensação de culpa que quase me tirou o poder de dissimular. Sua tristeza, sua decepção, seu profundo arrependimento, quando disse a ela que tinha sido obrigado a deixar Devonshire tão imediatamente... Nunca me esquecerei disso nem de toda confiança depositada em mim! Ó, Deus! Que patife sem coração eu fui!

Ambos ficaram em silêncio por alguns instantes. Elinor falou primeiro.

– O senhor disse a ela que retornaria em breve?

– Não sei o que disse a ela – ele respondeu impaciente. – Menos do que o passado exigia, sem dúvida, e com toda a probabilidade muito mais do que era justificado pelo futuro. Não consigo pensar nisso. Não vou pensar. Então veio sua querida mãe para me torturar ainda mais, com toda sua gentileza e confiança. Deus do céu! Aquilo foi uma tortura. Fiquei profundamente infeliz. Senhorita Dashwood, não pode ter ideia do conforto que me dá olhar para meu próprio sofrimento. Sinto tanto rancor por mim mesmo, pela loucura estúpida e perversa do meu próprio coração, que todos os meus sofrimentos passados sob ele são agora apenas triunfos e exaltação para mim. Bem, fui embora, deixei tudo que amava e fui ao encontro daqueles por quem, na melhor das hipóteses, sentia apenas indiferença. Minha viagem para a cidade... viajando com meus próprios cavalos e, portanto, muito tediosa... nenhuma criatura com quem falar... minhas próprias reflexões tão alegres... quando ansiava por tantas coisas tão convidativas! Quando olhava para trás, para Barton, a imagem era tão reconfortante! Ah, foi uma viagem abençoada!

Ele parou.

– Bem, senhor – disse Elinor que, apesar de compadecida, estava impaciente para que ele partisse. – Isso é tudo?

– Ah! Não! A senhorita esqueceu o que aconteceu na cidade? Aquela carta infame? Ela mostrou para a senhorita?

– Sim, vi todas as cartas enviadas.

– Quando recebi a primeira (e a recebi de imediato, pois estava na cidade o tempo todo), o que senti, usando a linguagem comum, não pode ser expressado. De uma forma mais simples, talvez simples demais para transmitir qualquer emoção, meus sentimentos foram muito, muito dolorosos. Cada linha, cada palavra foi... em uma metáfora vulgar cujo querido autor ela me proibiria de mencionar caso estivesse aqui... uma adaga no meu coração. Saber que Marianne estava na cidade era, na mesma linguagem, como um raio. Raios e adagas! Que reprovação ela me daria! Seu gosto, suas opiniões... acredito que conheço mais os gostos dela do que os meus próprios, e estou certo de que os aprecio mais.

O coração de Elinor, que sofrera muitas mudanças no decorrer dessa conversa extraordinária, agora foi suavizado de novo – contudo, ela sentia que era seu dever evitar que ele falasse certas coisas.

– Isso não está certo, senhor Willoughby. Lembre-se de que está casado. Conte apenas o que na sua consciência considera necessário que eu ouça.

– A carta de Marianne, assegurando que eu ainda era tão estimado por ela como nos dias anteriores, que apesar das muitas, muitas semanas que passáramos separados, ela era tão constante em seus próprios sentimentos, e tão cheia de fé na constância dos meus como sempre, despertou todo o meu remorso. Digo que despertou, pois o tempo e Londres, a agitação e a devassidão tinham, em certa medida, aquietado, e eu estava me tornando um vilão bem endurecido, fingindo ser indiferente a ela e escolhendo imaginar que ela também deveria ter se tornado indiferente em relação a mim. Falando para mim mesmo de meu apego passado como um passatempo insignificante, encolhendo os ombros para provar que era assim e silenciando cada censura, superando todos os escrúpulos, dizendo em segredo de vez em quando: “Ficarei muito contente ao ouvir que ela está bem casada”. Mas aquela carta fez com que me conhecesse melhor. Senti que eu a amava infinitamente mais do que qualquer outra mulher do mundo, e que a estava usando de uma maneira infame. Mas tudo já estava estabelecido entre a senhorita Grey e mim. Recuar era impossível. Tudo o que eu tinha a fazer era evitar vocês duas. Não enviei nenhuma resposta a Marianne, tentando com isso me poupar de outras comunicações por parte dela, e por algum tempo estava mesmo determinado a não visitar a Rua Berkeley. Mas, por fim, julgando mais sábio fingir uma amizade fria e comum do que qualquer outra coisa, observei vocês todas saírem da casa certa manhã e deixei meu cartão.

– Observou-nos quando saímos de casa!

– Isso mesmo. A senhorita ficaria surpresa em ouvir com que frequência eu as observava, com que frequência estive a ponto de me encontrar com vocês. Entrei muitas vezes em lojas para evitar que me vissem, quando a carruagem passava. Como estava hospedado na Rua Bond, não havia dia em que não visse uma de vocês duas, e nada além da vigilância mais constante de minha parte, uma imperiosa determinação de ficar longe da vista das senhoritas, poderia ter nos mantido tanto tempo afastados. Evitei os Middleton tanto quanto possível, bem como todo mundo que provavelmente tivesse uma amizade em comum. Não sabendo que estavam na cidade, no entanto, encontrei-me com *sir* John, acredito, no primeiro dia de sua chegada, e um dia depois de ter ido até a casa da senhora Jennings. Ele convidou-me para uma festa, um baile na sua casa à noite. Mesmo se ele não tivesse me dito como um incentivo que as senhoritas estariam lá, eu tinha tanta certeza de que estariam presentes que

me abster de ir. A manhã seguinte trouxe outro pequeno bilhete de Marianne, ainda carinhosa, aberta, ingênua, confidente, tudo que poderia tornar minha conduta mais odiosa. Não consegui responder. Tentei, mas não consegui escrever uma frase. Mas pensava nela, acredito, a cada momento do dia. Se puder ter pena de mim, senhorita Dashwood, tenha pena da minha situação como era naquele momento. Com a cabeça e o coração cheios de sentimentos por sua irmã, fui forçado a fingir estar apaixonado por outra mulher! Aquelas três ou quatro semanas foram piores do que tudo. Bem, por fim, como não preciso dizer, fui obrigado a falar com as senhoritas, e que impressão devo ter causado! Que noite de agonia! Marianne, linda como um anjo de um lado, chamando-me de Willoughby com aquele tom! Ó, Deus! Estendendo sua mão para mim, pedindo-me uma explicação, com aqueles olhos fascinantes fixos no meu rosto, com tamanha solicitude evidente! E Sophia, ciumenta como o diabo, de outro lado, olhando tudo aquilo... Bem, isso não importa mais, acabou agora. Que noite! Fugi de vocês assim que consegui, mas não antes de ter visto o doce rosto de Marianne branco como a morte. *Aquela* foi a última visão que tive dela. A última maneira em que ela apareceu para mim. Foi uma visão horrível! No entanto, quando pensei que ela poderia estar morrendo hoje, para mim, foi uma espécie de conforto imaginar que eu sabia exatamente como seria sua aparência para aqueles que a vissem por último neste mundo. Ela estava na minha frente, o tempo todo enquanto eu viajava, com o mesmo aspecto e palidez.

Houve uma breve pausa enquanto os dois pensavam. Willoughby, animando-se primeiro, rompeu o silêncio.

- Bem, preciso ir embora. Sua irmã está mesmo melhor, fora de perigo?
- Asseguraram-nos que sim.
- Pobre da sua mãe, também! Que tanto ama Marianne.
- Mas a carta, senhor Willoughby, sua própria carta. Não tem nada a dizer sobre isso?
- Sim, sim, especialmente sobre ela. Sua irmã me escreveu de novo, você sabe, na manhã seguinte. A senhorita viu o que ela falou. Eu estava tomando café da manhã com os Ellison e a carta dela, com algumas outras, foi levada para lá de onde eu estava hospedado. Por acaso, Sophia a viu antes de mim, e o tamanho, a elegância do papel, a caligrafia, tudo isso logo a deixou desconfiada. Alguma vaga informação já chegara a ela sobre o meu apego a uma jovem senhorita em Devonshire, e o que acontecera na

frente de seus olhos na noite anterior definira quem era a jovem e deixou-a mais ciumenta do que nunca. Fingindo um ar brincalhão, portanto, que é delicioso na mulher que se ama, ela abriu a carta imediatamente e leu seu conteúdo. Ela pagou caro por sua imprudência. Leu o que a deixou muito triste. Sua tristeza eu poderia ter suportado, mas sua ira... sua maldade... Em todos os casos, foi preciso acalmá-la. E, resumindo, o que você acha do estilo literário da minha esposa? Delicado, tenro, verdadeiramente feminino, não?

– Sua esposa! Mas a carta tinha a sua letra!

– Sim, mas só tive o crédito de copiar servilmente frases que tive vergonha de assinar com meu nome. O original foi todo dela, seus próprios pensamentos felizes e sutil redação. Mas o que eu poderia fazer? Estávamos noivos, tudo em preparação, o dia quase marcado... mas estou falando como um idiota. Preparação! Dia! Honestamente, o dinheiro dela era necessário para mim, e em uma situação como a minha, qualquer coisa deveria ser feita para evitar uma ruptura. E, afinal, o que significou para meu caráter na opinião de Marianne e seus amigos a linguagem com a qual minha resposta foi formulada? Devia servir apenas a um propósito. Minha função era me declarar um canalha, e não importava se o fizesse com uma reverência ou uma bravata. “Estou arruinado para sempre na opinião delas”, disse para mim mesmo. “Estou banido para sempre da companhia delas. Já me acham um sujeito sem princípios, esta carta só fará com que me vejam como um vilão.” Tais eram meus pensamentos, enquanto, em uma espécie de negligência tranquila, copiei as palavras da minha esposa e me despedi das últimas relíquias de Marianne. As três cartas dela... desgraçadamente, estavam todas na minha caderneta, ou teria negado a existência delas e guardado todas para sempre... Fui forçado a devolvê-las e nem pude beijá-las. E o cacho de cabelo, que também sempre carregava comigo na mesma caderneta, a qual foi revistada pela madame com a virulência mais prazerosa... o querido cacho... tudo, todas as lembranças foram arrancadas de mim.

– Você está muito errado, senhor Willoughby, suas palavras são muito condenáveis – disse Elinor, enquanto sua voz, apesar de tentar evitar, traía sua emoção compassiva. – Não deveria falar assim, nem da senhora Willoughby nem da minha irmã. Você fez sua própria escolha. Ela não lhe foi imposta. Sua esposa tem o direito de reivindicar sua cortesia, seu respeito, pelo menos. Ela deve sentir afeto por você, ou não teria se casado

com o senhor. Tratá-la de forma indigna, falar dela com desprezo não é compensação para Marianne, nem posso supor que seja um alívio para sua própria consciência.

– Não me fale da minha esposa – disse ele com um suspiro pesado. – Ela não merece sua compaixão. Ela sabia que eu não a amava quando nos casamos. Bem, estávamos casados e fomos para Combe Magna para sermos felizes e depois vamos retornar à cidade para nos divertir. E agora você sente pena de mim, senhorita Dashwood? Ou contei tudo isso inutilmente? Sou, mesmo que um pouco, menos culpado em sua opinião do que era antes? Minhas intenções nem sempre foram erradas. Justifiquei alguma parte da minha culpa?

– Sim, você decerto a diminuiu... um pouco. Provou ser, no geral, menos falso do que eu acreditara. Provou que seu coração é menos perverso, muito menos perverso. Mas é difícil saber... A tristeza que você causou... Não consigo pensar como poderia ser pior.

– Você repetirá para sua irmã, quando ela estiver recuperada, o que contei a você? Que a opinião dela em relação a mim melhore um pouco, assim como a sua. Você me disse que ela já me perdoou. Permita-me imaginar que um melhor conhecimento do meu coração e dos meus sentimentos presentes conseguirá despertar nela um perdão mais espontâneo, mais natural, mais gentil, menos formal. Conte a ela sobre meu sofrimento e minha penitência, diga que meu coração nunca foi inconstante em relação a ela, e se quiser, que neste momento ela é mais importante para mim do que nunca.

– Vou dizer a ela tudo que for necessário para o que pode ser chamado relativamente de sua justificativa. Mas o senhor não me explicou o motivo particular da sua vinda agora, tampouco como ouviu falar da doença dela.

– Na noite passada, no saguão do Drury Lane, encontrei *sir* John Middleton, e quando ele viu quem eu era, falou comigo pela primeira vez em dois meses. Que ele tivesse cortado a relação comigo desde meu casamento, eu vira sem surpresa nem ressentimento. Agora, no entanto, sua alma boa, honesta e estúpida, cheia de indignação contra mim e de preocupação por sua irmã, não conseguiu resistir à tentação de me dizer o que sabia que deveria, embora provavelmente não pensasse que me deixaria tão irritado. Tão sem rodeios quanto podia, portanto, ele me contou que Marianne Dashwood estava morrendo de uma febre infecciosa em Cleveland... uma carta da senhora Jennings recebida naquela manhã

declarou que o perigo era iminente, que os Palmer partiram com medo, etc. Fiquei muito chocado para ser capaz de me passar como insensível mesmo para o imponderado *sir* John. Seu coração foi suavizado ao ver o meu sofrer, e boa parte de sua má vontade desapareceu, de modo que, quando nos separamos, ele quase apertou minha mão enquanto me lembrava uma velha promessa sobre um filhote de pointer. O que senti ao ouvir que sua irmã estava morrendo, e morrendo com a crença de que eu era o maior vilão da Terra, desprezando-me, odiando-me em seus últimos momentos, pois como eu poderia saber quantas horríveis ações não foram atribuídas a mim? Uma pessoa, eu tinha certeza, poderia me representar como capaz de qualquer coisa. O que senti foi terrível! Logo tomei a decisão e, às oito horas desta manhã, já estava na minha carruagem. Agora, a senhorita sabe tudo.

Elinor não respondeu. Seus pensamentos estavam silenciosamente fixos na irreparável injúria que uma independência prematura demais e seus consequentes hábitos de ociosidade, depravação e luxo causaram na mente, no caráter e na felicidade de um homem que, com todas as vantagens pessoais e talento, somavam-se a uma disposição naturalmente aberta e honesta em um temperamento sensível e afetuoso. O mundo tornara-o extravagante e vaidoso. A extravagância e a vaidade o deixaram com um coração frio e egoísta. A vaidade, enquanto buscava seu próprio triunfo à custa de outro, o envolvera em um carinho real, cuja extravagância, ou pelo menos seu resultado, a necessidade, precisara ser sacrificada. Cada propensão defeituosa que o levava ao mal levava-o também à punição. Então, o apego, do qual contra a honra, contra o sentimento, contra todos os melhores interesses, ele afastara-se externamente, agora, quando já não era permitido, governava todo seu pensamento. E o casamento, pelo qual ele tinha, com pouco escrúpulo, deixado sua irmã destroçada, provavelmente acabaria sendo uma fonte de infelicidade para si mesmo de uma natureza muito mais incurável. De um devaneio desse tipo, ela foi chamada de volta após alguns minutos por Willoughby que, despertando de um devaneio pelo menos igualmente doloroso, levantou-se para se preparar para partir e disse:

- Não há por que ficar aqui, devo ir embora.
- O senhor voltará para a cidade?
- Não, para Combe Magna. Tenho negócios lá. De lá, irei para a cidade em um ou dois dias. Adeus.

Ele esticou a mão. Ela não podia se recusar a dar a dela. Ele a apertou com carinho.

– E a senhorita me vê com melhores olhos do que antes? – perguntou ele, deixando cair o braço e recostando-se na lareira, como se tivesse esquecido que estava prestes a partir.

Elinor assegurou que sim, que ela perdoava, sentia pena, desejava o melhor para ele e estava até interessada em sua felicidade, e acrescentou um conselho gentil quanto ao comportamento mais propício para isso. A resposta dele não foi muito encorajadora.

– Quanto a isso – disse ele –, devo me arrastar pelo mundo da melhor maneira que puder. A felicidade doméstica está fora de questão. Se, no entanto, eu tiver a permissão de pensar que a senhorita e sua família se interessam pelo meu destino e ações, pode ser o meio... pode ser um estímulo... pelo menos, poderia ser algo por que viver. Marianne, com certeza, está perdida para mim para sempre. Mesmo que eu tivesse alguma oportunidade abençoada de me liberar novamente...

Elinor o deteve com uma repreensão.

– Bem – ele respondeu –, mais uma vez, adeus. Agora, vou embora e viver com medo de um próximo evento.

– O que quer dizer?

– O casamento da sua irmã.

– Você está muito errado. Ela nunca poderia estar mais perdida para você do que agora.

– Mas será conquistada por outra pessoa. E se for justamente aqueleque, de todos, eu menos suportaria... mas não ficarei para me privar de toda sua compaixão mostrando que, onde eu mais feri, menos posso perdoar. Adeus. Que Deus a abençoe!

E com essas palavras, ele quase saiu correndo da sala.

Capítulo 45

Elinor, por algum tempo depois que ele a deixou, inclusive mesmo depois que o som da carruagem morrera a distância, permaneceu muito oprimida por um turbilhão de ideias, muito diferentes entre si, mas tendo como resultado geral uma profunda tristeza, a ponto de nem pensar na irmã.

Willoughby, que há apenas meia hora ela abominava como o homem mais desprezível de todos, apesar de todos seus defeitos, despertou um certo grau de compaixão pelo sofrimento produzido por seus próprios erros, o que a fez pensar nele, agora separado para sempre de sua família, com ternura e pena, mais por seus desejos do que por seus méritos, como logo reconheceu para si mesma. Ela sentiu que a influência dele sobre sua mente era intensificada por questões que racionalmente não deveriam ter peso: aquela personalidade que exercia uma atração incomum, aquela maneira aberta, afetuosa e viva que não era mérito algum possuir. E pelo amor ainda ardente por Marianne, ao qual não se podia entregar de forma inocente. Mas ela sentiu que era assim, muito, muito antes de poder sentir menos sua influência.

Quando ela enfim retornou para junto de Marianne, que nada sabia da visita, encontrou-a acordando, revigorada por um sono longo e doce, como havia esperado. O coração de Elinor estava pesado. O passado, o presente, o futuro, a visita de Willoughby, a segurança de Marianne e a chegada esperada de sua mãe fizeram com que ficasse muito agitada e a impediram de ser tomada pelo cansaço, e apenas deixando-a com medo de trair a si mesma diante da irmã. No entanto, o medo durou pouco tempo, pois meia hora depois da partida de Willoughby, ela foi novamente chamada para o térreo pelo som de outra carruagem. Ansiosa para poupar a mãe de qualquer momento desnecessário de suspense terrível, ela correu e chegou até a porta a tempo de recebê-la e apoiá-la quando entrou.

A senhora Dashwood, cujo terror, quando se aproximavam da casa, produziu quase a convicção de que Marianne estava morta, não tinha voz para perguntar por ela, nem mesmo para falar com Elinor. Mas esta, sem esperar cumprimentos nem indagações, proporcionou de imediato o alívio feliz. E a mãe, recebendo-o com todo seu calor habitual, ficou em um momento tão dominada pela felicidade quanto ficara antes por seus medos. Ela foi levada até a sala de estar apoiada entre a filha e o amigo. E lá, derramando lágrimas de alegria, embora ainda incapaz de falar, abraçou Elinor várias vezes, afastando-se dela a intervalos para apertar a mão do coronel Brandon, com um olhar que mostrava imediatamente a gratidão e a convicção de que ele compartilhava com ela a felicidade do momento. Ele a compartilhava, no entanto, em um silêncio ainda maior que o dela.

Assim que a senhora Dashwood se recuperou, ver Marianne foi seu

primeiro desejo, e em dois minutos estava com a filha amada, ainda mais adorada do que nunca pela distância, infelicidade e perigo. O prazer de Elinor, ao ver o que cada uma sentia ao se encontrarem, só foi diminuído por uma apreensão de que aquilo pudesse roubar o descanso de Marianne, mas a senhora Dashwood sabia ser calma, e até prudente, quando a vida de uma filha estava em jogo. E Marianne, satisfeita em saber que a mãe estava perto dela e consciente de estar muito fraca para conversar, submeteu-se prontamente ao silêncio e ao repouso prescrito por todas as enfermeiras à sua volta. A senhora Dashwood ficaria com ela a noite toda e Elinor, em conformidade com a súplica da mãe, foi para a cama. Mas o sono, que uma noite inteira sem dormir e as muitas horas de ansiedade mais desgastante pareciam exigir, foi impedido por uma irritação em seu ânimo. Willoughby, “o pobre Willoughby”, como ela agora se permitia chamá-lo, estava constantemente em seus pensamentos. Ela não queria ouvir sua defesa de maneira alguma, e agora se culpava e depois se absolvía por tê-lo julgado tão duramente antes. Mas a promessa de contar aquilo para a irmã era invariavelmente dolorosa. Ela temia fazer aquilo, temia qual poderia ser o efeito sobre Marianne, duvidava se, depois de tal explicação, ela jamais poderia ser feliz com outra pessoa e por um momento desejou que Willoughby ficasse viúvo. Entretanto, lembrando do coronel Brandon, repreendeu-se, sentindo que os sofrimentos e a constância dele mereciam muito mais ter Marianne como recompensa do que seu rival e desejou qualquer coisa menos a morte da senhora Willoughby.

O choque da ida do coronel Brandon a Barton fora abrandado para a senhora Dashwood por sua própria preocupação anterior, pois sua inquietação em relação a Marianne era tamanha que ela já decidira partir para Cleveland naquele mesmo dia, sem esperar por mais informações, e até já havia organizado sua viagem antes da chegada dele, tanto que os Carey eram esperados a qualquer momento para buscar Margaret, pois sua mãe não estava disposta a levá-la para onde pudesse haver alguma infecção.

Marianne continuou a melhorar a cada dia, e a alegria luminosa da aparência e do ânimo da senhora Dashwood provou que ela era, como declarou várias vezes, uma das mulheres mais felizes do mundo. Elinor não podia ouvir a declaração nem testemunhar suas provas sem às vezes se perguntar se a mãe se lembrava de Edward. Mas a senhora Dashwood,

confiando no relato calmo da decepção que Elinor lhe enviara, foi levada pela exuberância de sua alegria a pensar apenas em coisas capazes de aumentá-la. Marianne foi devolvida a ela de um perigo no qual, como ela agora começava a sentir, seu próprio julgamento equivocado ao encorajar a infeliz união com Willoughby contribuíra para colocá-la, e, em sua recuperação, havia ainda outra fonte de alegria que Elinor não tinha pensado. E isso foi dito a ela, assim que surgiu a oportunidade de terem uma conversa privada.

– Por fim, estamos sozinhas. Elinor, você ainda não sabe de toda a minha felicidade. O coronel Brandon ama Marianne. Ele mesmo me disse.

A filha, sentindo-se ao mesmo tempo encantada e magoada, surpresa e não surpresa, ouvia tudo com uma atenção silenciosa.

– Você nunca é como eu, querida Elinor, ou deveria me espantar com sua calma agora. Se eu tivesse parado para desejar algum bem possível para minha família, deveria ter visto que o casamento do coronel Brandon com uma de vocês seria o objetivo mais desejável. E acredito que Marianne será, das duas, a mais feliz com ele.

Elinor estava meio inclinada a perguntar os motivos pelos quais ela pensava assim, pois sabia que nenhum poderia ser dado tendo como base uma consideração imparcial da idade, personalidades ou sentimentos delas, mas a mãe sempre era levada pela imaginação no que dizia respeito a qualquer assunto de seu interesse e, portanto, em vez de fazer uma pergunta, ela simplesmente sorriu.

– Ele abriu todo seu coração para mim ontem enquanto viajávamos. Foi uma surpresa, algo bastante imprevisto. Eu, você pode imaginar, não conseguia falar nada além da minha filha. Ele não conseguia esconder sua angústia e percebi que era igual à minha. E ele, talvez pensando que a mera amizade, como são as coisas hoje, não justificaria uma simpatia tão calorosa, ou melhor, sem pensar em nada, suponho, cedeu a sentimentos irresistíveis, contou-me sobre seu carinho sincero, terno e constante por Marianne. Ele a ama, minha Elinor, desde o primeiro momento em que a viu.

Aqui, no entanto, Elinor percebeu que não era a linguagem, tampouco as declarações do coronel Brandon, mas os enfeites naturais da imaginação ativa de sua mãe, a qual elaborava, da forma que quisesse, tudo que, de alguma maneira, a deleitasse.

– Seu afeto por ela, superando infinitamente qualquer coisa que

Willoughby jamais sentiu ou fingiu sentir, muito mais caloroso, assim como mais sincero e constante, como queiramos chamar, subsistiu por meio de todo o conhecimento da infeliz ilusão de Marianne por aquele jovem sem valor! E sem egoísmo, sem estimular uma esperança! Como conseguiria vê-la feliz com outro. Uma mente tão nobre! Tanta franqueza, tanta sinceridade! Ninguém pode se enganar com ele.

– O caráter do coronel Brandon – disse Elinor –, como um excelente homem, está bem estabelecido.

– Eu sei que está – respondeu seriamente a mãe – ou, depois de tal aviso, eu deveria ser a última a encorajar tal afeto, ou mesmo a ficar satisfeita com isso. Mas a maneira como ele falou comigo, com uma amizade tão viva e tão solícita, é suficiente para provar que é um homem de grande valor.

– Seu caráter, no entanto – respondeu Elinor –, não se resume a um ato de bondade, o qual seu afeto por Marianne, ainda que não houvesse uma predisposição humanitária, o teria levado a fazer. Para a senhora Jennings, para os Middleton, ele é conhecido intimamente há muito tempo. Eles o amam e o respeitam de maneira igual, e mesmo o que conheço dele, embora tenha sido há pouco tempo, é muito considerável. E eu o valorizo e estimo tanto que, se Marianne pudesse ser feliz com ele, estaria tão disposta quanto a senhora a pensar nessa união como a maior bênção do mundo para nós. Qual resposta a senhora deu a ele? Permitiu que ele tivesse esperanças?

– Ah, meu amor, naquele momento, não podia falar de esperança nem para ele nem para mim. Marianne poderia, naquele momento, estar morrendo. Mas ele não pediu esperança ou encorajamento. Foi uma confissão involuntária, um desabafo incontável para uma amiga consoladora, e não um pedido de casamento a uma mãe. No entanto, depois de algum tempo eu disse, pois no começo eu estava bastante abalada, que se ela vivesse, como eu confiava que poderia, minha maior felicidade seria incentivar o casamento deles, e desde a nossa chegada, desde o momento em que estivemos em segurança, repeti isso a ele mais plenamente, dei todos os encorajamentos que pude. Tempo, um pouquinho mais de tempo, disse a ele, e tudo se resolverá. O coração de Marianne não deve ser desperdiçado para sempre com um homem como Willoughby. Os próprios méritos do coronel assegurarão isso.

– A julgar pelo ânimo do coronel, no entanto, você ainda não o deixou

igualmente otimista.

– Não. Ele acha que o carinho de Marianne está tão profundamente enraizado que qualquer mudança demorará muito tempo, e mesmo supondo que seu coração volte a ficar livre, não acha possível que, com tanta diferença de idade e disposição, poderia conquistá-la. Nisso, entretanto, ele está bastante enganado. O fato de ser mais velho do que ela é uma vantagem, pois torna seu caráter e seus princípios mais definidos, e sua disposição, estou bastante convencida, é exatamente o que tornará sua irmã feliz. E sua pessoa, seus costumes também estão a seu favor. Minha parcialidade não me cega, ele não é tão bonito quanto Willoughby, mas, ao mesmo tempo, há algo muito mais agradável em seu semblante. Sempre houve algo nos olhos de Willoughby, se você se lembra, que às vezes eu não gostava.

Elinor não conseguia se lembrar, mas sua mãe, sem esperar sua concordância, continuou:

– E seus modos, os modos do coronel não são apenas mais agradáveis para mim do que os de Willoughby jamais foram, mas são do tipo que, tenho certeza, atrairão mais seguramente o afeto de Marianne. A gentileza dele, a atenção genuína a outras pessoas e a simplicidade masculina e espontânea estão muito mais de acordo com a personalidade dela do que a vivacidade... muitas vezes artificial e inoportuna... do outro. Tenho muita certeza de que se Willoughby tivesse se revelado tão amável quanto provou ser o contrário, mesmo assim Marianne nunca seria tão feliz com ele quanto será com o coronel Brandon.

Ela fez uma pausa. A filha não podia concordar com ela, mas sua discordância não foi ouvida e, portanto, não causou nenhuma ofensa.

– Em Delaford, ela estará a uma curta distância de mim – acrescentou a senhora Dashwood – mesmo que eu permaneça em Barton. E com toda a probabilidade, pois ouvi dizer que é uma aldeia grande, certamente deve haver alguma pequena casa ou chalé perto que possa nos satisfazer tanto quanto nossa situação atual.

Pobre Elinor! Havia um novo esquema para levá-la a Delaford! Mas seu espírito era teimoso.

– A fortuna dele também! Pois, na minha idade, você sabe, todos se preocupam com isso, e embora eu não conheça nem queira saber quanto ele realmente tem, estou certa de que deve ser uma boa quantia.

Neste ponto, elas foram interrompidas pela entrada de uma terceira

pessoa, e Elinor retirou-se para pensar em tudo aquilo privadamente, desejando o sucesso de seu amigo e, ao mesmo tempo, sentindo um aperto no coração por Willoughby.

Capítulo 46

A doença de Marianne, embora debilitante, não durara o suficiente para tornar sua recuperação lenta. Desse modo, com o auxílio da juventude, da força natural e da presença da mãe, ela transcorreu tão tranquilamente a ponto de permitir que Marianne, quatro dias após a chegada da senhora Dashwood, caminhasse até a sala de estar da senhora Palmer. Quando estava lá, ela mesma pediu que chamassem o coronel Brandon para visitá-la, pois estava impaciente para agradecê-lo por ter buscado sua mãe.

A emoção dele ao entrar na sala, ao ver como ela estava com a aparência alterada, e ao receber a mão pálida que ela imediatamente lhe ofereceu, era tal que levou Elinor a pensar que deveria ser causada por algo mais do que seu afeto por Marianne, ou da consciência de que todos sabiam o que ele sentia. E ela logo descobriu em seu olhar melancólico, e na sua expressão alterada enquanto ele olhava para a irmã, a provável lembrança de muitas cenas tristes do passado, trazidas por essa semelhança entre Marianne e Eliza, já reconhecida e agora reforçada pelo olhar vazio, a pele sem brilho, o aspecto de fraqueza e o reconhecimento caloroso de um favor especial.

A senhora Dashwood, não menos atenta ao que aconteceu do que a filha mais velha, mas com uma mente influenciada por pensamentos bem díspares, e, portanto, observando por prismas muito diferentes, não viu nada no comportamento do coronel a não ser o despertado pelas sensações mais simples e evidentes. Ao mesmo tempo, pelas ações e palavras de Marianne, ela convenceu-se a pensar que estava nascendo algo mais do que a simples gratidão.

Depois de mais um ou dois dias, com Marianne visivelmente mais forte a cada doze horas, a senhora Dashwood, impelida igualmente pelos próprios desejos e os da filha, começou a falar sobre retornar a Barton. Das suas decisões dependiam as de seus dois amigos. A senhora Jennings não sairia de Cleveland enquanto as Dashwood estivessem lá, e o coronel Brandon logo foi levado, pelo pedido de todas, a considerar sua própria estada ali

como igualmente determinada, senão indispensável com a mesma intensidade. Com o pedido tanto dele quanto da senhora Jennings, por outro lado, a senhora Dashwood foi convencida a aceitar utilizar a carruagem do coronel na viagem de volta, para acomodar melhor a filha convalescente; e o coronel, após um convite conjunto da senhora Dashwood e da senhora Jennings, cuja boa natureza a tornou amigável e hospitaleira tanto no nome dela quanto no das outras pessoas, concordou em fazer uma visita ao chalé em poucas semanas.

Chegou o dia da separação e da partida, e Marianne, depois de ter se despedido carinhosa e longamente da senhora Jennings, tão fervorosamente agradecida, tão cheia de respeito e votos amáveis que seu coração se sentia obrigado a manifestar devido a um reconhecimento secreto de sua desatenção anterior, e oferecendo ao coronel Brandon um adeus com a cordialidade de uma amiga, foi cuidadosamente ajudada por ele a entrar na carruagem, da qual ele parecia ansioso que ela ocupasse pelo menos a metade do espaço. A senhora Dashwood e Elinor embarcaram em seguida, e os outros foram deixados sozinhos, para conversar sobre as viajantes e o tédio que sentiriam, até que a senhora Jennings entrou em casa para sentir algum conforto ao conversar com sua criada sobre a perda de suas duas jovens companhias. Depois, o coronel Brandon tomou imediatamente seu caminho solitário para Delaford.

As Dashwood ficaram dois dias na estrada e Marianne suportou a viagem inteira sem nenhuma fadiga especial. Tudo que a afeição mais zelosa, o cuidado mais solícito poderiam fazer para que ficasse mais confortável foi o trabalho de cada uma das suas cuidadosas acompanhantes, e todas foram recompensadas com seu bem-estar físico e tranquilidade de espírito. Para Elinor, a observação dessa calma era especialmente gratificante. Ela, que a vira sofrendo tanto durante semanas, oprimida por uma angústia no coração da qual não tinha coragem de falar nem resiliência para ocultar, agora via com uma alegria que ninguém mais poderia compartilhar uma aparente serenidade que, ao ser o resultado, como ela confiava, de uma reflexão séria, poderia fazer com que a irmã voltasse ao contentamento e à alegria habituais.

Quando se aproximaram efetivamente de Barton e percorreram caminhos nos quais cada campo e cada árvore traziam algumas lembranças peculiares e dolorosas, Marianne ficou em silêncio e pensativa. Ela virou o rosto, escondendo-o das outras, olhando pela janela em uma concentração

ansiosa. Mas Elinor não podia nem questionar nem culpar sua irmã por isso, e quando viu, enquanto a ajudava a descer da carruagem, que Marianne estivera chorando, considerou uma emoção muito natural em si mesma para despertar qualquer coisa menos terna do que piedade, e louvável em sua descrição. Pela forma que Marianne agiu depois, ela percebeu uma mente disposta a um esforço razoável, pois assim que entraram na sala de estar, Marianne olhou ao redor com um aspecto de firmeza resoluta, como se estivesse determinada de uma vez a se acostumar à visão de todos os objetos com os quais a lembrança de Willoughby poderia estar associada. Ela falou pouco, mas todas as frases eram alegres, e apesar de deixar escapar um suspiro às vezes, ele nunca sumia sem a reparação de um sorriso. Depois do jantar, ela tentaria tocar piano. Foi o que fez, mas a primeira partitura que viu foi uma ópera, comprada para ela por Willoughby, contendo alguns de seus duetos favoritos, e com o nome dela escrito na capa com a letra dele. Aquilo não funcionaria. Ela balançou a cabeça, afastou a partitura e, depois de dedilhar por um minuto, reclamou de fraqueza nos dedos e fechou o instrumento novamente, declarando, no entanto, com firmeza, que praticaria muito no futuro.

Na manhã seguinte, não houve nenhuma redução em seu ânimo alegre. Pelo contrário, com a mente e o corpo fortalecidos pelo repouso, sua aparência e modo de falar demonstravam um ânimo mais genuíno, antecipando o prazer do retorno de Margaret e falando do querido grupo familiar que seria reunido, de suas atividades comuns e da companhia feliz, como a única felicidade que valesse a pena desejar.

– Quando o tempo estiver melhor e eu tiver recuperado minha força – disse ela –, faremos longas caminhadas juntas todos os dias. Caminharemos até a fazenda no sopé da colina para ver como estão as crianças. Iremos até as novas plantações de *sir* John em Barton Cross e a Abbeyland. E iremos muitas vezes até as antigas ruínas do convento para tentar identificar suas fundações até onde nos disseram que um dia chegavam. Sei que seremos felizes. Sei que o verão será cheio de alegria. Não pretendo levantar-me depois das seis, e dessa hora até o jantar dividirei cada momento entre a música e a leitura. Já fiz meu plano e estou determinada a estudar com seriedade. Conheço nossa própria biblioteca bem demais para poder recorrer a ela para qualquer coisa além de simples entretenimento. Mas há muitos trabalhos que valem a pena ser lidos em

Barton Park, e há outros de produção mais moderna que sei que posso pedir emprestado ao coronel Brandon. Ao ler apenas seis horas por dia, ganharei no decorrer de um ano muita instrução que agora sinto que me falta.

Elinor elogiou-a por um plano de origem tão nobre quanto aquele, embora sorrindo ao ver a mesma imaginação ansiosa que a levava ao extremo da indolência lânguida e à reclamação egoísta agora produzindo exageros naquele plano de ocupação racional do tempo e de autocontrole virtuoso. No entanto, seu sorriso mudou para um suspiro quando ela lembrou que a promessa feita a Willoughby ainda não fora cumprida, e temia que teria que comunicar algo que poderia novamente desestabilizar a mente de Marianne e arruinar pelo menos por um momento aquela bela perspectiva de tranquilidade. Disposta portanto a adiar a hora fatal, ela resolveu esperar até que a saúde da irmã estivesse mais segura, antes de tentar contar. Mas a decisão foi tomada apenas para ser quebrada.

Marianne passara dois ou três dias em casa, antes de que o tempo ficasse bom o suficiente para que alguém convalescendo como ela pudesse se aventurar a sair. Mas, finalmente, o dia amanheceu suave e maravilhoso, provocando uma tentação nos desejos da filha e na confiança da mãe, e Marianne, apoiada no braço de Elinor, foi autorizada a caminhar o tempo que conseguisse sem se cansar, no caminho diante da casa.

As irmãs partiram em um ritmo lento, como exigido pela fraqueza de Marianne, que não se exercitava desde sua doença. E tinham se afastado da casa somente a ponto de terem uma visão completa da colina, a importante colina atrás da casa, quando, parando e olhando para ela, Marianne disse calmamente:

– Foi ali, exatamente ali – apontando com uma mão –, naquele monte protuberante, que caí e vi Willoughby pela primeira vez.

Sua voz sumiu ao falar aquele nome, mas recuperando-se rapidamente, ela acrescentou:

– Estou grata por descobrir que posso olhar com tão pouca dor para o local! Vamos falar sobre esse assunto, Elinor? – ela perguntou hesitante. – Ou será errado? Acho que consigo falar sobre isso agora, espero, da maneira como deveria.

Elinor convidou-a ternamente a se abrir.

– Quanto ao arrependimento – disse Marianne –, isto já passou, no que diz respeito a ele. Não quero falar com você sobre quais eram meus

sentimentos por ele, e sim sobre quais são agora. No momento, se eu pudesse ficar satisfeita em um ponto, se pudesse pensar que ele nem sempre fingia, nem sempre me enganava, mas, acima de tudo, se eu pudesse ter certeza de que ele nunca foi tão mau como os meus medos, por vezes, me fizeram imaginar, desde a história daquela infeliz jovem...

Ela parou. Elinor sentiu alegria por suas palavras enquanto respondeu:

– Se você pudesse ter certeza disso, acha que seria mais fácil?

– Acho. Minha paz de espírito está duplamente envolvida nisso. Não só é horrível suspeitar que uma pessoa que significou tanto para mim quanto ele fosse capaz de tais atos, mas o que isso faz com que pareça para mim mesma? Em uma situação como a minha, somente um afeto vergonhosamente indiscreto poderia me expor a...

– Como – perguntou sua irmã – você avaliaria o comportamento dele?

– Eu suporia que ele... Ah, com que felicidade eu imaginaria! Apenas volúvel, muito, muito volúvel.

Elinor não falou mais nada. Estava tentando decidir sobre a conveniência de contar sua história imediatamente ou adiá-la até que Marianne estivesse melhor de saúde. E seguiram caminhando por alguns minutos em completo silêncio.

– Não estou desejando nada muito bom para ele – disse finalmente Marianne com um suspiro – quando desejo que suas reflexões íntimas não sejam mais desagradáveis do que as minhas. Ele sofrerá o suficiente com elas.

– Você compara sua conduta com a dele?

– Não. Comparo com o que deveria ter sido, comparo-a com a sua.

– Nossas situações tiveram pouca semelhança.

– Foram mais parecidas do que a nossa conduta. Não deixe, querida Elinor, que sua bondade defenda o que sei que seu julgamento deve censurar. Minha doença me fez pensar. Deu-me tempo livre e calma para pensar seriamente. Muito antes de estar suficientemente recuperada para conversar, eu era perfeitamente capaz de refletir. Considerei o passado: vi no meu próprio comportamento, desde o início da nossa amizade com ele no outono passado, nada além de uma série de imprudências em relação a mim mesma e falta de bondade com os outros. Vi que meus próprios sentimentos tinham preparado meus sofrimentos, e que minha falta de força para dominá-los quase me levou ao túbulo. Minha doença, eu bem sabia, fora inteiramente provocada por mim mesma, pela negligência com

minha própria saúde, algo que, mesmo naquele momento, senti que estava errado. Se eu tivesse morrido, teria sido autodestruição. Não percebi o perigo que corria até ele desaparecer, mas com os sentimentos que essas reflexões me proporcionaram, fico admirada com minha recuperação... admirada que a sinceridade da minha vontade de viver, para ter tempo de me expiar diante de meu Deus e de todos vocês, não tivesse me matado imediatamente. Se eu tivesse morrido, com que sofrimento eu teria deixado você, minha enfermeira, minha amiga, minha irmã! Você, que vira todo o egoísmo irritante dos meus últimos dias, que conhecera todos os murmúrios do meu coração! Como eu teria vivido em sua lembrança! Minha mãe também! Como você poderia consolá-la? Não consigo expressar minha própria aversão a mim mesma. Sempre que olhava para o passado, via algum dever negligenciado ou algum defeito tratado com indulgência. Parece que feri todo mundo. A bondade, a incessante gentileza da senhora Jennings, eu retribuía com um desprezo ingrato. Com os Middleton, os Palmer, as Steele, até mesmo com nossos conhecidos, fui insolente e injusta. Com um coração endurecido contra seus méritos e sentindo muita irritação com a atenção deles. A John, a Fanny, sim, mesmo a eles, que tão pouco merecem, eu dera menos do que o devido. Mas você, acima de tudo, acima da minha mãe, fora injustiçada por mim. Eu, e somente eu, conhecia seu coração e suas dores... Ainda assim, em que isso me influenciou? Não a qualquer compaixão que pudesse beneficiá-la ou a mim. Seu exemplo estava na minha frente, mas de que serviu? Fui mais atenciosa com você e com o seu conforto? Imitei sua tolerância ou diminuí suas restrições, tomando parte nesses exercícios de complacência geral ou gratidão particular que você precisou enfrentar sozinha? Não, nem quando eu sabia que você estava infeliz ou quando acreditava que estava bem, fiz qualquer esforço que o dever ou a amizade exigiam, não admitindo que alguém além de mim pudesse sentir tristeza, lamentando apenas aquele coração que me desertara e me ferira, e deixando que você, por quem eu professava um carinho ilimitado, ficasse triste por minha causa.

Aqui terminou o fluxo rápido de seu espírito de autorreprovação, e Elinor, impaciente por acalmá-la, embora muito honesta para elogiá-la, ofereceu imediatamente o louvor e o apoio que sua franqueza e remorso tanto mereciam. Marianne apertou a mão dela e respondeu:

– Você é muito boa. O futuro será minha prova. Estabeleci meu plano, e

se for capaz de segui-lo, meus sentimentos serão governados e meu temperamento, aperfeiçoado. Eles não preocuparão mais os outros nem me torturarão. Viverei agora somente para minha família. Você, minha mãe e Margaret serão, a partir de agora, todo o meu mundo. Meu afeto será dedicado inteiramente a vocês. Nunca mais terei a menor vontade de me afastar de vocês, do meu lar, e se vier a me relacionar com outras pessoas, será apenas para mostrar que meu espírito se tornou mais humilde, que meu coração mudou e que posso praticar as regras da sociedade, os deveres menores da vida, com gentileza e tolerância. Quanto a Willoughby, seria absurdo dizer que o esquecerei em breve ou em algum momento. Sua lembrança não pode ser superada por nenhuma mudança de circunstâncias ou opiniões. Mas será dominada, será contida pela religião, pela razão, pelo trabalho constante.

Ela fez uma pausa e acrescentou em voz baixa:

– Se eu pudesse conhecer o coração dele, tudo ficaria fácil.

Elinor, que já refletia havia algum tempo se seria correto ou não arriscar contar prontamente o que sabia, sem se sentir mais perto de decisão do que no início, ouviu essas palavras e, percebendo que como reflexões não levavam a nada, a resolução deveria fazer tudo, logo começou a contar o que sabia.

Ela conseguiu contar o ocorrido, como esperava, de maneira correta. Preparou sua ouvinte ansiosa com cautela, relatou de modo simples e honesto os principais pontos nos quais Willoughby baseara suas desculpas. Fez justiça ao seu arrependimento e suavizou apenas as afirmações de carinho atual. Marianne não disse uma palavra. Ela tremia, seus olhos estavam fixos no chão e seus lábios ficaram ainda mais brancos do que a doença os deixara. Mil perguntas surgiram em seu coração, mas não ousou fazer nenhuma. Ela ouviu todas as palavras com uma ansiedade ofegante. A mão dela, sem perceber, apertava muito a da irmã, e as lágrimas cobriam seu rosto.

Elinor, temendo que ela estivesse cansada, levou-a de volta para casa, e até chegarem à porta do chalé, facilmente conjecturando qual seria a curiosidade dela, embora não tivesse feito nenhuma pergunta, falou apenas sobre Willoughby e a conversa que tiveram. E foi cuidadosamente minuciosa em todos os aspectos do encontro, das palavras e olhares, quando julgou que aquilo não seria prejudicial. Assim que entraram na casa, Marianne, com um beijo de gratidão e estas quatro palavras

articuladas com dificuldade por meio de suas lágrimas, “conte para a mamãe”, afastou-se da irmã e subiu lentamente a escada. Elinor não tentaria incomodar uma solidão tão razoável quanto a que Marianne buscava agora. E prevendo com ansiedade seu resultado e tomando a decisão de reavivar o assunto novamente, se Marianne não o fizesse, ela foi até a sala de estar cumprir o pedido feito quando se despediram.

Capítulo 47

A senhora Dashwood não ouviu impassiva a justificativa de seu antigo favorito. Ela se alegrou por vê-lo liberado de parte da culpa imputada a ele, sentiu piedade e desejou que fosse feliz. Mas os sentimentos do passado não podiam ser trazidos de volta. Nada poderia restaurá-lo com uma fé intacta, um caráter imaculado, para Marianne. Nada poderia eliminar o conhecimento de que ela sofrera por causa dele, tampouco remover a culpa de sua conduta com Eliza. Nada poderia restabelecer, portanto, a antiga estima de Marianne por ele, tampouco prejudicar os atuais interesses do coronel Brandon.

Se a senhora Dashwood, como sua filha, tivesse ouvido a história de Willoughby dele próprio, se tivesse visto a angústia dele e estivesse sob a influência de seu semblante e de suas maneiras, é provável que sua compaixão fosse maior. Mas não estava no poder de Elinor, e tampouco era seu desejo, despertar em outra pessoa, por meio de uma explicação detalhada, os mesmos sentimentos despertados nela inicialmente. A reflexão acalmara seu julgamento e moderara sua própria opinião sobre os méritos de Willoughby. Ela desejava, portanto, contar apenas a pura verdade e mostrar os fatos que realmente eram devidos ao caráter dele, sem nenhum embelezamento que pudesse desvirtuar a imaginação.

À noite, quando as três estavam juntas, Marianne voltou, por sua própria iniciativa, a falar dele, mas não foi sem esforço, como foi claramente demonstrado pelo estado pensativo no qual permaneceu sentada por algum tempo antes e por como ruborizou enquanto falava com a voz instável.

– Desejo assegurar às duas – disse ela – que entendo tudo... como querem que eu faça.

A senhora Dashwood teria interrompido a filha instantaneamente com uma suave ternura, se Elinor, que de fato desejava ouvir a opinião da irmã,

não tivesse indicado com um gesto ansioso para que ficasse em silêncio. Marianne continuou lentamente:

– O que Elinor me contou nessa manhã foi um grande alívio para mim. Agora, ouvi exatamente o que queria – por alguns momentos, sua voz se perdeu. Mas, recuperando-se, acrescentou, com mais calma do que antes: – Estou agora perfeitamente satisfeita, não desejo nenhuma mudança. Nunca poderia ter sido feliz com ele, depois de saber de tudo, algo que aconteceria mais cedo ou mais tarde. Não teria nenhuma confiança, nenhuma estima por ele. Nada poderia apagar isso dos meus sentimentos.

– Eu sei, eu sei – exclamou sua mãe. – Feliz com um homem de práticas libertinas! Com alguém que feriu a paz do mais querido dos nossos amigos e o melhor dos homens! Não, minha Marianne não tem coração para ser feliz com tal homem! Sua consciência, sua consciência sensível, teria sentido tudo que a consciência de seu marido deveria ter sentido.

Marianne suspirou e repetiu:

– Não desejo nenhuma mudança.

– Você considera o assunto – disse Elinor – exatamente como uma mente e uma consciência saudáveis devem considerar, e ousou dizer que percebe, assim como eu, não apenas nisso, mas em muitas outras circunstâncias, razão suficiente para estar convencida de que seu casamento poderia tê-la envolvido em muitos problemas e decepções inevitáveis, nos quais teria pouco apoio de um carinho, por parte dele, que seria muito mais incerto. Se tivesse se casado com ele, sempre seria pobre. Ele mesmo reconhece seus gastos excessivos, e toda a sua conduta demonstra que a abnegação é uma palavra que dificilmente entenderia. As exigências dele e sua inexperiência juntas, em uma renda pequena, muito pequena, teriam provocado angústias que não seriam menos penosas para você, por terem sido inteiramente desconhecidas e impensáveis antes. Seu sentido de honra e sua honestidade a teriam levado, eu sei, quando conhecesse a situação, a tentar economizar o máximo possível, e talvez, enquanto a frugalidade diminuísse apenas seu próprio conforto, você conseguisse se levar a fazê-lo, mas além disso, quão pouco seu gerenciamento solitário poderia fazer para impedir a ruína que começara antes do casamento? Ademais, se você se esforçasse, mesmo que razoavelmente, para diminuir os gastos dele, não seria de se temer que, em vez de convencer sentimentos tão egoístas a concordarem com isso, você teria diminuído sua própria influência sobre o coração dele, levando-o a se arrepender do casamento que o envolveria em

tamanhas dificuldades?

Os lábios de Marianne tremeram e ela repetiu a palavra “egoísta” em um tom que insinuava “você realmente acha que ele é egoísta?”.

– Todo o comportamento dele – respondeu Elinor – do começo ao fim do caso, baseou-se no egoísmo. Foi o egoísmo que primeiro o fez brincar com seu afeto, e que também, depois, quando o afeto dele próprio estava envolvido, fez com que adiasse sua confissão, e, finalmente, o afastou de Barton. Seu próprio prazer ou a sua própria tranquilidade foram, em cada particularidade, o princípio dominante.

– É verdade. Minha felicidade nunca foi o objetivo dele.

– No momento – continuou Elinor –, ele lamenta o que fez. E por que se arrepende? Porque acha que não atendeu suas necessidades. Isso não o deixou feliz. Sua situação agora é boa, ele não sofre nenhum problema desse tipo e pensa apenas que se casou com uma mulher com um temperamento menos amável do que você. Mas isso quer dizer que se tivesse se casado com você, teria sido feliz? As inconveniências teriam sido diferentes. Ele teria sofrido com as dificuldades financeiras às quais, por terem sido removidas, agora não dá importância. Ele teria uma esposa de cujo temperamento não poderia reclamar, mas sempre teria necessidades... sempre seria pobre e, provavelmente, logo teria aprendido a classificar os inúmeros confortos de uma boa propriedade e uma boa renda como muito mais importantes, até para a felicidade doméstica, do que o mero temperamento de uma esposa.

– Não tenho dúvida disso – disse Marianne – e não tenho nada do que me arrepender... Nada além da minha própria imprudência.

– É melhor dizer que a imprudência foi da sua mãe, minha filha – disse a senhora Dashwood. – Ela é quem deve ser responsabilizada.

Marianne não a deixou prosseguir; e Elinor, satisfeita ao ver que cada uma sentia seu próprio erro, desejava evitar qualquer análise do passado que pudesse enfraquecer o ânimo da irmã. Portanto, voltando ao primeiro assunto, continuou imediatamente:

– Uma observação pode, penso eu, ser extraída com justiça de toda a história. Que todas as dificuldades de Willoughby surgiram da primeira ofensa contra a virtude, no modo como se comportou com Eliza Williams. Aquele crime foi a origem de todos os seus descontentamentos, tanto os menores de todos quanto os atuais.

Marianne concordou profundamente com a observação, a qual levou sua

mãe a uma enumeração dos sofrimentos e méritos do coronel Brandon, calorosa como só a amizade e um objetivo poderiam ditar. A filha não parecia, no entanto, estar prestando muita atenção.

Elinor, de acordo com sua expectativa, viu nos dois ou três dias seguintes que Marianne não continuou a recuperar as forças como antes, mas enquanto sua determinação permanecesse inabalada e ela ainda tentasse parecer alegre e tranquila, sua irmã poderia confiar com segurança no efeito do tempo em sua saúde.

Margaret voltou, e a toda família foi novamente reunida, acomodada mais uma vez tranquilamente no chalé; e se não se dedicavam aos seus estudos habituais com tanto vigor como quando se mudaram para Barton, pelo menos planejavam retomá-los de forma vigorosa no futuro.

Elinor começou a ficar impaciente por alguma notícia de Edward. Ela não ouvira nada sobre ele desde quando deixara Londres, nenhuma novidade sobre seus planos, nem mesmo nada definitivo sobre sua residência atual. Algumas cartas foram trocadas entre ela e seu irmão, por causa da doença de Marianne, e na primeira que recebeu de John, havia esta frase: “Não sabemos nada sobre nosso desafortunado Edward e não podemos fazer perguntas sobre um assunto tão proibido, mas concluo que ainda esteja em Oxford”. E foi toda a informação sobre Edward recebida por meio desta correspondência, pois o nome dele nem sequer foi mencionado nas cartas seguintes. No entanto, ela não estava condenada a ignorar sua situação por muito tempo.

O criado delas fora mandado uma manhã a Exeter para resolver alguns assuntos, e enquanto servia a mesa, respondendo às perguntas de sua senhora sobre a viagem, comentou:

– Suponho que saiba, senhora, que o senhor Ferrars se casou.

Marianne teve um sobressalto violento e encarou Elinor; ao ver como ela ficava pálida, recostou-se na cadeira, histérica. A senhora Dashwood, cujos olhos, enquanto respondia à pergunta do criado, tinham se voltado intuitivamente para a mesma direção, ficou chocada ao perceber no semblante de Elinor o quanto ela realmente sofria, e um momento depois, igualmente afligida pela situação de Marianne, não sabia a qual filha deveria dedicar mais atenção.

O criado, que viu apenas que a senhorita Marianne se sentia mal, foi sensato o suficiente para chamar uma das criadas, que, com a ajuda da senhora Dashwood, levou-a para a outra sala. Naquela altura, Marianne

estava melhor, e sua mãe, deixando-a aos cuidados de Margaret e da criada, voltou para Elinor, que, apesar de muito perturbada, recuperara o uso da razão e da voz para começar a fazer perguntas a Thomas, desejando saber quem lhe transmitira tal informação. A senhora Dashwood assumiu imediatamente este trabalho e Elinor teve o benefício da informação sem o esforço de buscá-la.

– Quem lhe contou que o senhor Ferrars estava casado, Thomas?

– Eu mesmo vi o senhor Ferrars, madame, nesta manhã em Exeter, e sua senhora também, a senhorita Steele, como se chamava antes. Eles estavam parados em uma carruagem na porta do New London Inn, quando fui para lá com uma mensagem de Sally, de Barton Park, para seu irmão, que é um dos mensageiros. Por acaso, olhei para cima quando passei pela carruagem, e logo vi que era a senhorita Steele mais nova. Assim, tirei meu chapéu, e ela me reconheceu e me chamou, perguntou pela senhora e pelas senhoritas, especialmente pela senhorita Marianne, e pediu que eu transmitisse as saudações dela e do senhor Ferrars, afirmando que estavam tristes, pois não tinham tempo para visitá-las, já que estavam com muita pressa para seguir viagem, uma vez que ainda tinham uma longa distância a percorrer, mas que, quando voltassem, se assegurariam de que viriam visitá-las.

– Mas ela disse que estava casada, Thomas?

– Sim, senhora. Ela sorriu e disse como tinha mudado de nome desde quando esteve por esses lados. Ela sempre foi uma jovem muito afável, falante e muito educada. Então, tomei a liberdade de desejar-lhe felicidade.

– O senhor Ferrars estava na carruagem com ela?

– Sim, senhora, só o vi recostado ali, mas ele nem levantou a cabeça, nunca foi um cavalheiro de muita conversa.

O coração de Elinor poderia facilmente explicar por que ele não falou nada, e a senhora Dashwood provavelmente pensou na mesma explicação.

– Não havia mais ninguém na carruagem?

– Não, senhora, só os dois.

– Sabe de onde estavam vindo?

– Vinham diretamente da cidade, como a senhorita Lucy, ou melhor, a senhora Ferrars, me disse.

– E vão mais para o oeste?

– Sim, senhora, mas não vão demorar muito. Em breve estarão de volta e

asseguraram que passarão por aqui.

A senhora Dashwood agora olhava para a filha, mas Elinor sabia que não deveria esperá-los. Ela reconheceu Lucy totalmente na mensagem e estava muito confiante de que Edward nunca se aproximaria delas. Ela observou em voz baixa, para a mãe, que provavelmente estavam indo para a casa do senhor Pratt, perto de Plymouth.

Thomas parecia não ter mais informações. Elinor, no entanto, parecia querer ouvir mais.

– Você os viu partir, antes de ir embora?

– Não, senhora. Os cavalos estavam saindo, mas não podia ficar mais, tinha medo de me atrasar.

– A senhora Ferrars parecia bem?

– Sim, senhora, ela disse que estava muito bem e, na minha opinião, ela sempre foi uma jovem muito bonita e parecia muito satisfeita.

A senhora Dashwood não conseguia pensar em mais nenhuma pergunta, e Thomas e a toalha de mesa, agora igualmente desnecessários, logo foram dispensados. Marianne já havia mandado informar que não queria comer mais nada. A senhora Dashwood e Elinor também tinham perdido o apetite, e Margaret pôde pensar que estava muito bem, pois mesmo com todas as preocupações que as duas irmãs tinham experimentado ultimamente, com as tantas vezes que tiveram motivos para se descuidarem das refeições, ela nunca antes fora obrigada a ficar sem jantar.

Quando a sobremesa e o vinho foram trazidos e a senhora Dashwood e Elinor foram deixadas a sós, elas permaneceram juntas por muito tempo, igualmente pensativas e silenciosas. A senhora Dashwood temia arriscar fazer qualquer observação e não se aventurou a oferecer consolo. Ela percebia agora que errara ao confiar em como Elinor se comportara e concluiu corretamente que tudo fora expressamente suavizado na época para então poupá-la de um aumento da infelicidade, considerando o quanto sofria na época por Marianne. Descobriu que fora enganada pela atenção cuidadosa e considerada da filha, a qual a levou a pensar que o afeto, que outrora compreendera tão bem, era muito mais leve na realidade do que estava inclinada a acreditar, ou do que agora provava ser. Ela temia, ao ver isso, que tivesse sido injusta e desatenta, e mais do que isso, quase indelicada com Elinor. Que a doença de Marianne, por ser mais evidente, tivesse absorvido toda sua ternura e a levado a esquecer que pudesse ter

em Elinor uma filha que sofria quase tanto quanto a outra, certamente com menos demonstrações de dor e mais resiliência.

Capítulo 48

Elinor descobrira a diferença entre a expectativa por um evento desagradável, por mais certo que a mente fosse preparada para considerá-lo, e a certeza propriamente dita. Percebera que, mesmo sem querer, sempre admitira uma esperança, enquanto Edward permanecesse solteiro, de que algo ocorreria para evitar que se casasse com Lucy, que alguma resolução própria, alguma mediação de amigos ou alguma oportunidade mais adequada de união para a senhorita acabaria surgindo para a felicidade de todos. Mas agora ele estava casado, e ela culpou seu coração por essa fantasia secreta, que só serviu para aumentar tanto a dor de conhecer a verdade.

Que ele tivesse se casado em tão pouco tempo, antes (como ela imaginava) que pudesse ser ordenado e, conseqüentemente, antes que pudesse assumir a posição, surpreendeu-a um pouco no início. Mas ela logo viu como era provável que Lucy, sendo previdente e com pressa para garanti-lo como marido, ignoraria tudo, menos o risco de atrasar o casamento. Eles estavam casados, casados na cidade, e agora se apressavam para chegar à casa do tio dela. O que Edward sentira ao estar a seis quilômetros de Barton, ao ver o criado de sua mãe, ao ouvir a mensagem da Lucy!

Em breve, ela supunha, eles estariam estabelecidos em Delaford. Delaford, aquele lugar no qual tantas coisas conspiravam para despertar seu interesse, o qual gostaria de conhecer e, ao mesmo tempo, desejava evitar. Ela imaginou-os num instante em sua casa paroquial. Viu Lucy, a administradora ativa e inventiva, unindo ao mesmo tempo um desejo de elegância com a maior frugalidade, envergonhada de que suspeitassem de metade das suas práticas econômicas, perseguindo seu próprio interesse em cada pensamento e cortejando o favor do coronel Brandon, da senhora Jennings e de todos os amigos ricos. Quanto a Edward, ela não sabia imaginar de quemaneira gostaria de vê-lo. Feliz ou infeliz, nada a agradava. Ela afastou de sua mente todos os pensamentos sobre ele.

Elinor consolou-se ao imaginar que alguns de seus amigos em Londres

lhe escreveriam para anunciar o evento e dar mais detalhes, mas os dias se passaram e não trouxeram nenhuma carta, nenhuma novidade. Embora incerta de que pudesse culpar alguém, criticou todos os amigos ausentes. Todos eram desatenciosos ou indolentes.

– Quando a senhora escreverá para o coronel Brandon? – foi uma pergunta que surgiu da impaciência por saber mais notícias.

– Escrevi para ele, minha querida, na semana passada, e acho que ele virá para cá em vez de responder por escrito. Pressionei-o sinceramente para que nos visitasse, e não me surpreenderia ao vê-lo chegar hoje, amanhã ou algum desses dias.

Isso era algo bom, algo a aguardar. O coronel Brandon deveria ter alguma informação para dar.

Elinor mal acabara de pensar isso quando a figura de um homem a cavalo chamou sua atenção para a janela. Ele parou em seu portão. Era um cavalheiro, o próprio coronel Brandon. Agora, ela poderia ter mais notícias, e tremeu com a expectativa. Mas – não era o coronel Brandon – o cavalheiro não tinha nem seu porte, nem sua altura. Se fosse possível, ela diria que deveria ser Edward. Ela olhou de novo. Ele acabara de desmontar: ela não podia estar enganada, era Edward. Ela afastou-se e se sentou.

– Ele veio da residência do senhor Pratt especialmente para nos visitar. Ficarei calma, serei senhora de mim.

Em um instante, ela percebeu que as outras também estavam cientes do erro. Ela viu a mãe e Marianne mudarem de cor, viu como olharam para ela e sussurraram algumas frases entre si. Ela daria tudo para conseguir falar e fazê-las compreender que não esperava que nenhuma frieza ou desprezo apareceriam em seu comportamento, mas não conseguia falar e foi obrigada a deixar tudo ao critério delas.

Nem mesmo uma palavra foi proferida em voz alta. Todas esperaram em silêncio pela entrada do visitante. Os passos foram ouvidos ao longo do caminho de cascalho. Em um instante, ele estava no corredor, e no seguinte, diante delas.

Seu semblante, ao entrar na sala, não estava muito feliz, nem mesmo para os critérios de Elinor. Seu rosto estava branco pela agitação e ele parecia temer sua recepção, consciente de que não merecia ser recebido com carinho. A senhora Dashwood, confiando no que acreditava ser os desejos da filha, por quem ela queria, com toda a sinceridade, ser guiada naquele

instante, recebeu-o com um olhar de complacência forçada, ofereceu-lhe sua mão e desejou-lhe felicidade.

Ele ficou vermelho e balbuciou uma resposta ininteligível. Os lábios de Elinor tinham se movido com os da mãe e, quando o momento da ação acabou, ela desejou que tivesse apertado a mão dele também. Mas era tarde demais e, tentando fingir naturalidade, sentou-se novamente e falou sobre o clima.

Marianne recuara o máximo possível para que não fosse vista, para esconder sua angústia, e Margaret, compreendendo algumas coisas, mas não a totalidade do caso, achou que era sua incumbência ser digna e, portanto, sentou-se o mais longe dele que podia e manteve um silêncio rigoroso.

Quando Elinor cessou de falar sobre a secura da estação, ocorreu uma pausa muito incômoda. Ela foi quebrada pela senhora Dashwood, que se sentiu obrigada a dizer que esperava que ele tivesse deixado a senhora Ferrars muito bem. De maneira apressada, ele respondeu afirmativamente.

Outra pausa.

Elinor resolveu se esforçar e, embora temendo o som da própria voz, perguntou:

– A senhora Ferrars está em Longstaple?

– Em Longstaple? – ele respondeu, com um ar de surpresa. – Não, minha mãe está na cidade.

– Estava me referindo – disse Elinor, pegando algum trabalho da mesa – à senhora Edward Ferrars.

Ela não ousou levantar os olhos, mas sua mãe e Marianne olharam para ele. Edward ficou vermelho, pareceu perplexo, olhou indeciso e, depois de alguma hesitação, disse:

– Talvez queira dizer... meu irmão... quer dizer a senhora... a senhora Robert Ferrars.

– Senhora Robert Ferrars! – foi repetido por Marianne e sua mãe com o máximo de espanto e, embora Elinor não conseguisse falar, até os olhos dela estavam fixos nele com a mesma dúvida impaciente. Ele levantou-se da cadeira e caminhou até a janela, aparentemente sem saber o que fazer, pegou uma tesoura que estava ali, e, estragando tanto a tesoura quanto a bainha que a guardava, cortando-a em pedaços enquanto falava, disse com uma voz apressada:

– Talvez vocês não saibam, talvez não tenham ouvido que meu irmão se

casou recentemente com a mais nova, com a senhorita Lucy Steele.

As palavras dele foram ecoadas com um espanto indizível por todas, menos Elinor, que ficou sentada com a cabeça inclinada sobre o trabalho, em um estado de agitação tão grande que parecia nem saber onde estava.

– Sim – confirmou ele –, eles se casaram na semana passada e agora estão em Dawlish.

Elinor não conseguia mais ficar sentada. Ela quase saiu correndo da sala, e assim que a porta estava fechada, explodiu em lágrimas de alegria, que, a princípio, pensou que nunca terminariam. Edward, que até então olhara para qualquer lugar, menos para ela, viu como saiu correndo, e talvez notou, ou até ouviu, sua emoção. Pois caiu imediatamente em um devaneio que nenhuma observação, nenhuma consulta, nenhuma palavra carinhosa da senhora Dashwood conseguiu penetrar e, finalmente, sem dizer uma palavra, saiu da sala e caminhou até a aldeia, deixando as mulheres no maior espanto e perplexidade diante dessa mudança na situação dele, tão maravilhosa e tão repentina, uma perplexidade que não tinham meios de diminuir, a não ser por suas próprias conjecturas.

Capítulo 49

Por mais inexplicáveis que as circunstâncias de sua libertação pudessem parecer para toda a família, era certo que Edward estava livre, e como essa liberdade seria empregada foi facilmente adivinhado por todos, pois, depois de experimentar as “bênçãos” de um compromisso imprudente, assumido sem o consentimento de sua mãe, como ele já fizera por mais de quatro anos, nada menos poderia ser esperado dele depois daquele fracasso do que se comprometer outra vez imediatamente.

Sua incumbência em Barton, de fato, era simples. Era apenas para pedir que Elinor se casasse com ele – e considerando que não era totalmente inexperiente no assunto, poderia ser estranho que se sentisse tão desconfortável naquele momento quanto realmente estava, precisando tanto de encorajamento quanto de ar fresco.

Não é preciso contar em detalhes a rapidez com que decidiu tomar a resolução adequada. Só isto precisa ser dito: quando todos se sentaram à mesa às quatro horas, cerca de três horas após sua chegada, ele pedira amão à sua futura esposa, obtivera o consentimento da mãe dela e não

estava somente na condição arrebatadora de noivo, mas, à luz da razão e da verdade, era um dos homens mais felizes do mundo. Seu estado era mais alegre do que o comum. Ele obtivera mais do que o mero triunfo do amor correspondido para fazer transbordar seu coração e elevar seu espírito. Ele fora liberado, sem nenhuma censura contra seu comportamento, de uma situação que havia muito o deixava triste, de uma mulher que deixara de amar há muito tempo; e fora elevado de imediato à segurança com outra mulher, sobre a qual deveria ter pensado quase com desespero, assim que aprendeu a considerá-la com desejo. Ele fora levado, não da dúvida ou da incerteza, mas da miséria para a felicidade. E a mudança era expressa abertamente de uma maneira tão alegre, genuína, fluida e agradecida, como seus amigos nunca tinham testemunhado nele antes.

Seu coração estava agora aberto a Elinor, todas as suas fraquezas, todos os erros confessados, e seu primeiro apego juvenil a Lucy foi tratado com toda a dignidade filosófica dos 24 anos.

– Foi uma inclinação tola e inútil de minha parte – disse ele –, a consequência da ignorância do mundo e da falta de ocupação. Se minha mãe tivesse me dado alguma profissão ativa quando deixei de ser pupilo do senhor Pratt aos 18 anos, acho que sim, não, tenho certeza, isso nunca teria acontecido. Embora eu tenha deixado Longstaple com o que eu pensava, na época, ser uma preferência irresistível pela sobrinha dele, se eu tivesse na época alguma atividade, qualquer coisa para ocupar meu tempo e me manter longe dela por alguns meses, logo teria superado aquele compromisso imaginado, especialmente por conhecer melhor o mundo, como eu deveria ter feito nesse caso. Mas em vez de ter qualquer coisa a fazer, em vez de ter alguma profissão escolhida para mim ou ter permissão para escolher qualquer uma, voltei para casa para ficar completamente ocioso e, durante o primeiro ano, não tive nem mesmo a ocupação em sentido figurado que a universidade poderia ter me proporcionado, pois só entrei em Oxford aos 19 anos. Eu não tinha, portanto, nada no mundo para fazer, exceto me imaginar apaixonado, e como minha mãe não criava em minha casa um ambiente confortável, como eu não tinha amigos, nenhuma companhia em meu irmão e não gostava de conhecer novas pessoas, era natural ir muitas vezes para Longstaple, onde sempre me senti em casa e sempre tive certeza de ser bem-vindo. Portanto, passei a maior parte do meu tempo lá, dos 18 aos 19

anos: Lucy parecia tudo que existia de amável e gentil. Ela também era bonita... pelo menos era o que eu achava na época, e eu vira tão pouco outras mulheres que não poderia fazer comparações e não via nenhum defeito em Lucy. Considerando tudo, portanto, espero, por mais tolo que nosso compromisso tenha sido, tolo como já foi provado em todos os sentidos, não era na época algo pouco natural ou uma loucura imperdoável.

A mudança que poucas horas tinham provocado na mente e na felicidade das Dashwood foi tão grande, que prometeu a todas a satisfação de uma noite insone. A senhora Dashwood, feliz demais para estar calma, não sabia como demonstrar seu amor por Edward, nem elogiar Elinor o suficiente, como agradecer por ele ter se liberado de seu compromisso sem ferir sua delicadeza, nem como dar-lhes espaço para que conversassem livremente e, ainda assim, aproveitar, como ela queria, a visão e a companhia dos dois.

Marianne só podia mostrar sua felicidade por meio de lágrimas. As comparações ocorreriam, arrependimentos surgiriam e sua alegria, embora tão sincera quanto seu amor pela irmã, era de um tipo que roubava suas forças e suas palavras.

Mas Elinor... como os sentimentos dela poderiam ser descritos? Desde o momento em que descobriu que Lucy estava casada com outro, que Edward estava livre, até o momento em que ele justificou as esperançasque surgiram de imediato, ela sentia tudo alternadamente, menos tranquilidade. Mas quando esse segundo momento passou, quando todas as suas dúvidas, todas as preocupações desapareceram, quando comparou sua situação atual com a dos últimos tempos, viu-o liberado honrosamente do compromisso anterior, viu como ele aproveitara essa liberação para ir ao encontro dela e declarar um carinho tão terno, tão constante quanto ela sempre supôs que fosse, sentiu-se oprimida, estava sufocada pela própria felicidade, mas, como a mente humana está sempre felizmente disposta a se familiarizar facilmente com qualquer mudança para melhor, precisou de apenas algumas horas para acalmar seu ânimo e proporcionar algum grau de tranquilidade ao seu coração.

Edward ficaria hospedado no chalé por pelo menos uma semana e, pois independentemente de qualquer outro compromisso que pudesse ter, era impossível dedicar menos de uma semana para desfrutar da companhia de Elinor, ou que tal período bastasse para falar metade do que deveria ser

dito sobre o passado, o presente e o futuro, pois, embora poucas horas dedicadas ao trabalho árduo de conversas incessantes seriam suficientes para colocar em dia todos os assuntos em comum entre duas criaturas racionais, com os apaixonados isso é diferente. Entre *eles*, nenhum assunto está concluído, nenhuma comunicação sequer é feita até que tenha sido dita pelo menos vinte vezes.

O casamento de Lucy, o incessante e razoável espanto entre todos eles, constituiu, naturalmente, uma das primeiras discussões dos apaixonados e o conhecimento detalhado de Elinor de cada lado fez com que lhe parecesse, em todos os aspectos, uma das circunstâncias mais extraordinárias e inexplicáveis que jamais ouvira. Como eles puderam ser unidos, e que atração poderia ter levado Robert a se casar com uma garota de cuja beleza ela própria o ouvira falar sem nenhuma admiração, uma moça também já comprometida com seu irmão, e por cujo envolvimento ele fora banido do seio de sua família, pois estava além da sua compreensão. Para seu próprio coração, era um assunto encantador, para sua imaginação era até ridículo, mas para sua razão, seu julgamento, era um enigma completo.

Então, Edward só podia tentar uma explicação supondo que, talvez, encontrando-se acidentalmente pela primeira vez, a vaidade de Robert tivesse sido tão insuflada pela bajulação de Lucy que conduzira aos poucos ao resto. Elinor lembrou-se do que Robert dissera a ela na rua Harley, de sua opinião sobre o que uma mediação nos assuntos de seu irmão poderia ter feito, se tivesse ocorrido a tempo. Ela repetiu para Edward.

– Isso é típico do Robert – foi a observação imediata dele. – E ele poderia estar pensando nisso – acrescentou – quando se conheceram. E Lucy talvez pensasse no início apenas em obter a simpatia dele a meu favor. Outros planos podem ter surgido posteriormente.

Há quanto tempo aquilo estava acontecendo entre os dois, no entanto, ele sabia tão pouco quanto ela. Pois em Oxford, onde ele permanecera por escolha própria desde quando deixara Londres, só sabia o que ela mesma contava, e suas cartas, até o final, não eram nem menos frequentes nem menos afetuosas do que o habitual. Portanto, ele nunca teve a menor suspeita que o preparasse para o que se seguiu – e quando finalmente aconteceu em uma carta da própria Lucy, ele ficou por algum tempo, acreditava, meio estupefato entre a surpresa, o horror e a alegria de ser liberado de tal compromisso. Ele colocou a carta nas mãos de Elinor.

Caro senhor ,

Tendo certeza de ter perdido seu afeto há muito tempo, senti-me livre para me entregar a outro, e não tenho dúvidas de que serei tão feliz com ele quanto outrora pensava que seria com o senhor, mas me recuso a aceitar a mão de alguém cujo coração pertence a outra. Sinceramente, desejo-lhe felicidade em sua escolha, e não será minha culpa se nem sempre formos bons amigos, como seria adequado tendo em vista nosso parentesco próximo. Posso dizer com segurança que não sinto nenhum rancor pelo senhor, e estou certa de que o senhor será generoso demais para não nos prejudicar. Seu irmão ganhou meu afeto totalmente, e como não poderíamos viver um sem o outro, acabamos de retornar do altar, e estamos agora a caminho de Dawlish por algumas semanas, pois seu querido irmão tem uma grande curiosidade para ver o lugar, mas pensei que eu primeiro deveria incomodá-lo com essas poucas linhas, e sempre permanecerei...

Sua sincera amiga e cunhada, que sempre desejará seu bem,

Lucy Ferrars .

P.S.: Queimei todas as suas cartas e devolverei seu retrato na primeira oportunidade. Por favor, destrua meus rabiscos, mas fique à vontade para guardar o anel com o meu cabelo.

Elinor leu a carta e devolveu-a sem nenhum comentário.

– Não vou pedir sua opinião sobre a redação da carta – disse Edward. – Pois eu nunca teria mostrado uma carta dela para você no passado. Saber que uma cunhada escreve desse jeito já é ruim, o que dizer de uma esposa! Como fiquei envergonhado ao ler as linhas desta carta! E acredito que posso dizer que, desde o primeiro semestre de nosso compromisso tolo, esta é a única carta que recebi dela cujo conteúdo compensa os defeitos do estilo.

– Como quer que tenha acontecido – disse Elinor, depois de uma pausa –, eles certamente estão casados. E sua mãe impôs a si mesma uma punição bastante apropriada. A independência que ela concedeu a Robert, por meio do ressentimento contra você, deu-lhe poder para fazer sua própria escolha. E ela estava subornando um filho com mil libras por ano para fazer a mesma coisa que ela deserdou o outro por ter a intenção de fazer. Ela não ficará menos magoada, suponho, por Robert ter se casado com Lucy, do que ficaria se você se casasse com ela.

– Ela ficará mais magoada por isso, pois Robert sempre foi seu favorito.

Ficará mais magoada, e pelo mesmo princípio vai perdoá-lo muito antes.

Edward desconhecia a situação entre eles no momento, pois ainda não tentara se comunicar com nenhum parente. Ele deixara Oxford 24 horas após a chegada da carta de Lucy, com apenas um objetivo em mente: o caminho mais curto para Barton, e não teve tempo para elaborar nenhum plano de conduta com o qual tal caminho não tivesse a mais íntima conexão. Ele não podia fazer nada até ter certeza de seu destino com a senhorita Dashwood, e por sua rapidez na busca *desse* destino, deve-se imaginar que não esperava de modo geral uma recepção muito cruel, apesar do ciúme que já sentira do coronel Brandon, da modéstia com que classificava sua própria punição e da cortesia com que falava de suas dúvidas. No entanto, era seu dever dizer o que realmente *esperava*, e o fez com muita beleza. O que ele poderia dizer sobre o assunto um ano depois concerne à imaginação de maridos e esposas.

Que Lucy certamente tivera a intenção de enganar, de partir com um floreio de maldade contra ele em sua mensagem por meio de Thomas, ficou perfeitamente claro para Elinor. E o próprio Edward, agora conhecendo bem o caráter dela, não teve nenhum escrúpulo em acreditar que ela era capaz da maior perversidade de uma falta de caráter injustificada. Embora seus olhos já estivessem abertos há tempos, antes mesmo de conhecer Elinor, para a ignorância e a falta de liberalidade em algumas de suas opiniões, ele as atribuíra à falta de educação de Lucy; e até receber a última carta dela, ele sempre acreditou que era uma moça bem-intencionada, de bom coração e completamente apaixonada por ele. Nada além de tal julgamento poderia tê-lo impedido de acabar com um compromisso que, muito antes da descoberta que o levou a ser vítima da fúria de sua mãe, fora uma fonte contínua de inquietação e arrependimento para ele.

– Pensei que era meu dever – disse ele – independentemente dos meus sentimentos, dar a ela a opção de continuar o compromisso ou não quando fui deserdado pela minha mãe e fiquei aparentemente sem nenhum amigo no mundo para me ajudar. Em uma situação como essa, na qual não parecia haver nada para tentar a avareza ou a vaidade de qualquer criatura viva, como eu poderia supor, quando ela com tanto fervor insistiu em compartilhar meu destino, seja lá qual fosse, que seu estímulo fosse fruto do afeto mais desinteressado? E mesmo agora, não consigo entender por quais motivos agiu assim, ou que vantagem ela imaginou que pudesse ter

estando comprometida com um homem pelo qual não tinha a menor consideração e que possuía apenas duas mil libras. Não podia prever que o coronel Brandon me daria uma posição na paróquia.

– Não, mas ela poderia supor que algo aconteceria a seu favor, que sua própria família, no tempo, abrandasse. E, de qualquer forma, ela não perdeu nada ao continuar o compromisso, pois provou que ele não prejudicava nem seus desejos nem suas ações. A união com você era certamente respeitável e provavelmente melhorou a consideração entre os amigos dela e, se nada mais vantajoso ocorresse, seria melhor casar com você do que ficar solteira.

Edward ficou, é claro, imediatamente convencido de que nada poderia ter sido mais natural do que a conduta de Lucy, nem mais evidente do que seus motivos.

Elinor repreendeu-o, com a mesma dureza que as damas sempre repreendem a imprudência que funciona como um elogio a elas, por ter passado tanto tempo com elas em Norland, quando Edward deveria ter sentido a própria inconstância.

– Seu comportamento foi certamente muito errado – disse ela – porque, para não dizer nada da minha própria convicção, nossos conhecidos foram todos levados a imaginar esperar algo que, pela sua situação naquele momento, nunca poderia acontecer.

Ele só podia afirmar que ignorava o próprio coração e que tinha uma confiança equivocada na força do seu noivado.

– Eu era ingênuo o suficiente para pensar que, como a minha lealdade estava prometida a outra, não poderia haver perigo em estar com você, e que a consciência do meu compromisso manteria meu coração tão seguro e sagrado quanto minha honra. Senti que a admirava, mas disse para mim mesmo que era apenas amizade; e até começar a fazer comparações entre você e Lucy, não sabia o quanto estava envolvido. Depois disso, suponho, eu estava errado em permanecer tanto tempo em Sussex, e os argumentos que usava para me convencer da conveniência disso, não eram melhores do que estes: “O perigo é meu. Não estou prejudicando ninguém além de mim mesmo”.

Elinor sorriu e abanou a cabeça.

Edward ouviu com prazer que o coronel Brandon era esperado no chalé, pois ele realmente desejava não só conhecê-lo melhor, mas também ter uma oportunidade de convencê-lo de que não estava ofendido por ele ter

lhe oferecido a posição em Delaford.

– Acho que – disse ele –, depois dos agradecimentos tão pouco entusiasmados quanto os meus na ocasião, ele deve pensar que nunca o perdoei por ter feito tal oferta.

Naquele momento, ele ficou surpreso consigo mesmo por nunca ter ido ao lugar. Mas sentira tão pouco interesse pelo assunto que devia todo o conhecimento sobre a casa, o jardim e a terra, a extensão da paróquia, a condição da propriedade e a taxa dos dízimos, à própria Elinor, que ouvira o coronel Brandon falar muito sobre tudo isso e ouviu com tanta atenção que passou a dominar o assunto.

Só uma pergunta, depois disso, permanecia indecisa entre eles, só uma dificuldade deveria ser superada. Estavam reunidos por mútuo afeto, com a mais calorosa aprovação de seus verdadeiros amigos. O íntimo conhecimento um do outro parecia tornar sua felicidade certa e só precisavam de um sustento. Edward tinha duas mil libras e Elinor mil, as quais, somadas à posição em Delaford, era tudo que poderiam chamar de próprios, pois era impossível que a senhora Dashwood pudesse dar qualquer coisa a eles. E nenhum deles estava tão apaixonado a ponto de pensar que 350 libras por ano poderiam lhes proporcionar uma vida confortável.

Edward não estava inteiramente sem esperanças de alguma mudança favorável em sua mãe em relação a ele e apostava nisso para conseguir o restante da sua renda. Mas Elinor não tinha a mesma confiança, pois, como Edward ainda não se casaria com a senhorita Morton, e tê-la escolhido, de acordo com a linguagem lisonjeira da senhora Ferrars, era apenas um mal menor do que se escolhesse Lucy Steele, ela temia que a ofensa de Robert só serviria para deixar Fanny ainda mais rica.

Cerca de quatro dias após a chegada de Edward, o coronel Brandon apareceu, para completar a satisfação da senhora Dashwood e dar-lhe a dignidade de ter, pela primeira vez desde que se mudara para Barton, mais companhia com ela do que sua casa poderia acolher. Edward foi autorizado a manter o privilégio de ser o primeiro a chegar, e o coronel Brandon, portanto, caminhava todas as noites para seus aposentos antigos em Barton Park, de onde geralmente voltava pela manhã, cedo o suficiente para interromper o primeiro *tête-à-tête* dos amantes antes do café da manhã.

Uma estada de três semanas em Delaford, onde, pelo menos no começo da noite, ele tinha pouco a fazer a não ser calcular a desproporção entre 36

e 17 anos, levou-o a Barton com um estado de ânimo deplorável. Só a aparência de Marianne, toda a bondade de sua recepção e todo o encorajamento das palavras de sua mãe o deixavam mais alegre. Entre esses amigos, no entanto, e tais estímulos, ele se reanimou. Ele ainda não ouvira nenhum rumor sobre o casamento de Lucy, não sabia nada do que ocorrera e as primeiras horas de sua visita foram, portanto, passadas ouvindo e fazendo perguntas. Tudo foi explicado pela senhora Dashwood, e ele encontrou novas razões para se alegrar com o que fizera pelo senhor Ferrars, já que no final promoveu o interesse de Elinor.

Seria desnecessário dizer que os cavalheiros melhoraram a boa opinião um do outro, à medida que se conheceram melhor, pois não poderia ser o contrário. A semelhança dos dois em termos de bons princípios e bom senso, na disposição e na maneira de pensar, provavelmente teria sido suficiente para uni-los na amizade, sem nenhuma outra atração. Mas eles estavam apaixonados por duas irmãs, e por duas irmãs que se amavam, o que fez esse interesse mútuo inevitável e imediato, sem que fosse necessária a ação do tempo e do julgamento para aproximá-los.

As cartas da cidade, que alguns dias antes teriam feito todos os nervos no corpo de Elinor tremerem de arrebatamento, agora eram lidas com menos emoção do que o mero divertimento. A senhora Jennings escreveu para contar a surpreendente história, para desabafar sua honesta indignação contra a jovem desertora e demonstrar sua compaixão pelo pobre senhor Edward, que, com certeza, dedicara-se muito àquela assanhada sem valor e agora estava, até onde ela sabia, quase com o coração partido, em Oxford. Em sua carta, ela dizia:

Eu acho que nada nunca foi realizado de forma tão dissimulada, pois não faz nem dois dias que Lucy veio e se sentou um par de horas comigo. Nenhuma alma suspeitava nada do assunto, nem mesmo Nancy, que, pobre criatura, procurou-me aos prantos no dia seguinte, com muito medo da senhora Ferrars, além de não saber como chegar a Plymouth. Pois parece que Lucy pediu emprestado todo seu dinheiro antes de sair para se casar, supomos que com o propósito de se exhibir, e a pobre Nancy não tinha nem sete xelins. Fiquei muito feliz em dar-lhe cinco guinéus para que fosse para Exeter, onde ela pensa ficar três ou quatro semanas com a senhora Burgess, na esperança, como lhe contei, de se encontrar novamente com o doutor. E devo dizer que o pior de tudo foi a indelicadeza de Lucy de não levá-la junto com eles na

carruagem. Pobre senhor Edward! Não consigo parar de pensar nele, mas você deve chamá-lo para ir a Barton, e a senhorita Marianne deve tentar consolá-lo.

A tensão do senhor Dashwood foi mais solene. A senhora Ferrars era a mais desafortunada das mulheres, a pobre Fanny sofrera agonias de sensibilidade e ele considerou a existência de cada uma delas, causadas por um golpe tão grande, com um maravilhamento grato. A ofensa de Robert era imperdoável, mas a de Lucy era infinitamente pior. Nenhum deles jamais deveria ser mencionado novamente à senhora Ferrars, e mesmo que ela pudesse ser convencida a perdoar o filho posteriormente, sua esposa jamais seria reconhecida como sua nora, tampouco teria a permissão de aparecer em sua presença. O sigilo com o qual tudo fora conduzido entre eles foi tratado de maneira racional como algo que aumentara enormemente o crime, pois, se os outros tivessem qualquer suspeita de que aquilo aconteceria, teriam sido tomadas medidas apropriadas para impedir o casamento. E ele pedia que Elinor se juntasse a ele em lamentar que o casamento de Lucy com Edward não tivesse acontecido, pois assim ela não poderia ser o meio de disseminar ainda mais tristeza na família. Ele continuou:

A senhora Ferrars ainda não mencionou o nome de Edward, o que não nos surpreende. Mas, para nosso grande espanto, nenhuma linha foi recebida dele naquela ocasião. Talvez, no entanto, ele tenha mantido o silêncio por seu medo de ofender, e eu, portanto, darei uma sugestão a ele, escreverei para Oxford insinuando que sua irmã e eu pensamos que uma carta de retratação adequada dele, dirigida talvez a Fanny e mostrada por ela à sua mãe, não seria mal-interpretada, pois todos conhecemos a ternura do coração da senhora Ferrars e sabemos que o que ela mais deseja é estar em bons termos com os filhos.

Este parágrafo foi de alguma importância para as perspectivas e a conduta de Edward, fazendo-o tomar a decisão de que tentaria uma reconciliação, embora não exatamente da maneira indicada por seu cunhado e sua irmã.

– Uma carta de retratação adequada! – repetiu ele. – Querem que eu implore perdão à minha mãe pela ingratidão de Robert com ela, e por sua ofensa à minha honra? Não posso fazer nenhuma retratação. Não me senti nem humilhado nem arrependido pelo que ocorreu. Fiquei muito feliz, mas

isso não interessaria à minha família. Não sei de nenhuma retratação que seja apropriada para mim.

– Você certamente pode pedir para ser perdoado – disse Elinor –, pois você cometeu uma ofensa e acho que agora poderia até se aventurar a professar alguma preocupação por ter assumido o compromisso que despertou a raiva da sua mãe.

Ele concordou que poderia.

– E quando ela o perdoar, talvez um pouco de humildade possa ser conveniente ao reconhecer um segundo noivado quase tão imprudente aos olhos dela quanto o primeiro.

Ele não tinha nada a dizer contra a sugestão, mas ainda resistia à ideia de uma carta de retratação adequada e, portanto, para tornar tudo mais fácil para ele, pois declarara ter uma disposição muito maior para fazer concessões significativas pessoalmente do que no papel, foi resolvido que, em vez de escrever para Fanny, ele deveria ir a Londres e suplicar pessoalmente a bondade dela.

– E se eles estiverem interessados em uma reconciliação – disse Marianne, em sua nova personalidade sincera –, acharei que até John e Fanny não são inteiramente sem mérito.

Depois de uma visita do coronel Brandon de apenas três ou quatro dias, os dois cavalheiros deixaram Barton juntos. Iriam imediatamente a Delaford, para que Edward pudesse ter algum conhecimento pessoal de sua futura casa e ajudar seu patrono e amigo a decidir quais melhorias seriam necessárias. E de lá, depois de ficar algumas noites, ele deveria prosseguir na viagem para a cidade.

Capítulo 50

Depois de uma resistência apropriada por parte da senhora Ferrars, tão violenta e teimosa, com o objetivo de evitar aquela reprovação na qual ela sempre parecia ter medo de incorrer, a censura de ser muito amável, Edward foi admitido em sua presença e aceito novamente como seu filho.

Sua família flutuara bastante nos últimos tempos. Por muitos anos de sua vida, ela tivera dois filhos, mas o crime e a aniquilação de Edward algumas semanas antes tinham-na roubado de um. A aniquilação semelhante de Robert deixara-a por quinze dias sem nenhum; e agora, pela

ressurreição de Edward, ela tinha um filho outra vez.

Apesar de ser permitido uma vez mais viver, no entanto, Edward não sentiu que a continuidade de sua existência estaria segura até que revelasse seu presente noivado. Pois a divulgação dessa circunstância, ele temia, poderia provocar uma reviravolta súbita na situação e ele seria expulso da família tão rapidamente quanto antes. Com uma cautela apreensiva, portanto, tudo foi revelado, e ele foi ouvido com uma calma inesperada. A senhora Ferrars, no início, tentou racionalmente dissuadi-lo de se casar com a senhorita Dashwood, usando todos os argumentos em seu poder. Disse que com a senhorita Morton ele teria uma mulher de posição superior e maior fortuna, e reforçou a afirmação observando que a senhorita Morton era a filha de um nobre com trinta mil libras, enquanto a senhorita Dashwood era apenas a filha de um cavalheiro privado com não mais do que três. Mas, quando descobriu que, apesar de admitir perfeitamente a verdade de suas palavras, ele não estava de modo algum inclinado a se guiar por elas, ela julgou mais sábio, a partir da experiência do passado, aceitar. Portanto, depois de uma pausa indelicada para preservar a própria dignidade e evitar toda suspeita de boa-vontade, ela consentiu que Edward e Elinor se casassem.

O que ela faria para aumentar os rendimentos do casal foi o seguinte; e aqui ficou plenamente claro que, embora Edward fosse agora seu único filho, ele não era, de modo algum, o mais velho, pois enquanto Robert estava inevitavelmente dotado com mil libras por ano, não foi feita a menor objeção contra a ordenação de Edward com um rendimento de 250 libras no máximo. Tampouco foi feita alguma promessa para o presente ou o futuro, além das mesmas dez mil libras que tinham sido o dote de Fanny.

Era, no entanto, justamente o desejado, e mais do que o esperado, por Edward e Elinor. E a própria senhora Ferrars, com suas desculpas evasivas, parecia a única pessoa surpresa por não dar mais.

Com uma renda bastante suficiente para suas necessidades assim assegurada, eles não tinham nada para esperar depois que Edward tomasse posse da posição na paróquia. A não ser o término das reformas na casa, na qual o coronel Brandon, com um desejo ansioso de acomodar Elinor, estava fazendo melhorias consideráveis. E, depois de esperar algum tempo para a conclusão, depois de experimentar, como sempre, mil decepções e atrasos pela lentidão inexplicável dos trabalhadores, Elinor voltou atrás em sua resolução inicial de não se casar antes que tudo estivesse pronto, e

a cerimônia ocorreu na igreja de Barton no início do outono.

O primeiro mês depois do casamento foi passado na mansão do coronel Brandon, de onde puderam supervisionar o progresso da casa paroquial e conduzir a reforma como queriam, no próprio local – puderam escolher papéis de parede, projetar a plantação dos arbustos e inventar um caminho de cascalho. As profecias da senhora Jennings, embora bastante confusas, foram cumpridas, pois ela conseguiu visitar Edward e a esposa na paróquia na época da Festa de São Miguel e encontrou em Elinor e seu marido, como realmente acreditava, um dos casais mais felizes do mundo. Na verdade, eles não desejavam mais nada, apenas o casamento do coronel Brandon e Marianne, e um pasto melhor para suas vacas.

Logo que se instalaram, foram visitados por quase todos os parentes e amigos. A senhora Ferrars veio inspecionar a felicidade que quase sentia vergonha de ter autorizado, e até mesmo os Dashwood vieram em detrimento de uma viagem a Sussex para fazer as honras.

– Não direi que estou decepcionado, querida irmã – disse John, enquanto andavam juntos certa manhã diante dos portões de Delaford House –, isso seria demais, pois certamente você se tornou uma das jovens mais afortunadas do mundo, tal como as coisas aconteceram. Mas, confesso, seria um grande prazer chamar o coronel Brandon de cunhado. Sua propriedade aqui, seu lugar, sua casa... tudo está em uma condição tão respeitável e excelente! E seus bosques... não vi em nenhum outro lugar em Dorsetshire madeiras como as que existem em Delaford Hanger! E apesar de que Marianne talvez possa não parecer exatamente a pessoa para atraí-lo, ainda acho que seria bastante aconselhável que você os traga frequentemente para ficar aqui, pois, como o coronel Brandon parece passar muito tempo em casa, ninguém sabe o que pode acontecer. Quando as pessoas passam muito tempo juntas e não veem muito nenhuma outra, sempre estará em seu poder ressaltar suas qualidades, e assim por diante. Resumindo, você também poderá dar uma chance a ela. Você me entende.

Embora a senhora Ferrars tenha vindo vê-los e sempre fingira um carinho decente, eles nunca foram insultados por seu favor e sua preferência. Aquilo estava reservado à insensatez de Robert e à astúcia de sua esposa, e foi conquistado por eles sem que muitos meses tivessem passado. A sagacidade egoísta de Lucy, que inicialmente colocara Robert em apuros, foi o principal instrumento de sua libertação, pois sua humildade respeitosa, atenções assíduas e bajulação interminável, assim que surgiu a

menor abertura para que fossem postas em prática, conseguiram reconciliar a senhora Ferrars com a escolha do filho, e Robert reconquistou de maneira plena sua preferência.

Todo o comportamento de Lucy neste caso e a prosperidade que o coroou, portanto, podem ser considerados um exemplo muito encorajador do que uma atenção incessante e intensa aos interesses próprios, por mais que seu progresso possa estar aparentemente obstruído, fará em assegurar todas as vantagens da fortuna, sem nenhum outro sacrifício além do tempo e da consciência. Quando Robert procurou sua amizade pela primeira vez e a visitou em particular em Bartlett's Buildings, foi apenas com a visão que lhe fora imputada pelo irmão. Ele apenas queria persuadi-la a desistir do compromisso, e como não havia nada a superar além do carinho de ambos, ele naturalmente esperava que um ou dois encontros solucionassem o assunto. Nesse ponto, no entanto, e só nesse, ele cometeu um erro, pois, embora Lucy logo lhe tenha dado esperanças de que sua eloquência a convenceria com o tempo, sempre faltava outra visita, outra conversa, para produzir essa convicção. Algumas dúvidas sempre permaneciam na mente dela quando eles se separavam, as quais só podiam ser removidas por outro encontro de meia hora com ele. Dessa forma, as visitas dele estavam garantidas, e o resto seguiu seu curso. Em vez de falar de Edward, eles começaram gradualmente a falar apenas de Robert, um assunto sobre o qual ele sempre tinha mais a dizer do que sobre qualquer outro, e pelo qual ela logo mostrou um interesse igual ao dele. Resumindo, tornou-se rapidamente evidente para ambos que ele suplantara inteiramente o irmão. Ele estava orgulhoso da sua conquista, orgulhoso de enganar Edward, e mais orgulhoso ainda de se casar em segredo sem o consentimento da mãe. O que aconteceu depois é conhecido. Eles passaram alguns meses felizes em Dawlish, pois ela tinha muitos parentes e velhos conhecidos com quem queria cortar relações e ele desenhou várias plantas de chalés magníficos e, ao voltar para a cidade, instigado por Lucy, obteve o perdão da senhora Ferrars, por meio do simples recurso de pedi-lo. O perdão, no início, de fato, como era razoável, incluía apenas Robert; e Lucy, que não devia nenhuma obrigação à sogra e, portanto, não cometera nenhuma transgressão, ainda permaneceu mais algumas semanas sem ser perdoada. Mas a perseverança na humildade de conduta e as mensagens nas quais assumia a culpa pela ofensa de Robert e a demonstração de gratidão pela dureza com que era tratada obtiveram com o tempo o reconhecimento

ativo de sua existência e levaram, logo depois, a passos rápidos, ao mais alto grau de carinho e influência. Lucy tornou-se tão necessária para a senhora Ferrars quanto Robert ou Fanny, e apesar de Edward nunca ter sido cordialmente perdoado por ter pretendido se casar com ela e de falarem de Elinor como se fosse uma intrusa, apesar de superior a Lucy em fortuna e nascimento, ela era em todos os aspectos considerada, e sempre abertamente reconhecida, como a nora favorita. Eles se instalaram na cidade, receberam uma ajuda muito generosa da senhora Ferrars, estavam nos melhores termos imagináveis com os Dashwood e, deixando de lado os ciúmes e as más-vontades que subsistiam entre Fanny e Lucy, com a participação natural de seus maridos, bem como os frequentes desentendimentos domésticos entre Robert e Lucy, nada poderia exceder a harmonia na qual todos viviam juntos.

O que Edward fizera para perder o direito do filho mais velho poderia ter confundido muitas pessoas, e o que Robert fizera para obtê-lo poderia tê-las intrigado ainda mais. Foi um arranjo, porém, justificado em seus efeitos, senão em sua causa. Pois nada nunca fora demonstrado pelo estilo de vida de Robert ou pela forma como falava que levasse a uma suspeita de que se arrependesse da extensão da sua renda, fosse por deixar seu irmão com muito pouco, ou ficando com muito e se Edward poderia ser julgado pelo pronto desempenho de seus deveres em cada detalhe, de um apego crescente pela esposa e por sua casa, e da felicidade constante de seu ânimo, ele poderia ser visto não menos contente com sua parte, nem menos livre de qualquer desejo de mudança.

O casamento de Elinor a separou tão pouco de sua família quanto pôde ser planejado, sem tornar o chalé de Barton totalmente inútil, pois a mãe e as irmãs passavam mais da metade do tempo com ela. A senhora Dashwood estava agindo tanto por política quanto por prazer na frequência das suas visitas a Delaford, pois o desejo de reunir Marianne e o coronel Brandon não era menos fervoroso, embora mais liberal do que John expressara. Agora, era seu objetivo principal. Por mais que a companhia da filha lhe fosse valiosa, o que mais desejava era ceder a prazer constante de estar ao lado dela o seu amigo, e ver Marianne instalada na mansão era igualmente o desejo de Edward e Elinor. Cada um deles sentia as dores do coronel e suas próprias obrigações, e Marianne, por consenso geral, deveria ser a recompensa por tudo.

Com essa conspiração contra ela, com um conhecimento tão íntimo da

bondade do coronel e com a convicção do apego dele por ela, que finalmente, embora muito depois de ter sido notado por todos, explodiu em seu coração, o que ela poderia fazer?

Marianne Dashwood nasceu para um destino extraordinário. Ela nasceu para descobrir a falsidade de suas próprias opiniões e para contrariar, pela própria conduta, suas máximas favoritas. Nasceu para superar um carinho formado na vida já aos 17 anos, e sem nenhum sentimento superior à forte estima e à amizade vivaz, voluntariamente entregar sua mão para outro! E aquele outro, um homem que não sofrera menos do que ela por um antigo afeto, o qual, dois anos antes, ela considerara velho demais para se casar e que ainda tentava proteger sua saúde com um colete de flanela!

Mas foi assim. Em vez de ser sacrificada por uma paixão irresistível, como outrora gabara-se com muito gosto de ser o que esperava, em vez de permanecer para sempre com a mãe e encontrar seus únicos prazeres no isolamento e nos estudos, como decidira depois em seu julgamento mais calmo e sóbrio, ela viu-se, aos 19 anos, submetendo-se a uma nova afeição, assumindo novos deveres, instalada em um novo lar, esposa, chefe de uma família e senhora de uma aldeia.

O coronel Brandon estava agora tão feliz quanto todos os que mais o amavam acreditavam que merecia estar. Em Marianne obteve o consolo de todas as aflições passadas, e o afeto e a companhia dela restauraram seu ânimo e o bom humor. E que Marianne tivesse encontrado a própria felicidade ao ser o objeto da dele era igualmente a certeza e o prazer de todo amigo observador. Marianne nunca poderia amar pela metade e, com o tempo, todo seu coração se tornou tão dedicado ao marido quanto fora antes a Willoughby.

Willoughby não conseguia falar do casamento dela sem uma dor profunda, e seu castigo logo foi completado pelo perdão voluntário da senhora Smith, que, declarando que seu casamento com uma mulher de caráter como a fonte de sua clemência, deu-lhe motivos para acreditar que se tivesse se comportado com honra em relação a Marianne, ele poderia ter sido ao mesmo tempo feliz e rico. Não devemos duvidar da sinceridade do arrependimento de sua má conduta, a qual causou seu próprio castigo, tampouco que pensou no coronel Brandon com inveja, ou em Marianne com remorso, durante muito tempo. Mas não devemos pensar que ele ficou para sempre inconsolável, que fugiu da sociedade ou contraiu uma tristeza permanente, ou morreu de coração partido, pois nada disso

aconteceu. Ele viveu com intensidade e frequentemente se divertia. Sua esposa nem sempre estava de mau humor, nem sua casa era sempre desconfortável. E na criação de cavalos e cachorros, e nos esportes de todos os tipos, ele encontrou um grau considerável de felicidade.

Para Marianne, no entanto, apesar da impolidez dele de sobreviver à sua perda, sempre manteve aquela consideração decidida que o interessava em tudo que acontecia com ela e tornou-a seu padrão secreto de perfeição feminina. E muitas belezas em ascensão seriam desprezadas por ele em dias posteriores, por não terem comparação com a senhora Brandon.

A senhora Dashwood era prudente o suficiente para permanecer no chalé, sem tentar se mudar para Delaford, e felizmente para *sir* John e a senhora Jennings, quando Marianne foi tirada deles, Margaret já atingira uma idade muito adequada para os bailes e não muito indesejável para que imaginassem que tivesse um namorado.

Entre Barton e Delaford, havia aquela comunicação constante que o forte afeto familiar ditaria naturalmente e entre os méritos e a felicidade de Elinor e Marianne, não era menos considerável que, embora fossem irmãs e vivessem quase à vista uma da outra, conseguissem viver sem desentendimento entre elas e sem produzir frieza entre seus maridos.

[1](#) 1. Jogo de salão tradicional inglês no qual cada participante escreve um trecho de uma frase sem ler o que foi escrito pelo participante anterior, resultando em uma frase composta por todos os participantes, em geral com resultados cômicos. (N. E.)

[2](#) . Jogo similar ao *blackjack* , no qual as cartas mais valiosas são o dois de espadas e o dez de ouros. (N. E.)





Um inimigo do povo

Ibsen, Henrik

9786555523751

112 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em Um Inimigo do Povo Ibsen coloca seu personagem principal, Dr. Thomas Stockmann, no papel de uma minoria iluminada e

perseguida que enfrenta uma maioria ignorante e poderosa. Quando o médico descobre que os famosos e bem-sucedidos banhos em sua cidade natal estão contaminados, ele insiste que sejam fechados para reparos. Por sua honestidade, ele é perseguido, ridicularizado e declarado um inimigo do povo pelos habitantes da cidade, incluindo alguns que foram seus aliados mais próximos. Encenada pela primeira vez em 1883, esta peça continua atual e relevante, elementos que a fazem ser representada continuamente.

[Compre agora e leia](#)



Diva

de Alencar, José

9786555523478

112 páginas

[Compre agora e leia](#)

Parti para o Recife. A bordo encontrei o Dr. Amaral, que vira algumas vezes nas melhores salas da corte. Formado em medicina,

havia um ano apenas, com uma vocação decidida e um talento superior para essa nobre ciência, ele ia a Paris fazer na capital da Europa, que é também o primeiro hospital do mundo, o estágio quase obrigatório dos jovens médicos brasileiros.

[Compre agora e leia](#)



Minha vida, minha obra

Ford, Henry

9786555523898

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Autobiografia de Henry Ford, escrita em conjunto com Samuel Crowther, Minha vida, minha obra narra a ascensão e o sucesso de

um dos maiores empresários norte-americanos. Henry Ford e a Ford Motor Company serão para sempre identificados com o industrialismo do início do século XX. As inovações aplicadas nos negócios e o impacto direto sobre a economia dos Estados Unidos causados por Henry Ford e sua empresa são imensuráveis. Sua história é brilhantemente narrada nesta biografia clássica. Um livro sobre um homem que mudou o mundo com sua visão e sua filosofia repleta de sabedoria e princípios básicos sobre negócios que são tão valiosos hoje quanto naquela época.

[Compre agora e leia](#)



O Morro dos Ventos Uivantes

Bronte, Emily

9786555520415

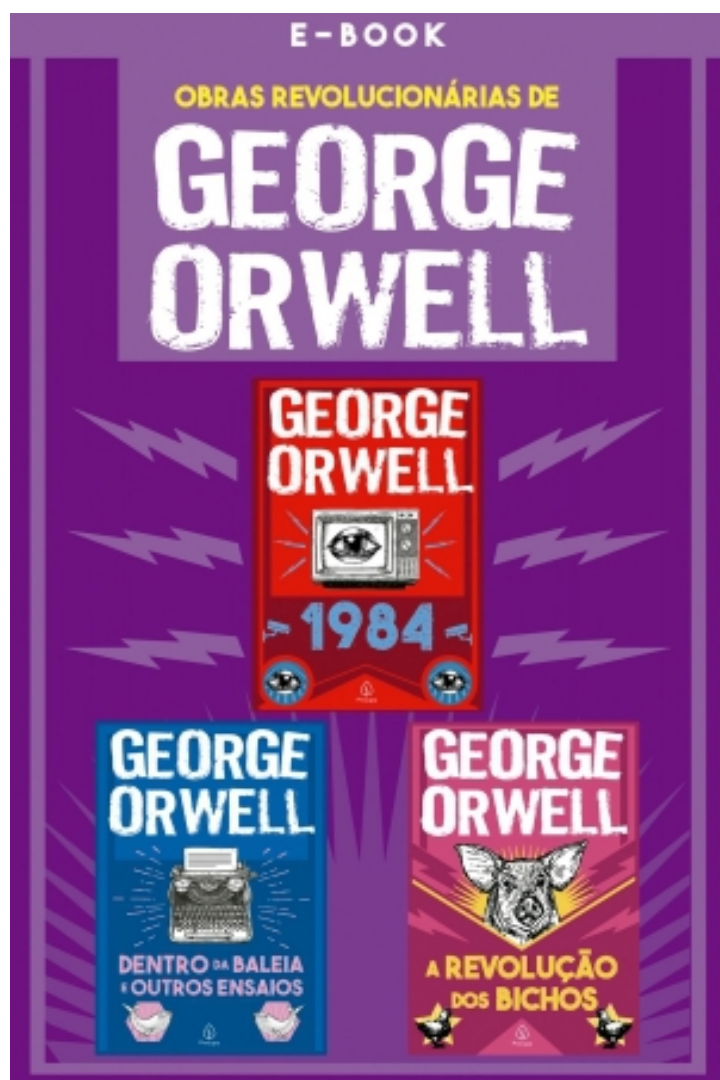
368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Único romance da escritora inglesa Emily Bronte, O morro dos ventos uivantes retrata uma trágica historia de amor e obsessão em que os personagens principais são a obstinada e geniosa Catherine

Earnshaw e seu irmão adotivo, Heathcliff. Grosseiro, humilhado e rejeitado, ele guarda apenas rancor no coração, mas tem com Catherine um relacionamento marcado por amor e, ao mesmo tempo, ódio. Essa ligação perdura mesmo com o casamento de Catherine com Edgar Linton.

[Compre agora e leia](#)



As obras revolucionárias de George Orwell

Orwell, George
9786555524093
640 páginas

[Compre agora e leia](#)

George Orwell é um dos escritores mais importantes do século XX. Foi autor de romances, ensaios, críticas e artigos jornalísticos, com textos de fácil compreensão, inteligentes e críticos, apontando as injustiças sociais. Suas obras trazem oposição ao totalitarismo, o que as tornaram influentes na cultura popular, mas também na política. Conheça a essência de Orwell em 1984, A revolução dos bichos e Dentro da baleia e outros ensaios.

[Compre agora e leia](#)